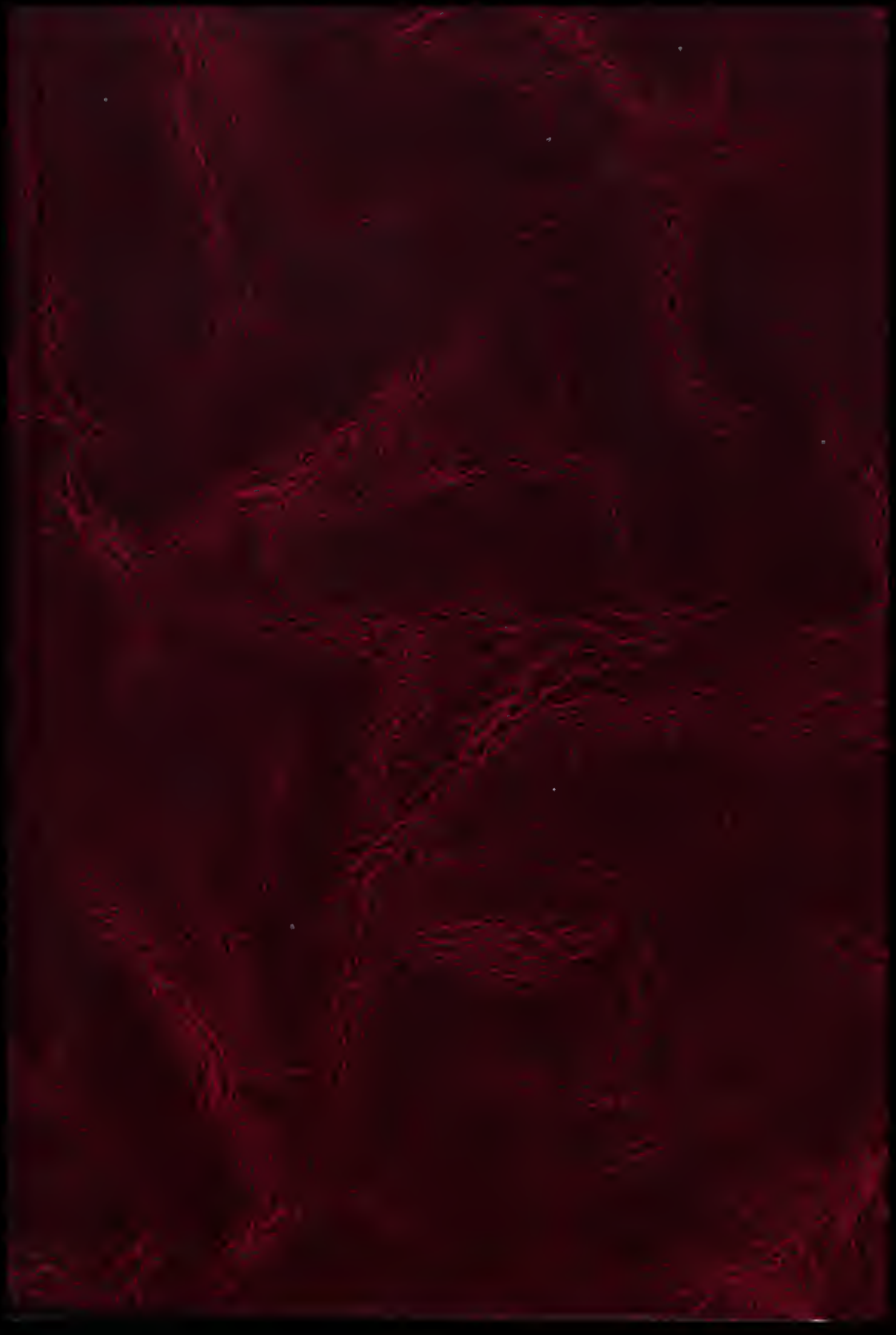
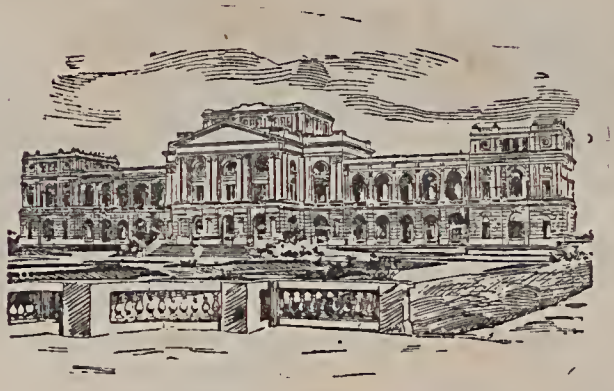

SciELO

REVISTA
DO
MUSEU PAULISTA

TOMO XVI



1929
« Diario Official »
São Paulo

SciELO

Prefacio

Decorridos dous annos do apparecimento do tomo XV da *Revista do Museu Paulista* temos o prazer de distribuir o decimo sexto termo desta serie encetada em 1895. Não nos é possivel diminuir este intervallo, tratando-se da preparação e impressão de um volume das dimensões que desde o tomo X da *Revista* adoptámos para o velho orgão do Museu Paulista, a mais antiga das publicações scientificas hoje existentes no Estado de S. Paulo. Ao tomo XV demos 1040 paginas; tomou o presente volume desenvolvimento mais ou menos identico.

Os recursos de que dispomos são limitados pois não só o pessoal do Museu é pequeno como a natureza dos assumptos de que trata o nosso orgão obriga os nossos collaboradores á lenta elaboração dos originaes. Ha além do mais a questão das despesas que a confecção dos volumes como os nossos hoje acarreta, dado o encarecimento prodigioso dos trabalhos typographicos, sobretudo dos que se referem á iconographia, maxime quando se trata de estampas coloridas.

Pesam portanto estas despesas fortemente sobre as dotações do Museu.

E' nos sobremodo grato constatar o grande apreço que a nossa publicação tem merecido nas rodas mundiaes de cultores das sciencias naturaes. Ainda a proposito do tomo XV da «Revista» recebemos de varios pontos do Globo, sobretudo dos Estados Unidos, demonstrações que muito nos desvanecem, incitando-nos a melhorar as condições de nosso periodico com o maior desvelo. Entre estas provas de consideração queremos destacar uma: as

SciELO

expressões com que a Sociedade Helvetica de Sciencias Naturaes a *Schweizerischen Naturforschenden Gesellschaft*, a acreditada e erudita sociedade de Berna solicitou a remessa dos nossos ultimos tomos, em termos honrosissimos para os creditos da nossa *Revista*.

De todas as partes do mundo, nestes dous ultimos annos, chegaram-nos interpellações sobre a data do apparecimento do presente tomo, prova evidente de quanto é apreciado o nosso periodico. Queremos significar, novamente, aos nossos correspondentes de que não pensamos poder editar o tomo XVII antes de 1931.

Apezar do registro de todas as nossas expedições postaes constatamos que infelizmente é bem avultado o numero de extravios. Dahi as reclamações que nos chegam, por vezes, dos mais prestigiosos dos estabelecimentos e instituições congeneres ao nosso, até mesmo dos paizes vanguardeiros da civilisação.

Verdade é que o mesmo se dá ás vezes com as publicações que sabemos nos enviam estes correspondentes. Receiam alguns destes institutos que tenhamos cessado relações com elles. Queremos affirmar-lhes que tal não se deu, nem se dará. Mantem-se invariavel a lista dos destinatarios da *Revista*. salvo quanto á dos endereços individuaes em que fazemos revisões, de tempos a tempos, afim de se excluirem os nomes dos destinatarios fallecidos.

Para o presente tomo contribuiu o Snr. Hermann Luederwaldt nosso digno assistente de zoologia (secção de invertebrados) com tres artigos ; uma monographia tão extensa quanto valiosa, a revisão do *Genero Pinotus* (coleopt.) trabalho que lhe tomou diversos annos de longas e pacientes observações e no qual revela a descoberta de numerosas formas novas ; um relatorio sobre collecções realisadas na Ilha de S. Sebastião em companhia de um naturalista da Smithsonian Institution, o Dr. Waldo Smith e um pequeno artigo de excellentes *Considerações sobre a protecção á Natureza no Brasil*.

No relatorio sobre S. Sebastião o Snr. Luederwaldt ampliou immenso os dados até agora co-

SciELO

nhecidos sobre os recursos da fauna daquella importante região littoranea, deixando a perder de vista os seus predecessores que exploraram a grande ilha paulista.

O Dr. Mello Leitão cujos bellos trabalhos tem sido uma das melhores columnas da *Revista*, na sua ultima phase, continua a nos dar os resultados de varios de seus trabalhos sobre arachnideos, grupo cujo estudo lhe valeu a bella reputação de que gosa. Os seus artigos sobre os *Oxyopideos* e os *Mimetideos* do Brasil são dignos successores da sua magistral revisão das *Theraphosoideas*, do tomo XIII. Nelles se descrevem nada menos de 25 formas novas de oxyopideos e nove de mimetideos.

Do eminente entomologo R. P. Longinos Navás, o incansavel neuropterologo hespanhol, universalmente acatado, estampamos mais uma contribuição sobre os neuropteros brasileiros de que descreve cinco formas novas.

E' o Snr. Dr. Lauro Travassos, assistente do Instituto Oswaldo Cruz e Lente da Faculdade de Medicina de São Paulo um dos mais operosos scientistas brasileiros e a sua reputação de helminthologo, conhecido em todo o mundo scientifico, assenta sobre uma serie enorme de trabalhos de valia. Reencetou neste tomo com a sua revisão do genero *Monodontus* (Molin, 1861) uma collaboração desde annos infelizmente interrompida. Por elle apresentado surge nos outro trabalho sobre helminthologia: o do Snr. Clemente Pereira joven e distincto discipulo de tão reputado mestre.

Do nosso digno sub-assistente de invertebrados o Snr. José Pinto da Fonseca, cujos excellentes serviços tem sido ultimamente aproveitados no Instituto Biologico de Defesa Agricola e Animal, estampamos um artigo sobre um genero novo de coccideo *Lecaniinae*.

O Snr. Antonio Caetano Guimarães Junior cujas observações sobre a biologia de varias de nossas aves foram, em primeira serie, no tomo XIV da *Revista* tão apreciadas, offereceu-nos segundo trabalho sobre o mesmo assumpto e relativo a nove

aves diversas. Prometteu-nos o distincto ornithologo e erudito conhecedor da nossa oologia novas contribuições que certamente causarão agrado aos leitores.

Os artigos referentes á ethnographia avultaram no presente tomo. Entendemos sobremodo util promover a divulgação de escriptos celebres de nossa bibliographia e no emtanto alheios ao publico brasileiro estudioso. Nestas condições estava por exemplo o texto da viagem de Spix e Martius, jornada celebre entre as mais conhecidas expedições scientificas de nossa terra e no emtanto inaccessivel aos leitores brasileiros pelo facto de ainda não haver sido traduzida.

A exemplo do que o nosso eminente amigo Prof. Pirajá da Silva fez em relação á parte bahiana do famoso *Iter* dos dous grandes naturalistas, resolvemos promover a versão ao nosso vernaculo dos capitulos referentes a S. Paulo.

Aproveitámos igualmente a excellente traducção que encontrámos no espolio litterario de Alexandre Hummel, hoje incorporado ao Museu, relativa ás grandes jornadas brasileiras de Paulo Ehrenreich, sumula cheia dos mais valiosos informes de ordem ethnologica, realisada pelo proprio e illustre ethnographo contemporaneo.

Além desta nova e optima contribuição provinda da penna de um anthropologo de tanta autoridade utilisamo-nos de terceiro subsidio de relevancia nos fastos das viagens scientificas do Brasil, do diario de Hercules Florence, de Porto Feliz a Cuyabá. Não só porque toca muito de perto a S. Paulo como porque o Museu Paulista, sobretudo a sua secção de Historia e Ethnographia, tem grande divida de reconhecimento para com o eminente e honesto naturalista francez, «patriarcha da iconographia de S. Paulo».

Diversos artigos do presente tomo dão-nos observações recentes sobre aggrupamentos de autochtonos localisados em varias zonas do paiz.

Assim o Snr. Herbert Baldus — joven explorador allemão que já conviveu longamente com os Chamacocos, o que valeu ao nosso tomo XV um estudo substancioso — escreve-nos agora sobre o que

pôde observar das condições actuaes dos guaranys remanescentes no littoral paulista.

O Snr. Dr. Sylvio Fróes de Abreu autor já de nomeada, apezar da mocidade, em materia de assumptos ethnographicos brasileiros, obsequiou nos com excellente estudo sobre os crenaques do Rio Doce, pequenos restos da grande nação botocuda que a tantos viajantes illustres chamou a attenção.

E o Dr. Mario Melo, o infatigavel e erudito Secretario Perpetuo do Instituto Archeologico Pernambucano, contribuiu com valiosa monographia em que condensou as suas observações sobre os carnijós de Aguas Bellas em seu estado natal; a ellas annexando extenso vocabulario iatê. Além destes artigos estampou a «Revista» interessante embora curta contribuição sobre a *Courada*, da lavra do Dr. Carlos Livino de Carvalho, erudito cearense cujos bellos trabalhos juridicos não lhe roubam todo o tempo, deixando-lhe ainda lazeres para os estudos de anthropologia de que é apaixonado.

Passa o Snr. Coronel Dr. Miguel Tenorio de Albuquerque, a justo titulo e por varios motivos, por ser dos mais profundos conhecedores, em nosso paiz, do guarany, lingua que para elle não tem segredos.

Assim com verdadeiro prazer acolhemos a offerta que nos fez de dous extensos trabalhos seus, uma grammatica da lingua abanheenga a que com injustificavel modestia intitulou *Apontamentos* e uma memoria sobre a these. «Não houve entre os Amerincolas, ante ou post cabralianos, uma Lingua Geral». São dous estudos que estamos certos, vivamente interessarão os nossos estudiosos de assumptos americanistas.

O nosso tomo XVII, repetimol o, não o poderemos publicar antes de principios de 1931. Nelle contamos inserir trabalhos extensos de nossos naturalistas como a monographia de Luederwaldt sobre os Passalideos, de Pinto da Fonseca sobre os Cicadideos, alem de artigos de optimos collaboradores como os Snrs. Dr. Sergio Meira, sobre os Psittacideos do Brasil, Prof. Dr. Lauro Travassos sobre helminthos, Prof. Dr. Mello Leitão sobre arach-

nideos, Snr. Julio Melzer sobre coleopteros. etc. São trabalhos de folego, que com certeza trarão á nossa « Revista » real accrescimo de prestigio.

Tornam-se sediças, a quem tem sido o leitor habitual de nosso orgão, as expressões com que nos referimos ao serviçalismo extremo do *Diario Official* de S. Paulo, para com o Museu Paulista, norteado que é por dous amigos esclarecidos de nosso Instituto, seus dignos Director e Gerente, os Snrs. Horacio de Carvalho e Dr. Bento L. Cardoso. Mas é que esse serviçalismo, persiste, sem solução de continuidade nem afrouxamento de intensidade desde que tivemos a honra de ser chamado para dirigir o Museu, ha quasi doze annos. Assim não nos poderiamos eximir de repetir um testemunho aliás sempre agradavel qual o de uma expansão do reconhecimento, lembrando agora novamente quanto ainda para este tomo XVI da « Revista » nos valemos dos obsequios dos bons amigos que o Museu Paulista, e nós, contamos na grande casa de trabalho do *Diario Official* do Estado de S. Paulo.

Com extrema dedicação impulsionou o Snr. Rubem da Cunha Leal a confecção deste grosso volume de mais de mil paginas, procurando sempre mantel-o em adeantamento apezar da multiplicidade dos serviços pesados que, com verdadeira galhardia, leva de frente simultaneamente. Do corpo de seus devotados auxiliares seja-nos permittido lembrar os nomes dos Snrs. Paschoal Gonzalez e Avelino B. Paim sempre tão attenciosos quanto solicitos em amparar o andamento dos trabalhos da « Revista ».

Nas officinas de encadernação tem o Museu na pessoa do digno chefe, o Snr. Julio Moreira, devotado amigo a cuja solicitude deve o nosso Instituto, ha longos e longos annos, os melhores serviços. Demonstrou-nos novamente esta sympathia pela celeridade com que procurou abreviar o transito, pela sua secção, dos cadernos impressos deste tomo XVI.

A todos os nossos agradecimentos em nome do Museu Paulista e pessoaes.

AFFONSO DE E. TAUNAY

São Paulo, 14 de Dezembro de 1928

SciELO

INDICE

	PAGS.
PREFACIO	I
HERMANN LUEDERWALDT: Resultados de uma excursão scientifica á Ilha de S. Sebastião em 1925	1
HERBERT BALDUS: Ligeiras notas sobre os indios Guaranys do littoral paulista . .	81
ANTONIO CAETANO GUIMARÃES JUNIOR: Ensaios sobre ornithologia	97
J. B. VON SPIX E C. F. P. VON MARTIUS: Viagem pela Capitania de S. Paulo . . .	117
DR. PAULO EHRENREICH: Viagem do Paraguay ao Amazonas	211
DR. PAULO EHRENREICH: A segunda expedição allemã ao rio Xingú	247
DR. PAULO EHRENREICH: Viagem nos rios Amazonas e Purús	277
ALEXANDRE HUMMEL: Ligeiras notas sobre os peixes do Tietê	313
HERMANN LUEDERWALDT: Algumas considerações sobre a protecção á Natureza no Brasil	317

SciELO

PAGS.

MIGUEL TENORIO D'ALBUQUERQUE: Apontamentos para a grammatica *Avá-ÑÊÊ* . . 329

MIGUEL TENORIO D'ALBUQUERQUE: Lingua Geral Tupi-Guarani 445

DR. C. F. DE MELLO LEITÃO: Oxyopideos do Brasil 489

DR. C. F. DE MELLO LEITÃO: Mimetideos do Brasil 537

SYLVIO FRÓES DE ABREU: Os indios crenaques em 1926 569

HERMANN LUEDERWALDT: As especies brasileiras do Genero Pinotus 603

C. LIVINO DE CARVALHO: A couvada . . . 777

MARIO MELO: Os Carnijós de Aguas Bellas . 793

JOSÉ PINTO DA FONSECA: Um novo genero de coccideo Lecaniinae 847

R. P. LONGINOS NAVÁS, S. J.: Insectos del Brasil, 3.ª serie 855

LAURO TRAVASSOS: Sobre *Monodontus semicircularis* (Molin, 1861) 865

HERCULES FLORENCE: Viagem de Porto Feliz a Cuyabá 881

CLEMENTE PEREIRA: Revisão do genero *Opisthogonimus* 993

HERMANN LUEDERWALDT: Errata addições e modificações ao Relatorio da viagem a S. Sebastião 1011

REVISTA DO MUSEU PAULISTA

SciELO

Hermann Luederwaldt
Assistente do Museu Paulista

Resultados de uma excursão scientifica á Ilha de São Sebastião no littoral do Estado de São Paulo em 1925

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

PREFACIO

Indicações para melhor conhecimento da Ilha de São Sebastião e do continente fronteiro, com instrucções geraes para colleccionar, preparar etc. os animaes inferiores marinhos.

As paginas que seguem contêm os resultados de uma viagem de estudos á ilha de São Sebastião, que durou quasi dous mezes e que o autor emprehendeu por incumbencia do Museu Paulista, em companhia do Sr. Dr. W. Schmitt, do Museu Nacional de Washington.

Quero antes do mais cumprir o agradavel dever de exprimir minha gratidão a quantos prestaram ao Museu Paulista quaesquer serviços durante a minha viagem. Entre outros, principalmente ao Sr. Dr. E. Resende, distincto medico em Villa Bella, e J. Bittencourt, Promotor da Comarca de Villa Bella, que me remetteram material de sciencias naturaes, e mais á Capitania do Porto em Santos, que forneceu passagens gratuitas e á agencia da Companhia Santense em Villa Bella, que despachou gratuitamente a bagagem. Ainda ao Sr. F. C. Hoehne, botanico do Museu Paulista, pelas determinações das plantas, colleccionadas na ilha.

Ao Sr. Dr. Waldo Schmitt, porém, a quem devo as photographias, transmitto lembranças cordeaes. Nunca me esquecerei dos bellos dias que, em plena harmonia, passámos naquella magnifica ilha!

Si aqui deixo notadas as minhas experiencias, em materia de colleccionar e conservar etc. animaes marinhos, assumpto talvez um tanto summario para

a nossa *Revista* — faço-o para satisfazer a diversas perguntas que me dirigiram neste sentido e porque não possuimos até hoje livro no Brasil sobre a materia.

Em Setembro de 1925 recebi convite do Sr. Dr. Waldo Schmitt, scientista do Museu Nacional de Washington, a celebre instituição « Smith onian », para o acompanhar n'uma viagem á ilha de S. Sebastião, com fins de colleccionarmos. O objectivo da viagem era a exploração da fauna marinha, principalmente dos *crustaceos*, grupo da especialidade do dito sabio. O Sr. Dr. W. Schmitt começara sua exploração no Rio e sua intenção era avançar na costa oriental da America do Sul até Punta Arenas.

Sobre a posição geographica da ilha, sua geologia, fauna e vida marinha, sobre sua pescaria, agricultura, commercio etc. já escreveu Ihering, na Revista do Museu Paulista, vol. II, 1897, pgs. 129 — 171. Tal trabalho contém muitas coisas que interessam, tanto ao scientista, quanto ao leigo e merece ser recommendado a todos os que se querem instruir mais detalhadamente sobre a ilha. A maior parte, do que alli foi dito, ainda hoje é exacto. Os meios de communicação melhoraram consideravelmente porém continuam a melhorar, de modo que hoje já se pode viajar para alli, ao menos duas vezes por mez, muito confortavelmente em vapor, do Rio ou de Santos. E em lancha a vapor quasi semanalmente. Dura a viagem directa de Santos a Villa Bella de 8 a 9 horas e custa cerca de 20$.

A 17 de Setembro começamos a excursão, de que se publicou descripção, bem como impressões da ilha etc., no « Correio Paulistano », n. 22438 de 1926, da qual reproduzo o essencial:

Na ilha habitamos em Villa Bella, séde do municipio, a que pertencem todas as villas, bem como diversas ilhas visinhas, no unico hotel existente (da ilha toda!), no « Hotel Fazzini ».

Alli ficámos muito bem arranjados, tinhamos quartos separados e um segundo commodo, onde podiamos depositar nossas collecções, a qualquer

hora estava um bote á nossa disposição e a comida era boa. Tudo pela diaria de 9$000. Junte-se a isto o facto agradavel de morarmos nas proximidades da praia. Observo, aliás, que se póde comprar em Villa Bella tudo quanto se necessita para a vida. Foi-nos muito opportuno podermos adquirir alcool e haver folheiro no logar. Ha tambem medico na localidade. O clima é bom e a malaria não existe. Faltam-lhe o cinema e os autos! assim como o telegrapho e telephone. Malas do Correio de 2 em 2 dias regularmente para S. Sebastião, séde municipal, do outro lado do canal, no Continente. Agua potavel boa, mas a illuminação, aliás electrica, não presta.

As mattas ao longo do canal, tanto no continente, como na ilha, estão rareadas até certa distancia, para se ganharem terras lavradias. Todo o interior é montanhoso, porém; e isto quer dizer a mór parte está ainda hoje coberta de matta virgem intacta.

O nome «Villa Bella» é bem exacto. Verdade é que o pequeno logarejo, povoado por cerca de meio milhar de homens, não se distingue com seus renques de casas simples, baixas e brancas, que correm parallelas á praia, de modo algum de outras pequenas cidades da costa, mas a natureza é bella tão bella que já Ihering no seu trabalho chamou a ilha em geral de pequeno paraiso. Effeito grandioso causa a imponente serra, com suas cascatas de agua branca. Ella está em parte nua, em parte coberta de hervas ou arbustos pequenos e em parte coberta de mattas; no primeiro plano agrada á vista a vegetação soberba, pittorescamente dispersa, com um sem numero de coqueiros da Bahia, como ornamento principal, entre as casas claras que se salientam em toda a parte do fundo e que imprimem ao quadro caracter verdadeiramente tropical. A' frente a praia branca com suas enseadas suaves, da qual se realça abruptamente o mar escuro, em geral movimentado por alguns botes, as serras, os claros, os logarejos da praia, além do canal de uma a tres leguas de largura e, longe ao sul, lá bem distante no mar, apparecendo quasi no meio da

entrada do canal, os pontos culminantes da ilha montanhosa dos Alcatrazes, logar principal de incubação das aves do mesmo nome, da *Fregata minor* (Gm.) tudo constitue linda paizagem.

A occupação principal da população da ilha, que conta cêrca de 9 a 10.000 almas, é a agricultura e a pescaria. Mas os pescadores se queixam de que não ha mais peixes e os agricultores de que não vale a pena plantar, visto que as formigas tudo destroem.

Como animaes domesticos contam-se todas as especies, que existem no continente, exceptuando as mulas. Dizem tambem que carneiros não existem.

O resultado da nossa exploração foi excellente, apesar de que o Dr. Schmitt houvesse voltado já pelos fins de Setembro a Santos, para continuar sua viagem para o sul, ao passo que o autor destas paginas ficou até meiados de Novembro. Tendo até então emprehendido as excursões em geral juntos e empregado a maior parte do tempo, para apanhar nos ribeirões caranguejos da agua doce (*Palaemonidae*), os predilectos do Dr. Schmitt, pôde o autor agora dedicar-se exclusivamente á fauna marinha, como tencionava, desde o principio.

A praia foi d'ahi em deante examinada quasi todos os dias; ás vezes, duas vezes, e em geral começando da Prainha quasi até Perequê, o que devia ser feito logo bem cedo de manhã.

Precisavamos attender a que muitos objectos depositados pelo mar, em pouco tempo ficavam estragados pelo sol, e que as creanças na sua ida á escola em commum esmagavam muita cousa conscientemente. Além disso os urubús, que parecem arrancar até os braços ás estrellas do mar. E ainda não esqueçamos as gallinhas, em muitos logares.

Fóra de Villa Bella quasi não colleccionei em outros logares da ilha. E justamente por isso foi o os resultado magnifico! O leigo, em geral, crê, que quanto mais longas as excursões, tanto mais ricos resultados E' engano. Quando se descobrir logar favoravel, é melhor exploral-o o mais minuciosamente possivel. Isto produz resultados despropor-

SciELO

cionadamente melhores, do que as excursões a grandes distancias, que só custam tempo.

Deve-se, porém, considerar, que outros logares podem tambem fornecer outras especies, o que já Ihering salientou. Assim parece p. ex., que *Plutellus bermudensis* (Bedd.), a minhoca da praia, não existe perto de Villa Bella, ao passo que é commum perto de Santos e Bertioga. O mesmo se dá para uma estrella do mar *Astropecten marginatus* Gray, que p. ex. vive muito frequentemente perto de Santos no Lago do Caneú e para o siri d'arêa, a tatuira e um pindá. *Mellitta quinquiesperforata*, que tambem se encontram frequentemente em outros logares do continente, e em S. Sebastião raramente. Citemos ainda a *Linckia quildinga Gray*, estrella do mar com 4 a 6 braços dos quaes um ou varios deperecidos. Existe de facto perto de Ubatuba e na ilha Victoria, mas não no canal etc.. Portanto tendo-se examinado minuciosamente uma região, então convém mudar completamente de acantonamento.

Só visitei uma vez e por poucas horas o continente, perto de S. Sebastião e na propria ilha Perequê e o lindo, idyllico logar de Barra Velha, bem como a Praia do Pinto. A ultima, sendo o leito do mar no refluxo livre de agua a grandes distancias, seja talvez mais apropriado para logar de collecionar, do que Villa Bella. Hotel não existe ali, mas encontra-se uma boa venda, onde se pode obter abrigo mais ou menos conveniente.

Quem collecciona pela primeira vez na praia ficará surprehendido pelas innumeras variedades de fórmas da vida marinha. Cada dia se fará novas descobertas, mesmo quando se fique um anno inteiro no mesmo logar. Embora Ihering com dois companheiros se haja demorado durante mezes na região e mais tarde outros dois bons colleccionadores, como E. Garbe e Fr. Guenther, fiquei surprehendido pelas novidades, que lhes escaparam, e de outro lado, pelo facto, que eu mesmo não achei muitas coisas que elles encontraram,. estrellas, coisas communs, como se pode verificar pelo material

SciELO

existente no Museu Paulista. Cada estação tem sua fauna propria, na qual podem apparecer outras especies.

A occurrencia de certas semanas ou mesmo de dias influem, conforme as condições climatericas ou outras circumstancias. Hoje p. ex. encontra-se em massa uma especie, que pode ter desapparecido totalmente no outro dia. Por isso deve-se ter como regra, levar comsigo já de todas as especies e nada deixar para o dia seguinte. Nem sequer querer leval-as na volta, pois não raramente deixa-se de se as encontrar.

A praia offerece em muitos logares muitas vezes uma variedade estupenda. Quantas coisas não lança o mar fora! As mais frequentes são naturalmente algas e as partes de outras plantas, troncos inteiros. A's vezes, ramos, folhas, flôres e fructos, entre ellas tambem cascas de coco. Alem disto animaes marinhos vivos ou mortos principalmente cascas, caramujos, conchas e carangueijos e outros, *crustaceos*, *medusas*, estrellas do mar, ouriços do mar, *vermes* e de vez em quando, um peixe ou o corpo gordo e molle de uma lebre do mar, que, empurrado pouco cortezmente com o pé outra vez para o mar, costuma tingir a agua de roxo. Frequentemente, e ás vezes em massa, insectos de muitas variedades, como *coleopteros*, *lavandeiras*, borboletas, entre as quaes ás vezes especies, que em outra occasião difficilmente se obtem. Estranhei principalmente ver em Villa Bella em outubro diversas especies de *pentatomideos* de tamanho medio, que, juntos com innumeras flores, sobre as quaes talvez viveram e milhares de saúvas, principalmente ♂♂ e ♀♀. Alem disso encontramos um *fulgorideo Lystracruenta*, um *buprestideo Enchroma gigantea*, bem como diversas outras especies de *coleopteros*, da familia dos *lamellicornideos*, *dynastinecs* menores e *melolonthineos* etc.. E isso quando a fauna dos insectos começava a apparecer na nova estação.

Tambem passaros, em geral já seccos, ou os seus esqueletos, vi-os em grande numero dispersos na praia.

Diversos pinguins, 2 alcatrazes, varios trinta-reis, 1 urubú, 1 bem-te-vi, 1 saracura, 1 rollinha, 1 rato do mato, 1 *cypselideo* e diversos outros passaros pequenos. Tambem gallinhas e gatos mortos, lançados ao mar e 1 gambá *Didelphys aurita* que, segundo dizem, não existe na ilha e que portanto foi levado á praia pelas ondas de qualquer parte do continente. E de permeio destroços de todo o genero como botinas rasgadas, trapos cheios de oleo, cacos de vidro, papel, caixas de phosphoros, ás vezes camas inteiras etc. Mas os objectos de maior tamanho estão em geral destroçados, de modo que, a praia tem apparencia mais ou menos limpa.

Abstrahindo dos animaes e plantas, que se encontram na praia, fornecem os rochedos no refluxo, rico material.

Quanto não colleccionamos, Schimitt e eu, nos rochedos, cobertos de algas e esponjas, no trapiche perto do hotel, já nos primeiros dias! Ouriços do mar, *ophiurideos* e *crionidas*, *ascidias*, *hydrozoas*, *bryozoas*, *serpelideas* e outros *vermes*. Tambem encontrámos os primeiros *cerianthideos* na proximidade das pedras. E que quantidade de caranguejos pequenos e pequeninos habitava entre as algas e esponjas!

Colleccionando essas ultimas, é preciso, arrancar as algas directamente das pedras e leval-as para casa num vaso, porque *algas*, trazidas á praia pelas ondas ou boiando no mar, não dão em geral resultado. Em casa podem ser examinadas com toda a calma, sacudindo-se touceira por touceira repetidas vezes, num prato cheio de agua doce, tirando com uma pinceta os animaes espantados, que nadam de lá para cá e que aos poucos desfallecem e caem no fundo.

Não se tendo no momento tempo, guardam-se as algas num vaso maior, cheio de agua doce, procurando mais tarde os corpos mortos, que estão no

fundo, suppondo eu, que nesse processo se perca muito. Essa maneira de colleccionar pode-se applicar de preferencia em dias de chuva, para não se perder tempo com isso quando o tempo estiver bom.

Quem collecciona peixes, procede melhor entrando em combinação com os pescadores. Mesmo não tencionando fazelo (isso não se deve omittir) convem assistir ás pescarias. Com as redes tambem vem o material valioso da agua mais profunda, que não se encontra facilmente na proximidade da terra.

Frequentemente se encontra na praia uma forma curiosa, a «ferradura do mar». fina como papel, arredondada, cinzenta, a que adherem finos grãosinhos de areia, de 1 a 4 cm. de diametro, que, segundo dizem, contem os ovos de um caramujo, pertencendo talvez ao genero *Sigaretus*.

Das *medusas* muitas vezes nenhuma foi depositada pelas ondas. Surgem mais frequentemente, boiando na agua. Nã o as encontramos frequentemente, ainda que as pudessemos observar pelo menos uma ou outra na maior parte dos dias.

Só uma vez, em outubro, divisei um cardume maior nas proximidades de Villa Bella, perto da costa, que se compunha de varias especies. Era um aspecto lindo, ver essas formas tenras vestidas de branco mais ou menos rosadas senão azues ou amarellas boiando na agua clara, pouco movimentada. Algumas como que respiravam apparentemente fazendo esforços, para afastar-se da praia mortifera.

Muitas dellas estavam machucadas, custando algum trabalho, obter exemplares sufficientes de certas especies, para a collecção. Em outubro dias e dias em seguida foram depositadas na praia pelas ondas grande quantidade de *medusas* vissiformes menores, as legitimas «aguasvivas dos pescadores», de 1 a 3 mm. de diametro e maior, que, porem não se podiam conservar, porque se dissolviam em pouco tempo. A agua viva, formação simples, redonda, de cerca de 10 cm. de comprimento e 1 cm. de grossura, gelatinosa, era a mais frequente. Parecem caminhar em cardumes, porque se encontram ás

vezes em grande numero depositadas pelas ondas na praia. Tambem *ctenophoras* da forma de tulipa, não se mostravam raras em alguns dias. Sabe-se, que tambem não se podem conservar, nem em formol nem em alcool: Em geral no fim de um dia se dissolvem completamente nesses liquidos.

Entre rochedos maiores, como por exemplo para cima da Prainha, onde termina a praia e a montanha se approxima bem rente ao mar, e tambem na Barra Velha, encontram-se o que é extranhavel — em geral poucos animaes lançados á praia. Mas em compensação fornecem mesmo com o refluxo, que, segundo dizem, é mais baixo em Agosto outros interessantes bichos de diversas especies.

Plancton obtivemos o Dr. Schmitt e eu, sómente á noite ou á tarde perto do trapiche do hotel e, em verdade, com excellente successo. O modo de o colher é muito simples: Caminhando-se na agua mais ou menos até o umbigo e movendo-se uma redezinha de malha estreita, devagar, na corrente de um lado para outro apanhámos em pouco tempo milhares e milhares de bichinhos minusculos e luzentes, tanto *crustaceos* como *gammarideos* etc. Uma vez apanhámos assim um *amphioxo* e outra vez uma *ctenophora*, magnificamente illuminada, á qual deixamos a vida, visto que infelizmente não a podiamos conservar.

Depois no hotel deitámos toda a presa em alcool marcando exactamente a data e a hora, da captura.

Estavamos porem em duvida, se todos aquelles seres apanhados phosphoresciam, restando-nos só procurar na escuridão material phosphorescente lançado á praia para, ter ao menos um ponto de referencia.

Uma rede para pescar nas profundezas do mar trouxera o Dr. Waldo Schmitt da sua terra porem ella ficou em Santos, visto como não a poderiamos aproveitar no canal. Para puxar a rede necessitar-se-ia de uma lancha a motor, que só por quantia elevada se alugaria.

A zona principal para se colleccionar em Villa Bella, acha-se mais ou menos ao meio da distancia

entre aquella localidade e Perequê, podendo se alcançal-a do primeiro ponto em menos de 1/2 hora. Com a maré descobrem-se aqui grandes areas de solo arenoso, saibroso e lodoso, cobertos em geral espessamente com pedras do tamanho do punho e até de cabeça, entre as quaes estão tambem algumas rochas, mais ou menos numa largura de 20 a 30 m. e algumas centenas de metros de comprimento. Aqui tambem Garbe em outra occasião colleccionou com successo.

Já de longe se avistam, caminhando pela praia, as fiadas escuras de pedras, que se salientam abruptamente acima da praia branca e do mar azul, o que nos leva a apressar involuntariamente o passo.

Pois, em breve, começa a subir a maré e poucas horas depois brame o mar de novo sobre aquelles logares. Algumas creanças já estão seriamente occupadas, em virar pedras e procurar siris e outros animaes comestiveis. Ao nos aproximar-mos percebemos tambem talvez alguns urubus, na praia ou, a chegada de um bando de bonitas batuiras nos alegra. Depressa tira-se a roupa e começa-se o trabalho.

Que riqueza de formas e côres !

Pelas aguas claras, aquecidas pelo sol das poças raras, separadas do mar e portanto completamente paradas arremessam-se, de vez em quando, peixinhos, com a rapidez do relampago, assustados com a nossa chegada, procurando sob as pedras abrigo contra o perturbador da sua paz. Ali está um linguado de cerca de palmo rente ao solo, coberto de casas de conchas e caramujos — mal se reconhece o animal. Aqui caminham 2 ou 3 seres curiosos de 5 a 6 cm. de cumprimento, de corpo cylindrico, sempre em linha recta — polvos novos de olhos arregalados, que lembram levemente certos *odonatas* e que facilmente se podem apanhar com a rede. Lá brilha uma estrella do mar, com 5 braços, vermelhos como coral, ali se grudam ás pedras *actinias* purpureas, largamente abertas, que se parecem mais com flores, do que com animaes. Num logar mais fundo, movimentam-se levemente

os compridos tentaculos, em forma de fios, de um *cerianthideo* mettido na terra e ali, meio escondido sob uma pedra, acocora-se um *Octopus* de tamanho medio apalpando a redondeza com os tentaculos compridos, avermelhados e perigosos.

Os discos redondos, chatos, de 10 a 15 cm. de tamanho, arredondados de um grande numero de pindás *Ensope emarginata*, chamam a nossa attenção; estão em terrenos arenosos ora na agua ora em terra, ora mais ou menos enterrados, ora completamente á vista. Os animaes mesmos não offerecem interesse, pois são communs e muitas vezes encontrados tambem na praia. Mas um pequeno, crustaceosinho claro na pagina superior induz-nos a contemplar este ultimo mais minuciosamente. São *crustaceos* parasitas, bem conhecidos da sciencia, sob o nome *Dissodastylus ensopei C.* Quasi em cada placa traz com poucas excepções, no lado inferior, diversos delles e em muito pouco tempo caçaram-se uns 50.

Por toda a parte, onde se olha, adherem algas verde claras ou escuras, nas pedras e esponjas de côr amarella, cinzenta, parda ou brancacenta ou de côr vermelho encarnado, que se salientam sempre pelo brilho. E que mundo de bichinhos de toda especie abrigam! Principalmente *vermes* da familia dos *Lycorideos*, pequenos caranguejos e *molluscos*, *bryozoas* e minusculos, *crustaceosinhos*, inferiores como *gammarideos* e outros; frequentemente tambem *ophiurideos* e affins.

Quasi todas as pedras e rochas, dentro e fora da agua, estão mais ou menos espessamente cobertas de cracas, *mytilideos scutellideos* e outros animaes conchiferos. Muitas vezes tanto se adensam que o fundo desapparece completamente.

Muito frequentes são os tubos de um grande *lycorideo*, cobertos espessamente com cascas quebradas de conchas, pedrinhas, pedacinhos de madeira e outras partes de plantas, os quaes estão em geral mettidos na terra; menos communs os tubos brancacentos de outro verme, do curioso

Chaetopturus sp, os quaes estão agrupados aos pares emergindo poucos centimetros da terra apenas.

Dois ouriços do mar, *Lytechinus variegatus*, um perto do outro, grudados ao lado de uma pedra maior, coberta de algas, offerecem interesse particular, porque se mascararam contra eventuaes inimigos na agua raza, com pedras maiores e algumas cascas de conchas que, apparentemente espetadas, estão na realidade, apertadas entre as pontas dos compridos espinhos.

A presa mais rica fornecem-na as arêas pedregosas, descobertas pela maré baixa que se conservam humidas, apezar do sol tropical, permittindo assim a muitos animaes, entre elles tambem *actineas*, *ascideas* e esponjas, esperar o proximo fluxo. Frequentes tambem são os casulos de certa especie de caramujos de cerca de 3 cm. de cumprimento, longamente esticados, que estão em grupinhos de até 50, no entulho e se arrastam com para um molusco com surprehendente rapidez, mostrando-se habitadas por ermitas, ao examinal-as mais minuciosamente. Frequentes tambem são as *Holothuria grisea*, cujos corpos gordos e cinzentos esperam sem movimento a aproximação do fluxo, isoladas ou em grandes montões, enchendo ás vezes fendas inteiras no entulho, bem apertadas contra as pedras humidas. Quasi toda pedra que se vire, fornece em logares favoraveis, pequenos *crustaceos*, entre elles os *Alpheus*, que, postos em alcool deixam ouvir não raramente um som crepitante, com suas grandes pinças. Ou *lycorideos*, grudados um ao outro de côr avermelhada, que lembram millepes e diversos outros interessantes *vermes*, por vezes de bellas côres tambem surgem *ophiurideos* pequenos, isolados ou em grupos, dos quaes uma especie um pouco maior, com braços de 10 cm. de comprimento, faz lembrar perfeitamente certos *cephalopodos*, tanto pelo exterior, como pelos movimentos, de modo que o colleccionador hesita, no primeiro momento, de pegal-o com os dedos. De vez em quando avista-se tambem um *amphioxo* Muito frequentemente encontram-se estas creaturas singulares, que junto

com as *ascideas*, representam o liame entre *vertebrados* e *invertebrados*. Vêm-se em bancos de areia, humidos, um tanto lodosos, enterrados alguns centimetros na areia, de modo a poderem ser apanhados com facilidade ás dezenas mexendo-se na areia com o facão ou somente com a mão.

Os aprestos para excursões precisam adaptar-se, ao que se pretende colleccionar Os meus, visto como pretendia colleccionar todos os grupos de animaes e tambem *algas* marinas compunham-se das seguintes peças:

Lata de folha (1/2 lata de kerozene, com rolo de madeira no meio), para guardar objectos maiores, como estrellas do mar, *holothurias*, *conchylias* etc.

Pequena rede redonda, de 40 a 50 cm. de diametro, e cabo curto para apanhar os animaes marinhos mais ligeiros.

Pinceta comprida para pegar *crustaceos* maiores. Uma mais curta para animaes menores.

Pequeno sacco para o almoço etc, que depois servia para guardar objectos seccos, colleccionados.

Dois vidros maiores *com rolha*, cheios até metade de alcool a 90 para guardar animaes menores, *crustaceos* etc. Diversos pequenos vidros e tubos para objectos mais delicados, *vermes*, pequenas *medusas actineas* etc.

Facão curto e forte á cinta para arrancar *conchas*, cracas etc. dos rochedos, para escavar *vermes*, *amphioxos* etc.

Caixinha leve portatil de cerca de 30 cm. de cumprimento, 20 cm. de altura e 10 cm. de largura, com 2 divisões, pelo menos para os vidros que se levam, as pincetas, caixas de phosphoros vasias, que prestam muitas vezes bons serviços, pannos e barbante.

A lata de folha é muito practica, tendo eu conhecido seu uso primeiro graças ao Dr. W. Schmitt. Quanto nella carregamos para casa! Hospedes irrequietos como p ex. peixes, que por saltos violentos podiam fazer mal na lata ou *crustaceos* maiores, devem-se naturalmente tomar inoffensivos envolven-

SciELO

do-se-os em pannos. E animaes delicados, p. ex. *medusas*, devem-se separar um pouco dos outros prisioneiros tambem por meio de pannos, papel ou *algas*. A's *Actimias*, ao menos aos maiores, não prejudica o transporte na lata, encolhendo ellas os tentaculos, Animaes, de grandes secreções como p ex. o mullusco *Sigaretus* não se devem juntar a material mais delicado podendo elles causar estragos serios.

Aconselha-se a levar a rede nas excursões, se bem que seja um tanto incommodo. Frequentemente encontram-se como refluxo, nas poças, peixes menores, que só podem ser apanhados com a rede, devido á rapidez, com que se arremessam ou se escondem em baixo de pedras. E o mesmo succede com os siris etc. Alem disso serve ella eventualmente na volta, como meio de transporte para as *medusas* p. ex.

Todos os vidros para collecionar devem ser fechados a *rolha*, não com tapulho de vidro, que sae facilmente. Acontece não raras vezes, que se devem pôr no chão rapidamente todos os objectos, para apanhar um animal e por isso nem sempre se pode cuidar, que os vidros estejam de pé, de modo que, se derrama alcool o que pode trazer consequencias desagradaveis. Pois em geral encontram-se justamente nesta occasião os objectos mais raros!

Pincetas devem-se levar duas porque com a maior facilidade são esquecidas no chão e com que facilidade, comprehende-o sómente um collecionador assiduo o facto não precisa ser mais discutido.

A caixinha portatil é muito practica principalménte tambem em excursões entomologicas. Serve não somente para guardar os vidros, que o entomologista afinal tambem poderá pôr nos bolsos, e tambem para guardar diversos objectos pequenos; frageis.

Como roupa achei extraordinariamente practico um calção, como a policia prescreve nos banhos. E por sobre elle um cinto, a simples correia de couro, no qual se leva o facão. Este vestimento quasi adamitico traz, além da conveniencia para o

bem estar no clima quente, a grande vantagem de que se pode entrar eventualmente sem demora no mar, sem precisar receiar constipações pela agua salgada. Tem tambem seus defeitos, queimando o sol, principalmente no verão, terrivelmente a pelle.

Aconselha-se por isso, que se acostume o corpo aos poucos ao sol. A mim o sol quente nunca fez mal pronunciado, mesmo durante a estação mais quente, como p. ex. em Janeiro. Durante os maiores calores entre 11 e 3 é melhor ficar á sombra. Tem-se bastante que fazer, para accomodar a presa, antes caçada.

Não se deve ligar importancia ás palavras e risadas dos pescadores. Melhor é travar conhecimento com elles. Algumas palavras amaveis, cigarros e occasionalmente numa venda um calix de aguardente fazem milagres. De um Museu não tem nem idéa e nada adianta absolutamente nada, querer explicar-lhes para que p. ex. se caçam *medusas*, *vermes* e cracas ou até porque se caminha a meia noite semi nú no mar, para pescar plankton.

O que se não pode comer, nada vale. Somente admittem que se queira apanhar grandes conchas coloridas, com as quaes enfeitam, ás vezes, as singelas moradas e que podem occasionalmente vender a extranhos. A melhor explicação é, que as cascas servem para fins medicinaes. Isto comprehendem. Elles proprios trazem então diversas coisas á venda. A mim mesmo offereceram varios objectos. P. ex.: Dois caramujos do matto *Bulimus grandis* buzio, especifico contra a syphilis, e de que fala Ihering. Preço 3 mil réis por peça. Alem disso offereceram-me um magro hippocampo por 5$000, bom para rheumatismos e um cavallinho do norte até por 10$000. Este, diziam, curava todas as doenças! Minhas aventuras com os pescadores, na ilha de S. Sebastião, fizeram-me lembrar das «Cartas de viagem na India», de Haeckel, que com os hindús, teve aventuras perfeitamente identicas ás minhas.

O vehiculo principal de conservação para animaes marinhos é o alcool e a formalina.

Em agua do mar, misturada com formol de 2 a 6%, conservam-se todos aquelles animaes, que não têm estructura calcarea porque a estes o formol destróe lentamente. Assim estão todos os celenterios (excepto as esponjas, pertencentes antigamente a este grupo) e ainda os vermes, que se conservam muito melhor, especialmente tambem os tentaculos dos *serpulideos*, em formol, de que em alcool, no qual perdem muito da apparencia.

Tambem se podem conservar *algas* marinhas em solução de formol. Avisa-se, que em solução muito forte de formol, os animaes se tornam duros e até quebradiços e que as medusas tomam, como no alcool, uma côr lactea.

As *Actinias*, é melhor deixal-as morrer aos poucos em pratos cheios de agua do mar, que não se renova, deixando ellas de encolher ás vezes os tentaculos. Nunca porém se obterão preparados, que se aproximem de algum modo á natureza viva com a sua belleza, já pelo motivo de que tambem em formol as côres, mais dias, menos dias, desapparecem.

Todo o resto se põe em espirito de 60 a 70 %. Precisa-se comprehender, que o espirito subtrae aos objectos agua, em maior ou menor escala, conforme á sua capacidade absorsora. E que portanto em vidros com espirito fraco, podem conservar-se relativamente menos animaes, do que os que contem espirito forte. No ultimo caso pode-se tambem empregar aguardente. Aliás é recommendavel empregar em viagens só formalina, que se pode tambem misturar com agua doce. Em primeiro lugar é muito mais barato, em segundo, o volume que se leva, é desproporcionadamente pequeno, comparado com o alcool e em terceiro, as estradas despacham coisas inflammaveis, ás quaes com razão pertence o alcool, mas não a formalina. sómente em certos dias, como por exemplo a S. Paulo Railway, ás quintas e sextas-feiras. Isso significa, que se pode ter na viagem muita desagradavel demora, a não ser que se conte com uma pessôa de confiança, que despache os ob-

jectos nos alludidos dias... Mais tarde podem-se sempre ainda transportar os objectos em alcool.

A quantidade de formol que se deve levar, depende de diversas circumstancias. Para dar uma ideia, deixemos mencionado, que o Dr. Schmitt e eu gastamos na illha dois litros, mas, além disso, duas latas de kerozene com alcool, devendo-se considerar, que colleccionamos peixes só de passagem.

Avisamos ainda, que se deve levar em viagem utensilios para soldar, visto que, em geral, em pequenas localidades não existem folheiros.

Podem-se conservar a secco os seguintes animaes: os maiores *crustaceos* inclusivamente *balanideos* e *lepodideos*, ouriços do mar, estrellas do mar, a maioria das esponjas, os tubos dos *serpulideos* e de outros *vermes*, *bryozoas*, div. *hydrophytas* e, naturalmente, coraes e as cascas das conchas e caramujos. Em caso de necessidade até certas *ascidias*. Aos grandes *crustaceos* deve-se eliminar a carne quanto possivel. Nos grandes ouriços do mar é melhor, tirar-lhes a cabeça, para que o conteudo possa correr fora, juntando-se mais tarde o orgão outra vez ao preparado. Nos ouriços menores e estrellas do mar basta em geral, fazer para este fim, com uma agulha grossa, puncções nas costuras da parte inferior, principalmente na circumferencia da cabeça. Não se o fazendo, apodrecem os corpos facilmente, principalmente em tempo de chuva. Os grandes *Oseaster reticulatus* são cozidos pelos pescadores e depois postos a seccar.

De todas as especies porem (com excepção dos *coraes*), portanto tambem das conchas e dos caramujos, devem-se conservar bastantes exemplares tambem em liquido — podem-se eventualmente escolher menores. Dentro do alcool ou da formalina estão os objectos mais garantidos, ao passo que emboloram facilmente em estado secco, principalmente tambem em viagem, não sendo elles empacotados completamente seccos. Além disso muitos objectos deseccados não se prestam a exames scientificos. Nos *molluscos* conchiferos começou-se recentemente tambem a estudar o animal, ao passo que antes se con-

SciELO

tentava com a casca, sendo portanto recommendavel colleccionar animal inteiro.

Tambem empalhados vão diversos animaes inferiores marinhos bem preparados, p. ex. para exposições, como *holothurias* e as grandes, *ascidias* pretas. Tambem os compridos e pretos tubos dos *cerianthideos*, devem ser empalhados, dando elles só assim uma idéa perfeita do que são.

Deve surprehender ao menos ao leigo o facto de que as aguas vivas não se evaporem completamente. Estão revestidas de uma membrana, que persiste ao seccar.

Ainda devo chamar a attenção para a necessidade de se effectuar o deseccamento, incondicionalmente á sombra, e melhor num barracão. Recommendo banharem-se todos os objectos antes de meio dia a um dia em agua doce e talvez outro tanto tempo em solução de formol. Não procedendo assim, não eliminando completamente o sal, manifesta se mais tarde o bolor, os objectos tornam-se quebradiços e perdem-se apodrecendo.

Devem-se tambem, quanto possivel, fixar as côres não fixas, pela determinação, segundo tabellas de côres, o que não se fez geralmente até hoje.

As annotações, a juntar aos objectos em alcool ou formol, devem-se escrever a lapis em papel forte e grosso.

Empacotando os objectos é recommendavel embrulhar bem a todos, se fôr possivel ou pelo menos os maiores. Isto vale principalmente para todas as medusas, que além disso devem ser, só ellas, accomodadas em vasos proprios, e em numero limitado, visto que se comprimem muito no caso contrario. Meia lata de kerozene julgo ser medida acertada para as grandes *medusas*, ao passo que se podem empregar latas inteiras para objectos mais solidos.

Para embrulho emprega-se melhor talagarça, gaze grossa e barata. Deve-se cuidar que os objectos estejam firmes nos respectivos lugares, de modo que, não sejam empurrados de cá para lá durante o transporte.

SciELO

Para o despacho servem melhor caixas de kerozene, que se podem adquirir, por pouco dinheiro, em cada lugarejo, onde se ache uma venda. Quanto a vasos de folhas (zinco), pelo contrario, a gente deve de antemão munir-se de alguns delles, porque latas de kerozene, em lugares distantes, são sempre procuradas pela população nativa. Nessas latas faz-se um grande buraco quadrado pelo qual se podem introduzir commodamente os pacotesinhos. Estando as latas cheias são soldadas e só então despeja-se o liquido conservador por pequena abertura em qualquer canto. E depois tudo se fecha hermeticamente.

O que se leva geralmente em viagem em quantidade diminuta, são caixas solidas de diversos tamanhos, principalmente caixas de charutos, para empacotar objectos seccos, frageis, como estrellas do mar, *gorgonideos*, e outros. Ouriços do mar, conservam-se, aliás, melhor em alcool visto como embrulhando se em estado secco, quebram-se lhes muitos espinhos ou elles se viram. Mais tarde ainda é tempo de seccal-os.

Cumpre aqui lembrar ao colleccionador de animaes marinhos, que não se esqueça de levar em viagem para localidades distantes, os seguintes objectos: Meia duzia de pratos de folha e diversas tigellas chatas de vidro, certa quantidade de vidros menores, vidros com rolhas, para guardar *medusas* e outros animaes delicados; além disso martello, torquez, serrote, broca e funil, bem como uma porção de pregos de diversos comprimentos. Mais ainda um par de alpargatas de corda, indispensavel a um homem da cidade, que quer colleccionar entre o entulho de pedras agudas. Talagarça para embrulhar em quantidade sufficiente. Um mosquiteiro, visto como em quasi todos os lugares da costa se manifesta a malaria. Afinal adverte-se, que objectos preciosos de metal que tiveram contacto com a agua salgada, devem-se lavar immediatameute em agua doce, pondo-os depois em benzina.

SciELO

Relação

dos animaes e plantas, até agora colleccionadas e observadas na Ilha de S. Sebastião e emfrente no continente, perto de S. Sebastião e no Canal do Toque-toque. Segundo as collecções do Museu Paulista, onde falhem outras observações.

Até hoje colleccionaram n'aquella região e fizeram estudos sobre a natureza as seguintes pessoas:

A. Zoologia

Benjamin Bicego, Museu Paulista: 1896.

Dr. H. von Ihering com seu filho Rodolpho e mais dois preparadores, Mus. Paulista: 1897.

Hellmuth Pinder, Mus. Paul.: 1900, 1889.

Adolph Hempel, Mus. Paul.: 1900, 1901.

Ernesto Garbe, viajante do Mus. Paul.: 1905 e 1915.

Francisco Gunther, Mus. Paul.; 1906, 1907.

Dr. Waldo Schmitt, National-Museum de Washington e H. Luederwaldt, Mus. Paul.: 1925.

B. Botanica

Segundo o catalogo do herbario da Commissão Geographica e Geologia do Estado de S. Paulo, a qual pertenceu antes a Secção Botanica, foram colleccionadas plantas perto de S. Sebastião e contemporaneamente na ilha, no mez de Março de 1902 e nos de Julho e Agosto de 1895, por colleccionador cujo nome se não declarou.

Bicego colleccionava quasi exclusivamente invertebrados;

SciELO

Ihering occupava-se principalmente com o estudo dos *molluscos*;

Pinder collecionou aves; Garbe: Todos os grupos, principalmente *formigas* e *peixes*, *aves* e *mammiferos*; Guenther: Animaes de todos os grupos, entre elles muitos peixes, dos quaes empalhou e pintou no logar mesmo o maior numero, para para a collecção exposta no Museu Paulista. Alem disso numerosos insectos e quasi todos os *amphibios* da ilha no nosso museu, foram colleccionados por elle, bem como diversos *mammiferos*. Guenther colleccionou tambem perto de Castelhanos; Schmitt colleccionava todos os organismos marinhos, (excl. *molluscos*), porem de preferencia *crustaceos*, especialmente tambem os da agua doce para o instituto Smithsonian, e Luederwetdt quasi exclusivamente *invertebrados* marinhos excepto *molluscos*.

Graças á circumstancia de que o Museu Paulista sempre se interessou pela ilha e que as forças foram distribuidas equitativamente sobre os diversos grupos de animaes, foi justamente aquella região melhor explorada do que qualquer outra em nosso Estado.

E entretanto ainda resta fazer quasi tudo! Pois, mesmo que se trabalhasse e descrevesse todo o material colleccionado ali, o que, ao menos com os invertebrados, pôde ser executado em parte, sempre conheceriamos sómente uma parte de todas as especies, ali existentes.

Parece que se inventariou a maior parte dos *mammiferos* na ilha.

A avifauna se altera sempre, visto como a maior parte das aves vôa com a maior facilidade da ilha para o Continente e vice-versa.

O que se pode esperar ainda em materia de reptis, não se pode prever, de *ophidios* e *saurios*. Segundo parece, ainda apparecerão diversas especies. Nos p. ex. só conhecemos 5 especies de reptis na ilha.

O mesmo se dá com os *amphibios*, embora seu numero de especies já alcance uma duzia, entre ellas porem, se encontra um só *hylideo*.

SciELO

Quanto aos peixes no canal pode-se dizer o mesmo o que se disse das aves, isto é as especies se alternam. Não se póde dizer se na ilha mesma, nos regos, se encontram ainda outras especies, fóra das 8 conhecidas.

Crustaceos marinhos, ao menos as formas superiores, já estão bem representados na nossa collecção; ao passo que as inferiores não tem até hoje quasi nenhum representante. A collecta feita em 1925, diminuira porem consideravelmente o vacuo.

De *insectos* colleccionaram-se na ilha *hymenopteros* e particularmente *formigas*, por Garbe e Guenther, com relativa diligencia. Os *coleopteros* estão fracamente representados, os *dipteros* e *orthopteros*, cada um por uma unica especie. Quanto aos outros grupos delles nada ha! Nenhuma borboleta!! Tambem a fauna de *insectos* alterar-se-ha naturalmente. Pelo menos quando se tratar de especies, que são habeis voadores, especialmente *odonatos* e borboletas, pois eu mesmo vi uma daquellas grandes borboletas do crepusculo de côr azul-cinzenta *Caligo sp.*, transpor com facilidade o canal e aterrar em Villa Bella.

As aranhas e *myriapodos* estão tambem fracamente representados.

Conhecem-se relativamente bem os *echinodermatas* no canal; dos outros grupos da fauna marinha, ainda não mencionados, existe material sufficiente no Museu Paulista ainda não classificado porem.

Os *molluscos*, especialidade de Ihering, parecem estar quasi completamente representados na nossa collecção, quanto as especies marinhas, cuja lista se acha na mem. cit. á pagina 167.

Encerra 129 especies, que se distribuem por 56 familias. A maior parte dos *chitomideos* e as lesmas do mar, porem, tambem ainda esperam classificação.

Interessante é, que em 1925 se encontraram tres especies de animaes na ilha, que Ihering não menciona e que tambem mais tarde não foram colleccionadas; Suppõe-se portanto que tenham immigra-

do ultimamente na ilha. Pois casualmente tratava-se de animaes muito conhecidos do povo, que sabe chamar bem a attenção e por isso não podiam escapar de modo algum a um colleccionador embora pouco attento.

Trata-se de dois passaros, o pica-páu do campo e o joão de barros e mais da mal afamada formiga saúva *Atta sexdens*. Qaanto aos passaros, não seria impossivel, que já existissem antes, mas que os colleccionadores, devido a sua frequencia no continente, não lhes ligassem importancia, como p. ex., tembem ao tico-tico, ao sabiá, ao urubú e a outros. Para o futuro desejariamos que os nossos colleccionadores, tomassem ao menos nota das especies animaes, certamente suas conhecidas, mas por qualquer motivo não colleccionadas em suas viagens. O apparecimento dos dois passaros, agora mesmo citados, na ilha, é tanto mais interessante, quanto só agora foram observados como animaes do campo. Quanto á saúva pode-se affirmar, com toda a razão que só mais tarde immigrou para a ilha, porque decerto não teria escapado a von Ihering, que sempre teve interesse especial pelas *formigas*. Assim mencciona elle em «A construcção de novas colonias e culturas de cogumelos da *Atta sexdens*» do «Zoologischer Anzeiger, n. 556, 1898, p. 245, que a formiga ha pouco se manifestou no Bairro de S. Francisco, perto de S. Sebastião».

E de lá podiam os animaes com facilidade transportar-se para a ilha.

Plantas colleccionaram-se até agora muito poucas, tanto na ilha, como no continente fronteiro. A unica fonte que conheço é o «*Indice das plantas do hervario da Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo*» 1896, publicado por Gustavo Edwall.

O proprio autor só trouxe cerca de meia centena de especies de *plantas* terrestres da ilha, reunidas em dias de chuva nas proximidades do hotel, para assim empregar o tempo utilmente. Alem disso colleccionou-se uma porção de *algas* marinhas, que se acham actualmente na America do Norte, para serem classificadas.

SciELO

Grande merito, pela exploração do mundo das *plantas* na ilha, podia adquirir a escola ali existente, na qual começa a formar-se um pequeno museu de historia natural. As plantas seriam aqui no Museu Paulista classificadas, mediante concessão de nm exemplar de cada especie.

Não seria necessario atacar de vez toda a flora, mas dever-se-ia no principio collecionar p. ex: todas as plantas que crescem na praia, depois atirar-se ás samambaias, em seguida ás gramineas, *orchidaceas* etc. Desta maneira ficaria a escola com um hervario e prestaria relevante serviço á botanica.

Entre os *vertebrados* terrestres da ilha conhecem-se dois, que até agora não foram observados no continente: o *cururuá*, rato sylvestre e o *Siphonops insulanus*, *amphibio* parecido com uma cobra. Não se pode dizer actualmente com certeza, se entre os invertebrados terrestres sem azas, se encontram especies particulares á ilha, embora fossem algumas dellas inscriptas, visto como tambem a respectiva fauna do continente, foi até hoje muito insufficientemente explorada.

MAMMIFEROS

Ihering, no seu trabalho p. 149, 150 e 171 cita as seguintes especies, indigenas de ilha:

1 *Sciurus aestuans* L. Caxinguelê ou serelepe. (*Sciuridae*).

2 *Hesperomys leucogaster* Natt. *Pato do matto.* (*Muridae*).

3 *Hesperomys longicaudata* Benn. *Rato do matto.* (*Muridae*).

4 *Loncheres nigrispina* (Natt.) *Cururuá.* (*Octodontidae*).

5 *Isosthrix* sp. «Rato de barriga branca». (*Octodontidae*).

6 *Mesomys thomasi* Ihg. *Cururuá sem rabo.* (*Octodontidae*), p. 171.

7 *Hydrochoerus capybara* Erxl. *Capivara.* (*Caviidae*).

8 *Coelogenys pacca* L. Pacca. (*Dasyproctidae*).
9 *Felis tigrina* Erxl Gato do matto. (*Felidae*).
10 *Lutra paranensis* Reng. Lontra. (*Mustelid*).
11 *Lutra brasiliensis* F. Cuv. Ariranha. (*Mustelid*).
12 *Cebus cirrifer* Geoff. Mico. (*Cebidae*). juv. ♀.

Destas 12 especies encontram-se dos ns. 1, 2, 3, 6 doze pelles, como peças documentarias no Museu Paulista e do n.o 10 um craneo.

De *Isothrix* só possuia Ihering um craneo.

O n.o 2 chama-se hoje segundo Trouessart, *Holochilus physodes Licht* (= *leucogaster Brandt*, nec *Natt*).

O n.o 3 *Oryzomys longicaudatus Benn.*

O n.o 4 *Echimys nigrispina* (*Natt.*) *Wagn.* Não existe em nossa collecção.

Nossos registros, até 1925, indicam o seguinte quadro para a Ilha e de S. Sebastião:

Fam. Didelphidae. Gambás

Didelphys marsupialis L. subsp. *aurita* Wied. Ilha.
Didelphys scalops Thos. S. Sebastião.
Didelphys murina Syst. Nat. Ilha.
Caluromys philander L. Ilha.

Fam. Octodontidae. Ratos do matto

Mesomys thomasi Ihg. Cururuá. Ilha.
Proechimys cayennensis Desm. Rato de barriga branca ou *Imbicurú* sem rabo ou *Imbicurú* com rabo. Ilha.
Kannabateomys amblyonyx Wagn. S. Sebastião.

Fam. Muridae. Rato do matto

Oxymycterus hispidus Pictet. Ilha.
Oryzomys longicaudatus Benn. (*Hesperomys longicaudata* Renn.) Ilha.

Mus decumanus L. Rato de casa. S. Sebastião.
Holochilus physodes Licht. (Hesp. *leucogaster* Natt.) Ilha.
Nectomys squamipes Brants. Ilha e S. Sebastião.
Akodon lasiurus Lund. S. Sebast.

Fam. Sciuridae

Sciurus aestuans L. Caxinguelê ou Serelepe· Ilha.

Fam. Balaenidae

Balaena australis Desmoul. Baleia. (Bula tympanica só).

Fam. Platanistidae

Stenodelphys blainvillei Gerv. Bôto. (Craneo).

Fam. Mustelidae

Lutra paranensis Reng. Lontra. Ilha. (Craneo).

Fam. Noctilionidae. Morcegos

Peropteryx canina Wied. S. Sebast.
Molossus abrasus Temm. Ilha.

Fam. Vespertilionidae. Morcegos

Myotis nigricans Wied. Morcego. S. Sebast. e Ilha.

Fam. Phyllostomidae. Morcegos

Hemiderma perspicillatum L. Ilha e S. Sebastião.
Diphylla sp. N.o 1.227, S. Sebast.
Lonchoglossa caudifera E. Geoffr. S. Sebast.
Desmodus rotundus E. Geoffr. S. Sebast.
Artibeus cinereus Gerr. S. Sebast.

Fam. Cebidae. Simios

Cebus sp. N.o 2.548. Mico. ♀ juvenco. Ilha·

SciELO

Esta lista contem portanto 15 especies, que se colleccionaram na *Ilha* e que se acham registradas no catalogo do Museu Paulista. Accrescentando-se as especies, que provavelmente ali existem (conforme a lista de Ihering e as minhas proprias observações), augmenta-se seu numero a de 21 para 22.

Uma especie, o cururuá *Mesomys thomasi Ihg.* é proprio da ilha, não sendo observada a sua occurrencia até agora em parte alguma do continente.

De macacos vi, eu mesmo, dois exemplares atirados.

Alem disso a pelle de uma jaguatirica *Felis-pardalis chibigouazou Griff.*, que, segundo diziam, fora morta na ilha.

A pelle de um rato de barriga branca, obteve-a o autor do snr. Bittencourt, promotor da Comarca de Villa Bella. O animal foi apanhado por elle no terreno de sua casa e para mim. Como isca empregou aipim. Dizem que é comestivel e não raro.

O mesmo senhor communicou, que outróra muitos morcegos grandes «que se alimentavam de fructas», portanto segundo parece — "*vampiros*" habitavam nas fendas das proximidades de sua casa e dali transpunham em bando o canal, para voltar de manhã. Provavelmente ve-se isto no tempo da colheita de fructas de certas especies de arvores no continente, quando o alimento na ilha se tornou parco.

Quanto ao gambá *Dydelphis marsupialis aurita*, communicou Ihering a p. 151, que não occorria na ilha e a mim tambem se affirmou o mesmo de diversos lados. Assim p. ex. ouvi do capitão Wilhelm Meissner, que se estabeleceu ali já desde annos e, entre outras coisas, se dedica á creação de gallinhas. Sendo o animal, sob n.º 3.440. indicado como existente na ilha (colleccionado em 1895 por Bicego), é possivel que se trate de qualquer exemplar trazido pelas ondas. O autor mesmo encontrou um cadaver de gambá na praia.

Bôtos, segundo dizem, são raros no canal, embora frequentes nas costas do Brazil Meridional, nas proximidades de Santos. p. ex.

SciELO

O lobo do mar, nome vulgar da phoca que, segundo dizem, existe ás vezes ainda perto de Iguape e ás vezes mesmo ainda perto do Rio, ninguem o conhecia na ilha.

A respeito de baleias não pude obter informações mais detalhadas. Parece que apparecem no canal só excepcionalmente e durante o inverno outrora. Informa-me o Dr. Affonso de E. Taunay que eram muito mais frequentes pois segundo os documentos do Archivo do E. de S. Paulo a sua pescaria se mostrava relativamente activa nas costas de S. Sebastião.

O nome "Imbucurú sem rabo" ou "Imbucurú com rabo" está mal acertado, visto que se refere ao mesmo animal.

E' o *Prochimys cayennensis*. Peças documentarias de ambos encontram se no museu. E o mesmo se dá quanto ao *Mesomys thomasi*, chamando na ilha tambem "Cururuá sem ou com rabo".

LISTA DAS AVES

da Ilha de S. Sebastião, organizada segundo os "Catalogos da Fanna Brazileira, editados pelo Museu Paulista" Vol. I "As aves do Brazil", pelo Dr. H. von Ihering e Rod. von Ihering. S. Paulo, 1907. Incluindo as especies colleccionadas até 1925.

Fam. Tinamidae

Tinamus solitarius (Vieill). Macuco.

Fam. Columbidae

Columba plumbea (Vieill.) Pomba amargosa, Caçuirova.

Fam. Peristeridae

Zenaida auriculata D M. Parary, Pomba do sertão.

Columbigallina talpacoti (Temm. et Knip.) ("*Chamaepelia talpacoti* Hartl.) Rolinha, Pomba-rola. Ilha.

Leptotila achroptera Pelz. Jurity.

Fam. Rallidae

Porphyriops melanops (Vieill.)
Fulica armillata Vieill. Carqueija.
Porzana flaviventer (Bodd.) Sanã, 9.148.

Fam. Spheniscidae

Spheniscus magellanicus (Forst.) Pinguim.

Fam. Laridae, Trinta-réis

Phaetusa magnirostris (Licht.) Andorinha do mar.
Sterna hirundinacea Less.
» *erygnatha* Saund.
» *superciliaris* Vieill.
» *trudeani* Aud.
» *maxima* Bodd.
Rhynchops nigra intercedens Saund. Talha-mar.

Fam. Charadriidae

Squatarola helvetica (L.)
Aegialitis collaris (Vieill.) Batuira.
Totanus melanoleucus (Sm.) Massarico.
Totanus flavipes (Gm.) Massarico.
Arenaria alba Pall.
Heteropygia maculata (Viell.) Rapaz, Corta-vento.

Fam. Puffinidae

Nectris puffinus (4,) 9.153. S. Sebastião.

Fam. Sulidae

Sula lencogastra (Bodd.) Mergulhão.

Fam. Fregatidae

Fregata minor (Gm.) Thesoura, Alcatraz.

Fam. Cathartidae

Cathartes aura (L.) (*Oenops aura* L.) Corvo de cabeça vermelha. Ilha.

Fam. Falconidae

Polyborus tharsus (Mol.) (*Pol. vulgaris* Spix.r Carancho. Ilha.

Fam. Bubonidae

Pisorhina choliba decussata Lieht. Coruja. Ilha.

Fam. Psittacidae

Pyrrhura vittata (Lham.) Tiriba. Ilha.
Psittasula passerina (L.) Periquito, Ilha.
Amazona farinosa (Bodd.) var. Juruaçú. N.° 7.069.

Fam. Alcedinidae

Ceryle americana (Gm.) Martim pescador pequeno. Ilha.
» *inda* (L.)
» *aenea* (P a M.) 9.146.

Fam. Caprimulgidae

Hydropsalis torquata (Gm.) Curiango - thesoura.
Nystidromus albicollis derbyanus Gould. Curiango.

Fam. Trochilidae - Beija-flôres

Glaucis hirsuta (Gm.)
Melanotrochilus fuscus (Vieill.) (*Florisuga fusca* heich.) Ilha.
Agyrtria tetrocephala (Vieill.)
Thalurania glaucopis (Gm.)
Calliphlox amethystina (Gm.) Ilha.
Petasophora cirrirostris Vieill. 9.150.
Lophornis chalybaeus (Temm.)

SciELO

Fam. Trogonidae

Trogon atricollis Vieill. Surucuá.

Fam. Cuculidae

Tapera naevia (L.) (*Diplopterus naevius* Boie). Sem-fim.
Crotophaga ani L. Anum preto.

Fam. Picidae - Pica-páus

Campophilus robustus (Licht.) Ilha.
Picumnus temmincki Lafr. Anão.
» *cirrhatus* Temm.

Fam. Pteroptochidae

Merulaxis rhinolophus.

Fam. Conopophagidae

Conopophaga lineata (Wied.) Cuspidor. Ilha.
» *melanops* (Vieill).

Fam. Formicariidae

Hypoedaleus guttatus Vieill.
Hyrmetherula gularis (Spix). Ilha.
» *minor* Salvad.
Tevenura maculata (Wied.)
Pyriglena leucoptera (Vieill.). Papa-formigas.
Chamaeza brevicauda (Vieill.). Tovaca. Ilha.

Fam. Dendrocopaptidae

Loachmias nematura Licht. Tridy — macuquinho, Ilha.
Synalaxis ruficapilla (Veill.), Picho-choré.
Philydor atricapillus (Wied.) Ilha.
» *rufus* (Vieill)
Sclerurus scansor (Ménetr.) Vira-folha. Ilha
Sittasomus sylviellus (Temm.) Ilha.
Picolaptes fuscus Vieill. Ilha.
Dendrocolaptes picumnus Licht. Arapaçú.

SciELO

Fam. Tyrannidae

Muscipipra retula Licht.
Todirostrum poliocephalum (Wield.) Teque-teque.
Serpophaga subcristata (Vieill.) Alegrinho.
Leptopogon amaurocephalus Cab.
Etaenia flavogaster Thumb. (*E. pagana* Licht.) Maria-já-é-dia.
Pitangus sulphuratus maximiliani (Cab. et Heine). Bem-te-vi.
Megarhynchus pitangua (L.) Nei-nei. Ilha.
Hirundinea bellicosa (Vieill). Birro.
Myiobius fasciatus (P. L. S. Muell.) (*M. naevius* (Bodd.) Caga-sebo.
Empidochanes fuscatus (Wied) Guará-cavucú.
Empidonax euleri (Cab.) Ilha.
Blacicus cinereus (Spix.)
» *ferox* (Sm.) Irré.
Tyrannus melancholicus Vieill. Siriri.

Fam. Pipridae

Chiromachaeris gutturosus (Desm.) Corrupião.
Ptilochloris squamata (Wield.) Chibante.

Fam. Cotingidae

Pachyrhamphus polychropterus (Vieill.) Canelleirinho.

Fam. Troglodytidae

Troglodytes musculus wiedi (Berl.) Corruira.

Fam. Motacillidae

Anthus eutescens Puch. Cotovia.

Fam. Mniotiltidae

Geothlypis aequinoctialis cucullata Lath. (velata Viell.) Pia-cobra.

SciELO

Fam. Vireonidae

Cyclorh's ochrocephala Tschudi. Ilha.

Fam. Hirundinidae - Andorinhas

Progne chalibea domestica (Vieill). Andorinha grande.
Diplochelidon cyanoleucus (Vieill.) (Attisora cyanoleuca Cab.)
Stelgidopteryx ruf coll's (Vieill.)

Fam. Coerebidae

Dacn's cayana L. Sahy azul.
Chlorophanes spiza (L.)

Fam. Tanagridae

Euphonia pectoral s Lath.
Tanagra sayaca L. Sanhaçú.
» *palmarum* Wied. Sanhaçú coqueiro.
» *ornata* Sparm. Sanhaçú de encontros.
Rhamphocelus brasilius dorsalis Scl.
Orthogonis chlor cterus (Vieill).
Trichothraupis melaxops (Vieill.) Tié de topete.

Fam. Fringillidae

Cyanocompsa cyanea (L.) (Guiraca cyanea L.) Azulão.
Oryzoborus angolensis (L.) (O. torridus Scop.) Curió. Ilha.
Sporophila coerulescens (B. et V.) Papa-capim.
Volatinia jacarini (L) Serra-serra.
Sicalis flaveola (L.) Canario da terra.

Fam. Icteridae

Molothrus bonar ensis (Sm.) Vira-bosta.
Aaptus chopi (Vieill.) Chopim.

A lista de Ihering de 1897 de S. Sebastião e ilha contem 50 especies; na nova conforme, catalogos da Fauna Brazileira de 1907, aproximadamente

100. Juntem-se a ella duas especies colleccionadas por Garbe na ilha : *Petasophora cirrirostris* (*Trochilidae*) e *Nectris puffinus* (*Puffinidae*). Alem disso acham-se registrados de S. Sebastião no nosso registro *Ceryle inda* e *C. aenca* (*Alcedinidae*), *Porzana flaviventer* (*Ralidae*) e *Amazona farinosa* (*Prittacidae*), de modo que o numero total das especies de aves colleccionadas na ilha monta a 106.

Accrescentando-se-lhe as especies, constatadas por mim com certeza na ilha, e não enumeradas na lista precedente : *Catharista atratus brasiliensis* (*Bonap,*) urubú (*Catharidae*), *Ceryle torquata* (*L.*) Martim pescador grande (*Alcenidae*), *Brachyspiza capensis* (*Muelli*), tico-tico (*Fringilidae*), *Turdus rufiventris Vieill.* Sabiá laranjeira (*Turdidae*), *Colaptes campestris Vieill*, Pica pau do campo (*Picidae* e *Furnarius rufus badius Licht*, João de barros (*Dendrocolaptidae*), bem como o *Cairina moschata* (*L.*) Pato do matto (*Anatidae*), *Prion ariel Gould*, Andorinha do mar e *Aestrelata mucroptera* (*Sun*) (*Puffinidae*), *Priou* representada por um *Aestrelata* em diversos exemplares, encontrados por mim mortos na praia, eleva-se o numero a 115 das quaes 22 especies oriundas da propria ilha.

Ihering menciona finalmente tambem jucutingas e urús, que segundo informações obtidas de caçadores, tambem habitam a ilha.

Ainda seja registrado o craneo de um *Thalassogeron chororhynchus* (*Gm*) no. 9160 (*Fam. Procellaridae*) encontrado em Dezembro de 1915 na praia de S. Sebastião por Garbe. E' essa uma especie, que em geral não se encontra nas costas Brasileiras, mas no Oceano Austral.

Aves marinhas, como gaivotas etc. extranhamente não se avistavam nunca sobre o canal, excepto mergulhões e alcatrazes, que raras vezes faltaram. Garbe porem colleccionou alli varias *larideos.*

Os urubüs passam um vidão e é para extranhar, que não venham todos do interior do paiz para a costa, pois na praia acham a mesa sempre

largamente posta, ao passo que no interior passam muitas vezes fome. Todos os *vertebrados* depositados na praia, sejam *mammiferos*, *aves*, ou *peixes*, lhes servem de bom grado de comida e só nos seus iguaes não tocam. Parece, que tambem não respeitam as maiores estrellas do mar, que se encontram muitas vezes com falta de braços. Tornaram-se aqui em consequencia da fartura da alimentação tão gulosos, que desprezam p. ex. cabeças e rabos de peixes.

O pica-pau do campo e o joão de barro, fizeram-se notar, por sua gritaria estranha. Do ultimo achava-se um ninho n'uma arvore, não longe do mar, perto de Perequê e ás vezes podia-se ver um casal passeando na praia. O pica-pau do campo accomodou-se aos montes de vegetação rala, nús, em geral cobertos de gramineas.

O martim pescador grande, representado por um casal, tinha sua séde nas proximidades do hotel, onde e quasi diariamente estava sentado na haste da bandeira, perto do trapiche, espreitando preza. Não raras vezes descansava tambem na copa de um coqueiro.

Aves da praia, batuiras e uma outra especie, consideravelmente maior, eram bastante raras, visto como transeuntes afugentavam-nas a todo momento.

Um urubú-caçador, que parecia appetecer um pinguim morto, encontrei uma vez na praia. A grande ave difficilmente se deixou afugentar, consentindo de que delle me aproximasse tranquillamente até 10 ou 15 m. sem levantar vôo.

Ouvi queixas do vira-bosta, acusado de arrancar as plantas de milho, tornando-se assim nociva.

Em outubro ouvi aqui quasi diariamente os gritos do sem-fim, ás vezes horas a fio durante a noite. Papagaios, excepto os piriquitos nos jardins nunca os ouvi, nem vi. Dizem porem que as maitacas são no interior frequentes. De noite gritaram frequentemente curiangos e filhotes num ninho de coruja. Alem disso registrei 2 macucos atirados que me offereceram á venda e o martim pescador pequeno.

SciELO

Reptis

De S. Sebastião e da Ilha, segundo os registros do Museu Paulista.

Nota: Os algarismos romanos indicam o mez da captura.

Fam. Viperidae

Lachesis jararaca (Wied.) Jararaca S. Sebastião.

Fam. Colubridae

Elaps corallinus Wied IX Cobra coral venenosa Ilha e S. Sebast.
Xenodon neuwiedii Gthr. S. Sebast. X.
Thamnodynastes strigilis (Mik) S. Sebast.
Herpetodrias carinatus (L.) S. Sebast.

Fam. Amblysephalidae

Cochliophagus turgidus (Cope) S. Sebast.
Cochliophagus mikani (Cope) S. Sebast.

Fam. Amphisbaenidae

Lepidosternum microsephalum Gray. S. Sebast. IV.

São as jararacas, segundo dizem, frequentes na ilha, porem eu mesmo a nenhuma vi, não sendo ainda a sua estação. Em compensação encontrei na praia, perto da agua 2 *amphisbenideos*, muito vigorosos, decerto lançados á praia pelo mar e que ainda esperam classificação.

Talvez publique o Instituto de Butantan uma lista das especies de cobras, que recebeu da ilha, o que representaria contribuição valiosa para o conhecimento de sua fauna.

E' verdade que foram colleccionados anteriormente pelo pessoal do Museu tambem diversas especies de lagartos, tanto de um como de outro lado

do canal. Não foram ainda estudadas porem de modo que, só se póde menccionar algumas poucas especies, que observei perto de Villa Bella.

A pequena e conhecida lagartixa *Hemidactylus mabuia Mor.* vi-a uma unica vez no hotel. Um outro pequeno lagartinho *Mabuia sp* não era raro nos jardins da praia e o lagarto *Tupinambis teguixin L.*, que tambem Ihering menciona, avistei-o uma vez, representado por exemplar bastante grande, perto de Villa Bella na praia, onde parecia espreitar os exemplares sexuados da saúva, lançados á praia.

Uma tartaruga *Hydromedusa maximiliana Mik'* n. 58, foi apanhada em janeiro de 1906 por Fr. Gunther na ilha. Talvez fosse alli a ultima da sua especie, pois ninguem sabia coisa alguma da existencia de tartarugas.

Tartarugas do mar são, segundo dizem, muito raras no canal, embora ao menos uma especie, *Chelonia mydas L.* viva frequentemente na praia de St. Amaro perto de Guarujá.

Amphibios

Segundo o Prof. Mir. Ribeiro.

Fam. Engystomatidae

Atelopus imitator M. Rib. Ilha I.

Fam. Cystignathidae

Paludisola biligonigera (Cope), Ilha, XII.
Paludicola nana (Bl. gr.) Ilha XII.
Paludicola olfersi (Mart.) Ilha, XII.
Hylodes cinotatus (Spix) Ilha, I.
Hylodes abbreviatus (Spix.) Var. *tanophora* M. Rib, N' 633. Ilha, I.
Hylodes rhodopis Cope. Ilha. XII.
Elosia nana (Licht.) Ilha. I.
Elosia ranoides (Spix.) Ilha. XII.
Leptodactylus ocellatus (L.) S. Sebast. e Ilha. IX, XI.
Platymantes abbreviatus (Spix.) S. Sebast. IX.

Fam. Bufonidae

Bufo crucifer Wied. S. Sebast. e Ilha. XI.

Fam. Coecilliidae

Siphonops insulanus R. v. Ihg. Ilha Nº 945.

A lista precedente demonstra, todavia, 12 especies, que habitam a ilha, de modo que a observação de Ihering, de que os *amphibios* alli são raros, não é acertada.

O autor só apanhou uma pererêca e ouvio em novembro alguns *batrachios* numa poça d'agua, provavelmente *Bufo* sp. Muitos gyrinos povoavam os ribeiros.

Lista dos Peixes

colleccionados perto da Ilha de S. Sebastião, especialmente no canal, incluido tambem o *Amphioxo*. Dr. Mir. Ribeiro. det

Fam. Branchiostomidae

Branchiostoma caribaeum Sund. Amphioxo, «Maria molle». Ilha.

Fam. Narcobatidae

Narcine brasiliensis (Olfers.) Trême-trême.

Fam. Rhinobatidae

Rhinobatus persellens (Walb). Viola.

Fam. Loricaridae (AGUA DOCE)

Microlepidogaster guentheri M. Rib. Cascudo. Ilha. Praia de Pirahiqué.

Fam. Callichthydae (AGUA DOCE)

Callichthys callichthys L. Ilha. Camboatá.

SciELO

Fam. Trichomysteridae (AGUA DOCE)

Trichomysterus punctatissimus Cast. Ilha

Fam. Siluridae JUNDIÁS (AGUA DOCE)

Pimelodella lateristriga (Muell. et Troch.) Jundiá de espinho. Ilha.
Rhamdioglanis frenatus Eig. et R. Ihg. Mandí. Ilha.

Fam. Hemirhamphidae

Hyporhamphus unifasciatus (Ranz.)

Fam. Fistulariidae

Fistularia tabacaria (L.) Trombeta.

Fam. Syngnathidae

Hippocamphus punctulatus Guich. Cavallo marinho.
Dorygrhamphus lineatus (Val.)
Siphostoma albirostro Heckel. Cavallinha do Norte.

Fam. Carangidae

Oligoplites saliens (Bl.)
Trachynotus falcatus (L.)

Fam. Stromateidae

Gobiomorus gronowii (Gml.)

Fam. Diodontidae

Chilomycterus spinosus (L.) Baiacú de espinho.

Fam. Tetrodontidae

Spheroides adspersus Sehr. et Mir. Rib. Baiacú.
Lagocephalus pachycephalus (Ranz.) Baiacú.

Fam. Balistidae

Balistes carolinensis (Gml.) Acará-mocó.

Fam. Monacanthidae

Monacanthus hispidus (L.) Peixe-porco.

Fam. Chaetodontidae

Pomacanthus arcuatus (L.) Parú-da-pedra.
Chaetodon striatus L. Borboleta.

Fam. Holocentridae

Holocentrus ascensionis (Osbeck.) Jaguarúça.

Fam. Eucinostomidae

Eucinostomus harengulus Goode et Bean. Carapicú.

Fam. Serranidae

Cerna gigas Br. Garoupa.
Cerna morio Cuv. et Val. Garoupa S. Thomé.
Epinephelus bonaci Poey. Badejo-ferro.
Haliperca formosa L. Michole da areia.

Fam. Lutjanidae

Rhomboplites aurorubens (Cuv. et Val.) Chiova.
Neomaenis anales (Cuv. et Val.) Caranha vermelha.
Neomaenis griseus L. Amboré.

Fam. Sparidae

Pagrus pagrus (L.) Pagro, Pargo.
Calamus arctifrons (Gode et Bean.) Peixe-penna.
Diplodus argenteus (Cuv. et Val.) Marimbá.

Fam. Haemulidae

Haemulon steindachneri (Jord. et Gilb.) Corcoróca.

SciELO

Conodon nobilis (L.) Roncador.
Orthopristis ruber (Cuv. et Val.) Jurú-mirí.

Fam. Mullidae

Paraupeneus maculatus (Bl.)

Fam. Sciaenidae

Polyctesmus brasiliensis (Steind.) Peixe-rey.
Nebris microps Cuv. et Val.

Fam. Chromidae

Abudefduf saxatilis (L.) Queré-queré.

Fam. Labridae

Iridio kirschi Jord. et Ew. Cudião-verdugo.
Cryptotomus beryllinus (Jordan. et Swain. Batala.
Sparisoma hoplomistax (Cope.)

Fam. Gobiidae

Gobius soporator Cuv. et Val. Babosa. Amoreia.
Chonophorus trajacica (Licht.) Peixe-flor.

Fam. Uranoscopidae

Astroscopus y-grecum Cuv. et Val.

Fam. Malacanthidae

Malacanthus plumieri (Bl.)

Fam. Gobiesocidae

Gobiesox barbatulus Starks. (Embaixo de pedras).

Fam. Percophidae

Percophis brasiliensis Quoy et Gmrd. Tiavira.

SciELO

Fam. Oncocephalidae

Oncocephalus longirostris (Cuv. et Val.) Morcego do mar.

Fam. Cephalacanthidae

Cephalacanthus volitans (L.) Voador.

Fam. Triglidae

Prionotus beani Goode.

Fam. Scorpaenidae

Scorpaena brasiliensis Cuv. et Val. Beatinha.

Fam. Blennidae

Lepisonua nuchipinnis Quoy et Gmrd.

Fam. Pleuronectidae

Etropus crossotus Jord. et Gilb.
Syacium micrurum Ranz.
Cytharichthys splopteros Guenth

Fam. Cyprinodontidae

Guarú - guarú. — Ilha, Agua Doce

Poecilia vivipara Bl. et Schn.
Poecilia vivipara picta Rgn. Praia de Pirahique.
Phalloceros candomaculatus Hens.

Fam. Gymnotidae

Gymnotus carape L Garapó. Ilha. Praia de Pirahiqué.

Fam. Symbranchidae

Symbranchus marmoratus Bl.

Tendo eu colleccionado peixes só de passagem, será pouco provavel que se possa accrescentar al-

guma coisa da minha Collecta á lista precedente, nova para nossa collecção e, segundo parece, só um *syngnathidio* «cavallinha do norte» *Siphostoma albirostro* Heckel, em 3 exemplares.

Um delles apanhou-se com o refluxo numa poça dagua, os dois outros nas redes dos pescadores. O que se deve estranhar é, que estes animaes compridos, finos como um pallito, não hajam escapado pelas malhas. Os pescadores, permittiram, alias, sem contestação, que eu os levasse commigo: Sua crença, que o animal cura todas as molestias, deve portanto não estar bem fundamentada.

Como habitantes legitimos da ilha, só se podem considerar os poucos peixes dagua doce, 8 especies: Cascudos, jundiás, e o guarú-guarú.

O ultimo encontrou o autor diversas vezes em menores ou maiores cardumes com o mar calmo, nadando alegremente perto da praia em agua rasa. Visto, porém, que permaneciam em geral perto das embocaduras dos ribeiros, impõe-se a conclusão de que foram lançados fora dos ribeiros por fortes chuvas e tentavam agora voltar para elles. A adaptação á agua do mar, não lhes devia, alias, ser muito difficil, visto como muito frequentemente são encontrados em agua fortemente salobre.

Sobre a pesca do *amphioxo*, que os pescadores designaram varias vezes por *Maria molle*, só já escrevem algo antes. Encontrei e não raramente tambem lançado á praia, as vezes ainda pulando alegremente. Um tambem foi apanhado de tarde ao pescar plankton. A maior parte, porem, 20 ou 30, encontreio-os com o reflexo em lodo arenoso e a pouca profundidade. Os animaesinhos não são absolutamente lerdos, como se deveria suppôr por causa da sua organisação inferior mas pelo contrario extraordinariamente vivos. Tirados dagua pulam violentamente de um lado para outro como certas minhocas, p. ex. tambem a minhoca louca, fica de repente sem movimento no chão ou desapparecem com rapidez assombrosa no lodo humido, de cabeça para a frente.

SciELO

Tubarões, de diversas especies, apanharam nos pescadores muitas vezes, principalmente na « Praia do Pinto ». Porem, sempre se tratava de exemplares menores de 1 a 2 m. de comprimento, Mas como dizem por lá e como o snr. A. Stickel me affirmou, pois passou cerca de um anno na ilha, dedicando-se somente ao desporto da pescaria existem exemplares gigantescos.

Nunca porem ouvi dizer que homens tenham sido mortos por tubarões; pelo contrario affirmaram-me que tal não se deu nestes ultimos 100 annos. E' verdade, que tambem no canal, segundo dizem, no inverno apparecem muitos tubarões e entre elles tambem grandes exemplares que, entretanto, ficam sempre no meio, de modo que não se tem nada a recear, tomando banho ou colleccionando nas aguas perto da costa. Eu mesmo vi durante o tempo todo só um tubarão nadando livremente no mar, um peixe martello, de cerca de 1 1|2 m. de comprimento e de côr de ferrugem, na volta, perto da ilha do Monte do Trigo. Pode ser que se confundam muitas vezes tubarões com os bôtos.

Chamo ainda a attenção dos naturalistas para 2 peixinhos, de alguns cm. de comprimento, que observei uma vez perto da praia, mas em agua mais funda. Elles se conservavam constantemente rentes por baixo de uma folha de embira do mangue *Hibiscus tiliaceus*, que boiavam na superficie, tendo adquirido sua côr pronunciadamente verde. Provavelmente tratava-se de um caso de mimetismo.

LISTA DOS INSECTOS

colleccionados na Ilha e perto de S. Sebastião

HYMENOPTEROS

FAM. FORMICIDAE. Formigas. Da Ilha. Prof. Forel, Emery e Santschi det.

Eciton burchelli Westw. Correição.
» *praedator* Sm. Correição preta.
» *crassicorne* Fr. Sm.

Neoponera obscuricornis Em.
» *villosa* F.
» » *subsp. inversa* F. Sm.
» *crenata* (Rog.)
Odontomachus chelifer Latr. Formiga tesoura.
» *affinis* Guér.
» *haematoda* (L.)
Pachycondyla striata Sm. Vagabunda.
Acanthoponera dolo Rog.
Crematogaster distans Mayr. var. *corticicola* Mayr. Leiteira.
Crematagaster montezumia Sm.
Acromirmex coronatus For. *subsp. meineri.* For *var modestus* For. Quem-quem (nome vulgar para todas as especies d'este genero).
Acromyrmex aspersus Sm,
» » *var insularis* Sant.
» » *subsp. mesonotalis* Em.
» » » » *var clarus* Sant.
Acromyrmex dissiger Mayr.
Atta sexdens (L.) var ? Saúva. ♂ ♀ nos mezes X e XI.
Solenopsis geminata F. subsp. *saevissima* Fr. Lm. var. Lava-pés.
Solenopsis geminata F. subsp. *saevissima var pylades* For.
Sobenopsis geminata F. subsp. *saevissima var. morosa* Lant.
Azteca muelleri F.
Dolichoderus attelaboides F.
Tapinoma melanocephalum (F.)
Prenolepis longicornis Latr. Assucareira.
Camponotus sericeiventris Guér. Sará-sará (nome vulgarpara quasi todas as especies d'este genero.)
Camponotus cingulatus Mayr.
» *fastigatus* Rog. snbp.verae For.
» *simillimum* F. Sm.
» *senex* Sm. subsp. *textor* For. var. *rufislypens* Em 19. 16 2.
Camponotus abdominalis F. Jejá.

FAM. VESPIDAE, Vespas. Rod von Ihering det.

Parachartergus apicalis F. Vespa tatú S. Sebastião.
Polybia pygmaea Sauss S. Sebastião.
Polybia occidentalis Oliv. S. Sebast.
Protopolybia sedula Sauss. var. e S. Sebast.
Stelopolybia meridionalis R. v. Ihg Ilha.
Mischocytharus drewsoni Sauss S. Sebast.
Polistes carnifex F. S. Sabast.

FAM. APIDAE. Abelhas. C. Schrottky det.

Tetrapedia pygmaea Schrott. S. Sebast.
Xylosopa brasilianorum L. S. Sebast.
Centris minuta Moss. S. Sebast.
Bombus kohli Ckll Ilha.
Melipona jaty Sm. Jaty. S. Sebast. Ilha.
» *anthidioides* Lep. Mandanssaia Ilha.
» *rufiventris* Lep Urussu Ilha.
» *fasciata* Lep. Ilha.
» *nigra* Lep. Guarapú. S. Sebast.
» *amalthea* Ol subep, ruficrus. Latr. S. Sebast.
Melipona pallida. Latr. subsp. cupira Sm, Cupira. S. Sebast.

FAM. THYNNIDAE, da Ilha.

Spilothymnus r. *aethiops* Klg.

FAM. POMPILIDAE, de S. Sebast.

Salius carinatus Lep.

Coleopteros

FAM. CICINDELIDAE, da Ilha.

Hiresia sahlbergi Chand I.

FAM. TENEBRIONIDAE

Anaedus punctatissimus Bl. Ilha.
Hepadrinus luederwaldti Geb. Ilha.
Strongylium flavicrus Germ. Ilha.

SciELO

Zophobas atratus F. Ilha.
» *confusus* Geb. S. Sebast. IX.

FAM. HISTERIDAE, da Ilha.

Omalodes anthracinus Mars.
» *serenus* E.

FAM. COCCINELLIDAE, da Ilha.

Solanophila spreta Muls.

FAM. BRENTHIDAE, da Ilha

Brenthus vulneratus Gyll.
Arrhenodes angulicollis Gyll.

FAM. LAMELLICORNIDAE

Canthon curvipes Har var. *purpurasceus* (lam.) Rola-mundo (nome vulgar para todas as especies d'este genero) S. Sebastião.
Canthon maculatus Latr. Ilha.
Deltochilum brasiliense Cast. Ilha, I.
Pinotus nisus Ol Ilha, X. 25. Praia, no esterco.
Anomala undulata Melsh. S. Sebast,
Enema pan F. S. Sebast. e Ilha, IX, XI.
Dyscinetus barbatus F. S. Sebast.
Megasoma hector Gery. Ilha, XI. Depositada das ondas.
Coelosus bicornis F. Ilha. X.
» *biloba L* Ilha, XI.
Corynoscelis entellus Serv. Ilha, XI.

FAM. CERAMBYCIDAE, da Ilha.

Pyrodes nitidus F.
Mallodon spinibarbis L. XI.
Chlorida costata Serv.
Strastoma marmoratum Thunb.
Dryoctenes scruphulosus Germ. I.
Hypselomus cristatus Perty.
Entrypanus elleipticus Germ.
Trachyderes dimidiatus F. var. *scapularis* Dup.
Macropus accentifer Oliv.
Colobothea musiva Germ.

SciELO

Dipteros

FAM. TACHINIDAE, da Ilha.

Blepharipeza lencophrys Wied.

Hemipteros

FAM. ALCURIDAE de S. Sebastião.

Aleurodicus maritimus Hemp. XI, 1921.

Orthopteros

FAM. PHASMIDAE, da Ilha. Taquarinha.

Stegmatoptera annulata Stoll.

Isopteros

FAM. TERMITIDAE, de S. Sebastião. Termitas,

Microtermes strunki.
Eutermes rippertii.

Como já observei no principio, não tencionavamos colleccionar insectos, de modo que a respectiva collecta só attingiu a 100 exemplares, apanhados de passagem, não se encontrando nada de notavel entre elles.

Os *Cicindelideos* da praia e uma especie de *Bembex*, em outras estações communs na praia, ainda não estavam voando. Paquinhas appareciam, como em toda a parte, na praia, tambem frequentes perto de Villa Bella. Mosquitos, durante o dia, não molestaram a gente de modo algum, de noite pouco, ao passo que outro pequeno hematophago, o borrachudo *Similium sp.*, não era raro de dia e acompanhava até a canôa a grandes distancias no canal.

Na praia encontravam-se muitos insectos, depositados pelas ondas, além de *formigas*, *pentatomideos*, etc., principalmente os vulgares *dynastineos* a que, nas cidades, sempre attrahe a luz electrica, como *Dyscinetus*, *Enema*, *Coclosis*, *Corynoscelis* e outros.

SciELO

Borboletas voavam em pequeno numero.

A saúva é hoje muito commum na ilha, ao menos nas proximidades de Villa Bella, encontrando-se seus formigueiros ainda bem alto nos montes fornecendo a certa classe de homens sempre de novo uma boa desculpa, para nada plantarem, visto como os hymenopteros destruiriam tudo.

Arachnoidea

Fam. Aviculariidae

Pamphobetus platyomma M. Leit. Ilha.

Fam. Ctenidae

Ctenius rufibarbis Kays. S. Sebast.

Fam. Gonyleptidae

Gonyleptus horridus Kirby. Ilha.
Gonyleptus pustulatus, Soer. S. Sebast.

Fam. Heteropodidae

Heteropoda regia (F.) Ilha. IX.

Fam. ?

Acutisoma inscriptum M. Leitão. S. Sebast.

Fam. Buthidae, Escorpiões

Isometrus maculatus Geer. S. Sebast.

Apanhei sómente uma especie de aranha da côr de arêa, em alguns especimens, fazendo impressão o seu habitat exclusivo das praias.

Myriapoda. *Da Ilha*

Fam. Pseudoannolenidae

Pseudoannolene longicornis var. *sebastianus* Broel. IX.

Fam. Spirotreptidae

Spirtreptis sebastianus Broel. IX. XI.

Fam. Spirobolidae

Rhinocrinus nattereri Humb. e Sauss. var. varians Broel, XI
Paraspirobolus paulistus Broel XI.

LISTA DOS CRUSTACEOS

coleccionados no Canal ou na Ilha ou no continente perto de S. Sebastião e determinados por Miss Rathbun, na maior parte.

Nota : — Sómente 5 especies (assignaladas por *), não foram encontradas na Ilha ou em sua visinhança.

Fam. Lepadidae. Concha marreca

Lepas anserifera L.
Lepas anatifera L.
Lepas fascicularis Ell. e Sol.

Fam. Balanidae. Cracas.

Balanus tintinabulum L.
Tetraclita stalactifera Lam. forma *floridana*.
Chthalamus bisinuatus Pilsbry.

Fam. Ligyidae. Baratinha do mar.

Ligydia exotica Roux IX, X, XI.

Fam. Talitridae. Pulga da arêa

Talorchestia longicornis Say. IX X, XI.

Fam. Squillidae. Tamburutacas.

Lysiosquilla scabricauda Lam.
Chlorodiella dubia M. Edw.

Fam. Scyllaridae. Lagostim

Scyllarides acquinoctialis Lund.
Scyllarus arctus L. 1 ex X, 1925.

Fam. Palinuridae. Lagosta do mar.

Panulirus laevicauda (Latr.)
Panulirus argus Latr XII.

Fam. Alpheidae

Alpheus heterochaelis Say.
Alpheus intrinseccus S. Bate.

Fam. Atyidae

Ortmannia potimirim Fr. Muell.

SciELO

Fam. Palaemonidae. Camarões d'agua doce. Na Ilha

Macrobrachium acanthurus Wiegm.
Macrobrachium jamaicense Hbst. Cutipaca. IX, X, XI.
Macrobrachium olfersi Wiegm.
Palaemon paulensis Ortm. *

Fam. Penaeidae. Camarões do mar.

Penaeus brasiliensis, Latr.
Sicyonia carinata Oliv.

Fam. Porcellanidae

Petrolisthus armatus Gibb. (exemplar duvidoso)
Petrolisthus lamarcki Leach. var. asiaticus Leach.

Fam. Paguridae. Ermitas.

Petrochirus bohemensis Hbst. Ermitão.
Clibanarius scolopetarius Hbst.
Paguristus puncticeps Ben. IX. *

Fam. Albunidae

Albunia paretii Guér. X.

Fam. Hippidae

Emerita emerita L. Tatuira.

Fam. Maiidae

Mithrax hispidus Hbst Santóla.
Pitho lherminieri Schram.
Microphrys bicornutus Latr.

Fam. Portunidae. Siris

Callinectes danae Sm. Siri-louco. IX.
Callinectes marginatus A. M. Edw.
Arenarius cribarius Lam. Siri d'arêa. XI.
Portunus spinimanus Latr. Siri candeia.
Cronius ruber Lam. Pepeca. IX, X, XI.

Fam. Pilumnidae

Eriphia gonagra F.
Menippe rumphi M. Edw. Guaia. X, XI.
Pilumnus caribaeus Desb. et Schram. Var. ?
Panopeus americanus Ben. et Rathb. *
Panopeus crassus A. M. Edw.
Panopeus rugosus A. M. Edw.
Eurytium limosum Say *
Eupanopeus? abbreviatus Stimps.
Leptodus floridanus Gibb.

SciELO

Fam. Trichodactylidae. Caranguejo d'agua doce

Trychodactylus fluviatilis Latr. *
Trichodactylus petropolitanus Goeldi. IX. Na Ilha.

Fam. Grapsidae. Aratús. (Mangue.) Na Ilha.

Cardisoma guanhumi Latr. Guayamú.
Oedipleura cordata L. Uca-una.

Fam. Ocypodidae. « Vem-cás ». (Mangue) Na Ilha

Uca leptodactyla Rathb. IX.
Uca uruguayensis Nob. « Vem-cá » de mão vermelha. IX.
Uca vocator Hbst.
Ocypoda arenaria Catesb. Cabelelleiro.

Fam. Leucosidae

Persephone punctata L. X.
Persephone cf. lichtensteini Bell. X.

Fam. Matutidae

Hepatus princeps Hbst. Bahú, IX, X, XI.

Fam. Dissodactylidae

Dissodactylus encopei Rathb. Parasitos de *Encope emarginata*. Muito commum.

A *Uca* (*Gelasimus*) *moracoani Latr.* que Ihering menciona a p. 157, não existe na ilha; o ponto mais meridional da sua zona de expansão é o Rio de Janeiro.

Os *Palaemonideos* vivem frequentemente em ribeiros de agua doce. As chuvas fortes levam-n'os para o mar, como os guarú-guarús, não raro em grandes quantidades. *Palaemon olfersi* não é commum.

Embora não se possa falar da existencia dos manguesaes, no sentido commum, existe na ilha a maior parte dos caranguejos de mangue, que p. ex. povoam os pantanos perto de Santos, tambem perto de Villa Bella. Ali habitam tão frequentemente como lá, os logares mais humidos, de terra preta, os quaes, porém, só com chuva se transformam em lodo ficando cobertos muitas vezes com areia, levantada pelo vento em maior ou menor altura; sendo aos

animaes indifferente, se a areia onde habitam, esteja coberta de arbustos do mangue ou não, como p. ex. na prainha. Tambem os dois *gerarcinideos*, a ucauna e o guarda-mú são communs.

O *Arenarinus cribarius* é tão raro, que só apanhámos 2 ou 3 exemplares, ao passo que écommum p. ex. perto de Conceição de Itanhaen (Santos) em Junho. *Cronius ruber* é muito frequente, tambem, com o refluxo, sob pedras e comestivel. Setembro parece ser a época de sua copula. Muitas vezes encontra-se esta especie na praia, morta. A raridade de *Emerita-emerita* surprehendeu-nos tambem, ao passo que *Albunea pareti* encontramol-a representada por exemplares verdadeiramente gigantescos, p. ex. frequentemente na Prainha.

Hepatus princeps e *Mercippe rumphi* obtive-os eu varias vezes nos buracos em covaes onde habitam, sendo os animaes designados pelos pescadores de Santola pequena. O primeiro finge-se morto ao ser preso.

« Pulgas da arêa » (Huepferlinge) estão de dia em geral ao secco, escondidas na areia, numa profundidade de alguns cm. mas, ao subir o fluxo, são expulsas dos esconderijos, para, porém, immediatamente se enterrarem de novo fóra do alcance da maré.

Suas tocas recentes se destacam facilmente pelas pequenas elevações de areia, a que dentro em breve porém nivelam o sol e o vento. Tambem se apresentam em massa por baixo de *entulho*, depositado pelas ondas. E' muito difficil comtudo, apanhal-as sem rede, pois chegam a dar pulos de um metro, de modo que não se dispondo de rede, é melhor incumbir creanças de as capturar. Não raramente se observam taes bichinhos tambem de dia, correndo na areia de um lado para outro.

Echinodermata

Smithsonian — Instit. det.

Fam. Holothuriídae. Holothurias.

Holothuria grisea Sel. S. Sebastião e Ilha.

Fam. Echinothuriidae. Corrupio do mar.

Encope emarginata (Leske). Ilha. Com parasitas crustaceos *Diss dactylus encopei Rathb.* Sp. Villa Bella, Prainha.
Mellita quinquiesperforata (Leske). (— *testudinata* Kl.) Ilha.

Fam. Arbaciidae

Arbacia lixula (L.) Ouriço do mar. S. Sebastião e Ilha.

Fam. Echinometridae

Echinometra lucuntur (L.) (— *E. Subangularis* A. Ag Pindá preto. Ilha
Lytechinus variegatus (Leske) (— *Texopneustes varieg.*) Pindá commum. S Sebastião e Ilha.

Fam. Spatangidae

? *Moira atropos* N. 81. Ilha.
Plagiobrissus grandis (Gmel.) Ilha.

Fam. Astropectinidae. Estrellas do mar.

Astropesten brasiliensis Muell et Tr. Ilha e S. Sebast.
Luidia senegalensis (Lam) Ilha e S. Sebast.
» *clathrata* (Say.) Ilha.

Fam. Pentacerotidae. Estrella do mar.

Oreaster reticulatus (Link.) (— Pentaceros retic.) Ilha.

Fam. Asteriniidae. Estrella do mar.

Enop'opatiria marginata (Hupe). (— Asterina marg.) Ilha e S. Sebast.
Asterina stellifera Moeb. No canal. Ihering 1, c. p. 155

Fam. Echinasteridae. Estrella do mar.

Echinas'er brasiliensis Muell. et Tr. Ilha e S. Sebast.
Echinaster echinophorus (Lam.) No canal. Ihering 1. c. p. 155.

Fam. Ophiodermatidae

Ophioderma janaurii Luetk. Ilha.

Fam. Antedomidae

Antedon brasiliensis Luetk. No canal. Ihering 1, c. p. 156.

SciELO

Fam. Comatulidae. Flôr do mar.

Tropiometria pista (Gay).

Fam. Amphiuridae

Ophiastis savignii (Müll. et Tresch.) Villa Bella.

Fam. Ophiocomidae

Ophiotrix angulata (Say). Villa Bella.
Ophiocnida scabriuscula (Lütk:) Villa Bella.

As *holothurias* encontram-se, já o dissemos com o refluxo, fóra da agua, em montões, entre pedras ou fendas nas rochas. No alcool põe os intestinos á mostra.

Encope marginata é muito commum, bem como um crustaceosinho parasita que vive sobre ella. *Mellita quinquiesperforata* é rara. *Encope sp.* encontrei-o até agora só uma vez. O animal é maior do que *E. emarginata*, fortemente elevado no meio e não mostra buraco algum. *E. emarginata* vive, como parece, principalmente em logares pedregosos, a *Mellita* nos locaes arenosos.

Echinometra lucunter não é rara em tocas de pedras.

Lytechinus variegatus é commum, observei-o uma vez; boiando vivo á superficie do mar. Os espinhos são, nos exemplares vivos, de um verde apagado, na extremidade ou na pagina inferior de côr violeta, clara ou escura.

Arbacia lixula é bastante rara, destacando-se pelos espinhos, que são em parte vermelhos. Um exemplar morto, depositado na praia, tinha quasi todos os espinhos tintos de vermelho. Não se a tem na ilha, como comestivel.

A côr de *Creaster veticulatus* muda, talvez conforme as estações. Um exemplar vivo, que recebi, era vermelho, côr de minio, com protuberancias brancacentas.

Luidia senegalensis é na pagina inferior de um branco sujo, na outra cinzenta, os braços mostram uma zona media mais escura.

SciELO

Echinaster brasiliensis é, quando viva, de um vermelho de minio claro ou escuro.

Lu dia elathrata é por cima cinzenta, em baixo de um encarnado delicado.

Tropiometra picta finalmente é bem commum nas rochas, vive em geral socialmente e varia na côr, como tambem no comprimento dos braços. No canal encontra-se quasi exclusivamente uma forma quasi preta, com desenhos fracos, transversos da côr pardacenta. Os pescadores têm medo, de pegal-a, affirmam, que queima.

Ouriços do mar, extraordinariamente grandes, acham-se, segundo o Sr. A. Stickel, muito perto da Ilha Victoria, em 2 grandes pedras separadas.

Molluscos
segundo as listas do Mus. Paulista

ESPECIES MARINHAS

Cephalopodos, Polvos
Lolligo brasiliensis Blv « Calamar » Ilha.
Lol guncula brevis Blv. S. Sebastião.
Ostopus tehuelshus Orb. Ilha.
Omastrephes bartrami Les. Ilha.

Fam. Janthinidae

Janthina fragilis Lm. Ilha.

Fam. Dentalidae

Dentalium disparite Orb N. 417. Ilha

Fam. Lamellariidae

Ligaretus sp. Ilha

Fam. Anatimidae

Pandora derbyi Ihg. 7.538. Ilha

Fam. Aplysiidae Lebre do mar

Aplysia brasiliana Rang. Ilha.
» *livida* Orb. Ilha.

ESPECIES TERRESTRES OU DA AGUA DOCE

Fam. Helicinidae

Helicina sp 1.680. Ilha.

SciELO

Fam. Streptaxidae

Streptaxis contusus Fev. 2.699. Ilha.
Scolodonta sp. of. *chalicephila* Orb. 2.706. Ilha
Happia sp. 2.704. Ilha.

Fam. Clonellidae

Leptinaria lamellata P. et M. 3 091. S. Sebst.

Fam. Cyclostomidae

Neocylotus prominutus Fev. S. Sebst.

Fam. Rissoidae

Paludestrina sp. 7.438. S. Sebastião.

Fam. Bulimulidae

Simpulopsis sp 7.869. Ilha.

Fam. Bulimidae

Opeas micra Orb. 7.505, 7.510. S. Sebst.

Fam. Bulimulidae

Bulimus grandis Mart. 3.239, 3 244. Ilha.
» *taunaysi* Fer. 3.298 S. Sebast.
» *punctatissimus* Less. 3.624. Ilha.

Ihering no seu estudo de 1897 quasi que apenas cita especies marinhas, que vivem no canal. A lista precedente contem tambem as especies terrestres e as que vivem em agua doce; além dos *cephalopodos* e *aphysideos* e mais alguns outros. Apezar disso, não se deve considerar a nossa lista como completa; nem de longe, visto como nos quasi 30 annos que decorreram da publicação daquelle estudo, se colleccionaram ainda muitas novas especies marinhas, principalmente *chitonideos* e lesmas marinhas, que ainda estão esperando classificação.

O *Sigaretus sp.* talvez se deva considerar como o fabricante das *ferraduras do mar*. Empreguei uma vez, em outubro um dia inteiro, para descobrir o animal, examinando muito a areia que revolvi, tudo porém em vão. As formações encontram-se muito frequentemente tanto na agua rasa, como na profunda, assim como lançadas pelas ondas á praia. *Sigaretus*, lançado pelo mar, enterra-se na areia,

formando sobre si uma elevação de areia relativamente grande. Muito pronunciada é a sua secreção, não se podendo pol-os, ao colleccionar, juntos com outros animaes. As ditas formações de ovas, quer dizer as chamadas « ferraduras do mar », conservam-se melhor em alcool, visto como quando seccas se quebram facilmente.

A tarobo, *Iphigenia brasiliensis Lam.*, mollusco, comestivel, vive numa profundidade de cerca de 30 a 40 cm. na areia.

Os grandes, *octopodos*, ou polvos, comiveis são, para que fiquem indefezos, virados de modo barbaro, e desvicerados, o que um homem, só apezar dos tentaculos ameaçadores, pode executar com algum custo. A propria pescaria é feita de modo barbaro, pois os pescadores allegam simplesmente que os animaes não tem sentidos nem alma havendo sido creados por Deus para serem comidos. Quando se agitam e gritam, « é fita » ! Exemplares novos de *Loligo*, que foram encontrados isolados em outubro, parecem-se um pouco, quando nadam, com grandes larvas de certas lavandeiras, grandes.

O genero *Natica* é provavelmente a causadora dos grandes furos que se encontram, não raramente, nas cascas dos molluscos (Brehn).

As bellas, e grandes conchas brancas de *Argonauta tuberculosa* e as de côr de *Cassis tuberosa*, não são frequentes, podendo-se adquiril-as quasi só por compra.

Chitonideos encontram-se em diversas especies, bem frequentemente sob pedras. No mesmo logar ou depositadas na praia ou mesmo nadando no mar, surgem diversas lesmas do mar.

Vermes, *Smithsonian Inst. det.*

Fam. Eudrilidae (« Oligochaeta »)

Eudrilus eugeniae (Kimb.) Minhoca. N. 666. São Sebastião.

Fam. Lysoridae (« Nereidae »)

Andoninia polytricha Schm. 631. Ilha.
Diopatra chilensis Ornat. 573. S. Sebast.

Leodice atlantica Kbg. 518. Ilha.
Nereis sp. 532. Ilha. X.
Nereis brevicirrata Treadw. 574. S. Sebast.
Sthenalais coerulea Schm.) 533. Ilha. X.
Thelepus setosus Ornat. 581. S. Sebast.

Fam. Hermellidae

Sabellaria virgini Kgh. Barra do mar. Villa Bella.

Fam.?

Eurythoe paupera (Gr. Kg.) 630. Ilha.

Fam. Chaetopteridae

Chaetopterus pergamentascus Cuv. 797, 809. Villa Bella. X

A fauna helminthologica do mar é rica, principalmente em *lycoridios*, que se encontram por toda a parte, entre algas e esponjas, em madeira podre lançada á praia e, especialmente frequentemente, com o refluxo, sob pedras.

Serpulideos não são raros em grandes blocos de rocha, entre as algas. E n nossa collecção encontram-se tubos de 15 cm. de comprimento e da grossura quasi de um lapis e colleccionados nas grandes pedras no trapiche do hotel.

Chaetopteros pergamentaceus manifesta-se frequentemente em certos lugares. O verme de estructura estranha e muito delicado vive em tubos de até 50 cm. de comprimento e 2 cm. de grossura, os quaes estão recurvados sob a forma de U, na terra arenolodosa, e cujas duas extremidades, distantes mais ou menos 30 cm. uma da outra, se elevam sobre o chão, a uma altura de cerca de 5 a 10 cm., como tubos corneos, branqueados, fortemente estreitados. Devido á estreiteza das portas está o verme completamente impossibilitado, de deixar jamais sua morada. Para obter o animal incolume, deve-se portanto abrir o tubo longitudinalmente. Elle é brancacento e tem larga cabeça amarellada. Com algum custo podem-se excavar os tubos por meio de um ferro, com o refluxo e em terreno descoberto

de agua. E' preciso porém ter cautela, visto como se rompem com bastante facilidade. Em geral estão habitados por crustaceozinhos parasitas, são ordinariamente dois, portanto aparentemente casal. Tubos vasios encontram-se em S. Sebastião frequentemente depositados na praia. Dizem, que o proprio verme é phosphorescente. Fritz Mueller o encontrou tambem perto do Desterro (Santa Catharina.).

Ainda muito mais commum é em toda parte um grande *lycoridio*, que habita tambem em tubos, fincados mais ou menos verticalmente na terra. Estes casulos tem 20 cm. e mais de comprimento e a grossura de cerca de um dedo. Ergue-se uma de suas extremidades, a que não está estreitada, tambem a 5-10 cm. acima do chão e estão cobertos espessamente com fragmentos de quaesquer detrictos de plantas e pedrinhas, principalmente porem com conchas inteiras ou quebradas. Apezar da frequencia desses tubos é difficil, obter o verme, visto como sendo molestado, se retira immediatamente, desapparecendo na areia sem deixar vestigios. Tubos simplesmente arrancados nunca provavelmente contem o verme e dentre 30 ou 40, que foram em parte excavados, encontrámos em 3 seu constructor. E tambem crustaceozinhos parasitas

As construcções frageis, semelhantes a coraes, de *Sabellaria* que consistem em tubos de areia, encontram-se tambem perto de Villa Bella (Prainha), entretanto, nem de longe, com as dimensões, das de perto Itajahy em St. Catharina, p. ex.

O verme gigantesco *Balanoglossus*, que menciona Fr. Mueller, *na Rev. do Mus. Paulista*, vol. III, 1898, p. 35 foi encontrado não somente no mar perto de Desterro, mas tambem perto do Rio, procurei-o em vão em Villa Bella e como já o fizera em diversos lugares da costa do Estado de S. Paulo.

Na propria ilha encontraram-se dois *oligochaetas*, differentes das quaes um em ribeiros, assim como algumas *planarias* terrestres, de bello colorido, por baixo de madeira.

SciELO

Coelenterata

Estando a nossa collecção de *coelenteratas* ainda por assim dizer por ser manipulada devo limitar-me a algumas indicações breves, *Ctenophoras* foram observadas em 2 especies. Uma dellas é uma das *medusas* mais frequentes no canal em geral; da outra, magnificamente luzente, foi apanhada um exemplar á noite ao pescarmos plancton.

Polymedusas colleccionei cerca de 20 especies, entre as quaes *Physalia*, *Velella*, *Porpita*, diversos representantes das *Cubomedusas* etc.

As anthozoas estão representadas por diversas, entre ellas as das familias *Cerianthidae* e *Actinidae*; os *gorgonideos* por *Xiphogorgia setacea (Pall.)*, formações compridas, filiformes em geral adherentes isoladas a cascas de conchas e, por 2 ou 3 especies de *Eunicella (Gorgonia)*; coraes de pedra ou legitimos por *Mussa hartti Verill. var.*, uma muito commum *Lophelia*, de côr violeta, nas partes novas de um bello vermelho, que em exemplares mortos desbota e pelo genero *Cladocera* que se estende até Itajahy (St. Catharina). Um *peunatulido*, *Renilla reniformis (Pall.)*, muito commum em Santos e Bertioga, tambem vive, segundo Ihering, no canal.

Os gorgonideos parecem mais frequentes do lado continental do canal, do que no insular, onde só encontrei exemplares pouco vistosos.

As actinias não são tão delicadas, como crê muita gente. Conservam se, mesmo em agua não renovada em pequenas tijellas, diversos dias, até, mas á sombra. Desligando-se-as com algum cuidado tornam a grudar-se logo no aquario, desprendem-se porém quando morrem.

A rosa cylindrica, um *cerianthideo*, vive tanto em agua rasa como profunda e, como parece, de preferencia nas proximidades de blocos de rocha. Não é absolutamente rara perto de Villa Bella e com o refluxo torna se facil apanhal a.

Precisa-se somente eliminar, quanto mais profundo possivel, a areia e as pedras ao redor do seu

tubo, depois pegal-a na maxima profundidade possivel e tentar extrahir lentamente o sacco com seu conteudo. Não raras vezes, na verdade, rompe-se esse, ficando o animal na areia, mas, nesse caso, em geral, tambem é facil tiral-o. Não é preciso ter muito cuidado, ao eliminar-se a areia, visto como os animaes estão accostumados, com o refluxo, a fortes correntes e ao choque das vagas. Em agua levemente movimentada, offerece bello aspecto, ver movimentar-se lentamente de cá para lá os compridos tentaculos. tal qual, estames dessas creaturas que parecem flores, principalmente, quando diversos exemplares estão juntos. Tocando-se-lhe levemente os tentaculos, o animal não se mostra muito sensivel e mesmo, cortando-se um ou outro com uma tesoura quasi não reage. Sendo, porem, molestado mais violentamente retrae immediatamente aquelles organs, desapparecendo afinal completamente nas profundidades de seu tubo, para, porem, apparecer de novo em geral depois de 10 a 15 minutos. Parece tambem estar activo á noite; ao menos observei um animal, preso numa lata de kerozene, em plena escuridão, pelas 7 horas da tarde, e no entanto completamente aberto. O mesmo exemplar mostróu ainda passado 3 dias, em agua não renovada, bastante vitalidade, para encolher os tentaculos, quando posto em formol, embora já parecesse morto, não reagindo mais ao contacto. O tronco de 20 cm. de comprimento e 4 de diametro é de um branco sujo, que se tinge entretanto de preto no liquido de conservação. Os tentaculos de 1/2 mm. de espessura e de 10 a 15 cm. de comprimento são em geral de um cinzento olivaceo, com extremidades amarelladas. O grosso tubo, esponjoso, que se compõe de varias membranas, é preto e, de um comprimento de 50 cm. e 6 cm. de grossura. Entre suas menbranas vive ás vezes um *verme* parasita em espessos montões. Tambem um *crustaceosinho* parece morar no tubo.

De *Ascidias*, que tambem o leigo conhece facilmente, pelo facto de esguicharem agua, á com-

pressão, colleccionaram-se as seguintes especies, determinadas pelo Sr. Dr. Will. C. Van Name:

Phallusia nigra Sav., *Clavelina oblonga Herd.*, *Holozoa bermudensis* (*Van Name*). *Didemnum candidum Sav. e Polyandrocarpa maxima* (*Sluit.*).

Esponjas

São frequentes, representadas por diversas especies, entre ellas a esponja perfuradora *Cliona sp.* Estes animaes crivam as cascas das *conchas* e caramujos. As esponjas, que occupam esses buracos são amarelladas e, quando mortas ennegrecidas. Nas cascas das *conchas*, que se encontram na praia essas esponjas em geral já apodreceram e cahiram fóra.

Entre as cascas de *conchylios*, perfuradas, só se devem considerar segundo parece, *Cliona* e a concha *Natica sp.*, antes mencionada.

Bryozoas

Encontram-se representadas por cerca de meia duzia de especies, frequentemente de preferencia sobre pedaços de escoria, depositados na praia pelas ondas, mas tambem sobre algas, conchas para assim dizer, quasi em toda parte.

Nosso material está sendo trabalhado actualmente pela Smithsonian Institution. Segundo communicação epistolar provisoria do sr. dr. S. Bassler, trata-se de *Smittina trispinosa Johnst.*, *Membranipora tuberculata Rosa* e dos generos *Hemiseptella* e *Callopora*.

---

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Lista das plantas

Segundo o Indice das plantas do herbario da Commissão Geographica e Geologica de S. Paulo», 1896. Por Gust. Edwall.

Nota: As especies sem indicação da procedencia, são de São Sebastião.

As familias, tambem das listas seguintes, são ordenadas alphabeticamente.

I PHANEROGAMAE

Fam. Ampelidaceae

Vitis Miquetiana Baker. Uva branca. III

Fam. Apocynaceae

Allamanda catharetica L. Allemanda. Ilha. III.
Aspidosperma subincanum Mart. Páu pereira do matto. *Praia VII.*
Echites varia Stadm. III
Mesechites sulphurea M. Arg. Cipó de leite. VII.
Tabernaemontana catharinensis A. H. Leiteira. III.
» *fuchsiae folia* A. D. C. Leiteira. VIII

Fam. Aristolochiaceae. Mil homens

Avistolochia brasiliensis Mart. et Fuss. III.

Fam. Begoniaceae. Begonias.

Begonia attenuata A. D C. Ilha. VIII.
» *convolvulacea* A. D. C. Ilha.
» *paleata* A. D. C. VII.

Fam. Castaceae

Rhipsalis cavernosa K. Sahum. IX.

Fam. Compositae

Mikania glomerata Spreng. Ilha. VIII.
Porophyllum ruderale Cass. Couve cravinho. VI.

Fam. Convolvulaceae

Ipomoea sinuata Orteg. var. edentata. III
Operculina convolvulus Manso. Batata de purga. Ilha. VII.

Fam. Cucurbitaceae

Melothria fluminensis Gordn. Abobora do matto. VII.
Momordica charantia L. Melão de S. Caetano. V.

Fam. Euphorbiaceae

Sebastiana corniculata M Arg. (Holophyta.) III

Fam. Hippocrateaceae

Salacia arborea Peyr. III.

Fam. Leguminosae

Caesalpinia Bondusella Roxb. Nimboy. VII.
Camptosema pinatum Benth Goraná — timbó.
Canavalia obtusifolia D C. (Holophyta).
» *parviflora* Benth. (Holophyta). VII.
Cassia quinqueangulata Rich. Fedegoso. III.
Centrosema plumieri Benth. III.
Clitoria selloi Benth. Ilha
Dioclaea violacea Mart. Coronha, VII.
Hecastophyllum brownei Pers, (Holophyta), III.
Phaseolus membranaceus Benth. III.
Stylosanthes viscosa Sw. III.
Swartzia acutifolia Ilha, VII.
Vigna luteola Benth. Feijão da praia, III.
Zollernia ilicifolia Vog Ilha, III.

Fam. Lobeliaceae,

Centropogon surinamensis Prest, III.

Fam. Loranthaceae.

Struthanthus syringifolius Mart, III.

Fam. Malpighiaceae

Tetrapteris lucinda Juss, III.

Fam. Melastomaceae

Clidemia bullosa Cogn. VII.

Fam. Menispermaceae

Botryopsis platyphylla Miers. VII.

Fam. Moraceae

Dorstenia multiformis, Mig. Contrayerva. Ilha, III.

Fam. Nystaginaceae

Boerhavia hirsuta Willd. Herva, tostão III.

Fam. Ochnaceae

Ouratea crassifolia Engl. var, *angustifolia* Engl. III.

Fam. Oleaceae

Heisteria brasiliensis Engl. III.
» *salicifolia* Engl. III.

Fam. Passifloraceae

Passiflora malacophylla Mact. Ilha, III.

» *suberosa* L. III

Fam. Phytolaccaceae

Seguieria vauthieri Mog. Ilha, III.

Fam. Plumbaginaceae

Plumbago scandens L. Herva do diabo, VII

Fam. Portulaccaceae

Portulacca elatior Mart. III

Fam. Rhamnaceae

Scutia arsenicula Reiss. VII.

Fam. Rubiaceae

Alibertia sp. Marmelinho do campo.
Chiococca brachiata R. et P. var, *Grandifolia* M. Arg. III.
Chomelia vauthieri M. Arg.
Contarea hexandra Schum, var. *fluminensis* Schum. Quina — quina. VII.
Mapouria tristis M. Arg. Ilha. VIII.

Fam. Solanaceae

Aureliana lucida Sendt. III.
*Cyphomandra diplocono*s Sendt. III
Solanum argenteum Dun. Solano. III.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Fam. Urticaceae

Urera armigera Mig. Urtiga vermelha. III.
» *punu Wedd.* Urtiga branca. Ilha. III.

Fam. Cannaceae

Cannasp.

Fam. Graminaceae

Chusquea anelytra N. a C Es. Ilha VIII.
Eragrostis ciliaris Link. VIII

II CRYPTOGAMAE

Fungos,

Chlorosplenium puiggarii Speg. III.
Xylaria ippoglossa Speg.
Apenas 13 especies para a Ilha de S. Sebastião!

Lista das plantas de Villa Bella

Collecciònadas no mez de Outubro pelo autor e determinadas pela maior parte pelo Sr. F. C. Hoehne.

Samambaias, Luederwaldt dt.
Aneimia phyllitidis (L)
» *fulva* (Cav.)? Commum sobre rochas.
Blechnum occidentale L. var. caudatum Cav.
Doryopteris sp. (ou pedata). Commum sobre rochas.
Gymnopteris tomentosa (Lam.)
» *toment.* var. *pseudorufa* Ros.?
Polypodium angustum (H B. Willd.)
» *brasiliense* Poir.
» *pectinatiforme* Lindm.?
» *polypodioides* (L.)
» *vaccinifolium* L. et Fisch.

Fam. Acanthaceae

Thunbergia alata Boj. Amarellinha.

Fam. Amaranthaceae

Enxolus caudatus Mog.
Iresine portulaccoides Mog.
Iresine vermicularis Mog.

Fam. Apocynaceae

Lochnera (*vinca*) *rosea* (*L.*) *Congorça*. Planta de jardim exotica, muitas vezes asselvajada.
Tabernaemontana hilariana M. Arg. Leiteira.

SciELO

Fam. Chenopodiaceae

Chenopodium ambr.sioides L. Herva de Sta. Maria

Fam. Compositae

Acanthospermum brasilium Schra. Carrapicho.
Ageratum conyzoides L. Herva de S. João. Flores geralmente brancas.
Bidens bipinnatus L. Picão.
Facelia apiculata Cacs.
Zinnia multiflora L. ? Caboclo. Planta de jardim asselvajada ?

Fam. Convolvulaceae

Ipomoea pes - cabrae Sweet. Salsa da praia. (Holophyta).

Fam. Cucurbitaceae

Momordica charantia L. Melão de S. Caetano.

Fam. Euphorbiaceae

Phyllanthus lathyroides M. Arg. Herva pombinha.

Fam. Labiatae

Leonurus sibirica L.

Fam. Leguminosaceae

Cassia stenocarpa Vog. Fedegoso.
» *occidentatis* L Fedegoso.
Indigofera anil L. Anil.
Zornia diphylla Pers Carrapicho.

Fam. Lythraceae

Cuphea balsamona Ch. et Schl. Sete sangrias.

Fam. Malvaceae

Sida acuta Burm. var. *carpinifolia* K. Schum. Vassourinha guaxuma. Folhas, ás mais vezes, manchadas de amarello.
Guaxuma cordifolia L. Vassourinha guaxuma.

SciELO

Fam. Nyctaginaceae

Boerhavia hirsuta W. Herva tostão.

Fam. Papaveraceae

Argemone mexicana L. Cardo santo.

Fam. Portulaccaceae

Portulacca pilosa L.

Fam. Scrophulariaceae

Scoparia dulcis L. Tapixava.

Fam. Sterculaceae

Melochia sp.

Fam. Umbelliferae

Apium ammi Jacq Gertrudes.

Fam. Verbenaceae

Stachytarpha cayennensis Cham. Gervão.

Finalmente menciono *algas* calcareas (*Florideae*), mais semelhantes a coraes, de que a plantas e que, não raras vezes, encontram-se depositadas na praia. Trata-se de *Lithothamnion brasiliense Fosst.* da Fam. das *Coralinaceas* e talvez tambem de outras especies.

---

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Foram observadas pelo autor na Ilha alem disto as seguintes plantas

Samambaias, *Acrostichum* sp. Samambaia de mangue.
Adiantum cuneatum L. et F. Avenca.
Ceropteris calomelanus Link.
Cyathea Schanschin Mart. Samambaia-assús.
Dryopteris setigera O. Ktze.
Polystichum adiantiforme J. Sm. *Pteridium aquilinum* (L.) Sachin.

Palm Astrocaryum *Ayri*, Mart. Brejaúva, *Attalea Indaya* Dr. Indayá, *Barbosa pseudococcus Paty*, *Cocos nucifera* L. Coqueiro da Bahia, *C. Romanzoffiana* Cham. Jerivá.

Amaryllidaceae, *Fourcroia gigantea* Vent. Piteira.
Anacardiaceae. *Schinus terebinthifolius* Radd. Aroeira vermelha.

Araceae, *Philodendron bipinnatifidum* Schott. Imbé.
Cactaceae, *Cereus sp. Mandacarú*, *Opuntia*, *sp.* Castro.
Cannaceae, *Canna indica* L., C. Warszewiczi Dietr.
Combretaceae, *Laguncularia racemosa* Gaerdtn. Mangue branco ou M. manso.

Compositae, *Bacharis dracunculifolia* D. C. Vassoura.
Euphorbiaceae, *Jatropha curcas* L. Pinhão de purga.
Alchornea sidaefolia M. Arg. Tapiá-mirim, *Ricinus communis* L. Mamoneira.

Flacourtiaceae, *Casuaria silvestris* Sw. Lingua de tiú.
Graminaeae Panicum sulcatum Aubl. Rabo de raposa.
Spartina brasiliensis Raddi. (Holophyta). *Imperata brasiliensis*.

Trin. Sapé, *Paspalum distichum* L. (Holophyta).
Leguminoseaceae Ingá sp. *Mimosa sepiaria* Benth. Maricá, M. *pudica* L. Sensitiva, *Piptadenia communis* Benth. Jacaré, *Erythrina sp.* Sananduva, *Bauhinia forficata* Link.

Unha de vacca, *Danstedtia pinnata* Bendt., *Schizolobium excelsum* Vog. Bacurubú.

SciELO

Malvaceae. Hibiscus tiliaceus L Embira do mangue.
Melastomaceae, Tibouchina holoserica Baill. Quaresma.
Moraceae, Cecropia adenopus Mart Imbaúba vermelha.
Musaceae, Heliconia Bihai Sw. Canna-bihai.

Myrtaceae, Eugenia brasiliensis Camb. Grummichameira, *E. michelii* Lm. Pitangueira, *Myrciaria jaboticaba* Berg.

Jaboticabeira, *Psidium guayava* Raddi. Goiabeira
Piperaceae, Piper hilarianum Warm. Jaborandi e diversas outras especies arbustiformes.

Saxifrayaceae. Escallonia chlorophilla Ch. et Schl. Fortuna.

Solanaceae. Datura arborea L. Trombeteira.
Ulmaceae. Trema micrantha Dac. Crindiuva.
Verbenaceae. Aegiphila sellowiana Cham. Tamanqueira, Avicennia tomentosa Jacq. Siriúba (nos mangues).

Zingiberaceae. Hedychium sp. Lirio do brejo.

E' de se suppor, que a flora da ilha, estando ella perto do continente, não demonstre particularidade alguma. Custa crèr que se tenham desenvolvido nella especies particulares.

Aqui e acolá, em logares planos da ilha, em geral perto da praia, encontram-se pequenos manguezaes, os quaes, porem, quasi não merecem tal nome, ou por causa da sua pouca extensão, ou porque o chão está coberto de areia, accumulada pelo vento, em maior ou menor espessura. Somente os buracos dos carangueijos no *mangrove*, tambem aqui muito frequentes, indicam que se encontra, em baixo da coberta branca, terra lodosa, preta. A vegetação consiste de seriuba, do mangue manso e da embira do mangue, como arbustos, e da samambaia do mangue, ao passo que parece faltar o mangue bravo *Rizophora mangle L.* (*Rizophoraceae*). Encontramos fructas deste ultimo na praia, as quaes porem, talvez fossem trazidas do continente pelas ondas. Tambem não se observou *Crinum americanum L.*

(*Amaryllidaceae*). Em Barra Velha cresce o mangue bem perto do mar, chamando a attenção uma arvore corpulenta de mangue manso, em baixo da qual o chão estava coberto de fortes e pretos pneumatophoros, mais ou menos ao alcance da cópa. Na margem saibrosa da enseada plana, encontraram-se grupos maiores de *Spartina brasiliensis*.

Exuberante é a flora abaixo das cascatas do rio Agua Branca, que desemboca na enseada de Barra Velha, no mar. (As cascatas alcançam-se commodamente em 2 horas de Villa Bella).

Crescem ali 3 especies de palmeiras differentes, *Heliconias*, *maranthaceas*, o lirio do brejo, o *Philodendron bipinnatifidum* com suas folhas gigantescas, a trombeteira, div. jaborandis, entre elles *Piper Hilarianum* e, em arvores, *ingás*, imbaúbas vermelhas, jacarés, tapia-mirim, tamanqueiras, unhas de vacca e diversas outras. Alem disso uma *Erythrina* arbustiva, provavelmente *Erythriculata*, que se encontrou tambem em outro logar na ilha, perto da costa.

Os insulares affirmam, que o clima da ilha é bastante secco, o que parece confirmar o fraco desenvolvimento da flora, das samambaias, *orchidaceas* e *bromeliaceas* e outras *epyphitas*, ao menos nas partes desbastadas, mas já, desde muito, cobertas outra vez de arvores e arbustos. *Orchideas* encontramo-las pouco frequentemente e só em especies muito pouco vistosas. As rochas estão, como na ilha dos Alcatrazes, cobertas de lichenes, musgos e pequenas *Bromeliaceas*, da *Tillandsia Araujii Miz*, *Rhipsalis* etc. frequentemente tambem com *cactaceas*, que se encontram ainda no alto das montanhas, em rochas; ao passo que falta aqui a *Begoain tomentosa Klo.*, tão frequente na ilha dos Alcatrazes.

Os montes já trabalhados, nos quaes nenhuma plantação mais prospera, estão cobertos de terras escassas e grammosas, principalmente tambem de sapé e servem de pasto. Aqui e acolá formou-se tambem outra vez capoeira, cuja parte principal se compõe de *Bacharis dracunculifolia*.

SciELO

Excepto as poucas plantas legitimas de praia legitimas, consta a flora da praia de um numero de especies, que em grande parte tambem existem perto de S. Paulo. *Opuntias* formam não raramente maiores grupos espessos, espinhosos.

A piteira era, ao menos outrora, cultivada, mas agora cresce em toda a parte bravia. Encontraram-se perto de Villa Bella as mesmas deformações, tal qual foram transcriptas então no nosso estudo. «A ilha dos Alcatrazes». Revista do Museu Paulista, 1923, p. 509.

Junto está uma photographia das mesmas, esquecida naquelle tempo, e n'aquella publicação.

Da mesma forma tornou-se tambem a mamoneira bravia.

O sumo da casca de aroeira vermelha, pilada e depois fervida, serve para impregnar as redes de pescaria.

As *palmeiras* na praia de Villa Bella, são quasi todas coqueiros da Bahia, que estavam na minha estadia ali, largamente providos de fructos grandes e pequenos. Desenvolvem-se bem e estranhei porque motivo não são plantados mais frequentemente. A' minha pergunta responderam, que não se o fazia porque as formigas, os ratos etc. destruiram nos ultimos annos as nozes germinantes. Por outro lado porem affirmaram-me, os depredadores eram bipedes, visto como justamente as nozes em formação são especialmente saborosas.

Sobre agricultura escreveu Ihering: Ainda hoje representam o café, a mandioca e canna de assucar a principal lavoura.

Segundo communicação epistolar do commandante W. Meissner, cultivam-se na ilha as seguintes plantas: Abacateiro, Abacaxi, Amendoeiro, Araruta, Abobora, Ameixeira do Japão, Algodoeiro, Amoreira, Aipim, Bananeira, Batata doce, Bucha, Cafeeiro, Canna de assucar, Cacaoeiro, Coqueiro da Bahia, Cebolas, Fiqueira da India, Fumo, Feijão, Fruteira de Conde, Grummichameira, Goyabeira, Inuhame,

Jáqueira, Jaboticabeira, Limoeiro, Laranjeiras, Mamoeiro, Milho, Mamoneira, Melancias, Mangueira, Mandioca, Pimenteira, Piteiras, Pinhão de purga, Pitangueira, Tamarindeiro, Tomateiro, a Videira (em pequena escala) e muitas hortaliças.

SciELO

SUPPLEMENTO

a) Insectos

O Sr. Conde A. Barbiellini, S. Paulo, offereceu ao Museu Paulista pequena collecção de insectos, colleccionados no mez de maio de 1920, por elle proprio na Ilha de S. Sebastião, e pelo qual lhe endereço muitos agradecimentos

São dos seguintes grupos:

Neuroptera

4 especies, entre ellas 3 *Mantid·os.*

Orthoptera

1 especie dos *Forficulideos.*

Coleoptera

Fam. *Brenthidae*: 2 especies.
Fam. *Cistelidae*: 1 esp.
Fam. *Chrysomelidae*: *Poecilaspis nervosa* F. e 3 outras esp.
Fam. *Curculionidae*: *Lixus* esp., *Rynchophorus palmarum* L. e 5 outras esp.
Fam. *Cantharidae*: *Horia maculata* F.
Fam. *Carab·dae*: 3 esp.
Fam *Cic·ndelidae*: *Megacephala brasiliensis* Kisby.
Fam. *Cerambycidae*: *Oxymerus* esp., *Acyphodores aurulenta* Kirby.
Fam. *Chrysoprasis aurigena* Germ. e 6 outras esp.
Fam. *Endomychidae*: *Epopterus ocellatus* OL
Fam. *Elateridae*: *Monocrepidius* esp , *Pyrophorus phosphoreus* L.
P. cinerarius Germ e uma 4 esp.
Fam. *Lampyridae*: *Ceratomorphus giganteus*. Perty.

Fam. *Lamellicornidae : Pinotus ascanius* Har., Canthon 7 — *macutatus* Latr., *Bolboceras* 4, *Canthidium* 2 esp.
Coudblandi Gyll., *Trigonopeltastes* sp., *Gymnetis* esp. *Actinolobus radians* Westw., *Bothynus aceanius* Kirby. *Rutela lineola* L., *Macraspis mixta* Bl. e 11 outras esp.
Fam *Mordellidae* : 1 esp,
Fam. *Staphylinidae :* Paederus esp.
Fam. *Scolytidae :* 1 esp.
Fam. *Tenebrionidae : Strongylium azureum* Germ., *Blapida olseni* Perty e 2 outras esp.

b) Molluscos (Dr. P. Bartsch det. 1926)

Fam. *Mytilidae : Mytilus exiguus* Dlir.
Fam. *Vermetidae : Vermetus decussatus* Gmel.
Fam. *Chitonidae : Ischnochiton pruinosus* Gould.
Fam. *Lucapina adspersa* Phil.

c) Crustaceos (Dr. W. L. Schmitt e Dr. M. Rathbun det 1927)

Foi encontrado o crustaceo *Polyonyx macrocheles Stimps.*, 2 ♂ ♂, n'um tubo habitado por um *Lycorideo* (verme do mar .

Foram encontrados, em tubos habitados por *Chaetopterus pergamentaceus* (verme do mar) os seguintes crustaceos : *Poly nix macrocheles Stimps.* 1 ♂, 1 ♀, *Megalobrachium* esp., 1 ♂, *Pinnotheres maculatus Say* ♀ e *Pinnixia chaetopterana Stimps*, 1 ♂.

d) Hydroideos

Segundo communicação epistolar, do Sr. Prof. Dr. Stechow, especialista em *Hydroideos*, é necessario conservar estes animaes em alcool de 70 por cento porem não em formalina.

Rochas nas proximidades da Praia do Pinto — Pedras de Sino
Phot. Dr. W. Schmidt — IX-1925

Grupo tirado em Villa Bella — Dr. W. Schmidt — IX-1925

SciELO

Villa Bella — Phot. Dr. W. Schmidt — IX-1925

Praia do Pinto — Phot. Dr. W. Schmidt — IX-1925

SciELO

Praia do Pinto — Pedras de Sino
Phot. Dr. W. Schmidt — IX-1925

SciELO

Herberto Baldus

Ligeiras notas sobre os indios Guaranys do littoral paulista

SciELO

Ligeiras notas sobre os indios Guaranys do littoral paulista

Por

Herberto Baldus

Durante o carnaval de 1927, viajei de automovel com o meu amigo, Dr. Juan Francisco Recalde e dois outros paraguayos de São Paulo á Itanhaen. Encontramos tres guaranys nesta cidadesinha ; moços de boas maneiras e bons trajes, chapéos e até botas. Meus companheiros paraguayos conversavam na sua lingua materna, o guarany. De tal os indios muito se admiraram. Demo-nos a conhecer como paraguayos, como guaranys como gente delles. Ficaram os indios enthusiasmados. Diziam : « Nunca vimos um paraguay (sic) Muito nos contaram dos paraguay. Vocês são paraguay. Este é paraguay e esse é paraguay e este é paraguay e este é paraguay. Nós tambem somos paraguay. Vocês são da nossa gente », E depois falaram a todos os brasileiros que encontravamos : «Agora chegou a nossa gente. Somos paraguay. Elles são paraguay. Elles são da nossa gente ». Pedimos-lhe que nos levassem aos seus companheiros. « Vocês precisam comprar aqui só o pouco de que necessitamos na viagem : pão e um litro de pinga. Na nossa aldeia temos bastante, o que comer, lá vocês podem ficar, nos vamos dançar ». Passámos a ponte sobre o Rio Itanhaem e andamos na areia movediça ao lado da estrada de ferro que vae a Peruhybe e Juquiá. Ti-

nhamos levado comnosco alguns peixes que queriamos preparar no caminho. Os indios como *managers* da nossa companhia tratavam com os habitantes das casinhas de madeira que encontravamos. Mas os praianos se retrahiam. « Elles tem medo de nós » dizia-me calmo e indifferentemente um dos indios. « Quando chegamos, fecham as casas. Porque tem medo? Não roubamos. Temos dinheiro, podemos pagar. Realmente a desconfiança dos caipiras é tanto maior quanto mais distante moram dos indios. Os vizinhos mais proximos dos guaranys são os seus melhores amigos. Só isto prova o bom caracter dos indios.

Quando já tinhamos suado bastante, forte chuva nos refrescou. E a noite cahiu. Precisavamos procurar abrigo. Deixamos a estrada e andamos por gramma alta e matto n'um verdadeiro atalho de indios, tão estreito e tão profundamente cavado pela frequencia do transito que a gente só podia caminhar pé ante pé. Nossos guias ja levavam as botas na mão. Só um não se descalçara e por isso devia coxear. Como pontes serviam troncos de arvores por entre varas ligadas a forcas e fincadas no fundo. Finalmente chegamos ao rancho do sr. José, velho mulato que nos recebeu amigavelmente. Tinha sido o pae adoptivo de um dos nossos guias, e cordial affecto os ligava. Deitamo-nos nas esteiras de palha e cobrimos-nos com os trajes molhados. Ouviam-se mosquitos e o barulho monotono do fandango, do « bate pé » que se dançava num rancho vizinho.

Na manhã seguinte continuamos a caminhar. Logo encontrámos graciosa india que levava uma criancinha. A moça tinha dezesete annos, era a nora do chefe. Quando os brancos fallavam em guarany ella sorria um pouco embaraçada. Quasi não respondia e fallando não nos encarava. Fomos com ella ao Posto Prado, a estação da commissão de protecção aos indios. Casas de madeira e telhado de zinco. Pequenos cães de caça que principalmente viviam de couro, ossos, bananas e espinhas de peixe. Familias de guaranys alli se tinham reunido para festejar o carnaval. Quando a fumaça da fogueira

de lenha me entrou pelo nariz, senti que estava outra vez entre indios. Esta fumaça é a sua atmosphera predilecta, a mensageira das sensações agradaveis. Este cheiro muito especial me evocava a vida forte e descomplicada, lembrava-me os bons dias passados com os sentidos despertos e calmos entre os antochtonos da America. Da-me o olfacto o maior prazer.

Os guaranys que visitei, a commissão de protecção aos indios os colheu em nome do governo de differentes regiões e os reuniu num aldeiamento chamado Bananal. Alguns vinham do noroeste do Rio Grande do Sul (*). Outros haviam sido expulsos da sua aldeia no Rio do Peixe (na região de Iguape). Estes podiam contar-me a sua historia:

— E' verdade, a terra é melhor la no Rio do Peixe, e não ha tanta maleita como aqui. No tempo do Imperio tinham dado aos paes a aldeia. Um dia, na guerra do Paraguay, chegaram soldados e levaram todos os homens comsigo· tambem os casados, e ninguem sabia contra quem precisavam luctar, contra paraguayos ou brasileiros, e alguns conseguiram escapar em Santos, estes voltaram, e depois de annos voltaram ainda alguns, mas mui poucos. Então viveu-se outra vez com menos medo até que chegou o homem que queria fundar a sua fazenda e roubou aos indios a terra e queimou as suas casas e vinha com um official de justiça de Iguape e mandou em nome da lei expulsar os Guaranys pelos seus capangas. — Isto aconteceu justamente um anno antes do que os indios m'o relataram, no Carnaval 1926. Este sujeito é um morador de Santos. Nos mappas desta região editados pela Commissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo está marcado o lugar onde moraram os pobres indios, espoliados tão vil quanto violentamente, de suas terras, pela insaciavel cubiça do perverso *bugreiro*.

(*) Suppomos que haja ahi engano de informação do A. (N. da. R).

SciELO

O governo deu-lhes em plena propriedade a terra que habitam actualmente. Esperamos que não os atropellem mais.

O typo guarany já tantas vezes tem sido descripto que só me limitarei ao principal. O homem é forte e baixo, tem em geral 1,65 cm. mais ou menos de altura, a mulher é proporcionalmente menor . A cutis, originalmente pardo escura, apresenta-se em muitas amarellenta pela malaria. As feições são as do mongoides: malares largos; olhos amendoados, porém sem orbitas obliquas; nariz chato; labios grossos e salientes. A cabelleira é abundante, preta e lisa; observei que a das crianças tinha reflexos avermelhados. A barba é fraca. O antigo costume, hoje ainda corrente entre a maioria dos indios independentes, de arrancar todos os pellos do rosto e do corpo, não existe mais entre os Guaranys do littoral paulista. Os velhos ainda se lembram que tambem entre elles era outr'ora corrente. São em geral bellos indios e muito differente um individuo do outro.

Parece que o seu estado de saúde é relativamente bom se levarmos em linha de conta as condicções da região de malaria em que vivem. Como se sabe no Posto Prado de agua estagnada existe o perigo da dysenteria, mormente porque não ha latrinas e por isto as chuvas levam os escrementos aos lugares d'agua. *A commissão de protecção aos indios precisa muito melhorar isso!* Tambem se necessita ás vezes da visita d'um medico e alguma pessoa que possa obrigar os indios tomar de boa vontade medicamentos prescriptos. Encontramos um homem cuja perna fora amputada poa causa d'uma mordedura de cobra e doentes de molestias venereas infeccionados nas cidades.

Os guaranys tem um chefe (de nome Samuel) a quem cabem apenas obrigações representativas. Possue patente de official e até farda. Seu filho mais velho será o seu successor e já tem farda tambem.

SciELO

Instituições patriachaes ou matriachaes não existem mais. Em questões de familia entre elles é hoje tudo igual como entre nós.

Os Indios vivem com os caipiras vizinhos, e os caipiras entre os indios de maneira que os matrimonios mixtos não são raros. Tambem pretos e pretas, talvez movidos pelo amor á independencia, associam-se aos indios. D'este modo este lugar dá o interessante espectaculo da formação do homem brasileiro, afro americano.

Os guaranys trabalham na estrada de ferro e cortam lenha. Os tres moços que encontramos em Itanhaem, fizeram lenha durante muitos dias em Santos para um commerciante portuguez. Depois elle os despachou a lhes dizer: Nada lhes posso pagar, não tenho dinheiro. E elles se foram calmamente e me diziam ainda como a desculpar o infame: — Talvez realmente não tivesse dinheiro algum.

Como feição *ethnographica* os homens fabricam ainda arcos e flechas, e isto por encommenda e por bom preço.

As mulheres fazem os trabalhos caseiros como: carregar agua, lavar, cosinhar etc.

Os guaranys recebem em recompensa do trabalho um pouco de dinheiro e a comida nacional brasileira: arroz, feijão e toucinho, fóra d'isso café. A's vezes pescam um pouco e caçam, mas rara vezes, apanham algum animal pequeno.

Os guaranys que vieram do sudoeste atiram ainda com o arco. Mas tambem dispõe de carabinas.

Os antepassados dos Guaranys do littoral navegavam dias e dias. Os hodiernos não tem mais canôas

Mas os guaranys de hoje festejam modernamente o carnaval. E' verdade que usam em lugar de lança-perfumes baldes d'agua. Se pudessem comprar pó de arroz na cidadezinha haveriam de se polvilhar completamente de maneira que parecem padeiros muito occupados. E se não tem pó de arroz, isto é: quasi sempre, pintam o companheiro e a companheira com um pedaço de lenha carbonizada. Até confettis ha entre elles e saracoteiam ao

som de um mixto de valsa e *two-step* com acompanhamento de guitarra e canto.

O jogo da luta é muito apreciado. E ha um campo de *foot-ball* que satisfaria a qualquer sport-club branco. Alguns tem até uniformes e sapatos de *footballistas*.

Todos fallam correntemente o portuguez e com poucas excepções tambem da mesma maneira o guarany. O guaranilogo dr. Juan Francisco Recalde notou na nossa visita que a lingua dos que já moram ha mais tempo no littoral paulista é mais chegada ao guarany de Montoya do que ao que se falla hoje no paraguay, e que porém os que, faz pouco, vieram do sertão do sudoeste ao aldeamento tem expressões mais proximas do paraguayo.

As creanças devem aprender a ler e escrever, o serviço de protecção aos indios fornece para tal fim os abecedarios. Mas estes livrinhos estavam intactos e ainda no estado no qual tinham chegado da livraria, bem guardados no quarto do encarregado da commissão.

O indio é indubitavelmente mais intelligente do que o seu vizinho, o caipira. Este em geral nada mais sabe dizer do que: — Sim, senhor. Logo que o guarany porém se familiarisa, sabe contar mais do que a gente pergunta. Tem rapida e segura concepção das cousas.

Os guaranys me contaram que se banham, no tempo de calor, cinco e seis vezes por dia; no tempo do frio uma vez diariamente. Isto é notavel porque em geral só se nota tal asseio entre indios bravos; os civilisados porém pensam que a camisa dispensa muitos banhos.

Piolhos da cabeça existem entre elles.

Os guaranys são em geral bondosos, modestos, hospitaleiros e honestos apesar das más experiencias de seculos e apesar da sua civilisação e dos vizinhos. Mas quando embriagados tornam-se repugnantemente molestos e rixentos como pude observal-o tambem entre beberrões de sangue guarany no Paraguay. Tornam-se então fanfarrões, mas em

voz baixa. E' quasi sempre de mau prenuncio quando um indio falla baixo.

Economicos não são os guaranys como todos os indios, comem logo tudo o que tem, distribuem-no entre todos os companheiros para que desappareça mais depressa. Cada qual come onde, no momento, se come. Isto para elles é naturalissimo. E é este unicamente o seu communismo. Se um tem dinheiro e pode comprar biscoutos caros em vez de pão barato, fal-o e distribue a compra.

Entre si são bons amigos, nunca observei uma briga sequer e nunca escutei uma palavra injuriosa.

As mulheres são reservadas, não se prostituem e não se entregam a nenhum estranho.

Dizem que hoje ainda as moças ficam encerradas em casa desde a primeira até depois da terceira menstruação, por conseguinte quasi tres mezes e recebem só comidas leves ás quaes consistem especialmente de pequenos passarinhos. Alimentos pesados são para elles entre outros a mandioca e os feijões e bebida pesada que as moças n'esta epoca não devem tomar café. Dizem que para o tempo da puberdade dos rapazes existem regras semelhantes, só mais liberaes, o encarceramento dura um mez mais ou menos. Duvido que possa succeder isto hoje ainda, sempre e em toda a parte.

Se dous individuos querem casar-se o pretendente pede aos futuros sogros a sua eleita. Se estes não lh'a dão ainda que ella o queira, deve a moça obedecer-lhes. E' verdade que a recusa dos paes quasi nunca acontece. O noivo dá aos sogros como presentes gallinhas e outras victualhas com as quaes se prepare uma festa.

Estes guaranys vivem em monogamia. Só um delles vindo do sertão do sudoeste, tinha tido duas mulheres das quaes uma o abandonara depois da chegada ao Bananal, o aldeamento guarany ligando-se a outro. Não se sabe de outro caso de dissolução de matrimonio e por conseguinte esta deve ser muito rara.

As nossas mulheres obedecem, dizia-me um velho, mas acontece tambem que ellas mandam por-

SciELO

que tem muitas vezes mais juizo do quê nós porque não tomam pinga. — O tratamento entre homem e mulher é bom.

Ainda que se casem muito cedo, as moças nunca entram no matrimonio antes da primeira menstruação.

Durante as regras a mulher usa uma faixa de *caraguatá ybira* fabricada por ella propria. Aqui não se usa o tratamento pelo *pagé*, o feiticeiro, como é costume entre muitas tribus que julgam o fluxo catamenial um symptoma de doença.

As mulheres banham-se separadas dos homens, quer dizer na ausencia delles.

Dizem que alguns guaranys do sudoeste usam em parte ainda da *couvade* e que todos paes, e mães, depois do nascimento abstem-se de certos alimentos que de qualquer modo poderiam ser prejudiciaes á creança.

Muitas vezes ainda as creanças são carregadas á moda conhecida dos indios: cavalgando á anca da mãe com uma perninha sobre as costas e a outra sobre a barriga. Como entre todos os indios o tratamento entre paes e filhos é bom. Nunca é uma creança castigada.

Do que deixo narrado pode-se ver que por baixo da camada de civilisação vive ainda alguma tradição antiga. Os jesuitas fizeram dos guaranys fanaticos que se deviam martyrisar em honra de Jehovah. A ideologia da commissão de protecção aos indios está dominada pelos dogmas do positivismo de Augusto Comte. Deixa-se aos indios liberdade de sentir e crer e até permitte-se que ás vezes venha um padre para pintar ou mandar pintar cruzes ás portas das cabanas.

Nhanderú, o ultimo grande feiticeiro, morreu faz pouco, disseram-me. Como exercia o seu officio, não m'o relataram. E parece-me que ninguem teve a idéa de que as cruzes das portas haviam matado Nhanderú. Por isso pode-se crêr que muitos guaranys espertos se arvoram ainda em pajés e com exito.

SciELO

Os cadaveres são sepultados nos cemiterios publicos de Itanhaen e Peruhybe. Não ha mais os costumes indios n'esse acto nem depois d'elle.

Os antigos missionarios repetiam sempre que os Guaranys eram anthropophagos. Deve-se considerar porem que todos os missionarios diziam isto de todos os povos primitivos afim de fazer reclame de suas emprezas e pessoas. A verdade é que os depoentes fidedignos e pessoas que mais minuciosamente escreveram sobre a anthropophagia como por exemplo Hans Staden, prisioneiro d'uma tribu tupy-guarany, não foram comidos. E a historia não falla d'um só missionario devorado pelos guaranys (**). Penso que, se os guaranys comiam carne humana, isto o faziam por motivos religiosos, e não porém por gulodice. Sabe-se que os canibaes são profundos conhecedores da anatomia do corpo humano. Um dos melhores guaranilogos actuaes o dr. Juan Francisco Recalde, dizia-me que a terminologia anatomica em guarany é muito insignificante.

(**) O A. se deixa levar a uma generalisação contestavel, nascida de sua antipathia á catechese christã. (N. da R.).

Lendas

Procurei collectar mythos astronomicos e referentes á origem do mundo, dos homens e dos animaes. Os Guaranys nada de tal, sabiam. Perguntei donde haviam recebido o fogo. Um velho do Rio do Peixe contou: — Antigamente a gente sabia tudo isto melhor. Os paes relatavam que o sapo nos trouxera o fogo que São Pedro recebera de Deus. São Pedro não queria dar fogo aos Guaranys. Então cahiu uma faisca que o sapo enguliu e transmittiu aos Guaranys.

O roubo do fogo por animaes é um motivo muito espalhado na America do Sul. Ora é a raposa a ladra da faisca, ora o sapo. O sapo sempre o é nas tribus da grande familia linguistica dos Tupy-Guaranys.

Que o sapo haja sido escolhido para tal papel é muito comprehensivel porque como se sabe este animal tem o singular feitio de engulir cousas ardentes como cigarros e brazas, talvez porque os tome por pyrilampos.

Não ha muito Henrique Snethlage assistiu na tribu tupy-guarany dos Guajajáras no Rio Grajahú (Maranhão) a uma dança de cururú — (cururú significa sapo em tupy-guarany) — dança que rememorava o roubo do fogo. Narra elle: Recomeçou o canto; quando se tornou mais alto, o chefe da tribu levantou-se, dançou alguns passos e sentou-se novamente. Então a gente lhe trouxe um gigantesco cachimbo no qual elle chupou algumas vezes. Mais fogosamente repetiu a dança emquanto eu aproveitava a occasião para experimentar o pito. Não me dei muito bem com a cachimbada, porque os nervos da cavidade oral me ficavam immediatamente affectados. A cada intervallo do baile punha-se o chefe a cachimbar. Que isto lhe era necessario evidenciou-se depois. Ateou-se

um fogo ao redor do qual os rapazes morenos pulavam em estado de embriaguez completa. De repente o chefe acocorou-se e poz-se a saltitar pelo fogo a soltar o hu, hu, hu do sapo. Depois tomou uma brasa e pondo-se a assopral-a, enguliu-a de vagar. Isto não se deu uma vez só nem foi o ponto culminante do baile porque este durou quasi sem interrupção, toda a noite. E sempre se repetiu a scena do engulir da brasa! — (Heinrich Snethlage: «Meine Reise durch Nordostbrasilien». Journal für Ornithologie LXXV, 1927, Heft 3, ps. 468, 469).

A lenda narrada pelo Guarany do Rio do Peixe torna-se pela mescla de elementos christãos um quadro typico da mentalidade de todos os indios christianisados.

A lenda do urubú e do sapo

O Guarany Avapotú, ou em portuguez Thomé, contou em vóz baixa a lenda do urubú e do sapo. Dou o texto ao pé da lettra no mesmo portuguez que Avapotú me dictou:

— Então o urubú disse assim. «O' companheiro sapo, vamos dar um passeio no céo. Você é bom tocador, vae tocar para nós na festa do céo». O sapo, como seja bobo — *(aqui Avapotú deu uma risada)*, — então disse: «Vamos! Eu vou urubú». E o sapo foi junto com o urubú. Chegarão a festa do céo. Quando foi de madrugada, o sapo sahiu na rua. — *(perguntei: em que rua? Avapotú respondeu: na rua do céo)* — E o urubú ficou admirado do sapo — *(aqui Avapotú deu nova risada)*, — sahiu bem cedo na rua. «Como veio, collega?»

«Assim como você tem asa, eu tambem tenho, companheiro corvo. (Em S. Paulo frequentemente chamam ao urubú, corvo). Esta noite vou me embora. Si não vou hoje, vou amanhã cedo, porque minha namorada não quer, que hoje é o ultimo baile do céo».

«As' quatro horas eu vou para baixo senhor sapo».

Então o sapo mijou na viola do urubú, porque elle tinha vindo dentre da viola do urubú.

Senhor sapo, agora vae cortar uma volta, si urubú vê dentro da viola *(perguntei o que significa aqui: cortar uma volta. O indio respondeu: pinchar)*.

SciELO

Urubú ficou com raiva. « Conhece, compadre, você pensa que veio voando. Você vou te pinchar porque você mijou dentro da minha viola. Cuidado, cuidado, cuidado, cuidado ! ». *Avapotú dictou : Cuidado, cuidado ! quatro vezes, isto quer dizer : Cuidado, cuidado, cuidado, cuidado ! — Deve-se completar dizendo, que o urubú jogou o sapo do ceo para baixo e que este gritou approximando-se da terra e de uma pedra :*

« Olha afasta-te pedra que eu te racho ! » (*risadas de Avapotú*),

O sapo ficou morto e o urubú ficou dando risada, deu ao sapo, o sapo cahiu em cima da pedra, morreu o sapo.

O narrador me dizia que tinha ouvido a lenda dum velho africano. Isto parece confirmar os resultados das investigações de Dähnhardt segundo os quaes tem vindo contos semelhantes da India, talvez a terra de origem, na antiga directriz do commercio a principio a este da Africa. De lá se espalhavam atravez de Africa Central até a costa occidental (v. Oskar Dähnhardt : « Natursagen », tomo IV, p. 54, 65, 66 e Th. Kooh — Grünberg : « Indianermärchen aus Südamerika », p. 325, Jena 1921) e chegaram finalmente com os escravos á America do Sul. A lenda do urubú e do sapo pertence ás mais conhecidas do Brasil e a forma relatada por Avopotú é a mais primitiva de todas as publicadas até agora e indubitavelmente a meu ver a mais india. Parece que não tem importancia para Avoputú trocar ás vezes os papeis e peccar um pouco contra a logica. Nas variações conhecidas da lenda alguma vez o urubú falla o que aqui diz o sapo e vice versa.

A versão pernambucana de Sylvio Romero é já mais « civilisada » e a mais distante da alma do indio e sem embargo por isso sem maior valor artistico. (v. Clemente Brandenburger : « Lendas dos nossos indios), p. 140 e p. s., Rio de Janeiro 1923).

Muito espalhada no Amazonas é a variante que J. Barbosa Rodrigues dá na sua collectanea «Poranduba Amazonense », p. III, Rio de Janeiro 1890. Aqui o jaboty toma o lugar do sapo.

A forma desta variante que o Padre Constantino Fastevin publica na « Revista do Museu Paulista », tomo XV, S. Paulo, 1927, já é demasiadamente « civilisada » e christianisada.

SciELO

Só a variante de Avopotú acaba com a morte do despencado, nas outras a queda causa unicamente o achatamento do corpo. A primeira contêm tambem mais crueldade do que as outras como mostra por exemplo a risada do urubú no fim. E' esta crueldade (segundo as doutrinas da « psychanalysis ») a reacção da subconsciencia dos indios contra a sua visivel bondade ou a verdadaira inclinação do caracter de Avapotú que parecia brando e obsequioso e virava muito rixoso quando bebado? Em todo caso, esta crueldade tem um resaibo de terra agradavelmente forte.

SciELO

Antonio Caetano Guimarães Junior

Ensaios sobre ornithologia

Segunda contribuição)

SciELO

ENSAIOS SOBRE ORNITHOLOGIA

(Segunda contribuição)

Em seguimento aos meus pequenos ensaios sobre ornithologia indigena, começarei, hoje, pela figura imponente do rei das selvas — o

"Sabiá laranjeira"

(Turdus rufiventris, da familia dos *Turdidae)*

Apezar de Goeldi não lhe ter apreciado o canto, dizendo que os seus trinados não passam de um «furi-furi levado ao infinito» e, nem, tãopouco ter manifestado sympathia por essa alminha encantadora de Gonçalves Dias, eu o classificarei dentre os nossos passaros cantores, genuinamente brasileiros, como o *primus inter pares*.

Se tenho razão, não discuto. Julgo que, talvez, esse meu modo de pensar seja questão de profundo enthusiasmo que lhe dedico, a ponto de reconhecel-o um artista impeccavel do canto.

Vou, pois, apresental-o aos meus leitores, em primeiro logar, não como specimen raro, merecedor de analyse circumstanciada no meio ornithologico, mas, tão sómente, como um dos maiores cantores da primavera.

Quem o não conhece?

E' elle o mais sympathico da familia, tanto pela compleição magnifica do corpo, como tambem, pelo brilhante talento musical, fazendo a seus pares enorme sombra.

Olhinhos vivos, cabeça altamente erguida, peito arquejante, uma das pernas escondida por entre as

pennas bruno-vermelhas, eil-o senhor da Natureza, pousado elegantemente num galho, solitario, chamando com um canto vibrante e dolente a terna e encantadora companheira...

Vel-o nesta sublime posição, dominando os encantos da terra é uma maravilha, um deslumbramento!

Ouvil-o gorgear, neste aspecto airoso, nesta attitude fidalga e energica, mas cheia de ternura, é um desdobramento compassivo e doce de saudades infinitas, indiziveis, perpassadas de emoções evocativas, que nos transportam a tempos remotos, a regiões distantes, longinquas, indecifraveis...

Quando lhe sae da garganta a musica incomparavel da voz, espalham-se verdadeiros ais em torno de nós mesmos, fazendo-nos, assim, creancinhas ingenuas e descuidosas, a vagar por entre os frondosos arvoredos dos queridos quintaes de nossas primeiras moradas...

Quantas evocações derramadas pelo seu peito enternecedor!...

Bem disse o poeta imaginoso e nostalgico:

« Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgeiam
Não gorgeiam como lá ».

— Deixemol-o no raminho predilecto, solfejando a aria commovida de seu canto, e vamos procurar-lhe o ninho, mais ao longe, na forquilha de robusta laranjeira.

Quando os primeiros clarões da primavera começam a alvorecer nos horizontes da Natureza, eis chegado o momento grandioso de sua apparição; e, então, nos é dada a alegria de, novamente, vel-o e ouvil-o no deslumbrante gargantear, que se exprime clara e pungentemente nestas sonoras e sublimes palavras: — « Pequei, Jesus! Piedade, senhor!... »

No mais ardoroso afan, começa, incontinente, sem treguas, o trabalho da construcção do bem arranjado ninho, escolhendo, para isso, de preferencia, as arvores fructiferas dos pomares; e, ahi, ao lado de sua predilecta, gosa as delicias da liberdade, entrelaçados no mais invejavel, no mais incontido amor...

SciELO

Este agasalho mimoso (encontrado nos mezes de outubro, novembro e dezembro), tem a fórma de espaçosa tijella feita de ramos, folhas, raizes e musgos, ligados por solida argamassa de barro. O interior é forrado só de raizes, muito bem entrelaçadas — e não *cuidadosamente rebocada de barro*, como diz Goeldi. Em dezembro de 1925, encontrei um ninho deste cantor, o qual continha dois robustos filhotes, que criei com certo interesse. Um está na gaiola, e já ensaia os seus admiraveis gorgeios. O outro, soltei-o, depois de haver verificado que era femea. Conservei-a presa durante seis mezes, afim de que pudesse estabelecer, com precisão, uma differença entre o macho e a femea, o que, até então, nunca pudera fazer, a não ser pelo canto.

Depois de refeitos, de completamente criados, notei as seguintes differenças entre elles: — a femea é um pouco maior, mais volumosa de corpo (não tem a altivez do macho), conservando-se sempre *molle*, cabisbaixa e indifferente ao chamado do companheiro em liberdade.

E' mais escura do que o macho, notando-se-lhe nas pennas da parte inferior do pescoço riscos quasi negros, mais juntos e mais pronunciados, ao passo que, no macho, essa parte é completamente alvacenta.

A auréola cor de ouro, que envolve o olho do macho, é, na femea, de um amarello desmaiado. Notei, ainda mais, que a femea tem o bico recto, cujas pontas se tocam, e o do macho é um pouco semelhante ao do pavão: a ponta superior virada para baixo.

No seu ninho, assim tão bem construido, encontram-se, normalmente, dois a tres ovos, variaveis em côres, sendo a mais commum a verde-azul, com pintas ferruginosas descidas em fórma de pontas.

Na occasião em que os filhinhos sahem da casca, rodeados de uma grande affeição mutua, os paes começam a lida penosa e ardua de tratal-os, para isso, não medindo sacrificios e nem distancias, em busca de iguarias saborosas.

Mal desponta a aurora, promissora de eternas esperanças, eil-os deligentes, apressados, num vôo recto e certeiro, pouco ligando ás outras cousas que lhes deparam, afim de levar, preso ao delgado biquinho, o manjar appetitoso a essas creaturinhas delicadas e cuidadas com toda a abnegação.

SciELO

Nos momentos de folga, de um descanso natural, a amada eleita abre as azas sobre o ninho, aconchega os filhos bem de perto, aquecendo-os meigamente ao macio peitinho, emquanto o rei das selvas entôa, no alto, sobranceiro e poderoso, o seu arrojado e doce epithalamio!...

Quando emplumados, continuando ainda sob as vigilancias da paternidade, são medrosos, ariscos, a ponto de, quando alguem, descuidadamente se dirige para o local onde se acham, gritarem, e saltarem cegamente sem nenhum destino, pouco se lhes importando os queridos paes, que, num brado horrivel num phrenesi de loucura, tentam salval-os!

Ha nesse espectaculo uma scena dolorosa, entrecortada, a todo instante de sentidas exclamações!

Com os gritos incessantes desses entezinhos innocentes, ha uma orchestração mysteriosa, cheia de verdadeiro encanto e, ao mesmo tempo, de pesada e sombria nevoa de melancolia, que nos produz uma sensação extranha e impressionante!

De todos os lados, com este vozerio atordoante, chegam, inesperadamente, num ruflar doido de azas, todos os passaros vizinhos. Com seus trinos imponentes, e com vivo alarme, circulam os sabiás queixosos e offendidos; e, nestes vôos rapidos e defensivos, formam um quadro empolgante e commovedor, quasi impossivel de descrever-se.

— Voltemos, outra vez, ao seu raminho habitual, onde o deixámos saudando a Natureza, e, com a alma embevecida, toda aberta para elle, gosemos alegremente esse canto, entoando hymnos de louvores á sua gloriosa figura de artista, de rei, de soberano fascinador dos nossos bosques.

"Sabiá cinzento"

(Turdus leucomelas — familia *Turdidae)*

Este excellente cantor é cinzento-escuro-amarellado no lado dorsal, cinzento claro na barriga e amarello-carregado na parte inferior das azas, notando-se riscos claros, bem viziveis, na parte inferior do pescoço.

Por aqui, é mais commum e menos selvagem que o *Sabiá laranjeira*.

SciELO

No tempo da maturação dos fructos, vemol-o, aos bandos, nos quintaes, onde passa a maior parte do dia a saltitar pelo chão, beliscando aqui e alli as laranjas *cahidas de maduras*.

Quando vae escasseando esse delicioso manjar, seu alimento predilecto, atira-se gulosamente aos mamões, figos e demais fructas.

E' um dos mais queridos cantores da nossa gente, que vê nos seus gorgeios, ora tristes e meditativos, ora doces e harmoniozos, a expressão verdadeira da saudade...

Os seus trillos, repassados de sentimento e profunda melancholia, são, de facto enternecedores.

O canto que se faz ouvir das grimpas das arvores, é muitissimo variado.

Comparo-o a uma flauta melodiosa, com variações admiraveis.

Exprime bem os sentimentos da alma apaixonada do cabôclo, que, na sua linguagem simples, assim lhe traduz um dos trechos da linda canção: —« Eu plantei, não nasceu, apodreceu... frio-frio... »

Em setembro, começa a construir o seu ninho, que, quasi sempre, estabelece em logares baixos: nas restingas de matto beira corrego, nas saliencias dos barrancos, debaixo das pontes, nas moitas de bananeiras e, tambem, nos arbustos dos pomares.

Esse ninho muito se assemelha ao do *Turdus ruflventris*.

Em outubro contem tres ovos (muito raramente quatro), de forma alongada, e de côr verde-clara, com pintas desmaiadas, notando-se na parte rhomba uma corôa ferruginosa.

A's vezes, variam de côr e falta-lhes essa corôa.

A femea chóca-os com ardor, e, emquanto dura a incubação, o macho fica nas proximidades do ninho, *distrahindo* a companheira dedicada com o seu delicioso canto de amor...

"Coruja das torres"

(*Strix flammea perlata* — familia *Strigidae*)

Como o indica seu nome vulgar, esta grande coruja habita de preferencia as torres, onde permanece durante o dia.

SciELO

Costuma, tambem, refugiar-se da luz do Sol nos fôrros poeirentos das casas abandonadas e em ruina, nos buracos dos velhos vallos e em outras cavidades naturaes. Ahi passa o dia socegada, cochilando.

Em chegando, porém, a noite, desperta e sáe á caça de morcegos, ratos, pequenas aves e insectos, deixando notar-se-lhe, no vôo de pouca altura, o grande volume do corpo, e a envergadura das enormes e possantes azas.

Nas suas excursões nocturnas, de envolta com o forte ruflar das azas, ouve-se-lhe o grito peculiar, que tanto mêdo ás vezes até pavor causa aos espiritos supersticiosos.

Affirmam as pessôas ignaras serem presagio de morte as risadas sarcasticas que desfere do telhado, da casa em que haja alguem doente.

E', por isso, odiada e perseguida por essa gente simples e credula, que a considera como ave de máo agoiro.

"A superstição cuidadosamente e fundamente implantada no espirito da creança — diz illustre escriptor, não abandona o adulto; é como os vicios que se transmittem com o primeiro leite".

Deixemos, porém, essa gente ignorante com a sua crendice infantil e louvemos a existencia dessa ave tão util, pela caça que dá aos roedores e demais animais damninhos.

Protejamol-a tambem, livrando-a da mortifera *pica páo*, de seus crueis perseguidores.

Em maio de 1924, encontrei-lhe o ninho num canto do fôrro de uma casa velha. Continha cinco ovos, completamente brancos, esphericos e de casca porosa, os quaes se achavam dispostos sobre ruim cama: simples esteira, sem nenhum material para amparal-os.

Alguns dias depois, visitando novamente o ninho, lá estavam mais quatro ovos já em inicio de incubação.

Um outro ninho, achado na capellinha de um cemiterio, continha tambem, quatro ovos, em estado adeantado de incubação.

Considero, portanto, anormal a postura de cinco.

Estes ovos medem 42.^{mm}. de comprimento e 33$^{m.m}$. de largura.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

"Alma de gato"

(*Piaya cayana* — familia *Cuculidae*)

Esta não é cercada de tanta sympathia como o Sabiá ; porém, não deixa de ser uma formosa rainha do silencio. um tanto enigmatica e credora, da maior admiração por parte de quantos se dedicam ao estudo desses seres empolgantes, que povoam as solidões dos pittorescos bosques.

Sobre o modo de sua nidificação, ao que me parece, pouco se tem escripto até agora, a não o que existe do sabio von Ihering, que obteve do snr. Garbe, em Bahurú, tres ovos, conforme se vê na Revista do Museu Paulista, vol. V, de 1902, a fls. 302.

C. Euler, em seu estudo admiravel sobre os nossos passaros, trabalho em que revelou conhecimento profundo na materia e grande poder de observação, passou ligeiramente por esta ave, dizendo, apenas, tel-a encontrado com uma folha ao bico, destinada naturalmente á construcção do ninho.

Sobre os ovos, elle se contentou em dar informações de Spix e Martius, que obtiveram, em Minas Geras, seis ovos verdes, com marmorizações.

Houve, neste ponto, um engano destes notaveis naturalistas, como já foi annotado por von Ihering.

Embora quasi todos os scientistas que percorreram os nossos campos e matos pouco tenham dito com relação a esta esquiva ave, vou apresental-a e tratar de seu modo de vida, nidificação e ovos.

Completamente differente de suas companheiras, gostando muito de viver a sós, longe da matinada dos outros passaros. por entre os arbustos existentes nos pomares e nas restingas de capoeirinhas ella passa, assim, grande parte da vida.

Vemo la, quasi sempre. muito escondida por entre as folhas, nunca se expondo inteiramente aos olhares dos curiosos ; por isso, um exame detido na sua linda plumagem é cousa difficil.

Enfeitam lhe o lindo corpo pennas multi-côres, destacando-se, de todas, a côr pronunciada da ferrugem.

O mais interessante que se nota nesta ave é a agilidade com que passa pela folhagem : ora aqui, ora acolá, mais distante, difficilmente podendo-se

SciELO

apreciál-a pousada num ramo, *meditando* sobre alguma cousa.

O seu espiritozinho é agil, e a sua diversão favorita, parece, saltitar, fazendo mil caracóes, de envolta com os bellos e variados gorgeios, desferidos a todo instante, por entre a ramaria em flôr.

O seu canto é de uma melodia inegualavel, sendo porém, pouco conhecido, talvez por serem os deliciosos preludios soltos aos ventos, ás escondidas, sem a mais leve vaidade de exhibição.

Não obstante muito arisca, encontramol-a sempre nos arredores da cidade, *rabilonga*, elegante e extremamente faceira, fazendo nos crêr que ella, nos rapidos gyros matutinos, apressada e occulta nas franças dos arvoredos, reconhece a sua aristocratica belleza, pois, quando é descoberta nos esconderijos passageiros, pelos olhares indiscretos levanta o topete magestoso, inclina a longa cauda e entôa o empolgante e harmonioso canto, e vae em célere carreira pelas umbrosas frondes.

A maneira de sua nidificação, como já disse, até aqui quasi desconhecida, é de uma singeleza a toda prova, consistindo a feitura do ninho em uma tigella rasa, de raizes de capim, bem trançado e coberto, na parte externa, por folhas de bambú e pedacinhos de gravetos.

Em 1923, no mez de novembro, num dos meus passeios pelos pomares de uma chacara vizinha, fui encontrar-lhe um ninho numa jaboticabeira, por entre arbustos, que formavam um caramanchão pittoresco, mas pouco frequentado, e, por certo, desconhecido na sua frescura, em tempos de calor

Nesse ninho, havia dois filhotes robustos e gulosos, e já bem implumados, com as azinhas apparelhadas para um vôo encaracolado, atraz de seus queridos paes, nas suas carreiras vertiginosas.

Em 1924, encontrei outro, á beira de um corrego, confeccionado nas mesmas condições do precedente, porem, com uma diferença notavel: em vez de encontrar dois sadios individuos, já quasi libertos, senhores dos ares, se me depararam tres bellissimos ovos, já em pequeno começo de incubação. E'-lhes a côr predominante o branco, com tonalidades ligeiramente, amarelladas e, raramente, algumas manchas sépias, na parte superior, tendo a casca uma superficial camada calcarea, a ponto de, repetidas vezes

serem riscados pelos seus pezinhos, e semelhantes, em parte, aos do *Crotophaga ani*.

O tamanho, regula tambem com os deste, divergindo, porém, na fórma, por serem mais redondos e levemente alongados.

Medem 33^{mm} de comprimento e 26^{mm} de largura. Colhi essa riquissima postura com o maximo esmero e com o maximo empenho, por ser rarissima; e, neste caso, tratava-se de uma colheita rara, em vista do numero de ovos.

Geralmente, a sua ninhada consta de dois, como já tive occasião de observar em diversos ninhos achados por aqui, quasi todos construidos em fins de novembro ou principios de dezembro; e, dos varios ninhos encontrados, só pude aproveitar esta ninhada de tres, que se acha em minha collecção, sob o n. 33 1/3.

Os logares preferidos, para a construcção destes simples ninhos são, commumente, em arbustos fechados, cobertos de vegetações, e, ás vezes, em moitas de bambú; e quando nestas, no meio da agglomeração das folhas, cahidas em todas as direcções.

Sua alimentação consiste quasi que exclusivamente de insectos, os quaes não lhe escapam ao biquinho adestrado, quando ella dá o vôo rasteiro e confuso, no meio do denso matagal...

"João Velho" ou "Quem-Quem"

(*Cyanocorax cyanopogon* — familia *Corvidae*)

Quem penetrar no interior das nossas sombrias mattas, ou percorrer as nossas campinas e cerrados, ha de ouvir o appello forte e continuo desta linda ave, o qual se pode traduzir por estas palavras dissylabicas: — "quem-quem", "quem-quem"...

Esta *Gralha de peito branco* (nome por que é tambem conhecida) é ave alegre, viva e agil.

Ao menor ruido suspeito, solta logo o grito atordoante e não raro, mesclado de um tom accentuado de melancholia.

Vive de preferencia nos cerrados, em pequenas familias, que se dissolvem, aos casaes, no tempo das chuvas. Ahi, encontra o alimento preferido: insectos grãos, bagos e ovos, que rouba dos ninhos a outras aves.

SciELO

E', tambem, muito gulosa do milho, sendo, por isso odiadas pelos lavradores, que não lhe poupam a vida, quando, nos verdes milharaes, a encontram, em bandos, num reboliço alegre, comendo regaladamente o olhinho sadio desses grãos alimenticios.

Os passarinheiros inexperientes costumam armar-lhe, a quatro cantos, bem feito laços, mas, dada a sua perspicacia e viva inteligencia, essa sympathica figura prega aos seus perseguidores formidavel logro, como vamos ver.

Cahindo na armadilha, feita com segurança e paciencia, ella, sabiamente, astuciosamente, pula na forte verga, leva o pesinho ao pescoço e tira o nó fatal que lho constringe e que, certamente, lhe traria a morte ou o inevitavel engaiolamento.

Não é difficil, entretanto, apanhal-a em arapuca, ou em varas enviscadas, dispostas pelas arvores que frequenta.

No captiveiro, em companhia de outras aves, não se comporta bem, matando, a bicadas, as especies menores, que lhe não podem offerecer resistencia.

Quando acorrentada á gaiola, que é semelhante a em que vive *maginando* o pachorrento papagaio, podemos melhor admiral-a. Ahi no isolamento de sua prisão, vive n'uma eterna melancholia, curtindo as saudades do bando alegre de suas livres e felizes companheiras.

A's vezes, tenta livrar-se do infame captiveiro, e, num arranco doido, desprende o vôo. Esforço vão! eil-a de cabeça para baixo, com a fragil perninha presa a dura corrente, semi morta, sem forças para tornar ao puleiro da gaiola immunda, que lhe serve de carcere....

Seu ninho encontra-se em arvores altas e difficil accesso, como o esquio jacarandá, em cuja copa, sobre segura forquilha, costuma escondel-o.

E' feito de gravetos, raizes, capim, etc., e tem a fórma de espaçosa tigella.

A postura consta de quatro a cinco ovos, e encontra-se em setembro e outubro.

Os ovos de differentes ninhos variam de conformação e de côr.

Em minha collecção tenho quatro de uma só ninhada, os quaes são azulados, com pintas pretas carregadas. Medem 33.^{mm} de comprimento e 23.^{mm} de largura.

SciELO

"Rapaz" ou "Agua-só"

(Gallinago gigantea — familia — *Charadrüdae)*

Esta ave imponente, «de côr bruno-denegrida no lado dorsal com grandes manchas e faixas transversaes castanho-amarella», habita os banhados e brejos — suas moradas favoritas.

Para mais accentuar-lhe a predilecção pelos logares pantanosos, chamarei a attenção para o facto de ser encontrada quasi sempre mergulhada nas touceiras humidas dos brejaes, espreitando insectos e pequenos animaes aquaticos.

Vemol-a tambem, á noite, muito apressada, atravessando os ares, «cortando vento» e chamando em vóz alta e compassada: — « ò rapaz ! » « ó rapaz!...

Denuncia se facilmente por esta outra vóz, que, ainda á noite se faz ouvir, e sôa claramente : — « Agua-só !» «Aqua-só !» seguida de rumor surdo, voz muito bem traduzida pelos nossos roceiros, que a dizem ser prenunciadora de chuva. Dahi os nomes onomatopaicos, porque é conhecida.

Goeldi a descreve muito bem, e, sobre o seu ninho e ovos, diz não haver encontrado quaesquer indicações na literatura scientifica.

Affirma tambem, von Ihering que não se conhece o ovo desta gallinhola

Os demais naturalistas que estudaram a nossa avifauna não o acharam.

Fui mais feliz. Em meiados de setembro de 1924, descobri-lhe o ninho sobre pequena moita de capim, consistindo o seu arranjo em ligeiro, amassamento dessa graminea, formando uma simples depressão. Ahi, a femea, sem mais cuidado, deitou os dois interessantes ovos grandes, bojudos e levemente alongados.

Predomina-lhes a côr bruno-clara, com manchas desmaiadas em todo o campo.

Medem 58.^{mm} de comprimento e 39.^{mm} de largura.

Essa primorosa postura enriquece a minha collecção, ao lado dos incomparaveis ovos da Jaçanã *(Jacana spinosa)*, os quaes pelo lindo traçado são, como diz Goeldi — « dignos do pincel de um pintor».

«Cortando vento» e pronunciando «Agua-só», essa original figura, ao lado das tragicas corujas, de

par com os tristonhos caburés e impressionantes urutáos, entôa, principalmeute em noites de luar a sua musica nocturna, derramando na amplidão silenciosa uma tristeza infinita e cheia, para alguns, de máos prenagios, de agouros sinistros, emquanto que, para outros, são melodias deleitosas, em que vêm todos os fulgores da radiante Natureza...

"Quero-quero"

(Belonopterus cayennensis — familia — *Charadrüdae)*

Eil-o, primeiramente, no ar, batendo compassadamente as azas: — «quero-quero».... «quero-quero»...

E, assim, nessa toada monotona, vae seguindo o seu gyro vagaroso, principalmente em dezembro, quando as chuvas, no seu periodo intenso de inverno, nos offerece, de vez enquando, tardes alegres, promissoras de estio que vae tardando.

Nessa epoca, então, podemos esperar os bandos dos «Quero-quero», dispersos aos casaes, surgindo, quasi sempre, das invernadas. Vão a procura, talvez, de pousos differentes, para melhor passarem os rigores do inverno do outro dia.

O «Quero-quero» é ave dos pantanos, da beira d'agua, onde vive em pequenos bandos, juntamente com outras aves aquaticas.

Não é raro, entretanto, encontral-o nos campos vizinhos das fazendas, entre o gado que pasta silenciosamente.

Sempre vigilante e cauteloso, observa tudo o que se lhe passa em volta.

Se receia qualquer apparição extranha, adverte do perigo as companheiras, fazendo ouvir o seu grito de alarme : — «quero-quero», «quero-quero»...

Sobre esta ave escreve Zorrilla de San Martin : O «teru-tero» é o guerrilheiro alado que da o alarma ao intruso ou denuncia o homem escondido ; tem a consciencia do seu direito e a illusão de sua força, baseado nas duplas púas rosadas de suas azas. Não é maior do que uma perdiz, e da a impressão de uma féra ; sel-o-ia dos ares se fosse do tamanho de um Condor, porque o «Teru-tero» é o passaro heroico. Não foge da descarga mortifera, acode ao companheiro ferido e morre sobre elle, lançando seu ana-

thema : — «teru !... tero !... com o olho injectado, brilhante como uma gotta de tinta».

Seu ninho encontra-se nas vargens, em logares seccos, e consiste em simples depressão do solo.

A postura consta de quatro ovos alongados, e têm a forma de pêra. São de um amarello azeitonado, com pintas e manchas pretas em todo o campo.

C. Sternberg, citado por Carlos Euler, diz haver encontrado estes ovos com as pontas agudas symetricamente viradas para o centro do ninho.

Em setembro do anno de 1925, pude constatar essa curiosa observação, em uma excursão feita ao rio de «S. Francisco». Ahi se achava essa ave magnifica numa enorme vargem, onde lhe foi encontrado o ninho, que continha quatro ovos nessa posição original. Ao approximarmos do seu ninho o macho cauteloso dá logo forte signal de aviso, e a femea levanta o vôo e vem ao nosso encontro, toda zangada, com reiteradas investidas, manifestando, desse modo, grande amor a ninhada.

Ainda em outra pesquiza ornithologica, á margem do referido rio, foram encontrados mais tres ovos desta ave, os quaes se achavam numa escavação rasa feita no esterco de gado.

Para complemento destes «ensaios», vou, agora, apresentar duas figurinhas indispensaveis dos jardins: — o Tico-tico e a rolinha «Fogo-pagou».

"Tico-tico"

(Brachyspiza capensis — familia *Fringillidae)*

« A minha vida é assim : — assim, assim, assim... »

Traduziu muito bem o canto do « Tico-tico » illustre naturalista, que sobre elle escreveu paginas admiraveis.

E', na verdade, muito expressivo o canto deste passarinho, bastante conhecido por todos nós e de costumes quasi domesticos.

Para apreciál-o de perto não é necessario grande trabalho : encontramol-o a todo momento. Da janella de nossas casas, vemol-o sempre a saltitar pelos arbustos dos jardins, fazendo ouvir, de quando em vez, o seu — tic... tic tic, que lhe deu o nome.

Quasi nunca se afasta desse ambiente saturado de essencias finas, e, por essa razão, todos o distinguem bem, destacando-o logo de todas as avezinhas dos pomares e dos jardins. Admiro-o immensamente, a ponto de, ás vezes, ficar longo tempo embebido ante a sua figurinha extremamente rachitica, quasi *rheumatica*, apreciando-lhe os interessantes saltinhos. Não tem a propriedade de trocar as pernas, como as outras aves: — anda aos pulinhos pelos pomares em fóra, onde, intelligentemente, com o seu forte biquinho, remexe tudo, á procura de algum petisco.

A sua vida é de uma simplicidade extraordinaria, e conhecida até das creanças.

Não faz mal a ninguem e nem é considerado passaro nocivo ás plantações, pois, para a sua minguada alimentação, contenta-se com alguma cangiquinha de arroz, farello de milho e pequeninos insectos. Assim, passa a sua vidinha folgada, dando mais alegria ás nossas vivendas. Ahi, em logar apropriado, costuma fazer o ninho, construido cuidadosamente de fôlhas seccas, raizes finas e outros materiaes.

A fórma é a de uma tigellinha, cujo fundo é forrado de cabellos muito bem arrumados. E' perseguido atrozmente pela sua sombra negra — o *Vira (Molothrus bonariensis)*, passaro de que muito já falámos no anterior «ensaio» e que não dá ao pobre «Tico-tico» a felicidade de ver a sua prole completa.

Já tive occasião de vêr diversos ninhos desfeitos por esse intrujão ousado. Dentre os passaros perseguidos por elle, o mais infeliz, o mais preferido por esse individuo preguiçoso, é o «Tico-tico».

No seu ninho ha sempre uma invasão collossal de ovos: — tres, quatro, e, não raro, seis! Este obstinado parasita chega a ponto de, muito frequentemente, não se contentar de por os seus ovos ao lado dos existentes no ninho. Vae mais longe: quebra ousadamente os do bemfeitor, para que outros seus comparsas possam introduzir mais alguns, facilitando, assim, o crescente desenvolvimento de sua prole, emquanto que a do trabalhador incansavel fica seriamente prejudicada.

O innocente e bondoso «Tico-tico» acceita passivamente e mesmo generosamente essa invasão fraudulenta, e, alegremente, pipilando, cria, com vivo

SciELO

amor e carinho, os filhos desses incorrigiveis malfeitores.

Não raro, vemol-o apressado, cansadinho, seguido de perto pelo seu cortejo escuro, procurando, com avidez, petiscos saborozos para essas guelas esfomeadas, insaciaveis e gritadeiras.

A postura completa do «Tico-tico», que é para nós, colleccionadores, coisa notavel, consta de tres ovos, muitissimos variaveis em côres.

Segundo as nossas proprias observações, a sua côr typica é o verde-aguado, salpicado de pingos e manchas vermelhas, que se reunem na parte rhomba, em forma de corôa.

Elle ama extraordinariamente as tristonhas tardes de inverno, em que a Natureza se cobre de pesada cerração, como, tambem, parece encontrar certo encanto nas noites escuras. Nessas occasiões, chama sempre a nossa attenção, quando de um galhinho, muito a sós, solta o seu sibilante canto, muito bem apanhado, como já disse, por grande apreciador da bella sciencia ornithologica : — « A minha vida é assim : assim, assim, assim...»

"Rolinha carijó"

(Scardafella squamosa — familia *Peristeridae)*

Quanta graça, quanta ternura não encerra essa alminha innoffensiva dos terreiros!...

De todas as aves existentes na terra é, sem duvida, a mais vulgar, é a que mais se vê. Não obstante essa accentuada popularidade, dedicar-lhe-ei alguns momentos, deixando-lhe nestas ligeiras linhas a minha profunda sympathia.

Avezinha inconfundivel dos quintaes, a «Rolinha carijó» muito nos prende a attenção, não só pela meiguice e captivante mansidão, como, tambem, pela peculiar maneira de andar. Toda apressada, de cabecinha inquieta, num vae e vem muito original, vae catando, alegremente, ora aqui, ora alli, migalhas de pão deixadas cahir por meninos travessos, ou, então, aproveitando os farellos de arroz ou qualquer outra substancia alimenticia, para o inteiro regalo do forte estomagozinho.

SciELO

Toda creança, por mais ingenua que seja gosta immensamente de perseguil-a, atirando-lhe pedradas maldosas, magoando-lhe o corpo franzino e delicado.

Coitadinha!...

Mesmo assim, pouco se lhe importam essas perseguições atrozes: anda calmamente passeando pelas ruas da cidade, de preferencia no beiral do telhado das casas, sempre debicando, e soltando, a todo momento, o doce e querulo «fogo-pagou», cujos sons sentidos nos calam fortemente á alma, trazendo-nos gratas recordações da quadra longinqua da despreocupada meninice, quando, alvoraçados, sem dó e nem piedade, lhe armavamos peneiras, afim de encarceral-a em desconfortavel caixôte, com téla de arame.

Temos a alegria immensa de encontral-a sempre aos casaes, ambos muito satisfeitos, arrulhando e envolvidos numa perenne e indissoluvel cadeia de amor, parecendo que, nesses arrulhares amorosos, as cabecinhas unidas, existe a mais sincera lealdade e a mais inteira confiança mutua.

Se passamos por esses paresinhos encantadôres, assim nessa posição linda e fascinante, juntinhos voam celeremente, deixando ouvir-se um chocalhar bem distincto, o que lhe fez grangear o nome bem conhecido de «Rolinha cascavel».

Chegada a epoca da procriação, constroe o ninho nos bastos pomares. Esse ninho não merece muita attenção: — é feito negligentemente, sem requintes de arte, constando, apenas, de trama frouxa de raizes e capim, offerecendo pouca resistencia; mas o trabalho da femea, nessa construcção modesta, é muito original, como o é tambem o do macho.

Ha pouco, no meu pomar, em uma jaboticabeira, observei-os longamente, na faina ardente do arranjo do ninho. E' um espectaculo interessante vel-os trabalhar o dia inteiro, cada qual desempenhando deligentemente o seu papel. Emquanto o macho, apressado e previdente, emprega todos os esforços para o bom andamento da obra iniciada, a femea, geitosamente, entrelaça as finas raizes em todas as partes do ninho, e procura com o peitinho, dar-lhe a forma conveniente para receber os ovos, até que o companheiro incansavel venha trazer-lhe novas raizes, para recomeçar o serviço em franco andamento. Prazenteiramente, ella recebe o macho diligente, abrindo-lhe

SciELO

as azas, onde elle, muito delicado pousa, trazendo, preso ao bico, um feixinho de capim, escolhido a proposito.

Depois de auxilial-a um pouco e de acarical-a com meigos arrulhos, volta incontinenti, á procura de mais material para o acabamento do ninho.

E, assim, num vae-e vem incessante, em poucos dias vêm o seu trabalho coròado de exito, e o ninho prompto para receber os ovinhos, invariavelmente, em numero de dois, e extremamente brancos, formando, na parte superior, uma pontinha bem vizivel, o que não os deixa, assim, confundir-se com os, tambem brancos, de sua parenta, — *Columbigallina talpacoti*, «Rolinha caldo de feijão, como tão bem se exprime a creançada...

Nidifica muitas vezes ao anno, sendo o ninho encontrado sem a menor difficuldade.

Goeldi nunca o encontrou, como se vê no seu livro «As aves do Brasil», a fls. 381 : «Quanto ao modo da reprodução na vida livre, conserva-se calada a litteratura scientifica». Penso que, nesse caso, havia na região estudada por esse esforçado naturalista, falta consideravel dessa especie, porquanto, da familia, é uma das mais frequentes, vendo-se, diariamente, baudos enormes.

Ella ama os filhinhos com o mais vehemente e devotado amor, creando-os com todo o conforto, até a completa *emancipação*.

Depois de privados do carinho maternal, livres, completamente livres, desapparecem dos paes, indo, por sua vez, escolher companheiros mais distantes : e os paezinhos ditosos, novamente folgados, voltam aos terreiros preferidos, para gaudio nosso, alegrando-nos com sua presença e, tambem, deliciando-nos os ouvidos, sempre ao romper da manhã, da cumieira de nossas casas, com o expressivo e nunca demais «fogo-pagou»...

— Mais uma vez peço aos meus leitores indulgencia para estas despretenciosas observações. Como já disse, não sou um scientista e sim um amigo e admirador das nossas aves.

Amo-as devéras e vejo-as sempre de perto, procurando em cada uma, na medida de minhas forças, os seus multiplos segredos de vida, e, desta fórma, sinto-as bem junto de mim, atravez de um prisma

edificante, produzindo em minha alma um arrebatamento incontido, mormente quando derramam na amplidão a sua musica harmoniosa, variada e divina.

Dôres do Indayá, dezembro, 1926.

ANTONIO CAETANO GUIMARÃES JUNIOR.

NOTA : — No meu artigo — «Ensaios sobre ornithologia», — publicado no vol. XIV desta Revista, dei o nome de *Ramphocoelus brasilius* ao nosso «Sangue de boi», tambem conhecido por «Tiê-sangue», «Canario baêta», «Canario do matto» e Sanhaço de fôgo, passaro este de linda plumagem escarlate.

O seu verdadeiro nome scientifico é *Pirangasaira*. *Rhamphococelus brasilius* é especie menor, de azas e cauda negras.

A. C. G. J.

Viagem de Spix e Martius pela Capitania de São Paulo

(1817 — 1818)

SciELO

Duas palavras

Da viagem capital de Spix e Martius está por se fazer ainda a traducção portugueza, infelizmente pois semelhante facto é bem desabonador do zelo dos nossos Institutos Historicos.

Diversos fragmentos existem porém vertidos e impressos. Assim quanto á passagem dos dous naturalistas celebres pelas terras bahianas, trabalho realisado com o maior carinho pela competencia do eminente professor da Faculdade de Medicina da Bahia o Dr. Pirajá da Silva.

Ha tambem umas poucas paginas referentes ao trajecto de Lorena a S. Paulo e á estadia dos dous famosos companheiros de jornada em S. Paulo, traduzidas para a *Revista do Instituto Historico de São Paulo* (Tomo — XIV) pelo tão modesto quanto illustrado João Vetter.

Resolvemos inserir no presente tomo da *Revista do Museu Paulista* a traducção integral do trecho descriptivo da viagem do illustre zoologo, e do autor da *Flora* e relativa a sua permanencia em terras paulistas, fazendo-a anteceder de um resumo referente á chegada e estadia dos dous autores no Rio de Janeiro e a parte de seu itinerario do Rio a Lorena. Pude realisar esta summula graças ás indicações ministradas por meu cunhado Dr. Edmur de Sonza Queiroz para quem não tem segredos a correspondencia entre o allemão e o portuguez e minha Mulher, que tambem conhece muito bem o allemão. Assim o Dr. Edmur de Souza Queiroz verificou a traducção do Snr. Vetter impondo a esta parte do texto forma muito mais vernacular.

SciELO

O resto do original traduziu-o o Snr. Herbert Baldus, joven e incansavel estudioso da nossa ethnographia e collaborador da *Revista*. A' sua versão deu forma vernacular o saudosissimo amigo Prof. Herculano C. de Moraes Silveira que tanto tinha de modesto quanto de erudito.

Affonso de E. Taunay

S. Paulo, 30 de Outubro de 1927

SciELO

Spix e Martius

Viagem de Spix e Martius do Rio de Janeiro á Cidade e Capitania de S. Paulo (1817 — 1818).

Chegada ao Rio de Janeiro. Aspectos da capital brasileira. Excursão pelos seus arredores. Partida para S Paulo. Santa Cruz e Itaguahy. Subida da Serra do Mar. São João Marcos, Bananal, Barreiro e Areias.

A 14 de julho de 1817 ancorava no porto do Rio de Janeiro a fragata austriaca « Austria », a bordo da qual viajavam dois jovens naturalistas bavaros, fadados á maior celebridade e chamados a prestar ás sciencias naturaes e ao Brasil os maiores serviços: os drs. João Baptista von Spix e Carlos Frederico Philippe von Martius, que o rei de Baviera, Maximiliano José I, enviava em missão scientifica ao nosso paiz.

Não ha quem conheça um pouco das cousas da nossa terra e a quem sejam extranhos estes nomes notabilissimos. Viveu Spix muito menos do que o seu companheiro e assim sua obra é muito menor do que a de Martius, mas nem por isso deixa de ser uma das mais eminentes realisadas por naturalistas de todos os tempos.

Martius, este ligou imperecivelmente o nome a um dos maiores monumentos naturalisticos do seculo XIX, a « Flora Brasiliensis », como todos sabem, e os seus estudos ethnographicos consagraram-n'o como um dos mais illustres conhecedores da anthropologia americana de seu tempo.

Até hoje (e isto não nos abona os creditos culturaes) está para ser traduzida em portuguez a re-

lação da viagem dos dois inseparaveis e eminentes amigos, a não ser quanto ao trecho relativo á sua excursão pela Bahia, devido ao sr. Prof. Pirajá da Silva e a pequeno trecho por Vetter.

Acharam Spix e Martius o desembarque no Rio de Janeiro muito pittoresco.

A' sua fragata cercaram numerosissimas canôas, tripuladas por negros e mulatos, offerecendo serviços. Chegados ao largo do Paço, encontraram grande multidão do gente de côr, semi-nua, que os assaltou, querendo acompanhal-os como carregadores de suas bagagens. Foram passar a noite no hotel de um italiano, unica hospedaria então existente no Rio de Janeiro.

Ahi pouco se demoraram, indo depois morar em pequena casa alugada no bairro de Sant'Anna, com vista para o Corcovado e situação muito aprasivel.

Tiveram pouco depois agradavel encontro com o barão de Langsdorff, que bem conheciam já, de nome, como viajante acompanhador de Krusenstern na sua jornada circumnavegatoria, e os seus estudos sobre sciencias naturaes.

Tambem muito apreciaram a palestra e os conselhos do barão de Eschwege, o illustre geologo allemão ao serviço de Portugal e do coronel Feldner. De varios negociantes allemães, da praça do Rio, receberam obsequios e gentilezas, auxiliando-os muito o ministro austriaco, barão de Neveu, que em pouco tempo lhes arranjou os papeis necessarios á longa viagem a emprehender pelo Brasil, passaportes, salvo-conductos, etc.

Extranho aspecto o do Rio de Janeiro em 1817, notam Spix e Martius, no primeiro tomo da sua relação de viagem. Muito aspecto europeu e muito contraste curioso, trazidos pela presença da grande população negra, semi-nua. Em todo o caso, não era na capital brasileira que o europeu podia imaginar travar conhecimento com a selva americana.

Ah! isto não! Ali como que havia um prolongamento da civilisação européa.

Depois de falar dos diversos bairros do Rio, gabando-lhes a belleza dos arrabaldes, lembram os dois amigos que a acção real já concorrera para melhorar o facies architectonico fluminense. Desappareciam rapidamente as rotulas que tanto davam um ar mou-

SciELO

risco á capital da monarchia, e agora se substituiam por balcões e vidraças.

Apreciaram o calçamento das ruas a granito e os passeios, mas acharam-lhe deficientissima a illuminação.

Durava ella algumas horas por noite, apenas, e provinha de lampeões de azeite, fraquissimos, acesos em frente aos nichos dos Santos.

Mesquinho se lhes apresentou o Paço Real, e a cidade, edificada á semelhança dos mais velhos bairros lisboetas, tinha muito mediocre aspecto, ao passo que, vista do mar, parecia dispôr de sumptuosa architectura, devido ao vulto de algumas construcções, como o antigo collegio jesuitico, o Mosteiro de S. Bento, o palacio da Conceição, etc.

A' capital brasileira, trouxera a vinda de d. João VI grandes beneficios. Construiram-se edificios publicos valiosos, como a Casa da Moeda, muitos predios particulares, em chacaras dos arrabaldes, sobretudo no Cattete e Mata-Porcos. Via se por toda a parte, grande actividade dos constructores, pedreiras em obra, com explosões a cada momento.

Das egrejas fluminenses, gabam Spix e Martius a Candelaria, São Francisco de Paula e Nossa Senhora da Gloria, esta por sua bella collocação. Em todo o caso, não lhes tecem arroubados elogios, achando-as por demais douradas e muito despidas de quadros e estatuas de valor.

A mais notavel construcção do Rio vinha a ser, certamente, o aqueducto da Carioca, cujo chafariz do largo do Paço, junto ao caes do desembarcadouro, vivia cercado de uma turba de negros e marinheiros de todas as nacionalidades.

Injustamente malsinára o illustre Cook da lympha pura da Carioca. Como experiencia, haviam navios portuguezes transportado barris da famosa agua á India, trazendo-os de novo ao Rio. Pois bem, mostrara se incorruptivel Ruim vinha a ser o systema de sua distribuição, feita á cabeça dos negros, em barris expostos á contaminação, tanto mais quanto ficava o liquido muito tempo exposto aos raios solares.

Como, sobre a acção salutar do sol, eram diversos os nossos pontos de vista e os de ha pouco mais de um seculo, mesmo entre homens eminentes, como os dois grandes viajantes !

Havia, nas ruas commerciaes do Rio, formidavel borborinho e grande actividade de negocios, lojas e mais lojas, armazens e depositos, turbas de negros e marinheiros, magotes de empregados no commercio. Passavam carroças, carros de bois e outros vehiculos, carregados de mercadorias, tudo a fazer muito barulho, ainda reforçado pelo espoucar de foguetes, frequentemente lançados ao ar de diversos pontos da cidade, e pelos tiros de peça disparados das fortalezas e dos navios do porto.

Era de atordoar esta algazarra, declaram os naturalistas.

Que seria esta barulhada comparada com a do anno da graça de 1927, que numa das principaes ruas cariocas quasi não permitte a conversa, mesmo aos berros, entre os transeuntes?

Cousa que a Spix e Martius causou certa extranheza foi não verem na capital brasileira um unico indio. Julgaram perceber alguns entre os catraieiros do porto, mas viram depois que todos estes supposstos autochtones eram pardos e não indiaticos.

Disseram-lhe que os indigenas mais proximos do Rio estavam em São Lourenço, na outra margem da Guanabara, num aldeiamento aliás pouco numeroso. O primeiro indio com quem se avistaram foi um botucudo que servia ao sr. de Langsdorff.

Ali se achava devido a uma circumstancia curiosa. Solicitara o conde da Barca, ao commandante de um districto indio de Minas Geraes, um craneo de indio botucudo para attender ao pedido do então famoso anthropologo Blumenbach, e o official em vez de remetter material morto enviara-o vivo, sob a especie de dois rapazes botocudos aprisionados numa refrega. Sabedor do facto, pedira Langsdolff um destes indios, que se affeiçoara ao seu serviço com muita dedicação.

Informaram pessoas sabedoras das cousas, aos dois naturalistas, que a vinda da Côrte para o Rio trouxera enormes vantagens á cidade.

Passara ella, de 1808 a 1817, de cincoenta mil habitantes a cento e dez mil. Vinte mil portuguezes para alli haviam afluido, produzindo este facto um enorme branqueamento do tom negro da população, pois em 1808 o coefficiente da proporção branca vinha a ser muito baixo.

SciELO

Além dos portuguezes, muitos e muitos inglezes, francezes, italianos, allemães, hollandezes tinham aproveitado a abertura dos portos e a licença do livre commercio para se estabelecer no Rio. Immenso viera a presença da Côrte activar a civilização no Brasil, e não só na Capital. Desta visinhança beneficiava tambem as provincias visinhas de Minas e S. Paulo.

Observaram Spix e Martius que no Brasil não havia aristocracia, nem nobreza propriamente dita; nas classes abastadas recrutavam se o clero e o funccionalismo. O rei, depois da vinda para o Rio de Janeiro, começara a dar algus titulos e distincções, isto augmentára a attracção da Côrte sobre as populações circumvisinhas já deslumbradas com o luxo e os habitos europeus dos recem-emigrados de 1808.

No Rio de Janeiro, e seus arredores demoraram-se os dois naturalistas bavaros alguns mezes a colleccionar ou admirar-lhes a belleza, extasiados com o que viam e encantados com as novidades encontradas.

Deleitavam-se passeando ao longo do aqueducto da Carioca, seguindo-lhe os kilometros de percurso desde Santa Thereza a Paineiras e á meia encosta do Corcovado Do giboso monte, explorado minuciosamente, passaram á Tijuca, que tambem os extasiou.

Inesperadamente encontraram junto á Cascatinha installado, um membro do Instituto de França, presidente da Classe de Bellas Artes, o pintor Nicolau Antonio Taunay, recem-chegado ao Brasil, membro fundador da Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro, e que alli fora morar, deslumbrado pelo aspecto daquella natureza, extraordinaria, que estava a transportar para a tela. Horas as mais agradaveis decorreram daquelle encontro fortuito e interessantissimo, contam-nos os dois naturalistas.

Deixando a serra do Andarahy, passaram Spix e Martins a visitar as ilhas da Guanabara, o Porto da Estrella, então florescentissimo, como ponto extremo da estrada principal para as Minas Geraes, e a fabrica de polvora da Raiz da Serra. Estiveram na fazenda Mandioca, onde o exquisitão Barão de Langsdorff tinha lavouras, subiram a serra dos Orgams e realizaram algumas viagens não muito dilatadas.

Mas o seu plano era de ir do Rio a São Paulo por terra, dali ao Ipanema, e, pelo caminho de Ati-

baia, a Minas Geraes em direcção a Campanha, São João d'El-Rey e Villa Rica.

Assim a 6 de Dezembro de 1817, sahiam do Rio, rumo de Santa Cruz, Barreiros, Areias, Lorena, etc., percurso habitual realizado pelos que se dispunham a vencer o enorme itinerario entre as duas capitaes, nas suas muitas dezenas de leguas em que havia tanto terreno dobrado a percorrer.

Em alegre e numeroso bota-fóra, acompanharam-n'os amigos e patricios até fora da cidade.

Começou a viagem sob bem maus auspicios. Espantaram-se os animaes da tropa; cahiu da montaria um dos viajantes, o sr. Doring, consul prussiano, e machucou-se tanto que precisou desistir da jornada. Fugiram muitos animaes, um sobretudo deu os maiores cuidados, pois levava valiosa carga, indispensavel á missão scientifica. Atrás deste burro, passarinheiro e espantadiço, sahiu o capataz.

O illustre geologo Barão d'Eschwege, que fazia parte da comitiva, não se mostrava em nada impressionado. Tanto tinha viajado pelo Brasil! Bem sabia que accidentes desta ordem era o "pão nosso de cada dia", nas estradas do paiz. Assim precisou a caravana parar junto á quinta real da Boa Vista. A tardinha appareceu triumphante o arrieiro: Trazia o burro fujão já encontrado em mãos de um personagem que sobre elle lançara o seu direito de posse, como "res nullius" que lhe parecia ser...

Pôde então a tropa seguir viagem e naquelle dia vencer tres leguas. Pousou no Campinho, ao lado de um rancho da estrada real. Alli fizeram os viajantes a sua refeição frugal: jeijão, toucinho e carne secca, dormindo sobre as suas cangalhas e canastras sob o tecto rustico de ranchos de sapé.

Pela madrugada seguinte partiram em direcção a Santa Cruz, mas como a jornada fosse "puxada" pousaram naquelle dia na venda do Santissimo, bodega de nome pittoresco, cujo proprietario era um italiano. Este homem desertor da esquadra de Bougainville em 1767, estava no Brasil havia meio seculo e esquecera completamente a lingua materna e os habitos europeus.

A 10 de Dezembro attingiram os naturalistas Santa Cruz onde com a maior alegria e generosidade os acolheu um patricio, o tenente coronel Feldner.

SciELO

Impressionou mal aos sabios o aspecto daquella enorme fazenda real, que d. João VI doara ao principe d. Pedro. Em torno do velho casarão conventual jesuitico, confiscado sob Pombal, e transformado em quinta real, erguiam-se as miseraveis senzalas de taipa dos quasi mil escravos da fazenda.

Por alli passara, havia uma dezena de annos, John Mawe, o conhecido geologo inglez. Achara então Santa Cruz muito abandonada; agora ainda parecia em peior estado. Muito gado existia nas enormes pastarias, milhares de bois amarellados, degenerados magros, miudos, Porque não os cruzavam com o gado do Rio Grande do Sul que, vivendo em liberdade, encorpava e crescia tanto? indagam os viajantes.

Encontraram Spix e Martius, em Santa Cruz, os restos da colonia chineza que o conde de Linhares ali tentara estabelecer. Tivera desastroso e rapido aniquillamento.

Numerosissimos colonos tinham desaparecido logo, mortos pelas molestias da aclimação e a nostalgia.

Muitos outros haviam fugido para o Rio de Janeiro, onde exerciam os officios de mercadores ambulantes e fogueteiros.

Poucos residiam ainda na fazenda real, onde suas cabanas, rodeadas de jardinetes pittorescos, levavam enorme vantagem ás dos brasileiros e escravos negros.

Notaram os naturalistas a habilidade com que os chinos faziam excellentes enxertos, alguns mesmo maravilhosos.

Um jardim botanico que alli devia florescer achava-se inteiramente abandonado.

Examinaram Spix e Martius curiosamente os pobres chinos. Notaram-lhes a extraordinaria parecença com os nossos aborigenes. E' que uns e outros descendiam de um unico tronco; as differenças culturaes entre ambos os ramos, deccorriam provavelmente da diversidade climatica. E a tal proprosito fizeram os naturalistas uma serie de observações, lembrando ainda quanto lhes pareciam os negros, totalmente diversos dos amarellos e brancos, sob todos os pontos de vista anthropologicos.

Occupava-se o tenente coronel Feldner em fabricar carvão destinado ao gasto da Côrte. Tivera outróra uma commissão na Bahia, como *prospecter* de carvão de pedra, incumbencia esta de que não con-

seguira o menor resultado. Era muito mal pago pelo seu real amo, morava em casinha primitiva e tinha uma alimentação sobremodo parca.

Hospedou os naturalistas com a maios satisfação; ausente desde muito da patria, foi com verdadeira delicia que passou a noite a falar a lingua materna com os illustres hospedes e com elles a entreter-se sobre cousas da civilisação de que tanto andava afastado, a fazer carvão naquellas brenhas.

No dia seguinte acompanhou-os pelas terras da fazenda.

Viram os naturalistas formidaveis revoadas de passaros aquaticos e pelos brejaes, os jaburús se lhes depararam em numero immenso.

No dia 11 deixavam o generoso hospedeiro e seguiam linda estrada, recta e larga, cortando uma região rica em aguas excellentes, que os conduziu a uma barreira do "Registo Regio", posto policial destinado a impedir o descaminho do ouro das Minas Geraes.

A Itaguahy chegaram Spix e Martius, á tarde de 12 de Setembro de 1817, depois de terem percorrido lugares lindos, cuja vegetação se mostrava simplesmente prodigiosa. Aos dois grandes naturalistas immenso agradou a situação de Itaguahy; acharam-na bellissima, deminada por uma egreja, no alto de um morro e junto a um grande lago, onde o numero de pernaltas de numerosas especies era simplesmente espantoso. Cousa que aos eminentes viajantes divertiu muito foi o encontro com grande pic-pau, que os acompanhou pertinazmente. Parecia furioso com a sua presença e soltava descompassados pios de raiva.

Hospedaram-se Spix e Martius num grande engenho de assucar e tiveram outro "estouro" da burrada, agora muito mais grave nas suas consequencias. Uma das mulas fugidas carregou a caixa dos apparelhos de meteorologia; quando novamente capturada, tudo se achava no mais deploravel estado. Felizmente, tinham os viajantes tomado a precaução de mandar para São Paulo, via Santos, uma boa provisão de instrumentos de physica. Não fora assim e não teriam podido angariar novos, pois no Brasil daquelle tempo, muito difficil era a alguem adquiril-os, mesmo no Rio de Janeiro.

Sahindo de Itaguahy, em direcção ao planalto, encontraram os viajantes á raiz da serra, a fazenda

de um hollandez, certo sr. Duffles, que possuia grandes plantações de canna e café, muito rendosas; pois explorava uma terra fertilissima. Que logares lindos os daquella fazenda, paraizo do botanico e do zoologo!

Cresceram bastante alli as collecções dos dois amigos que não perdiam tempo, e tiveram forçada parada, devido ainda a dispersão de sua tropa. Puderam os arrieiros apanhar todos os animaes que vieram porem, com as cangalhas arrebentadas.

Começou a subida da Serra do Mar. Que caminho! Que buracos e atoleiros! Em muitos foi preciso, e penosamente, estivar os passos.

Afinal, depois de algumas horas de immenso trabalho, attingiu a caravana o alto das montanhas e os naturalistas, deslumbrados, longamente se detiveram a contemplar um dos mais admiraveis scenarios do Universo, declaram-no. Que vista! Que panorama, sobre a baixada de Santa Cruz e a enorme bahia de Sepetiba e a Marambaia!

Com que pesar abandonaram aquelle espectaculo estupendo! Continuou o caminho ingreme num valle bem regado e deserto, pelo qual se chegava a um arraial miseravel. Toda aquella região era um verdadeiro eden de naturalistas, riquissima em myrtaceas, orchideas, rubiaceas, scytamineas; abundantissima em aves e insectos.

Attingiram depois Spix e Martius a fazenda de Santa Rosa, situada a mil metros acima do nivel do mar, dependencia da fazenda real de Santa Cruz. Ali havia um feitor e uma turma de escravos a cortar madeiras de lei. De Santa Rosa em deante, ainda mais difficultoso se tornou o vencimento da serra no asperrimo caminho de cabras, ingreme como raros, que cortava a matta virgem luxuriantissima de uma garganta apertada.

Deserto absoluto era aquella natureza selvatica.

Sahidos do desfiladeiro, entraram os naturalistas numa especie de chapada, vendo ao longo a pequena mancha da aldeiola, que era São João Marcos. Causou-lhes surpresa avistar tambem uma fazenda de grandes bemfeitorias o com ares de abandonada. Passando através de extensissimo samambaial, ondo os fetos attingiam enormes dimensões, chegaram os viandantes ao Retiro, pauperrima fazendola, perto de São João Marcos, onde tiveram de dormir ao relento, ouvindo formidavel concerto nocturno de «grillos, ci-

garras, uiús, e bacuraús». Milhões e milhões de vagalumes esvoaçavam e no firmamento negro as estrellas do hemispherio meridional brilhavam como carbunculos acesos. Espectaculo prodigioso, o daquella noite, que os dois naturalistas europeus contemplavam deslumbrados.

Continuava a subida, agora sob densa chuvarada, até uma altitude superior a mil metros. O caminho peiorava ainda, si tal fosse possivel. Não havia, em parte alguma, o menor vestigio de calçadas, ainda menos de pontes. Tremedaes insondaveis surgiam, perigosissimos.

Mas os encantos da natureza nova empolgavam a cada passo os dois naturalistas collaboradores. Causou-lhes a maior surpresa a musicalidade extraordinaria do canto de certas aves grandes e feias, que andavam aos bandos e cujas notas extremas apanhavam grande extensão da escala. Annotaram os dois amigos uma reflexão plausivel. não teriam sido as aves com a influencia do seu canto, as inspiradoras da escala musical humana?

Outra maravilha daquella região. a florescencia espantosamente bella de grande arbustro que já tinham visto figurar nos quadros de Nicolau Antonio Taunay, pintados na Tijuca. Suas propriedades corantes mais tarde haveria Vauquelin de as utilizar na «cochonilha vegetal».

Chegou a caravana ao Pirahy, rio invadeavel. Foi preciso descarregar a tropa e fazer os animaes atravessar a correnteza a nado. Querendo passar a cavallo, quasi se afogou um dos membros da comitiva, o sr. Ender.

Foi um dos mais penosos este trecho do caminho de São Paulo ao Rio de Janeiro, as quatro leguas do Retiro á Fazenda dos Negros, onde os naturalistas pernoitaram. Ahi foi um de seus companheiros mordido por uma carangueijeira e tratado com carvão em braza sobre a picada. Estavam os escravos da fazenda a divertir-se num samba barulhentissimo de que amargamente se queixam os scientistas e de cujos instrumentos musicaes (?) e choreographicos dão a descripção.

Deste dia em deante tornou-se a viagem sobremodo incommoda devido ás continuas e pesadas chuvaradas, causadoras de extrema humidade, cerração e frio. E o peior era que o material já colleccionado

se deteriorava immenso, invadido por uma serie de mofos e bolores cujo apparecimento desolava os naturalistas. Peioravam as estradas, ou antes as veredas, e assim se perdeu muito tempo.

Perto da freguezia do Bananal notaram Spix e Martius que a região tinha mais civilizado facies; havia grandes roças de milho e as casas dos sitiantes pareciam bem menos desconfortaveis. Derrubava-se activamente a matta e os milharaes indefectiveis dos nossos devastadores de florestas começavam a cobrir os valles.

Abundavam os colonos recem-estabelecidos naquellas bandas, sobretudo nas visinhanças de Morro Formoso.

Alguns europeus tentavam a cultura do linho e do algodão. Da permanencia no Bananal guardaram os naturalistas inapagavel reminiscencia. «Todos os nossos sacrificios, em tão incommoda viagem, demol-os por bem empregados com a permanencia que alli fizemos naquella patria das mais estupendas borboletas do universo, apresentando-se aos milhares e milhares nas mattas majestosas».

Deixando Bananal e passados tres dias, atravessado o riacho e o minusculo arraial de São José do Barreiro, chegaram os viajantes a Sant'Anna das Areias, logarejo bastante consideravel, então, e pouco depois elevado á categoria de villa por d. João VI. Seus primeiros habitantes ali haviam apparecido, fazia uns 35 annos e sua povoação de colonos pobres, perdidos no meio de enormes morros cobertos de mattas, não podia apresentar grande conforto aos viajantes.

As casas baixas, mal edificadas, de pau a pique e barreadas summariamente, o igrejó construido do mesmo modo, tinham muito ephemera feição.

Seria alias absurdo imaginar ali a presença do edificações com a solidez européa, numa terra em que a população era tão nomade e escassa ainda. A raridade da apparição de uma casa de melhor aspecto, como conforto e asseio, inspirava aos viandántes europeus saudades da patria distante.

Havia nas vizinhanças de Areias insignificante aldeia de indios purys, de raça pura, restos daquellas grandes hordas de outróra, senhoras do vallo do Parahyba.

Eram maus vizinhos para os colonos civilizados, cujo gado furtavam.

Ainda naquella epoca existiam muitos indios no valle do Parahyba e em territorio fluminense. O café dentro em breve os expulsaria das suas terras ancestraes. Referem-se Spix e Martius áquella especie de reserva india, existente em torno de Valença e contam-nos que o governo quizera obrigar os indios da região de Friburgo e Cantagallo a derrubar a matta para o estabelecimento dos colonos suissos do Morro Queimado, origem de Nova Friburgo, motivo pelo qual se dera um exodo geral dos pobres pelles vermelhas para as terras do centro.

Depois de deixarem Areias attingiram Spix e Martius a villa de Lorena, a antiga Guaypacaré ponto de passagem das bandeiras do ouro para o territorio das Minas Geraes, os *Cataguazes* do antanho. Era ali naquelle « porto » o logar onde ficavam as roças de Bento Rodrigues, tão conhecidas dos paulistas de fins do seculo XVII. Ali pousavam, deixando-as logo depois em direcção «ao pé da serra afamada de Amantiquera, pelas cinco serras muito altas, que parecem os primeiros morros que o ouro tem no caminho, para que não cheguem lá os mineiros», como nos diz o bom Antonil no seu « Roteiro do caminho da villa de São Paulo para as Minas Geraes e para Rio das Velhas ».

SciELO

Livro segundo

CAPITULO III

Viagem do Rio de Janeiro á cidade de S. Paulo

. . . . . .

Afinal chegámos á villa de Lorena, chamada aliás Guaypacaré, lugar pobre e sem importancia, apesar da fertilidade das terras. Terá quando muito quarenta casas. O caminho de S. Paulo atravessa aqui o rio Parahyba em dous pontos chamados Porto da Cachoeira e Porto do Meira. O commercio de S. Paulo para Minas Geraes é consideravel, Abrange mulas, cavallos, sal, carne secca, ferragens e todos os artigos de importação. Actualmente, porém, as praças do Rio e da Bahia estão supprindo, quasi exclusivamente a Minas Geraes, sendo insignificante a importação via Santos, e mais insignificante ainda a de Angra dos Reis e Paraty que ficam aliás mais perto do territorio mineiro. Este ultimo fornece á capitania de S. Paulo principalmente fazendas d'algodão grosso. Continuando a marcha pelo valle ao sul de Lorena, notámos mudanças bastante sensiveis na vegetação. A feição bravia das mattas virgens desappareceu, e a natureza franca e suave dos campos accentuou-se cada vez mais á medida que fomos avançando. Em lugar das densas e altas matas montanhosas observámos agora, alternadamente, planicies e collinas de grande ascensão, cobertas de gramineas e arbustos. Embora pantanoso, pertence o districto ao numero dos de maior fertilidade no territorio de S. Paulo.

O fumo sobretudo dá muito bem aqui e sua cultura constitue parte importante da actividade dos

habitantes de Lorena e Guaratinguetá, villa distante duas leguas, onde pernoitámos. Como o calor humido favorece acima de tudo a formação nas folhas do fumo da substancia cuja presença lhe determina o valor, prefere-se o tabaco plantado na costa do mar e no valle quente do Parahyba, chamado fumo da marinha, differente do fumo de serra acima. O mais apreciado, porém, é o da ilha de S. Sebastião.

E' muito simples o tratamento das folhas que se colhem diversas vezes durante o anno. Quando seccas são acondicionadas em fardos-surrões ou formam, reduzidas a cordas, grande rolos, representando valioso artigo de exportação.

Guaratinguetá acha-se situada, não longe do Parahyba, num campo extenso, sobre uma collina, rodeada de bananeiras e laranjeiras. O nome indigena do lugar é um testemunho da observação arguta e exacta dos primitivos habitantes, pois significa o lugar onde volta o sol. E de facto, a menos de um grao, ao sul da villa, estamos sob o Tropico do Capricornio. Agrada bastante pelo aspecto singelo e affavel, notando se-lhe signaes duma civilisação mais adiantada. Desde a nossa partida do Rio de Janeiro pela primeira vez encontramos janellas envidraçadas o que indica sempre certa abastança, no interior do paiz, senão mesmo luxo.

Muito surprehende ao viajante do Brasil a completa ausencia de systema e ordem no exercicio das profissões. Nem aqui, nem nos outros lugares do interior, á excepção das cidades de população maior, ha associações profissionaes como do outro lado, nem tão pouco se pode falar em liberdade de profissões, pois ainda não existe a maior parte dos officios. Só os fazendeiros ricos estão em condições de dar occupação sufficiente aos profissionaes. O pobre costuma supprir as suas necessidades pela propria actividade e habilidade. Os primeiros contam, em geral, entre o numero dos escravos todos os profissionaes necessarios aos trabalhos occurrentes. A consequencia de tal facto é a difficuldade da fiscalisação publica das industrias e profissões. Não podiamos pois estranhar que até numa villa de alguns milhares de habitantes tivessemos de nos contentar com um tatú (*Dásypus septemcinctus*) para o jantar, bicho que em caminho mataramos. A carne deste animal tem paladar agra-

SciELO

davel, dá-nos a ideia da carne de gallinha. E' porém, bastante gordurosa.

Da villa continua o caminho sempre em direcção de sudoeste pelo valle do Parahyba. A' esquerda vê-se bonita serie de collinas, com plantações de feijão, milho, mandioca e fumo. A' direita estende-se o valle até as montanhas da Serra da Mantiqueira, offerecendo, quasi sem vestigios de agricultura e coberto de arbustos baixos de myrtaceos, goiabas etc., aspecto assaz sombrio. A esperança de que um dia milhares de seres felizes habitarão estas regiões ricamente dotadas, é a unica consideração capaz de consolar o viandante. Após uma legua de marcha chegámos á capella de Nossa Senhora da Apparecida, situada numa collina e rodeada de poucas casas. Do Rio trouxeramos cartas destinadas ao Capitão-mór de Guaratinguetá aqui residente. Acolheu-nos com visivel contentamento offerecendo-nos tudo quanto tinha á sua disposição. A cordialidade da recepção dum desconhecido, a pressa atarefada com que todos na casa acodem, produzem um sentimento bastante agradavel ao coração do viajante europeu. Habituado a comprar em terra estrangeira tudo quanto se não offerece de graça, julga-se o viajante mudado para as condições patriarcaes da antiguidade oriental, em que o nome de hospede conferia quasi um direito a semelhante recepção e encerrava mais do que simples desculpa pela perturbação da tranquillidade domestica.

Antes de tudo mostraram-nos a capella construida ha setenta annos em parte só de pedra e interiormente ornada de quadros a oleo e em relevo. A imagem miraculosa de Nossa Senhora attrahe muitas romarias de toda a provincia e da de Minas. Quando em vesperas de Natal continuámos a viagem, encontrámo-nos com muitas dessas romarias.

Tanto homens como mulheres aqui viajam sempre a cavallo ou em mula; frequentemente, tambem leva o marido a mulher montada na garupa do seu animal. As vestes destes homens estão perfeitamente adaptadas ás condições da região, chapéo de feltro de aba larga, servindo de guarda-sol e guarda-chuva, comprido e largo ponche com abertura ao meio, por onde passa a cabeça, calças e paletot de fazenda d'algodão, botas altas, fixadas abaixo do joelho por correia e fivela, comprido facão de cabo prateado, á cinta ou no cano da bota, e com serventia tanto á mesa

como alhures. Usam as mulheres vestidos compridos e largos de cascmira e chapeus redondos.

Todos os que passaram, montados, mostravam qualidades de bons cavalleiros, sobretudo a vista da pressa comque tentavam fugir ás trovoadas que de todos os lados surgiam.

Teve porem a nossa caravana, de aguentar tres fortissimos aguaceiros e, justamente ao escurecer, chegámos a miseravel terreiro com uma venda « As Taipas », onde mal achámos espaço para abrigar a nossa bagagem. Choveu toda a noite a cantaros e as rans dos pantanos visinhos reuniram se em monotono concerto.

Abrigados contra o furor dos elementos, achámonos afinal melhor disposto e trocámos as nossas recordações, comparando os soffrimentos no Brasil, nesta noite, com os gozos e prazeres que ella costuma trazer na culta Europa.

Entre Nossa Senhora Apparecida e « As Taipas» encontram-se grandes blocos de granito vermelho, de grã fino, semelhantes a existente na Serra do Mar, geralmante bastante arredondado. Lembraram-nos os blocos que se encontram em diversos pontos no Norte da Allemanha, no valle do Pó, na Suissa etc. a grande distancia do mar.

E' possivel que grande parte do valle, por onde corre hoje o Parahyba, tenha tido ligação com o mar e taes blocos hajam recebido a presente forma e posição graças á vehemencia da corrente. Ha, aliás, indicios no valle do Parahyba de repetidas mudanças e modificações na direcção do curso do rio.

No dia de Natal continuámos em direcção S. S. oeste em demanda de Pindamonhangaba (o autor escreve : Pendamhoongabo) a cinco leguas de Guaratinguetá. Nos tres ribeiros Parapitinga, Agua Preta e Ribeirão da Villa era a enchente tamanha que só com perigo para as nossas collecções conseguimos atravessal-os.

Chovia ininterruptamente a cantaros e todo o valle estava quasi sempre coberto de neblina. Não tinhamos pois nem voutade nem occasião de examinar de perto esta região rica em mattas e aguas.

Pindamonhangaba consta dalgumas casinhas, baixas, desseminadas sobre uma collina e mostra pouca abastança. O capitão-mór da localidade recebeu-nos com bastante gentileza, convidando-nos, em seguida,

SciELO

a ver a igreja prompta só pela metade e cheia de entalhes de madeira sem gosto algum. Encontramol-a profusamente illuminada, nella havendo um presepio. A circumstancia de tambem aqui encontrarmos tal uso religioso cammoveu-nos e demorámos gostosamente na reflexão de que nesta região, semi deserta tambem reina a Doutrina da Salvação a desenvolver, cada vez mais puro, o sentimento christão. Desde que desceramos das montanhas para o valle do Parahyba, a physionomia da paisagem mudara cada vez mais. Seu caracter diverso salientou-se tanto mais quanto nos afastavamos das mattas virgens da Serra do Mar.

A estrada seguia agora no largo valle do Parahyba, por sobre collinas chatas, cobertas, a principio, de grande variedade de arbustos baixos e arvores isoladas. Mais longe, porém, tornavam-se mais descobertas, revestidas tão sómente de gramma e hervas ou com longas filas de abacaxis. Tropas de mulas e gado vacum alli, achavam pastagem. O Brasileiro distingue as duas principaes formas physionomicas da vegetação, Mato e Campo. As diversas variedades, porém, deste ultimo que determinam, mais ou menos, o caracter da respectiva zona, tem muitas outras denominações A maior parte do valle do Parahyba está coberta de campos que se estendem das alturas para baixo, raramente interceptados por mato.

Taubaté, onde chegámos á noite acha-se situada sobre uma colina chata, tres milhas a sudeste de Pindamonhangaba. Do alto ve-se grande parte dos campos, em que apparecem disseminados pequenos capões e arbustos O mostsiro de S. Francisco, á esquerda do caminho e circumdado por algumas renques de magestosa palmas, produz impressão agradavel e offerece o aspecto dum logar de importancia. Na verdade é Taubaté (que possue uma rua principal de grande extensão, margeada, de ambos os lados, de casas, e algumas ruas secundarias), uma das mais importantes villas de toda a provincia. Tem quasi a idade da capital paulista.

Na época em que a sêde de ouro impelliu grande numero de Paulistas, a tomar parte em expedições perigosas e ousadas por Minas e Goyaz, salientaram-se os habitantes de Taubaté (Um dos descobridores de minas de ouro em Minas Geraes, (1695), Antonio Rodrigues, era filho de Taubaté). Por isso installou

o governo aqui tambem uma fundição de ouro. Este facto, porém, teve por consequencia uma rivalidade ardorosa„ e a inimisade irreconciliavel entre os Taubateanos e os visinhos Paulistanos, (Piratininganos), de fórma que, onde quer que se encontrassem suas expedições, quasi nunca deixaram os dous partidos de empenhar-se em sangrentas rixas. Ainda agora, segundo dizem, perdura essa inimizade rancorosa, se bem que os Taubateanos tenham abandonado completamente o extracção do ouro fóra de sua região, limitando-se á industria agricola e pastoril no seu torrão natal.

As mulheres fabricam com certas gramineas das immediações da villa, esteiras para vendel-as principalmente para o Rio de Janeiro.

Descançámos um dia em Taubaté, afim de enxugar a bagagem. A casa que comnosco compartilhou um cidadão do lugar, não offerecia, aliás, commodidade alguma.

Tem ellas, em geral, raramente mais de um pavimento. As paredes todas são de vigas fracas ou sarrafos ligados a pau a pique, revestidas de barro e caiadas com uma argila branca (tabatinga) que se encontra em certos logares das margens dos ribeiros. O telhado, consiste de telhas de barro, raramente de palha, achando-se na parede da rua uma ou duas janellas com rotulas. Corresponde o interior á construcção ephemera e ao material pobre. A porta da entrada, commumente com cancela, dá immediatamente para o maior compartimento, sem soalho, e, muitas vezes, sem paredes caiadas, á semelhança dos simples ranchos.

Serve este compartimento de sala. Dispensas, ás vezes tambem um quarto de hospedes, occupam o resto da frente da casa. Contem a parte trazeira os quartos para a mulher e o resto da familia. Retiram-se todos, conforme o costume portuguez, para esses commodos, logo que chegam pessoas extranhas. Communicam estes quartos com a varanda coberta que geralmente occupa a largura inteira da casa, dando para o quintal. As vezes encontra-se egual varanda á frente da casa. A cosinha, e os ranchos para os criados, acham-se no lado opposto, no fundo do quintal.

Tambem a mobilia e os utensilios de taes casas estão limitados ao estricto neccessario ; muitas vezes

SciELO

encontram-se sómente alguns bancos e cadeiras de madeira, uma mesa, uma grande arca, um leito formado por quatro paus com taboas sobrepostas, e uma esteira ou pelle de vacca (Girão).

Em logar de camas, usam os brasileiros, quasi geralmente de redes de fio de algodão branco ou de cor. Em parte alguma o viajante encontra poços, devendo servir-se das aguas pluviaes ou de rio. Os habitantes de Taubaté, comtudo mostram maior abastança e educação do que os das pequenas villas pelas quaes passaramos sendo esta circumstancia decerto devida ás relações commerciaes existentes com o Rio de Janeiro e S. Paulo. Ha tambem alguma viticultura, estando justamente agora as uvas maduras e de gosto agradavel.

Ao sul de Taubaté passa o caminho por sobre algumas colinas humidas e cobertas de mata com magnificas plantas. A parte baixa é egualmente rica em plantas e insectos bonitos; entre outros encontramos aqui o *Cérambyx longinanus*, de aves uma nova variadade de *Tyrannus*, com cauda comprida e o *Cuculus Guira*. Após dois dias de viagem, durante os quaes passámos por Vendas do Campo Grande. Sahida do Campo, Paranangaba e a pequena villa de S. José chegamos á villa de *Jacarehy*, onde resolvemos descançar. Tornámos a encontrar aqui o Parahyba que descreve grande curva, voltando para o norte em vez de continuar a direcção primitiva para o sul. As pessoas transpuzeram-no em canôa, os animaes a nado. Para dirigir a estes, conduziram os barqueiros um animal amarrado por corda e seguro por pessoas que estavam na canôa; assim os outros o seguiram.

O Parahyba tinha, actualmente, em consequencia das fortes e continuas chuvas, a largura de 170 pés. A navegação neste rio, por emquanto, não tem importancia alguma, devido, presumidamente ás cachoeiras do trecho inferior. Ou talvez porque o commercio visinho seja insignificante e os habitantes não disponham de escoadouro, facil para os seus productos, por falta de pontes.

O trafego mais consideravel verifica-se entre *Aldêa da Escada* e *Pindamonhangaba*. Entre os habitantes desta região notamos uma hypertrophia endemica das amygdalas, em tão alto gráu como não é commum encontrar-se na Europa. Muitas vezes

tém o pescoço inteiro inchado, o que dá a esta gente, na maior parte de côr, detestavel aspecto. Entretanto, parece que aqui consideram o bocio como embellezamento e não como deformação ; porquanto, não raras vezes, veem-se mulheres de pescoço inchado, enfeitado com correntes e joias de ouro ou prata, como que a exibirem-no, sentadas á porta de casa com um cachimbo na mão e um fuso para fazer fios d'algodão.

Deste mal soffrem principalmente os negros, mulatos e mamalucos (i. e. bastardos de brancos e indios) que formam a maior parte da população ; Entre os brancos são as mulheres mais sujeitas do que os homens. As causas de tal deformação parecem aqui exactamente as mesmas que em outros paizes ; pois não são as altas e frias regiões montanhosas, e sim o valle baixo do Parahyba, coberto frequentemente de denso nevoeiro, onde occorre mal. A direcção de ambas as serras do sul para o norte não permitte a ventilação radical do valle, a mesma agua que se evapora, durante o dia, do rio e dos pantanos visinhos, recahe á noite sob a forma de neblina, é o calor consideravel e a agua, bastante impura e quente do rio, substitue a boa agua potavel; São as casas humidas, sujas e expostas á acção dos ventos. A alimentação tem por base a farinha de milho, com preferencia á de mandioca sendo mais substanciosa aquella, mas por outro lado, menos facilmente dirigivel e toucinho de porco, sendo possivel que isto contribua para o desenvolvimento da doença ; finalmente devem, talvez, ser considerados os excessos «in venere» causas concomitantes da existencia do *struma* (papo), como no Rio de Janeiro do sarco e hydrocele. Comquanto não se manifestem os tristes symptomas do cretinismo da mesma fórma notadas na Europa e ligadas ao struma, todavia as pessoas em que o mal se acha bastante desenvolvido, mostram não sómente indolencia e ausencia de energia como tambem o que propriamente se pode chamar «estupidez».

Costumam applicar aos doentes cataplasma de abóbora quentes e, internamente, agua exposta durante alguns dias sobre grandes formigueiros. Produzem os cupins como é sabido, uma substancia viscosa que servem de cimento na construcção de suas habitações e parece, realmente, que a substancia contem um principio activo contra o desenvolvimento do struma.

SciELO

Os negros usam contra o mal aqui, como na Africa, frequentemente, sustancias viscosas, como p. e. a gomma arabica. E de tal tiram resultado, parecendo indicar este facto que se trata de anomalia de nutrição.

No caminho de *Jacarehy*, encontrámos varios fugitivos hespanhóes, pertencentes ao sequito do bispo de Cordova. Eram victimas e foram acolhidos pelos Paulistas com manifesta sympathia e humanidade.

Devido á remessa de força militar de S. Paulo para a ilha de Santa Catharina e dalli para Montevidéo os Paulistas tomaram interesse pelos acontecimentos politicos do Sul, julgando provocar, pelo acolhimento hospitaleiro desses fugitivos um direito a egual tratamento para os seus patricios actualmente no Sul.

A expedição portugueza para Montevidéo acarretou enormes sacrificios á provincia de São Paulo, porquanto foram remettidos não só tropas do exercito como tambem um regimento de milicias, o que occasionou sensivel falta á classe trabalhadora, com consequencias funestas para mais de uma familia. Como pereceram esses milicianos em numero avultado, uns em combate contra o inimigo e outros dizimados por doenças, observava-se geral descontentamento na capitania por causa desse emprehendimento militar.

E' verdade que o Paulista distingue-se entre todos os brasileiros pela lealdade e obediencia ao governo constituido. Uma campanha, porém, que na opinião geral, não foi emprehendida por motivos sufficientes, mas unicamente pelos caprichos d'uma minoria, afigurava-se cousa estranha ao cidadão pacifico, não habituado á guerra e provocou os mais vivos protestos, logo que viram sacrificadas a vida e a felicidade de alguns concidadãos. Grande parte dos milicianos, por isso, desertou antes até de se pôrem em marcha as forças, refugiando-se nos sertões desertos ou na provincia de Minas Geraes, a qual não tinha, em virtude das prerogativas de cada provincia obrigação de entregal-os novamente ao governo de São Paulo.

Em *Aldêa da Escada*, pequena aldèa, a tres milhas ao sul de Jacarehy, não longe de um velho hospicio de carmelitas, antigamente de certa importancia, hoje porém, quasi deserto e sito ao pé de uma montanha e á margem do Parahyba, tivemos o prazer de encon-

trar um sacerdote bastante intelligente, que dirige uma missão dos indios visinhos.

Contou-nos que a sua actividade dia a dia se reduz em consequencia da ordem régia que aboliu todo e qualquer constrangimento exercido contra os indios, dandô-lhes todos os direitos civis de que gozam os demais habitantes. Os effeitos dessa medida são de certa maneira desastrosos, porquanto de todos os logares, onde ha indios debaixo da tutela ou fiscalização dos portuguezes, retiram se aquelles, cada vez em maior numero, para as matas. Presentemente a missão contava apenas sessenta parochianos. Não representam os remanescentes de uma mesma nação, mas sim uma mistura de diversas que possuiam esta região antes do dominio dos portuguezes.

O traço caracteristico da raça, a indolencia taciturna, que se manifesta principalmente pelo olhar vago e maneiras timidas do americano, eleva-se, ao primeiro passo na esphera da reflexão e em consequencia do constrangimento desacostumado da civilisação e do contacto com negros, mestiços e portuguezes, até o quadro tristissimo do intimo descontentamento e perversidade. O tratamento da parte d'alguns dos actuaes fazendeiros contribue, aliás, sem duvida, para tal decadencia moral e physica. Nem os traços nacionaes nem as deformações corporaes voluntarias (tatuagem), nem os habitos ou costumes permittem concluir a que tribu ou tribus pertenciam esses miseros restos de autochtones.

A lingua que se ouve dos indios desta missão, tampouco parece composta de idiomas differentes e contem, sobretudo, muitas palavras tomadas ao Guarany. Segundo os historiadores, ha probabilidades de que tanto aqui como nos campos de Piratininga ou São Paulo vivesse a tribu dos *Goyanases*. Dizem, que estes ultimos se distinguiam dos vizinhos *Tamoyos* e *Carijós*, pelo habito de morarem em covas subterraneas e de não matarem os inimigos vencidos, conservando-os em captiveiro. E' que juntamente com os *Goyatacazes*, indios da mesma origem e que moravam mais para o Norte, formavam os Goyanazes uma raça bella, vigorosa e guerreira.

Se os indios existentes ainda na «Aldêa da Escada», nas visinhanças das matas da Mantiqueira e da Serra do Mar são realmente descendentes dos Goyanazes, esta lenta decadencia physica e physionomica,

SciELO

consequencia d'um convivio de poucos seculos com os brancos vem a ser um bem curioso phenomeno. Custa acreditar que aquella nação vigorosa e aguerrida pudesse ter soffrido tão grande reducção no numero de individuos e ter chegado a tão miseravel estado em tão breve espaço. Mais provavel é que estes indios sejam descendentes da tribu dos *Carijós* ou *Guarás* mais fracos que os Goyanazes, dos quaes eram inimigos, constando que nelles existem ainda restos dispersos, sob a denominação de indios *Sacurús*, na serra dos Orgãos egualmente. Talvez se tenham misturado áquelles Carijós restos de descendentes dos Tamoyos, rudes cannibaes, que os primeiros colonos portuguezes na região do Rio de Janeiro pintam com cores terriveis e contra os quaes o dr. Antonio Salema, no anno de 1572 fez a ultima guerra de exterminio.

Os povos do continente americano, em épocas antigas, emprehenderam migrações semelhantes ás que levaram os povos da Asia Central á Europa. Que a direcção geral destas migrações foi de Norte para o Sul parece agora fóra de duvida em virtude de investigações procedidas por viajante celebre. Tambem nós teremos ainda occasião de mencionar alguns factos que confirmam tal supposição. Além dos grandes movimentos geraes dos povos, porém, houve, ainda muitos outros parciaes, em diversas direcções. E a chegada dos europeus ás costas do Brasil impeliu provavelmente, algumas das tribus mais importantes e fortes para o interior do paiz, só continuando as tribuas mais fracas no antigo habitat porque lhes parecia offerecer a juncção ou submissão aos portuguezes maior somma de segurança. A mais poderosa de todas as tribus, os *Tupinambás*, encontrados nas costas pelos europaus, fornece-nos a prova da exactidão de tal opinião pelas extensas migrações e as successivas retiradas das costas da Bahia e Pernambuco para o Maranhão, o Pará e o rio Amazonas acima, até a fóz do rio Madeira, onde vemos desapparecer o ultimo vestigio que as continuas guerras deixaram ainda, em Tupinambáránas (hoje Villa Nova).

Pernoitámos em Tarumá, rancho isolado numa planicie rodeada de matas, visto não nos ter sido possivel alcançar a villa de Mogy das Cruzes. Nesta região notámos algumas familias de cafuzos, bastardos de negros e indios.

SciELO

Seu exterior desperta vivamente a curiosidade do europeu. A sua estatura é alta e larga sem musculos bem desenvolvidos principalmente os do thorax e dos braços. Tem os pés, porem, relativamente fracos. A côr da pelle é a do cobre escuro ou do café. A physionomia, em geral lembra mais a raça ethiope do que a americana. Tem o rosto oval, os ossos faciaes salientes, porém, menos largos do que nos indios. E'-lhes o nariz largo e deprimido, mas pouco recurvado, a bocca larga com labios grossos, porém, pouco salientes, os olhos pretos, de olhar mais franco do que nos indios, entretanto, um pouco obliquos ainda. O que, porém, a estes, cafusos empresta apparencia bem singular é o cabello extremamente comprido que se levanta meio crespo nas extremidades, do meio da fronte quasi verticalmente até a altura de 1 até a 1 1/2 pés, formando assim uma cabelleira monstruosa e bastante feia. Tal a formação curiosa do cabello que á primeira vista parece mais artificial do que natural e não é devida a nenhuma doença, mas simplesmente decorre do cruzamento das raças, representando o meio termo entre o cabello lanoso do negro e o cabello comprido e liso do americano.

A altura da cabelleira ás vezes é tamanha que obriga ao portador curvar-se para passar pela porta da casa. Assim estes cafusos assemelham-se aos Papús da Nova Guiné.

As montanhas baixas perto da Aldêa da Escada representam as ultimas ramificações da Serra do Mar. Uma serie de pequenas collinas liga aqui as primeiras montanhas daquella serra á da Mantiqueira. E' a vegetação sobremaneira rica e pujante; as formas da mata virgem reunem-se as mais elegantes dos campos e dos pantanos. Em materia de animaes, porém, é especialmente de insectos, parecia a região pobre na época da nossa passagem. Consistem as montanhas em geral de gneiss. Antes de chegar á pequena villa de *Mogy das Cruzes,* distante cerca de duas leguas de Tarumá apparece em alguns logares, uma pedra arenosa vermelha, alternando com jazidas de argila. Pouco a pouco effectua-se uma descida consideravel até encontrar-se, valle abaixo, o rio Tietê, cuja correnteza aqui é bem mais lenta do que mais adeante na direcção noroeste, onde forma diversas cachoeiras até a sua união com o rio Paraná.

SciELO

Em Mogy a familia do Capitão preparon-nos uma recepção cordialissima. Esta boa gente fazia dos allemães mais ou menos as mesmas idéas que antigamente os gregos dos hyperboreos. Assim, os interessavam não só a distancia da nossa patria septentrional como tambem o nosso habito externo. A parte feminina da familia examinou, com a graciosa ingenuidade peculiar ás Paulistas, os detalhes do nosso traje, exaltando a cor branca da nossa pelle aqui muito apreciada. Poucos dias antes tinha morrido um trabalhador da casa em consequencia da mordedura duma cobra (jararaca). Uma garrafinha de agua de Luce que deixamos como remedio para futuros accidentes dessa ordem, foi o motivo dos mais vivos agradecimentos por parte de toda a familia.

As cercanias de Mogy já mostram certo desenvolvimento da agricultura. Parece comtudo na actualidade, bem sensivel a falta de braços causada em parte pela partida das milicias para o Sul.

No ultimo dia do anno, depois de termos atravessado umas matas e um campo deserto e pantanoso e passado por bonito sitio, chamado «Casa Pintada», distante tres leguas e meia da Capital, abriu-se-nos deante dos olhos, na collina de Nossa Senhora da Penha — o panorama da cidade de *São Paulo* que se ergue sobre uma collina numa planicie tomada aqui e acolá de arbustos, cerrados ou capões. Diversos edificios grandes emprestam á cidade, vista de lado, um aspecto assás importante, distinguindo-se sobretudo o antigo collegio dos jesuitas, hoje residencia do Governador, o mosteiro dos Carmelitas e o palacio episcopal. Quando chegámos á cidade encontrámos, devido á attenção dum patricio nosso, uma casa preparada para a nossa recepção e provida das commodidades que as circumstancias permittiam.

O sr. Daniel Pedro Müller, tenente-coronel do Real Corpo de Engenheiros, cujo pae foi, a principio pastor da collonia allemã protestante e depois secretario da Academia de Sciencias de Lisboa, embora educado, desde tenra idade em Portugal, soube conservar as mais cordiaes sympathias para com os primitivos patricios. Recebeu-nos com a lealdade e a amizade allemãs que logo despertaria a nossa mais sincera estima e gratidão, sentimentos que aqui temos o prazer de publicamente manifestar.

SciELO

Livro Terceiro

CAPITULO I

Estadia na cidade de São Paulo

O governo da provincia de São Paulo achava-se ás mãos dum triumvirato, porque o Conde de Palma que acabava de assumir o governo da Bahia, não tinha ainda sido substituido pelo seu successor, o Barão de Oeynhausen, filho de pae allemão. Conforme a praxe estabelecida de longa data, em semelhante caso, as autoridades superiores, ecclesiasticas militar e civil, regem conjunctamente a provincia. Era presidente deste conselho o bispo Dom Matheus, veneravel ancião de 80 annos, natural da ilha da Madeira e educado em França. Eram os seus adjunctos o Brigadeiro de Santos e o Ouvidor de São Paulo. Receberam-nos estas autoridades com bastante cortezia e ao mesmo tempo tivemos o prazer de encontrar os nossos patricios, os Sr. Principe de Taxis, Conde Wrbua e Conde Palfy, que já se achavam aqui havia oito dias. Estes senhores, sem motivo para se demorarem em caminho, tinham feito a viagem do Rio a São Paulo em tempo mais breve e já estavam prestes a voltar ao Rio. Foi por isso que só por pouco tempo tivemos o prazer de visitar em sua companhia os lugares e edificios mais notaveis da mais antiga cidade do Brasil, e sentimos ainda mais a nossa separação, porque o nosso amigo, o pintor sr. Th. Ender, com quem conviveramos no Rio, tambem pára alli voltou em companhia desses cavalheiros.

Acha-se a cidade de São Paulo, situada sobre uma collina nos vastos campos de *Piratininga*. A construcção paulistana destaca-se pelos muitos bal-

cões engradados que aqui não desappareceram ainda como no Rio de Janeiro, e parecem ter a idade de mais de um seculo; são as ruas entretanto largas, arejadas e limpas, e as casas têm, na maior parte dois pavimentos. Raramente se empregam tijolos e menos ainda alvenaria sendo os muros em geral de *taipa*.

A residencia do governador, antigo Collegio dos Jesuitas tem bom estylo de construcção, porem não offerece mais segurança agora: E' o que se dá igualmente com o palacio episcopal e o mosteiro dos Carmelitas grandes edificios. A Cathedral e algumas outras Igrejas são grandes, embora carecendo de ornamentação de gosto. No resto a linha architectural é modesta eburgueza. Possue a a cidade tres mosteiros de frades (franciscanos, carmelitas, benedictinos), dois de freiras e dois hospitaes. O senhor tenente coronel Muller tem, fóra da cidade, um circo para touradas, segundo parece, solidamente coustruido. E merece, aliás, elogios pela construcção de tres pontes de alvenaria sobre os corregos Tamanduatahy (Tamanduatehy) e Inhagabahy (Anhangabahú) que se reunemabaixo da cidade.

Nos annaes do Brasil offerece São Paulo maior interesse historico do que todas as outras cidades. Aqui trabalharam antigamente (1552) os piedosos padres jesuitas Nobrega e Anchieta na catechese duma tribu pacifica dos indios *Goyanázes* sob o mando de seu cacique Tibiriçá. Após muitas provas, bem duras, que lhes valeram o titulo de thaumaturgos fundaram mediante a chamada de colonos portuguezes de *Sio Vicente* onde, já desde 1527, existia uma colonia, o primeiro estabelecimento de sacerdotes no interior do Brasil.

Certo numero de condições antes de tudo, porem o clima ameno e o caracter manso dos indios que se cruzaram com os europeus, favoreceram tal colonia; ainda não tinham decorrido cem annos e já encontramos os Paulistas entregues a emprehendimentos arrojados. Hoje levam elles, depois de ter cahido a sua terra natal sob o dominio hespanhol, minados do sentimento da independencia e liberdade portugueza a guerra a longinquas provincias hespanholas, amanhã andam impellidos pela sêde de ouro, perscrutando os sertões do interior em todos os sentidos, exercendo pelas suas descobertas felizes,

SciELO

decidida influencia sobre o paiz inteiro e mesmo sobre a mãe patria. Como consequencia desses factos notamos, de um lado, um desenvolvimento mais franco das condições do cidadão, de outro lado, porem rixas entre familias, de caracter quasi identico ao daquellas que, durante a edade media, occorreram nos pequenos estados livres da Italia, uma luta exacerbada para fóra principalmente contra a colonia rival de *Taubaté* e assim dentro do espaco de cento e cincoenta annos, desenrola-se deante dos nossos olhos uma quasi completa historia evolutiva, para cuja formação concorrem todos os elementos intrinsecos necessarios. A este respeito distingue-se São Paulo entre todas as cidades do Brasil, e aqui mais do que em outra parte, o presente acha-se ligado ao passado. Este sentimento tem-no tambem o Paulista, e, não sem orgulho diz comsigo mesmo que o seu torrão natal possue uma historia propria, interna, determinando poderosamente a dos seus visinhos, embora não remonte senão a poucos seculos. Esta circunstancia sobretudo devemos leval-a em linha de conta afim de attenuar a rectificar o juizo desfavoravel que costumamos formar ácerca do caracter do Paulista. Escriptores antigos descrevem os Paulistas como um povo avesso a toda regulamentação legal dos costumes, tendo-se por isto mesmo, separado de Portugal para formar uma republica autonoma. Vieram em abono desta versão os relatos dos jesuitas, os quaes, innegavelmente, tinham motivos para se mostrarem descontentes com os Paulistas. Desde o anno de 1629 invadiram estes ultimos diversas vezes as reducções de indios, estabelecidas pelos jesuitas no Paraguay, levando comsigo todos os indigenas, como escravos e com inaudita crueldade. Estas expedições flibusteiras e bem assim as explorações por causa do oiro em Minas, Goyaz e Cuyabá deram ao caracter dos Paulistas daquella epoca um cunho de dureza egoista e rude, implantando nelles o menospreso de todas as condições e relações baseadas na Lei e nas noções de humanidade.

Actualmente porem attenuou-se essa natureza rude, gozando o Paulista, em todo o Brasil da reputação de grande franqueza, coragem inquebrantavel e avidez romanesca de perigosas aventuras. E' verdade que no seu caracter ficou um traço de iracundia e vingança rancorosa, e orgulho e dureza, sendo

temido, por isso, pelos visinhos. O estrangeiro, porem não enxerga nisso senão seriedade e caracter, reconhecendo na rua franca affabilidades e hospitalidade um traço amavel. E fica conhecendo seus defeitos menos do que os dos visinhos. O seu orgulho pode ser desculpado unicamente pela circunstancia de poder vangloriar-se o Paulista dos seus legitimos direitos a esta parte do nosso mundo, creados pelos feitos dos seus antepassados, não tendo os colonos, europeus os mesmos direitos. Não ha duvida de que os primeiros colonos, cruzaram-se frequentemente com os indios visinhos, lembrando a côr e a physionomia do povo aqui mais do que em outras cidades do Brasil, p. e. na Bahia e no Maranhão, taes cruzamentos. Aliás se fixaram aqui sempre brancos em grande numero.

Em tempos passados muitos hespanhoes visitaram a capitania de São Vicente, e outros, chegaram tambem numerosos depois do successo desastroso da expedição do Adelantado d. Pedro de Mendoza no Paraguay (1538-1546), assim como mais tarde, em principios do seculo dezoito, havendo ainda vestigios delles em alguns nomes hespanhoes de familias.

Muitos Paulistas conservaram-se sem mistura com os indios, e estes têm a mesma côr branca, até mais branca do que se verifica nos descendentes puros de europeus no Norte do Brasil. Os mestiços procreados com indios — mamellucos, — têm conforme o grau da mistura do sangue, a pelle cor de café, amarello clara ou quasi branca. Fornece sobretudo como testemunha da mistura o rosto largo, arredondado com ossos faciaes salientes, os olhos pretos, não muito grandes e certa instabilidade do olhar. Os traços principaes da physionomia do Paulista são, aliás, estatura alta e thorax largo, traços physionomicos bem accentuados que denunciam desembaraço e amor da liberdade, olhos pardos, raramente azues, cheios de fogo e espirito de emprehendimento, cabellos pretos e lisos, musculatura forte, agilidade e destreza nos movimentos. Com razão são os paulistas tidos como os mais vigorosos e sadios habitantes do Brasil. A força muscular que desenvolvem, quando se trata de domar cavallos ou apanhar animaes soltos por meio do laço, é não menos admiravel que a facilidade com que aguentam labores continuados e fadigas, sêde e fome, frio e calor, humidade e privações de

toda especie. Como no passado, é quasi indomavel o seu gosto pelas migrações e viagens, e assim não encontramos desseminados pelo Brasil colonos oriundos de outra qualquer provincia em tão grande numero quanto os de procedencia paulirta. Podemos emgeral definir o temperamento do Paulista como melancolico e algo colerico. De certa maneira indica a sua constituição moral a zona que habita porque quanto mais nos approximamos do equador, tanto mais pronunciado se apresenta o caracter colerico. As mulheres de São Paulo tem em commum com o sexo masculino a ingenuidade e indole bondosa. E' lhes o tom da conversa natural e jovial, e repassado de alegres gracejos. E' injusto accusal-as de leviandade, como a'guns o têm feito. Comquanto o espirito da conversa esteja em vivo contraste com os refinados costumes das suas irmãs européas, a quem a etiqueta severa não permitte a manifestação franca dos sentimentos, todavia não é de extranhar sua alegria natural numa provincia, onde se tem conservado, mais do que em qualquer outra a franqueza e naturalidade do sentimento. São as Paulistas de figura esbelta, embora de constituição forte, graciosas nos movimentos, mostrando nos traços do rosto, bellamente arredondado, agradavel conjuncto de alegria e franqueza. Tambem é a sua tez menos pallida do que a da maior parte das demais Brasileiras. Por isto são reputadas as mais bellas senhoras do Brasil. (Ha um proverbio que diz: Merecem gabos na Bahia *Elles* não *Ellas*; em Pernambuco *Ellas* não *Elles;* em São Paulo *Elles* e *Ellas*!)

Entre os Paulistas e os Pernambucanos encontra-se o maior numero de homens illustrados.

Os jesuitas promoveram, aqui, antigamente, muito, o estudo da theologia, sahindo dos seus collegios, diversos homens distinctos. No gymnasio, se é permittido assim chamar o respectivo instituto, são lidos os classicos latinos com assiduidade. Tambem os estudos da philosophia ensinada nas escolas do Brasil de accordo com um livro bastante ant'quado, tomaram outro rumo, desde que a philosophia de Kant, tornou-se accessivel aos pensadores brasileiros mediante a traducção de Viller. O lente substituto de philosophia Antonio Ildefonso, era bastante versado no systema dos philosophos do Norte, e fomos agradavelmente surprehendidos achando termos e no-

ções da escola allemã transplantados ás terras da America. A unica bibliotheca da cidade alem da dos Carmelitas, é a do veneravel bispo, o qual apezar da idade, soube conservar vivo interesse pelos assumptos scientificos, mostrando nos a livraria com expansões de sincero enthusiasmo. Contem bom numero de obras historicas, canonicas, de classicos antigos, constituindo importante meio de instrucção para os jovens sacerdotes que fazem, durante alguns annos, estudos no semidario episcopal.

O numero dos habitantes da cidade de São Paulo eleva-se segundo as estatisticas mais recentes, a pouco mais de 30.000, sendo metade brancos e metade gente de côr. A população inteira da capitania de São Paulo era no anno de 1800 de 200, 478, no anno de 1814 211 928 e 1815 de 215,021.

A proporção da natalidade é digna de nota. Em geral conta-se 1 nascimento sobre 28 habitantes, sendo conhecida como a proporção mais favoravel a natalidade em quinze aldêas na visinhança de Paris como de 1:22,7 e em trinta e nove aldeas hollandezas como de 1:23,5; aqui, porem conta-se 1 nascimento sobre cada 12 habitantes. A proporção da mortalidade que é de 1:46, é tambem um pouco inferior á constatada nas povoações, fora dos grandes centros da Allemanha.

Entre os habitantes de São Paulo o gosto pelo luxo europeu não se acha ainda tão desenvolvido quanto entre os ricos Bahianos, Pernambucanos e Maranhenses. A' commodidade e o asseio nas installações domesticas, dão preferencia sobre a elegancia e o luxo, encontrando-se em vez da mobilia norte americana, dos espelhos francezes daquellas provincias, na sala uma fileira de pesadas cadeiras, cuja origem remonta a diversos decennios, e um pequeno espelho que aos allemães, com sua moldura de Nürenberg se afigurará caro patricio seu. Em vez de grandes lampeões de vidro ou candieiros com velas de cera occupa o centro da mesa um lampeão de latão, no qual se queima, em geral, o oleo do « Ricinus communis ». No tom da sociedade não so nota ainda grande influencia da Europa.

O jogo de cartas serve aqui, com mais raridade, para avivar conversas, fala-se mais para distrahir-se e enchem-se os intervallos com cantos e danças. Durante a nossa estadia tivemos o espectaculo duma

tourada no circo. Vêm os touros do sul da provincia, principalmente de Curityba. Desta vez os animaes não mostraram grande coragem, nem egualmente os *matadores* (quasi todos gente de côr) pareciam inferiores em agilidade e coragem aos seus collegas hespanhóes. O caracter portuguez é aliás avesso a tal divertimento e num paiz onde a natureza fornece armas a tantos inimigos vigorosos do homem, é com profundo desgosto que se vê um animal domestico util transformado em instrumento de espectaculo tão cruel. Nem festas dramaticas faltavam então a São Paulo. Assistimos no theatro modernamente construido á representação da opereta franceza « Le Déserteur » em lingua portugueza. O espectaculo correspondia ao tempo em que o carro de Thespis andou pela primeira vez pelas ruas de Athenas.

Os actores, todos gente de côr, pertenciam á categoria d'aquelles a quem Ulpiano attribue a « levis notae maculam ». O primeiro actor, um barbeiro, conseguiu commover profundamente aos concidadãos. O facto de que a musica tambem andasse quasi chaoticamente á procura dos seus elementos primitivos, não podiamos extranhal-o, visto como, fóra do violão preferido para acompanhamento do canto, não se toca quasi nenhum instrumento de musica com assiduidade.

Por intermedio d'um capitão sueco, o Senhor Dankwart, que aqui fixara residencia, fomos certa noite introduzidos numa soirée musical, onde recebemos impressão bastante favoravel do talento musical das senhoras Paulistanas. Seu canto é cheio de singeleza e ingenuidade, correspondendo inteiramente ao espirito do idyllio poetico. As canções populares são de origem portugueza ou brazileira. As ultimas distinguem-se pela simplicidade natural no texto e na melodia. Amor despresado, torturas do ciume, a dor da separação, eis lhes os assumptos predilectos.

Toda a provincia de S. Paulo tem terras sobretudo proprias para o exercicio da industria pastoril. Possue os mais extensos campos, onde se dão bem todas as especies de gado, principalmente o gado bovino e cavallar. Actualmente, que a população mais numerosa se acha concentrada nos districtos ao longo da costa e em zonas que se prestam para o cultivo da canna e plantas similares, a proporção do rendimento da agricultura e do da industria pastoril é de 4:1. Se calcularmos para o anno de 1814 o rendimento

total da lavoura em 1.005:764$000 cabem apenes 178:678$800 aos productos da industria pastoril.

Em comparação com o numero dos habitantes de São Paulo a producção de generos coloniaes é aliás quasi que já consideravelmente mais baixa do que nas provincias do norte. Alliparticularmente não se dão muito bem o algodão e o café. Viceja, a canna soffrivelmente. No anno de 1808 contavam-se nada menos de 458 engenhos de assucar e 601 alambiques, para a fabricação de cachaça a producção de muitos desses engenhos, porem limita-se a supprir as proprias necessidades domesticas. Pequenos alambiques acham-se na maior parte das 190 fazendas de criar — emquanto as suas terras permittem o cultivo da canna. Mais ou menos a metade da producção da capitania consomme-se nella mesma exportando-se a outra metade. Café, assucar, fumo, aguardente, algum algodão, copaiba, pelles e chifres de boi, sebo, etc., seguem para a Europa via Santos ou via Rio de Janeiro.

O cultivo da mandioca não é muito frequente, mais assiduo o do milho. Os habitantes não julgam saudavel a farinha de mandioca tal qual o que os habitantes do norte pensam da farinha de milho. Para o Rio de Janeiro exportam-se bastante milho e outros generos alimenticios para o consumo alli ; para o Rio Grande do Sul, Montevidéo e Buenos-Ayres assucar e aguardente ; para Pernambuco e Ceará e Maranhão principalmente carne secca (xarque) ; Goyaz e Matto Grosso recebem ainda sal e ferro, fóra de outros productos estrangeiros. O unico porto da provincia, em communicação directa com o Porto, Lisboa, e as ilhas portuguezas, é Santos. Embóra distante da capital de S. Paulo 12 legoas só as altas montanhas da Serra do Mar fazem que se eleve tal distancia quasi a 50 milhas. O caminho do *Cubatão*, como se denomina esta parte da serra, attinge em alguns pontos á altura de 3.000 pés e mais acima do nivel do mar, e tem fortes declives, sendo a passagem praticavel só para mulas. Apezar dos melhoramentos executados pelo governador geral Frauça e Horta torna-se necessario dividir todas as cargas em volume, pequenos para transporta-las em ambas as direcções. Para fornecer á capital só um sino de egreja ou uma peça de artilharia torna-se mister o gasto duma somma extraordinaria em força e dinheiro. Os dous outros portos da provincia Paranaguá e Ca-

nanéa, distam o primeiro 58 e o ultimo 67 supprindo a comarca de *Curytiba* as proprias terras de campo da provincia, com o mais indispensavel importado via Santos ou Rio de Janeiro. A exportação limita-se ainda mais a farinha, pelles, carne secca e herva mate. Esta ultima representa aqui como no Rio Grande do Sul e nos paizes do Prata, um genero de primeira necessidade e de consumo quotidiano. Prepara-se o chá mate das folhas seccas e pulverisadas do arbusto *Cassine congonha* nov. Costuma-se tomal-o por meio de tubos finos, em cuja extremidade se acha fixada uma pequena peneira. As alludidas condições do commercio de S. Paulo deixam entrever que não pode haver abundancia de moeda circulante como acontece nas provincias do norte, onde um commercio mais desenvolvido produziu bem assentado gosto pelo luxo. Até na capital nota-se quasi escassez do meio circulante, o que deixa ainda mais indifferente o habitante do campo. Este na sua simplicidade patriarchal, desconhece completamente muitas necessidades européas, julgando-se mais rico com o lucro tirado das suas tropas do que com a affluencia de dinheiro e de artigos de luxo europeu.

As condições da industria fabril de S. Paulo correspondem perfeitamente ás do commercio. Além da fabricação domestica de fazendas grossas de lã e chapeus de feltro branco, nenhuma outra é conhecida aqui. Os criadores mais ricos costumam curtir grande parte das pelles do gado ou exportam-nas salgadas. Para o cortume emprega-se aqui como no Rio, a casca de *Rhisophóra Mangłei* (o Mangue). Ha os necessarios profissionaes embora nem sempre perfeitamente habilitados.

Poucos mezes antes de nossa chegada tinha o governo transferido do Rio para cá uma fabrica de espingardas, sob a direcção do sr. tenente-coronel Müller. Eram lhe os 8 mestres todos allemães, tendo sido chamados, ha annos, da fabrica de armas de Potsdam. Sob a sua direcção trabalhavam mulatos e negros, mostrando docilidade e dextresa, provando, porém, pela preguiça e a falta de attenção serem justamente o contrario dos operarios allemães. Um aprendiz preto concertou muito bem uma das nossas espingardas estragada na viagem. Usam ordinariamente aço inglez ou aço fabricado do ferro de Sorocaba (Ipanema). Os productos da fabrica, embora optimos

sahem tão caros como os importados da Europa, em consequencia da pouca procura e do pequeno numero de operarios que tornam impossivel a organisação proveitosa do serviço. Como primeira escola da industria nacional, entretanto, a fabrica é util e de importancia.

O bispo D. Matheus de Abreu Pereira occupa-se na sua quinta, tambem com a criação do bicho de seda que prospera bem, fornecendo fio bastante bonito. Como a amoreira dá muito bem no clima de S. Paulo é de esperar que a criação do bicho de seda possa ser desenvolvida com grande vantagem. A cultura da cochonilha, porém poderia dar aqui resultados mais apreciaveis ainda, visto como o "*cactus coccinellifer*" encontra-se, com o respectivo insecto, em muitos logares da capitania de S. Paulo. Talvez á pouca inclinação dos habitantes pelos trabalhos penosos seja devido o não desenvolvimento, por emquanto da cultura da cochonilha.

São lindas as cercanias de S. Paulo, embora de aspecto mais terrestre do que as do Rio de Janeiro. A ausencia do espectaculo grandioso do mar e das montanhas massiças fica compensada pelo panorama de extenso territorio que offerece toda a variedade possivel de campinas verdejantes e frondosas mattas, collinas alternantes com bonitos valles. Póde ser que a bella natureza, juntamente com o clima feliz, tenha fomentado o gosto dos paulistas pelo cultivo de jardins e hortas, encontrando-se alguns destes, de effeito bastante agradavel perto da cidade. Além das arvores fructiferas da terra, como a goiaba, guabiroba, grumixama, jaboticaba, cajú, etc., cultivam-se ainda melões, laranjeiras, figueiras, cerejeiras, pecegueiros, marmeleiros, e algumas variedades de madeiras com bons resultados; igualmente já se experimentaram a cultura da nogueira e do castanheiro.

A videira e azeitona ao contrario, parecem de difficil acclimação ou carecem ainda de tratamento apropriado. As uvas que provámos, eram bastante azedas; póde ser que para a videira o solo seja humido e pesado demais. A azeitona quasi nunca dá fructos, talvez por coincidir a época da maturação com a estação das chuvas. Verduras e legumes europeus dão-se bem; as cebolas de S. Paulo são celebres como as da ilha de Santa Catharina, por causa do tamanho e da quantidade. Comquanto já se note

aqui a differença entre as diversas estações do anno, manifestando tanto no desenvolvimento das flores como na formação dos fructos, parece não ter ella influencia ainda sobre a constituição das madeiras, encontrando-se aqui, como na immediata visinhança do Equador, madeiras da maior densidade e quasi sem vestigio de nós.

O clima da cidade de S. Paulo é dos mais salubres e agradaveis da terra. Tanto a posição quasi sob o Tropico do Capricornio, como a elevação de 2.200 pés sobre o nivel do mar de Santos, proporcionam á cidade todos os encantos dum ceu tropical, sem os inconvenientes dum calor exagerado. Durante a nossa estadia o thermometro oscillou entre 15° e 18° R. e o hygrometro entre 67$_0$ e 70°. A temperatura media annual dizem ser de 22° a 25° Cels. A differença das temperaturas nos mezes do inverno (maio até setembro) e nos de verão da estação chuvosa (outubro até abril) é mais importante e sensivel do que nas provincias do norte. Não raramente, nas regiões altas, cáe geada durante o inverno; o frio, porém, nunca se torna tão intenso e persistente que exija a installação de lareiras. Nas extensas planicies a Oeste e sul da capital nota-se certa regularidade na correspondencia dos ventos com a posição do sol. A maior quantidade de chuva cae no mez de janeiro: Neste mez encontrámos muitas vezes as collinas perto da cidade, de manhã cobertas, duma neblina densa e fria que se dissipava sómente com o apparecimento do sol. Nos sertões do interior mais tarde começa a estação das chuvas.

A posição geographica da cidade minuciosamente determinada por Oliveira Barbosa, membro da commissão de limites portugueza e hespanhola accusa, 331°, 24' 30" long. D. Fer. e 23°, 33' 30" lat. Sul (48° 59' 25" long. de Paris e 23° 33' 10" lat. sul, conforme o *Bureau des longitudes*), Egualmente se realisaram aqui, e em outros lugares da provincia, em tempo, observações sobre a declinação da agulha magnetica. No anno de 1788 era a declinação em S. Paulo: 7° 15' N. Leste.

A caracter das doenças em S. Paulo differe consideravelmente das condições pathologicas observadas no Rio, devido talvez tanto á differença de constituição dos habitantes como á do clima. Verificam-se aqui, com mais frequencia, doenças rheumaticas e

estados inflammatorios, principalmente dos olhos, peito, pescoço, e subsequente, tisica pulmonar e tracheal etc. — As doenças gastricas são pelo contrario mais raras, faltando aquella fraqueza geral do systema digestivo, assim como as cardialgias tão frequentes nos habitantes das regiões mais proximas do equador, e que parecem augmentar em funcção do calor. As affecções do figado não são muito raras, parecendo nisso influir o temperamento melancolico e colerico do Paulista bem como o cruzamento com os indios. E' digno de nota que a constituição do indigena americano favorece bastante a degeneração pathologica do figado e do baço. Hypertrophias e endurecimentos destes orgãos são frequentes. As doenças da pelle são mais raras do que nas provincias do norte; observam-se menos eczemas chronicas, sarnas e furunculos. São mais raras as febres intermitentes. O struma de que acima fallámos, não é frequente na cidade. Além das inflammações nota-se maior numero de casos de hydropisia.

A capitania de S. Paulo, formada no anno de 1710, da capitania de S. Amaro e de parte da de S. Vicente, era antigamente dividida em duas comarcas, a de S. Paulo, com a capital de egual nome, e a de Paranaguá ou Curitiba Da primeira separaram ha uns 10 annos, a de Ytú, cuja villa principal é a de Ytú. No sul da comarca é agora Curitiba a séde das autoridades. O primeiro magistrado de cada comarca é o ouvidor que tanto está á testa dos negocios juridicos como dos administrativos, fóra do districto da residencia do Governador, tendo o ouvidor na Junta da Real Fazenda o primeiro voto apoz o governador.

Nos negocios da fazenda o juiz de fóra exerce o lugar de adjunto do ouvidor. Ha na cidade de São Paulo uma administração municipal identica ás existentes em Portugal. Os membros do conselho municipal são eleitos pelos municipes, havendo um juiz da camara, certo numero de vereadores, um escrivão e um thesoureiro. A's sessões importantes comparece tambem o juiz de fóra que desempenha na maior parte das cidades, egualmente, as funcções de juiz de orphãos. Está a administração das instituições de caridade a cargo da Camara, achando-se este systema adoptado em quasi todo o Brasil.

SciELO

Contava a capitania de S. Paulo, no anno de 1808, sobre uma população de 200.478 almas 418 sacerdotes, dos quaes 331 regulares e 87 seculares, disseminados por 15 mosteiros. Conventos para freiras havia-os dous, com 53 reclusas. Desde aquella época não augmentou essa proporção, não parecendo que o governo esteja inclinado a auxiliar o desenvolvimento de taes instituições tão desfavoraveis ao povoamento do paiz. Pelo contrario, tratou com solicitude da organisação do serviço militar. Ha de tropas regulares um regimento de dragões e outro de infantaria, distribuidos na costa, na capital e em certos pontos do interior. Os demais cidadãos tem de servir ou nas milicias, dos quaes ha oito regimentos de infantaria e tres de cavallaria, ou nas ordenanças, Tem as milicias a obrigação de marchar, em casos de necessidade, para fóra das fronteiras da provincia. As ordenanças não precisam deixar o lugar de residencia. A ellas pertencem, a excepção dos funccionarios publicos, todos os cidadãos de dezeseis a sessenta annos de idade, emquanto não estiverem servindo no exercito regular, nem nas milicias. Estas ordenanças formam o verdadeiro nucleo da defesa nacional De vez em quando fazem exercicios militares, como as milicias tambem consiste a sua principal utilidade, entretanto, em conservar no povo certo espirito de disciplina militar e em auxiliar a execução energica das determinações dos orgãos administrativos. Conta a provincia de S. Paulo 157 companhias de ordenanças. Os officiaes de mais alta patente são os capitães móres, quasi coroneis, achando se em communicação directa com o governo sobre muitos negocios, p. e no tocante á segurança publica. Os chefes das milicias são os « coroneis ». A competencia destes coroneis e dos « capitães móres » é inteiramente diversa. Para os milicianos o juizo competente é o conselho de guerra, até em casos de crimes communs á escolha do accusado, e este geralmente prefere o julgamento pelo conselho. Estão as ordenanças, porém, sujeitas á jurisdicção do juizo civil. As milicias de S. Paulo gozam, aliás, da reputação de manterem, mais do que as outras, a solidariedade militar de que tambem deram provas na recente expedição contra Buenos Aires. Ambas as instituições de milicias e ordenanças recommendam-se sobretudo num paiz novo e pouco rico, pela circumstancia de

proverem a sua subsistencia com os proprios recursos. Os officiaes de ambos os corpos não recebem pagamento algum da parte do Estado, a excepção dos majores das milicias que são sempre officiaes do exercito e dirigem os exercicios militares.

A capitania de S. Paulo não está em condições de fazer face ás despesas administrativas mediante a propria receita, carecendo para isso dum auxilio de 60:000$000 annuaes. Desde a chegada d'El Rei, que com paternal desvelo desejava introduzir em todo o paiz mais rigorosa e prompta justiça, e uma distribuição mais uniforme dos impostos, instrucção publica mais extensa, augmentaram as despesas da provincia, sem que haja, entretanto, em compensação, augmento das receitas, cuja fonte principal procede dos impostos de exportação e dos de profissões e industrias. Egual experiencia teve de fazer o governo portuguez em pontos diversos, o que parece indicar que a organisação provcitosa e feliz dum paiz novo depende mais do augmento da população do que do desenvolvimento do commercio e dos capitaes internos. Talvez em nenhuma outra provincia do Brasil haja tão solidos e esperançosos fundamentos para a prosperidade dos futuros habitantes como aqui, onde as condições de solo e o clima abrem fontes perennes de bem estar.

Uma instituição bastente valiosa contemporanea do estabelecimento da Côrte no Rio, é um serviço regular de correio entre S. Paulo e o Rio de Janeiro mediante estafetas que entregam as malas fechadas dentro em 15 dias, no lugar do destino. Desde que se acha na parte sul do Brasil um corpo de exercito portuguez, tambem entre S. Paulo e Montevideo se organisou o serviço postal.

SciELO

CAPITULO II

Viagem da cidade de São Paulo á fabrica de ferro de Ipanema.

Começou a estação pluvial com grande regularidade durante a nossa estada em S. Paulo. A' noite chovia quasi continuamente, cobrindo-se o céo ao meio-dia de nuvens espessas; depois de se descarregarem voltava um lindo azul claro; o ar, apezar d'isto, era raramente muito abafadiço, sentiamos de noite uma baixa tão rapida de temperatura que tinhamos necessidade de procurar mais cobertores. Era um tempo muito desfavoravel ao nosso desejo de conhecer as cousas notaveis da natureza e da historia da região, porque sempre que alongavamos os nossos passeios um pouco fóra das immediações da cidade, tinhamos que voltar para casa completamente molhados. Começava o reino vegetal a renascer pouco a pouco com novo vigor, mas os animaes mostravam-se ainda raros. Resolvemos então encurtar a demora na cidade sempre algo desagradavel para o naturalista, e viajar em direcção á fabrica de ferro de S. João do Ypanema a vinte leguas de S. Paulo. O director da fabrica, o sr. tenente-coronel Varnhagen, no Rio de Janeiro nos descrevera muito attrahentemente a devida região do Ypanema falara-nos da sua riqueza de fauna e flora. Deu-nos o governo cartas de recommendação para as autoridades que encontrassemos, e o nosso patricio o activo Sr. Müller conseguiu-nos como tropeiro um paulista. A gente daqui tem fama como arrieiros. Depois que os animaes de carga vieram do pasto, onde tinham ficado para descanço durante a nossa demora em S. Paulo, deixámos a 9 de Janeiro de 1818 esta cidade que nos era muito grata pela sinceridade cordial e hospitalidade dos seus habitantes.

O caminho para o Ypanema percorre zona montanhosa e em parte cultivada para S. S. O.. A'

direita tinhamos o monte do Jaraguá, propriedade do general Franca e Horta. no Rio havia-nos elle convidado a ficar alguns dias alli para examinarmos a formação e as lavagens do ouro. Este monte forma um dos contrafortes mais meridionaes da Serra da Mantiqueira que se perde n'esta latitude depois d'uma extensão de mais de cincoenta milhas para o norte. Os mineradores de ouro alli trabalham n'um conglomerato de pedra liez ferruginosa em que existe o metal ora em grãos ora em pequenas folhetas. Sobe-se desde Jacarehy. pequeno lugarzinho, suavemente Collinas graciosas e valles estreitos surgem. As elevações estão cobertas de grama verde acinzentada e alta, entre a qual se levantam arbustos como murtas, melastomaceas diversas, etc.; as varzeas mais frescas são pelo contrario cobertas de matta baixa. Na Cutia, aldêa que tem igreja, e dista, cinco legoas de S. Paulo, abandonamos a nossa tropa e adiantamo-nos para alcançar o Ypanema o mais depressa possivel. Quasi nos arrependemos d'este passo, porque, como depois soubemos alguem do nosso sequito havia manifestado a intenção de abrir as nossas malas e fugir com o roubo. Serviu-nos isto de advertencia para nunca nos afastarmos da tropa n'este paiz A região cada vez mais montanhosa se mostrava o mais a miudo coberta de mattas; o caminho era largo e aplanado pelas muitas pontas de mulas, frequentemente de mil cabeças, vindas da provincia do Rio Grande do Sul. Certa vez nos encontrámos de repente extraviados e perdidos na matta espessa. O silencio d'este bosque ás vezes quando vehementemente interrompido pelos gritos estridentes da araponga causa muito triste impressão ao extraviado, que teme afastar-se mais a cada passo dado. Depois de percorrer a matta durante algumas horas, encontrámos finalmente, n'um outro caminho, um homem affavel quo promptamente nos reconduziu á estrada certa. Era o parocho do S. Roque, no caminho de nosso destino, que embora de noite voltava da sua fazenda. Vestido á moda paulista com um poncho grande, largo e chapeo branco de feltro trazia espada á cinta. Em outro paiz ninguem nello presumiria o pacifico doutrinante do Evangelho. Mas aqui n'este paiz é necessario viajar assim, porque ás vezes se encontra, nos caminhos solitarios pelas mattas alguma onça, cobra venenosa ou mesmo escravo fugitivo e salteador.

SciELO

Em S. Roque, aldêazinha sem importancia, o cabo das ordenanças como primeira autoridade do lugar nos alojou n'um pequeno rancho velho, recebeu-nos com boa comida e deu-nos como cama um girão. A caracteristica mineral d'esta região é uma pedra lioz amarellada e de grã grossa que aqui e a colá alterna com camadas de pedra ferruginosa. A existencia abundante do ferro, se bem que sómente em estado fragmentarios, é tanto mais estranha quanto mais se passa da formação do granito para a da pedra lioz. A's vezes se encontram nas encostas crystaes de pedra ferruginosa octaedricos e muito soltos. No dia seguinte tivemos de passar outra vez por alguns bosques baixos, mas espessos, em que collec cionamos o atlas pequeno (a aurora) e uma nov-especie de escaravelhos (Lamprima) de mandibulas muito encurvadas e aforquilhadas á frente. De noite deixámos o bosque e sobre altos campos cobertos de vegetação abundante de grama chegámos á Villa de Sorocaba. Esta bonita povoação está situada á mar gem do rio insignificante do mesmo nome que cae a oeste dalli no Tietê e sobre o qual ha uma ponte de madeira. Esperavam-se aqui desde algum tempo trabalhadores allemães para a vizinha fabrica de ferro do Ypanema e logo depois da nossa entrada fomos inquiridos sobre sua chegada, habilitações e o modo pelo qual se minera o metal na Allemanha. Tanto interesse pelo estabelecimento real nos deu favorave-opinião do feitio dos sorocabanos. Mais tarde ficámos tambem sabendo que gozam em toda a parte da fama de honradez seja onde for que appareçam com as tropas de mulas chucras cuja venda constitue seu principal ramo de negocio. O capitão-mór nos offereceu uvas frescas. Fizemos uma observação acerca destes fructos. Porque n'esta terra produzem ellas tão pouco assucar emquanto o abacaxi, na provincia de S. Paulo, é tão doce e gostoso? Talvez porque o solo contênha pouca cal e mais argilla e é granitico, e tambem ainda porque a videira aqui está muito pouco acclimada. A viticuitura era antigamente prohibida aqui por decreto real para não prejudicar o commercio de Portugal. Agora é permittida, mas não encontrou muitos affeiçoados. Esperámos em Sorocaba apenas uma tarde fresca para vencer o caminho da fabrica de ferro de S. João de Ypanema situada a uma distancia de duas leguas dalli. Sobre

SciELO

campos ondulados por collinas baixas e cobertos de grama curta e arvores enfezadas chegámos com o pôr do sol ao lugarejo. Está encostado a uma elevação amphitheatral, á margem do rio Ypanema que aqui se espraia como uma lagoa. Lindas planicies formam o primeiro plano da paisagem e a montanha de ferro do Arasojava (Guarasojava) coberta de bosques escuros estende-se do lado de noroeste sobre a encosta do valle, a formar o fundo do quadro. As casas caiadas com esmero e derramadas ao lado da collina, ao pé do qual se levantam os grandes edificios da fabrica, e a expressão da actividade e industria ruidosa aqui apresenta ao europeo quasi que um lugar laborioso de seu continente.

Vinhamos recommendados pelo amavel coronel Toledo de S. Paulo ao contador da fabrica sr. Francisco Xavier Ferreira. A hospitalidade deste bom paulista e a bondade espontanea de sua numerosa familia tornaram nossa estadia no Ypanema um dos periodos mais lindos da nossa viagem e cuja lembrança não podemos evocar sem commoção. Nosso hospedeiro nos arranjou pequena casa perto da fabrica onde tinhamos bastante logar para por em ordem, desabafar e seccar as nossas collecções. Elle proprio morava n'uma quinta a distancia de mais ou menos dez minutos do logar, mas deixava-nos promptos e perto de nos durante todo o dia alguns cavallos sellados para facilitar as nossas excursões. Nossa demora no seio desta familia já desde o principio seria muito agradavel, se a demora da nossa caravana que devia chegar á tarde do dia immediato ao da nossa chegada não nos tivesse inquietado. Tres dias decorreram em anciosa esperança e só depois que mandámos tropeiro com animaes frescos chegaram passados cinco dias as nossas bestas de carga n'um estado miserimo. Um preto livre ajustado como tropeiro para a nossa tropa já desde o Rio de Janeiro, era natural d'esta região e desertara sem escrupulos quando se vira outra vez em sua terra. Este accidente provocou-nos desconfiança invencivel de toda a gente de sua côr o que nos inspirou favoravelmente as providencias em outras circumstancias com esta parecidas. Por isso recommendamos aos viajantes do interior do Brasil a mais cuidadosa escolha dos criados; quanto menos dependerem da gente da terra tanto mais agradavel e mais segura lhes correrá a viagem.

SciELO

Toda a povoação do Ypanema deve a origem ás grandes quantidades de pedra ferruginosa magnetica do Monte do Araasojava cuja riqueza de metal é conhecida já faz tempo, mas que sómente depois da chegada do Rei se explora com regularidade e conforme os principios da metallurgia. O emprehendedor ministro Conde de Linhares para aqui trouxe no anno de 1810, uma turma de metallurgistas suecos que no principio fizeram uma casa de madeira á margem do Ypanema e tratavam o metal em duas pequenas forjas. Actualmente são ainda tres mestres suecos os que tem levantado a producção annual da fabrica, por elles fundada, a quatro mil arrobas. Seguem-se os methodos suecos no Ypanema. A falta d'um alto forno, a difficuldade de transportar o metal em quantidades maiores a procura de ferramentas já promptas obrigam a administração a mandar fabricar a maior parte do metal logo, em ferraduras, pregos, ferragens, fechaduras etc. Os obreiros suecos formaram os ajudantes necessarios entre pretos e mulatos, e estão muito contentes com a sua habilidade pratica; mas a sua preguiça e irregularidade no serviço constituem uma causa permanente do desgosto d'aquelles bons homens que mesmo na abundancia e no descauço do clima meridional nunca podem esquecer a patria e têm saudades intensas pensando que hão de um dia jazer em terra estranha como os seus companheiros já mortos. O plano d'um fabrica maior e mais duradoura se traçou no governo do Conde da Palma, promotor esclarecido da industria, e da sua realisação foi encarregado o nosso patricio, Sr. tenente-coronel Varnhagen. A bella e grande obra cujos custo foi de 300.000 cruzados acabava de se completar quando chegamos ao Ypanema, mas ainda nada se tinha fundido da Allemanha; eram esperados os fundidores necessarios á manobra d'um alto forno. Os novos edificios da fabrica foram construidos com gosto e solidamente com a pedra lioz amarella d'aqui. A fabrica tem dois altos fornos e algumas forjas; os broques são tambores d'agua. Para deposito de carvão e do ferro produzido existem armazens muito espaçosos perto do edificio principal que recebe de um canal empedrado, que tem duas comportas, a agua do Rio Ypanema. Para os trabalhadores doentes da fabrica existe um hospital onde os assistem dois cirurgiões. Sobre a consistencia do

lioz d'aqui existiam duvidas no tempo da nossa estada porque ainda não se fizera nenhuma fundição. A difficuldade á ampliação da fabricação é a falta de lenha se bem que as partes baixas dos valles, as margens dos arroios e o monte de ferro do Araasojava estejam internamente florestado. Mas o conbustivel d"ahi procedente durará pouco tempo. A administracção ordenou que todos os habitantes d'esta zona entreguem á fabrica uma quantidade de carvão correspondente ao tamanho do terreno por elles cultivado, mas este recurso não pode obviar a uma falta futura de madeira se não se plantar com regularidade novas mattas e se não se utilizarem com mais cuidado as já existentes. Com a multiplicação d'uma especie de madeira que se recommenda pelo seu carvão muito bem, a *parauna*, (uma Acacia?) talvez se possa obviar, á necessidade do uso de qualidades diversas de carvão que devem dar ao ferro desigual densidade e tornal-o lacunoso devido a dosagem desigual do carbono durante a fundição. O minerio parece bom e de um teôr, as vezes de quasi noventa por cento, mas no Brasil muitas vezes ouvi a queixa de que o ferro alli fundido é quebradiço demais e tem pouca duração para algumas ferramentas. Quando se applicar o processo mais util para tratar o metal, especialmente o fresco, e se facilitar a exportação pela construcção d'uma estrada real ou d'um canal para a costa, então Ypanema com a sua riqueza incrivel de ferro poderá abastecer não sómente todo o Brasil como o resto do continente americano.

O monte capaz de fornecer esta quantidade extraordinaria de minerio erguer-se a oeste a um quarto de milha atrás do lugarzinho e se estende como uma crista de montanha uma legoa de S. para N. Sua altitude sobre o rio Ypanema é de 1.000 pés mais ou menos. Quasi todo está coberto de matta espessa onde se pode ouvir á noite e pela manhã a gritaria dos pardacentos monos berradores (*Mycetes fuscus*). (*) A elle subimos seguindo o caminho estreito pelo trilho em que as mulas levam os mineiros á fabrica. Depois de cortar um trecho de matta espessa estacámos de repente em frente a alguns rochedos gigan-

(*) Spix: Simiarum et Vespertilionum brasilienaium species novae etc Monachii 1823. Folio. Tab. XXX.

tescos de pedra ferruginosa que se levantam quasi verticalmente a uma altura de quarenta pés ou mais. Ao derredor acima e abaixo da terra que é muito fertil vimos espalhados numerosos blocos soltos do tamanho de um punho e até bem maiores. A superficie dos rochedos é quasi em todas as partes plana e mostra no interior pedra ferruginosa meio oxydada com algumas linhas de grossura. Nas massas grandes não observamos movimento algum de agulhas magnetica, mas os pedaços pequenos e especialmente recem-extrahidos vimo-los produzir desvio grande da bussola. A massa d'esta pedra ferruginosa é ou completamente densa ou sulcada de veios de oca ferruginosa. Este minerio parece engastado em pedra lioz amarella e quartzosa com pouco liame argilioso, pelo menos na que existe em differentes lugares ao pé do monte como no proprio Ypanema. Uma ardosia de argilla azulada côr d-alfazema trigueira nos bordos, que se estende de este para oeste recobre no alto do monte aqui e acolá a pedra ferruginea. Tambem existe no Morro do Araasojava e provavelmente nas minas do magnetito um quartzo poroso de côr trigueiro clara cujas cavidades se acham cobertas de calcedonia branca azulada e de superficie crystalina.

As mattas virgens que nas regiões baixas são mais exuberantes e mais espessas que nas regiões mais altas mostram-se muito mais ricas nas differentesespecies de madeiras. Colleccionamos um dia em companhia de um camponez d'aquella região cento e vinte especies, entre as quaes havia um numero proporcionalmente grande de cernes muito duros, duraveis, e proprio á construcção de edificios e navios. (*) Notavel a facilidade com que o camponez depois de ver o tronco e o cortex sabia o nome de cada especie, sua utilidade, tempo da florescencia e a especie dos fructos. Um trato continuo com a natureza aguça o sentido destes homens simples para uma percepção tão exacta dos caracteres physicos que neste particular superam quasi sempre o europeu, muito sabio mas pobre em materia de percepção da natureza. O sertanejo de São Paulo distingue formas aparentadas de canellas

(*) As especies de madeiras mais importantes d'aquella região são: Sebastião d'Arruda, Coração de Negro, ambos utilizados por causa do amago vermelho especialmente para moveis finos; Jacarandá-tan, especie excellente para moveis de *acajou*; Masaranduva, Cabiuna, Perova, Parauna, Jequetivá, cedro etc.

que quer cortar para fins economicos, depois de comparar as folhas com uma certeza que faria honra a qualquer botanico. Outrosim conhece exactamente as hervas medicinaes do paiz; as mulheres desta provincia sobretudo tem fama de grande habilidade na medicina. Em quasi todas as casas uma ou outra exerce as funcções de curandeira que lhe não disputa nenhum medico legitimo no tempo em que atravessavamos a capitania de S. Paulo onde nem na capital nem no interior havia medico formado. Não se pense que estes conhecimentos praticos das *vis medicatrix* da natureza sejam herdados das tradições dos povos indigenas americanos. Pelo longo trato com os indios sabemos que a indolencia destes infelizes lhes impede avaliar as forças medicadoras da natureza. Superstição, indifferença pela vida e insensibilidade contra os soffrimentos dos proximos não deixam que os indios aproveitem todos os beneficios da natureza, cujos conhecimentos não poderiam ser difficeis aos seus sentidos aguçados para a observação simples, desde que tivessem vivo interesse pelo assumpto. O maior merito no descobrimento e uso das hervas medicinaes como tambem do descobrimentos das minas de ouro pertence aos paulistas. O seu genio activo e curiosidade inspirados pela natureza rica fel-os proseguir com o actividade propria dos europeus nos descobrimentos por casualidade feitos e não raras vezes por meio das indicações dos indios. O espirito humano aproveita, n'este dominio das explorações, e de todos os modos as indicações da natureza e julga os caracteres physicos das cousas, quanto ao cheiro á côr, a semelhança com certas formas ou partes do corpo humano etc., analogias aproveitaveis para as forças interiores das primeiras e para a sua efficiencia como remedio. Assim o paulista viu em quanto tinha cor de ponçó uma relação com o sangue, quando amarello com a billis e figado. Viu no Urupé (*Boletus sanguineus*), que tem a côr do vermelhão, e apparece de repente em arvores podres e muitas vezes dura apenas um mez, recursos especiaes para o estancamento do fluxo vaginal, encontrou na madeira amarella da Bútua (*Abuta rufescens*) um indicio para sua efficacia contra as doenças do figado, na raiz da Contrayerva (*Dorstenia brasiliensis*) e nas folhas cordiformes do Coração de Jesus (*Mikania officinalis nob.*) um indicio de qualidades fortificantes para os nervos

ou o coração, e tomou a flor grande e luzente da *Gomphrena officinalis nob.* como a expressão de muito boas qualidades da raiz a que por isto intitulou Paratudo. Poderiamos ainda citar muitos productos da natureza que os paulistas consideram efficazes por causa das qualidades exteriores, e experimentam pouco a pouco de um modo bruto e empirico empregando-os sempre e mais frequentemente em suas doenças. Nesta restricta população de colonos abandonados á propria ingenuidade e á riqueza da natureza começou a medicina por meio de experiencias puramente empiricas e tradicções populares tomando o mesmo caracter que tinha na Europa na idade media e cujos testemunhos apparecem ainda nos «Elendklauen», o *Scincus officinalis* etc., de differentes pharmacopeias antiquadas. Como em tempos idos com Hippocrates e as taboas votivas dos templos, assim tambem o medico scientifico têm de usar para o augmento do thesouro da medicina as informaçõer singelas e as experiencias dos camponezes. As feridas e doenças externas são especialmente tratadas muitas vezes com exito admiravel. A rapidez de todos os processos organicos nos paizes quentes e tambem o uso muitas vezes, quasi demasiadamente audaz, de remedios heroicos e de doses immoderadas devem ser as causas do resultado favoravel de alguns tratamentos que nunca na Europa se quereria arriscar. Tambem é de grande importancia que a maioria d'estes remedios domesticos é tomada immediatamente de seu estado vivo para o uso medicinal, circumstancia a que talvez não se attente bastante na Europa onde a gente já está mais distante da natureza por causa das condições burguezas. Os remedios europeus do reino vegetal têm perdido ordinariamente quasi todas as suas forças quando chegam aqui e por isto os medicos brasileiros substituem sem muito pensar alguns do exterior por productos nacionaes.Somente quanto a poucos medicamentos não se conhecem aqui ainda equivalentes sufficientes, p. e. para o musgo islandico, a Squilla, o Aconito, a Digitalis, o opio o qual aqui parece não dar sempre bons resultados.

Estavamos havia poucos dias no Ypanema e já se espalhara a noticia da chegada de dois medicos estrangeiros. Assim de todos os lados chegaram doentes que nos pediam conselhos e remedios. Tambem o nosso hospedeiro, homem cheio de patriotismo, pen-

sou dever usar da presença benefica dos hospedes para os seus vizinhos e amigos e attrahiu-nos, grande numero de doentes. No espaço de duas semanas demos mais ou menos quinhentas receitas o que consumiu cerca de metade da nossa pequena pharmacia de viagem. A maioria das doenças que aqui observámos era de origem syphilitica ou proveniente da dyscrasia syphilitica. As formas que assume aqui esta doença polymorpha, especialmente as do systema cutaneo, são da mesma variedade e algumas talvez ainda não observadas na Europa. O caracter da doença é geralmente inflamatorio e modificado pelo temperamento cholerico-melancolico dos paulistas. A esta cathegoria pertençem os casos muito freqnentes de inflamação dos olhos, de erysipelas, com complicação hepatica, de hydropisia aguda, especialmente anasarca, de hydrothorax como conseqüencia de pneumonias, que apparecem em parte puras e em parte com complicações gastricas ás vezes muito occultas, apoplexias com amaurose precedente, etc. Em nenhuma parte do Brasil se encontram tantos melancolicos e hystericos como aqui. A hydrophobia é observada, se bem que raras vezes. Se fallarmos das causas predisponentes a doenças n'esta região do Brasil, temos tambem de mencionar o alimento, que é muito differente do usado nas provincias do norte. Em vez da mandioca come-se quasi unicamente o fubá. Elle vem á mesa em pequenas cestinhas, como o pão na Europa e é substituido pela farinha de pau (mandioca) conforme o gosto dos hospedes. Raras vezes se faz pão ou bolos. A cangica que tambem se prepara com o milho e nunca falta como sobremesa, é uma comida nacional dos paulistas. Limpam-se os grãos de milho previamente humedecidos, num pilão, feito dum tronco de arvore, movido a mão ou agua e depois cozem-se por algumas horas até que fiquem bem molles e então serve-se a cangica com assucar ou mellado.

A canjica é comida gostosa mas para o calor do clima de difficil digestão. O paulista gloria se da invenção deste manjar. Muitas vezes dizem nesta provincia: se não tivessemos descoberto as minas de ouro, teriamos merecido muito da patria inventando a cangica e as redes. Fomos os primeiros a imitar os indios neste particular.

Os simples moradores destas regiões ainda nada sabiam do magnetismo animal e ouviram com incre-

dulidade as nossas narrativas sobre este methodo curativo, que era diabolico segundo o seu entender. Se tivessemos proposto a cura magnetica para as mulheres hystericas, os maridos com certeza não teriam permanecido indifferentes durante o tratamento. Mas tivemos opportunidade para uma experiencia. Um joven escravo preto que perdera graças a um resfriamento o uso do braço direito, nos foi apresentado pelo dono para que resolvessemos sobre o que convinha fazer. Depois de prévio exame, pareceu-nos o tratamento pelo magnetismo o remedio mais apropriado ao caso. Estendido o braço sobre uma mesa e magnetisado durante alguns minutos apenas, começou o doente a attrahir a attenção dos presentes pelo livre movimento dos musculos. O medico, animado com o resultado, fez mais esforços ainda. Após algum tempo bradou: « Levanta! Levanta o braço! » O negro levantou o braço, ainda um pouco hesitante; mas quando pôde movel-o livremente, a scena que se apresentou ao espectador se tornou digna dum pincel de mestre. A admiração e o medo dos presentes, ante este resultado sobrenatural, o triumpho de nosso hospedeiro, a alegria do escravo e a gratidão do dono se uniram formando um quadro muito interessante. A nossa demora no Ypanema não foi por tempo sufficiente que desse para averiguar da efficacia do meio usado para a solução do caso apontado.

Entretanto é digno de nota o effeito produzido por uma unica sessão.

Esta experiencia parecia confirmar uma opinião que o physiologista adquire por meio de muitas observações, de que o europeu é superior aos homens de cor na intensidade do fluido nervoso e assim domina as outras raças de maneira especifica, tanto somatica como psychicamente. Alguns escriptores judiciosos já observaram que as differentes raças, se bem que organisadas igualmente, são qualificadas como mais ou menos perfeitas sob diversas circumstancias e que o europeu especialmente é dotado de organização e forças espirituaes bem superiores aos demais typos de outras raças. Se o homem da raça caucasica é verdadeiramente inferior ao negro em agilidade e capacidade sexual, ao americano em estatura firme e robusta, força muscular, perseverança e longevidade, e a este como ao mongolico em agudeza dos

sentidos, é porém superior a todos em belleza do corpo, proporções e attitude, alem de moralmente livre, independente na evolução universal do espirito.

Aquella formosa harmonia de todas as differentes forças que é produzida e conservada sómente pelo dominio da mais nobre faculdade no homem, determina melhor a dignidade que a formação predominante e talvez tambem excessiva de alguns orgãos inferiores.

O resultado desta bella e mais perfeita unidade das forças humanas é a verdadeira humanidade inseparavel da idéa da liberdade. A liberdade, fundada na viva consciencia moral e desenvolvida pela magnificencia da religião e verdadeira sciencia, têm dado ao europeu a dignidade e grandeza que o tem guiado até agora quasi instinctiva e victoriosamente atravez de todas as partes do mundo. Protege-o até mesmo onde a audacia desenfreada conquista o primeiro logar e infunde geral respeito em torno de si.

Nós mesmos quando permanecemos algum tempo entre os indios tivemos o ensejo de experimentar a superioridade do branco sobre o selvicola.

Aquella raça assim como a ethiopica e os mestiços de ambas professam secreto temor do branco, de maneira que um olhar deste ou a sua simples apparição, lhes inspira receio. Um branco governa tacitamente centenas destes homens. Mais ainda: é este o caso da actuação sobre pretos que passam rapidamente á acção, mas têm coragem verdadeira e firme e por isto ficam subjugados e dominados psychicamente pela vontade firme do branco.

Depois de observações nos arredores de Ypanema, fizemos excursões mais distantes. Muito importante nos pareceu uma visita á Villa de Porto Feliz, sobre o rio Tietê, onde poderiamos recolher muitas noticias sobre o commercio entre São Paulo e Matto Grosso. De Ypanema até aquelle porto medeiam cinco leguas e meia. O caminho atravessa campos dobrados e regiões baixas cobertas de selvas, nos quaes não encontrámos uma só casa, na direcção quasi sempre de N. O.. O capitão mór, informado de nossa chegada pelo nosso gentil hospedeiro e guia, nos recebeu com grande hospitalidade e mostrou-nos as curiosidades do logar que consta de umas poucas cabanas situadas numa eminencia. O rio Tietê, ordinariamente chamado Anhemby, corre do lado de oeste,

SciELO

ao pé da aldeia. Suas aguas pardo-escuras são tão feias quanto perto de São Paulo. Aqui se acha avolumado por grande massa d'agua graças á affluencia de alguns rios pequenos, entre os quaes o dos Pinheiros, o Jundiahy e Capivary Rola esta agua para o Sul numa largura de doze até quinze braças entre margens montanhosas e cobertas de bosques escuros. Muito perto do porto, que nada mais é senão uma bahia livre de bosques e pedras e agora mesmo nada mostra — a não ser algumas canoas varadas em secco — em materia de commercio e actividade, perto do Porto ergue-se a penha de quarenta a sessenta pés de altura, chamada na lingua geral *Arara-ita-guaba*, o que quer dizer: logar onde as araras comem pedras. Era este antigamente o nome da aldeia sua visinha. Estes rochedos constam da mesma pedra pertencente á formação da pedra lioz que se encontra tambem em Ypanema. Sua superficie está recoberta de marga fina e cinzenta amarellada que contêm agglomerados de pedra lioz, encontradiços tambem em outros logares como p. ex. na collina da aldeia. Della efflora um sal branco, provavelmente alumen. Dizem que depois da estação das chuvas, as araras e outras aves de toda a região aquí se ajuntam para raspar com o bico e lamber a efflorescencia salgada da pedra. Não pudemos testemunhar este espectaculo singular; a paisagem devido ás aguas escuras do rio, tão tristes, parecia morta. De mais o lamber dos animaes no solo na parte mais quente do Brasil, onde a superficie produz, em grandes espaços, sacs, especialmente salitre, é cousa muito vulgar de que ainda fallaremos. Não longe da villa se encontra pedra verde em argilla vermelha, dizem que tambem a cal existe pela visinhança.

De Porto Feliz os paulistas partiram para as suas primeiras expedições ao interior dos sertões situados a oeste. A sêde do ouro e a ancia de correr aventuras já no fim do seculo decimo setimo os levara a acompanhar o curso do Tietê. Depois de felizmente atravessarem os seus muitos saltos, chegavam ao Paraná ou então ao Rio Pardo, que subiam. A agua crystallina do Rio Sangue Suga, uma das fontes principaes do Rio Pardo, parecia prometter-lhes grande abundancia de ouro. Porcorreram a região, lavaram a terra em busca do metal e chegaram á serra de Camapuãn, nas fontes do Embotetey-

SciELO

tay, que desceram até encontrar finalmente as largas aguas do Paraguay. A principio não acharam ouro n'estas regiões pantanosas e insalubres. Mas a fama da riqueza da vizinhança, especialmente a oeste, as tradições exageradas dos thesouros encontrados nestes paramos pelas expedições dos hespanhoes, entre outros de Cabeza de Vaca e do arrojado portuguez Aleixo Garcia, e finalmente o costumeiro gosto da aggressão ás mais fracas tribus de indios para a obtenção de escravos, foram motivos sufficientes para alguns paulistas fazerem esta viagem longa e perigosa. No anno de 1718 Antonio Pires de Campos perlustrara o mesmo caminho e descobriu, quando tentava aprisionar indios da tribu dos Cuchipós, as minas de ouro de Cuyabá. Em poucos annos appareceu n'este novo Eldorado um numero tão grande de lavadores de ouro que de repente se formaram varias povoações e começou um trafico animado entre a colonia rica de ouro e a mãe-patria. O caminho pelo Tietê etc. foi a principio o unico conhecido; por elle se levou todo o supprimento do interior. Era muito natural que emquanto durasse a grande riqueza encontrada n'aquella epoca — (*) (dizem que em Cuyabá no primeiro mez da descoberta foram desenterradas quatrocentas arrobas de ouro) — os aventureiros não pensassem em trabalho algum que não lhes pudesse satisfazer immediatamente a sede de ouro. Descuidaram até da plantação do milho necessario e da mandioca, e a colonia ficou por isto, durante muito tempo, dependente de S. Paulo, por causa da importação; não raras vezes faltaram viveres que podiam ser adquiridos, como qualquer outro artigo indispensavel sómente por preços enormes. (*) Estava a colonia rodeada de tribus de indios inimigos. Os Payagoás, que habitavam as margens do rio Paraguay e dos pantanaes ou lagôa dos Xarayes, innundada por aquelle rio, annualmente, no

---

(*) Corografia brasilica, I. p. 250

(*) No anno de 1731 se fez a primeira aguardente em Cuyabá, de canna d'assucar plantada n'aquelle lugar; um frasco (algumas medidas) custava a principio 10 oitavas d'ouro. O alqueire de milho 6 oitavas, de feijões 10, uma libra de carne salgada ou toucinho 2, um prato de sal 4, uma gallinha, uma libra d'assucar ou uma camisa 6. O jornal d'um bateador era em algumas regiões, como p. e. na povoação da Chapada de S. Francisco Xavier, no anno de 1736 2 oitavas. Por causa da enorme quantidade ratezanas os gatos nos primeiros annos da colonia passaram a ser dos principaes animaes domesticos, pelo primeiro casal de gatos pagou-se uma libra de ouro.

Corogr. bras. I. p. 255.

tempo das chuvas, formavam uma nação numerosa, eram navegantes e muito perigosos ás monções, especialmente quando atravessavam aquelles pantanaes. Os Guaycurús, nação igualmente numerosa, povo cavalleiro, que morava nas planicies herbosas entre os rios Embotetey e S. Lourenço, atacavam os colonos nas suas casas e minas e, depois de ter conseguido algumas canôas, perseguiam tambem as embarcações dos paulistas, onde quer que as encontrassem. Foi por isto abandonado o caminho pelo Embotatay (Imbótetei), especialmente infestado pelos Payagoás e seguiu-se o Taquary, affluente do Paraguay mais ao norte, que mais tarde foi geralmente frequentado. Desde o anno de 1723, as embarcações dos paulistas partiram, pelo mesmo motivo, ordinariamente de Porto Feliz com a enchente immediata ás das chuvas (no mez de fevereiro ou março), para levar a Cuyabá as cousas mais necessarias, viveres, munições e ferramentas para as minas. Taes flotilhas consistiam muitas vezes em mais de cem canôas e levavam escolta militar. Até estas grandes expedições soffreram nos primeiros annos o assalto dos bellicosos indios que só pouco a pouco foram contidos pela povoação crescente do paiz d'ouro. A descoberta das ricas minas de Villa Bella (1735) augmentou a affluencia dos colonos. No anno de 1736 foi aberto o caminho terrestre de Goyaz cujas minas haviam sido descobertas doze annos antes, mil quinhentas pessoas deixaram as minas d'ouro de lá para enriquecer-se mais rapidamente ainda em Matto Grosso. Mais tarde as viagens de Cuyabá para o rio Amazonas e para o Pará (no anno de 1742 por Manoel de Lima, nos rios Guaporé e Madeira e no anno de 1744 por João do Souza no Arinos e Tapajoz) mostraram a possibilidade do trafico immediato entre Matto Grosso e o Pará. Mas o caminho de Porto Feliz ficou ainda e sempre muito mais frequentado.

O primeiro governador de Matto Grosso, Dom Antonio Rolim de Moura chegou por este caminho á nova provincia (1751) Mas com o crescimento da povoação de Goyaz augmentou tambem a frequentação do caminho por terra para lá; e a do Tietê diminuiu pouco a pouco. Actualmente partem por anno de seis a dez canôas somente de Porto Feliz para Cuyabá.

SciELO

O capitão mór de Porto Feliz realizara algumas viagens para lá e nos relatou as penas e riscos passados nellas. As canôas destas viagens são, como as dos lagos da Baviera, abertas num tronco unico de arvore de Peroba ou Timboúva ; Tem de cincoenta sessenta pés de comprido, cinco e meio de largura, tres a quatro pés de profundidade e podem levar carga de quatrocentas arrobas alem dos viveres necessarios. São em geral fabricadas nas bellas mattas virgens do rio Piracicaba, affluente do Tietê, onze milhas a noroeste de Porto Feliz. Geralmente consta sua tripulação de oito homens que usam remos curtos remos curtos e trabalham com varas compridas, porque a embarcação, estreita como é não permitte velas.

A viagem no Tieté é vagarosa por causa das suas curvas extraordidarias, penosa e perigosa em virtude das espessas neblinas, que se levantam algumas horas depois do nascer do sol ; ainda devido aos grandes saltos que se têm de vencer. Embora a embocadura da Tietê se acha a uma distancia de quarenta e cinco legoas apenas em linha recta de Porto Feliz calculam os navegantes o caminho, a vencer em centro e trinta legoas. Está o rio cheio de correntes violentas, rochedos e saltos dos quaes treze só podem ser vencidos quando se descarrega metade da carga.

Os saltos Avanhandavussú e Itapuré (sic), o ultimo a sete legoas acima da embocadura do Tietê, no Paraná, são muito mais perigosos ainda ; o rio precipita-se de uma altura de 30 pés, e por isso é necessario descarregar completamente a canôa e transportal-a por terra. Quando os viajantes chegam ao rio Paraná, este, cujo grande salto Urubú-Punga está tres milhas mais ao norte, logo que se vence a correnteza perigosa do Jupiá, leva os navegantes sem perigo para baixo, até a embocadura do Rio Pardo, onde se chega quesi sempre no quinto dia. O Rio Paraná rola enorme massa d'agua devagar e magestosamente por um largo leito, e diz-se que já aqui tem largura de quasi meia legua. Nelle a navegação é agradavel mas perigosa quando se levanta vento forte que fórma altas ondas contra as canôas razas. A sua margem oriental é quasi sempre alta, a occidental baixa ; ambas cobertas de areia branca e bosques. Os bosques acabam quando os viajantes deixam o rio

principal e sobem o Rio Pardo, o qual corre com muito impetuosidade e forte desnivel, interrompido por trinta e dois saltos, por uma vasta região coberta de gramineas. A viagem n'este rio é muito penosa, de maneira que a expedição necessita, não rara vezes, de dois mezes para percorrer as oitenta leguas do seu curso. No porto de Sangue-suga descarregam-se as canôas que são transportadas em carros de quatro rodas tirados a bois, duas milhas e meia até o porto de Camapuan. Os viajantes ahi encontram a primeira povoação do sertão onde podem comprar os viveres necessarios como milho, toucinho, feijão, e carne secca. A fazenda de Camapuan está mais ou menos á metade desta viagem penosa e solitaria e é muitas vezes um abrigo para a equipagem da qual não raras vezes todos ficam doentes de sezões por causa das fadigas continuas e do clima humido e nublado das regiões percorridas. Mantem o governo ahi um destacamento de soldados para defender a fazenda contra os assaltos dos vizinhos cayapós e ajudar aos viajantes no transporte sobre o isthmo. D'esta fazenda baixa-se com meia carga o riosinho pouco profundo chamado Camapuãn, até que se attinja o Coxim mais profundo. N'este ultimo, que corre por um leito de recifes escarpados e rochedos, tem os viajantes outra vez de vencer vinte e dois saltos e corredeiras dos quaes alguns tornam necessario o descarregar completo da canôa e outros o desembarque de metade da carga. Do Coxim vae se ao Taquary, rio importante, que tem uma largura de setenta bracas e só dois saltos dos quaes o que fica mais em baixo, chamado Belliago, é o ultimo dos cento e trezo que os navegantes vencem de Porto Feliz a Cuyabá. Este rio corre com muitas curvas por graciosos hervaçaes e entra por muitas boccas no Paraguay para atacar os viajantes. Para resistir com vantagem a taes assaltos, todas as canôas que fazem a viagem ao mesmo tempo costumam reunir no Porto de Pouso Alegro e eleger chefe sob cuja direcção continuam a viagem. Todos os viajantes elogiam estas regiões, em que, como elles dizem, ficam todos surprezos da abundancia de cousas novas e notaveis. Segundo as narrações, as ilhas o margens do rio são povoadas de enorme quantidade de aves; o numero dos peixes do rio, que sobem do Paraguay, é incrivel; estranhas fórmas do palmeiras ha nas margens,

n'uma graciosa vegetação de hervas e bosquezinhos aromaticos. Mais extraordinaria e mais bella ainda a scena quando os viajantes chegam aos canaes entre os pantanaes : milhares de patos e outros palmipedes se alçam ante os navegantes ; enormes cegonhas voam sobre os pantanaes compartilhando o dominio das aguas com os horriveis jacarés ; horas e horas navega-se entre arrozaes espessos plantados de modo a fazer lembrar a cultura europea n'esta região solitaria onde só raras vezes passa uma canôa conduzindo guaycurús pescadores. O aspecto da grandeza da região indica a proximidade d'um rio grande, e depois de quatro ou cinco dias os navegantes chegam ao Paraguay, que embora em estiagem tem a largura de quasi uma legua marinha. No tempo das chuvas innunda os pantanaes e forma um lago de mais de cem milhas quadradas. A navegeção é facil aqui, tambem aguas acima e quasi sempre faz-se o percurso até a embocadura do rio de S. Lourenço ou dos Porrudos em oito dias ; de lá se alcança facilmente o Rio Cuyabá, o qual se sobe em doze dias até a Villa de Cuyabá. A viagem completa leva quatro a cinco mezes. Quando o commercio no Tietê ainda florescia, as monções levavam armas, pannos, estofos de algodão e fazendas brancas, obras de vidro e ceramica, sal e todos os outros artigos europeos para Cuyabá e Matto Grosso. As cargas para o caminho de volta eram oleo de Copaiba, feijões de Pichurim, tamarindos, resinas, cera, guaraná, ouro em pó e pelles especialmente de lontras e onças. Estes artigos transportados por caminhos tão longos e perigosos, eram a principio muito caros; mas pouco a pouco os preços cahiram ao nivel dos da costa, especialmente depois que o caminho por terra tornou sempre dispensaveis o de Porto Feliz no Tietê e do Pará no Tocantins e no Araguaya. A Villa de Cuyabá, que por causa do clima mais salubre, é superior em habitantes e riqueza a Villa Bella, agora cidade de Matto Grosso, escolhida pelo Governador, para a residencia durante meio anno, é o ponto principal da provincia para o commercio terrestre e pelos rios.

As hordas dos indios, que a principio assaltavam os viajantes nas vias fluviaes, agora se afastaram na maior parte, para regiões mais distantes ou mostram intenções mais pacificas e vêm só de tempos a tempos para a beira do rio a negociar com os viajantes.

SciELO

Offerecem, em troca dos artigos europeos, mel, cera, copál e os frutos de differentes especies de palmeiras. Estes indios são especialmente os Cayapós que procuram as canôas no caminho do Tletê até o Taquary e os Guaycurús que as visitam na parte restante da viagem. Os Cayapós, tambem chamados Caipós, são a nação a mais poderosa da provincia de Goyaz. Vivem nas solidões entre a margem occidental do Paraná e o Paraguay e ao redor das fontes e confluentes mais altos do Araguaya, estendendo ás vezes as viagens ainda mais para o norte e para o sul. Teremos occasião de fallar a seu respeito no decurso desta narrativa. Os Guaycurús (1) ou Quaicurús, tambem chamados Cavalleiros pelos portuguezes, vivem nas planicies, na maior parte abertas e cobertas de gramineas em ambas as margens do Paraguay, no lado de leste entre os rios Taquary e Ipané e no lado de oeste ao sul da Serra de Albuquerque. Constituem a nação a mais numerosa e a mais poderosa de Matto-Grosso e são temiveis a todos os vizinhos. O fim das suas continuas guerras é especialmente captivarem os inimigos, que levam como escravos e conservam em dura servidão. Talvez não se encontre em nenhuma tribu de indios sul-americanos as condições da escravidão tão pronunciadamente como entre elles. Presa de guerra e nascimento são as duas causas que levam á escravidão e estabelecem certa distincção em castas que se mantêm muito rigorosamente. O escravo ou seus descendentes nunca podem casar-se com pessoa livre, porque esta união será deshonrosa. E' condemnado a trabalhos domesticos e não póde participar das guerras dos seus donos.

Referem autores que entre os guaycurús não ha meio pelo qual os escravos possam alcançar a liberdade. A grande superioridade d'esta nação sobre a maioria dos vizinhos foi motivo para que muitos d'estes se lhes entregassem voluntariamente á servidão. Por isto se encontram entre os guaycurús indios das nações dos goaxis, guanás, guatós, gayvábas, bo-

(1) Citamos aqui alguns traços caracteristicos da vida e dos costumes dos guaycurús segundo em parte noticias verbaes e em parte os relatorios sobre esta nação no jornal «O Patriota» (Julho etc. de 1813) escriptos pelo major do corpo dos engenheiros R. F. de Almeida Serra e das quaes se utilisou Cazal quasi *verbo adverbum*. — (Estes relatorios de Ricardo Franco de Almeida Serra se encontram tambem na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Tomo VII, Rio de Janeiro 1845. (Nota do traductor).

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

rorós, poroás, cayapós, chiquitos e xamacocos porque os guaycurús estão sempre em guerra com todas estas differentes tribus e os vencem quasi sempre, porque tambem a posse dos cavallos lhes dá sobre os adversarios grande superioridade. Antigamente roubavam só as crianças dos inimigos, matando todos os adultos, mas agora os seus costumes a este respeito se suavisam. Nunca conheceram o canibalismo, e a maior parte das tribus que moram á margem oriental do Paraguay são desde o anno de 1791 alliadas dos portuguezes, cuja amizade pediram por meio de uma embaixada e lhes foi assegurada por tratados escriptos. Mas isto não vigora para toda a nação, porque os indios guaycurús, que vivem nos grandes paramos desconhecidos, a oeste d'este rio, não têm relação alguma com os portuguezes. Dividem-se os guaycurús bravos em differentes tribus como os lingoás, os cambás e os xiriquenhos; estes ultimos atacam ás vezes os hespanhoes da provincia de S. Cruz da Serra. Usam arco e flechas, clava de dois até tres pés de comprimento (porrete) e lança de doze a quinze pés de comprimento que armam com uma ponta de ferro. Fazem a guerra quasi sempre a cavallo a que dirigem, governando-o em vez d'um freio com uma simples corda feita de fibras de folhas de ananaz. Têm uma faixa na barriga pela qual seguram, do lado direito, a clava, no esquerdo o facão. Defendem-se da fome, que não raras vezes succedo durante taes expedições, apertando-se fortemente a barriga como o fazem muitas outras tribus do indios. Dirigem com a mão esquerda o cavallo e á direita levam o arco, a flecha ou a lança. Dizem que em suas guerras contra os outros indios e os paulistas, que encontravam em sua terra, haviam reunido grandes manadas de cavallos selvagens e bois para fazel os correr contra os inimigos, que com este assalto desordenavam-se e resistiam menos.

O uso dos cavallos é tão antigo entre estes indios como o seu conhecimento dos europeos e parece que usam estes solipedes desde as suas correrias nas possessões, naquelle tempo hespanholas do Assumpção, onde estes animaes haviam augmentado com incrivel rapidez. Apezar do trato continuo dos cavallos não são muito bons cavalleiros. Costumam domar e ensinar os animaes selvagens sómente n'agua onde elles menos tem a temer os movimentos e a

queda. Os trabalhos principaes dos homens são alem da guerra, a caça, a pescaria e a colheita dos frutos da matta. As mulheres preparam a farinha das raizes da maudioca, a qual as mesmas moradoras das aldeias plantam.

Fazem tecidos de algodão, ceramica e outros, utensilios de casa. Referem que os tecidos destas mulheres, feitos especialmente de algumas especies de palmeiras, são superiores em resistencia aos de quasi todas as outras indias. Provavelmente como consequencia da cultura européa, já influente sobre esta tribu, andam as mulheres de tanga e usam como capa grande pedaço quadrado de tecido de algodão. Mas os homens andam completamente nus com excepção da mencionada faixa estreita na barriga, de algodão colorido, e adornada muitas vezes de vidrilhos. Os rostos e muitas vezes tambem o pescoço e o peito dos Guaycurús adultos são afeiados por tatuagens rhomboidaes; no labio inferior têm um pedaço de cana de algumas pollegadas de comprimento. Costumam cortar os cabellos na região temporal e tambem em roda da cabeça, como os Franciscanos.

Os « pagés », que se encontram em todas as tribus de indios brasileiros e chamam-se na sua lingua « Vünägenetó », são muito respeitados.

São medicos, adivinhos e exorcistas do espirito maligno a que appelidam Nanigogigó. As curas dos doentes são muito simples e consistem, na maior parte, no defumar e chupar das partes doridas; depois o pagé cospe a saliva numa cova como se quizesse restituir á terra o principio máu sugado e enterral-o. Os guaycurús se distinguem da maior parte dos indios da America meridional, entre outras cousas, em que não enterram os mortos separadamente no logar da morada de cada um, mas em sepulturas communs. As noticias sobre o numero desta nação são na maior parte exageradas. E' certo que actualmente toda a sua nação não conta mais que doze mil individuos quando muito. Este numero fica sempre cada vez menor pelo costume deshumano das mulheres de se fazerem abortar, até que tenham completado 30 annos para não terem os padecimentos da gravidez e do parto e os encargos da creação.

A terceira nação poderosa terrivel aos paulistas pelas suas frotas, especialmente no tempo da descoberta do paiz, os Payagoás, encontra-se agora raras

vezes nas aguas do Alto Paraguay, quer dizer, acima do logar escreito do rio entre a serra do Fecho dos Morros. Como permanentes rivaes e inimigos dos guaycurús a estes se reuniram sómente depois da occupação de suà patria pelos portuguezes e mostraram-se sempre inimigos implacaveis destes ultimos, combatendo contra elles ora em guerra aberta, ora em assaltos bem calculados e razzias, nunca perdoando os vencidos. Quando no anno de 1778 se separaram dos alliados, os guaycurús, não quizeram tampouco ficar ainda mais tempo numa terra que não podiam mais disputar aos estrangeiros e retiraram-se para o Baixo Paraguay, nas proximidades de Assumpção, onde sujeitando se aos hespanhoes, errantes e fugitivos, traidores, temerosos e sanguinarios, desprezados das tribus poderosas e temiveis pelas tribus mais fracas, representam nas aguas do Paraguay o mesmo papel dos Múras no Madaira e Amazonas. Fallaremos mais uma vez delles quando tratarmos destes indios. Os viajantes naquella jornada fluvial mencionam, além dos Cayapós e Guaycurús, ainda os Ioguatós como habitantes de Matto Grosso.

O nosso criterioso e experimentado hospedeiro de Porto Feliz acaba de receber ordens do Governo de S. Paulo para preparar algumas grandes canôas afim de conduzirem pelo Tieté, munição a Cuyabá. Esta ordem surprehendeu os habitantes, porque já desde muito tempo todas as provisões de guerra haviam sido despachadas via Minas e Goyaz para Matto Grosso. Muitos boatos correram a respeito desta remessa. Alguns opinaram que seriam destinadas ao rio Paraguay, para serem levadas aos portuguezes, que estavam em guerra contra Buenos-Ayres, outros pensaram em expedição contra as provincias as mais orientaes de Chile. N'uma região ondo a gente vive distante dos estados vizinhos e até da capital e por isto só raras vezes têm noticia de successos politicos, um acontecimento ainda que insignificante causa geralmente temor e consternação.

Em Porto Feliz edificam-se as casas sem observar as mais elementares regras de hygiene. Devido a este descuido, a proximidade das mattas, e a decorrente humidade do ar, observam-se casos numerosos de papos, sezões hydropsia, amarellão, e casos catarrhaes, que são, quasi endemicos. Encontramos pessoas adultas inchadas, as crianças do nosso hospedeiro

e de alguns vizinhos doentes de coqueluche maligna (tosse comprida) que, como a gente dalli diz, degenera ordinariamente em pneumonia. Mas as mesmas influencias que damnificam aqui a economia animal favorecem muito a vegetação. O milho e o arroz crescem muito bem e compensam a semeadura na relação de quasi sempre de um para cincoenta.

O arroz é semeado nos alagadiços, especialmente ás margens dos rios, em linhas. Na volta de Porto Feliz a Ypanema encontrámos um solo pantanoso coberto de touceiras de canna indica. Novidade interessante, porque nos resolveu todas as duvidas sobre a região originaria d'esta planta de ornamentação, espalhada tão universalmente. (*)

Em todas estas selvas baixas vê se muitas vezes uma bella gralha preta de pescoço purpureo (*Corvina rubricollis* Vieill.) e tres especies de pegas pintadas de azul celeste e branco (*Corvus cyanopogon* Neuw') ; mas os papagaios como tambem os macacos são mais raros n'esta latitude, o que se deve ao facto de que aqui o clima é notoriamente muito menos calido. Os hervaçaes estendem-se interrompidos por poucas mattas das regiões no Rio Ypanema, no sul até Curitiba na capitania de S. Pedro, onde o terreno é tambem de natureza semelhante, de identica altitude e se reveste de vegetação parecida, convidando a um mesmo aproveitamento.

Por isto em toda esta vasta parte da America do Sul os habitantes seguem geralmente o mesmo systema de agricultura, que Azara observou nos pampas de Buenos-Ayres.

A criação do gado é o trabalho mais importante dos habitantes. Cada fazendeiro têm, segundo a extensão da fazenda, de cem a duas mil, ás vezes até quarenta mil cabeças de gado vaccum, que cresce livremente nas campinas. N'uma propriedade de duas leguas quadradas, de bom pasto, calcula-se que existam ordinariamente de tres a quatro mil rezes. Fóra d'aquelle numero de gado bravo, o fazendeiro dispõe ainda de uns tantos bois de serviço e vaccas leiteiras de que necessita para carros e para a producção do leite necessario ao consummo de casa e

(*) Rob. Brown em Tuckey expedition to explore the river Zaire p. 477 a considera tambem americana.

SciELO

ao fabrico de queijos. A criação do gado bravo exige pouco trabalho; este consiste em ferrar e castrar os touros e capturar os animaes destinados ao corte. Quatro ou seis peões sob a direcção d'um vaqueiro fazem todos estes serviços; Pastoream o gado para que não saia fóra da fazenda e defendem-no dos assaltos das onças, lobos e cães selvagens. Estes camaradas andam quasi sempre a cavallo, porque o serviço os obriga muitas vezes a effectuar n'um dia jornadas de mais de vinte leguas. Varias vezes por anno reune-se tado o gado n'um lugar alto, ordinariamente cercado (rodeio). N'esta occasião marca-se cada cabeça com ferro em braza na coxa trazeira, soffrem esta operação os animaes de um anno, calculando-se em mil os marcados de um rebanho de cinco a seis mil rezes.

Castram-se os animaes de dois annos duma maneira muito barbara e violenta. Escolhem-se os animaes de quatro e mais annos para matar. Este ultimo serviço de difficil execução e sempre perigoso, como nas campinas de Buenos-Ayres, é feito por meio de compridos laços de couro, que os peões manejam com incrivel habilidade. O gado manso permenece perto da fazenda, durante o dia solto, mas á noite permanece preso n'um curral.

E' preferida a carne do gado manso, que engorda com pouco pasto, em prazo relativamente breve por causa do socego em que vive. O leite d'este gado é muito bom conforme a qualidade do pasto.

Uma vacca só produz a terça parte da quantidade que dão as boas vaccas leiteiras européas. O couro é sempre a parte mais preciosa do gado. Esfolada a rez, é o couro estendido no chão, esticado por meio de estacas, salgado e secco ao sol.

A carne, cortada em pequenas tiras, bem salgada, exposta ao ar livre é importante artigo de commercio nos portos de S. Paulo e Rio Grande do Sul, exportada para as cidades do Norte, especialmente para o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão, onde é vendida sob o nome de carne secca do sertão. A passoca ou carne secca charqueada é uma parte importante da comida de todos os brasileiros, principalmente escravos.

Na Capitania de São Paulo alguns agricultores têm tambem além da criação do gado vaccum a criação de cavallos e mulas; mas esta ultima criação é

SciELO

muito mais importante no Rio Grande do Sul; porquanto póde-se calcular que todos os annos quarenta a cincoenta mil cavallos e mulas são levados de lá para o norte do Brasil. Os cavallos de S. Paulo são de altura meã e linhas esbeltas e têm, quando criados com cuidado, uma postura fina e agradavel. São cavallos corredores muito bons. Durante a nossa estadia chegou de Curitiba a Ypanema um commerciante de cavallos. De sua tropa cada dia apanhavam-se alguns para serem domados, segundo o costume do paiz. Ordinariamente, estes animaes bravios vivem em manadas de 20 a 30, e quasi nunca se dispersam. Perdiam-se algumas horas até que os peões conseguissem encurralar uma manada para laçar alguns. Os animaes apanhados tentavam então, tremulos de medo ou cheios de raiva, defender-se contra os domadores com movimentos extravagantes e grandes saltos. Quando os domadores finalmente podem segurar o solipede com tenazes pelas orelhas e pelos beiços, pôr-lhe um cabresto e cobril-o com um pellego, então um dos peões monta e tenta amansar o animal por meio do rebenque. Depois de muitos corcóvos o animal começa a correr com o cavalleiro como doudo e é só quando está cansado, depois de muito correr, que obedece de algum modo á força do freio. Depois desta escaramuça fica parado, triste, com a cabeça inclinada, e todos os outros se separam delle. No dia seguinte repete-se a mesma manobra, e, depois de algumas scenas identicas é o cavallo domado e serve para cavalgar.

Os paulistas em geral, especialmente os peões, usam sellas muito pequenas e chatas, de madeira, que muitas vezes nem sequer têm coberta de couro (sellim); os estribos são tão pequenos que nelles apenas cabe o dedo grande do pé. As esporas são presas ao calcanhar nú. Fóra disto o traje do peão compõe-se de jaqueta curta (gibão), calças apertadas (perneiras) e um chapéo em fórma de prato preso ao pescoço por uma correia. Todas estas peças são de couro de veado ou capivara e protegem o camarada muito bem contra as sebes vivas de espinheiros que têm de atravessar em suas carreiras na perseguição dos animaes. Para expol-os á vista dos compradores, reunem-se os cavallos afim de se verem melhor observados pelos interessados; e para serem no primeiro anno, marcados e no segundo castrados.

SciELO

Os cavallos selvagens são na maioria baios, rarissimamente brancos ou atrigados, e mostram a sua variação extraeuropéa pela cabeça desproporcionadamente pequena e grossa e estatura mediana. As muias têm neste paiz corpo mais bello que os cavallos. Igualam ordinariamente em grandeza os nossos cavallos europeos; são pretas, baias, ruças ou tambem riscadas como zebras. Supportando mais facilmente a fome e a sêde, vem se preferidos para as longas viagens, e aguentam, com mais firmeza, grandes cargas em termo medio de oito arrobas. Não se passa n'esta região por nenhuma fazenda onde não haja alguns burros ordinarios para a montaria, mas este ramo da criação existe em S. Paulo ainda com muito menos gosto do que na Capitania do Rio Grande do Sul e Buenos Ayres; por esse motivo não tivemos occasião de observal-o detidamente, deixando por isso, ao cuidado dos viajantes, o estudo sobre elles naquellas terras.

Já ficou acima mencionado que a agricultura não tem ainda grangeado a estima de que é credora, especialmente na provincia de S. Paulo, tão rica em terras. Em todo o Brasil é costume só se plantar em terreno em que a matta virgem foi derribada e depois queimada A raiz da mandioca não cresce bem no solo pezado, argilloso e humido, em que facilmente apodrece, mas o milho em toda parte da-se bem e é muito rico de amido. Um fructo que viceja muito bem nesta terra é o ananaz. Cresce muitas vezes, sem cultura, em grande numero, e alcança, nas plantações das fazendas, bom tamanho e sabor excellente. Frequentemente vem á mesa como sobremesa, fresco ou em calda. Fazem com elle um vinho muito agradavel e saudavel.

Da jaboticaba *Myrtus cauliflora nob.* tambem se fabrica vinho bom e leve. Esta foi transplantada das matas do Tietê e do Parahyba para os jardins dos colonos: é um dos melhores fructos do paiz. Nosso hospedeiro gabava-se de muita experiencia na arte de fazer vinho americano, por isso terminavamos as refeições quasi sempre com os copos cheios de champanha nacional. Além das pessoas que formavam a familia, em cuja casa estavamos, os vizinhos e amigos, que passavam casualmente, tomavam parte nas refeições. Na mesa eram simples mas abundantes os pratos de cozido, de vacca ou porco, um assado de paca, cotia,

SciELO

tajassú ou tatú, que os filhos da casa tinham caçado nas matas. Vinha depois a apreciada cangica, finalmente muitos doces de fructas que teriam constituido na Europa pratos de excessivo luxo. Na alegre camaradagem muitas vezes se levantava um dos convivas para saudar em versos improvisados, no fim do jantar, especialmente as senhoras. Toda a sociedade sem reparar no metro e rima do poeta, cobria-o de elogios, achando muito acertada a gentileza da lembrança.

O senhor Ferreira pediu-nos que fizessemos companhia á sua esposa n'uma viagem a Curitiba onde tinha que tratar de negocios domesticos n'uma fazenda de sua propriedade. Esta deferencia verdadeiramente nos penhorou. A parte meridional da provincia de S. Paulo, ao longo da costa em geral montanhosa, foi antigamente muito lavrada por causa do ouro e offereceu-nos por isso ensejo a observações mais interessantes do que a parte situada mais a oeste, que segundo as noticias dos paulistas tem todas as bellezas dos campos. A riqueza de plantas as mais variadas que se póde recolher e guardar muito mais facilmente nos campos que nas matas virgens, a quantidade de grandes féras, especialmente da familia das onças de que nos falaram, e finalmente a salubridade do clima quasi nos levaram e estender a nossa viagem ainda mais para o sul em regiões até agora desconhecidas e nunca visitadas por viajantes europeos; mas tememos que fosse muito pouco o tempo para a visita á região das minas e da capitania de Bahia arriscando a perder a estação a isto propria. Além desta causa ainda tinhamos outra ponderosa o desejo de conhecer logo os indigenas do Brasil, desejo que não seria facilmente satisfeito na viagem áquellas regiões. Os indios que as habitavam no tempo da tomada de S. Vicente e São Paulo pelos portuguczes, desappareceram todos, salvo uns poucos que haviamos encontrado na missão da Aldea da Escada ou os que vivem nas freguezias de Pinheiros, S. Miguel, Itapecirica e Carapicuy (em São Paulo), de São João de Peruybe (em Itanhaem), ou de Tacoaquecetúba (que pertence a Mogy das Cruzes), e as nações selvagens existentes entre o Tieté e o Rio Grande com os Camés; Nos campos de Guarapuava, no Rio Curitiba existem mas em numero muito reduzido e percorrem continuamente as mattas onde não gostam de encontrar os

SciELO

mais poderosos Cayapós de Goyaz. Este pequeno numero de Indigenas não póde a ninguem sorprender se considerarmos os estragos terriveis em todos os tempos entre eiles causados pelas doenças espalhadas pelos europeos, avizavam our'ora Anchieta e Nobrega, com sentimentos tão paternaes e com tanta prudencia, ao civilisarem os indios de Piratininga, onde uma epidemia de bexigas matara tres quartos da população,(*). Logo depois, com a miseria, e o systema de escravidão praticado com requintada crueldade, estas epidemias se repetiram de quando em quando. Outras de que foram portadores os immigrantes, contribuiram para o despovoamento destas regiões de si mesmo pouco habitadas. Foram prohibidas as entradas contra os indios com o fim de captural os e leval-os ás fazendas como escravos, e com maximo rigor pelo governo ; cessaram por isso mesmo. Os paulistas costumam chamar bugres a estes infelizes, afim do differençal-os dos indios mansos.

Tambem este qualificativo tem significado deprimente.

Estes desgraçados formam uma casta á parte e são assim mantidos pelos descendentes dos seus algozes, o prevê-se que em poucos seculos deixará de existir esta raça.

O tempo de duas semanas que tivemos para demorar no Ypanema foi o mais favoravel que poderiamos esperar. Diariamente cahia chuva, mais forte e rapida.

O ar era muito mais secco que em S. Paulo. Attribuimos este phenomeno ao vento terral que roinou, conforme attestava o catavento levantado ao pé da casa segundo o costume do paiz. Foram alguns dias comtudo muito quentes especialmente aquelles em que a chuva não começou antes da noite. Mas mesmo em taes dias não pudemos observar nenhuma variação em nosso electrometro ; variou o thermometro geralmente entre 12.° e 20.° R. ; as manhãs e noites eram ordinariamente frescas. O reino vegetal, rejuvenescido pela chuva, começou pouco a pouco a ostentar-se, sobretudo as arvores dos campos cobriram-se de flores. N'esta estação se pode encontrar ordinariamente poucos animaes. Pelo que respeita a macacos, só vimos o mono berrador ; de outros mam-

(*) Southey History of Brazil. I. p. 294.

SciELO

miferos, a capivara, a cotia, o catteto, o papamel e o veado matteiro; em materia de aves quasi nenhum papagaio, mas os tucanos de grande bico e algumas especies de corvos azues e pescoços vermelhos (*Coracina scutata* Temminк. *Corvus cyanoleucos, cyanopogon* Neuw, *decristatus* nob.); quanto a insectos os enormes escaravelhos dos estercos (Copis), que vivem escondidos na terra.

Viajando d'aqui para o norte, observámos que a variedade no reino animal e vegetal augmenta em direcção ao Equador. Antes de sahir d'aqui remettemos tudo o que tinhamos colleccionado até agora em curiosidades naturaes, via S. Paulo e Santos, para o Rio de Janeiro e deixámos no dia 10 de Janeiro de 1818 o Ypanema tão bellamente situado, o nosso carinhoso hospedeiro e os operarios suecos da Fabrica de Ferro.

SciELO

NOTAS

1) As seguintes plantas são por causa de seu uso geralmente conhecidas na capitania de S. Paulo:

1. Ayapána. Já L'Heritier que descreveu esta planta como *Eupatorium Ayapana* (Willd. spec. 3 — 1769), a recommenda como remedio muito apropriado contra a mordedura de cobras venenosas e contra a picada de insectos perniciosos. Emprega-se assim: põe-se na ferida escarificada folhas esmagadas que se trocam muitas vezes e dão se para tomar ao enfermo de quando em quando algumas colheradas de succo exprimida até que fique livre de accessos, especialmente do medo terrivel causado pelo accidente.

2. Erva de cobra. *Mikania opifera* Mart., glabra, caule angulato scandente, foliis lato ovatis acuminatis, cordatis, repando-dentatis vel subintegerrimis, adultis obtusinculis, floribus corymboso-paniculatis, E' um affim de M, scandens. Usa-se o succo exprimido d'esta planta externa e internamente, a herva esmagada de mistura com azeite para fomentações de feridas causadas por cobras venenosas. Diz o povo que produz a crise especialmente pela diurese abundante. A: Gomez nas Memorias da R. Academia de Lisboa 1812. 2. p. 23, onde descreve a planta como *Eupatorium crenatum!* — A familia das flores compostas (*Compositae*) tem algumas especies que parecem actuar especificamente contra a mordedura de certa serpe e merece a este respeito um exame mais minucioso. Lembremo-nos sómente da *Mikania Guaco*, descripta por Humboldt e semelhante á nossa planta, de *Prenanthos Serpentaria* Pursch, *Liatris scariosa* e *squamosa* W. e de *Milleria Contrayerba* L.

3. Mil homens. *Aristolochia ringens*, Sw. A. *grandiflora*, Gomez l. c. p. 64. A. O. Esta raiz

que tem um cheiro muito penetrante e nauseante semelhante ao da arruda e gosto muito amargo aromatico, produz quasi os mesmos effeitos que a serpentaria da Virginia (*A Serpentaria* L.). E' usada n'este paiz muitas vezes contra postemas impuras, paralysias das extremidades, dyspepsia, *impotentia virilis*, nas febres nervosas e intermitentes. especialmente quando existo alguma doença predominante das mucosas ou do systema lymphatico e finalmente na mordedura de cobra. Dá-se o pó da raiz, segundo Gomez, o. c., em dóses de um escrópulo, de quatro a seis vezes por dia. O decocto da raiz da-se-o de quatro a seis onças, o succo exprimido das folhas de uma a duas drachmas por dia.

4. Jarrinha *Aristolochia macroura*, Gomez l. c. p. 77. t. 4. A raiz e a herva são superiores á especie acima descripta da aristolochia em materia de cheiro e gosto e usado do modo identico.

5. Caiapiá, (*) vulgarmente Carapiá, na lingua brasilica, em portuguez : contraherva. *Dorstenia brasiliensis L.* (não D. Contrayerba, como ordinariamente se pensa). Usa-se a raiz bulbosa da mesma maneira que a serpentaria contra a febre nervosa e asthenia como tambem contra a mordedura de cobras e effectúa, como o povo pretende, em estado fresco mais energicamente que aquella, mas perde mais rapidamente a força. Serve ás vezes, tambem de vomitorio brando. Confunde o povo muitas vezes esta planta com outras especies de *Dorstenia* inferiores a ella em força medicatriz. Não ha duvida que a *contrayerva* officinal não teria sempre conservado a fama de outros tempos se esta especie brasileira tivesse entrado no commercio em vez das especies mais fracas do Mexico e das Indias occidentaes. Cresce em terra forte argillosa nas regiões montanhosas de São Paulo e Minas, em quanto as outras especies preferem a sombra de matos humidos e humo gordo. Observa-se n'esta planta como na Europa em varias que crescem ao mesmo tempo nos alagadiços e nas alturas, que a das montanhas é muito mais forte.

(*) De Caá folium e Capiá *testículos*, por causa da semelhança das raizes com estes orgãos.

SciELO

6. Jaborandi. *Piper reticulatum L.* Usa-se especialmente a raiz, e tambem, mas menos, o amentilho maduro como remedio estimulante por causa das qualidades agras e aromaticas. A raiz é um sialagogo muito forte e cura muitas vezes as dores de dentes nervosas. E' empregada esmagada nas feridas de mordeduras de cobra.

7. Paratudo. *Gomphrena officinalis* Mart. hirsutissima, caule adscendente tolioso, foliis ovatis acutiusculis mucronatis, floralibus approximatis in involucrum polyphyllum, capitulis hemisphaericis terminalibus, bractearum carina dentato-cristata, calyce bas lanato bracteas acquante. *Brazontia Vandelli.* p. 50. ed. Roem. Esta planta é um dos mais magnificos adornos dos campos por causa das grandes flores brilhantes vermelho vivas que ostenta na extremidade inferior do pedunculo. A grossa raiz tuberiforme é tida pelos camponezes como remedio universal contra asthenia, dyspepsia, cardialgia, febres intermitentes, diarrhéa etc. Uma planta de tanta força medicatriz surprehende muito na familia das amarantáceas porque sómente muito poucas especies d'esta familia tem semelhantes propriedades.

8 Casca d'anta. *Trimis Winteri L.* A cortiça de Winter occupa um dos primeiros lugares entre os remedios aromaticos e tonicos destas regiões. A arvore cresce, não raras vezes, nos lugares humidos dos campos em S. Paulo, Minas Geraes e Goyaz, mas até agora não se tem usado da sua cortiça como artigo de commercio.

9. Varias especies de scitamineas foram introduzidas da India para os jardins dos portuguezes, e estas especies são quasi todas usadas como remedios. Chama-se pacová, entre outros, o *Amomum Cardamomum L.* e a *Alpinia Nutans* Rosc., dos quaes se usam as raizes e fructos não maduros por causa das qualidades aromaticas como remedio estimulante de mistura com outros medicamentos. Tambem o verdadeiro gengibre, *Zingiber officinale* Rosc., e a curcuma *Corcuma longa L.*, são cultivados em alguns lugares.

10. Peribaroba, no Rio de Janeiro e S. Paulo, caapeba em Minas Geraes, *Piper umbellatum L.* A raiz d'esta grande especie de pimenta é um dos remedios

domesticos mais importantes d'estas regiões. Empregam-na com bom resultado em obstrucções dos orgãos abdominaes que são como a asthenia muitas vezes consequencias das febres intermittentes. Augmenta a actividade especialmente do systema lymphatico, faz effeito muito rapido e apressa as secreções. Usam-na não raras vezes as folhas como chá contra intumescencias das-glandulas. Tambem se empregam os fructos do *Piper peltatum*, que o povo chama tambem de Caa-peba, o que quer dizer: folha chata. Isto em decooto e como diuretico forte.

11. Orelha d'onça. Algumas especies de croton, arbustos baixos adornados com filetes que crescem em altos hervaçaes fornece na raiz um bom equivalente da sene. Provocam e apressam as secreções, especialmente das membranas mucosas. A gente dellas usa com resultado em catarrhos atonicos, na Asthma humida e até contra *Phthisis tuberculosa*.

12. Raiz de Pipi ou de Guiné. *Petiveria tetrandra* Gomez, o. c., p. 17. O povo usa toda a planta no deccoto para repetidos banhos quentes e lavagens a ella se attribue grande efficacia contra a contractilidade defeituosa dos musculos ou a paralysia completa das extremidades, especialmente quanto esta é consequencia de constipações.

13. Fumobravo ou Suássuaya. *Agerati species*. Alguns curandeiros elogiam o decocto d'esta planta como remedio milagroso em catarrhos inflammatorios e affecções do peito. Dizem que o succo exprimido fresco e limpo da fécula o faz effeito como lithotriptico.

14. Cerachichú ou Erva Moira. *Solanum nigrum* L. Usam os curandeiros a herva esmagada em cataplasmas quéntes ou em banhos para feridas dolorosas, espasmodicas retenções da ourina e geralmente para accessos inflammatorios com alteração predominante do systema nervoso. Esta planta é das poucas que foram introduzidas com a immigração dos europeus e tem se espalhado no novo continente.

15. Trepoerava, ou Trapuerava, *Tradescantia diuretica* Mart., caule erecto glabro, foliis ovato-lanceolatis acuminatis serrulato-ciliatis, subtus pubescentibus, vaginis ventricosis hirsutis longe ciliatis, pedun-

culis, geminis terminalibus umbellato-multifloris. Usam-se os pedunculos e as folhas em banhos e clysteres como remedio emolliente e saponaceo e dôres rheumatica dos musculos e perturbações das funcções abdominaes, por causa de constipação etc. finalmente nas retenções espasmodicas da ourina.

16. Assapeixe é chamada aqui a *Pöhmeria caudata* Sw. E' usado o decocto das suas folhas em banhos contra molestias de hemorrhoidas e dizem que dá excellentes resultados. Nas regiões do norte do Brasil onde não cresce são usadas em sua substituição algumas especies de *Böhmeria* e de *Urtica*. A familia das urticáceas parece, segundo os resultados favoraveis de seu uso, muito conhecido, recommendavel como medicamento contra doenças do systema da veia porta, telvez por causa do composto de materias glutinosas, agras e alcalinas tanto nos pedunculos como nas folhas.

17. Cordão de frade. *Phlomis nepetifolia* L. Toda a planta é usada em banhos contra molestias rheumaticas.

18. Juripeba. *Solanum paniculatum* L. O succo das folhas esmagadas e fructos não maduros é muito empregado como remedio forte competente das obstrucções des intestinos, especialmente do figado e contra o catarrho vesical. Empregam-se algumas outras especies de *Solanum* contra semelhantes doenças. Fazem, quando frescas, quasi sempre effeito muito favoravel na limpeza e curativos de feridas e abscessos.

19. Uma especie de *Solanum*, que Vellozo chama no seu manuscripto da Flora fluminensis *S. Cernuum*, fornece no decocto das flores e folhas forte sudorifico e é apreciado especialmente contra as molestias syphiliticas, a *gonorrhéa inveterata* etc.

20. Douradinha do campo. As folhas da *Palicourea speciosa* Humb., que por causa da côr amarellada emprestou a planta o seu nome, são aqui muito estimadas como grande *Antisyphiliticum* e usadas muitas vezes por causa da extensão da doença. Os effeitos do chá, que em grannes doses é verdadeiro veneno mostram especialmente na actividade augmentada da pelle e dos rins. A digestão não se

perturba de nenhum modo pelas dozes moderadas. Usa o povo a douradinha especialmente nas formas aqui frequentes da syphilis que se revelam pela transformação enfermiça da pelle.

21. Erva mular, ou Curraleira. *Croton antisiphiliticum* Mart., suffruticosum erectum, pilis stellatis hispido-scabrum subpulverulentum, folüs lato-lanceolatis basi cuneatis, inaequaliter duplicato-serratis, capsulis hispidis. As folhas d'esta nova especie de croton produz effeitos semelhantes aos da douradinha do campo, mas em gráu muito superior. O chá é muito excitante para o systema nervoso como tambem para todas as secreções. Dizem que ella, usada em cataplasma, é dos remedios mais seguros para a resolução dos bubões e d'outras intumescencias das glandulas. Dizem que tem servido tambem muito bem em casos de excrescencia fungosa.

22. Uma outra especie da mesma familia *Croton fulvum* Mart., suffruticosum, caule ramisque fulvo-hispidis, foliis subsessilibus ovato-ellipticis basi rotundatis brevissime mucronatis, supra piloso-scabris, subtus stellato-tomentosis, junioribus fulvis subintegerrimis, floribus sessilatus in spicis axillaribus terminalibusque, fornece na raiz tambem um *Antisiphiliticum* muito efficaz. E' usada em decocto.

23. Cotó-Cotó. As forças d'estas folhas são ainda muito superiores ás das precedentes. Sua tintura espirituosa effectua contra *Lues inveterata* e tambem contra outras dyscrásias e dyspepsia, especialmente contra a flatulencia.

24. Caróba. *Bignonia antisiphilitica* Mart., caule arboreo, folüs inferioribus duplicato-pinnatis, superioribus digitato-quinatis, foliolis ovatis longe acuminatis glabris, paniculis florum viridium dichotomis, calycibus inflatis, leguminibus linearibus planis. Dizem que a cortiça dos ramos mais verdes d'esta arvore é dos remedios mais fortes contra os abcessos syphiliticos de caracter pernicioso. Usa-se externamente sobretudo a decocção e tambem a cortiça secca e pulverizada.

25. Raiz da China branca e rubra, tambem Japicánga ou Inhapécánga é aqui chamada a raiz lenhosa e muitas vezes nodosa de *Smilax glauca* Mart.,

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

caule flexuoso-torto angulato aculeato glauco, foliis lato-ovatis utrinque rotundatis tri-vel quinquenerviis medio nervo aculeatis spinuloso-dentatis glaucis, umbellis breviter pedumculatis axillaribus. Ella é para os brasileiros especifico da syphilis; mas fóra d'isso tambem muito recommendada contra *arthritis* e exanthemas chronicos. No seu uso é necessario que o doente tome enorme quantidade de liquido (pelo menos quatro medidas por dia).

26. Sassafraz. *Laurus Sassafras* L. Não é raro nas matas virgens da provincia de S. Paulo e é usado pelos colonos como remedio depurativo ou diuretico e sudorifico especialmente no decocto.

27. Semelhante effeito tem tambem a raiz de *Cissampelos Pareira* L., aqui chamada ora com o nome geral de Caa-péba, ora Bútua. A verdadeira bútua, *Abuta rufescens* Aubl., não existe n'estas regiões do Brasil

28. A Carqueja doce e amarga são duas especies affins de *Baccharis, Genistelloides* Lam. e venosa Pers.. São recommendaveis por causa do grande conteudo de extracto amargo, combinado com um aroma especifico, em sezões e em todas as doenças em que a gente usa na Europa a artemisia. Dellas se usam outro extracto como tambem decocto. A herva tem effeito especial em doenças chronicas dos cavallos que muito a apreciam.

29. Coração de Jesus. *Mikania officinalis* Mart., glabra, caule subsimplici erecto, foliis subtriangulari-ovatis, sinu grosso cordatis, latere dentatis, antice integerrimis, decussatis, cernuis, paniculis corymbosis terminalibus. A herva d'esta linda planta contêm uma mistura benefica de materias amargas, glutinosas e aromaticas e é por isso usada muitas vezes com bom resultado como quina e cascarrilha. Dizem na muito util em febres remittentes e fraqueza do baixo ventre. Usa-se em decocto e extracto.

30. Gajamarióba, *Cassia occidentalis e falcata* L. e Fedegozo, Cassia hirsuta L., são plantas muito ordinarias que existem em todas as partes perto das habitações humanas e pullulam rapidamente. A raiz activa muito o systema lymphatico e é por isto salutifera em prisões do baixo ventre, atonia e hydropi-

sia incipiente contra a qual é usada como diuretico. Empregam-se as sementes torradas como café contra semelhantes accessos, e dizem que são no seu effeito muito parecidas com o café de bolotas.

31. Urgevão ou Jerbão, *Verbena jamaicensis* L., é usado da mesma maneira do que na Europa a verbena ordinaria contra febres, especialmente quando de fresco esmagada, externamente, contra abcessos impuros.

32. Barbasco. Emprega-se em vez das especies europeas aqui não existentes da candelaria ou *Verbascum* as folhas e flores de *Budleya connata* que tem qualidades emollientes e é ao mesmo tempo um pouco adstringente.

33. Do mesmo modo usa-se em vez das flores d'alamo europeas as da *Sida carpinifolia* L. e d'algumas especies affins.

34. Tambem as folhas de differentes especies Bauhinia, que a gente chama por causa da sua semelhança *Unha de boy*, são usadas quando os mucilaginosos se tornam necessarios.

35. Parece que o *Quiabo* ou *Quimgombó* foi introduzido pelos negros da Africa E' o *Hibiscus esculentus* L. Comem-se-lhe e muito os fructos verdes cozidos que tem muita mucilaoem vegetal e acidez agradavel, as folhas são usadas em cataplasmas emollientes.

36. Carrapicho da Calçada, *Triumfetta Lappula e semitriloba* L., As materias mucilaginosas e ao mesmo tempo algo adstringentes das folhas e dos fructos d'estes arbustos existentes em todas as partes e especialmente em caminhos e perto de habitações, são recommendaveis para as injecções em gonorrhea chronica.

37. Bassourinha ou Vassourinha. *Scoparia dulcis* L.. A herva tem substancias mucilaginosas, e o sumo de esmagada é usado especialmente para clysteres refrigerantes.

38. Carurú e Carurú vermelho, *Amaranthus viridis* e *melancholicus* L. como tambem *Phytolacca decandra* L., são usados em cataplasmas emollientes.

SciELO

Estas plantas são muito communs, especialmente nas roças.

39. Erva de Andorinha, *Euphorbia linearis* Retz e *hypericifolia* L. O suco leitoso d'esta plantinha usa-se *in ulceribus siphiliticis partium teneriorum*. E' uma exquisita tradição em todo o Brasil que este suco gotejado n'uma ferida recem-feita do globo do olho cura no mesmo momento. Muitas vezes nos asseguraram ter experimentado com resultado esta efficacia em gallinhas.

40. Jatahy ou Jatehy, tambem Copal, em Minas Geraes Jatobá, é a resina da *Hgmenaea Courbaril* L. E' usada não somente para diversas especies de verniz, mas tambem contra tosse chronica, contra a fraqueza dos pulmões, hemoptyses e *phthisis pulmonalis* incipiente. Os curandeiros sabem preparal-a com assucar e um pouco de rhum, numa emulsão muito agradavel ou xarope.

41. Tambem o uso da copaiba que os paulistas tiram de duas differentes especies de Cupauva (*Copaifera Langsãorffii* Vesf. e L. coriacea Marth., foliis bi-vel trijugis, foliolis ellipticis emarginatis coriaceis reticulato-venosis utrinque glabris subtus glaucescentibus, floribus paniculatis) é muito frequente na medicina domestica para feridas e especialmente para as doenças syphiliticas.

42. Erva Pombinha *Phyllanthus Niruri* L. e Pb. microphyllus Mart., suffruticosus, glaber, ramosissimus, ramis pinnaeformibus, foliolis alternis obovato orbicularibus subtus glaucis, pedunculis solitariis geminisve superioribus masculis, inferioribus foemineis. Dizem que ambas especies são especificos contra diabetes. Usa-se especialmente o decocto da herva esmagada e das sementes.

43. Jatropha Curcas L., Fornece os chamados pinhões de purga, um dos drasticos mais energicos. No estado fresco basta uma semente apenas para fazer effeito. Causa muitas vezes vomitos vehementes, e por isto a gente prefere as sementes da arvore seguinte.

44. Anda-açu, Indayaçu, Purga do Gentio no Rio e S. Paulo; Cocco ou Purga dos Paulistas, Fru-

SciELO

ta d'Arára em Minas Geraes, *Johannesia Princeps* Velloso e Gomez, Memor. de Lisboa 1812, p. 5, t. 1. Anda brasiliensis Raddi, quarante piante del Brasile p. 25. Mart. Amoen. bot. Monar. t. 1. Duas ou tres sementes d'esta arvore grande que Piso já tinha conhecido e descripto, são preparadas n'uma emulsão constituindo um purgante muito forte e seguro; raras vezes causam vomitos. Observam-se bons resultados nos casos de fraqueza do systema lymphatico e especialmente nos de hydropisia geral.

45. Congonha em S. Paulo e Minas Geraes, Yapon, Matte, Yerva de palos no Rio Paraguay. Este arbusto fornece o chá do Paraguay que merece ser admittido como diuretico entre as plantas officinaes. Segundo as nossas averiguações é uma especie ainda não descripta: *Cassine Gongonha* Mart., ramulis teretibus foliis oblongis basi rotundatis apice breviter acuminatis marginatis remote serratis, racemis axillaribus parce ramosis, floribus sessilibus.

46. Myrtus cauliflora Mart., trunco ramisque excorticantibus florigeris, foliis lanceolatis longe acuminatis, basi acutis glaberrimis, floribus congestis, baccis globosis violaceo-pura sentibus. A jaboticaba pertence aos fructos mais agradaveis do Brasil, e o seu bom gosto augmentará ainda pela cultura continua. D'ella se prepara vinho muito bom, xarope etc. A jaboticabeira cresce especialmente nas provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes.

47. Polygala poaya Mart., perennis, radice subannulata, glabra, caulibus quinquangularibus subsimplicibus erectis, foliis sparsis ovato-lanceolatis acutis trinerviis subsessilibus, floribus terminalibus laxeracemosis cristatis. Affim da P. Timoutou Aubl. que é differente radice anna, foliis inferioribus ternis, racemis florum densis. Esta planta, chamada em São Paulo poaya, fornece na raiz, vomitivo muito bom cuja efficacia e dose, quando fresca, quasi igualam as da verdadeira ipecacuanha. Compare Mart. Spet. Mat. med. brasil. Diss. I nas Denksihr. der Munchn. Akad. 1823.

48. Algumas especies de Cactus, Figueira da India, Jamacarú, usam-se na medicina domestica empregando-se-lhe o suco nas febres gastricas e os

SciELO

pedunculos e fructos frescamente esmagados para cataplasmas em abscessos impuros.

49. Crista de gallo, *Heliotropium curassavicum* L., Picão, Bidens leucantha W. e graveolens Martc, foliis decussatis oblongo-lanceolatis crenato-serratis, basi cuneata integerrimis, reticulato-venosis, floribus longepedunculatis subpaniculatis, alem d'isso Fedegozo, Cassia hirsuta L. e finalmente Spilanthes brasiliensis L. esmagam-se um e outro para se fazer uma papa que se applica fresca em abscessos perniciosos ou *Scirrhus pectoris*.

50. Perdicium brasiliense L. Dizem que a decocção d'esta raiz de forte cheiro vem a ser remedio seguro contra o fluxo catamenial exagerado.

51 Sipó Jobotá. As sementes deste arbusto trepador que produz grandes bagas, talvez affins da *Fenillaea*, conhecidos pelo nome de castanha do jobotá, usam-se pulverisadas em dose de duas a tres drachmas contra dyspepsia e indigestão.

52. Sipó de chumbo *Cuscuta umbellata* H. cracemosa Mart., floribus pecunculatis cymoso-racemosis, corollis calyce duplo longioribus pentandris fauce squamis ciliatis clausa, e C. miniata Mart., racemis pedunculatis sex-ad octofloris, corellis fauce squamis ciliatis clausa, genitalibus inclusis. Usa-se o suco da planta fresca nos estados subinflammatorios, rouquidão e hemoptyses. Põe se os pós da planta secca em feridas frescas, o que favorece muito a cicatrização segundo o que informa o povo.

53. *Psidium Guajava* Raddi, di alcune specie di Pero indiano p. 4. Com os fructos desta arvore prepara-se geléa refrescante e algo adstringente (*P. pyriferum* L.) e mais ainda dos azedos da silvestre (P. *pomiferum* L.). Usa-se da mesma maneira tambem as bagas de outras especies de *Psidium* que crescem frequentemente nos campos de S. Paulo e têm o nome de guabiroba. Emprega-se a cortiça verde e as folhas como adstringente para clysteres e cataplasmas, as ultimas tambem para banhos de hervas aqui muito usados.

54. Cajú. *Anacardium occidentale* L.. Usa-se-lhe a resina igual a nas propriedades quasi a da gom-

SciELO

ma arabica, embora no Brasil contenha principio mais adstringente que esta. Os encadernadores das capitaes costumam untar ás vezes os livros com uma solução d'esta gomma para afugentar traças e termitas. Usa-se a seiva fresca e acida do pedunculo maduro para limonadas; por fermentação della se prepara tambem vinho e vinagre. Notavel é o effeito sympathico que a castanha produz nas inflammações chronicas dos olhos especialmente quando de caracter escrofuloso.

SciELO

CAPITULO III

Viagem de S. João de Ypanema a Villa Rica

Era o plano da nossa viagem seguinte alcançar Villa Rica no fim da estação chuvosa e então percorrer durante o tempo da secca o sertão de Minas Geraes. O caminho vae ter a Ytú ; mas visitámos antes outra vez a Villa de Sorocaba onde o capitão mór ja tinha preparado casa para nós, esperando que alli passassemos algumas semanas exercendo a clinica. Mas não pudemos acceitar o seu convite se bem que a nossa presença no logar tivesse sido agora mais importante porque o unico cirurgião que havia estava doente. Levaram-nos á casa d'este enfermo ; era um mulato, hypocondriaco, que com poucas manipulações magueticas cahiu em convulsões espamodicas e depois adormeceu. Depois de fornecer-lhe as receitas necessarias dedicámo-nos logo á compra das mulas, que nos faltavam ainda. Estes animaes compram se os melhores e mais baratos em Sorocaba, porque e pecialmente aqui se encontram muitos que se destinam ao norte do Brasil. Calcula-se que todos os annos mais de trinta mil mulas são levadas do Rio Grande do Sul a Sorocaba depois de se pagar á corôa por animal a taxa de mil duzentos e oitenta a dois mil réis de entrada na nova capitania. Este imposto é dos mais rendosos para o governo porque é cobrado na fronteira de cada provincia com certas modificações. Por isto o preço dos animaes, de doze a vinte e cinco pesos dobra e triplica até que cheguem d'aqui nas capitanias septentrionaes de Bahia, Pernambuco e Ceará aonde ás vezes chegam pontas que atravessam o interior de Minas, especialmente ao longo do Rio de S. Francisco. As mulas da America hespanhola muito mais bellas, maiores e mais fortes

são raras no Brasil por causa de constituirem contrabando. Quem quer desde o Rio percorrer o interior andará mais acertado viajando por mar para Santos e então para aqui onde poderá encontrar de maneira mais rapida e mais barata a sua tropa e todas as cousas necessarias á viagem.

Penoso caminho nos conduziu de Sorocaba para noroeste atravez de campos accidentados e cobertos de arbustos e cerrados á villa de Ytú situada a uma distancia de seis leguas. O monte do Araasoyava domina a região em que se encontra pedra lioz como que se vêm em alguns logares do Ypanema. Fóra de duas aldêazinhas sem importancia numa bella planicie livre e rica de flores não se encontra aqui quasi nenhum indicio de cultura humana; porque os matos em que se acham as plantações dos habitantes são apartados do caminho e situados nas partes baixas e nos valles. Asseguram-nos que vive nestas matas a arvore que fornece o balsamo peruano (*Myroxilum peruiferum L.*) e é chamada Capriúna ou Casca de Ytú. Infelizmente não a pudemos ver. A Villa de Ytú, cabeça da comarca do mesmo nome e séde dum ouvidor, que já tinhamos conhecido em Ypanema, é situada no pé duma região accidentada e risonha e tem algumas filas de casas pequenas e symetricamente construidas. Algumas ruas são calçadas de lages de comprimento de uma braça duma pedra calcaria cinzenta, azulada e espessa que se encontra nas cercanias.

Vae-se de Ytú para noroeste ao longo de lindas matas espessas gozando-se da agradavel vista do valle do Tietê já completamente limpo de mata virgem e plantada de canna d'assucar, feijões, milho etc.. Tambem a vide cresce tão bem aqui quanto em Sorocaba. Atravessámos a uma distancia d'um quarto de hora sobre uma ponte de madeira o Tietê que forma um pouco mais para baixo o seu primeiro salto importante. O caminho segue depois em direcção á serra que se compõe d'um granito de grosso grão com feldespatho avermelhado, quarzo e pouca mica. Grandes massas de rochedos isolados e arredondados pela agua vêm-se espalhadas pelo caminho e pelo mato. Quanto mais subimos tanto mais triste e melancolica parece a região; n'uma altura de mais ou menos mil e oitocentos pês sobre o mar encontrámos, outra vez, aquellas grandes e espessas tou-

SciELO

ceiras de bambú (taquara) que occupam nas montanhas graniticas e florestadas desta zona o terreno intermedio á mata virgem e aos campos e dão aspecto geral a taes regiões. A vegetação aqui se parece especialmente com a dos pontos mais altos da Serra do Mar. Estabelecem estas montanhas como um liame da cordilheira maritima com a Serra da Mantiqueira. Encontravamos justamente na parte mais selvagem e solitaria da montanha quando furiosamente se desencadeou grande tormenta. Molhados e cansados alcançámos á entrada da noite os miseraveis ranchos chamados Jacaré existentes no meio duma planicie selvagem coberta de arbustos. A's agruras da viagem aggravava o deserto. Na manhã seguinte verificámos que algumas bestas de carga haviam escapado do cercado, se bem que tivessem sido presas com laços umas ás outras. Quando finalmente as descobrimos faltou o arrieiro que tinhamos trazido do Rio de Janeiro. Cansado dos trabalhos de tal viagem, fugira levando comsigo tudo o que encontrara de valor. Nesta situação espinhosa não tivemos remedio senão fazer nós mesmos até os trabalhos communs dos tropeiros e continuar a marcha acompanhados dos restantes peões. Depois de cinco leguas de caminho chegámos á villa de Jundiahy, molhados pela chuva que não cessara durante a nossa marcha pela montanha.

A Villa de Jundiahy, (*) pequeno logarejo situado sobre uma collina baixa, só tem importancia por causa da situação favoravel ao commercio do interior. Todas as tropas que vão da capitania de S. Paulo para Minas Geraes, Goyaz, Matto Grosso e Cuyabá, aqui se organisam para estas grandes viagens.

Os habitantes possuem grandes pontas de mulas que fazem estas viagens, algumas vezes por anno. A fabricação de cangalhas, sellas, ferraduras e tudo o que é necessario ao aquipamento das tropas e o continuo chegar e sahir das grandes caravanas proporcionam ao logar o caracter de actividade e riqueza e dão-lhe os fóros de porto secco. Daqui vão caminhos trilhados para as provincias acima mencionadas. Viaja-se para Villa Boa de Goyaz em um mez e para Cuyabá em dois mezes. Leva-se daqui para S. Pau-

(*) O nome é da Lingua geral: Jundiá: um pequeno peixe; hy: a agua, o rio.

lo, a uma distancia de dez leguas, e para Santos especialmente mandioca e farinha, milho e assucar, e de lá para o commercio no interior sal, ferragens e artigos de fabricação européa de toda a especie (fazendas, sedas). Nos arredores do logar ha collinas e valles humidos, selvas baixas e campos livres onde crescem algumas plantas medicinaes fortes. Mostraram nos aqui entre outras a poaya (*Polygala poaya* nob.) cuja raiz usa-se neste paiz geralmente em vez da verdadeira ipecacuanha e quasi nas mesmas doses. Tambem ha aqui uma especie de quina duma arvore medianamente forte com folhas grandes que tem muito amorgor mas muito pouco aroma e manda-se não raras vezes para o Rio de Janeiro.

Devemos á actividade do capitão mór de Jundiahy, um novo arrieiro que logo concertou as cangalhas e nos conduziu já a tarde seguinte duas leguas adiante, no caminho de Minas. Segue a estrada por uma região pantanosa e coberta de espessos arbustos. Mais para o norte se estende um campo montanhoso (Campo Largo) que nos apresentou rica florescencia de bellas plantas alpestres. (*) Suas serras mais altas, que vão parallelamente do norte para o sul, de contornos pitorescos algo semelhante aos nossos Pro-Alpes, em parte cobertas de selvas e capoeiras, limitam a planicie. O ponto mais alto, sobre o caminho, é o Morro de Catetuva, de onde se desce para um largo valle coberto de alguma matta nova, e limitada a leste pela Parapixinga, montanha selvosa bastante alta e de contornos escarpados.

Perto da villa pobresinha de S. João de Atibaia, a região alarga-se. Aqui encontrámos um alumno da escola cirurgica do Rio de Janeiro que nos fez a observação ingenua de que os habitantes destas regiões não mereciam ter medico porque raras vezes ficam doentes. Estas regiões salubres são sem duvida habitadas por uma raça de homens fortes e só a syphilis é que aqui faz grandes progressos especialmente por causa do combate imperfeito que se lhe dá. Ao norte de S. João de Atibaia correm algumas serras graniticas quasi parallelamente uma ao lado da outra. A grande abundancia de *Pteris caudata* desfavoravel

(*) Ahi notamos entre os arbustos *Paspalus chrystachyos* Schrad., que caracterisa os campos, muitas *Wedelias*, *Gaudichaudias*, *Büttnerias*, *Cnemidostachys*, *Palicureas*, *Declienscias*, *Escobedia scabrifolia*, *Eryngium lingua Tucani nob.* etc..

SciELO

á cultura, indica a falta de camponezes activos. A parte mais elevada da montanha que atravessámos, Boa Vista, pode ter uma altura de dois mil e quinhentos pés. Goza-se dalli uma bonita vista sobre um valle em cujo fundo levanta-se uma capella solitaria. O Morro do Lopo, quasi por toda a parte coberto de bosques espessos deve ter pelo menos uma altura de tres mil pés, e domina toda a serra. Antigamente aqui houve muitos lobos *(Lupus mexicanus)*; mas parece que estes animaes existem agora mais em Minas Geraes onde tambem os encontrámos pela primeira vez. O caminho vae sempre colleando pela montanha, cujos valles ficam tanto mais estreitos quanto mais se sobe. A formação principal é sempre ainda granitica com intrusão de amphibolos. Fóra de alguns miseraveis ranchos habitados por mamelucos e outros mestiços não se encontra nenhum indicio do homem nesta região solitaria. As araucárias que crescem nos declives da montanha se harmonisam com o caracter sombrio da paisagem. Seus altos troncos rectilineos só se esgalham a grande altura em ramos regularmente postos espessamente cobertos de aculeos chatos a que domina larga corôa verde escura e pyramidal. Estas arvores magestosas, que estão sempre separadas uma da outra tocam-se somente pelas altas frondes. Simulam grandes columnatas de tecto plano que são habitadas por bandos de papagaios verdes *(Psittacus aestivus)*. A araucaria é o unico specimen da familia natural das arvores de estróbilo que encontrámos durante toda a viagem ; parece que essas são mais raras no hemispherio meridional que no septentrional.

Dois dias depois de deixarmos Atibaya alcançámos a fronteira da capitania de S. Paulo num ponto em que existe no sopé de uma montanha uma alfandega (registro). Alli são os passaportes dos viajantes examinados, paga-se o tributo real das mercadorias e dos escravos e ha guardas para impedir o contrabando do ouro em pó e diamantes. Os direitos de entrada para os escravos foi recentemente augmentado de maneira que o dono precisa pagar mais ou menos dez mil réis (dez taler). Tal contribuição se paga á fronteira de cada capitania, evidente prova de quanto este extenso reino não está ainda organisado convenientemente. Aqui foram os empregados regios muito gentis comnosco e offerece-

ram-se para o que nos fosse preciso, em vista da recommendação que traziamos.

Como nas demais partes do Brasil costuma-se tambem, aqui não por o visto aos passaportes dos viajantes quando como os nossos contem uma ordem especial do rei. E' uma praxe favoravel ao viajante porque permitte a escolha e qualquer mudança do itinerario. A fronteira d'este lado consiste em altas montanhas, na maior parte cobertas de bosques espessos, pelas quaes passam sómente poucos atalhos, intransitaveis durante grande parte do anno, para o lado de Minas. Por baixo do granito, que se compõe aqui de quarzo avermelhado, feldespatho e mica preta de folhas pequenas, existe aqui e acolá sienito. Depois de termos passado o Morro grande n'um caminho perigoso chegámos ao sopé do Morro do Lopo, que se ergue pitorescamente em quatro collinas, e attingimos a primeira povoação de Minas Geraes, no Arrayal do Camanducaya. Correram lhe logo os poucos habitantes ao nosso encontro mas contentaram-se em permanecer de bocca aberta diante de nós e com o roubar-nos o tempo com perguntas inuteis. Pensámos poder descansar das fadigas da viagem no grande rancho alli existente segundo o costume de Minas, mas ficámos muitos desenganados, quando no momento de nos entregarmos ao descanso nocturno nos sentimos atacados por uma quantidade tão grande de pulgas que na Europa teria sido verdadeiramente phenomenal.

Ao norte de Camanducaya passámos pelos lugarejos chamados Roseta e Campinho, de novo entre serras cobertas de campos, do sul ao norte e formando na direcção de oeste profundos valles. A pedra é geralmente o granito avermelhado. Não podiamos pensar em investigação exacta da região porque desde que deixaramos Jundiahy todos os males do tempo da chuva nos perseguiam continuamente. Viajámos quasi sempre envolvidos em neblinas espessas; era a temperatura baixa e o thermometro esteve durante alguns dias de manhã e de noite em 14.° R. subindo no meio do dia alguns gráos apenas. Os numerosos arroios das selvas tinham trasbordado e escavado o caminho, arrancado as pontes e transformado os brejos em lagoas. Quem nunca, fóra da Europa teve o ensejo de vencer difficuldades destas provocadas pelo mau tempo e os pessimos caminhos e

precisando alem de tudo empregar o maximo cuidado no transporte de objectos importantes, difficilmente poderá avaliar as agruras de tal viagem. De manhã á noite sob torrentes de chuva precisavamos attender á marcha da tropa que mal conseguia caminhar por caminhos inteiramente obstruidos. Era-nos a cada passo necessario passar a váo ou a nado os rios trasbordados das selvas que se antepunham á nossa marcha. Quando finalmente a noite encontravamos um telheiro aberto ou um rancho miseravel, tinhamos que passar a maior parte das horas seccando as roupas ensopadas e sacando as collecções das caixas afim de arejal-as.

Muitas vezes não tinhamos nem sequer o descanso agradavel perto do fogo porque a lenha humida produzia mais fumo que chama. Encontrámos neste triste deserto apenas muito poucos e miseraveis ranchos na maior parte habitados por mulatos. E não podemos pensar em comida diversa de um pouco de leite e feijões pretos.

Não permittindo a estação o trabalho da lavcura ou o exercicio da caça, a gente daquelles lugares se occupava em passar o tempo em folguedos e diversões,sempre acompanhada dos vizinhos, que para este fim eram convidados. Tem o brasileiro genio vivaz e gosta de prazeres. Quasi em toda a parte onde chegavamos a noite recebia-nos o rasgado das violas e o rumor, dos cantores e das danças.

Na Estiva, fazenda solitaria, circumdada de vastos campos e distantes montanhas, dançava-se o batuque e apenas sabiam os dansarinos da chegada de viajantes estrangeiros, vinham convidar nos a tomar parte na festa. Um bailarino só e uma bailarina executam a dança ora se approximam ora, se afastam um do outro dando estalidos com os dedos e executando os movimentos os mais licenciosos n'uma pantomina desenfreada. Os encantos principaes d'esta dança são para os brasileiros rotações e torcimentos artificiaes da bacia quasi identicos aos dos faquires das Indias Orientaes. Dura a dança provocada pelos accordes monotonos da guitarra muitas vezes algumas horas sem interrupção e é ás vezes acompanhada pelo canto improvisado ou pelas modinhas populares cujo thema corresponde á sua grosseria. Os bailarinos apparecem ás vezes tambem em tra-

jes mulheris. Esta dança é muito commum em todo o Brasil a despeito do seu caracter obsceno e em todas as partes a preferida da classe baixa do povo que não a dispensa mau grado as prohibições da Igreja. Parece de origem ethiopica havendo sido introduzida por escravos pretos no Brasil, onde se enraizou como muitos outros costumes africanos.

Debaixo da chuva continua e envolvidos em neblinas espessas apenas podemos, no dia seguinte fazer quatro leguas por caminho inteiramente obstruido; e sentimo-nos como felizes ao chegar á bocca da noite n'um rancho abandonado, que occupámos depois da expulsão dos morcegos. Nosso guia declarou ser perigoso irmos mais adiante porque o rio Mandú estava tão cheio, que sua passagem seria arriscada com a escuridão. Os arredores da nossa pousada, se bem que asselvajados, ainda revelavam indicios de passada cultura.

Algumas goiabeiras e cuitezeiros. *Psidium pomiferum Crescentia Cujete* L.) estavam carregadas de fructos, e o cuité (*Curcubita Lagenaria* L.) se entrelaçava nos altos cercados. Quando na manhã seguinte atravessando alguns arroios cheios dos bosques chegámos ao valle do Mandú, encontramos este rio, em tempo normal pequeno, trasbordado das suas margens e n'uma largura de um quarto de hora a transportar nas aguas turvas arvores inteiras e ilhas de arbustos das, *sebastianias* e *chomelias* desarraizadas ao longo da margem. Depois de muito chamar appareceu-nos pequena canoa tripulada por dois mulatos, a qual não podia carregar nem a sexta parte da nossa bagagem. Nós mesmos com grande perigo cavalgámos ainda por um quarto de hora pelos prados inundados e não raras vezes esburacados e mandámos que as bestas de carga fossem atráz de nós até que chegassemos a um lugar commodo, em que nos esperou a canoa e onde foram embarcados pouco a pouco os homens e a bagagem. As mulas cargueiras foram todas atadas umas ás outras por uma grande corda e seguiram a nado a canôa incitada pelo vozerio continuo dos mulatos. Tudo attingiu felizmente na outra margem, onde desembarcou a bagagem paulatinamente e sem ser damnificada. Sentimos-nos ainda mais felizes de ter escapado do perigo quando nos referiram logo que chegámos, que no dia anterior uma tropa alli perdera alguns animaes.

SciELO

A aldèa do Mandú, n'uma região baixa e na maior parte coberta de matta foi fundada ha vinte e cinco annos por um capitão, porque o lugar que está se acha situado favoravelmente para o commercio de Taubaté e Guarantinguetá com Minas. Os paulistas introduzem por este caminho mercadorias européas trazem queijos, marmelada, algum tabaco e tecidos grossos d'algodão. As Caldas da Rainha, nascente thermal d'agua sulphurea, que estão d'aqui para o oeste a uma distancia de duas jornadas e que recentemente tem alcançado grande fama, augmentam tambem a frequencia do lugar, que se compõe sómente d'alguns miseraveis ranchos de barro. Ao norte de Mandú tivemos de interromper no dia seguinte semelhante transito por causa do trasbordamento do Rio do Cervo. O solo das mattas esteve de quatro a seis pés debaixo d'agua, e o caminho tambem inundado ficou cheio de profundos caldeirões. Foi por isto necessario levar cada animal separadamente pelo rio. E não pudemos fazer n'este dia mais que tres leguas até á bella collina do arraial de S. Vicente, que conta algumas casas. Ahi nos appareceu outra praga, a dos carrapatos (*Acarus*), insectos asquerosos, chatos e parduscos de ponteaguda tromba, dos quaes existem varias especies, muito pequenas, do tamanho de uma ponta de agulha (micuim e maiores). Estas ultimas chegam, ao sugar em cavallos e gado vaccum, muitas vezes ao tamanho de meia avellã. Pensam erradamente os moradores dalli que os carrapatos miudos e os grandes sejam da mesma especie e sómente diffiram pela idade. Estes insectos existem geralmente aos milhares nas hervas e com o mais ligeiro contacto agarram-se ao viajante que logo cae quasi em desesperação pela comichão forte por elles produzido.

Os primeiros indicios da lavagem de ouro vimol-os ao norte do Rio Cervo a uma distancia de mais ou menos duas milhas de Mandú. E' a montanha um schisto micaceo quartzoso, branco e verde claro que mostra aqui e acolá veios de S. O. para I. E. e sobre qual existe grande massa de pesada terra vermelha e argillosa lavada para a obtenção do metal. Parece que por baixo do schisto micaceo, no qual existe ás vezes quarzo com o *schorl* commum preto, ha sienito que em alguns pontos, especialmente em valles profundos e declives, apparece na superficie. A maior parte d'esta região está coberta de

mattas baixas que dão ás novas plantações de milho mandioca e canna d'assucar. Os outros productos da agricultura são desprezados aqui porque os habitantes compram com o ouro por elles lavrado a maior parte das cousas de que necessitam.

SciELO

Dr. Paulo Ehrenreich

Viagem do Paraguay ao Amazonas

(Traducção de Alexandre Hummel)

SciELO

Nota

Foi o Dr. Paulo Ehrenreich um dos benemeritos dos estudos da nossa anthopologia no fim do seculo XIX e suas obras ninguem o ignora, são de indispensavel consulta a quem se occupa de estudos de ethnographia brasilica. Ao lado de seu collega e companheiro de trabalhos o illustre von den Steinen figura no primeiro plano dos que mais se distinguiram neste campo scientifico.

A sua *Viagem do Paraguay ao Amazonas* foi traduzida por Alexandre Hummel, o erudito dinamarquez, amigo apaixonado do Brasil e de S. Paulo que tantos e tantos annos viveu no interior do nosso Estado, sobretudo na cidade de Tietê occupado em estudos de sciencias naturaes e de philologia, completamente radicado ao nosso meio a que immenso se afeiçoara.

Cremos prestar real serviço aos estudiosos da nossa ethnologia reproduzindo do acervo de Hummel, hoje confiado á guarda do Museu Paulista, estas paginas de Ehrenreich jamais insertas ao que nos consta em publicação de lingua portugueza, a não ser talvez na imprensa do tempo, ha cerca de quarenta annos.

N. da R.

SciELO

Viagem do Paraguay ao Amazonas

I

Quando a segunda expedição alleman do rio Xingú, depois de terminados seus trabalhos dissolveu-se em Maio de 1888, accedi promptamente á proposta do meu collega, o dr. Karl von den Steinen, para completar os nossos estudos por uma viagem Araguaya e Tocantins abaixo com destino ao Pará.

Uma visita ás tribus indias que habitam as margens daquelle immenso rio que separa em quasi todo o seu comprimento Matto-Grosso e Goyaz, parecia-nos de muita importancia para a solução de diversos problemas relativos á ethnologia da vasta região central do Brasil, problemas estes que se nos tinham antolhado durante a nossa viagem.

Acceitei esta incumbencia com o enthusiasmo que me inspirava a perspectiva de ver realisado um antigo desideratum meu, o de estudar bem um dos maiores rios da bacia amazonica.

Parti, pois, de Cuyabá, onde então me achava, no dia 17 de Maio, tendo em minha companhia tres homens, a saber: os nossos dous bons camaradas allemães do Rio Grande do Sul e um soldado brasileiro que, sendo transferido para Goyaz, a pedido do presidente, foi em minha companhia, posto que já em Cuyabá o seu estado de saude me inspirasse algum cuidado; e de facto não lhe foi dado attingir ao termo da sua viagem.

Até ao posto militar do Sangradouro a nossa marcha seguiu mais ou menos o roteiro da expedição de Castelnau.

A 50 kilometros aquem de Cuyabá, surge ingreme o planalto da Chapada, a encosta do grande taboleiro que aqui tem a altitude relativa de 500 metros (comparada com as terras baixas visinhas).

SciELO

Ainda uma vez gozámos daquelle explendido panorama que aqui se abre sobre as planicies dos rios Paraguay e Cuyabá. Neste lugar a chapada subitamente declina formando dous terraços imponentes. Espessa matta virgem, cortada de ribeiras espumantes e crystallinas, cobre até o horizonte as ladeiras dos montes, interrompida apenas por ingremes, quasi aprumados paredões e despenhadeiros deixando a descoberto a formação de grés. Na vasta e verdejante varzea em baixo, levemente ondulada, distingue-se perfeitamente a argentea listra do rio. Ao poente, sobre o horisonte, destacam-se as alvas casas de Cuyabá, e na extremidade sul das mesmas o alto e afilado cone do Morro de Santo Antonio, como a sentinella da capital de Matto Grosso. Voltando-se a olhar para o nascente, sobre o planalto, encontra se um aspecto menos pittoresco na verdade e, entretanto, em sua grandiosa monotonia imponente como um oceano sem praias.

Em incommensuravel vastidão estendem-se diante de nós os campos, suaves ondulações em continua successão, cobertas de gramma e arvoredo rachitico, intersemeado de innumeraveis casas de cupim, de côr pardacenta e fórmas ás vezes singulares; cá e lá, nas baixadas, varzeas pingues, em cujo centro os bosques de soberbas palmeiras burity e matto verde-escuro, denotam ao longe a existencia de algum curso de agua.

No dia seguinte passámos o rio Manso, que é reputado, como principal tributario do rio das Mortes, e em antigas descripções de viagens era frequentemente confundido com o rio de egual nome que, acima da capital, lança-se no rio Cuyabá.

Estavamos nos approximando agora da vertente meridional do planalto, da qual as aguas se despenham para incorporar-se ao S. Lourenço. Outra vez aqui alternam, a perder de vista, valles e encostas de montanhas cobertas de luxuriante matta que acompanha ao rio até a sua barra com o Paraguay. Neste logar, a 22 leguas de distancia de Cuyabá, passámos pela ultima povoação permanente.

As unicas habitações humanas que daqui até as margens do Araguaya se encontram, são os quatro destacamentos militares, dos quaes alcançamos o primeiro, Ponte de Pedras, a 22, á tarde O mesmo consiste como quasi todos os postos militares semelhantes, num grande pateo quadrangular, cercado de

SciELO

paus-apique com os tres lados occupados de ranchos da mais primitiva construcção para as familias das praças, e a casa do commandante algum tanto melhor construida. Sobre a vida que se passa nestes destacamentos militares, dos quaes existe um grande numero nas regiões poucos povoadas do sertão, nada direi, si bem que uma descripção não deixaria de ser muito significativa para o estado das cousas naquelles ermos.

La é que se póde applicar em toda sua amplitude o ditado que « Deus mora tão alto e o governo tão longe ! » (não garantimos a traducção exacta deste ditado, que não conhecemos, mas sim apenas alguns que com elle tem certa semelhança. — *N. do T.*).

O que é certo é que estes estabelecimentos, longe de preencherem os seus fins, que deviam ser a protecção do viajante, o concerto de estradas e pontes e sobretudo a missão de formarem nucleos para futuro povoamento daquelles immensos sertões, na realidade só servem para a desmoralisação dos militares alli destacados.

A continuação da viagem até Sangradouro não foi sem difficuldades. Na chegada á Vargem Grande, uma planura encharcada e rodeada de mattas, dispararam os animaes de carga por falta de pastagem no logar ; perdemos lá dous dias em campeal-os todos, e tivemos de deixar uma boa mulla de sélla como imprestavel por exinanição.

Numa marcha accelerada alcançámos sem novidade na manhan do dia 30 de Maio o segundo posto, o Sangradouro, em aprazivel situação sobre a elevada barranca do rio do mesmo nome que affluc para o Rio das Mortes.

O largo valle deste ultimo, occupado de espessas florestas, estendia-se adiante de nós para o lado Norte. Uma exploração deste rio importante, até hoje semi-mysterioso, conviria emprehender, partindo deste logar, porque o seu valle já aqui tem uma profundidade consideravel. Encontrámos aqui um mineiro, cuja hospitalidade nos proporcionou um dia de descanço e o supprimento das provisões que nos escasseavam.

No dia 31, continuando a nossa marcha, chegámos a um logar onde a estrada se bifurca. A' esquerda vai a estrada velha em linha recta para Goyaz, na qual porém hoje pouco se transita por causa dos

frequentes encontros com os indios e o pessimo estado das pontes.

A estrada nova, á direita, aberta ha quatro annos apenas, é muito mais comprida, porque faz uma grande curva para o Sul sobre Torres do Rio Bonito. Foi, aliás, mal lançada, porque em vez de transpôr os morros, sempre os rodeia e muitas vezes corre tão rente ás pantanosas varzeas das fraldas que na estação chuvosa enchem-se de intransitaveis atoleiros, aquelles famigerados lamaçaes, de odiosa memoria para todos aquelles que têm viajado no interior do Brazil.

Muito ruim é tambem serem todas as pontes demasiadamente baixas, razão porque pela maior parte estão decadentes. Na destruição destas pontes tambem não tem culpa só os elementos : os indios na sua avidez de tudo quanto é ferro, arrancam os prégos sempre e por toda parte onde tiverem opportunidade.

Se bem que nesta estrada não tivesse havido verdadeiros assaltos, comtudo as sentinellas dos destacamentos mais de uma vez tinham recebido tiros traiçoeiros, e por isso convém estar sempre álerta. A caravana marcha o mais cerrada possivel, e não se dorme sem ser abraçado á arma bem carregada. Bons cães vigilantes são egualmente indispensaveis. Os indios que aqui fazem suas correrias, são verdadeiros selvagens e parecem pertencer todos á nação dos Borôros, cujo districto se estende até o centro de Goyaz.

Nosso caminho nos levou em zigue-zague morro acima, morro abaixo, com explendidas vistas sobre os profundos valles com seus luxuriantes bosques de burity ; logo desdobrou-se ao nascente a vista sobre o Paredão, onde passa perto o caminho velho para Goyaz, e que na sua gigantesca formação de grés se parece com muralha de inexpugnavel formatura.

Mais ao sul um pouco eleva-se um segundo macisso, de proporções menores, e cujos contornos recordam a Notre Dame de Paris, com as duas torres truncadas.

E' a nossa balisa ; pois logo adiante deve ficar o nosso proximo pouso, o destacamento do Rio das Garças. Na extremidade meridional do valle elevam-se ainda tres formações semelhantes, relativamente pequenas ; tem o nome de Tres Irmãos. Neste lugar temos de atravessar dous rios tributarios do rio das Garças, pouco importantes aliás ; um delles, o

Jatobá, figurava nas nossas cartas erroneamente como affluente do Rio das Mortes. Atravessa a mais deliciosa paysagem de campo que vimos durante toda a nossa viagem.

A 1.º de Junho, ao meio dia, nos achamos no nosso alvo, podendo dar aos nossos animaes um dia de descanço. O rio que neste logar tem a largura de 30 a 40 metros, é muitissimo correntoso, cavado em profundo e rochoso leito e passa-se em balça, pode-se dizer com perigo de vida. Desagua no Araguaya, a 6 leguas abaixo do ultimo destacamento.

Depois de transpormos um terreno algum tanto accidentado, avistámos as chamadas Mezas, dous morros altos, alcantilados, de cume plano, que alcançamos após uma marcha de dois dias, um pouco demorada por um fortissimo accesso de febre de que fui accomettido.

Agora tornou-se o terreno muito montanhoso. Nas mattas ribeirinhas appareceu de novo a admiravel palmeira Ouassú (é esta a ortographia do autor, que não nos parece certa; devendo ser, á nossa opinião, Uba-ussú. Empregam-se, ao que parece, as formas Uassú, Bussú, Abaussú, etc., promiscuamente para designar especies de palmeiras muito differentes. Conservamos a ortographia do autor, como no correr desta traducção sempre faremos a respeito dos termos de origem Tupy, desde que, por incompetente, não tenhamos plena certeza de apresentar emenda de valor indiscutivel. — *Nota do traductor*) a sua fluctuante coma do mais brilhante verde-claro contrastava agradavelmente com o tom escuro do resto da vegetação.

II

No dia 7 de Junho, á tarde, afinal descortinámos o valle do Araguaya; no fundo erguiam-se como sombria massa de nuvens as altas planuras de Goyaz. Descendo, pouco a pouco, alcançamos no dia seguinte, ao meio-dia, o destacamento de Macedonia, o derradeiro da provincia de Matto Grosso, e nos fizemos incontinente transportar para a margem goyana, onde egualmente existe uma estação militar. Estamos agora a 600 kilometros de Cuyabá. A largura do Rio importa aqui em cerca de cem metros, a região dos seus mananciaes é inteiramente inexplorada, porque ninguem se atreve a subir mais, de medo dos indios bravos.

Ainda ha poucos mezes o destacamento foi assaltado pelos selvagens que mataram dois homens e levaram comsigo diversas cabeças de gado.

Do Araguaya dista ainda 27 leguas a primeira localidade de Goyaz, de alguma importancia, que é a chamada Torres do Rio Bonito; percorremos esta distancia a toda pressa para afinal podermos obter algum milho para os nossos animaes exhaustos. Em todo este trajecto encontram-se apenas duas fazendas, muito pobres, e meia duzia de ranchos de sertanejos ainda mais pobres. Todas estas habitações produzem uma indiscriptivel impressão do cumulo da miseria; vê-se que nos achamos presentemente na provincia mais pobre, mais remota de todo o commercio, atrazada e pauperrima, apezar das suas reconhecidas riquezas mineraes e outros recursos que a geração vindoura ha de aproveitar.

Contrario a toda a tradição, são os moradores que aqui frequentemente pedem mantimentos ao viajante.

No dia 11, á tarde, transpuzemos o primeiro terraço do planalto goyano, a serra do Marreco, em cujo cume desnudado, a cerca de 500 metros acima do nivel,

SciELO

passamos uma noite fria. Surprehendeu-nos na subida a espessa matta virgem, como ainda não viramos egual desde as margens do S. Lourenço. Nesta tarde cahiu uma copiosa chuva, a ultima da estação.

No dia seguinte alcançamos o segundo terraço do planalto, a serra de Itabira. Por todos os lados avistava-se um labyrintho de Tablebergs (montes á feição de mesas), massiços, compridos e ingremes como muralhas de fortalezas e valles rasgados profundamente.

Depois de nos termos aberto caminho por entre espessas sebes de taquara, chegámos a uma planicie encharcada, onde fomos obrigados a armar a nossa barraca. Tinha-se dado um caso que me enchia de cuidados pela feliz continuação da nossa viagem. Um dos nossos animaes adoecera de repente com todos os symptomas daquella perigosa molestia, chamada «peste das cadeiras», que é endemica em Matto-Grosso e consiste numa especie de paralysia ascendente, a qual depois de determinar completa inercia das extremidades trazeiras, sempre accarreta a morte do animal dentro de pouco dias. O peior é que, geralmente, os animaes todos da tropa depois são victimados um por um.

O verdadeiro fóco desta doença de infecção, até hoje tão obscura, parece achar-se nas alagadas regiões do Paraguay, no seu curso superior e mediano, de onde propagou-se sobre Matto Grosso e as regiões limitrophes do Goyaz. Felizmente foi benigna a affecção do primeiro animal, de modo que já no dia seguinte pode continuar a viagem; quando, porém, chegamos á fazenda do Campo Bello, começou, de repente, o nosso melhor animal de carga a mancar, encontrou-se na manhan seguinte deitado no Campo, com a anca completamente paralysada, e foi preciso matal-o a tiro na tarde do mesmo dia.

Estava, pois, imminente o perigo de perdermos todos os animaes. Felizmente alcançamos no dia 16 de Junho o Rio Bonito, onde pudemos dar descanço de uma semana á nossa tropa e esperar o desfecho da nossa critica situação. Felizmente não appareceu nenhum caso novo da peste. Mas tinha peiorado muito a saúde do soldado, nosso companheiro, o qual começou a mostrar todos os symptomas de uma nephrite aguda. Tornava-se cada xez mais duvidoso que elle poudesse chegar a Goyaz.

SciELO

A povoação das Torres do Rio Bonito acha-se situada sobre o rio do mesmo nome, tributario do Araguaya ; fica no meio de uma formosa varzea, rodeada de uma serie de gigantescas formações de grés semelhantes a castellos em ruinas e denteadas como as dolomitas do Tyrol (exquisita formações de fignra conica e pyramidal. devidas á erosão pela acção das aguas. — *N. do T.)* O nome «Torres» cabe, pois, com muito acerto.

A localidade consiste em algumas duzias de casebres que se agrupam-se ao redor de uma egrejinha meio decadente. Apezar de haver diversas lojas e armazens, não foi possivel encontrar-se um balde para agua! Os meradores vão tirar agua do ribeirão á maneira dos indios, em purangas e odres de couro de boi de aspecto nojento. O que não se póde negar é que os habitantes são muito hospitaleiros e obsequiosos, qualidade que aliás partilham com todos os sertanejos do Brasil. Aproveitamos dos nossos dias de descanço para formar uma pequena collecção ornithologica, e continúamos afinal no dia 23 de Junho a nossa marcha, visto que o estado do nosso companheiro tinha melhorado algum tanto.

Do Rio Bonito á cidade de Goyaz conduzem duas estradas. Uma dellas, que passa pelo Rio Claro, tem fama de ser muito ruim em diversos logares ; a outra, porém, que passa por Anicuns, descreveram-nos como excellente e por isso preferivel, apezar de ser mais longa numa differença de 20 leguas ; escolhemos esta em attenção ao mau estado dos nossos animaes e porque atravessa uma região relativamente bem povoada. Mas um dia de subida bastante ingreme, e chegámos ao planalto que divide as aguas do Araguaya das do Paraná. Até o dia 27 a nossa direcção foi suéste, dahi por deante a estrada quebra para nordeste.

Todos os dias passamos por algumas fazendas bastante abundantes, em gado, de sorte que não nos foi difficil aprovisionarmo-nos. Por toda parte ouvimos queixas da crescente frequencia com que se repetem os assaltos dos indios.

Pouco tempo antes de nossa chegada tinha-se dado um no logar chamado Rio Verde.

Algumas armas despojos tomados aos selvagens, que me mostraram numa fazenda, provaram bem claramente que tambem estes indios são Bororós, pertencentes á mesma tribu da qual uma parte por nós

SciELO

visitada em S. Lourenço, em Março e Abril de 1888, justamente pouco tempo antes tinha reconhecido a autoridade do governo.

Esta nação occupa, pois, um districto abrangendo perto de 10 gráos de longitude, desde as nascentes do Paraguay até por Goyaz a dentro.

O dia 30 de Junho foi para nós um «dies ater». O nosso bom companheiro de viagem, o brasileiro Antonio, cujo estado tinha peiorado em consequencia das fadigas do ultimo tempo, succumbiu neste dia aos seus soffrimentos.

Seis dias depois passámos a immensa matta virgem que desde Meia-Ponte, a léste, até Rio Claro, a oéste, extende-se por toda a zona meridional, 1/3 da provincia, e que tem merecido minuciosas descripções dos naturalistas Saint Hilaire, Castelnau e Pohl; e afinal no dia 10 de Julho entrámos na capital da mais central de todas as provincias do Brazil, nesta occasião alvo de ardentissimas saudades nossas.

SciELO

III

Goyaz (Villa Boa de), cidade celebre nos annaes da mineração do ouro, tem uma situação pittoresca num profundo valle, á margem de Rio Vermelho, de pouca largura mas tanto mais correntoso; o seu aspecto geral em pouco differe do das outras cidades do interior do Brasil: Um vasto largo com a egreja matriz, a camara municipal e a infallivel cadeia com as enormes janellas providas de grades, tudo isto rodeado de uma confusão de ruas, algumas estreitas e tortuosas, outras direitas e largas, mal niveladas todas e pessimamente illuminadas, menos mal calçadas. As casas tem vidraças de mica (vulgo malacaxeta), são de um ou dois andares, bem caiadas e annunciam no seu aspecto interior, demasiadamente patriarchal, a grande distancia do mundo dos vapores e das vias ferreas.

Apezar deste atrazo nas commodidades da vida, ficámos sympathisando mais com Goyaz do que com Cuyabá. Em primeiro lugar a communicação postal é melhor; 10 vezes por mez chega um estafeta que gasta 14 dias da mais avançada estação de estrada de ferro, de sorte que as cartas do Rio de Janeiro alcançam a capital provincial em 17 dias. Além disso chegam diariamente grande tropas e caravanas de carros de boi de todas as partes da provincia. Os preços dos artigos europeus são elevados, embora menos do que nos districtos da extracção da borracha na Amazonia.

O frete de Uberaba importa ordinariamente em 10$000 por 15 kilos; volumes grandes nem sempre podem ser transportados. Esta é uma razão por que em toda a cidade se encontra apenas meia duzia de pianos. e o visitante não se queixa da ausencia da epidemia pianomaniaca que grassa em Cuyabá. Os mantimentos, sim, são de uma barateza extraordinaria.

SciELO

Os edificios e estabelecimentos mais conspicuos de Goyaz são a magnifica bibliotheca publica, que encerra, entre outras, uma bella collecção de obras e periodicos scientificos ; e o observatorio recentemente acabado, e munido dos mais aperfeiçoados instrumentos. O director é o sr. Julio Alves da Cunha, jovem engenheiro muito habilitado e que, não tendo viajado fóra do Brasil, entretanto fala o allemão perfeitamente.

Em geral devo confessar que me surprehendeu agradavelmente encontrar aqui grande numero de homens de espirito culto e variados conhecimentos; reinando entre todos vivo interesse e boa comprehensão pelos negocios da Europa, para o que concorre uma imprensa muito bem redigida e cujo tom contrasta vantajosamente com o dos collegas cuyabanos.

As tres semanas que aqui me demorei occupado com os preparos para a grande viagem fluvial, deixaram-me a mais grata recordação, devida á amabilissima hospitalidade com que por toda a parte me acolheram.

A profunda decadencia, que desde o começo do actual seculo com o exgottamento das minas de ouro, resultou para a provincia, naturalmente tambem não deixou de influir nos destinos da capital.

Entretanto, durante a minha estada, notei que o povo se animava com fundadas esperanças de uma proxima nova era que devia despontar para a cidade e provincia.

Duas grandes companhias norte-americanas achavam-se em negociações com o governo. Tratava-se de tornar navegaveis para vapores os rios Vermelho, Araguaya e Tocantins, colonisar grandes territorios na bacia superior do Araguaya, explorar novas minas de ouro, diamantes, etc.

Já se imaginava vêr os navios do Pará ancorados defronte da cidade, discutiam-se projectos extravagantes como aquelle de por em communicação o rio Urubú, um dos mananciaes do Tocantins com o rio Vermelho delle separado por altas cadeias de montanhas.

Seja como fôr, si o programma da companhia americana, da qual me hei de occupar ainda, si realisar ainda que só em parte, então Goyaz despertará para a nova vida e poderá desempenhar algum dia

importante papel como emporio commercial de uma grande zona da America Meridional.

Vinte de julho foi o dia de nossa partida; o Dr. Baggi de Araujo ex-chefe de policia, demitido pelos conservadores fez-me companhia na viagem indo á Bahia visitar sua familia.

A este senhor, cavalheiro muito illustrado e de fino trato fiquei penhorado não sómente do apoio material como tambem de muitissimos e valliosos esclarecimentos sobre esta provincia tão pouco conhecida, e que elle tinha percorrido quasi toda e descripto numa bem elaborada chorographia. Para remate dos seus estudos parecia-lhe agora muito acertada uma viagem pela grande arteria fluvial de Goyaz.

A 6 de Agosto avistamos afinal, na altura de Leopoldina, de novo o gigantesco Araguaya, ao qual nos iamos confiar por muitas semanas.

« Os alvos areões, o vento, a massa de agua que se estendia a perder de vista deante de nós, tudo isso nos fez a impressão como se tivessemos alcançado a praia do Oceano.»

Com estas palavras descreveu Castelnau a sensação que na presença deste immenso rio experimenta o viajante, que durante mezes não viu sinão os insignificantes ribeirões do planalto.

O Araguaya, em extensão o terceiro rio do continente sul-americano, e o maior dos que exclusivamente pertencem ao Brasil (vê-se que o autor — e outros como elle, inclina-se a considerar Araguaya como o rio caudal, e Tocantins como tributario; na verdade basta um olhar no mappa para convencer-se que a honra de dar o nome a este systema fluvial devia pertencer ao Araguaya N. do T.) apesar de ter sido navegado ha 150 annos, não foi entretanto explorado scientificamente até os ultimos decennios do seculo actual.

Uma tal exploração foi tentada em 1844 pela expedição Castelnau que desceu até a confluencia com o Tocantins, regressando por este. Comtudo, o trabalho hydrographico foi muito incorrecto, e as collecções perderam-se quasi totalmente.

De uma navegação mais ou menos regular só se foi tratando a partir de 1869, quando um energico presidente de Goyaz, o conhecido general Couto de Magalhães emprehendeu fazer transportar em carros de boi um pequeno vapor do rio S. Lourenço, mais de

150 leguas até Itacaiú, a 51 k. acima de Leopoldina, trabalho herculeo levado a cabo em cinco mezes com uma despeza relativamente moderada.

O primeiro serviço deste vapor foi seguir ao encontro das grandes lanchas, que do Pará trazem sal, o artigo de maior importação em todo o interior, e rebocal-as rio acima até Leopoldina, pelo trecho navegavel do rio, que importa em 1 200 kilometros.

Mais dois pequenos vapores foram trazidos do Pará com grandes difficuldades, e o governo concedeu á empreza 40 contos de reis em subvenção annual, com a condição de se fazerem pelo menos 4 viagens redondas por anno.

Apezar destes sacrificios não se póde dizer que a empreza prospera e, pois até hoje as margens do rio são consideradas como terras brutas, além de que a zona meridional importa mais facilmente e mais barato os generos de que necessita, via S. Paulo, de onde a estrada de ferro tendo avançado até Uberaba, já não tardará a transpor a divisa de Goyaz.

A metade oriental da provincia dependerá ainda por longo tempo da navegação do Tocantins que é talvez ainda mais arriscada do que ado Araguaya; pois as cachoeiras ahi são distribuidas sobre toda a extensão do rio, emquanto no Araguaya occupam apenas parte do curso inferior.

Do presidio de Santa Maria e 1.200 kilometros rio, ácima, a navegação é possivel mesmo na estação secca, porque o rio ainda em Leopoldina, por mais raso que esteja, nunca tem menos de 4 a 5 metros de profundidade.

No tempo das enchentes poderiam vapores ainda passar a 150 kilometros abaixo de Santa Maria até a primeira cachoeira grande, que é a de S. Miguel; dependem porém para a volta de uma força motriz superior áquella de que dispõem os referidos pequenos vapores.

Dois delles aliás já estão inteiramente imprestaveis; sómente o mais antigo, o de Couto de Magalhães, ainda hoje presta serviços, e procura-se augmentar a pouca força de sua machina (35 cavallos) pondo pesos em cima das valvulas de segurança!

Imagina se bem a alegria do passageiro quando póde depois de uma navegação de 10 dias deixar esta embarcação com a pelle intacta.

Os 14 dias que decorreram até á partida do vapor, empreguei-os em estudos anthropologicos, linguisticos e zoologicos.

Consegui assim obter muitos esclarecimentos sobre a importante nação dos Cayapós ainda pouco conhecida e que habita grande extensão da margem esquerda do rio, sendo neste logar representada por diversos individuos « mansos ».

———

SciELO

IV

Deu-se no dia 21 de Agosto o nosso embarque. O trajecto até Santa Maria póde-se fazer em 6 ou 7 dias, mas em geral não leva menos de 10; para o capitão e os tripulantes não ha pressa em chegar.

A paysagem torna-se, depois de passar a pequena povoação de S. José, até onde os barrancos são altos e aprumados e dahi em diante um tanto monotona. Só nepois da barra do affluente Tapirupú e pouco antes de chegar a Santa Maria, é que começam a apparecer algumas serras na margem esquerda. Extensos medões de areia de ambos os lados, ilhas arenosas ou cobertas de matta no meio do rio, espessa e sombria floresta acompanhando as margens, intersemeada ás vezes de algum campo, tudo isto repete-se ao infinito, com pouca variação.

A agua tem côr azeitonada, mas é limpida ao mesmo tempo e de sabor puro, apezar da sua temperatura de 24 a 28 graus (centigrados provavelmente. — *N. do T.*)

A fauna não se mostra tão rica como eu esperava; comtudo apresenta formas que attrahem a attenção. Cá e lá vôa um bando de mergulhões á flôr das aguas; frequentemente passam de uma margem á outra multicôres alcyões vulgo martinhos, e anhingas (do genero Plotus L; encontrámos numa obra o termo «Biguatinga» como nome que a este interessante palmipede se dá nas margens do Araguaya.—*N. do T.*)

A cada passo enche os ares o ensurdescente grito da admiravel arara hyacinthina, a mais bella e maior de toda a familia, emquanto o altivo jabirú passeia gravemente na praia entre os graciosos e irrequietos individuos de diversos outros generos da ordem dos pernaltas.

Das aguas emerge de vez em quando a extremidade da cabeça ou da cauda de um enorme jacaré;

SciELO

mais raro do que no Paraguay póde-se apreciar estes monstros assoalhando-se nas praias arenosas. Surprehende aqui o grande numero de golfinhos da agua doce, vulgo bôtos, que muitas vezes executam suas alegres evoluções ao pé do navio, espellindo seus esguichos de agua com rudoso resfolego. Em logares de certa profundidade moram cardumes de vorazes piranhas, cujas terriveis mordeduras são de temer para o proprio pescador de linha (é evidente que a piranha dessas paragens é variedade differente da nossa, que é mais inoffensiva, embora munida tambem de respeitavel dentadura com que, ás vezes, até corta o arame em que se encastôa o anzol, razão por que é detestada dos pescadores. — *N. do T.*)

Ainda mais precisa a equipagem acautelar-se contra as arraias; justamente nos logares rasos, onde ás vezes torna-se necessario saltar na agua para desencalhar o vapor, acha-se em abundancia este peixe que tem em seu ferrão uma arma perigosissima. Tambem o pirarucú, o peixe gigante das aguas amazonicas, já aqui se encontra frequentemente.

Sob o grau 13° lat. mer. divide-se o rio em dous braços e forma a grande ilha plana do Bananal, quasi inexplorada até hoje. No braço direito, cuja entrada nos mezes de Julho e Setembro torna-se sêcca em grandes trechos, passou no anno de 1844 a expedição Castelnau. Depois não tem sido mais visitado, nem pela gente do logar. O braço esquerdo, navegavel durante o anno todo, é, pois, o que se presta á navegação regular; este recebe nada menos de tres importantes tributarios, Crystallino, Rio das Mortes e Tapirapú Sob o grau 8,50 os dois braços unem-se outra vez, o rio adquire em alguns logares a largura de uma legua e enche-se de ilhas. Pouco antes de chegar a Santa Maria ha um travessão de pedra que já nestes mezes está a descoberto e impõe ao vapor o termo de sua viagem. Passageiros e cargas passam agora para batelões.

Quanto falta ainda sob o ponto de vista geographico para o conhecimento do Araguaya, isto nos mostra um olhar sobre a carta de Petermann, que foi desenhada sobre os apontamentos de Castelnau. Póde o proprio leitor, sem emprego de instrumentos, constatar mais ou menos os seguintes erros:

SciELO

A direcção do rio desde Leopoldina até a extremidade meridional da ilha do Bananal não é N E, porém quasi N.

Os pequenos rios do Peixe e Crixás, que na referida carta desembocam na distancia de 50 leguas allemans (a legua alleman é de 15 ao grau e a brasileira de 18, de que se segue que 30 leguas allemans equivalem a 36 brazileiras.—*N. do T.)* tem na realidade a metade apenas desta distancia.

Um rio de nome Alagado da margem esquerda não existe, no logar deste deve-se por o Crystallino que na carta puzeram pelo menos 1/2 grau a mais para o Norte; afinal o Tapirupú não desemboca junto da extremidade Norte da grande ilha porém cerca de 150 kilometros mais para o Sul.

O interesse principal para o viajante reclama neste trecho a vida do indio que aqui até hoje conserva toda a feição do seu caracter primitivo e original. Das tres grandes tribus Carajás do Araguaya vivem aqui, numa duzia de aldêas, em proximidade immediata do rio, os Carajahys; na estação sêcca chegam a estabelecer-se sobre as grandes praias e areões no meio do rio.

Aqui fizeram o seu arraial volante que mudam de um logar a outro, conforme o resultado da caça e da pesca. Um simples aindaime, forrado de esteiras de burity muito grandes e bellissumamente trançadas, ou então com as immensas folhas de palmeira Uassú *(Attalea spectabilis)* protege o morador contra os ardentes raios solares, que durante cinco mezes dardejam sem interrupção de um firmamento quasi sem nuvens.

No tempo das aguas habitam ranchos na margem, de construcção mais solida, cobertos de folhas de burity, onde tambem fazem as suas plantações. De medo das poderosas tribus dos Chavantes e dos Cayapós, seus irreconciliaveis inimigos da margem esquerda, não se aventuram muito pela terra a dentro; na margem direita receiam encontrar-se com os ferozes Canoeiros, mas sem razão, por que estes, ao que parece, acabaram-se. Inclino-me mesmo a pensar que elles nunca existiram sinão na phantasia de primeiros colonos.

Si bem que os Carajahys de ha muito tempo vivam em commercio com os brancos, comtudo conservam os seus usos nacionaes com notavel tenaci-

dade e não admittem intromissão em seus negocios. Sobretudo precavém se muito contra qualquer relação que possa involver dependencia. Elles têm o instincto dos perigos que lhes poderiam resultar de um contacto muito intimo com os brancos.

Graças á severidade com que zelam e resguardam a moral das suas mulheres, puderam até hoje resguardar-se contra as affecções venereas, e tão pouco foram ainda invadidos pelo vicio do alcoolismo.

O mesmo não succede infelizmente com a tuberculose, que entre elles se tem espalhado.

A primeira pergunta por elles feita ao viajante que visita as suas aldêas, é esta: «Não trazeis por ventura algum catarrho?!»

Da lepra e da papeira, que tanto flagellam os habitantes de Goyaz, ficaram entretanto indemnes até hoje.

Quanto á moralidade occupam provavelmente o primeiro logar entre todas as tribus da America do Sul.

Digna de admiração é sobretudo a ternura de sua vida familiar.

Em parte alguma do Brazil tambem reina entre as duas raças convivencia tão cordeal como aqui.

O merito principal de ter até o presente cimentado estas boas relações pertence ao distincto commandante do vapor o sr. Sebastião de Freitas.

Este cavalheiro, homem de delicado tino e de altruismo pouco commum, tem sabido grangear as sympathias dos indigenas, que o consideram o seu verdadeiro protector. Penetrou o seu nome até as mais longinquas tribus do valle do Araguaya, onde póde se dizer que serve de salvo-conducto.

Numerosos casos que me foram communicados, provam perfeitamente que um tratamento humanitario é sufficiente para fazer brotar no coração do bruto selvagem um sentimento que muitas vezes lhe tem sido contestado, o da gratidão.

Si o Brazil dispozesse de muitos homens destes, achaia mais facil solução do interminavel problema da catechese.

V

Não se julgue, porém, que os Carajahys vivam em condições tão favoraveis como os seus bellicosos e independentes irmãos, os Chambioás e os Javahés. Mais do que estes dependem do incerto producto das caçadas e das pescarias (o suffixo — hy agua — indica a subsistencia aquatica destes indios. — *N. do T.*), e além disto dentro de uma circumscripção relativamente estreita.

O territorio que margeia o rio é tão baixo que por causa das innundações torna-se muito difficil fazer plantações, e o medo os detêm de penetrar mais pela terra a dentro. O melhor ganho tiram do fornecimento que fazem de lenha aos vapores, de que recebem em troca missangas, machados e facas, que depois vendem a outras tribus.

Attento á extraordinaria abundancia de interessantes objectos ethnologicos que aqui ainda existiam, lastimei profundamente não ter trazido maior quantidade de objectos de permuta, ainda mais porque o commandante mandava parar onde eu quizesse e muitas vezes levava de reboque uma flotilha inteira de canôas indias e recolhia a bordo os seus pittorescos e bem pintados tripulantes, que tinham por unica vestimenta umas lindas bolas de algodão pendendo do joelho, os grandes «manguchos» vermelhos e o infallivel fio de algodão que lhes aperta o prepucio.

Todas as vezes que se podia fazer, iamos á noite pousar em alguma aldeia, e podiamos então, ao clarão da fogueira, gozar as impressões a um tempo estranhas e attrahentes que nos proporcionava o aspecto da vida familiar e dos usos domesticos destes inoffensivos filhos da natureza.

Carregados de rico material ethnologico, alcançámos o termo da navegação a vapor em Santa Maria, na tarde do dia 1.º de Setembro.

SciELO

O presidio de Santa Maria tem pittoresca posição numa saliencia do barranco, alta, de 45 metros. Como o rio neste logar faz forte curva para Léste, por isso goza-se de cima larga vista para ambos os lados.

A sua largura importa em cerca de dois kilometros, a differença de nivel entre os extremos da enchente e vasante cerca de seis metros. De outro lado da cordilheira que a Ponte se eleva sobre a margem esquerda dizem existir grande aldeia dos Cayapós, mas onde ninguem ousou penetrar.

Não se cumpriu a nossa esperança de vêr estes selvagens no logar onde nos achavamos, e tão pouco exito teve um reconhecimento que fizemos.

O piloto insistia sobre a immediata continuação da viagem, porque dia a dia a agua baixava e augmentava o perigo das cachoeiras. O unico batelão disponivel era um de 16 remos com lotação de 200 saccas de sal. Sómente a parte posterior possue convez permanente, sobre o qual estão collocados os beliches para os passageiros e o commodo para a parte mais valiosa do carregamento; ahi cabe 1/3 das cargas, os dois outros terços são arrumados adiante e apenas cobertos de forte tolda de folhas de palmeira que de ambos os lados deixa livre um passeio de 40 centimetros de largura, onde sobre banquinhos sentam, com as pernas extendidas, os remeiros manejando remos curtos de pá arredondada.

O piloto toma assento sobre o castello da pôpa, por cujo toldo passa o eixo do leme. O serviço da equipagem é severo, de disciplina quasi militar. Os remadores mais dianteiros, os proeiros, são sempre homens escolhidos, de provada experiencia. A elles cabe, como principal officio, estarem sempre promptos com o varejão para desviar a embarcação de um embate contra os rochedos. Elles transmittem aos companheiros as ordens do piloto e marcam o compasso da voga; atraz delles sentam para o seu apoio os contraproeiros, atraz destes seguem os remeiros ordinarios, afinal atraz destes os popeiros, que estão encarregados de evitar estragos do leme, e tambem despejar a agua que durante a viagem se introduz no casco. Este serviço se faz tambem durante a noite revendo-se uns aos outros.

O estylo de commando do piloto é conciso e militar, as suas advertencias aos marinheiros muitas

SciELO

vezes pela energia da expressão lembram os exercicios de soldados.

Viveres encontrámo-los muito poucos naquella pobre localidade ; mas contavamos ser suppridos pelos Chambioás, que são a unica gente que aqui nas margens do Araguaya goza duma certa fartura, emquanto a chamada população civilisada vive em completa miseria.

A 12 de Setembro encetámos esta nova secção da nossa viagem. Antes de chegar á grande cachoeira de S. Miguel tem-se de passar já nesta estação um grande numero de menores, os taes travessões, que são barreiras de pedra que atravessam toda a largura do rio, interrompidas por um ou mais canaes por onde a agua abre caminho em violentissima corrente. A mais perigosa de todas é a do Pau d'Arco, onde estivemos em imminente perigo de soffrer grande avaria. Entretanto passou-se sem novidade.

Depois de termos passado diversos arraiaes de indios achamo nos afinal no dia 17 de Setembro defronte da primeira grande aldeia dos Carajás independentes ou Chambioás.

Suas quatro grandes aldeias acham-se situadas em distancias mais ou menos eguaes sobre uma extensão de cerca de 100 kilometros, cada qual sobre o seu banco de arela, emquanto nos tempos das aguas emigram para a margem direita que é a mais alta ; a esquerda elles a evitam, porque se acha ha mais de 100 annos sob o dominio exclusivo dos Cayapós com quem vivem em constante pé de guerra.

Encontram-se por isso muito frequentemente entre elles, mulheres e creanças que arrebataram áquella nação, as quaes comtudo vivem tratadas muito humanamente.

O cacique Kahôti ou Jo é, da terceira aldeia, era até Cayapó puro-sangue ; e fora-lhe conferida a dignidade por causa do seu conhecimento da lingua portugueza.

Elle tinha sido durante alguns annos da sua infancia educado em Santa Maria, educação esta que para elle fora uma especie de captiveiro de que se subtrahira fugindo, mas sempre alcançara um proveito como acabamos de vêr.

Achei os Chambioás vivendo tal qual como haviam sido descriptos por Castelnau.

SciELO

Nós tambem tinhamos ouvido em Goyaz as horripilantes narrativas de sua crueldade e perfidia, e na verdade são de data recente ainda muitos maleficios por elles perpetrados.

Quer-nos parecer entretanto que taes actos de selvageria deveriam sobretudo attribuir-se á má influencia de um ou outro chefe perverso; tão pouco póde-se contestar que algumas vezes foram elles provocados a violencias por insultos que da parte dos matinheiros tiveram que soffrer as suas mulheres, sobre cuja moralidade tambem esta tribu vela com intransigente severidade.

A mim, pelo menos, cumpre confessar que nos acolheram soffrivelmente bem. Principalmente o cacique José, já mencionado, da terceira aldeia, patentou-nos por todos os modos a affabilidade mais sincera.

Fomos nós os primeiros brancos que ousaram pernoitar em sua aldeia, e a bella noute de luar, que passamos junto da fogueira, contemplando a magnifica dansa guerreira que se executou em nossa honra, ficou-me gravada na memoria como uma das melhores recordações de toda a minha viagem!

Sómente os moradores da segunda aldeia nos receberam com decidida desconfiança, razão porque achamos prudente nos retirar de lá após a demora de meia duzia de horas.

A cada passo salta aos olhos o contraste entre os pacificos Carajahys e esta tribu independente e guerreira.

Assim que o batelão se approxima de uma aldeia, ajuntam-se centenares de indios sobre o barranco, todos pintados phantasticamente, alguns côr de fogo, outros negros de azeviche, a fronte ornada de pennas multicôres, tendo numa mão a longa lança, tambem enfeitada de pennas, e na outra a clava de lavór artistico, ou arco e frecha. Trata-se então com dignidade calma, sem tumultuosa algazarra; logo os recemchegados mostram aos selvagens as suas armas, entre as quaes o revólver e as espingardas de systema moderno nunca deixam de produzir grande sensação. O chefe então declara: «Carajá amigo tori, do branco, ahi mentira não tem»; e incontinenti começam os negocios de permuta.

Não sendo a equipagem muito numerosa, deve evitar receber muitos indios a bordo ao mesmo tempo, de medo de qualquer traição.

SciELO

VI

Todo aquelle que quizer visitar a aldeia dos indios, não deve levar armas de fogo á vista, de medo de afugentar mulheres e creanças com tudo quanto possam comsigo levar.

Os selvagens que os acompanham, estes não largam das armas, sobretudo da maça. As habitações estivaes, de madeiramento leve e cobertas de folhas de palmeira, são muito aprazíveis pelo lado do commodo e pelo asseio que nellas reina em consequencia de achar-se a cozinha apartada do resto. São destinadas a uma ou mais familias e formam perfeitas ruas. A mais imponente foi a quarta aldeia, contendo 90 destas casas todas grandes, ou mais. Tambem surprehende, como favoravel contraste ao que se nota nas aldeias dos Carajahys, a grande abastança de viveres. Vem trazida de todas as partes immensa quantidade de raizes de mandioca, de cará, batatas, bananas, nozes, fructas de diversas palmeiras, egualmente peixes, tartarugas e sobretudo gallinhas que são offerecidas a venda em numero incrivel, porque os indios não as comem e tão pouco os ovos.

Os marinheiros as compram para levar ao Pará, onde as tornam a vender por preço alto. Em troca de tres enfladas de contas de vidro sem valor obtivemos 22 gallinhas.

Numa certa aldeia encontrámos até ervilhas que os indios tinham recebido do Pará e plantado, cousa de que não se lembrára nenhum colono brazileiro. Em geral é de suppôr que estes selvagens pouco ou nada tenham de aprender com os representantes da civilisação nesta região de Goyaz. Pensar em catechese ficará escusado por emquanto, só pelo facto de viverem os indios incontestavelmente em melhores condições do que os brancos, seus visinhos.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Como na maior parte das aldeias dos indios, tambem nestas se encontra variedade de animaes domesticos.

De todos os tectos nos saúda o penetrante grito das araras. Emas, mutuns, patos, garças e outras aves aquaticas vão catando sobejos de cozinha, entre ellas brincam cotias, tatêtos, macacos, cães e tartarugas, filhotes de jacarés vêm-se amarrados junto das poças de agua, e até uma anta mansa, perfeitamente adulta, vimos um dia atravessar a rua em plena liberdade.

Muito interessante era observar as mulheres na sua incansavel actividade domestica de fiar, tecer, trançar e cozinhar.

Em estatura bem inferiores aos homens, comtudo são muito bem feitas e de rosto attrahente. Todas trazem a pittoresca saia ou tanga de embira que desce até os pés, as solteiras tambem os grandes manguchos vermelhos e as elegantes jarreteiras. Não tem o labio inferior furado, mas todas, sem excepção, mostram na face, em gravura de tatuagem, o anel azul — distinctivo nacional dos Carajás — e os pedaços de taquara fina nos lobulos das orelhas.

O enfeite dos homens consiste numa cavilha de pau ou de pedra no labio inferior e rosetas de pennas nas orelhas. Sua « roupa » limita-se ao já mencionado fio de prepucio. Ambos os sexos trazem ao pescoço um collar de vidrilhos, geralmente tendo por appendice uns guizos feitos de purunguinhas e pequenos enfeites de pennas. O « casquilho » tem ainda a sua frisura especial que consiste em rapar o cabello de diante até o occipital, de onde pende o cabello numa trança entrelaçada com um feixe de pennas de arara, as quaes erguendo-se pela acção do vento, rodeiam a cabeça á maneira de uma aureola.

A nossa rica collecção ethnologica levou-nos tempo a encaixotar ; depois de termos obtido ainda medidas, photographias e vocabulario dos indigenas, pudemos a 24 de Setembro continuar a nossa viagem.

Dois dias depois approximámo-nos da cadeia de morros que por assim dizer intercepta o rio, formando assim as primeiras cachoeiras maiores.

Já no dia 26 lidámos a metade do dia para nos abrir caminho entre as massas de rocha que entulham o rio, e á tarde nos achámos, ás 3 horas e 40 minutos, em presença da grande cachoeira de S. Miguel.

SciELO

O labyrintho de ilhas penhascosas que enchem o rio, é cortado de quatro canaes que mais abaixo se reunem num só. Na mais larga destas boccas precipita-se a embarcação sob a concentração de todas as forças dos tripulantes que gritando á porfia com o bramido das ondas procuram estimular-se reciprocamente.

O grande canal torna-se pouco a pouco mais estreito, as bruscas curvas exigem inabalavel sangue frio do piloto, que com uma serenidade a toda prova dirige conforme a necessidade o leme, ora de um lado ora de outro — passam-nos á direita e á esquerda em vertiginoso torvelinho, rochedos e mais rochedos, e ao fim de 30 minutos apenas, mas que ao passageiro pareceram uma eternidade, tinhamos transposto sãos e salvos esta cachoeira cujo comprimento é de 15 kilometros.

No dia seguinte passámos tambem sem novidade, a Carreira Comprida. Esta é a mais curta do que a de S. Miguel, o canal duas vezes mais largo e quasi sem curvas.

Verdadeiro perigo porém, apresenta o grande penedo no meio desta cachoeira, atraz do qual a onda resvalando forma temivel rebojo e que dos marinheiros mereceu ser chamado «a matadeira». Um embate contra esta enorme pedra, produzido pelo furor que a correnteza alli tem, reduziria a embarcação a átomos.

Passamos felizmente sem encontro ao lado desta pedra do escandalo e alcançamos logo depois o sitio do antigo presidio dos Martyrios, aonde hoje ainda se encontra pequena plantação.

Hordas de Cayapós e Carajás de uns annos a esta parte infestam os arredores.

As montanhas das margens estreitam neste logar o rio de tal modo que o canal principal apenas tem 50 metros de largura, com 40 de profundidade.

A differença de nivel com o rio logo acima de S. Miguel importa em 25 metros.

Mais ou menos a meio caminho entre S. José e Cachoeira Grande acha-se a ilha dos Martyrios, celebre na tradição popular. Aqui devem existir, gravado nos paredões de pedra, os instrumentos de tortura de Christo que nos seculo XVII e XVIII apontavam aos aventureiros o caminhos para legendarias minas de

ouro dos Araes, que segundo outros entretanto não ficavam aqui, porém ás margens do Xingú.

Eu achei o que esperava achar. Não se tratava sinão de uma inscripção india, das mais bellas do genero, na verdade; parece-me ser obra dos antecedentes dos actuaes Carajás, como nella se notam os principaes ornamentos desta nação, das quaes tambem faz parte a cruz.

Distinguem-se egualmente figuras de animaes e homens muito correctas, assim como a reproducção dos machados de pedra.

Em vista da bella execução artistica destas esculpturas e á área relativamente consideravel que, cobrem, estranho muito que a expedição de Castelnau passasse sem vel-as, tanto que o seu chefe até sem maior cuidado lhes nega a existencia.

Poucas leguas mais abaixo começa a Cachoeira Grande. Aqui pode-se dizer que escapamos arranhando no dia 27 ao meio dia, encalhando na grande pedra no meio da entrada; a nossa salvação devemol-a á presença de espirito e aos herculeos esforços dos nossos proeiros. Conseguimos desencalhar a proa, tapar mal e mal o rombo e exgottando a agua que fazia, fazer o batelão nadar até a proxima estação.

Muito difficultosa foi a passagem atravez das Tres Boccas, onde o canal se divide em tres braços, nenhum dos quaes dá passagem. Por meio de cordas faz-se entrar o navio num canal lateral muito estreito, o qual custou tres horas de duro trabalho para avançar cerca de cincoenta passos.

Ao anoitecer chegamos ao destacamento militar de S. José, onde o batelão foi calafetado provisoriamente para ser depois melhor concertado na estação seguinte, chamada S. Vicente, o que levou 6 dias.

Com excepção de duas corredeiras sem importancia, o rio neste trecho não encerra mais impedimentos. Torna a expandir-se na largura de uma legua e é de ambos os lados orlado de espessas florestas, nas quaes figura como typo caracteristico a Tapuerana, arvore pertencente á familia das leguminosas e cujo tronco ramifica-se desde a raiz.

Tambem o castanheiro (Bertholletia excelsa) apparece aqui pela primeira vez.

A grande multidão de macacos nas copas das arvores bem indica que nos approximamos da zona equatorial.

SciELO

No dia 8 da Outubro passamos defronte do forte de S. João das Duas Barras, na divisa da provincia do Pará, á barra do Tocantins, que formando um delta de tres braços, confunde as suas aguas nas do Araguaya, e por extranhavel capricho ficou considerado o rio caudal, dando o seu nome ao curso inferior dos dois rios unidos.

A viagem de um dia daqui até á barra do Tacaiunas, inteiramente desconhecido, é, na estação secca, uma das tarefas mais fatigantes de toda a navegação.

Tem-se de passar quatro dos chamados «Seccos», em parte perigosos, até que afinal, abaixo da barra do Tocariunas se entre em boa agua navegavel.

No tempo das enchentes nada se vê daquellas innumeraveis pedras que neste trecho entulham o rio, pela mór parte elevando-se á flor da agua e assignalando-se apenas por um leve encrespamento da agua, porisso mesmo tanto mais perigosa.

Um grande batelão bem carregado não passa aqui quando o rio está baixo; mais de uma vez corremos o perigo de ficarmos entalados entre as pedras sem possibilidade de avançar nem retrogadar.

SciELO

VII

As serras em ambas as margens formam os ultimos contrafortes da grande planura central; a zona botanica dos Campos tem aqui o seu limite septentrional.

Densas florestas virgens cobrem a terra a perder de vista, e nellas imperam os castanheiros em toda a sua magestade (um illustre paulista que fez esta mesma viagem, compara acertadamente a bertholletia com o nosso jequitibá, pelo porte de ambos; um e outro, embora differençando-se bastante nos caracteres secundarios, são nobres representantes de uma só familia, a das myrtaceas. —*N. do T.*).

Imponentissima é a impressão destes gigantes vegetaes, que com suas immensas copas verde-escuras enlaçadas de um sem numero de trepadeiras elevam-se ainda mais alto do que a soberba palmeira Ouassú.

As embarcações que descem o rio com pouca carga, costumam aqui fazer uma temporada mais ou menos longa, para a colheita das preciosas «castanhas do Pará».

Após um dia de navegação em aguas mansas e ter passado como por um portão entre altos paredões entrámos na impetuosa cachoeira de Tauiri grande, que tem em toda a sua série de quédas successivas uma extensão de cerca de 50 kilometros, e cuja passagem nos levou 8 horas, felizmente sem haver accidente algum.

Atravessamos incolumes os perigosos redomoinhos, vulgo poços, de Samaúma, Pixunaquara e a Agua da Saude, temida pela sua corrente ascendente, escapámos do perigo de sermos engolidos pela terrivel voragem do Cajueiro, acompanhámos as bruscas voltas do ultimo canal, o Valentim, e acampámos á noite, á beira da placida enseada, da qual partem os tres principaes canaes da tremenda cataracta de Itaboca.

SciELO

Para embarcações maiores só dá passagem o canal occidental, Itaboca propriamente dito, isso mesmo só desde Novembro a Maio e nunca sem risco de vida. Por isso, passageiros e cargas de um certo valor, transpõem este trecho por terra.

A differença de nivel, 27 metros numa extensão de 10 kilometros, é transposta pelo batelão em meia hora — se não é que elle fique esmagado contra um rochedo, caso que succede todos os annos mais de uma vez. No emtanto, para subir, um grande batelão com carga completa não gasta menos de 20 a 30 dias.

Nós tambem fomos obrigados a desembarcar com as nossas bagagens e descer por terra até á povoação de Araco, onde alugámos dois botes menores para a continuação da viagem, emquanto o grande ficou salto acima. Aliás, o canal de Itaboca nesta estação não passa de ribeirão de inoffensivo aspecto, mas os numerosos destroços espalhados sobre suas margens e entre as arvores do matto mostram claramente até onde chega em certo tempo o furor do elemento.

De espaço em espaço singela cruz plantada á margem indica o tumulo de algum afogado.

Decorreram alguns dias com os aprestos para a ultima secção da nossa viagem. Restavam ainda a passar dois trechos bastante ruins, a saber o Secco Canahuá e as tres bravias cachoeiras de Santa Cruz, Tucumanduba e Guariba, cujos redomoinhos por duas vezes ameaçaram devorar os nossos frageis e semipodres botes, até que afinal no dia 3 de Outubro, contentissimos de termos vencido os terrores desta memoravel viagem fluvial, alcançámos o hospitaleiro tecto da casa commercial da Praia Grande. Este é o ponto até onde sobem os vapores do Pará no tempo das aguas.

Colhemos aqui muitas informações interessantes sobre a ethnologia desta região. Constatámos a existencia em ambas as margens de diversas tribus de Tupis, vivendo até hoje na edade da pedra polida, e sobretudo o facto de subido alcance ethnologico, de viver por aqui, ao sul do Amazonas, uma tribu de Caraibas, os Apiacás, que têm parentesco chegado com os Bakairis do Xingú superior e immigrou daquella região do centro. Fórma assim o élo que prende os Caraibas das Goyanas aos do Brasil central.

Em Mocajuba, localidade amena em paysagem essencialmente equatorial, envergámos outra vez a fatiota e mais attributos do burguez, o que se tornava urgentemente necessario depois de tantos mezes de peregrinações pelas brenhas de Matto Grosso e Goyaz; e esperamos o vapor que nos devia conduzir ao Pará.

Um archipelago de ilhas sem conta enche o oceano de agua doce do baixo Tocantins, com uma vegetação como só o sol equatorial a pode produzir.

Por toda a parte sorriem entre a espessura dos arvoredos, as alegres e confortaveis casas dos negociantes de borracha, todas construidas sobre tanchões e communicando por agua uma com a outra.

A arvore caracteristica deste archipelago é a esplendida Mauritia flexuosa (burity) que em muitas centenas de mil exemplares por leguas e mais leguas cobre margens e ilhas, formando talvez a mais grandiosa paysagem de palmas que haja no globo.

Como um mar verde ondulam, ao vento, enormes folhas em forma de leque, ao passo que os esbeltos e lisos troncos assemelham se com interminaveis fileiras de tubos de orgam ou segundo a comparação de Martius, com as palissadas de alguma fortaleza phantastica.

Na altura de Cametá desapparecem as margens abaixo do horizonte, e com uma largura de pouco menos de 4 leguas da Allemanha (de 15 ao grau), confunde-se o immenso volume do Araguaya Tocantins comas aguas do maior rio do mundo, pouco antes de ambos entrarem no Oceano.

No dia 2 de Novembro, cedo experimentamos nos, os allemães, a patriotica sensação de saudar nos primeiros navios transatlanticos que vimos, o nosso querido pavilhão nacional, e poucas horas depois nos achavamos emfim em pleno centro civilisado, no Pará, o grande emporio commercial destas paragens.

Reservo-me para mais tarde dar a exposição de minha viagem subsequente que teve por alvo outros pontos da bacia amazonica.

Desejo concluir a presente dissertação com algumas observações sobre os mais novos projectos concernentes á abertura de mais promptos meios de communicação do valle do Araguaya, á sua exploração mercantil e agricola, etc.

No anno de 1887 constituiram-se nos Estados-Unidos duas companhias que na realidade formam

uma só, a Goyaz Mining Company e a Pará Trading and Transportation Company com o capital nominal de 7 milhões de dollars.

A primeira adquiriu num territorio de uns quatro milhares de leguas quadradas situado no sul da provincia de Goyaz, entre as duas principaes nascentes do Araguaya, o Cayaposinho e o Rio Bonito, o direito da exploração das consideraveis jazidas de ouro e pedras preciosas alli existentes, com a obrigação de alli collocar alguns mil colonos.

A segunda companhia encarregar-se-á do commercio do Goyaz e do aproveitamento das riquezas florestaes do Baixo Tocantins.

A provincia do Pará garantiu um monopolio por 90 annos e uma rica subvenção.

Em compensação obriga se a companhia a contornar a cataracta de Itaboca pela construcção de uma via ferrea.

Além disso o governo geral lhe prometteu uma subvenção por 20 annos sob a condição de tornar navegaveis para vapores os rios Araguaya, Tocantins e Vermelho.

Para as necessarias explorações foram mandados dois engenheiros inglezes, com quem nos encontramos a duas jornadas de S. José.

Pensar numa completa canalisação seria uma utopia, attentos os custos enormes. Não assim uma estrada de ferro que podesse contornar todo o trecho das cachoeiras.

Do ponto inicial destas, acima do São Miguel ficará assim aberto para o commercio regular todo todo o curso mediano do Araguaya numa extensão de 1.200 kilometros.

Poderá então Goyaz com facilidade exportar o seu gado para o Pará e Amazonas e receber em troca o sal e as fazendas por um preço mais barato do que hoje.

O reverso da medalha é este: que a zona mais productiva em gado, de toda a provincia, acha-se sobre o curso medio do Tocantins, cuja navegação é ainda muito mais difficil do que no Araguaya.

As terras marginaes deste que se podem considerar virgens, e insalubres não poderão tão cedo receber colonisação.

O sul da provincia, mais salubre, onde se estabeleceu a Mining Company, dispensará provavelmente

a communicação com o Pará, porque uma vez ligado pela estrada de ferro com São Paulo receberá de lá as mercadorias mais facilmente e mais barato.

Si a colonisação por esta companhia projectada no Araguaya superior irá avante, ninguem o sabe; é pouco provavel que sim.

A febre do ouro poderá, sim, reunir lá algumas existencias catilinarias e amigas das aventuras; o que é certo é que o Brasil até hoje não tem sido feliz com seus ensaios de colonisação americana, e os europeus hão de ainda por muitos annos dar preferencia á zona maritima onde as terras ainda abundam (o auctor parece ignorar o grande impulso que em São Paulo deram a cultura do algodão os americanos vindos para Santa Barbara; ainda que seja um caso isolado, a nós compete não o esquecer. — N. do T.)

Por estas razões a colonisação e progresso geral do Goyaz hão de demorar talvez mais um pouco do que esperam certos temperamentos sanguineos; mas emfim, ha de chegar o dia em que a admiravel via fluvial do Araguaya será o medianeiro de todos os beneficios da civilisação — e trará como consequencia fatal o exterminio da população indigena.

Não se fará então esperar a desmoralisação, a decadencia physica e moral que para o homem das selvas provem do contacto com o mundo civilisado.

A communicação directa com o Pará onde a variola grassa muito, não tardará a propagar esta epidemia para o centro do continente, e dentro em pouco serão extinctos os ultimos restos da população aborigene. Por signal que ha 15 annos cahiu victima desta epidemia a tribu inteira dos Tupi-Anambés, vulgo Tupinambás (?), do Baixo Tocantins, sobrevivendo apenas quatro individuos!

Caiba-me pois o ensejo de exprimir a esperança de que seja dado á investigação ethnologica ainda á ultima hora recolher de um povo votado ao desapparecimento, embora merecesse melhor sorte, — boa copia de valioso material para a construcção da sciencia do homem, e legal-o á posteridade.

SciELO

Dr. Paulo Ehrenreich

A segunda expedição allemã ao rio Xingú

(Traducção de Alexandre Hummel)

SciELO

A segunda expedição allemã ao rio Xingú

I

A' primeira expedição allemã ao rio Xingú, do srs. von den Steinen e Clauss no anno 1884, cabe o merito de haver mais uma vez chamado a attenção dos sabios para o fecundissimo campo que ainda hoje no Brazil se offerece á investigação ethnologica, apezar de ter sido durante toda a ultima metade do actual seculo descuidada a ponto de vulgarisar-se a opinião de que aqui nada mais houvesse a fazer para a ethnologia.

Pois, pelo contrario, o vastissimo paiz até hoje pertence á categoria das regiões menos conhecidas sob os pontos de vista ethnologico e anthropologico, assim como tambem muitissima cousa ainda falta para a sua perfeita exploração geographica e geologica.

A primeira exploração do rio Xingú, ultimo tributario do Amazonas, e, entretanto, pouquissimo conhecido, trouxe tambem para a ethnologia bellissimos resultados.

Nesta occasião o mundo scientifico ficou sabendo que no centro da America meridional existe uma população autochtona, até hoje inteiramente impolluta da influencia européa, e que representa o homem americano no seu estado precolumbiano, quando não conhecia nem o uso dos metaes, nem as plantas e animaes domesticos, introduzidos no velho mundo, para quem, emfim, o proprio cão é um ser inteiramente desconhecido.

Accresce ainda como facto importante que não são tribus isoladas que só se conservaram neste estado prehistorico, porém representantes de grande numero dos principaes povos indigenas do Brazil; o quo

deu em resultado poder-se estabelecer uma classificação nova destas nações assim como lhes determinar o primeiro berço ou nucleo de irradiação e as linhas que a esta seguiram.

A primeira expedição, sendo de natureza essencialmente geographica, não pôde prestar attenção sufficiente á materia ethnologica; as difficuldades de transporte por si só impediram que se fizessem grandes collecções.

Coube, pois, á segunda expedição preencher esta falta e, sobretudo, emprehender um estudo especial das tribus que, segundo as affirmações dos outros indios, deviam habitar ás margens de uma nascente oriental do rio Xingú, de nome Kuliseu.

Comquanto não fosse ainda apresentada á Sociedade Anthropologica communicação sobre as peripecias desta empreza, todavia o meu collega sr. von den Steinen em outros logares já fez communicações bastante minuciosas para que eu pos a suppôr conhecidos os traços principaes da mesma.

Aqui, pois, pretendo limitar me a dar uma idéa do *habitus* physico e do estado de cultura entre estes modernos representantes da edade de pedra, assim como illustrar alguns episodios da expedição, a vida no acampamento, na canôa e na barraca. (O auctor faz acompanhar a sua narração com exhibição dephotographias e desenhos. — N. do T.).

A nossa expedição deixou Cuyabá a 28 de Junho de 1887, transpôz o Paranatinga no logar da aldeia dos Bakairis mansos no dia 21 de Agosto, passou em direcção de léste o rio Batovy em ponto acima do logar de embarque da primeira expedição, e achou-se no dia 1 ° de Setembro na bacia de um novo manancial do Xingú, até então desconhecido, o que não podia ser outra cousa sinão o almejado Kuliseu.

Pela margem esquerda deste rio descemos durante seis dias, quando chegámos a um logar, onde espessa matta e terreno muito accidentado nos impossibilitou o proseguimento estando os nossos animaes exhaustos.

Felizmente descobriram-se neste logar os primeiros vestigios seguros da presença de indios, a saber: arruinado rancho de caçador e uma fileira de muquens ou grelhas para moquear as carnes, tal qual os primeiros conquistadores as encontraram entre as tribus da costa. Consistem numa armação de forma

pyramidal com tres varas amarradas com cipós, as quaes a meia altura são ligadas por outras varas horizontaes, sobre as quaes repousam em disposição parallela as varinhas que constituem a grelha; podendo o apparelho todo ser á vontade approximado ou afastado da fogueira.

Ahi se tratou de construir, a maneira dos indios, uma canôa da casca de jatobá. O sr. von den Steinen desceu com dois companheiros o rio e chegou ao fim de uma viagem de dois dias á primeira aldeia dos Bakairis bravos. Nós outros aproveitámos o tempo para explorar as immediações do nosso acampamento.

Mais tarde segui, em companhia do dr. Vogel, para a aldeia india; tentámos lá, e depois na segunda aldeia, adquirir algumas canôas, o que felizmente conseguimos, voltando ao nosso acampamento em fins de S tembro, acompanhados de diversos Bakairis do genero emprehendedor. Aqui foram construidos diversos ranchos e feitos os preparos para a viagem fluvial, e já no dia 1.º de Outubro pudemos dar começo á nossa navegação, deixando quatro homens no acampamento. (Os taes ranchos, toscos como eram, foram, entretanto, sufficientes para lançar um germen de desharmonia na imagem ethnologica destas regiões. Pois, no nosso regresso, quando passámos outra vez pela primeira aldeia dos Baikaris, vimos com estupefacção como os indios, que durante a nossa ausencia, tinham feito algumas visitas ao acampamento, já estavam construindo uma casa quadrada com tecto inclinado, exactamente pelo modelo dos nossos ranchos; o que prova a rapidez com que se modificam as singularidades ethnologicas com o contacto entre os povos. — N. do A.).

II

Visitámos ao todo 11 povoações, pertencentes a sete tribus differentes. Logo, porém, ficou patente que a nossa tarefa era maior do que tinhamos calculado. O Kuliseu é apenas tributario da margem esquerda de um rio ainda maior, o Kuluene sobre o qual ainda se devem achar seis a oito aldeias. A estação avançada não permittiu a exploração de ambos os rios; tres mezes tinhamos perdido já no começo da viagem.

Preferimos empregar o tempo de que dispunhamos na exploração exclusiva do Kuliseu que devia offerecer-nos um mais variado panorama ethnologico, porque além de muitas outras tambem banha uma aldeia de Nahuquas, que é a tribu que habita ás margens do Kuluene.

Sentimos, sim, não poder visitar os interessantissimos povos dos Manitsanas e Suyás, abaixo da confluencia dos referidos rios. Nem se realisou a nossa esperança de vêr os Suyás, que durante a nossa demora sobre o Kuliseu se achavam dentro do perimetro das nossas excursões, numa campanha contra seus inimigos, os Trumais.

Os seguintes povos indigenas têm representantes na bacia do Kuliseu: Os Caraibas, porque a elles filiam-se os Bakairis com quatro aldeias sobre o Kuliseu e quatro sobre o Batovy; e. bem assim, os Nahuquas com uma aldeia sobre o Kuliseu e umas seis ou oito sobre o Kuluene.

Entre o Alto-Tapajoz e o Xingú parecem habitar ainda outras tribus Caraibas, das quaes uma, a dos Apiacas (que não se deve confundir com a tribu Tupi do mesmo nome no Alto-Tapajoz) ha alguns decennios emigrou para nordéste a estabelecer-se no Baixo Tocantins. A opinião do sr. von den Steinen, de dever-se procurar a verdadeira patria dos Carai-

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

bas, não ao norte do Amazonas, porém no centro do continente, ganhou muito em verosimilhança pela identificação de uma numerosa população Caraiba, nestas regiões interiores, além de que é corroborada pelas tradições directas que a respeito destas migrações até hoje se conservaram.

Ao ramo Nu-Aruak pertencem os Mehinakus em duas aldeias, parentes dos Kustenaus que na primeira expedição foram encontrados sobre o Batovy inferior; egualmente os Vauras e Jaulapitis com duas aldeias cada um, e que moram mais ao norte na região das lagunas entre o Batovy e o Kuliseu inferior.

Povos tupis são os os Anetós e os Kamayuras, sendo estes de typo puro, aquelles porém duvidosos como tambem succede aos Manitsamas.

Os Trumai, emfim, não se puderam classificar ainda. Encontramol-os em plena derrota, perseguidos pelos Suyás, na proximidade de um aldeia dos Anetós.

O dr. Vogel e o tenente Perrot visitaram sua aldeia incendiada junto da embocadura do Kuluene e acharam alli tambem uma meia duzia de tumulos frescos; a presença dos indios que vieram em sua companhia, não lhes permittiu colleccionar craneos.

Em geral parece que existem relações pacificas entre as diversas tribus, posto que não se deixe de manifestar certa antipathia.

Assim os Bakairis nos preveniram contra os Nahuquas, não queriam primeiro nos acompanhar até lá, allegando contra elles principalmente a tendencia ao furto. Mas o motivo real talvez fosse o de não quererem elles facultar ás outras tribus os meios de partilharem da acquisição dos nossos bellos objectos de permuta. Os mais desprezados eram os Trumais; todas as vezes que sumia um objecto qualquer, dizia-se: os Trumais o tomaram.

Geralmente temida, e provavelmente com razão, é a bellicosa e prepotente tribu dos Suyás, da nação dos Gés, e que fórma do lado do poente a guarda avanç da daquella grande e importante familia, até hoje pouco conhecida, no sentido linguistico proxima dos Cayapós. (O leitor sem duvida tem notado que o modo do auctor de descrever os nomes das differentes tribus, diverge alguma cousa do convencional brazileiro; supponho que um auctor brazileiro haveria de escrever Trumahy, Bacahiry, etc.; o que, porém, mais se faz sentir no original allemão é a completa

omissão do accento tonico nestes nomes ; si estes nomes, assim como os topographicos em geral, são oxytonos, não é todavia regra sem excepção ; sómente nos casos duvidosos póde-se estabelecer que a probabilidade sempre será a favor do accento tonico na ultima syllaba. — N. do T.)

———

III

Os mais sympathisados parecem ser os Anetós, talvez devido ás qualidades pessoaes do seu cacique, que, na verdade, era um velho excellente e respeitavel. As suas aldeias eram constantemente frequentadas por indios de todas as outras tribus e serviam, póde se dizer, de estações postaes; pois alli chegavam noticias e recados de todos os lados para serem transmittidos em direcções oppostas.

Muitas vezes tivemos ensejo de notar com que velocidade eram transmittidas as noticias; assim soubemos lá tambem que durante a nossa ausencia tinha morrido um dos cães deixados no acampamento.

Quanto á apparencia physica destas tribus, póde-se dizer que a configuração do craneo pouco offerece de caracteristico, porquanto se notam em todas ellas todas as gradações desde a dolichocephalia até uma fortemente pronunciada brachycephalia; mais prevalecem, comtudo, a Meso e a Brachycephalia. Só os Trumais se caracterisam por uma predominante Hypsibrachycephalia.

O craneo feminino, em geral, não se distingue pela fórma muito do masculino; antes podem-se apontar algumas differenças na formação do rosto.

Entre os Bakairis podem se distinguir dois typos principaes:

O 1.º, distingue-se por um muito pronunciado prognathismo, cuja impressão fica ainda mais accentuada pelo queixo muito reentrante; além disso, tem nariz longo e arcado e cabello ondulado quasi crespo e fino ao mesmo tempo, o que na raça americana me parece ser mais commum do que ordinariamente se suppõe.

Um 2.º typo mostra feições quasi caucasiacas, tendo o prognathismo pouco pronunciado, o nariz mais

curto e mais direito, apenas com o osso mais largo talvez.

Os olhos são, como se costuma dizer, rasgados em fórma de amendoa, bastante grandes, e entre as mulheres mais obliquos do que nos homens; esta posição dos olhos é, como se sabe, caracteristica da raça mongolica; mas nos demais caracteres do typo nada ha de commum entre as duas raças.

Entre ambos os extremos dos dois mencionados typos Bakairis existem naturalmente muitas gradações.

O nosso guia, um Bakairi manso, de nome Antonio, occupava, pelo typo, o meio entre os dois extremos, e podia considerar-se como o modelo de um Bakairi normal e bem feito.

O primeiro dos dois typos mencionados parece ser o mais antigo. Quasi todos os Bakairis do Rio-Novo e do Paranatinga, o possuiam, entre os bravios só os da primeira, e em parte, da segunda aldeia; na terceira já se achava muito modificado; foi, porém encontrado outra vez, e muito sallente entre as tribus dos Caraibas-Apiacas no Baixo Tocantins, que egualmente pela lingua muito se assemelham aos Bakairis.

Os mesmos typos repetiam-se nas mulheres. Duas encontrámos: uma mulher casada e uma rapariga oriunda das margens do Batovy, as quaes tambem perante a esthetica européa, poderiam passar por formosuras, si não fossem algum tanto desfiguradas pelo enfeite nacional que consiste numa pedra polida e fusiforme que atravessa a cartilagem nasal.

O cabello, cortado á frente e crescido atraz, dava a muitas mulheres surprehendente semelhança com as cabeças esculpidas nos sarcophagos do Egypto.

Inteiramente differente é o rosto dos Nahuquas que parece algum tanto mais grosseiro e anguloso por causa das maxillas mais salientes, do nariz curto e direito e as protuberancias frontaes.

Entre os Mehinakus encontraram-se rostos chatos e largos com consideravel intervallo entre os olhos. Os Vauras, com elles relacionados, distinguem-se pelo maior desenvolvimento da parte inferior do rosto; tem além disso os olhos mais obliquos e pequenos. O prognathismo nota-se nelles só na maxilla superior, e o queixo é bem saliente.

SciELO

IV

A cultura material é quasi a mesma entre todas as tribus, em razão do antigo commercio que entre ellas existe. Mesmo os Suyás, que pertencem á nação dos Gés ethnologicamente tão differente de todas as outras, adoptaram, dos outros, muitos costumes, como sejam o estylo da casa, a construcção das canôas de cortiça e sobretudo, a maca que é desconhecida de todas as outras tribus da nação dos Gés.

Os Trumais, aliás de difficil classificação, têm muita cousa de commum com os Carajás e parecem, entre os outros povos do Xingú, um elemento algum tanto deslocado. Só na região por elles habitada encontram-se as pedras proprias para a fabricação dos machados, que elles por isso vendem ás outras nações.

Os Bakairis ganharam fama como fabricantes de redes de algodão, ao passo que os Mehinakus, como verdadeiros Aruaks pela origem, occupam-se mais com a ceramica; mulheres Mehinakus introduziram mais recentemente esta arte entre os Nahuquas. Aos Mehinakus tambem cabe a prioridade no uso das grandes e pintadas mascaras de madeira, que delles passaram aos Nahuquas e aos Bakairis, que antes não tinham para as suas festas sinão os singelos dominós de burity.

Tudo isto a nossa expedição logrou mais ou menos esclarecer; qualquer expedição posterior não o conseguirá mais talvez.

Traje, ou cousa que tal nome mereça, não se encontra entre os homens. Para a mór parte dos indios a lei do decoro fica observada cobrindo-se a glande, o que os Xiriguanos, em geral, conseguem prolongando o prepucio por meios artificiaes, emquanto os Trumais, á maneira dos Carajás, o apertam com um fio de algodão.

SciELO

Como cinta usam um cordão de algodão simples e fino, ou grosso e trançado ; nesta cinta vão enfiadas pedras perfuradas, laminas de madreperola e as vermelhas sementes de uma especie de jequlity. (E' este o nome com que se designam diversas especies de Abrus, vulgo tentos de mudo, olho de cabra, etc. — N. do T.)

As tribus Caraibes trazem nos braços e nas pernas largas faixas de algodão ; nos lobulos das orelhas enfiam graciosamente pequenos feixes das pennas amarellas do Cassicus cristatus (especie de Japú.— N. do T.)

A corôa de pennas entre elles é mais singela do que entre outras tribus. Os Caraibes guarnecem com pennas uns diademas de feitio exquisito, trançados como cestas, como tambem se encontram nas Guyanas. Entre os Anetós estavam em uso faixas frontaes de pelle de onça ou outros felinos.

As mulheres trazem pequena tanga triangular de folha de palmeira a qual, segura por tres cordinhas, cobre o baixo-ventre. Entre os Trumais era a tanga substituida por estreitas faixas feitas da embira do pau-jangada, parecidas com as usadas pelas mulheres Carajás, salvo quanto a serem bem mais estreitas.

Si não se vestem, pois, em compensação pintam bem o corpo ; as tintas empregadas são o urucú, o genipapo e fuligem, e o gosto da pintura é muito variado ; individuos todos vermelhos ou pretos encontram-se, ainda que com menor frequencia do que entre os Carajás.

Em uma porção de individuos, trazendo ocu'os pintados com tinta preta e pontinhos no corpo, imitando botões, reconhecemos o modelo por nós mesmos inconscientemente fornecido. Muitos traziam nos hombros figuras em fórma de angulo, tatuadas (gravadas na pelle) com tinta azul, operação artistica de que entendem os Kustenaús. As creancinhas são de preferencia pintadas com malhas e anneis pretos, imitando a pelle da onça, que os Bakairis consideram o Adão da sua especie.

As aldeias geralmente distam de uma a duas leguas da margem do rio.

Do porto que se conhece pelas canôas amarradas ou submersas, conduz um atalho estreito mas bem conservado, serpenteando através do matto. A's

vezes encontram-se talhadas nos troncos umas figuras exquisitas de homens e animaes.

No caminho para a aldeia dos Mehinakus achámos tambem muitas figuras traçadas na areia, que traziam o caracter dos petroglyphos, tão communs em toda a America do Sul.

SciELO

V

As aldeias dos Jaulapitis, dos Vauras e dos Kamayuras acham-se na extensa zona das lagunas entre o curso inferior do Batovy e do Kuliseu. Os lagos, grandes e rodeados de luxuriante vegetação, communicam entre si e com o rio por um verdadeiro dedalo de canaes, onde não se acharia caminho sem um guia de muita pratica. Apezar do seu fundo lodoso a agua é bem crystalina, mas tambem de uma quentura desagradavel. Tanto a flora como a fauna poderiam fornecer fecundo campo ao naturalista.

Entre os typos daquella destacarei a minhoca gigante, de mais de um metro, que se encontra em immenso numero (este annelide-monstro existe tambem no nosso Estado de S. Paulo, em todo o caso na zona maritima, onde o tenho visto, ainda que menos commum; e mesmo contrahindo-se consideravelmente mais do que o reptil conhecido sob o nome de cobra de duas cabeças. — N. do T.)

O adorno principal da paysagem fornecem-no as innumeras palmeiras burity (Mauritia vinifera), de que os indios sabem tirar a materia prima para os mais variados usos.

As aldeias dos Bakairis são pequenas compondo-se de duas ou tres habitações e uma casinha para as cerimonias religiosas, occupando cada uma destas construcções um lado do pateo quadrangular.

As outras povoações têm aldeia muito maiores; assim a dos Nahuquas contava 13 casas, a dos Mehinakus, 17. Estas formam circulo ao redor de um grande pateo bem nivelado, em cujo centro se acha o templo, denominado na lingua da terra, «casa das flautas». Esta já não havia nas aldeias dos Jaulapitis e Kayuras. Os ranchos desta ultima tribu, assim como os dos Anetós, achámo-los dispostos em pequenos grupos, quasi sem ordem.

A architectura das casas é quasi por toda a parte a mesma; a planta é elliptica, mais raramente circular. A armação consiste numa fileira de esteios fortes, altos, de dois metros, os quaes unidos em cima por vigotões horizontaes servem de arrimo para as varas compridas e flexiveis que, convergindo entre si, formam o tecto. Fortes e altas vigas verticaes, collocadas no sentido do eixo maior ou menor da ellipse, escoram do lado de dentro a cumieira do tecto. O todo, coberto de sapé, parece-se de longe com um gigantesco monte de ferro. Janellas não ha; apenas duas portas, uma em cada frente, que mal dão passagem a um homem. A fumaça escapa por cima, pelos vãos da cumieira. Em cada casa vivem seis e oito familias, das quaes cada uma occupa seu compartimento marcados por fileiras de postes. A maca do marido acha-se arrumada acima da de sua mulher. Junto de cada dormitorio é mantido continuamente um brazeiro fraco e latente. Os bens moveis de cada familia (armas, purungas, cestas, cartapazios trançados para guardar os adornos de pennas, etc.) dependuram-se nas paredes do compartimento. Para as parturientes arranjam-se uns como caramanchões de ramos, nos quaes entre os Caraibas o marido tambem tem de passar em perfeita reclusão os dias em que sua mulher soffre as consequencias do parto. Cada casa tem dois fogões, um junto de cada entrada. Ahi se vêm sobre o fogo os possantes torradores de barro, nos quaes são torrados os bolos de mandioca; as mulheres trabalham sem descanço descascando as raizes e espremendo o venenoso sumo da mandioca, que dahi vae para o fogo em grandes panellas de barro para volatilisar o elemento venenoso. Atraz da cozinha acham-se enfileiradas, sobre estacas, grandes cestas cheias de farinha de mandioca e de tapioca, e variado sortimento de cuias, grandes e artisticamente pintadas. Do tecto pendem, entre os Bakairis, as espigas de milho em grandes feixes que as combinam de maneira a dar-lhes o aspecto de passaros; o que mais uma vez deixa patente o instincto artistico do indio, e como elle procura imitar a natureza, mesmo nas suas obras mais materiaes e ephemeras. Assim tambem amoldam a cêra, antes de guardal-a, dando lhe o feitio de um animal qualquer.

A perfeição com que na ceramica sabem imitar figuras de animaes, vê-se pelas amostras por nós col-

SciELO

lecionadas e offerecidas ao museu ethnographico de Berlim. Dos grandes vasos dos Anetós, de um metro de diametro, apenas pudemos tirar photographias. A alta perfeição technica, que mostra a ceramica dos antigos povos civilizados da America, ficou egualmente entre estas tribus primitivas.

———

VI

Muitissimo interessante foi para nós a visita na casa do cacique da segunda aldeia Bakairi.

Aqui achámos, á maneira de cimalha, guarnecendo a parede, fileiras de taboinhas pretas, feitas de casca de pau e pintadas com figuras brancas, representando peixes e modelos de todos os diversos ornamentos dos Bakairis, tudo á maneira de diagrammas, mas não de muito difficil decifração.

Assim, pudemos constatar que de desenhos que, á primeira vista, se parecem com figuras geometricas, na verdade são imitações simplificadas e pela convenção acceitas de objectos materiaes, pela mór parte de animaes. Assim, uma linha ondulada, com pontos dos dois lados, exprime a serpente gigante de nome Anaconda (Eunectes murinus), (o nome « Anaconda » parece que não é brasileiro, mas sim Sucury e Sucuriuba. — N. do T.) que se caracterisa pelas suas grandes malhas escuras; um losango significa um certo peixe commum nas lagunas, e um triangulo a pequena tanga desta fórma, usada pelas mulheres.

A arte ornamental dos Carajás mais aperfeiçoada pude mais tarde attribuir semelhante origem, como derivada tambem da imitação de animaes, etc.

E' exquisito que tambem entre os Jamamadis, nas margens do rio Purús, um signal em fórma de angulo signifique mulher.

Estes mesmos signaes acham-se tambem nas mascaras, as quaes, apezar de sua feição humana, devem representar animaes e distinguem-se pelo desenho symbolico do respectivo animal.

Os peixes e a caça preparam-se defronte da casa, nos muquens já mencionados. Lá tambem se acham armações para sêccar a massa espremida da mandioca. Innumeraveis formigas logo apparecem carregando quanto podem; mas pela abundancia

de alimento que ha, não se podem tornar tão importunas como em outras partes. Peiores são os grillos, que se aninham entre a palha dos tectos e cuja voracidade ulr apassa ainda a das baratas; e grande praga constituem emfim os bichos que entram não sómente nos pés, como tambem nas mãos de quem tem necessidade de descançar no chão arenoso.

O rancho das ceremonias, situado no centro do terreiro, parece-se com as habitações, sendo, porém, muito menor e de construcção mais leve. A entrada, no meio da frente, é larga mas tão baixa que só se póde entrar gatinhando.

Na aldeia dos Mehinakus era tão baixa que só me foi possivel entrar debruçando-me e escorregando como um animal que entra na toca, o que era um exercicio bem desagradavel em tempo molhado. Isto tem por fim impedir ás curiosas mulheres, a quem é vedada a entrada, vêrem o que se passa lá dentro. Alli se vêm os aviamentos para as danças: mascaras, matracas, faixas de burity, grandes flautas de taquara, etc.; um grande tronco ouco serve de caixa.

Como mascaras que, quasi todas, representam animaes, ha originalmente tres fórmas differentes:

1.ª Entre os Caraibas, singelos capuzes de buritys com emblemas na ponta como egualmente se encontram entre as tribus das Goyanas.

2.ª Entre as tribus da nação Nú, grandes e pesadas mascaras de madeira com olhos de madreperola e dentes de peixes.

3.ª Mascaras trançadas com olhos e nariz de cêra, entre as tribus Tupi e os Trumais.

Estes dois ultimos typos já hoje estão em uso tambem entre os Bakairis e Nahuquas.

Como complemento de cada especie de mascara pertence uma peça de vestuario que cobre o corpo da cintura para baixo; destas não pudemos adquirir collecção completa, porque as suas dimensões, ás vezes, se oppunham ao transporte. Assim, á mascara dos Bakairis, que representa uma pomba, pertence uma enorme saia-balão de 1 1/2 metros de diametro, trazida com suspensorios que passam sobre os hombros.

Um outro vestuario dos Kamayuras, mais phantastico ainda e em fórma de cogumelo, tambem não pudemos trazel-o comnosco por causa do seu grande volume.

A significação destas danças de mascaras é difficil de adivinhar; pouca esperança ha mesmo de po-

dermos esclarecer-lhes a origem, considerando cada povo de per si.

Graças, porém, á grande uniformidade de cultura e desenvolvimento mental que reina entre as tribus selvagens sul-americanas, chegaremos pelo menos por meio da combinação dos resultados em diversos pontos obtidos, a comprehender mais ou menos as idéas fundamentaes que lhes serviram de base.

A circumstancia de entre as tribus do Xingú não se occultarem as mascaras tão cuidadosamente á vista das mulheres, como em certas outras partes, como por exemplo entre os Carajás, bem indica que lá a dança das mascaras já perdeu o seu caracter de solemne acto symbolico.

———

VII

Infelizmente não tivemos occasião de assistir a nenhuma dança de mascaras, mas apenas a algumas outras danças em que os homens se enfeitavam com os seus adornos de pennas e traziam guizos nas mãos e nos pés.

Entre os Nahuquas as mulheres nellas tomavam parte.

Entre outros brinquedos e exercicios notámos um jogo com bolas, feitas da gomma da Mangabeira (Hancornia speciosa); tambem jogava-se com peteca, feita de palhas de milho. Muito em voga estavam tambem as corridas e as luctas corporaes.

Os campeões, pintados extravagantemente de preto e vermelho, extendiam-se primeiro a mão, gatinhavam em seguida com grande agilidade um ao redor do outro, fazendo ouvir forte grunhido, e procuravam, pegando-se pelas cabeças, arrastar o adversario pelo chão.

Os Kamayuras tinham exquisitas bonecas articuladas; emquanto as grosseiras figuras de barro dos Bakairis, longe de serem como primeiro suppunhamos, brinquedos de creança, eram para se comer como os doces a que nossos confeiteiros dão figuras analogas. (Como é sabido, o uso de comer certas qualidades de barro é muito espalhado entre os povos selvagens do continente sul-americano. — N. do T.).

A construcção de imponentes e solidas casas, das obra de entalhe, os banquinhos feitos de uma só peça de madeira, com figuras do animal, os remos, as pás para virar o beijú, tudo isto elaborado com os instrumentos mais primitivos, é em seu genero muito digno de despertar a nossa franca admiração.

Machados de pedra servem para derribar as arvores, para desbastar o pau que vai ser fabricado em arco, para descascar e para fazer canôas e muitas outras obras. Para derribar dá-se uma porção de

profundos golpes bem juntos ao redor do tronco, os quaes, sendo repetidos, afundam e alargam cada vez mais. Para fabricar o arco faz-se na madeira uma série de incisões distantes de palmo e meio uma da outra, depois do que se vai lascando o que ficou intacto no meio. Os cabellos são cortados, ou antes serrados com os afiadissimos dentes da piranha, e a tonsura do vertice da cabeça feita com a cortante aresta do caule da tiririca (provavelmente uma cyperacea congenere daquella entre nós conhecida pelo nome vulgar de navalha de mico. — N. do T.). Para raspar servem-se perfeitamente de certas conchas, e para cinzelar, dos dentes de certos roedores como a cutia e a capivara; para furar, emfim, utilisam lascas penteagudas da taquara e os dentes do peixe-cachorro. As compridas e fortes unhas do tatú-canastra (Dasypus gigas) emendam em pares para lhes servirem como duma especie de carpideiras.

Entre as armas occupam o arco e as frechas naturalmente o primeiro logar. Destas ha duas fórmas principaes, a frecha do caçador com ponta de osso de macaco e vara pennada; e a frecha para matar peixe, sem pennas e com ponta de madeira lisa.

Entre as duas tribus Tupis e os Trumais achámos a estranha arma de tiro com que se arremessam frechas com uma pedra encastoada no logar da ponta.

Os Trumais possuem maças compridas, semelhantes ás dos Suyás, mas de um trabalho mais grosseiro (são pois os famosos tacapes. — N. do T.).

Muito mais do que a caça entregam-se os homens a pescaria. Pescam com tarrafas de diversos feitios, e conseguem abundantissima preza com seus parys, construidos em logares idoneos. Afóra disto é com a frecha que matam os peixes; o anzol, porém, é inteiramente desconhecido. Um methodo especial de caçar peixe vimos entre os Bakairis, o pescador lança na agua tão longe quanto pode uma fructinha do tamanho de uma fava de côr vermelha e sabor muito amargoso, enteza o arco, aponta para a fructinha e atira a frecha no momento em que a mesma, sendo engolida por algum peixe, desapparece da superficie da agua — uma sorte de dextreaa que incontestavelmente depende de uma pratica extraordinaria.

---

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

VIII

Durante a nossa segunda temporada na primeira aldeia achou-se lá tambem o Bakairi Panhaga, nosso conhecido da primeira expedição, o qual nos manifestou todos os signaes de alegria de nos tornar a vêr,

Infelizmente elle não pôde, como era seu desejo, acompanhar-nos com os outros para o acampamento, porque era, conforme o antigo uso dos Caraibas, obrigado a passar alguns dias no leito pelo motivo do parto de sua mulher.

O chefe desta primeira aldeia, de nome Tumayana, era um homem de grande intelligencia, mas tambem de refinada astucia que sempre procurava tudo puxar para si e para os seus; em todo o caso, ficámos-lhe devendo excellentes serviços como perito companheiro de viagem que nos apresentava ás outras tribus, além de que, desde logo, se mostrou um canoeiro de primeira ordem.

Mais difficil foi travar relações com os Nahuquas, cujas mulheres e filhos, pelo simples boato da nossa chegada, já tinham fugido, carregando tudo que comsigo podiam levar; emquanto os varões se conservavam encerrados em suas cabanas, até que afinal a teimosa eloquencia de Tumayana conseguiu fazel-os apparecer.

Foi só na nossa volta que pudemos ter o prazer de vêr o sexo feminino.

O sr. de Steinen foi dahi, occultamente, para a aldeia dos Mehinakus, onde lhe succedeu o interessante caso por elle já narrado. (Por não termos aqui presente a conferencia do sr. de Steinen, sentimos não poder numa nota offerecer aos nossos leitores a aventura a que o auctor faz allusão. — N. do T.)

Mais tarde, nós outros, tambem para lá fomos, sendo todos acolhidos com a mais expansiva cordia-

lidade. O mesmo temos de dizer a respeito da nossa visita aos Anetos e aos Kamayuras.

Assaz curioso foi o nosso encontro com os Trumais, com os quaes eu e o sr. de Steinen nos encontrámos, por um puro acaso, quando da aldeia Kamayura voltavamos para os Anetós. Achavam-se fugindo dos seus vencedores, os Suyás, em pleno matto com todos os seus bens moveis, entre outros, não faltando nem aquelles grandes e pesados varões de barro, nem as mascaras nem os instrumentos de musica.

Todas as suas mulheres, mais ou menos moças, tinham-lhes sido arrebatadas pelos Suyás, restando-lhes como representantes do bello sexo apenas um pequeno grupo de velhas bruxas de uma fealdade que se poderia chamar mythologica.

Constava-nos que no encontro com a primeira expedição um Trumai tinha sido morto pela gente da expedição, razão porque era de temer que estes selvagens, ainda mais agora, sendo levados ao extremo de desespero, quizessem exercer represalias, o que lhes teria sido bastánte facil, em vista das poucas armas que nós traziamos nessa occasião. Resolvemos então apparecer no meio delles inopinadamente, para, pela surpreza nos tornarmos senhores da situação. Apenas as mulheres nos avistaram, fugiram com grande gritaria. Logo appareceram o cacique e os seus sequazes, todos pintados de vermelho no corpo inteiro, tremendo como varas verdes e assegurando-nos da sua disposição toda pacifica.

Para mitigar a nossa cubiça, obrigaram-nos a acceitar novellos de algodão e pedras polidas e perfuradas, servindo de adorno (especialidade desta nação); logo trouxeram tripeças com o assento em fórma de aguia, sentados nas quaes recebemos a homenagem que nos era devida.

Quando afinal declaramos que pretendiamos passar a noite entre elles, então tranquilisaram-se acerca de nossas intenções. Limparam de hervas e cipoada um terreno sufficientemente espaçoso e sombreado por arvores bastante unidas para nellas poderem armar as nossas macas, o que fizeram com tanta presteza que logo pudemos fruir o descanço para nós tão necessario

IX

Quando mais tarde os nossos camaradas appareceram, admiraram-se não pouco de nos acharem na mais fraternal harmonia com os nossos hospedeiros.

Na manhã seguinte começou a permuta: diversos indios, pela mór parte velhos, prestaram-se a ser por nós medidos, e começámos a photographar grupos, quando, de repente, um panico apoderou-se de todos fazendo-os lançar-se em precipitada fuga.

Os Jaulapitis, que vieram em nosso companhia, furtaram um vidro de pilulas de arsenico que tomaram por contas de vidro; como o tal vidro, por causa do seu perigoso conteúdo, não convinha deixar um momento em sua posse, reclamámol-o com toda a energia, de que se originou uma fortissima troca de palavras, de que os Trumais não comprehendendo o sentido, tiraram illusão hostil para si; o foi este o motivo do terror que delles se apoderou.

Afinal conseguimos accommodal-os e mesmo contratar alguns para carregadores e companheiros até o nosso acampamento, onde mostraram conducta muito digna e irreprehensivel.

Em cada aldeia que se passava, davamos os objecto adquiridos ao cacique para os guardar afim de nos serem entregues na occasião da nossa volta.

Para nos dar uma prova de consideração muito particular, os Anetós trocaram comnosco os nomes; o chefe Bakairi da primeira aldeia, para igual prova nos convidou em tom selemne para lhe plantar um canteiro de fumo; cada um de nós, em sua competente covinha, aberta adrede, teve de depositar um punhado de sementes.

Quando, ao cabo de seis semanas por lá passamos outra vez, o fumo já estava alto e viçoso e rodeado de uma cerca. Possa a dilecta herva, por

nossas mãos consagrada, proporcionar aos nossos amigos uns momentos de indolente gozo!

Ao entrarmos numa aldeia, a nossa recepção era geralmente silenciosa. Depois de nos sentarmos sobre os troncos, defronte da casa de cerimonias, eramos saudados pelo chefe e os homens da sua comitiva. Esta saudação consistia em um simples movimento da mão, acompanhados entre os Bakairis da exclamação «ama», que significa «tu» e a que se deve responder «ura» (eu). Não se respondendologo e em voz alta, chamam o visitante ao seu dever por meio de algum murro ou cotucão que lhe applicam.

Em seguida servem-lhe diversos refrescos e comestiveis, como sejam mingau de farinha de mandioca, pisorego que é uma especie de caldo grosso de mandioca e adocicado, sopa gordurosa de piqui, muito desagradavel e o bejú, que é o nome de uns bolos de mandioca, que, quando frescos, são de aroma e sabor simplismente delicioso, ao mesmo tempo, porém, de difficil digestão. Estas iguarias é preciso comelas logo, sem o que o hospedeiro as manda retirar outra vez sem maior cerimonia.

Depois da refeição o hospede é conduzido para o interior da casa das cerimonias, as rédes são armadas, e tomam começo as relações mais intimas. Aqui passam-se as horas mais quentes do dia, ou então preenchem-se com as visitas nas casas; a tarde costuma-se passar tomando fresco, no terreiro.

De manhã, e ao anoitecer, iamos regularmente tomar banho, acompanhados dos indios que, como mais uma prova de amizade, nos esfregavam valentemente o corpo depois da sahida do banho.

Depois do occaso do sol reuniam-se os homens no terreiro para uma magna sessão fumante, e então reinava uma alegria e familiaridade completa, apezar da difficuldade na conversação.

Os nossos hospedeiros não se cançavam de admirar a facilidade com que accendiamos os cigarros riscando phosphoros, e divertiam-se muito em ouvir-nos arremedar as vozes dos nossos animaes domesticos para elles inteiramente ignotos.

Os charutos em uso são do comprimento de um palmo, algum tanto fraco mas de sabor agradavel e com o involucro verde, recentemente seccado, mas por isso mesmo conservando um aroma especial.

SciELO

X

Entre os nossos artigos de permuta eram muito apreciados por elles os vidrilhos, e com preferencia os de côr branca ou azul. Mais ainda estimavam os botões: os Bakairis não se cançavam de abotoar e desabotoar os nossos fatos, e admirar tão engenhosa invenção; subia-lhes por vezes o enthusiasmo ao ponto de nos cortarem os botões, principalmente os pequenos das nossas camisas, systema Jaege. (O dr. J. é o inventor de um trajo hygienico muito em uso hoje na Europa. — N. do T.).

Admiravam tambem summamente colheres e garfos, mas não como utensis de ordem gastronomica: prendiam-nos aos seus collares como appendices de especial adorno; os anzóes enfiavam-n'os pela loba da orelha.

Nada, porém, se deixaram impôr pelos espelhos; tanto estes como o apparelho photographico comparavam-n'os simplesmente á agua, dando a entender que a obra humana em nada excedia á natureza na reproducção da imagem. Com a mesma ingenuidade comparavam a nossa bussola ao sol e o relogio á lua.

Um Bakairi, a quem mostrámos um relogio de ouro, comparou a caixa do mesmo com o lado tostado de um bolo de mandioca, que justamente tinha na mão, e o mostrador com o lado branco do mesmo bolo; esta analogia parecia ser para elle cousa digna de nota.

Por mais barbaro e extravagante que pudesse parecer o adorno e a pintura do corpo de alguns destes indios, em todo o caso lhes ficava sempre muito melhor do que o incompleto e ridiculo atavio europeu com que alguns se exhibiam depois de terem de nós adquirido os competentes objectos de toilette: um apparecia grotescamente em camisa e gravata e

mais nada, emquanto outro rematava um fato mais ou menos completo, pondo na cabeça um barrete guarnecido com guizos como se usavam no carnaval da Colonia.

Prestavam-se em geral promptamente a ser photographados, mas a solemnidade do acto lhes incutia, ás vezes, de repente, um tremor que lhes desfigurava a expressão natural do rosto.

Um facto digno de nota, é que reconheciam immediatamente a imagem no vidro embaciado, apesar de apparecer invertida; cousa que nem sempre succede ao europeu rustico, assim no primeiro momento.

Para fazer medições do corpo recorriamos principalmente aos velhos da tribu, que nesta operação viam uma especie de curativo magico contra os seus muitos achaques, catarrhos chronicos, etc..

Pouco a pouco acudiam outros, e acabavam por tomar um certo interesse pela cousa. Assim, um dia, um Nahuqua velho, para completar as medições a que acabava de se prestar, foi tomar medida do seu membro viril com uma tira de palha que, em seguida me entregou com um benevolo sorriso. Os Kamayuras notavam a differença entre os seus dedos muito curtos e os nossos de bitola caucaseana.

Com as nossas armas de fogo familiarisaram-se sem difficuldade, posto que, no começo, mostrassem algum medo, abaixando-se a cada estampido e tapando os ouvidos com as mãos; mais tarde, porém, tomaram muito gosto em dar tiros todas as vezes que se lhes facultasse.

Em respeitar o alheio não mostravam lá grande escrupulo; furtavam objectos de metal, facas, colheres e latinhas de folha; objectos pequenos enterravam n'os na areia. Mas tudo isto trazia mais o cunho da ingenuidade do que da corrupção; faziam os furtos á maneira de creanças, e muitas vezes podiamos surprehendel-os trazendo á vista os objectos ha pouco subtrahidos, os quaes promptamente restituiam desde que se fizesse reclamação.

Os Bakairis furtavam pouco; elles subtrahiam objectos, mas depois de tel-os deixado passar de mão em mão vinham espontaneamente restituil-os; mais importuno tornava-se o seu habito de mendigar; o unico meio de livrar-se delles era dizer-lhe que não havia sinão o unico exemplar do objecto que cubiçavam.

SciELO

Em negocios de permuta costumavamos despejar primeiro os objectos de menos valor; comprava-se no começo um arco por um alfinete, mas logo subiram os preços, e afinal chegaram a querer uma faca ou um machado em troca de um simples bolo; bem se vê que elles não têm a minima idéa do reciproco valor das mercadorias.

A 30 de Outubro fomos obrigados a começar o nosso regresso, pois nada mais podiamos fazer, em consequencia das chuvas e o mau estado de saude da nossa gente; tratava-se, além disso, do transporte da nossa preciosa collecção, o que, com cada dia de demora, se tornaria mais difficil.

Despedimo-nos, pois, do nosso excellente amigo, o velho cacique Anetó, que derramou copiosas lagrimas na occasião; visitámos mais uma vez as aldeias todas, recebemos as collecções alli depositadas e chegámos ao acampamento a 15 de Novembro, acompanhados de numerosos Bakairis.

De 19 de Novembro a 31 de Dezembro durou este penoso regresso, já em plena estação aquosa.

Os peiores dias decorreram entre 2 e 14 de Dezembro; estavamos então sem mantimentos, vivendo do escasso producto da caça, e em anciosa duvida a respeito da sorte dos nossos dois companheiros montados, Perrot e Januario, os quaes, tendo-se perdido no matto, só por um acaso muito feliz encontraram-se com a nossa caravana na margem do Paranatinga.

No dia de S. Silvestre chegámos emfim sãos e salvos a Cuyabá depois de termos percorrido, durante cinco mezes, uma das regiões mais agrestes e menos conhecidas da America meridional.

---

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Dr. Paulo Ehrenreich

Viagem nos rios Amazonas e Purús

(Traducção de Alexandre Hummel)

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Viagem nos rios Amazonas e Purús

I

Ha poucos mezes tentei uma exposição da minha viagem atravéz do interior do Brazil, emprehendida como complemento á segunda expedição do rio Xingú (o auctor refere-se á exposição do dr. Karl von den Steinen. — N. do T.).

E' natural que eu, achando-me no limiar do Mediterraneo Sul-Americano, o principe entre os systemas fluviaes do mundo, nutrisse o desejo de conhecer, ainda que em rapida excursão, esta região tão extraordinaria, tão ricamente abençoada.

Todas as difficuldades e obstaculos que no interior do paiz oppõem-se á communicação, são aqui removidos. Desde a abertura da navegação a vapor no Amazonas, inaugurada em 1853, tem-se desenvolvido de uma maneira espantosa o commercio neste rio colossal e seus tributarios que em grandeza apenas lhe cedem a primazia. Diversas companhias enviam seus vapores por centenares de leguas até os recantos mais distantes desta immensa bacia, que comprehende mais de 7 milhões de kilometros quadrados, muito além das fronteiras do Brazil, para os territorios limitrophes do Perú, da Bolivia e da Columbia e para a exploração dos thesouros vegetaes que a bondosa natureza derramou da sua cornucopia sobre a Hylaea da America equatorial (hylaea é o nome dado por Martius á região das florestas amazonicas. — N. do T.).

Aquelle, porém, que em qualquer destes vapores de construcção singela mas pratica e adaptada ao meio, puder transpôr aquellas distancias enormes, e nas mais longinquas escalas, ainda encontra os artigos da civilisação européa; é bem capaz do esquecer-se

que na realidade se acha no meio de um mundo virgem e pouco conhecido, sobre o qual, por fim de contas, nos achamos na mesma ignorancia como a respeito das mais inaccessiveis regiões da Africa e da Asia central.

O producto principal de extracção, a borracha, que aqui domina toda a vida commercial, medra unicamente nas margens baixas dos rios, que por esta razão continuam a ser a unica região conhecida.

Para além dos seringaes não se avança sinão numa ou noutra excursão com o fim de caçar. E' por isso que todas as cordilheiras que formam vertentes entre os differentes rios, até hoje, como nas nossas cartas permaneceram em branco. E de facto são de incoutestado dominio dos selvagens aborigenes que, divididos num sem numero de tribus, lá vivem a mesma vida como no tempo dos primeiros descobridores e pela maior parte não viram ainda um homem branco. Dos proprios rios não se conhecem satisfactoriamente sinão aquelles que são susceptiveis da navegação a vapor e de uma porção de affluentes se conhece apenas a embocadura.

Para todos os ramos da sciencia da terra e dos seus habitantes se offerece aqui um vastissimo campo de estudo. Um encanto especial das viagens nestas regiões do Novo-Continente, existe nas impressões, que nos proporciona o immediato contacto das mais sublimes conquistas do progresso humano com a mais absoluta primitividade e fereza nas condições physicas e biologicas.

No dia 28 de Novembro de 1888 deixei a cidade de Belém, a bordo do vapor *Esperança*, com destino ao Madeira superior. O trajecto até Manáos, capital da provincia do Amazonas, no qual Spix e Martius em 1820 gastaram 2 1/2 mezes em bote, hoje se faz de 4 a 8 dias conforme a demora nas escalas.

A viagem do 1.° dia, através da embocadura do Tocantins (que é mais comparavel a um vasto golfo, extende se a oéste até Portel e por uma infinidade de canaes communica com o Amazonas propriamente dito) é bastante monotona. Semelhante a um mar, alarga-se para todos os lados a perder de vista a enorme massa de agua doce dos dous grandes rios unidos, distinguivel do glauco oceano pela côr barrenta das suas aguas, mas não lhe cedendo em nada quanto á altura das ondas que levanta; só de espaço

em espaço vislumbra-se a norte a longa orla costeira da ilha baixa de Marajó, e ao sul a costa continental, um tanto mais elevada.

O complexo de ilhas muito baixas, cortado por canaes estreitos, que separa os estuarios do Amazonas e Tocantins, vê-se frequentemente designado como Delta do Amazonas, e a rêde fluvial mais a léste, conhecida pelo nome do rio Pará, considera-se então como um segundo braço principal da embocadura do Amazonas.

Facilmente, porém, póde-se convencer da erroneidade desta opinião. Pela enorme massa de materia solida que o rio todos os annos acarreta, de ha muito que se devia ter formado um Delta, si toda esta costa não se achasse sob um processo de abaixamento; por uma lenta submersão da costa cujo resto é representada pela ilha de Marajó, resultou ficar o Tocantins, que outr'ora desembocava no Amazonas, separado deste, e aprofundaram e alargaram-se os canaes que separam Marajó da terra firme (entre nós está ha muito tempo liquidada esta questão no sentido da opinião do auctor, de dever-se considerar o Tocantins actualmente como rio independente. — N. do T.).

As aguas do Amazonas derramam-se por occasião da baixa-mar ao oceano com irresistivel pressão, a prea-mar são represadas na enseada de Portel, e os limos accumulam-se neste logar; assim surgem aqui bancos que constantemente se deslocam e exigem da parte dos praticos a maxima attenção.

Como mais tarde o vapor *Nacional*, da empreza Plankton, assim nós tambem encalhámos na noite do dia 29 com a maré alta, e assim permanecemos até a maré de lua cheia, de 4 de Dezembro, quando pudemos continuar a viagem, não sem perda de uma vida humana. Um bote que devia lançar a ancora, sossobrou, ficando o quartel-mestre apanhado pela cadeia e arrastado ao fundo de onde só no terceiro dia emergiu como cadaver completamente desfigurado.

---

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

II

A passagem pelo canal de Tagipurú a Gurupá, onde se entra no Amazonas propriamente dito, é uma das mais interessantes partes de toda a viagem fluvial. Poucas pollegadas emerge a allagada varzea ao nivel do rio por occasião do fluxo, e as habitações dos seringueiros são todas de construcção lacustre sobre estacas.

Todas estas habitações estão rodeadas de espessa vegetação que mal deixa logar para embicarem as canôas que formam o unico meio de communicação. Não se encontra um palmo quadrado despido de vegetação, tal é a força creadora do sol equatorial. Mas a fresca e vivificante viração do mar, proximo o desequilibrio do ambiente, produzido pelo movimento do vapor, não deixam perceber a impressão de abafadiça atmosphera de estufa, livrando-nos ao mesmo tempo da praga de importunos insectos, de maneira que o viajante póde concentrar todos os seus sentidos no goso das maravilhas que o mundo vegetal vai successivamente desdobrando aos seus olhos.

Desde a orla marginal começa a luxuriante verdura: sobre as ondas balouça graciosamente a brilhante folhagem dos guapés (termo conhecido entre nós tambem e que aqui se refere mais especialmente ás Pontederias cujas espigas de flores arroxeadas aformoseam os nossos rios e lagoas. — N. do T.), das pistias e outras plantas hydrophilas; atraz destas elevam-se em longas fileiras arbustos de aroideas com folhas cordiformes guarnecendo a beirada á guisa de sebe. Densas massas de philidendrons e bignonias pendem das copas das proximas arvores até a flor d'agua e confundem num inextricavel emmaranhado de folhagem as plantas terrestres com as acquaticas.

O matto ribeirinho não é comparativamente muito alto; o que lhe imprime o cunho caracteristico de

luxuria tropical é o explendor e riqueza do seu atavio parasitario que rivalisa com o das florestas da zona maritima. Bombaceas e leguminosas são as duas familias que predominam.

A seringueira já hoje se planta como tambem ás margens do Tocantins. Porém os typos mais caracteristicos destas florestas alagadiças são as innumeras palmeiras de todas as especies e formas desde a delgada e voluvel Jacitara até o Miriti (é variante provincial do nome Burity), cujo tronco direito como uma columna de 20 a 30 metros, sustenta uma immensa copa umbelliforme, e sua digna emula, a soberba Maximiliana régia.

Menos elevados, porém mais compactos, salientam-se os Ubussús e Jupatys, pelas collossaes dimensões da folhagem. Especies de Astrocaryum, cujo tronco é todo guarnecido de espinhos pretos, alternam com grupos de elegantes Euterpes, Assahys e Bacabas de folhagem penada e pendente. Quanto mais se approxima das margens mais altas de Gurupá mais a matta assume o verdadeiro caracter amazonico.

Ao por do sol entrámos no «Pae dos rios», cuja verdadeira largura, porém, não se póde apreciar por causa da immenssidade das ilhas. Só depois de se passar a embocadura do Xingú é que se abre para a nossa vista um horizonte sem limites.

Quando as brumas da manhan occultam a distante margem septentrional, então se tem a completa illusão do oceano. A' medida que o sol sóbe mais alto, apparece ao norte as unicas elevações do valle do Amazonas de alguma importancia, em primeiro logar a léste um morro conico de 300 metros, ao qual se prende uma série de morros semelhantes a bastiões' que sob o nome de Serra de Almeirim prolongam-se até para além da barra do Tapajóz.

Estas collinas são os restos da dosnudação da planicie que outr'ora ligava as terras altas das Goyanas ao grande planalto central do Brasil.

A proximidade da região dos campos que aqui, em diversos logares, interrompe a matta, e, a norte, provavelmente se extende até as savannas do interior das Goyanas, manifesta-se logo pela diversidade da flora. De repente avistam-se no meio da matta alta, clareiras com a vegetação tão caracteristica dos campos, aquellas arvores baixas, tortuosas de casca grossa, suberosa e gretada, ramificação á maneira de candelabro, fo-

lhagem coriacea, intersemeadas de moutas de bromelias, pequenas cactéas esphericas, palmeiras anans e gramineas rigidas.

Em immediata proximidade do rio, onde durante o anno inteiro o solo conserva certa humidade, vêm-se prados ostentando viçosos capinzaes. Em taes logares encontram-se fazendas de criar de onde os vapores levam rezes para as mais remotas localidades.

O preço do gado é mais baixo do que se poderia pensar, 40 a 50 mil réis por cabeça, o que, a dizer a verdade, está longe de ser modelo no genero.

Si algum dia se realisar o desinteratum dos matto-grossenses, de se abrir uma communicação terrestre através da região dos campos de Cuyabá até o Baixo Amazonas, que admitta a conducção de gado do interior, sempre será duvidoso que um preço de venda tão baixo compense viagem tão longa e penosa.

III

Passámos a noite por Santarem, ponto mais importante do Baixo-Amazonas ; aqui deixámos os ultimos campos de uma certa estensão e que parecem estar em communicação directa com os campos do interior.

A terra, á margem esquerda, conserva-se muito baixa, tem o nome de Vargem e sobresahe ao tempo das enchentes pouquissimo ás aguas do rio.

Muita plantação de cacáu e algumas de canna contrastam pelo verde-claro da sua folhagem com o tom sombrio da floresta. Si é verdade que o cacáu aqui prospera magnificamente, ao mesmo tempo deteriora-se muito na qualidade em consequencia da imperfeição no beneficiamento ; razão por que não póde supportar a concurrencia com a borracha que é muito mais rendosa.

A margem esquerda conserva-se bastante alta até a embocadura do Rio-Negro e forma em muitos logares ingremes paredões de um grés de côr acinzentada. Por toda a parte vê-se espessa matta virgem revestindo as cabeças e encostas das collinas. A largura do rio regula uma, mas chega em muitos logares a mais de duas leguas allemãs. Na altura de Obidos forma-se a celebre angustura que, entretanto, sempre tem a respeitavel largura de 2 kilometros.

Neste logar, como é natural, accelera-se consideravelmente a correnteza, tanto que com uma profundidade de cerca de 80 metros passam aqui em uma hora perto de 1/2 milhão de pés cubicos de agua (cerca de 18.500 metros cubicos ; — é evidente que aqui ha um lapso e que passa muito mais. — N. do T.)

Do morro onde se acha a fortaleza semi-decadente do tempo colonial, aprecia-se uma larguissima

vista sobre o incomparavel rio — comparavel sómente com algum braço de mar.

Logo adiante de Obidos passa se a embocadura do rio Trombetas, aquelle logar classico na lenda brazilica, onde Orelhana, o primeiro descobridor do Amazonas, no anno de 1540, pretendeu ter travado combate com as mulheres varonis, ás quaes este rio ficou devendo o nome que até hoje conserva.

Reina entre os sabios grande divergencia a respeito do valor que se deva dar á lenda das amazonas. Em desintelligencia com Martius, sobre este ponto, quero sómente observar que as lendas das mulheres guerreiras frequentemente se encontram na tradição indiana; eu mesmo tive occasião de notar uma, na minha estada entre os Carajás do Araguaya.

A 6 de Dezembro, ao medio-dia, fronteámos a barra do magestoso Rio Negro. Suas aguas cor de tinta de escrever contrastam com as amarello esverdeadas do Amazonas, e tomam com estas na linha de conducto um matiz que quasi imita a côr da cerveja.

Não é só o Rio Negro como tambem o Tapajoz e muitos outros tributarios do Amazonas e do Purús que têm as aguas desta côr; é, comtudo, de notar que em pequena quantidade como por exemplo numa bacia, a agua não é mais negra porém apenas levemente parda, e que a côr em nada prejudica a sua bondade como potavel.

A origem desta côr não se explica facilmente. O que é certo é que esta agua não contém quasi substancia anorganica, mas em compensação muita organica (acido humico). Por consequencia passa, mas com pouca razão, como favoravel ao desenvolvimento de febres. Ao mesmo tempo as aguas negras podem gabar-se da rara virtude de estarem quasi isentas da praga dos mosquitos e mais insectos incommodativos (facto este já por Humboldt observado. — N. do T.)

Manáos, capital da maior de todas as provincias do Brazil, é situada á margem esquerda do Rio Negro, a cerca de duas leguas acima da barra.

Ao tempo de Martius era ainda uma freguezia sem importancia alguma; mas nos ultimos decennios tem tido um desenvolvimento excepcional graças a sua posição sem egual no centro de uma colossal rêde de rios navegaveis, e a directa communicação

maritima com a Inglaterra e os Estados-Unidos da America do Norte. O progresso manifesta-se na grande actividade constructora que reina.

Já está prompta a nova alfandega; em construcção adiantada acham-se os grandiosos trabalhos dos caes, arrojadas pontes pensis de ferro estão lançadas sobre os canaes e igarapés que atravessam a cidade, e ha pouco inauguraram-se as novas obras de abastecimento de agua.

Entre os edificios publicos apontarei: o Lyceu, que é um estabelecimento de instrucção secundaria com notavel collecção naturalista e ethnographica, que contém grande copia de peças valiosas, provenientes do Perú oriental e das regiões do Rio Negro e assim tambem muitos objectos do Baixo-Amazonas que muito recordam os achados ceramicos do Marajó, sendo sómente menos delicados na execução. O todo está sob a direcção do conhecido botanico Barbosa Rodrigues, cujas extensas viagens tambem foram fructiferas sob os pontos de vista geographico e ethnologico.

Annexo ao Lyceu existe um laboratorio chimico, novo e magnificamente montado, então debaixo da direcção de um joven chimico allemão, no qual, inesperadamente, pude saudar um antigo collega de estudos.

Infelizmente não pôde mesmo renovar o seu contracto, em consequencia de desintelligencia com o governo provincial, e não se sabe quem será o seu successor neste util instituto, que tinha por especial encargo o exame de substancias vegetaes.

As dissensões partidarias, no Brazil, como em outros Estados sul-americanos, apparecem sempre para tornar illusorias as mais beneficas instituições, depois que estas custaram aos povos enormes sacrificios de dinheiro.

SciELO

IV

Manáos conta um grande numero de importantes casas commerciaes, entre as quaes occupa o 1.º logar a firma ingleza de Brocklehurst & C., que de uns annos a esta parte domina o commercio de borracha.

Mas, a par de francezes e portuguezes, tambem os allemães já começaram a desempenhar seu papel no commercio. Já se acha aqui uma filial da grande casa importadora do Pará, Schramm & C., e viajantes de commercio allemães encontram-se em todas as linhas de vapores. Sobretudo tem-se levantado a importação de ferragens da Allemanha que concorrem vantajosamente com as de origem norte-americana.

Não menos apreciada é a cerveja allemã, cujo consumo vai augmentando dia a dia.

E' de sentir-se não haver uma linha directa de vapores allemães para os portos do norte do Brazil e do Amazonas. A linha de Liverpool póde-se dizer que monopolisou todo o commercio, e cobra fretes exorbitantes.

A companhia hamburgueza de navegação sul-americana, que tão excellentes resultados tira das suas communicações com os portos do sul teve, como é sabido, de desistir de suas viagens ao Pará por não achar carga sufficiente para a volta. E' que a exportação de borracha vai quasi exclusivamente á Inglaterra.

O clima de Manáos, tão proximo ao Equador, e com apenas 54 metros de elevação sobre o mar, soffre muito pouca variação durante o anno quanto á humidade e ao calor, sendo a temperatura média 26°,1. Os unicos mezes, Agosto e Outubro, são relativamente pouco chuvosos.

SciELO

A cidade, que occupa uma extensa área e possue muitos jardins, passa em geral por salubre; infelizmente, porém, em consequencia do crescente commercio maritimo, já tem sido importada a febre amarella, que, si bem que não chegasse a tomar caracter epidemico, comtudo já tem feito suas victimas de tempo em tempo.

Por causa da extraordinaria baixa das aguas do Rio Negro, dissuadiram-me do passeio que por este rio acima, projectára, e como não tinha tempo a perder, resolvi-me a uma excursão ao Purús, para onde o vapor partiu no dia 17 de Dezembro.

Este passeio me pareceu muito conveniente para travar conhecimento com o mundo singular da Hylae do valle amazonico. O Madeira é o ultimo rio que em seu curso mediano ainda passa pelos contrafortes do planalto interior, formando aquella série de perigosas cachoeiras que se tem planejado evitar pela construcção de uma estrada de ferro, para a qual os estudos preparatorios foram feitos ha mais de 20 annos, e que até hoje não se pôde levar a cabo apezar dos enormes sacrificios de dinheiro e vidas humanas realisados, ficando assim por emquanto paralysada esta grande obra, iniciada com tantas esperanças não sómente da parte do Brazil como, sobretudo, da Bolivia, para quem póde-se dizer que a sua realisação constituia questão vital. Lançaram se por isso ultimamente as vistas sobre o Purús como via de communicação com o centro.

Este rio pertence em todo o seu curso á grande depressão amazonica, a qual, tendo sido outr'ora coberta pelas aguas do mar, depois que surgiu a titanica muralha dos Andes, soterrou-se com as substancias solidas que vinham com as enxurradas das montanhas e foi se cobrindo mais tarde com uma camada de formação alluvial. Uma pedra é aqui um phenomeno da natureza.

Todos os possantes rios ao poente do Madeira e Rio Negro trazem o caracter commum de um curso de agua serpenteando por milhares de voltas com navegação desimpedida por centenares de kilometros e margens baixas, inundadas durante uma grande parte do anno.

Esta circumstancia, em cooperação com a abundante e continua chuva, determina uma prodigiosa luxuria da vegetação florestal; nestas mattas, mais

do que em qualquer outra parte, predomina em seu mais alto grau de desenvolvimento, a preciosa Siphonia elastica, a famosa seringueira.

Muito caracteristico para a maior parte destes rios é tambem o phenomeno das frequentes mudanças de leito. No Purús, por occasião da enchente, eleva-se a agua a nada menos de 15 a 20 metros acima da altura normal. Das altas margens da terra firme o resto daquella antiga bacia maritima, vão sendo solapadas enormes massas pela acção das aguas, as quaes, desmoronando-se, fornecem nos logares das curvas o material para grandes formações de alluvião que, com o correr do tempo, descaminham o rio do seu leito obrigando-o a novas voltas. Origina-se dahi um verdadeiro dédalo de meandros que acompanham o rio em todo o seu curso — os celebres igarapés — e tambem muitas vezes penetram profundamente na terra firme.

Todas as vezes que depois da formação de uma nova volta, o escoadouro da anti a se tranca ; então forma-se em seu logar uma laguna que, por pequenos «furos», continúa em communicação com o rio. De ambas as margens o rio é guarnecido de um completo systema destas lagunas, como tambem succede, em ponto mais pequeno, com os nossos rios europeus, por exemplo, o curso médio do Rheno.

O mesmo processo repete-se nos tributarios, formam-se communicações entre estes e os tributarios parallelos, e finalmente no tempo das aguas todos communicam-se por um vasto e complicado systema de canaes.

Grande parte destas bifurcações dos rios não tiveram até hoje exploração alguma e conhecem-se sómente pelas informações dos indios e um ou outro corredor de matto.

Nos rios a léste do Madeira, cujo curso em grande parte pertence ao planalto, encontra-se menos desenvolvida esta formação ; unica excepção importante faz o Araguaya, que além de formar muitas lagunas distingue-se por aquella estranha bifurcação que fórma a grande ilha do Bananal.

Estes reservatorios naturaes absorvem no tempo da enchente enormes massas de agua, de que resulta esta manifestar-se muito mais tarde na secção inferior do que na superior do valle amazonico.

SciELO

Nos mananciaes depende o nivel da agua inteiramente da chuva que cahe nos Andes, sóbe de repente para tão depressa tornar a baixar. Vapores que querem subir a nascente oriental, o rio Acre, muitas vezes têm de voltar de repente porque não encontram mais a enchente com que contavam ; outros ficam detidos por longo tempo, e não succede raro o ultimo vapor do tempo chuvoso, quo em começo de Maio, chega ao Acre, lá ficar até a volta da chuva que se dá em Outubro ou Novembro.

SciELO

V

Ha 25 annos o Purús era quasi desconhecido. Poucos seringueiros tinham-se estabelecido ao longo do curso inferior, um ou outro fizera, quando muito, uma excursão até o meio do curso.

No anno de 1862 o governo mandou ao Purús um pequeno vapor em diligencias hydrographicas, mas com pouco resultado, quer fosse por insufficiencia de meios ou por falta de capacidade no pessoal encarregado. O vapor por tudo não subiu mais que 800 milhas inglezas, só o nosso distincto compatriota, o botanico Gustavo Wallis, que acompanhava a expedição, continuou a viagem numa canôa e chegou debaixo de muitas difficuldades á embocadura do Pauiny. A elle devemos as primeiras noticias sobre as tribus indigenas desta região assim como um principio de conhecimento da sua flora.

Mas a primeira exploração verdadeira deste rio trouxe a viagem do indefesso Chandless que nos annos de 1864 e 65 não se contentou de subir sómente o Purús quasi até a origem, como tambem o seu importante braço direito, o Aquiry, hoje rio Acre, verificando a navegabilidade até pontos muito além da espectativa.

Os pontos mais altos que se alcançaram tinham com uma altitude absoluta de 1.088 e 1.010 pés inglezes a distancia da embocadura de respectivamente 1.847 e 1.866 milhas inglezas, o que sufficientemente mostra a insignificante quéda do rio.

Depois da viagem de Chandless foi-se desenvolvendo consideravelmente a navegação neste rio.

No anno de 1869 foi aberta a navegação regular, a enorme riqueza de borracha chamou logo multidões de immigrantes, que nos ultimos annos se tem recrutado, principalmente de cearenses que abandonam sua provincia por causa das sêccas lá reinantes,

SciELO

mas aliás parecem um elemento pouco apto como introductor da civilisação nestes mattagaes.

Pareceu-me bastante significativa para o grau de cultura desta gente, a proposição de um joven cearense, a quem não faltava intelligencia natural, dizendo com toda a seriedade « que não comprehendia como na sua provincia natal não queria chover apezar do muito que para isso se rezava; no emtanto, no Purús chovia o anno inteiro sem que jámais alguem se lembrasse lá de rezar ».

A população fluctuante do Purús calcula-se hoje em 50.000 almas, ao passo que em 1871 nem de 2.000 era.

Tres companhias enviam os seus vapores com regularidade uma ou duas vezes por mez; no tempo das aguas, mais a miudo. A estes, é preciso accrescentar diversos vapores particulares pertencentes a casas commerciaes, sendo por tudo, o rio navegado por 12 a 15 vapores simultaneamente.

A producção da borracha importou nos ultimos annos em cerca de 3 milhões de kilos, no valor de 9.000 contos de réis. Egualmente consideravel é a extracção de copahyba, castanhas do Pará, etc.

O districto mais importante é actualmente o do rio Acre, o qual, no tempo das aguas, póde ser navegado até Iriapé, e ainda é navegavel mais 200 kilometros, rio acima, para pequenas embarcações. Este districto pertence nominalmente á Bolivia, mas como a fronteira não tem sido demarcada, por isso os brazileiros avançam cada vez mais como *beati possidentes*, tanto que, para a Bolivia, tornar-se á cada vez mais difficil fazer valer os seus direitos.

A lavoura nesta região está na infancia; as poucas fazendas de canna limitam-se á fabricação de aguardente, e o assucar, como quasi a totalidade de outros generos alimenticios, têm de vir importado de muito longe.

Em 19 de Dezembro de 1888 entramos pelo barra do Purús, cuja bocca principal tem mais ou menos a largura do Rheno, defronte da cidade da Colonia. A enchente já se estava tornando perceptivel. Todo este trajecto é de uma monotonia deprimente: agua e matto, e matto e mais agua sem notavel accidente do terreno.

Em innumeraveis voltas arrastam-se as aguas barrentas pela planicie, de ambas as margens apertadas

entre a impenetravel muralha verde da floresta virgem, cuja folhagem fórma um chaos que nem deixa distinguir as fórmas. Só em alguma clareira occupada pelo rancho do seringueiro, aprecia-se por variedade a viçosa relva sombreada de lindos grupos de palmeiras, larangeiras ou gigantescas sumaumeiras (bombacea congenere da nossa paineira.—N. do T.).

Um sem numero de ilhas razas, lavadas pelas ondas, são revestidas de moitas de cecropias, vulgo embahúbas, e saranzaes de cipoada e madeiras fluctuantes. Em continua successão vêm descendo massas de hervas aquaticas e possantes troncos cujo encontro á noite, póde ser fatal para os navios. Estes troncos, ás vezes, vêm tripolados por alguma immovel garça ou grave jabirú, offerecendo um aspecto bastante curioso; as outras aves que mais se vêm, são martins-pescadores, mergulhões, patos bravos e alcatrazes.

SciELO

VI

A 25 alcançamos Labrea, povoação fundada em 1871, elevada em 1887 a capital do municipio na comarca de Purús; acha-se sob o 7° 18' lat mer.; extranhou-me, pois, não encontrar esta localidade em muitas cartas modernas. Tive aqui opportunidade de conhecer pessoalmente ao seu fundador, o benemerito coronel Antonio Pereira Labre, que ha 20 annos a esta parte tem trabalhado com incançavel actividade para a exploração do Purús superior, e muito principalmente tendo em mira descobrir um caminho praticavel para os districtos da Bolivia, criadores de gado, que offerecesse menos difficuldade do que a linha do Madeira.

No anno de 1871 estabeleceu-se ás margens do Purús e explorou em diversas excursões o rio Ituxy, com barra pouco acima de Labrea, e cujo curso superior approxima-se do rio Acre, dentro de poucas leguas. Conseguiu assim verificar grandes extensões de campo ao sul de Labrea, atravez dos quaes se tornaria possivel uma communicação com Santo Antonio, abaixo das cataractas do Madeira (170 kilometros) e com a estação da correnteza acima das ultimas cachoeiras do Rio Beni (338 kilometros). Negocios da politica vieram infelizmente impedir a construcção da projectada estrada.

A mais importante empreza do coronel foi a abertura de uma nova estrada do rio Madre de Dios, até 1862 erroneamente tido por nascente do Purús, ao rio Acre, numa extensão de 278 kilometros.

Muito interesantes são tambem os seus esclarecimentos sobre as tribus de Indios, encontradas nestas excursões.

O principal obstaculo para uma estrada commercial nesta região, provém da circumstancia de ser o rio Acre navegavel para embarcações maiores, sómente

durante 4 mezes do anno, e mesmo neste curto espaço de tempo a viagem de lá ao Beni não seria sem difficuldade. Entretanto, como existem na Bolivia oriental ricos districtos de borracha, e tambem o gado de lá é indispensavel para o provimento de grande zona do valle amazonico, é muito de esperar que o projecto com o tempo seja posto em execução, a não ser que o governo se volte outra vez para a via ferrea madeirense, cujas obras invadidas pela vegetação tropical, já hoje se acham em ruinas.

Junto de Labrea a terra firme apparece em grande extensão na margem esquerda, emquanto as margens de todo o curso inferior só em parte eram formadas de colinas baixas, em parte de terrenos de igapó, inundado pelas enchentes. Mais para cima torna-se cada vez mais frequente a terra firme. Depois do escoamento das aguas reinam em todo o valle deste rio febres intermitentes, as quaes, entretanto, com a diminuição das chuvas, já hoje se vão tornando menos frequentes.

Os mezes peiores são Abril e Maio. A terra firme, em geral, é considerada salubre, razão por que a maior parte dos indios lá se tem estabelecido.

Acima de Labrea desemboca o Iuxy, recentemente explorado e navegavel por 600 kilometros; mais acima ainda o Sepatihy. A' barra deste acha-se uma grande feitoria de borracha com a maior plantação de cannas desta margem, que fabrica aguardente para o consumo dos habitantes, mas não assucar, o qual vem todo importado.

Fiz neste logar uma demora mais prolongada, na intenção de empreender uma excursão Sepatihy acima e visitar as tribus de Ipurinas lá existentes; o que não pude levar a effeito, por causa da continúa chuva e a impossibilidade de obter bote e camaradas para este fim. O terreno baixo, ao redor da pequena povoação, formava um perfeito brejo que quasi não deixava ninguem sahir de casa.

O portuguez proprietario do estabelecimento, e cuja casa para uma localidade destas podia-se chamar um modelo de asseio e commodidade, fez-me um acolhimento muito hospitaleiro, mas sempre insufficiente para compensar a terrivel praça dos mosquitos. Consoleime um pouco com o collecionamento de objectos de Historia Natural e o exame de indios pertencentes ás tribus dos Paumarys Ipurinas.

SciELO

Muitas e interessantes communicações foram-me fornecidas pelo sr. Duke, que chegou a 11 annos como membro de um grupo de missionarios por conta de uma sociedado de missões inglezas, e que depois do malogro e consequente dissolução da mesma, ficou dedicando-se á fabricação de borracha.

Breve tempo depois passei-me para Hyutanaham, rio mais acima e viagem de um dia, onde a barranca mais alta possibilita melhores excursões ao matto. Esta estação forma o ponto terminal da navegação subvencionada; para além, Purús acima e ao rio Acre, vão os vapores só no tempo das aguas e por conta propria, conforme a carga que esperam achar.

O viajante que quer subir até lá, tem, pois, de resignar-se a grandes irregularidades na conducção.

Durante os mezes de Janeiro e Fevereiro de 1889 emprehendi excursões no matto e ás lagunas que sempre me proporcionaram algum conhecimento da natureza e dos habitantes. Mas acima, pelo rio Acre, não pude avançar, tendo de regressar logo no começo de Março, o que me obrigou a falta de provisões e o mau estado de saude dos meus dous companheiros.

SciELO

VII

Os estabelecimentos dos seringueiros nestas paragens consistem na grande casa do proprietario, chamada «barracão», rodeada de um numero de ranchos toscamente construidos, onde moram os trabalhadores, pela mór parte cearenses, dos quaes cada vapor traz grande porção, tanto que todo o terreno habitavel está occupado.

O dono do estabelecimento compra lhes o producto, pagando conforme os preços do mercado, em dinheiro ou, mais commumente, em mantimentos e generos de importação européa.

Esta gente começa em geral inteiramente despida de recursos, cahindo logo em dividas, de que não se desempenha facilmente, por causa dos exhorbitantes preços das necessidades da vida.

Apezar da activa navegação a vapor, tudo aqui custa muito mais caro do que em Goyaz, onde os generos de importação fazem, entretanto, nada menos de 600 kilometros por tropa ou por carro para chegar ao destino.

Falhando o supprimento por qualquer motivo, durante algum tempo, então sobem os preços dos viveres á altura de verdadeira carestia. Os homens, então, para não morrerem de fome, tem de largar do serviço para ir matar caça; pois animaes domesticos ha sempre poucos e innacessiveis á bolsa do jornaleiro, custando uma gallinha 5$ e um boi 150 a 200$. Na estação sêcca, emfim, caça-se algum peixe, e em Outubro, principalmente, é importantissima a caçada de tartarugas, que são postas em tanques e lá guardadas para tirar-se matar-se na estação seguinte, conforme a precisão.

Cada barracão tem como empregados uma turma de caçadores, indios pela mór parte, que, sobre tudo, no tempo das aguas, quando não ha peixe, vivem no

matto caçando, trazendo como presa tudo que de algum modo tiver valor nutritivo.

Na mesa de jantar apparece assim um museu zoologico: macacos, tartarugas, grandes lagartos, tucanos, araras e outros passaros de bico redondo, patos, antas, tatús, mutuns, etc., etc. Mas tudo isto o seringueiro, querendo petiscar, tem de pagar com preços immoderados, ficando, portanto, obrigado a tratar da subsistencia caçando e pescando por conta e risco proprios.

Porque será que em taes circumstancias ninguem tentou ainda uma lavoura em escala maior?

Parece que alguns homens robustos e laboriosos, assim poderiam, na salubre terra firme, em pouco tempo, adquirir lucro maior do que com a extracção da borracha, tarefa sem duvida menos fatigante mas, ao mesmo tempo, tão prejudicial á saude.

Para que serve o alto preço deste producto, desde que se torna illusorio pelos preços mais altos dos generos de primeira necessidade?! Além de que, no momento, a borracha tem baixado muito, e os proprios patrões têm-se visto em sérios apuros por este motivo.

Como nos achassemos então no auge da estação chuvosa, que dura de Novembro a Abril, por isso as temperaturas e mais phenomenos meteorologicos mostravam pouca oscillação de um dia para o outro.

Ao romper do dia indicava o thermometro 22 a 23°; á hora do meio-dia 30° e pelas duas horas da tarde subia ás vezes a 34 e 35°. Mas este calor já era prenuncio de forte tempestade, a qual, por sua vez, em geral, era seguida de uma noite bastante bélla com temperatura raras vezes abaixo de 24°.

Os mezes mais frescos são os de Julho a Outubro. Pelo fim do tempo chuvoso apparecem frequentemente «friagens» que duram por alguns dias, tal qual como no interior do Matto-Grosso, acompanhadas de um forte vento sudoéste e abaixamento de temperatura até 15° centigrados, é phenomeno que provém das frias correntes de ar que descem dos Andes, quando após calor prolongado o ar humido das terras baixas sóbe ás alturas.

O Purús tem pessima fama devido incrivel flagello dos insectos. Por meio de mosquiteiros extendidos sobre a rêde de dormir gosa-se de algum descanço durante a noite; não assim de dia, quando o pobre

viajante torna-se victima inerme dos assaltos de myriades de piuns e borrachudos, especie de trombidium communissimo na estação chuvosa, nas margens de todos os rios do Brasil. Abanar-se e por outros modos, procurar afugentar estes insectos, é de muito pouco effeito; estes pequenos vampiros em pouco tempo não deixarão intacto de sua ferretoada o minimo logar na vossa epiderme, a não ser que prefiraes, como os indigenas, trazer uma mascara no rosto e enleiar pescoço e braços em pannos, o que, porém, provoca calôr nestas partes para quem não esteja habituado.

Todo o ser vivo é constantemente rodeado de uma nuvem destes importunos dipteros, e o dia consome-se em combatel-os, sendo quasi impossivel applicar-se seriamente a qualquer trabalho, fóra do mosquiteiro.

Fazer medições, photographar, preparar objectos naturaes, etc., tudo torna-se nestas circumstancias verdadeiro sacrificio, e não se comprehende como tanta gente, por amor de mesquinho lucro se sujeita durante annos a semelhante tortura.

O unico preservativo seria fazer como fazem os indios, evitando as margens do rio, ir morar na sombria matta da terra firme, onde o pium só apparece isolado. Verdadeiros mosquitos são alli raros e não permanentes, limitando-se a certos logares.

VIII

Em Hyutanahan tem-se a melhor opportunidade para estudar as formações dos terrenos com os seus caracteres peculiares. Defronte, á margem esquerda, vê-se por esse tempo a terra inundada por muitas leguas. As numerosas e grandes lagunas da zona dos Igapós têm por toda a parte franca communicação com o rio. Os igarapés ou canaes lateraes do rio, enchem-se quasi até as copas das arvores, e os ribeirões, represados, inundam a matta mais alta da terra firme. São o refugio predilecto de gigantescas serpentes, as anacondas, que ás vezes na proximidade das habitações tornam-se perigosas para os habitantes e as lavadeiras sobretudo.

Um passeio de bote pelo matto inundado offerece as mais maravilhosas impressões deste mundo aparte. Aqui desenrola-se em prodigiosa grandeza e luxuria a vegetação da Hylaea equatorial, cada vez mais nova, singular e deslumbrante aos olhos do europeu.

Depois que o bote abre caminho por entre massiços de uma bella canna aquatica (especie de Ubá, talvez. — N. do T.) e de Caladium (vulgo tinhorão), que de envolta com espinhosas mimosaceas guarnecem as margens, espera-nos a surpresa de não achar no matto que fica atraz nem um palmo de terreno enxuto. Arvores, trepadeiras e agua a perder de vista. O matto rasteiro aqui não tem espessura, a profunda sombra das grandes arvores lhe tolhe o crescimento; tanto mais numerosos e possantes são os cipós que á guisa de grandes correntes prendem as arvores uma a outra, e as compridas raizes aereas que, como fortissimas cordas, pendem dos pothos abaixo, embaraçando continuamente as manobras do bote.

Todo o exercito de esbeltos troncos que entre si disputam o beneficio dos raios solares, reconhece,

SciELO

entretanto, a soberania dos verdadeiros principes da floresta, as collosaes bombaceas Munguba e Samaúma, que a uma altura de 50 e 60 metros acima do solo extendem a enorme copa sobre todo o arvoredo em roda; como para escorar tamanho monumento vegetal, vem-se as raizes super terraneas formarem saliencias em arcobotante de grande grossura, e raio ás vezes enorme (phenomeno que sob o nome de sapopema muito se observa tambem na nossa figueira branca ou gamelleira. — N. do T.).

Com estas, rivalisam em altura, vencendo-as na elegancia da fórma, as numerosissimas Cesalpinias, Copahybeiras e Mimosas, distinguindo-se entre estas muito conspicuamente a elevada Acacia angico com seu tronco alvo e polido e delicada folhagem.

Nestas mattas inundadas é infinita a multidão dos insectos, que parecem todos procurar o abrigo nas arvores,

A cada instante as formigas invadem o bote, e entre ellas a «tocandyra» com 2 pollegadas de comprimento, e cuja mordedura é dolorosissima; de mistura com folhas e ciscos cahem de cima milhares de besouros, aranhas, percevejos, mais importuna bicharia. Mas, peior que tudo isso, é o encontro com as cobras que se enroscam entre a ramagem, ou com as grandes vespeiras de forma conica que nestas occasiões de enchente a ficam poucos palmos acima da agua.

Quando acontece ao bote ficar embaraçado entre cipós e madeiras em proximidade de uma destas vespeiras, não ha outro recurso para os tripulantes sinão saltarem na agua e procurar livrar a embarcação o mais depressa possivel. Por toda parte vêm-se tambem muitas seringueiras, cuja seiva lactea e grossa corre das incisões feitas no tronco; de espaço em espaço tambem emerge das aguas a cumieira de um rancho de trabalhador.

Afinal, porém, vai-se elevando o terreno, ficando já a descoberto em alguns logares; ahi tambem a physionomia da vegetação começa a modificar-se, tornando-se, entre outras, as palmeiras mais numerosas.

Depois de andar se assim por longo tempo nas interminaveis trévas de uma matta cerrada, na qual parece impossivel toda e qualquer orientação, apparece de repente uma clareira.

Uma vasta, sombria e placida lagôa extende-se, cilada nas margens de uma larga faixa de relvas pa-

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

lustres e canniços. Na beirada admiram-se as colossaes figueiras, sobrepujando, não em altura, porém em grossura e massa a todas as outras arvores grandes.

O immenso tronco diforme com suas possantes e caprichosas raizes semi-aereas, imita arcadas gothicas e projectando-se num perimetro consideravel, está envolto numa inextricavel rêde de cipós que egualmente se enroscam até as extremidades daquelles enormes ramos de grossura de metro e formando no seu conjuncto uma circumferencia de diametro tal, que se admira como o tronco, apezar da ante-diluviana corpulencia, possa supportal os !

———

SciELO

IX

Entre as graciosas plantas da margem da lagôa merece tambem attenção especial a Mari-mari, qualidade de Cassia, cujas bellas e longas vagens são apreciadas pelos indios como um grande petisco.

Nas calmas enseadas, emfim, sobrenadam, grandes como outras tantas barquinhas e da fórma de bandejas, as folhas da soberba Victoria régia, a rainha sem rival de toda a flora aquatica. Petulantes golfinhos brincam em cardumes no meio do lago.

De repente apparecem casas; são as habitações dos indios Paumarys que aqui, em pleno seculo das luzes, representam a época das construcções lacustres, tendo, durante as aguas, suas casas sobre jangadas que nas lagôas se accommodam ás oscillações de enchente e vasante, emquanto no tempo secco se estabelecem nos areões á margem do rio. Quando a agua baixa é que a pescaria se torna mais rendosa aqui, porque aos peixes maiores fica interceptada a passagem para o rio.

As lagunas parecem mesmo ser a paragem predilecta do gigantesco piraruca, cujo peso póde attingir a mais de 400 libras, assim como do classico gymnotus ou peixe electrico; tambem é frequente o singular manatus, ou Lamantim, conhecido cetaceo amazonico da sub-ordem das «sereas» (vulgo peixe-boi. — N. do T.).

Lá onde não chegam as innundações periodicas, na chamada terra firme, a vegetação já assume caracter differente. O castanheiro (Bertholletia excelsa), nosso augusto conhecido das margens do Tocantins, apparece aqui outra vez em grandes bosques, ornado dos seus grandes e pesados côcos.

SciELO

Aqui tambem é que se encontra a verdadeira riqueza de madeiras de construcção, cuja enumeração encheria um volume.

A seringueira, que aqui já não prospera, é representada pela massaranduba, que além do seu leite de valor industrial fornece fructos saborosos. A variedade do palmeiras é grande, si bem que não tanto talvez como no Amazonas inferior. Nos altos barrancos das margens ostentam-se grupos da elegante palmeira Javary, de longe apreciavel pela cor glauca de sua coma.

As Attaleas, entre ellas o soberbo Ouassú, tambem se encontram na ourela do matto, e no sombrio santuario da floresta são especies de pequenos Geonomas que occupam vastas extensões; entre estes sobresahe pela originalidade a Pachiuva com o tronco fusiforme repousando num alto pedestal de espinhosas raizes aereas. Mas o mais perfeito typo vegetal desta zona florestal representa incontestavelmente a chamada banana brava ou pacová sororoca (Urania amazonica) talvez a mais bella de todas as musaceas (As Uranias são conhecidas neste Estado como plantas ornamentaes pelo nome vulgar de bananeira-leque. — N. do T.).

A flora epiphyta aqui caracterisa o matto muito menos do que nas florestas da zona maritima do Brasil oriental. As orchideas são na verdade numerosas, mas as bromelias escasseiam; e as tillandsias que como longas barbas ou fluctuantes véus pendem das florestas virgens do Espirito Santo, do Paraná e de Santa Catharina, faltam aqui quasi completamente.

Nas citadas provincias tambem se vêm muito mais Passifloreas (Maracujás), Fetos e Bambuseas. Succede, pois, que para o viajante leigo na botanica a vegetação do Purús, apesar de grandiosa, vai tomando com o tempo uma feição de monotonia, e vai-se tornando sensivel uma certa falta de variedade em fórmas e matizes nessas compactas massas de verdura.

Esta differença de physionomia entre a matta amazonica e a da costa maritima, merecia ser melhor accentuada do que geralmente acontece. (Aqui em S. Paulo existe uma differença, em tudo, analoga entre a matta da «serra de Santos» e a do interior do Estado, e que nem ao observador superficial póde escapar. — N. do T.).

SciELO

Semelhantes differenças notam-se tambem no reino animal: falta a grande variedade de aranhas, e os vagalumes são menos numerosos do que na região maritima. Em compensação são tanto mais numerosos os macacos, e entre os insectos as borboletas, os besouros, vespas e formigas.

X

Um phenomeno para mim inteiramente novo e unico no Brasil foi a intensa phosphorescencia da humida folhagem nas noites escuras, a qual em combinação com o sussuro dos morcegos, o sibilar das cigarras, o grotesco concerto das rãs e dos sapos, produz uma impressão phantasmagorica que sem duvida deu origem ao medo que entre os indios reina dos espiritos da floresta.

Quero agora, antes de terminar, dedicar umas palavras aos habitantes aborigenes do valle do Purús cujo estudo formava o principal objectivo da minha viagem.

Pouquissima cousa, hoje, sabemos a respeito das innumeraveis hordas de indios que povoam os inexplorados sertões a léste dos Andes desde Ucavalla, passando pelos valles de Juruá e Purús até o Beni e Madre de Dios, os dois tributarios bolivianos do Madeira.

Das tribus puruanas cheguei a conhecer, de intuição pessoal, as tres mais importantes, os Paumarys, os Jamamadys e os Ipurinas, e sobre outras consegui reunir variadas informações que tambem considero como material de certo valor.

A maior parte destas tribus pertencem ethnologica e linguisticamente ao grupo dos Nu-Aruak estabelecido pelo sr. von Steinen, cuja immigração nas regiões centraes da America septentrional foi cabalmente demonstrada pela segunda expedição do Rio Xingú. (Bem se vê que o «septentrional» do auctor deve lêr-se «meridional».—N. do T.)

O Purús parece mesmo ter sido a estrada fluvial que os conduziu para as regiões ao sul do Amazonas. Desta maneira póde-se estabelecer o traço de união entre as tribus bolivianas da nação Nú com as da zona occidental e meridional de Matto-Grosso, taes

como os Moxos, Guanas e diversas tribus dos Chacos, justamente pelos povos do Purús com os seus consanguineos ao norte do Solimões. Tambem o valle do Juruá é essencialmente habitado por tribus do ramo Nú, emquanto as tribus do Madeira pertencem a ramos inteiramente differentes, cuja séde original deve-se antes procurar na Bolivia.

Algumas destas tribus como os Caripunas e os anthropophagos Araras ou Jumas, extendem aliás as suas depredações até as immediações do Purús, no seu curso mediano.

No territorio que rodeia a embocadura do rio habitam os Muras, nação que outr'ora extendia as suas correrias por todo o valle do Amazonas, e hoje meio civilisados como são, assim mesmo continuam a constituir um enigma ethnologico.

Os Paumarys e os Jamamadys são verdadeiras tribus da nação dos Núas, a julgar pelo dialecto, ainda que muito differentes nos costumes.

Os primeiros, como verdadeiros homens-amphibios e ichtyophagos, vivem só á beira do rio ou nas já mencionadas jangadas das lagunas e passam quasi a vida inteira em suas canoas. Despertaram de ha muitos annos a attenção dos viajantes pela côr da sua pelle salpicada de manchas pretas e brancas, metaphoricamente falando « pampa ; esta affecção cutanea, obscura em sua origem, repete-se comtudo entre muitas outras tribus das regiões do Alto Amazonas.

Como estes indios tambem fazem commercio activo de borracha e copahyba, por isso muitos artigos europeus entraram entre elles, e de objectos de interesse ethnologico já pouco entre os mesmos se encontram, a não ser a originalidade das habitações. Torna-se, alem disso, o estudo desta gente, bastante difficil pela circumstancia de quasi nunca se encontrarem em estado sobrio: tomou conta delles o alcoolismo como em geral de quasi todos os chamados indios civilisados.

Os seus congeneres, os Jamamadys na margem occidental entre os 7 e 9 graus lat. mer., estes sim são verdadeiros homens do matto, sem navegação, entretanto bons lavradores, que evitam o contacto com os brancos e raras vezes deixam suas florestas, onde vivem abrigados contra a praga dos insectos. Estes trazem o cunho de povo primitivo ainda não viciado, e recebem o viajante com a mesma hospi-

talidade e confiança que as tribus selvagens do Xingú. A sua arma é a conhecida zarabatana com que atiram pequenas setas envenenadas.

A nação mais consideravel do Purús é a dos Ipurinas ou Cangiti, distribuidas sob muitos nomes differentes até a região das nascentes do Purús e do rio Acre. Sua lingua é muito parecida com os idiomas dos Núa septentrionaes, como o Aroak e o Giagiro. Esta é uma tribu altiva, bellicosa, mas dotada tambem em alto grau dos defeitos do caracter indio: disposição vingativa, astucia e perfidia, qualidades estas que mais ainda se accentuaram nas hordas que estão em contacto com a cultura. Estes indios passam por ser em parte anthropophagos.

SciELO

XI

As tribus que fazem commercio de borracha, vão recebendo em troca artefactos da industria européa ; a vantagem para o ethnologo, em visital-os, consiste no material linguistico e conhecimento das suas exquisitissimas superstições.

E' interessante a sua ceremonia de saudação : o visitante precisa legitimar-se de que não é mau espirito, cousa que aliás succede tambem na Asia, entre povos de um grau de cultura muito mais elevada.

O estado de cultura de todas estas tribus parece-se muito com o das tribus xiguanas. Pouco se occupam da domesticação dos animaes e passaros, e por isso se vê entre elles pouco adorno de pennas.

Não fumam mas tomam muito rapé, aspirando o pó por meio de ossinhos de passaro.

As settas e outras armas hervadas estão em pleno uso. Nos mananciaes do rio Acre e junto dos tributarios dos rios Beni e Madre de Dios, vivem além dos Ipurinas outras tribus que só ultimamente foram conhecidas melhor pelas viagens do coronel Labre e do padre Armentia e merecem a maxima attenção do ethnologo.

Sabe-se que possuem para suas ceremonias religiosas casas ricamente paramentadas, vestuarios de phantasia, esculpturas em madeira, figuras de pedra, etc.

Labre até fala em templos e idolos? Aqui poder-se-ia fazer riquissima colheita ethnologica, mas não se deveria, para isso, aguardar a abertura da nova estrada.

No começo do decennio, 70 missionarios inglezes iniciaram o seu sacerdocio no valle do Purús, procurando christianisar os Ipurinas.

Esta tentativa foi mallograda, porque os indios são pouco accessiveis a taes esforços, não vendo vantagens palpaveis, não falando dos obstaculos prove-

nientes do meio. Os missionarios não puderam impedir que os seus neophytos fossem alliciados ao serviço dos seringueiros, no qual, achando-se numa dependencia pouco acima do captiveiro, não puderam receber os beneficios da civilisação.

Tornou-se de um effeito summamente desmoralisador o commercio que se faz das creanças indias em toda a região seringueira do valle do Amazonas; eis ahi um grande obstaculo a qualquer conscienciosa tentativa de progresso civilisador entre os indios; as continuas desavenças com elles não tem, no fundo, outro motivo.

Penso que o elemento aborigene é de uma incalculavel importancia para a vastissima provincia do Amazonas, tão escassamente povoada porque concorre em primeira linha para a exploração da industria extractiva.

Para attrahir estes filhos das selvas ao gremio da civilisação é, porém, indispensavel um tratamento recto e desinteressado; por emquanto reina, em pleno vigor, o systema de desbragada exploração; procura-se adquirir do indio os seus valiosos productos em troca de bugigangas sem valor. Do resto encarrega-se el-rei alcool.

A funesta influencia do commercio da borracha sobre o verdadeiro progresso, ultimamente tem-se manifestado tambem na Africa: os exportadores são os unicos que lucram. Apezar da fabulosa renda geral e provincial, o valle do Amazonas permanece até hoje um sertão sem cultura. A população duplicou em poucos annos mas é quasi toda a se considerar como fluctuante, levando uma existencia pouco invejavel.

Acabando-se os seringaes num logar, vai-se adiante. A agricultura ha de desenvolver-se desde o dia em que a ultima seringueira tiver dado a sua ultima gotta de leite, ou quando a concurrencia de outros paizes tropicaes obrigar a uma cultura racional deste producto e outros que poderão ser de egual valor.

Todos os productos da zona equatorial prosperam magnificamente, e muito especialmente o café, facto este que ha de estranhar a muitos. (Bem se deprehende que o auctor viu lá cafesaes de um viço extraordinario, mas, em todo caso, sem opportunidade,

para avaliar nem a quantidade nem a qualidade da fructa. — N. do T.).

A immigração, por emquanto, ha de ser recrutada das provincias que, em consequencia das prolongadas sêccas, não pódem alimentar a sua população, repentinamente como succede ao Ceará, Piauhy e Rio-Grande do Norte. Mais tarde virão portuguezes e italianos, por ultimo os povos do norte. Entretanto, que o allemão póde prosperar, disto temos pequena prova na plantação de cacau, defronte da barra do Rio Negro, onde a energia de uma unica familia de nossos compatriotas nos mostra quanto póde, mesmo neste clima, conseguir a tenacidade e a ambição.

Esta plantação não tem egual em todo o valle do Amazonas.

Confessamos que é um caso isolado e que, por via de regra, será o commercio o meio de se proporcionar aos europeus do norte uma partilha nas riquezas da Amazonia.

Mais tarde que algumas nações, principiaram os allemães a participar deste commercio, mas este começo justifica as melhores esperanças para o porvir !

SciELO

Alexandre Hummel

Nota sobre os peixes do Tietê e sua nomenclatura vulgar

SciELO

Nota sobre os peixes do Tietê e sua nomenclatura vulgar

Não nos parece fóra de proposito fazer rapida enumeração das especies de peixes mais ou menos vulgarmente encontrados no nosso grande rio, paulista, ainda que tal enumeração não tenha nenhuma pretenção de valor scientifico. A nossa lista será naturalmente incompleta, muito incompleta mesmo.

Peixes de escamas: Corumbatá, Dourado, Ferreira, Lambary, Pacú, Peixe-Cachorro ou Saitinga, Piaba, Piquira, Piracanjuba, Piranha, Tabarana, Tambiú ou Lambary do Capimguassú, Tanchina, Trahira, Tuvira e Humburé.

Peixes de couraça: Cascudo e Espada.

Peixes sem escamas, vulgo de couro: Bagre, Jahú, Jurupoca, Mandy, Peixe-Sapo, Pintado, Piracambucú, Suruby.

Esta relação, que apenas abrange 25 especies, póde talvez elevar-se até o duplo; pois que algumas, ou antes a maior parte das especies enumeradas são antes generos, ou em todo caso, sendo especies abrangem diversas sub-especies. Temos assim a Piracanjuba lisa e arripiada, Piabussú e Piabinha, Pacú-guassú e Pacupeba, diversas especies bem distinctas de Lambarys, Cascudos, Mandys etc. Outrosim citamos a Trahira e o Bagre, os quaes sendo de tanque e ribeirão apenas apparecem no Tietê como hospedes, talvez involuntarios e arrastados pelas enchentes. Os outros são todos bastante vulgares, e além dos mencionados deve haver varias especies que habitando de ordinario mais rio-abaixo, pouco ou nunca sobem até aqui.

SciELO

Em todo caso a variedade de peixes no nosso rio é assaz consideravel, devido isso sem duvida á extensão do magestoso systema fluvial de que faz parte. Nada é porém em comparação com a riqueza do Amazonas que segundo a authorizada estimativa do illustre ichtyologo Agassiz, possue acima de 2.000 especies.

SciELO

Hermann Luederwaldt
ASSISTENTE DO MUSEU PAULISTA

Algumas considerações sobre a protecção á Natureza no Brasil e sobre a fauna da reserva florestal do Alto da Serra de Paranapiacaba

SciELO

Algumas considerações sobre a protecção á Natureza do Brasil e a fauna da reserva florestal do Alto da Serra de Paranapiacaba

Os primeiros passos para um movimento tendente á protecção á Natureza no nosso paiz, estão dados. Mas os nossos « parques de protecção » devem com excepção de um só chamar-se embryonarios se os compararmos com os de paizes menos favorecidos, sem falar dos Estados Unidos, embryonarios sobretudo em relação á immensa extensão do gigantesco territorio brasileiro.

Verdadeiramente magnifica é incontestavelmente a reserva do Itatiaya no Estado do Rio de Janeiro, desde alguns annos sob a protecção do Governo Federal. Constitue a excepção que ha pouco mencionámos. Dentro do seu perimetro acham-se as celebres « Agulhas Negras », das quaes se lembrarão muitos leitores do tempo escolar, passando ellas outrora pelos picos mais altos do Brasil. E quem sabe se de facto não o são ?

Duas outras reservas ha no Estado de S. Paulo : Uma pequena floresta perto de Itú, a « Reserva Florestal Washington Luis » e a Estação Biologica do Alto da Serra, que o povo ali chama pitoreseamente « Museu ». Desta vamos tratar.

Mas antes de principiar : Não é o caso de no Brasil nos envergonharmos um pouco por nos acharmos tão atrazados em materia de protecção á natureza, e em relação a outros paizes ? Principalmente nós paulistas. O Estado de S. Paulo é o mais rico da Republica.. Que tem feito porem para proteger

sua natureza? E os seus monumentos historicos p. ex. quanto ás ruinas dos tempos coloniaes na ilha de S. Amaro no canal da Bertioga? Ainda bem que já tenhamos duas reservas. Mas é preciso repetil-o: São apenas embryões! A America do Norte que nos sirva de exemplo. A reserva perto do Alto da Serra p. ex. não devia medir apenas alguns kilometros, e sim outras tantas leguas! E isso poderia ter se realisado com a maior facilidade porque as terras ali não são muito adequadas á agricultura. Só assim poderia o effectivo animal alcançar novamente seu padrão primitivo, ao passo que tal agora é impossivel, estando elle ameaçado de todos os lados. E' este o alvo de um parque de protecção á natureza: Não somente a flora se deve conservar, mas tambem a fauna.

Ha muitissimos crentes em nosso paiz, mas duvido que jamais se haja algum delles lembrado que a Natureza é obra directa de Deus, a que não podem ser comparadas até mesmo as nossas mais magnificas creações. A seu lado que são as nossas mais preciosas construcções artisticas? Os nossos mais magnificos parques só representam imperfeições e nada mais. Qualquer bezouro tem estructura muito mais complicada que a mais complicada machina turbodynamica. E de que maneira se respeitam estas obras de Deus? Exterminando-as da maneira mais brutal sacrificando-as ao deus Mammon. As mattas devastam-se, a vida animal extermina-se sem consideração alguma. Cumpre reflectirmos que desprezando as obras de Deus, despreza-se o proprio Creador. Cabe sem duvida a culpa principal deste mal ás nossas crenças! Não diz a Biblia expressamente que o homem deve dominar sobre tudo que se arrasta e voa? E isto se cumpre infelizmente ao pé da letra.

Em muitos homens habita um instincto de destruição. Distrahidamente se decapitam com a bengala as plantas mais altas ao lado do caminho. Creanças e mocinhas arrancam, em seus passeios, montões de flores para em geral jogal-as ao chão depois de alguns passos, infallivelmente porém, na

volta depois que começaram a murchar. Todo o ninho de passaros se destroe. E é divertimento principal de creancas á noite sob os focos electricos, esmagarem coleopteros e borboletas, em geral totalmente inoffensivos. Como já disse, não se faz por inconsciencia, mas isto justamente demonstra certo embrutecimento. O homem mais culto porem acautela-se de destruir, sem motivo, a vida por mais insignificante que seja a sua demonstração. «Os animaes foram creados para nós» ouve-se dizer como desculpa « o animal não tem alma e não sente dor ». Mas já a Biblia diz: Tenha o homem compaixão de seus animaes! E esta é a alavanca de que a igreja e a escola podiam utilisar-se para influir sobre a alma susceptivel das creanças: Pois somente nella a semente espalhada produzirá fructos.

Ensinae aos vossos tutelados misericordia, não somente para com seus eguaes, mas tambem para com o animal. Misericordia é uma virtude puramente humana que o animal não conhece. Cultivae-a para serdes dignos de vossa humanidade.

De certo temos, tambem segundo a Biblia, pleno direito de tirar da natureza, tudo o que necessitamos á vida. O que a isto ultrapassa é peccado. Não sem razão, p. ex. se discute a triste perspectiva de um « Sahara imminente no nosso paiz, em consequencia da devastação brutal das florestas». E sua vida não se retardará pela influencia das poucas florestas de encalyptus que se plantam hoje em dia. Nunca absolutamente nunca substituirão ellas com vantagem a matta virgem brasileira, umbrosa e por isto humida que tanto contribue para a regularisação das condições climatericas.

Quanto mais alta a cultura de um povo, tanto mais enthusiasta da natureza se proclamará! Tanto mais cultivará as sciencias e as bellas artes; tanto mais creará Universidades, Bibliothecas, Museus, Jardins Zoologicos e Botanicos, Parques de protecção á natureza etc. E ao mesmo tempo procurará conservar os monumentos de seu passado e os vestigios dos tempos ha muito tempo passados,

e os aborigenes do seu territorio, tendo em vista a propria instrucção e diversão de seus descendentes.

Pois tambem ha homens que felizmente não se limitam exclusivamente ao cinema e ao foot-ball. Olhemos para a America do Norte. E nós teuto-brasileiros, lembremo-nos da nossa velha patria, que apezar da sua situação angustiosa procura por todos os meios conservar suas pequenas reservas de protecção á natureza, das quaes existe cerca de meia duzia. E trata se de um povo empobrecido com cerca de 70 milhões de habitantes, sobre somente 1|2 milhão de kilometros quadrados. Não é este um quadro commovente?

E o Brasil com seus 35 milhões de almas sobre mais de 8 milhões de kilometros quadrados?

Mas voltemos ao nosso «Museu» do Alto da Serra!

Pioneiro no terreno da protecção á natureza no Brasil, foi o Dr. H. von Ihering, a esse tempo director do Museu do Estado de São Paulo, a quem deveu a estação biologica do Alto da Serra a creação. Actualmente está sob a guarda do benemerito botanico Frederico Carlos Höhne, cuja mais recente producção «Album da Secção de Botanica do Museu Paulista» 1925, se pode recommendar a todos calorosamente como leitura. A obra contem uma descripção detalhada da «Estação Biologica do Alto da Serra» e da «Reserva Florestal Washington Luis».

Ihering queria tambem que se conservasse como reserva o «Matto do Governo» (atraz do Bosque da Saúde, suburbio de S. Paulo), onde aliás, no anno de 1920, atiraram o ultimo, provavelmente, bugio. Não o conseguiu, porem. Hoje alli se cortou a metade das arvores. Para parque de protecção á natureza não serve mais. O pedacinho de matta que ali ainda vegeta, precisa comtudo ser poupado para a conservação das fontes do ribeirão do Ypiranga. A reserva do Alto da Serra é um terreno de mais de 200 alqueires, compostas parte de matta virgem, parte de campos e situado na linha ferrea S. Paulo Santos. Acha-se perto da estação do Alto da Serra

a cerca de 20 minutos de distancia deste logarejo que conta talves 1000 habitantes. Pode-se facilmente alcançal-o de S. Paulo ou Santos. Está a uma altitude de 800 a 1000 ms. sobre o nivel do mar, na Serra do Mar, que separa a costa dos campos Diversos pequenos ribeirões de agua fria e crystalina percorrem o terreno e abrigam algumas especies de pequenos peixes e caranguejos, entre elles o guarú-guarú, um peixe anão, conhecido geralmente como exterminador de mosquitos, camarões, uma especie de *Aegtea* e *Trichodactylus fluviatilis*, que se vê ás vezes caminhar ás margens d'um ribeirão. O clima é infelizmente bem desagradavel e as chuvas, acompanhadas de neblina muito espessa e frio inopportuno mesmo no verão, caem durante o anno todo e mais que abundantemente. Uma boa sede possue a Estação, isolada no cume de um monte, do qual se avista em dias claros grande trecho do mar. Dois guardas cuidam da segurança do parque e impedem o furto da lenha e a caça. Ao mesmo tempo devem conservar os caminhos que cortam cerca de 20 kilometros de comprimentos.

Embora já o sr. Holme tenha apreciado em sua obra acima annunciada os meritos do anterior administrador, o sr. E. Schwebel acho tambem justo elogiar aquelle funccionario, cumpridor dos seus deveres. Habitava outr'ora aquella zona muita gente indisciplinada, acostumada a subtrahir ás mattas do Estado, sem a menor cerimonia, o que necessitava em materia de lenha, madeiras e caça, e de modo algum queria comprehender que isso devia ter fim immediato com a fundação da Estação Biologica. Foi o merito de Schwebel ter alli introduzido a ordem e o respeito. Com que difficuldade e com quantos perigos o conseguiu. Com quantos desgostos e aborrecimentos? Poderia o autor relatal-o pormenorisadamente. Muitas vezes correu serio perigo de vida. Só um homem com as qualidades de Schwebel, elle proprio grande enthusiasta da Natureza, se interessaria vivamente pela prosperidade da Estação Biologica; enfrentando taes adversidades.

A flora é, em consequencia do clima humido da matta sub tropical, extraordinariamente rica, sobretudo em *samambaias*, *orchideas* e bromeliaceas. Dellas fala o snr. Höhne detalhadamente.

Caça maior infelizmente quasi não existe mais, devido aos numerosos caçadores e porque quasi não se observa a lei da veda. Tudo o que se mostra fóra das divisas é atirado sem dó nem piedade.

Felizmente pode a fauna sempre de novo renovar-se pela immigração dos animaes que vem das mattas virgens visinhas e que se estendem ininterruptamente sobre muitas leguas quadradas.

A respeito da *anta*, o maior mammifero terrestre brasileiro que vive nas selvas, menciona Schwebel numa carta de 8-1-1926, em que me communicava, experiencias proprias em relação á fauna dentro das divisas da Estação Biologica, que encontrara certo dia o rasto e os excrementos do tapirideo. Algumas antas foram mortas á bala no Rio Pequeno.

Fojos em que outr'ora se apanharam estes animaes, hoje porém desmoronados, viu-os o auctor ainda, ha uns 20 annos.

Cinco especies de macacos existem no Alto da da Serra.

O grande mono amarellado *Eriodes arachnoides*, o bugio preto *Alouata caraya* o sahuim *Callithrix aurita* e dois micos *Pseudocebus* sp.; Raras vezes porém se observam os animaes no proprio parque. Não raramente se encontra a pista de porcos silvestres, provavelmente o *Tajassu tajussu* e veados *Mazama* sp.; Pode ser que tambem alguma *onça pintada* (tigre) ou *sussuarana* (*puma*) de vez em quando infestem a região.

Gatos menores do matto varios ha alli iraras *Tayra barbara*; furões *Grison vittata*, mãos peladas *Procyon cancrivorus* são, fora das divisas, não raramente preza dos caçadores; a mesma sorte tem *Tatús*, *cotias Dasyprocta aurita* e *pacas* cuja carne é saborosa demais para que sejam poupadas. De coati *Nasua narica* encontrou Schwebel em 1911, uma vez uma familia inteira junta composta dos

dois animaes velhos e filhotes já bastante crescidos. massupiaes, entre elles o Gambá *Didelphys aurita* e sciurideos serelepes *Sciurus nestuanus* não são raros, Garbe apanhou uma vez uma Guaiquica *Metachirus opossium* Capivaras *Hydrochoerus hydrochoerus* existem poucas, sendo a região pobre em agua; Schwebel só observou o animal uma vez. Além disso menciona Schwebel ainda «*cachoro do matto*» e «*raposa*».

Papagaios que se julgam em geral inseparaveis da matta virgem tropical ou subtropical, são raros e Schwebel não os menciona uma só vez. Porém o o snr. R. Spitz, conservador do Museu Paulista, viu uma vez alguns, tractando-se provavelmente de *baitacas*. Tambem raras são as grandes jacutingas *Cumana jacutinga* e jacuguassús *Penelope obscura*. E' o que se dá com os inambús *Crypturus* sp. e macucos *Tinamus solitarius* os urús *Odontophorus capueira* viu-os Schwebel em grande numero, encontrando-os até de manhã cedo na varanda do edificio da estação.

As aves não sendo mais molestadas, tornam-se aos poucos muito confiadas. Passaros menores existem em grande numero, como *turdideos- pombas, pico-paus, dendrocolaptideos, Fringilideos, Tyrannideos* entre elles o inevitavel bem-te-vi, *Tanagrideos* de côr etc. E o mais importante os (Beija-Flôr) *colibris* que como borboletas, os sphingideos, zumbem de flôr em flôr.

Não se pode dizer que as cobras sejam frequentes, os guardas matam porém annualmente as venenosas, principalmente jararacas *Lachesis jararacus*. Spitz observou e colleccionou além disto a cobra coral *Elaps sp.*, cobra coral falsa *Oxyrhotampus* resp. *Oxyrhopus sp*, a cobra verde cipó *Philhydrus sp.* e outras.

De amphibios podem-se mencionar *pererécas*, que chamam de noite a attenção pela gritaria singular e um grande sapo o *Bufo marinus*, o qual se encontra tambem de dia não raramente nas picadas. Ha dessa especie exemplares do tamanho de um prato, que porém em taes dimensões, já se tor-

nam raros: taes gigantes levam o povo inculto, inimigo da natureza e bruto sempre e sempre ao assassinio. Spitz libertou uma vez tambem uma *Ceratophrys* presa de uma cobra.

Mencionemos ainda o lagarto ou tejú *Tubinambis teguixim*, que alcança um metro de comprimento e cuja carne os indigenas apreciam. Pertence tambem á fauna do parque de protecção, como outros menores semelhantes ao camaleão.

Surprehendente é a pobreza da região, como em geral de todo o litoral, em borboletas diurnas, assim como d'aquelles habitantes, caracteristicos das mattas brasileiras, as magnificas e grandes, *Morphos* azues, ao passo que abundam as borboletas nocturnas (*Bombycideos*, *Noctrideos*, *Geometrideos* e *Microlepidopteros*. Entretanto Spitz contestou a presença do *Morpho aega* e *laertes*. Mais, *Caligo sp.*, 3 especies *Castnia* e, a luz, *Desdemonia*, *Arsenura* e muitas outras. A's vezes, porém sempre como grande raridade, se apanha á luz uma *Capiopteryx* de cauda comprida, Schwebel observou uma vez a gigantesca e cinzenta *Thysania agrippina*, umas *noctuideas*, que em grande numero rodeavam esvoaçando tal qual quando cercam os focos electricos.

Na varanda da casa da estação encontram-se muito frequentemente os singulares *Phasmideos*, entre elles tambem especies muito grandes, assim como um pequeno coleoptero azul do grande grupo dos *Coprineos* (fam. *Lamellicornidae*) *Scatonomus fasciculatus* que aqui mencionamos só porque parece passar ainda nas collecções europeas como raridade. O facto de occorrerem justamente os *phasmideos* tão frequentemente perto de casa não provem, como alguem suppoz, de sua «amizade pelos homens», mas do facto de que a gente aqui nelles repara com mais facilidade do que na matta.

Formigas, entre ellas diversas das interessantes *Attineas*, que cream cogumelos e as afamadas ou mal afamadas correições *Ecitonineos* e frequentemente tambem *Meliponideos* e outras *abelhas*, *vespas*, *moscas* e *termitas*, além disso existem *Man-*

tideos, magnificos *Locustideos* e *Acrididéos* gigantescos Blattideos etc.

Afinal citemos ainda a *minhoca-assú Glosso scolex gigas*, que se encontra raramente com as chuvas nos caminhos e as vezes alcança um metro de comprimento e mais.

Ao menos possuimos no Alto da Serra uma reserva nas proximidades de S. Paulo, que, apezar de tudo representa alguma coisa. Infelizmente parece ter falhado a acquisição do Jaraguá pelo Governo do Estado e mãos activas estão agora occupadas a aclarar as mattas ainda alli existentes. Que pena!

Não seria conveniente, se em logar delle, se declarasse a serra da Cantareira parque de protecção á natureza, inclusive o «Horto Florestal»? Já actualmente não se corta lenha ali, porque S. Paulo recebe de lá parte de sua agua. Caminhos bem conservados alli existem já pelo menos na parte do horto, em numero sufficiente. Sómente devia a caça ser expressamente prohibida. Faltanos uma zona de protecção estabelecida no litoral e outra nos manguesaes. Com isto podiam os naturalistas daqui contentar-se por enquanto. E o governo livre de suas importunações poderia indicar ao estrangeiro seus parques de protecção á Natureza, demonstração cultural da maior relevancia.

Miguel Tenorio D'Albuquerque

Apontamentos para a Grammatica

AVA'-ÑEÊ

SciELO

Ao leitor

Em Memoria lida e approvada em sessão nocturna de 28 de Agosto de 1922, no Congresso Internacional de Americanistas, procurámos provar que nao havia Lingua Geral entre nossos aborigenes e que o vocabulo Tupi ou Tupy applicado a uma dada lingua ou dialecto era moderno por não ser encontrado nos primitivos escriptores que preferiam chamar Lingua brasilica.

Approvada essa Memoria manteremos aqui o que lá affirmamos: *Não havia uma lingua geral entre os incolas sem tribu, nação ou lingua chamada Tupi (Tupy).*

Compulsando o vol. VIII dos Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 1880 - 1881, onde se lê a Bibliographia das obras impressas e manuscriptos sobre a lingua dos Amerincolas vê-se que Anchieta chamou *lingua mais usada na costa do Brasil* (1595); Luiz Figueira chamou *lingua brasilica* (1687); *Arte y vocabolario de la lingua guarani*, Antonio Ruiz, (1640); etc..

A denominação *Tupi* foi dada pelo Visconde de Porto Seguro, ao reeditar em 1876, a arte de Montoya, pois o autor escrevera *Arte de la lengua guarani* (M.DCC.XXIV) e ignoramos a razão de ter sido accrescentado *o mais bien tupi*..

Fred. Hart, em 1872 tambem escreveu *Notes on the lingoa geral or modern tupi of the Amazonas*, etc..

E' no seculo XIX que surge a denominação tupi, parecendo que tenha sido Gonçalves Dias o autor que primeiro o tenha empregado em 1858 em seu *Diccionario da lingua tupy chamada lingua geral dos indigenas do Brazil.*

SciELO

Noutro trabalho discutimos tambem a ligação entre a pseuda lingua *Tupí* e as lingnas e dialectos sul-americanos e por isso nos limitamos nestes Apontamentos a dar sómente o quadro.

Muito rapidamente apreciaremos no emtanto a introducção de *Tupí*, *Ananheenga*, *Avanheenga*, *Nheengatú*, Lingua geral etc..

M. Tenorio D'Albuquerque
(nascido em Humaitá.)

SciELO

1 — Em geral os mestres que se dedicam a assumptos de philologia de nossos aborigenes, dão varias denominações a lingua mais corrente, mais espalhada, que maior área abrange.

2 — Embora nosso intuito seja exclusivamente o de organisar *Apontamentos para a Grammatica araneé*, não podemos deixar em silencio as asserções dos inimigos do guarani.

3 — Barbosa Rodrigues, em seu Vocabulario, pg. 1, diz: .... *do beato José de Anchieta nasceu a corruptella do abanheenga ou lingua geral primitiva.*

Conclue-se a existencia de, pelo menos, duas linguas geraes, das quaes a primitiva é *abanheenga.*

Mais abaixo ensina o illustre naturalista: .... *que soffreu o nheengatú pela sua influencia* (dos missionarios) *e pelas das hordas nheengaibas* e pouco adeante: *aqui trato do ananheenga ou lingua matriz.*

4 — Na pg. 3: *nos ficaram o tupi e o karani como dialectos diversos..... ananheenga verdadeiro é differente do karani e do tupi da costa.*

5 — Na pg. 4: *produziu a corruptela nheengatú.... separação do ananheenga falado pelos karanis do que falam os amazonenses.*

6 — Na pg. 16: ... *que a lingua geral, o avanheenga.....*

Logo *ananheenga* e *abanheenga* são synonimos (pg. 1) mas Theodoro Sampaio em seu precioso trabalho *O Tupi na Geographia Nacional*, pg. 37, diz que a catechese tornou o *tupi* a *lingua geral* e concluimos: *lingua geral = tupi = ananheenga = abanheenga = nheengatú* e para reforçar a conclusão, lemos na pg. VI de Porandúba: *abanheenga ou nheengatú e que os primeiros exploradores chamaram lingua geral*, confirmado na pg. 26 do mesmo trabalho: *o verdadeiro ananheenga que hoje, e legitimamente, é representado pelo nheengatú.....*

7 — Apreciando essas linguas ou dialectos, diz ainda B. Rodrigues em seu Vocabulario, pg. 31, que *o ananheenga é a lingua matriz, anterior á escripta por Anchieta e*

Montoya, que *o nheengatú é o tupi do Amazonas* e que o *Karani é o tupi do Paraguai*, mas no emtanto, na pg. 21 de *Mbaé Kaa'* affirma que o abanheenga ainda se encontra puro, falado pelos campezinos do Paraguay, facto que confirma na pg. X de Poranduba: *No Paraguay é onde se conservou, mais ou menos pura a lingua geral, por não ter havido emigração extrangeira nos primeiros tempos.. ... e conservar-se fallada pelos descendentes dos primitivos guaranis que conservam a mesma inflexão de voz e a mesma pronuncia.. ... a influencia no valle Amazonico fomai r .. . o que deu em resultado uma corruptela geral não só na pronuncia, como nos significados.*

8 — Na pg. XII de Poranduba, lemos ainda: *Essa lingua adulterada é que conservou o nome de nheengatú no valle do Amazonas*, continuando na pg. XIV a demonstrar as adulterações feitas no Amazonas

Como parallelo, no seu Vocabulario, pg. 32, encontramos: *A pronuncia nheengatú é a verdadeira dos tupis ante-cabralianos.*

Vê-se que o mestre affirma que o nheengatú está adulterado (pgs. 7, 8) mas conserva a pronuncia verdadeira e até ante-cabraliana !!!

Na mesma pg. diz ainda: .... *se acceite, respeite e perpetúe o fallar do Amazonas, como reliquia guardada pelos indios...* Na pg. 33: ..... *e que os brasileiros escrevam em a prosodia e orthographia nheengatú e não com a do karani.*

9 — Conclusão: Como o valle amazonico é brasileiro escrevamos e perpetuemos o que lá se diz, embora a lingua faláda seja adulterada (Porand. X, XII), até na pronuncia, e abandonemos o Karani (?) que é de paiz extrangeiro, embora seja pura (Porand, X, 7)!

Ainda em Poranduba (pg. 34): *Ananheenga, falla do indio primitivo, pura e mãe, que não foi escripta* (B. Rodrigues dá a entender que é elle o primeiro a escrever em ananheenga, pois no Vocabulario diz que *escreve vocabulos em anaheeng*); *nheengatù falla bôa, primitiva e adulterada por aportuguezamento: tupi portuguez do Sul viciado pela pronuncia e escripta; tupi hespanhol ou guarani* (á não é *karani*) *transformada pela pronuncia e escripta hespanhola.*

10 — Como é facil concluir do pouco que transcrevemos, só ha uma lingua, mas ao mesmo tempo existem muitas; o guarani é puro, mas está adulterado, tupy do Amazonas, ou Nheengatú, está adulterado, estropiado na pronuncia, mas está puro e deve ser conservado!!

Ha 2 tupis; ha o nheengatú, o abanheenga, o anánheenga e para completar, mais uma lingua geral, um ancestral do esperanto, mas em conclusão só ha uma lingua!!

SciELO

11 — Não apreciaremos convenientemente taes discordancias por já termos apreciado noutro trabalho (*Lingua geral, tupi e guarani*), e, as transcripções feitas servem apenas para mostrar a tendencia moderna, infelizmente existente entre alguns indigenistas de ridicularisar, menospresar o guarani, inventando uma lingua Tupi, lingua de que nenhum escriptor falla até o seculo XIX.

Tastevin diz: *Chamamos lingua tupi, nheẽn gatu, «bôa lingua», nheẽn «lingua», Ana nheẽn «lingua dos Homens» ou lingua geral brasilica....* mas infelizmente (pg. 8, linha 12, publ. 1923), diz, referindo se ao nheẽn gatu *fosse porque era a lingua dos civilisados ou melhor dos senhores da terra....*

Ora, em these os civilisados eram os portuguezes colonisadores, logo o nheẽn gatú é o português

Não estando fazendo critica e simplesmente alguns confrontos, não apreciaremos tambem as contradições de Tastevin e affirmações menos verdadeiras, como esta: *Os europeus e todos os que não fallam essa lingua* (refere-se ao guarani), *chamam'na lingua «tupy»*. . . . *os missionarios que publicaram raros estudos sobre essa lingua indigena dando-lhe o nome de tupy*. . .

Isto é simplesmente falso e basta compulsar a bibliographia, a relação de trabalhos publicados a respeito, pois pensamos que Anchieta, Figueira, Montoya e etc. etc. eram missionarios, e, se nos reportarmos a nossos dias, veremos ainda que raros são os que acceitam a denominação tupy.

12 — B. Rodrigues, que foi talvez quem mais se bateu como acabamos de ver, no menospreso ao guarani, que até escreve com K, procurando elevar o tupy, dialecto *adulterado*, mas falado no Estado, antiga provincia, onde nasceu, é, no emtanto o primeiro a mostrar que *tupi* nunca foi nome de nação, nem de lingua indigena (*Mbaé kaá*, de pg. 31 a 36) e cita os mestres, que nunca falaram em *lingua tupi*. De facto, compulsando, como já dissemos os Annaes da Bibliotheca Nacional, vamos encontrar tal denominação em G. Dias, embora Nelson de Senna (vol. IX dos Annaes do 1.º Cong. Bras. de Geol., pg. 46), diga: *Padre Joseph de Anchieta — Vocabulario da lingua tupy*, ed. de 1570, pois não encontramos outra referencia a esse trabalho, em livro algum.

Th. Sampaio (obr. cit., pg. 50), refere-se a *Arte da lingua tupy* do padre Figueira, e tambem não encontramos nos Annaes que compulsamos e tivemos respostas negativas em consultas que fizemos.

13 — Os autores antigos referem-se a *lingua brasilica; mais usada no Brasil* etc., sendo B. Caetano, pensamos, o primeiro que chamou *abanheenga;* Couto de Magalhães, talvez, o introductor de *nheengatú* e B. Rodrigues quem completou com *anaukeenga.*

SciELO

14 — Tomaremos, embora modificada, a denominação de B. Caetano, e a essa lingua que se esgalhou, se ramificou e formou dialectos differentes, cujas affinidades são difficeis de apreciar, pelo pouco estudo feito para as raizes chamaremos *Ava'ñeë* (indio falar ou fala dos selvicolas) ou *guarani*.

A divergencia na denominação reside em que de facto, o selvicola não pronuncia *aba'*, *ava'*, *awa'* e sim algo que se parece, razão pela qual outros grapham *awa'*. Ha differença phonetica, não só na tonica, entre *awa* = cabello e o vocabulo que indica homem, selvicola, e que por simplicidade graphamos *ava'*.

15 — Achamos quasi impossivel determinar com precisão qual a lingua matriz que gerou as faladas pelos aborigenes, pois talvez se perca nontra lingua já perdida, talvez americana, talvez do interior asiatico, segundo opiniões correntes.

Acceitamos completamente a classificação do illustre scientista Dr. Moyses S. Bertoni sem duvida o maior conhecedor das linguas e dialectos dos selvicolas, em nossos dias, e por ora respeitaremos a orthographia do autor:

Lingua Nyeegatú ou guarani; familia *Nyeengatú ou Guarani*; sub-grupo *Guarani*; grupo *Guarani*; ramo *Guaraniano*.

ALPHABETO (*)

16 — O alphabeto davanagarico não basta para representar todos os sons peculiares ao *ava'nẽ* e os phenomenos particulares exigem signaes convencionaes, e é na sua escolha ou representação que existe a maior discordancia.

17 — Não consideraremos como *Ava'-nẽ* só o que se fala em Assunção ou noutra cidade, e sim o conjuncto de dialectos que formam essa lingua, pois é difficil saber qual o guarani puro, para servir de tronco, se o guaireuho, o tapé, o xiripá, o *bĩa* etc..

Nestas condições encontramos em *Ava-nẽ* vocabulos que pódem ser graphados com todas as lettras usadas nas linguas néo-latinas e mais algumas. A questão é apenas de simplificação.

18 — E' muito commum nos livros esta affirmação: *Os guaranis não usavam tal lettra.*

Ora, o incola nunca escreveu, deixando de parte os petroglyphos, logo não utilisaram lettra alguma, tinham a phonetica, mas desconheciam a graphia.

Os autores é que despresavam algumas lettras, por desnecessarias, e, como os antigos não eram philologos e muito menos glottologos e a missão a desempenhar estava muito longe de taes cogitações, cingiam-se a formar vocabularios do que ouviam e procuravam ensinar, sem attender ás semelhanças de outros dialectos, sem procurar filiações e d'ahi, até nossos dias serem desconhecidos os vocabularios de algumas «tribus» ainda existentes e de outras que a civilização amortalhou com o chicote e o tronco dos colonisadores, com a bala e a escravidão.

Por essa razão diziam alguns autores antigos que os indigenas não usavam *f*, *l*, *r*, porque não tinham *fé*, *lei*, nem *religião*, quando se isso fosse verdade seria preferivel dizer que não tinham *força*, *lategó* nem *rombo*.

(*) Em outro trabalho, *O alphabeto em guarani*, explanamos convenientemente o assumpto.

SciELO

19 — O autor de um trabalho sobre linguas dos selvicolas, ou por conveniencia da lingua em que escreve ou fala, ou por motivos de outra ordem, póde fazer substituições que se approximem, em resultado da phonetica ouvida ou percebida, emquanto não houver concordancia na graphia, independente da indole e dos phonemas peculiares a cada lingua em particular.

20 — Assim o som de *u* será graphado *ou* pelos francezes; *ai* português, espanhol e italiano será graphado *ei* pelos allemães, e os trabalhos feitos por inglezes serão difficilimos.

21 — Utilisaremos:

a b b d d e f g g h i k K l m n o p r s t u v x ĭ ī n

VOGAES

22 — Utilisaremos *a, e, i, o, u, ɨ, ĭ*. As quatro primeiras terão o mesmo som que em português, francês, italiano, allemão e espanhol; *u* o de *ou* em francês e o mesmo que tem nas outras linguas neolatinas; *ɨ* que isoladamente significa *agua*, é peculiar ao *ava'-neẽ*; *ĭ* é tambem uma vogal particular e que corresponde approximadamente á pronuncia aspirada *hii*.

Montoya representou a vogal que graphamos *ɨ*, ora por *ĭ*, ora por *y*, dando porém a este ultimo signal varios phonemas, difficultando a leitura. Com o de Magalhães propoz o i tartarico *ī*, mas quasi não o utilisou pela deficiencia typographica Bertoni propoz *ih* e justifica:

III — vocal oscura postpalatal subgutural abierta (especial). Parecida a la hI rusa. E nel Plata se ha ortografiado, Y, IC. IG; nel Brasil U, I, E, IG; los franceses la escribieron EU, U, E, I; los alemanes O, U, etc. (Inf. de la ling. guarani en Sud America y Antilhas. 1916).

De facto nenhuma dessas graphias ou convenções satisfaz, por utilisar lettras conhecidas, grupadas ou não e por isso tomamos um signal particular, embora tenhamos certeza da difficuldade em obtel-o, mas se não existe, é facil fundir e reproduzir. Não ha? Faz-se.

Esta vogal particular será dada ou representada por um *i* cortado por uma recta horizontal, pouco inoportando a altura da recta.

23 — As 7 vogaes receberão, de accôrdo com a indole do *ava'-neẽ*, signaes particulares modalisando os respectivos sons. Os signaes modificadores são dados por: um ponto sobre a vogal para ter o som aberto, como *ȧ, ė, ȯ*; um ponto sob a vogal, para os sons fechados *ạ, ọ, ẹ*; um traço acima da lettra para os sons nasaes, como *ā, ē, ō, ī, ī, ū*.

Em resumo:

á é ó
a ẹ ọ
i u
ã ẽ ĩ õ ũ ĩ

Para não complicar a graphia, podemos acceitar que *a e o* correspondam a *á é ó*.

24 — Nas syllabas tonicas, a vogal terá um apostropho ' como *Kará'*, dispensando nos oxytonos, e assim o vocabulo sem accento será atono ou oxytono. O mesmo signal collocado entre duas vogaes indica uma pequena pausa como *ka'a* que deve ser lido *ka-a'*. (1)

CONSOANTES

25 — Por motivos que explicamos em *Alphabeto guarani*, não utilisaremos *C, Ç, J, Q, Y, Z*.

Não usaremos lettra alguma com 2 ou varios phonemas, lettras mudas ou consoantes dobradas.

26 — *B* — Com o mesmo phonema que tem nas linguas onde existe, correspondendo ao β do grego, ب *b* do arabe e como inicial nos rarissimos casos em que existe corresponde a ~.

Montoya affirma na Arte que como inicial só existe nas seguintes palavras, cuja graphia reproduzimos: *bag, bae, bâg, be, biu, beamô, berâ, berami, bi, bĭ, binâ, biauri, bĭbi, buaquá, bi e, bo, bitere, bog, boi, borá* e no Tesoro cita outros mais.

27 — Pomos em duvida a existencia de vocabulos *ava-ñeẽ* puro, começando por *b*, na origem da lingua, acceitando como tal o tempo anterior aos missionarios, sem ir até épocas ante-cabralianas ou prehistoricas. Acreditamos que os vocabulos começassem por *mb*, salvo para os suffixos, pois não se comprehende que um vocabulo fique nasalado com o evolucionismo da lingua, quando os sons se devem tornar mais suaves.

Os trabalhos de Montoya foram feitos entre os indios *Tapes* que falavam o guarani puro, mas que apezar disso não eram comprehendidos por varias outras nações que falavam a mesma lingua.

E' admissivel que os vocabularistas não tendo o ouvido educado e sendo fracos em phonologia, escrevessem *b*, quando de facto o som era outro e assim é que em Montoya encontramos *bite i* e no emtanto distinguimos *guitero*.

(1) *Aha'niri* = não, tem a tonica em *ha*, e é differente de *aha'niri* que não é guarani e teria a tonica em *ri*

Além disso, Montoya confunde affixos com palavras e assim é que no Tesoro, pg. 76, encontramos *ba-* que diz ser signal de participio e como tal o encontramos nos exemplos que cita.

Acceitar que esse suffixo ou terminação seja uma palavra é o mesmo que acceitar que *ado, ava, aras, arei, aria* etc. em português tambem sejam.

28 — O som em questão, quando inicial approxima-se de ẹ arabe, do *mb* de Wolloff.

E' representado communmente por *mb*, mas grapharemos *b* para chamar mais a attenção do leitor.

29 — *C* — Não será utilisada para evitar 2 phonemas. O som forte será dado por *K* e o correspondente a *C*, por *S*.

30 — *D* — Nenhum dos autores que compulsamos acceita essa lettra inicial, pelo menos nos dialectos estudados e isso vem reforçar o que dissemos quanto a *b*. O som puro é o mesmo das linguas mais conhecidas excepção do francês quando terminal, começando o vocabulo seguinte por vogal ou h mudo. Em *ava'ñeẽ* nunca é terminal. Quando inicial os mestres representam o som nasal por *nd* e grapha-mos *d*, *D*.

31 — *F* — Não existe no guarani puro e é raro nos dialectos, segundo a opinião do Dr. Bertoni.

32 — *G* — Sempre com o som forte, como em português, *gato, gôlo, guta*, no francês *gamin, goût*, no inglês *England, great* e no allemão em todos os casos como *gedanken, gezucht* etc., no grego, menos quando dobrada, no espanhol *gasto, gusto*. Nunca terá o som *je*, qualquer que seja a vogal seguinte, tal qual no allemão e no grego. Não ha em *ava'ñeẽ* os phonemas que existem em português, francês e espanhol, quando antecede *e* ou *i*, como em português *genero, giz*, em francês *général rougir*. Fórma *ga, ge, gi, go, gu, gua, gue, gui* etc. O grupo ternario sôa como em português *guano, guéla, saguí*, espanhol *lengua, linguística* e nunca como em português *guerra, sangue, guitarra*.

33 — *G̱ g̱* — Corresponde ao *g dolce* italiano em *Giacomo*, ao *g* no inglês *gentleman, girafe*. Corresponde approximadamente a *dj* em *Djalma, Djanira*. Este phonema é um dos attribuidos a *y* por Montoya, que escreveu *yaguarete* e nós grapharemos *g̱aguaretẽ*. Os vocabulos dos selvicolas com este phonema passaram, em geral, para o lexico português com *j* e assim temos: *Jacy* (*g̱asi*), *Jurema* (*g̱urema*) etc..

Diz Bertoni (obr. cit.): *Dy — intermedia de la semivocal y, la D latina y la Dj italiana* (*G dulce*).

Como não utilisamos *y* nem grupos consonantes, não seguimos o exemplo do mestre, tanto mais que em muitas linguas *dy* tem o mesmo valor que *di*.

34 — *G̃ g̃* — A recta horizontal acima indica um som nasal. O phonema correspondente differe muito de *gũ*, *guu* em português e allemão e approxima-se de *gu* pronunciando por uma pessôa fanhosa ou apertando o nariz. A differença entre *g̃u gũ* é mais ou menos a que existe na pronuncia do vocabulo francês *enfin* pronunciado por um parisiense e por um brasileiro, espanhol etc. que começa a aprender. Tomando a graphia portugueza, o principiante pronunciará *an-fe-in*, cousa muito differente da pronuncia parisiense. Em *g̃u* não é a vogal que fica nasalada e sim *g*.

E' uma pronuncia difficil. O vocabulo que em *ava' meẽ* corresponde a *velha* (port.), *vieille* (franc.), *old* (ingl.) *vieja* (esp.) é graphado por Montoya *guaghĩ* mas Bertoni to. mou *g̃uãĩnĩ* (*g̃uãĩ* + *rĩ*) e preferimos graphar *g̃uãĩri*, *g̃uãĩg̃uri*.

35 — H — Sempre aspirado como em muitos vocabulos franceses *héros*, *haricot* etc. o som de *j* no espanhol *hijo*, *Juan*, no allemão *hund*, *hause* e approximadamente corresponde ao hebreu ח, ע e ao arabe ح, خ.

36 — *K* — Som internacional, formando *Ka*, *ke ki*, *ki*, *kua'*, etc.

37 — *Kh* — Som aspirado e utilisado talvez só na representação de alguns vocabulos Omagua. Bertoni graphou *kh*, mas por motivos já expostos não utilisamos um grupo de lettras para obter um dado phonema.

38 — L — Du Graty em sua *Historia del Paraguay*, pg. 3, referindo-se á expedição de 1535 diz: *despues de muchos combates llegó* (o tenente Juan de Ayolas), *al territorio de los guaraníes, en donde dominaban no léjos del lugar que ocupa hoy la Assuncion, capital de la republica del Paraguay, dos jefes poderosos y sanguinarios* — Lambaré *y Iandiuazubi Rubicha*.

Se o facto é verdadeiro, não comprehendemos que se affirme que em guarani não ha *l*, asserção aliás tambem feita por Du Graty. E' possivel que actualmente não seja muito usado em certas nações, mas é commum entre os *Kaigua'* ou *Ava'bia'* e *Guayaki*.

E' possivel tambem que o chefe não fosse *Lambaré* e sim *Rambaré* (*Rabaré?*) e como os espanhoes não tinham o som doce para a syllaba inicial, trocaram, pois temos o pico de *pico de Itacolomi* em port. quando de facto é *ita'kura'mi*. E' certo no entanto que ha no Paraguay varios logares cuja graphia tem *l* incluindo *Lopes*, embora de origem espanhola e assim: *Lambaré*, *Pilcomayo*.

39 — *M* — Som internacional, correspondendo ao arabe ם e ם, ץ, ף do hebreu. Não usaremos como final, pois em vez de *am*, *em*, *im* etc. usaremos *ã*, *ẽ*, *ĩ* etc..

40 — *N* — Som internacional. Em caso algum será final.

41 — *D*, *d* — Corresponde a *nd* dos mestres e grapharemos *daikua'i*, *de*..

42 — Corresponde a *ñ* em espanhol *señor*, á *gn* em italiano *signor* e em francês *digne*, *champagne*. Por motivos já explicados não acceitamos *Ny* proposto por Bertoni, porque em portugnês, francês, inglês, allemão, italiano, espanhol *ny* = *ni* e necessitamos de um signal particular.

43 — *P* — Som internacional.

44 — *R* — Som sempre doce no guarani puro, como em portugnês quando intervocalico *cara*, *cera*, *choro*, *tarágo*; em francês *harine*, *Guerin*; em espanhol *ejemplares*, *peruano*. Nunca será forte, mesmo quando inicial.

45 — *R̃*, *r* internacional ou *r nasalado*. Quasi não existe.

46 — *S* — Sempre com o mesmo phonema de *ç*, mesmo entre vogaes.

47 — *T* — Som internacional, salvo casos particulares em latim, francês e inglês.

48 — *V* — Como nas linguas néolatinas. Diz Bertoni: *La version iberica p r B és abusiva y contraria a toda regla. Hasta los autores franceses, alemanes e inglêses se dejaron influenciar frecuentemente por esa mala costumbre.*

49 — *X* — Sempre com o som chiante, correspondendo em portugnês em *Xisto*, *Xenophonte*, *charque*, ao *ch* em francês *Michel*, *machine* e approximadamente ao *t* em inglês *ambition*, *derivation*.

Não terá outro phonema, como se dá em portugnês e francês.

50 — Acreditamos na existencia de certas consoantes finaes e cuja prononcia é muito pouco perceptivel, quasi mudas e que por isso não tenham sido graphadas por muitos autores. Parece-nos que taes consoantes são indicadas por Montoya após uma virgula, pois escreveu *o*, *g*; *aó*, *b*; *cué*, *r* etc. e para evitar duvidas escreveremos dentro de parenthesis *ó* (*g*), *aó* (*b*) etc. indicando uma consoante oclusiva como *b* em portugnês *sob* no inglês *club* e *s* em francês *l'os*.

DIVERGENCIA ENTRE OS AUTORES QUANTO AO ALPHABETO

51 — Para fixarmos quaes as lettras ou signaes necessarios á representação dos vocabulos do *ara-neẽ*, referir-nos-emos ao *Apiaka'*, *Xiriguana*, *Guaraqû*, *Kokama'*, *Omagua'*, *Ogapi'*, *Tapé'*, *Araguaqu'*, *Asûseno'*, *Xiripa'*, *Guareno*, *Bi'a'*, *Tupinaba'*, *e Tebe'*, especialmente.

52 — Como já dissemos, em caso algum utilisaremos lettras dobradas, unidas ou grupos para representar um dado phonema. Assim, não utilisaremos *ch* que tem valores differentes em português *mechado*, *machaben*; em francês *Michel* - *Michel Ange*. E' real que X em algumas linguas tem phonemas differentes mas precisamos, com exemplos, qual o phonema unico que acceitamos, correspondendo ao *ch* francês em *archevêque*; *sh* ou *ci* em inglês *shoemaker*, *physician*; *ch* em allemão, *Deutschland*, etc..

53 — E' talvez pela graphia variavel entre os autores e até no mesmo trabalho, que surgem controversias e as que são resolvidas não recebem a sancção official e muitos nomes geographicos continuam com uma graphia anarchisada, com lettras desnecessarias como o exquisito *Nichteroy*, *Nicteroi*, *Niteroy*, ao lado de *Pirahy*, *Andarahy*, *Piauhy* etc..

O Tesoro de Montoya é sem duvida o maior Thesouro da lingua guarani, mas a graphia é o que de mais inconstante póde existir.

Ora lettras differentes são utilisadas para o mesmo phonema, ora a mesma lettra tem phonemas differentes até no mesmo vocabulo; ás vezes encontra-se uma regra relativa a uma dada lettra e no exemplo citado essa lettra não existe; outras vezes, são os possessivos ligados aos substantivos, ou então 3 e mais vocabulos ligados sem razão de ser; os accentos andam *à la diable* e a parte etymologica é, em muitos casos, um verdadeiro desastre como em *cuña* (mulher), cuja decomposição dou *lingua aberta*, como se a mulher fosse um ophidio, quando seria preferivel, talvez, decompôr em *ku* (*b*) = estar + *nã* = lista de alto a baixo, no atravesado, ou então *kua'* = el medio entre los extremos + *nã*, que se encontra no mesmo autor.

O peor porém é que muitos escrevem sobre o guarani que conhecem apenas atravéz as observações quasi sempre erroneas de J. de Alencar e nem ao menos sabem pronunciar um vocabulo *ava'-ñeë*, como temos tido occasião de apreciar, especialmente se no vocabulo intervem *i* ou *ĩ* de Montoya.

Infelizmente é commum, entre nós brasileiros, dizer: *F. fala bem o guarani, comprehende o tupy*, mas nem um nem outro penetrou no assumpto, ambos só conhecem *Iracema, Ubirajara*, etc..

54 — E' com pezar que recordamos um facto passado com um illustre professor que nos disse falar correntemente o guarani e como perguntassemos: *Re i kuaha' piko' ava'-ñeë?* não só não entendeu como criticou a pronuncia da lingua que aprendemos no berço e que falamos sempre que temos opportunidade!

E' possivel que não tenhamos o sotaque peculiar aos americanos, pois não convivemos com elles, mas preferimos o que temos, aprendido em nosso torrão natal Humaitá, á que esse mestre teria adquirido em Veneza, onde affirmou ter aprendido.

55 — Muito sabiamente diz Bertoni (*La lengua guaraní como documento historico*, pg 453): *Además, yo creo que demasiado frecuentemente se olvida que la lengua de un gran pueblo no puede encontrar-se integralmente en ninguno dialecto o provincia..... La lengua está en el conjunto de los dialectos, en el lenguage clasico, como en el vulgar, en el del indio libre como en el del cristiano, y sus mejores joyas son a veces las más escondidas.*

56 — Sem duvida ha no *ava'-ñeë*, como em todas as linguas, o que podemos chamar modalidades do povo, um verdadeiro *argot*, escapando ás regras grammaticaes, tendo os vocabulos um sentido que nem sempre será possivel encontrar nos Diccionarios e nestas condições muitas phrases guaranis com traducção litteral nada significarão. E' preciso conhecer esse mecanismo complexo e não restringir-se ás regras grammaticaes, bem ou mal enunciadas. Consideraremos, como exemplo, uma noticia de jornal, em português: *A's 16 h. passou na Avenida* uma canôa policial *com uma* viuva alegre, *levando muita gente* no sebo, *e que meteram* a lenha, *mas não tinham* pistolão.

Quem não estiver em dia com a giria, que juizo fará da nossa primeira avenida, deixando passar uma canôa, etc.? Para que a canôa levava uma viuva, e além disso, alegre?

E não é só attender ás significações dadas em um logar a determinados vocabulos e sim ás modalidades regionaes e assim como chamamos *brasileirismos* a certas accepções ou phrases de sentido puramente regional ou de determinado grupo de pessôas, como á linguagem usada entre

capoeiras e maltas de vagabundos, assim tambem ha os *guarinismos*, que devem ser conhecidos, mas que não se aprendem nas grammaticas, nem nos Vocabularios, e sim convivendo com o povo.

---

57 — *B* — Referindo-se ao vicio da pronuncia portuguêsa introduzida no Nheengatú, diz B. Rodrigues (Poranduba XI, fim : *Assim o* o *foi passando por* u, *o* e para i ..... *o* b *para* u

Logo muitos vocabulos trocaram *b* por *u*, no entanto no Vocab., pg. 5, diz o mesmo autor:

O u *foi que muito concorreu tambem para a adulteração da lingua pelos missionarios castelhanos e portuguêses, que quasi todos, nos primeiros tempos da conquista o mudaram para* b.....

Na pg. 15, Vocab.: *Os castelhanos e portuguêses foram que inventaram esse som* (refere-se a B).

Que conclusão tirar? *B* foi mudado para *U*, ou *V* foi mudado para *B*?

Acceitando temporariamente que o *anaubenga* seja a lingua pura, apesar do que já transcrevemos (5, 6, 7), como explicar que no Vocabulario se encontre:

abundancia = *tyb*: alegria = *toeib*: alimpar (?) = *Ihib*: amarello = *gub*: amargo = *rob* etc, etc, se taes vocabulos são na lingua pura, onde não havia *b*? Ainda mais. Affirmou qua (Vocab., pg. 15): *No fim nunca apparece o som* de b senão por corrupiela Ora tratando-se de uma lingua pura, pensamos que não seja corruptella.

Estas conclusões levaram o illustre botanico a decompôr o vocabulo *tubichab* e concluir: *é o chefe, o individuo que exerce o seu poderio, transmittido pelo sangue de seus paes.*

Isto dá idéa de que entre os selvicolas havia *Kronprinz, Principe de Galles, Infante*, etc., em summa uma Monarchia, de encontro á sabia orientação de Th. Sampaio (ob. cit, pg. 161, ns. 127 e 128) e tudo quanto de chronica existe a tal respeito, escripto pelos primeiros exploradores.

Confrontando Poranduba XI e Vocab., pg. 16: ..... *em manifesto engano têm andado todos que suppõem que a lingua geral (o anaubenga) tinha antes dos escriptos hespanhóes e portuguêses,* o b. — *Não houve passagem do* b *para* u, *foi o* u *dos indigenas que os civilisados passaram para* b (57).

O facto é outro. Como já dissemos, ha em muitos vocabulos um phonema que não é *b*, *v*, *u*, approximando-se de *w* no inglês *were* e no hanoveriano. E' uma differença muito pouco sensivel e podemos exemplificar com a differença entre *ut* ♯ e *ré*^{b}, só apreciavel para quem conhece

musica, por isso que o piano e muitos outros instrumentos confundem-n'o.

58 — Montoya e muitos outros autores sympathisaram com *b* e abusaram do seu emprego, affirmando não existir *v*. Não comprehende-se que não tendo este phonema e sendo educados por portuguêses, espanhóes e italianos, tenham actualmente. Os primeiros auxiliares dos vocabularistas não eram convenientemente cultos e assim como hoje dizem *beio*, *binho*, em vez de *veio*, *vinho*, trocaram em muitos casos o *v* por *b* e assim é que no Tesoro, pg. 145, lemos: *Halĩ* — vagaço, bagaço.

59 — R. J. Cuervo em suas Notas á Grammatica da Lingua Castelhana de D. Andrés Bello, diz na pg 18, que nos seculos XV e XVI confundiam-se os valores de *b* e *v* e que no seculo XVIII a confusão era geral.

60 — Não abriremos *Ocara Potỹ* para provar que de facto houve e ha *v*, pois é um livro de poesias, sem cunho philologico e onde infelizmente a graphia deixa tudo a desejar, como veremos, mas abrimos o trabalho de um guaranilogo, de um philologo, de Bertoni:

Pero hubo autores que tuvieron mucha resonancia, y cuyas obras son de indiscutible importancia bajo otros puntos de vista, los cuales, al consignar nombres y frases en guaraní, lo hizieron con tal descuido de todas las reglas y asn del sentido comùn, que sus datos, obscuros y dudosos en muchos casos, resultan en otros en verdaderas galimatias (La lengua guaraní como documento historico pg. 440).

61 — *G* — diz B. Rodrigues, em Poranduba, pag. XII, referindo-se aos defeitos oriundos dos portuguêses e espanhóes: ... *o G quasi foi supprimido, ou passou a* A *e a* B.

No Vocabulario, pg. 3, confirma, mas na pg. 16, diz: ... *o anaheenga não tinha antes dos escriptores espanhóes e portuguêses, o* B, o G e o J.

Ora em Poranduba, pg. 34, diz que o anaheenga nunca foi escripto, agora affirma que *G* quasi foi supprimido mas existia na lingua matriz, mas só foi introduzida pelos missionarios!

Ainda mais. No Vocab., pg. 21: *Quando ella apparece é sempre depois de n, quando sôa ng*, mas no supposto anaheenga escreven: *agua = Yig; canôa = igar; concubina = aguaçá; cortar arvore = ilîg* etc., onde não vêmos *ng*.

Para provar que não ha *g* é o unico que escreve *Karaní* e diz (Vocab, pg 25): *Onde estão em Karaní as palavras que começam por* ga e go?

Responderemos: *Em portuguêz não ha* J, *porque onde estão em portuguêz as palavras que começam por* Ji?

62 — *C* — Não utilisaremos, de accôrdo com a opinião de B. Rodrigues, que aliás emprega uma centena de vezes em seu vocabulario, e no seu pseudo auanheenga.

63 — *H* — Diz o illustre botanico (Vocab., pg 27), provando que é aspirado: *os portuguêses não podendo pronuncial-as bem, passaram para* c, *assim como os espanhóes, quando a aspiração era em* u, *accrescentaram sempre um* g..... *Os espanhóes admittiam o* h *em todos os casos em que figura o* c *em português.*

Que nos perdôe o mestre, mas isto é falso. Estudando a grammatica historica da lingua espanhola não encontramos o facto allegado, e, abrindo Montoya, encontramos varios vocabulos com *H*, inicial ou não, e não é real a troca de *c* por *h*, como é facil ver em Montoya, que era peruano e não português.

Discordamos tambem de Narciso Colman (Ocara Potỹ, 2.ª v., 88): *Es sabido que en las lenguas anglo sajonas y en algunas otras del Oriente, la H es aspirada, pero esa prática se presta a confusiones en la escriptura del guarani. Ej. Mbyhá (gente), resultará Mbyjhá (palabra sin sentido), y se prescendiéramos de la h, escribiriamos mby'á (sin sentido).....*

Este trecho é indecifravel. O phonema de uma letra é simplesmente convencional, variavel com as linguas e não uma cousa fixa, invariavel.

Não acompanharemos tão pouco o poeta quando affirma que *estamos en paises de habla castellana*, esquecendo se que guarani não é castelhano e que a phonetica, tanto quanto possivel deve ser internacional. Voltaremos ao poeta, ao tratar de J.

64 — *Y* — Affirmamos sem receio de contestação, porque vamos provar, que é o *y* a lettra que mais confusão tem trazido aos que se dedicam á lingua dos amerindios.

Diz Montoya (Arte, pg. I): *La segunda es una pronunciacion guttural, que se fórma in gutture, contrayendo la lengua ázia dentro: sua nota es esta* ~, *sobre la y, en que siempre cáe: ut taira* (1) *hijo; La tercera incluye las dos dichas, su nota es esta* ~ *sobre la y en que siempre cáe; y se ha de pronunciar com nariz, y in gutture juntamente, como aroycò. La quarta pronunciacion es gutural contracta, que se haz en dos yy, al fin de diccion, de las quales la primera es guttural siempre, ut teii, muchos.*

Pg. 2: *Esta misma pronunciacion se halla tambien en una y junta con u, al fin de diccion.* pĭŭ.

Em vão procuramos *y* nos vocabulos *taira, teĭi, pĭŭ* e não encontramos.

---

(1) No Tesoro 353/347, está *Tai*, *r* = *hija del varon*, e na pg. 351/345, está *Ta*, *r*.

65 — Em Ocara Potÿ (1.º vol., pg. 16), ensina Rufino Villalba: *El signo Y representa la sexta vocal (ie) guaraní. La Y (griega), seguida de vocal, es consonante. Nunca equivale a la I (latina). Ej.* ceboi (cebolla): Paraguai (la Republica); paraguai (paraguayo).

Foi tambem infructifera a nossa pesquiza pois não obtivemos o *y* nos exemplos dados.

Na mesma obra (2.º vol., pg. 88) escreve Colman, criticando o Dr. Lindsay: *ÿ (agua): y para escribir pytá (rojo); ñandé yra (estranjero)..... ÿ se usará en ta'ÿra (su hijo ....*

66 — Colman não segue em suas poesias esta convenção e logo na 1.ª, com o titulo: *Pe jheudu ke!*, achamos:

1. verso: *yecotpjha'* que devia ser *ÿecotÿhá*
6.º « *cú ya* « « « *cũ ya*

etc. etc., respeitando as convenções, mas isso não admira porque o vocabulo *potÿ* está escripto de varios modos. Na pg. 31, 12.º verso, achamos *yuky* e só sabendo que significa sal é que se poderá pronunciar certo porque pela graphia que adoptamos será *ǥuki* pois os 2 *yy* têm phonemas differentes.

67 — Ensina B. Rodrigues em seu Vocabulario, pg. 6: *O y tem quatro sons, sendo um guttural muito especial. 1.º, sôa como u francez quando entre vogal e consoante, como* pyta', tayra, *filho, que se pronuncia como em du francez; 2.º, sôa como ü ou y grec, ou molhado francez, quando só entre vogaes, como em* payé, *feiticeiro; 3.º. Tem um som entre* u *e* i *semi-guttural, quando no começo de uma palavra, sempre antes de vogal, como em* yahú, yakaré *etc.. 4.º. Tem o som guttural e nasal simultaneamente que só a audição ensina, em certas palavras, principalmente quando estas denotam* agua, liquido. (1)

68 — Estamos em desaccôrdo, porque está tudo falseado 1.º, não ha no guarani ou no supposto auanheenga o phonema correspondente ao *u* francez e no vocabulo que cita o phonema é o de *ĭ* de Montoya, *i* nosso; 2.º, não ha phonema correspondente ao *ü* e no vocabulo citado *payé*, a pronuncia não é *pai ié* e sim *pá-djé* e graphamos *paǥé*; 3.º, em *yahú e yacaré*, o y tem o som anterior, ou *ǥahu'*, *ǥakare'*; 4.º, agua, liquido, etc. é *i* que não é nasal, é *i* de Montoya, *ih* de Bertoni e *ÿ* de Lindsay e Colman.

Forçando diz que em guarani é *tagira*, vocabulo que não existe, pois no Tesoro, está bem claro, pg. 351/345,

---

(1) No emtanto no Vocab., pg. 8, pergunta: *Ler-se como aqui e escrever como alli, qual a vantagem!*

tai, r. Além disso não graphou o phonema naso-guttural que é dado em *kiri* (prounncia difficil).

Não apreciaremos as accusações feitas a Anchieta, por ter representado dois phonemas por *j*, que o naturalista classifica de *erro*, quando no entanto acceitou 4 phonemas para *g* sem necessidade.

Anchieta procurou ligar o guarani com o espanhol e Cuervo, já citado, diz: *Segun todas las probabilidades, la g antes de e, i y la j antes de a, o, u tenian hasta principios del siglo XVI la fuerza del arabe* gim, *o sea del italiano* gi

69 — Anchieta escreveu certo para seu tempo; erraram aquelles que o copiaram, conservando ao *j* um phonema que perdeu. Não tendo um signal especial, utilisou-se do que era permittido e estava certo, mas o botanico brasileiro equivoca-se quando acceita a prounncia *i a-ra* para *yara*, pois de facto é *ǵara*, tendo *y* nesse caso o som de *dj* em *Djanira* e *Djalma* ou de *g dolce* no italiano *Giulio*.

70 — Faz cavallo de batalha com o *y* mas se o compulsar algum livro que acompanhasse as modificações da lingua castelhana. Como já dissemos o som em questão oscilla entre *di, dj* e approxima-se do ש hebreu e ज sanskrito.

71 — *K* — B. Caetano (Esboço grammatical, pg. 1, diz que no guarani não existe *K*, no entanto, só na pg. anterior, no offerecimento ao Imperador, escreveu: *yko', akĩ, katú, robake* e na pg. 16, linha 7: *cĩkí, bakí:* pg. 35, linha 6: *ke amo*, linha 7: *kebo*, etc., etc..

Th. Sampaio (obr. cit., pg. 58), Moysés Bertoni e B. Rodrigues usaram *K*.

72 — *J* — Montoya, Th. Sampaio, Bertoni e B. Rodrigues não usaram esta lettra. Colman, mais poeta que critico, propõe que o som aspirado de *j* seja representado por *jh*. Ignoramos em que se tenha baseado o poeta que affirma *estamos em paises de habla castellana* e no entanto rejeita o som aspirado, trivial em espanhol para o *j*. E' racional que Colman não acceitasse *h* aspirado, de accordo com a Academia Española, mas é injustificavel a sua repulsa.

Baptista Caetano não acceita o *J*, mas escreveu *çajeu* (pg. 67); *jara* (pg. 77); *jurú* (pg. 78); *jará, jaguar, jaguara* (pg. 81).

73 — *Q* — Th. Sampaio, B. Caetano e Montoya utilisam esta lettra; Bertoni não a acceita, nem Barbosa Rodrigues, sendo que este no Vocabulario para o ananheenga escreveu: verdade = *aquyr*; topar = *oquenda'*; tapado = *oquendau* e mais algumas dezenas de vezes.

74 — *R* — Já vimos que no guarani puro (44) o som é sempre como *r* intervocalico em português, qualquer que seja sua posição. E' esta a orientação que encontramos em todos os autores e por isso não comprehendemos que B. Caetano sendo tambem dessa opinião, force o final dos verbos com *r* em português e assim é que escreveu *quer*, *tur*, *ir*, *ur* etc., affirmando ainda que é doce como no final de vocabulo allemães!

75 — I — Diz B Rodrigues (Vocab., pg. 2), que Montoya não usou *i*. Não comprehendemos, pois o missionario escreveu *guaraní* e no Tesoro ha talvez milhares de vocabulos com essa vogal e é B. Rodrigues que na pg. 57 elogia Montoya, copiando *tubichab*.

76 — *S* — Montoya, B. Caetano e B Rodrigues não utilisaram essa lettra e substituiram-na por ç, mesmo como inicial, facto esse seguido por Couto de Magalhães, de encontro as modernas regras quer para o português, quer para o espanhol e italiano, só existindo applicação no vocabulo francês *ça*, pois ninguem escreverá mais *çapato*.

Th. Sampaio (obr. cit., pg. 53), diz que usa *s* em som chiado e não sibilado, e diz que *cipó*, *sipó* devem ser pronunciados *xipó*.

Discordamos: 1.°, ignoramos em que lingua *S* tem som chiado; 2.°, se a pronuncia é *xipó*, deveria escrever *chipó*, *xipó*, pois usa *x*, *s*, *ch* com o mesmo phonema.

77 — B. Rodrigues diz usar ç e não *s*, porque o indio não dá som sibilado e no emtanto utilisa essa lettra varias vezes em seu Vocab..

78 — Couto de Magalhães escreveu *çarai*, *çapuçá* etc., como no sanskrito *çakahya*, *çatapatha*, *çruthi*, *çraitasutra* etc.

A questão de *s* muito sibilado ou é erro phonetico ou pedantismo e desejariamos ouvir a differença entre *cipó* e *sipó*.

79 — Em nosso auxilio temos a licção de G. Vianna (Ortographia Nacional) mostrando que *s* e *ç* se equivalem, opinião esta abraçada por Cuervo.

80 — Baptista Caetano não acceitou S, pois cinginse aos trabalhos de Montoya, mas escreveu *asi* (pg. 33); *h-asi-hae* (pg. 53); *supê* (pg. 65) etc..

81 — Vamos apreciar rapidamente a confusão graphica existente nos mestres, facto esse que sem duvida só servirá para prejudicar o estudo e difficultar pesquisas.

MONTOYA:

Art. pg.	2	*màràngatù*, *màrângatu*
	47	*marâgatu*, *chemarâgatù*, *chemârâgatýr*
Vocab. pg.	291	*mbaracaiyá*

SciELO

	212	*mbaracaiá*
	290	*guarym-bé*
	495	*guârymbé*
Tesoro	13-130	*guarimbé*
Conquista	319	*abarubicha, aba rubicha*
	«	*tupaógarã pay cogarã*
	324	*ndereyucaichene*
	308	*eÿbae*
	313-316	*ey baé*
	307-309	*ey bae*
	201	*cherub*
	202-251	*cheruba*

e mais algumas centenas.

Baptista Caetano:

Pgs 2, 3, 64	*abañeẽnga*
XIII, 7, 8, 19	*abañeenga*
XII	*aba ñeenga*
Offerecimento	*abañee*
Capa	*abáñeê*

e mais alguns

Narciso Colman, em Ocara Potÿ:

82 — Encontramos um reflexo, tenue embora, de Montoya, pelo descuido na graphia e falta de applicação das regras que expõe. Para não reproduzirmos muitos cochillos poeticos tomaremos apenas uma poesia, cujos versos são repetidos:

Mbiro'y: 2.° vol

Pg. 33 — 11.° verso	*ñù porà pytâra*
Pg. 35 — 11.° verso	*ñú porà pyutà ra*
Pg 33 — 14.° verso	*o cucui paitá!*
Pg 33 — 14.° verso	*o cucui pa itá!*
Pg. 33 — 15.° verso	*cuarajhy o y pé-ra*
Pg. 35 — 15.° verso	*cuarajhy o y pé ra*
Pg. 33 — 16.° verso	*cu yasy o-sê*
Pg. 35 — 11.° verso	*cu yasy ôsê*
	o ñejhé i pypi!
	o ñejhê i pypi!

Barbosa Rodrigues:

83 — Quasi tudo que no Vocabulario se refere ao *Karani*, está estropiado, pois diz que escreve com a orthographia de Montoya, mas é inexacto, pois ha talvez 99 °/₀ de vocabulos que não são encontrados no Tesoro com a graphia indicada e rapidamente vamos mostrar:

abaixo — *guiribo, guir pe;* abortar — *quer;* achar *hacê, acé;* acima — *maté;* acolá — *minò;* acordar — *ipeb:* fumaça — *tatating;* gritar — *acem, çacem:* querer bem — *cer* etc e nada disso existe em Montoya.

84 — Ha um descuido imperdoavel no Tesoro de Montoya, pg. 220 e o V. de Porto Seguro, que soube alterar o nome da obra, nada disse a respeito, e é no vocabulo-phrase

ñàdemburubichobetérembirecá

e que respeitando a graphia, devia ser

ñâde mbu rubichab eté rembirecá

e tambem não comprehendemos a razão de B. Caetano no offerecimento ao Imperador

oñ-angoreçá-ce-catu-bae

ACCENTOS

85 — Antes de estudarmos as applicações e uso dos accentos, vamos transcrever uma affirmação erronea de Narciso Colman (Ocara Potỹ, 2.º v., 93):

b) Estamos familiarisados con los circumflexos so'rè las 5 vocales castellanos à, è, ì, ò, ù, de sonidos nasales, que son propios de la lengua francesa

Perguntamos: São os sons nasaes ou o accento nasalante, que são proprios da lingua franceza?

Nem uma, nem outra cousa. Em francês o ^ não produz som nasalado, como é facil vêr em *âme, hê re, août* etc., e os sons nasaes pertencem a todas as linguas, pensamos, e suppomos que em espanhol *pan, enredo, assuncion, Colman* etc., haja sons nasaes e em português *cantar, tinteiro*, etc.; em allemão *dem, den, gedanken* etc. são nasalados, não sendo necessario citar outras linguas.

Procuramos nos mestres da lingua francêsa a regra acima citada, mas não encontramos.

86 — Transcrevemos tambem o que diz R. Vilalba no 1.º v. do mesmo trabalho: *Con el acento circumflexo (^) queremos suplir la ausencia de um signo que indique um sonido nasal, muy frecuente en guarani. Ej.: môrôti.....*

Usa-se el tilde portuguès ~ para denotar el mismo sonido en las silabas acentuadas. Ej. càràpã, côrôrò, en palabras polisilabas.

Se isto é real, porque não graphou *môrôti?* ou este vocabulo *es monosilabo?*

Ignoramos que em castelhano não se possa nasalar uma vogal, pois como em francês, encontramos *an, en, in* etc. e além disso Vilalba grapha *camba', toñgo, sangay, ãnegã, ãngã, angá, jhehyn* e não sabemos qual a differença phonetica entre *cambá — cãbá — cãbâ; tongo — tôgo — tõgo* salvo se o autor admitte que *cam, tan, san, on, hyn* não são nasaes.

87 — Tambem não comprehendemos o que se lê na pg. 3 de «O Selvagem»: *Empregamos tambem dous accentos circumflexos sempre que a palavra fôr composta de duas*

outras que separadas tenham significação, assim catúreté *muito bom, de* katú eté.

Por mais que observassemos não encontramos ^ em *Catúreté.*

— —

SS — Como dissemos (20), utilisar-nos-emos de um ponto acima da vogal, para obter o som aberto, como *e*, *o* em português, em vez de accento agudo; um ponto sob a lettra dará o som fechado em substituição ao ^ em português. Uma recta horizontal cortando as lettras *b*, *d*, servirá para nasalar, e os sons de vogaes nasaladas serão dados por uma recta superior *ā ē ī ō ū ɨ̄*. Um apostropho ' acima da vogal indicará a syllaba tonica, sendo dispensavel nos vocabulos oxytonos, e entre duas vogaes, indicará uma pequena pausa.

Se o vocabulo termina em *i* ou som nasal, a ultima syllaba será a tonica.

Não utilisamos /, \, ^, ~, porque teem valores differentes nas varias linguas e preferimos a uniformidade.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

PALAVRAS ATONAS

89 — Por natureza os vocabulos monosyllabicos serão atonos:

Xe — eu, meu
i (*g*) — agua, liquido
Kɨ — piolho
Kū — lingua
dẹ — tu, teu
Ko — este
pó — mão
hū — preto
ɣu — agulha, espinho
ru (*b*) — pae
pɨ — pé
nā — listas verticaes

Para facilidade, separaremos as syllabas nos exemplos seguintes

OXYTONAS

I-ní — rede de dormir
ǫ-rẹ' — nós
ku-nā — mulher
pi-ko' ? — realmente ?
mē-bɨ — filho
ta-ni-bu' — cinza
tī-bò' — fumaça
a-va' ? — quem ?
na-dẹ' — nós
lā-ta' — fogo
kà-ru' — comer
mi-tā (*g*) creança
ka-ra-i' — senhor
ǭa-sɨ — lua
sọ'-ọ' — carne
ku-ɨ-bae' — homem
ɨ-vɨ terra
ka-ne-ō — cansado

PAROXYTONAS

A'-va — cabello
a-ɣu'-ra — pescoço
ta' va aldeia
ba ẹ-xa ? - como ?
a ni'-ke — não
ò'-ga — casa
mè-na — marido
a-ra-ra

PROPAROXYTONAS

Difficilmente encontramos em *ava'-neē* vocabulos proparoxytonos, salvo juntando palavras e só nos lembramos de *a-ha'-ni-ri* — não, *u-pe'-ra-ri* — por isso.

80 — Em Ocara Potÿ, tomo I, pg. 23, lemos: 23. *Toda palabra no acentuada por difficuldades tipographicas, como* mombyry *(lejos) se considerará aguda, porque en guaraní, mas que en francês, abundan las agudas. Las llanas son escasas y las esdrujulas casi desconocidas.*

SciELO

CLASSIFICAÇÃO DOS VOCABULOS

91 — Vamos agora apreciar a classificação dos vocabulos, sem duvida uma das partes difficeis, porque a traducção póde emprestar ao mesmo vocabulo funcções differentes, especialmente nos adverbios e conjuncções, razão pela qual daremos para o mesmo vocabulo as traducções mais correntes.

92 — Encontramos em guarani: *substantivo, adjectivo, pronome, verbo, posposição, adverbio, conjuncção e interjeição.*

ARTIGO

93 — Como em muitas linguas, o *ará-ñe* não tem artigo. O arabe tem (*al*), o turco tem *bir*, o inglês tem *the* e o allemão tem *dem, die, das*, mas o *ará-ñe* não tem nenhum, como o latim.

Assim:

A casa de meu pae = *xé ru róga.*

SUBSTANTIVO

94 — Os substantivos gozam em *ará-ñe* de capital importancia, pois podem, em geral, representar funcção verbal pela simples anteposição de pronomes pessoaes.

O substantivo póde indicar um sêr real ou imaginario, material ou não, como em todas as linguas e d'ahi a primeira divisão em *concretos* e *abstractos*, como *tra'i* = fructo e *á* (*g*) = alma; *eíra* = mel de abelha e *tupã* = deus.

95 — FLEXÃO. Os substantivos não flexionam em numero e só em casos particulares, em genero.

Muitos autores, seguindo o exemplo erroneo de Montoya, fingem que declinam os substantivos em *ará-ñe*, cingindo-se á regras inadmissiveis, filhas do latim e com as quaes o guarani nada tem que vêr.

Pensamos que declinar, seja dar terminações proprias que indiquem modalidades e não juntar dous ou mais vo-

SciELO

cabulos, cada um delles representando um significado proprio, isto é, terminações indicativas e não significativas pois do contrario teriamos em português, declinando *casa*

Acasa ácasa dacasa paracasa

etc. e outras saudices.

A funcção de complementos ou objectos indirectos, não implica declinações, do contrario todas as linguas teriam declinações para os substantivos e não perderemos tempo em enterrar o defunto.

Como prova de erro e de que os missionarios faziam muita questão de ensinar cousas de igreja em vez de aproveitar vocabulos existentes, temos em Montoya, quando declina ou finge declinar.

abarè = sacerdote

Nom.	*abare*	Dat.	*abaré upé*
Gen.	*abarambé*	Abl.	*abaregui abarépĩpe, abarepe, abarahé*

Il est mortàcausedel'enfant?

Seria francês

Respeitando a anagraphia, vê-se que isso póde ser tudo, menos declinação.

Seria inglês?

Igo withy nofmyhouse?

Ninguem acceitará.

96 — Baptista Caetano que na pg. XIII censura os latinisadores do *ava'-ñeẽ*, nas pgs 12 e 13 tambem procura fazer declinações e naturalmente resvalon nos mesmos erros de Montoya, pois escreveu:

Nom.	*cuña*		a mulher
Gen.	«	(*aób*)	roupa da mulher
Acc.	«	(*mboé*)	ensina a mulher

Para P. Caetano ha Accusativo mas não se refere ao Ablativo, ao contrario de Montoya que na pg. 3 diz que declina quando toma

Nom.	*abaré mârâgatú*	Dat.	*abaré mârâgatú upé*
Gen.	*abaré mârâmbaé*	Abl.	*abaré mârâgui, pe, rehe, pîri*

Os mestres que digam se isto é declinação.

97 — GENERO. O *ava'-ñeẽ* como o allemão e algumas outras linguas acceita o genero neutro, facto que julgamos uma necessidade, para não dar-se o facto de *faca* ser feminino em português e ser masculino em francês *cou-*

t'aa, dando-se o contrario com garfo, como se objectos inorganicos pudessem ter sexo, ter reproducção. O allemão com *das* e modificações indica o genero neutro, mas, como ja dissemos, o *ava' ñeë* não tem artigo e só considera flexionado em genero, os animaes. Em casos muito particulares e nos gráos de parentesco ha vocabulos especiaes indicando o genero, como; *xę ru* (*b*) meu pae *xę sy* minha mãe *xę mẽ* (*mẽna*) meu esposo *xę rẽbirekọ'* esposa.

Em geral, nos irracionaes, o genero é dado pela posposição de *mẽ*, *mena* ou *Kuibaé'* para o genero masculino e *Kunã* para o feminino. Parece no entanto que ha uma tendencia para considerar os irracionaes como femininos e é raro usar *Kuibaę'*.

Assim temos: *iriguasú* gallinha *iriguasú mẽna* gallo

Escrevemos *iriguasu'* e não *iri guasu'* porque não se trata de *iri*, grande, embora alguns autores escrevam *uráguasu'*, pois é sabido que foram os colonisadores que trouxeram a gallinha. Segundo W. Bertoni ja se usa *Rihguasù*, (pela nossa graphia será *riguasú*,) denominação sem duvida mais acceitavel que *uruguasu'*, pois são animaes differentes.

Diz Couto de Magalhães que em Nheengatú, usa-se *apgaña* que significa macho ou *cunhã* femea, sendo que Th. Sampaio grapha *apygaua* e Tastevin grapha *apiawa*, *apygwa*.

Vamos apreciar, em quadro, a formação dos femininos em varias linguas, indicando com o signal () quando ha anteposição ou posposição.

Guarani Japonês Thibetano Melanesio Viti Egypcio.

Mas. ()*me* *wa*() ()*pho* *na*() ()*tagana*

Fem ()*Knã* *me*() ()*ma* *ni*() ()*t'esa* ()*t* ().

98 — Ha em guarani uma particularidade nos gráos de parentesco e que não encontramos citada nas grammaticas que compulsamos (franc. ingl. allem grec. holland. hebreu, arabe, sanskrito. japonês, espanhol, cryolhren) e que se apresenta dando vocabulos differentes conforme a idade de quem fala e da pessôa referida. Quando o francês diz *ma belle soeur*, corresponde ao português *minha cunhada* e espanhol *mi cuñada* mas tanto é dito applicando á esposa do irmão como á irmã do esposo, facto esse que não se verifica em *ava'-ñeẽ*, embora aqui no Rio de Janeiro fosse publicado um trabalho, negando tal complicação, mas teriamos vontade de ouvir esse autor, ingenuo nessas cousas de *ara'ñeẽ* dizer entre pessôas que falam essa lingua *xę mẽbi* (meu filho), em vez de *xę taïr* (*r*) (meu filho).

A titulo de curiosidade e para mostrar as difficuldades daremos alguns exemplos, de accordo com o que conhecemos e com o Tesoro de Montoya.

Meu cunhado

Sendo casado com a irmã mais velha	*xẹ rikẹ mēna*
» » » » » » »	*kipii* »
Dito pela esposa do cunhado mais velho »	*mēdike'i*
» » » » » » moço »	*mēdioi*
Dito pela irmã da casada	*xẹ reidi*

Minha cunhada

Dito pela esposa, quer á irmã do marido, quer ás casadas com os irmãos	*xẹ uku*
Dito pelo homem á esposa do irmão mais velho	*xẹ 'ikei vati*
Dito pelo mais velho á esposa do mais moço	*xẹ rivi vati*

Meu irmão

Dito pelo mais moço ao mais velho	*xẹ tikuẹira*
Dito pelo mais velho ao mais moço	*xẹ rivi*
Dito pelos irmãos em geral, ao caçula	*xẹ mīrīguẹ'ra*
Dito pelas irmãs	*xẹ kiri, xẹ tapi'*
Dito pelas irmãs ao caçula	*xẹ kiri ki*

A irmã só paterna é *xẹ raǫi* (*rai*) = a filha de meu pae, dito pelo irmão; se só materna, é *xẹ si mēbi* (filha de minha mãe).

Irmão paterno, dito pela irmã *xẹ kiri, xẹ rapi'*; materno *xẹ si mēbi*; irmãos de leite *xẹ si kābi, guarẹ'ra* (os do leite de minha mãe).

Meu filho

Dito pelo pae	*xẹ rai*
Dito pela mãe	*xẹ mēbi* (1)
Mais velho e só do esposo	*xẹ rai ipi*
Mais velho e só da esposa	*xẹ rai mebi vipi*
Filho adoptivo	*xẹ rai rāga'*
Filho primogenito	*xẹ rai tēdotára, tai vipi*
Filho espurio	*xẹ memīguẹ'ra*

Minha filha

Do homem	*xẹ raǫi*
Da mulher	*xẹ mēbi*

Meu tio

Dito pela esposa ao tio do marido	*xẹ mēduxi*
Paterno	*xẹ tiri, turi*
Materno	*xẹ tuti* (*r*)

---

(1) *Mēbi* significa propriemente = feito pelo marido; e *taira* = o que foi feito por mim.

Minha tia

Paterna. Dita por todos	*xẹ ǥaixẹ*
Materna e mais moça	*xẹ si kɨpiɨ*
Materna e mais velha	*xẹ si iki*
Materna. Dito pelos sobrinhos	*xẹ si i*
Materna e mais moça	*xẹ si iki*

Meu sobrinho

Dito só pelas tias	*no mēbi*
» pelo tio ao filho da irmã	*xẹ rui, rei mebi*
» » » » » do irmão	» *ǥoai rē*
» pela tia » » »	» *pēe, kivi mēbi*
» » » » » da irmã	» *rikẹ' mebi*

Minha sobrinha

Dito pelo tio	*xẹ ǥetipẹ'*
» pela tia á filha da irmã mais moça	» *kɨpɨɨ mēbi*
» » » » esposa do filho do irmão	» *peē ǥeti', riirati*

Meu neto

Dito pelo avô	*zẹ tāǥi, temiminō'*
» pela avó	*remí arirō*

Meu sogro

Dito pelo genro	*xẹ ratin'*
» pela nóra	» *meduba (menaru)*

Minha sogra

Dito pelo genro	*xẹ rai xó*
» pela nora	» *medi mēna si*

Minha nóra

Dito pelo sogro	*xẹ rai tati*
» pela sogra	» *mebi tati*

Meu genro

Dito pelo sogro	*xẹ peū, taǥi mē*
» pela sogra	» *ǥeti'pe mē, peū*

—

Enteado da esposa	*xẹ mebi ruga'*
» *do esposo*	» *rēbireko' mebi*
Madrinha, madrasta	*tubatɨ si āga'*
Padrasto, padrinho	*tubāga'*
Avô	*tamōi*
Avó	*ǥarii'*
Primo irmão	*tutī rai*
Prima irmã	" *raǥi*

Eis algumas das difficuldades a que alludimos e que' salvo a orthographia, foram tiradas de Montoya.

99 — GRÁOS. Em *ara'-neẽ* formam-se o augmentativo e o diminutivo, de um modo geral, pela posposição de vocabulos e não por terminações particulares. O augmentativo é obtido pospondo um adjectivo que signifique — grande — ou *su*, *asu'*, *guasu'* ou *tuixa'*, *tuvixa'*.

Couto de Magalhães affirma que em Nheengatú o augmentativo é obtido com posposição de *uaçù*, *turuçú*, *acú* e Th. Sampaio diz ser *guaçú*, *açú*, *etè*, *tèy* (pg. 64) ou repetição do suffixo; e Tastevin (pg. 31) dá *masú*, *asú sú*.

Vê-se perfeitamente que a differença é exclusivamente phonetica ou convenções graphicas.

100 — Não encontramos nos livros que compulsamos nada relativamente ao emprego de *tuixa'* ou *asu'* e o que vamos expôr é apenas o fruto de observação.

Guasú e derivados é usado quando o augmentativo é simplesmente material e se o substantivo não termina em *ga*, embora seja actualmento commum *o'ga guasu* que pensamos seja introducção europea, significando a casa onde se fazem reuniões de certa importancia, a casa do Congresso, o Palacio etc

101 — Parece-nos que *tuixa'* indica mais um augmentativo mas de ordem moral e em geral só applicado para indicar um chefe.

Assim :

ẽetè	batata	*ẽetè guasú*	batatão
pira'	peixe	*pira' guasu'*	peixão

Não acceitando de modo algum a decomposição dada por B. Rodrigues (57, lettra B), decomporemos

boruixa (*mburubichá* de Montoya) em

beru' (mosca) + *tuixa'* (grande, que manda) a portanto o vocabulo indicará como que a abelha mestr^{a} (*si' ruba*), a que manda na colmeia, ou o individuo qu^{a} manda na *taba*, *tava*, o cacique, como vulgarmente dizemos^{e} Lendo Montoya (Tesoro 217), só encontramos exemplos para. *rey*, *príncipe*, *reyna*, *trono* etc.; cousa de que nossos irmãos jamais cogitaram.

E' o que na linguagem vulgar chamamos *papae grande*, *triunfo*, *chefe politico*, *Presidente da Republica* (cacique). Podemos tambem decompôr

berú + *tu* (*b*) = pae + *ésa'* = olhos

dando *berutuesá*, *beruuesá*, *beruvesá*, *boruixá* e significará — olhos da mosca chefe = por isso que ella é responsavel pela nação. tribu ou cousa equivalente.

No Tesoro 399/3'3, achamos ainda

tu. b — la aveja mestra

e como a inicial é mudada para *r*, *g*, *h*, teremos *bo*=fazer + *ru(b)* = abelha mestra + *sa(esa')* = olhos e teremos o vocabulo significando o individuo que faz olhos de abelha mestra, que deve zelar por todos.

Em Ocara Potÿ; 2.ª v. pg. 7 encontramos *Karaí' guasu' guasu'ra* que póde ser = *individuo que está se fazendo (subindo em posição social)*, ou então *individuo que está se desenvolvendo*

Querendo indicar um perverso que está se regenerando, adquirindo propriedades moraes, poderemos dizer *a'ra turixá rixa'ra.*

Nem sempre o adjectivo *guasu'* indica um augmentativo, podendo, em alguns casos applicar-se á especie maior de um dado genero phitologico ou zoologico. Assim temos

inabu'	*inãbu' guasú*
uru'	*uruguasú (uru' guasú)*
Birasu', pipirígnasu'	

102 — Já vimos (97) que o vocabulo em *avá'-neê* que significa a nossa gallinha, tinha um nome tirado da semelhança com o urú.

Em Ocára Potÿ (2.ª v, pg. 6) encontramos (nossa graphia) os seguintes versos que mostram o que affirmamos:

Te re họ na e mõ pua
Oga guasu' petei

— cuja traducção livre será

Ide e construi (levantae)
Uma cidade (torrão natal)

103 — Um dos recursos para formar o augmentativo em português, é com a terminação *ão*, mas nem todo o vocabulo terminado em *ão* é augmentativo, erro que seria commettido tomando *camarão*, *latão*, *pão*, *chão*, etc., como augmentativos de *camara*, *lata*, *pá*, *chá*. O mesmo facto dar-se-á naturalmente em *avá'-neê*, isto é nem todo o vocabulo que termine em *guasu'* é augmentativo e assim é que se diz *uruguasu' luvixá'*, *uruguasu' vai* (pinto).

104 — Narciso Colman em Ocara Potÿ, na poesia *Y'ara rei* escreve (nossa graphia)

Karaí' guasu' guassu'ra
(Xe aveí' mi a hẽdu')
O ọç e võ hẹsẹ' kuẽra
Tuvixa' ha hi avãdu'

105 — Compendios ha que affirmam que o augmentativo pode ser obtido com posposição *eté'*, *heta'*, *to*, etc., mas ignoramos qual o fundamento, pelo simples facto

de não encontrarmos nenhum exemplo. Taes vocabulos significam *muitos* ou *verdadeiros* e ignoramos que *muitos homens* seja augmentativo de *homem*. O vocabulo *etę'* significa *verdadeiro, de facto*, mas não constitue um augmentativo.

Em casos particulares e como onomatopéas a ultima syllaba é reproduzida, ou a ultima vogal, para dar idéa de augmentativo e assim

arasunũ (trovão em dia de sol)
arosunũ... ũ.... ũ (trovão forte, o ribombar)

Fazemos esta observação porque já vimos algures: *Tamandu'tehy = tamanduá + tê + y = rio do tamandua grande.*

Acceitando que isso seja real, somos forçados a admittir que os tamanduasinhos, os filhotes vão veranear noutros logares e só voltam quando são grandes!

De facto o nome indicará = *agua ou rio dos verdadeiros tamanduás.*

Ja lemos tambem que *yaguareté* (*ỹaguarę́tę'*), significa, *onça verdadeira*, que sem duvida está certo, porém pela orientação anterior seria *onça grande*, pois não é admissivel que possa significar *cão grande*, pois os incolas não conheciam *cão* mas existindo o gato = *barakaỹa'* a onça deveria ser *barakaỹa' tei'* e isso no entanto significa o gato selvagem.

Não discutiremos aqui a origem do vocabulo *yaguá* (*ỹagua'*) que encontramos formando

ỹagua'retę'	(*ỹagua' r*) + *ętę'*	onça	amarella
ỹaguá pĩtatĩ	» + *pĩtatĩ*	»	pintada
» *pĩtã*		leão	

e nem a razão que levou a fazer *yagua' = cão.*

106 — Outros mestres affirmam que *ua, ua, nau* são suffixos indicando augmentativo e exemplificam com *para paraná, paranã*, procurando provar que os dous ultimos vocabulos são augmentativos do primeiro, ou *rio grande*, esquecendo-se de que temos *Paraguasu'. Iguasú.*

Montoya ensina que *uã* significa *veloz, rapido*, mas o facto mecanico de maior velocidade, não é condição necessaria nem bastante para formar um augmentativo e Montoya affirma que:

paranã — dizen a algunos rios grandes, parientes del mar.

107 — Se *paraná* indicasse *rio grande*, não teriamos *Iguhy guassú, Iguassú* (graphia official) e neste caso os rios Paraguay, S. Francisco e Amazonas seriam *Parana.*

Pensamos que o vocabulo se decomponha em *parã* = rio + *ũ* (*y*) = alma pois sendo o mar o logar ondo em geral os rios vão morrer, vão desaguar, podia ser considerado

como recebendo a alma dos rios. Th. Sampaio dá como modalidades *paranã*, *maranã*, *fernã*.

Acreditamos que muitos erros grosseiros dos primeiros exploradores existam e acceitos officialmente, como *Rio de Janeiro*, *Mar de Hespanha*, etc., etc..

Pensamos que o incola só chamasse *para'*, *paraná*, referindo se não á porção de agua-doce e sim á velocidade das aguas, porque é mais commum dizer *i*

i guasu'	rio grande, volumoso
i anã	rio acima
gaha' ga gohei i pe	vamos lavar no rio
rebe' i pe	margem do rio

e, procurando em *i* (*ĩ* de Montoya), encontramos que sempre significa rio, agua doce. Tomemos *juparanã* (graphia official). Th. Sampaio não consigna este vocabulo, mas cita *jupara* como uma especie animal do tamanho do bugio. Vejamos as decomposições possiveis:

gu (agulha, cousa ponteaguda, espinho, amarello) + *paranã* ou então uma especie de bugio muito veloz. Tomando como o nome de uma lagôa no Espirito Santo, origem do vocabulo, por causa do Rio Doce, podemos concluir que signifique *ponta de um rio veloz*, pois ha duas lagôas, a *Juparanan* e *Juparanan mirim* (graphia official)

108 — A repetição de syllabas não constitue sempre fórma de augmentativo, em guarani pelo menos, como erroneamente affirma J. de Alencar, para o vocabulo *arara*, dizendo que *arara* é augmentativo de periquito ou *ara*, de encontro aos bons preceitos de taxeonomia zoologica.

A repetição de syllabas em *ara-ncẽ* fórma, na maioria dos casos, um som onomatopaico, ou então um frequentativo, mas não só um augmentativo, e assim é que o passaro *Tugugù* (*tugugu'*) não é augmentativo de *tugu'* = argila, barro, que seria *tugu' guasu'*.

Th. Sampaio ensina que *caa' eté* = *matto virgem*, *matão*, mas parece-nos que o matto que ainda não foi varado, é virgem, não implica ser grande, pois matto grande é *caa'guaçú* (Montoya), emquanto que *caa' eté* = *monte verdadeiro de palos grossos*.

DIMINUTIVO

109 — Não ha terminações proprias caracteristicas e sim adjectivos de « pequeno, miudo etc » e que muitas vezes ficaram incorporados ao substantivo nas graphias officiaes.

Para os animaes é corrente *i*, *tai* (*r*), *rai* = filho, pequeno, miudo etc. e nos outros casos se usa *mi*, *mi*, *mimi*, *mixi*, *mixi-mi*, *mi-mi* e talvez só na linguagem mais intima *miva*, *humiva*, que propriamente significa uma especie de pezar. Assim

Karai mi petei i poriahú miva (Ocara Potÿ)

Um homemzinho, um pobresinho, um pobre coitado. Muitas vezes *mi* é usado no estylo pejorativo, como

Oga mi = casinha, casebre, palhoça
« *mixi mi* = casinha, cubiculo.

110 — Parece que nos irracionaes o emprego de *mi* e *i* dá accepções differentes, e assim:

pira'hi = *pira'* + *i* = peixinho (filhote, podendo crescer, quer a especie seja pequena ou grande) *pira'* + *rai*.

pira'mi' = peixinho (que e' sempre pequeno mesmo quando adulto, como piaba).

111 — Si o substantivo por si já indica um sêr pequeno mas que póde crescer, pospõe-se *mi* e não se usa *mīrī* como em

mitā (*g*) = creança *mitā mi* = creancinha

112 — Em Ocara Potÿ, na poesia *Caruhá*, encontramos para exemplo, com a graphia que adoptamos:

guaǥavi rai guasu'

onde *rai guasu'* significa um filhote grande já bem desenvolvido, facto que se reproduz com

iriguasu' rai guasu' = pinto grande, frango

113 — No estylo familiar é commum o emprego de um diminutivo, mas com sentido antithetico e é preciso cautela na organisação da phrase.

Quando em portuguêz dizemos: *Esta cabecinha promette muito*, fazemos elogio, mas se dissermos *F. tem uma cabecinha* estamos censurando.

Em *ava'-ucē, kuĩbae'-mi*, p. ex., tem duas accepções, conforme é applicado a um homem ou a uma creança:

kuĩbae'-mi = homunculo, espirro de gente
« = homemzinho, creança que sabe portar-se como um adulto, que pensa bem.

Para empregar o termo em voga, no primeiro caso poderiamos traduzir por *pelintra, almofadinha.*

No estylo offensivo dizemos *kuĩbae'raĩ* = filho de homem, poltrão, covarde, pedaço de gente.

Em portuguêz, quando dizemos *F. é um pedaço de homem*, significando um homem alto, forte, corpulento etc., o *ava'-ucē* usa *ava' ete' kuĩbae'ete'*, (homem de facto, valente que não significará *homem verdadeiro*, porque não ha *homem falsificado.*

Em portuguêz, dizendo *moço bonito*, podemos elogiar ou offender e o mesmo facto se dá com *karaí' guasu'* que póde indicar um chefete, um individuo que está bem com os governantes ou então um homem obeso, dando idéa de differença entre *homem grande, grande homem*, ou no francês *femme sage* e *sage femme; femme grosse* e *grosse femme.*

Nem sempre *mi, mĩ* fórma um diminutivo, pela mesma razão que em portuguêz a terminação *inho* tambem nem sempre o é como em *toucinho, caminho, caminho, cadinho*, etc. Após um verbo, indica delicadeza e corresponde talvez ao francês *s'il vous plaît*, ao inglês *please, if you please* e assim

E i pea' mĩ xe re faz favor de abrir para mim
Noutros casos corresponde a *um pouco*, como
Eru mĩ xe Vee traga me mais um pouco

Segundo Th. Sampaio, em Tupi o diminutivo é feito com posposição de *mirim, mĩni, y, im*, citando *itã, itamirim, itami, itay* e no feminino a posposição de *tahem, tay, tem*, como *cunhã, cunhãtahim, cunhãtem.*

Moutoya acceita esta segunda parte, mas fazemos uma objecção. *Kunã* é a mulher de certa idade e o termo generico é *kunãtaĩ* não é mulherinha, e refere-se apenas a idade, assim como temos: menina, mocinha, moça, mulher Não acreditando que moço e menino sejam diminutivos de homem; pomos em duvida que moça seja diminutivo de mulher ou que creança seja diminutivo de ancião, velho, etc..

11½ — NUMERO. O *ava'-ucē* não tem terminações ou modalidades como muitas linguas, para indicar o plural, pois o substantivo é invariavel e a pluralidade é dada pelo adjectivo numeral que o precede, como:

peteĩ ó'ga = uma casa *mokõi óga* = duas casas

115 — Para a flexão em genero, vamos apreciar algumas linguas, deixando de parte as européas, onde ha sempre muitos casos a considerar e varias excepções

Thibetano. Não ha terminações proprias nem suffixos e sim justaposição de vocabulos indicando quantidade.

Haussa. Como no thibetano ou então repetindo syllabas.

Cafre. Os prefixos *di, izi, u, alu* indicam singular. e o plural é formado com *aba, ama, imi, izi, izi.*

Papua. O plural é indicado pelo suffixo *si.*

Nôo Caledonio. O plural é indicado pelo suffixo *ri.*

Melanesio. O plural é indicado pelos prefixos *nodo, nodei.*

Malaio. — Na Ilha Formosa o plural é feito repetindo a 1.ª ou a ultima syllaba; em Java repete-se o vocabulo inteiro.

Singalês. — Suffixação de *val, hu, la.*

Aramcano — » » *in* para os masculinos e *ot* para os femininos.

Hebreu — Como no aramcano, mas *ot* para os femininos.

Egypcio. — Com o suffino *u*

Copta. — » » » » ou *ui*

Berbere. — » » » *an, en* para o masculino e *in* para o feminino.

Japonês. — Em geral repete o vocabulo, soffrendo ou não modificações na inicial.

Amarico. — Com o suffixo *o.*

Em ava'-*neč*, querendo indicar grande quantidade, grande numero de objectos ou pessôas, pospõe-se ou antepõe-se *heta'* = muito, muitos ou antepôr e ao substantivo pospor *terei'* : *heta' ôga, o'ga heta' heta', o'ga terei' o'ga heta' terei.*

Em geral usa se *heta' terei* sem o substantivo que está occulto.

Boi o'ga piko' o *imé?* Quantas casas são?

Heta' terei' Muitas de mais, innumeras

Ivira' puku' heta' terei omo'. Ha muitos páos compridos.

Usa-se tambem pospôr *kuę'ra* ao substantivo, mas propriamente significa *todos*

Mitã (g) kue'ra o sẽ todas as creanças sahiram (as creanças)

Th. Sampaio em nota na pg. 63 diz que isto pertence ao guarani antigo, mas ainda é corrente como ouvimos.

Conto de Magalhães affirma que em nheengatú forma-se com posposição de *ita'* e Th. Sampaio grapha *eta', cuera* e Tastevin concorda com ambos.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

COLLECTIVOS

116 — O *ara-neē* não tem vocabulos isolados como em algumas linguas, indicando reunião, grupamento etc., e sim verdadeiros suffixos.

Os principaes são

iba, ira	abundancia
amādape'	reunião de pessôas meeting
reīa, kua, kuái	cardume
mā, rēdá, rēduba, rupara	reunião
ti, ráma	u só para vejetaes
apitā	reunião
ivoti flôr	*ivoti apitā* ramalhete
avati' apitā = socas de milho atados	
pira' kua' = reunião de peixes, cardume	
pidōra'ma, pidóti'	palmeiral
ita' pedra	*itatiba* pedreira
ivotiti, ivotirupara	jardim
kuri' pinheiro	*kuritiba* pinheiral
takua (r) bambú	*takuátiba* bambusal

Pensamos que *ti, tiba, tira, tuba,* sejam modalidades de um mesmo vacabulo.

Th. Sampaio cita os mesmos suffixos, divergindo na graphia.

SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

117 — Em *ora'-neẽ* não ha propriamente substantivos compostos como em português *beija-flor*, *bem-te-ri* etc, no espanhol *quita-sol*, no francês *loup-garou*, *chaure souris*, etc., porque desde Montoya, aliás desde Anchieta, os vocabulos são ligados formando uma unica palavra e nos referimos aos vocabulos compostos que são substantivos, havendo em geral modificação nos componentes.

118 — Os principaes casos a considerar são:

1º dous substantivos ligados

i'ra, *ei'ra* = mel + *g̃asi* = lua
obtemos *irasi* = lua de mel (tambem mãe do mel) e que deu em português *Iracy*.
Gasi'ra, *g̃asi'ra* = mel da lua, pallidez da lua e que deu em português *Jacira*, *Jacyra*, e que varias pessoas interpretam como estrella, que é *g̃asi tata'* (fogo da lua).

Iroti = flôr + *a'ra* = dia, tempo, época.

ivotia'ra = primavera; *a'ra iroti* = dia bonito, dia de verão.

Bẽ, *tẽbe'* = labio inferior + *ira* = mel.

tẽbira, *temira* = mel dos labios, gerando talvez *Cemira Cemyra*, nome proprio.

Ira = mel + *sẽ* = sahida

iracẽ = sahida do mel, que gerou *Iracema* (1)

Ita' = pedra + *kisẽ'* = faca.

ita'kisẽ' = faca de pedra. Talvez tenha dado lugar ao *Itassucé* (graphia official).

Kisẽrita' = pedra para faca. Diorito? Silex?

Pira' = peixe + *nãdi* = banha, gordura, oleo.

nadipira' = baleia, cachalote. Deu *Nhandupira'*, graphia official.

pira' nadi = oleo, banha, gordura de peixe.

Ka'a' = matto + *mũda'* = roubo.

---

(1) A etymologia de Alencar para Iracema é erronea e em nosso auxilio temos Th. Sampaio (ob. cit. pg. 62 linha 20) e Tastevin pg. 90.

Ka'amūda' = caçador, ladrão do matto. E' usado tambem *Ka'amōdô'*.
Guira' = passaro + *tata'* = fogo.
guiratata' = vagalume, pyrilampo.

Não comprehendemos a formação, deste vocabulo, pois pensamos que era mais racional *tatagüira'* = passaro do fogo os incolas não eram zoologos) que *guiratata'* = fogo do passaro. Num caso é o insecto e noutro apenas a luz que emitte.

Mitã (*g*) = creança + *kunã* = sexo feminino, mulher.
mitãkunã = menina.

119 — *Substantivo e terminações particulares.*
bireko' = esposa, consorte + *rã* = cousa futura.
birekorã = noiva.
Mẽbî = filho + *rãga'* = semelhante, parecido.
mẽbîrãga' = enteado.
Si = mãe + *rãgã*.
sirãga' = madrinha, madrasta.

120 — *Substantivo e adjectivo.*
Tivi = buraco + *guasu'* = grande.
tivigüassu' = sepultura
O (*g* + *guasu'*.
Ogaguasu' = assembléa, palacio, etc.

Ha verdadeiros suffixos que entram na formação de substantivos para dar outros e serão estudados nos *Affixos*.
Embora faça parte de outro trabalho, vamos rapidamente apanhar alguns substantivos que são decomponiveis, respeitando a graphia official entre nós.

Abae'é' (*ara'* = indio + *ete'* = forte, valente).
Acangussu' (*akã* (*g*) = cabeça + *guasu'* = grande).

Araçatuba. E' um vocabulo duvidoso. Para Th. Sampaio, significa lugar onde ha grande quantidade de araçá, acceitavel e verdadeiro. No emtanto ha na barra de S. de Florianopolis uma ilhota, perto da Ponte dos Naufragados, com esse mesmo nome, e sendo um lugar esteril, rocha pura, pensamos que para este caso se possa decompôr em
a'ra = dia + *esa'* — olho, vê, espia + *t-oura* = que vem, que surge ou
araçatuba = discortina o dia que surge pois a posição é similar a do Forte da Lage, entre Santa Cruz e S. João.
Aracuara, araquara. Para Martius e Th Sampaio é = esconderijo de papagaios =, mas a decomposição se presta a:
ara = (papagaio etc) + *kua'* (buraco, grande quantidade) ou

(1) Tambem significa *aquidado, miseravel*

ara = dia + *kua* = buraco e significará local onde o dia se esconde, poente,

Araruama. Para Th. Sampaio é=comedouro ou bebedouro de papagaios=, mas tambem pode ser

ara (dia, tempo) + *ru* (pae) + *ama'* (chuva) ou lugar onde chove muito, diariamente.

Von Martins diz ser = favos de mel = de *ami* espremer e *ira* = mel. Não achamos ligação entre *amira* e *araruama.*

Mocanguê — *mokoy* = dois + *â* (*g*) + *re*
significando = duas desde agora e referindo-se ás 2 ilhotas, ou talvez = lugar de moquear a carne.

ADJECTIVOS

121 Como em outras linguas, dividiremos os adjectivos em *qualificativos* e *determinativos*, e estes em *numeraes, quantitativos, possessivos, demonstrativos* e *indefinidos*.

Da mesma maneira que os substantivos, os adjectivos não admittem flexão de genero, nem de numero, havendo, salvo engano, uma excepção para *guaĩgui* = velha e *tuga'* = velho. Ja vimos que o 1.º foi graphado *guaybi'* por Montoya, *guâîvi* por Bertoni e é vocabulo tambem de funcção substantiva, como quando dizemos = *minha velha* á nossa espôsa, embora seja mocinha e assim encontramos em *avá neẽ* a phrase *guaivi resa' t a u rai'* (bebo mal as lagrimas da velha), cuja traducção approximada é *casamento de viuva, lagrimas de jacaré.*

Em *avá-neẽ* faz-se differença entre *negro* côr, e *negro* = referindo-se ao homem.

A côr preta, é *hũ, ũna* etc., e o preto (homem) é *kãba'* vocabulo corrente, não consignado em Montoya, talvez de origem recente e com que appellidavam os brasileiros na guerra.

Um exemplo frisante temos em Ceara Potỹ, 2.º v. pg. 134, onde ha os dous vocabulos, e que transcrevemos com a graphia que adoptamos

Xẽ aipota' rẽ	Eu quero ainda
Peteĩ kãba'	Um creoulo (um brasileiro)
Hũ ramõ gẽpẽ'	Embora seja preto
Torẽ' ta tũxi.ra'	Deixe que cresça

Parece que *Kãba'* corresponde ao *gamin* francês

122 — Os adjectivos podem ser formados dos substantivos com suffixação de *bó, etẽ', itẽ'* etc., como

Kuru' = sarna	*Kurubó'* = sarnento
esa' = olhos	*esaitẽ'* = arisco

123 — Em geral os substantivos antecedem os adjectivos, menos nos numeraes e só em casos muito particulares se usa pospor *mokõi*

Couto de Magalhães (pg. 87) diz que = homem negro = é *tapaiuna* e Montoya dá *tapaũ* = escravo negro, derivado de *tapỹỹi* = escravo (dado pelos guaranis ás outras nações).

GRA'OS

124 — Em *ava'-neẽ* os adjectivos acceitam modalidades nos gráos de comparação, como em muitas linguas, se não em todas.

O de superioridade é feito:

1.° Pospondo *vẹ*, *ve'i* e no nheengatú; segundo os autores, com *pire*, *catú*

Xẹ ru i poxɨ, xẹ sɨ i poxɨ vẹ

Minha mãe está mais zangada que meu pae.

Não ha casos irregulares como em português — *melhor*, *peior*, *menor*, etc. — em francês *pire*, *meilleur*, etc,, em inglês *sweter*, *more* etc.

2.° Se a superioridade é de quem fala em relação á 3.ª pessôa, após *vẹ* colloca-se *xugui'*

. *Xẹ iporã vẹ xugui* = sou mais bonito que elle

Đa heta' ire ɨvɨra' i porã vẹ'va i xugui = não ha vegetal mais bonito que elle.

3.° Se a superioridade é em relação a quem fala após *vẹ* se usa *xẹ hegui'*

Ivai' vẹ xẹ hegui' = é mais feio que eu

4.° Se é em relação á pessôa com quem se fala, se usa *đe hegui'*

Ipiru' vẹ đe hegui = é mais magro que tu.

O de inferioridade é feito de um modo antithetico. e talvez mesmo com euphemismo

Xẹ piru' ha đe kîra' vẹ

Sou magro e és menos que eu (mais gordo).

SUPERLATIVO

125 — Ha em *ara' neẽ* dous superlativos que podem ser comparados ao — absoluto — e — relativo — em portuguêz, embora sem perfeita concordancia.

O superlativo que póde ser chamado «relativo» é formado, de um modo geral, com posposição ao adjectivo, de *eẽ'ra* (*eẽ ra*), *eẽ raẽ'*, *que*

Xẽ rori estou alegre — *xẽ rorĩ eẽ raẽ* — estou mais alegre que todos

O «absoluto» é obtido, de um modo geral, com posposição de *tẽ*, *etẽ*, *tei'*, *etei'*, *tekati' nãde* que propriamente significam = muito de mais —

Irai = feio — *irai' etẽ'* = feio de mais
Katu' = bom — *katu' etẽ'* = bom de mais.

Não acceitamos a regra de Montoya na Arte pg. 7 em demorar a syllaba, pois toma *mombĩrĩ* = lejos; *mombĩ rĩ* = muy lejos — e não acreditamos que *lejos* seja adjectivo.

Tastevin (pg. 33) diz que na lingua geral os gráos de comparação são obtidos com adverbios comparativos *pir* (mais), *rete* (muito), *yame* (assim), *cuyĩhĩra* (pouco), pospostos aos adjectivos.

Resumo

tuixa' tuixa' rẽ tuixa' rera tuixa' terei.

---

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

NUMERAES

126 — Parece que o primitivo systema de numeração era o quinario.

Indagamos como contavam de 84 em deante, mas nada conseguimos, quanto ao systema primitivo.

Os numeros simples são: *petēi* (1), *mokōi* (2) *bohapi* (3), *irūdi* (4). Para dizer 5 usavam *peteī pó* (uma das mãos) *pó peteī* e para 6 até 9, *uma das mãos e 1, 2, 3 4*: para 10 *mokōi pó*; 11,..... ..... 14 era duas mãos e 1, 2, 3, 4; 15 era = 2 mãos e 1 dos pés.

Tastevin acceita os 4 primeiros, embora affirme que o systema era quaternario e haja differença na graphia

Transcreveremos, sob responsabilidade do autor Castelnau, a contagem em varias nações ou tribus, respeitando a graphia empregada nos seus vocabularios:

	1	2	3	4	5
Xavantes	*simisi*	*aupranai*	*acudaton*	*monopixai*	*monontonam*
Carajós	*dero*	*devotoa*	*deboacado*	*depojeado*	*devojtelai*
Caraós	*ita*	*aicron*	*incrai*	*ipacrutipai*	—
Guanas	*poicoia*	*pijao*	*mopoa*	*honaton*	*huaku*
Apakás	*majupe*	*mocoin*	*mbohapi*	*mocuna*	*apurara*
Guaxis	*lamae*	*euci*	*eucailau*	*euuvai*	*localau*
Antis	*panere*	*pitani*	*mabasi*	*pitipaxoni*	*traucavassui*
Pebas	*tomanlai*	*nomoira*	*tamaimausa*	*nameraio*	*tamela*
Vaguás	*likilo*	*nanoui*	*moumoui*	*nairúkimico*	*tenaka*

ORDINAES

127 — São formados irregularmente, mas em geral, antepõe-se *i mō* e assim

imō mokōi = 2.º; *imō bohapi* = 3.º
parecendo que signifique: faz 2, faz 3 etc.

Para dizer 1.º, usa-se *i ṷipi*, mas podem ser feitos com o prefixo *i* e suffixo *vae' i mokōi vaẹ, i bohapiva'ẹ* etc.

Tastevin diz que se formam accrescentando o adjectivo relativo *wara*, *waha* quem, como suffixo, e exemplifica

yepewara, *yepewaha*, o primeiro

Sem discutir, citamos ainda outra regra do mesmo autor: «Primeiro pode-se dizer tambem *teñonewara*, aquelle que está na frente, ou *yupi-runyra* = aquelle que principiou»

DISTRIBUITIVOS

128 — Na maioria dos casos são obtidos repetindo o vocabulo, com, ou sem quéda de lettras, podendo pospor *si* Assim.

Um a um *peteitei*, *peteisi*, *peteiteisi*
Dois a dois *mokōmokōi*, *mokōisi*, *mokōmokōisi*
Tres a tres *bohapihapi*, *bohapisi*
Quatro a quatro *irūdirūdi*, *irūdisi*

POSSESSIVOS

129 — E' dificil affirmar se são os adjectivos possessivos que têm funcção de pronomes pessoaes, ou se é o contrario.

Em muitas linguas, salvo ligeiras modalidades, os adjectivos demonstrativos são dados pelos mesmos vocabulos possessivos pronominaes, ou os mesmos adjectivos possessivos são pronomes possessivos, mas em *ara'-neē* é differente.

São, ou desempenham funcções de adjectivos possessivos:

xẹ meu, minha, meus, minhas
Đẹ teu, tua, teus, tuas
Nūdẹ' nosso, nossa, nossos, nossas (incluindo todos)
pēdẹ' vosso, vossa, vossos, vossas
Ōrẹ' nosso, nossa, nossos nossas (exclusivo)

Para indicar seu, sua, seus, suas encontramos muita irregularidade, como:

xẹ	*rôga*	*de roga*	*hoga, guoga*
xẹ	*si*	*de si desi*	*i si*
xẹ	*rẹ'ra*	*de rẹ'ra*	*hẹra, guẹ'ra*
xẹ	*ro'o'*	*de ro'o'*	*ho'o', guo'o'*
xẹ	*ru*	*de ru*	*guba*
xẹ	*tuti'*	*de tuti'*	*ituti, o tuti*
xẹ	*tapakura'*	*de tapakura'*	*i tapakura', o tap.*

E' o caso em português de *sua* (2.ª pessôa) e *sua sua delle*, 3.ª pessôa).

Parece que as regras possam ser:

1.ª Os substantivos que começam por vogal, recebem, em geral, *r* para a 1.ª e 2.ª pessôa e *h*, *g*, *gu*, para 3.ª.

oga	*xę, de roga*	*koga, guoga*
esa' = olho	*xę, de resa'*	*hesa', guesa'*

Exceptuam-se:

akã (g) = cabeça	*xę, de rakã*	*i nakã o akã*
a'ra = dia	*xę, de ara*	*i a'ra o a'ra*
ara' = cabello	*xę, de ara*	*i a'ra o a'ra*
abiru' = barriga	*xę, de abiru'*	*i gabiru' o abiru'*

2.ª Os substantivos que começam por consoante, trocando por *e* para a 1.ª e 2.ª pessoa seguem a 1.ª regra

so' ô = carne	*xę, de rôô'*	*hô'ô' guôõ'*
ţera = nome	*xę, de ręra*	*hęra guęra*

Exceptuam se:

tuba = pae	*xę, de ru*	*tuba, guba*
taĩ (r) = filho	*xę, de raĩ*	*taĩ (r), guaĩra*
tamõi = a ô	*xę, de ramõi*	*tamõi, hãmõi, guamõi*

3.ª Os substantivos seguintes não mudam a consoante inicial e formam a 3.ª pessôa com anteposição de *i* ou *o*:

taĩ = tolo	*tagasu'* = porco
tarôra' = doido	*tasĩ* = formiga
ta'ra = aldeia	*tĩ* = ouriua, liquido
tapakurá = ligas	*tirã* = campanha
ti = nariz	*tibô'* = vapor, fumaça
tirita' = sobrancelhas	*tõrõrõ* = jacto
tupã = deus	*tuti* = tio
tuga' = velho	

Não nos foi possivel atinar com a importancia que tem a lettra *T* em *ara'-neẽ*, pois a maioria das regras nas grammaticas, refere-se a essa lettra, que talvez tenha o valor do *thau* ת do hebreu no sentido hieroglyphico.

Não transcrevemos as regras dadas por Tastevin, pois a graphia e prosodia acceitas são inadmissiveis, na maioria dos casos, para o *ara' neẽ*.

DEMONSTRATIVOS

130 - Não ha concordancia com os de português.

Os principaes são:

Kọ, Ku = esta, este etc. *Kọ Kunã ixai' ętę'* = esta mulher é muito feia — Muitas vezes póde ser traduzido po-

lo articular, como *Kọ ara' ou' vaẹ' kuẹ* = o homem (aquelle homem) que veiu; (este homem que tinha viudo).

Pẹ = esse, essa etc. *Pẹ mitã (g) o gahcó'* essa creança chora; *pẹ mitã (g) o gahcó' ramõ e meẽ kãbi mi* = se a creança chorar dê um pouco de leite.

Ẽgũi esse, essa etc. Pouco usado.

Akoi = aquelle, aquella etc. *Akoi tcira' xe baẹ'* = aquelle páo (cacete) é meu

Em Ocara Poty encontramos (graphia que adoptamos)

Hae' ku a pe Kara'
Ko ivi a'ri nãdẹ' ga'ra

Elle é esse senhor
Que aqui na terra nos governa

Fastevin cita: *nhũã* (aquelle), *koa* (este

INDEFINIDOS

131 — Os principaes são:

Heta' = muitos. *Heta' gwer ma a hẽdu'* = ja ouvi muitas vezes

Dipapaha'bi = innumeros, incalculavel.

Dipapaha'bi gevi o họ — foi innumeras vezes.

Hẹtãi = numero regular. *Hẹtãi oga oimẹ' upẹ'pẹ* = havia la um numero regular de casas.

Mẽrĩi = muito pouco. *Mẽrĩi ava' oimẹ' xẹ ta'ca pe* = muitos poucos indios existem em minha aldeia

O indefinido que corresponde a *todos* em português, apresenta as seguintes irregularidades:

Pitũgai = todas as noites: *mẽmẽ* = todas as vezes; *aragai, aratapia. ora nãbõ. aramẽmẽ* = todos os dias

Nãbõ, nãmõ, nãbiã = cada. *Roi nãbõ* = cada inverno; *gasi nãbõ* = cada mez; *tara nãbõ pi'pe oimẹ' petet burucixa'* = cada aldeia tem seu chefe.

Amõ = alguns, algum. *Ara amõ re hexa' ne* = verês alguns dia.

Boci? = quantos?
Heta' etẹ' avei' oimẹ'
O haihu' ra i Karuha' (Ocara Potÿ)

E ainda muita gente existe
Que ama seu torrão natal

Boci pikọ' aca' o manõ!
Amõ nikọ' o pita!!

Quantos indios já morreram?
Apenas restam alguns!!

Ba, Kuẹ'ra = todos (do mesmo sexo, especie)
Kunã kuẹ'ra to sẽ = que saiam todas as mulheres.

Em Ocara Potỹ :

Xę in, xę si, xę kiri
Guerra hape o manõ ba

Meu pae, minha mãe e meu irmão,
Todos morreram na guerra.

Guira kuera hori pa = todos os passaros chilream
Bori ara pa o'mę
A heę̃a' xę karuha'pe?

Quantos dias são passados
Que deixei meu patrio lar?

Amõ = qualquer. *Amõ a'ra a ha ne de rõ pe* = qualquer dia irei á tua casa.

Bori bori, bori nõte = poucos *Bori nõte o u heta'me* = apenas alguns voltaram á Patria

Ha uma particularidade em *ara'-nẽe*, quando não sabem ao certo o numero, mas tendo como que uma idea do limite maximo.

E assim :

Bobirõ, borirõte, boriNõte = de 2 a 6, mais ou menos ; *bori reta' nõte* = de 2 a 12, mais ou menos ; *bori reta' sẽri* = de 2 a 8, mais ou menos ; *bori reta' katu'* = de 2 a 10 mais ou menos ; *bori bori ete'* = de 12 em deante.

PRONOMES

132 — Nem sempre ha concordancia nos pronomes em portuguès e em *ara' neé*, mas não acceitamos a opinião de B. Caetano, quando affirma que em guarani só ha 2 especies de pronomes: *pessoaes* e *demonstrativos* (pag. 8) e muito menos acceitaremos as denominações de *pronomes agentes e pacientes*, affirmando que os primeiros estão em Nominativo e os segundos em Accusativo e casas regidos. Em *ara'-neé* não ha declinações e é esse mesmo autor quem diz na pag. XIII:

Um dos motivos pelos quaes se dão estas incongruencias parece-me que reside nas grammaticas existentes na lingua geral, que foram moldadas segundo as regras da grammatica latina, as quaes pode ão ser muito bôas, mas não se adaptam aos factos da outra lingua.

Affirma na pag. 10 que os pronomes agentes são: *che. nde* e para provar o contrario, vamos tomar um exemplo *gagnarẽtẽ' rẽ u* = a onça comeu-me; *kũgusu xẽ su'u* = a pulga mordeu me (chupou-me) etc. e pensamos que nestes exemplos *xẽ* seja um *objecto indirecto* (a mim), e não o *agente*.

A questão primordial, parece-nos, é attender á indole da lingua, sem cingir se á traducções litteraes que serão impossiveis para todos os casos, e dahi a necessidade de apanhar o sentido da phrase, amoldando-a á lingua em que se escreve.

Ninguem fará a traducção litteral de *I am hungry* do inglês: *Ich habe nicht geschen* do allemão ou *Quand j'aurai je vous en donnerai*, do francês.

PRONOMES PESSOAES

133 — Couto de Magalhães apreciando as 2 especies de pronomes pessoaes no nheengatú, chama um delles de *prefixo pessoal*

Não achamos razão de ser, pois se como em *ara'-neé* ha as vezes a concurrencia de 2 pronomes, como *xẽ a ha*; *de rẽ pitatu*, é possivel que seja apenas um reforço peculiar á lingua, pois não é erro a fórma *a ha, rẽ pitatu*, e

além disso ha verbos que correntemente não são usados com 2 pronomes e outros que só são usados com 2.

Os pronomes pessoaes são:

Ava' ʀeẽ		Nheengatú
Xę	Eu	*xę, ixę'*
Bę	Tu	*indę', inę', nę*
Haę'	Elle	*ahé*
Orę'	Nós	
Nãdę'	»	*ianę', iandé*
Peẽ pẽdę'	Vós	*pehê, penhé*
O, haé' kuę'ra	Elles	*oętá, aitá*

Tastevin graphou *ixe, ine, se yane, peẽ, oitá*, mas diz (pg 42) que quando sujeitos, são: *xa, re u ya, pe. u* e affirma que *ore* é fórma muito antiga e concluimos que escreve sobre cousas modernas, mas não fazendo estudo comparativo, não apreciaremos as regras que cita.

Pensamos que seja indifferente escrever *nãdę'* ou *ʀadę'*.

134 — Em vez de *dę* é muito commum a forma *nę*. Julgamos que se dá uma antithese, pois consideramos *dę* e não *ndę*.

Em Ocara Potÿ, para citar um trabalho moderno, encontramos bellos exemplos, e entre elles:

Ne porã xę retã mi.

E's linda, ó patria minha.

Assim como ha mudança no pronome pessoal é tambem corrente *nã, ʀa*, em vez de *nãdę'*.

Nu hedu' xę si mĩ.

Ouçamos minha mãesinha

135 — Quanto á 1.ª pessoa do plural o *ava ʀeẽ* tem duas fórmas: *orę'*, restrictivo, referindo se a um certo grupo e não a todos e *nãdę'* comprehendendo todos, podendo ser substituido por *xa, xadę'*.

Quando em portuguès, numa visita dizemos: *Nós já vamos* (a familia que visita), o *ava' ʀeẽ* usará *orę' roʻhota ma* e não *nãdę'*, porque não abrange o pessoal do dono da casa.

Couto de Magalhães, na pag 79 de "O Selvagem" fala em *dativo* e ensina que se fórma com *eupi*, que sem duvida é a forma *xupę'* (a elle), do *ava'-ʀeẽ*, sem constituir dativo, pois não ha declinações.

Os pronomes pessoaes, na maioria dos casos figuram como adjectivos ou pronomes possessivos, mas neste ultimo caso antepostos a *bzë'* = cousa, objecto, posse.

As variações pronominaes são:

xẹ	*xẹ vẹ*	*xẽdiẹ' (xẹ diẹ')*	*xẹ rehẹ'*	*xe hegue'*
eu	para mim	commigo	por mim	de mim
de	*dẹ vẹ*	*nẽdiẹ' (ne diẹ)*	*de rehẹ'*	*de hegui'*
haẹ'	*heve*	*hẽdiẹ'*	*hẹ se*	*hegui'*
	xupẹ			

Exemplos

Xe maẽdua' de rehe'	lembro-me de ti
dẹ rẹ ḡuarã o gueru'	trouxe para ti
de resarai xẹ hegui'	esqueces te de mim
Nẹ rẹ pena'i xẹ rẹhẹ'	não tens pena de mim
E maẽtẽ xẹ rẹhẹ'	olha para mim
Ha ẹsẹ' mi peẽve	quero dizer a vocês
Rẹ họ ne xẽdiẹ' a o họne nẽ diẹ'	irás commigo e irei contigo
Aha'niri. A pitata hẽdiẹ'	Nao. Ficarei com elle

136 — Segundo os mestres, essas variações são no nheengatú

çe reçe ne reçe i reçé iané reçé ixé çupe
ixé arama iné aramã iané arama aitá çupi

Respeitando a graphia ç inicial, pensamos não errar concluindo que essas variações são obtidas com posposições de: *arama* = para ; *irumo* = com ; *reçé* = de, por ; *cupé* = á para.

POSSESSIVOS

137 — Os pronomes possessivos em *ara' nee* são formados com os adjectivos possessivos, pospondo *baé'* assim

xe baé'	*dẹ baé'*	*hẽ baé'*
o meu	o teu	o delle

e segundo Couto de Magalhães é no nheengatú formado com *mahã*

cẹ mahã nẹ mahã i' mahã
Koa kọ xẹ rõ'ga ha hupẹ'a de baé'
esta casa é minha e aquella é tua.

138 — Não acreditamos na veracidade da affirmação de Montoyo, Arte pg. 9, quando, citando exemplos diz *hera* (ejus), *guéra* (suum nomen), pois está ligado de mais á grammatica latina.

139 — Pensamos que na traducção se possa fazer *seu nome* e *nome dele*.

RELATIVOS

140 — E' difficil affirmar quaes são os pronomes relativos em *aca'-meẽ*, pois na maioria dos casos é a traducção que os forma Assim

O meẽ va	quem dá, que dá, o dado
O meẽ vaé'	quem costuma dar, que dava
O meẽ vaé' kuę'	quem deu, que deu, que já deu, que dera

141 — Nas fórmas interrogativas, usa-se :

Aca' ? aca' pipo' ? aca' pa ? quem ? quem é que ?

Como em :

Nę rẽnibę' rẽbe' ĩpe
Aca', pipo' o guapi varã ?

Na beira de minha rede
Quem irá sentar se ? (de Pot.)

e ainda :

Aca' pa o u ne o gaheõ ?
A manõ ramõ de rẽbe' ?

E quem virá por mim chorar
Se eu morrer por tua causa ?

I'mi = que, aquillo que

Heta' geve ma o hẽdu'
I mi i'tariva hei'

Muitas vezes ja ouviu
Aquillo que os tolos falam.

Mava ? ma ? mavaé' ? qual ?
Mavaé' pikę' re i pota ?
Qual é o que queres

Pensamos que ha uma pequena differença no emprego de *mava* e *mavaé'*. O 2.º exige uma resposta categorica, precisa.

Mara ô'ga re ipota' ?. Peteĩ mi
Que casa queres? Umasinha

Mauae ô'ga re ipota' ? *Upe'a*
Das casas qual a que queres? Aquella.

Outros exemplos:

Pẹ mitã(g) a nẽẽ vaẹ' kuẹ' deve o manõ mq
A creança a que me referi (de que fallei), já morreu.
Haẹ' o nẽẽ de hegtã'
Falou de ti.

172 — Couto de Magalhães ensina que em Nheengatú o relativo *que* é *mahã tahá* e na pag 42 diz que é *aiha* e Th. Sampaio pag 73 grapha *maí* e Tastevin tomou *aca*.

DEMONSTRATIVOS

173 — Os principaes são:

Kọ, Kọra, Kọraẹ = este, isto
Kọraẹ- nikọ' xe a gapọ' raẹ' kuẹ'
Isto foi feito por mim (é meu trabalho)
Pede rô'ga icuĩ', kọmaẹ' katu' i porã
Tua casa é feia, esta sim é bonita
Aĩã, aũ baẹ', como *Kọraẹ'* é pouco usado
Ã(g), ã(g)bae', como *Kọraẹ'* é pouco usado
Na i ã(g) ragnai
Não são estes
Ebokõi = isto, isso, por isso
Ebõkoi katú xẹ ru hara
Isso é que me fez vir
Aipó', aipó' raẹ', como o anterior
Aipó' ha ẹ xu pẹ
Isso disse-lhe eu
Akõi, aquelle, aquillo
Akõi heta' itẹ' raẹ' kuẹ', ima' ma o ge guka' pá
Aquelles que outr'ora eram muitos, ha muito que morreram
Kũi (monosyllabo), como o anterior
Kũi gui eru
Traze-me d'aquelles

Nūguī = esses, essas. Usado só no plural

Ƀɨa' nūguī o mōƀeu'

Disseram essas cousas

Este *ƀɨa'* corresponde ao *on* francês

Ƀɨa' nūngui o mōƀeu' = *on a dit ces choses là*

Eguɨ, como o anterior. Pouco usado.

Ēguɨ ǥa katu'

Nem mais nem menos que isso (guaranismo)

Upeva, upevaẹ = isto, isso

Upevaẹ ku de

Isso es tu

Pe = aquillo, aquillo que

Ƀa xẹ ve ǥuarā vei ma pe aipota' vae' kuẹ'

Não é mais para mim aquillo que desejei (perdi a esperança)

Pẹ re ǥapọ' vaẹ kuẹ xẹ rehe'

Aquillo que fizeste em meu auxilio

Re hexa' pa amōa?

Vês aquillo?

A kọ nādẹ' rẹra oikua'a miva
Umiva... . d'o ui vi vẹ xẹ'nẹ!

E os que nos idolatravam
Esses ..... não voltarão mais!

INTERROGATIVOS

144 — Os principaes são:

Ava'? = quem? Usado isoladamente ou antes do verbo

A manō ramō, ava' pikọ' o ǥahéo' ne xe rehẹ'?

Se eu morrer, quem chorará por mim?
Usa-se tambem nas formas *ava' pa? ava' pipō' ava' pikọ'?*
Os pronomes *mava, mavaẹ'* tambem são interrogativos

Ƀovɨ?. ƀovɨ ƀovɨ? ƀovipa? = Quantos?

Ƀovɨ ara' ma pa ọ hasa'
Xe retāguī a ǥu rirẹ'?

Quantos annos são passados
Que deixei meu patrio lar?

Bovi gagua' pikọ' re reikọ'=How many dog have you? Wie viele hund haben sie?

Cuantos perros tiene Vd? Combien des chiens avez-vous?

145 — Conto de Magalhães diz que no nheengatú (pag. 13) usa-se uma das particulas *será, tá, tahá, pa* e que a pergunta *que?* é feita com *auá?* para o genero humano e *mahã* nos outros casos. *Quantos?* é *muira?*

Vê se que corresponde a *ava? mava? bovi?*

INDEFINIDOS

146 — Acreditamos que seja muito restricto o numero de pronomes indefinidos:

Avávei = ninguem	*inti auá*	(nheengatú)
Ãbué = outro	*amũ*	»
Ava', amõ = alguem	*amúauá*	»
Peteî = um fulano, uns		

(Vêr adjectivos indefinidos)

Exemplos

Peteî hei' ka'a'
Guavirá hei ãbuẹ'
Uns dizem que é matto
Outros que é guabiroba
Petei ou vaẹ' kuẹ' orẹ rẽda' pe
Um fulano que veio procurar-me
Ava' o bopu xe ro pe
Alguem bateu em minha casa
Ava' vei n'o bo puire
Ninguem tocou
Pabẽ gatu' = todos sem excepção
Pabẽ o ro ho vamos todos
xẹ pabẽ hini todos estão commigo.

VERBOS

147 — O estudo dos verbos em ava' *neẽ* é uma das partes mais difficeis da grammatica, e ao mesmo tempo a mais facil

É difficil porque os autores, em geral, procuram latinizar a lingua, inventando tempos e modos e querendo que uma phrase completa seja uma palavra, que todos os verbos tenham a mesma lettra final *r*, caso particularissimo e que escapa ás principaes linguas cultas, como o francês, o inglês, o allemão, o italiano e o proprio latim, embora peculiar ao português.

Sem uma razão justificavel ha da parte da maioria dos autores, principalmente brasileiros, a convicção de que os guaranis engolem syllabas, lettras, que os verbos devem terminar em *r*, como se o ava' *neẽ* tivesse algo de commum com as flexiveis, elasticas e desencontradas regras da grammatica, graphia e prosodia portuguêsa, sem attender á 7.ª observação de Montoya, nas « Advertencias para la inteligencia desta segunda Parte ».

148 — Não acreditamos que haja em ava' *neẽ* o infinito impessoal, e sim a fórma substantiva que pela anteposição do pronome desempenha a funcção verbal.

Assim *kẹ*, é propriamente *somno, dormida : guata' ; passo, andar* etc e com os pronomes pessoaes e possessivos, o sentido da phrase dará a funcção substantiva ou verbal, dependendo mais do traductor.

Exemplifiquemos.

Xẹ *keramõ* = se eu dormir, depois que eu dormir, se dormisse, após meu somno.

Acreditamos que *a kẹramõ* e *xẹ kẹramõ*, tenham uma pequena differença, a 1.ª forma representando exclusivamente a funcção verbal.

Como em outras linguas o verbo conjugado ou flexionado devia ter uma parte invariavel, fixa e outra mutavel. Em geral ha a *raiz* e a *terminação*, variando esta, mas em ava' *neẽ* não ha variação no mesmo tempo, ou modo, para as pessoas. O vocabulo é fixo e faz se justaposição de vocabulos que representam verdadeiros adverbios de tempo, formando *facto que se realisa, realisou ou realisará.*

As grammaticas que temos consultado são accordes em que nunca se dá variação para o pronome pessoal, isto é, que a fórma do verbo é a mesma para as 3 pessoas, no emtanto 2 verbos ha que fazem excepção, os verbos «dizer e ir» que fazem no P. do Indicativo.

á ha, re ho. *ha é, hei*

Fizemos noutro trabalho, a conjugação de todos os verbos guaranis citados no Tesoro e só nos lembramos destes 2, que variam. (1)

A invariabilidade constitue a facilidade.

149 — E' impossivel obter em *ara'-nee* todas as modalidades, todos os modos que em outras linguas, pois mesmo nas linguas cultas não ha invariabilidade, como entre português e francês, mas ha modalidades peculiares á lingua e que apenas terão um correspondente convencional, approximado nas traducções.

Antes de conjugar vejamos o que diz Montoya

150 — Del preterito imperfecto *Nota 2. A este tiempo suele servir* biñã' *ó* bia', *que todo es uno, y corresponde a empero; ut* Ahecha biñã', *helo visto, veolo, vilo; pero ó no lo quise, ó no me lo dieron &.*

Isto não póde estar certo. Se ha uma condição imposta *não quiz, não m'o deram*, não constituirá um preterito imperfeito. O vocabulo *biñã*, cuja graphia pomos em duvida pelo *b* inicial, significa = porém, comtudo, etc., e portanto sempre applicavel e assim em ultima analyse só teriamos em *ara'neẽ* «Preterito imperfeito» pois podemos dizer

a ha ramõ biñã'	quanda fôr, porèm
a ha ma biñã	já fui, porém
a ha sẹ biñã	quero ir, porém
a ha ta biñã'	vou, porém
a ha ne biñã'	irei, porém

Pensamos que *biñã'* em muitos casos modifica o sentido, mas não forma o Preterito Imperfeito. Quando muito dará idéa de que o resultado feito, a fazer ou que se faz, não é o esperado, correspondendo talvez á phrase portugueza *perdi meu tempo*, que póde ser interpretada: *fiz o que era possivel e nada consegui* e assim *o ǥapọ' biñã'* póde ser traduzido: *fez o que poude e o resultado foi nullo* e é essa a traducção de Montoya no Tesoro, pg. 79, v..

Tomaremos outros exemplos, conservando a graphia de Montoya em biñã'!

O ǥokạ' biñã'

---

1) O trabaho a que nos referimos foi apresentado ao XX C. I. Americanistas, com 3 outros e até hoje.... está sendo impresso!

Tomando os 2 primeiros vocabulos, temos *o ɣoka'* = quebrou, mas como temos biñã' julgamos que a verdadeira traducção seja *fez tudo para quebrar mas não quebrou*. Será um guarinismo talvez.

151 — Quanto ao « Preterito Perfecto » diz Montoya na Arte, pg. 19, Nota 3: *Communmente suelem acomodar á este tiempo el adverbio* racó *vel* nacó *y no es particula que haze preterito, sino adverbio afirmativo de cosa passada o presente, que se ha visto ò vido.* Oyuca' racó = *matol-o porque yo lo vi.... De manera, que no todas las vezes que se ofrece preterito se ha de uzar* racó *sino al modo dicho.*

..... rac *afirma o que le han dicho que passó* ut oho paraé ? e *responde* ohó raé, *fuese pero no vio ir.*

Vê-se que taes vocabulos estabelecem a condição *foi ou não foi visto, ha certeza ou não da consumação do acto* e corresponde ao português *affirmo que, ignoro se.*

O pita' raé = ignoro se ficou. não tenho certeza se ficou.

O pita' rakọ' = affirmo, tenho certeza que ficou.

Será um outro guarinismo, e o *rae'* é um parente proximo do *peut-être* do francês.

152 — Desde que o verbo em si é inflexionavel, não ha modalidades, mas como dissemos os adverbios modalizam-nos e os autores, em geral, tomam como suffixo, a começar por Montoya que graphou *amboéne* (p. 10), *amboérâmo, ambochora*, etc..

O facto de ter sido ou não testemunha do acto indicado pelo verbo, de modo algum pode modalizal-o, pensamos, e se vocabulos existem que deem sentidos differentes, constitue isso um modo de ser peculiar ao *ava'-neẽ*.

As principaes particulas ou adverbios que modificam o sentido do verbo, quanto ao modo e tempo, são :

Va, rae' (*baé* dos antigos). Dá idéa de uma cousa habitual, que se reproduzia, mas que se não reproduz mais. Nas traducções corresponde approximadamente ao Preterito imperfeito.

A meẽ = dou *a meẽ va* = costumava dar, dava.

O sentido da phrase indicará se devemos traduzir por presente ou passado.

A meẽ va = que dou, que dava.

Ima' = já, outr'ora. E' corrente na' fórma *ma* Dá idéa de um facto passado e finalizado, terminado, e nas traducções corresponde ao Preterito Perfeito.

A ɣerurẽ' ima', a ɣerurẽma = pedi, pedia antigamente, mas não peço mais.

Nem sempre *ma* significa cousa passada, por isso que tambem significa *já*, e para este caso, ha entre o verbo e *ma* uma particula, em geral *ta*.

A ha = vou *a hama* = fui *a hata ma* = vou já

Ne — Indica resolução de fazer alguma cousa indicada pelo verbo. Nas traducções dá idéa de futuro.
O manõ = morreu *o manõ ne* = morrerá, deverá morrer

Ta como o anterior. Ha no emtanto uma pequena differença. Parece-nos que *ne* indicará um facto que se realisará mais tarde e *ta* significará que se vae realizar immediatamente. E' o mesmo facto que se dá com *logo* em portuguès.

Vou logo á casa de meu pae (daqui ha pouco)
Vá logo (vá agora, já, ou vá depois).

Assim, poderemos traduzir:

A ha ne irei logo mais; irei mais tarde
A hata irei, é só o tempo de me apromptar, de mudar a roupa, etc

A pitã' ne ficarei, mas primeiro farei outras cousas.
A pitã' ta ficarei desde já

Vaę, kuę, baę kuę. Fórma composta de *vaę'*. Dá idéa de uma cousa passada e junto ao verbo corresponderá nas traducções á *tinha, hria* etc., formando como que um tempo composto.

A i pihi vaę' kuę que eu tinha pégado
O gueraha' vaę' kuę' que elle tinha levado

Ra — já. Não é usado nessa fórma e sim *kera'*, *kóra, nóra* após o verbo. Exemplos:
E gapọ' kẹ ra' = fal-o já; *a ha i kó nórã* = já me vou: *a gapọ nórã* = já o faço outra vez (exemplos de Montoya).

Raę' — Adapta-se aos 3 tempos e só o sentido da phrase indicará de qual se trata, exprimindo sempre uma especie de condição.
O gapọ' raę' se fez, se fizer, se fizesse, se tivesse feito

Vaę rã — Indica a realização ou facto a realizar mas dá idéa de qual o objecto ou pessôa escolhida para soffrer a acção do verbo.
O mano vaę' rã — quem deve (deveria, devera) morrer e morreu.

Ramõ — Particula flexivel para a traducção, como é facil vêr em:

A ha ramõ ... se eu fôr; quando eu fôr, quando eu ... tiver ido.

Como já vimos é um verbo que modifica-se, o verbo « ir » e assim :

Xe ho ramõ após minha ida, minha sahida.

Xe — É usado para indicar desejo que se effectúe a acção indicada pelo verbo e nunca é usado isoladamente, formando talvez um auxiliar muito particular.

A hexa' = vejo *a hexa xe* = desejo vêr

A hexa' xe ra = que desejava ver *a hexa' xe ramõ* se quizesse (quizer, quando quizer) vêr.

Ha muitos adverbios que modificam completamente o modo de ser do verbo, trazendo resultados differentes ás traducções, desde que o verbo é inflexionavel.

Em appendice daremos alguns exemplos, que nos permittimos chamar « classicos ».

153 — Segundo C de Magalhães, no nheengatú (pg. 10), a flexão (ou melhor modo, e tempo), é feita do seguinte modo :

154 — *Preterito imperfeito.* Interposição entre o verbo e o auxiliar, da particula *ramé*, exemplificando com *Xa mehen ramé xá ikó* = eu dava, quando eu dava.

Th. Sampaio (obr. cit. pg 75), diz ser *aereme*,

Couto de Magalhães fala em auxiliar, porque na pg. 9 e 61 diz que o presente definido se fórma pela posposição do auxiliar *ikó* = ser ou estar e exemplifica *xa mehen xa ikó* = eu dou, estou dando. Em *ara' neê* a traducção seria *ando dando*.

155 — *Futuro imperfeito* « Forma-se do futuro, ajuntando-lhe este mesmo *ramé*. *Xa munhan curi ramé* = quando eu fizer.

156 — O futuro perfeito forma-se do perfeito (?) assim : *Xa munhãn ãna curi ramé* = quando eu tiver feito.

Th. Sampaio diz que, para o futuro se usa *ne* e é o que acceitamos.

157 — *Mais que perfeito* « Forma se do presente indefinido com a addicção de *ramé*. *Xa munhãn ramé* = quando eu fizer, se eu fizer, e na pg. 63 diz ainda : *Tempo passado* = O presente indefinido seguido do suffixo *ãna* (é que os jesuitas escreveram *ân* por ser quasi mudo o ultimo *a*), fica sendo preterito perfeito. Eu carrego *xa çupiri* ; eu carreguei = *xa çupiriãna*.

158 — Th. Sampaio (obr. cit. pg. 75), ensina :

Preterito imperfeito — Posposição de *aereme*. Ex. : *ajucà* = eu mato ; *ajucâréme* = matava.

Affirma que no tupi do Amazonas se emprega o adverbio *yepê*.

Preterito perfeito. Posposição de *umã*. Ex.: *ajucà umã* = eu matei. No tupi do N. se emprega a particula *ana* e no guarani ou tupi do S. *racó*.

Preterito mais que perfeito. Com *umã aéreme* Ex.: *ajucà umã aèreme* = ja eu tinha morto ou matára.

(Comparar com o mesmo modo (157) o exemplo de C. de Magalhães que diz «quando eu fizer» — mais que perfeito)

Futuro imperfeito. Forma-se com a particula *ne* e é um tempo fixo. Diz ainda que no tupi do N. se emprega *curi*, que exprime desejo

Modo imperativo. O presente se exprime pela fórma seguinte: *Ejucà, tojucà, tiajucù...*

No tupi do N. tambem se fórma o imperativo presente pela simples posposição do pronome do verbo. Ex.: *Yueá ndê, çaiçú penhê*.

Modo conjunctivo No presente, no imperfeito, no preterito, mais que perfeito, como no futuro, á fórma é sempre a mesma. E ensina *reme* affirmando que no tupi do N. o prêsente se obtem com *cuore*, para o imperfeito *ramé* e para o futuro *mairamé*

Feita esta pequena digressão necessaria, vamos apreciar a conjugação dos verbos, dando o valor approximado em português.

PRETERITO IMPERFEITO

159 — E' formado, de um modo geral, tomando o vocabulo que póde representar o verbo no Presente do Indicativo, tempo e modo gerador, e pospondo *va, vaę'*. Pode ficar ligado ou não, mas preferimos separar.

Exemplo:

A ǥapo'	= faço	*a ǥapo va*	= fazia, que fazia
o nohē	= tiro	*a nohē va*	= tirava
a ikutu'	= firo	*a i kutu va*	= feria

Em Ocara P. tÿ, 2.º v., pg. 33, encontramos os seguintes versos (graphia que adoptamos):

Ka' a' gui hovi va, ʀu' porã pita va
Guira' o ʀeē va...

O matto enverdecia O campo lindo ficava. A passarada chilreava.....

E ainda:

Ara o tini va, ha ivitu' i porã va
A pepu' i potĩ va
Kuarahi o ɣopẹ' va, i sivi i sati va

161 — Ha, pensamos, uma differença no emprego de *va*, *vaẹ'*, pois *vaẹ'* parece indicar «aquelles que, aquillo que». Exemplo:

A moi va	collocava
a moi vae	aquillo que collocava

PRETERITO PERFEITO

162 — Já vimos (152) que o preterito perfeito tem como correspondente approximado em *ava'-ñeẽ*, o indicativo com posposição de *ĩmã* ou *ma*, dando idéa de uma acção finalizada. Exemplos:

Ai pihi	= pégo	*a i pihi ma*	= peguei
a ɣaheó'	= chóro	*a ɣaheó' ma*	= chorei
a ɣoka'	= quebro	*a ɣ ka' ma*	= quebrei

163 — Como prova de que é a traducção que «ageita» a conjugação, tomaremos (Ocara Pot., 2.º v., 32):

Ɖa xẹ ve ɡ̃uarã ve'i ma pẹ a ipota vaẹ' kuẹ'
cuja traducção póde ser

Não mais é para mim o que desejei
Não mais será para mim o que desejava

FUTURO

164 — A modalidade que dá idéa de futuro, é obtida de varias maneiras (152) e entre ellas com a posposição de *ne*, *tã*, *vae'*, *rã*, *vaẹ'*.

Exemplos:

A karu' nẹ	(comerei mais tarde)
a karu' tã	comerei (d'aqui ha pouco)
a karu' vaẹ'	comerei (comeria, se comesse)
a karu' vaẹ' rã	o que comerei (o que tenho para comer)

CONDICIONAL

165 — Não ha propriamente o Modo Condicional e é o sentido da phrase, pela concurrencia de dois verbos que póde, na traducção formar o condicional.

Exemplo:

O meẽ ne, vẹ ipota' ramõ = dará se quizeres, daria se quizesseis.

Pode-se obter com posposição de *raẹ'*, *rãguẹra*.

Exemplo:

O manõ raẹ' rãguẹ'ra = quem devia morrer mas não morreu.

Já vimos que (152) *raẹ' rãguẹ'ra* indica que o facto se devia realizar, mas não realizou-se e que *vaẹ' rã* indica que devia effectuar-se e effectuou-se.

SUBJUNCTIVO

166 — As modalidades verbaes que podem ser consideradas como do subjunctivo confundem-se e as differenças ou variantes dependem mais das traducções.

Exemplo:

A ha ramõ o manõ ne

Se eu fôr morrerá, se eu fosse morreria; eu indo morre.

A posposição de *rirẹ'* (depois que). tambem dá idéa de subjunctivo, como

Xẹ kauẹõ rirẹ'.

Se me cansar; depois que eu cansar; depois que me cansei; se estiver cansado; se me cansasse.

167 — Havendo concurrencia de 2 verbos, o 1.º com posposição de *rirẹ'* e o 2.º de *raẹ'*, parece que ha uma condição. Exemplo:

Xẹ neẽ rirẹ' o họ raẹ'

Se eu fallasse, iria; depois que eu fallar, irá

TEMPOS COMPOSTOS

168 — Em *ará' ñẽ* não ha tempos compostos, embora nas traducções possam apparecer, de accôrdo com a indole da lingua fallada pelo traductor, pois não ha verbos auxiliares, embora se possa conjugar com os verbos *potá'* e *kó* (este como frequentativo), e particula *sẹ*.

A collocação de *potá'* altera o sentido e assim:

A karú' potá'	quero comer,
a ipotá' karú'	tenho appetite, quero comida

A particula *sẹ* é invariavel e intercalada entre o verbo e a particula que o modifica.

Assim:

a goká' ma	*a goká' sẹ ma*
a pitá ne	*a pitá' sẹ ne*
xe guhú' ramõ	*xẹ guhú' sẹ ramõ*

169 — Parece que *sẹ* exprime apenas um desejo que póde ou não realizar-se, emquanto que *potá'* indica mais um desejo que é uma necessidade.

170 — Assim encontramos:

Re ipotá' ca ma re ru
Rẹ u sẹ te ra rẹ u

cuja traducção approximada é:

Traze o que quizeres
E come o que entenderdes.

171 — Não concordamos com a affirmação de C. de Magalhães, pg. 85, quando ensina que o verbo *putari* é usado quando o acto depende da vontade humana, e que as raizes (?) *ci cei* não dependem dessa vontade, e sim de uma necessidade.

Não concordamos, porque na pg. 85 escreveu:

Xa iumaci quero comer

e na pg. 56

Xe u putari quero beber agua

e pensamos que «comer» e «beber agua» independam da vontade e seja «uma necessidade».

SciELO

OPTATIVO

172 — Baptista Caetano ensina (pg. 97): *Por quererem exprimir á todo custo o tempo por meio do verbo, e por não verem que elle podia ser determinado pelo substantivo é que as grammaticas multiplicam os tempos com modos pessoaes (indicativo, optativo etc.).*

Continúa o mestre nessa censura, aliás justissima, mas, na pg. 68, faz o mesmo que outros fizeram e ensina a formar o Optativo, cuja existencia censurou, e dá como exemplo:

che-ru-ramo = como, quando eu venha.

Montoya (Arte, pg. 22), ensina que o Optativo é formado com *tamô* e no Tesoro exemplifica *ayetamô cheyucahorae* = por pouco me mata.

Deixando de parte a fórma *che-ru-ramo* pois o certo é *a gu ramô* não achamos semelhança nos dous exemplos.

Th. Sampaio (obr. cit., pg. 77) diz que no Optativo os diversos tempos se formam com os do Indicativo, accrescendo-se-lhes a expressão *temomã* que vale pela portugueza arabica *oxalá*.

Exemplo: *ajucatemomã* = oxalá matasse eu, no presente e no imperfeito. No preterito perfeito e mais que perfeito, usa-se da expressão *meimã* ou *meimomã*, exemplo: *ereyucameimã* = tiveras tu morto; no futuro usa-se da expressão *momã*, ex.: *ajucamomã* = oxalá mate eu.

E' certo porém que não ensinam o que seja Modo Optativo e julgamos que *oxalá mate eu* é mais uma phrase exclamativa, interjectiva que um modo de verbo e parece que temos razão pois na pg. 22 da Arte, se lê: *curicuri auchemârângatu temô rae' ahá ĭbape* = oxalá yo fuera bueno, que yo fuera al cielo.

Abandonando os defeitos graphicos pela ligação de vocabulos, vê-se que a verdadeira traducção mesmo na indole da lingua castelhana, seria:

si yo fuera bueno, iria al cielo

e surgirá um condicional. No Tesoro pg. 353 v. / 347 v. *tá amô' gui hobo* = poco faltó para que yo fuesse que é um modo subjunctivo caracterizado.

Não acceitaremos o Optativo.

IMPERATIVO

173 — Lendo Montoya (Arte, pgs. 14, 15) encontramos o Imperativo para as 2.ª e 3.ª pessôas, mas sem explicação, embora com os exemplos.

Emboe, teremboe	ensina tu
tomboé	ensina elle
pemboé, tapemboé	ensinae vós
tombaé	ensinem elles

Parece que se forma com o prefixo *ta* ou *te* ao indicativo.

E meë	da	*te re meë*
O meë	deu	*to meë*
pe meë	demos	*pe meë, ta pe meë*
o meë	deem	*to meë*

Th. Sampaio (pg. 75), ensina: «O presente se exprime pela fórma seguinte: *ejucá* mata tu; *tojucá*, mata elle.... No tupi do norte tambem se fórma o imperativo presente pela simples posposição do pronome ao verbo».

Tastevin (pg. 49) diz que o Imperativo «só se conhece ao tom da voz ou pelo contexto.

PERMISSIVO

174 — Não acceitamos tambem este Modo indicado por Montoya e acceito por Th. Sampaio.

Diz este ultimo mestre *tojucà* = mata elle, como exemplo de Imperativo (pg. 75) e na pg. 77 ensina *tojucà* = mate elle embora, como exemplo de Permissivo. Ainda mais (mesma pg. 77): *ajucamo* = eu matára ou mataria como Imperfeito do Modo Permissivo, quando pensamos que se trate de Mais que perfeito ou Condicional

O Missionario exemplifica (Arte, pg. 15):

Tamboé = enseñe yo, seame licito enseñar, quiero deseme licencia, enseñaré
teremboé = enseñes tu
tomboé = enseño aquel
toromboé, tiñàmboé, chamboé = enseñemos
tpemboé = enseñad etc.
tomboé = enseñen etc.

175 — Isto é um absurdo. Com tal orientação não ha mais modo algum, salvo o Permissivo, pois em vez de *eu ensino*, podiamos dizer *seja-me licito ensinar, quero ensinar* etc..

Neste caso teriamos tambem um Modo Prohibitivo etc..

Foi o proprio missionario quem traduziu *enseñe yo, enseñaré*, que são cousas completamente differentes, pois a 2.ª fórma é o futuro conforme diz na pg. 14. Parece nos que *tomb e* seja a 1.ª pessôa do Imperativo que o Missionario não acceitou

176 — Em nosso auxilio vem B. Caetano que, tendo censurado o Modo Permissivo, ensina na pg. 18 como se fórma e toma para exemplo:

ta iy — apó = faça eu
tere iy — apó = faça elle

e ao accaso abrimos a Grammatica Sintetica de Candido de Figueiredo e na pg. 111 encontramos *faça, faças*, etc., como exemplo de presente do Modo Subjunctivo.

Th. Sampaio ainda acceita e cita o Modo Mandativo e diz: «ha apenas a fórma do futuro para as 3.as pessôas. Ex.: *terejucàne* = matarás tu: *tapejucàne* = matarás vós outros.

Achamos exquisito que *tu* e *vós outro* sejam terceiras pessôas, mas o mestre o disse.

PARTICIPIO

177 — Procurando escrever alguma cousa sobre a grammatica do *ava ñeẽ*, não podemos acceitar, em grande parte as orien'ações de Montoya e B. Caetano que, em these, são as mesmas, porém ampliadas

O Missionario fórma uma phrase com varios vocabulos e chama esse conjuncto de *supino* e B. Caetano, na pg. 31, diz: *Chama-se gerundio e supino simultaneamente, porque, por exemplo* apobo *significa* fazendo (*gerundio*) e até por fazer.

178 — O mesmo mestre ensina ainda, pg. 51, que *o amante* é participio presente e que *fazendo* é gerundio, no emtanto em C. de Figueiredo (obr. cit.) encontramos na nota de pg. 79: *Ao que neste logar se chama gerundio, chamam alguns grammaticos* participio presente.

179 — Não entraremos em discussão neste terreno pois o illustre philologo brasileiro Dr. J. Oiticica faz differença entre essas duas cousas como *amando, amante*. Achamos no emtanto que não ha necessidade de introduzir em *ava' ñeẽ* essas subtilezas, que veem difficultar e não facilitar, como é visivel na Arte, pg. 16, quando Montoya procura fazer differença entre «gerundio» e «supino» e exemplifica: *voy le a enseñar, estoy cansado de enseñar le* e ainda mais, na pg. 24 ensina: *Los gerundios en «di, do, dum», y el supino en «um» y en «u» etc*, cousas meramente da grammatica latina, exemplificando até em latim!

Dado a não flexibilidade do vocabulo, confundem-se, em *ava' ñeẽ'* o gerundio com o participio presente e o supino com o participio passivo, embora o traductor possa

modificar, pois a grammatica é de *ava'-neē* e não de latim, francês, etc.

180 — Não fazemos critica, mas precisamos attender ao modo particular de ser do *ava' neē* e não ás modalidades das traducções, mas B. Caetano considera *o que acha, o lente, o amôr, minha mulher etc.*, como participios (pg. 52) e achamos que não seja real.

O facto de participios em *ava' neē* terem umas determinadas terminações, não leva a concluir a reciproca, pois mesmo em português, os participios terminam em *ado, ido* mas não é possivel concluir que *trado, prado, languido*, etc. sejam participios.

Assim tambem, quando em português dizemos *F. está vestido* acreditamos que haja um participio, mas em *o vestido de F.* não acreditamos que exista e por isso preferimos traduzir, para fixar regras grammaticaes, e não para fazer estylo ou embellezar a phrase:

o-haï-hú-bae	o amante, o namorado
h-aïhú-kab	amôr

Conforme o sentido da phrase poderemos traduzir «quem ama, quem tem amôr etc.

Parece-nos que, quando um vocabulo póde ter varias funcções, o exemplo dado deve amoldar se á regra dada e não tomar todas as funcções para o mesmo caso.

Assim, tratando de Participio, B. Caetano, traduz pg. 52:

mboehar = o que ensina, o ensinante (o lente, o mestre

Parece que seria preferivel a construcção:

mboehar — o ensinante. Tambem significa o mestre, o lente, quem tem a profissão de ensinar».

Comparamos a disposição dada pelo mestre ao que se daria em português, se num compendio, citando adverbios, encontrassemos:

Affirmativos, negativos = sim, não, o sim e o não podem fazer variar a nosso futuro.

Na pg. 57 dá o mestre uma divisão dos participios em: participios adjectivos e participios substantivos e exemplifica para cada divisão:

h'-aïhú pïr	o que é amado
tembiaïhub	» » » »

e não comprehendemos a differença.

Th. Sampaio tambem acceita a divisão, mas parece attender ao facto de o participio desempenhar funcção de adjectivo ou de substantivo na traducção e assim é que nos exemplos, toma:

o morto, o amado, o acanhado part. adject.
o discipulo, a esposa, a comida » subst.

Achamos desnecessaria essa complicação.

Tambem nos concordamos com a traducção de B. Caetano:

y ñemboé-hab — a escola em que elle aprende

pois de facto está escripto: lugar onde se ensina, lição, aula etc., como o mesmo mestre diz (pg. 56) e «a escola em que elle aprende», seria:

y ñemboé ñemboé hab

respeitando a graphía.

181 — A grande difficuldade reside, pensamos, em fazer regras de português e latim em *ava'ʀeč*, pois a traducção póde ser variavel na mesma lingua, mas o original deve ficar fixo Assim, não é possivel traduzir litteralment *Quand j'aurais je vous en donnerai; I am hungry; Ich hab nicht gesehen*, etc., e por isso preferimos traduzir

o ɓoe' vae' (quem ensina) o professor, o educador
ɓoẹ' ha pe (lugar onde se ensina), a aula, a escola, o collegio.

Nas traducções, nem sempre será indifferente tomar uma ou outra accepção, e assim:

o ɓoẹ' vae o i ɨkuaha' nẹ

pode ser:

quem ensina deve saber
o professor deve saber

Mas nem todos que ensinam são professores (reconhecidos officialmente), e nem todos os professores ensinam (estão no exercicio das funcções).

182 — O participio presente ou gerundio em *ava'ʀeč* forma se de varios modos e não como em portuguêz com a terminação *ndo* ou em francês, *ant, ssant.*

Os principaes casos a apreciar, são:

1.° Os verbos terminados em vogal recebem *vo* (*bo* de Montoya). Não consideramos a consoante final.

A gerure'	peço	*erurẹ'vo*
» *ha'i*	risco	*ha'ivo*
» *gapọ'*	faço	*gapovo*
» *mõdó'*	mando	*mõdó'vo*
» *kĩvi*	cato	*kĩvĩvo*
» *hexa'*	vejo	*herea'vo*

2.° Alguns verbos terminados em *a*, *i*, formam o participio presente em *ka*, *pa* e dos terminados em *u*, alguns fazem em *ka*.

A î kitî	passo a ferro	*Kîtîka*
» *ɣora'*	desato	*ɣora'pa*
» *boaku'*	aqueço	*bohaku'pa*
» *ɣetî*	lanço fóra	*heitîka*
» *haihu'*	amo	*haihu'pa*
» *hẽdî*	accendo	*hẽdîpa*
» *hẽdur'*	ouço	*hẽdu'pa*

184 — Os terminados em *ã*, fazem em *mo*, *ge*, *ga*, *na*

A ɣepenã	precipito-me	*gepena'mor*
» *ne mo sakã*	percebo	*gui ne mo saena'ana*

185 — Os terminados em *ẽ*, fazem em geral em *mo*, *nã*, *ga*.

A guahẽ	chego	*guahẽmo*, *guihẽmo*, *guahẽro*
» *meẽ*	dou	*gemcẽga*
» *gueẽ*	vomito	*geguãnã*

186 — Os terminados em *õi*, *oî* em geral accrescentam *na*.

A henõi	chamo	*henõina*
» *moî*	colloco	*hemoîna*

187 — Os terminados em *pî*, *tî*, em geral, formam em *ma*.

A notî	entérro	*notîma*
» *mopî*	embólo	*mopîma*

188 — Os terminados em *õ*, fazem, em geral, em *mo*, *ga*.

A roirõ	deprecío	*heroirõmo*
» *nonõ*	jogo fóra	*genõga*
» *nenõ*	deito-me	*nenõga*

189 — C. de Magalhães diz (pag. 79) que o presente indefinido seguido do auxiliar *ikó'* fica no participio presente e cita *xa nhehê xa ikó* = eu estou falando.

190 — Montoya ensina que *hara* é utilizado na formação de participios, mas parece-nos que como suffixo é talvez, modificação de *ɣára* = senhor, encarregado, profissional, correspondendo mais ou menos ao *maker* inglês em *shoemaker*, etc., e diz o missionario *ymboé-hara* = *el que enseña*, isto é, o senhor do ensino, o encarregado ou professional no ensino e finalmente — o professor, o educador. Ora, acceitar isso como participio é acceitar tambem que *panadero*, *lavandera*, etc., tambem sejam participios, porque em *avá neẽ* será

panadero — el que hace el pan *bugape'-hára*
lavandera — la que lava la ropa *gohe'i-hára*

e sendo o padre, o missionario quem casa, o casante (?); o coveiro, quem enterra os cadaveres, padre e coveiro serão outros participios.

Montoya, não contente com taes disparates, ainda toma como exemplo: *cherenũmbeé ramâ, = el que teng de enseñar*, que facilmente seria traduzido por — o alumno, o discipulo futuro.

191 — Affirmando a não existencia de tempos compostos, temos que discordar de B. Caetano, que na pagina 57 ensina:

são tempos compostos que se podem chamar até certo ponto, condicional, e mais que perfeito, quando na pg. 19 ensinou:

Dahi uma diversidade de modos e dos tempos apresentados nas grammaticas, a ponto tal que ellas fazem corresponder a todos os tempos do verbo português, inclusive os formados por verbos auxiliares, *outros tempos do abánheenga mediante um grande numero de adverbios, usados, es es aqui, outros alli, o que faz parecer que são muito differentes os dialectos.*

De facto, se deve dar o contrario. Se estivessemos escrevendo em *avá-ɴeẽ*, uma grammatica de outra lingua, essa deveria ser a marcha, isto é, procurar formar no *avá-ɴeẽ*, desta ou daquella maneira os verbos correspondentes. Mas o trabalho é: dado o verbo em *avá ɴeẽ*, com a construcção propria, obter correspondentes noutra lingua, no nosso caso em português, do contrario estamos mystificando, inventando em *avá-ɴeẽ*.

192 — Pensamos que um tempo é composto, quando formado por 2 verbos, dos quaes um é o auxiliar entrando o outro no participio passado mas desde que em *avá-ɴeẽ* não ha auxiliar, não póde haver tempo composto, muito embora a traducção portugueza assim o exija.

Assim os inglêses usam muito a fórma

I have writting, *I have received* *I have .....*

e traduzimos: escrevi, recebi, etc., mas ninguem dirá que é tempo simples.

No entanto, apezar da censura feita, escreven como se fôra um unico vocabulo *omanô baeranguerey* = aquelle que não seria morto; este facto de ligações se reproduz muitas vezes nas pgs. 30, 53, 55 e especialmente em 59, onde está escripto:

che-remi-embiú-meenga-guera

que é uma phrase e nunca um vocabulo, recahindo no erro de Castelnau e outros, ligando o possessivo *che.*

O facto de a indole da lingua portuguêsa dar na traducção um tempo composto, não é razão para affirmar que em *avá ʀeẽ* seja composto, pois a grammatica é do *avá-ʀeẽ*.

193 — Podemos dividir os verbos em *avá-ʀeẽ*, quanto aos termos integrantes da oração completa, em: *activos* (*predicação incompleta*) e *de predicação completa*, os primeiros exigindo complemento ou objecto directo.

194 — Sendo de predicação incompleta, para reconhecer o objecto directo, faz-se a pergunta:

Baẹ' pa?

Exemplo

A ɣoguá mokõi îrîguasu' = comprei 2 gallinhas.

Pergunta-se:

Baẹ' pa rẹ ɣoguá? Que compraste?
R. *Mokõi îrîguasu* (objecto directo).

Se o verbo é de predicação incompleta e para evitar duvidas, talvez, é muito corrente o uso de *pe* após o objecto directo

xẹ sî o haihu' xẹ ru pe

Comparando com o português, nem sempre ha concordancia, pois ha em *avá ʀeẽ* certos verbos sem objecto directo claro, mas cuja traducção o fornece.

Assim

A ikîcî	eu cato piolho
a ɣoagua'	abraço outro pelo pescoço, para aquecel-o
a ɣakîtî	esfrego o fructo para limpar
a ɣeaitî	chamo com a cabeça

195 — Como já affirmamos, demos em outro trabalho a relação dos verbos guaranis, consoante o Tesoro

196 — Querendo conhecer o sujeito, basta perguntar:

avá pa? = quem; *máva? máva pa? = qual?*

Exemplos:

O hẹ hetá me	foi para sua Patria

Pergunta-se:

Ava' pa o hõ?	quem foi?
R. *Haẹ'*	elle
A'meẽ petei pirá xupẹ'	dei um peixe a elle
Avá pa o meẽ? *Xẹ*	sujeito
Ba-pa re meẽ? *Petei pirá*	objecto directo

197 — Para facilidade, consideraremos para os verbos de predicação completa os objectos indirectos, quando não circumstanciaes, e circumstanciaes, não complicando com adjunctos, oppostos, etc.

O objecto indirecto propriamente dicto, responde á pergunta *avá pe?* = a quem? e os circumstanciaes á *ɓaę'xa pa?* como? de que modo? *ɓaere?* porque? *maõ? mamõ?* onde? etc.

A *pitá xa ɗe rọ pe* = fico em tua casa
Mamõ rẹ pitata? R. *Ɓerọpe* (comp. circumst.)
A *meẽ petei xipá de sĩ pẹ* = dei uma chipa a tua mãe
Ɓaę'pa re meẽ R. *Peteũ xipá* (obj. directo)
Avá pẹ? R. *Ɗe sĩ pẹ* (obj. indirecto(

198 — Cremos não errar muito dividindo os verbos em 3 grupos:

1.° Os que po'em ser conjugados só com um pronome *a, re, o,* etc. como

a manõ = morro *re họ* = vaes

2.° Os que normalmente so acceitam os pronomes *xẹ, ɗe, etc.*, e são os formados com verdadeiros substantivos ou adjectivos e na traducção apresentam forma composta, em geral:

xẹ rasɨ estou doente
ɗe rorɨ estás alegre, ris nho

3.° Os que normalmente acceitam os 2 pronomes, como:
xẹ aipota' eu quero

Parece que o *i* anteecedendo um verbo seja um outro pronome e assim

aẹ a ipo'a' eu o quero

Em Oeara Potỹ encontramos:

Anetẹ' pa mitã mi
Rẹ họ itẹ' orẹ' re ga?
To maẽ mãte Tupã
Ɗe rehẹ' xẹ Karai'

Cuja traducção um pouco livre é

E' real ó creancinha
Que nos vaes deixar?
Que Deus por ti vèle
Meu senhor

199 — Como em todas as linguas, ha os verbos defectivos, e assim encontramos:

O kɨ chove *o kima* choveu *o kɨ ramõ* se chover
O tĩkɨ gotteja *o tikɨ ma* *o tĩkɨ ramo*

200 — Nos verbos pronominaes (?) usam-se apenas os pronomes *xẹ, ɗẹ, etc.*, como *xe resara'i* não me lembro, esqueço-me, eu me esqueço; *ɗa xẹ mãdua'i vẹ ma* não me lembro mais ete.

Para tornar um verbo reflexivo, basta antepor *ɣe* (*ie. ye* de Montoya), ou *ʀe* e Montoya chama isso de «reciproco»

A bɔ̀ ensino	*a ʀebɔ̀* ensino-me, aprendo
a i mupã dou pancada	*a ʀe mupã* dou em mim mesmo
a ɣuka' mato	*a ɣe ɣuka'* suicido-me
a ɣubi enforco	*a ɣe ɣubi* enforco-me

FORMA NEGATIVA

201 — O *ava' ʀeẽ* é muito mais rico que outras linguas quanto aos adverbios de negação, no emtanto são mais geralmente usados *na, ɗa, rugua'i, i, xẹ'ne, ri* e são antepostos aos pronomes, salvo quando concorrrem duas negáções, e neste caso o verbo é collocado antes da 2.ª

Exemplos:

A henɔ'i chamo	*ɗ'a henõi*	*ɗ'a henõi xẹ'ne*
a ipota' quero	*ɗ'a ipotai*	*ɗ'a ipotai xẹ'ne*
a hẽdu' ouço	*ɗ'a hẽdu' sei*	*ɗa hẽdui xẹne*
a hẽdu sẹ quero ouvir		

e em Ocara Potỹ

Umi'va... ... ɗ'o ui ve xẹ'ne
Esses. ... não voltarão mais.

Se a 1.ª pessoa não termina em *i*, pospõe-se essa vogal ao verbo na fórma negativa.

202 — Parece que o *ava' ʀeẽ* tem 3 fórmas negativas correspondentes ao francez *ne, ne pas, ne point*

ɗ'o ui	ne vient
ɗ'o oi ne	ne vient pas
ɗ'o ui xẹ'ne	ne vient point

203 — Segundo Couto de Magalhães (pag 12), em Nheengatú a fórma negativa obtem-se antepondo *inti, inti mahã* e assim:

Xa putari eu quero	*inti xa putari*
inti mahã xa putari	

204 — Th. Sampaio dá a mesma regra que em *ava' ʀeẽ* e na pag 78 ensina que no tupy do Norte tambem se conjuga pela negativa empregando o adverbio *enti, nti* ou *ti*, antes do verbo na activa.

Tastevin (pg. 52) diz que no Solimões as negativas são *nti, tiana, timahã* collocado immediatamente antes do verbo precedido do pronome sujeito, ou com a particula *ne* nem, não e *nemahã* nada

FORMA INTERROGATIVA

205 — De um modo geral differe da fórma affirmativa em ter, a posposição de uma das particulas *pa*, *pikọ'*, *ava'*, que não são usados indifferentemente, ou *pãga' piã*, *pi*, *raẹ'*

206 — Se a acção do verbo entender exclusivamente com a pessoa que falla, a particula é intercalada entre os dois pronomes

xẹ pa a ha? vou eu? (sou eu quem vae?)
xẹ pa a ɠoka'? sou eu quem quebra?

A mesma regra é applicavel se a acção do verbo é só para a pessoa com quem, ou de quem se fala

đe pikọ' re ipotá? queres? (é verdade que queres?)

207 — Se a acção do verbo depende da vontade de outro, em geral pospõe-se ao verbo

xẹ renõi pa? chamou-me?
đe maẽdua' pa? te lembras?

Ha no emtanto excepções.

208 — Nas respostas, não repetindo o verbo. os pronomes usados são exclusivamente *xẹ*, *đe*, *hảẹ'* e nunca *a*, *re* o, *etc.*

Ava' pa o ipea' xẹ rõ'ga? — *Xẹ, haẹ* etc.
Quem abriu minha casa? — Eu, elle, etc.

209 — Usa-se *pikọ'*, ou quando se exige uma resposta sem dubiedade, ou quando ha uma especie de admiração.

Não se usa em *ava' ʀeẽ* a posposição de sujeito, como em português, francês, inglês, etc. e assim é desconhecido fórma correspondente á *voulez vous? have you? haben sie? tiene Vd? volete voi?*

210 — Couto de Magalhães ensina que em Nheengatú a fórma interrogativa é obtida com *será*, *ta*, *taha'*, *pá*, (pg 15 e Th. Sampaio ensina que « basta pospor *cerá?* a qual todavia não se emprega nas primeiras pessôas do singular ou plural ».

Tastevin ensina que as particulas são: *Será* que se pospõe ao verbo e *taa* ou *ta* que segue immediatamente o pronome ou o adverbio interrogativo

---

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

VERBOS FREQUENTATIVOS

211 — O guarani é rico em verbos frequentativos ou iterativos, pois basta repetir uma ou mais syllabas do vocabulo, ou o propio vocabulo.

A karu' como	*a karu' karu'* ando comendo
a moĩ colloco	*a moĩ moĩ* ando collocando
a sisi, sisi tremo de frio	*a sisi sisi* ando tremendo de frio
a rekovia' substituo	*a rekovia' kovia'* ando substituindo

212 — E' possivel tambem tornar frequentativo antepondo *ikọ'* (ser, estar, andar) ou pospondo *i*

a kuru' a i ikọ' estou ou ando comendo

213 — Se o verbo termina em *ai, au, ei, ei, oi, oi, ii, ui* na repetição das syllabas ha, em geral, quéda da vogal final ou mesmo das duas vogaes.

A gohei lavo	*a gohẹ gohe'i*
a hekuĩ tiro	*a hekuĩ hekuĩ*
a kái queimo-me	*a ka a kái*
amõtọi desafio	*a mõbo mõbo'i*
a ne mõgarau' desconcerto-me	*a ne mõga' garau'*

214 — Segundo Montoya, dos verbos disyllabos os unicos que repetem uma syllaba, são: *a mõkõ* trago (do verbo tragar), *mõkõkõ*; *a só* livrar-se, *a sósó*; *a pó* pulo, *a pópó*; *a si* chego, *a sisi*

215 — Não sabemos qual a razão de Montoya acceitar os 3 ultimos verbos como disyllabos Se o verbo é onomatopaico, o numero de syllabas que se repete é muito variavel, como

orõduru'	*orõduru'..u ..u*	ruido de trovão
a'rá sumũu	*sunũ..ũ ũ*	» » »
ama' sunũn		» » »
o tiki		» do pingo d'agua

216 — Ha em *ava' ne*, como em todas as linguas verdadeiros indiotismos, como ha os brasileirismos. Esses gua-

rinismos em geral não obedecem ás regras grammaticaes, mas nem por isso são alheios á lingua. No fim destes apontamentos daremos alguns exemplos.

217 — Como diz B. Caetano, é sempre preciso attender á indole do guaraní e da lingua em que se escreve, de modo que as traducções, embora livres, procurem de algum modo dar uma idéa do que se traduz.

Não basta conhecer a grammatica com suas regras, pois a linguagem corrente esconde muitas suprezas quanto aos verbos, como é facil ver em multiplos exemplos no Tesoro.

218 — Não nos causaremos de repetir que consideramos absurdo affirmar: *Os indigenas pronunciavam errado*; *comiam ou enguliam taes lettras*, pois preferimos errar com o incola a seguir as regras com o buril da Kultur, sob o manto do latinismo ou poesia dos romances, que, podem ser muito lindos, patheticos, mas..... desconhecidos dos filhos das florestas, dessa matta onde o civilisado penetrou para expulsal-os a custa do baccamarte e da trahição, em nome da Igreja e da Civilisação.

Escrevamos o que falam o não queiramos obrigal-os a fallar o que escrevemos.

219 — Em portuguêz, é muito corrente perguntarmos a uma pessôa que estivera fóra, em viagem, etc.: *Já chegaste?*

E' claro que se não tivesse chegado não estaria presente, mas a phrase é usada. Em guaraní temos vocabulos intraductiveis, mas cuja presença indica um mimo, uma gentileza, um carinho.

Mita por exemplo, é um vocabulo, ou melhor particula que não tem correspondente em portuguêz, e em Ocara Potÿ, encontramos

Haé' mita mãtę' deve

cuja traducção: Dir-te-ei no entanto, não exprime bem, pois *mita* tornou a phrase mais carinhosa, mais mimosa, como que pede licença para falar, indicando que a narração a fazer não terá palavras bruscas, etc.

E' approximadamente o caso do poeta

Da casinha pequenina
Onde nosso amôr nasceu.

com « casinha » e « pequenina », ou

..... viver sósinho
Tendo alguem junto de si

onde « sósinho » exclúe a idéa de dualidade, mas é um modo de tornar a phrase mais lyrica, mais mimosa.

CONJUGAÇÃO DO VERBO

E (dizer)

Não acceita os pronomes *xę*, *đę*, etc..

Indicativo presente

	Fórma negativa
A e' (*ha ę*)	*Đ'a ei* (*đa ha ei*)
E rę	*Đ'e re'i*
E i (*he i*)	*Đ'e i* (*đ'e i'ri*)
Oro ę (*ɣa ę*)	*Đ oro ei*
Pe ɣę	*Đ'a pe ɣ'ei*
E i (*hei*)	*Đ ei, đe iri*

Preterito imperfeito (?)

Accrescimo *va, vaę'*.

A ė va, ha ė va etc. *Đ'a e'iva, đ'a ha ei va*

Preterito perfeito

Accrescimo de *ma*

A ę ma, e rę ma etc. *Đ'a ei ma, đa hei ma* etc.

Futuro (?)

Accrescimo de *ne, ta, raę, vae, rã*

Ha ę ne etc. *Da ha ei ne* etc.

Imperativo

E rę
T'ei
Pe ɣę
Ta ɣę

Se dissessemos *xę ę, đe ę*, etc., teriamos: meu falar, meu dito; teu falar, teu dito e em vez de verbo, um substantivo.

Vamos apreciar ligeiramente certas modalidades difficeis de classificar, pela variedade na traducção. Entre ellas citaremos apenas:

xę ę hape	dizendo eu, se eu disser
xę ɣa đã guẽpe	onde devia ter dito, devia dizer
xę ɣa pa pe	dizendo eu, se eu disser
xė ʉã ɣuãmà đa rekoi	nada tenho que dizer
xę ɣa vę'vę	conforme digo
xę ɣa va	o que digo, minhas expressões
Y ɣa va	o que elle diz
Gui ɣa'vo	dizendo eu

SciELO

Ga'ra	quem diz, o orador
Gavaẹ	o que se diz, o que consta
Ereẹ ramõ	quando disseres, se disse?, se dissesses
A sẽ mo	quando eu sahir, sahindo eu
T'a meẽ	que eu dê, vou dar
A meẽ tãmõ	dera, désse, tivesse dado
Boẹ' haguẹra	que ensinára, ter ensinado
Boẹ' hãguãma	ensinará. ter de ensinar
Boẹ' ãaguẹ'ra	devia ensinar, mas não ensina

Não consideramos verbo (tempo ou modo), o que Montoya ensina da pg. 16 em deante, na Arte:

mboehára el que enseña; *mboeharera* el que enseño; *mboecharã'mã* = el que ha de enseñar; *omboecharãnguera* = el que avia de aver enseñado; *omboebaé* = el que enseña, etc, etc., pois as traducções foram feitas pelos elementos constitutivos dos vocabulos, sem attender ao sentido da reunião dos mesmos. E' como se em portugnês, pelo facto de *padeiro* fazer pão, *doceiro* fazer doce etc, em *avá ʀeẽ*, fazendo a versão, tomassemos *pedreiro* como feitor de pedras, etc., ou se do inglez, nas profissões com a terminação *maker* traduzissemos: feitor de sapatos, feitor de pão, tendo vocabulos proprios para exprimir isso.

O indola, desconhecendo escola, professor, etc., acceitou os vocabulos formados pelos jesuitas que, attendendo á indole do guarani, os formaram; mas, na traducção não deram o que queriam. Assim, não havendo um vocabulo que significasse *discipulo*, *professor*, *aula*, etc., formaram, mas na traducção não obtiveram o vocabulo espanhol de partida e sim *el que enseña*, *el que enseña*, *onde se enseña*, quando sendo feito para uso dos proprios indolas, devia estar:

mboéhara — maestro. Su decomposicion indica el que tiene el habito de enseñar a los otros, de *mboé* = ensino + *hara* = profesional.

ñamõnbeguaba — confessionario. Su decomposicion indica el lugar donde se confiessan, de *ña* = a si mismo + *mõnbeú* = contar + *guaba* = lugar proprio. (127 v)

Assim com esta disposição desapparecem os pseudos verbos ou fórmas verbaes, que são antes verdadeiras locuções. Dar o significado e justificar com a decomposição do vocabulo.

Teremos:

mboéhara = professor, educador, mestre.

mboéharéra = professor, aposentado; mestre que já não ensina mais.

mboéharã'mã = explicador, futuro professor, estudante de Academia.

omboébae = professor (que está no exercicio de suas funcções).

Em muitos casos não é possivel traduzir com um unico vocabulo, e teremos uma phrase, como: *omboéharânguẹra* que só póde ser traduzido por «a pessôa que devia ter ensinado», mas o vicio consiste em considerar um vocabulo ligado por varios outros indevidamente, pois deve ser *o mboe ha rân guera* que não é «professor» pois «a pessôa que devia ter ensinado», podia não ser «professor». Os policiaes e guardas civis ensinam as ruas etc., mas não são «professores».

O *ava' ñeẽ* utiliza as particulas *mó* e *ƀó* significando «fazer o que o verbo indica» e corresponde approximadamente ao *faire faire* francez.

Modifica a lettra inicial ou syllaba do verbo, segundo as seguintes regras:

1.ª Se o verbo começa por *k*, muda para *g*, como:

A	*kãkuã'a'*	eu augmento	*a mõgɨkuã'á*	faço augmentar
«	*karu'*	« como	« *mõgɨrɨ*	
«	*kue*	« movo	« *mõguẹ'*	
«	*kua'*	« passo	« *mẹguã'*	
«	*kẹ*	« durmo	« *mõgẹ'*	
«	*kɨhɨgɨ*	« tenho medo	« *mõgɨhɨ*	
«	*kɨrɨrɨ*	« calome	« *mõgɨrɨrɨ*	

A regra é applicavel tambem aos substantivos e adjectivos com ou sem funcção verbal, pois o som nasal modifica *k* inicial do vocabulo seguinte, para *g*.

i koi'	seu gorgeio	*amõgoi*	faço gorgear
xẹ kui	minha farinha	*a mõgiu'*	faço farinha
i kuito'	sem pó	*a mõuito'*	pulveriso
i kɨra'	é gordo	*a mogɨra*	faço engordar

2.ª Os começados por *s*, mudam para *ƀ*, quer sejam verbos, quer vocabulos com funcção verbal, em pequeno n.º.

so (*g*)	livre, quebrado	*a mõƀo* (*g*)
suũ	rasgão	*a muƀuu'*
sorô (*g*)	dentada, mordedura	*a mõƀoró* (*g*), *ƀosorõ* (*g*)
sɨrɨ	correr	*a mõƀɨrɨ*

Exceptuam-se:

sẽ	sahida	*a mósẽ*
sabeipó	bebado	*a ƀosaipõ*
sãi	estendido	*a mõsãi*
sãnã	remexer	*a mõsãnã*
sapukai	grito	*a mõsapukai*
sãrãrã	latude	*a mosãrãrã*
sɨ	chegar	*a ƀosɨ*
sɨ	lustroso	*a mõsɨ*
sɨɨ	tremor	*a ƀosɨɨ*

3.ª Os começados por *p* mudam para *ƀ*.

pa (*b*)	fim	*a mõba*
paxù	fartura	*a bopaxuri*
pa (*g*)	despertar	*a môba j*)
para'	variedade	*a mõbara'*
pe (*b*)	cl ato	*a mõbė*

Tomamos *b* devido ao som nasal anterior.

Excepção —

pã	pancada	*a mõpã*
paã	atolado, atoleiro	*a mõpaã*
papã	saltar, salpicar	*a mãpãpã*
paragua'	corôa de pennas	*a boparagua*
parɨ	coxo	*a abɨparɨ*
paũ	intermediario	*a mõpaũ*
pẽ	fractura, esquadria	*a mõpẽ*
pesea'	pedaço	*a mõpesea*
penũ	saliencia, empola	*mõpemi*
pirvɨ	frescura	*a bopɨroi*
pɨ	liso, apparelhado	*a bopɨ*
pɨ	limpo, aperto	*a mõpɨpɨ* (1) *a bopi* (2)

4.ª Se começa por *t*, perde essa inicial

taku' (*b*)	calor	*a boaku*
tasa' (*b*)	Lista, cousa atravessada	*a bosa'*
tasɨ	molestia	*a boasɨ*
ta'ibu'	cheiro de vinho	*a boaibu'*
tãgẽ	pressa	*a mõãgẽ*

Exceptuam-se :

taɨ	picante	*a mõtaɨ*
taɨbaɨ	fervor	*a botaɨbaɨ*
tũmũ	saccudir	*a mõtũmũ*

tuɨ estravasamento *a botuɨ, mõđuɨ*
tikɨ gotta, pingo *a mõdikɨ*
tirɨrɨ arrastro *a mõdirɨrɨ*

RESUMO

Chamando *R* o vocabulo que desempenhando funcção verbal vae ser conjugado, e correspondendo ao Presente do Indicativo, teremos:

(1) Limpar.
(2) Apertar.

R + *ca* *R* + *vaę'*	*Preterito imperfeito*
R + *ma*	*Preterito perfeito*
R + *ne*	*Futuro*
R + *ta*	*Futuro proximo*
R + *vaę rã*	*Futuro*
R + *ramõ*	*Preterito do subjunctivo*
R + *ramõ*	*Infinito do subjunctivo*
R + *vaę' Kuę'*	*Preterito composto* em portugues, *mais que perfeito, condicional*

Taes são os tempos e modos que, pensamos, podem ser classificados attendendo á indole da lingua portuguêsa.

POSPOSIÇÃO

222 — Em guaraní não ha preposições e sim posposições, não se dando concordancia perfeita com a lingua portuguêsa.

As principaes posposições são:

223 — *Gui* — de (lugar de origem.) *Xẹ roga gui a gu* — venho de casa; *mõbîrî gui aguahé* — chego de longe
— de (origem). *A i pîhî đẹ heguí'* — recebo de ti
— de (exterior). *Xẹ róga guí a ikó* — ando fóra de casa
— sem (exclusão). *A karú đẹ heguí* — como sem ti
— por (causa) *Đẹ ro haihú gui a gu đe rẹxá* — vim ver te por amar-te (como te amo, vim ver)

Hasî gui no manõi — não morreu por molestia
Nẽguahîi gui o manõ — morreu de fome

224 — *Pẹ* — até. *A guegĩ hẽda' pẹ* — desci até onde elle estava;
— em *Xẹ pîa' pe reikẹ'* — móras em meu coração
— para (direcção) *A ha rẹpe* — vou para casa
— com (instrumento) *Xẹ pópe a nohẽ* tirei com minhas mãos

225 — *kotî gotĩ* — até. *Ivĩ kotĩ* — até o chão; *aẹ kotî Kotĩ* até onde estou; *a mõ gotî kotî* — até lá.

226 — *Rẹ vẹ* — até que.

Xẹ t'a ha a biapó'
A pîtuu' eta' pẹ vẹ
E eu que va trabalhar
Até que anoiteça.

227 — *Rupí'* — por, pelo. *Ivĩ rupi* — pelo chão; *tguatẹ' rupi' o ha sa'* — passou por cima; *pẹ nẽẽ rupi' o karú* pasta na campina.

— conforme — *Xẹ ru o ipotá rupí o ikẹ'*
— anda como meu pae quer (conforme...)
— com — *Gahá xẹ rupe'* — vamos commigo

SciELO

228 — *Vẹ* — desde. *Xẹ rọ'ga ve a hexá*

Pensamos que seja *gui*.

229 — *Asosẹ'*, *ahosẹ'*, *sosẹ'* — sobre *Xẹ asosẹ'* — sobre mim.

230 — *Eîboè*, *ʀanõdẹ'* — ante, na frente *O họ ʀanõde* - foi ante nós, antes de nós.

231 — *I* — em. Só quando junto a certas partes do corpo.

Xẹ Kua'i — em minha cintura; *xẹ atua' i* — em minha frente; *xẹ pîxa' i* — em meu calcanhar; *xẹ ãbii* — a meu lado, em minha ilharga; *xẹ apii* — na minha ponta; *xẹ aguri* — em meu pescoço; *xẹ asẹ'i* — em minhas costas; *xẹ rova' i* — na minha frente, face á face; Com outros vocabulos, em pequeno numero, tem o mesmo sentido.
Gapiterí — no meio delle; *î guiri* — em baixo (pensamos que seja má phonetica de *iviri*;) *a bɔîpiri* — no outro lado; *xẹ resẹ'i* — na minha frente.

232 — *Koromõ*, *haẹ rirẹ'*, *pogẹ'*, *Kuriẹ'* — após.

233 — *Pipe* — com. *Xẹ põ pîpe* — com minha mão — em. *Itá pîpe* — na pedra; *xẹ ára pîpe* — no dia de meu anniversario.

234 — *Pire* — com. *Xẹ pîre o u* — veio commigo.

235 — *Rirẹ'* — após *O manõ rirẹ a ha ne* — após sua morte irei.

236 — *Hãgũã* — para *O gerurẹ' o pîtá hãgũã* pediu para ficar

237 — *Divẹ'* — com *Oho xẹ divẹ* — foi commigo *o họ xe diẹ'*.

238 — Vamos tomar alguns exemplos para mostrar que na maioria dos casos a traducção influe na funcção do vocabulo

O ge purahei vãrã — para ser cantado, que será cantado.

Ha o purahei nẽboè'
Imẽbi vo Tupa' si
E cantando rezava
Para o menino Jesus (Oc. Poty)

Xẹ roga mi me o guahẽ — chegou a minha casa

239 — Em muitos casos é difficil saber se se trata de uma posposição ou adverbio, pois o sentido presta-se a dubiedade.

ADVERBIOS

240 — Approximaremos tanto quanto possivel o sentido do vocabulo em guaraní, com o em português.

TEMPO

241 — *Ara kaë' ?* — quando?, em que tempo?, em que dia? Sem a fórma interrogativa significa *nunca, para sempre, antigamente*. Acceita como modalidade *arakaë' pāga ?* — até quando? *arakaë' vẹ pāga ?* desde quando?; *arakaë' pẹ vẹ ?* até quando? Exemplos:

Arakaë' pikọ' rẹ họ ne ? — quando irás?
Arakaë' pẹ vẹ rẹ pĩta'ta ? — até quando ficarás?
Arakaë' vẹ re mẽda' ? — desde quando te casaste?

242 — *Aranabõ, aragabí, aranabiã, aramemẽ* — diariamente

243 — *Arirẹ'ne* mais tarde *De resarái arirene xẹ hegui* — mais tarde esquecerte ás de mim.

244 — *Arĩbaë', karãbôë', ĩmã, ĩmà, ĩmãna* — outr'ora, antigamente.

Ĩma' o meẽ vaẹ' kuẹ — que dera outr'ora
Arĩbaé o manõ — morreu outr'ora.

245 - *Asagẹ' guivẹ' pĩtũ me* — tempo decorrido entre meio dia e Ave Maria

246 — *Āguivẹ, Kurĩ' guivẹ'* — desde agora

Āguí vẹ o pĩta' ne — ficará desde agora.

247 — *Ādaúbi', amõnamõ* — nunca

Ādaubĩ đa' ha'ixẹ ne — nunca irei
Amõnamõ xẹ retãguẹ rexa' kã ruguí'ai jamais voltarei á minha terra

248 — Com o substantivo *ara* formam-se verdadeiras locuções adverbiaes de tempo, como: *a'ra o ga* — o romper do dia; *ara koẽmãmõ* — ao amanhecer — *(a ra Koẽ ra-*

mõ?); *a'ra ꞩo pãu pãu* — dias alternados; *a'ra pãu* — intervallo de tempo; *a'ra haguĩ rupĩ* - dia e meio; *kọ a'ra pĩpe* — hoje.

249 — *Gepẹ'* — sempre, embora.
Gepẹ' o meẽ — sempre dá

250 — *Gepi' gepi'* — sempre. Entra na composição de outros vocabulos, como *gepi'gua'ra* — perpetuo; *gepi' guaramã* — o que deve ser eterno.

251 — *ỉma'* — v. 244.

252 — *ỉma'ni, ỉmãdi* — ja, agora, neste instante.
Tẹ, re họ, ỉma'ni — vae ja.

253 — *Koỉte*, como o anterior
Ɖa ha sei koỉte ne (?) — ja não irei

254 — *Koỉre?* — só agora? E' usado sempre na fórma interrogativa
Koỉre re gu? — só agora é que vens?

255 — *Koẽ mitã* (*g*) *o puka'* — romper da manhã

256 — *Koẽ ramõ, k. mamõ* — pela madrugada.
Koẽ ramõ o kỉ — choveu pela madrugada.

257 — *Koẽ ramõ vẹ, a koĩramõ vẹ* — desde então

258 — *Koã, Koãga* — agora. Couto de Magalhães da *cuhỉre, ruhỉre tenhẽ* e Th. Sampaio da *Kury*

259 — *Kuẹhẹ'* — passado indeterminado. Entra na composição de *Kuehetẽ* — hontem; (*Kueeẹ'* de C. de Magalhães e *Kisé* de Th. Sampaio); *K. Katú* — faz muito tempo; *K. ĩ, pĩrĩ, serĩ, Katuĩ* — pouco tempo (4 dias no maximo); *K. tetĩ renõdẹ'* antes de hontem (*amu Kueeẹ'* de C. de Magalhães, *amo kisé* de Th. Sampaio); *K. tetĩ renõdẹ' pĩtunãmõ* — antes de hontem a noite; *K. tetĩ vẹ* — desde hontem.

260 — *Kaaru' ramõ* — á tarde

261 — *Koẽ ãbuẹ' ramõ* — depois d'amanhã

262 — *Manãmõ?* quando? Antecede o verbo o seu uso differe do de *arakae'?* C de Magalhães dá *mairamé?* e Th. Sampaio grapha *mairaré? mbaé-ramé?*

263 — *Pĩharẹ' vẹ* — ao anoitecer; *pĩharẹ' ramõ.*

264 — *Pĩharẹ' guirẹ' koẽ me* — de meia noite ao amanhecer.

265 — *Otrã* — significa tempo futuro e entra na composição de *otrãdẹ koẽramõ* — amanhã pela manhã; *otrã õtrã eteĩ* — diariamente

266 — *Pabetĩme, apĩretĩme* — eternamente

267 — *Rirẹ, rĩrẽ* — depois que *Xẹ họ rirẹ* — depois que eu va.

SciELO

268 — *Tekenọ'* — ja *Eru' tekenọ'* — traga ja

269 — *Tɨp* — ja *Aha tɨp* — vou ja

270 — *Teĩ teĩ* — sempre

271 — *Tapia'ri, tapia'* — sempre

272 — *Vaẹ' Kuẹ'* — no tempo em que *Ne mita (g) ramõ vaẹ' Kuẹ'* = no tempo em que eras creança.

LUGAR

273 — *Akoĩ pẹ vẹ* = desde alli.

274 — *Amõ* = la, longe; *Amõ xẹ retã me* = la em minha terra.

275 — *Amõ goti gui* = de la.

276 — *A'pe nõte, a'pe vẹ* = até aqui; *a'pe* = aqui. *Ga pĩtɨ' ne a'pe* = fiearemos aqui.

277 — *Aguɨ* = perto.

278 — *A'ripe* = por cima. *E moĩ xe rõga a'ri pe* = ponha por cima de minha casa.

279 — *Apɨtẹ' pe* = ao lado. Couto de Magalhães dá *ruake*.

280 — *Ẽguɨ rupi'* = por ahi.

281 — *Ebapó'* = la. *Ebapo' a ha* = vou la.

282 — *Ebokoi* = la

283 — *Eupẹ'pe nõte* = até ahi (só até ahi).

284 — *Guẽda' guevo* = de ca para la

285 — *Guɨpe* = abaixo, em baixo, por baixo *Ita guɨpe* = debaixo da pedra. Theodoro Sampaio dá *uerpe*.

286 — *Ĩguatẹ' pe* = em cima. *Ĩguatẹ' re o ɨ* = está em cima.

287 — *Ĩpɨ, ɨpɨpe* = perto. *Xẹ ɨpɨ pe o g̃uka'* = matou perto de mim.

288 — *Ĩguɨri* = por baixo (*ɨvɨri?*).

289 — *Ĩpɨpevo* = por dentro.

290 — *Garãmõ* = por cima.

291 — *Kó'rupi* = por aqui.

292 — *Kuĩ rupi* = por la.

293 — *Koa' pe* = aqui Th. Sampaio dá *ikẹ'*. *Koà' pe o manõ ba* (*manõpa*) = aqui morreram todos.

294 — *Kieẹ' gui* = de ca. *Kiẹ' gui vẹ.*

295 — *Kiẹ' gui vẹ ɣe'ɣe* = d'aqui até alli.

296 — *Kokotĩ* = até aqui, v. 301.

297 — *Kuî* = la. Usa-se *ku. . î*, para mostrar que é muito distante. *Ku... î xę retã me* = muito longe é minha patria Usa-se tambem *Kuî.... pe, kuî pę vę.*

298 — *Ku pe* = longe. *Kupe'pe* = atraz na rectagnarda.

299 — *Kõ'* = perto, proximo. Repetindo, significa quasi = *Kõi tãva rĩnĩ* = perto está minha aldeia. *Kõi kõi a á* = quasi caio.

300 — *Kotĩpe* = dentro, no interior. *O ikọ' kotĩ pe* = está la dentro, anda no interior

301 — *Kokotĩ* (295) Fórma *Kokotĩ kotĩ gua'ra* que significa patricio, compatriota etc.

302 — *Kiẹ, kuẹ pepe* = aqui e alli, cá e lá.

303 — *Mã mõgotĩ rupi pa?* por onde?

304 — *Mãmõ? mãmõ pa? maõ?* = onde? C. de Magalhães dá *mamé?*

Mãmõ pa o họ ne o pĩta' hãgua? onde irá ficar para reposar.

O vocabulo *mamõ, mãmõ,* forma:

Mamọ vę pãga? = onde mais?
Mamõ ę = noutra parte.
Mamõ gui? = de onde?
Mamõ ñeĩbõ gui = de todas as partes.
Mamõ pãvẽ = em todo lugar.
Mamõ pe pãga'? = até onde?

305 — *Mõbĩrĩ* = longe. Usa-se *mõbĩrĩ.... î.*

306 — *Bĩtė pe, pĩtę' pe* = no meio.

Amõ ka'a' gui bĩtę' pe gaguarętę' o ñeẽ
Do seio da floresta urra a onça.

307 — *Ñẽbĩ pe* = abaixo *Ka' á ñẽbĩpe ñẽbĩ pe*) = coxilha abaixo.

308 — *Oĩkuę'vo* = de lado, de través. *Oĩkuę'vo a kę* = durmo de lado. E' o mesmo que *kagẽ*

309 — *Pę* = lá, lugar visivel. E' o contrario de *kuî.*

Fórma:

pepe = ao longe	*pepe o moĩ*
pegui = de longe	*pegua o u*
pepe vę ñõte = até la.	

310 — *Tova' kę* = em frente, na presença, frente a frente.

E' tambem adverbio de modo. Muda a inicial de *tova* (cara) para *r, h,* e é tambem usado na fórma *tova'ĩ.*

311 — *Tukupẽ'pẹ* = atrás, na rectaguarda. Muda a inicial.

312 — *Takĩkueri* = atrás, na rectaguarda. Muda a inicial

313 — *Penõđe pe* = na frente.

314 — *Ukũi* = la. Usa-se tambem *ukũ*.

315 — *Upẹ' rupẽ'* = por ahi.

Upẽ' rupu' o guata' o ikõ' = anda por ahi.

NEGAÇÃO, AFFIRMAÇÃO, DUVIDA

316 — *Agetẹ' katu'*, *anetẹ katu'* = sim, certamente com certeza.

317 — *Aha'niri* = não. Usado com resposta e nas formas interrogativas é: *ahaniri pakõ'? a. tepẽ?*
Nunca vem antes do verbo.

318 — *Ããđeteĩ* = não, de maneira alguma. *Ããđeleĩ đa xẹ hõ se'iri* = não quero ir de modo algum.

319 — *Aã nĩ* = não. Fórma *aãmi xẹne* = não será assim.

320 — *Atá* = E' o verbo faltar e com o significado não chegar.
Xẹ põ ata' hesẹ' = não alcanço com minhas mãos.

321 — *Anivẹ'*, *aní*, *anĩ* = não.

Anivẹ' đe resara'i xe hegui'
Não te esqueças de mim.

322 — *Anetẹ'?* = E' real? é verdade? ha certeza?
Anete' pikõ' re hõ ne? E' certo que irás?

323 — *Agẹ pakõ'* = affirmação.
Agẹ' pakõ' xẹ rõ haihu' = amo-o sem duvida.

324 — *Agete'bĩbĩ* = talvez, póde ser.
Agetẹ'bĩbĩ oirãdẹ' o kĩ = talvez chova amanhã.

325 — *Ãdaukĩ'ri* = de maneira alguma.
Ãdaukĩre a gapõ' = não faço sob pretexto algum.

326 — *Ãdaubi* = Como o anterior. Exige a negativa *đa*.
Ãdaubi' đ'a gapẹ'i = não faço mal de modo algum.

327 — *E'me*, *ime* = não.
Eguata' ime = não ande.

328 — *Herã* = talvez
A hã herã ne = talvez va (irei).

SciELO

329 — *Hēē* = sim. Usado só por mulheres e póde significar « é bem feito ».

Hēē i nupā haguę'ra = é bem feito que te castiguem.

Corresponde a *hēēke rarè'* = dito só por mulheres e *hēēke ria'* = dito por ambos os sexos.

330 — *Hetɨ pe* = em vão.

Hetɨpe (*hetɨpe*) *đ'a pɨtai xe ne* — é em vão, não ficarei.

331 — *Katu'* = affirmação.

332 — *Nā, nāga', ne, ni, niā, nakó'* = confirmação.

333 — *Ne-ĭ* = sim. Em resposta.

334 — *Pɨ* — affirmação. Dado por Montoya 281/275, mas acreditamos que seja modificação, uma fórma contracta de *amōpɨ*, pois toma como exemplos:

Ahà amōpɨ, aypó ndaeyeé amōpĭ.

335 — *Rūā, rūg̃uā, rūg̃uāi* = negação, interrogação. Para ser negação exige *đa* antecedendo o verbo.

Đ'a haihui rūg̃uāi = absolutamente não amo.

336 — *Ta* = sim. Dito só por homens e corresponde a *hēē* dito só por mulheres.

337 — *Tovę'* — Usado em estylo mais intimo e significa « deixe disso, não vale a pena ».

338 — *Đa* = não. Anteposto aos verbos; é usado na fórma *na, đ'*.

Đ'aikuai = não sei; ignoro.

339 — *Ti, tiɨ* = não. Usado só em resposta e sem o verbo.

Re Karù pa?	*Ti* (*tiɨ*)
Comeste?	Não.

340 — Dissemos que o guarani formava negações de varios modos e vamos tomar algumas phrases, verdadeiros guarinismos:

Ataĭ aè' = não concordar com o que fôra combinado.

Nā ēguɨ ɲabē rūg̃ua'i konā = assim não.

Na nārāguāi rūguāi; na apirui' rūg̃uāi = não como quer.

Đei pāga'? Não basta? *đ'a hexa'i kui' a'vi* = não enxergo bem; *teĭ teĭ emę'* = não se incommode; *na ebokói rāmĭ rūg̃uāi,* = *na emonā nūga' rūg̃uāi* = dessa maneira não; *n'ore' ɲomō ɲeƀoire'* = *đ'oro g̃o poeg̃a'ri* = *đ'oro g̃o a g̃i o g̃ougui'* = ficarem juntos, não se separar uns dos outros; *ag̃ę' pa?* = não é real? *na moā ruāni* = não estou satisfeito com elle; *no ƀopóri* = *no ƀoag̃ei* = não o cumpre; *na houaitīmɨ* = não o encontrei; *đa ero g̃ai* = *đ'a haubie* = não por isso; *anii xęra* = *đ'a ei ou'xe* = não querer; *a g̃eapia' i xugui'* = não quero encontral-o; *na hovai xa rūg̃ɨ*

xẹ rẹ rekọ' aivo = não vingar-se, perdoar as offensas; *xẹ rūǥuái pei ƀaė nūga'ri* = não satisfazer-se; *xẹ pó e nĭ óga* = não tirar tudo que houver; não esvasiar; *marā nipó'* = não sei como; *mā rupi hērā* = não sei por onde; *ƀee' ramō nipó'* = não sei porque; *arakaė' hērā* = não sei quando; *ƀovī nipó' hepī* = não sei quanto custa; *marā hērā xẹ rekọ' nīne* = não sei que será de mim; *mavae hērā* = *ava' hērā* = não sei quem és; *a ha hērā nipó' ne* = não sei se va ou não; *anixéne* (*ani xe ne*), = *a đisene* = não será assim; = *anixe' ve'ne* = *ādisẹ' kɔīte apī reĭ me'ne* = nunca será assim; *ābe* = *āberāgė* = espere, não va; *đo ǥa guerekove'i* = os amigos já não se estimam; etc.

341 — A dubitativa «talvez» póde ser obtida com uma construcção particular, como *i katu're hēdu'se* = talvez, queiras ouvir. Parece que todas as construcções citadas (340) são verdadeiros guaranismos.

QUANTIDADE

Os principaes adverbios são:

342 — *Eta', heta', etẹ', heta' terei'* = muito.

Xẹ rẹta' = disponho de muita gente.
a ƀo eta' = multiplicar (fazer muitos).

343 — *Hērā, nāĭ, rāugẹ'* = pouco.

344 — *Kī, nāgā, nūgarĭ* (pouco. Quasi

345 — *Piru(b), mōāgi, ǥai've, serī* (desusados

346 — *Mĭrĭ, mĭrĭ, mĭxĭ.* E' corrente *mĭxĭ mi.*

347 — *Ƀeguẹ' ƀeguẹ'* = pouco a pouco.

348 — *Konō konōi rāgē* = falta pouco.

349 — *Mīrī ve* = pouco mais.

350 — *Kurītei* = pouco tempo.

351 — *Vẹ vei'* = mais. Entra na formação dos comparativos.

352 — *Konōi* = só, mais nada.

353 — *Konōi* = só isto e mais nada.

354 — *Katu'* = mais. Usado só após o verbo.

Xẹ arekó' katu' i xugui' = tenho mais que elle.

Th. Sampaio dá *neteēpe* = muito, bastante; *amoire'* = mais; *chinga* menos; *rete'* de mais.

355 — *Ḡevī' ǥevi'* = muitas vezes.

MODO, ETC.

356 — *Aõevɨ* = rapidamente; *apɨreẽ hapi* = infinitamente; *aguigetei' hape* = commodamente; *ai* (*b*), *ava'ete'*, *aivɨ*, *poxɨ* = mal, erroneamente; *aroîrẽ* = finalmente; *arua'i* = atôa, sem valor; *amõ amõ mẽ* = interpoladamente; *Kuriteî hape* = *o vera' vote* = brevemente; *karakatu' hape* = cautelosamente; *katuî* = moderadamente; *kuapa'pi kuapa'pi pe* = vagarosamente; *kurɨ* = rapidamente; *korapi'xa* = semelhantemente; *koramõ* = deste modo, tanto como; *kukueravẹ'* = outro tanto; *konũga'* = desta maneira (mostrando com a mão); *kori'* = por isso; *sɨi katu' hape* = airosamente; *sesɨi hape*, *kuriteî* = rapidamente; *serî* = quasi, prestes a....

357 — *Ẽeaheitape* = arrebatadamente; *ge apîsaka' hape* = attentamente; *gerovia' hape* = finalmente; *gãvẽ* = assim como.

358 — *Teî* = continuamente; *tɨzɨ me* = atrevidamente; *teî ɨpe* = publicamente; *tesábi hape* = instantaneamente.

359 — *Naẽtei' hape* = demasiadamente; *nãbɨî* = finalmente; *nõ teî hape* = vagarosamente; *nõ*, *nõte* = só; *nãvẽ* = assim como.

360 — *Hexáká pe* = publicamente; *haî'me*, *haî'metẹ'* = quasi, prestes á....; *hupi' katu' hape* = fielmente.

361 — *Iruî hape* = astutamente; *i pokã pokã* = alternativamente.

362 — *Boro poɨ ha veî me* = atrevidamente; *biarî* = repentinamente; *ẽae'xa? ẽae'xa pa?* = de que maneira?

363 — *Rõbɨ* = finalmente; *roɨ hape* = friamente; *rɨrẽ rire'* = posteriormente; *rei'* = atôa, sem occupação.

364 — *Mãrãẽape* = furiosamente; *mãrãgatu' hape* honradamente; *mãte'* = só, isoladamente; *mẽguã* = sem valor.

365 — *Paũ paũ* = alternadamente; *peixa*, *upeixa* = assim, desta maneira.

366 — *Overa' bõte hape* = instantaneamente; *o goũr rirẹ'*, *o gopɨrivẹ* = juntamente.

367 — *Guirî* = quasi, prestes a.

368 — *Upe'varî'* = por isso; *upe'guivẹ'* = posteriormente.

369 — *Nã; emõnã* = deste modo.

370 — *Vivɨ* = quasi, a ponto de (Montoya grapha *bĭbĭ*).

Exemplos:

A ha bia'iri = vou repentinamente; *haimetę' xę tarova* = quasi fico louco; *katuî o titi* = pingou paulatinamente; *upe'rari xę rori* = alegrei-me por isso; *korî a ikọ'* = ando apressadamente; *xę rãgue gui hovo* = vou com pressa; *a puka' ne upe'gui ve de reę'* = depois rir-me ei de ti; *koramî xę raihu* = estima-me a tal ponto que...; *konũga' te re gapọ'* = faz como te mostro; *rõbi xę rębiapó' a mõba* = *arõ rẽ vę rẽb'apó' i pabi koite* = finalmente acabei meu trabalho; *nãbĩi pe ere gu xę ratĩ óga* = envergonhado só agora vens ver-me; *nãbĩi a ha pota'* = agora quero ir, pois ha muito que vou; *nãbĩi a hẽdu'* = é a primeira vez que ouço (nunca tinha ouvido); *nãbĩi d'o gapọ' potari* = fez até agora e não quer fazer mais (1); *o ɲeẽ vai'* = fala mal; *o ɲeẽ katú* = *o ɲeẽ gatú* = fala bem; *o họ a o mõgeta' rei'* = foi e falou atôa.

Peixa hei' vo xu pę
O ɲeẽ gaheó' mi
Nei mãẽ mitã
He i geni .. ha o vevę'
Assim dizendo-lhe
Falava por entre lagrimas
Pois bem meu filho
Disse outra vez e.. desappareceu (Oc. Pot.)

baę'xa pa re gu? = como vieste?; *bae' pikọ' re ru?* = que trazes?; *bae'xa pa reikọ'?* = como estás?

O vocabulo *baę'xa baeixa* perde o som nasal e é muito commum *mae'xa, maeixa*, com em *maexa itę' pa o puã?* deste modo levantou-se.

Por estes poucos exemplos ve se como o *ova'ɲeẽ* é rico em adverbios e como em muitos casos é difficil classifical-os.

INTERROGATIVOS

371 — Ja demos alguns nos adverbios de modo e vamos considerar particularmente as varias maneiras de dizer «como? de que modo?»

Mãrãe pãga? = como é possivel?; *mãrã etei' peẽ re ikọ'?* = como estão?; *mãrã pakọ'raę'?* = *mãrã mĩga' raę'* como foi?; *de anõ moî gapó' vo raę'?* = como poderás fazel-o sozinho?; *aguĩge rã boi* = como queira; *heko'oi nà vẽvẽ a*

(1) Vê-se que o vocabulo *nãbĩi* presta-se a verdadeiros guaraniismos.

ipota' = quero de qualquer maneira, não receio as consequencias; *đe i ǥapọ' ɲā vēvēi aguiǥtei'* = *đe mārā i ǥapọ' voi' aguiǥetei'* = está bem de qualquer modo que o faças; *kopa', kopẹ'?* = como?; *kopa' ebapò' kuebẹ' đi ve raẹ'?* = como se foi hontem por lá?

DESIGNATIVOS

372 — *Xa nikò'* = eis; *Xa nikò' xẹ* = eis-me aqui.

Xapakò' Xapikò', Xapirò' = eis.

CONJUNCÇÃO

O numero de conjuncções ou vocabulos que podem desempenhar essa funcção é muito grande, mas muitas vezes confuudem-se com os adverbios, questão de traducção.

Ha, hae = e. *Ha o manō i maēduavo* = morreu ao lembrar-se.

Avẹ' vẹ' avei', aveɲō, avenō = tambem. *A puka' xẹ' avei* = rio-me tambem; *xė āgau' ramō a ǥaheò' avei'* = quando tenho saudades, choro tambem.

Koterā konipò', kotenipò' = ou. *Đe koterā ābuaẹ'* = tu ou outro; *a ha nipò' xẹ, kotenipò' đe* = irei eu ou irás tú.

Aubẹ' = nem; *Xẹ ɲɨpɨrū aubė' tamō* = nem começaste.

Eɨbẹ' = embora. *Ta ǥa'apɨ teɨ toa' eɨbe' ƀaẹ' amō xẹ ra'a' pe* = quero fazer fogo, embora nada tenha que cosinhar.

Ǥepẹ' = embora. *To pota' reɨ mo ǥepẹ' a ru* = trago embora não o queiras; *ko rupi' ǥepẹ' o họ ramō o guahē kuritēɨ me* = embora vá por aqui, chegará rapidamente.

To, etẹ', aetẹ' (Montoya ainda cita *bia, biñā', bi'te*) = porém. *Xẹ aetẹ'* = porém eu.

Mārā? maērā? maērāpa? (*maēra pa*) = para que? porque? *Mārā pikọ' xẹ renōi?* = para que me chamou?

E ǥo mɨ raē
Mārā pikọ'?
Eǥo mɨ te na
A ǥuma nikọ'

A rōirẹ', rōirẹ' = finalmente, comtudo; *Arōirẹ' o u* = comtudo veiu.

Aɲēvē = comtudo = *aɲēbē*. *Aɲēvē đ'a ga poi* = comtudo não fiz.

Hau'bẹ' (*hauvẹ'*), *haubei* = apesar, comtudo.

Đaroǥaĩ = comtudo isso, não por isso, ao menos, apesar disso. *A ǥerurẹ' po pará ǥepẹ' hae đaeroǥai i mẽẽgĩ* = não m'o deu apesar de pedir muito.

Haerãmõ, rãmõ = logo, portanto, ergo. *Haerãmõ a ǥerurẹ' xu pẹ'* = portanto pedi a elle. *Haerãmõ pe đe ǥapu' reẽ'?* = ergo, mentias? *Haerãmõi* = por isso *Ǥaugua'retẹ' heta' guiẹ' haerãmoi a ǥu* = vim porque ha muitos tigres.

Aǥevẹ' = porque *Aǥevẹ' đe raihu' raẹ,* = porque te ama.

Kori', korehẹ' = por isso. *Korẽ a ǥu* = vim por isso.

Ǥa (b), ǥãvẽ ǥãbẽ = como. *Xẹ amota' reĩ ramõ ɲavẽvẽ* = como se fosse seu inimigo.

Herã = porventura quiçá, talvez. *A ha herã ne* = talvez va. *Đe rexa' vo herã ramõ te re ɲemi* = esconde-te se porventura elle te vir.

Aube, guɨteri (*Bi'teri* de Montoya). *O kẹ guiteri'* = dorme ainda.

Kọbe = todavia, embora.

Eĩme = por isso porque. *Xẹ mõ mõrãdu' eĩme đ'a ǥui'ri* = não vim porque não me lembraram.

Ƀaeri ? = *ƀaẹ'gui ?* = porque.

Ƀaẹ'gui pa na manõĩ ?
Ƀaẹ're pikọ' arakaẹ'
Ko ɨvɨ ari ro ǥuhu'
Ha a ǥu ãga' ro haihu?
Porque não morri?
Porque outrora
Neste mundo te encontrei.
Para apaixonar-me? O cara Poty

372 — Quasi todas as conjuncções da lingua portugueza são obtidas mediante phrases e pelos exemplos dados confundem-se, em muitos casos, os adverbios com as conjuncções dependendo do traductor.

INTERJEIÇÕES

373 — Ha uma exquisitice nas interjeições do guarani, pois nem todas podem ser ditas por ambos os sexos. O n. de interjeições é muito grande, talvez por ser uma lingua primitiva, ficando as orações reduzidas ao minimo, a um vacabulo

As principaes ditas só por homens, são:

Tu = admiração em geral.

Tou, etikuẹ'ra = admiração só para cousas grandes, fóra do commum; cautela.

Tot'i, tu hari = desprezo.
Ata'i, atatai = pesar ou elogio.
Ai = dôr
Ti = desdem.
Atitii atãi = bello.
Ditas só por mu'heres:
Akai' = pesar.
Akui, aki = dôr, queixume.
Eumaẽ' euakõi maẽ' = compaixão.
Igua' = admiração em geral.
Hea', ea', ẽaurarẽ' = desdem.
Heai, eãi = precaução.
Oõebe eũ = fica quieto.
Kũi niãi = olá! (de mulher para mulher)
Reĩ = olá! (de mulher para homem).
He aẽ = belleza.
Hẽ aúna = alegria.
Maẽ' = dôr.

Ditas por ambos os sexos:

A *cuxẽ'* = duvida = *Kõete.*
Nãmõmei = recordação de um passado feliz.
To (g) = apreciando
Harite' = por vêr cousas pequenas = *iraãã.*
Xake = cautela.
Kuruitẽ = avante! Péga! = *eneĩ.*
Tãmõ; tãmõmã; koko au' autãmõ; teteau; acté aú = oxalá,
Xe... e.. usado em todos casos.
Titi = triste a.
Eneĩ raũ = rogando.
Tuku' = admiração.
Tapa' = enfado.
Au' (b) = de quem está causando o respiro forte.

Uma outra esquisitice, que talvez não existe noutra lingua, pelo menos naquellas cujas grammaticas possuimos é dada com a interjeição *amiri* que significa «dôr» relativamente ao que sentimos por um ente que morreu. Segundo Du Graty (Hist. de la Rep. del Paraguay pg. 196), só ás mulheres é permittido dizer *amiri akai'*, pois a 2.ª interjeição não pode ser dita por homem.

METAPLASMAS

374 — O estudo dos metaplasmas é, sem duvida alguma, uma das partes mais difficeis do guarani, pela difficuldade que ha, em muitos casos, em saber qual o vocabulo modificado, qual sua verdadeira graphia. Assim, por exemplo,

discordamos de Tastevin quando affirma que ĭ é abreviação de *ĭga* e justifica tomando *ĭgara ĭgacuráa* etc. Pensamos que ĭ seja, agua, liquido, vocabulo primitivo e *ĭgara* = ĭ + gara (*ḡara*), pois não é admissivel que o homem primitivo tivesse um vocabulo para indicar embarcação, sem ter o que indicasse agua, elemento necessario a vida Acreditamos que primitivamente fosse *ĭ g*), mais que guttural.

Assim pensamos porque temos *ĭ* = liquido, *ităá*, *ĭvĭ* (pedra, terra) = solido; *ĭvaga* (céo, firmamento) = espaço ar = *ĭvĭtu'* etc. sendo a agua o elemento principal, uma raiz.

375 — Não basta applicar uma figura para ter um metaplasma; é preciso, que o vocabulo modificado seja de facto usado, quer na linguagem erudita, quer do povo.

Sem duvida não poderiamos affirmar que no guarani ha a linguagem erudita embora seja falado por varios eruditos, mas ha «o falar geral» e o «falar intimo».

376 — Camões, por exemplo, abusou de *Mavorte* em vez de *Mar e*, *imi'go* em vez de *inimigo*, mas as modificações feitas foram constantes e não encontramos *Mavor*, *Mate*, *iigo* etc., e que redunda em dizer que ter um metaplasma, não é modificar o vocabulo á vontade e de todas as maneiras possiveis; é necessario que taes sejam correntes e acceitas.

Em muitos casos, não são os mestres da lingua que a modificam e sim o povo em sua giria e isto vem enriquecer o lexico.

Infelizmente ha uma verdadeira mania de affirmar que no guarani, os selvicolas comam, enguliam lettras finaes, sem que se possa provar se elles comiam, ou eram os do N. que accrescentavam.

377 — E' commum entre portuguêses não bem educados, a pronuncia *amare*, aliás vocabulo de origem, mas nós brasileiros dizemos e os diccionarios consignam *amar* e concluimos: *Os individuos bem educados que falam a lingua portuguesa tem por habito comer a ultima lettra!!!*

ANTITHESE

378 — Mudan a de lettra inicial Não acceitaremos as denominações «absoluto, relativo» de Montoya e autores outros. Como a dissemos, ignoramos a razão de a letra T ter em guarani uma importancia capital para os taes «absolutos», como nol-o mostram os autores, tomando uma centena de vocabulos com essa inicial e variando para *r*, *h*, *gu*, etc., como ja foi visto, especialmente quando pospostos *a*, *xę*, *de*.

SciELO

379 — Assim os mestres ensinam que «olho» é *tesá*, *teçá*, no emtanto Montoya que é o mestre, dá assim, mas na pag. 374/368 diz que «no absoluto» é *ça* e Bertoni affirma que é *esá* Acreditamos que a maioria dos vocabulos que se tem graphado com *t* inicial, mudando-o, de facto não tenham e como tal não haja troca. Apparece *t*, *r*, *h*, etc por uma questão euphonica que nos escapa, pela mesma razão que em portuguêS não explicamos o uso de *mon*, *ton*, *son* antes de vocabulos iniciados por vogal ou h mudo, embora seja regra em francês, e muito menos explicaremos a pronuncia do c em *second* etc etc.

380 — Pensamos que deva ser

Esa	*xẹ r'esa*	*đe r'esá*	*he'sá*	ou
sa	*xẹ r'esá*	*đe r'esá*	*he'sá*	

Achamos alguma analogia com o alphabeto arabe, pois é sabido que cada letra apresenta typos differentes, em geral, conforme é isolada, inicial, media ou final. Assim o vocabulo isolado, substantivo, tem a inicial *t*, por um capricho proprio da lingua e que nos escapa, não sendo constante, pois não ha *tó*, *tó* (*g*) *tóga*, havendo no emtanto *óga xẹ rógа hóga*, confirmando talvez nossa supposição.

380 — Ha muitos outros vocabulos que não são substantivos e soffrem taes modificações, como *tenõđe renõđẹ' henõđe* (*te nõđẹ*, *re nõđẹ'*)

Por isso não consideramos antithese essa troca, pois achamos que seja antes uma Prothese

381 — Quanto ás particulas *bõ*, *mõ* que em geral mudam certas iniciaes dos verbos, formarão antithese, suppondo-as desligadas, como *a mõ đuru'* em vez de *mõ suru'*, mas em geral são ligados e a mudança não é para *ud*, pois consideramos *đ* como lettra.

382 — E' corrente que os vocabulos começados por *K* (*c* de alguns autores), troquem essa inicial por *g* se o vocabulo anterior termina em som nasal, como *ꞑeẽ* + *katu'* = *ꞑeẽga:u'*

383 — A troca de lettras é permittida em todas as linguas, e é o pino de discussão entre vocabulari-tas ou autores de grammatica, para affirmar que os selvicolas pronunciavam errado, porque trocavam lettras, esquecendo-se de que ao lado de *ouro*, ha *auri-verde* e que o affixo *in* modica a final, talvez em todos as lingas em que serve de prefixo.

SciELO

APHE'RESE

384 — Como em muitas outras, se não em todas as linguas, ha quéda de lettra ou syllaba inicial, como

o pá (b) + rirẹ	*o parirẹ*
a hẽdu (b) + nõte	*a hẽdubõte*
Katu + hobá	*Katuobá*
hexá (g) + te + rõ	*xaterõ*

Não attendemos ás antitheses e aphéreses, que parecem existir nos nomes geographicos, porque pensamos que a apreciação deve ser feita dentro da propria lingua e as differenças graphicas existentes nada teem que vêr com a phonetica e sim pluralidade de graphias, oriunda do modo convencional dos autores.

APO'COPE

385 — E' muito commum nos vocabulos que terminam em consoante e ellisão da vogal final se o vocabulo seguinte tambem começa por vogal.

akã (g) + guasu' *akãguasu'*
A ha mi hãgua xavẹ (xeavei)
a heka vo i gẽroki
Para ir eu tambem
vêr onde ella dansa (Oc. Pot)

Vê-se que, mesmo que os guaranis engulisssem lettras finaes, não estariam errado e ninguem dirá que está errado ou que os francêses comem lettras, quando na poesia escrevem *encor* e neste particular, os inglesês não passariam de gulosos.

Dissemos e o repetimos: *ha consoantes finaes oclusivas que se tornam claras nas composições e por isso os autores omittem, mas não são os indigenas que comem.*

SYNCOPE

386 — Considerando os verbos frequentativos em certos casos, como formando um vocabulo, teremos muitos casos de syncope, mas separando, desapparecem. Assim:

môbòmôboi *môbo' môboi*

Em outros casos:

xe ro'pe *xe ro pe*

Ligando posposições a figura é commum, mas separando os vocabulos, quasi não existe.

PROTHESE

387 — Pelas difficuldades que surgem para a antithese, é tambem difficil consignar os casos de prothese.

Acceitaremos que em vez de antithese haja accrescimos iniciaes assim :

ó(g)	*r'ôga*	*h'oga*	*gu'ôga*
ʀaẽ	*re'ʀaẽ*	*he'ʀaẽ*	*gue'ʀaẽ*
i'ĩbô'	*r'enĩbô'*	*h'enĩbô'*	*gu'enibô'*
g̃apepõ'	*re'g̃apepô*	*etc.*	

Correntemente não separaremos, escrevendo *ó(g) rô'ga hô'ga guô'ga.*

EPITHESE

388 — Suppomos que certos accrescimos finaes dados por uma vogal, representem um evolucionismo da lingua, evitando sons gutturaes, e assim *ó(g)* será o vocabulo antigo, primitivo, gerando o moderno *ôga* ; *tu (b)* deu *tuba* etc., etc.

E' outra questão a resolver, embora tocando sempre na mesma tecla, o saber se são os incolas do N. que fazem epithese ou se são elles que pronunciam certo.

AFFIXOS

389 — Não tendo sido feito ainda um estudo completo das raizes em guarani, é difficil reconhecer os verdadeiros affixos e por isso citaremos as principaes particulas (vocabulos ou não) que entram nas composições.

SUFFIXOS

390 — *Ha'va, ha'ba* = instrumento. *Ka'rú-ha'va* = prato ou cousa em que se come

= local. *Karu'-hava* — mesa, sala de jantar ou lugar proprio para fazer refeições.

SciELO

Varia para *gua'ba, gua'va. Ka'a'guava* = cuia para o matte.

391 — *Ha-pe* = lugar onde. *Karu'ape* = lugar das refeições; *ɣeroki'hape* = lugar onde se dansa.

Parece que a differença entre *ha'va ha'pe* está em que o 2.º vocabulo indica que o facto é presente e o 1.º indica mais um facto passado ou futuro sendo o suffixo *ha*, soffrendo variações para *ha'va, ha'pe, hague', hague'ra.*

Ou o karuh'ava veio onde se comerá
» » » *ha'pe* » » » come
» » » *hague'pe* » » » comeu

392 — *Gue* ; *Kue'* ; *Kue'ra*; *gue'ra* = signal de passado, do que foi e não é mais, ou pelo menos não tem a mesma importancia

aô' + *Kue*; *aô' vae' kue'* ; *aô' kuigue'* = trapo.

Não são propriamente synonimos. O 1.º indica um panno velho, estragado, mas que póde servir; é o que se dá com pannos velhos lavados que podem servir de ataduras etc.; o 2.º indica uma roupa que não servirá mais para passeio; o 3.º, que está cahindo aos pedaços.

Ta'va + *Kuera* = *tapè'ra* = aldeia abandonada, lugar que já foi habitado. E' possivel que a verdadeira decomposição seja *tava* + *éra.*

393 — *Igua'ra* (*i* + *gua'ra*). Dá idéa de gentilico e era e é usado indicando antes o nome do rio cujas aguas bebiam, como:

Xingu' igua'ra = os do rio Xingú

Parece-nos que o vocabulo seja modificação de *i* + *ɣara* (dono do rio).

394 — *Hara, ɣara* — Significa habito, profissão, encarregado.

Ba'apó trabalho *ba'apoha'ra* trabalhador
boe' ensino *boe'hara* professor
neẽ, neẽg) fala *neẽgara* orador
haihu' amôr *haihupa'ra* amante
meẽ, meẽ(g) presente *meẽga'ra* presenteador
ti enterrar *itiba'ra* coveiro.

395 — *Ha* — Instrumento
Gupi subir *ɣupiha'* escada
Ki piolho *kiha', kigua* pente.

396 — *A'i* — Accrescimo de intensidade
Ivitu vento *ivituai* cyclone, temporal
Pensamos que seja *ivai'* = feio ruim
= diminutivo, filho. O mesmo que *taira iriguasu'* gallinha *iriguasúai'* gallinhola = cousa estragada, podre

aógai' = trapo, mulambo
= cousa aspera, irregular
pīda' anzol *pīdai'* ganeho de anzol.

397 — *Mũ.* Desloeamento, movimento. Varia a inieial
ɨvɨtu' fresco, vento *ɨvɨtumũ* terremoto
ɨvotɨ flôr *ɨvotɨmũ* cahir das petalas, outomno

398 — *Mã.* Reunião, grupamento, eollecção
Ivotɨ *ɨvotĩmã* ramalhete.

399 — *Kua'. Kua'ra.* Buraeo, orificio
ɨkuá, ɨvɨkua' poço, eacimba

400 — *A.* Torcer, quebrar, eortar, limpar
Ĝea' destroncar, luxar
= imitação, eolhêr, apanhar, tirar
Xe, rekoa' imita-me
ɨ apite pe xe ɨ ɨtua' o vento apanhou-me no meio do rio *a ĝa pòa* pego pelas mãos.

401 — *Apé'.* Superficie, parte externa.

402 — *Ata', guata'.* Faltar, não ehegar.

403 — *Ãtã.* Hemi, semi, metade.

404 — *Vaè'* Indica a pessôa que faz a aeção.
O ĝuka' vaé' assassino
Ha differença de *oĝuka'ha'ra*, que será o assassino profissional, o earraseo.

405 — *Vo.* Modelisa o verbo.
Ĝuka'vo matando, matado, se matar.

406 — *Sã* Fio, eorda
Tupasã corda ou punho de rêde,

407 — *Sɨ* Mãe, geratriz, origem
Ĝasɨ lua
Pensamos que seja eontracção de *ĝara* + *sɨ* = mãe do dia.

408 — *Sũnũ, sũnũ...ũ* Ruido, ribombar.
Arasũnũ trovão em dia claro
Amasũnũ » » temporal

409 — *Xãi* Cousa rugosa, torcida etc.
Pixãi (em português *pichain*) cabello dos negros.

410 — *Xuã* Cousa ponteaguda.
Itaxuã ponta de pedra

411 — *Ete'.* Bom, verdadeiro, real. Usado para superlativo
Ka'a' ete' matto feehado *Cattete ?*

412 - *Gua'* Redondo,

413 — *Guãmã* Signal de futuro, que será

414 — *Gua'ra, guãmõ, huãmõ.* Partido, faeção

SciELO

415 — *Guī, guīpe.* Sob, em baixo, parte inferior. Acreditamos que seja posposição e não um suffixo.

416 — *I.* No fim dos verbos torna-os frequentativos.

417 — *Mē, mena.* Sexo masculino, macho.

418 — *O* Significa diametralmente oppostos, como *tirar-deixar*; *ir-vir*, etc.

419 — *Pa, pava* Limite, fim, extremidade

Ivīpa'va terreno a pique *Ibiapaba?*
Taes são os principaes suffixos.

PREFIXOS

420 — Citaremos apenas alguns, incluindo vocabulos que pelo uso desempenham essa funcção

421 — *A, ǥa* Parte superior, cabeça, fruto, excrecencia

Api', api'ra couro da cabeça
ǥapixī' passar a mão pela cabeça
īvīra' a galho com fruto
ǥa kītī esfregar certos frutos para tirar o pello

422 — *Aī* V. nos suffixos

423 — *Aǥu', ǥu, ǥura* Pescoço, gola

424 — *Ā(g)* Alma, espirito, cuidados
Ano' (*ā(g)* + *ho* suspiro

425 — *Apā* Corpo ou objecto a que se refere o vocabulo ou a terminação

426 — *Gu* Seu

427 — *Hāi, tāi, rāi* Dentes cousa dentada

428 — *Hai,' tai'* Cousa fermentada. V. *ai'* nos suffixos

429 — *Ivī* Terra

430 — *Ɨ* Liquido, agua. Parece que é *ɨ(g)*

431 — *Ɨpī* Principio, inicio, antigo, antepassado, enxuto

432 — *Ǥu* Ponta, cousa ponteaguda, espinho, agulha, amarello, pallido

433 - *Pɨ* Base, pé, alicerces ponto de apoio

434 — *R, G, H, T* Lettras usadas no inicio de certos vocabulos, conforme a pessôa do possessivo

435 — *Ro* Companhia ajuntamento
Esta lista é mais que resumida, mas é o bastante para mostrar a riqueza da mesma.

A titulo de curiosidade e exercicio, daremos as partes do corpo animal, em geral

Cabeça *a, akã, akã(g)*

Cabello pello = *a'va*
Topete *atĩra'*
Molheira *tetovapĩ*
Crista de gallo *apĩxãi*
Crosta na cabeça das creanças = *apirĩpe*
Tonsura *apĩtere, araguẽ*
Testa *sĩra'*

Olhos *sa' esa'*

Sobrancelhas *tĩvĩta'*
Pupila *tesa'raĩ*
Pestana *topea'*
Lacrimal *tesa'ĩpĩ, t. popĩ*

Nariz *tĩ*

Ponta do nariz *apĩi'*
Fossa nasal *tĩĩbu*
Cabello do nariz *apĩp' guara'*

Bocca *guru'(b)*

Labio superior *ãkuã*
Bochecha *atĩ*
Labio inferior *tẽbe'*
Dentes *tãi*
Dentes incisos *tãi gupĩ puku'*
Molares *tãi aguza'*
Dentes de cobra *boi' popiã*
Maxillares *tatẽpĩ tetova'pe*
Lingua *kũ*
Saliva *tẽdĩ*
Orelhas *nãbi'*
Orificio auricular *nãbikua'ra*
Ouvido *apĩsa'*
Lobulo da orelha *nãbikĩ*
Pescoço *gura, agura*
Garganta *gahzó'*
Pomo de Adão *agu kĩtã, gahzó kitã, gĩrĩvi, kãdu', guãi*
Uvula *gahzó pĩa' tĩ*
Nuca *atua'*
Hombros *atiĩ*
Espaduas *kupẽ', atukupẽ'*
Columna vertebral *atukupẽ' kã*
Cadeiras, quadris *ũbĩ (tũbĩ)*
Cintura *kua*
Costellas, *narakã(g)*
Coração *neã(g)*
Barriga *tĩ'ẽ', ĩbĩ*
Boca do estomago *pĩsuã*
Estomago *pĩa', bia'*
Baço *ĩ' ĩupia', perebi'*
Umbigo *pĩruã mĩruã*
Lado direito *ikẽ' akatũ'ã*
Lado esquerdo *ikẽ' gasu'*
Peito *kã, potia'*
Costas *asẽi*
Espinha de peixe *pira' pó(g)*
Ovas de peixe *tu*
Buxo de peixe *tãbĩrakuẽ'*
Braço *giva'*
Biceps *gĩra neã*
Cotovello *teniãga'*
Munheca, pulso *pó apĩ*

Mão *pó*

Mão direita *pó akatũã*
Palma *pó pitẽ'*
Dedos *kũã*
Mão esquerda *pó asu'*
Dorso *pó kupe*
Pollegar *k. guasu'*

SciELO

Indicador *k. pō meēgaba* — Anular *k. ɨrā*
Medio *k.ƀɨte'pe gua'ra* — Minimo *k. mimī*
Ponta dos dedos *k. apīra* — Intervallo entre os dedos *k.nōƀ āu*
Articulações dos dedos *k. ɡepota'havi*
Unhas *pô apò', pò apē* — Sabugo da unha *pó apē ipɨbuba'*
Pernas *kupɨ, tɨmā, tetɨmā* — Entrepernas *tapɨ*
Membrum muliebre *tapɨ, tapɨpira, takó'*
Membrum virile *takuai* — Testiculos *tapia'*
Anus *revi, revi*

Pé *pī*

Ponta do pé *pī apī* — Planta dos pés *pɨpɨtera*
Concavo do pé *pɨpɨte-ragua'* — Tornozelo *pɨ nuā*
Dedos *pɨsā* — Articulações dos dedos *pɨkāɡe-pota' hava*
Calcanhar *pɨta, ƀɨta* — Unha *pɨsāpē*
Phalanges *pɨkā* — Esporão de gallo *pɨatɨ*
Rabo, cauda *tuguāi* — Azas *guɨra' pepó'*
Nervo *tāɡɨ* — Veia *taɡu'*
Pello do corpo *tabig'* — Sangue *tuguɨ'*

OBJECTOS OU COUSAS MAIS COMMUNS

Milho *avati* [m. cosido = *a mīmōi*; fubá = *a.kui'*; pipoca = *a. póróró'*]
Feijão = *kumādá* [f. espherico = *k. arakɨtā*; f. amarello = *k. ɡuiɡú*; f. vermelho = *k. pɨtā*]
Carne = *sọ'ọ'* [c. cosida = *s mīmōi*; c. assada = *s. ƀixɨ*; c. frita = *s. xɨrɨrɨ*; farinha de carne = *s. kuí*; c. salgada, (xarque?) = *s. ɨƀaé'*; assado de panella = *s. pukú*; almondega = *s. apuá*; carne gorda = *s kirá*]
Leite = *kābī* [l. crú = *k īpīra* coalhada = *k rīpīa*]
Vinho = *kāguí*.
Fruto = *ɨva'* [f. temporão = *ɨ. arɨba'*; casca = *ɨ. apirẹ'*; f. verde = *ɨ akɨ*; f. secco = *ɨ. akai'*; f. empedrado = *ɨ. p roīrō*]
Ovo = *upia'* (*rupia'*) [o choco = *rupia' o kanīvaé'*]
Pimenta cumari = *kūbari'*
Canella = *ɨvira' petaī*
Batata doce = *ɡetɨ*
Sal = *ɡukɨ*
Caldo, sopa = *ɡukɨsī*
Pão = *ƀuɡapẹ'*
Biscoutos = *ƀuɡapẹ' ātā*
Rosca = *ƀuɡapẹ' karapa'*
Banha, gordura, oleo azeite = *nādī*
Peixe = *pira'* [guebras = *p. apekū*; espinha = *p. kāguẹ'*; bexiga = *p. pó (g)*; p. cosido = *p. mɨmōi* [

OBJECTOS DE USO CASEIRO

Corda = *tukūbó', sā, sāma*; corda de sino = *itá sāma*
Rede de dormir = *Kɨha (b), iroɨ*; [corda de rede = *kɨa(b)sā*; punho da rede = *k. apɨ*; *apɨɨua*; fios do tecido = *i asā*]
Pente = *kɨgua'*
Faca = *kisé'*; cabo da faca = *k. ɨba*, canivete = *k. mɨrɨ*; 'acão = *k. pukú.*
Garfo = *kɨpā mɨ ɨ*
Anzol = *pɨda', pinā*; [linha de pescar = *p. sāma* linha com anzol = *ku pāā*]
Abanico, leque = *ɡepeɡu' hava*
Ligas = *tapakura'*
Cesto = *panaku'*
Prato = *ɲaēbẹ'* [travessa = *ɲ. guasu'*; raso = *ɲ. mɨrɨ*; fundo = *ɲ pikoē guasu'*; bordas = *ɲ. rēbẹ'*]
Brincos = *nābi xāi*
Panella = *ɡapepó* [fundo da panella = *ɡ. revi'*]
Bahú = *Karamēɡuā*; fechadura = *k. ƀoiɨpasa*; chavo = *k. ɲokēda' ƀoka'*; fundo = *k. ruguā*; lados = *k. ikẹ'*
Pote, vaso = *kābuxi*; [azas do pote, pote com azas = *k. nābi*]
Mesa, local onde se come = *karu'hava*
Sala ou local para comer = *karu'ha'pe*
Escada = *ɡupiha', ɡupihava*
Flexa = *huɨ(b)* [com ponta de bambú = *h. akūapɨ'*; envenenada = *huɨbasɨ*; com farpas = *huɨ tɨ eɨ*; pontas para flexas = *huɨbeɨ*; f. sem ponta = *huɨbisa'*; carcaz = *huɨmā*; plumas = *h. pepó*]
Colhér *itā*; [para chá, café = *i, mɨrɨ karu' hape*; c. de páo = *ɨvɨrá itā*]
Colchete femea = *kuarepoti apɨ mɨrɨ oƀotɨpava*; c. macho. *kmē*
Tesoura = *ɡetapá*
Machado = *ɡɨ akaguá*
Agulha = *ɡu*; [a. para colxão = *ɡ. guasu'*; de costura *ɡ ɲūi*; a. sem furo = *ɡ dikuári*]
Cama = *tupá, inɨbe'*; [armação = *ɨ. itákuxá*; colxão = *inɨbé'*]
Canôa = *ɨgara* (1) [bordas = *ɨ. pepó*; c. feito de casca *ɨgarɨpé'*; pôpa = *ɨgaropitá*; prôa *ɨgatɨ*]
Remo = *ɨgapɨkuitá*; [pá do remo; *ɨ. aguẹ'*]
Arco de flexa = *guɨrapá*; [corda do arco = *g. sāma*; nó de corda, parte inferior = *g.mōƀɨkava*; ponta superior. *g. ƀi* = laço da corda]
Fieira de contas para enfeitar as pernas = *pɨapɨ kɨɡá*
Pulseiras = *pó apɨ kɨɡá*

---

(1) Pensamos que o vocabulo seja formado de *ɨ* + *ga'ra* (objecto ou cousa para servir), significando: « que servo para a agua ».

Fogo = *tatá* / fuligem = *kūmū*; fumaça = *tatáti*, fogão = *tatáipi*; carvão, brazas = *tatápiĭ*; cinzas = *tanĭbu'*; abano = *tata peguá*]
Vela = *tataĕdi* (*ta taĕ-di*). [pavio *t. rugueira*]
Lenha = *gepeá*
Cola, grude = *pipōmō*
Roupa, vestido = *piragagā*, *lupô'i*
Rede de pescar = *pisă*
Contas = *poi*, *boi*
Colar de contas *boĭrĭsi*
Lima de aço = *kuarepotî*. *kttîkira*

TEMPO

ESTAÇÕES, CONDIÇÕES DO TEMPO, PLANETAS, etc.

Primavera = *ĩvotĩára*; Verão = *kuarahĩpuku'*; Inverno = *Roĩ*; Outomno = *Ivotĩkui* (queda das flôres). Oriente *kuarahĩ sẽbava*, Poente *K. pĩtũ*

Dia = *a, ara*

Anniversario (meu) = *xe aretẹ'*; tempo seguro, bom = *a katu' pĩrĩ*; dia, tempo quente = *araku'*; dia, tempo máo = *arasĩ*; dia, tempo chuvoso = *ára amada ĩvĩǥára*; sêca = *ara amãneĩ*; tempo sêcco — *arakãgatu*; amanhecendo = *koẽmãmõ, ára koẽǥa*; abre o dia = *ára o ǥa*; dia, tempo incerto = *s á sáǥubi*; abre o dia, rompe o dia = *ára o puka*; dia escuro = *ára pĩtũ*; tempo nublado = *ára tĩbô'*.

Noite = *pihare'*

A noite = *pĩhávo*; toda a noite = *pĩhávo ǥakatu'*; meia noite = *pĩha' ǥe*; antes de meia noite = *pĩhá ǥe renõde'*; quando fôr meia noite = *pĩhage' ramõ ve.*

Lua = *ǥasĩ* (mez

Minguante = *ǥasĩ ĩ gaíro*; Crescente = *ǥ kakua'a'*; Lua nova = *ǥ piahu'*; Lua cheia = *ǥ. ova' guasu'*; conjuncção = *ǥ. kanĩ* sahida da lua = *ǥ. sẽma*; sahida da lua minguante = *ǥ. koẽ*; eclipse lunar = *ǥ. hou' ǥagua'*; luar = *ǥ· ei'*; occultar-se a lua = *ǥ. oike'*.

Cometa *ǥ. tatá vẽvẹ'*

Estrella = *ǥ. tata'*; scintillação = *ǥ. tata' mĩbi* = *ǥ. tata' piriri'*.

Vento *ĩvĩtu'*

Vento frio = *ĩvĩtu' roĩ* vento forte mas favoravel = *ĩ. katu ete'*; temporal = *ĩ ai'*; vento com chuva = *ĩ ãmã*.

= *ī. āmāderekọ'*; terremoto *ī, mū*; ruido do vento = *ī. piābu'*; calmaria, acalma o vento = *ī pi(g)*; vento leste = *ī. puā.*

Neblina *īvitī*; sereno *ī sapī*

Amanhecer *Ko'ē*

Approxima se a manhã = *K. kaka'*: romper d'alva = *K ǥepiro'(g)*; primeiros albores da madrugada = *K. mitā(g) o puka'* = rosicler; romper d'alva = *K. mitā(g) ramō*; ao amanhecer = *Koē tī rāmō*

Tarde = *ka' aru'*; ao pôr do sol = *K. pītunāmō*; á tarde = *K. ranō*; de meio dia ás Ave Maria = *K. re robīka*,

Chuva *amā, āmā*; *Kī(r)*

Nuvens grossas = *āmā*; relampago = *āmāvera'*; raio = *amatīri'*; trovão = *āmāsunū*; saraiva = *āmādau'*; dia chuvoso, nublado = *āmā pītu ara*; chove = *o kī*; não chove = *d'o kīī, kīrī*; amanhecer chovendo = *o kī koē beramō*; chuviscar = o *kī* o *kī*; chuva grossa = *o kī rai' ai'*, o *kī rusu'* (*kīrusu'* = *kī(r)* + *usu*)

Sol *kaarasī, kuarahī*

Raio solar = *K. asa'*; meio dia = *K. asa'ǥé ramō*; calor solar = *K. aku'vo*; sol e chuva = *K. āmā*; sahida do sol = *K. sē*; brilho solar *K. vera'*; reverbéro solar = *K. mībi*; eclipse solar = *K. nē mō īpītū*; occaso = *K. pītū.*

E' possivel que tenhamos feito graphias diversas para *b, b, d, d* nos vocabulos, mas o facto se explica, pois essas consoantes ficam nasaladas se a syllaba anterior é nasal e tanto faz graphar *mībi* ou *mībì*; *mēbī* ou *mēbī* etc.

Antes de terminar estes simples apontamentos e por um dever de officio somos obrigados a apreciar, embora rapidamente a Grammatica da lingua tupy de C. Tastevin (1923).

Na pg. 7 art. 1 da introducção toma como synonimos *tupy, nheēn gatu, awa nheēm, lingua brasilica* e tendo uma lingua *que nos tempos prehistoricos ao menos extendeu o seu dominio etc*

Como provar qual a lingua dos tempos prehistoricos? Ja provamos no inicio destes Apontamentos, e ja o discutimos no XX Congresso Internacional de Americanistas, como surgiu a supposta lingua tupy e o nheēn gatú.

Ignoramos tambem que *waya, wayana*, signifique agua e achamos que seja o mesmo vocabulo *wara* (art. 53 pg. 30)

que corresponde ao *guara* do Sul, indicando um nome gentilico, podendo soffrer modificações. Em português dizemos *Cearense* e *Pernambucano*, tomando as terminações geraes *ense ano*, quando no entanto dizemos *Brasileiro*, *Inglês*. *Chileno* etc.

No art. 2 pg. 8, diz: *Os individuos que fallam esta lingua* (tupy), *chamam-n'a no Sul* « *nheẽn* » *ou* « *nheen,a* ».

Isto não é real, porque *nheẽn* significa, quando isolado, *fala* e não *lingua*. A pergunta. *Re neẽ Kua'ba?* significa: Sabes falar? Entendes? e assim é que o proprio autor affirma que no N. é *nheẽn gatú* e não encontramos em lugar algum em Montoya, que elle tivesse chamado *Awa nheẽn*, pois Montoya não utilisou *w*.

No art. 4 fala em *tupy nheenga* e pomos em duvida se algum selvicola diria isso.

Ainda na pg. 8 diz:

No Norte ella é conhecida por nheẽn gatú « a bôa lingua » *o que suppõe a existencia de outras linguas, mas esta é a* bôa, FOSSE PORQUE ERA A LINGUA DOS CIVILISADOS.....

Não é acceitavel que os europeus quando aqui chegaram falassem o pseudo nheẽn gatú, para que fosse a « lingua dos civilisados » quando é sabido que os « civilisados » vieram aprender a lingua do incola.

Art. 4 — *Os europeus e todos os que não fallam essa lingua* (*avá neẽ*) *chamam-na lingua tupy.*

Logo o nome tupy é applicado erroneamente e a prova de que, se existiu, não era geral, é que no art. 7 lemos (pg. 10):

Aconteceu e acontece ainda todos os dias que em volta do nucleo de christãos indigenas de lingua tupy, vinham e vêm ainda se ajuntar individuos de diversas tribus que não somente não comprehendiam a lingua tupy, mas nem mesmo se comprehendiam entre si.

Concluimos pois que havia varias linguas, ou pelos menos varios dialectos, e no emtº chamou « lingua geral » e na pg. 18 linha 17 affirma que havia *uma lingua commum, uma lingua de relações, uma lingua diplomatica!!!*

Discordamos tambem na affirmação da pg. 10, (7 fine) que os Jesuitas *aperfeiçoaram* a lingua. Os Jesuitas ampliaram-na e se a modificaram, pois não ha aperfeiçoamtº sem modificação, a lingua passou a ser outra e é esta a accusação que o autor defende, e com razão. Os Jesuitas não aperfeiçoaram cousa alguma. A custa de muito esforço e boa vontade, e até de martyrios, procuraram pesquizar o mecanismo da lingua e reduzir a regras grammaticaes, ampliando-a de accordo com as necessidades da missão que tinham a cumprir introduzindo vocabulos que eram desconhecidos, mas que eram uteis á catechese.

Ignoramos tambem, por nunca termos lido que quando Figueira publicou seu trabalho, ja existia « padres linguistas nascidos e educados no meio dos Indios do Brasil ».

Discordamos quando affirma que « todas as palavras são invariaveis » pois salvo engano, «pae e mãe» não são expresos pelo mesmo vocabulo e como estes muito outros.

Querendo provar que no tempo da descoberta do Brasil os *Tahitia* dominavam o littoral brasileiro e margens do Paraguai e Amazonas, cita *Tapes*, *Tamoyos*, *Guainás*, *Temimi'os*, *Tupinikis*, *Tabahara*, *Tupinãba* e *Tapuyos* e conclue que todos fallavam o uheén gatú

Não discutiremos este ponto, e o quadro linguistico que apresentamos, segundo a orientação de Bertoni, resolve a questão.

Muitas vezes 2 tribus visinhas não se entendem, como tivemos opportunidade de comparar com os pequenos vocabularios que organisamos de *Xamakokos* e *Kadiuéo* e é facilimo verificar na Rondonia com os vocabularios que la se encontram.

Não ha uma nação talvez onde se desconheça o francês e o inglês, mas seria absurdo affirmar que taes linguas são geraes.

Reconhecemos que, se não fossem os Missionarios, especialmente Montoya, nada saberiamos dessas cousas. E' inegavel que só Montoya e mais ninguem até hoje, conseguiu formar um Diccionario, como é o Tesoro, pois não será com um vocabulario de algumas duzias de vocabulos estropiados que se reconstituirá a lingua, maxime deixando de parte os bons principos de philologia, para impôr.

Só o estudo das raizes dos vocabulos poderá mostrar até onde vae affinidade dessas linguas ou dialectos.

Emquanto esse estudo não fôr feito, é impossivel aceitar o facto de uma lingua tupi, cousa que os antigos nunca escreveram.

Rio — Dezembro de 1925.

M. Tenorio D'Albuquerque

XX Congresso Internacional de Americanistas

LINGUA GERAL

TUPI
GUARANI

Memoria apresentada e lida, em parte na sessão nocturna de 28-8-1922 e approvada unanimente.

MIGUEL TENORIO D'ALBUQUERQUE

SciELO

Vamos dividir a presente Memoria em tres partes.

Na primeira tentaremos provar que nunca houve entre os Amerincolas (1) uma lingua que pudesse gozar dos fóros de *Lingua Geral*, pelo menos com a aeecpção que se quer emprestar.

Na segunda proeuraremos demonstrar que nunca existiu uma nação, tribu ou lingua, chamada *Tupy* ou *tupi*.

Na tereeira provaremos que a lingua mais geral entre os Amerincolas, foi e é o *Ava'-neẽ*, vulgarmente chamado *Guarani*, embora apresentando pequenas differenças regionaes, devidas quer ao influxo de elementos extranhos, quer á condições naturaes.

Não cogitaremos de modo algum tentar acompanhar a marcha das correntes migratorias e muito menos indagar o ponto de partida, o ponto de origem.

Como addendo, irá uma pequena relação dos principaes trabalhos que entendem com o assumpto, e, para facilidade e uniformidade tomaremos a vogal peculiar ao *ava'-neẽ* com o signal *ɨ*, em vez de *ỹ* de Montoya, e *n* em vez de *nh*, *ñ*, como já o fizemos noutros trabalhos (*Alphabeto do ava'-neẽ* e *Apontamentos da grammatica ava'-neẽ*).

---

(1) Em vez de indigenas, ameriudios, etc., preferimos chamar amerincolas (incolas da America).

SciELO

PRIMEIRA PARTE

These Não houve entre os Americolas ante ou post-Cabraleanos, uma Lingua Geral.

---

1 — A mór parte dos autores estriba-se na grande extensão do territorio onde uma dada lingua era falada, para denominal-a *Lingua Geral*.

2 — Vamos apreciar esta razão. Se a simples questão de maior ou menor extensão occupada por individuos que falam a mesma lingua fosse condição bastante e necessaria para consideral-a *Lingua Geral*, não havendo um ponto no geode onde exista Historia, e onde não se fale francês ou inglês, teriamos modernamente duas *linguas geraes cultas*, mas nenhum philologo teria coragem de tirar taes conclusões.

3 — Tendo os primeiros exploradores que aportaram ás plagas brasileiras necessidade de entender o que os aborigenes falavam e serem por elles comprehendidos, para em troca de cacos de espelho e outras bugingangas carregar o ouro e o *ivira' pitã*, ou páo brasil, começaram a escrever aquillo que parecia que tinham ouvido

4 — Acostumados ou não a bem apanhar a phonetica das linguas cultas que falavam, não tinham entretanto o ouvido convenientemente educado para a linguagem dos selvicolas, e, não apanhando bem os vocabulos iam graphando da melhor maneira possivel, embora na maioria dos casos graphassem cousas que o aborigene ignorava.

5 — A phonetica perdia-se nos sons peculiares á lingua ouvida e a graphia estraçalhada desmantelava os vocabulos pela falta de siguaes convenientes que o alphabeto utilisado não podia fornecer

Surgem os Missionarios e, aprendendo a lingua falada, ouvida num dado ponto, iam paulatinamente ensinando o português, o espanhol, etc. conforme a origem do sacerdote, predominando o português no norte e o espanhol no

SciELO

sul, ao mesmo tempo que a lingua dos filhos da floresta ia se enriquecendo com a introducção de novos vocabulos pertencentes á Igreja, mas que deviam conhecer para que a catechese pudesso obter o resultado desejado.

6 — Pouco importava ao colono que o aborigene em muitos casos fosse obrigado a deturpar a lingua de seus avôs, aprendendo cousas de que não tinha necessidade alguma, contanto que o numero de escravos fosse augmentando e dos pobres selvicolas fossem cahindo as ligas brancas!

A liberdade era trocada pelo captiveiro e em vez de *ɣasanãs*, era o *oɾtibó* vigilante!

Esses colonos reprobos, verdadeiros *boi-xinũ*, aguardavam as *nãdaia* nas noite de orgía, e em vez de sipós, de lianas, havia o chicote, o azorrague do senhor, do patrão, do ladrão e assassino!

7 — O aborigene devia esquecer o que sabia certo, para aprender nomes que só aos europeus interessavam, vocabulos estropiados ensinados por aquelles que ainda deviam aprender.

8 — Os Missionarios, na sua missão, procuravam evangelisar, mas, tudo latinisando, escrevendo regras inacceitaveis e só exemplificando com vocabulos e phrases desconhecidas dos incolas, como é facil vêr em Montoya, indirectamente e contra á vontade, auxiliavam de algum modo essas diatribes, em que não tomavam parte!

As lendas da *tava* ouvidas nas noites de *ɣasi guasu'* (lua cheia), ao correr do *kaui* e ao som do *boɾẽ'* fanhoso, deviam desapparecer, levando as tradições, assim como a *iɣara* levada pelo *paraná* distante!

As historias do *ɣabuti'* e do *ɣaguaretẽ'*, do *guara'* e do *iriru'*, contadas ao ciciar do *bocaɣa'* agreste, do *guapuru'* copado, deviam desapparecer e á noite o tronco, os grilhões durante o dia o trabalho de escravo e o azorrague no lombo!

9 — A simples observação em nossos dias com o que se passa entre duas tribus ou nações visinhas, falando linguas ou dialectos differentes é bastante para concluir que nunca houve nem ha uma *lingua geral*.

Se de facto houve, com ha actualmente uma lingua comprehendida por nações que habitam regiões distante uma da outra, como se dá com o *ava'-neẽ*, isto leva apenas a concluir que houve uma grande nação que dismembrou-se, fraccionou-se, e essas fracções formando outras nações, umas ao N. e outras ao S., se foram enriquecendo, ampliando o vocabulario conforme as necessidades que sentiam, os effeitos da natureza e condições mesologicas regionaes.

Estas modalidades, fazendo com que certos vocabulos do N. sejam desconhecidos no S. e vice-versa, levaram os incautos a fazer ou acceitar duas linguas differentes.

10 – O certo porém é que os incolas não falavam a mesma lingua e mesmo raras vezes dialectos do mesmo tronco, e portanto não houve uma *Lingua Geral!*

Existiria essa lingua, se todos os aborigenes a conhecessem, falando embora tambem outras linguas. Bastará confrontar vocabularios, bastará mesmo ao leve estudar as raizes para vêr o absurdo da affirmação: *existiu uma lingua geral*.

Que os missionarios procurassem por interesse proprio, chegar a esse resultado, é inegavel e para isso procuravam ensinar ás varias tribus o que tinham aprendido numa e nem se comprehende que procurassem ensinar aos que já sabiam mais que elles, pois a lingua que aprenderam, bem ou mal, pois os Vocabularios são deficientissimos, apenas foi burilada sob o manto latino, com as regras aprendidas nas grammaticas latinas

De todos os Vocabularios que conhecemos, só 3 podem servir para aprender: Os trabalhos de Montoya, os de Frei Mansueto de Val Floriana e do Dr. Capistrano de Abreu, porque dão regras grammaticaes, embora haja discordancia ou diversidade na graphia.

Tudo mais é um resumo e esses 3 trabalhos só não receberam o nome de Diccionarios, por modestia de seus autores.

O que se encontra em Francis del Castelnau, em von Martius e etc., etc. são simples petalas soltas sem os verdadeiros orgãos de reproducção, porque não foi attendido a parte essencial = o estudo das raizes dessas linguas ou dialectos = e seus autores affirmando a não existencia de dadas letras, utilisam-nas regularmente.

As vezes, um conjuncto de 50 palavras recebe o pomposo nome de Vocabulario, outras, o editor modifica por conta propria o nome do original, como fez o Visconde de Porto Seguro nos trabalhos de Montoya, para satisfazer uma vaidade inaceitavel e imperdoavel.

Vamos confrontar trabalhos dos mestres, em defeza de nossa these.

11 — Diz B. Rodrigues: *Aquelle falava uma só lingua, o Abanheenga ou Nhengatú. a «lingua do indio, a lingua bôa», á qual os primeiros colonisadores deram o nome de «geral» e os tapuyas* etc. (Poranduba II).

Em primeiro lugar ignoramos que os primeiros colonisadores tenham feito tal classificação, bastando lêr o que a respeito escreveram Anchieta, Figueira, etc.

12 — Acceitaremos porém. Pelo que transcrevemos' *abanheenga* e *nheengatú* são synonimos, representam a mesmissima lingua e ainda mais, receberam o nome de *lingua geral*, no entanto na mesma obra, pg 34, lemos:

Classificando, pois, o que existe da Lingua Geral, temos: o «anhenga», falla do indio primitivo, pura e

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

mãe, que não foi escripta, o «nheengatú», falla bôa primitiva e adulterada por aportuguezamento e cruzamentos; o «tupi» portuguez ou do sul, lingua viciada pela pronuncia e pela escripta; «tupi» hespanhol ou guarany, transformado pela pronuncia e escripta hespanhola

Logo ananheenga e nheengatú já são cousas differentes, não mais são synonimos, embora esse autor escreva *abanheenga ananheenga.*

13 — No *Vocabulario* do mesmo autor pg 57; *Bem disse o Dr. Martius: Anchieta, Mamoel da Vega e outros jesuitas que estabelecer m a lingua dos tupys por escripto, e que fixando as regras grammaticaes «augmentando, modificando» puzeram os fundament s daquella «ling ua geral».*

Agora lingua tupi e a lingua geral, mas foi estabelecida pelos jesuitas e ainda mais: *Os padres ensinaram a lingua aquelles que falavam dialectos differentes, porque os que fallavam a lingua geral, esses a ensinaram aos padres.*

Se os aborigenes ensinavam a lingua geral aos jesuitas, qual a lingua que os padres ensinavam?

14 — Se havia uma *Lingua Geral*, como é que elles ensinavam aos que a não falavam? Esses dialectos eram oriundos da mesma lingua?

Quaes as provas?

Qual o autor anterior á B. Rodrigues que se tenha dedicado a taes estudos? Uma classificação ethnographica, é sem duvida muito differente de classificação linguistica.

Desde o momento que havia *m* nações que não se entendiam como concluir que havia uma *Lingua G ral.* se a classificação das linguas sul-americas não tinha sido convenientemente feita, de modo a apreciar os dialectos? Se o francês, o espanhol etc. pertencem a um dado e determinado ramo linguistico, será possivel affirmar que em Portugal, França, Espanha, Italia etc. haja uma lingua geral, a néo aryana?

15 — Abrimos ainda Poranduba, IX: *Foi em Piratininga ..... quando regente do collegio que fundára e missionando as Guayanazes que* (refere-se a Anchieta) *escreveu para uso de sua escola a* Grammatica da lingua mais usada na Costa do Br sil. ....

Ve-se que Anchieta não chamou *Lingua geral* e sim *mais geral* e previdente ainda restringiu *na Costa*, porque não conhecia o sertão.

16 — Referindo-se ao Paraguai, encontramos: *No Poraguai é onde se conserve u mais ou menos pura a lingua geral, p r não ter havido imigração estrangeira nos primeiros tempos..... conservar-se fallada pelos descendentes dos primitivos Guaranys, que conservam a mesma inflexão de voz e a mesma pronuncia, o que não aconteceu na costa*

SciELO

e no Amazonas, onde houve a influencia dos francezes, hollandezes, inglezes; além da dos portuguezes com o sotaque e pronuncia peculiar á cada provincia do reino..... o que deu em resultado uma corruptela geral, não só na pronuncia como em significados (Poranduba X e comparar com o que se vae lêr em 68).

Conclusões: 1.ª A lingua falada no Paraguai é a *Lingua Geral*, logo como lá se fala o *ava'-ñeë*, o ava'-ñeë é a supposta lingua geral; 2.ª no Paragnai a lingua ainda é pura; 3.ª a lingua falada no Amazonas está viciada na phonetica.

17 — Veremos mais adiante que apezar do taes affirmações, o mestre quer que se perpetue o modo de falar no Amazonas e condemna o guarani, que diz ser puro, mas falado por *covardes e poltrões* (pg. 72)!!!..

Como falamos o guarani, e nascemos no Paraguai..... nossas saudações.

18 — Lemos ainda:..... *aqui trato do ananheenga ou lingua matriz* (vocab. 1), logo o ananheenga é a lingua matriz, o guarani do Paraguai é a lingua geral,. mas na pg. 32 do mesmo Vocabulario encontramos:..... *lingua geral do Amazonas* .. e nestas condições haverá pelo menos duas linguas geraes das quaes uma é do Paraguai e outra do Amazonas!

19 — Ainda pg. 33: *E' preciso que se convençam aquelles que conhecem a lingua geral, só pelo que existe escripto, que não só a pronuncia, como a construcção grammatical que nos deixaram os mestres da lingua não representam a verdade.*

Perguntamos:. A qual lingua geral se teria referido o mestre? Naturalmente não é a lingua geral do Paraguai, *que ainda se conserva pura* segundo affirmou (Mbaé Kaá pg. 21 e o Tesoro de Montoya ainda é o vasto templo de consulta. Como encontrar actualmente na Costa ou no Amazonas a verdadeira pronuncia, se affirmou que os Missionarios é que a ensinaram, se é uma lingua que não existia?

Acceitando no emtanto que isso seja apenas um lapso, como provar que após quasi 5 seculos e em meios de pronuncias differentes, que esta ou aquella tribu ou nação tem a pronuncia primitiva? O guarani resistiu os embates estrangeiros e apenas o seu vocabulario foi augmentado, mas só para os que tem contacto com seus antigos senhores; os outros fóra da Kultur não soffreram taes influxos e os vocabularios introduzidos foram formados no proprio guarani, seu a existencia de vocabulos espanhóes etc.

20 — Ainda mais. Na pg. 37 do Vocabulario: *Pe'o que tenho observado, razão tem aquelles que pensam que os jesuitas foram os creadores da lingua.*

SciELO

Nada menos real. Os jesuitas não crearam a lingua, apenas formaram grammaticas á moda latina. introduzindo novos vocabulos, cousa que se encontra em todas as linguas cultas e mostra um gráo de desenvolvimento, de evolucionismo.

Ora, admittindo o absurdo de que tenham sido de facto os jesuitas os fundadores, é porque não existia, mas foi a esta lingua que o mestre affirma que *os primeiros colonisadores deram o nome de lingua geral*, isto é deram um nome a uma lingua que ainda não existia, fizeram um baptisado sem o neophito?

21 — Na mesma pg. *com effeito, se não crearam os vocabulos da lingua, modificaram lhe a syntaxe e a prosodia, estabelecendo uma construcção grammatical á latina e uma orthographia especial que se alterando, mascarando a verdadeira pronuncia indigina e deturpando a maneira de seu fallar. A grmmatica dos Missionarios é toda artificial e não natural.*

Discordamos. A phonetica entre os Guaranis não foi modificada pelos Missionarios e se alguns sons estão hoje alteradas, isto representa evolucionismo, abraudamento etc., e se a orthographia não satisfaz, a do mestre está nas mesmas ou em peores condições, aceeitando phonemas inadimissiveis a par de regras menos verdadeiras.

sA grammatica, só podia ser artificial, desde que essa lingua nunca fôra escripta E' justamente o contrario do que se dá com o petrogryphos assyrios e babylonios.

Não existindo uniformidade na graphia, parece que na mesma tribu ou nação ha mutações, mas taes erros não são jezuiticos e sim de seus continuadores, dos quaes alguns nunca viram um Amerindcola e no entanto escrevem e fingem que discutem phonetica. Se nenhum documento natural existe, como saber qual a pronuncia ante.—Cabraleana?

Ainda mais. Em *Mbaé Kaá etc;* pg. 6:... *não só pelo choque das miracemas do Norte para o Sul, como pelo embate das do centro, mas que fallavam uma só lingua, com alguns termos entre si desconhecidos, devido isso ao meio em que viviam, onde a fauna e a flora eram diversas....* e na pg. 20:..... *Abanheenga origem do guarany e do chamado tupy moderno ou lingua geral.. ...*

Agora o guarani já não é lingua geral, e sim o tupi moderno, de encontro ao que foi affirmado e transcripto (12) e o guarani deve contentar se em ser um filho do abanheenga, e havendo um tupy moderno, é porque ha um tupy antigo, um ancestral, do qual ninguem fala, talvez o avô do abanheenga.

22 — Não ha um autor antigo que tenha dado o nome de *Lingua Geral* e entre elles citaremos: Anchieta - 1595 — *Grammatica da lingua mais usada na Costa do Brasil;* Fi-

gueira – 1687. *Arte da Grammatica da lingua brasileira;* Montoya *Arte, Vocabulario y Tesoro de la lengua guarani;* Restivo; *Vocabulario de la lengua guarani.* (1)

Vê-se que até o seculo XVIII era desconhecida dos mestres a denominação *Lingua geral*, e em outros trabalhos encontramos sempre *lingua brasilica*, sem duvida uma denominação mais certa, por isso que é o Brasil a nação que maior area occupa na America do Sul, embora a liugua não fosse falada só em seu territorio.

23 — Se os mestres aquelles que estudaram em seu inicio, no meio dos amerineolas, não chamaram *Lingua geral*, como acceitar tal denominação dada no seculo XIX e aeeeita por muitos que só couhecem essas eousas por ouvir dizer, ou pela leitura de romanees?

24 — Aeceitar uma lingua geral *pre* ou *post-Cabraleana*, é aeceitar tambem a existeneia de uma lingua falada por todos, geral a todas as nações é admittir que os filhos da floresta virgem são os aneestraes do dr. Zameuhoff, que já existia um Volapük um Esperanto, é admittir um absurdo, porque se isso fosse real, não eneontrariamos actualmente nações visinhas falando linguas ou dialectos differeutes, a menos que se não queira acceitar uma segunda Babel.

25 — A denominação *lingua geral* é tão falta do ponto de apoio, como chamar o nosso selvicola de *indio*, *bugre*, *caboclo* ete. que são acceitas, em opposição á verdade geographiea e embora já seja mais ou menos corrente entre os que se dedieam a estes assumptos a denominação *amerindios*, preferimos o vocabulo *amerincola* ou *incolas da America*, deixando a questão geographica de frente pois não é mais admissivel que no seculo XX ainda se eonsidere a Ameriea do Sul como Iudia Oeeidental, e *amerindio* tem resabios desse erro.

26 — Para terminarmos a 1.ª parte, eitaremos ainda outras opiuiões, mostrando que a denominação *lingua geral* careee de fundameuto.

27 — Vou Martins dividiu os amerincolas em 8 grupos ethenographicos: 1.° Tupys — guaranys da Costa Oriental; 2.° Gés ou Grans, grupo mais numeroso que o anterior; 3.° Guck ou Coco, a Oeste; 4.° Krens ou Querengs, esparsos pelos sertões paulistas, bahianos e paranaenses; 5.° Pareeis, em Matto Grosso e Pará; 6.° Guaitaeás no valle do Parahyba do Sul; 7.° Aruak no Amazonas; 8.° Guaycurús (Zur Esthnographia Amerikás Zumol Brasiliens — 1867)

Esta classificação é das raças como se vê e não das linguas.

---

(1) Os titulos dos trabalhoo de Montoya, são em espanhol antigo e modificamos.

SciELO

28 — Ehrenreich formou 3 familias linguisticas: Tupys, Aruaks, Carahybas (Die Ethnographie von Sud Amerika am Anfang do XX sten Ghrahunderts 1904).

29 — Alcide d'Orbigny e Baptista Caetano adoptaram um unico grupo *brasilio-guarany*, emquanto que Gonçalves Dias acceitou *Tupys* e *Tapuyos*.

30 — Couto de Magalhães acceitou a divisão binaria: *raça pura* ou *primitiva* tendo o *abaúna* para typo, e a raça oriunda dos cruzamentos, mas quanto á lingua, não se cansa de repetir: *o tupy ou guarani é a «lingua mais geral»*, note-se bem que elle não affirma que é *lingua geral*

Estamos de pleno accordo com todos, menos com a classificação de Gonçalves Dias, mas por ser um assumpto ethnographico, está fora de nossas pesquizas.

Couto de Magalhães affirma que entre tupi e guarani, a differença é minima oriunda em grande parte do meio onde são faladas e nada mais exacto, embora não justifique as condições necessarias e bastante para que se considerem linguas ou dialectos differentes, mas não affirma que seja ou sejam a *Lingua Geral* (*)

31 — Nenhum ethnographo, que saibamos faz referencias ao typo ou raça que tenha fallado a lingua geral.

32 — O illustre scientista Dr. Moysés Bertoni ensina **Lengua general:** *Habiendo sido su objecto el de fornecer a los europeos um médio pratico para entender-se con los numerosos pueblos guaranies y otros que se serviam del guarani como lengua de relación y habiendo-se tenido que servir de ella la gente inmigrada, la que muy dificilmente podia someter-se a los rigorismos de la lengua pura..... la «lengua geral» corriente admittio desde un principio ciertas simplificaciones, y vino generalisando ciertas fórmas mas faciles para el extrangero, no poca veces con perjuicio de una exactidão que en la pratica no se buscaba* (Infl. de la lengua Guarani em Sud America y Antillas - 1916 pg. 20).

E facil concluir que a denominação lingua geral é o fructo da vontade de rotular uma dada lingua, mixto do que existia e do que a Igreja tinha necessidade que ficasse tambem existindo.

E' real que Couto de Magalhães affirmando em varias paginas que o tupi ou guarani representa a mesma lingua, a lingua mais geral escreveu no emtanto «O selvagem», trabalho que diz ser em lingua geral (*Curso de lingua geral pelo methodo de Ollendorff*) e na pg. 1 lemos *Curso de lingua Tupi viva ou Nheengatú*.

(*) Opportunamente voltaremos ás denominações dadas por Couto de Magalhães em «O Selvagem».

Estabelecidas certas relações de trafico entre europeos e selvicolas , naturalmente surgiu, como dissemos a necessidade do minimo trabalho e maximo resultado que no caso consistia no meio mais simples de expoliação dos pobres aborigenes Não é real que os americolas da Costa, todos falassem a mesma lingua, ou pelo menos se entendessem falando. De facto muitas nações falavam a mesma lingua, ou pelo menos se entendiam, como portuguêses e hespanhóes, mas não havia uma lingua geral, e mesmo que em toda a costa houvesse uma só lingua, sem dialectos e sub-dialectos, ainda assi a não era geral, bastando vêr como já dissemos, os vocabularios modernos, pequenos ou grandes, e comparal-os, e assim entre muitos outros tomaremos o dos Nhambiquaras, dos Caiapós, dos Kain-gangs, e Montoya e será difficil provar que o individuo que fale uma dessas linguas, entende as outras, e só estudos acurados como os de Bertoni, podem dar a origem commum.

Conclusão: *Não tendo existido uma lingua falada por todos os habitantes, como provam os vocabularios não houve uma Lingua Geral, embora houvesse uma, falada por milhares de individuos e numa grande area.*

SEGUNDA PARTE

These NUNCA HOUVE NAÇÃO, TRIBU OU LINGUA TUPI.

---

33 — Parece-nos que a primeira questão a resolver, é estabelecer a differeuça entre os vocabulos *tapuya* ou *tapuio* e *tupy* ou *tupi*, segundo os autores.

34 — Segundo bons mestres, o nome *tapuia* significa uma raça ou conjueto de povos que não perteneiam á raça guarani e nem falavam esta lingua vivendo nos sertões, embora sob dominio direeto ou não, dos guaranis e, segundo lendas anthropogeneticas quanto a *Tamoi*, o avô, relatadas pelos primeiros historiadores, se verifiea que o tapuia é talvez o aueestral do guarani, o povo primitivo.

E mais que provavel qee os primitivos tapuias vivessem tambem uo littoral, mas, aeossados por invasores internaram-se pelo sertão.

35 — Pensamos que o vocabulo *tapuia* seja derivado de *ita' pu hei'a* ou homem que falava na pedra. homem primitivo, talvez o troglodyta (?).

36 — Von Steinen considera com o nome tapuia, os Gés e os Krens de Martius, e Nelson de Senna estudando o vocabulo diz; *Os tapuyas, ós barbaros no dizer da lingua geral.*.... (Annaes do 1.º Cong. Bras. de Geog. vol IX pg. 63).

Desde que já provamos a inexisteneia da lingua geral, a signifieação é inadmissivel, e, se em alguns easos podia o vocabulo ser applieado aos inimigos, é difficil eoneluir que tribus authropophagas pudessem chamar outras de «barbaros», vocabulo sem duvida antonymo de «eivilisado» Quando muito signifiearia «não evolucionado, primitivo etc.».

37 — Outros proeuram derivar de *tapihi* (*tapihi*), porém este vocabulo era utilisado pelos guaranis para indicar a *oga guasú*, emquanto que *tapihii*, *tapihiia* é indeterminado, e Montoya referindo-se a *Tapihihi* diz que signifi-

SciELO

cava escravo e que é o nome dado pelo guarani ás outras nações que são inimigas.

38 — Moysés Bertoni (obr. cit.) é mais claro e ensina que *Tapihihi* é o escravo e *Tapihihia* é povo de onde vahem esses escravos. E' possivel que os guaranis vencendo outras tribus, estas fossem *tapihihia* (*tapihihtia*) e o nome modificado pela difficuldade phonetica, gerasse *tapuia*.

39 — Em Poranduba II, encontramos: .... *outras nações differentes que occupavam o centro, para onde refluiam repellidos pelos da costa de que eram inimigos, cuja linguagem não entendiam e que eram conhecidos vulgarmente por Tapuyas*.....

Mais uma vez a affirmação de que não havia lingua geral.

Ainda na pag. VII .... *tapuyas que compunham as hordas centraes, falavam diversos dialectos, mas não sendo entendidas pelas da costa, era essa linguagem conhecida por* Nheengaib *ou fala má.*

E havia lingua geral!

Ainda na pag. 6: *O tapuyo posto que creado na sociedade dos portuguezes outr'ora só falava a lingua geral.*

40 — Se como affirmou eram os tapuias de hordas centraes não entendendo os da Costa e falando este, a lingua geral, como aquelles, porque se não entendiam?

Das duas uma: *Ou os tapuias falavam a lingua geral, ou não falavam.*

Se não falavam explica-se o facto de não se entenderem, mas neste caso não havia lingua geral; se falavam, mas não eram entendidos pelos da Costa; é porque estes a não falavam, mas é justamente esta lingua que se quer rotular com aquelle nome.

41 — Gabriel Soares ja d'zia em 1587: .... *os primeiros povoadores que vieram neste continente, segundo informações mais antigas que por tradição se conservam na memoria dos indios foram os tapuyas.*

Jaboatan em 1761, só nos fala dos Tapuias e não de Tupis; Monterroyo Mascarenhas em seu *Orizes Conquistados*, affirma que foram os tapuias os primitivos habitantes deste grande paiz.

Anchieta chamou *tapuia* e Figueira denominou *tapuyyia.*

42 — Parece ter sido de Simão de Vasconcellos a designação tapuias só para as tribus centraes, devido a divisão feita nos ameriucolas em mansos e brabos (?), affirmando que era a gente mais vagabunda entre todas e que não tinham em sua lingua, por elle denominada *brasilica*, nem F, nem L, nem R. e que foi interpretado como não

tendo Fé, Lei nem Rei ou Religião, quando pensamos que seria mais pratico dizer que não tinham essas lettras, porque não passavam Fome, não havia Latrocinio nem Roubo.

43 — Acceitaremos com os bons autores que os Tapuias fossem os primitivos habitantes cuja feição desappareceu pelo cruzamento e por varias causas, não se podendo affirmar que as actuaes tribus ou nações centraes sejam as descendentes directas, porque quasi nada conhecemos sobre o assumpto e tudo quanto existe escripto com fundo scientifico é moderno.

44 — Fixando a significação do vocabulo tapuiá vamos apreciar o vocabulo *tupi*, citando opiniões contradictorias dos mestres.

45 — Como tenha sido Barboza Rodrigues talvez o maior defensor entre nós do *tupi*, concentraremos nossas tropas e iniciaremos a escalada transcrevendo trechos de seus trabalhos e sobre seus livros concentraremos de preferencia, os fogos de barragem.

46 — Em Poranduba VII: ..... *outra pela costa conservou até a Bahia o nome generico de Tupinambá, que depois se abreviou em Tupi e no Sul conservou o nome generico de guarani.*

Nestas condições, os Tamoyos Guaianazes etc. etc. eram Tupinambás.

Em que epoca houve contracção do vocabulo, dando *tupi* como residuo?

Na p.ª IX: *O tupi de Anchieta reseente-se do hespanhol, como o de Figueira tem ressaibo portuguez.. O tupi d'aquelle é o élo que prende o guarany de Montoya ao fundador das Missões no Maranhão.*

Anchieta escreveu o falar que aprendeu dos Guayanazes, Tamoios e Tupis; Figueira o dos Tabajaras, Potyguara e Tupinambás propriamente ditos, e Montoya o dos Guaranis, Payaguás, Charruas etc.

Iniciemos o ataque.

Ja no tempo de Anchieta havia Tupi? Se Anchieta escreveu o que ouviu de Tamoyos e Tupis, vê-se que Tamoyo é uma cousa e Tupi é outra differente e ambos differem de Tupinambás propriamente ditos (!). Affirma no entanto que Tupi é abreviação de Tupinambá, e falando em «nome generico», cita Tamoyos, Guayanazes, Tabajaras, etc., e tanto Tupi não é abreviação de Tupinambá, que affirma que Anchieta aprendeu com Tupis e Figueira aprendeu com Tupinambás; ainda mais: se havia Tupinambás propriamente ditos, deixa suppor que existiam os «impropriamente ditos» mas quaes eram?

Não havendo mais reduto a atacar desviaremos o ataque

Lemos ainda :

No Norte pronunciavam claramente as consoantes finaes.

Isto é uma pequena patrulha que não merece nem simples escaramuça.

Vamos ao ultimo fortim, que antes do toque de « carregar » iça bandeira branca, ha rendição incondicional.

Em Mbaé kaá tapyiyetá enoyudaua, pg 32.

Para comprovar que Tupi nunca foi nome de uma nação basta dizer que o Pe. Nobrega. Thevet, Lery, Cardim, Padre Anchieta, Schimidel, Acuña, Ire d'Erreux, Abbeville, Frei Vicente di Salvador e outros historiadores da nossa maior antiguidade, só nos falam em Tupinambás.

Eis ahi o que diz o principal defensor dos Tupis.

Citando varios autores conclue na pg. 33.

Só os modernos historiadores: Martins, G. Dias. Varnhagen e outras dão os Tupys como nação que tere esse nome proprio quando Azara em 1740 nos diz que os guaranis Haman Tupys y tambien Caribes *os comedores de carne humana.*

Temos ou não razão em nossa these ?

Ambroseti ensina : *La palabra Tupy, desde tiempo immemoravel, parece haber sido aplicada por los guaranis a todas las tribus inimigas.*

Se bem interpretamos o vocabulo tupi corresponderia actualmente a uma palavra de desprezo, á *bi che, gringo, gallego, carcamano, mondrongo, macaquito* etc. denominações proprias de uma nação á outra, e ninguem dirá que ha uma lingua ou povo chamado *macaquitos* ou *gringos* etc.

Mas ao passar pela muralha do fortim que rendeu-se, encontramos ainda na mesma obra e pg. 33 :

Aquelles que se occuparam da lingua isso o confirmam : o Pe. Anchieta (1595) denomina a sua Grammatica, a da *Lingua mais usada,* e não *dos Tupys ; o P. Figueira, E. França, Coronel Furia,* de *lingua brasilica ; Guimarães, Prazeres Maranhão e Padre Seixas* lingua geral *; Coronel Aciolly* lingua tupinambá *; Baptista Caetano* Abanheenga ; *Couto de Magalhães* Nheengatú. *Somente Martins e G. Dias dão o nome* Tupy

Ha um engano quanto a Couto de Magalhães, pois este autor utilisou tudo. Chama ao mesmo tempo *Lingua Geral, Tupy vivo* e *Nheengatú*, como é facil vêr e foi portanto quem mais errou ([1])

17 — Baptista Caetano, nos *Ensaios de Sciencia* diz : ..... *por si só, sem suffixo algum, não é, nem póde ser nome de povo.*

Couto de Magalhães acceita o vocabulo, mas é preciso e forçoso convir que seus trabalhos são do seculo XIX e

(1) Parece que o Sr. Antonio de Sá, em carta de 13 de Junho de 1550 seja o 1.º a usar o vocabulo tupy : *Yo enseno agora ala la doctrina christiana, y las oraciones en nuestro romance (Tupy)*... Rev. Inst. Hist. Geogr. 1878. pag. 280.

dahi para cá, isso é desde o seculo XIX que o vocabulo foi acceito por alguns, como Couto de Magalhães Th. Sampaio, Tastevin etc..

48 — Logo, não tendo escriptor algum anterior do seculo passado utilisado o vocabulo *tupí*, e estando provado que não houve raça, tribu ou lingua com esse nome, não devemos acceital o com a accepção que se lhe quer emprestar.

No emtanto é B. Rodrigues quem mais procura provar o que affirmamos, mas diz no «Vocabulario» pg. 19 :.... *na lingua kyriri, que não é mais do que tupí falado por tribus nh engaibas... E' por assim dizer, por um atavismo linguistico, que o descendente dos tupys repete a palavra como seus avós proferiram.*

Mas se provou que nunca houve raça ou nação tupí, como pode haver *descendente dos tupys?*

E na pg 38: *Em todos os collegios, sempre que chegavam muitos missionarios, eram obrigados a aprender a lingua geral, para ensinal-a ás tribus nheengaibas, isto é, aquelles que não fallavam o tupí.*

Que podemos concluir?

Outro ponto que seria preciso provar é o de que *Nheengaiba* de facto signifique *lingua má*. Montoya dá como significando *maldito* e será muito difficil, de *nheeng ivaí* ou *ibaí* formar *nheengaiba* com o significado corrente, mas a nossa questão principal, o ponto de concentração dos fogos é outro.

49 — Ainda no mesmo trabalho, pg. V; *O tupy com suas hordas ou tribus, é galho com ramos do tronco donde sahiu o nosso karaní, tambem com a sua ramalhada.*

O mestre era phytologo, mas esse ramo não podia prejudicar o tronco, pois affirmou que nunca existiu e portanto os ramos nem ao menos são seccos, estiolados.

50 — Na mesma obra pg. 20: *Abanheenga origem do guaraní etc.* casando-se com o modo de pensar de Couto de Magalhães que chama *Lingua geral, Tupí vivo ou Nheengatú*, só faltando dizer que tambem é guaraní.

51 — Vê-se o quanto é difficil provar a existencia de alguma cousa chamada Tupi.

52 — Na pg 27: *Fallava o tupi antigo e estão ainda em estado semi selvagem.*

Logo temos o tupi vivo de Couto de Magalhães, e um tupi antigo de Barboza Rodrigues.

53 — Na pg. 34:..... *não se póde separar os Karanis dos Tupis, porque elles formavam e formam uma só nação com uma só lingua, dividida em duas fracções que ainda tem hordas conhecidas por nomes especiaes.*

Conclusão: O guarani é lingua geral e é tupi, mas como provou que nunca existiu lingua tupi, tambem nunca existiu guarani!

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

54 — Na pg. 35:..... *devo declarar que a nação que cobria todo o littoral do Brasil e que fallava uma e a mesma lingua, nunca teve o nome de Tupy, nem póde ser considerada raça differente.*

Parece que a complexidade do problema está em confundir, como ja dissemos classificação de raças e de linguas.

55 — Em *L'uiraêry ou Curare* pg. 3: *Daprés la langue tupy..... nous avons e'tudie' tout particuliérement, non seulement la langue tupy.....*

Não apreciaremos este trecho, onde se affirma estudar uma lingua que o proprio autor provou não ter existido.

56 — Não contestamos a existencia do vocabulo *tupi*, mas affirmamos que nunca poderia por seu significado, ser applicado a uma raça, tribu ou lingua.

Contestamos tambem a existencia de uma lingua chamada guarani, que tem applicação a uma dada raça, familia ou conjunto de tribus, significando guerreiros, e a prova está em que não perguntamos: *Sabes falar tupi? Sabes falar guarani?* e sim: *Rẹ i kuáhá pikọ' avá-nẽe?* cuja traducção semi litteral é: *De facto sabes lingua de homem, de gente?* ou então *re nẽẽ ncẽ-gatu' rupi'* falle pela lingua bôa.

E' preciso no emtanto dizer que nheengatú (*neẽgatú*) não é o nome de uma lingua Corresponde approximadamente ás expressões: *O espanhol falado por senhoritas, é a lingua do céo e o italiano, no canto, é a dos anjos.*

Quando alguem falla o arabe, pelo facto de ser muito guttural, costumamos dizer ao orador: *fale lingua de gente* e no emtanto isso não implica em concluir que o arabe seja lingua dos animaes.

O vocabulo tupi significa *primitivo, rudimentar, cousa que precisa evolucionar*, segundo a abalisada opinião de Bertoni

Repetimos: *Os guerreiros, os guaranis, chamavam Tupis aos adversarios, mas e mo denominação depreciativa.*

57 — Nelson de Senna (obr. cit pg. 61), diz: *Tupis ou Tupys..... os da primitiva raça* e pg. 62: *Tupys, Tupi ou Typi, procede de ypi, cabeça de geração ou primeira origem.*

Infelizmente discordamos do mestre e acceitamos a orientação de Bertoni.

58 — E' inadmissivel a etymologia proposta por Couto de Magalhães, quando ensina que «Tupi é oriundo de Tupai ou filho do raio», porque «tupá» não significa «raio» e sim «cama, leito» etc. e neste caso «tupai», que aliás é desconhecido, seria «filho do leito», o «primitivo».

SciELO

Sendo a lingua do amerincola cheio de onomatopeas, como diz Du Graty, e tendo o *avá-neẽ* o vocabulo *amatiri*, é exquisito pelo menos, que no pseudo nheengatu' se confunda *Tupan*, Deus, com raio, de encontro sem duvida ao que foi ensinado pelos Missionarios e é facil vêr no Vocabulario de G. Dias, como essas cousas se confundem.

Estamos convencidos de que o vocabulo *tupan*, *tupã* adquirio tal accepção, se é que a tem, após a lenda de *Karamurú*, e que até hoje está na duvida quanto á traducção da exclamação *tupã Karamurú*

59 — Além disso, é muito possivel que *tupi* nada tenha de commum com *Tupinilî*, *tupinãbá*, *tupinagé* etc. pela mesma razão que *pá*, em português, nada tem que vêr com *páo*, *pa'acho*, *panella*, *etc.* e em nosso auxilio temos o sabio M. Bertoni que ensina (obr. cit pg. 7): *Pero en realidad el calificativo generico de los citados nombres de naciones guaranies del Brasil, no es Tupi, como creyó Martius, sino tupinã..... pariente o parecida a tupi*

Dahi temos: *tupinã-bá*, *tupinã-ẽ*, *tupinã-ki*, *tupinãnu etc.*

60 — Não encontramos em nenhuma das lendas que conhecemos, uma referencia á alguma cousa chamada tupi.

E' uma simples moderna creação brasileira, com o fim de menoscabar o *avá'-neẽ*, que B. Rodrigues julgou acertado escrever *Karaní*, de encontro a todos os auctores e grammatica acceita.

A adopção do vocabulo tupi, com a accepção emprestada é apenas o manto com que se procura velar um patriotismo mal interpretado, indo ao ponto de Varnhagen alterar os titulos dos trabalhos de Montoya, para seciar uma vaidade.

Neẽgatú, nheengatú

61 — Na impossibilidade de alguns autores firmarem a existencia do vocabulo *tupi*, apegaram-se a *nheengatú*

Decompondo o vocabulo teremos *neẽ* (*g*) + *katú*, sendo que o 2.º vocabulo póde significar bem, boa, bonito etc., correspondendo a «realmente, perfeitamente»

Assim, querendo dizer: *falas bem nossa lingua*, temos *rẽ neẽgatú nãdẹ' neẽ*(*g*); elle falla correctamente = *o neẽgatú*, e é difficil acceitar que signifique «fala bôa», «lingua bôa» *Re neẽgatú* = tu falas bem, tu parles bien, you speak wery well, tu hablas bién etc. Acreditamos mesmo que não exista a phrase *re neẽgatú neẽgatú* e dizemos *re neẽgatú avá neẽ*(*g*)

E' a construcção ou o sentido da phrase que modifica e assim *e neẽ*(*g*) *xedẹ' neẽgatú* significa propriamente: fa-

le-me na lingua bôa, isto é, lingua que se entenda, lingua de gente, linguagem na intimidade.

E' possivel que *nheengatú* (graphia corrente) seja uma contracção, para o caso, de *nheeng* + *moin* + *katú* ou lingua bem guardada, lingua antiga, primitiva e por syncope formou-se o vocabulo actualmente graphado, mas ja é corrente o significado *lingua bôa*

62 — Em Poranduba, pg. VII, encontramos:..... *outras vinham das Antilhas, entravam pelo Oceano sahiam no Amazonas, passavam pelas fraldas dos Andes, corriam pela Bolivia e chegavam ao Paraguay... fallava uma só lingua, o abanheenga ou nheengatú, a lingua do indio, a lingua bôa, á qual os primeiros colonos deram o nome de «Geral» e os tapuyas que comprehendiam as hordas centraes, fallavam diversos dialectos, não sendo entendidos pelos da Costa, era essa linguagem conhecida por* nheengaib *ou falla má.*

Logo o abanheenga, nheengatú e lingua geral representam a mesma cousa, isto é, a *lingua do indio, a lingua bôa.*

63 — Infelizmente porém, na mesma obra e pg. XII, lemos: *Essa lingua adulterada é que conservou o nome de nheengatú no valle do Amazonas.*

Vê-se que o pseudo nheengatú ora é *lingua bôa*, ora é *lingua adulterada* em opposição ao que vamos transcrever de seu vocabulario pg. 32:..... *mas fique aqui consignado para futuros escriptores, que a pronuncia nheengatú é a verdadeira d s tupis ante-cabraleanos.*

Não é possivel interpetrar esta defeza, esta asserção. 1.º O nheengatú está adulterado (Porand. XII); 2.º O nheengatú conserva a primitiva pronuncia ante-Cabraleana (Vocab. 32); 3.º Essa pronuncia é dos tupis ante-cabraleanos (Vocab. 32).

Vamos por partes.

Nunca existio nação tupi (Mbaá kaa etc. pg. 32 e seguintes) logo, não tendo existido não podiam falar e não falando não tinham prosodia e como consequencia: a pronuncia nheengatú sendo a pronuncia de uma causa muda, inexistente, não ha pronuncia nheengatú.

Admittamos no entanto a existencia do nheengatú (1). Em que dados foi firmada a base para asseverar a ultima parte (pronuncia ante-cabraleana), se nada ficou escripto e se é o proprio mestre quem affirma que foram os jesuitas que crearam a lingua, e elles são post-Cabraleanos?

Nem mesmo os raros petroglyphos (?) poderão auxiliar essa affirmação, porque a pronuncia seria do traductor e não da pedra!

---

(1) Não negamos que haja uma denominação nheengatú, apenas discordamos na applicação do vocabulo, exclusivamente para a lingua falada no Amazonas.

SciELO

64 — Lendo o que esta escripto no Vocabulario pgs. 26, 31, 34 e 35, só se póde concluir uma cousa e é que o illustre phytologo faz questão capital de mostrar que a lingua do Pará e Amazonas é pura, primitiva etc, mas no entanto, em amôr á verdade escreveu no Vocab. pg. 29: *Em conclusão: o nheengatú está completamente modificado pelas pronuncias viciadas dos extrangeiros e pela orthographia pronunciativa; porém encerra o cunho principal da phonologia primitiva, emquanto que o tupi do sul e o karani, considerados como typos da lingua primitiva, estão mais corruptas, porque perd·ram a prosodia primitiva.*

Apreciemos. Não se comprehende que uma lingua *completamente modificada pelas pronuncias etc.*, conserve a pronuncia primitiva, ante cabraleana e que o karaui (?) que é puro (Porand. X transcripto em 16), conservando *a pronuncia primitiva*, seja corrupta por ter perdido a prosodia propria!!

E' devido ao facto de estar o nheengatú tão adulterado, que pomos em duvida a tradução *lingua bôa*, como ja dissemos.

Já nos referimos ao facto de o Visconde de Porto Seguro reeditando as obras de Montoya, alterar o titulo, introduzindo cousas que o auctor não escreveu.

Montoya escreveu: *Lengua guarani* e Varnhagem reeditando, tomou *Lengua guarani* (*ó mas bien Tupi*), sem que se justifique esse *mas bien*, e não nos compete apreciar esse facto que devia ser previsto no Codigo.

Corruptélas

65 — Antes de encetar a 3.ª parte, vamos rapidamente apreciar as modificações que pensamos teria soffrido a lingua primitiva, de modo que muitos autores dão varias denominações á mesma lingua *ava-neẽ, anhéenga, abánheenga, lingua geral, tupi, nheengatú.*

Diz Barboza Rodrigues (Poranduba VII): *Depois de 1549 começarão as Missões no Brasil, vindo para ellas nesse anno o Padre Manoel da Nobreza como superior e dahi data a aprendizagem da lingua vernacula, que mais tarde começou a ser escripta pelos Missionarios portuguezes, hespanhóes e francezes quasi ao mesmo tempo. Appareceram as grammaticas, os vocabularios e os compendios de doutrina, que serviam para os novos Missionarios estudarem a lingua e melhor poderem se fazer entender pelos selvagens. Uns no norte, outros no sul, uns portuguezes, outros hespanhóes todos trataram de escrever a lingua que ouviam, conforme lhes soava ao ouvido, com a orthographia propria, ac-*

comodando-a á lingua do paiz donde eram filhos.... donde começou a originar-se a sua corrupção.

De facto foi este o principal factor, pois não havendo uniformidade na graphia, existindo diphtongos e phonemas peculiares á cada lingua, houve uma verdadeira separação, um fraccionamento no que ficou escripto.

A natureza tambem concorreu em grande parte para taes divergencias, formando talvez alguns sub-dialectos ou mesmo dialectos, embora com uma lingua commum para origem.

66 — Se desde o inicio, desde o os primeiros escriptos a lingua se foi viciando e se nós só a conhecemos por esses escriptos, é facil concluir que a lingua pura, a lingua matriz perdeu-se, porque nada nos leva a concluir, quasi 5 seculos depois, que numa dada nação exista a phonetica primitiva, pois desconhecemol-a.

Quanto ao *Karani*, o facto não é o mesmo. O livro mais antigo como Grammatica e Vocabulario, é de Montoya, que não juntou apenas meia duzia de phrases, fez um trabalho quasi completo, ninguem alterou, a phonetica é a mesma embora com pequenas divergencias graphicas, não por differença de linguas que falassem e sim para mais se approximarem do que suppunham ouvir.

Duvidamos que um Amerindcola sem o manto da Kultur, converse duas horas com um asuncenho, mórmente agora que se vicia o *oca' neê* com vocabulos hespanhóes, quando no entanto Montoya e outros formavam as palavras no seio da propria lingua. Basta lêr os disparates em Ocara Poty, onde ha poesias cheias de termos espanhóes desnecessarios, e nos fasciculos "Cancionero paraguayo".

Como paraguaio de nascimento não posso deixar de revoltar-me contra esse facto e fazemos nossas expressões de M. Bertoni: *¿ Por qué, en este pais también, no trataria de salvar tantas expresiones felices que se van perdiendo, tomando al mismo tiempo la defensa de la lengua contra la invasion creciente palabras extrangeras, rara vez necessarias? .... En el pais, miles de ancianos recuerdam todavia innumerables palabras y loensiones, agomizantes en sus recuerdos. Con que placer verìam renacer y las explicariam a los jóvenes!..... Que se pueda hacer poesias en guarani absolutamente puro, lo comprueba el excelente soneto del llorado Dr. T. A. Pane.* (Opinion del Dr. Moisés S. Bertoni, sobre Ocara Poty, 1.º t. pgs. 175-176).

67 — Ainda em Poranduba XI, aos erros de pronuncia em Manáos, temos:..... *mas o que para dizer «flor» diz e escreve «fulurú», «destinu», como está escripto nas prôas de dous barcos em Manáos, falando ou escrevendo a lingua brasilica escrevera.*

Comettera disparates que, perpetuados pela escripta, para o futuro ninguem saberá lhes dar a origem.

68 — Na pg. XII: *A influencia phonetica não calou tanto em parte alguma como no Pará, onde se houve dizer*: cum, ura, prua canúa, etc. *Essa lingua adulterada é que conservou o nome de Nheengatù no valle do Amazonas.*

69 — Logo o nheengatú do valle do Amazonas é uma lingua adulterada, tanto mais quando o mestre diz: *Darei aqui um unico exemplo, como de Anchieta veiu a corruptela.*

Como Anchieta publicou seu Vocabulario em 1570, conclue-se que desde essa data o nheengatú está viciado, adulterado e ainda mais impuro ficou com o *contacto constante por muitos annos, só com portuguezes de classe baixa* (Vocab. 51).

70 — Ainda como prova de que o nheengatú nada vale quanto a pureza, encontramos no proprio Vocab. pg. 19: *Os missionarios escrevendo a lingua, não só fizeram essas mudanças, como crearam ennumeras palavras que não existiam, de cousas que o indios desconheciam, e assim como aportuguezaram o tupi, tupinizaram o portuguez.... compondo principalmente no que diz respeito á Igreja, com palavras tupis de significado diverso, outros para exprimirem o que desejam.*

71 — Infelizmente, porém, este tupi, este nheengatú errado, viciado e adulterado desde 1570, deve ser considerado puro, pois ha na pg. 32: *Não quero que se reforme hoje a lingua, porém que se aceeite, respeito e perpetúe o fallar do Amazonas, como reliquia guardada pelos indios....*

72 — na mesma pg:.... *mas fique aqui consignado, para futuros escriptores, que a pronuncia nheengatú é a verdadeira dos tupis ante-cabraleanos.*

Não ha cerebro capaz de tirar conclusões aproveitaveis confrontando as citações feitas.

73 — O tupi ou nheengatú está errado, viciado desde Anchieta (como se fosse conhecido antes), nunca foi concertado, ao contrario foi sendo cada vez mais impurificado, como affirmou o mestre, mas ainda guarda a pronuncia ante-cabraleana!!!

74 — Para mostrar a má vontade do phytologo brasileiro com o *ava'neẽ*, basta vêr que escreveu *Karani*, diz que os que falam essa lingua são *covardes e poltrões* e na pag. 37 do Vocab aconselha: ..... *e que os brazileiros escrevam com a pronuncia e orthographia nheengatú e não com a Karani!!!*

Em português mais claro: *escreva-se de accordo com o nheengatú que está errado desde 1570, mas é brasileiro, e não com o guarani, que é puro, mas é estrangeiro!*

75 — Proseguindo. Na obra cit., pg 31: *Quando emprego a palavra anhanhenga, cumpre-me advertir, quero com isso dizer a lingua do indio, a matriz, anterior á escripta por Anchieta e Montoya ...*

Como provar que a pronuncia de uma dada região é a verdadeira? A lingua nunca foi escripta e se inscripções existem, não foram decifradas e se o fossem, já o dissemos, de modo algum ficaria o problema resolvido quanto á phonetica.

Todas as linguas evolucionam e se de facto o *ava' neẽ* de hoje não é o de Montoya, o português de hoje tambem não é o mesmo do tempo de D. Sebastião.

E' sabido que no Pará e Amazonas é, como diz B. Rodrigues, commum a troca de *o* para *u*, em português e com muito mais forte razão na lingua do americola, bastando comparar o Vocabulario de G. Dias com o de Montoya, ou dous outros quaesquer para apreciar essa variante além da variação de *h* para *s* e ç.

E' nestas duas trocas especialmente que reside a differença entre o *ava' neẽ* e o nheengatú

Onde e como se poderá saber que a phonetica de uma dada tribu ou nação, é a anterior a Cabral?

AVA' NEẼ (Guarani)

76 — De todas as linguas utilisadas pelos Americolas do Sul, foi sem duvida o *Ava' neẽ*, impropriamente conhecido por guarani, a que occupou maior extensão e portanto foi a mais geral, sem que por isso possa ter os fóros de Lingua Geral.

77 — D'Orbigny procurou provar pelo estudo comparativo das linguas, que os guaranis levaram suas ramificações até a fóz do Orenoco e mesmo ás Antilhas.

78 — Waitz, Oviedo y Herrera e muitos outros são accordes que os Karai-Guaranis tinham estendido seu ramo de actividade pela America Central e, segundo Waitz essas excursões teriam attingido o Norte da America Central e D'Eichtel admitte mesmo que chegassem aos Estados Unidos.

79 — Se não está provado o facto, é pelo menos acceitavel, attendendo que eram donos exclusivos desses mares, segundo as tradições, nas Antilhas, Bahama e Lucayas, dominando ainda na peninsula de Yucatan.

SciELO

Apreciando os trabalhos de antigos historiadores, nota-se que são accordes em affirmar que em todas as Antilhas só havia uma lingua e tambem uma só raça, a dos verdadeiros Karaibas, Karaivas ou Karai guaranis.

80 — A significação do vocabulo *Kara* ou *Karaí* tem prestado assumpto para muita phantasia. Pensamos que significasse primitivamente chefe, governador etc. tendo talvez a mesma raiz, a mesma fonte sanskrita que Kaizer, Cesar, Tzar, Tchah, King, Queen etc., como suppõe Fabre d'Olivet, sem que taes nomes signifiquem conquistador, como lemos nos trabalhos de um illustre tupinologo

Parece nos que Kara se applique ao homem não vulgar, sem que se conclúa uma anomalia ou um caso de teratologia.

Quando dizemos « Presidente da Republica », não nos referimos a qualquer homem, embora por phantasia de nossa Constituição o cargo seja accessivel á qualquer brasileiro nato.

81 — Ainda hoje, em *ava neẽ* karai significa um homem respeitavel, de certa posição social, e até usam *kanã karai'* (*cunhã caraí*) para indicar uma matrona, uma senhora respeitavel, de destaque e *Kairaí*, *Kariaí*, significa um moço forte, esbelto, um *guapo* para os espanhóes, um moço *dobrado*.

82 — Ignoramos e ignoraremos sempre, qual era o primitivo povo, qual foi a raça inicial da America do Sul, que recebeu o choque dos Karaí-guaranis e de onde teriam estes sahido, pois na ampulheta do tempo que passou, não está traçada a data, approximada ao menos, de suas incursões

83 — Só a lampada da incerteza, só o campo das hypotheses para o estudo dessas pesquizas até hoje sem resultado positivo, conduzindo á controversias e muitas vezes á discussões completamente estereis, a divagações improficuas.

84 — E' real que o professor Montané affirmou ter descoberto o *homo cubensis* o homem prehistorico de Cuba e que os estudos de Ameghino fizeram considerar uma nova raça, mas comprehende-se que esse facto isolado não podia fornecer os resultados necessarios e definitivos para um estudo difficil como é a Anthropologia. Mesmo os estudos de Paznausky em escavações na Bolivia pouco auxilio prestaram quanto a este ponto.

Acceitemos um povo oriundo da Asia, do centro asiatico talvez, e consideremos os invasores sem indagar da sua origem e epocha de apparição.

SciELO

Forçosamente esse povo seria formado de duas castas, como em qualquer sociedade: a casta dos guerreiros ou defensores da nação e ataque ao inimigo, a casta armada emfim e a casta dos pacificos, dos agricultores, procurando sustentar o povo, retirando do sólo tudo que a Natureza podia fornecer directa ou indirectamente.

Os povos atacados e vencidos ficaram sob o jugo dos conquistadores e mudaram-se para as ilhas, onde a agricultura era mais facil e onde dedicaram-se á ceramica.

Os guerreiros dominariam os insulares dos quaes no emtanto tinham necessidade, mas devendo tambem combater os inimigos encontrados a cada passo, deviam ter trajectorias em todas as direcções, e, a falta de estabilidade trouxe como consequencia a vida semi-nomade.

85 — As viagens ás ilhas seriam feitas em suas *kannas* e *igaras*, e foram naturalmente diminuindo, bem como o numero de individuos, de modo que quando Colombo chegou ás Antilhas, a lucta teria sido desigual e favoravel aos espanhóes.

86 — Nessa lucta desigual os aborigenes foram desapparecendo, quer escravisados, quer assassinados em nome da Civilização, e as ilhas se iriam despovoando, tendendo a raça a extinguir-se, mas posteriormente taes logares teriam sido novamente occupados pelos habitantes vindos do Continente, como representantes do cruzamento dos Karaivas primitivos com as nações vencidas, especialmente no Norte da America do Sul, os *Karinã*, *Kalinã*, com uma lingua proxima do actual *ava' nẽẽ*.

87 — Soffrendo modificações de varias origens, mas quasi sem alterar as raizes, a lingua falada pelos guaranis se teria estendido muito e talvez não haja actualmente uma tribu ou nação na America do Sul que não tenha, pelo menos, algumas raizes, em sua lingua ou dialecto.

Sem duvida é impossivel apreciar num simples conjuncto de 20 ou 30 vocabulos, bem ou mal tomados, com o rotulo de Vocabulario, escripto *à la diable*, ligações com outra lingua, mas conhecendo ou dispondo de verdadeiros vocabularios, attendendo ás denominações geographicas, o facto se manifesta, como é facil vêr, consultando os trabalhos de Bertoni.

Outra difficuldade, se não maior, é a de não uniformidade da graphia e a falta de orientação, pois seria conveniente saber como fazem as saudações, os nomes de parentesco e tudo quanto é de necessidade urgente para o amerincola, como instrumentos usados nos adornos, na caça, na pescaria etc..

88 — Em Porandúba, encontramos: *Quem conhece o guarani não conhece o tupi moderno e vice-versa.*

Acceitando, só por momentos, que a lingua estropiada impura, falada no Amazonas, possa receber o nome de Tupi, o paraguaio entende o amazonense e vice-versa, embora haja pequenas divergencias Ha a mesma differença que no português falado no Pará, São Paulo e Rio Grande do Sul, existindo vocabulos usados pelos nortistas e desconhecidos dos gaúchos e vice versa, devido á causas phoneticas ou regionaes.

Como aos puristas possa parecer exquisito nossa affirmação, passaremos ao dominio pratico, exemplificando

Consideremos dous extrangeiros, pertencentes á mesma nação e que ignorando o português, ficassem, um no Pará e outro em Sant'Anna do Livramento, e organisassem vocabularios para uso proprio, do que ouvissem. No fim de certo tempo, um não entenderia o que o outro falasse e muitas vezes ficaria em difficuldade para ler.

89 — Os vocabulos nortistas seriam mais *brasilic s*, se assim podemos dizer e os do sul seriam eivadas de *espanhol errado* impropriamente chamado castelhano.

A' *urupê'ma*, *maskaxê'ra*, *girimu'* e *tokaia* etc. o filho dos campos antepõe o *puxê'ro*, *guampa*, *xurrasco*, *b. ladera*, etc.

90 — Tomemos o sertanejo paraense com *canúa*, *curda*, *cachurru*. etc. substituindo *o* por *u* e ouçamos o mattogrossense com *budgio*, *dg·nte*, *txarque*, *feidjão* etc., dando ao *g* o phonema *dj*, *ġ*, como no inglês em *gentleman* e teriamos 2 dialetos differentes para os menos precavidos.

O mattogrossense rustico substitue *g* por *dg*, *x* por *tx*, *tch* emquanto o paraense tróca *o* por *u*.

Segundo B. Rodrigues, é commum a phrase *La vem seu Manduca numa canúa cumu curda na prua* etc. e em Curumbá ouvimos varias vezes, *Eá dgente! Qu·ndo budgio txóra é txúva certa. A dgente debotxo gosta de txarque e de feidjão* etc.

Que ligação existirá linquisticamente, entre o *gibão de couro*, *bacamarte*, *tocaia* do Norte e o *xiripá*. *a bombacha*, *garrucha*, *pombeiro* do Sul?

A construcção de phrases regionaes é tambem muito variavel e no interior de Santa Catharina ouvimos varias vezes: F. *cruzou do vereda e foi de escoteiro* e perguntamos: esta phase será comprehendida por todos os brazileiros? Em Minas ouvimos muito a pergunta: *Como é que é! Será que* . Até a côr do pello dos animaes é differente no N e no S e no emtanto o cavallo é commum para as necessidades da *fazenda* ou da *estancia*.

91 — O mesmissimo facto se deu com a lingua dos guaranis ou *ava'neẽ* falado no N e o falado no S, havendo vocabulos no N desconhecidos no S, phonetica um pouco differente etc. sem que taes factos sejam bastantes para considerarmos dois dialectos e muito menos duas linguas.

SciELO

92 — Consideremos o que se passa em portuguès, aqui no Brasil, com os vocabulos *ama* e *emprestar*. No N, pelo menos em Aracajú e S. Salvador, *ama amo* indicam os patrões e no Rio e Sul do Brasil, significa a empregada, a *cunxavadi* de alguns lugares. No N. *emprestar* é receber alguma cousa que deve ser restituida, sem pagamento, e no Sul, é ceder nas mesmas condições. No N. se diz *emprestar de* e no S. *emprestar á*.

A. emprestou um violão de B, dito no N., no Sul seria *B emprestou um violão a A* e em qualquer dos casos B é o proprietario

Em Coimbra, quando commandante, extranhamos as denominações dadas ás moédas de cobre, 10 réis era *cinquinho*, 20 réis era *10 reis*, e 40 réis era *um vintem!!* Ainda no mesmo local e depois em Corumbá notamos que *duro* tem uma accepção muito elastica e é commum *pucha duro, canta duro*, pelo vicio do *ava' nerẽ, usando atã ãtã* para taes casos.

93 — No vocabulario de B. Rodrigues, pag. 3, encontramos: *E' corrente já hoje e vulgar dizer-se que o kaiami e o tupi são uma e a mesma lingua.*

94 — Não é real Nunca autor algum fez differença e é justamente hoje que temos: *lingua geral, lingua tupi, nheengatú* e mais rotulos á feição do operador, e embora Couto de Magalhães não faça essa differença, preferiu no entanto deixar de parte o nome guaraní e B. Rodrigues ora confunde, ora repara, embora por exquisitice pessoal escreva *Karani*.

95 — O *ava' nerẽ* foi a lingua mais geral e nenhum autor antigo escreveu grammatica sobre Tupí, nheengatú etc, embora N. Senna affirme que em 1570 Anchieta tenha publicado um vocabulario em *tupi*, referencia esta que não encontramos em mais lugar algum e Lery, que é talvez o autor mais antigo, escreveu *Lingua brasilica*.

96 — Em Poranduba encontramos os vocabulos *guarani* e *karani*, affirmando o autor que foram os hespanhóes que fizeram a mudança de *k* para *g*, facto este inaceitavel, conforme prova M. Bertoni, pois além de tudo, os mais antigos escriptores escreveram com *g* e seria impossivel obter uma prova dessa pronuncia *karani*, e avançando mais um pouco no cipoal linguistico, affirma o illustre botanico brasileiro, que o amerindio não tinha *g!!!*

97 — Nenhum autor affirmou tal cousa Os amerindios utilisavam todos os sons que conhecemos, todos os phonemas, desconhecendo talvez só *ão* que pensamos seja caracterisco no portuguès moderno em substituição a *am*, o mesmo as lettras F, L, R, tinham na phonetica uma collo-

SciELO

cação, eram e são usadas, embora não por todas as nações. A questão primordial, senão unica, do sabio naturalista é collocar o Amazonas e Pará, sob o ponto de vista linguistico, acima do Paraguai, facto esse infelizmente seguido. Se no Paraguay ha o ava' *neẽ* ou o guaraní, como o chamam, vá que chame nheengatú ao que se fala no Amazonas, mas não se invente Tupi e muito menos se procure depreciar a lingua supposta primitiva, pois como disse e transcrevemos já: *abanheenga ainda se encontra puro, falado pelos guaranis campesinos do Paraquay e pelas tribus Tembê do Pará e do Alto Rio Negro* (Mbaé Kaá etc. pag 21).

E' incrivel que um mestre affirme que no Paraguai a lingua é pura, e a pronuncia é a primitiva, que no Amazonas a lingua é impura, eivada de erros e vicios, e mande *perpetuar, escrever esta e abandonar aquella!!!* (Voc. pg. 32)

98 — Ora, o selvicola nunca escreveu, pelo menos que saibamos, logo, como acceitar a ortographia nheengatú que affirma ser obra dos jesuitas?

Pensamos que a conclusão deve ser outra. A lingua é uma e para o caso é o ava' *neẽ*, mas apresentando differenças regionaes, sem formar nem 2 dialectos ao menos, e grande parte das differenças notadas não pertencem ao modo de falar dos amerincolas e sim á falta de uniformidade na graphia, procurando emprestar a uma dada letra, phonemas que não são conhecidos, quando seria mais pratico tomar novos siguaes como indicamos, noutro trabalho. Entre muitos exemplos tomaremos *ĭ*, cujo valor phonetico é perfeitamente definido na lingua latina e substituimos o phonema attribuido por *ɨ*, que é um novo signal, assim como tomamos *ɲ*, *ɡ*, *ɡ*, *b*, *đ*, *ḡ* em vez de *gn* ou *ñ*, *dj*, *mb*, *nd*, *ḡ* etc.

99 — Não nos convencemos ainda que nação alguma falasse uma lingua chamada *nheengatú* ou *nheengaíba* com a accepção acceita para taes vocabulos Já o dissemos e repetimos: é commum entre nós dizermos «fale lingua de gente». Ora é muito provavel, admissivel que o servicola, o incola empregasse esta mesma phrase e o *nhengaíba* significaria essa lingua difficil, differente da falada por uma dada nação, mas sem constituir uma lingua particular — a um povo e sim linguas differentes. Seria um nome applicado entre nações, e *A* seria nheengaíba para *B* e vice-versa.

Uma pessôa que não entende o hebreu acha essa que lingua, pela dificuldade dos sons gutturaes, como se dá com o arabe, persa, etc., não seja de gente, e pelo mesmo motivo elles dirão o mesmo do português. Para o tembé, é de suppôr que os nhambiquaras possam ser considerados como nheengaibas, e reciprocamente, pois não se entendem.

Em ultima analyse pensamos que *nheengaiba signifique propriamente lingua extranha, differente, não compre-*

hendida e que *nheengatú signifique lingua facil, de gente, comprehensivel, etc.* e a prova temos como significado restricto de *avã neẽ* e nunca vimos escripto que houvesse linguas *mundurucu, cayuás etc* e sim linguas faladas por taes nações, cujos nomes são dados pelas outras. E' approximadamente o que se dá com o nosso portuguêz. Podemos dizer: *Phoneticamente o portuguêz do Pará differe do falado no Rio Grande do Sul*, mas ninguem dirá *lingua paraense, paulista, etc.*, embora digamos *os Estados dos paulistas, paraenses etc.*

Quando o paraguaio que indicar que o individuo a quem se dirige fala mal a lingua, diz *re neẽ rai'* (*nheengatba?*)

100 — Não ha um trabalho, nada entre nós, chamado Tupi, vocabulo aliás muito empregado como nome de cães de estimação emquanto que o *Guarany* de J. Alencar, joia de nossa litteratura, apezar de varios erros no que concerne aos vocabulos dos americolas, e acima disse, o *Guarani* de Carlos Gomes, conhecido no mundo inteiro e que immortalisando seu autor, eleven nossa Patria.

101 — E' raro ter um vocabulario, onde não haja a affirmação de que algumas lettras não eram utilisadas, mas no trabalho essas letttras apparecem e nem precisamos citar autores, é uma simples questão de verificar, talvez desde Du Graty até os trabalhos mais modernos.

102 — Dentre todos esses trabalhos, talvez pela sua extensão, é o do Dr. Baptista Caetano, infelizmente onde melhor se verifica, pois entre outras lettras nega a existencia de *K*, e só no offerecimento ao Imperador, na 1.ª pagina emprega uma dezena de vezes.

103 — Barboza Rodrigues se insurge contra o uso de *G*, mas diz que *anunheenga* é prosodia e lingua primitiva. Ainda mais. Em seu vocabulario pg. 8, affirma:

Para mim, as lettras do alphabeto primitivo foram, sem a influencia da phonetica extranha, estas lettras que adopto, e cita *B, G etc* e no emtanto, na pg 16 está escripto: *devo dizer que em manifesto engano tem andado todos que suppõe que a lingua geral, o anunheenga, tinha antes dos escriptos hespanhóes e portuguezes o b o g, e o j.*

Não se acceita que só no vocabulo *guarani* haja *g* por engano ou erro, pois escreve *nheengatú, anunheenga, igara, piroga, anunheenga*, sendo que este é o nome que dá a lingua onde diz não haver *g!*

104 — Mas, para justificar, encontramos á pg. 2:

G — sôa sempre como em portuguêz, no meio ou fim dos vocabulos, porém nunca apparece no principio, sinão no Karani, por vicio hespanhol.

Isolada com o proprio som, a formar syllaba ante qualquer vogal, não existe no tupi, mesmo fallado por individuos da tribu nheengaiba de pronuncia guttural. Quando ella apparece é sempre depois de **n**, *quando sôa ng.*

Ignoravamos que haja ou tivesse havido uma tribu chamada nheengaiba, e pouco abaixo:

Recahindo esse som sobre a vogal que se segue, fórma syllaba e d'ahi vem igara, igaponga, iguaçú etc.

E' facil vêr que nos 3 exemplos existe *g* sem *n*.

105 — Pouco mais abaixo ainda:

Nunca por si só esta lettra produz as pronuncias ga, ge, go, gu, sem ser nestes casos.

De facto não ha talvez uma unica lingua, onde *g* «por si só» produza *ga, go, gu,* mas é certo que escreveu *igara, igapó* etc

106 — No vocabulario pg. 22:

Os brazis (??) pela descoberta, não pronunciavam o g no começo das dicções senão por abreviatura, porém tendo sido os primeiros no sul .

Em que documentos póde o estudioso basear-se para provar que esse som não existia, e só existe hoje, se os documentos, as fontes existentes são os livros, e estes consignam o phonema?

O facto de numa dada tribu haver um phonema ou pronuncia differente de outra, não basta para concluir qual a que pronuncia certo, e perguntamos:

Quem pronuncia certo, nós brasileiros dizendo *vinho, tambem,* ou outros pronunciando *binho, tambzin?*

107 — Estamos de accordo que em muitos vocabulos graphados com *g* de facto essa lettra não existisse ou pelo menos tenha o vocabulo sido mal graphado. Assim Montoya graphou *og* que parece poderá ser pronunciado *ogue,* que não é conhecido do selvicola, porque essa consoante é fugitiva, é guttural, occlusiva, como se da com *b* em *sob* em português, e com *s* de *l'os* em francês, e, como, não temos nada que se assemelha em português, graphamos *o* (*g*).

108 Querendo provar que *g* em guarani é uma invenção, pergunta:

Onde estão no Karani as palavras que começam por ga, go?

E' o proprio autor quem responde, escrevendo *nheengatú* (*nheen* + *gatú*), e além disso parece-nos que nunca foi criticada a graphia *Garanhús, Garopaba, Goyás* etc e se de facto primitivamente tinham outra pronuncia, perguntamos, por nossa vez: *Onde em português os vocabulos começando por Ji?*

SciELO

109 — O facto é muito outro e escapou ao mestre. Se de facto é corrente a graphia com *gu*, é pelo defeito de dar á consoante, ou receitar 2 phonemas, caso que se não verifica em grego nem allemão.

E' o mesmo facto que levaria o extrangeiro a perguntar porque escrevemos *Ginipapo, Germano, Jeremias, Jacintho, sege, seja etc.* ou a razão de *g* antes de *a o, u* ser phonema differente do que sem antes de *e, i; s* ter o som de *z* entre vogaes, mas lêr *uniçono, trancito etc* em *unisono, transito etc*; escrevermos *China, machina, machado* e *machabeu* onde *ch* tem phonemas differentes.

110 — Pensamos que numa lingua cuja phonetica e graphia começam a ser systematisados, deve ser abolido o o uso de letras com phonemas differentes.

111 — Pergunta ainda o mesmo naturalista (pg. 26):

Como lerá o individuo que nunca tiver ouvido um paraguayo, estas palavras uguy, guy? Ugu-i, gui ou ugui?

A pergunta carece de base, porque tambem perguntariamos: *Sem nunca ter ouvido pronunciar, como o brasileiro leria:* the, thousand, etc. *em inglês*, charmeur, jardin, un une, *em francês? Como pronunciar* Balbek, *sem ter ouvido um arabe?*

112 — Cada lingua tem seus sons particulares, mas ninguem póde aprender a pronunciar taes sons, só com o auxilio das grammaticas. Ha certos segredos que só a pratica poderá ensinar e nesse caso estão o *j* espanhol, o *u* francês, o *th* inglês, o *ch* allemão etc. sem recorrer á linguas mais difficeis como o arabe, o sanskrito, o japonês etc. E' por esta razão que em nosso *Alphabeto do avá-ñeẽ* procuramos exemplificar tomando vocabulos em linguas conhecidas onde exista o som de que necessitamos.

113 — Na pg. 27 toma o vocabulo *baguaçu* como exemplo de vicio espanhol mas este vocabulo não é de *avá-ñeẽ*, não existe em Montoya, ou pelo menos não o encontramos, embora consigne *îba* significando fruto, e se como diz B. Rodrigues, é commum dizer se *baguaçá* em Matto Grosso, isso não é razão, pois perguntamos: Quem pronuncia assim? São os selvicolas?

114 — Mesmo que a inicial tivesse desapparecido, isso poderia ser um signal de evolucionismo, pois ha os metaplasmas e nem precisamos citar vocabulos portuguêses que tenham perdido a inicial, ou feito mutações, pois do contrario teriamos que escrever *inlegal, amare, çapato, açucar* e outros archaismos.

115 — Será impossivel conceber uma lingua sem soffrer modificações do meio e do tempo, e a mór parte das

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Como no hebreu o *iod'* é uma letra matriz, em *avá neẽ* o *i* representa o mesmo papel.

Isoladamente *i i g)* significa agua, cousa liquida, e, segundo uma das escolas gregas, a agua era geradora dos outros elementos, Em *avá-neẽ* temos:

I = agua (liquido); *ivî* = terra (solido); *ivîtu* = vento, ar (gasoso) e *ivaga* = céo, firmamento.

Ainda mais, podemos formar um quadro resumido.

Ivî (terra)
- *ivila'* = vento, ar
- *ivirá* = páo, galho, vegetal
- *ivîguá* = barriga
- *ivíi* = cousa baixa, pequena, chata.
- *ivîti* — serra, montanha, terra elevada

I = matriz

ivá (fruto)
- *ivaga, ival(g)* = céo, firmamento
- *ivagu'* = fruto amarello, sazonado, maduro

Il = haste, cabo de ferramenta, mastro, etc.
iá = cabaça, catuto coité
ivá = fruto, ultimo grão do desenvolvimento
ivi = arvore recta, estipe e tudo que é erecto
ivî(r) = junto, fresco, novo, ainda verde, etc., etc.

Vê-se que essa lettra como que fórma, sendo inicial, a Natureza, desde *ipî* inicio, principio, embryão, passando por *ivi*, até *iva(g)*. De *ivî*, que é a terra, surgem os vegetaes cujo ultimo aperfeiçoamento ou desenvolvimento é dado com o fruto ou *ivá*. Como o tempo tudo modifica, surge o *iviù* ou vento que tudo leva, ou a terra ergue-se e temos as montanhas, serras, etc, o *ivîti*.

A — Em hebreu, o *aleph* exprimo hieroglyphicamente o homem, o senhor, o dominador.

Em *avá-neẽ*, isoladamente, tem o mesmo significado: homem, cabeça (parte dominante pelo cerebro) fructo (ultima phase dos phanerogamos), etc.

E — Corresponde approximadamente ao ה *he* hebreu, cujo significado hieroglyphico é: aspiração, respiração em geral, ligação, união do individuo material ao moral, etc, e em *avá-neẽ*, além de outras cousas, significa: dizer, transmittir o pensamento e portanto ligação dos individuos na formação da sociedade e união do material ao moral.

SciELO

U — Em *avá-neẽ* o mesmo em outras linguas o dialectos dos amerincolas, significa cousas diametralmente oppostas: comer e beber; deixar e levar; pôr e tirar, etc. e portanto neste par icular corresponde ao sentido hieroglyphico do *schin* ש

O — Por si só em *avá-neẽ* significa: cobrir, tapar, remendar, habitação em geral, e, em hebreu, esse é o significado de ת *tan*.

Resumo dos principaes trabalhos sobre lingua dos amerincolas, publicados até o seculo XIX exclusive, em ordem chronologica.

1

Summa de Doutrina christã vertida em lingua brasileira — P. Pedro Correa (fallecido em Dezembro de 1554) — Manuscripto

2

Doutrina na lingua do Brasil — P.e Leonardo Nune — 1574 — Manuscripto

3

Doutrina na lingua do Brasil — P.e Marcos Jorge — ? — Manuscripto

4

Oraison dominicale en ue Sauuage Salutation angelique — La simbole des Apotres — Thevet — 1575 — (La Cosmographia Universelle de André Thevet 1575 — 4.° tomo) E' o primeiro livro impresso em ava° neẽ.

5

Colloque de l'entrèe ou arrivèe en la terre du Brésil entre les gens du pays normeès Tonoupinanbaoults et Toupinenkins en langage sauvage etc. François Jean de Lery — 1585 — (Eidção de 1600)

6

Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil — Feyta pelo padre Joseph de Anchieta da Cõpanhia de Iesv — Coimbra — 1595 — por Antonio de Mariz — Em 8° —

SciELO

60 folhas sendo as duas primeiras de frontispicio e licenças, não numeradas

Foi reeditada em 1874 e 1876 por Julio Platzmann

7

Catecismo na lingua brasilica, no qual se contém a summa do doutrina christã etc. — P.e Antonio de Araujo 1618.

Ha uma segunda edição de 1686, emendada pelo P.e Bartholomeu de Leam.

8

De la consaguinité, qui est parmŷ ces sauvages — Ives d'Evreux — 1615 (Cap. XXIII de Voyage dans le nord du Brésil fait durant les annèes 1613 — 1614)

9

Vocabulario de la lengua Guarani que se habla nel Paraguai — P.e Alonso de Aragon — Entre 1616 e 1629 — Manuscripto —

10

Sintaxis de la lengua guarani — Do mesmo autor.

11

Tratados de sus Particulares Sermones — Do mesmo autor

12

Dialogo de los Sacramentos y de otros Misterios — Do mesmo autor

13

Canciones en la mesma lengua — Do mesmo autor (1)

14

Diccionario da lingua geral do Brazil José Sanches Labrador — 1624 — Manuscripto

---

(1) Como se vê, é o primeiro a empregar a denominação *lengua guarani.*

SciELO

15

Vocebulario de la lengua guarani que domina ambos mares el del Sur por todo el Brazil y ciñiendo todo el Perú M^mo autor e d:ta — Manuscripto

16

Catechismo em lingua brazilica — Frei Francisco do Rosario — Entre 1591 e 1619 — Manuscripto — (Morreu á 28-7-1619)

17

De communi Brasiliensium lingua Jean de Laet — (*Na obra Novus Orbis, seu descriptiones Indiæ Occidentalis 1633*) —

18

Partes corporis humani — consaguinitatus gradus — Promiscua nomina — Numerorum nomina — Jean de Laet. (*Da ob a Notæ ad dissertationem Hugonis Grotei De origine Gentium Americanorum etc.*)

As duas obras são em latim e guarani (*ava'-neẽ*)

19

Tesoro de la lengua gvarani — Compuesto por el padre Antonio Ruiz de compañia de Jesus etc — 1639 (Em 4.° com 8 folhas preliminares e 407 á 2 columnas)

Ha uma edição J. Platzmann de 1876

20

Bocabolario (*Arte y*) *de la lengua gvarani — Compuesto por el padre Antonio Ruiz — 1640* (Em 4.°; 5 folhas preliminares. A Arte occupa 100 paginas)

Ha a edição de 1876, de Porto Seguro, alterando o titulo das obras, e outra do mesmo anno de J. Platzmann.

21

(*Mesmas obras*) — *Edição Revista e augmentada por otro Religioso de la misma Compañia — 1722* (Em 4.°; 2 folhas preliminares e 589 numerados)

SciELO

22

Catecismo de la lengva gvarani, compuesto por el padre Antonio Ruiz de Madrid — 1640 (8 folhas preliminares e 336 paginas numerados)

Ha uma nova edição de Platzmann, de 1876

23

Arte y bocabulario de la lengua guarani. Compuesto por el padre Antonio Ruiz de la Compañia de Jesvs — 1640 (Em 4°; 6 folhas preliminares)

24

Arte de la lengua guarani por el Padre Antonio Ruiz de Montoya, de la compañia de Jesus, con los escolios anotaciones y apendices del P. Paulo Restivo de la misma compañia sacados de los papeles del P. Simon Bandini y de otros — 1724

25

Arte de la lengua guarani por Antonio Ruiz de Montoya, publicado nuevamente sin alteracion alguna, por J Platzmann — 1876

26

Em 1876, o Visconde de Porto Seguro reeditou os trabalhos do padre Montoya mas alterou o titulo para *Arte de la lengua guarani ó mas bien tupi etc.*

27

Diccionario guarani para el uso de las missiones — Velasques — 1642

28

Arte da lingua commum, que chamam geral — Frei Boaventura de Santo Antonio (Morto em 1697)

29

Grammatica Guarani — Frei Luiz de Bolanos — Sem data — Manuscripto

30

Vocabulario guarani espanhol e espanhol guarani — idem idem idem

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

31

Catecismo de la doctrina — Oraciones — Idem idem idem

32

Vocabulario da lingua brasileira (806 pgs.) Frei Matheus Jesus Maria — Sem data — Manuscripto

33

Catalogo de nomes da lingua Marauní. Mesmo autor. idem idem

34

Cartapacio dos verbos da lingua Maraumi — Mesmo autor Idem idem

35

Vocabulario da lingua Aroá — Mesmo autor — Idem idem

36

Vocabulario com advertencia pertencentes a Grammatica da lingua geral — Mesmo autor — Idem idem.

37

Dictionariolum nominum & verborum linguae Brasiliensibus maxima communis — Georgius Marcgravius 1648

38

« The language of the Brasilians » em America being the latest, and most accurate description of the New-World — John Ogilby 1671

39

Unterschiedliche Sprache in Brasil. Die algemeine Brasilische Sprache = Brasilische — Neu oder Nahm — Wörter & Arnoldus Montanus 1673

40

Arte de grammatica da lingua brasilica do p Luiz Figueira, theologo da Companhia de Jesus — 1687

SciELO

41

Segundo Varnhagen, a 1.ª edição é de 1621, havendo outras de 1795, 1878 (Platzmann) e de 1880 annotada por Emilio Allain

42

Cathecismo de doutrina christã na lingua brasilica, da nação Kiriri, composto pelo padre Luiz Vincencio Mamiami & 1698

43

Arte de grammatica da lingua brasilica da naçam Kiriri composto pelo p. Luis Vincencio Mamiami da Companhia de Jesus, missionario nas aldeias da dita naçam — 1699

Ha 2.ª edição publicada no Rio a 1877 a uma versão em allemão de H. C. von der Gabelentz, de 1852

44

Katecismo indico da lingua Karirio' accrescentado de varios praticos etc. pelo frei Bernardo de Nantes — Lisbôa 1709

45

Explicacion de el Catechismo em lengua guarani por Nicolas Japugnai com direcion del P. Paulo Restivo 1724

46

*Manuale ad usum Patrum societatis Jesu qui in reductionibus paraguariæ versantur ex rituale romana de toletano. Anno domine 1721****

47

Ara pocu aguïycy haba, conico quatia porombac ha marãngâtu ete P. Joseph Insaurralde 1759-1760

48

Della lingua dei Guaranesi — Filippo Salvatore Gillii em Soggio de Storia americana 1780

49

Diccionario portuguez e brasiliano & Publicado pelo Pe Frei Conceição Velloso 1795 — Manuscripto — (Repro-

duzido no tomo XIX da Rev. trim. do Inst. Hist. e Geog. do Rio de Jan. 1856 (de pgs. 448 a 476)

Ha outra edição de 1854 de Silva Guimarães, com 27 vocabularios.

50

Compendio da doutrina christã na lingua portugueza e brasilica.

Composto pelo Pe João Fellipe Betendorf e reimpresso por frei José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa 1800

51

Catechismo da doctrina christiana em guarani y castulano. Para uso de los curas doctrineros de indios etc etc. Frei Joseph Bernol — Buenos Ayres 1800

Taes são as obras conhecidas atê 1800

M. Tenorio

---

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Dr. Mello-Leitão

Oxyopideos do Brasil

SciELO

OXYOPIDEOS DO BRASIL

PELO

DR. MELLO-LEITÃO

Os Oxyopideos formam uma familia muito homogenea, com affinidades ainda não bem definidas. Assim, diz *Simon*: « Le genre *Oxiopes* est le type d'une famille considérée par certains auteurs comme intermédiaire aux *Lycosides* et aux *Attides*; par d'autres comme reliant ceux-ci aux *Thomisides*, mais n'offrant de rapports bien nets avec aucun des types voisins, sauf peut-être avec les *Senoculus* ».

Dahl colloca-os em sua subordem *Polytrichiae*, ao lado dos *Argyronetydeos* (grupo Argyroneteae dos Agelenideos) e dos *Tengellideos*, certamente sem nenhuma affinidade com elles.

Petrunkevitch approxima-os dos *Senoculideos*, *Lycosideos*, *Pisaurideos*, *Palpimanideos*, *Zodariideos* e *Eresideos*. Parece-me que elles formam uma transição entre os *Senoculideos* e os *Attideos*, tendo os mesmos habitos e forma geral dos *Lyssomanes*.

O cephalothorax é oval, raramente muito curto, mais ou menos attenuado e comprimido adiante, de fronte obtusa, face alta, vertical e trapezoide; região thoracica fortemente abaixada para traz, com uma estria longitudinal longa e profunda e fracas estrias radiantes; borda posterior levemente truncada e arqueada.

Os olhos, todos do typo diurno, são muito desiguaes: a fila anterior forma um trapezio de base

SciELO

posterior e a fila posterior é sempre fortemente procurva, de modo que os olhos podem ser descriptos como dispostos em quatro filas (2-2-2-2). Os dois olhos anteriores são os menores e os da segunda fila são sempre os maiores; os outros quatro, grandes ou mediocres, são do mesmo tamanho.

O clypeo é plano, largo, vertical.

As cheliceras são longas, verticaes, acuminadas, de face anterior quasi plana e com grande saliencia basal externa; margens do sulco ungueal curtas, muticas ou unidentadas; garra curta, fortemente arqueada e muito larga na base, onde occupa quasi toda largura do segmento basal.

Peça labial mais longa que larga, excedendo em muito o meio das laminas-maxillares, levemente convexa, quasi parallela, estreitando-se em sua metade apical e, ás vezes, levemente chanfrada.

As laminas-maxillares são longas, estreitas, levemente convergentes, arredondadas do lado externo; borda apical interna com espessa escopula e longa sêrrula marginal.

Esterno cordiforme ou quasi triangular, terminando atraz em ponta curta e sub-aguda, adiante das ancas posteriores, que são contiguas ou quasi.

Abdomen oval, sempre acuminado atraz, com as fiandeiras terminaes. Fiandeiras inferiores connatas e precedidas de pequeno cólulo obtuso; superiores um pouco mais delgados. Tuberculo anal bem desenvolvido, triangular, ciliado.

Pernas muito longas, quasi do mesmo tamanho, sem escopulas, armadas de longos espinhos muito numerosos e com tres unhas tarsaes.

Tegumentos lisos e revestidos de pellos coloridos, deitados, esquamiformes, ovaes ou lanceolados.

Palpo da femea com uma garra pectinea; o do macho lembra muito o dos Senoculideos.

Os *Oxyopideos* são essencialmente diurnos, vivendo nos ramos, onde perseguem as presas, nunca tecendo teia. São cosmopolitas. Na America Tropical são representados por seis generos que facilmente se distinguem.

SciELO

CHAVE DE OXYOPIDEOS AMERICANOS

A — Olhos posteriores em linha mui fortemente procurva, formando nitidamente duas filas oculares, os lateraes posteriores a igual distancia dos medios posteriores e dos lateraes anteriores; chelicéras de margem inferior com um dente:

B — Olhos da segunda fila quasi iguaes aos olhos posteriores (IV) e formando com elles uma area parallela, mais longa que larga; os olhos das duas ultimas filas equidistantes — *Oxyopes* Latr.

BB — Olhos posteriores não equidistantes, os medios sempre mais proximos dos lateraes que um do outro, e formando com os medios anteriores uma area mais estreita adeante.

C — Olhos anteriores formando uma area trapezoide, (como em *Oxyopes*) — *Oxyopoidon* O. Cambr.

CC — Olhos anteriores em fila quasi direita, medios muito mais afastados dos lateraes que um do outro — *Hamataliva* Keyserl.

AA — Olhos posteriores em fila levemente procurva, direita ou levemente recurva, estando os lateraes muito mais afastados dos lateraes anteriores que dos medios posteriores; margem inferior do sulco ungueal das chelicéras mutica.

B — Olhos posteriores em fila direita ou levemente recurva; clypeo mais estreito que a area ocular — *Tapinillus* Simon.

BB — Olhos posteriores em fila recurva; clypeo igual ou mais alto que a area ocular:

C — Protarsos com cinco espinhos verticillados apicaes; peça labial mais do duas vezes mais longa que larga — *Peucetia* Thorell.

CC — Protarsos com um só espinho apical; peça labial menos de duas vezes mais longa que larga —

Schenicoscelis Simon.

Genero **Oxyopes** Latreille 1804

Cephalothorax mais longo que largo, pouco estreitado adiante e obtuso. Olhos da 1.ª fila formando um trapezio mais largo que longo, sendo os olhos

medios muito menores. Olhos posteriores iguaes e equidistantes, em linha fortemente procurva, muito mais larga que a anterior, os lateraes a igual distancia dos medios posteriores (fila IV) e dos lateraes anteriores (fila II); estes (olhos das filas II e IV) formando uma area parallela, mais longa que larga, e quasi do mesmo tamanho. Clypeo da altura ou mais alto que a area ocular. Margem inferior do sulco ungueal das cheliceras com um dente e margem superior com um ou dois. Laminas-maxillares longas e direitas; peça labial levemente lanceolada e de ponta truncada. Pernas longas, armadas de numerosos espinhos.

Typo: *Oxyopes heterophthalmus* Latr.

O genero *Oxyopes* é muito abundante em especies, largamente distribuido por todas as regiões tropicaes e temperadas (onde é menos frequente). Ha no Brasil doze especies deste genero, todas mais ou menos largamente espalhadas, e para as quaes organizei as seguintes chaves:

♀ ♀

A — Epigyno triangular, livre em quasi toda sua extensão, de ponta curva, e lembrando um chapéu de palhaço — *O salticus* Hentz (Fig. 1)

AA — Epigyno curvo em U ou em C deitado (⊂), soldado ao tegumento em toda a sua extensão:

B — Rebordos lateraes chitinosos do epigyno convexos, de extremidades divergentes — *O. hemorrhous* sp. n. (Fig. 2)

BB — Rebordos lateraes chitinosos do epigyno concavos:

C — Rebordo chitinoso do epigyno mais longo ou tão longo quão largo (Fig. 3 e 4)

D — Ventre com 5 pares de manchas claras; epigyno regularmente curvo, de pontas formando angulo — *O. pugilator* sp. n. (Fig. 3)

DD — Ventre sem manchas claras; epigyno de lados quasi direitos, estreitando-se regularmente — *O. stephanurus*, sp. n. (Fig. 4)

CC — Rebordo chitinoso do epigyno mais largo que longo (Fig. 5 a 11)

SciELO

D — Clypeo nitidamente mais baixo que a area ocular — *O. argyrotrichius* sp. n.

DD — Clypeo igual ou mais alto que a area ocular:

E — Dorso do abdomen com pequenas manchas (4' 6 ou mais):

F — Dorso do abdomen com 4 ou 6 manchas regularmente dispostas:

G — Borda posterior do epigyno plana ou levemente recurva, de lados muito curtos, e grandes sombras dos receptaculos seminaes convexas — *O. sexmaculatus* sp. n

GG — Borda posterior do epigyno regularmente curva para frente, de lados acompanhando a curva posterior; sombras dos receptaculos seminaes pequenas — *O. fluminensis* sp. n.

FF — Dorso do abdomen irregularmente manchado:

G — Fundo amarello, manchado de vermelho — *O. rubrosignatus* Keyserl.

GG — Fundo vermelho manchado de amarello — *O. incertus* sp. n.

EE — Dorso do abdomen uniforme ou com uma grande mancha central:

F — Cephalothorax amarello; abdomen cinzento amarellado — *O. constrictus* Keyserl.

FF — Cephalothorax vermelho com uma grande mancha clara ou pratoada; abdomen castanho com uma grande mancha amarella ou prateada — *O. macroscélides* sp. n.

♂ ♂

A — Tarso dos palpos com uma apophyse basal mais ou menos saliente:

B — Tarso dos palpos com a apophyse basal dirigida obliquamente para a patella e muito saliente; tibia com um pincél de longas cerdas, e sem apophyse apical — *O. salticus* Hentz

BB — Tarso dos palpos com apophyse basal pouco saliente e transversa; tibia sem pincel de longas cerdas e com uma apophyse apical com duas pontas, muito caracteristica:

C — Tibia com dois pequenos espinhos dorsaes e com a ponta superior da apophyse mais aguda e maior que a inferior — *O. macroscélides* sp. n.

CC — Tibia dos palpos inerme e com a ponta superior da apophyse apical curva e muito menor que a inferior — *O. incertus* sp. n.

AA — Tarso dos palpos sem apophyse ou angulo saliente basal:

B — Estylete do bulbo livre e saliente em sua porção apical; bulbo sempre com uma apophyse angulosa basal:

C — Abdomen de colorido geral uniforme, sem manchas de contraste; ventre com uma faixa escura entre duas faixas claras; tibia com uma apophyse apical:

D — Tibia com um pincél de pellos pouco longos; tarso revestido de pellos curtos; tibia com a apophyse apical voltada para a base — *O. cetus* sp. n.

DD — Tibia e tarso com longuissimos pellos; apophyse apical normal — *O. pugilator* sp. n.

CC — Abdomen manchado de vermelho; ventre com duas faixas vermelhas; tibia com 2 apophyses — *O. rubrosignatus* Keys.

BB — Estylete do bulbo livre e saliente em sua porção basal;

C — Abdomen vermelho rutilante, de ventre claro uniforme — *O. hemorrhous* sp. n.

CC — Abdomen cinzento amarellado, com duas faixas escuras no ventre — *O. constrictus* sp. n.

OXYOPES SALTICUS Hentz, 1845 (Figs. 1 e 12)

O. s. Hentz — Journ. Boston Soc. N. H. 1845, Vol. V, p. 196 pr. XVI, f. 10

O. s. Hentz — Spiders U. S. p. 47, ps. VI, f. 10

O. astutus Hentz — Journ. Boston Soc. 1845, p. 197, pr. XVII, f. 1

O. astutus Hentz — Spiders U. S. p. 48, pr. VII, f. 1

Sphasus luteus Blackwall — Ann. & Mag. Nat. Hist. (3), 1862. Vol. X, p. 350

Oxyopes varians Taczanowski — Horae Soc. Entom. Ross., 1873, Vol. X, p. 95

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Oxyopes gracilis Keyserling — Verh. Zool. bot. Gesells. Wien, 1877, Vol. XXVII. p. 698, n. II, ff 63, 64

Oxyopes luteus Keyserling — Spinnen Amerikas, Brasil. sp. 1891, p. 271

O. s. Simon — Proc. Zool. Soc. London, 1897, p. 889

O. s. Banks — Trans. Connect. Acad. sc. 1902, Vol. XI, p. 274

O. s. Emerton — Common Spiders, 1902, p. 88, ff. 218, 219

O. s. Montgomery — Proc. Acad. Philadelphia, 1902, p. 590, pr. XXX, f. 52

O. gracilis F. Cambridge — Biol. Cent. Amer, 1902, Vol. II, p. 342, ps. XXXII, ff. 14, 15

O. gracilis Tullgren — Arkiv. f. Zool. 1905, Vol. II, p. 693 ps. VIII, f. 34

O. s. Petrunkevitch — Trans. Connecticut Acad. Sc., 1925, Vol. XXVII, p. 78

♂ e ♀ — 5 mm.

Olhos posteriores iguaes e equidistantes. Area dos olhos lateraes anteriores com os medios posteriores parallela. Clypeo da altura da area ocular. Cheliceras maiores que a altura do clypeo. Abdomen pontudo atraz. Esterno mais longo que largo.

Cephalothorax ora fulvo claro, orlado adiante de negro, tendo no clypeo duas linhas negras que se prolongam sobre as cheliceras, ora castanho-escuro, com duas faixas longitudinaes fulvo-claras, que partem dos olhos lateraes posteriores e convergem atraz, onde são muito mais largas. Esterno fulvo, ou castanho-escuro, de centro amarellado. Laminas fulvas ou castanho-escuras. Peça labial negra ou castanha. Pernas amarello-claras, com uma faixa negra na face inferior dos femures e com os espinhos negros. Região ocular do cephalothorax ás vezes revestida de pellos claros.

Abdomen ora amarello-esbranquiçado, reticulado de pardo, com uma faixa longitudinal mediana castanha e de lados negros; ora negro, apenas com duas linhas claras, curvas, nos dois terços anterio-

res, limitando um oval mediano allongado. Ventre sempre negro.

Hab.: E' esta uma das aranhas mais communs do Sul dos Estados Unidos até a Republica Argentina, sendo encontrada em todo o Brasil.

OXYOPEDES MACROSCELIDES sp. n. (Figs. 5 o 13)

♀ — 11,5 mm.

Cephalothorax alto. Olhos posteriores iguaes, em fila muito procurva, os médios separados entre si dois diametros e a dois e meio diametros dos lateraes. Olhos anteriores formando um trapezio, sendo os olhos médios duas vezes menores que os lateraes. Area formada pelos olhos lateraes anteriores e médios posteriores mais longa que larga e um nada mais estreita atraz. Clypeo bem mais alto que a area ocular. Cheliceras pouco maiores que o clypeo, planas.

Esterno mais longo que largo. Peça labial parallela, chanfrada quasi em meia lua no apice, ultrapassando o terço apical das laminas.

Cephalothorax vermelho, com uma grande mancha amarellada no meio do dorso. Olhos em manchas negras, a area ocular revestida de pellos esquamiformes brancos. Pernas da côr do cephalothorax. Esterno amarello claro; peça labial, ancas e laminas maxillares amarello-pardacentas.

Abdomen com a borda anterior e lados amarellos; dorso castanho-claro, com uma grande mancha anterior perfeitamente ellyptica, branco-amarellada, com um reticulo pardo. Ventre amarello-pardacento, castanho junto ás fiandeiras e com um pontilhado branco junto á tenda epigastrica; fiandeiras avermelhadas.

A's vezes o abdomen é pardo-oliva escuro e a mancha, muito clara, forma bello contraste. O cephalothorax é, então, quasi do tom do abdomen, com a grande mancha central revestidas de pellos brancos.

Em uma variedade de Matto-Grosso a mancha do cephalothorax e a abdominal eram formadas por pellos prateados.

SciELO

♂ — 7 mm.

Estructura igual.

Cephalothorax vermelho, com linhas radiantes amarellas. Abdomen de dorso castanho-claro com a grande mancha amarello-pallida, uniforme, sem reticulo; ventre de colorido uniforme.

Palpos curtos: femur direito; patella cylindrica e pouco mais longa que larga, com 1 - 1 espinhos muito curtos; tibia pouco maior o mais larga que a patella, com 1 - 1 espinhos semelhantes na borda interna e uma curta apophyse apical inferior; tarso maior que a tibia e a patella reunidas, de curta apophyse basal e com um curto espinho no terço médio da borda interna.

Hab.: Rio de Janeiro (8752), Minas Geraes (22472), Goyaz (21592), Matto Grosso e Paraguay (8752).

Typos: Na collecção E. Simon do Museu de Paris.

Oxyopes incertus, sp. n. (Figs. 6 e 14)

♂ e ♀ — 7 mm.

Olhos posteriores equidistantes e iguaes. Olhos lateraes anteriores bem maiores que os posteriores. Area dos olhos lateraes anteriores com os olhos medios posteriores mais longa que larga e parallela. Clypeo da altura da area ocular.

Peça labial normal. Esterno bem mais longo que largo.

Cephalothorax fulvo-claro, densamente revestido de pellos amarellos e vermelhos; area ocular ornada de pellos amarello citrinos; clypeo com linhas verticaes pouco nitidas, de pellos brancos. Cheliceras revestidas de pellos brancos. Pernas amarello-fulvescentes, sombreadas de fusco, os longos espinhos quasi negros. Esterno, peça labial, laminas maxillares e ancas amarello-avermelhadas. Abdomen revestido de pellos vermelhos, com manchas irregulares, formadas por pellos amarellos. Ventre pardo uniforme, com duas linhas oscuras.

SciELO

Habitat: Perú: Iquitos e Cavallo Cocho (3170), Pebas (6804), Tarapoto (2568 a); Amazonas: S. Paulo de Olivença (3170 e 6804), Teffé (3170), Manaos (10299); Pará (2568 a e 19255) Goyaz (21594).

Typos: Collecção de E. Simon do Museu de Paris.

Oxyopes sectus sp. n. (Fig. 15)

♂ — 5 mm.

Olhos posteriores equidistantes, separados pouco mais de um diametro. Olhos medios anteriores duas e meia vezes menores que os lateraes, separados um do outro um diametro e um pouco mais distantes dos lateraes. Area dos olhos lateraes anteriores com os medios posteriores parallela. Clypeo mais alto que a area ocular.

Cephalothorax amarello-queimado, com um campo mediano amarello mais claro. Pernas pardas. Esterno, ancas, peça labial e laminas maxillares amarello-claras.

Abdomen cinzento-pardo claro uniforme, estreito, pontudo atraz. Ventre com a região epigastrica castanha, com um desenho triangular amarello; atraz da fenda genital ha uma larga faixa castanho escura, limitada por duas estreitas faixas acinzentadas.

Hab.: São Paulo.
Typo: N. 386 de minha collecção.

Oxyopes pugilator sp. n. (Figs. 3 e 16)

♀ e ♂ — 9 mm.

Cephalothorax muito alto, estreito. Olhos medios posteriores um nada mais proximos um do outro que dos lateraes. Area dos olhos medios posteriores com os olhos lateraes anteriores parallela, mais longa que larga. Olhos medios anteriores duas vezes menores que os lateraes. Clypeo bem mais alto que a area ocular. Cheliceras pouco maiores que a altura do clypeo. Peça labial normal. Es-

SciELO

terno de largura quasi igual ao comprimento. Abdomen oval curto, pontudo atraz.

Cephalothorax pardo-amarellado, revestido de pellos trigueiros, tendo a area ocular ornada de pellos esquamiformes brancos. Pernas pardas com pellos brancos e trigueiros. Esterno amarello, bem como as ancas. Peça labial e laminas maxillares pardas. Chelicéras fulvas.

Abdomen pardo-amarellado, mais claro que o cephalothorax, revestido de pellos brancos e castanho-escuros; na região anterior ha um pontilhado branco. Ventre pardo-amarellado com uma larga faixa mediana castanho-escura, na qual ha dez manchas rectangulares, pardo amarelladas, dispostas aos pares, em duas filas longitudinaes.

Epigyno grande, com ourélo chitinoso, formando quasi um O.

Hab.: Amazonas (S. Paulo de Olivença, 8700), Pará (2568 b); Bahia (17123 e 18677) e Rio (7946).

Typos: Na collecção E. Simon do Museu de Historia Natural de Paris.

Oxyopes stephanurus, sp. n. (Fig. 4)

♀ — 10 mm.

Cephalothorax normal. Olhos posteriores equidistantes. Olhos medios anteriores pouco menores que os lateraes. Area dos olhos medios posteriores e lateraes anteriores como nas outras especies. Clypeo mais alto que a area ocular. Esterno mais longo que largo.

Cephalothorax amarello, revestido de pellos plumosos vermelho-escuros e branco-amarellados, sendo que na região ocular ha só destes ultimos. Esterno amarello. Ancas, peça labial, laminas maxillares, chelicéras e pernas amarellas, estas ultimas com espinhos fulvos.

Abdomen pardo, revestido de pellos amarellados no dorso e de pellos castanho-escuros dos lados. Ventre pardo-claro, com uma larga faixa mediana, escura. Fiandeiras fulvas.

SciELO

Epigyno muito grande, de ourélo chitinoso quasi fechado.

Hab.: Matto Grosso.

Typo: N. 12028 da collecção E. Simon do Museu de Paris.

OXYOPES ARGYROTRICHIUS sp. n. (Fig. 9)

♀ — 6 mm.

Cephalothorax não muito alto, mais baixo que nas outras especies. Olhos posteriores equidistantes. Olhos lateraes anteriores iguaes aos medios posteriores, com os quaes forma uma area bem mais longa que larga, um nada mais estreita atraz. Clypeo bem mais baixo que a area ocular. Cheliceras muito maiores que a altura do clypeo. Abdomen de dorso plano.

Cephalothorax fulvo, revestido dos lados, na metade posterior da porção thoracica, de pellos trigueiros, na metade anterior e no dorso de pellos prateados, na area ocular de pellos amarello-sujos. Esterno fulvo. Ancas, peça labial, laminas maxillares, cheliceras e pernas fulvo-claras. Abdomen revestido de densa pubescencia branca, vendo-se apenas de cada lado estreita orla castanho-escura; lados castanhos; ventre pardo uniforme.

Hab.: Amazonas (Manaos).

Typo: N. 10299-A da collecção E. Simon do Museu de Paris.

OXYOPES SEXMACULATUS sp. n. (Fig. 10)

♀ — 9 mm.

Cephalothorax muito alto e estreito. Olhos medios posteriores um nada mais afastados um do outro que dos lateraes. Olhos lateraes anteriores nitidamente maiores que os olhos medios posteriores, com os quaes forma uma area parallela e mais longa que larga. Peça labial e abdomen como em *O. salticus*. Cheliceras maiores que o clypeo, com um pequeno dente na borda inferior do sulco ungueal. Cephalothorax amarello, revestido de pellos amarellos, tendo a região ocular ornada de pellos espatu-

SciELO

lados, branco-sujos e os olhos com manchas negras. Pernas e cheliceras como o cephalothorax. Esterno amarello, bem como as ancas e a peça labial; laminas maxillares amarellas, de pontas negras.

Abdomen pardo-amarellado, revestido de pellos vermelho-escuros e com duas series regulares de tres manchas brancas arredondadas, no meio do dorso, mais proximas e menores atraz. Ventre pardo amarello uniforme ou com uma larga faixa fusca.

Hab.. Pará (2568); Amazonas (Manaos — 10300); Perú (Iquitos — 3170 a).

Typos: Na collecção E. Simon do Museu de Paris.

Oxyopes fluminensis sp. n. (Fig. 8)

♀ — 7 mm.

Cephalothorax muito alto, com longa estria thoracica. Olhos posteriores iguaes e equidistantes. Olhos medios anteriores duas vezes menores que os lateraes. Olhos lateraes anteriores e medios posteriores formando uma area parallela, bem mais alta que larga. Clypeo vertical, mais alto que a area ocular. Cheliceras menores que a altura do clypeo, de garra curta.

Cephalothorax amarello em sua porção central e revestido de pellos castanhos dos lados. Clypeo amarello, com duas figuras em V, pardas, de linhas curvas, com o apice na borda anterior e terminando, em cima, nos olhos anteriores. Esterno amarello, bem como as ancas. Cheliceras, pernas, peça labial e laminas maxillares pardas.

Abdomen com o meio do dorso branco adiante e pardo-acinzentado nos tres quartos posteriores; lados do dorso castanho-avermelhados adiante e negros nos tres quartos posteriores; no limite da porção castanha com a negra ha, de cada lado, duas manchas de pellos brancos. Ventre amarello, com larga faixa mediana negra, que se estende da fenda genital ás fiandeiras.

Hab.: Rio de Janeiro (Pinheiro).

Typo: N. 74 de minha collecção.

Oxyopes rubrosignatus Keys., 1891 (Figs. 11 e 17)

O. r. Keyserling-Spinnen Amerikas, Brasil. Sp. 1891, p. 270, pr. X, f. 203.

♀ e ♂ — 7 mm.

Cephalothorax muito alto e estreito. Olhos como em *O. constrictus* Keys..

Clypeo da altura da area ocular. Abdomen duas vezes mais longo que largo, pontudo atraz.

Cephalothorax amarello, tendo no meio do dorso duas faixas amarellas, curvas, de concavidade interna, parallelas atraz, indo até a extremidade posterior do sulco mediano e, junto a estas, duas outras faixas arqueadas, do mesmo colorido, ás vezes ausentes. Destas faixas e dos olhos partem linhas vermelhas para o clypeo e para as margens lateraes. Chelíceras amarellas, com uma estreita faixa longitudinal vermelha de cada lado. Laminas maxillares e peça labial amarellas, bem como o esterno. Palpos amarellos, de tarso vermelho. Pernas amarellas, mais ou menos manchadas de vermelho.

Abdomen amarello, tendo, na metade anterior, uma pequena mancha mediana vermelha e, de cada lado, uma faixa estreita, curva, do mesmo colorido, a que se segue uma fila longitudinal mediana de manchas triangulares vermelhas. Dos lados ha manchas pardas. Ventre amarello com duas faixas longitudinaes vermelhas.

Hab. : Keyserling descreveu femeas do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Na collecção E. Simon encontrei ao lado de femeas typicas, alguns machos, como nas outras especies, da mesma estructura e colorido que a femea, das seguintes localidades : Pernambuco (Communaty — 12010), Matto Grosso (12092) e Rio de Janeiro (19098).

Oxyopes haemorrhous sp. n. (Figs. 2 e 18)

♀ — 4,5 mm. ♂ — 3,5 mm.

Cephalothorax alto e estreito. Olhos posteriores equidistantes. Olhos lateraes anteriores maiores que os medios posteriores, com os quaes formam area parallela, mais alta que larga. Clypeo bem

mais baixo que a area ocular. Cheliceras muito maiores que a altura do clypeo. Abdomen oval, curto, pontudo atraz. Esterno pouco mais longo que largo.

Cephalothorax amarello, revestido de pellos alaranjados, ou fulvo, revestido de pellos vermelho-cochonilha, sem contraste na area ocular. Pernas, palpos e cheliceras como o cephalothorax. Esterno amarello, bem como as ancas, a peça labial e as laminas maxillares.

Abdomen inteiramente revestido de pellos vermelhos, rutilantes, ás vezes ornado de algumas pequenas manchas de pellos brancos.

Ventre amarello-claro ou pardacento, uniforme.

Epigyno grande, de ourélo chitinoso, formando, de cada lado, uma alça de concavidade externa.

Palpos do macho curtos; a apophyse apical inferior da tibia em fórma de bigorna, com um dos ramos bifido; tarso maior que a patella com a tibia, de bulbo bem saliente e provido de um rebordo chitinoso quasi circular.

Hab.: Pará, Teffé, Tocantins e São Paulo de Olivença.

Typos: N. 108 da collecção E. Simon do Museu de Paris.

Oxyopes constrictus Keyserling, 1891 (Fig. 7)

O. c. Keyserling — Spinnen Amerikas, Brasil. Sp., 1891, p. 268 pr. XI, fig. 202.

♀ — 7 mm. ♂ — 5,2 mm.

Cephalothorax muito alto. Olhos posteriores equidistantes. Olhos medios anteriores duas vezes menores. Area dos olhos lateraes anteriores com os medios posteriores parallela, mais alta que larga. Clypeo mais alto que a area ocular.

Abdomen da femea bruscamente estreitado em seu terço posterior e pontudo atraz.

Cephalothorax amarello, revestido de pellos espatulados, branco amarellados, com manchas pardas dos lados e quatro faixas escuras no clypeo, que se prolongam sobre as cheliceras, tambem amarellas.

SciELO

Esterno amarello, bem como a peça labial, as laminas maxillares e os palpos. Pernas amarellas, de femures fuscos na face inferior, patellas e tibias com faixa ou manchas vermelhas e com os espinhos negros.

Abdomen cinzento-amarellado, revestido de pellos amarellos. Ventre com uma faixa longitudinal escura, de cada lado.

Hab.: Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Genero **Oxyopeidon** O. Cambridge, 1894

Distingue-se de *Oxyopes* por ter o cephalothorax mais curto, mais alto e mais largo adiante, quasi tão largo quão longo; a area ocular muito mais larga que longa; os olhos medios posteriores muito mais afastados um do outro que dos lateraes e formando com os lateraes anteriores uma area ás vezes mais estreita adiante; o esterno mais estreito.

Typo: *O. putus* O. Cambr.

Este genero, espalhado, *apud* Simon, pela Africa tropical, India e Indochina e America tropical é representado no Brasil por sete especies, quasi todas inéditas e que se podem distinguir pela seguinte chave, feita para as femeas:

A — Epigyno com o rebordo chitinoso largo dos lados e interrompido atraz; abdomen com a metade anterior do dorso e os lados negros, resto cinzento — *O bicolor* sp. n.

AA — Epigyno de rebordo chitinoso pouco nitido on regularmente arredondado atraz.

B — Epigyno com duas fossetas circulares muito nitidas

C — Fossetas circulares anteriores, distinctas do rebordo chitinoso, que é muito regularmente semicircular, de pontas lateraes curvas, formando uma figura cordiforme: abdomen irregularmente manchado de branco e fulvo — *O marmoratum* (Simon)

CC — Fossetas circulares centraes ou anteriores, unindo-se ao rebordo chitinoso;

D — Epigyno com uma lingueta mediana clara, muito nitida:

E — Epigyno de rebordo posterior regularmente curvo e de lingueta lanceolada; abdomen escuro com varios VV claros na porção posterior — *O. nigriventris* sp. n.

EE — Epigyno quasi rectangular, mais longo que largo e de lingueta incudiforme; abdomen pardo claro, uniforme — *O. dubium* sp. n.

DD — Epigyno sem lingueta mediana; abdomen quasi negro, com profuso pontilhado pardo-claro — *O. micropunctatum* Simon

BB — Epigyno sem fossetas regularmente circulares:

C — Rebordo chitinoso posterior do epigyno bem mais largo em sua porção mediana; abdomen pardo com duas faixas transversaes castanho-escuras — *O. bituberculatum* sp. n.

CC — Rebordo chitinoso posterior do epigyno mais delgado em sua porção mediana; abdomen pardo-claro com 4 grandes manchas escuras — *O. quadrimaculatum* sp. n.

OXYOPEIDON BICOLOR sp. n. (Fig. 19)

♀ — 5 mm.

Cephalothorax alto, largo adiante, de clypeo vertical, mais alto que a area ocular. Olhos posteriores em fila fortemente procurva, os medios pouco mais afastados, separados um do outro cerca de tres diametros e a cerca de dois dos lateraes. Olhos anteriores equidistantes, formando trapezio, os medios tres vezes menores. Area dos olhos lateraes anteriores com os medios posteriores tão alta quão larga, mais estreita adiante. Olhos lateraes anteriores do tamanho dos olhos posteriores. Esterno pouco mais longo que largo, sem apophyse ponteaguda entre as ancas posteriores. Peça labial de apice arredondado, não attingindo o terço apical das laminas. Abdomen alto, sem tuberculos, pontudo atraz e oval curto.

Cephalothorax revestido de pellos fulvos, sendo a região ocular ornada de pellos espatulados brancos e havendo em alguns pontos do cephalothorax pellos quasi negros, formando linhas pouco nitidas. Cheliceras pardo escuras, revestidas de pellos ama-

rellados. Pernas I a III pardas, glabras; pernas posteriores com as patellas, tibias, protarsos e tarsos negros. Esterno amarello. Ancas pardas. Peça labial e laminas maxillares amarellas.

Abdomen com a porção anterior do dorso e lados negros, formando uma area muito curva para traz; o resto pardo-acinzentado. Ventre cinzento-amarellado, vendo-se adiante, pouco atraz do epigyno, duas grandes manchas negras, que são a terminação da zona negra antero-lateral. Fiandeiras pardo-escuras. Epigyno formado de duas peças lateraes curvas, que se olham pelas concavidades.

Hab.: S. Paulo de Olivença — Amazonas.

Typo: N. 7096-A da collecção E. Simon, do Museu de Paris.

OXYOPEIDON MARMORATUM (Simon), 1898
(Figs. 20, 26 e 27)

Hamataliva marmorata Simon — Ann. Soc. Entom. Belgique, 1898, Vol. 42 p. 33
Hamataliva marmorata Petrunkevitch — Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., 1911, Vol. 29, p. 583

♂ — 4,5 mm. ♀ — 7,4 mm.

Olhos posteriores em fila fortemente procurva, os medios separados um do outro tres diametros e a pouco menos dos lateraes. Olhos anteriores formando area trapezoide, os medios separados um do outro diametro e meio e a quasi tres diametros dos lateraes. Olhos lateraes anteriores formando com os medios posteriores uma area de diametros quasi iguaes. Clypeo bem mais alto que a area ocular, levemente deprimido. Abdomen grande, redondo adiante, espessando-se para traz, mas acuminado.

Cephalothorax fusco-avermelhado escuro, com area ocular negra, levemente estriado e densamente revestido de pellos espatuliformes branco-rujos e fulvos. Clypeo revestido de escamas fulvas e com uma linha branca mediana. Cheliceras fulvas, com escamas do mesmo tom. Esterno revestido de esca-

mas brancas. Pernas densamente revestidas de pellos e escamas brancos e fulvos.

Abdomen de dorso revestido de grandes escamas brancas e fulvas, formando manchas sem ordem; ventre e lados branco sujos; o ventre apresenta uma larga faixa mediana, quasi negra, estreitando-se muito para traz, formando quasi uma figura cordiforme.

Epigyno plano, quasi negro, com a fosseta media mais larga que longa, cordiforme, com uma placa avermelhada.

Palpos do macho curtos: a patella cylindrica e pouco mais longa que larga; a tibia maior que a patella, muito dilatada para o apice, com uma apophyse negra, laminar, apical externa; tarso muito dilatado, maior que a patella com a tibia, de bulbo complexo.

Hab.: Amazonas e Pará (17219), Pernambuco (20849), Rio de Janeiro (6939), Minas Geraes (7152), Matto Grosso (14107) e Paraguay (21076).

Nota — Os numeros acima referem-se a exemplares da collecção E. Simon do Museu de Paris.

OXYOPEIDON NIGRIVENTRIS sp. n. (Fig. 21)

♀ — 4,5 mm.

Olhos posteriores em fila fortemente procurva e quasi equidistantes. Olhos anteriores equidistantes, formando trapezio, os medios duas vezes menores que os lateraes. Area dos olhos lateraes anteriores com os medios posteriores um pouco mais alta que larga e mais estreita adiante. Clypeo mais alto que a area ocular. Esterno pouco mais longo que largo. Peça labial de apice arredondado, alcançando o terço apical das laminas maxillares. Abdomen oval curto.

Cephalothorax fulvo. Clypeo revestido de pellos trigueiros, com duas faixas longitudinaes de pellos brancos, que vão dos olhos lateraes posteriores aos angulos lateraes inferiores. Cheliceras fulvas, revestidas de pellos branco-sujos. Esterno amarello, bem como as ancas e as pernas. Peça labial e laminas maxillares pardo-escuras.

SciELO

Abdomen pardo-fusco, com pontilhado pardo-claro, que na porção posterior forma varios √√ parallelos, de vertice anterior; na borda anterior e dos lados do abdomen ha uma larga faixa quasi negra. Ventre negro, com duas filas de pontos pardo-amarellados e com duas faixas longitudinaes cinzentas.

Hab. : Goyaz

Typo N. 21593 da collecção E. Simon, do Museu de Paris.

OXYOPEIDON DUBIUM sp. n. (Fig. 22)

♀ — 6 mm.

Olhos posteriores em fila muito recurva, os medios duas vezes mais distantes um do outro que dos lateraes Olhos anteriores em fila um pouco menos recurva que nas outras especies, os medios tres vezes menores que os lateraes. Area formada pelos olhos lateraes anteriores e olhos medios posteriores, mais alta que larga, um pouoo mais estreita adeante. Clypeo vertical, mais alto que a area ocular. Esterno muito mais longo que largo, apresentando longo prolongamento entre as ancas posteriores. Abdomen oval, pontudo atraz.

Cephalothorax fulvo-claro, quasi glabro. Chelíceras de face anterior plana, um pouco mais escura, revestidas de pellos esquamiformes, amarellados. Pernas amarellas; esterno amarello-claro, bem como as ancas, a peça labial e as laminas maxillares. Abdomen pardo-claro uniforme.

Hab. : Goyaz.

Typo: N. 21591 da collecção E. Simon, do Museu de Paris.

OXYOPEIDON MICROPUNCTATUM Simon

(Figs. 23, 28 e 29)

♂ — 4,5 mm. ♀ — 5,5 mm.

Cephalothorax alto, relativamente estreito. Olhos posteriores em fila mui fortemente procurva, iguaes, os medios vez e meia mais afastados um do outro

que dos lateraes. Olhos medios anteriores tres vezes menores que os lateraes. Area dos olhos lateraes anteriores com os olhos medios posteriores mais alta que larga, parallela. Esterno quasi tão largo quão longo. Abdomen oval curto, não muito elevado.

Cephalothorax fulvo-negro, revestido de pellos espatulados brancos. Pernas pardo escuras, quasi negras, bem como o esterno, as ancas, a peça labial e as laminas maxillares. Chelíceras fulvo-negras, revestidas de pellos brancos.

Abdomen quasi negro, revestido de pellos sedosos claros e com profuso pontilhado pardo claro. Ventre quasi negro, uniforme.

A femea é muito mais clara que o macho.

Palpos do macho curtos: patella de largura e comprimento iguaes, tibia muito dilatada, mais larga que longa, com duas apophyses apicaes externas; tarso quasi duas vezes maior que a tibia com a patella reunidas; bulbo occupando quasi todo o tarso. Todo o palpo densamente pilloso.

Epigyno hexagonal, quasi regular, com duas fossetas nitidas.

Hab.: Pernambuco.

Typo: N. 21076 da collecção E. Simon do Museu de Paris.

Nota: Esta especie nunca foi publicada por E. Simon; a presente descripção é feita sobre os typos.

OXYOPEIDON BITUBERCULATUM sp. n. (Fig. 24)

♂ — 8,5 mm.

Cephalothorax estreito, mais longo que largo. Olhos posteriores iguaes, em fila fortemente recurva, os medios duas vezes mais afastados um do outro que dos lateraes. Olhos anteriores formando um largo trapezio, os medios tres vezes menores que os lateraes, e distantes uns dos outros quasi tres diametros. Area dos olhos lateraes anteriores com os olhos medios posteriores mais alta que larga, pouco mais estreita adiante, os olhos anteriores maiores que os posteriores. Clypeo obliquo, levemente excavado, mais alto que a area ocular e formando so-

bre as cheliceras um largo rebordo em sua porção mediana. Cheliceras curtas, de face anterior plana, formando, juntas, um trapezio mais largo que alto e muito mais largo na base, junto ao clypeo. Peça labial estreita, parallela, alcançando o terço apical das laminas. Esterno pouco mais longo que largo. Abdomen muito alto adiante, onde forma dois pequenos tuberculos redondos, pouco nitido e pontudo atraz.

Cephalothorax fulvo, revestido de pellos loiros, tendo de cada lado, a pequena distancia das bordas, uma faixa longitudinal de pellos castanhos, que se extende até o clypeo, pouco adiante dos olhos medios anteriores. Cheliceras fulvo-escuras, densamente revestidas de pellos espatulados loiros. Esterno pardo, revestido de pellos sedosos loiros, bem como as ancas; no esterno ha algumas cerdas negras. Peça labial e laminas maxillares pardas. Pernas pardas, densamente revestidas de pellos loiros.

Abdomen pardo, revestido de pellos fulvos, cervinos: no terço anterior, logo adiante dos tuberculos dorsaes, ha duas faixas transversaes de pellos castanho-escuros, levemente curvas para traz, sendo a anterior mais larga, e separadas por estreita faixa de pellos branco-amarellados. Ventre cinzento-negro, revestido de pellos da mesma côr; fiandeiras pardo-escuras.

Epigyno com um ourélo cordiforme, apresentando na porção media uma saliencia muito nitida.

Hab.: Amazonas — S. Paulo de Olivença.

Typo: N. 7096 da collecção E. Simon do Museu de Paris

OXYOPEIDON QUADRIMACULATUM sp. n. (Fig. 25)

♀ — 4,5 mm.

Cephalothorax altissimo. Olhos posteriores em fila fortemente recurva, quasi equidistantes. Olhos anteriores formando um trapezio quasi tão alto quão largo, os medios tres vezes menores que os lateraes. Area dos olhos lateraes anteriores com os olhos medios posteriores bem mais alta que larga e quasi parallela.

SciELO

Abdomen oval curto, muito alto adiante, pontudo atraz. Clypeo vertical, mais alto que a area ocular. Esterno pouco mais longo que largo, não se prolongando em ponta aguda entre as ancas posteriores.

Cephalothorax pardo-negro uniforme. Pernas pardo-escuras, fracas, com os protarsos e tarsos quasi negros. Clypeo revestido de pellos castanho, quasi negros, com uma faixa marginal inferior de pellos amarello-claros e com uma linha longitudinal mediana, que vae dessa faixa aos olhos medios anteriores e é do mesmo colorido. Cheliceras pardo-negras. Esterno pardo, bem como as ancas, a peça labial e as laminas maxillares.

Abdomen pardo claro, com quatro grandes manchas circulares, quasi negras, situadas no terço medio, sendo as anteriores maiores e mais afastadas. Ventre pardo-claro uniforme.

Hab.: Goyaz
Typo: N. 21593-A da collecção E. Simon.

Genero **Hamataliva** Keyserling, 1887

Cephalothorax muito curto e muito alto, mais largo que longo, arredondado dos lados, abruptamente declive atraz, muito convexo, com pequeno sulco medio thoracico e pequena estria transversal muito arqueada. Area ocular quasi quatro vezes mais larga que longa. Olhos anteriores em linha direita, os medios muito menores, proximos e muito afastados dos lateraes. Olhos posteriores em linha fortemente procurva, os medios muito afastados e os lateraes postos em pequenas elevações. Clypeo altissimo, muito mais alto que a area ocular. Esterno longo e estreito.

Typo: *Hamataliva grisea* Keyserling

Este genero é proprio da America tropical, sendo ahi representado por sete especies, das quaes 4 ainda inéditas. No Brasil ha cinco, para as quaes organizei a seguinte chave, para as femeas:

SciELO

A — Epigyno com um ourélo chitinoso em U, de convexidade posterior:

B — Abdomen curto:

C — Ventre branco, com uma larga faixa fusca — *H. porcata* (Sim)

C C — Ventre pardo-amarellado uniforme — *H perdita sp. n.*

B B — Abdomen bruscamente constricto em seu terço posterior; ventre quasi negro, com duas faixas claras — *H. caudata sp. n.*

A A — Epigyno sem ourélo em U:

B — Epigyno pentagonal, de vertice posterior, sem lingueta mediana; ventre pardo claro uniforme — *H. argyrescens sp. n.*

B B — Epigyno mais largo atraz, com uma lingueta mediana; ventre pardo escuro, com duas faixas brancas — *H. nigrescens sp. n.*

Hamataliva porcata (E. Simon), 1898

(Figs. 30, 34 e 35)

Emmenophrys porcatus Simon—Ann. Soc. Entom. Belgique, 1898, vol. 42, f. 33.

Emmenophrys porcatus Simon — Hist. Nat. Ar. 1898, vol. II, p. 380, fs. 382 e 384.

H. porcata Simon — Id. ibid. 1903, vol. II, p. 1048.

♀ — 6 mm. ♂ — 5 mm.

Cephalothorax fusco avermelhado pallido, sendo de cada lado, junto á area ocular, quasi negro, e todo densamente revestido de escamas brancas e fulvas. Esterno, cheliceras, pernas e palpos fulvo-escuros, revestidos de escamas brancas e fulvas. Femures anteriores de face inferior fusca; tibias com linhas fuscas; protarsos e tarsos posteriores fuscos, armados de espinhos negros muito longos; patellas com um espinho externo e dois espinhos dorsaes. Olhos lateraes posteriores em pequenos tuberculos.

Abdomen grande, coberto de escamas brancas e fulvas, fusco dos lados. Ventre revestido de esca-

SciELO

mas brancas e com uma larga faixa fusca longitudinal mediana.

Epigyno mediocre, plano, negro, levemente rugoso adiante, liso atraz, com uma fosseta longitudinal e lingueta lanceolada avermelhada.

Palpos do macho curtos: femur direito; patella de comprimento e largura quasi iguaes; tibia do comprimento da patella, mais larga que longa, com duas apophyses na face externa, sendo uma apical laminar e a outra basal romba; tarso muito largo, bem maiór que a patella com a tibia e armado de uma apophyse basal externa, dobrada para cima.

Hab.: Pará (6796), Matto Grosso (10940) e Pernambuco (17194),

O typo (♀) de Simon é do Pará; na mesma collecção ha um macho de Pernambuco.

HAMATALIVA-PERDITA sp. n. (Fig. 36)

♀ — 5,5 mm.

Cephalothorax altissimo e curto. Olhos posteriores mediocres, iguaes, os medios tres vezes mais afastados um do outro que dos lateraes.

Olhos anteriores em fila nitidamente recurva, os medios subcontiguos, quatro vezes menores que os lateraes, dos quaes estão separados mais de dois diametros. Area dos olhos lateraes anteriores com os medios posteriores mais larga que alta e bem mais estreita adiante. Clypeo obliquo, mais alto que a area ocular. Abdomen oval curto. Peça labial levemente fusiforme e entalhada, alcançando o terço apical das laminas maxillares.

Cephalothorax fulvo. Cheliceras fulvas, revestidas de pellos amarellos. Ancas, peça labial, laminas maxillares, pernas, esterno e palpos pardo amarellados.

Abdomen pardo, revestido de pellos claros, de pontas fulvas, que formam manchas irregulares. Ventre pardo amarellado uniforme.

Hab.: Amazonas — S. Paulo de Olivença.

Typo: N. 7096 *b* da collecção E. Simon.

Hamataliva caudata sp. n. (Fig. 31)

♀ — 7,5 mm.

Cephalothorax curto, muito alto, largo adiante. Olhos posteriores em fila fortemente procurva, iguaes, os medios cerca de tres vezes mais distantes um do outro que dos lateraes, que estão situados em tuberculos muito salientes. Olhos anteriores em fila quasi recta, os medios contiguos, tres vezes menores que os lateraes, dos quaes estão separados mais de quatro diametros. Area dos olhos medios posteriores com os olhos lateraes anteriores muito mais estreita adiante. Clypeo um pouco inclinado e pouco mais alto que a area ocular. Pernas curtas, com um verticillo de cinco espinhos no apice dos protarsos. Esterno cerca de duas vezes mais longo que larg., prolongando-se em ponta entre as ancas posteriores. Peça labial estreita, parallela, tres vezes mais longa que larga, de apice arredondado, excedendo o terço apical das laminas. Abdomen truncado adiante, dilatando-se um pouco até o terço posterior, depois estreita-se quasi bruscamente e termina atraz em ponta.

Cephalothorax fulvo escuro, revestido de pellos plumosos brancos.

Cheliceras um pouco mais claras. Esterno, ancas, peça labial, laminas maxillares, pernas e palpos fulvo-claros.

Abdomen de dorso pardo, com uma linha fusca mediana no terço anterior; atraz, na parte mais estreita, ha dois campos triangulares quasi negros, deixando uma faixa mediana parda, e salpicados de manchas de pellos fulvos. Lados quasi negros. Ventre quasi negro, com uma faixa clara de cada lado.

Fiandeiras fulvas.

Hab.: Bahia — Santo Antonio da Barra

Typo: N. 11496 da collecção E. Simon, do Museu de Paris.

SciELO

Hamataliva argyrescens sp. n. (Fig. 32)

♀ — 5,5 mm.

Cephalotorax altissimo e curto, largo adiante. Olhos posteriores em fila fortemente procurva, os medios maiores, separados um do outro cerca de quatro diametros e a pouco mais de um dos lateraes, que estão postos em pequenos tubérculos. Olhos anteriores em fila nitidamente recurva, os medios mais de tres vezes menores e mais afastados. Area dos olhos lateraes anteriores com os olhos medios posteriores mais larga que longa e bem mais estreita adiante. Pernas, esterno e peças buccaes como nas outras especies. Abdomen oval curto.

Cephalothorax fulvo-claro, revestido de pellos cervinos, escurecendo muito, mas regularmente, para a região cephalica. Cheliceras fulvas, como o cephalothorax. Esterno amarello, com um pequeno ponto castanho no terço medio. Ancas, peça labial e laminas-maxillares amarellas. Pernas amarellas, de espinhos fulvos.

Abdomen branco, com reticulo pardo, que forma na parte mediana uma estreita faixa longitudinal ramificada. Ventre pardo-claro uniforme.

Hab.: Ceará — Baturité

Typo: N. 17780 da collecção E. Simon do Museu de Paris.

Hamataliva nigrescens sp. n. (Fig. 33)

♀ — 6,5 mm.

Cephalothorax muito alto, curto, de declive posterior abrupto. Olhos posteriores em fila fortemente procurva, iguaes, os medios tres vezes mais afastados um do outro que dos lateraes. Olhos anteriores em fila mui levemente recurva, os medios quatro vezes menores que os lateraes, separados um do outro dois diametros e a quatro dos lateraes. Area dos olhos medios posteriores com os lateraes anteriores mais larga que longa e mais estreita adiante. Clypeo vertical, quasi duas vezes mais alto que a a area ocular. Pernas como nas especies anteriores.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Esterno quasi duas vezes mais longo que largo. Peça labial estreita, parallela, tres vezes mais longa que larga, de apice arredondado, excedendo o terço apical das laminas. Abdomen oval curto.

Cephalothorax fulvo-escuro, revestido de pequenos pellos plumosos brancos. Cheliceras como o cephalothorax. Esterno amarello, lavado de fusco. Peça labial parda; laminas maxillares amarello-fulvescentes; ancas amarellas; pernas pardas.

Abdomen quasi negro, revestido de pellos de igual colorido e de pellos fulvos. Ventre pardo escuro, tendo, de cada lado, larga faixa longitudinal de pellos brancos.

Hab.: Parahyba do Norte

Typo: N. 17811 da collecção E. Simon, do Museu de Paris.

Genero **Tapinillus** Simon, 1898

Cephalothorax mais longo que largo, estreitado e elevado adiante. Olhos posteriores em fila direita ou levemente recurva. Olhos anteriores muito desiguaes, em linha recurva.

Clypeo um pouco mais baixo que a area ocular.

Cheliceras longas, estreitas, muticas. Peça labial muito mais longa que larga; laminas maxillares longas e estreitas. Pernas longas, com longuissimos espinhos; os protarsos com um verticillo de cinco espinhos mais curtos.

Typo: *Isopus longipes* Taczanowski

Até agora só se conhece deste genero a especie typo.

Tapinillus longipes (Taczan.), 1872 Figs. 37, 38 e 39

Isopus longipes Taczanowski — Horae Soc. Entom. Rossicae, 1872, Vol. IX p. 42, pr. IV, f. 9

Peucetia longipes Keyserling — Verh. zool. bot. Ges. Wien, 1880, Vol. XXX, p. 581, pr. XVI, f. 25.

Tapinillus longipes Simon — Hist. Nat. Ar., 1898, Vol. II, p. 379

♀ — 12 mm.

Cephalothorax relativamente elevado, regularmente estreitado adiante. Olhos posteriores em fila levemente recurva, os medios um pouco menores, afastados um do outro um diametro e a diametro e meio dos lateraes. Olhos anteriores formando trapezio nitido, os medios quatro vezes menores que os lateraes, dos quaes distam duas vezes mais que um do outro. Clypeo bem mais baixo que a area ocular. Cheliceras muito longas, bem maiores que a area ocular e o clypeo reunidos. Pernas com espinhos muito longos; os protarsos com uma corôa de cinco espinhos apicaes menores. Esterno mais longo que largo.

Peça labial duas vezes mais longa que larga, chanfrada, alcançando o terço apical das laminas maxillares que são muito estreitas e parallelas. Abdomen pontudo para traz.

Cephalothorax amarello, com os olhos postos em manchas negras e a area ocular revestida de pellos brancos. Clypeo com uma mancha castanho-negra em cada angulo. Cheliceras amarellas, de pontas castanhas. Pernas amarellas, com espinhos fulvos. Esterno amarello em sua metade posterior e pardo escuro na anterior, com longas cerdas erectas.

Peça labial pardo-escura; laminas maxillares amarellas, de borda externa negra.

Abdomen pardo claro (provavelmente verde no vivo), com duas largas faixas longitudinaes brancas, interrompidas ou denteadas. Ventre pardo-amarellado uniforme.

O abdomen, ás vezes, é branco, com duas estreitas linhas longitudinaes escuras e, de cada lado, partindo dessas, tres largas faixas obliquas, que limitam tres grandes manchas brancas.

Epigyno muito mais largo que longo, com uma lingueta mediana e rebordo lateral em virgulas invertidas, oppostas pela convexidade.

♂ — 10 mm.

Colorido geral amarello-uniforme ou o abdomen com duas pequenas faixas brancas, que apenas occupam a metade anterior.

SciELO

Palpos longos: femur direito; patella cylindrica, mais longa que larga; tibia maior que a patella, com uma apophyse apical inferior, de ponta curva para fóra; tarso menor que a patella mais a tibia, sem apophyse dorsal ou lateral externa.

Hab.: Tanto o typo de *Taczanowski* como o da redescripção de *Keyserling* são da Guyanna Franceza. Na collecção E. Simon encontrei muitos exemplares (sobre os quaes foi calcada a presente descripção e feitos os desenhos) da Guyanna (7162), Perú (3102), Trinidad (11555), Venezuela (13768) Amazonas (3102) e Bahia (17147).

Genero **Peucetia** Thorell, 1870

Cephalothorax mais longo que largo, estreitado e elevado adiante. Olhos posteriores quasi iguaes, proximos, equidistantes, formando fila pouco procurva. Olhos anteriores formando uma area trapezoide muito mais larga que longa, os medios muito menores. Clypeo igual ou mais alto que a area ocular. Cheliceras longas, estreitadas, muticas. Peça labial mais de duas vezes mais longa que larga. Por traz do labio ha uma outra peça, menos chitinizada, que alcança o apice das laminas. Laminas maxillares longuissimas, direitas. Pernas longas, com longuissimos espinhos, e com um verticillo de cinco espinhos menores no apice dos protarsos

Typo: *P. viridis* (Blackwall).

Deste genero, largamente espalhado por todas as regiões tropicaes e subtropicaes, ha na America quinze especies, das quaes sete brasileiras. Para estas ultimas organizei as seguintes chaves, para os machos, e para os dois sexos (pelo colorido):

CHAVE GERAL

A — Abdomen com uma faixa longitudinal mais escura:

B — Ventre de colorido igual ao do dorso, com uma ou duas faixas mais escuras:

C — Ventre com duas estreitas faixas longitudinaes pardas, que se fundem atraz.

D — Abdomen branco amarellado (ou verdo); cephalotorax amarello — *P. amazonica* sp. n.

DD — Cephalotorax fosco; abdomen densamente lavado de carmezim — *P. rubrigastra* sp. n.

CC — Ventre com uma só faixa longitudinal:

D — Ventre brancacento, com larga faixa longitudinal cinzento-azulada — *P. villosa* sp. n.

DD — Ventre vermelho pardo, com a faixa longitudinal negra — *P. similis* Keyserl.

BB — Ventre mais escuro que o dorso do abdomen, ás vezes com linhas longitudinaes claras:

C — Ventre fusco, com tres linhas longitudinaes branco-amarelladas ou de colorido uniforme, pardo — *P. flava* Keyserl.

CC — Ventre pardo, com uma linha branca, curta — *P. macroglossa* sp. n.

AA — Abdomen com duas faixas longitudinaes brancas:

B — Ventre verde, do colorido uniforme — *P. meridionalis* sp. n.

BB — Ventre amarellado com uma faixa vermelha longitudinal mediana — *P. tranquilini* M. L.

♂ ♂

A — Bulbo com uma apophyse basal ou media cylindrica ou levemente dilatada na ponta:

B — Tarso dos palpos com uma saliencia externa no terço medio; apophyse apical interna da tibia curta e curva para fóra:

C — Apophyse do bulbo dilatada no apice — *P. tranquilini* M. L.

CC — Apophyse do bulbo sem dilatação apical — *P. villosa* sp. n.

BB — Tarso sem saliencia externa; apophyse apical interna da tibia longa e direita.

C — Apophyse basal do tarso curta, quasi vertical, dilatada no apice — *P. meridionalis* sp. n.

CC — Apophyse balsal do tarso longa, falciforme — *P. rubrigastra* — sp. n.

AA — Bulbo com uma apophyse basal ou media ponteaguda:

B — Bulbo com tres apophyses — *P. amazonica* sp n.

BB — Bulbo com duas apophyses — *P. flava* Keyserl.

PEUCETIA TRANQUILINI - Mello-Leitão, 1922 (Fig. 40)

P. t. — Mello Leitão — Ann. Soc. Entom. France, 1922, vol. 91, p. 214, ff. 12 e 13

♂ — 10 mm.

Cephalathorax alto, muito estreitado adiante, de estria thoracica longa e profunda. Olhos anteriores formando uma area trapezoide quasi tão longa quão larga, os olhos medios cerca de quatro vezes menores que os lateraes. Olhos posteriores iguaes, com linha levemente procurva. Area dos olhos lateraes anteriores com os medios posteriores mais larga que alta. Clypeo vertical, mais alto que a area ocular. Cheliceras muito mais longas que a altura do clypeo, de garra curta e pouco robusta e margens do sulco ungueal muticas. Peça labial mais de duas vezes mais longa que larga, alcançando o meio das laminas maxillares, que são longas, estreitas, parallelas. Esterno mais longo que largo, largamente chanfrado adiante e atraz; as ancas IV separadas mais de seu diametro. Pernas longas e delgadas, muito espinhosas; protarsos com cinco espinhos apicaes verticillados.

Cephalothorax amarello-brunete, com quatro pequenos pontos castanho-escuros, situados atraz dos olhos posteriores; olhos lateraes anteriores e todos os olhos posteriores postos em manchas castanho-escuras, quasi contiguas; clypeo com pequena mancha escura em cada angulo antero-lateral. Cheliceras, ancas e esterno da côr do cephalothorax. Laminas maxillares do mesmo colorido, com as pontas negras; peça labial mais escura. Pernas amarelladas, ornadas de pequenas manchas circulares negras, muito numerosas na face inferior dos femures e na base dos espinhos dos outros segmentos.

SciELO

Abdomen de dorso amarellado ou esverdeado, com duas faixas longitudinaes brancas, havendo no terço anterior de cada faixa uma pequena mancha castanha, e outra no terço medio. Ventre amarellado, com uma faixa longitudinal mediana, vermelha, occupando o terço posterior. Fiandeiras inferiores pardas, as outras amarelladas.

Palpos longos e delgados: patella pouco mais longa que larga, com pequeno tuberculo espinifero; tibia duas vezes mais longa que a patella, com dois tuberculos espiniferos dorsaes e com uma apophyse apical infero-interna, em esporão de gallo, dirigida para diante; tarso do comprimento da tibia, de bulbo grande, provido de pequeno estylete apical recurvo e longa apophyse basal, falciforme, dilatada na ponta.

Hab: Parahyba do Norte.

PEUCETIA VILLOSA sp. n. (Fig. 41)

♂ — 7 mm.

Cephalothorax como na especie precedente. Olhos posteriores equidistantes, em fila mui levemente procurva, os medios nitidamente maiores. Olhos anteriores formando um trapezio mais largo que alto; os olhos medios subcontiguos e quatro vezes menores que os lateraes. Area dos olhos medios como na especie precedente. Peça labial longa, de apice chanfrado e alcançando o terço apical das laminas, que são estreitas, parallelas.

Cephalothorax amarello claro, de area ocular negra, revestida de pellos brancos e provida de cerdas muito abundantes.

Pernas finas e densamente villosas, de pellos sedosos, trigueiros. Esterno amarello-pallido, bem como as ancas e as laminas maxillares; peça labial fulvo-clara.

Abdomen branco, reticulado de cinzento escuro, com uma faixa longitudinal mediana, cinzento azulada, no dorso e outra faixa semelhante no ventre.

Hab.: Parahyba do Norte.

Typo: 17816 da collecção E. Simon.

PEUCETIA SIMILIS Keyserling, 1876 (Fig. 52)

P. s. Keyserling — Vech. zool. bot. Ges. Wien, 1876, vol. XXVI, p. 705, n. 8 ffs. 63 e 66.

♀ — 7,7 mm.

Cephalothorax elevado.e bem mais estreito adiante. Olhos, esterno e peça labial como em *P. flava* Keys.

Cephalatorax pardo-esverdeado, com uma faixa transversal amarella que vae do sulco mediano até o começo dos sulcos lateraes. Clypeo amarello, ás vezes com uma faixa escura que vae dos olhos medios anteriores até a borda inferior. Cheliceras pardo esverdeadas na metade basal e amarell s na metade apical. Laminas maxillares e peça labial amarellas ; esterno amarello, pouco pubescente. Pernas amarello-esverdeadas, com espinhos escuros. Palpos amarellos.

Abdomen vermelho-bruneo dos lados, como uma larga faixa longitudinal mediana dorsal, de orla clara ; ventre com uma faixa semelhante, mais estreita.

Hab. : Bahia.

PEUCETIA MERIDIONALIS sp. n. (Figs. 43 e 44)

♂ — 8 mm.

Cephalothorax mais longo que largo, muito estreitado adiante, regularmente arredondado atraz. Olhos posteriores em fila levemente procurva, os medios maiores, separados um do outro menos de um diametro e a mais de um diametro dos lateraes. Olhos anteriores formando um trapezio muito mais largo que alto, os medios tres vezes menores. Clypeo vertical, muito mais alto que a area ocular. Cheliceras estreitas, maiores que a altura do clypéo e da area ocular. Pernas longas, delicadas, muito espinhosas. Peça labial mais longa que larga, muito excavada na ponta e excedendo pouco o meio das laminas-maxillares, que são estreitas e muito longas. Abdomen longo e pontudo.

SciELO

Cephalothorax amarello avermelhado com um V mediano amarello. Pernas amarellas, muito manchadas de pardo. Cheliceras amarellas. Esterno amarello-claro, bem como as ancas. Peça labial e laminas-maxillares pardas.

Abdomen todo verde, com duas faixas longitudinaes no dorso, de borda interna denteada, brancas.

Palpos longos, delicados; patella pouco mais longa que larga, cylindrica; tibia quasi duas vezes maior que a patella, com uma apophyse apical infero interna, romba, forte, curva; tarso bem menor que a tibia com a patella, de base externamente sinuosa, formando pequena apophyse unciforme.

Hab.: Rio de Janeiro: Therezopolis.

Typo: N. 8720-A da collecção E. Simon.

PEUCETIA AMAZONICA sp. n. (Figs. 45, 46, 50)

♀ — 13 mm. ♂ — 8,5 mm.

Cephalothorax elevado e muito estreitado adiante, mais longo que largo. Olhos posteriores em fila levemente procurva, mediocres, os medios maiores, quasi equidistantes, separados mais de um diametro. Olhos anteriores formando um trapezio mais largo que alto, os medios tres vezes menores. Clypeo e cheliceras como em *P. meridionalis*. Peça labial pouco mais de duas vezes mais longa que larga, chanfrada, pouco excedendo o meio das laminas maxillares, que são estreitas, parallelas. Esterno mais longo que largo, com altas cerdas erectas.

Cephalothorax amarello, com manchas oculares negras e angulos inferiores do clypeo fulvo-negros. Cheliceras amarellas. Pernas amarellas, escurecendo regularmente para a extremidade distal, sendo os protarsos e tarsos fulvos. Esterno amarello, bem como as ancas.

Peça labial pardo-escura; as laminas maxillares um pouco mais claras.

Abdomen branco-amarellado, com larga faixa longitudinal mediana dorsal parda, na metade anterior da qual ha duas linhas brancas longitudinaes; no ventre da femea ha duas estreitas faixas longi-

tudinaes pardas, levemente obliquas, que se fundem pouco adiante das fiandeiras. O ventre do macho é esverdeado, de tom uniforme.

Palpos do macho longos e delicados: patella pouco mais longa que larga; tibia quasi tres vezes maior que a patella, com forte apophyse apical interna; tarso pouco maior que a tibia, sem recorte externo, de clavo levemente sinuoso, quasi transversal.

Hab.: Amazonas: Fonteboa. Perú: Tarapoto.

Typos: N. 8701 da collecção E. Simon.

PEUCETIA FLAVA Keysorling, 1876 (Figs. 47, 48 e 51)

P. f. Keyserling - Verh. zool. bot. Ges Wien, 1876, vol. XXVI pr. VIII, p. 700 figs. 65, 66

♀ — 12,5 mm.

Cephalothorax mais longo que largo, muito estreitado adiante, densamente pilloso e escamoso, com tres cerdas negras no clypeo, e algumas outras na area ocular. Olhos posteriores equidistantes, em linha levemente procurva, os medios maiores. Olhos anteriores formando um trapezio mais largo que alto, os medios mais de quatro vezes menores. Clypeo mais alto que a area ocular. Cheliceras maiores que a altura do clypeo. Peça labial duas vezes mais longa que larga, de apice entalhado, pouco excedendo o meio das laminas maxillares. Esterno mais longo que largo. Pernas muito espinhosas. Cephalothorax amarello-pardacento, com duas pequenas manchas escuras logo atraz dos olhos medios da fila posterior e duas maiores junto ao sulco mediano, trifidas adiante e inclinadas uma para outra, deixando um curto espaço claro, e prolongando-se atraz em uma linha estreita que vae até a borda posterior. Cheliceras fulvo-claras. Laminas-maxillares amarellas, com uma mancha allongada, escura, na metade apical; peça labial parda, de ponta amarella.

Esterno verde-escuro, com cerdas negras. Pernas amarellas, de segmentos apicaes pardos, havendo nos segmentos claros muitas manchas negras, pe-

quenas, circulares, na base dos espinhos. Palpos da côr das pernas.

Abdomen branco no dorso e dos lados, com tons pardacentos, tendo no meio do dorso uma larga faixa longitudinal escura, denteada dos lados, que vae da borda anterior ás fiandeiras. Ventre de colorido geral quasi negro, percorrido por tres linhas longitudinaes, formadas de pontos branco-amarellados. Fiandeiras superiores amarellas e as inferiores pardas.

♂ — 8 mm.

Estructura como na femea.

Cephalothorax amarello, com a região ocular revestida de pellos brancos. Peça labial amarello-pardacenta. Esterno amarello, bem como as ancas e as laminas maxillares.

Abdomen como na femea, mas de ventre pardo uniforme.

Palpos delicados: patella cylindrica, duas vezes mais longa que larga; tibia pouco maior que a patella, levemente dilatada no apice, com uma apophyse apical interna lamellar; tarso pouco maior que a tibia; o clavo do bulbo com pequeno gancho bifido e o estylete simples, ponteagudo. Tibia e patella com longuissimas cerdas espiniformes.

Hab.: Keyserling descreveu a femea de Friburgo, no Rio de Janeiro; na collecção E. Simon ha exemplares de Bahia (17141 e 11499), Therezopolis e Minas Geraes (8720) e Pernambuco (13216, com o andrótypo).

Peucetia macroglossa sp. n. (Fig. 49)

♀ — 9 mm.

Cephalothorax elevado e muito mais estreitado adiante. Olhos posteriores em fila levemente procurva, equidistantes, os medios maiores. Olhos anteriores formando um trapezio muito mais largo que alto, os olhos medios quatro vezes menores que os lateraes. Clypeo e cheliceras como em *P. meridionalis*. Esterno mais largo que longo, prolongado atraz em ponta aguda, que excede as ancas pos-

SciELO

teriores. Peça labial muito longa, terminando em ponta aguda que alcança o apice das laminas-maxillares, estreitas e parallelas.

Cephalothorax amarello-claro, com duas estreitas faixas longitudinaes pardo-fuscas, parallelas, que se extendem da estria thoracica aos olhos medios posteriores. Area ocular revestida de pellos espatulados brancos. Clypeo com duas estreitas faixas parallelas, pardo-escuras, que vão dos olhos lateraes anteriores á borda inferior. Cheliceras com uma faixa semelhante, em continuação a essas do clypeo e com uma linha fulva junto á borda externa. Esterno amarello, bem como as ancas e as laminas maxillares. Peça labial parda em seus dois terços basaes e amarella no terço apical, sendo as duas porções separadas por uma linha clara. Pernas amarellas, profusamente manchadas.

Abdomen branco, com uma faixa longitudinal mediana parda, de lados denteados, estendendo-se da borda anterior ás fiandeiras. Ventre pardo, com uma linha longitudinal mediana branca, que termina atraz em ponta, muito adiante das fiandeiras; estas ultimas são pardo-escuras, com duas pequenas manchas elliptícas brancas pouco adiante das inferiores.

Hab.: Amazonas (Fontebôa e S. Paulo de Olivença) e Perú (Pebas).

Typos: N. 4113 da collecção E. Simon.

Peucetia rubrigastra sp. n. (Figs. 60 a 62)

♀ — 10 mm.

Cephalothorax alto, estreitado e declive adiante, allongado. Olhos posteriores mediocres, iguaes, equidistantes, em fila levemente procurva. Olhos medios anteriores mais de quatro vezes menores que os lateraes, sub-contiguos; estes ultimos um pouco maiores que os posteriores. Clypeo obliquo, mais alto que a area ocular. Cheliceras estreitas, longas, maiores que o clypeo e a area ocular reunidos. Laminas estreitas, parallelas, levemente chanfrados na borda externa. Labio tres vezes mais longo que largo, com uma peça linguiforme triangular, pouco

chitinizada, que se prolonga até o apice das laminas. Esterno pouco mais longo que largo, terminando em ponta adiante das ancas posteriores.

Cephalothorax roseo claro, tendo de cada lado, a pequena distancia das bordas, uma linha carmezin interrompida e no meio uma larga faixa longitudinal, com uma porção parda que vae dos olhos medios posteriores ao sulco thoracico e seguida por outra, um pouco mais larga, carmezin; no meio dessa faixa ha uma estreita linha longitudinal amarellada, que começa pouco atraz dos olhos medios posteriores e termina pouco adiante da borda posterior. Clypeo com dois triangulos rubro-escuros e de angulos lateraes anteriores negros. Cheliceras roseas, de pontas amarellas, com uma linha negra na borda externa. Pernas amarello-pallidas, mosqueadas de vermelho e pardo-escuro, partindo os espinhos de pontos escuros. Laminas maxillares pardas, com uma linha negra. Peça labial pardo escura com a peça linguiforme brancacenta. Esterno pardo, de bordas lateraes roseas; espaço entre as ancas IV e pediculo abdominal roseos.

Abdomen amarello, densamente lavado de carmezin, com larga faixa longitudinal mediana parda, mais estreita na metade anterior e apresentando de cada lado de sua metade posterior uma linha rubra e, junto a esta, outra linha amarello pallida. Ventre roseo, com duas faixas amarello-pardacentas, convergindo para traz e com duas linhas carmezins que formam um triangulo muito allongado, de base junto á fenda genital.

Epigyno limitado de cada lado por um Z chitinoso negro.

♂ — 8 mm.

Olhos medios posteriores maiores que os lateraes, com os quaes forma uma fila levemente procurva. Olhos lateraes anteriores (2.ª fila) nitidamente maiores que os medios posteriores.

Faixa mediana do cephalothorax de colorido vermelho uniforme, com o aspecto de pá, começando dois diametros atraz dos olhos medios posteriores. Clypeo com um omega (ω) vermelho.

Abdomen com duas faixas longitudinaes dorsaes, brancas, orladas de carmezin, sendo o espaço entre as faixas amarello. Toda face ventral do corpo muito mais clara, de tom geral amarello, com os desenhos roseos.

Palpos com a tibia duas vezes maior que a patella e armada de grande apophyse apical infero interna; tarso com uma grande apophyse basal falciforme; bulbo grande, com pequeno estylete apical ponteagudo e longa apophyse basal semilunar.

Hab.: Tapera (Pernambuco).

Coll.: Frei Bento Pickel.

Typos: Em minha collecção.

Genero **Schenicoscelis** Simon, 1898

Differe de *Peucetia* por ter os olhos anteriores menos separados, não raro subcontiguos; a peça labial mais larga e mais curta; as pernas muito longas e delicadas, com espinhos numerosos e muito longos, mas com os protarsos armados de um unico espinho apical inferior ou muticos.

Typo: *S. elegans* Simon.

Este genero é essencialmente brasileiro, possuindo, até agora, 4 especies, das quaes duas ineditas, não se conhecendo o macho de *S. concolor*. Dou abaixo chaves de diagnostico dessas especies.

CHAVE GERAL, PELO COLOPIDO

A — Todo o animal amarello-claro uniforme — *S. luteolus* sp. n.

AA — Cephalotorax de colorido diverso do abdomen:

B - Abdomen do ventre pallido, uniforme:

C — Dorso do abdomen esverdeado adiante e branco atraz, com uma estria posterior escura — *S. leuco chlorus* sp. n.

CC — Abdomen do dorso branco-matte, com uma faixa pouco mais escura anterior — *S. concolor* Simon.

BB — Abdomen do ventre vermelho claro, de lados amarellos — *S. elegans* Simon.

CHAVE DOS ♂♂

A — Tibia do palpo (sem a apophyse apical) mais larga que longa, muito dilatada no apice; tarso maior que a tibia com a patella e com uma pequena apophyse espiniforme dorsal:

B — Apophyse espiniforme dorsal do tarso dirigida para o apice do segmento; bulbo cerca de duas vezes mais longo que largo; clavo e estylete de pontas muito distantes — *S. elegans* Simon.

BB — Apophyse espiniforme do tarso dirigida para a base do segmento; bulbo quasi tão largo quão longo; clavo e estylete de pontas quasi contiguas — *S. luteolus* sp. n.

AA — Tibia do palpo (sem a apophyse apical) bem mais longa que larga e pouco dilatada no apice; tarso pouco maior que a tibia, sem apophyse espiniforme dorsal — *S. leucochlorus* sp n.

SCHENICOSCELIS ELEGANS Simon, 1898

(Figs. 53 a 55)

S. e. Simon — Ann. Soc. Entom. Belgique, 1898, V. 42 p. 32.

♂ — 8 a 10 mm. ♀ — 8 a 10 mm.

Cephalotorax verde-pallido, com larga faixa rosea mediana, e, de cada lado, estreita faixa denteada, quasi marginal, mais estreita atraz, do mesmo colorido; clypeo com duas largas faixas roseas. Area ocular negra, revestida de pellos brancos e amarellos. Cheliceras amarelladas, com larga faixa rosea na face anterior, continuando as do clypeo. Peça labial e laminas maxillares de tons roseos. Esterno e ancas verde-pallidos. Pernas muito longas, delicadas, com espinhos negros, longos, numerosos, com pontos roseos na face inferior; os outros segmentos pardos, sendo as patellas e tibias levemente manchadas de roseo.

Abdomen muito estreito e longo, de dorso vermelho-claro, com estreita margem amarella, tendo adiante uma linha lanceolada amarella e, atraz della, linhas obliquas, biseriadas, convergentes adiante, da mesma côr. Ventre com estreita margem amarella.

Palpos curtos e robustos, pardos. Femur esverdeado, curto, quasi direito; patella pouco mais longa que larga, com uma cerda espiniforme muito longa; tibia mais curta e mais larga que a patella, armada de numerosas cerdas espiniformes; tarso oval allongado, de apice agudo, apresentando no dorso, perto da base, uma apophyse curta, ponteaguda, de ponta negra; bulbo grande, membranoso, de estylete negro; junto á margem externa uma apophyse espessa, terete, amarellada, levemente uncinada, de vertice negro.

A femea é semelhante ao macho, tendo os palpos pardos, manchados de roseo.

Hab.: Tijuca (Rio de Janeiro).

Schenicoscelis concolor Simon, 1898

S. c. Simon — Ann. Soc Entom. Belgique, 1898, V. 42, p. 32

♀ — 6,8 mm.

Cephalothorax olivaceo-amarellado, glabro, com a area ocular negra e revestida de pellos amarellos. Esterno fulvo esverdeado. Cheliceras, peça labial e laminas maxillares pardas. Pernas pardas, com espinhos negros, longos e numerosos.

Abdomen muito estreito e longo, branco-opaco, com uma faixa longitudinal dorsal lanceolada, pouco mais escura na porção anterior; lados e ventre fulvo-amarellados.

Epigyno pouco mais longo que largo, truncado adiante e atraz, com uma margem romba, e cortado por fina estria longitudinal profunda.

Hab.: Amazonas.

Schenicoscelis luteolus sp. n.

(Figs. 56 e 57)

♂ — 8 mm.

Cephalothorax deprimido. Olhos posteriores em fila procurva, mediocres, equidistantes, iguaes, separados pouco mais de um diametro. Olhos ante-

riores formando um trapezio de diametros iguaes, equidistantes, os medios tres vezes menores que os lateraes. Peça labial pouco mais longa que larga, de apice arredondado. Esterno bem mais largo que longo. Pernas muito fracas e delgadas, com espinhos fracos e muito longos, tendo o apice dos protarsos mutico.

Todo o corpo amarello pallido, sendo o abdomen inda mais claro.

Pàlpos curtos e robustos: patella levemente fusiforme, mais longa que larga; tibia bem menor que a patella, dilatada para o apice, com uma apophyse apical inferior laminar; tarso maior que a patella com a tibia, armado de pequena apophyse dorsal; bulbo de estylete longo e com duas apophyses accessorias.

Hab.: Matto Grosso.

Typo: N. 11464 da collecção E. Simon.

SCHENICOSCELIS LEUCOCHLORUS sp. n.

(Figs. 58 e 59)

♂ — 9 mm.

Cephalothorax muito deprimido ao nivel do sulco thoracico, mas de região cephalica, como nas outras especies, muito elevada, nitidamente marcada por sulcos e bruscamente estreitada. Olhos posteriores em fila bem procurva, os medios bem maiores, separados uns dos outros cerca de dois diametros. Olhos anteriores equidistantes, os medios duas vezes menores que os lateraes, que são um pouco maiores que os medios posteriores. Esterno de largura e comprimento iguaes. Pernas longas, com espinhos longos, muito fracos, de protarsos muticos. Abdomen longo, estreito, parallelo.

Cephalothorax, cheliceras, peça labial, laminas maxillares, ancas, esterno, pernas e palpos amarello-claros. Abdomen amarello-esverdeado na metade anterior do dorso e branco, com estreita estria mediana, na metade posterior. Ventre amarello-claro uniforme.

SciELO

Palpos: femur direito; patella cylindrica, pouco mais longa que larga; tibia vez e meia maior que a patella, provida de longa apophyse apical inferior e armado de um como rastello apical, formado por seis cuspides; tarso menor que a patella com a tibia, sem apophyse espiniforme dorsal e de bulbo muito complexo.

Hab.: Goyaz.

Typo: N. 21595 da collecção E. Simon.

SciELO

Indice das Figuras

PRANCHA I

Fig. 1 — Epigyno de Oxyopes salticus
Fig. 2 — » » » hemorrhus
Fig. 3 — » » » pugilator
Fig. 4 — » » » stephanurus
Fig. 5 — » » » macrosecélides
Fig. 6 — » » » incertus
Fig 7 — » » » constrictus
Fig. 8 — » » » fluminensis
Fig. 9 — » » » argyrotrichius
Fig. 10 — » » » sexmaculatus
Fig. 11 — » » » rubrosignatus
Fig 12 — Palpo de Oxyopes salticus (macho) (face ventral
Fig. 13 — » » » macrosecelides (macho) *a* — face ventral ; *b* — lado interno
Fig. 14 — Palpo de Oxyopes incertus (macho) *a* — face ventral ; *b* — lado interno
Fig. 15 — Palpo de Oxyopes sectus (macho) *a* — face ventral ; — *b* lado interno
Fig. 16 — Palpo de Oxyopes pugilator (macho) *a* — face ventral ; — *b* lado interno
Fig. 17 — Palpo de Oxyopes rubrosignatus (macho) *a* — face ventral; *b* lado interno
Fig. 18 — Palpo de Oxyopes hemorrhous (macho) *a* — face ventral ; *b* — lado interno
Fig. 19 — Epigyno de *Oxyopeidon bicolor* sp. n.
Fig. 20 — » » » marmoratum (Sim)
Fig. 21 — » » » nigriventris sp. n.
Fig. 22 — » » » dubium sp. n.
Fig. 23 — » » » micropunctatum Simon
Fig. 24 — » » » bituberculatum sp. n.
Fig. 25 — » » » 4 — maculatum sp. n.

PRANCHA II

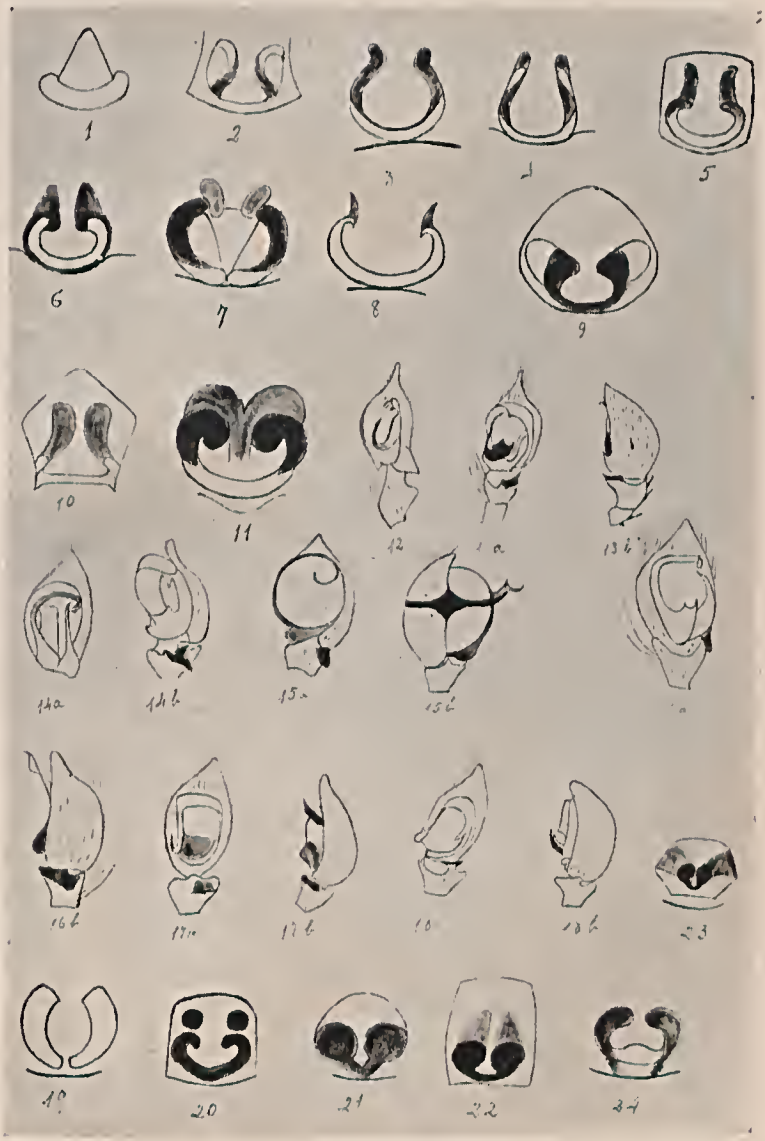
Fig. 26 — Palpo de Oxyopeidon marmoratum ♂ (vista lateral)
Fig. 27 — » » » » ♂ face ventral)
Fig. 28 — » » » micropunctatum ♂ (face lateral)

SciELO

Fig. 29 — Palpo de Oxyopeidon micropunctatum ♂ vista lateral
Fig. 30 — Epigyno de Hamataliva porcata (Simon)
Fig. 31 — » » » caudata sp. n.
Fig. 32 — » » » argyrescens
Fig. 33 — » » » nigrescens
Fig. 34 — Palpo » » porcata (♂) de lado
Fig. 35 — » » » » (♂) face ventral
Fig. 36 — Epigyno » » perdita
Fig. 37 — » » *Tapinillus longipes*,
Fig. 38 — Palpo » » » ♂ (vista lateral)
Fig. 39 — » » » » ♂ (» ventral),
Fig. 40 — Palpo de *Peucetia tranquilini* (♂) vista ventral
Fig. 41 — » » » *villosa* (♂) vista ventral
Fig. 42 — » » » » (♂) » lateral
Fig. 43 — » » » *meridionalis* (♂) » »

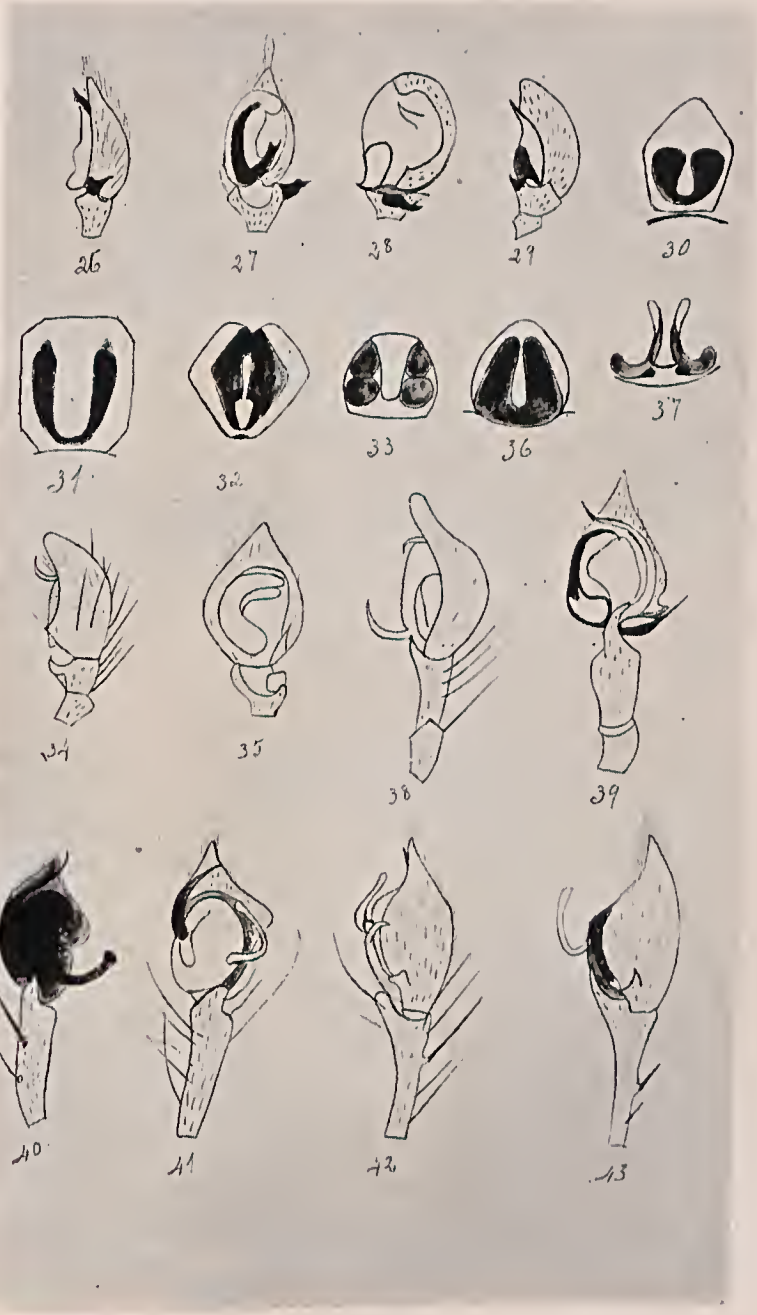
PRANCHA III

Fig. 44 — Palpo de *Peucetia meridionalis* (♂) vista ventral
Fig. 45 — » » *Peucetia amazonica* (♂) » ventral
Fig. 46 — » » » » (♂) » lateral
Fig. 47 — » » » *flava* (♂) » »
Fig. 48 — » » » » (♂) » ventral
Fig. 49 — Epigyno de *Peucetia macroglossa*
Fig. 50 — » » » *amazonica*
Fig. 51 — » » » *flava*
Fig. 52 — » » » *similis*
Fig. 53 — » » *Schenicoscelis elegans*
Fig. 54 — Palpo » » » (♂) vista lateral
Fig. 55 — » » » » ♂ vista ventral
Fig. 56 — » » » *luteolus* ♂ vista ventral
Fig. 57 — » » » » ♂ vista lateral
Fig. 58 — » » » *leocochlorus* ♂ vista lateral
Fig. 59 — » » » » ♂ vista ventral
Fig. 60 — Epigyno de *Peucetia rubrigastra*
Fig. 61 — Palpo » » » ♂ vista ventral
Fig. 62 — » » » » ♂ vista lateral


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13b
14a
14b
15a
15b
16b
17a
17b
18
18b
19
20
21
22
23

Prancha I

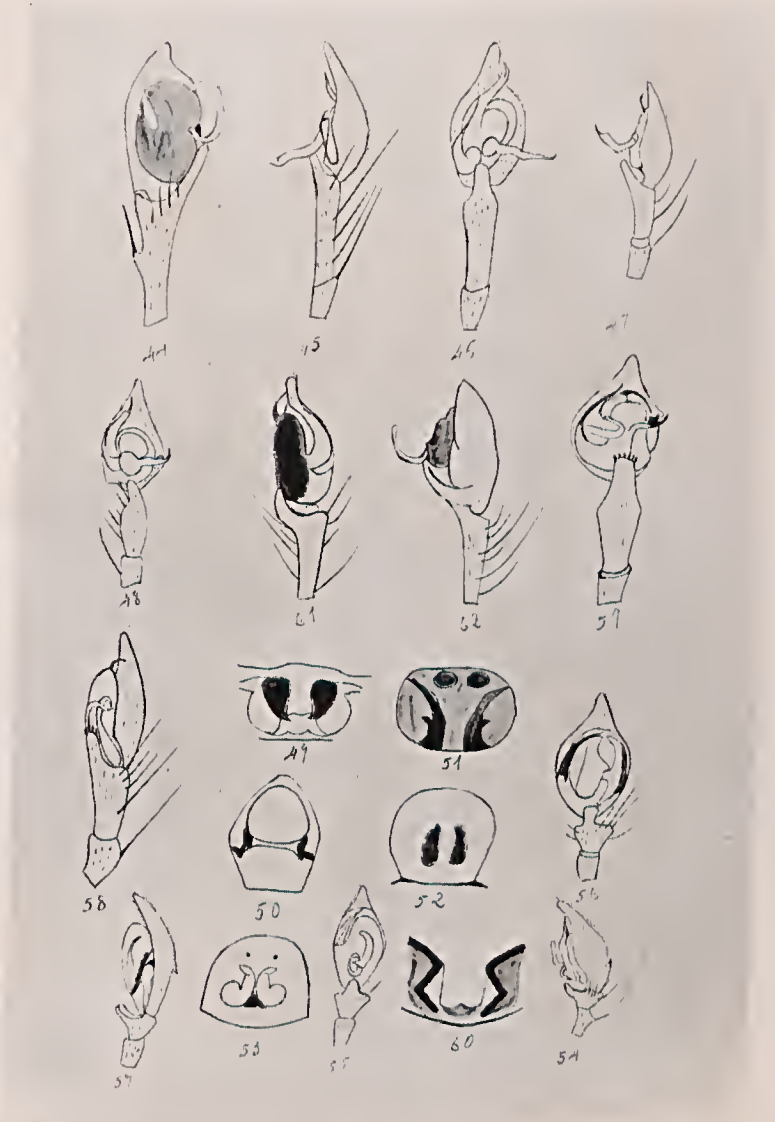
SciELO



Prancha II

SciELO

SciELO



Prancha III

Dr. Mello-Leitão

Mimetideos do Brasil

SciELO

MIMETIDEOS DO BRASIL

PELO

DR. MELLO-LEITÃO

A familia dos Mimetideos foi creada por *E. Simon* em 1893, mas já em 1870 *J. Blackwall* propuzera reunir seu genero *Clenophora* (= *Mimetus* Hentz) e *Galena* Koch (= *Gelanor* Thorell) em uma familia distincta (*Clenophoridae*).

Só depois da publicação da *Histoire Naturelle des Araignées*, em 1897, são os Mimetideos acceitos pelos arachnologos e ainda em 1901 *Tullgren* ahi inclue o genero *Gnolus*, já estudado por E. Simon entre os Argiopideos.

Dos antigos generos, hoje reunidos nesta familia, *Ero*, *Mimetus* e *Oarces* eram considerados como Theridiideos e *Gelanor* como Argiopideo.

Vê-se, por ahi, o parentesco dessa nova familia, afim a certos Theridiideos (*Episinus e OEta*), Argiopideos (*Nesticus*, *Diphya*, *Erechocentrus*, *Tecmessa*, *Gnolus*) e Archeideos.

Petrunkevitch estuda-os no mesmo grupo dos Uloboricleos, Dinopideos e Argiopideos e *Dahl* reune-os a outras dezeseis familias no ramo heterogeneo das *Oligotrichias*, mais proximos dos Archacideos e Theridiideos que dos Araneideos, divergindo um pouco do arachnologo russo.

O cephalothorax dos Mimetideos apresenta pequena fosseta profunda, quasi arredondada, no declive thoracico, e é sempre convexo, bem mais lon-

go que largo, de região cephalica longa, estreitando-se regularmente para diante. Os olhos são nitidamente heterogeneos, sendo os medios anteriores diurnos e geralmente maiores. Os lateraes são contiguos e situados em uma saliencia commum. A area dos olhos medios é quasi sempre mais larga adiante. O clypeo é vertical, em geral mais baixo que a area dos olhos medios, raramente igual (*Ero*).

As cheliceras são estreitas, longas, cylindricas, parallelas, separadas na base por estreita fenda triangular, muito allongada; a truncatura apical é curta, de borda inferior indistincta, geralmente mutica e a superior armada de 4 a 8 dentes longos, espiniformes, subcontiguos; a garra é fortemente arqueada em semicirculo. A peça labial é quasi plana nos dois terços apicaes, mais convexa no terço basal. As laminas maxillares são longas, estreitas desde a base, attenuadas, subacuminadas, convergentes, com pequena escòpula apical.

O esterno, oval ou triangular, mais longo que largo, é quasi plano e terminado em ponta entre as ancas IV, nitidamente separadas.

O abdomen, volumoso e convexo, é de forma muito variavel, com as fiandeiras terminaes.

As pernas são longas e delgadas nas extremidades, com os protarsos maiores que as tibias, sendo os dos dois primeiros pares fortemente arqueados. As pernas anteriores são muticas em *Melaenosia* (da India) e *Miopristis* (da Ilha Principe); nos outros generos tibias e protarsos I e II possuem armadura muito especial: na face interna ha uma serie de longos espinhos equidistantes, separados por serie de espinhos muito menores, proximos, curvos, augmentando regularmente, em cada serie, da porção proximal para a distal; cada serie é formada de 2 a 6 espinhos curvos. Os tarsos são armados de tres unhas: as duas superiores longas, com dois a quatro dentes basaes; a inferior é mutica ou armada de pequeno dente basal.

O palpo da femea é longo e delgado, de tibia muito mais comprida que a patella; o tarso, igual ou maior que a tibia, é armado de uma unha apical.

SciELO

O palpo do macho é muito longo, de tarso grande, estreito na base, onde apresenta forte saliencia dirigida para traz. O bulho é sempre muito convexo, membranoso no meio, cercado por espesso estylete em forma de lacinia e prolongado por varias apophyses desiguaes.

Não constroem os Mimetideos teia definida, habitando entre plantas baixas, sendo de movimentos relativamente lentos.

Segundo *Hentz* nutrem-se os *Mimetus* quasi exclusivamente de outras aranhas.

Simon descreveu em 1906 e 1907 dois generos de Mimetideos da India e da Ilha Principe, de pernas inermes, que são um pouco anomalos para a familia; nos generos Americanos ha sempre a armadura typica; delles e de *Phobetinus*, da ilha Taprobana, apenas se conhecem as especies typicas. Differe *Phobetinus* dos generos neotropicos, dos quaes damos a seguir a chave, por sua peça labial mais larga que longa e subquadrada, e pelo esterno largamente truncado atraz, separando as ancas posteriores.

AA — Olhos lateraes pouco separados dos medios; todas as pernas armadas de espinhos:

B — Tibia e protarsos anteriores com longos espinhos seriados, só na borda interna;

C — Clypeo muito mais estreito que area ocular; pernas posteriores muito mais curtas que as anteriores — *Mimetus* Hentz.

CC — Clypeo igual ou mais alto que area ocular; pernas posteriores pouco mais curtas que as anteriores. — *Ero* C. Koch.

B B — Tibias e protarsos anteriores com longos espinhos seriados na borda externa e na borda interna — *Prochra* Simon.

AA — Olhos lateraes muito separados dos medios; pernas III e IV muticas:

B — Area dos olhos medios muito mais longa que larga e muito mais larga adiante — *Gelanor* Thorell.

B B — Area dos olhos medios não mais longa que larga e mais estreita adiante — *Oarces*.

Genero **Mimetus** Hentz, 1832

Cephalothorax longo, pouco convexo, muito estreito adiante. Olhos medios formando uma area muito mais larga adiante e de largura e altura proximamente eguaes, sendo os olhos anteriores um pouco maiores. Olhos de cada fila pouco afastados e quasi equidistantes. Clypeo muito mais baixo que a area ocular. Cheliceras muito longas. Peça labial muito mais longa que larga, estreitada no apice, que é obtuso. Laminas maxillares estreitas e longas, convergentes. Pernas longas, muito desiguaes (as posteriores muito menores) e espinhosas. Tibias e protarsos I e II com a armadura typica na borda interna. Abdomen convexo, pontudo atraz e de angulos anteriores salientes.

Typo: *Mimetus interfector* Hentz.

O genero Mimetus é abundantemente espalhado por todo o Mundo. Suas especies tecem uma teia irregular nos ramos baixos das plantas das regiões aridas e quentes e a femea tece um casulo oblongo, conico nas duas extremidades: Este genero é representado no Brasil por cinco especies e na America tropical por onze, que se podem separar de accordo com as chaves abaixo:

♂

A — Cephalothorax amarello claro, de colorido uniforme; centro do bolbo do pálpo com duas apophyses ponteagudas — *M. bigibbosus* O. Cambr.

AA — Cephalothorax com uma faixa escura longitudinal:

B — Centro do bolbo dos palpos sem apophyses ponteagudas; apice do bolbo com uma lacinia em forma de martello — *M. brasilianus* Keyserl.

BB — Centro do bolbo dos palpos com duas ou tres apophyses ponteagudas:

C — Centro do bolbo dos palpos com duas apophyses ponteagudas:

D — As duas apophyses muito proximas, sendo ambas curvas para o apice e muito desiguaes — *M. crudelis* O. Cambr.

DD — As duas apophyses proximamente do mesmo tamanho, sendo uma quasi transversa e outra levemente dobrada — *M. penicillatus* sp. n

CC — Centro do bolbo com tres apophyses:

D — As tres apophyses do mesmo sentido, proximas, sendo as duas extremas bem maiores que a media — *M. rapax* O. Cambr.

DD — As tres apophyses bem separadas, sendo duas curvas para a base e outra curva para o apice — *M. hieroglyphicus* sp. n.

♀♀

A — Cephalothorax de colorido uniforme, amarello claro ou irregularmente manchado; epigyno allongado, de borda vulvar proeminente:

B — Borda vulvar concava no centro; epigyno leve e transversalmente estriado — *M. keyserlingi* Mello Leitão.

BB — Borda vulvar de centro concavo; epigyno sem estriações — *M. trituberculatus* O Cambr.

AA — Cephalothorax com uma faixa longitudinal mediana, mais escura:

B — Epigyno allongado, de borda vulvar proeminente:

C — Epigyno transversalmente estriado.

D — Porção mediana posterior do epigyno saliente, pontuda, com duas fossetas ovaes contiguas; duas fossetas basaes maiores e afastadas — *M. melanoleucus* sp. n.

DD — Porção posterior do epigyno regularmente arredondado, com duas fossetas punctiformes bem separadas — *M. brasilianus* Keyserl.

CC — Epigyno sem estriação transversa, de borda regular — *M. penicillatus* sp. n.

BB — Epigyno oval transverso, mais largo que longo:

C — Epigyno com uma lingueta mediana; forma geral triangular — *M. triangularis* (Keyserl.)

CC — Epigyno sem lingueta mediana; forma geral oval transversa — *M. rapax* O. Cambr.

AAA — Cephalothorax com abundantes cerdas erectas — *M. hirsutus* O. Cambr.

SciELO

MIMETUS BRASILIANUS Keyserling, 1886
(Figs, 2, 3 e 8)

M. b. Keyserling — Spinnen Amerikas, Theridiidae, 1886 — Vol. II p. 9, pr. XI, f. 138.

M. b. Tullgren Arkiv. f. Zool., 1905, Vol. II, p. 37, p. V, f. 14.

M. b. Petrunkevitch — Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., 1911, Vol. XXIX, p. 399.

♀ — 4,2 mm. ♂ — 4 mm.

Cephalathorax quasi um terço mais longo que largo, tendo adiante apenas metade da largura de sua porção posterior, muito convexo, declive para a região ocular. Clypeo muito baixo, igual apenas a meio diametro dos olhos medios anteriores, provido de algumas cerdas erectas.

Olhos posteriores pequenos, em fila mui levemente procurva, os medios um pouco maiores que os lateraes, postos em pequenos tuberculos, afastados menos de um diametro e a mais de 2 dos lateraes. Olhos medios anteriores duas vezes maiores que os posteriores, distantes um do outro um diametro e apenas a meio diametro dos lateraes, que estão situados em pequenas elevações. Area dos olhos medios mais larga que longa e muito mais estreita atraz.

Cheliceras altas, com dois dentes na borda inferior do sulco ungueal e com uma fila de dentes espiniformes na superior.

Laminas maxillares direitas, tres vezes mais longas que largas, arredondadas adiante e inclinadas sobre o labio, tão longo quão largo e de apice arredondado. Esterno pouco mais longo que largo, cordiforme.

Pernas longas e delgadas, principalmente o primeiro par. Tibias I com 1 — 1 — 1 espinhos dorsaes e tibias II com um.

Abdomen mais largo que longo, arredondado, com uma pequena elevação romba de cada lado.

Cephalothorax amarello-claro, tendo no dorso duas estreitas faixas longitudinaes escuras, que vão

dos olhos medios ao meio do dorso; fora ha outras duas, brunco-escuras, que partem dos olhos lateraes e se dilatam para traz, unindo-se no meio do cephalothorax ás duas faixas claras. Cheliceras amarello-claras, com uma pequena mancha escura apical e outra grande, basal. Laminas-maxillares, peça labial, esterno, pernas e palpos amarello-claros, estes de tarsos escuros; pernas manchadas de pardo no apice dos segmentos ou com aneis desse colorido.

Abdomen branco, reticulado de pardo, tendo adiante, no meio, uma grande mancha parda ou branca, orlada de pardo. A porção anterior dos pequenos tuberculos parda e atraz delles ha algumas faixas transversaes, pouco nitidas, do mesmo colorido. No dorso ha alguns pontos brunco-vermelhos, nos quaes se inserem longas cerdas erectas, escuras.

Hab.: Amazonas (Coll. Cambridge) Minas Geraes (Caraça e Mattosinhos, n. 8886) e Rio de Janeiro (n. 8915 da collecção E. Simon).

MIMETUS HIEROGLYPHICUS sp. n. (Fig 7)

♂ — 3 mm.

Cephalothorax como em M. *brasilianus* Keys.

Olhos posteriores em fila levemente procurva, os medios separados um do outro cerca de um diametro e duas vezes mais afastados dos lateraes. Olhos medios anteriores duas vezes maiores que os posteriores, afastados entre si um diametro e bem mais proximos dos lateraes. Area dos olhos medios quasi tão longa quão larga e bem mais larga adiante.

Tibias I e II, além dos espinhos internos seriados, com 1-1-1 espinhos dorsaes e um externo; protarsos com 5 ou 6 espinhos dorsaes. Abdomen oval curto, sem tuberculos.

Cephalatorax amarello-claro, com larga faixa mediana castanha, estreitando-se para traz e occupando adiante toda região cephalica. Pernas amarello-claras, anneladas de castanho. Cheliceras, la-

SciELO

minas-maxillares, ancas das pernas e esterno amarello-pallidos; peça labial pardo escura.

Abdomen cinzento claro, pontilhado de branco, apresentando na metade posterior linhas negras sinuosas transversaes, formando desenhos complicados. O ventre é claro, com uma mancha fusca mediana e com tres linhas fuscas, sendo uma transversal e duas obliquas, junto ás fiandeiras.

Palpos pouco longos, de patella curta, quasi globulosa, tibia mais larga e duas vezes mais longa que a patella, duas vezes mais longa que larga, muito dilatada para o apice, com uma apohyse apical inferior; tarso maior que a tibia, de ponta saliente e com o bulbo provido de tres apophyses.

Hab.: Matto Grosso e Paraguay.

Typo: n. 9036 da collecção E. Simon (Museu de Paris).

MIMETUS KEYSERLINGI n. n. (Fig. 9)

Mimetus triangularis Keyserling, 1886— Spinnen Amerikas, Theridiidae, vol. II, p. 11, p. XI, fig. 139, nec *Mimetus triangularis* (Keyserling) 1879 — *Meta triangularis* Keyserling.

♀ — 4 mm.

Cephalothorax como nas especies anteriores.

Olhos posteriores iguaes, em fila levemente recurva, os medios afastados meio diametro e a quasi dois diametros dos lateraes. Olhos medios anteriores duas vezes maiores, de um e outro lado de uma eminencia mediana, separados um do outro um diametro. um pouco mais proximos dos lateraes, que estão situados em pequenos tuberculos. Area dos olhos medios um pouco mais longa que larga, mais estreita atraz.

Laminas-maxillares duas vezes mais longas que a peça labial, triangular, de apice arrendondado.

Abdomen triangular, arredondado adiante, pontudo atraz, com duas pequenas elevações lateraes.

Cephalothorax amarello-claro, com a região cephalica e estreita faixa longitudinal mediana da re-

gião thoracica vermelhas; na região thoracica ha, dos lados, um par de manchas avermelhadas e na região cephalica uma outra, amarello-clara. Cheliceras, peça labial e laminas-maxillares vermelho-bruneas, sendo estas ultimas de pontas mais claras. Esterno, pernas e palpos amarello-claros, pernas e palpos annelados de vermelho-bruneo, sendo tres aneis nos femures e tibias, um no apice das patellas e alguns nos protarsos. Abdomen cinzento-amarellado no dorso, salpicado de pequenos pontos vermelhos setiferos; ventre mais escuro, salpicado de manchas amarellas e bruneas. Fiandeiras pardo-amarelladas.

Hab.: Pebas (3893 da collecção E. Simon, *typo*) e Rio de Janeiro (3945-A da mesma collecção).

Mimetus melanoleucus sp. n. (Fig. 11)

♀ — 4,5 mm.

Cephalothorax como nas outras especies.

Olhos posteriores iguaes, em fila levemente procurva, os medios distantes um do outro um diametro e a dois diametros dos lateraes.

Olhos medios anteriores duas vezes menores que os posteriores, afastados um diametro e a meio diametro dos lateraes, que estão situados em pequenas eminencias. Area dos olhos medios mais alta que larga e bem mais estreita atraz. Clypeo mais baixo que os olhos medios anteriores. Cheliceras estreitas, parallelas, cerca de tres vezes maiores que o clypeo.

Laminas maxillares e peça labial como na especie precedente.

Tibias I e II com 1--1--1 longos espinhos dorsaes.

Abdomen globuloso, transverso, com dois pequenos tuberculos, ás vezes obsoletos.

Cephalothorax amarello-claro, com uma larga faixa mediana castanha, occupando adiante toda a largura da area ocular, estreitando-se para traz, e ás vezes levemente infuscata. Cheliceras castanho-claras. Esterno amarello-claro, ás vezes com algu-

mas manchas marginaes fuscas. Ancas das pernas e laminas maxillares amarello-pallidas. Peça labial fulvescente ou pardo-escura. Pernas amarellas, annelladas de castanho, ou com o apice dos femures e as patellas III e IV quasi negros. Abdomen com a metade anterior do dorso negra e a metade posterior cinzento-clara; em ambas pequenos pontos pardos. A's vezes o abdomen é pardo, pontilhado de negro e branco, com pequenas manchas irregulares muito abundantes.

Epigyno allongado, muito rugoso transversalmente, em linhas angulosas muito nitidas.

Hab.: Bahia (Santo Antonio da Barra) e Pernambuco (Serra de Communaty).

Typos: 10492 (Bahia) e 8510 (Pernambuco) da collecção E. Simon (Museu de Paris).

MIMETUS PENICILLATUS sp. n. (Figs. 5, 12, 30 e 37)

♂ — 3,5 mm. ♀ — 4 mm.

Cephalothorax como nas outras especies.

Olhos posteriores em fila mui levemente recurva, iguaes, os medios separados entre si meio diametro e a diametro e meio dos lateraes. Olhos anteriores em fila mais recurva, os medios bem maiores, afastados quasi dois diametros e a um diametro dos lateraes. Olhos lateraes geminados, com pequenas eminencias. Area dos olhos medios bem mais alta que larga, muito mais estreita atraz. Clypeo mais de duas vezes mais baixo que a area dos olhos medios.

Abdomen mais largo que longo, muito dilatado diante e pontudo atraz.

Cephalothorax pardo claro, com duas linhas longitudinaes castanho-escuras, que começam nos olhos lateraes posteriores, e convergem atraz, quasi na borda posterior, unindo-se por pequena linha transversal. Entre essas linhas ha uma larga faixa pardo escura. Cheliceras, peça labial e laminas maxillares amarellas. Pernas amarellas, com largos aneis castanhos no apice dos femures, base e api-

ce das patellas. Abdomen branco, reticulado de negro.

Epigyno em fórma de U, de concavidade posterior muito espessada.

Palpo do macho de patella curta; tibia pouco maior que a patella e sem apophyse; tarso maior que a patella com a tibia, de apice saliente e grande bolbo com duas apophyses.

Hab.: Rio do Janeiro (Martins Costa e Pinheiro).

Typos: 336 (♂) e 340 (♀) de minha collecção.

Genero **Ero** C. Koch, 1837

Cephalothorax curto, muito convexo, quasi igualmente declive para diante e para traz. Olhos grandes, pouco deseguaes, os medios formando uma area geralmente de diametros iguaes, um pouco mais larga adiante. Olhos lateraes mais ou menos distantes dos medios. Clypeo igual ou mais alto que a area dos olhos medios. Peça labial e laminas maxillares como em *Mimetus*. Pernas longas, pouco desiguaes, todas armadas de espinhos. Abdomen muito alto, geralmente provido de tuberculos.

Typo: *E. tuberculata* (de Geer).

Este genero, como *Mimetus*, é igualmente cosmopolita. Da America tropical se conhecem nove especies, das quaes oito brasileiras, que podemos distinguir pela seguinte chave:

♂ ♂

A — Abdomen mais largo que longo: tarso dos palpo. com uma apophyse sub-basal — *E. cathariuae* Keys

AA — Abdomen mais longo que largo; tarso dos palpos sem apophyse basal:

B — Abdomen com dois tuberculos de cada lado, geminados — *E. goeldii* Keys.

BB — Abdomen com um pequeno tuberculo de cada lado, pouco saliente — *E. valida* Keys.

♀♀

A — Abdomen muito mais largo que longo — *E. lata* Keys.

AA — Abdomen tão ou mais longo que largo, ou pouco mais largo que longo:

B — Abdomen com tres tuberculos na região posterior; epigyno muito alto, bifurcado — *E. melanòstoma* sp. n.

BB — Abdomen com dois tuberculos, ás vezes obsoletos; epigyno plano.

C — Epigyno nitidamente mais largo que longo:

D — Abdomen com a metade posterior branca e a anterior negra — *E. spinifrons* sp. n.

DD — Abdomen de colorido geral pardo, com pontilhado de coutraste — *E. humilithorax* Keys.

CC — Epigyno mais longo que largo ou de diametros iguaes.

D — Epigyno de diametros iguaes, em desenho de flor de lys — *E. gracilis* Keys.

DD — Epigyno bem mais longo que largo, com um rebordo posterior chitinoso em U — *E. catharinae* Keys.

ERO CATHARINAE Keyserling, 1886 (Fig. 15)

E. c. Keyserling — Spinnen Amerikas, Theridiidae, 1886, Vol. II, p. 251, pr. XX, f. 30.

E. c. Keyserling — Spinnen Amerikas, Brasil. Sp. 1891, p. 217.

E. c. Petrumkevitch — Bull. America Mus. Nat. Hist., p. 397.

♀ — 3,9 mm.

Cephalothorax pouco mais largo que longo, bem mais estreito adiante, muito convexo, mais alto na metade posterior e muito obliquo para diante. Porção thoracica sem sulco mediano. Clypeo mais alto que a area ocular.

Olhos anteriores em fila bem recurva, os medios maiores, separados dos lateraes um diametro e um pouco mais proximos um do outro. Olhos posteriores em fila direita, iguaes, os medios sepa-

rados um diametro e mais afastados dos lateraes. Area dos olhos medios mais larga que alta, mais estreita atraz.

Abdomen mais largo que longo, sendo mais largo na metade anterior, onde é arredondado, pontudo atraz, sobre as fiandeiras, e com um pequeno tuberculo dorsal de cada lado, na porção mais dilatada.

Cephalothorax amarello, com a região ocular negra e ornada, no meio, de uma faixa longitudinal pardacenta, larga adiante, estreitando-se para traz e interrompida, em sua porção anterior, por varias faixas claras. Cheliceras, laminas maxillares, peça labial, esterno e palpos amarello-claros. Pernas amarellas, com manchas pardas na base e apice dos femures, nas patellas e no apice das tibias I e II.

Abdomen pardo, com faixas transversaes pouco nitidas, vermelhas e ennegrecidas; fiandeiras amarello-pardacentas. Epigyno fulvo.

♂ — 3,3 mm.

Cephalothorax com a faixa longitudinal pouco nitida.

Abdomen amarello-pardacento, com algumas manchas brancas e faixas escuras pouco nitidas no dorso. A's vezes manchas pardas adiante dos tuberculos e sobre as fiandeiras. Outras vezes o abdomen é azulado uniforme.

Hab.: Santa Catharina e Rio de Janeiro.

ERO GŒLDII Keyserling, 1891

E. g. Keyserling—Spinnen Amerikas, Brasil sp., 1891, p. 218, pr. VIII, f. 159

♂ — 2.0 mm.

Cephalothorax como na especie precedente. Clypeo da altura da area dos olhos medios.

Olhos posteriores em fila levemente recurva, iguaes, quasi equidistantes (separados um diametro), os medios um pouco mais approximados. Olhos anteriores em fila recta, equidistantes, os medios

duas vezes maiores que os lateraes (estes do tamanho dos olhos posteriores). O espaço que os separa uns dos outros igual á metade de seu diametro. Area dos olhos medios de diametros iguaes, mais larga adiante.

Labio mais largo que longo, de apice arredondado, não alcançando o meio das laminas-maxillares. Esterno convexo, mais longo que largo.

Abdomen mais longo que largo, arredondado adiante, pontudo atraz, tendo de cada lado, no meio do dorso, dois pequenos tuberculos pontudos, geminados, obliquos para cima e para fóra.

Cephalothorax amarello, com uma estreita faixa longitudinal mediana parda, que começa no clypeo e uma faixa mais larga, quasi marginal, de cada lado. Cheliceras, laminas-maxillares e peça labial pardo-claras. Esterno pardo-claro, amarello no meio. Pernas e palpos amarellos, annelados de escuro.

Abdomen cinzento-amarellado claro, manchado de vermelho sobre as fiandeiras e com intenso pontilhado branco, formando circulos. As quatro fossetas do dorso e a parte anterior dos tuberculos pardas.

Hab.: Rio de Janeiro.

ERO GRACILIS Keyserling, 1891 (Fig. 16)

E. g. Keyserling, Spinnen Amerikas, Brasil. Sp., 1891, p. 219, p. VIII, f. 160

♀ — 3,4 mm.

Cephalothorax como nas outras especies. Clypeo mais alto que a area dos olhos medios.

Olhos posteriores em fila direita, pequenos, os medios separados um do outro apenas meio diametro e tres vezes mais afastados dos lateraes. Olhos anteriores em fila levemente procurva, os medios maiores e separados menos de um diametro, e um pouco mais distantes dos lateraes. Area dos olhos medios mais larga que alta, mais estreita atraz.

Espinhos das pernas muito robustos.

SciELO

Abdomen mais largo que longo, arredondado adiante, pontudo atraz, tendo de cada lado, no dorso, um pequeno tuberculo rombo.

Cephalothorax amarello, apresentando no meio do dorso uma faixa longitudinal avermelhada, larga adiante, estreitando-se para traz. Cheliceras, laminas-maxillares, peça labial, esterno e palpos amarello-claros. Pernas amarellas, com *4* a 5 aneis escuros nos femures, dois nas tibias e nos protarsos e com as pontas dos tarsos tambem escuras.

Abdomen amarello, manchado de branco, tendo na porção posterior do dorso varias manchinhas negras e na porção anterior outra, bem maior.

Hab.: Rio de Janeiro.

ERO HUMILITHORAX Keyserling, 1886. (Fig. 17)

E. h. Keyserling — Spinnen Amerikas, Theridiidae, Vol. II, p. 15, pr. XI, f. 141.

E. h. Keyserling — Spinnen Amerikas, Brasil sp., p. 217.

♀ — 2,9 mm.

Cephalothorax como nas outras especies. Clypeo mais alto que a area dos olhos medios.

Olhos posteriores em fila direita, pequenos, os medios separados um do outro um diametro e vez e meia mais afastados dos lateraes Olhos anteriores em fila direita, equidistantes, os medios postos em uma elevação mediana e maiores. Area dos olhos medios mais larga que longa, um pouco mais estreita atraz.

Peça labial arredondada, tão longa quão larga, apenas alcançando o meio das laminas maxillares. Esterno cordiforme, tão longo quão largo.

Abdomen tão longo quão largo, com um pequeno tuberculo rombo de cada lado.

Cephalothorax amarello, com uma larga faixa pardo-avermelhada de cada lado e uma outra estreita mediana, em parte interrompida. Cheliceras, laminas-maxillares, peça labial e esterno pardo-

avermelhados. Pernas e palpos amarello claros com faixas e manchas avermelhadas.

Abdomen cinzento, apresentando adiante e atraz dos tuberculos faixas irregulares, formando pequenas manchas brancas. Todo dorso salpicado de pequenos pontos pardos, de onde partem longas cerdas erectas.

Hab.: Amazonas e Pará (N. 6483 da collecção E. Simon).

Ero lata Keyserling, 1891 (Fig. 18)

E. l. Keyserling — Spinnen Amerikas. Brasil Sp. 1891, p. 220, pr. VIII, f. 162

♀ — 4,1 mm.

Cephalothorax um pouco mais longo que nas outras especies, e provido de um sulco thoraciço longitudinal nitido. Clypeo um nada mais alto que a area dos olhos medios.

Olhos posteriores em linha direita, pequenos, os medios separados um do outro pouco mais de meio diametro e a pouco mais de um diametro dos lateraes. Olhos anteriores em fila levemente recurva, os medios maiores, separados cerca de um diametro e um pouco mais proximos dos lateraes. Area dos olhos medios mais larga que alta, mais estreita atraz.

Abdomen muito mais largo que alto, com um tuberculo saliente de cada lado.

Cephalothorax amarello, com as linhas obliquas que limitam a região cephalica e o sulco mediano brauco-avermelhados. Cheliceras, laminas-maxillares, peça labial, esterno e palpos amarellos. Pernas amarellas, com o apice dos femures, patellas e tibias dos dois primeiros pares brunco-vermelhos.

Abdomen cinzento, manchado de branco, com varias faixas dorsaes transversaes, em parte interrompidas,

Hab.: Rio de Janeiro.

SciELO

Ero melanostoma sp. n. (Figs. 19 e 20)

♀ — 4,5 mm.

Cephalothorax estreito, mediocremente elevado. Clypeo da altura da area dos olhos medios.

Olhos posteriores em fila ampla, direita, os medios separados um do outro cerca de um diametro e a mais de tres dos lateraes. Olhos anteriores em fila direita, os medios muito maiores, subcontiguos, distantes um diametro dos lateraes. Area dos olhos medios de diametros iguaes, mais larga adiante, os olhos anteriores duas vezes maiores que os posteriores.

Todas as pernas armadas de robustos espinhos.

Peça labial mais longa que larga, de apice regularmente arredondado, excedendo um pouco o meio das laminas-maxillares. Esterno bem mais longo que largo, terminando atraz em ponta romba, entre as ancas posteriores.

Abdomen muito dilatado e alto atraz, onde apresenta tres tuberculos proximamente iguaes: dois lateraes obliquos e um mediano, erecto.

Epigyno alto, com um escapo posterior erecto, bifido, bem visivel quando se olha o abdomen pela parte posterior (fig. 20).

Cephalothorax amarello-fulvescente, com larguissima faixa castanho-clara, que occupa toda região cephalica, estreitada para traz, de bordas sinuosas e mais escuras. Nessa faixa ha dois pares de manchas claras do colorido do cephalothorax. Chelicéras, laminas maxillares e peça labial castanho-negras; as laminas com as pontas brancas. Esterno amarello com duas manchas pardas lateraes e uma posterior, entre as ancas IV. Ancas amarellas. Pernas e palpos amarellos, annelados e manchados de pardo escuro.

Abdomen pardo-acinzentado claro, profusamente pontilhado de branco, com algumas pequenas manchas negras e com pontos fulvos, dos quaes partem curtas cerdas erectas. Ventre pardo acinzentado-claro, com manchas castanhas e tres manchas brancas allongadas, que vão da fenda epigastrica ás fiandeiras.

Hab.: Bahia

Typo: N. 17138 da collecção E. Simon (Museu de Paris)

Ero spiniferons sp. n. (Figs 21 e 38)

♀ — 3 mm.

Cephalothorax como em *Ero goe'dii*. Clypeo da altura da area dos olhos medios. Cephalothorax com cerdas erectas, espiniformes.

Olhos posteriores pequenos, ignaes, em fila levemente procurva, os medios separados um do outro meio diametro e a dois diametros dos lateraes. Olhos anteriores em fila levemente recurva, quasi equidistantes, separados cerca de um diametro, os medios maiores.

Area dos olhos medios um pouco mais longa que larga, mais estreita atraz.

Abdomen triangular, arredondado adiante, pontudo atraz, mais longo que largo.

Cephalothorax amarello, com grande campo mediano castanho, em ponta de lança, com delgada linha clara mediana e duas linhas semelhantes, lateraes, na parte triangular do desenho escuro. Pernas armadas de fracos espinhos, amarello-claras, com o apice dos femures e as patellas castanhos. Esterno amarello-sulfureo. Cheliceras, laminas-maxillares e peça labial castanhas.

Abdomen com a metade anterior do dorso negra e a metade posterior branco-suja. Nessa metade clara ha, de cada lado, uma linha sinuosa negra, convergindo para o tuberculo anal. Ventre pardo-esbranquiçado, com uma linha transversal fusca adiante das fiandeiras e duas muito obliquas, quasi horizontaes pouco adiante.

Hab.: Pinheiro (Rio de Janeiro)

Typo: Em minha collecção.

Ero valida Keyserling, 1891.

E. v. Keyserling — Spinnen Amerikas, Brasil Sp., 1891, p. 220, pr. VIII, f. 161.

♂ — 3,7 mm.

Cephalothorax como nas outras especies. Sulco mediano pouco nitido.

Clypeo mais alto que a area dos olhos medios.

Olhos posteriores em linha direita, os medios separados um do outro apenas meio diametro e tres vezes mais distantes dos lateraes. Olhos anteriores em fila direita, os medios duas vezes maiores, e postos em fortes elevações, separados um do outro pouco mais de um raio e um pouco mais distantes dos lateraes. Area dos olhos medios mais larga que alta, muito mais estreita atraz.

Abdomen um pouco mais longo que largo, com dois pequenos tuberculos pouco nitidos em sua porção mediana.

Cephalothorax amarello, com uma faixa longitudinal mediana avermelhada, larga adiante, estreita atraz. Cheliceras, laminas maxillares, peça labial, esterno e palpos amarellos. Pernas amarellas, com os femures I annelados de escuro e os apices de todas as tibias pardo escuros.

Abdomen amarello-sujo, manchado de branco, tendo na metade posterior do dorso duas grandes manchas negras e, um pouco adiante, outras duas menóres.

Hab.: Rio de Janeiro

Genero **Arocha** Simon, 1893

Distingue-se de *Ero* por ter o cephalothorax mais baixo e mais longo, bastante estreitado adiante e a fronte estreita. Os olhos medios occupam uma eminencia subquadrada e bifida. Os olhos medios anteriores são muito maiores que os outros. As cheliceras são mais longas que as laminas maxillares, sendo estas quasi direitas. Pernas anteriores muito maiores que as posteriores, com as tibias e protarsos armados de longuissimos espinhos seriados, tanto na face interna como na externa, assim como dos pequenos espinhos intermediarios.

Especie unica: *Arocha erythrophthalma*

Arocha erythrophthalma Simon, 1893

A. c. — Simon Ann. Soc. Entom. France, 1893, V. 62, p. 325

♀ — 6 mm.

Cephalothorax pallido, liso e glabro; elevação ocular negra com os olhos vermelhos, orlados de rubro-cochonilha. Cheliceras de base fulva e apice avermelhado. Abdomen mais longo que largo, de apice dilatado, com tuberculos, olivaceos, ornado de manchas e pontos amarellos, numerosos. Esterno pallido, liso. Laminas maxillares e peça labial fuscas. Pernas anteriores muito longas, pallidas, com todas as ancas e trochanteres e com o apice dos femures I e II fuscos. Epigyno negro-avermelhado, linguiforme, com duas pequenas depressões basaes e de apice levemente bifido.

Hab.: Pará, Perú.

Genero **Gelanor** Thorell, 1869

Cephalothorax convexo atraz, sensivelmente estreitado para diante, onde é bem mais baixo, com a fronte larga e obtusa. Olhos medios formando uma area mais longa que larga, muito mais larga adiante, os olhos posteriores subcontiguos e os anteriores maiores e proeminentes. Olhos lateraes muito distantes dos medios. Clypeo pouco mais alto que os olhos medios anteriores. Pernas posteriores muito mais curtas que as anteriores e muticas.

Palpos do macho muito longos e delicados, de tarso pequeno.

Hab.: America tropical.

Typo: *G. zonatus* C. Koch

Conta o genero Gelanor, actualmente, dez especies, das quaes cinco brasileiras. Para essas especies organizei as seguintes chaves:

♂♂

A — Estylete bifido, com um dos ramos chanfrado e o outro ponteagudo; rebordo livre do bulho piloso — *G. mixtus* O. Cambr.

AA — Estylete simples; rebordo livre do bulho glabro:

B — Estylete longo, livre em quasi toda sua extensão — *G. insularis* sp. n.

BB — Estylete curto, recurvo, livre apenas no terço apical — *G. zonatus* (Koch)

♀♀

A — Cephalothorax sem larga faixa mediana, ora manchado, ora de colorido uniforme:

B — Epigyno com duas fossetas (receptaculos seminaes), ás vezes inconspicuas:

C — Epigyno com duas largas fossetas, grandes e razas e com uma larga lingueta mediana:

D — A lingueta mediana é da mesma largura adiante e atraz ou mais estreita adiante:

E — Cephalothorax manchado:

F — Região cephalica com uma pequena mancha em meia lua; lingueta do epigyno mais estreita atraz; fossetas ovaes, transversas — *G. zonatus* (Koch)

FF — Região cephalica toda castanho-escura, uniforme; fossetas do epigyno quasi circulares — *G. obscurus* sp. n.

EE — Cephalothorax claro, de colorido uniforme:

F — Epigyno trapezoide, tão longo quão largo e de base posterior; fossetas quasi longitudinaes — *G. altithorax* Keys.

FF — Epigyno oval transverso, bem mais largo que longo; fossetas transversaes *G. mixtus*—O. Cambr.

DD — Lingueta media do epigyno muito mais larga atraz, em forma de T invertido (⊥) — *G. proximuss* sp. n.

CC — Epigyno com uma apophyse triangular anterior, e com duas fossetas punctiformes, profundas — *G. consequens* O. Camb.

SciELO

BB — Epigyno com quatro fossetas (receptaculos):

C — Epigyno com uma lingueta mediana, cortada por um sulco transverso; fossetas irregulares, quasi coalescentes. — *G. latus* Keys.

CC — Epigyno com as fossetas circulares, formando trapezio e sem lingueta mediana — *G. heraldicus* Petrunk.

AA — Cephalothorax com larga faixa longitudinal mediana. — *G. distinctus* O Cambr.

Gelanor zonatus (C. Koch), 1845
(Fig. 22, 25, 34 e 35)

Galena zonata C. Koch, Die Arachniden, 1845, Vol. XII, p. 105. f. 1032.

Galena zonata Blackwall, Ann. & Mag. Nat. Hist., 1863, Vol. XI, p. 39

Galena dicta Taczanowski; Horae Soc. Entom. Rom., 1873, Vol. X, p. 113, pr. II, f. 1

G. z. Keyserling — Spinnen Amerikas, Epeiridae, 1893, p. 368, pr. XIX, f. 275

G. z. Simon — Hist. Nat. Ar., 1895, Vol. I, p. 947, f. 1018

♀ — 5 a 6 mm.

Cephalothorax pouco mais longo que largo, muito estreitado adiante, muito convexo, mais alto um pouco adiante do meio, de onde igualmente baixa para diante o para traz. Não ha sulcos cephalicos e a estria thoracica mediana é pequena e remota. Clypeo estreito, da altura dos olhos anteriores. Tuberculos dos olhos medios anteriores bastante notavel; os dos olhos lateraes muito menores.

Olhos posteriores em fila direita, pequenos, os medios separados entre si meio diametro e tres vezes mais distantes dos lateraes. Olhos anteriores em fila recurva, os medios duas vezes maiores, afastados cerca de dois terços de diametro e tres vezes mais distantes dos lateraes. Area dos olhos medios mais alta que larga, muito mais estreita atraz.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Laminas maxillares mais de duas vezes mais longas que largas, inclinadas sobre a peça labial, pontuda e mais longa que larga.

Pernas dos dois primeiros pares muito longas e bem mais espessas que as posteriores, com a armação typica nas tibias e protarsos.

Abdomen mais largo que longo, de fiandeiras terminaes.

Cephalothorax amarello ou pardo, tendo de cada lado uma faixa longitudinal avermelhada ou fusca e no meio da região cephalica uma mancha semilunar do mesmo tom.

Olhos, ás vezes, orlados de vermelho. Cheliceras, peça labial e laminas maxillares da côr do cephalothorax, bem como o esterno, que apresenta duas estreitas faixas transversaes escuras, a posterior interrompida no meio. Femures, patellas e apice das tibias I e II pardos, o resto dessas pernas e as pernas III e IV amarellas. Sob as tibias I e II, sobre os femures III e IV e tibias e protarsos IV uma linha longitudinal vermelha. Palpos amarellos.

Abdomen de dorso cinzento com duas grandes manchas ovaes anteriores brancas e, bem para traz, 4 estreitas faixas transversaes brancas, orladas de negro ou de rubro. Ventre cinzento escuro ou vermelho escuro com uma faixa branca transversa.

Epigyno largo, com uma lingueta chitinosa mediana e duas fossetas razas, limitadas, junto á lingueta, por um rebordo virguliforme.

♂ — 5,4 mm.

Palpos muito longos e delgados, de patella muito longa, com fortes espinhos apicaes divergentes tarso pequeno, de grande bulbo, com um ourêlo chitinoso negro e pequeno estylete recurvo.

Hab.: O habitat dessa especie estende-se por toda America Meridional, até o sul do Brasil. Na collecção E. Simon, do Museu de Paris, ha exemplares das seguintes procedencias: Perú (Cavallo Cocho, Iquitos, Tarapoto — 8356), Pará (2169 e 19267), Pernambuco (15951, 17061), Bahia (8450,

8473, 10513, 17120, 18676), Rio (2986, 16051) S. Paulo (24107) Minas Geraes (8447, 8448) Goyaz (21571), Matto Grosso (10493) Paraguay (8944). Keyserling colligiu-a do Rio Grande do Sul e Taczanowski da Guyanna Franceza. Tenho em minha collecção exemplares do Rio, Minas, São Paulo e Santa Catharina.

GELANOR INSULARIS sp. n. (Fig. 24)

♂ — 5 mm.

Cephalothorax muito convexo, pouco mais longo que largo, bem mais estreito adeante, sem sulcos cephalicos e com pequena estria thoracica muito remota. Olhos posteriores em fila direita, pequenos, os médios subcontiguos e distantes tres diametros dos lateraes. Olhos anteriores em fila direita, os medios duas vezes maiores, pouco afastados um do outro (menos de um diametro) e bem mais distantes dos lateraes. Olhos lateraes anteriores e posteriores contiguos. Area dos olhos médios mais alta que larga, bem mais estreita atraz, os olhos anteriores duas vezes maiores que os posteriores. Clypeo da altura dos olhos médios anteriores. Laminas maxillares, peça labial e pernas como em G. *zonatus* (Koch).

Abdomen oval curto, de fiandeiras terminaes.

Cephalothorax amarello, com linhas avermelhadas pouco nitidas. Pernas I e II avermelhadas, as outras amarellas. Esterno, ancas, laminas maxillares, peça labial e palpos amarellos.

Abdomen cinzento-pardacento na metade anterior, onde apresenta duas grandes manchas brancas, orladas de carmin; branco na metade posterior, que é ornada de duas estrias transversaes carmezins; as duas metades são separadas por uma linha carmezin levemente angulosa e sinuosa, curva para diante. Ventre pardo-claro, com grande mancha branca quadrangular mediana.

Hab.: Ilha de S. Vicente (S. Paulo),

Typo: N. 18963 da collecção E. Simon (Museu de Paris).

SciELO

GELANOR OBSCURUS sp. n. (Fig. 32)

♀ — 7 mm.

Cephalothorax muito elevado em sua parte mediana, igualmente declive para a frente e para traz, muito estreitado adiante, sem sulcos cephalicos e de pequena estria thoracica muito remota.

Olhos posteriores pequenos, em fila direita, os médios separados meio diametro e tres vezes mais distantes dos lateraes. Olhos anteriores em fila recurva, os medios duas vezes maiores que os lateraes, dos quaes distam cerca de dois diametros. Area dos olhos medios mais alta que larga e bem mais estreita atraz. Clypeo da altura dos olhos medios anteriores.

Peça labial parallela, de ponta regularmente arredondada, excedendo muito o meio das laminas maxillares.

Abdomen muito dilatado adiante.

Tibias I e II com 8 longos espinhos anteriores e entre elles, 1-1-3-4-6-6 6 pequenos espinhos seriados; protarsos com cinco longos espinhos anteriores e, entre elles series de 5-8-8 e 15 pequenos espinhos.

Cephalothorax fulvo-claro, sendo toda porção do declive anterior castanho escura e o clypeo mais claro do meio. Cheliceras, peça labial e laminas maximillares quasi negras. Esterno amarello, com uma orla castanha denteada e uma estreita faixa transversal do mesmo colorido, ao nivel das ancas II. Ancas I quasi negras, as outras amarellas. Pernas I e II amarellas, com manchas quasi negras nos femures, patellas, base e apice das tibias e apice dos protarsos; pernas III e IV com estreita linha do mesmo tom na face dorsal das tibias, protarsos e tarsos.

Abdomen pardo, com estreitas linhas transversaes negras, approximadas duas a duas e com algumas manchas vermelhas irregulares. Ventre castanho-avermelhado escuro, com uma faixa transversal branco-suja, havendo acima das fiandeiras larga faixa castanho-escura.

SciELO

Epigyno com uma lingueta mediana, de bordas quasi parallelas, limitadas por duas largas fossetas razas, quasi regularmente circulares.

Hab.: Paraguay e Matto Grosso.

Typo: N. 22810 da collecção E. Simon.

Celanor altithorax Keyserling, 1893 (Fig. 28)

G. a Keyserling — Spinnen Amerikas, Epeiridae, 1893, p. 370, ps. XIX, p. 276.

♀ — 5,0 mm.

Cephalothorax um nada mais longo que largo, bem estreitado adiante, elevado no meio em uma crista, levemente chanfrada, formando dois como tuberculos lateraes, e regularmente declive para diante e para traz. Estrias cephalicas presentes e pouco nitidas; região thoracica com uma fosseta circular. Clypeo mais baixo que os olhos medios anteriores.

Olhos posteriores em fila direita, pequenos e iguaes, os medios subcontiguos e separados dos lateraes cerca de tres diametros. Olhos anteriores em linha muito recurva, os medios mais de duas vezes maiores, separados um diametro e duas vezes mais distantes dos lateraes. Area dos olhos medios mais alta que larga, muito mais estreita atraz. Olhos lateraes contiguos, em um tuberculo bem nitido. Laminas maxillares e peça labial como em *G. zonatus*, bem como as pernas.

Abdomen mais largo que longo, arredondado adiante, pontudo atraz.

Cephalothorax amarello, com uma grande mancha vermetha de cada lado e outra na crista mediana. Cheliceras, laminas maxilares, peça labial e esterno amarellos. Pernas e palpos amarello-claros. Apice das tibias e meio dos femures I e II annelados ou manchados de vermelho ou de pardo.

Abdomen amarello, com o dorso indecisamente manchado de vermelho e estriado de negro; ventre com linhas mais escuras dos lados. Na parte anterior do dorso duas grandes manchas ovaes brancas.

Epigyno com uma lingueta mediana, dividida transversalmente e com quatro fossetas razas, unidas duas a duas.

Hab.: Rio de Janeiro, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

GELANOR PROXIMUS sp. n. (Fig. 33)

♀ — 7 mm.

Cephalothorax pouco elevado, bastante estreitado adiante, com uma profunda fosseta thoracica, quasi circular.

Olhos posteriores pequenos, iguaes, em linha direita; medios separados um do outro pouco mais de um raio e dos lateraes mais de tres diametros. Olhos anteriores em fila recurva, os medios bem maiores, afastados um do outro menos de um diametro e a quasi dois dos lateraes. Area dos olhos medios mais longa que larga, muito mais estreita atraz.

Peça labial pentagonal, de apice arredondado, ultrapassando o meio das laminas maxillares.

Tibias I e II com 8 longos espinhos anteriores, separados por series de 1-1-3-3-4-4-5 pequenos espinhos; protarsos com 5 longos espinhos, separados por series de 5-8-8-15 pequenos.

Abdomen globuloso, muito mais largo adiante e mais largo que longo.

Cephalothorax fulvo-claro, levemente sombreado de fusco. Cheliceras fulvas. Esterno amarello, sombreado de castanho nas bordas; peça labial e laminas maxillares amarellas, estas de base castanha. Ancas amarello-pallidas. Pernas I e II com manchas castanho-escuras no terço medio dos femures e no apice dos protarsos.

Abdomen de dorso cinzento claro, com duas enormes manchas brancas, perfeitamente circulares, orladas de negro intenso nos tres quartos externos e separadas uma da outra por uma faixa carmezin em X, que lhes completa a orla. Ventre branco sujo, reticulado de pardo claro e com uma figura

mair escura, em forma de tridente, em torno das fiandeiras.

Epigyno com a lingueta mediana muito dilatada atraz, formando um T invertido (⊥) e com duas fossetas largas, razas.

Hab.: Ceará (Baturité)

Typo: N. 17785 da colleção E. Simon do Museu de Paris.

———

Indice das Figuras

PRANCHA I

Fig. 1 — Palpo de Mimetus bigibbosus ♂
Fig. 2 — » » » brasilianus ♂
Fig. 3 — » » » » ♂
Fig. 4 — » » » crudelis ♂
Fig. 5 — » » » penicillatus ♂
Fig. 6 — » » » rapax ♂
Fig. 7 — » » » hyeroglyphicus ♂

PRANCHE II

Fig. 8 — Epigyno de Mimetus brasilianus
Fig. 9 — » » » keyserlingi
Fig. 10 — » » » trituberculatus
Fig. 11 — » » » melauoleucus
Fig. 12 » » » peuicillatus
Fig. 13 — » » » triangularis
Fig. 14 — » » » rapax

PRANCHA III

Fig. 15 — Epigyno de Ero catharinae
Fig. 16 — » » » gracilis
Fig. 17 — » » » humilithorax
Fig. 18 — » » » lata
Fig. 19 — » » » melanostoma (vista ventral)
Fig 20 — » » » » (» posterior)
Fig. 21 — » » » spinifrons

PRANCHA IV

Fig 22 — Palpo de Gelauor zonatus ♂
Fig. 23 — » » » mixtus ♂
Fig. 24 — » » » insularis ♂
Fig 24 a — » » » » ♂
Fig. 25 — Epigyno de gelanor zonatus
Fig 26 — » » » mixtus

SciELO

PRANCHA V

Fig. 27 — Epigyno de gelanor latus
Fig. 28 — » » » altithorax
Fig. 29 — » » » consequens
Fig. 30 — » » » heraldicus
Fig. 31 — » » » distinctus
Fig. 32 — » » » obscurus
Fig. 33 — » » » proximus

PRANCHA VI

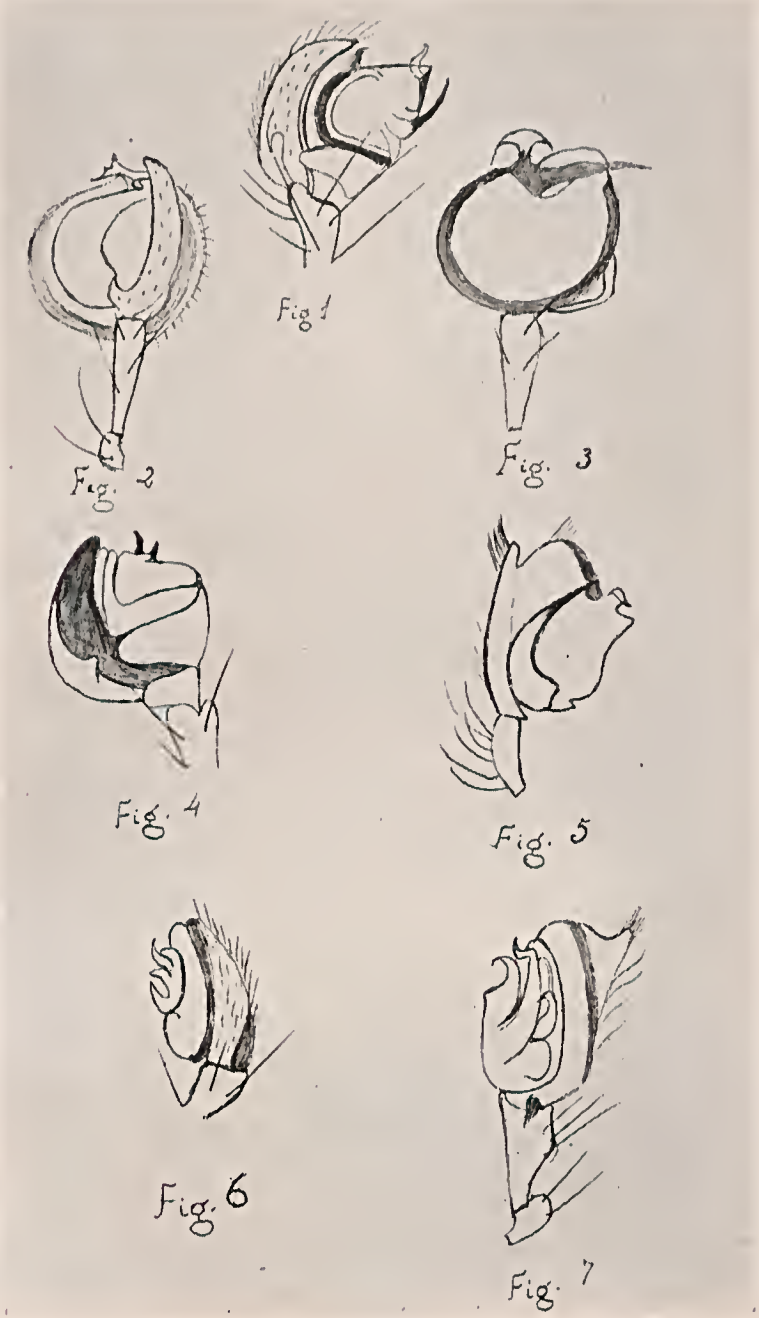
Fig. 34 — Gelanor zonatus ♂
Fig. 35 — » » ♀ 35 a — Epigyno

PRANCHA VII

Fig. 36 — Mimetus penicillatus ♂
Fig. 37 — » » ♀

PRANCHA VIII

Fig. 38 — Ero spiuifrons (♀)
Fig. 38-a — » » (♀) epigastro



Prancha I

SciELO

Fig. 8

Fig. 9

Fig. 10.

Fig 11

Fig 12.

Fig. 13

Fig 14

Prancha II

SciELO

Fig. 15

Fig. 16

Fig. 17

Fig. 18

Fig. 19

Fig 20

Fig. 21

Prancha III

SciELO

Fig. 22

Fig. 23

Fig. 24

Fig. 25

Fig. 26

Prancha IV

SciELO

Fig. 28

Fig. 27.

Fig. 29

Fig. 30

Fig. 31

Fig. 32

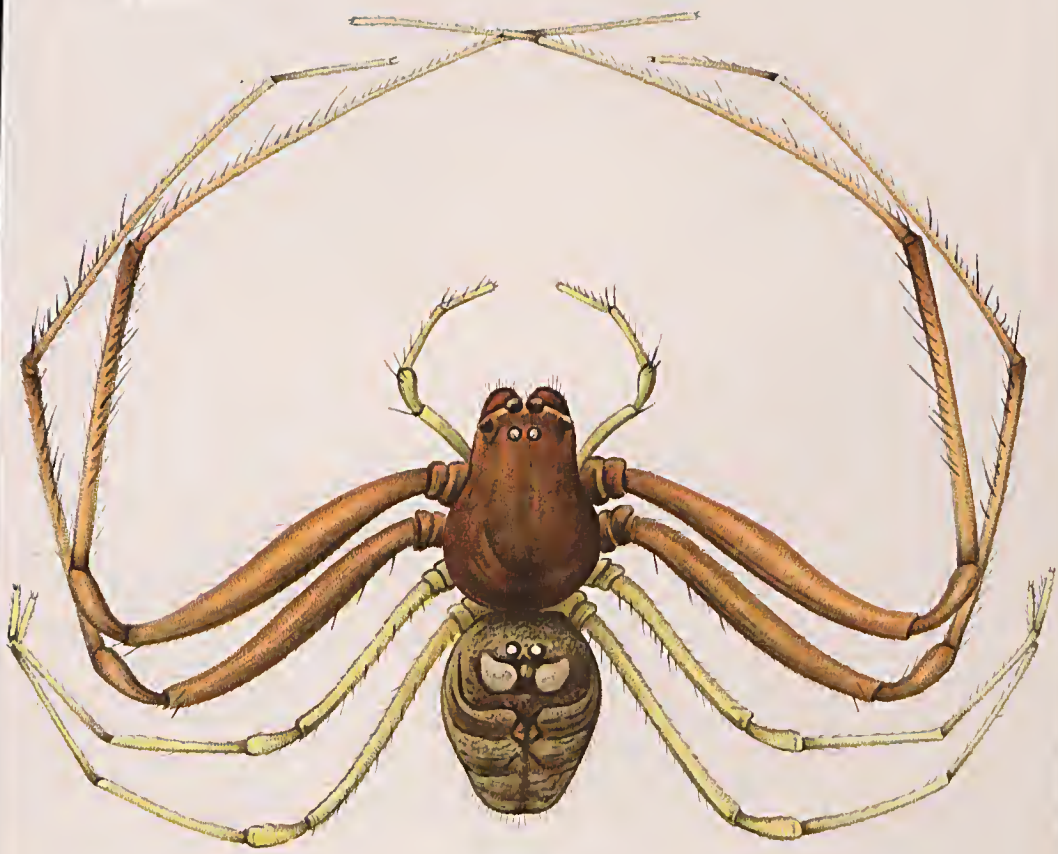
Fig. 33

Prancha V

SciELO

P. Sandig

Fig. 34
× 10.



♀

Fig. 35

P. Sandig

Fig. 35 a
× 10.

♂

P. Sandig

Fig. 36

SciELO

P. Sadig

♀

Fig. 37
× 10.

♀

Fig. 38

P. Sandig

Fig. 38 a
× 15.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

OS INDIOS CRENAQUES

(Botocudos do Rio Doce)

EM 1926

POR

S. FRÓES ABREU

SciELO

OS INDIOS CRENAQUES EM 1926

HABITAT

Todos os indios que vagavam pelas mattas do valle do rio Doce achavam-se actualmente grupados em dois postos: o do Pancas e o do Guido de Marliére.

No primeiro reuniram-se os filiados a um grupo chamado Nac-nanuque; no segundo estão os Crenaques, outrora inimigos dos primeiros, e hoje ainda irreconciliados.

Os Nac nanuques estão aldeados no Espirito Santo, á margem do pequeno rio Pancas, cerca de 48 kms. ao norte do rio Doce, num aprezivel local, proximo á encosta da serra dos Aymorés.

Os Crenaques têm o aldeamento em Minas Geraes, entre as cidades Resplendor e Lajão, á margem esquerda do rio Doce; a administração do posto indigena fica a margem direita. separada dos indios pelo rio. Não perderam ainda o habito da vida isolada, fazem questão de morar do outro lado, de modo a terem na corrente d'agua um obstaculo que difficulte o accesso dos civilizados.

O rio Doce ahi já não é navegavel; sómente entre Collatina e a barra é que transita o barco a vapor «Tamoyo», do Serviço Estadoal.

Desde Collatina, a Estrada de Ferro Victoria a Minas corre parallelamente a elle, pela margem direita, e de ambos os lados, a pouca distancia do leito, começam as elevações arredondadas, um tanto semelhantes ás *meias laranjas* da Serra do Mar, no Estado do Rio.

Mas aqui, só junto ao rio, ha uma parte desbravada ou rarefeita pela tiragem de madeira; a meia

encosta, nos topos e nas elevações mais distantes, ainda se vê a matta firme.

Os selvagens aldeados, apezar de conhecerem muito bem toda a região, pouco se afastam do Posto, têm suas roças perto da casa ou pouco mais longe, no lugar denominado *Praia da Gata*.

Em quasi toda a margem do rio Doce a natureza já vae sendo modificada pela actividade humana; no terreno dos indios parte da encosta do morro já foi denudada, ficando tão sómente troncos de carvão a denunciar a existencia, outrora da matta pujante.

Ahi, como em todo o resto do paiz, utilizou-se o fogo como instrumento agricola, instrumento sem o qual seria muito difficil ao indigena ou ao estrangeiro luctar contra o vigor da natureza sub tropical.

Só com machados de nephrita, diorito ou diabase o indio não chegaria a destruir a trama de cipós e grossos troncos para preparar suas lavouras, pois elle, não obstante ter semelhanças com a raça amarella, longe está de ser activo e persistente (Raça amarella ou activa, A. Comte).

Para o indigena, inconstante e inpersistente, o fogo tinha as mesmas vantagens que nós reconhecemos na lavoura mecanica: — sem esforço consegue-se muito.

O indio cultiva a terra desbravada pelo fogo sem cuidar de remover os tócos; desde que se possa andar no terreno, pouco importa que haja troncos carbonizados ou arvores que o fogo derribou e não queimou totalmente, a symetria está fóra de suas cogitações.

Na época da nossa visita ao posto Guido Marliére, um explorador de madeiras tinha contractado a colheita de peroba das mattas do patrimonio indigena, e para o serviço aii mantinha um certo numero de bois.

Os indios sempre ao largo dos animaes, justificando essa cautela com a phrase *mboi brabo*.

E assim, entre rocinhas mal cuidadas, a matta e as aguas barrentas do rio Doce, vivem os Crenaques d'uma agricultura incipiente e só praticada pelo estimulo do elemento protector.

PRINCIPAES OBSERVADORES

A bibliographia sobre os indios Botocudos é relativamente extensa e, como versa sobre o mesmo

assumpto em épocas differentes, pode-se organizar um esboço historico desse grupo.

Desde MAXIMILIANO DE NEUWIED em 1815, até nossa visita em 1926, os Botocudos do rio Doce têm sido observados por innumeros viajantes; PHILIPPE REY em 1878, PAUL EHRENREICH em 1887, GARBE em 1906, SIMOENS DA SILVA em 1908, MANIZER em 1915, foram os mais autorizados.

O ultimo estudo sobre esses indios é a these do DR. SIMOENS DA SILVA «A tribu dos indios Crenaks» apresentada ao XX.º Congresso Internacional de Americanistas, reunido nesta cidade em 1922.

Em 1919 foram insertas nos Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro as notas do mallogrado ethnographo russo HENRIQUE MANIZER, o melhor observador moderno dos indios do rio Doce e a quem devemos notas assás interessantes, sobre sua psychologia e costumes.

Nossas observações deixam ver como vão modificando certos habitos, como surgem novas praticas, e como se vae extinguindo a tribu dos Crenaques.

Os que nós vimos são os ultimos que nasceram e attingiram a edade adulta em plena vida errante pela selva. Daqui a alguns annos só poderão ser observados os moços de hoje, que já foram criados no regime da protecção, de educação talhada em novos moldes, tendo de selvagem apenas o sangue e as tendencias, que só se attenuarão seculos mais tarde.

Parece, pois, opportuno, já que tivemos o feliz ensejo de visital-os, deixar uma documentação do que foram os ultimos annos de vida dos filhos das mattas do rio Doce.

Poderiamos orientar essas notas á maneira de *via-sacra*, apreciando as differentes phases da historia dessa gente; mas ha transes tão entristecedores, que salientam tanto a perversidade de patricios nossos que preferimos calar.

Deixemos o passado e fallemos só do presente, dos Crenaques de 1926, que alliam o uso do botoque ao da gravata e do collete.

ULTIMOS CRENAQUES

Falar dos ultimos Crenaques não é facil tarefa; mas muito mais difficicil seria discorrer sobre seu passado e sua origem.

Quem os vê, impressiona-se logo pela semelhança com povos asiaticos (typo mongolico).

Teriam vindo de lá, através do estreito de Behring, ou serão d'uma raça nativa na America?

Diz-se que os Botocudos, em geral, têm certos caractéres craniologicos (altura e comprimento do cranio) que os approximam do typo do homem fossil encontrado por LUND nas grutas calcareas do rio das Velhas. E' mesmo corrente a theoria de que os Botocudos são descendentes do *Homem da Lagoa Santa*.

Parece que esses indios foram cruzados com outras tribus, pois ha francamente dois typos: um de pelle clara, muito semelhante aos asiaticos, outro de pelle escura, seriam talvez os *abaúnas* e *abajús* de COUTO DE MAGALHAES.

Mas quer sejam elles emigrados da região andina, como pensava o illustre general, tendo aqui chegado já no periodo neolitico, quer tenham vindo da Asia pelo estreito de Behring, o que nos parece curial é não se admittir uma grande antiguidade para essa gente.

A grande antiguidade do *Homem americano*, tão fortemente defendida por vultos de valor, á frente dos quaes estava o notavel scientista argentino, FLORENTINO AMEGHINO, não tem bastante argumentos em seu favor.

No Brasil, nem os achados de LUND, em Minas Geraes, nem o material archeologico e paleontologico dos sambaquis, fornecem elementos que provem a existencia d'um homem synchronico com o *Homo neanderthalensis* ou mesmo com as raças do Grimaldi e do Cro-magnon.

Em assumpto tão intrincado manda a prudencia que se repita o que escreveu frei VICENTE DO SALVADOR, precisamente ha 300 annos atrás:

«o certo é que essa gente veio de outra parte, porem donde não se sabe, porque nem entre elles ha escripturas, nem houve algum autor antigo que delles escrevesse».

MARTIUS no seu «Glossaria Linguarum Brasiliensium», cita quatro vocabularios, semelhantes entre si, com referencias ás tribus Encreckmung, Crecmun ou Cracmun, Nac-nanouc, Nac-Kgnuck, Djiopouroca, Boutourounas e Crakmous, todas subordinadas ao termo Botocudo que, por sua vez, está subordinado á expressão «Gentis Cren v. Gueren».

SciELO

Não fala propriamente de Crenaques, comquanto trate visivelmente desses indios; talvez essa denominação que damos actualmente tenha sido posta em uso por nós, civilizados. Crenaque foi o nome dum principal dessa tribu, fallecido ha annos.

Nenhum dos nossos mais velhos chronistas — Gabriel Soares, Gandavo, Cardim, Vicente do Salvador, Simão de Vasconcellos — fala de indios Crenaques ou Nac-nanouques.

E' que faziam parte das nações Tapuyas, muito mais atrasadas que as Tupis e de lingua desconhecida pelos padres catechistas.

Entre as setenta e seis tribus de indios citadas pelo padre Fernão Cardim no trabalho «Do principio e origem dos indios do Brasil», está a dos Guaimurês (Aymorés) que devem ser os ancestraes dos Crenaques.

Os guaimurês «tomam alguns oitenta leguas de costa, e para o sertão quanto querem, são senhores dos mattos selvagens, muito incorpados, e pela continuação e costume de andarem pelos mattos bravos tem os couros muito rijos, e para este effeito açoutão os meninos em pequenos com uns cardos para se acostumarem a andar pelos mattos bravos; não tem roças, vivem de rapina e pela ponta da frecha, comem a mandioca crúa sem lhes fazer mal, e correm muito e aos brancos não dão senão de salto, usam de uns arcos muito grandes, trazem uns paus feitiços muito grossos para que em chegando logo quebrem as cabeças».

Segundo Cardim, eram dos mais temiveis do Brasil, «crueis como leões», e tinham o costume de desentranharem as mulheres gravidas para comerem os filhos assados.

O idioma delles, não era a língua geral ou tupi; quasi todas as tribus de tapuyas que os portuguezes chamavam de nações barbaras, tinham linguas diversas.

Parece-nos, pois, que os actuaes Crenaques, como tambem os Nac-nanouques faziam parte daquella «gente brava, silvestre e indomita» que tanto temor infundia aos lusitanos, porque «eram tantos os desta casta que parecia impossivel poderem-se extinguir, porém os portuguezes lhes tem dado tal pressa que quasi todos são mortos e lhes tem tal medo, que despo-

voão a costa e fogem pelo sertão a dentro até trezentas e quatrocentas leguas».

Quantos foram os Crenaques, em tempos remotos, é impossivel dizer; provavelmente nunca foram muito numerosos, pois a lucta pela subsistencia sempre forçou os indios a se subdividirem em pequenas tribus. Ha perto de 10 annos passados, segundo se verifica pelos informes do dr. SIMOENS DA SILVA, eram 65; dada a escassa proliferação que se verifica entre elles, dentro de mais alguns annos não haverá mais Botocudos puros.

Actualmente ha apenas 22 indios Crenaques localizados do posto GUIDO DE MARLIÉRE, onde vivem em perfeita harmonia, sob a ascendencia do seu *capitão* eleito por suffragio da tribu. **

São os seguintes:

Chefe: capitão Juquinót, homem de constituição regular, pelle amarella ocre, sympathico, de 50 annos presumiveis. Casado com Jucuhy e Marianna, segundo declaração delle proprio, havendo, no entanto, quem diga que Maria é tambem sua esposa.

Não tem sequer um filho; cria Jacob, seu enteado, filho de Jucuhy e um indio que já morreu.

Nhanhic é o mais velho da tribu, tem provavelmente mais de 60 annos, pelle escura, cabello ralo e liso, cortado rente, algum bigode e barba, de pellos grossos e muito preto. Orelha com o lobulo muito dilatado pelo uso do batoque; testa fugidia, molares salientes, cabeça pequena em relação a face. Muito antipathico, facies simiesco, fala pouco e tem muita difficuldade em se exprimir em portuguez. Tem duas mulheres, Cupurãna e Nem. Cupurãna é bastante velha tem o rosto todo enrugado, fala muito, pede tudo quanto vê e é muito egoista. Usa constantemente batoque no labio, sempre embebido de saliva e muito sujo; deve ter cerca de 50 e muitos annos; não tem cabellos brancos, usa-os compridos e desgrenhados.

Nem é muito rachitica, tem uma pallidez doentia, quasi não fala; nunca lhe ouvimos uma palavra. Está sempre de cócoras, quasi immovel. Parece soffrer de tuberculose pulmonar, a julgar pelo estado de depauperamento e constantes escarros. Faz poucos movi-

** Em março do corrente anno (1927) soubemos que haviam morrido as indias Cupurãna, Nem e uma criança.

mentos, tem os olhos sempre parados; é uma verdadeira mumia ainda com uns laivos de vida.

No dia 1.º de Dezembro, quando a comitiva Rondon visitou o Posto Guido Marliére, emquanto outras assaltavam os visitantes com pedidos de tudo quanto viam, Nem se limitava a passear os olhos sobre cada um sem ter coragem para pedir *glin-glin*.

Seu marido Nhanhic é quem pedia para ella alguma cousa, apresentando-o por meio de signaes. Esse pobre homem, confirma o anexim «papagaio velho não aprende a falar».

Nhanhic teve alguns filhos que já morreram, restam agora apenas dois Juquinim e Andêic.

Andêic é um rapaz moreno com cerca de 16 annos: Jupuinin tem talvez 25 annos, é casado com Maria, bem mais velha que elle, com 50 annos, usa cabello á *la Garçonne*, não gosta de batoques e já tem algumas maneiras de *carahy*.

Crembá tem cerca de 50 annos, é casado com Nhá que foi esposa de Muim, *capitão* antecessor de Juquinhót. O casal só tem um filho — João, de 1 anno, mas toma conta de varios orphãos: Boemán, de 11 annos, cego dum olho; Pac, rapaz de seus 16 annos; Feijão, Fubá e Sebastiana, menores de 15 annos.

Cruc-chá tem cerca de 40 annos, é viuvo; Anát, aproximadamente da mesma idade, é casado com Uc-mãrã, india velha, que foi viuva de Jotarã e do qual não teve filhos.

Quanta ao aspecto, notam-se entre elles grandes dissemelhanças.

Juquinhot, Crembá, Cruc-chá têm pelle clara, pondendo-se enquadrar nos termos 1 a 3 da escala Roquette — Childe; já Nhanhic e Juquinim são bem escuros, mais de 10 da citada escala dermo-chromica.

Nhá é clara, sympathica e não tem feições de botocuda, Cruc-chá e Anát parecem chins e Nhanhic tem conformação simiesca.

São muito pobres em pillosidades.

A fanhosidade é um attributo geral. São todos excessivamente fanhosos; talvez a causa disso esteja ligada ao uso dos batoques.

Os Crenaques gostavam de dar aos individuos nomes de animaes ou caracteres que os assignalassem. Assim, Crem-há significa cabeça chata, Uc-mãrã

anta, Andêic significa desprender gazes pelos anus, Nhanhic significa umbigo, Nem quer dizer arco.

MANIFESTAÇÕES ARTISTICAS

A arte as industrias, como o sentimento religioso, são os principaes factores que caracterizam um estadio de cultura.

Não ha povo sem arte, como não ha povo sem idioma ; e, segundo o professor Haberlandt, do Museu de Vienna, a arte é a linguagem que representa o sentimento esthetico do homem.

Entre os indios do Brasil, em geral, o sentimento artistico era pouco desenvolvido ; apenas, no extremo norte, os achados permittem admittir que os indigenas, daquellas paragens cultivassem as artes. A maioria, no entanto, apenas esboçava obra de arte muito primitiva.

Os motivos que hoje conhecemos são todos muito simples e mostram como se distanciavam, em cultura, os povos do oriente sul americano dos que habitavam o occidente da America.

Dos Botocudos conhecem-se muito poucas manifestações artisticas. Procurando reunir tudo quanto se refere á arte dos Crenaques, conseguimos apenas apresentar as inscripções em pedras, as figuras desenhadas em nossos dias, os enfeites nas flechas e arcos, e os bornaes de fibra de barriguda.

Nos batoques, algumas vezes, vêem-se desenhos rudimentares, feitos a lapis vermelho, com fim decorativo. Esses desenhos foram encontrados em batoques usados actualmente e não se póde saber se o uso de ornamental-os é actual ou remoto.

As inscripções em pedras, bem como os desenhos em paredes são manifestações dignas de observação, porque deixam de se limitar a um fim expressamente ornamental, e já manifestam tendencias do espirito botocudo. Ahi, dispondo de maior espaço, o indigena, para passar o tempo, vae impensadamente deixando gravado aquillo que mais o impressiona.

Nota-se que uma caracteristica daquella gente, a julgar pelos desenhos encontrados, é um uso moderado do symbolismo.

Ao envez de figuras imaginarias, como é frequente nos vestigios de muitas civilizações antigas, o que se encontra, entre os Botocudos, são representa-

ções do animaes daquellas selvas, astros, homens com suas proporções normaes e utensilios de seu uso

Ha, nesse ponto, muita analogia com o homem da idade da pedra, notando-se que as manifestações botocudas, mesmo actuaes, são bem inferiores ás do homem do *periodo madaleniano* (paleolithico superior). Nas inscripções dos quartzitos da serra da Onça, vêem-se sapos, lagartos, homens, flechas, sóes e traços rectilineos.

Não se encontra um entrelaçado artistico, como é commum na Colombia, no Perú e no Mexico e mesmo entre os indios do norte do Brasil; são apenas simples traços, quando muito, linhas quebradas que occasionalmente formam o que o povo chama letras C, Y e L por exemplo.

O estilo das figuras anthropomorphas é bem differente das que se vêem em muitas inscripções dos paizes andinos.

Aqui são apenas esbeços de figuras humanas representadas pelo tronco, braços, pernas e cabeça, sem mais minucias. São figuras pouco fieis, dando apenas uma vaga idéa da conformação humana, podendo, algumas vezes, ser confundidas com representações de batrachios. Os desenhos, provavelmente do mesmo local, apresentados por PHILIPPE REY á *Societé d'Anthropologie* de Paris em 1879, não contêm figuras humanas nem de animaes, excepção feita duma que aquelle antropologista suppõe ser a parte posterior dum animal ferido por uma flecha o que não nos parece muito acceitavel.

Em Minas, na serra do Cabral, ha inscripções attribuidas a indigenas, que representam veados e uma onça, num estilo que muito se assemelha ás da serra da Onça e ás de Cogul (Hespanha) de idade diluvial superior (Cabré)

Ainda mais, os desenhos executados pelos Crenaques, agora, em nossos dias, além de deporem em favor da origem indigena das figuras da serra da Onça, dão uma perfeita idéa acerca do sentimento artistico desses indios.

Analysando-se as figuras antigas e as modernas representando flôr, homem, gallo, revolver, ver-se-ha logo ahi patenteado esse mesmo estilo inherente ás crianças brasileiras.

Isso, aliás, era um facto previsto, pois é corrente que os desenhos das populações primitivas têm grande

affinidades com os das crianças actuaes. O homem é representado eschematicamente, cabeça, tronco e membros, os olhos quasi sempre grandes demais e as mãos com todos os dedos bem visiveis.

De accordo com o testemunho de outros observadores, podemos affirmar que o sentimento artistico dos Botocudos, no que se refere á pintura, é muito pouco desenvolvido, não destoando, deste modo, do nivel cultural artistico da maior parte da população indigena brasileira.

O chefe dos Crenaques, não só para imitar o encarregado do Posto, mas tambem por uma comprcensão das vantagens da escripta, tem um caderno de notas, onde procura registar factos notaveis e os dias em que os indios trabalham nas roças.

Annota cuidadosamente os dias de trabalho, sempre cioso dos seus direitos e receioso de que os empregados do Serviço de Protecção o enganem. Nas épocas de pagamento, ha sempre discordancias entre o assentamento dos protectores e dos protegidos, porque estes contam os dias de trabalho, mas se esquecem sempre de abater as horas de lazer.

Se o indio pegou na enchada em tal dia, elle considera logo um dia de trabalho.

Dahi os desencontros de contas, o protesto dos indios, que, afinal diante das explicações pacientes, se resignam a receber o que lhes pagam, mas conscios de que estão sendo fintados. Dahi a crença, tão arraigada entre elles, de que são um povo desgraçado, ainda hoje extorquidos pelos civilizados, até mesmo por aquelles que lhes dão immensas provas de zelo e de amizade.

A « escripta » do capitão Juquinhót póde ser apreciada nas estampas annexas. Não ha, positivamente, signaes convencionaes, a supposta escripta é uma simples imitação do que fazem os *carahys*.

Nessa mesma estampa vê se a figura dum revolver, arma que os indios presam muito, pelo simples facto de não a possuirem e saberem que é uma arma prohibida dentro dos limites do Posto. Perguntando ao capitão Juquinhót, autor do desenho, o que representava aquillo, elle esboçou logo um sorriso, dizendo-*rerôvi* (com r brando) .

Numa estampa vê se a annotação dos dias de trabalho de diversos indios, conforme explicação do ca-

pitão, que apontando para varias linhas dizia o nome de cada indio : Cruc-chá, Crembá, Nhamic etc.

Ha sómente dois typos de signaes : pequenos circulos mal feitos, que ás vezes, se limitam a um *C*, e os signaes que dão a impressão de uma cycloide mal desenhada. Nós pensamos que esses apontamentos são feitos attendendo a duas influencias : o espirito de imitação e tambem o reconhecimento da necessidade de annotar os dias de trabalho, para não serem enganados. Resultam, portanto, de dois attributos que, a todo momento, se patenteam na vida do indio Crenaque : o espirito de defesa e o espirito de imitação.

Numa das estampas o signal assignalado pela setta lembra o dia 1.° de Dezembro de 1926, em que o general Rondon e diversos membros do 8.° Congresso Brasileiro de Geographia visitaram o Posto. Isso foi dito pelo capitão expontaneamente, apontando com o dedo para aquelle signal e dizendo :

Djinirá Rondáo patchiá quijêm borum

O general Rondon visitou a casa dos indios.

O vermelho é a côr predilecta dos Crenaques ; para elles o *brucucú* é a mais bella coloração.

Isso se manifesta pelo prazer que têm de possuir qualquer cousa vermelha e ainda pelos rabiscos a lapis encarnado, como enfeites, nos *metós* da orelha, de uso do velho Nhanhic. Estes motivos, feitos provavelmente pelo proprietario dos *metós*, representam, como se vê na figura, simples circulos mal feitos, divididos em quadrantes por duas pretensas perpendiculares.

Emfim, em todas as manifestações graphicas percebe-se a pouca aptidão dessa gente para a representação de objectos ; se fosse ingenita entre elles uma tendencia para as bellas artes, certo haviamos de encontrar vestigios, mesmo num rapido exame, como o nosso.

As mulheres Crenaques, quando não estão cozinhando ou conversando, trabalham com fibras de entre-cascas da barriguda e tecem nos saccos, do typo do que se vê na estampa.

A barriguda (*Bombax ventricosa*' Arr) é, como se vê, uma arvore muito preciosa para o indigena ; da casca tiram as fibras com que fazem os bornaes, do lenho fazem os enfeites para os labios e as orelhas.

E' possivel que os bornaes, em tempos remotos, fossem objecto de uso corrente, hoje, não: são feitos sempre por mulheres com um intuito mercantil. Os bornaes hoje, como as proprias flechas e arcos enfeitados, são fabricados para venda aos *carahys*.

O estilo dos bornaes não tem evoluido, são ainda do mesmo feitio com a mesma ornamentação de ha muitos annos passados. Garbe, que observou os Botucudos ha mais de 20 annos atras, apresenta-o exactamente como nós vimos, e Maximiliano de Neuwied, ha mais de um seculo, já falava desses objectos, do mesmo typo dos que são hoje usados. Como se viu na estampa em tamanho natural, o tecido consta de uma trama formada de uma ligação de cycloides alongadas, alinhadas no sentido horizontal.

Esse *ponto* não é o *ponto* de *crochet*, nem o de *tricot* que as moças de hontem sabiam fazer e que as nossas contemporaneas conhecem de tradição.

Esse *ponto* pareceu-nos original aos indigenas. Para ter esclarecimentos sobre o assumpto, recorremos aos livros classicos dos trabalhos manuaes e encontramos num velho livro (**) o tecido do bornal correspondendo rigorosamente a um dos typos de renda *Renascença* — o *ponto de filó simples*. Reproduzimos a figura n.º 231 da obra citada ao lado da photographia do tecido indigena.

E' provavel que essa trama tivesse chegado ao conhecimento dos indios por intermedio dos conquistadores, mas é tambem possivel que fosse idealisada pelo proprio aborigene. Uma ou outra hypothese pode ser acceita: tanto seria facil a uma india aprender o tecido e, voltando ao convivio da tribu, ensina-lo ás demais, como tambem, por si mesma, imaginar a ligação de cycloides.

Explicada a trama do bornal, resta-nos falar: cerca da decoração. Consiste no emprego de fibras diversamente coloridas, sendo corrente o uso de dois tons apenas, o roxo e o amarello.

As fibras são desfiadas e depois tingidas. Ao tecer empregam ora fibras de uma côr ora de outra, de modo a formar camadas horizontaes de coloração differente. Essas camadas têm numero limitado, cinco apenas, alternando-se nas côres; a primeira, a contar

---

(**) Tratado de Trabalhos de Agulha — 2.a Edição H. Lombaerts & Cia., Rio de Janeiro, MDCCCXC.

SciELO

do fundo, é roxa e a superior tambem, devido ao numero impar de camadas.

A coloração roxa é obtida mediante a immersão das fibras num extracto de folhas duma planta que elles chamam *amjút*. Cumpre notar que *amjút* tambem significa roxo, e o indio conhece bem a tonalidade da tinta dessa planta. Certa vez colhemos amoras duma arvore proxima ao Posto e, voltando á casa dos indios, mostrámo-lhes a mão tinta pelo succo da fructa, dizendo : *Amjút* isto é, roxo. Nossa interlocutora, Maria, retrucou promptamente com um sorriso ironico.

Am-jút, nã-o amora.

Os indios colhem ramos do *amjút*, uma mulher espicaça e esmaga as folhas com o dorso dum facão de encontro a um pau e as põe de infusão nazua. No dia seguinte ou *manhã* como elles dizem, a tinta está bôa.

Logo que se mergulham as folhas, a agua se vae tornando um tanto rosea e com o tempo a coloração vae se accentuando até o roxo intenso. Parece que entra em jogo um processo de oxydação, e dahi a regra que só no outro dia é que está boa a tinta. Trouxemos essas folhas para experimentações, mas infelizmente o material, uma vez secco, não se comporta como dantes. Levado pelo velho Nhanhic, colhemos com as nossas mãos um bocado dessas folhas, e em vão procuramos flores, para poder determinar o genero e especie de tão interessante vegetal.

Dispondo sómente de material insufficiente para uma classificação, solicitámos esclarecimentos ao illustre dr. KUHLMANN, botanico do Serviço Florestal do Brasil, e elle nos informou que essa planta é da familia *Simarubacea*, genero *Bicrammia*, talvez especie *Riedelli*.

E' uma classificação provavel, como dissemos.

A côr amarella é obtida da casca do urucú. Convem notar que nesses bornaes não se emprega a côr vermelha das sementes do urucú (*Bixa orellana*), emprega-se ahi o amarello de urucú, que é um corante sob a forma de resina, encontrada entre as fibras da casca do urucuzeiro. O nosso collega HENRIQUE PALLAREZ promptificou-se a fazer alguns ensaios nas amostras que trouxemos de Crenaque e chegou á

conclusão de que as cascas com 14.7 % de humidade, contém 10 % de substancia extractivel com ether sulfurico.

Essa substadcia, que deve ser uma resina, é facilmente soluvel em sulfeto de carbono, chloroformio e alcool e insoluvel nagua. Preparado um soluto alcoolico e tingidas diversas amostras de panno de algodão, linho e sêda, verificou-se que qualquer dellas absorveu a tinta corando-se numa bella cor amarella, nada resistente ao sabão e á luz. Foi bastante meia hora de exposição ao sol para quasi desapparecer todo o corante da sêda e o mesmo, em proporção semelhante, aconteceu ás outras fibras.

Ensaiando a resistencia á luz, das fibras da *Bombax* tingidas pelas proprias indias, nós verificamos que as amarellas, tintas com o corante do *cortex* do urucuzeiro resistem muito pouco ; em uma hora de exposição ao sol forte, o descoramento é muito sensivel. As roxas, tintas com *amjut* ou folhas de *Bicrammia*, são bastante resistentes, pois uma exposição de cerca de 50 horas ao sol não fez desmerecer a tonalidade, que se apresentou perfeitamente igual á da parte encoberta por papel negro.

O processo de tingir as fibras amarellas consiste em attritar a casca do urucú, humida e moida, de encontro á fibra ; a resina adhere ao fio e, como é licito prever, a coloração nunca fica tão uniforme, como as que são tingidas de roxo.

Quando estão bordando, as mulheres sentam-se no chão, estiram uma das pernas, arregaçam a saia e torcem a fibra fazendo-a girar com a mão ao longo da coxa.

Dessa pratica resulta estarem muitas com certa parte da coxa amarella, devido á tinta deixada pela fibra.

ADORNOS

Os indios Botocudos têm sido caracterizados pelo uso de adornos labiaes e auriculares, denominados batoques.

A denominação botocudos é portugueza. O uso do batoque que actualmente parece estar limitado aos indios Crenaques, em outras épocas, teve uso muito mais generalisado. Já não falando de tribus da Africa que tambem usavam adornos semelhantes, como se

póde ver numa photographia junto que representa um joven da Uganda, com seus adornos de marfim, no Brasil esta pratica foi mais extensiva.

Encontram-se referencias a taes adornos em Vaz de Caminha, na celebre carta escripta ao rei D. Manuel, dando conta da «Importante nova», (1 de Maio de 1500). Nessa missiva que é o primeiro escripto sobre ethnographia do Brasil, ha interessantes noticias sobre os indios do litoral sul bahiano.

«E d'ali houvesse vista de homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo os navios pequenos disseram, por chegarem primeiro alli».

«..... e o Capitão mandou no batel em terra Nicoláu Coelho para ver aquelle rio; e tanto que elle começou para lá de ir, acudiram pela praia homens, quando dois quando tres: maneira que quando o batel chegou á bocca do rio, eram alli dezoito ou vinte homens, pardos, núa, sem nenhuma cousa que lhes cobrissem suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos e suas settas.

A feição delles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos.

Traziam ambos o beiço de baixo furado, e mettido por elle senhos onos de ossos brancos de compridão de uma mão travessa e de grossura de um fuso de algodão e agudo na ponta como furador. Mettem-nos pela parte de dentro do beiço, e o que lhe fica entre o beiço e os dentes é feito como roque de xadrez, e em tal maneira o trazem alli encaixado, que lhes não dá paixão, nem lhes torva a fala, nem comer nem beber».

Alexandre Rodrigues Ferreira, num de seus interessantes estudos, refere que os indios Gamelas do Maranhão eram disformes pelos batoques que usavam nos labios. Quanto ao ornato da orelha, eram celebres os Uerequenas ou Orelhudos que tinham o lobulo tão dilatado que lhes chegava aos hombros.

> «Huns as conservão inteiras; outro as furão, ou rasgão; que por isso lhes chamão os Indios domesticados-Nambi-Soroca — isto he orêlha furada; introduzindo nos furos, ou tornos de páos; ou molhos de palha; ou fragmentos de resina; de pedras; de ossos; de cristaes; de conchas; e de alguns metaes».

SciELO

Num dos seus trabalhos*** o illustre naturalista bahiano discorrendo sobre os caractéres morphologicos dos indios, differencia-os em « monstruosos por artificio e por natureza ».

No primeiro grupo enquadram-se :

a) Cambéba ou Omaguá. Com** a cabeça chata, em figura de mytra.

b) Uerequena ou Orelhudo. Com as extremidades das Orelhas rasgadas, e distendidas até os hombros.

d) Turáz e Caripúnas do Rio da Madeira. Com hum furo na Cartilagem, que interiormente divide as ventas.

e) Gamélla. Com o labio inferior rasgado circularmente, e distendido por huma rodela de madeira, ficando orlada com o labio, em fórma de gamélla. Com os labios e as orelhas furadas, ha muitas Nações de Gentios.

f) Jurupexuna ou Bocapréta. Com a face mascarada de cinza das folhas da palmeira Pupunheira.

g) Mauhá. Com ventre espartilhado, e cingido de entre cascas das arvores, e os Tucuna, cujas mulheres se submettem a uma operação no apparelho genital.

Dessas deformações, são ainda hoje observadas entre os indios do norte de Matto Grosso a perfuração do septo nasal — que é a tal «Cartilagem que divide as ventas», as pinturas em preto e vermelho (Goyaz) e os batoques no lobulo da orelha e labio inferior (Crenaques).

O habito do espartilho, outrora usado pelos Mauhás, passou a ser a bem pouco tempo requinte de elegancia do brasileiro civilizado, sendo usado não sómente pelo elemento feminino mas até por certos moços elegantes.

O adorno labial e auricular era usado pelos Crenaques de ambos os sexos como manifestação de vai-

---

*** — Observações Geraes e Particulares sobre a Classe dos Mammaes. Obra escripta em Villa Bella, Matto Grosso, 1790.

** — Voyage de l'Amerique Meridionale, en descendant *La Rivière* des Amazones.

Par. Mr. *De La Condamine* pag. 72 (citação de A R. F.)

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

dade. Essas physionomias que nós julgamos repellentes aos olhos delles ficavam mais sympathicas, quando armadas de seus grandes batoques.

O indio chama o batoque de *metó* (auricular) e *gumé* (labial).

São feitos do lenho ainda tenro da *Bombax*, quando ainda tem menos de 10 centimeros de diametro. Cortam-se perpendicularmente ao eixo, obtendo approximadamente um cylindro de 25 a 35 millimetros de altura, de secção approximadamente circular, com diametros de 50mm. a 80mm. O material de que se compõem estes adornos é extremamente leve, tem uma massa especifica variando entre 0.10 e 0.15 de modo que um batoque dos grandes, com 35mm. de altura e 72mm. de diametro pesa apenas 14,3 gr.

Embora não se estabeleça padrão no preparo dos batoques, os ha de dois tamanhos: grandes e pequenos.

Aquelles têm geralmente 80mm. de diametro e 35mm. de altura, estes, 52mm. e 30mm. respectivamente. Um e outro typo podem servir para o labio ou orelha; o tamanho é funcção da dilatação soffrida pelos tecidos do possuidor. Nas photographias annexas vêem-se batoques de duas bitolas; o grande foi adquirido á Cupuãna e o pequeno a Nhanhic; ambos serviam de adorno auricular.

Pódem-se notar num delles os desenhos feitos a lapis encarnado com a intenção de tornal-os mais bonitos.

Quando se observa o peso dos batoques, percebe-se logo que a escolha do material attendeu a uma condição — conseguir uma substancia que produzisse o maximo de effeito com o minima de incommodo; devido á leveza, á forma regular e á facilidade de obtenção, o lenho da *Bombax* de certo não encontrou similar.

O batoque do labio torna a physionomia asquerosa, não só porque modifica muito o facies do individuo como tambem se torna um fóco de sujeira. Modifica muito a voz e na articulação das palavras, o batoque acompanha o movimento dos labios.

Numa das photographias póde-se perceber esse movimento na india á esquerda, que não se poude conter durante os poucos segundos de pose exigidos pela machina photographica.

Outrora, os batoques eram muito apreciados pelos Crenaques de ambos os sexos; hoje a moda já

passou e só mente duas mulheres e um homem usam taes enfeites.

Juquinhót, o actual *capitão*, não os usa, destoando desse modo do seu antecessor — Muim que os tinha bem grandes nas orelhas.

Toda a nova geração de Crenaques é indifferente a tal pratica.

Para isso contribuem não só os ensinamentos dos protectores officiaes, como tambem o desejo do indio de adoptar os costumes do *carahy*.

Essa usança, hoje quasi desapparecida, em tempos passados foi muito praticada; provam-no as noticias dos chronistas e mesmo photographias tiradas já no seculo actual.

O declinio do uso do batoque tem uma grande significação, mostra que o indio já se vae, embora devagar, adaptando ás praticas do nosso estado social.

Elle tem prazer em trocar o batoque pelo collarinho e pela gravata que, afinal, representam a mesma futilidade que o singelo adorno do aborigene.

Quanto á pintura do corpo, nada observamos.

Dizem que, antigamente, pintavam-se com urucú, habito muito espalhado entre as tribus do Brasil.

Actualmente não mais se pintam com fim ornamental, preferem o uso dos perfumes, de que são grandes apreciadores. Não tivemos noticias de perfumes de plantas das florestas, usam os que adquirem nos estabelecimentos das cidades proximas.

Disseram-nos que tingem o rosto com urucú apenas como signal de zanga, aborrecimento, e nesse caso especial, usam o corante da casca que de é um lindo amarello

Póde-se, portanto, applicar a esses indios, com bastante propriedade, um dito popular: — estava amarello de raiva.....

ARMAS

Os indios Crenaques fazem, actualmente, pouco uso de armas. Não necessitam dellas para a manutenção da vida; são agricultores sob a protecção do Governo Federal e só as utilizam para o desporto da caça.

Caçam muito pelo habito antigo, mas já não gostam dos arcos e flechas, preferem as armas de fogo.

Numa das photographias vê-se o indio Anat com uma espingarda, unica que existe na tribu e que serve para todos. Quando têm polvora e chumbo atiram até esgotarem as provisões, e passam então a se lamentar.

Ouvimos uma dessas lamuriações.

Tchumb não tem Matirino não dá!

Nenhum possue revolver, que é arma prohibida no Posto, e, por isso mesmo, constitue um objecto de grande cubiça para o indio,

Arcos e flechas, como se vêem nas photographias, não são mais armas de uso, são peças fabricadas com o objectivo unico de vendel-as aos colleccionadores de artefactos indigenas.

O arco é feito de madeira de palmeira brejaúba e embira de *Bombax*, encerado com cêra de abelhas e enfeitado com penninhas de passaros, tucano, papagaio, perequitos etc.

Ha dois typos de flechas: a de pontas, para matar a caça por perfuração, e a que termina em tres excrescencias, que serve para matar passarinhos, mata por contusão.

São feitas de taquara, medem 1.^{m}50 com differenças de 2 a 3 cm. para mais ou para menos, terminam por, uma ponta afilada de taquarussú ou de madeira dura, onde se fazem alguns dentes. As de ponta rombuda medem cerca de 1 m.

O bodoque é um instrumento ainda usado para caça de pequenos passaros, divertimento que muito apraz aos indios, principalmente aos poucos idosos. O bodoque é geralmente feito de pau serra, e os projectis são bollinhas de barro, com 2 cm. de diametro apenas, deshydratadas ao calor solar.

São esses os instrumentos de fabricação propria, tudo mais já é utensilio de ferro. — facas, facões, canivetes etc; são de uso corrente e objectos de muita estima.

A fabricação de flechas, sob certo ponto de vista, já é uma industria aperfeiçoada, isto é, nella já se applicam processos seguidos no mundo industrial civilizado.

Queremos nos referir ás falsificações, pratica condemnavel mas tanto mais adoptada quanto mais civilizado é o meio. As pontas de flechas que outrora eram feitas com madeiras duras para corresponderem bem ao seu fim, de objecto perfurante, hoje o indio

as faz de cédro; passa uma camada de cêra, leva sobre o fogo para escurecer e dar o aspecto de madeira escura. Quando um indio tem disposição, fabrica um arco e cinco flechas e vae esperar o horario de E. F. Victoria a Minas para os vender por 10$000 aos viajantes.

Estes instrumentos são transportados comodamente na estrada de ferro, até Victoria e depois vão para collecções; particulares como pertencentes a tribus belicosa, que assaltam e devoram os viajantes no interior do Brasil...

IDÉAS A RESPEITO DO BRASIL E DOS BRASILEIROS

Resta-nos agora dizer a'go com relação á idéa que essa gente faz a respeito do homem civilizado e do Brasil.

A patria delles limita-se á pequena area em que vivem, imprensados pelos inimigos *botuns* e *carahys*. Ali nasceram, ali têm vivido, á sombra daquellas majestosas florestas, á margem do rio Doce e seus affluentes.

Do resto do Brasil têm uma vaga noção pelo que lhes contam, desde que entraram no periodo de felicidade em que se acham. A actuação do serviço de Protecção constitue para elles um paraiso em vida, um Edem que elles proprios reconhecem, não obstante suas queixas e lamurias, quando se não lhes faz uma vontade irrazoavel.

A cidade mais conhecida dellas é Resplendor; é lá que fazem suas compras; de dias em dias, alguns communicam ao chefe do Posto:

Matiríno, manhã patchiá Resplendô.

Alguns conhecem Aymoré e Victoria, onde já têm ido a passeio.

O capitão, o mais viajado, já esteve aqui na cidade do Rio de Janeiro e por intermedio delle é que os indios sabem algumas cousas a respeito do *Ridjanê* (Rio de Janeiro).

O Crenaque não gosta da cidade, chega até lá quando têm dinheiro, levado pelo desejo ardente de comprar qualquer cousa nova.

Quando vê alguem partir, tal como uma criança, tem vontade de partir tambem. Pede choromínga, sem attender a cousa alguma.

Recordamo-nos bem da nossa despedida em dezembro proximo passado; formou-se em torno do general Rondon uma roda; pediam todos uma espingarda nova e um porquinho, o que os levasse para o *Ri djane*....

Nada mais que enthusiasmo momentaneo. Dias depois, quando estivemos a sós com elles, convidamo-los por mais de uma vez a virem ao Rio, e elles responderam com caracteristico indifferentismo.

NÃ-O

De uma feita, o capitão objectou com esta phrase: *Nã-o, Ri-djanê carahy uti, borum potíc*...

Não, no Rio de Janeiro ha muito civilizado e pouco indio...

Isso é uma expressão sincera do sentimento indigena; o Crenaquo não se dá bem entre os civilizados, elle se sente fóra do seu ambiente, recorda-se do passado e mesmo soffre physicamente.

No conceito dos Crenaques a especie humana divide-se em dois ramos: *boruns* e *carahys*.

Çarahy é o homem branco, o civilizado, o conquistador, emfim, o que não é indio.

Boruns são elles e os demais aborigenes, os indiginas da região Andina e os asiaticos que têm feições da raça amarella.

MANIZER * diz que os Botocudos chamam a si mesmo *boruns*, isto é, homens, e Childe annota que essa palavra, pela analogia com o termo portuguez varões, faz suspeitar uma origem recente.

Ha aqui uma rectificação que fazer.

Borum para o indio não significa homem, individuo do sexo masculino, mas apenas — individuos do raças semelhante á sua. Ouvi delles a expressão *muié borum* (mulher selvagem) e quando lhes mostrei um trabalho illustrado «Les Races Humaines», com uma alegria infantil iam apreciando as estampas e classificando o typo segundo o conceito delles.

A um pelle vermelha chamavam *borum*, um thibetano, um mongolico eram tambem *boruns*, um negro de Cambodje era um *carahy* proto, os typos europeus, eram *carahys* e quando tinham duvida perguntavam:

Totó, carahy? (Doutor, esto é carahy?)

SciELO

Diante de certo typo amarello affirmamos *carahy* ; Juquinót olhou attentamente para a gravura e contestou-nos firmemente : *Nã-o, borum !*

A passagem brusca do estado em que vivem os selvagens para a condição dos civilizados causa graves perturbações que quasi sempre se traduzem pelo enfraquecimento geral e morte. Isso tem sido observado não só com relação aos indios do Brasil mas com os outros povos. Os Khirghiz que vivem em estado nomade no planalto de Tiau-Shau, no centro da Asia, postos a conviver com os russos da Siberia, tornam se ainda mais preguiçosos e são logo dizimados por molestias.

O indio, todos os chronistas o attestam, não se preoccupa com o dia de amanhan, mas o dia de hontem, quando foi um periodo de amarguras, nunca será esquecido. O Crenaque frequentemente manifesta uma grande desconfiança pelo civilizado ; desconfia e teme porque tem razões para isso.

Nos dias passados vagavam pela floresta em constante sobresalto.

Hoje elles reconhecem no Serviço de Protecção o seu unico amparo, e em face de qualquer máo presentimento, quasi sempre infundado, correm logo ao empregado do Posto a se queixar e a reclamar medidas preventivas.

Reconhecem sua inferioridade numerica, a inferioridade de seus meios de ataque e defesa, de modo que as cidades representam para elles o mesmo ambiente que para nós representam as regiões invias do norte de Matto Grosso e sul do Pará. O máo estar que sentem na cidade faz com que tenham aquella phrase, ha pouco citada, que é a adaptação indigena da expressão urbana :

Não vou para tal região, lá só ha indios...

Esse mal estar que lhes advem do contacto com os civilizados, é fructo de longa experiencia.

Desde o seculo XVI elles tem sido mais ou menos perseguidos.

E' razoavel admittir-se grandes caçadas de indios em tempos muito remotos, quando os portuguezes procuravam desvendar riquezas no rio Doce e, depois, quando os paulistas chegaram com suas bandeiras até o oriente de Minas. A historia não o regista, mas a pratica era tão geral que só por excepção se livrariam os Crenaques da sanha dos conquistadores.

SciELO

Se, por ventura, ficaram ao abrigo das chacinas dos tempos remotos, agora, em nossos dias, não escaparam das armas de nacionaes deshumanos que já teriam extincto o ultimo Crenaque, se elles não estivessem sob a égide da administração publica. Mourejam ainda nas cadeias cumplices de uma caçada de indios, feita a mandado de um chefe local, e os ultimos restantes da tribu Crenaque têm bem vivas na mente as figuras de seus algozes. Assim sendo comprehende-se o conceito que podem fazer a respeito de nós, os civilizados.

Elles distinguem nos *carahys* dois typos: o bom — *carahy lehée*, o mau — *carahy-tón*;

Do primeiro, conhecem pouca gente: além dos empregados do Serviço de Protecção, os viajantes que os têm presenteado a troco de observações ethnographicas; do segundo se lhes afiguram todos os outros que vêem.

A prova disso é que o simples transito dum desconhecido pelas terras do patrimonio do Posto, infunde-lhes desconfiança, e logo correm a communicar ao chefe que ha *carahy no norte* (isto é, a margem norte) ou no *patelemône*.

Não tendo aspiração de conhecer outras terras e nellas viver, pelo receio de se immiscuir com os civilizados, para o Crenaque a Patria se restringe ás terras do patrimonio e o governo-*gourên* aos dirigentes do Serviço de Protecção aos Indios.

Da falta de providencia caracteristica dos nossos aborigenes, resulta não se preoccuparem com os destinos da tribu; não adoptam uma norma tendente a accumular dinheiro ou bens, não alimentam projectos de se transferirem para cidades ou se fazerem artifices, etc.

As crianças vão praticando a agricultura, talhadas nos mesmos moldes dos velhos..... dispendendo o minimo de esforço e só trabalhando á instancias de seus tutores.

Talvez quando pensem na possibilidade de se incorporarem á communhão brasileira lhes advenham tantos temores, que prefiram solucionar a questão, adiando a solução *sine-die*.

E' aliás, um costume nosso, provavelmente uma manifestação de atavismo.

Vocabulario Crenaque

A presente lista contém alguns vocabulos colligidos durante nossa estadia entre esses indios.

Lista um pouco mais completa foi organizada pelo dr. Simoens da Silva, porém ainda a melhor fonte com relação ao assumpto é o velho livro de von Martius — «Glossaria Linguarum Brasiliensium», onde ha quatro listas bem completas.

Comtudo, encontramos nellas alguns senões, aliás, muito desculpaveis dada a difficuldade de se obter vocabularios indigenas.

A respeito da lingua dos Aymorés escreveu Simão de Vasconcellos (1663): — «formavam uma outra de que nenhuma outra nação era entendida, feia, gutural, arrancada do peito».

A

Agua — Munhâm
Arroz — Maráut
Anta — Ucmãrã
Ante-braço — Quenigré
Assoviar — Uãn
Amanhã — Ambim (?)
Abelha — Potáil
Azul — Conhárãm
Amarello — Mãgrãrã
Arco — Nôm

B

Bezouro = Princãohão
Boi — Mbococri
Batoque-labial — Gumé

Batoque-auricular — Metók
Buraco — Má
Barba — Jac-jêc
Braço — Anhinom
Barriga — Cuâm
Brigar — Nacuâm
Beijar — Con-uâm
Banhar-se — Quijoum
Bico — Condjum (dente de passaro)
Branco — Jirûm
Borboleta — Djaquequêc
Bom, gostoso — Lehé (h aspirado)
Boca — Nutchmá

C

Comer — Tin (tin mangút)
Comida } Mangút
Comer }
Café — Mierím
Chuva — Munhâm (agua)
Canôa — Djoncát
Cachimbo — Coát
Casca — Cát (Tchôn-cat — casca de páu)
Canna — Gumim
Cobra — Djuqueri
Cabello — Crêne-qué
Cabeça — Crêne
Coxa — Mac
Costellas — Crin-dà
Céu — Tarú
Cantar — Angrío
Capoeira (passaro) — Ará-rát
Correr — Jaquim (?), Aprami (?)
Cozinhar — Quinhim-qui-tót
Comprar — Tiquijum-anuc
Couro — Tchin-cat
Calor — Húhú
Cigarro — Cúm-tuhum
Cêra de abelha — Handéa
Chorar — Pãuc
Criança — Crúc-não
Cavallo — Crêm-djum
Certo, direito — Lehé

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

D

Dente — Djúm
Dedos da mão — Páo-jim
Dedos do pé — Páo-jim-kit
Dormir — Tin-u-me (?)
Defeccar — Tin-mão-aúc (?)
Dar — Japú-im-uc
Deus — Tupan
Dinheiro — Glin-glin
Dançar — Tarnm-grim

E

Esperar — Djirá
Escremento — Pác-pác
Estrella — Ét-ét
Estou com fome — Tingorám
Informou-nos Crembá que Tingoram significa: barriga vasia; logo, póde-se traduzir tenho fome. Tin significa comer.

F

Fogo — Djompég
Flôr — Amingegit
Melão de S. Caetano — Pôrará
Foice — Crequedãm
Feijão — Djantá
Formiga — Pric
Flecha de taquara — Uajíc
Falar — Au
Frio — Amburúm
Fique quieto — Tóp (Póp-tunum)
Filho — Cruc (Minhúc cruc — meu filho)
Faca — Crác

G

Gavião — õ-õ
Grande — Djipacjou (Antithese de ton-ton)
Gallo — Ahn-Ahn

SciELO

H

Habitação, casa — Quijêm
Homem civilizado — Carahy
Homem — Gnuck

I

Ir, andar etc. — Patchiá
Indio — Borúm

J

Jacaré — Ôré
Joelho — Cric-irí

L

Lagarto, calango — Gârárá, Djucurê
Lagartixa — Gatâm
Lingua — Jitióc
Lua — Monhác

M

Muito — Inhauít e utí
Mocinha — Djocâna
Matar — Coêm
Milho — Uatí
Machado — Grapó
Mosquito — Uim
Mosquito grande — Acuám
Motuca — Pram
Moriçoca — Potá
Mãe — Kidjônpou
Mandioca — Impingí
Montanha de pedra — Cráctacnúc
Mulher — Nhorá
Mão-páo (Dorso da mão — Paókmutnhá. Palma da mão — Paokmem)
Morder — Nicaráép
Morrer — Cõem
Manhã — Ten-brand
Meu — Minhúc
Mamão — Glót

Mel de abelha — Bijacãna
Moço, novo — Orag (Nhanhic maquinhãm, Juquinim órag — Nhanhic é velho, Juquinim é moço).
Macaco — Cupirig

N

Não — Nuc
Nambú — Abmarãã
Nariz — Djin
Nadega — Jotâ'n
Nuvens — Tarú-temré
Ninho — Quijêm (Bacãna-quijêm — ninho de passarinho).
Noite — Ambim

O

Olhos — Quitáum
Orelha — Nhêm-nhôm (Nhêm-nhôm-má-buraco da orelha)
Onça — Cuparág.

P

Pouco — Potíc
Páu — Tchôm
Pedra — Tacrúc
Pae — Djicâna
Porco — Coré
Peixe — Ambóc
Papagaio — Uãcuãn
Pomo de Adão — Aó-ão
Pequeno — Tón-tón
Peito de homem — Catchió-jéc
Perna — Marãú
Pé — Páo-djá
Pescar — Ambóc-joq-jeq (peixe-pegar)
Pulga — Tun
Preto — Hím (*h* aspirado)
Parecer, semelhar — se — Tang (tang — Jacuhy-Parece-se com Jacuhy)
Pente — Crêm-curam

Q

Queixo — Jaq-jét

SciELO

R

Rato — Tonmetnát
Rapadura — Crafiú
Rosto, semblante — Quitóm
Rabo — Quijúc
Roxo — Amjút
Ruim, máo — Tón

S

Sapo — Haôp. tchiáp
Socó — Rauc-Rauc
Sobrancelhas — Crenqué (cabello)
Seio — Porác
Sól — Tépôu
Sentar-se — Rép
Sabugo de milho — Uatí-páo (Pao do milho)

T

Terra — Nác
Tucano — Curútchiá
Trem de ferro — Joncát-nac (canôa da terra)
Trovão — Tarutecrêm
Tarde — Terán

U

Urinar — Mijauc (port?)
Unha — Creng-hât
Umbigo — Nhanhíc
Urucú — Jocrêne

V

Venta — Jin-ma-an
Vento — Ourú
Veado — Bocrím
Vermelho — Brucúcú
Velho — Maquinhâm

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Z

Zangado — Jaquijêm

Muitas das nossas palavras já são empregadas correntemente, porém muito deturpadas e com pronuncia muito viciada.

Esses vicios de prosodia não constituem exclusividade dos Botocudos, parece que era geral entre os indios do Brasil. Quasi todos os chronistas antigos referem que os selvagens não pronunciavam as consoantes f, l, r e frei Vicente do Salvador diz :

— «Mas nem uma palavra pronunciam com f, l ou r, não só das suas nem ainda das nossas, porque, si querem dizer Francisco, dizem Pancicú e, si querem dizer Luiz, dizem Duhi ;...»

A lista abaixo encerra alguns termos que exemplificam o modo de pronunciar dos Crenaques.

Lapis — Rápis (com r brando)
Papel — Papé
Relogio — Reróge (com r brando)
Não — Nã-õ
Chumbo de caça — Tchiúmb
Polvora — Pórv
Dr. Lobo — Tótó Rôb
General Rondon — Djinirá Rondáo
Engenhóca para moer canna — Inhóca
Enchada — Intchád
Fumo — Cúmo
Minhóca — Minhóc
Peixe — Pêtch
Farinha — Porín
Assucar — Tchúca
Carne — Câne
Prégo — Priêg
Boi — Mboi
Gallo, gallinha — Garín
Abacaxi — Macaxy
Banana — Manâna
Botina — Mutína
Bonito — Muníto
Marcellino — Matiríno
Estanisláo — Taniráu
Patrimonio — Patelemône
Amanhã — Manhã

Domingo — Duminga
Victoria (capital) — Vitóre
Espingarda — Pingarda
Bornal — Borná
Passarinho — Patcharím
Governo — Gouvên
Rio de Janeiro — Ri-djanê

SciELO

SciELO

Uc-mãrã e Fubá (de pé)
Phot. F. A.

Feijão (*) Nhá (**) e Fubá — Phot. F. A.

Maria, Jacuhy (*) e Marianna (**) — Phot. F. A.

Bosmas (*) e Jaquinim

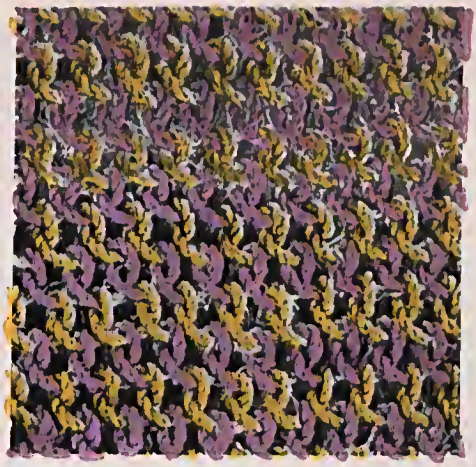
Nhanic (*) e Cruc-chá — Phot. F. A.

Cupurana, Uc-mãrã (*) e Maria de Juquinim (**) — Phot. F. A.

Nhanhic e Nem — Phot. F. A.

Juquinhot, «capitão» dos indios crenaques — Phot. F. A.

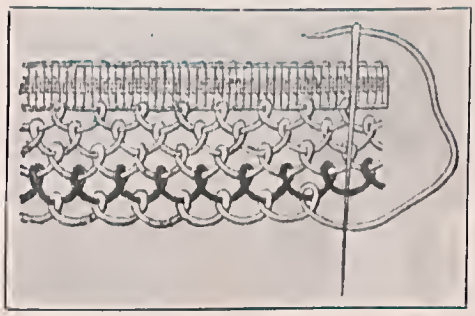
Adorno auricular dos selvagens da Uganda: dous toros de marfim bem menos commodos que os levissimos *metós* dos Botocudos. (Repr. de Les races humaines). Phot. Burger



Tecido do bornal dos Botocudos (tamanho natural)
Phot. F. A.

Bornal de panno de algodão e bolas de barro usadas nos bodoques
Phot. F. A.

Bornal de fibra de barriguda (Bombax) tingido com amarello de urucús (Bixa) e roxo de anjut (Bieranla)
Phot. F. A.



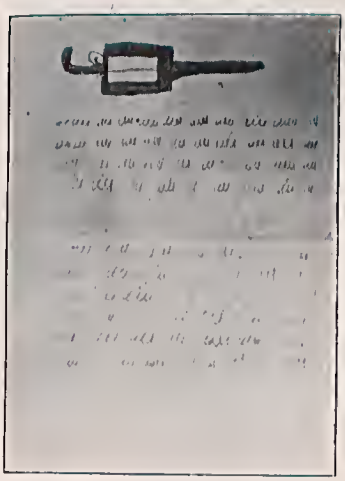
Renda Renascença. Ponto de filó simples
Phot. F. A.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

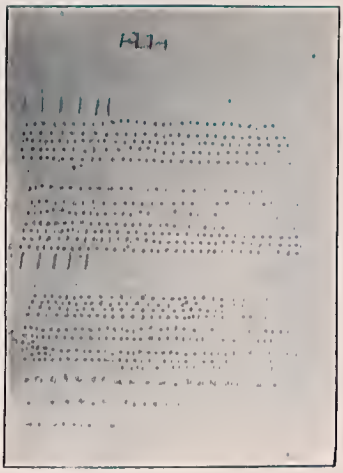
Um aspecto das terras do Posto. Indios no trabalho — Phot. F. A.

Arco e pontas de flechas dos Botocudos
Phot. F. A.

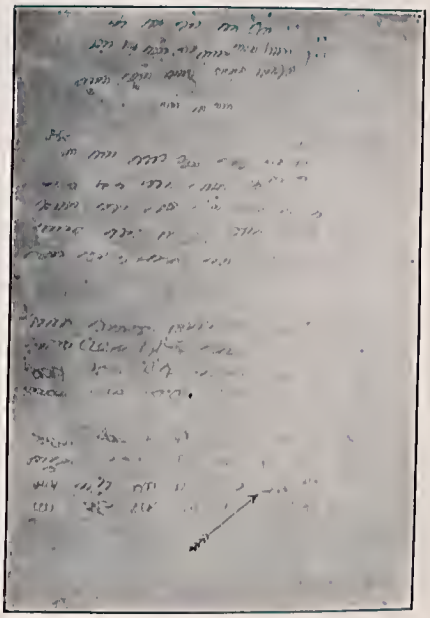
SciELO



Uma pagina do caderno de notas do capitão Juquinhot — Phot. F. A.



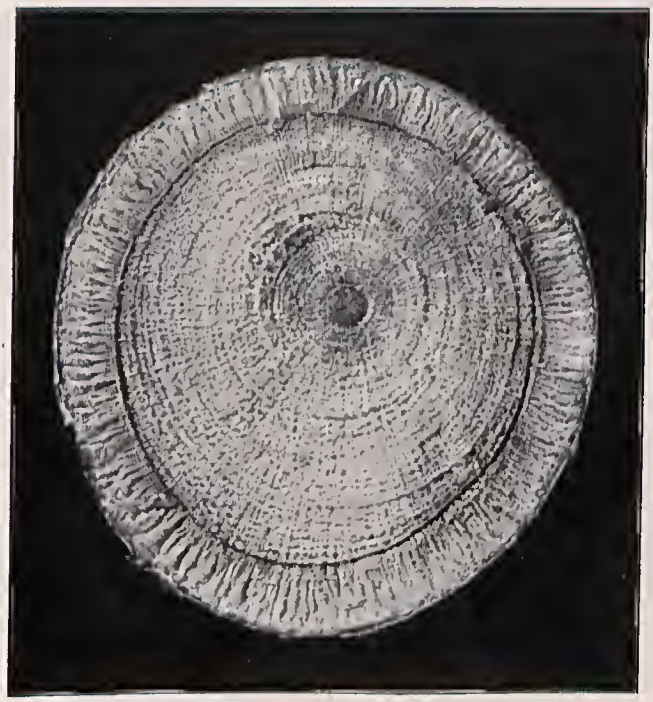
Do caderno de notas do capitão Juquinhot. Ponto dos indios — Phot. F. A.



Do caderno de notas do capitão Juquinhot. A seta indica o dia de visita dos Membros do 8.º Congresso de Geographia — Phot. Burger

SciELO

Batoques de indios crenaques; o maior pertencia a Cupurãna e o menor ao velho Nhanhic — Phot. Burger

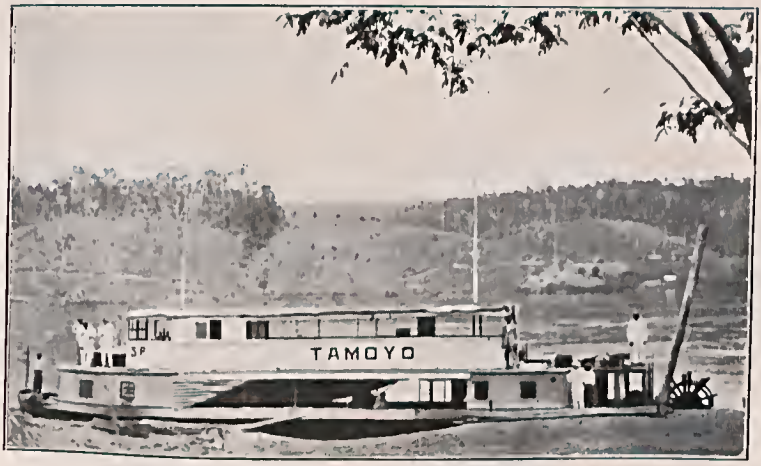


Secção de um caule de barriguda (Bombax) em tamanho natural
A camada externa, de cerca de 1 cm. de espessura produz as fibras

O Valle do Rio Doce entre Lajão e Resplendor

Eschema localisando o Posto Guido Marlière

Vista do Rio Doce, um pouco abaixo de Collatina



O vapor «Tamoyo» no porto de Collatina — Phot. F. A.

As Especies brasileiras do Genero Pinotus.

(Coleoptera - Lamellicornidae - Coprini), com algumas considerações tambem sobre outras especies.

POR

Hermann Luederwaldt,

Assistente de Zoologia do Museu Paulista (Secção de Invertebrados)

INTRODUCÇÃO.

Desde o trabalho de Harold «Révision des espèces qui rentrent dans le genre *Pinotus Erichs.*», em Abeille VI, 1869, p.123 — 144, que descreve 58 especies, não se publicaram outros trabalhos systematicos, sobre o assumpto, embora haja sido descripto grande numero de novas especies, setenta e oito até 1925, sem contar algumas poucas variedades, de modo que seu numero attinge agora 116.

Mas, desde já, pode-se dizer, que esse numero se elevará pelo menos até 130, achando-se só no Museu Paulista meia duzia de especies, que, por diversos motivos, ainda não foram classificadas.

Infelizmente não me foi possivel, realisar a descripção das especies na presente publicação, sempre da mesma maneira, não tendo a minha disposição cerca de quarenta especies. Occorre ainda a circumstancia, de que as diagonoses, principalmente de autores mais antigos, são muitas vezes demasiadamente resumidas, para dellas lançando mão podermos trabalhar com certeza.

Algumas secções tambem necessitam ainda da divisão, o que precisei deixar de lado, pelos motivos, que acabo de indicar. Assim se originou da monographia do genero, a principio ideiada, o presente trabalho, no qual foram somente caracterisadas minuciosamente as especies brasileiras. E' isto do melhor modo possivel, considerando-se resumidamente tambem as outras especies, principalmente para a comparação. Quanto as ultimas, em geral, desisti de indicar a literatura.

Alem da rica collecção do Museu Paulista, pude dispor das dos senhores Dr. Fr. Ohaus de Mayença, Julio Melzer de S. Paulo; tambem o sr. Dr. C.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Bruch, de La Plata, mandou algumas especies argentinas, bem como o sr. Dr. Carlos Moreira, no Rio de Janeiro, de quem recebi pequena collecção de especies.

A todos estes cavalheiros muitos agradecimentos. Especialmente ao meu velho amigo sr. Julius Melzer, em S Paulo, pelo muito que me ajudou e ao Rev. Padre Frei Thomaz Borgmeier, no Rio de Janeiro, pelos seus diversos obsequios.

Agradecimentos devo-os, alem disso, aos seguintes srs., visto como concorreram consideravelmente para este trabalho, com a sua actividade de collecionadores :

Ernesto Garbe, naturalista - colleccionador, durante muitos annos do Museu Paulista e fallecido em julho de 1925 ; João Leonardo Lima sr , naturalista do mesmo instituto ; Roberto Spitz, conservador do mesmo, Pinto da Fonseca, subassistente do mesmo ; Rob. Gliesch, zoologo no «Instituto Borges de Medeiros» em Porto Alegre, J. Lane, em Matto Grosso, e snr. J. E. Zikán em Barão Homem de Mello, Estado do Rio de Janeiro.

Os desenhos executou-os o joven e talentoso artista sr. J. Fr. de Toledo de S. Paulo, desenhista da Secção Botanica do Museu Paulista.

Cabe-me lembrar, que sobre este assumpto já escrevi artigos como «*Neue Pinotus-Arten*» e «*Neue brasilianische Pinotus-Arten*», que não foram publicados na *Revista do Museu Paulista*.

Aos interessados, que m'os solicitarem, poderei remettel-os.

Litteratura consultada.

Arrow, G. J. «*On the Characters and Relationships of the lessknown groups of Lamellicorn Coleoptera etc.*» Transact. Entomolog. Soc. IV, London, 1909.

Bates, H. W. «*Pectinicornia and Lamellicornia*» in Biolog. Central-Americana, vol. II, p. 2, 1886 – 1890.

Bruch, C. «*Catalogo Systematico de los Coleopteros de la Republica Argentina*», Universid. Nac., P. IV, La Plata, 1911.

Junk, W. und Schenkling, S. «*Coleopterorum Catalogus*», pars 38: J. J. E. Gillet, Scarabaeidae — Coprinae I, Berlin, 1911.

Kolbe, H. J. «*Vergleichend — morphologische Untersuchungen an Coleopteren, nebst Grundlagen zu einem System und zur Systematik derselben*». Archiv. f. Naturgeschichte (Beiheft, Festschrift), Berlin, 1901.

Idem «*Ueber die Lebensweise und die geographische Verbreitung der coprophagen Lamellicornier*». Zoolog. Jahrbuech. Suppl. VIII, Jena, 1905.

Lacordaire, M. Th. «*Histoire Naturelle des Insectes*. Genera des Coleoptéres». P. III, Paris, 1856.

Olivier, M. «*Entomologie*». Paris, 1789.

Biologia.

A respeito da biologia dos Pinotus, sabe-se ainda muito pouco. Sobre a de *P. carolinus*, escreveu Osten Sacken em 1861. Luederwaldt: Revista do Museu Paulista 1914, p. 365, dá indicações resumidas sobre diversas especies, principalmente sobre *P. Ascanius* e *nisus*. Encontram-se, porem, nesse trabalho diversas classificações erradas, que se devem rectificar:

SciELO

Em vez de *P. mundus* Har. deve-se pôr *luctuosioides Luederw*; em vez de *nobilis Waterh.*, *P. Spitzi Luederw.* e em vez de *singularis Felsche*, *P. pauloensis Luederw.*

A maior parte das especies, senão todas talvez, vivem no estrume de vaccas e cavallos, nos excrementos humanos etc. e sobre cadaveres em decomposição e nos respectivos ossos.

Algumas, como *P. Ascanius*, alimentam-se, ás vezes, tambem de fructas, como goyabas e abacaxi, sem porem causar qualquer damno. *P. Ascanius* e *nisus* e provavelmente tambem outras especies, são frequentemente attrahidas pela luz.

As locas dos seus ninhos aprofundam-se para algumas especies, um metro e mais pelo solo, ao passo que as de *pauloensis* so attingem 20 a 30 cm.

Uns habitam o campo, outros o matto. Nos campos são encontrados muito frequentemente, nos caminhos, sob estrume, parecendo mais vivos á noite, visto que so então se encontram voando. Diversos são grandemente parasitados por piolhos.

Todos as especies de *Pinotus*, bem como as de *Phanaeus* etc., devem-se considerar uteis, visto como transportam adubo, por meio de suas galerias, para dentro da terra, o que já Ohaus demonstrou.

Distribuição.

O genero *Pinotus* é puramente americano.

Das 116 especies, hoje conhecidas, existem 57 no Brazil, somente duas (*carolinus* e *texanus*) na America do Norte, só uma no Chile (*torulosus*), uma (*triquetrus*), na ilha da Trindade. Nenhuma especie se conhece nas Antilhas; na Venuzuela e Guyanas vivem 18, na America Central 5, ao passo que nos Andes, principalmente no Perú, vivem cerca de quarenta. Muito pobre é tambem o Paraguay em especies.

As especies brasileiras distribuem-se do seguinte modo:

Ceará	2	Rio Grande do Sul	6
Pernambuco	2	Amazonas	7
Goyaz	3	Paraná	10
Bahia	5	Rio de Janeiro	13

SciELO

Sta. Catharina	5	Espirito Santo	14
Matto Grosso	6	Minas Geraes	20
Pará	6	S. Paulo	28

Essa lista, porem, não se pode considerar completa, visto como, de um lado, os autores antigos só apontam o «Brasil» como habit., de modo que bom numero de especies, assim designadas, não pode figurar na lista e de outro lado, porque não consegui manipular nenhum material de nove estados (entre 21).

O facto que o Estado de S. Paulo, com suas 28 especies, occupar o primeiro lugar, não é de estranhar, visto como nelle se tem colleccionado até agora de modo mais intensivo, do que em outras zonas do nosso paiz. Mas, de facto, parece o Norte do Brasil ser pobre em especies.

A distribuição, pelas diversas regiões geographicas, dá-nos o seguinte quadro:

I. Região nearctica (Toda a America do Norte, incl. Mexico septentr.): 2 especies.

II. Região neotropica (Mexico, Antilhas, America Central e Meridional).

1. Subregião argentino-patagonica (Argentina, Uruguay, os Andes até o Equador, Chile): 16 especies.

2. Subregião brasileira (Guaynas, Venezuela, Columbia, Equador, Perú oriental, Bolivia oriental, Brasil, Paraguay): 105 especies.

3. Subregião da America Central, (Mexico excl. o Norte, e America Central): 7-8 especies.

4 Subregião das Antilhas: nenhuma especie.

Esboço de arvore genealogica para o genero Pinotus.

O genero, mais affim em curva decrescente, é *Ontherus*, em linha crescente *Chalcocopris*.

A secção *Semiaeneus*, que contem as especies de estructura mais simples e ao mesmo tempo menores, é o tronco do genero.

Della se desenvolveu para um lado o subgenero *Pinotus*, ao qual pertence aquelle mesma secção (clypeo simples), com as especies mais vigorosas

e ao mesmo tempo mais bellas, em geral com differença sexual fortemente pronunciada, na formação da cabeça e do thorax, passando para a secção *Inhiatus* e terminando com a secção *Carolinus*. Os intermediarios entre a secção *Semiaeneus* e *Inhiatus*, são desconhecidos e provavelmente se extinguiram.

O subgenero *Selenocopris*, (clypeo bidentado ou emarginado), começando com a secção *Inachus* ou *Batesi* e terminando com a secção *speciosus*, forma o nucleo do genero, do qual se ramificou o subgenero *Cephaganus*. Posto que se julgasse *Selenocopris*, como continuação de *Pinotus*, a differença entre a secção *Carolinus* e a *Inachus* ou *Batesi*, seria demasiadamente grande.

O subgenero *Cephaganus*, que tambem tem clypeo bidentado, distingue-se dos outros subgeneros pelo clypeo angular e a formação singular do pygidio e contendo tambem formas muito simples, deve portanto mais ou menos coincidir tambem com a origem do subgenero *Selenocopris*, isto é deve ter se desligado da secção *Inachus* resp. *Batesi*.

Talvez de *P. plonus*, que com sua forma de corpo chato e comprido, faz lembrar *P. simulans*, que representa a mais simples especie da secção *Fissus*.

Os intermediarios, entre a secção *Semiaeneus* e *Selenocopris*, são tambem desconhecidos.

P. smaragdinus, o unico representante do subgero *Homocanthonides*, distinguido pelo clypeo, que no meio da frente mostra um só dente, é difficil de se localisar. Segundo a minha opinião, porém, por causa da sua forma simples e sua miudeza, sua posição deve ser no principio, portanto colloquei-o entre *Pinotus* e *Selenocopris*.

Caracteristica do genero Pinotus Erichs.

(Typo, segundo Lacordaire: *P. carolinus L.*)

Corpo em geral robusto, oval, oval-alongado ou, porém, mais raramente, rectilineo, muito raramente um pouco redondo.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Revestimento, dos lados do prothorax e da parte inferior do corpo, em geral abundante e ruivo, a parte superior glabra.

Cabeça em geral com armadura, de forma e posição diversa.

Labio superior e mandibulas não espichados horizontalmente para a frente.

Clypeo muito grande, arredondado ou, mais raramente, mais ou menos triangular, separado das genas em geral por um sulco distincto, indo até a margem posterior da armadura (posterior) da cabeça, onde está lateralmente, muitas vezes, bem pronunciado, mas muitas vezes tambem não; na margem anterior, no meio, simples ou bidentado ou emarginado; em um caso (*smaraglinus*) sómente unidentado.

Antennas articuladas em numero de nove.

Clava com tres articulos prolongados, pubescentes, em geral avermelhados ou pardacentos.

Palpos labiaes com tres articulos, os dois primeiros alargados, o primeiro muito grande, os dois outros distinctos.

Olhos, na parte superior, ovaes.

Prothorax, na parte de cima, bordado, apresentando de todos os lados, muitas vezes, saliencias. Fossas coxaes bem desenvolvidas, em geral mais ou menos um pouco redondas.

Scutello falta.

Elytros, de dois lados, com sete estrias distinctas (resp. fileiras pontuadas).

O prosterno não é carinado, nem tem á frente covinha.

O mesosterno é limitado apagadamente pelo metasterno; quando indistinctamente limitado, então em forma de arco.

Coxas médias não contiguas.

Segmentos abdominaes bem desenvolvidos, não soldados, as suturas no emtanto evidentes.

Pygidio simples ou, com appendice triangular ou linguiforme, entrando no ultimo segmento abdominal, na secção *Fissus*.

Pernas fortes, todas as tibias, em direcção á ponta, fortemente alargadas.

Tibias anteriores, no fim, no ♂ e ♀ obliquamente troncadas, lateralmente com tres a quatro dentes fortes.

Tibias posteriores por fóra simples, sem carinas transversaes e dentes fortes, sómente crenadas ou denticuladas ; um esporão final.

Os tarsos existem sempre, os das duas pernas trazeiras, alongados.

Unhas bem desenvolvidas.

Differenças de sexo, em geral, bem pronunciadas, na armadura da cabeça e formação do prothorax.

Tamanho : de nove (*P. pullus* Felsche, Perú), até 37 mm. (*P. monstrosus* Har.).

Cor em geral preta, mais raramente parda, ás vezes, azul, cor de cobre ; em exemplares immaduros ferruginea. Os ultimos são communs especialmente em *Mormon* e *nisus*.

Dos 16 generos neotropicos, que, segundo o *Col. Catalogus*, pertencem aos *Coprini-Pinotides*, só poucos podem ser tomados como *Pinotus*. Aqui definimos sómente os affins mais proximos :

1 Antenas com 9 articulos. 3.

2 — com 8 articulos. Verde, cr. de 15 mm. Sem armadura. Brasil : CHALCOCOPRIS, com uma especie unica, *Ch. hesperus Ol.*

3 Lamellas de clava alongadas. 5.

4 — não ou sómente pouco alongadas, clava no emtanto um pouco redonda. Corpo, no lado inferior, igualmente nú. Nenhuma differença sexual. Grande. 2 brasileiros, 1 de Paraguay : HOLOCEPHALUS.

5 Segmentos abdominaes livres, as suturas distinctas, o abdomen no emtanto normal. 7.

6 — abdominaes, pelo menos os primeiros, soldados e o abdomen no emtanto muito curto. Sutura entre o metasterno e mesosterno, no meio, nitidamente separado : recto ou com angulo agudo ou fracamente arcuado. Fossas coxaes obsoletas. Especies menores, 10 brasileiras e cerca de 15 outras neotropicaes : ONTHERUS.

7 Corpo, por baixo, sem pellos. Cabeça sem angulos. Pygidio sem appendice. 9.

8 — por baixo mais ou menos pelludo, pelo menos nos lados do metasterno ; si indistinctamente, então a cabeça, nos sulcos das genas, angulosa ou o pygidio com appendice (secção *Fissus*). Metasterno do mesosterno indistinctamente separado, si accentuadamente, então em forma de arco. Fossas coxaes bem desenvolvidas : PINOTUS.

9 Tibias anteriores rectamente troncadas (♂ ♀). Mesosterno distincto. Clypeo, no maximo, com dois dentes obtusos. Especies menores, algumas quarenta americanas, entre ellas mais de 20 brasileiras: CHOERIDIUM.

10 — anteriores «scalpriformes» (♂) ou obliquamente troncadas (♀). Mesosterno muito curto. Clypeo em geral distinctamente bilentado. Muitas especies, entre ellas mais ou menos 60 brasileiras: CANTHIDIUM.

O genero *Copris*, pertencente aos *Coprini-Coprides* distingue-se immediatamente de todos os *Pinotides* por suas oito estrias em cada elytro.

Todos os outros generos dos *Pinotides*, especies menores, não tem importancia para quem se haja algum tanto occupado com o nosso grupo. Para melhor orientação, porém, aqui segue uma tabella resumida das outras subfamilias etc. neotropicas dos *Lamellicornideos lamparosticticos*:

1 Tarsos curtos ou de comprimento medio, em geral comprimidos (clava com 3 articulos). 3

2 — compridos, filiformes. (Clava de 3 articulos): I. *Glaphyrinae*.

3 Labio superior e mandibulas não espichadas horizontalmente. 5.

4 — e mandibulas espichadas horizontalmente: II. *Aclopinae*, III. *Geotrupinae*, IV. *Hybosorinae*, V. *Taurocératinae* e VI. *Orphninae*.

5 Antennas de oito ou nove articulos. 7.

6 — de dez articulos: VII. *Idiostominae*, VIII. *Troginae*.

7 Tibias posteriores com dois esporões finaes, coxas medianas contiguas: IX. *Aphodinae*.

8 — posteriores com um esporão final. Coxas medianas separadas: X. COPRINAE 9.

9 As quatro tibias posteriores esbeltas, alargando-se paulatinamente um pouco para a ponta: *A. Scarabaeini*, com *Canthon*, *Eurysternus*, *Megathopa*, *Deltochilum* etc.

10 — quatro tibias traseiras fortemente alargadas para a ponta: *B. Coprini*. 11.

11 Ultimo articulo dos palpos labiaes muito distincto. 13.

12 — articulo pouco visivel ou ausente: c. *Onthophagides*, com *Onthophagus* e *Oniticellus*.

4. Armadura da cabeça, do ♂, situado posteriormente no clypeo, consistindo n'um chifre mediano mais elevado e de um espinho ou dente, situado anteriormente de dois lados em sua base. Tamanho grande ou mediocre:

3.ª SECÇÃO BUQUETI.

4.4. Armadura da cabeça situada immediatamente atras do meio do clypeo, consistindo n'uma quilha transversa, larga, recta. Tamanho pouco avultado:

4.ª SECÇÃO BITIENSIS.

3.3. Cabeça não triangular, approximando-se no maximo a esta forma. Quando triangular, então o chifre da cabeça do ♂ approxima-se, fortemente ao bordo anterior do clypeo.

5. Prothorax do ♂ sempre, da ♀ em geral á frente com declive, que está separado da parte basal distinctamente. Em geral especies de tamanho mediocre ou grande, geralmente com fortes differenças sexuaes na formação da cabeça e do thorax.

6. Prothorax, em ambos os sexos, anteriormente com declive forte; parte basal, pelo menos do ♂, em geral menor do que o declive e quasi sempre adornada com protuberancias notaveis, como p. e. dentes e chifres.

7. Armadura da cabeça do ♂ e da ♀ consiste em duas protuberancias: uma anterior mais ou menos no meio do clypeo e outra posterior. Brilho forte:

5.ª SECÇÃO BOREUS.

7.7. Armadura da cabeça do ♂ e da ♀ consiste sempre em uma protuberancia só; a da ♀, como sempre, está situado posteriormente no clypeo.

8. Armadura da cabeça do ♂ approxima-se fortemente ao bordo frontal do clypeo (excepto em P. *abnormis*, (secção *Cotopaxi*).

9. Estrias dos elytros simples:

6.ª SECÇÃO MORMON.

9.9. Pelo menos a 3.ª e a 5.ª estrias terminam, na base, n'uma fossula:

7.ª SECÇÃO COTOPAXI.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

8.8. Armadura da cabeça de ♂, situada posteriormente no clypeo:

8.ª SECÇÃO TORULOSUS.

6.6. Prothorax do ♂, na maioria dos casos e tambem da ♀, fortemente em declive, a parte basal porém é sempre maior do que o declive e sem protuberancias notaveis; é emarginado ou sinuado sómente no bordo anterior da parte basal.

10. Todas as estrias dos elytres, terminam, na base, n'uma fossula, excepto as duas exteriores de cada elytro.

9.ª SECÇÃO ANAGLYPTISUS.

10.10. As estrias dos elytros não desembocam, na base, n'uma fossula ou aquella é bem pouco vistosa:

10.ª SECÇÃO INHIATUS.

5 5. Prothorax, em ambos os sexos, convexo ou quasi convexo. Armadura da cabeça, do ♂ e da ♀, um cornicolo fraco ou uma giba fraca, situado diante ou quasi entre os olhos. Aqui attinentes as especies mais simples e menores: O tronco do genero:

11.ª SECÇÃO SEMIAENEUS.

1.ª Secção Carolinus.

Distingue se pelas estrias dos elytros, das quaes algumas, em geral tres e, quando muito, cinco, se alargam e aprofundam, em forma de sulco, de cada lado da sutura de traz, quasi um e 1/3 do seu comprimento: reverte-as como que sendo um feltro pardacento ou cinzento. Aliás são os elytros pontuado—estriados. Cabeça não prolongada em forma de triangulo, só na ♀ della se aproximando. Clypeo simples, rugado transversalmente, na margem anterior, quando muito, fracamente emarginado e só no *imitator* com dentinhos indistinctos. Armadura da cabeça em forma de giba ou carena transversal: no ♂, (com excepção de *imitator*) em que está situado quasi á altura dos angulos anteriores das genas; na ♀ rente diante dos olhos. Angulos posteriores das genas arredondadas. Prothorax, na frente, com declive, que é

mais baixo do que a parte basal, comprido, no meio sem saliencias evidentes; parte basal á frente arredondada, espichada para a frente, no meio emarginada ou simples; lateralmente com pellos curtos, sulco mediano fracamente desenvolvido. Esporão final das tibias trazeiras emarginado. Preto, raramente pardo. Em geral brilhante. De tamanho medio, por vezes mesmo grande, so em um caso *(imitator)* de dimensão pequena. Na forma do thorax, faz lembrar a Secção *Crinicollis* e *Nisus*; a estructura geral é muito uniforme.

Chave para as especies.

1. Armadura da cabeça consistindo sómente de uma protuberancia. 3.

2.— da cabeça consistindo em duas protuberancias, uma atras da outra; a posterior, mais alta, em quilha transversa, curta, emarginada, ficando atras a outra, menor, mais em forma de giba, adeante do meio do clypeo. Mexico:

1ª carolinus L. var. colonicus Say ♂ (BITUBERCULATUS HAR.)

Diz-se que a ♀ não se pode distinguir da ♀ de *carolinus* typo.

3. Estria sete dos elytros distinctamente depressa e pontuada. Clypeo não dentado, quando muito, um pouco emarginado. Comprimento pelo menos 20 mm. 5.

4.— sete dos elytros consiste sómente em pontos, não aprofundado. Clypeo com dois dentes muito obtusos, quasi nada separados, um pouco levantados. (♀ desconhecida). 15 mm. Pará:

4. IMITATOR FELSCHE ♂.

5. Fossa coxal limitada interiormente por um canto comprido, cortante, mais ou menos emarginado ao meio. 8.

6. coxal ahi com giba arredondada (♀) ou (em cima cortante) (♂). 12.

7. coxal ahi sem giba ou canto. Armadura da cabeça é uma giba pequena, transversa, conica: carolinus ♀.

8. Armadura da cabeça em forma de giba. 10.

9. — da cabeça é uma quilha transversa, encima, nos angulos, fracamente dentada, 25 a 30 mm. Guyanas, Venezuela :

2. coenosus Er. ♂ (=COLONICUS HAR.=EREMITA HAR.).

10. Canto das fossas coxaes fracamente omarginado apenas. Giba da cabeça variavel : Em cima obtusa, troncada, ou um pouco alargada e emarginada. Estria marginal do pygidio (segundo os nossos dois exemplares) um pouco abbreviada. 20 a 30 mm. America do Norte e Central (Panamá) :

1. carolinus L. ♂.

11. — das fossas coxaes fortemente emarginado na parte superior, formando assim uma giba distincta acima da fossa, como tambem por baixo. Giba da cabeça estreita, em cima fortemente bisupide ; por dentro, junto ao olho, uma pequena giba aguda ; angulos anteriores das genas proeminentes. Fortemente brilhante. No resto semelhante a *carolinus*. Um exemplar na collecção de Dr. Ohaus. Guatemala : *carolinus* L. ♂, var.?

12. Armadura da cabeça quilha larga, cortante, recta, em geral fortemente emarginada pela parte superior. 14.

13. — da cabeça uma giba conica, mais ou menos transversal, em cima emarginada ou troncada : *coenosus* ♀.

Um exemplar de Columbia (recebido de Rolle, Berlim) revela, em lugar de giba, um chifre forte, conico, baixo, obtuso.

14. Fossa coxal, por dentro, com giba curta, cortante ou dobra aguda, não se prolongando acima da fossa. Brasil, Equador, Columbia, (Fig. 1) :

3. LONGICEPS TASCHBG. ♂.

15. — coxal com giba redonda : *longiceps* ♀.

PINOTUS LONGICEPS TASCHBG.

Longiceps Taschb. Zeitsch gesammt. Naturwiss. XXXV, 1870, p. 180 ♀. — Col. Cat. 1911, p. 61.

Roberti Arrow, Proc. Zool. Soc. Lond. 1903 (1904) p. 250. ♂ ♀. — Gillet, Ann. Soc Ent. Belg., LV, 1911, p. 319. — Col. Cat. 1911, pg. 61.

Distribuição: Brazil (Pará, Matto Grosso, São Paulo); Equador, Colombia.

Mus. Paulista: Municipio de Serra Negra, Avanhandava, Franca (Estado de S. Paulo). — Coll. Melzer: Campinas (Estado de S. Paulo) — Coll. Ohaus: Estado de Matto Grosso. — 2 ♂♂, 8 ♀♀ Em esterco de vacca IX. I. (*).

Long: 27 — 33 mm. Brilhante, preto, pellos avermelhados, clava mais clara. Clypeo fracamente emarginado. Angulos anteriores das genas em geral salientes, com ponta evidente. Armadura de cabeça uma carina transversal, cortante, recta, bastante alta, em cima emarginada. Prothorax, nos angulos anteriores, espichado para a frente, porem arredondado; angulos posteriores (visto sempre de traz) em geral distinctos, lobo mediano da parte basal, no meio, visivelmente encolhidos; sulco mediano chato, parte basal com pontos esparsos e bastante grossos, lados mais grossos; declive com rugas escamoso-transversaes. — Elytros com estrias fortes; estrias com pontos distinctos, um pouco transversaes; algumas dellas, na base, aprofundadas em forma de covinha; interstícios lisos ou com parcos finos pontos. Estria marginal do pygidio posteriormente abreviada.

♂: Carina da cabeça mais alta, em cima fortemente emarginada, os angulos agudos. Clypeo, na margem anterior, arredondado. As estrias tomentosas dos elytros mais estreitas. Gibas da fossa coxal uma dobra recta, quasi aguda.

♀. Carina da cabeça mais baixa, em cima fracamente emarginada. Clypeo approximando-se da forma triangular. Estrias tomentosas dos elytros mais largas. Giba da fossa coxal arredondada.

Forma ou var. a. Menor do que o typo e muito menos brilhante. Angulos anteriores das genas nada ou, quando muito, fracamente salientes. Carina da cabeça da ♀ em cima apenas emarginada, os angulos totalmente arredondados; a dos ♂♂ antes bigibosa do que bidentada e visivelmente posta mais para traz.

Mus. Paul.: Pará 1 ♂, Franca, (Est. de S. Paulo) 1 ♂, 1 ♀ V.

(*) Os algarismos romanos indicam o mez, em que foram apanhados os bezouros.

PINOTUS IMITATOR FELSCHE.

Felsche, Deutsch. Ent. Zeitschr. 1901, p. 156.— Col. Cat. 1911, p. 61.

A diagnose original traduzida diz: «Esta especie assemelha-se a um muito pequeno *P. carolinus* ♀. O animal inteiro de um preto brilhante, tambem os pellos; clava de um amarello claro. Cabeça formada como em *P. carolinus*, relativamente um tanto mais larga, mas á frente munida de dois dentes muito embotados, mal separados, um pouco levantados; com rugas espessas; na testa, deante dos olhos, uma giba forte, embotada; um pouco atraz della, de cada lado, ainda um pequeno nodo mal visivel. Thorax marginado á frente, atraz dos olhos, sinuado; angulos anteriores moderadamente agudos; lados fortemente margeados, angulos posteriores indicados; margem posterior arredondada no meio quasi não angulada; disco com pontos finos, lados gradativamente pontuados mais espessa—e grossamente. Elytros com sete estrias, as primeiras em forma de puros sulcos, no meio com feltro no fundo, como no *P. carolinus*, 5 e 6 ainda bastante profundas, com pontos mal definidos, o setimo só uma serie de pontos, intersticios fortemente abaulados, espessamente pontuados. Pygidio abaulado, na base com pontos finos e bastante espessos. Comprimento 15 mm. — Pará.

«Embora um exemplar mostre, com dimensões eguaes, os dentes do clypeo um pouco menos pronunciados, suppõe-se que seja tambem um ♂, sendo os esporões das pernas anteriores e posteriores formadas como nos outros.»

2.ª Secção Nutans.

Intermediario entre a Secção *Carolinus* a *Buqueti*.

Estrias interiores dos elytros tomentosos, como no *carolinus*, mas a cabeça, como Buqueti, comprida, e de forma triangular. Declive do prothorax excavado, parte basal com sulco longitudinal profundo. Pygidio com pontas finas. Corno da cabeça do ♂ comprido, agudo, recurvado para traz; carina do clypeo da ♀ obtuso-bigibosa. No resto semelhante a *Buqueti*, mas um pouco menor, cr. 28-35 mm.

Uma especie apenas do Uruguay e Argentina: *nutans*. Har ♂ ♀.

3.ª Secção Buqueti.

O caracteristico principal reside na forma triangular da cabeça, ao menos no ♂, que ás vezes a tem extranhamente prolongada, como p. ex. no *Buqueti*. Clypeo, na ponta, quando muito, fracamente emarginado, com rugas transversaes. Armadura da cabeça, do ♂, entre os olhos ou rente deante delles, consistindo n'um corno mais comprido mediano, em geral laminiforme e de um curto espinho ou dente, em cada lado de sua base; a da ♀ (segundo consta) na margem posterior do clypeo, transversal, trez ou quatro—gibosa. Thorax do ♂ forte—ou muito fortemente, o da ♀, como sempre, mais fracamente em declive; parte basal sem proeminencias evidentes. Côr em geral preta, raramente parda. Estrias dos elytros rasas, com pontos finos. Esporão final das tibias trazeiras, quasi sempre emarginado. Tamanho regular, ás vezes grande.

De quatro especies ainda não se conhece a ♀, mas provavelmente será possivel determinal-as conforme a tabella seguinte, sendo ali postos em primeiro logar os caracteres geraes (brilho, esculpturas).

Chave para as especies.

1 Elytros não irisados de azul. 3.

2 — Fortemente irisados de azul. Clypeo extremamente prolongado — triangular. Tamanho grande. Brasil. (Fig. 2, 3, 4):

1. Buqueti Luc. ♂♀.

3 Elytros inteiramente opacos ou só um pouco brilhantes, em virtude da esculptura quasi microscopica, em forma de pontos bem cerrados, 6.

4 — Fortemente brilhantes, com estrias distinctas. Armadura da cabeça do ♂ um chifre successivamente acuminado, em cima inclinado um pouco para a frente; cabeça curto-triangular. A ♀ bem differente na formação da cabeça: Clypeo simplesmente arredondado, um pouco emarginado á frente. De tamanho mediocre. Sul do Brasil (Fig. 5, 6, 7, 27):

4. Quadrinodosus Felsche, ♂♀.

5 — Um pouco brilhantes só, porém a sutura e os lados com brilho forte; fracamente pontuado — estriados. Os intersticios, observado com lente fraca, são occupados por depressões bem raras, exquisitas, irregulares e bastante cerradas, em forma de manchas esculpidas um pouco mais fortemente. ♂: Armadura da cabeça: Um chifre por baixo alargado, em cima bruscamente estreitado e arqueado para a frente, quasi em fórma de joelho; a parte inferior lamelliforme, mostrando uma excavação grande, bastante funda, esculpida quasi como o clypeo. Clypeo prolongado-triangular, menos porém do que em *Buqueti*. Prothorax pontuado tambem na excavação do declive. De tamanho mediocre. (♀ desconhecida). Argentina (Fig. 8, 9, 48):

2. HAROLDI Waterh. ♂. (1.)

6 Intersticios dos elytros lisos, fóra da escultura muito fina, em cima mencionada. Cabeça do ♂ curto-triangular. 8'.

7 — dos mesmos com pontos rasos, rugosos; elytros pouco brilhantes, Cabeça fortemente parabolica. Chifre levantado, em fórma de chapa, curvado até a ponta, que forma um denticulo triangular e obtuso. Parte basal do prothoráx, em frente, trisinuada, na parte diante fracamente aprofundada, com sulco longitudinal, raso, até o bordo posterior. Disco com pontos rugosos, 14 mm. (♀ desconhecida). Argentina:

6. Verticalis Felsche, ♂.

8 — As estrias dos elytros são, é verdade, pontuadas, fina—porém distinctamente. A cabeça posteriormente com cova grande, arredondada, rasa, quasi lisa, limitada anteriormente, de cada lado, por um dente forte e prolongada posteriormente, em um chifre esbelto, laminiforme, gradualmente acuminado, em cima inclinado para diante, bem fracamente. Declive com excavação rasa, lisa, mais do que duas vezes tão alto, quanto mede o cumprimento da parte basal no meio. Parte basal, no bordo anterior, no meio, fortemente emarginada e por isto muito curta. 28 mm. ♂ (desconhecida). Cayenne. (Fig. 10):

3. HORRIDUS Felsche, ♂.

(1.) Para as especies extrabrasileiras, marcadas com *, comparar as notas mais adeante.

9 — dos mesmos com pontos apenas perceptiveis. Cabeça, posteriormente, com duas gibas; entre ellas eleva-se a testa em forma de chapa triangular, estreitando-se n'um chifre, cuja extremidade está recurvada um pouco para adeante. Declive do prothorax com cova oval, prolongando-se para traz até o bordo, em forma de sulco. 23 mm. (♀ desconhecida) Colombia:

7. Reclinatus Felsche ♂.

PINOTUS BUQUETI LUC. (Fig. 2, 3, 4).

Luc. Voy. Castelnau, Col. 1857, pag. 105. — Har. Abeille, VI, 1869, p. 125. — Col. Catal. 1911, p. 60.

Distrib.: Brazil meridional.

Mus. Paulista: Passa Quatro (Minas), 3 ♂♂, 1 ♀. I, III,IX.

Compr.: 32 a 35 mm. Brilhante; elytros sedoso-opacos, com forte brilho azul. Preto. Pellos pardos ou ruivos, clava pardo-amarellada. Cabeça, no ♂ e ♀, prolongada-triangular, em geral com rugas transversaes; clypeo simples ou fracamente emarginado, lados quasi rectos; genas salientes nos angulos anteriores, como pequeno dente curto, nos angulos posteriores fortemente arredondadas, na margem anterior separadas do clypeo por sulco raso. Thorax, nos angulos anteriores arredondado, angulos marcados, posteriores pronunciados; margem posterior, no meio, angulado; na frente com forte declive, este no maximo, do mesmo comprimento, como a parte basal no meio; a ultima, na margem anterior, duas vezes fracamente sinuada, o lobo mediano pequeno, emarginado; o disco evidente e bastante espessamente pontuado, os lados com rugas espessas e grossas; declive com rugas escamoso-transversaes mais finas, sulco mediano forte, para traz um pouco abreviado. Elytros com estrias muito finas; estrias com pontos pequenos, a maior parte na base aprofundadas em forma de covinha, intersticios com pontos dispersos muito finos. Pygidio pontuado; estria marginal de traz fortemente abreviada. Metasterno lateralmente

SciELO

pontuado espessamente e pelludo (como na maioria das especies), no meio bastante liso, com sulco longitudinal e uma escudela pequena, mas bastante profunda na parte detraz. Segmentos abdominaes, tambem na margem anterior terminal, lisos. Esporão, das tibias trazeiras emarginado.

♂. Armadura da cabeça bastante lisa, consistindo em dois espinhos curtos, grossos e apontados e de um corno mais alto, que se acha na parte de traz; o ultimo laminiforme, largo, superiormente acuminado espiniforme, mais curto ou mais comprido e inclinado para a frente. Declive do prothorax mais alto.

♀: Armadura da cabeça consistente de tres gibas, a do meio quadrangular, transversal, emcima troncada ou mais ou menos emarginada. Declive do prothorax mais baixo.

Variação: Um ex., ♀, Coll. Ohaus, de Petropolis, realça-se pela pequenez, só tem 25 mm., e o colorido pardo dos elytros, de brilho azul fraco.

Reparos a PINOTUS HAROLDI *Wat.* (Fig. 8, 9, 48).

Dois ♂♂ do Chaco do Santiago (Argent.) e La Maya (Coll. Ohaus):

Clypeo troncado ou muito fracamente emarginado. Angulos posteriores das genas arredondados, anteriores marcados. Corno do exemplar menor, sem ponta curvada. Cova do prothorax escassamente coberto de pontos um pouco prolongados, bem como a parte anterior do corno. Esculptura do prothorax mais forte no ♂ menor, do que no grande. Angulos anteriores do prothorax arredondados, angulos posteriores marcados, margem posterior, no meio, angulado. Parte basal, no meio, um pouco mais curta, do que o declive alto. Elytros, nos intersticios, microscopica—e espessamente esculpidos; os pontos maiores, em forma de manchas, finamente listrados, bastante abundantes, muito chatos e esbatidos. Metasterno no meio liso, com sulco longitudinal, e, atraz, com uma cova grande, chata. Estria marginal do pygidio abreviada.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Esporão final das tibias trazeiras, emarginado. Compr. 18 a 20 mm. Pellos pardos escuros. No resto concorda com a descripção original. XII.

♂♂ mais fracos, com pouco desenvolvimento do corno, podem-se sempre distinguil-os de *horridus*, pela depressão esculpida no corno, que nelle é lisa.

Reparos relativos a PINOTUS HORRIDUS *Felsche*.
(Fig. 10).

Um ♂ de Bucay (Equador) 300 m. (Coll. Ohaus) mostra as seguintes aberrações: O clypeo, é verdade, está na ponta um pouco elevado, mas não de modo algum «em forma de bico». Os dois espinhos, perto da cova da cabeça, não estão lateralmente comprimidos. Elytros não brilhantes, mas bastante opacos; estrias rasas, mas bem evidentes, pontuadas finamente.

Outras observações: A cova redonda occupa quasi a metade posterior do clypeo, os dois espinhos lateraes estão um pouco atraz do meio das carinas das genas. O corno termina em sua face anterior quasi na margem dos olhos. Clypeo curto-triangular, muito fracamente emarginado. Altura do declive quasi o dobro do comprimento da parte basal no meio. Angulos posteriores do prothorax marcados. Estria marginal do pygidio não abreviada. Esporão final das tibias trazeiras emarginado. Compr.: 23 mm. VII.

PINOTUS QUADRINODOSUS Felsche.
(Fig. 5, 6, 7, 27).

Felsche, Deut. Ent. Zeitschr. 1901, p. 143 ♀; 1911, p. 136 ♂. — Col. Cat. 1911, p. 62.

Distr.: Brasil meridional.

Mus. Paul.: Est, de St. Catharina, 1 ♂, Esp. Santo, 3 ♀♀ (de Staudinger). — Coll. Melzer: Joinville (St. Cath.) 1 ♂ — Coll. Ohaus: C. S. Leopoldina (Esp. Santo) 1 ♂, Paraná, 1 ♀.

Compr.: 21 a 25 mm. Brilhante. Preto, clava parda, pellos ferruginosos. Genas na frente não marcadas, sua margem anterior com carina fina, acentuada; angulos posteriores arredondados. Prothorax atraz,

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

no meio, angulado, angulos anteriores obtusos, os posteriores arredondados. Elytros com estrias rasas; estrias pontuadas visivelmente, intersticios com pontos finos, esparsos. Pygidio distinctamente pontuado, estria marginal não abreviada. Metasterno bastante liso, com sulco longitudinal e atraz aprofundado em forma de escudela. Segmentos abdominaes, na margem anterior, cobertos com uma serie de pontos ocellados, revestidos de pellos. Esporão final das tibias trazeiras emarginado.

♂: Cabeça curto-triangular, clypeo, na ponta, um tanto puxado para a frente, levemente elevado para cima e fracamente emarginado (segundo Felsche, na ponta troncada e levemente curvado para cima, em forma de bico); de cada lado, logo atraz da ponta, um pouco sinuado. Armadura da cabeça, um corno comprido, laminiforme, lanceolar, gradativamente obtuso-acuminado, emcima um pouco recurvado para a frente e na frente mais ou menos pontuada, em cuja base, de cada lado, se acha um pequeno dente curto. Declive do prothorax muito alto, no meio com uma depressão profunda, arredondada; excavação quasi lisa, indo quasi rente até a margem posterior; parte basal, no meio, com pontos muito finos e distantes, nos lados e na margem posterior, com pontos mais grossos e mais juntos.

♀ Cabeça, até os angulos posteriores das genas, arredondada bastante uniforme. Clypeo fracamente emarginado (apenas dentado). Armadura da cabeça situada na margem posterior do clypeo, transversal, consistente de tres gibas nos exemplares robustos, das quaes a do meio é maior e mais alta, sendo em cima simples ou emargeada, ou (ex. mais fracos) consistente de quatro gibas quasi do mesmo tamanho. Prothorax semelhante a do ♂, só a escudela muito menor e portanto, não alcançando nem de longe a margem posterior; tambem pontuado no declive e na escudela.

4.ª Secção Bitiensis. (Fig. 61).

Cabeça, como na secção precedente, pronunciadamente triangular. Armadura da cabeça carina transversal, recta, pouco saliente, muito larga, indo quasi de olho a olho, (distinguindo-se assim claramente das

♀♀ das especies de quasi o mesmo tamanho da Secção *Semiaeneus*, cuja forma da cabeça se approxima, ao menos em parte, tambem á forma triangular). Clypeo á frente simples. Articulos da clava fortemente prolongados, amarellos. Parte basal do prothorax, na frente, trilobada, lobo mediano dividido ; disco liso ou pontuado, com sulco longitudinal. Brilhante. Preto. 11 a 15 mm.

Só se conhece uma especie da Argentina:

bitiensis Gill.

Gillet não diz na sua descripção, si se trata de ♂ ou ♀. No unico exemplar de nossa collecção, a cabeça pouco se prolonga; genas atraz arredondadas, á frente mal marcadas, separadas do clypeo por fina sutura. Carina frontal com cantos cortantes, rente diante dos olhos, occupando ali a maior parte da largura da cabeça e as extremidades prolongadas um pouco para traz. Angulos anteriores do prothorax obtuso-agudos, os posteriores distinctos, margem posterior arredondada ; declive com finas rugas escamosas, transversaes. Esporão final das tibias trazeiras embotado. Estria marginal do pygidio muito fortemente abreviado.

5.ª Secção — Boreus.

Tamanho medio. Brilho forte. Em geral preto. Pellos ruivos. Cabeça arredondada. Clypeo fracamente emarginado, com fortes rugas transversaes ; angulos posteriores das genas fortemente arredondados. Armadura é no ♂ e ♀ consistente de duas proeminencias, uma após a outra : Clypeo com carina transversal ou duas gibas e entre os olhos de uma até tres gibas. Prothorax com forte declive, declive de cada lado com cova profunda, redonda, no ♂ da mesma altura ou um pouco mais alta do que o comprimento da parte basal no meio, na ♀ um pouco mais baixa ; angulos anteriores com ponta pelo menos indicada, os posteriores distinctos, margem posterior, no meio, angulosa ; parte basal, no meio, da margem anterior, com duas gibas fortes, divergentes, que sobresahem, mais ou menos, para a frente, e como o declive, lisa ou fracamente pontuada. Elytros estriado-pon-

tuados, estrias rasas, mas fortes. Pygidio pontuado, estria marginal não abreviada. Esporão final das tibias trazeiras emarginado. Metasterno, de dois lados, fortemente pontuado e pelludo, no meio liso, com forte sulco longitudinal, atraz sem escudela.

A diagnose de *P. Telamon* Harold é muito resumida, de modo que não se pode distinguir essa especie de *Podalirius*; por isso as indicações vem incompletas na chave.

Chave para as especies.

1. Carina transversal, em frente no clypeo, muito mais estreita, do que a distancia entre os olhos. 3.

2. — ahi sómente um pouco mais estreita, do que a distancia entre os olhos, estendendo-se quasi de sulco a sulco das genas. (♁ desconhecida). Norte do Brasil:

2. CARINATUS LUEDERW. ♂.

3. As duas gibas medianas do prothorax, na ponta, simplesmente obtuso-acuminadas. 5.

4. — duas gibas medianas do mesmo, na ponta, fortemente troncadas e fortemente emarginadas no ♂ ou fracamente emarginadas na ♀. Estria marginal no bordo anterior do prothorax, no meio, formando uma figura grande, accentuada bastante triangular. ♂: Clypeo com giba transversal, curta, bicuspide, bem approximada do bordo anterior. ♁: Clypeo com quilha transversal, larga, baixa, bicuspide, brevemente atras dos angulos anteriores das gennas. 24-27 mm. Cayenna, Surinam. (Fig. 14):

1. Boreus Ol. ♂♀. *

5. Genas, na parte de diante, não angulosas. Declive abruptamente inclinado. (♂ desconhecido). Brasil, Guyana:

3. TELAMON HAR. ♀.

6. — nos angulos anteriores, com denticulo erecto. Declive, de dois lados, com cova funda, arredondada. Equador. (Fig. 15):

4. Podalirius Felsche ♂♀. *

Nota a PINOTUS BOREUS Ol. (Fig. 14).

A ♀, que estampa Olivier, Ent. vol. 7, estampa XIII, fig. 123, pertence a outra especie, mostrando a parte basal do prothorax distinctamente um grande lobo mediano, arredondado, ao passo que o ♂, na estampa XXIV, fig. 123, se pode muito bem reconhecer. Segundo Olivier, B. I. p. 107, a ♀ só differe pelos cornos menos marcados. Em nossa unica ♀ estão os cornos do prothorax encurtados muito mais obliquamente, do que no ♂, mas na ponta apenas emarginados. A carina transversal do clypeo está quasi a altura dos angulos anteriores das genas e muito mais proxima dos olhos, do que da margem anterior. No ♂, entretanto, acha-se a giba transversal mais perto a margem anterior, portanto deante dos angulos anteriores das genas. No resto concordam ambos os sexos.

Outras observações: O clypeo está em nossos tres exemplares só muito fracamente emarginado. Thorax em geral com pontos finos, distantes; as duas covas profundas no declive lisas; angulos posteriores indicados. Clypeo com rugas transversas. Estrias dos elytros distictamente pontuadas, os pontos tocam os intersticios ou são mesmo transversaes; intersticios lisos.

PINOTUS CARINATUS Luederw.

Luederw. Bolet. Museu Nacional Rio, vol. II, 1925. p. 1. (Separado).

Procedencia: Pará. Fr. Queiroz Lima leg. 1922, e Manáos (Amaz.). 2 exemplares no Museu Paulista.

♂: Como *P. Podalirius*, mas differente no seguinte: Carina transversal do clypeo, terminando, á frente, com os angulos anteriores das genas e portando situada quasi no meio entre o olho e a margem anterior, muito larga, indo quasi de um a outro sulco das genas, seus espinhos laterаes muito fortes, embotados, em o exemplar mais robusto recurvados para dentro, em forma de corno. Entre os olhos uma carina trasnversal, acima arredondada, com um pequeno corno ao meio. Angulos anteriores do prothorax distinctamente apontados (em *Podalirius* fortemente arredondados).

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Côr preta. O resto corresponde á diagnose da secção. Compr. : 22 a 23 mm.

No exemplar maior de Manáos, presente do snr. Julio Melzer, as duas gibas do prothorax são analogas ás da ♀ do *Boreus*, por fóra obliquamente encortadas e fracamente emarginadas. O denticulo erecto, nos angulos anteriores das genas, falta em ambos os exemplares.

PINOTUS TELAMON Har.

Harold. Abeille, VI, 1869, p. 128.—Col. Hefte V, 1869, p. 60 (nota).—Col. Cat. 1911, p. 62.
Distrib. : Brasil, Guyana.
Museu Paulista: Coll. Ohaus 1 ex. sem habitat.

A traducção da diagnose de Harold diz-nos: «Visinho de *Boreus*, mas menor ; brilhante, preto de azeviche. Carina transversal anterior da cabeça curta, dentada de ambos os lados. Atraz no meio da sutura frontal gibosa. Thorax liso, na frente com declive com 4 gibas; as gibas no meio fortes, aproximadas, separadas por um sulco. Elytros estriado-pontuados ; interstícios lisos levemente convexos. Genas, na frente, não anguladas. Compr. 20 mm.

«Esta especie, que podia bem passar pelo ♀ de *Boreus*, é muito menor do que aquella. O pequeno corno marginal, que se observa em *Boreus*, é substituido por uma carina transversal, com dois dentes, que está mais proxima do meio da cabeça. Lobo mediano do prothorax simplesmente bidentado ; genas arredondadas na frente, ao passo que formam em *Boreus* pequeno, mas bem marcado angulo, Du Bresil».

Nota a PINOTUS PODALIRIUS Ol. (Fig. 15).

A carina transversal do clypeo, está situada em um ♂ e uma ♀, que estão a minha disposição, atraz dos angulos anteriores das genas ; acha-se portanto

mais proxima dos olhos, do que da margem anterior e é apenas um pouco mais comprida, que o maior diametro dos olhos. O denticulo erecto, nos angulos anteriores das genas, falta. A cova arredondada e profunda em ambos os lados do declive, não está junto das fossas coxaes, mas entre o lobo mediano e exterior. Um ♂, do qual já haviam arrancado o penis, trouxe-o o sr. Garbe, nosso viajante, em 1921, do Amazonas, como presente do sr. Dr. Constantino Pasterin, mas é duvidoso se foi, de facto, apanhado ali ou se é originario do Equador. — Compr.: 20 a 23 mm.

6.ª Secção — Mormon.

Bem caracterisada pela posição differente da armadura da cabeça, que não consiste, como na secção *Boreus*, em duas elevações, que se acham uma após a outra, mas somente em uma. No ♂ em geral bem proxima da margem anterior do clypeo, na ♀ atraz no clypeo. Armadura curta, só em poucos casos vê-se o corno do ♂ prolongado, principalmente no *diabolicus*. Clypeo simples, fracamente emarginado ou, ás vezes, munidos de dois dentes minusculos. Prothorax, no ♂, com muito forte declive, declive em geral muito maior, do que a parte basal, margem anterior da parte basal em geral armada de modo differente; na ♀ é o declive muito mais baixo e a armadura da parte basal em geral pouco distincta ou, ao menos, mais fraca do que no ♂. Elytros geralmente pontuado-estriados, muitas vezes só muito finamente. Esporão final das tibias trazeiras, talvez salvo uma exepção, (*Pin.* Achamas), emarginado. Tamanho médio até grande. Preto, mas raramente pardo. Lado superior de apagado até fortemente brilhante.

Chave para as especies.

1. Prothorax lobado lateralmente adiante do meio. Lado superior quasi inteiramente opaco. Elytros pontuado-estriados finissimamente. 3.

2. — ahi não lobado. 5.

5. Prothorax com esculptura fortemente rugosa, no disco finissima ou mais grossa. Parte basal curta. Intersticios dos elytros, á base, com pequena giba brilhante. ♂ : Prothorax á frente da parte basal, com protuberancia em forma de ×. Declividade, de dois lados, com uma depressão funda, brilhante, lisa. Chifre comprido, acuminado, recurvado um pouco para traz. ♀ : Prothorax, ao bordo anterior da parte basal, com tres gibas, destacando se a mediana bastante fortemente, em forma de cone. Cabeça anteriormente com giba pouco vistosa. 18 a 20 mm. Perú, Columbia, Bolivia. (Fig. 16, 17):

17. diabolicus Har. ♂ ♀. *

4. — quasi inteiramente liso, prolongado no disco n'uma protuberancia um pouco horizontal, bastante espessa, parallela em direcção á ponta ; esta troncada. Chifre bastante robusto, recto, troncado. Compr. cerca de 23 mm. (♀ desconhecida). Perú :

18 : bicornis Waterh. ♂.

5. Clypeo lateralmente arredondado. 7.

6. — quadrilobado, diante de dois lados bem fortemente obtuso-angular com emarginatura distincta. Genas lateralmente troncadas. Estrias dos elytros não pontuadas, intersticios lisos. Prothorax, em frente, fortemente em declive ; parte basal ao bordo anterior obtuso-bilobada, densamente pontuada no meio. Corpo, no lado superior, brilhante. Chifre do ♂ recto, alongado, troncado. (A diagnose da ♀ de Blanchard, Voy. d'Orbigny, Col. 1843, p. 177, não a conheço). 22 mm. Bolivia, Argentina :

7. triangulariseps Blanch. ♂ (= ANDICOLA HAR. = ARICIUS BLANCH).

7. Genas, exteriormente, no meio, com saliencia aguda ou, pelo menos, pronunciadamente angulosas. 9.

8. — ahi arredondadas. 11.

9. Angulos anteriores do prothorax agudos. Brasil. (Fig. 18, 19):

20. MORMON LJGH. ♂ ♀.

10. — anteriores totalmente arredondados, Brasil. (Fig. 20):

1. AGESILAUS WATERH. ♂ ♀.

11. Esporão terminal das tibias posteriores distinctamente emarginado. 13.

12. — terminal não emarginado. Insecto de tamanho grande. Elytros um ponco brilhantes, bem finamente estriados, intersticios com pontos finos. Prothorax, á parte basal, pelo menos no disco, grossamente rugoso-granulado. ♂: Prothorax com lobo mediano largo-triangular, troncado e emarginado na extremidade; debaixo, na declividade lisa, tem uma chapa grande, cordiforme, grossamente rugosa, com limites assentuados. Corno bem forte, acuminado, com excepção da ponta grossa-rugosa. ♀: Prothorax com protuberancia quadrangular, ao fim não emarginado, por baixo d'esta uma cova grande, funda, brilhante. Cabeça com giba pequena directamente adiante dos olhos. Comprimento 30 a 31 mm. Columbia. (Fig. 21).

19. Achamas Har. ♂♀.

13. Parte basal lisa ou com pontos finos ou grossos, lateralmente mais fortes. Cabeça interiormente junto ao olho, no ♂ e ♀, com pequena giba distincta (marcando o limite entre o clypeo e a fronte). Lado superior do corpo brilhante. 15.

14. — basal, superiormente, nem pontuada, nem lisa, com escultura rugosa, porem um pouco granulosa, mais fina ou mais grossa, tambem na declividade. A fronte, de parte de dentro, junto ao olho, sem giba pequena. O lado superior, sómente pouco, brilhante, mais raramente opaco; com brilho forte só no *quinquelobatus*. 23.

15. Parte basal do protorax, como tambem os intersticios dos elytros, inteiramente ou na parte maior, lisa ou occupada por pontos finos. Genas anteriormente não marcadas. Corno do ♂ curto, tão comprido quanto alto, lamelliforme, em cima arredondado ou um pouco troncado. Angulos anteriores do prothorax arredondados, parte basal do ♂ puxada para diante largo-lobada. 17.

16. — basal do mesmo com pontuação grossa e serrada. Intersticios dos elytros, com pontos bem

distinctos e bastante cerrados. Genas anteriormente mais ou menos marcadas. Corno do ♂ e da ♀ quasi sempre transversal, baixo, lamelliforme, em cima geralmente emarginado. Angulos anteriores do prothorax obtusos, porem distinctamente marcados. 19.

17. — Fossa coxal isolada. Parte basal do prothorax, no bordo anterior, accentuadamente limitada no lobo mediano eò. Declividade com rugas transversas, bastante grossas. ♂ : Prothorax fortemente em declive, declividade no meio fracamente impressa, lobo mediano com emarginatura forte. Entre a fossa coxal e o lobo mediano, uma cova, em geral um pouco alongada. ♀ : Prothorax em frente obtuso, de cada lado com cova, protuberancia, no meio, puxada para diante, emarginada. Corno curto, acuminado. Cr. de 17 a 23 mm. Bolivia. (Fig. 22):

5. *conicollis* Blanch. ♂ ♀ (= Talaus Er.).

18. — coxal não é isolada, e sim ajuntada, com com uma cova grande, de dois lados na declividade. Parte basal do prothorax, no bordo anterior inteiro, assentuadamente limitada até as covas coxaes; no meio largamente puxada para diante, em forma de lobo, lobo um pouco arredondado, no meio, com pequena emarginatura ; bordo anterior, acima da cova coxal, com angulo forte. Declividade alta, mais pontuada, que rugosa, de dois lados com cova funda, alongada, 17 a 18 mm. (♀ desconhecida). Equador. Fig. 23):

6. Ohausi Luederw. ♂.

Luederw. Separata do Mus. Paul. 1923, p. 6.

19. Pellos, nos bordos lateraes do prothorax, da côr claro-ferruginea. 21.

20. — dos mesmos pretos ou pardo-escuros. Lobo mediano do prothorax, em ambos os sexos, meio redondo. Brasil, Guyana, Paraguay. (Fig. 25).

4. DEPRESSICOLLIS HAR. ♂♀.

21. Lobo mediano da parte basal, no meio, com emarginatura pequena, de dois lados fortemente sinuado. Elytros mais ou menos irisados de azul (♀ desconhecida). Brasil (Fig. 26).

2. ZIKANI LUEDERW.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

22. — mediano no meio, apenas emarginado, lateralmente sem sinuosidade, porem recto ou quasi recto. Elytros não irisados de azul. Brasil. (Fig. 24).

3. MELZERI LUEDERW. ♂♀.

23. ♂. Corno, ao borno anterior do clypeo, mais ou menos approximado, mais comprido do que largo, lamelliforme, por cima arredondado ou um pouco troncado Declividade do prothorax muito grande, bastante plana. 25.

24. ♀. Giba da cabeça entre os olhos ou um pouco adiante, curta, conica, em geral aguda. Declividade muito mais baixa do que no ♂. 41.

25. Parte basal do prothorax puxada para a frente largo-lobiforme. 27.

26. — basal reduzida num bordo estreito posterior, com dente, espinho ou giba mais curto ou mais comprido, no meio da sua margem anterior e, com um ou dois dentes lateraes. 29.

27. Aquelle lobo em frente com emarginatura larga e bastante funda. Corno da cabeça, posteriormente na ponta, com pequena giba distincta ou, nos exemplares mal desenvolvidos, pelo menos distinctamente convexo. Prothorax, entre o lobo mediano e a fossa coxal, com sulco ou cova, faltando nos individuos fracos, ajuntando se porem, nos robustos, com a fossa coxal. Brilho fraco, raramente opaco. Compr. 17 a 23 mm. IX. X XII. Bolivia, Venezuela, Equador, Columbia. (Fig. 28).

14. protectus Har. ♂.

LUEDERW. SEPARATA DA REV. MUS. PAUL. 1923 P. 10 (P. PROTECTUS VAR. TRIDENTATUS LUEDERW).

Forma a. Entre os dois dentes do lobo mediano do pro-thorax um terceiro dente (= tridentatus).

Forma b. Elytros claro-pardos.

28. — lobo em frente troncado ou quando muito fracamente emarginado. Corno de cabeça atraz da ponta totalmente applanado. Prothorax sem cova ou sulco, porem com dente forte, interiormente junto a fossa coxal, Brilho fraco ou opaco. 21 mm. (♀ desconhecida). Bolivia. (Fig. 29):

13. planicolis Gill. ♂.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

29. Bordo anterior da parte basal do prothorax, interiormente junto as fossas coxaes, com giba ou dente e entre este e ao dente mediano, com um ou dois outros dentes. 31.

30. — anterior lateralmente com uma giba só (fóra do dente mediano). 33.

31. Dente mediano, no bordo anterior da parte basal, muito pouco visioso, giba lateral na ponta largamente troncada e mais ou menos emarginada, de maneira de que se formam de um dente, dois; o dente junto á cova coxal forte. Prothorax sem suleo no bordo posterior. Parte basal granulada-cerrada bastante finamente. Brilho forte. 22 mm. Equador. (Fig. 30, 58).

8. quinquelobatus Felsche, ♂.

32. — mediano ahi de tamanho grande (semelhante *Alyattes*); giba lateral muito pequena, a que está acima da fossa coxal forte, triangular. Prothorax com suleo parallelamente ao bordo posterior, porem bastante distante delle. Brilho fraco. Semelhante a *adrastus*, as ♀♀ quasi não se póde distinguir. 18 a 23 mm. Equador.

9. quinquedens Felsche, ♂.

33. Giba lateral situada no bordo anterior da parte basal, mais ou menos, no meio entre o dente mediano e a fossa coxal. 35.

34. — lateral situada por baixo, anteriormente, e ao pé da fossa coxal. Brilho fraco. 21 a 25 mm. Equador:

16. *Alyattes* Har. ♂ (ACUMINIGER Kirsch).

35. Fossa coxal prolongada em direcção ao dente lateral, em fórma de suleo ou aquelle suleo está separado da fossa coxal; faltando inteiramente nos individuos fracos. Dente mediano forte, moderadamente comprido. 37.

36. — coxal não prolongada, porém arredondada. 39.

37. Elytros de fraco brilho, intersticios distinctamente rugoso-pontuados, as estrias fortes. Aspecto robusto. 18 a 24 mm. Mexico, America Central, Columbia, Equador. (Fig. 31):

10. Satanas Har. ♂.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

38. — sómente com resplandor fraco, intersticios lisos (alem da esculptura quasi microscopica). Estrias finas, em relação ás de *Satanas*. Aspecto mais esbelto. 20 a 22 mm. (♀ desconhecida). Equador:

11. angustus Luederw. ♂ (= SATANAS HAR. VAR. ANGUSTUS LUEDERW). LUEDERW. SEPARATA DA REV. MUS. PAUL. 1923, PAG. 10.

39. Gibas lateraes situadas no meio do comprimento thoracico, muito grandes e recurvadas para dentro em forma de corno; dente mediano pequeno. Elytros com brilho fraco. 22 a 23 mm. VI. Perú:

15. adrastus Har. ♂.

40. — lateraes situadas somente um pouco mais á frente, do que o dente mediano, muito mais approximadas ao dente mediano, do que á fossa coxal e fracamente desenvolvidas apenas. Espaço, entre a fossa coxal e a giba lateral, fortemente abobadada. Elytros apenas brilhantes. 19 a 21 mm. (♀ desconhecida). VI, XI. Equador:

12. divergens, Luederw. ♂ LUEDERW. SEP. REV. MUS. PAUL. 1923, P. 3

Differente de *angustus* muito semelhante, tambem pela parte basal mais estreita e pelo dente mediano muito mais fraco, no bordo anterior da parte basal.

41. Parte basal do prothorax no bordo anterior, com duas gibas ou dentes curtos, situadas, nos individuos fortes, na extremidade de uma saliencia curta, horizontal; declividade, abaixo della, de dois lados, com impressão ou cova brilhante. 43.

42. — basal ahi com quatro gibas ou dentes curtos. 47.

43. Elytros com estrias rasas. 45.

44. — com estrias fundas, moderadamente brilhantes:

Alyattes Har. ♀.

Pertencia ao ♂ ainda incerta.

45. Lado superior mais ou menos brilhante, estrias dos elytros fortes, intersticios finamente rugosos ou rugoso-pontuados: (Fig. 33)

quinquelobatus Felsche, ♀.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

46. — superior opaca, quando muito com brilho de seda. Estrias dos elytros mais finas, interaticios apresentando apenas esculptura densa, quasi microscopica. Giba do lobo mediano do prothorax fortemente arredondada, não com sentido para fóra, cômo nos individuos fortes de *quinquelobatus*. Equador (Fig. 35 :)

21. provisorius Luederw. ♀ *

47. As quatro gibas medianas equidistantes. 49.

48. — duas gibas medianas, entre si, muito mais distantes, do que das gibas lateraes. Declividade, de dois lados, com cova bastante funda, esculpida. (Fig. 32):

adrastus Har. e quinquedens Felsche, ♀.

49. Declividade do prothorax, no meio, com carina longitudinal. As quatro gibas da parte basal, mais ou menos equivalentes. (Fig. 34):

protectus Har. ♀.

50. — do prothorax ahi sem carina longitudinal:

Satanas Har. ♀.

PINOTUS AGESILAUS WATERH. (Fig. 20.)

Waterh. Ann. Mag. Nat. Hist. (6) VII, 1891, p. 362, ♂. — Gillet, Ann. Mus. Civ. Genova (3) III, 1907, p. 594 ♀. — Col. Cat. 1911, p. 59. Distr.: Brazil, Meridional (Paraná, St. Catharina). Mus. Paul.: Castro, Curitiba (Est. de Paraná); Rio Negrinho (St. Cath.) 2 ♂♂, 2 ♀♀ III, XI.

Compr.: 29 a 30 mm. Brilhante. Preto. Pellos ruivos, clava pardacenta. Cabeça arredondada, um pouco prolongada, em ambos os sexos quasi da mesma formação, com rugas transversaes. Clypeo não ou pouco emarginado. Genas, na frente, bastante fortemente marcadas, de lados sobresahindo agudamente ou angularmente. Interiormente, junto ao olho, pequena giba aguda. Armadura da cabeça um corno curto,

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

egual na largura, troncado na parte de cima ou mais ou menos emarginado. Prothorax, na parte da frente, com declive abrupto, angulos anteriores arredondados, angulos posteriores arredondados, margem posterior, no meio, um pouco angular, sulco mediano ao menos indicado; parte basal em geral quasi lisa, de dois lados pontuada distinctamente; declive pontuado espessamente, em forma de covinhas e rugado. Elytros com estrias rasas pontuadas muito indestinctamente; intersticos com pontos muito finos, distantes; a primeira estria, na base, em forma de sulco. Metasterno, de dois lados, pontuado espessamente e pelludo, no meio liso, com sulco longitudinal. O abdomen só lateralmente se mostra um pouco pontuado, o ultimo segmente não sulcado. Pygidio com pontos finos e distantes, estria marginal atraz abreviada ou pouco distincta. Esporão final, das tibias trazeiras, emarginado.

♂ Corno o da cabeça approximado á margem anterior, mais comprido do que largo. Clypeo, munido de rugas mais fracas, do que a cabeça, atraz do corno. Margem anterior do prothorax, no meio, levemente sinuada, atraz dos olhos profundamente emarginada. Declive mais ou menos tão alto, quanto a parte basal, no meio, comprido; em cima de ambos os lados, com forte carina, em baixo fortemente abreviada; em ambos os lados da carina uma impressão. Lobo mediano, da parte basal, puxado um pouco para a frente, no meio muito levemente emarginado, de ambos os lados largo e levemente sinuado, entre elle e as fossas coxaes uma giba forte e obliqua.

♀. Corno da cabeça rente deante dos olhos, mais curto ou tão alto, quanto largo. Clypeo tão fortemente rugado, quanto a cabeça atraz. Margem anterior do prothorax, uniforme—e fracamente arredondada, atraz dos olhos com emarginatura menos funda; declive sem carinas, mais baixo do que a parte basal comprida; margem anterior da parte basal bastante recta, só muito levemente por tres vezes sinuada; emarginatura, junto do lobo mediano, separada das fossas coxaes por uma excrescencia transversal.

Forma a. Elytros de um pardo claro;

PINOTUS ZIKANI LUEDERW. (Fig. 26).

Luederw. Mus. Paul. Typogr. Brasil Rothschild, 1922, p. 4.
Distrib: Brasil,
Mus. Paul.: Matto Grosso 1 ♂ — Coll. Zikani: Passa Quatro (Minas), 1 ♂. — I.

Muito semelhante ao *P. Melzeri*, distinguindo-se sómente pelo thorax, cujo lobo medio não está arredondado na frente, mas puxado para a frente em forma larga-triangular, com lados distinctamente sinuados; meio simples ou com pequeno recorte, angulos posteriores distinctos. O ♂ de Matto Grosso é brilhante, os elitros distinctamente pontuados. O ♂ de Minas é, na parte de cima, mais opaco, tendo os elytros mais rugados do que pontuados; a armadura da cabeça mais alta do que em *Melzeri*.

PINOTUS MELZERI LUEDERW. (Fig. 24):

Luederw Mus. Paul. Typogr. Brasil, Rothschild, 1922, pg. 5.
Distrib.: Brazil.
Mus. Paul.: Avanhandava (Estado de São Paulo), 1 ♀. — Coll. Zikán: Manicoré, Rio Madeira, 1 ♂. — Coll. Ohaus: Matto Grosso, 1 ♂.

Compr. 26 mm. Preto; pellos ruivos ou de um pardo ferruginoso; clava pardo-amarellada. Cabeça arredondada, em toda a parte com rugas transversaes. Armadura baixa, transversal, por cima emarginada. Clypeo sem emarginatura. Genas á frente um pouco marcadas, lateralmente arredondadas. Prothorax á frente com forte declive, margem anterior quasi recta; margem lateral, atraz dos angulos anteriores, obtuso-agudos, quasi recta; angulos posteriores arredondados; declive com finas rugas transversaes, escamosas, de dois lados em toda sua altura largamente e bastante aprofundado, no resto sem caracteristicos; parte basal com pontos fortes e espessos, disco no meio, com impressão longitudinal; lobo medio muito largo, levemente arredondado, angulos anteriores arredondados; entre o lobo medio e as fossas coxaes, uma giba aguda. Elytros com estrias rasas, finamente

pontuadas, intersticios com pontos espessos e di tinctos. Metasterno lateralmente com pontos cerrados e pelludo, no meio mais liso e com sulco longitudinal. Abdomen, pelo menos lateralmente, com pontos irregulares, ultimo segmento fracamente sulcado. Pygidio pontuado distinctamente, estria marginal fortemente abbreviada. Esporão final, das tibias trazeiras, emarginado.

♂ : Cabeça por cima achatada. Corno muito approximado á margem anterior. Declive do prothorax mais alto do que o comprimento da parte basal no meio.

♀ : Cabeça convexa na parte de cima. Giba, rente deante dos olhos. Declive do prothorax um pouco mais baixo, do que a parte basal comprida.

Pinotus Depressicollis Har. Fig. 25.

Har. Col., Hefte II, 1967, p. 98; Abeille VI, 1869, p. 133; Col. Hefte V, 1869, p. 60.-Col. Cat. 1911, p. 60.

Distrib.: Brasil, Guyana, Paraguay.

Mus. Paul.: Paraguay; Serra de Macahé (Est. do Rio), 4♀♀. — Coll. Ohaus: Petropolis (Rio), 1 ♂, — XI, I.

Compr.: 17 — 23 mm. Pellos, nos lados do prothorax, muito escuros e até pretos; angulos posteriores marcados. Pontos, nas estrias dos elytros, transversaes. Lobo mediano, da parte basal do prothorax, em ambos os sexos, meio-redondo.

Parece aliás não ser constante a côr dos pellos nos lados do prothorax.

Nota a PINOTUS QUINQUELOBATUS FELSCHE. (Fig. 30, 33, 58).

♀. (até agora não descripta): Giba da cabeça curta, um tanto triangular, obtusa, situada na margem posterior do clypeo, quasi entre os olhos. Prothorax com muito pouco declive; altura do declive cerca de 1/3 do comprimento da parte basal no meio;

parte basal do prothorax, no meio da frente, levemente emarginada, de modo que se originam duas gibas fracas, mediocremente approximadas uma da outra. Declive, de cada lado por fora, junto ás gibas, fracamente impresso. O resto concorda com o ♂ excepto, que as genas estão lateralmente menos arredondadas. — V, IX, XII.

Junto com um ♂ de Loja, na Cordilheira oriental (Equador), (Coll. Ohaus).

Nota a PINOTUS DIABOLICUS HAR. (Fig. 16, 17).

Uma ♀, da Bolivia, (recebida de Staudinger), combina muito bem com o ♂ *de diabolicus*, sobretudo tambem quanto ás duas profundas covas brilhantes, no declive do prothorax. Differe muito da descripção de Harold do *diabolicus* ♀, visto como a armadura da cabeça não consiste numa pequena gibasinha, mas numa chapa forte, quadrangular, um pouco transversal, em cima distinctamente emarginada (rente deante dos olhos, sobre cabeça fortemente convexa) e além disso está o prothorax não «munido de tres gibas, das quaes a mediana sobresahe bastante em forma de cone», porem elle é de estructura perfeitamente semelhante como o do ♂ de *diabolicus*, portanto em forma de X, excepto que os dois pincaros divergentes são mais curtos. De gibas lateraes não se encontra vestigio. Esporão final das tibias trazeiras emarginado. Supponho que a ♀, descripta por Harold (Deut. Ent. Zeitschr. XIX, 1875, p. 212), não pertença a *diabolicus*, mas a *bicornis*, pelo motivo, que nem Harold na sua ♀, nem Waterhouse (Ann. Mag. Nat. Hist. 1891, p. 361) no seu ♂, mencionam coisa alguma das duas brilhantes e profundas covas, no declive do protorax, caracteristicos muito proprios do ♂ de *diabolicus*.

PINOTUS MORMON Ljungh. (Fig. 18, 19).

Mormon Ljungh, Kongl. Vet. Acad. Handl. 1799, p. 145, t. 2, f. 1 — 2, ♀.—Harold, Stett. Ent. Zeitschr. XXIX, 1868, p. 118; Abeille, VI, 1869, p. 129.—Col. Cat. 1911, p. 61. — Luederw. Rev. Mus. Paul. 1914, p. 366, 369.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Ephialtes. Mann. Nouv. Mem. Moscou I, 1829, p. 21, ♂. — Col. Cat, 1911, p. 61.

nasutus Cast. Hist. Nat. Coll. II, 1840, p. 77, ♂. — Col. Cat. 1911, p. 61.

protensus Perty, Delect. amim. 1830, p. 42, t. 9, f. 2, ♀ — Col. Cat. 1911, p. 61.

Distrib. : Brasil.

Mus. Paul. : S. Paulo, capital, Jundiahy, Avanhandava, Franca (Est. de S. Paulo) ; Serra de Macahé (Estado do Rio) ; Joinville (St. Catharina). — Coll. Ohaus : Est. de Espirito Santo e Petropolis (Est. de Rio). — I, III, IX, X, XI.

Especie muito commum.

Compr : 20 a 28 mm. Em cima mediocremente brilhante, prothorax mais opaco. Preto, muitas vezes tambem de um pardo mais claro ou mais escuro ; pellos ferrugineos, clava côr de cinza. Cabeça arredondada, apresentada na parte de tras rugas grossas irregulares, deante da giba cobertas de fortes rugas transversaes, estranhamente compridas. Clypeo, na frente, com dois pequenos, embora distinctos dentinhos, mais raramente somente emarginado. Genas, na frente, não marcadas, na margem anterior elevadas em forma de filete fino, em cima no meio, com carina transversal abreviada, que sobresahe lateralmente com ponta obtuso-aguda, mesmo em forma de espinho. Prothorax na frente, com forte declive ; margem anterior, no meio, virada para traz, de modo que d'ahi se origina um trecho alongado, semi-redondo e brilhante ; lateralmente, logo atraz dos angulos anteriores, fortemente sinuado, de forma que esses sobresahem agudamente ; angulos posteriores marcados ; superficie granulada grossa—e bastante espessamente, parte basal, na frente, pontuada ou arrugada. com sulco mediano encurtado, margem posterior, no meio, fortemente angulosa; na frente, rente ás-fossas coxaes, uma giba forte. Elytros com estrias muito finas, estrias finamente pontuadas, intersticios com pontos finos, espessos e rugosos. Metasterno, tambem no meio, pontuado e pelludo, com forte sulco longitudinal. Pygidio finissimamente pontuado, estria marginal não encurtada. Esporão terminal das tibias trazeiras emarginado.

♂ : Cabeça, atraz do corno, chata. O ultimo, de forma de lamella, muito approximado á margem

anterior, mais ou menos tão comprido, quanto largo na base, em cima geralmente arredondado. Declive do prothorax muito mais alto, do que a parte basal no meio comprida, sem distinctivo, bastante plana. Parte basal, na margem anterior, arredondada, com seis dentes agudos, quasi todos do mesmo tamanho; os dois do meio approximados.

♀: Cabeça, deante da giba, fortemente convexa. A ultima mais triangular, situada na margem posterior do clypeo. Declive do prothorax mais baixo, do que a parte basal, no meio comprida. A ultima, no meio, puxada para frente, como lobo, parallelo, horizontal, fortemente sobresahindo, com margem anterior, munida de quatro dentes; os dentinhos medios approximados, muito mais fracos, do que os lateraes e, não raramente, ligados. Entre o lobo mediano e as fossas coxaes uma giba forte, e pontuada, que falta ao ♂.

Em exemplares fracos, são as genas não raras vezes lateralmente mais ou menos arredondadas, ao passo que os angulos anteriores são muitas vezes angulosos. As ♀♀ menores approximam-se quanto á formação do thorax ao ♂.

Forma a. ♂. Os dois dentes medianos, do lobo medio da parte basal do prothorax, ligados.

Forma b. Uma pequena ♀ de Petropolis (Coll. Ohaus), mostra brilho metallico distincto, nos elytros.

Nota á PINOTUS PROVISORIUS Luederw. (Fig. 55).

Luederw. Bolet. Mus. Nacional Rio, vol. II, 1. 1925, p. 1 (Separata).

♀: Concordando com a descripção da ♀ de *Alyattes Har.* (Stett. ent. Zeitschr. 1880, p. 24), excepto quanto ao facto de que os elytros, assim como o resto do lado superior, salvo quanto ás duas covas brilhantes no declive do prothorax, não tem brilho mediocre, mas estão apagados e as estrias dos elytros são mais finas.

Estão deante de mim 3 ♀♀, que tomo por *Alyattes* e se differenciam do *provisorius* da seguinte maneira: Lado superior com brilho distincto, estrias dos elytros mais fortes, dentes do lobo medio do prothorax mais pronunciadamente marcados e visivelmente dirigidos para fora. Escultura dos intersticios dos elytros e a do prothorax, mais grossa.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Na especie nova, entretanto, está o lado superior decididamente apagado e as estrias dos elytros são mais finas. Os dentes do lobo mediano do prothorax estão fortemente arredondados e não dirigidos para fóra. Esculptura fina

Assim considerando como ♂, entra, segundo parece, só o ♂ de *angustus* Luederw. ou *divergens* Luederw.

Hab.: Equador, 2 ex. (Coll. Ohaus). Typos no Museu Paulista.

7.ª Secção Cotopaxi.

Tres especies, que concordam do seguinte modo: Clypeo fracamente emarginado. Genas, nos angulos anteriores distinctamente marcadas, de dois lados totalmente arredondadas. Prothorax granulado, sem saliencias evidentes, nos angulos anteriores arredondados, angulos posteriores em geral marcados, margem posterior, no meio, um pouco angulosa; margem anterior sem distinctivo, disco sem sulco mediano distincto, declive abrupto, bastante plano. Elytros bastante brilhantes, mais raramente apagados, pontuado — estriados, intersticios rugosos, ao menos as estrias, de tres a cinco, terminando, na base, em uma covinha, a covinha do hombro maior. Pygidio geralmente liso, sua estria marginal pouco ou nada encurtada. Abdomen liso, quando muito pontuado lateralmente, o ultimo segmento nada ou pouco sulcado. Metasterno lateralmente pontuado e pelludo, no meio liso, com sulco longitudinal, que termina atraz em geral numa excavação. Esporão final, das tibias trazeiras, nada ou, quando muito, apenas emarginado. De tamanho grande ou medio. Revestimento do prothorax lateralmente pardo. No resto preto. Bastante brilhante, mais raramente apagado. ♂: Prothorax lateralmente, logo atraz dos angulos anteriores, mais ou menos sinuado; declive mais alto ou pouco mais baixo do que a parte basal, no meio comprida; fossas coxaes, por dentro, nada ou quando muito fracamente limitadas, mas juntando-se com uma excavação, tambem lisa, do declive. ♀: Armadura da cabeça entre os olhos ou rente deante delles. Prothorax atraz dos angulos anteriores não sinuado, altura

do declive cerca de 1/3 do comprimento da parte basal ; fossas coxaes separadas.

A esse grupo pertence a maior de todas as especies : *P. monstrosus Har.*, com 57 mm.

Chave para as especies.

1. Estrias dos elytros finissimas, pontuadas rasa — mas distinctamente, ás vezes lisas. Cabeça, em ambos os sexos, de forma quasi igual, arredondada, granulada. Parte basal do prothorax do ♂, na borda anterior, no meio, sem dente, porem com emarginatura fraca e junto rasamente sinuada, angulos arredondados ; na ♀ mais simplismente arredondada. Lado superior moderadamente brilhante ou opaco, 3.

2. — rasas, mas extremamente largas, com pontos cerrados, ou mesmo em contactos. bastante grandes, fortemente transversos. Cabeça, dos sexos, de forma differente. Prothorax do ♂, no bordo anterior da parte basal, no meio, com dente, ao lado deste sinuado e os angulos tambem obtuso-dentiformes, lateralmente, atraz dos angulos anteriores, com emarginação muito forte ; parte basal da ♀, em frente, igualmente arredondada. Clava antênal parda. ♂ : Cabeça, no lado superior, grossamente granulada, na metade posterior, com lados quasi rectos. Corno bem perto á borda anterior, mais alto do que largo, chato, por baixo estreitado, em cima recto ou arredondado. ♀ : Clypeo grossamente transverso-rugoso, arredondado, approximando-se um pouco da forma triangular ; armadura da cabeça cariniforme, muito larga, em cima tridentada. 35 a 37 mm. I. Columbia, Equador. (Fig. 36, 37 :

1. monstrosus Har. ♂♀. (veja-se a figura no *frontispicio*).

3. Corno do ♂ approximado fortemente ao bordo anterior do clypeo, comprimido adiante e detraz, um pouco mais alto do que largo, chato, de forma redonda, estreitando-se por baixo. Armadura da cabeça da ♀ : uma chapa baixa, transversal, por cima recta, arredondada ou um pouco emarginada. Clava amarella. Com brilho bastante forte, 15 a 25 mm. VII a IX. Equador, Perú, (Fig. 38):

2. cotopaxi Gue'r. ♂♀. (= SCALPELLUM TASCH B.).

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Forma a. Elytros opacos.

4.—do ♂ no meio da cabeça, comprimido lateralmente, largo-triangular, em cima obtuso. Giba da ♀ fraca, um pouco mais alta do que larga, em cima emarginada. Clava parda. Brilho um pouco forte, VII a X, XII, 20 a 23 mm. Equador :

3. abnormis Luederw. ♂♀.

Luederw. Separata do Mus. Paul. 1925, p. 3.

Forma a. Elytros opacos, clava parda.

Forma b. Elytros opacos, clava amarella.

A' vista da collocação differente da armadura da cabeça, em ambos os sexos, pertence esta especie, a dizer-se a verdade, a um outro grupo, porém concorda no resto bem no habito com as duas outras especies desta secção.

8.ª Secção Torulosus.

Armaduras da cabeça e do prothorax, nos sexos, muito differentes: Prothorax do ♂ com declive, na margem anterior da parte basal com dois a seis dentes ou gibas; na ♀ convexo ou quasi convexo, perto da margem anterior, no meio, com uma gibasinha. Armadura, em ambos os sexos, atraz, no clypeo: A do ♂ um corno gradativamente apontado, a da ♀ uma carina transversal, pouco distincta, simples ou com duas pequenas gibas. Cabeça muito larga, arredondada; clypeo com dois dentes distinctos, ás vezes sómente emarginado, com rugas transversaes; angulos anteriores das genas em geral não marcadas, angulos posteriores arredondados, mas salientes. Prothorax rugado espessamente e pontuado, mais obliquamente no declive; angulos anteriores pronunciados, lateralmente atraz, curto-recto; angulos posteriores, quando muito, indicados, margem posterior, no meio, bastante fortemente puxada para traz; fossas coxaes, por fora, limitadas por uma margem elevada, que se junta na frente e atraz, á margem lateral, limitando um trecho rugado, de forma sinuada-aguda-oval. Elytros fortemente estriados, estrias indistinctamente pontuadas, na base muitas vezes em

forma de covinhas. Metasterno, de dois lados, rugoso-pontuado fortemente e pelludo, no meio mais fracamente esculpido, com sulco mediano muito forte, que se alarga e se aprofunda, aos poucos, fortemente para traz. Abdomen em toda a parte pontuado, ultimo segmento não sulcado. Pygidio fortemente pontuado, estria marginal não encurtada. Esporão terminal das tibias trazeiras, apontado; preto, pellos pardos, clava da mesma côr. Estatura media.

Podia-se collocar a secção *torulosus* tambem no subgenero III, em virtude do seu clypeo bidentado, mas por causa da armadura do prothorax do ♂, ella classifica-se melhor neste.

Chave para as especies.

1. Borda anterior, da parte basal do prothorax, do ♂, com seis dentes ou gibas; a giba acima da fossa coxal muitas vezes atrophiada. Declividade um tanto alta, em geral porém, mais alta, do que a que mede a parte basal no meio; lateralmente com depressão, ajuntada com as fossas coxaes; entre o angulo anterior da declividade e a fossa coxal, muitas vezes um trecho polido, mais ou menos extenso. Corno alongado. ♀: Prothorax em frente, ao meio, com cova rasa e adiante, directamente na borda anterior, com pequena giba simples, chata. 3.

2. — anterior da parte basal do ♂, no meio, com dois dentinhos só, fortemente approximados. Declividade sómente um terço do comprimento da parte basal no meio, lateralmente tambem com depressão, mas não ajuntada ás fossas coxaes. Nenhum trecho polido em frente das fossas coxaes. Corno curto. ♀: Prothorax em frente com cova ou essa pouco visivel; a gibasinha é dupla. — Elytros, em ambos os sexos, brilhantes ou opacos (♀); intersticios abobadados. 15 a 19 mm. Brasil, Chile. (Fig. 40):

1.ª torulosus var. valdivianus Phil. ♂ ♀.

3. Menor. Elytros mais brilhantes, estrias mais fundas e os intersticios são mais convexos, os ultimos lisos. 17 a 19 mm. ♂: Os quatro dentes lateraes do prothorax bem desenvolvidos. O trecho polido lateral na declividade é bem grande. Brasil, Chile:

1 b torulosus var. minor n. var. ♂ ♀.

4. Maior. Elytros em geral mais brilhantes, estrias rasas e os intersticios são menos convexos ; os ultimos distinctamente pontuados. 19 a 21 mm. ♂ : A giba mais proxima á fossa coxal do prothorax é mal desenvolvida. O trecho polido lateral na declividade falta em geral. Brasil, Chile, Argentina. (Fig. 39) :

1. TORULOSUS ESCHZ. ♂ ♀.

PINOTUS TORULOSUS ESCHZ. (fig. 39).

torulosus Eschz. Entomogr. I, 1822, p. 20.— Solier em Gay, Hist. Chile, Zool. V. 1851, p. 60, t. 15, f. 7.—Har. Abeille VI, 1869, p. 133.—Waterh. Ann. Mag. Nat. Hist. (6) VII, 1891, p. 361.— Bruch, Cat. Col. Arg. 1911, p. 187. — Col. Cat. 1911, p. 62.

punctatissimus Curtis, Trans. Linn. Soc. London, XIX, 1845, p. 444. — Col. Cat. 1911, p. 62.

Distrib. : Brasil, Argentina, Chile.

Mus. Paul. : Chile 3 ♂ ♂, 4 ♀ ♀. — Coll. Ohaus : Brasil 1 ♂ ; Chile 2 ♀ ♀

O facto de que esta especie existe na Argentina, já o mencionaram Waterhouse e Bruch ; a respeito porem de sua existencia no Brasil, representada por todas as tres formas, se publicou até agora nada. Sua occurrencia na Argentina não é para estranhar ; surgiram porem duvidas, quando em Minas se constatou a presença de *valdivianus*. A' minha consulta respondeu o colleccionador, snr. J. F. Zikán, confirmando mais uma vez o facto. Mais tarde recebeu o Museu Paulista do snr. Dr. Ohaus um segundo ex. (typo), com a designação « Brasil » e um terceiro do Esp. Santo (*minor*), de modo que a occurrencia de *torulosus*, tambem no Brasil, embora rara, ao passo que é commum no Chile, está plenamente provada.

Mais permenorisada descripção não é necessaria, visto como todas as tres formas estão sufficientemente caracterisadas na chave de determinação.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

PINOTUS TORULOSUS ESCHZ.
VAR. VALDIVIANUS Philippi. (Fig. 40).

Philippi, Anal. Univ. Chile, 1859, p. 664; Stett. Ent. Zeitschr. XXI, 1860, p. 247, — Col. Cat. 1911, p. 62.

Distrib.: Brasil, Chile.

Mus. Paul.: Chile 1 ♂, 4 ♀ ♀. — Coll. Zikán: Passa Quatro (Minas) 1 ♂. — Coll. Ohaus: Chile 2 ♂ ♂.

Forma a. As duas gibas do prothorax muito distantes. 1 ♂ (Passo Quatro, Minas).

PINOTUS TORULOSUS ESCHZ. VAR. MINOR LUEDERW.

Luederw. Bolet. Museu Nat. Rio, vol. II, 1, 1925, p. 2 (Separata).

Distrib: Brasil Chile.

Mus. Paul. Chile 1 ♂, 3 ♀ ♀ — Coll. Ohaus; L. Leopoldina (Esp. Santo) 1 ♂; Chile 1 ♂, 1 ♀. Typos no Mus. Paul.

Differente do typo, especialmente por causa dos quatro dentes exteriores do thorax, sendo equirobustos e equiagudos, apezar do tamanho pequeno de *minor* opposto ao typo, no qual a protuberancia mais proxima da fossa coxal, se pode determinar, quando muito, graças á giba pequena.

9.ª Secção Anaglypticus.

Todas as estrias dos elytros, excepto as duas exteriores cada elytro, terminam, na base, n'uma covinha; são lisas, raramente com pontos finissimos. Intersticios lisos ou quasi isto. Cabeça arredondada, transversalmente rugosa. Clypeo simples ou quasi isto. Armadura da cabeça posteriormente no clypeo; corno do ♂ mais ou menos prolongado. Prothorax com declividade anterior. Preto, brilhante, insecto de tamanho regular.

Chave para as especies.

1. Parte basal do prothorax sem distincção, plana, lisa ou com pontos finos. Declividade finamente rugosa. Brasil, Argentina, Bolivia:

1. ANAGLYPTICUS MANN. ♂ ♀.

2. — basal do mesmo elevada em forma de collina, dirigida para frente e para cima e dividida na extremidade em duas gibas agudas. Disco, de dois lados, fortemente rugoso, no resto liso. Aspecto um pouco prolongado e parallelo. Elytros nas extremidades quasi troncados, fortemente estriados. Corno da cabeça prolongado, para a ponta aguda, ponta truncada. Lembrando fortemente um *Copris* legitimo. (♀ desconhecida) Cr. de 23 mm. Equador:

2. Buckleyi Waterh. ♂.

PINOTUS ANAGLYPTICUS MANNH.

anaglypticus Mannh. Nouv. Mem. Moscou I, 1929, p. 42 — Harold, Abeille VI, 1869, p. 131 — Col. Cat. 1911, p. 59.

bos Blanch. Voy. d'Orb. Col. 1843, p. 178. — Col. Cat. 1911, p. 59.

Mannerheimi Har. Berl. Ent. Zeitschr. III, 1859 p. 224, — Col. Cat. 1911, p. 59.

Distrib: Brasil. Argentina, Bolivia.

Mus. Paul.: Avanhandava, Campinas, S. Paulo capital, Barretos, Funil, Villa Olympia, Franca, Itapetininga, Jundiahy, Campos do Jordão (Est. de S. Paulo); Conceição da Barra, Vargem Alegre, Pirapora, Ponte Nova, São João del Rey, Santa Barbara, Pouso Alegre, Caxambú (Est. Minas); Bahia capital; Pernambuco: capital, Grixás (Goyaz); Corumbá (M. Grosso). — Coll. Ohaus: Espirito Santo; Joinville (St. Catharina); Minas etc. Uma das especies mais communs. I, II, V, a VIII, XI.

Compr.: 17 a 25 mm. Preto. Brilhante. Clava pardacenta. Revestimento ferrugineo. Cabeça igualmente arredondada, com rugas transversaes. Clypeo

em geral, sem vestigio de emarginatura. Genas, nos angulos anteriores, fracamente marcadas, posteriormente arredondadas. Prothorax no bordo anterior da parte basal, no ♂ e na ♀, egualmente formado, quasi recto, quando muito no meio um pouco emarginado e, de dois lados, sinuado; angulos anteriores fortemente arredondados; os posteriores distinctos, bordo anterior igualmente emarginado, o posterior arredondado; parte basal esparsa — e finamente pontuada, no meio mais lisa, lateralmente rugosa; sulco mediano fino, porem distincto; declividade com rugas transversaes, escamosas, por baixo da fossa coxal um trecho liso. Elytros com estrias bastante fundas, geralmente não pontuadas; pelo menos as cinco estrias de cada lado da sutura, na base, terminam n'uma covinha lanceolada, cheia de uma secreção da côr pardacenta ou grisalha; intersticios com pontos finissimos. Pygidio com pontos finos, estria marginal, em geral, mais ou menos abreviada. Metasterno, dos dois lados, com pontos moderadamente cerrados e moderadamente grossos e occupado por pellos compridos e cerrados; no meio liso, sulco mediano e covinha posterior fracamente desenvolvidos, ás vezes faltam. Abdomen liso, ultimo segmento com sulco fraco. Calcar terminal, das tibias posteriores, fortemente emarginado.

♂: Corno da cabeça inclinado para frente, lateralmente comprimido, acima verticalmente truncado e recurvado para traz, moderadamente prolongado, situado longe adiante do meio da cabeça. (Tambem nos individuos mal desenvolvidos a gibasinha está sempre mais proxima do bordo anterior, do que a posterior da cabeça). Declividade do prothorax talvez com dous terços do cumprimento da parte basal, no meio.

♀: Cabeça com giba curta, conica, em geral obtusa situada no meio. Declividade mais baixa, falta ás vezes.

Forma a. Prothorax lateralmente sem pellos (ou somente despelludos)? Tres exemplares de Goyaz e do Estado de S. Paulo.

Forma c. Covinha, na base dos elytros, sem secreção, de maneira que, é bem visivel, a pontuação no fundo. Tres exemplares, de Matto Grosso.

Forma e. Elytros claro-pardos. Um exemplar da Bahia (capital).

10.ª Secção Inhiatus.

Cabeça arredondada. Clypeo, quando muito, fracamente dentado, com rusgas transversaes. Armadura da cabeça, em ambos os sexos, mais ou menos no limite entre clypeo e fronte ; no ♂ um corno curto, grosso, embotado; na ♀, transversal, gibosa no meio. Genas, nos angulos anteriores, nada ou pouco marcadas, lateralmente arredondadas. Prothorax, em ambos os sexos, com declive bastante baixo, sem proeminencias evidentes ; angulos anteriores embotado — agudos, angulos posteriores distinctos, margem posterior, no meio, fracamente angulada, disco com pontos finos. Elytros pontuado — estriados bastante rasamente, intersticios lisos ou finissimamente pontuados. Metasterno por fora pontuado e pelludo, no meio com sulco longitudinal e covinha atraz. Esporão final, das tibias trazeiras, emarginado. Tamanho media ou grande. Preto, pellos ferrugineos. Brilho forte.

Pinotus mamillatus Felsche, classifica-se melhor neste grupo, embora Felsche o colloque na Secção *Agenor*.

Chave para as especies.

1. Metasterno pontuado e densamente cabelludo tambem no meio. Os elytros se irisam de azul, distinctamente. Sulco da gena fortemente desenvolvido. Tamanho grande. Brasil :

1. INHIATUS Germ. ♂ ♀.

2. — ahi liso ou com pontos finissimos e sem pellos. Elytros não se irisando de azul. Sulco da gena finissimo. Clypeo largo, arredondado, fracamente bidentado. Armadura da cabeça directamente diante dos olhos ; a do ♂ por baixo, de dois lados, com giba pequena, obtusa, a da ♀ uma excrescencia transversa, fracamente bi-ou quadritubercular. Prothorax com pontos finos, tambem na declividade ; a ultima, no ♂, talvez dois terços tão alta, quanto a parte basal mede no meio, muito baixa na ♀. Bordo anterior da parte basal, no ♂, no meio, com emarginatura funda e assim formando duas gibas fortes, obtusas ; na ♀ apenas emarginado.—Fossas coxaes pequenas, lisas.

Elytros alongados ; estrias igualmente profundas, sem cova na base. Pygidio liso ou quasi liso. Dimensões : 21 a 23 mm. Equador, Surinam. (Fig. 41):

2. mamillatus Felsche, ♂ ♀.

Pinotus inhiatus Germ.

inhiatus Germ., Ins. sp. nov. 1824, p. 99. — Har. Abeille VI, 1869, p. 131 ; Col. Hefte V, 1869, p. 60. — Col. Cat. 1911, p. 61.

hypocrita Luc. Voy. Cast. Col. 1859, p. 104. — Col. Cat. 1911, p. 61.

francanus Luederw. Mus. Paul. Typogr. Brasil Rothschild 1922, p. 4.

Distrib. : Brasil.

Mus. Paul. : S. Paulo Capital, Jundiahy, Itapetininga, Santos, Franca (Est. de S. Paulo) ; Irára, Pouso Alegre (Est. de Minas) ; Castro, Ponta Grossa (Paraná). — 5 ♂♂, 8 ♀♀. IV, V, IX, XI, III.

Compr. : 30 a 35 mm. Preto, brilhante, os elytros se irisam fortemente de azul, clava pardacenta ou grisalha, revestimento ferrugineo. Cabeça da fórma vulgar ; clypeo com rugas transversaes, á frente com emarginatura fraca, mais raramente simples, ás vezes porém com dois dentinhos. Prothorax á frente abruptamente em declive ; bordo anterior, no meio, um pouco convexo para diante ; bordo anterior, da parte basal, no meio, com emarginatura fraca, de dois lados muito levemente sinuado ; angulos anteriores obtuso-agudos ; parte basal pontuada igualmente, os pontos finos e um pouco esparsos ; lados e declividade mais fortemente rugosos, sulco mediano distincto, fossas coxaes esculpidas. Elytros com estrias finamente pontuadas, as estrias muitas vezes com covinha na base ; intersticios com pontos finissimos, espaçosos, como tambem o pygidio, cuja estria marginal, em geral, está abreviada um pouco posteriormente. Esporão terminal das tibias posteriores emarginado.

♂ : Cabeça arredondada ; corno directamente diante dos olhos, curto, espesso, um pouco achatado na ponta em geral fracamente emarginada ; poste-

SciELO

riormente ao pé, de dois lados, uma quilha pequena, abreviada.

♀ : Cabeça proxima da fórma triangular, com carina fina, baixa, recta, quasi de gena a gena, armada, no meio, com giba fraca e situada quasi entre os olhos.

Forma a. *Pin. francanus* é, como vejo agora, nada mais, do que uma forma de *P. inhiatus*, um ♂ mal desenvolvido. O animal (18.765) tem um comprimento de 25 mm. ; a côr é parda nos elytros e no lado inferior, preto na cabeça e no prothorax. Giba da cabeça muito baixa. Fossas coxaes lisas. Estrias 1, 4 e 5 dos elytros formam, na base, covas pequenas ; a primeira estria, na base, em forma de sulco. Franca (Est. de S. Paulo). X.

11.ª Secção Semaeus.

Armadura da cabeça, em ambos os sexos, mais ou menos no limite entre o clypeo e a fronte ; um corniculo ou uma giba curta. Cabeça arredondada, clypeo simples ou fracamente emarginado. Thorax convexo, sómente no ♂ com declive fraco. O resto sem qualquer outro distinctivo ; em geral finamente pontuado. Preto ; elytros em uma especie *(semiaeneus)* esverdinhados, da côr de cobre ou azulados. Dimensões diminutas.

Chave das especies.

1. Clypeo simples. 3.

2. — á frente, no meio, levantado para cima em forma de chapa. Lado superior do corpo fortemente brilhante. Norte do Brasil :

1. NITIDUS Luederw.

3. Elytros estriados de forma usual.

4. — não estriados, porém com series de pontos accentuados e largos, reunidos por uma estria finissima, um pouco visivel sómente visto de lado ; ininterstícios com pontos finos. Clypeo não troncado á frente. Prothorax brilhante, disco com pontos finis-

simos, elytros que dão a impressão da cêra. No resto semelhante ao *anthrax*. Dimensões : 12 mm. Texas :

2. *texanus* Felsche.

5. — com sete estrias dobradas e igualmente fortes, de cada lado, tomadas por pontos accentuados, transversos, atacando os intersticios ; os ultimos com rugas cerradas, porém, finissimas. Clypeo fracamente troncado. Prothorax pontuado visivelmente só nos angulos anteriores, brilhante. Elytros opacos, semelhantes á cêra.

Dimensões : 12 mm. Paraguay :

3. punctatostriatus Felsche.

6. Prothorax com angulos anteriores distinctos. 8.

7. — com angulos anteriores fortemente arredondados e, como os intersticios dos elytros, em todas as partes cerrada — e fortemente pontuados. Elytros um pouco brilhantes, em geral algum tanto verdes. Brasil, Argentina, Bolivia, Uruguay :

4. SEMIAENEUS Germ.

8. Elytros finamente pontuado-estriados. 10.

9. — fundamente estriados, estrias apenas pontuadas, brilhantes, semelhantes á cêra. Intersticios com pontos cerrados e distinctos ; o, ao pé da sutura, estreito, brilhante, não pontuado. Prothorax em todas as partes com pontos finos, sendo mais cerrados em todos os bordos, posteriormente com sulco mediano distincto. Dimensões : 12 mm. Uruguay :

5. alutaceus Felsche.

10. Brilho forte. Intersticios dos elytros com pontos finissimos. Sul do Brasil :

6. ANTHRAX Felsche.

11. Pelo menos os elytros opacos. Intersticios não pontuados, sómente com esculptura quasi microscopica, cerradissima, dedaliforme. Brasil :

7. LUCTUOSIOIDES Luederw.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

PINOTUS NITIDUS Luederw.

Luederw. Mus. Paul. Typogr. Brasil, Rothschild, 1922, p. 5.

Distrib. : Brasil.

Coll. Zikán : Itaituba, Tapajos (Amazonas). 1 exempl. II.

Compr. : 14 — 15 mm. Brilhantissimo. Preto, clava amarellada ; revestimento pardo-vermelho, bem escasso. Metasterno nú. Cabeça arredondada ; clypeo na frente, no meio, elevado bem fortemente, no bordo superior quasi recto, com angulos arredondados ; genas um pouco marcadas, seus angulos posteriores arredondados ; clypeo com rugas bem fortes, transversaes, escamosas ; parte posterior da cabeça e genas rugosas ; giba curta, grossa, conica, de dois lados desta, uma gibasinha. Prothorax quasi convexo, no bordo anterior, no meio, com impressão fraca ; angulos anteriores obtuso-aguçados, os posteriores distinctos, bordo posterior, no meio, um pouco convexo ; lados pelludos, parte superior, em toda a parte, com pontos bastante finos ; no bordo posterior, sobretudo lateralmente, esculpido em forma de linhas curtas. Elytros fortemente estriados ; estrias apenas pontuadas ; intersticios e pygidio com pontos finos Estria marginal do ultimo não abreviada. Metasterno lateralmente com pontos grossos, ocellados, no meio quasi liso; sulco mediano apenas perceptivel. Abdomen bastante liso ; segmentos, no bordo anterior, pontuados, o ultimo sulcado. Esporão terminal, das tibias posteriores, não emarginado, o das anteriores em forma de pé.

Lembra muito os exemplares brilhantes de *Pin. Ascanius* ♀, porém, o clypeo não é dentado, o prothorax pontuado e a fórma da cabeça não angulosa.

PINOTUS SEMIAENEUS Germ.

semiaeneus Germ. Ins. sp. nov. 1824, p. 101. — Har. Abeille VI, 1869, p. 132. — Col. Cat. 1911, p. 62. — Luederw. Rev. Mus. Paul. 1914, p. 366, 369, (Biolog.).

crenatipennis Blanch. Voy. d'Orbigny, Col. 1843, p. 178 ; Har. Col. Hefte V, 1869, p. 60. — Col. Cat. 1911, p. 62.

SciELO

semicupreus Germ. Ins. sp. nov. 1824, p. 102. — Col. Cat. 1911, p. 62.

Distrib.: : Brasil, Argentina, Bolivia, Uruguay, Perú.

Mus. Paul.: S. Paulo, capital; Campinas, Campos do Jordão (Est. de S. Paulo); Ponta Grossa (Paraná); Pouso Alegre (Minas); Porto Alegre (Rio Gr. do Sul). 17 exemplares.—Coll. Ohaus: Sete Lagôas, Ouro Preto, Mar de Hespanha (Minas). 5 exemplares —I, III.

Compr.: 11 a 15 mm. Prothorax brilhante; elytros pouco brilhantes ou com algum aspecto sedoso. Preto, elytros esverdeados, clava pardacenta ou amarellada, revestimento ferrugineo. Cabeça posteriormente pontuada, clypeo com rugas, transversaes, anteriormente com emarginadura fraca, mais raramente simples; genas rugosas, em frente um pouco marcadas, com angulos posteriores obtusos. Os angulos anteriores do prothorax fortemente e os posteriores totalmente arredondados, bordo anterior recto, o posterior apenas anguloso, disco com pontos distinctos e bastante cerrados, mais fortemente de dois lados; sulco mediano distincto, abreviado. Estrias dos elytros bastante fundas, com pontos mais finos ou mais grossos, os quaes, em geral, não atacam os interstícios; os ultimos com pontos bastante cerrados e bem distinctos ou rugoso-pontuados. Pygidio finamente pontuado, estria marginal quasi sempre um pouco abreviada. Metasterno sem pellos, lateralmente rugoso-pontuado, no meio liso e com sulco longitudinal bem fino. Abdomen pontuado, ultimo segmento sulcado. Esporão terminal, das tibias posteriores, truncado, o das anteriores recurvado, paulatinamente acuminado.

♂: Clypeo mais arredondado. Armadura da cabeça com chifresinho baixo, agudo, conico. Esporão terminal, das tibias anteriores, grosso e obtuso.

♀: Clypeo quasi trianguliforme. Giba da cabeça mais fraca e mais obtusa. Esporão terminal, das tibias anteriores, mais delgado e mais agudo.

Forma a. Um exemplar peruano, mal conservado (de Staudinger): Esporão terminal das tibias posteriores agudo. Thorax sem sulco mediano, com angulos posteriores bem distinctos. Clypeo não emarginado. Intersticios dos elytros com pontos finos, indistinctos. (Elytros tambem esverdeados).

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Forma b. Os elytros verdes, com cor de cobre distincta. 2 exemplares.

Forma c. Elytros simplesmente pretos, ás vezes um pouco azulados. 6 ex.

Forma d. Tambem o prothorax opaco. S. Paulo, capital. Commum.

PINOTUS ANTHRAX Felsche.

Felsche, Deut. Entom. Zeitschr. 1901, p. 138. — Col. Cat. 1911, p. 59.

Diagnose original, vertida para o portuguez: « Esta especie pertence ao grupo de Harold DDi. — Preto, muito brilhante, pellos vermelho-pardacentos, clava amarella. Cabeça de forma curta-parabolica, na frente muito fracamente encortada. Genas distinctamente marcadas, estreitando-se aos poucos para traz, em direcção aos olhos; clypeo e genas com rugas espessas, vertice junto aos olhos pontuados espessamente, no meio com pontos grossos e escanchados; na testa uma giba em forma de cone. Prothorax marginado, á frente mediocremente emarginado, angulos anteriores largos, mas aguçados, margens lateraes fortemente recurvadas; angulos posteriores pouco distinctos, margem posterior muito fracamente angulado. Pontuação do disco, mesmo sob lente forte muito fina, em direcção á margem mais espessa, nos angulos anterioses espessa e distincta. Elytros com estriaa finas, pontuadas, intersticios levemente abobadados, muito finamente pontuados. Compr. 15 mm. Brasil, Porto Alegre. »

PINOTUS LUCTUOSIOIDES Luederw.

Luederw. Mus. Paul. Typegr. Brasil, Rothschild 1922, p. 6.

Distrib.: Sul do Brasil.

Mus. Paul.: S. Paulo capital, Campos do Jordão (Est. de S. Paulo); Porto Alegre (Rio Grande do Sul, R. Gliesch leg.). — Coll. Ohaus: S. Ignacio, Missiones. — Não raro. I, II, III, IV, XII. 11 exemplares.

Compr.: 11 a 14 mm. Alongado. Revestimento bem esparso; lado inferior, pernas, cabeça, prothorax de dois lados, especialmente por baixo das

fossas coxaes, protuberancia hombral, ultimo interstício e bordo posterior dos elytros, como tambem o pygidio, brilhantes; prothorax com brilho moderado, elytros opacos. Corpo preto, revestimento avermelhado; clava em geral amarellada. Clypeo apenas emarginado. Angulos anteriores das genas distinctamente marcados, os posteriores arredondados. Giba da cabeça conica, aguda, curta, lisa. Cabeça anteriormente pontuada, genas e clypeo com rugas transversaes. Prothorax, no bordo anterior, fracamente arredondado, aos dois lados com pellos esparsos, angulos anteriores obtusos ou obtuso-agudos, angulos posteriores pouco perceptiveis, bordo posterior, no meio, fracamente angulado; no meio quasi liso, lados mais ou menos pontuados ou rugosos, sulco mediano em geral muito fraco. Elytros com estrias bem rasas, mas distinctas, estrias pontuadas, pontos redondos, atacando os intersticios; intersticios com esculptura quasi microscopica, dedaliforme. Pygidio liso ou com pontos esparsos, estria marginal mais ou menos abreviada. Metasterno sem pellos, dos lados, esparsamente, com pontos finos ocellados, no meio liso, apenas com sulco longitudinal. Segmentos, abdominaes, no bordo anterior, pontuados, ultimo segmento sulcado. Esporão terminal das tibias posteriores agudo.

♂: Prothorax, á frente, com pouco declive. Esporão terminal, das tibias anteriores, em forma de pé, o espinho exterior (o «calcanhar» do pé) ausente ou mal desenvolvido. Prothorax, dos lados, com pontos finissimos. Clypeo brilhante.

♀: Prothorax convexo. Esporão, das tibias anteriores, bidentado, o espinho exterior muito mais curto. Prothorax, dos lados, fortemente esculpido. Clypeo opaco.

Forma a. Prothorax opaco ou quasi opaco ♂♂, e ♀♀.

II. Subgenero Homocanthonides Luederw.

Clypeo á frente, no meio, com pequena ponta. Dimensões pequenas e formação simples; thorax convexo. Primeiro articulo, dos tarsos posteriores, bem

delgado e quasi egual em largura. Esporão terminal das tibias posteriores delgado, obtuso-agudo. Cor verde.

Uma especie unica.

12.ª Secção Smaragdinus.

Especialmente caracterisada pela estranha conformação do clypeo, o qual não é nem simples, nem emarginado, nem bidentado, mas traz no meio uma pequena pontasinha não dividida, ou um lobulo arredondado. Armadura da cabeça giba curta, grossa, em cima fracamente depressa e portanto bipontuda, no limite entre o clypeo e fronte. Prothorax fortemente transversal, á frente, com fraco declive. Elytros finamente pontuado-estriados. Metanoto sem pellos, lateralmente pontuado, no meio liso, sem sulco mediano.

PINOTUS SMARAGDINUS Perty.

smaragdinus Perty, Del anim. 1830, p. 42, t. 9, f. 3 — Har Abeille, VI, 1869, p. 127. — Col. Cat. 1911, p. 62.

Hesperus Lacord. Gen. Col. III, 1856, p. 97 (nota).—Col. Cat. 1911, p. 62.

Distrib.: Brasil (Goyaz, Minas, S. Paulo).

Mus. Paul.: Matto Grosso; Batataes (Est. de Paulo). Um exemplar recebido do sr. Jul. Melzer, XI, 1916.

Compr.: 13 mm. Pouco abobadado. Verde; cabeça, prothorax e femures, mais intensamente verdes; lado inferior de verde bronzeado-escuro; clava pardacenta, revestimento ferrugineo. Brilhante, principalmente no prothorax; elytros fracamente brilhantes, apenas excepto quanto ás margens lateraes e posteriores, que tambem têm forte brilho. Cabeça arredondada, bastante lisa, finamente pontuada na parte de traz, na margem anterior, em pequena extensão, com pontos grossos, rugosos. Clypeo separado das genas por sulco fino. Angulos anteriores, das genas, fracamente marcados, angulos posteriores

indicados. Prothorax pontuado extremamente fino, nos angulos anteriores e na margem posterior espessa — e distinctamente pontuado; na margem anterior fracamente arredondado, no meio se nota pequeno, estreito e agudo triangulo, com a ponta para traz; na margem posterior arredondada, os angulos anterioses fortemente arredondados, angulos posteriores distinctos; margem lateral arredondada e parcamente pelluda; margem anterior, da parte basal, no meio, fracamente angulada, lateralmente um pouco sinuada, lobo mediano anteriormente levemente impresso, emarginado; fossas coxaes grandes; sulco mediano indicado. Elytros com estrias finas e rasas, estas distinctamente pontuadas; os pontos transversos, tocando os intersticios; intersticios lisos, só com esculptura microscopica e espessa. Pygidio finamente pontuado, estria marginal não encurtada. Segmentos abdominaes, na margem anterior, pontuados, no resto lisos, ultimo segmento fracamente sulcado. Os quatro femures trazeiros lisos e nús.

A especie assemelha-se muito a um *Canthon*. Apesar de conhecida ha 90 annos, é ainda hoje uma das maiores raridades nas collecções. A descripção foi feita segundo o nosso exemplar, faltando-nos a bibliographia a ella referente.

III. Subgenero Selenocopris Burm.

Clypeo, no meio da margem anterior, distinctamente bidentado, raras vezes só emarginado e excepcionalmente arredondado (*Belus, tristis, Agenor* ♀, *nisus* forma *Garbei*, *Taunayi* forma, *semisquamosus* forma). Prothorax, á frente, com mais ou menos declive ou simplesmente convexo; parte basal, no primeiro caso, quasi sempre maior, do que o declive e sempre sem proeminencias evidentes, como lobos, dentes etc., na margem anterior, quando muito, puxado para frente no meio, em forma de lobo. Armadura da cabeça, em ambos sexos, atraz no clypeo. Esporão terminal das tibias trazeiras, em geral apontado. Não raramente cores intensas, como verde, azul, côr de cobre etc.

O agrupamento deixa ainda a desejar muito, mas não me é possivel concebel-o de outro modo: Para

fazel-o conforme desejava, precisaria poder comparar uma collecção mais completa, do que a que possue o Museu Paulista. Apoiar-se só nas diagnoses, não convem, visto como muitas dellas são muito resumidas.

47 especies.

Chave systematica das secções do subgenero Selenocopris.

1. Armadura da cabeça, em ambos os sexos, um corno ou uma giba ou uma giba transversal; ás vezes, falta inteiramente.

2. Especies pequenas e simples, no maximo até de tamanho menos que mediano. (Secção *Carbonarius*). Differenças sexuaes, na armadura da cabeça e na forma thoraxal, nenhuma ou poucas. Armadura da cabeça, em geral, fracamente desenvolvida. Prothorax, quasi sempre, simplesmente convexo ou pouco declive á frente; parte basal, no bordo anterior, em geral simples.

3. Estria lateral de prothorax, não desembocando n'uma covinha, posteriormente, ou esta é bem rasa e indistinctamente limitada.

4 Prothorax, em geral, liso ou finamente pontuado.

5. Formas menores e em geral mais simples. Em geral brilhante.

13.ª SECÇÃO INACHUS.

5. 5 Formas maiores (em geral abaixo do tamanho regular). Ao menos os elytros opacos. Esporão terminal, das tibias posteriores, emarginada.

14.ª SECÇÃO CARBONARIUS.

4. 4. Prothorax com pontos fortes ou, pelo menos, bem distinctos, raras vezes o disco indistinctamente pontuado. Opaco ou brilhante:

15.ª SECÇÃO BATESI.

3. 3. Estria marginal do prothorax, nos angulos posteriores, terminando n'uma covinha funda, pronunciadamente limitada. Esporão terminal das tibias posteriores não emarginado:

16.ª SECÇÃO SERICEUS.

2. 2. Especies maiores ; differenças sexuaes, na armadura da cabeça e na forma thoraxal, em geral distinctas. Armadura da cabeça bem desenvolvida. Prothorax, ao menos no ♂, com declividade forte ; parte basal, no bordo anterior, no meio, muitas vezes lobiforme puxado para a frente. Esporão terminal, das tibias posteriores, não emarginado.

6. Os lados do prothorax tem revestimento de pellos mediocremente compridos que mal alcançam as covas coxaes.

17.ª SECÇÃO NISUS.

6. 6. Lados do prothorax, com revestimento notavelmente comprido e cerrado ; os pellos, na metade posterior, em cima fortemente recurvados para dentro, as covas coxaes mais ou menos sombreadas.

18.ª SECÇÃO CRINICOLLIS.

1. 1. Armadura da cabeça, do ♂ (excepto *calcaratus*), uma chapa forte, transversa, simples na parte de cima ou, no meio, prolongada n'um espinho ; a da ♀, uma carina transversal ou tambem laminiforme.

7.0 prothorax do ♂, no bordo anterior da parte basal, no meio, não é puxado para a frente, em forma de lobo. Armadura da cabeça, da ♀, uma carina transversal, a do ♂, em cima simples ou, no meio, com espinho. Côr preta :

19.ª SECÇÃO ASSIFER.

7. 7. Prothorax do ♂, anteriormente, no meio, da parte basal, puxado para diante, em forma de lobo forte, triangular. Armadura da cabeça, em ambos os sexos, uma lamina transversal, prolongada, no ♂, nos angulos, em espinho forte. Calcar terminal, das tibias posteriores, não emarginado. (Côr verde ou cuprina) :

20.ª SECÇÃO SPECIOSUS.

SciELO

13.ª Secção Inachus.

Prothorax liso ou com pontos finissimos; simplesmente convexo ou, ás vezes, um pouco em declive. Giba da cabeça, directamente á frente dos olhos, muito curta, muitas vezes mal desenvolvida ou ausente. Elytros com estrias como sempre. Lado superior quasi sempre brilhante. Differenças sexuaes bem fracas. Preto, mais raramente pardo, ás vezes com reflexo azul ou côr de cobre. Comprimento: de nove a dezoito mm.

Grupo bem variavel, necessitando ainda de exame. Para o autor impossivel foi analisal'a em secções, por falta de material de comparação.

Aqui se cabe a especie mais pequena *P. pullus Felsche*, com 9 mm. de comprimento.

Chave para as especies.

1. Giba da cabeça, conica ou um pouco transversal e em cima simples ou emarginada ou posteriormente, na ponta, impressa. Elytros sem reflexo de cobre. 3.

2. — da cabeça, uma carina transversal, fracamente tridentada. Lado superior brilhante. Elytros com reflexo de cobre — metallico, com estrias profundas, distintamente pontuadas. Clypeo bem obtusamente bidentado. Prothorax liso, sem pontos distinctos. Aproximando-se, na forma do corpo, muito ao *carbonarius* e *glaucus*, porem um pouco mais abobadado. Trata-se, sem duvida, da ♀. Sobre as dimensões nada se disse ainda. Cayenna, Surinam:

1. subaeneus Cast.

3. Clypeo simples. 5.

4. — de dois lados, entre o dente e angulo anterior da gena, fracamente obtuso-anguloso. Dentes do clypeo distinctos, porem bem obtusos. Giba da cabeça fraca, na ♀ em geral indistincta. Elytros com brilho fracamente sebáceo, estrias fundas, com pontos superficiaes; estria 3 e 5 distinctamente mais estreitas, do que 2 e 4. Prothorax liso ou quasi liso. 13 a 15 mm. Columbia, Venezuela:

2. fallax Har.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

5. Dentes do clypeo de forma regular. 7.

6. — compridos e agudissimos. Cabeça com pontos finos. Fronte e vertice formando uma elevação redonda, obtuso — emarginada, que não alcança os olhos. Disco do prothorax chagrinado e occupado por bastantes pontos finos, um pouco ocellados. Elytros com estrias fundas, transversalmente pontuadas. Metasterno quasi liso. Pygidio com pontos grossos. Lado superior brilhante. 9 mm. Perú :

3. pullus Fclsche.

7. Elytros opacos. 9.

8. — brilhantes, como resto do lado superior. 11.

9. Cabeça rugosa. Corpo um pouco aplanado e um pouco alongado. Preto. Prothorax liso e brilhante, na base obsoletamente sulcado. Elytros crenado — estriados, intersticios convexos. Esporão terminal, das tibias posteriores, emarginado. Prothorax do ♂, mais largo do que o da ♀, anteriormente em declive. Giba da cabeça, posteriormente, impressa e mais forte no ♂, do que na ♀. Prothorax da ♀ simplesmente convexo. 16 a 18 mm. Perú, Equador :

4. *Inachus* Er. (= PROBLEMATICUS LUEDERW. ?)

10. — quasi inteiramente lisa no ♂, pontuada na ♀. Corpo não aplanado. Elytros avermelhados, opaco-holosericeos, fracamente pontuado-estriados ; intersticios planos. Brasil :

5. MUNDUS HAR.

11. Metasterno, pelo menos lateralmente, atraz esculpido e pelludo. 13.

12. — ahi com pontos grossos, porem não pelludo. Episternos pelludos. Brasil, Guayna, Surinam :

6. LUCASI HAR.

13. Giba da cabeça, do ♂, e da ♀, em cima emarginada ou posteriormente, em cima, impressa ou mais ou menos alargada. Elytros, como o resto do lado superior, brilhantes, pontuado-estriados bastante fundos. Corpo um tanto alongado. Prothorax liso ou quasi liso. Esporão terminal das tibias posteriores

troncado ou com emarginadura leve. Primeiro articulo dos tarsos posteriores delgado. 13 a 18 mm. IX, X. Equador, Guyana Perú :

7. *problematicus* Luederw. (= Inachus Er.?)
Separata Rev. Mus. Paul. p. 7.

Var. *planus Luederw.* l. c. p. 9 : Muito menor que o typo, 12 a 13 mm. Mais plano e mais estreito. 3 exemplares. *P. planus* pudesse ser especie propria, caso que não se trate de individuos mal desenvolvidos. X.

14. — conica, obtusa. Vertice impresso e pontuado. Prothorax quasi liso ; de dois lados, na base, com covinha rasa, não alargada e não pontuada. Elytros estriados bastante fundos ; estrias finamente crenado-pontuados. Esporão terminal, das tibias posteres, com emarginadura distincta. Lado superior brilhante. ♂ um pouco estreito, alongado-oval ; ♀ largo — alongado-oval. 12 a 15 mm. Mexico, Nicaragua :

8. yucatanus Bates.

PINOTUS MUNDUS HAR.

Harold Abeille VI, 1869, p. 136. — Luederw. Rev. Mus. Paul. 1914, p. 366.369 (Biolog., P. *luctuosioides* Luederw.) — Col. Cat.. 1911. p. 61.

A descripção original, vertida para o portuguez, diz : «Semelhante a *Lucasi* e *Reichei*. Preto, brilhante. Elytros em toda parte avermelhados, apagados, excepto na sutura. Clypeo agudo-bidentado. Vertice no meio com giba curta ; a ultima em forma de cone, na frente com sulco longitudinal no ♂, muito curto e emarginado na ♀. Prothorax liso, na frente, no ♂, levemente excavado. Elytros fracamente pontuado-estriados. Intersticios planos, opaco-sericeos. Compr. 13-15 mm.

«No ♂ é a cabeça quasi inteiramente lisa e traz no meio do vertice um pequeno corno conico, que está, na parte de cima, truncado e no seu lado exterior sulcado. Cabeça da ♀ pontuada, vertice com

fraca giba, emarginada. Lados do prothorax levemente sinuados logo atraz dos angulos anteriores, o que faz com que os angulos pareçam mais agudos do que em *P. Lucasi*. Por essa particularidade, bem como pela falta do brilho scintillante, distingue-se esta especie daquella. A respeito do *luctuosus*, este é mais comprido, completamente apagado e os pellos do corpo são escuros, ao passo que em *mundus* elles se apresentam avermelhado-pardos. *P. Reichei*, especie muito parecida com esta, não se pode confundir com *mundus*, por causa de seus elytros de brilho avermelhado, cujas estrias são menos distinctamente pontuadas. Procedencia: Brasil».

PINOTUS LUCASI HAR.

Har. Abeille VI, 1869, p. 137.—Col. Cat. 1911, p. 61.

Distrib.: Brasil, Guyana, Surinam.

Mus. Paul. Estado do Pará (Obidos); Surinam.—Coll. Ohaus: Manáos (Amazonas); Cayenna.—II. VI. Em geral 8 exemplares da forma a, c.

Compr. 13 a 14 mm.

A diagnose original diz: » Oblongo ovalis, piceus, elytris coeruleo-iridescentibus; capitis clypéo acute-bidentato, vertice medio breviter tuberculato; thorace laevi, margine basali punctato, angulos anticis rotundatis, elytris crenato-striatis, intersticios subconvexis, laevibus; antennis obscure rufis, clava ferruginea; pedibus posticis sat gracilibus. Long. 14 mm.

« Cette espece à reflets chatoyants bleuâtres trés-marqués sur les elytres se rapproche beaucoup du P. mundus, mais les angles anterieurs de son prothorax sont plus arrondis, son bord basal est garni de nombreux point annuliformes, ses élytres sont plus acumineés vers leur extrémité, plus fortement strieés et entièrement brillantes. Le *P. Reichei* dont les élytres présentent également quelques faibles reflets soyeux, est plus large, plus obtusément ovalaire, le bord basal du prothorax n'est pontué que sur les cotés. Etc.»

Forma a. Lado superior brilhante, porem sem reflexo azul. Prothorax distincta — e finamente pontuado.

Forma b. Lado superior opaco, sem reflexo azul. Prothorax distinctamente occupado por pontos finos.

Sendo a diagnose precedente muito resumida, para se poder determinar com certeza segundo ella, segue-se aqui uma descripção, feita de accordo com os nossos onze exemplares (forma a, b), entre os quaes diversos, que o Museu Paulista recebeu de Staudinger já desde algum tempo como *P. Lucasi* :

Oval-alongado. Preto, pellos e clava de côr ferruginea. Em cima forte brilho, ás vezes apagado. Cabeça, atraz da giba, não impressa e ali mais pontuada do que arrugada ; giba muito curta, conica, rente diante dos olhos, na ♀ definhada e ás vezes ausente. Clypeo agudo-bidentado, com rugas transversaes, separado das genas por sulco fino. Genas arrugadas, seus angulos anteriores não marcados, angulos posteriores um pouco arredondados, mas salientes. Prothorax simplesmente convexo, de dois lados arredondado igualmente, em toda a parte com pontos finos ou mais grossos, raramente disco quasi liso ; angulos anteriores arredondados, mas indicados, angulos posteriores indicados, margem anterior apenas arqueada ; margem posterior quasi egualmente arredondada em ambos os lados, começando pelas vizinhanças do meio, até os angulos posteriores, e ultrapassando-os lateralmente, aprofundada em forma de sulco e coberta de uma serie de pontos cerrados, grandes, em geral um pouco alongados ; mais raras vezes é aquelle sulco não aprofundado ou fracamente só e mais finamente pontuado. Elytros de forma oval-alongada, com estrias rasas, estrias distinctamente pontuadas ; pontos, em geral, tocando os intersticios ; intersticios planos ou levemente convexos, lisos ou indistinctamente pontuados. Metanoto nú, lateralmente coberto de pontos ocellados, no meio liso e com fraco sulco longitudinal. Pygidio liso ou muito finamente pontuado, estria marginal não encurtada. Os quatro femures trazeiros, em baixo, geralmente, lisos e sem pellos. O primeiro articulo, dos tarsos trazeiros, esbelto. Esporão terminal, das tibias trazeiras, obtuso, o das tibias anteriores, recurvado e apontado.

Parece que o ♂ se distingue somente pela giba da cabeça distincta, aguda, a qual na ♀ é rudimentar ou somente indicada.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

14ª Secção Carbonarius.

Um grupo muito uniforme, distincto pelo brilho apagado ou fraco-sedoso, pelo menos nos elytros. Genas separadas do clypeo por fino sulco ; as primeiras arrugadas, nos angulos trazeiros arredondadas, mas salientes, angulos anteriores não ou, quando muito fracamente marcados á margem. Clypeo liso no ♂ ou mais finamente esculpido e por isto muito mais brilhante do que na ♀, o qual nesta está coberta de fortes rugas transversaes. Cabeça atraz pontuada ou rugosamente pontuada. Armadura de cabeça, rente deante dos olhos, ou quasi entre os olhos, um corno pequeno no ♂, uma gibasinha na ♀. Prothorax com bordos finos ; no ♂, á frente, com mais ou menos forte declive, declividade, quando muito, de metade do comprimento da parte basal no meio ; na ♀ simplesmente convexo ; em toda a parte lisa ou quasi lisa, quando muito, lateralmente e nos angulos anteriores, distinctamente pontuado ; angulos anteriores obtusos ou um pouco arredondados, angulos posteriores indicados, margem anterior simplesmente recortada, margem posterior, no meio, um pouco puxada apenas para traz, sem pontos mais grossos, no sulco da margem posterior ; sulco mediano, quando muito, indicado, margem lateral com pellos curtos. Elytros com estrias chatas, estrias finamente pontuadas ; intersticios, excepto quanto a uma escultura fundamental, quasi microscopica, em geral dedaliforme, lisos ou muito pouco vistosamente pontuados. Metanoto lateralmente com pontos distantes e fracamente pelludo, no meio liso, sulco mediano ausente ou fracamente desenvolvido. Abdomen bastante liso, ultimo segmento, em geral, um pouco sulcado. Esporão terminal, das tibias trazeiras, emarginado ; primeiro articulo, dos tarsos trazeiros, bastante esbelto. Pygidio brilhante, liso ou finamente pontuado ; estria marginal, em geral, não encurtada. Dimensões em geral, menos que medianas (16 — 20 mm.). Côr preta, num caso verde, num outro côr de cobre. Corpo de forma commum, só em *luctuosos* um pouco alongado.

P. mundus, posto por Harold na Secção *Carbonarius*, está provisoriamente collocado na Secção *Inachus*.

Chave para as especies.

1. Côr preta. 4.
2. — verde. Brasil, Paraguay:

4. GLAUCUS Har. ♂ ♀.

3. — mais clara — ou escura de cobre, ao menos nos elytros. Brasil, Perú, Bolivia:

3. CUPRINUS Felsche, ♂ ♀.

4. Armadura da cabeça, no ♂ e na ♀, no bordo superior (visto directamente de cima) recto. Corpo um pouco espichado, com lados mais rectos. Clava e revestimento de côr parda ou ennegrecida. Brasil, Guyana:

2. LUCTUOSUS Har. ♂ ♁.

5. — da cabeça, no ♂ e na ♀, posteriormente na ponta impressa e por isto arqueada. Aspecto commum. Côr da clava e dos pellos, em geral ferruginea. Brasil, Argentina, Bolivia, Paraguay:

1. CARBONARIUS Mann. ♂ ♀.

PINOTUS CARBONARIUS MANN.

carbonarius Mannh. Nouv. Mém. Moscou, I, 1829, p. 49. — Har. Abeille VI. 1869, p. 135. — Col. Cat. 1911, p. 60.

opacus Blanch. Voy. D'Orbig. Col. 1843, p. 179. — Har. Col. Hefte V, 1869, p. 60. — Col. Cat. 1911, p. 60.

Distrib.: Brasil, Argentina, Bolivia, Paraguay.

Mus. Paul.: S. Paulo capital, Franca, Cerqueira Cesar, Salto Grande (Est. de S. Paulo); Villa Nova (Bahia); Paraná; Bolivia (de Staudinger). — Coll. Melzer: Angatuba (S. Paulo). — Coll. Ohaus: Pto. Bertoni (Paragnay); Sete Lagôas, Mar de Hespanha (Minas). Esp. Santo. — Não raro. XII, I.

Comp.: 16 a 18 mm. Elytros, excepto quanto á protuberancia hombral, opacos ou quasi opacos; aliás é o corpo mais ou menos brilhante. Preto; revesti-

mento mais claro ou mais escuro pardo, (*) em geral ferrugineo ; clava pardacenta ou amarellada. Clypeo com dentes fracos, arredondados. Estria marginal, do pygidio, não raras vezes abreviada.

♂: Armadura da cabeça corniculo curto, um pouco alargado, para cima fortemente acuminado, emarginado. Prothorax, em individuos fortes, á frente um pouco em declive. Esporão terminal, das tibias deanteiras, moderadamente recurvado, repentinamente curto-acuminado ; ou, para a ponta, um pouco alargado, o fim arredondado ou obtuso.

♀ : Armadura de cabeça uma gibasinha transversal, em geral fracamente emarginada. Prothorax convexo. Esporão terminal, das tibias anteriores, paulatinamente bem acuminado ; mais fortemente recurvado do que na ♀.

Forma a. Giba da cabeça não emarginada, porém abobadada. Bolivia. ♂ (de Staudinger).

Forma b. Lado superior, excepção feita da cabeça do ♂., opaco ou quasi opaco. Clava parda. Mus. Paulista: Villa Nova (Bahia) 1 ♂, 1 ♀.—Coll. Ohaus: Faz. Bebedouro (Minas 1 ♂ 1 ♀ *(P. opacus Blanch. ?)*

PINOTUS LUCTUOSUS Har.

Har. Abeille VI, 1869, p. 135.—Col. Cat. 1911, p. 61.

Distrib. : Brasil, Guyana.

Mus. Paul.: S. Paulo capital, Angatuba (offerta do sr. J. Melzer), S. Paulo dos Agudos (Est. de S. Paulo).— Coll. Ohaus: Ouro Preto (Minas).—5 ♂♂, 3 ♀♀. XII, I.

Compr.: 16 a 17 mm. Alongado. Clava pardacenta, revestimento pardo ou ennegrecido. Lado superior, na parte maior, opaco ; brilhantes são : O lado inferior e as pernas, o pygidio, extremidade dos elytros, protuberancia hombral, lados do prothorax embaixo das fossas coxaes em ambos os sexos, a cabeça pelo menos do ♂ ; no ♂ tambem a declividade. Elytros opaco-sedosos. Clypeo fortemente bidentado, dentes agudos. Genas, nos angulos anteriores, em geral, levemente emarginadas.

(*) Sob « pardo » entende-se neste trabalho, sempre um pardo-claro mais ou menos o de castanho

Armadura da cabeça, no bordo superior (visto de cima), recta. Elytros com estrias finissimas, estrias com pontos muito finos, porém distinctos. Esporão terminal, das tibias anteriores, no ♂ e na ♀, igual em forma, curvado e paulatinamente e accenuadamente acuminado.

♂ : Prothorax, á frente, fortemente em declive, declividade talvez da metade tão alta, quanto a parte basal mede no meio. Corniculo um pouco alargado (mais ou menos tão largo, quanto alto), robusto e, em cima, fortemente emarginado. Clypeo bastante liso e brilhantissimo; dentes mais fracos do que na ♀.

♀ : Prothorax convexo ou com declive muito leve. Giba da cabeça baixa, transversal, emarginada da parte de cima. Clypeo com rugas fortes.

A especie em questão, apresenta, pelo menos no ♂, semelhança unicamente com *luctuosioides*, e te porém, é muito menor e tem o clypeo simples. Ambas as especies causam extranheza, pelo seu corpo alongado, mais parallelo e pela sua opacidade, quasi em todo o lado superior. A ♀ se assemalha mais ao *P. carbonarius*, é porém, em geral, facil de se distinguir pela giba da cabeça, cujo bordo superior é recto. Alem disso, no *luctuosus*, os dentes do clypeo são mais tortes e mais agudos e os elytros mais finamente esfriados.

PINOTUS CUPRINUS Felsche.

Felsche, Deut. Ent. Zeitschr. 1901, p. 141. — Col. Cat. 1911, p. 60.

Distr. : Brasil, Bolivia, Perú.

Mus. Paul. : Franca (Est. de S. Paulo); Crixás (Goyaz); Pirapora e S. A. Vargem Alegre (Minas); Perú, Bolivia.

Compr. : 15 a 20 mm. Piceo; ao menos os elytros com brilho de cobre mais fraco ou mais forte. Revestimento ferrugineo ou ferrugineo-pardo (mais claro nos exemplares bolivianos, mais escuro nos brasileiros) Clava pardacenta ou ferruginea. Brilhante, os elytros com lustre sedoso só. Dentes do clypeo obtusos ou arredondados. Intersticios dos elytros lisos ou com pontos finissimos

♂; Prothorax, á frente, com pouco declive, em geral convexo. Dentes do clypeo geralmente mais

fracos do que na ♀. Armadura da cabeça: uma giba um pouco transversal, forte, baixa, posteriormente, á ponta, emarginada ou impressa. Esporão terminal, das tibias anteriores, espesso para a ponta e, muitas vezes, arredondado (segundo Felsche troncado e dentado no angulo interior).

♀: Prothorax convexo. Armadura da cabeça uma giba transversal, baixa, em geral fracamente impressa na parte de cima. Esporão terminal, das tibias anteriores, para a ponta gradativamente acuminado.

Forma a. Lado superior piceo, sem brilho de cobre. Bolivia, Pirapora (Minas) 2. ♂♂.

Forma b. O brilho de cobre dos elytros fracamente apparente de verde. Pirapora (Minas); Bolivia. 2 ♂♂.

PINOTUS GLAUCUS Har.

Har. Abeille VI, 1869, p. 135. — Col. Cat. 1911, p. 60

Distrib.: Brasil, Paraguay.

Mus. Paul.: Palmeiras, Itapetininga, Rio Claro (Est. de S. Paulo); Assuncion (Paraguay). -- Coll. Melzer: Agua Suja (Minas); Angatuba (S. Paulo). — 2 ♂♂, 4 ♀♀. I. V.

Compr.: 17 a 19 mm. Verde-escuro, cabeça mais ou menos violacea. Opaco-sericeo, pelo menos quanto aos elytros. Revestimento e clava de côr pardacenta. Estrias dos elytros com pontos finos, porem distinctos. Dentes de clypeo fortes, bastante agudos. Segmentos abdominaes, no bordo frontal, pontuados. Esporão terminal, das tibias anteriores, em ambos os sexos, quasi igual em forma, recurvado, devagarmente acuminado.

♂: Prothorax (segundo os nossos dois exemplares) bastante brilhante, mais violaceo; a altura da declividade tem apenas a metade do comprimento mediano da parte basal; no meio com impressão fraca, transversa. Armadura da cabeça um corniculo forte, conico, curto, posteriormente na ponta impressa.

♀: Prothorax convexo, verde, lustre sedoso só. Armadura da cabeça uma giba curta, grossa, na ponta fracamente impressa.

Forma a. Lado superior (tambem dos elytros) bastante brilhante. Palmeiras (S. Paulo, capital). 1 ♀.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

15ª Secção Batesi.

Separado da Secção Inachus, principalmente, pelo prothorax, que é esculpido, com pontos grossos, ás vezes pelo menos nos lados. Elytros pontuado-estriados ou estriados-pontuados. Lado superior apagado ou brilhante, não raramente irisante.

Este grupo tambem precisa ainda, muito, da separação em secções.

Chave para as especies.

1. Elytros estriado-pontuados, as estrias sómente formadas por pontos alongados. 5.

2. — pontuados-estriados, as estrias distinctamente impressas. 5.

3. Corpo arredondado, elytros não mais compridos do que juntamente largos. Lado superior sem lustre sedoso. Brasil:

1. GLOBULUS Felsche.

4. — da forma usual. Lado superior com lustre sedoso. Dentes do clypeo um pouco arredondados. A' frente, da giba da cabeça, um trecho liso, alias o clypeo com pontos muito grossos. Prothorax fortemente abobadado, sua pontuação, para fóra, ocellada. Intersticios dos elytros á frente, mediocremente, atras fortemente abobadados. 11 mm. Venezuela:

2. ocellopunctatus Felsche.

5. Estrias dos elytros na ordem commum. 7.

6. — dos mesmos formam de dois lados tres pares. Ceará:

3. GEMINATUS Arrow.

7. Prothorax, no lado superior, proporcionalmente occupado por pontos finos, bastante cerrados, de dois lados com pontos fortes ou rugosos. Em cima não irisante. Esporão terminal, das tibias posteriores, obtuso ou acuminado. 9.

8. — tambem no lado superior com pontos grossos. 11.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

9. Clypeo sem vestigio de giba ou excrescencia transversal ; entre os olhos aplanado. Corpo alongado, bastante plano. Brilhante. Elytros com estrias fortes, estrias com pontos fortes. Brasil :

4. MUTICUS Luederw.

10. — com giba ou excrescencia distincta. Corpo da fórma usual. Elytros com brilho fraco apenas; estrias com pontos finos ou indistinctos. Brasil:

5. TAUNAY Luederw.

11. Clypeo com esculptura densa, distincta. 15.

12. — bastante liso. No lado superior mais ou menos irisante. 17.

13. Intersticios dos elytros lisos. Dentes clypiaes fortes. Estrias dos elytros com pontos distinctos. Metasterno, lateralmente, com pontos grossos, sem pellos. Esporão terminal, das tibias posteriores, com emarginadura forte. 15.

14. — com pontos bem distinctos. No lado superior fortemente irisante de azul. Lados do clypeo com lobo distincto, dentes fortes, angulos anteriores das genas dentiformes. Prothorax com declividade, a ultima mais um terço tão alta, quanto mede a parte basal no meio. Parte basal, no meio, fracamente puxada para frente, em forma de lobo. Elytros com estrias fracas, que são pontuados indistinctamente, ao passo que os intersticios o são distinctamente. Metasterno, de dois lados, com pontos grossos e pellos longos. Esporão terminal, das tibias posteriores, com emarginadura fraca. 15 mm. Argentina :

6. MICANS Luederw.

Separata Rev. Mus. Paul. 1923, p. 5.

15. Lado superior com brilho forte, não irisante. Prothorax com pontos irregulares, grossos, esparsos. Brasil :

7. FORTESTRIATUS Luederw.

16. — superior opaco, irisante. Prothorax convexo, igualmente esculpido de pontos cerrados, bastante fortes. Elytros com estrias rasas, estrias com pontuação forte; intersticios não pontuados, semeados de

pontinhos (não impressos) irregulares, brancos, translucentes. 12 mm. II, VII. Equador:

8. FORTEPUNCTATUS Luederw.

Separata Rev. Mus. Paul. 1923, p. 4.

17. Estrias dos elytros apenas pontuadas. Esporão terminal, das tibias posteriores, fortemente emarginado. Brasil:

9. BATESI Har.

18. — dos mesmos distinctamente pontuadas. Brasil:

10. PARCEPUNCTATUS Felsche.

PINOTUS GLOBULUS Felsche.

Felsche, Deut. Ent. Zeitschr. 1901, p. 141. — Col. Cat. 1911, p. 60.

A diagnose original, vertida para o portuguez, diz:

« Esta especie é affim de *P. Batesi Har.*, distingue-se, porém, logo, pelo corpo massiço, redondo. Seus elytros não são mais compridos, do que largos, ao passo que em *P. Batesi*, são quasi uma vez e meia mais compridos. Clypeo com dois dentes fortes, mas não agudos, á frente espessamente arrugado, na fronte pequena giba ; fronte, vertice, genas espessamente cobertas de pontos grossos. Prothorax coberto espessamente e regularmente de pontos distinctos ocellados, que se tornam maiores para fóra ; o sulco marginal não forma cova deante dos angulos posteriores. As estrias dos elytros, formam-se tambem aqui de pontos alongados que se juntam ; os interstícios fortemente abobadados. Comprimento 11 mm.

« Amazonas (*Staudinger*). »

P. globulus pode ser comparado a *pauloensis* (Secção *Fissus*), por causa da estructura redonda, mas neste ultimo, as estrias dos elytros não se compõem de pontos.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

PINOTUS GEMINATUS ARROW.

Arrow, Am. Mag. Nat. Hist. 1913, vol. XI, p. 457.

A diagnose original, vertida para o portuguez diz:

«Preto, um pouco apagado, largo, convexo. Clypeo á frente e a cabeça lateralmente rugosa, clypeo com pequena incisão no meio da margem, dentes não proeminentes, fronte com giba. Cabeça, adeante e atraz da giba, bastante lisa. Pronoto curto, largo, em toda parte densamente coberto de pontos bastante finos, pontos no meio menos fortes, pronoto todo margeado, angulos posteriores quasi obtusos sem cova. Elytros opacos; fóra da estria sutural, em cada elytro, com 3 pares de estrias pontuadas, fortemente impressas, os pontos não cerrados e fundos. Intersticios estreitos e convexos. Pygidio com pontos finos e cerrados não profundos.

«Compr.: 12,5 a 13,5 mm., largura 8 a 8,5 mm.

«Hab.: Brasil: Natal, Ceará.

«Esta especie pertence á Secção *Carbonarius*, na qual o lado superior é completamente ou, em parte opaco. Pode ser facilmente distinguido pelas estrias caracteristicas dos elytros, formando tres pares; os intersticios são bastante estreitos e convexos. As estrias mediocremente profundas, contem pontos que são bastante fracamente impressos e distantes um do outro.

«Dois especimens foram apanhados por Mr. Mann.»

PINOTUS MUTICUS Luederw.

Luederw. Mus. Paul. Typogr. Brasil Rothschild, 1922, p. 8.

Distrib.: Brasil.

Coll. Zikán: Mar de Hespanha (Est. de Minas). 1 exemplar.

Compr.: 14 mm. Alongado, bastante chato, brilhante. Lado superior e os lados do prothorax com pellos abundantes e bastante compridos. Revestimento ferrugineo, clava pardacento-amarella, alias o corpo

preto. Cabeça, em cima, bastante chata, rugosa, posteriormente um pouco impressa e pontuada, sem giba. Angulos anteriores das genas não marcadas, os posteriores arredondados, dentes do clypeo mediocremente fortes, triangulares, obtusos. Prothorax igualmente convexo, em todas as partes com pontos bem distinctos e bastante cerrados, angulos anteriores obtuso-agudos, os posteriores distinctos, sulco mediano apenas indicado ; no bordo posterior fracamente arredondado, com uma serie de pontos ocellados. Elytros com estrias fortes, estrias fortemente pontuadas, intersticios distinctamente pontuados, um pouco rugosos. Pygidio pontuado, estria marginal não abreviada. Metasterno, nos lados, com pontos fortes, meio bastante liso, com sulco mediano fino, porem distincto. Segmentos abdominaes, no borbo anterior, com pontos ocellados, ultimo segmento com sulco fraco. Primeiro articulo dos tarsos bem delgado. Esporão terminal, das tibias posteriores, obtuso.

PIN. TAUNAYI Luederw.

Luederw. Mus. Paul. Typogr. Brasil Rothschild, 1922, p. 7.

Distrib. : Brasil.

Mus. Paul. : Ponte Nova (Estado de Minas Geraes) ; Bahia. — Coll. Zikán : Ceará. — 10 exemplares. — VIII, XII.

Compr. : 12 a 15 mm. Prothorax bastante fortemente, elytros pouco brilhantes. Preto ; revestimento ferrugineo, ralo; clava pardacenta. Clypeo rugoso, dentes arredondados. Angulos anteriores, das genas, nada ou apenas marcados ; os posteriores salientes, pouco arredondados. Prothorax com pontos bem distinctos e bastante cerrados, os do disco muitas vezes indistinctos, lados mais rugosos, bordo posterior, no meio, apenas puxado para traz, angulos anteriores arredondados, angulos posteriores nada ou, quando muito, fracamente indicados, sulco postbordal com pontos ocellados ; sulco mediano falta ou indicado só. Elytros com estrias rasas, finas, parcialmente não pontuadas ; intersticios lisos, apresentando apenas uma esculptura microscopica. Pygidio com pontos finos (rugosos), estria marginal não abreviada. Metasterno, de dois lados, com pontos ocellados e fracamente

pelludo ; no meio bastante liso, sulco mediano em geral distincto. Segmentos abdominaes bastante lisos, ultimo segmento apenas sulcado. Esporão terminal, das tibias posteriores, acuminado. Primeiro articulo tarsal posterior esbelto.

♂ : Armadura da cabeça uma giba curta, grossa, conica. Clypeo mais brilhante do que na ♀ e tambem com esculptura mais fraca. Prothorax, á frente, muito fracamente em declive, no meio da declividade com impressão fraca. Esporão terminal, das tibias anteriores, em forma de pé.

♀ : Armadura da cabeça uma giba pouco vistosa, que, nos exemplares fortes, insere-se n'uma escrescencia transversal, fraca. Prothorax simplesmente convexo. Esporão terminal, das tibias anteriores, obtuso, fracamente curvado.

Forma *a*. Clypeo quasi simples (sem amarginação). 1 ♀, Bahia.

PINOTUS FORTESTRIATUS Luederw.

Luederw. Separata Rev. Mus. Paul. 1923, p. 5.
Distrib. : Brasil.

Coll. Mus. Paul. : Barcellos (Est. do Amaz.) Ducke leg. VI. 05. 1 ex. (Coll. Ohaus.)

Compr.: 14 mm. Brilhante. Preto. Clava pardo-ferruginosa. Pellos ferruginosos, muito escassos. Clypeo, na frente, com rugas transversaes pouco fortes, atraz mais liso ; dentes fortes, embotados. Genas separadas do clypeo por um sulco fino, angulos posteriores salientes, mas arredondados ; angulos anteriores não marcados. Deante dos olhos uma giba grossa, curta e embotada. Cabeça trazeira e genas grossamente pontuadas. Prothorax grosso—e irregularmente pontuado, angulos anteriores fortemente arredondados, na frente, lateralmente, apenas indistinctamente marginado, angulos posteriores ausentes, margem posterior no meio, fracamente puxada para traz, sulco da margem posterior, coberto de pontos em forma de annel, sulco mediano, na parte trazeira, distincta. Elytros com estrias profundas, estrias finamente pontuadas, interstícios lisos, estrias, na base, em parte aprofundadas. Metasterno sem pellos, occupado regularmente por pontos grossos ocellados, no meio liso, com sulco distincto na parte de traz. Abdomen,

nas margens anteriores dos segmentos, com serie de pontos, lateralmente com pontos grossos, ultimo segmento muito fracamente sulcado. Pygidio irregular— e grossamente pontuado, estria margnal não encurtada. Primeiro articulo dos tarsos trazeiros, esbelto. Esporão final, das tibias trazeiras, fortemente emarginado. Esporão terminal, das tibias anteriores, recurvado, apontado.

Esta especie poder-se-ia, no maximo, confundir com *parcepunctatus Felsche*; distingue-se porem pelo brilho forte, dentes embotados no clypeo, pelos elytros não irisantes e clypeo rugado.

PINOTUS BATESI HAR.

Har. Col. Hefte V, 1869, p. 98. — Col. Cat. 1911, p. 59.

Eis a diagnose original, traduzido em portuguez:

« Oblongo-oval, um pouco brilhante, piceo, fracamente irisante, cabeça grande, brilhante; na frente apenas, atras irregularmente pontuada; clypeo bidentado, vertice no meio com tuberculo curto, prothorax com pontos subocellados, bastante cerrados; elytros com estrias bastante fundas, apenas pontuadas, intersticios fracamente convexos, lisos; pygidio pontuado, bastante nitido, antenas vermelhas, esporão terminal, das tibias posteriores, robusto e fortemente emarginado. Affim de *P. irinus* e *sericeus*, mas com o prothorax, nos angulos posteriores, sem cova e por isto bem differente. Compr. 15 mm. Ega » Amazonas).

PINOTUS PARCEPUNCTATUS FELSCHE.

Felsche, Deut. Ent. Zeitschr. 1901, p. 140. — Col. Cat. 1911, p. 61.

E' esta a diagnose original, em traducção portugueza: « Pardo-escuro, distinctamente irisante. Clypeo com dois dentes agudos, separados por entalhe fundo, caminhando exteriormente pouco a pouco para o bordo da cabeça; clypeo quasi liso, á frente com algumas rugas indistinctas; na testa giba pequena; vertice e genas com pontos muito grossos, mas não cerrados. Prothorax com pontos esparsos, grandes, po-

SciELO

rem rasos, estria marginal bem estreita, diante dos angulos posteriores sem cova. Elytros não mais estreitos do que o prothorax, com estrias accentuadas, occupadas por pontos distinctos, mas não grandes. Comprimento 12 mm.

Amazonas, Ega ».

16.ª Secção Sericeus.

O distinctivo principal, devido ao qual esta secção não pode ser confundida com nenhuma outra, consiste em uma profunda, antes angular do que redonda, covinha obliqua, nos angulos posteriores do prothorax, isto é no sulco da sua margem posterior ; estende-se ella até a extremidade do angulo posterior e, no outro lado do sulco quasi outro tanto na parte basal. Cabeça, atraz, grosseiramente pontuada. Clypeo com dentes embotados ou arredondados. Genas, separadas do clypeo, por fino sulco ; na frente, no bordo, não marcadas, os salientes angulos posteriores embotados ou arredondados. Armadura da cabeça uma curta gibasinha conica, atraz no clypeo. Prothorax, em ambos os sexos, simplesmente convexo, na frente com emarginadura simples ; margem posterior, no meio, nada ou pouco angulada, angulos anteriores embotados ou um pouco arredondados, angulos posteriores quasi agudos, sulco da margem latero-posterior (começando, mais ou menos do meio da margem lateral) alargado e aprofundado, margem lateral com pellos curtos e bastante espessos. Elytros fortemente pontuado-estriados, os pontos tocam os intersticios, intersticios em geral lisos. Metanoto, lateralmente, pelludo e muito grosseiramente pontuado, no meio liso e com sulco longitudinal. Abdomen, no ultimo segmento, geralmente sulcado ; os outros segmentos, na margem anterior, grosseiramente pontuados, principalmente em direcção aos lados. Estria marginal, do pygidio, não encurtada. Primeiro articulo dos tarsos trazeiros esbelto. Esporão final, das tibias trazeiras, não emarginado, embotado ; o das tibias anteriores, em ♂ e ♀, recurvado e apontado. Aspecto pequeno. Preto. Lado superior com brilho mediocre. Differenças do sexo muito fracas. Clypeo, do ♂, mais liso e mais brilhante do que na ♀, na qual elle mostra fortes rugas transversaes.

Tres especies, todas tambem do Brasil.

Chave das especies.

1. Prothorax liso tambem nos lados ou pontuado bem fino — e esparsamente apenas. 3.

2. — talvez com excepção do disco, com pontos grossos, bastante cerrados. Estrias dos elytros com pontos grossos. Brasil, Guyanas :

1. IRINUS HAR. ♂ ♀.

3. Estrias dos elytros com pontos notavelmente grossos. Brasil :

2. LAEVICOLLIS FELSCHE, ♂ ♀.

4. — dos elytros com pontos finos. Brasil, Columbia :

3. SERICEUS HAR. ♂ ♀.

PINOTUS IRINUS HAR.

Har. Col. Hefte, II, 1867, p. 97 ; Abeille VI, 1869. p. 134. — Col. Cat. 1911, p. 61.

Distrib. : Brasil, Guyanas.

Mus. Paul. : Villa Nova (Est. da Bahia) ; Esp. Santo. – 6 ♀ ♀.

Compr. : 14 a 18 mm. Lado superior, principalmente nos elytros, irisante de azul — violaceo, porem menos que no *sericeus*. Revestimento e clava de côr parda ; clava, segundo Harold, vermelha. Prothorax, em todas as partes, excepto talvez o meio, com pontos grossos, bastante densos, especialmente nos lados ; bordo posterior distinctamente crenulado, sulco bordal posterior, no meio, fraco. Elytros com estrias bastante fundas, estrias fortemente pontuadas. Pygidio liso ou com pontos finos.

Forma a. Pygidio com pontos grossos e bastante cerrados. Pellos e clava ferrugineos.

PINOTUS LAEVICOLLIS FELSCHE.

Felsche. Deut. Ent. Zeitschr. 1901, p. 140. — Col. Cat. 1911, p. 61.

Distrib. : Brasil.

Mus. Paul.: Espirito Santo. — Coll. Ohaus: C. S. Leopoldina (Est. de Esp. Santo). — 3 exemplares.

Compr.: 12 a 13 mm. Brilhante, nada ou quando muito apenas irisante. Revestimento e clava de

côr ferruginea. Prothorax leve, no maximo um pouco pontuado nos angulos anteriores; bordo anterior nada ou, quando muito, apenas crenulado, sulco bordal posterior distincto, tambem no meio. Elytros com estrias muito mais fundas, do que no *irinus*; estrias còm pontos grossissimos. Pygidio liso.

PINOTUS SERICEUS HAR.

Har. Col. Hefte, II, 1867, p. 97; Abeille VI, 1869. p. 134.— Col. Cat. 1911, p. 62.

Distrib.: Brasil, Columbia.

Mus. Paul.: Raiz da Serra (linha da via ferrea S. Paulo — Santos). — Coll. Ohaus: Petropolis (Est. do Rio). — Coll. Melzer: Joinville (Sta. Catharina). — 3 ♂ ♂, 3 ♀ ♀. XI, I, II.

Compr.: 15 a 17 mm. Um pouco brilhante, em todas as partes irisante de azul. Revestimento ferrugineo, clava em geral pardacenta. Prothorax liso ou com pontos finos e esparsos, lateralmente mais cerrados e distinctos; borda posterior crenada, sulco do bordo posterior distincto tambem no meio. Elytros estriados um pouco mais fracamente de que em *irinus*. Pygidio, pelo menos no bordo superior, com pontos distinctos.

Forma a. Lado superior preto intenso, fortemente brilhante, não irisante. 2 ♂ ♂. Petropolis (Rio). (Coll. Ohaus). Pode-se considerar esta forma como uma variedade, de *aterrimus n. var.*

17.ª Secção Nisus.

Armadura da cabeça bem desenvolvida, um corno no ♂, uma giba simples ou bidentada na ♀, atraz no clypeo. Dentes do clypeo, em geral, fortes (faltam no *nisus-Garbei*). Prothorax, anteriormente, mais ou menos em declive, lados com pellos de tamanho mediocre. Esporão terminal das tibias posteriores, pelo menos em tres especies, não emarginado. Côr preta ou ferrugineo — parda ou ainda (em duas especies) verde. Comprimento: 16 a 26 mm.

A secção tem poucos signaes uniformes, de maneira que, é impossivel caracterisa-la em poucas palavras.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Chave das especies.

1. Cor verde. 3.
2. — preta, negrejante ou mais escuro — pardacenta. 5.
3. Prothorax com pontos grossos. Dentes do clypeo arredondados. Brasil:

3. SUPERBUS FELSCHE' ♂ ♀.

4. — com pontos apenas visiveis, á frente um pouco declive e aqui, no meio, com impressão pequena, rasa. Elytros opaco — sedosos, com estrias dobradas, accentuadas, transversalmente pontuadas; intersticios sem esculptura visivel. Clypeo com rugas fortes, dentes compridos e bem agudos. Superior — e inferiormente claro-verde-metallico, clypeo, femures anteriores, todos os tarsos e tibias de cor preta; revestimento vermelho-pardo. 20 mm. Guyana:

4. Lycas Felsche.

5. Clypeo lateralmente simples. Brasil, Argentina, Paraguay, Guyanas, (Mexico?)

1. NISUS OI. ♂ ♀.

6. — de dois lados, simplesmente lobado. Brasil:

2. FIMBRIATUS HAR. ♂ ♀.

PINOTUS NISUS OL.

nisus Ol. Entomol. I, Scarab. 1789, p. 159, t. 2, f. 1 — 7; Encycl. méth. V. 1790, p. 166. — F. Syst. Eleuth. I, 1801, p. 44. — Har. Abeille VI, 1869, p. 141. — Col. Cat. 1911, p. 61. — Luederw. Rev. Mus Paul. 1914. p. 366, 369 (Biol.).

Garlei Luederw. Mus. Paul. Typogr. Brazil Rothschild, 1922. p. 11.

Distrib.: Brasil, Argentina, Guyana, (Mexico ?)

Coll. Mus. Paul.: S. Paulo capital, Franca, Campinas (Est. de S. Paulo); Villa Nova (Bahia); Santarem (Pará); Porto Alegre (Rio Gr. do Sul); Pouso e Vargem Alegre (Minas); Paraguay. — Coll. Ohaus: Pernambuco, Pará, Bahia capital, Petropolis

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

(Rio de Janeiro), Minas; Chaco del Santiago (Argentina). — Coll. Melzer: Santarem (Pará) Boy leg. — Coll. Zikán: Faz. Jerusalem (Esp. Santo); Coll. Gliesch: Porto Alegre (Rio Gr. do Sul.) — Muito commum, pelo menos no Sul do Brasil. — I, IV, VII — XII. Tambem se deixa apanhar á luz electrica.

Compr.: De 16 a 25 mm. Brilhante. Revestimento ferrugineo, clava pardo-amarella. Cabeça, inclusive o clypeo, em geral com rugas fortes, transversaes. Angulos anteriores das genas, em geral, bem marcados, angulos posteriores arredondados. Dentes do clypeo pouco fortes, arredondados. Prothorax, dos dois lados, com pelos cerrados, atraz dos angulos anteriores um pouco sinuado, bordo anterior simplesmente emarginado; angulos anteriores obtusos ou um pouco arredondados, os posteriores arredondados; disco com pontos bastante densos, nos dois lados, como usualmente, mais fortemente pontuados ou rugosos; declividade com rugas transversaes, escamiformes, sulco mediano forte, bordo basal com pontos ocellados. Elytros com estrias fortes, nas estrias com pontos fracos; intersticios com pontos distinctos e bastante cerrados ou rugosamente pontuados. Metasterno, nos dois lados, com pontos grossos, pelludo, no meio liso ou com pontos finos e sem pellos, com sulco mediano forte, posteriormente um pouco alargado. Segmentos abdominaes, no bordo anterior, com uma serie de pontos maiores; ultimo segmento um pouco sulcado, muitas vezes tambem os outros, lateralmente. Pygidio com pontos distinctos; estria marginal não abreviada. Esporão terminal, das tibias posteriores, não emarginado, obtuso; primeiro articulo tarsal esbelto.

♂: Corno grosso, curto, em cima obtuso. Declividade pouco mais baixa, do que mede a parte basal no meio, quasi plana, sómente no meio com impressão rasa; bordo anterior, da parte basal, no meio, com emarginatura pequena, porem distincta.

♀: Armadura da cabeça transversal, bigibosa. Declividade mais baixa ou ausente. Bordo anterior, da parte basal, simples ou com emarginatura fraca.

Forma a. Giba da cabeça não emarginada, mas abobadada. S. Paulo capital, 2 ♀ ♀.

Forma b. Pelo menos os elytros opacos ou pouco brilhantes, devido á esculptura quasi microscopica, densa. S. Paulo capital, Jundiahy, S. José do Rio Pardo, Franca, Itapetininga (Est. de S. Paulo); Vil-

la Nova (Bahia); Porto Alegre (Rio Gr. do Sul). — 3 ♂ ♂, 10 ♀ ♀.

Forma c. Mais claro — ou escuro — pardacento, elytros opacos. S. Paulo capital, S. José do Rio Pardo (Est. de S. Paulo); Villa Nova (Bahia). 5 ♀ ♀.

Forma d. Côr, como a da c, os elytros brilhantes porém. Villa Nova (Bahia). 1 ♀.

Forma e. *(P. Garbei)*. Pode ser tomado somente por forma de *ninus*, devido aos transitos. A differença consiste na falta completa ou quasi completa dos dentes clypeaes. Clypeo, no bordo, nada ou, quando muito, apenas levantado. Prothorax e elytros opacos ou pouco brilhantes. Entre as especies, de clypeo simples, poder-se-ia confundir com esta o *P. Garbei*, no maximo, somente com exemplares pequenos da Secção *Carolinus*; aquelles porém têm sempre estrias tomentosas nos elytros. Mus. Paul.: S. Paulo capital, Esp. Santo, Villa Nova (Bahia), Cayena. — Coll. Ohaus: Mar de Hespanha (Minas). 3 ♂ ♂, 3 ♀ ♀, XI, XII.

Forma f. Prothorax com dois sulcos mediaños distinctos. 1 ♀. Coll. Ohaus. Mexico.

P. nisus lembra, no habito, a Secção *Crinicollis* e *Carolinus*. Podem ser confundidos, as ♀ ♀ pequenas, opacas, com *P. carbonarius*, porem nestes ultimos o esporão terminal, das tibias posteriores, é emarginado. Pequenos exemplares são tambem semelhantes ao *P. Ascanius*, mas a declividade do prothorax, apresenta-se rugosa, quando no *Ascanius*, é lisa. Ainda seria o caso de se tomar em consideração ♀ ♀ da Secção *Assifer*, quer dizer *P. assifer* e *affinis*. N'estes porém, o metasterno, é pelludo e grossamente pontuado, assim como no meio aprofundado em forma de escudela, no *nisus* porem, é liso ou quasi liso, convexo e não pelludo.

PINOTUS FIMBRIATUS Har.

Har. Abeille VI, 1869, p. 143; Col. Hefte XIII, 1875, p. 65. — Col Cat. 1911, p 60.

A descripção original, vertida para o portuguez, diz: «De forma redondo-alongada, bastante parallela preta, brilhante. Clypeo, na frente, com dois fortes, mas embotados dentes, e de cada lado mais uma vez levemente lobulado. Corno curto, grosso, subconico. Disco, do prothorax, um pouco liso, com sulco longitudinal

impresso na frente, cortado obliqua — mas insignificantemente, a parte basal, na frente, um pouco lobulada e, de ambos os lados, curto tuberculada. Elytros com estrias de profundidade media, estrias pouco crenadas. Intersticios fracamente elevados, um pouco lisos. Compr.: 26 mm.

« Esta especie é bastante grande e tem uma forma algum tanto alongada, um pouco parallela. Clypeo com 2 dentes embotados, de cada lado com uma insignificante, abotada proeminencia. Fronte do ♂ com pequeno corno bastante forte, subconico. Prothorax transversal, como em *crinicollis*, com declive abrupto para a frente; a margem anterior, da parte elevada, no meio, sobresahindo como lobo muito embotado, de cada lado recortado e terminando aqui numa pequena giba, bastante aguda. Parte basal com fino sulco mediano. Elytros com estrias mediocremente profundas, pontuação indistincta; intersticios um pouco elevados, quasi lisos. Os compridos pellos do prothorax, do lado inferior e das pernas, vermelho-pardos. Esporão terminal, das tibias trazeiras, não emarginado. Brasil ».

Col. Hefte : « Alguns exemplares. Esta especie é caracterisada pelo curto prothorax e a cabeça relativamente comprida, cujas genas estão arredondadas, num angulo muito obtuso. As ♀♀, cujo prothorax tambem mostra, na frente, declive leve, fazem lembrar as do *P. nisus*, distinguindo-sè porem pelos elytros mais compridos, de lados mais rectos; pelo prothorax mais plano, mais grosseiramente pontuado, na frente com declive e pela cabeça, atraz mais estreita, cujo clypeo, ao mesmo tempo, tem dois dentes muito mais fortes ».

PINOTUS SUPERBUS Felsche.

Felsche, Deut. Ent. Zeitschr. 1901, p. 145. — Col. Cat. 1911, p. 62.

Distrib. : Brasil.

Mus. Paul.: S. Paulo capital. 2 ♂♂, 2 ♀♀. Offerta do sr. Julius Melzer e João Lane, cujas collecções tambem contem exemplares. — I, II, V.

Compr. 16 a 19 mm. Brilhante, elytros de lustre-sedoso. Verde, com ou sem brilho de cobre; clypeo, pelo menos á frente, preto ou violaceo-escuro;

cabeça e prothorax por baixo, como tambem as pernas, de côr preta ; o resto, do lado inferior, de côr verde e cobreada. Revestimento pardo-escuro, clava parda ou grisalha. Cabeça com rugas grossas ou rugoso-pontuada. Clypeo com dentes fortes, arredondados. Genas, á frente, não marcadas, posteriormente arredondadas. Prothorax, nos lados, forte — e quasi egualmente arredondado, alem de bastante pelludo ; bordo anterior com emarginadura simples e forte ; bordo posterior, no meio, puxado para traz e occupado por pontos distinctos, ocellados ; angulos anteriores obtusos, angulos posteriores quasi accentuados ; declividade forte, aprofundada, pela maior parte occupada por pontos grossos, esparsos, ocellados, lateralmente com rugas transversaes ; parte basal, no bordo anterior, com emarginadura curto-triangular ; disco com pontos bastante grossos e bastante cerrados, porem rasos e, esbatidos ; nos lados com rugas fortes e tambem esbatidas : sulco mediano forte, posteriormente um pouco abreviado. Elytros, para traz, successiva — e fortemente estreitados, nos hombros mais largos de que nas outras partes ; com estrias razas, mas distinctas, não pontuadas, anteriormente não raras vezes aprofundadas em forma de sulco ou covinha ; intersticios lisos, sómente com esculptura quasi microscopica, tendo, aqui e acolá, rugasinhas transversaes. Metasterno, dos dois lados, pelludo e com pontos grossos e cerrados, no meio mais liso, sulco mediano esbatido. Abdomen bastante liso, ultimo segmento com sulco fraco, tambem os outros segmentos lateralmente, em geral, com covinhas. Pygidio com pontos fracos e rugosos. estria marginal não abreviada. Esporão terminal, das tibias posteriores, acuminado não emarginado. Primeiro articulo tarsal esbelto.

♂ : Corno da cabeça bastante alto e esbelto, liso, conico, recto, troncado. Clypeo com rugas mais esparsas, antes do corno mais liso. Declividade do prothorax um pouco mais baixa, do que mede a parte basal no meio. Esporão terminal, das tibias anteriores, para a extremidade bastante fortemente quebrado e fortemente acuminado.

♀ : Armadura da cabeça : uma giba baixa, conica, obtusa. Clypeo, como o resto da cabeça, bastante igual — e mais fortemente rugoso. Declividade do prothorax mais baixa. Esporão terminal, das tibias anteriores, curvado e acuminado.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

A descripção de Felsche (segundo um exemplar) concorda quasi com os nossos exemplares, até quanto as covinhas, nos angulos posteriores do prothorax, que faltam ou são, no maximo, indicados; porem não se pode comparal-as, com as de *P. irinus*, como faz o autor acima citado.

O animal não é raro na cidade de São Paulo (Avenida Paulista etc.) colleccionando-se-o, em geral, á luz electrica. No Ypiranga, porém, nunca o encontrei o que é curioso; evidentemente elle é reduzido ás certas condicções locaes.

18.ª Secção Crinicollis.

Ella está bem caracterisada pela corôa de compridos e espessos pellos, nos lados do prothorax, em geral de um ferruginoso ou mais raramente de um pardo-ferruginoso. Na parte de cima, taes pellos estão fortemente virados para dentro, apresentando as fossas coxaes mais ou menos sombreadas. O prothorax tem, na frente, mais ou menos declive, mesmo ainda nas menores ♀♀, mas, só com excepção de *nobilis*, é que o declive, tambem no ♂, sempre se mostra mais baixo, do que a parte basal, no meio comprida. Declive com rugas espessas, grossas, rugosamente pontuado ou, em *nobilis*, granulado. Prothorax, na margem lateral — anterior, recto ou mais ou menos sinuado, os angulos anteriores, bastante agudos ou só um pouco arredondados; angulos posteriores geralmente arredondados, quando muito indicados, margem posterior, no meio, pouco puxada para traz. Cabeça arrugada; armadura, corno ou giba transversal, em geral rente deante dos olhos; genas, separadas do clypeo, por sulco fino, dentes do clypeo bem desenvolvidos, angulos anteriores, das genas, salientes, com pequeno cantinho, angulos posteriores em geral totalmente arredondados. Elytros, com excepção de *inflaticollis*, fortemente estriados; estrias e interstícios lisos ou indistinctamente pontuadas. Metanoto, lateralmente, pelludo e grosseiramente pontuado, no meio liso, sulco mediano terminando, em algumas especies, atraz, numa covinha, em forma de escudella. Segmentos abdominaes, na maior parte, lisos, ultimo segmento um pouco sulcado. Pygidio liso ou finamente pontuado; estria marginal em geral não encurtada. Es-

porão final, das tibias trazeiras, agudo ou obtuso, o das tibias anteriores, acurvado ou apontado. Primeiro tarso, das pernas trazeiras, esbelto. Côr geralmente preta, ás vezes parda ou ferruginosa. Clava de um pardo-claro ou escuro. Em geral brilhante. Especies de grandeza media.

Chave para as especies.

1. Disco do prothorax, em toda a parte, com pontos grossos. 3.

2. — do mesmo, liso, ou com pontos finos e esparsos ou, no maximo, no bordo posterior, com pontos mais grossos. 5.

3. Sulco mediano, do metasterno, terminando posteriormente numa covinha pequena, porém distincta; bordo lateral, do prothorax, rente atraz dos angulos anteriores, fortemente emarginado, de maneira que, elles sobresahem lateralmente quasi dentiformes. Clypeo, dos dois lados dos dentes medianos, outra vez fortemente lobado. Declividade, do prothorax, forte — e densamente granulosa. ♂: Corno bastante comprido, esbelto, recto, com emarginadura forte, na parte de cima. ♀: Giba da cabeça transversal, forte, na parte de cima como no ♂. 21 a 24 mm. Argentina, Bolivia, Uruguay. (Fig. 42, 43, 44, 45):

1. nobilis Wat. ♂ ♀.

4. — mediano, anteriormente, não terminando numa covinha; bordo lateral, do prothorax, recto ou pouco sinuado, os angulos anteriores nada sobresahem por isto, lateralmente, ou quando muito, apenas um pouco. Clypeo simples ou fracamente lobado. Declividade com rugas grossas. Brasil. (Fig. 46, 47):

2. SPITZI Luederw. ♀ ♂.

5. Estrias dos elytros bem distinctas. 7.

6. — sómente indicadas. Como *semisquamosus*, porem, os dentes lateraes, do clypeo, muito mais pronunciados. Lobo mediano, do prothorax, um pouco redondo-entumecido, dentes, no lado d'isso, apenas indicados. Elytros um tanto opacos. 24 a 27 mm. Paraguay:

6. inflaticollis Felsche.

7. Sulco mediano, do metasterno, posteriormente, terminado numa pequena cova distincta. 9.

8. — mediano do mesmo não terminando numa covinha. Brasil. (Fig. 49):

5. SEMISQUAMOSUS Curt. ♂ ♀.

9. Lobo mediano, do prothorax, para diante, fortemente estreitado. seu bordo anterior com emarginadura distincta. Brasil. (Fig. 50):

4. CAMPORUM Luederw. ♂

10. — mediano. do prothorax, para diante, fracamente estreitado só; bordo anterior do lobo nada ou, quando muito, apenas emarginado. Brasil, Argentina. (Fig. 51, 52).

3. CRINICOLLIS Germ. ♂ ♀.

A PINOTUS NOBILIS Waterh. (Figs. 42, 43, 44, 45).

Coll. Ohaus: Chaco de Santiago (Argentina). 3 ♂♂, 1 ♀.—Coll. Brneh.: Cordoba, Corrientes, Tucuman, Catamarca, (Argent.) 2 ♂♂, 8 ♀♀. — I. Compr.: 18 a 24 mm. Differe, da diagnose de Waterhouse, somente nos seguintes pontos: Corno do ♂ não curto, e sim bastante comprido. Lobo mediano, do prothorax, no bordo anterior, superficialmente emarginado.

Addendas · Preto ou mais raramente pardo-escuro; revestimento, nos lados do prothorax, pardaeento ou ferrugineo. Clypeo com pontos fortes ou pontuado-rugoso, predominando ora os pontos, ora as rugas. Dentes do clypeo compridos, arredondados. Os angulos anteriores das genas sobresahem em forma de ponta pequena, os posteriores fortissimamente arredondados. Genas, separadas do clypeo, por sulco fino, indistincto. Armadura da cabeça rente diante dos olhos. Clava parda. Angulos posteriores do prothorax indicados. Metasterno, lateralmente, peliudo e

com pontos grossos, lisos no meio, com sulco forte, terminando atraz numa covinha. Esporão terminal, das tibias posteriores, obtuso-agudo, primeiro articulo, das posteriores, esbelto. Estria marginal, do pygidio, não abreviada. Abdomen bastante liso, ultimo segmento com sulco fraco.

♂ : Corno da cabeça bastante comprido, esbelto ; ponta um pouco alongada e fortemente emarginada, por baixo della estreitada. Cabeça, atraz do corno, de olho a olho, com trecho liso, bastante largo, aprofundando-se junto aos olhos. Bordo anterior, do prothorax, atraz dos olhos, nos exemplares robustos, fortemente emarginado ; no meio com emarginação larga e bem rasa ; lobo mediano, da parte basal, anteriormente no meio, com emarginação mais forte ; declividade talvez tão alta, quanto mede a parte basal no meio. Fossas coxaes, por dentro, com bordo cortante (continuação do bordo anterior da parte basal), terminando em quina aguda. (Fig. 42).

♀ : Armadura da cabeça uma chapa transversa, bastante larga, forte, em cima fortemente emarginada e, de lado, bidentada. Falta a faixa lisa entre os olhos Bordo anterior do prothorax bastante recto, atraz dos olhos menos emarginado ; declividade mais baixa. Fossas coxaes, por dentro, com quina mais fraca ou não existente. (Fig. 43).

As ♀ ♀ robustas têm, na forma thoraxal, a maxima semelhança com os ♂ ♂, quer dizer, a parte basal, no bordo anterior, apresenta sete sinuosidades (o meio emarginado e de dois lados tres vezes sinuado) ; os angulos, da emarginação mediana, são distinctamente marcados. A giba, no bordo inferior das fossas coxaes, existe bem em todos os ♂ ♂ grandes e pequenos, e sómente porém nas ♀ ♀ robustas, ao passo que falta inteiramente ás ♀ ♀ fracas, como em resumo o bordo inferior cortante. As ♀ ♀ fracas têm, na formação do prothorax, a maxima semelhança com *crinicollis* ♀ : A parte basal, no bordo anterior, de dois lados, apresenta sómente uma sinusidade e no meio um lobo grande, arredondado.

Nota : O Pinotus, mencionado em meu trabalho, Rev. Mus. Paul. 1914, p. 369, não pertence a *nobilis*, e sim a *Spitzi*.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

PINOTUS SPITZI Luederw.

Luederw. Rev. Mus. Paul., Vol. XIV, 1925, p. 156; idem (Vol. IX, 1914, p. 569 (*nobilis* Waterh. (Biologia).

Distrib.: Brasil.

Mus. Paul.: S. Paulo capital, Estação do Alto da Serra. Campos do Jordão, Serra da Bocaina (Estado de S. Paulo); Castro (Paraná); Neu Wuertemberg (Rio Grande do Sul). — Coll. Ohaus: Petropolis, Itabapoana (Est. do Rio); Ouro Preto (Minas). — Coll. Zikán: Passa Quatro (Minas). — I, a IV, X a XII, VIII. No Estado de S. Paulo, é esta uma das especies mais frequentes.

Compr.: 15 a 24 mm. Fortemente brilhante. Preto, pellos ferrugineos. Caboça com rugas fortes. um tanto transversas. Armadura da cabeça quasi entre os olhos. Clypeo, junto aos dentes medianos, arredondados, em geral um tanto sinuoso, porém sem formação de lobo. Angulos posteriores, das genas, fortissimamente arredondados. Prothorax, no disco, com pontos cerrados e bastante grossos; com sulco mediano distincto. Fossas coxaes, por dentro, sem margem cortante e elevada; bordo anterior, da parte basal, de dois lados, sinuado, lobo mediano puxado para frente bem fracamente emarginado no meio. Elytros com estrias fortes, finissimamente pontuados; intersticios lisos ou quasi lisos. O sulco mediano do *metanoto*, posteriormente, não termina numa cova. Estria marginal, do pygidio, abreviada ou não.

♂: Corno da cabeça curto, porém mais comprido do que espesso, conico, para cima mais tenue, fracamente emarginado na ponta ou obtuso. Prothorax, na declividade, dos dois lados, com cavidade distincta, mais alto do que na ♀; bordo anterior, da parte basal, com sinuosidade mais forte, terminando numa giba obtusa; lobo mediano, no meio, com emarginadura um pouco mais forte. Bordo anterior, do prothorax, no meio, forte — e largamente puxado para frente, um pouco redondo; de dois lados duas vezes sinuado.

♀: Giba da cabeça baixa, em cima bidentada, transversal. Prothorax, na declividade, sem excavações e mais baixo, do que no ♂; bordo anterior, da parte basal, mais fracamente desenvolvido; a sinuosidade perde-se, pouco a pouco, sem giba no fim; disco

em geral, com pontos mais fortes e por isto mais opaco, do que no ♂. Bordo anterior, do prothorax, bastante recto.

Forma a. Giba da cabeça, não emarginada. S. Paulo e Rio. 3 ♀♀.

O *Pinotus Spitzi* tem sido muitas vezes, confundido com *nobilis*. As differenças são as seguintes: Declividade do prothorax muito mais baixa, não granulada, porém rugosa. Bordo anterior, da parte basal, junto ao lobo mediano fracamente emarginado, de dois lados e sinuado não tres vezes, e sim sómente uma. Bordo anterior do prothorax, atraz dos olhos, sem emarginatura. Fossas coxaes sem bordo cortante e sem quina. ♂: Corno para cima não alargado, porém estreitado; entre os olhos nenhum trecho liso. ♀: Armadura da cabeça não em fórma de chapa, mas gibiforme.

PINOTUS CRINICOLLIS Gérm. (Fig. 51, 52).

Germ. Ins. sp. nov. 1824, p. 100. — Har. Abeille VI, 1869, p. 140. — Col. Cat. 1911, p. 60. — Luederw. Rev. Mus. Paul. 1914. p. 366, 369, (Biologia).

Distrib.: Brasil, Argentina.

Mus. Paul.: S. Paulo capital, Avanhandava, Franca, Funil, Estaç. Raiz da Serra, Piracicaba (Est. de S. Paulo); Castro (Paraná). — II. XI.

Comprim.: 20 a 28 mm. Elytros, nas estrias, pontuados indistinctamente, ou tambem não; nas costas menos brilhantes, que nos lados. Giba da cabeça curta, mais larga de que alta, atraz fortemente rugosa, por cima em geral emarginada. Angulos posteriores das genas totalmente arredondados. Clypeo, junto aos dentes medianos, em geral com lobo forte. Prothorax, na parte basal, com pontos finos, esparsos, no bordo lateral e posterior cerrados e bastante fortes; parte basal puxada para a frente, em fórma do lobo largo, de dois lados emarginado; a extremidade da emarginação, acima das fossas coxaes, menos gibiforme, como no *semisquamosus;* lobo, no bordo anterior, recto ou, quando muito, muito pouco emarginado.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

♂ : Bordo interior das fossas coxaes distinctamente elevado. 2 exemplares.

♀ : Bordo interior, das fossas coxaes, não nu sómente um pouco elevado.

N'uma ♀, o revestimento, nos lados do prothorax, é muito mais escuro ; elytros com estrias mais fundas e por isto os intersticios dos elytros são mais convexos. Angatuba (Est. de S. Paulo), e no Museu Nacional Rio de Janeiro.

PINOTUS CAMPORUM Luederw. (Fig. 50).

Luederw. Mus. Paul. Typogr. Brasil Rothschild 1922. p. 10.

Distrib. : Brasil.

Mus. Paul. : Estação Raiz da Serra, S. Paulo Capital (Est. de S. Paulo); Castro (Paraná). — Coll. Ohaus : Missiones, S. Ignacio. — 7 ♂ ♂, VII, X, XI.

♂ : Compr. : 25 a 26 mm. Semelhante *crinicollis*, porém lobo mediano do prothorax, para a frente, fortemente estreitado, no bordo anterior com emarginatura distincta. Bordo interior, das fossas coxaes, com cantos bastante cortantes, sobresahindo por arco elevado bastante fortemente. Corno da cabeça forte, mais alto de que largo na base.

Eu collocaria *camporum*, sem maior indagação, como ♂ forte a *crinicollis ;* todavia, da ultima especie me estão diante dos olhos dois ♂ ♂ indiscutiveis, embora de tamanho mediocre, mostrando a mesma fórma thoraxal etc., como a da ♀. Todos os exemplares (total 19) foram exactamente examinados, conforme o seu sexo.

Por outro lado possuo uma ♀ (12.622), tendo a maxima semelhança com as duas ♀ ♀ de *crinicollis ;* sómente a parte basal, do prothorax, está emarginada bem distinctamente.

PINOTUS SEMISQUAMOSUS Curt. (Fig. 49)

Curtis. Trans. Linn. Soc. Lond. XIX, 1845, p. 445. — Har. Abeille VI, 1869, p. 140. — Col. Cat. 1911, pag. 62.

Distr. : Brasil.

Mus. Paul. : S. Paulo-capital, Piracicaba (Est. de S. Paulo) ; Esp. Santo; S. João da Barra (Rio).—

— Coll. Ohaus: Cariacica, C. S. Leopoldina (Esp. Santo). — Na maioria dos casos — I, IX, XII.

Compr.: 14 a 26 mm. Brilho forte. Armadura da cabeça, em ambos os sexos; corno curto, talvez tão alto quanto largo, no lado posterior concavo e inteiramente ou em geral parte polida, emarginando-se na ponta; nos exemplares fracos uma giba emarginada. Lobo accessorio, do clypeo, menos desenvolvido, que no *crinicollis*. Angulos posteriores, das genas, totalmente arredondados. Prothorax, na parte basal, no meio, puxado para diante e junto com emarginatura funda; a extremidade, da emarginação, acima das fossas coxaes, proeminente, em fórma de giba; lobo mediano, para a frente, fortemente estreitado e, no bordo frontal, com emarginação bastante funda; sulco mediano bem desenvolvido; na parte basal liso ou quasi liso, com pontos distinctos sómente lateral — e posteriormente. Margem inferior das fossas coxaes não elevada. Elytros, nas estrias, com pontos finos, mas distinctos. Metasterno atraz sem covinha.

Exteriormente quasi não se pode distinguir os sexos.

Fórma a. Corno de cabeça fortemente desenvolvido, mas não emarginado em cima. 5 ♂♂. Estado do Rio de Janeiro.

Fórma b. Cabeça igualmente arredondada (quero dizer, sem dentes á frente no meio), clypeo, dos dois lados, não elevado, angulos anteriores, das genas, não marcados, carina da cabeça, na parte de cima, recta. 1 ♀, Esp. Santo, Coll. Ohaus.

Fórma c. Côr parda. B. Timbuhy (Esp. Santo). Coll. Ohaus.

19.ª Secção Assifer.

Armadura da cabeça, do ♂, chapa larga, alta, laminiforme ou forte carina transversal, que em cima no meio, se alonga em espinho; só em *calcaratus* consiste num corno, munido, nos dois lados da base, de pequena giba. A armadura da ♀ semelhante á do ♂, sómente menos desenvolvida ou consistindo numa carina transversal, com dois ou quatro dentes ou gi-

bas transversaes. Fórma do corpo um pouco alongada e mais rectilinea, do que de costume. Clypeo bidentado, raramente emarginado ou quasi simples. Prothorax lateralmente com pellos curtos, no ♂ com declive; na ♀ convexo ou, quando muito, com fraco declive. Elytros fortemente estriados. Lados do metasterno, pelludos e pontuados, no meio liso. Primeiro articulo, dos tarsos dos pés trazeiros, esbelto. Esporão, das tibias anteriores, curvado e acuminado. No maximo de tamanho mediano. Em geral preto e brilhante. Differenças de sexo evidentes, na formação da cabeça e do prothorax.

Chave das especies.

1. Prothorax simples. 3.

2. — encima, no meio, com duas pontas obtusas; disco polido, com pontos finissimos. Armadura da cabeça corno curto, na base, de dois lados, fracamente giboso. Esporão terminal, das tibias posteriores, na ponta, finamente fendido (♀ desconhecida). Brasil:

3. CALCARATUS Arrow. ♂.

3. Armadura da cabeça: chapa larga, alongada em cima n'um espinho ou simples. ♂. 5.

4. — da cabeça: uma carina ou giba transversal. ♀. 23.

5. Chapa simples emcima. Fig. 53. Sulco mediano, do metasterno, posteriormente, terminando n'uma excavação grande, em forma de escudella. Esporão terminal, das tibias posteriores, não emarginado. 7.

6. — encima, no meio, alongada um espinho. Fig. 54.) Sulco mediano, ao menos ao *triquetrus*, *tristis*, *amplicollis*, *centralis*, *Agenor* e *Belus*, quando presente, posteriormente não se apresenta sob a forma de gamella. 9.

7. Armadura da cabeça alta, fortemente transversal tendo de largura mais ou menos o dobro de sua altura. Lobo mediano, da parte basal do prothorax, á frente, fracamente emarginado. Brasil. (Fig. 53):

1. ASSIFER Eschach. ♂.

8. — muito mais estreita. Lobo mediano, da parte basal, simples. Brasil:

2. AFFINIS Felsche, ♂.

9. Estrias dos elytros sem distincção. Prothorax liso ou com pontos finos; distinctamente pontudo, no maximo de dois lados, só. 11.

10. — dos mesmos extremamente fortes, em formas de sulcos. Pontuação, nas estrias, transversal, muito aproximada. Prothorax, em toda a parte, com pontos fortes. Esporão terminal, das tibias posteriores, emarginado. Chapa da cabeça, em cima, bastante recta, o espinho mediano obtuso. 19 a 20 mm. America Central. (Fig. 55):

10. centralis Har. ♂. *

11. Lado superior brilhante. *Esporão terminal, das tibias posteriores, emarginado (ou encortado) 13.*

12. — *superior opaco. Esporão terminal, das tibias posteriores, arredondado. Chapa da cabeça, na parte de cima, recta; espinho obtuso, posteriormente arredondado e com rugas fortes. Declividade, do prothorax, mediocremente alta. Estrias dos elytros, com pontos finissimos. 20 mm. (♀ desconhecida). Venezuela. (Fig. 54):*

4. tristis Luederw. ♂.

Luederw. Separata Rev. Mus. Paul. 1923, p. 12.

13. Clypeo com dentes distinctos. 15.

14 — com dentes muito fracos, a dizer a verdade apenas emarginado. Espinho da chapa de cabeça, na extremidade, não emarginado; a propria chapa que parte de cima não é recto — troncada, porem os seus angulos dentiformes, erectos e o trecho entre o angulo e o espinho mediano, com emarginação arredondada. Estrias dos elytros, com pontos cerrados e bastante fortes. 16 a 20 mm. Columbia. (Fig. 56):

11. Belus. Har. ♂.

15. Espinho mediano, da chapa da cabeça, em cima, obtuso ou emarginado ou pelo menos posteriormente na ponta, com impressão distincta. 17.

SciELO

16. — mediano fortemente acuminado. Prothorax, no bordo anterior, no meio da parte basal, com emarginatura fraca. Estrias dos elytros, com pontos leves. 18 a 20 mm. Mexico :

5. sagittarius Har. ♂.

17. Espinho mediano, da chapa de cabeça, na parte de cima, não emarginado, no maximo um pouco impresso. 19.

18. — mediano em cima troncado e indiscutivelmente emarginado, atraz com rugas fortes. Parte basal do prothorax, no bordo anterior, levemente emarginada. 18 a 20 mm. Mexico, Guatemala. (Fig 65) :

6. amplicollis Har. ♂.

19. Clypeo simples. 21.

20. — de dois lados, arredondado-lobado. Brasil :

7. DEYROLLEI Har. ♂.

21. Espinho mediano, da chapa de cabeça, atraz accentuadamente triangular, para cima obtuso e, como a chapa, quasi liso. Sulco mediano do prothorax fino, mas muito distincto. Estrias dos elytros, com pontos finos, porem distinctos. Dentes clypeaes do ♂ e da ♀ fortes, obtusos. 20 a 22 mm. Ilha da Trindade :

8. triquetrus Luederw.

Luederw. Separata Rev. Mus. Paul. 1923, p. 11.

22. — mediano da mesma chapa, posteriormente não triangular, na extremidade troncada e atraz com impressão forte. Sulco mediano do prothorax, imperceptivelmente impresso. Elytros um pouco crenulado-estriados, estrias bastante fundas. 16 a 21 mm. Columbia, Panamá. (Fig. 64) :

9. Agenor Har. ♂. (= fovеicollis Kirsch.)

23. Prothorax com pontos fortes. 25.

24. — com pontos finos ou liso. 29.

25. Estrias dos elytros sem distincção :. 27.

26. — dos mesmos extremamente fortes : centralis ♀.

27. Chapa de cabeça em cima, não ou apenas emarginada ou fracamente trigibosa : assifer ♀.

28. — de cabeça, em cima, somente com uma emarginatura distincta : affinis. ♀.

29. Armadura da cabeça uma giba emarginada ou bidentada. 31.

30. — da cabeça uma carina transversal, levemente quadrigibosa ; as gibas exteriores, ás vezes, indistinctas. 35.

31. Clypeo com dentes distinctos. 33.

32 — quasi não emarginado : Agenor ♀.

33. Armadura da cabeça, uma giba transversal forte, em cima fortemente emarginada : triquetrus ♀.

34. — da cabeça bigibosa : Deyrollei ♀.

35 Clypeo, á frente, com dois dentes distinctos : amplicollis e sagittarius ♀.

36 — sem dentes, somente emarginado : Belus ♀.

Z. PINOTUS ASSIFER Esch. (Fig. 53).

Eschz. Entomogr. I, 1822, p. 28. — Har. Abeille, VI, 1869, p. 142 ; Col. Hefte XIII, 1875, p. 65. — Col. Cat. 1911, p. 59.

Distrib. : Brasil (Sta. Catharina).

Mus. Paul. : S. Paulo capital; Serra de Macahé (Est. do Rio). — Coll. Ohaus : Petropolis e Theresopolis (E. do Rio de Janeiro); C. S. Leopoldina (Esp. Santo): Apiahy (S. Paulo). — Na maioria das vezes I, II, IX a XII; tambem se captura a luz estes coleopteros.

Compr. : 16 a 21 mm. Preto, Brilhante. Revestimento pardo ou ennegrecido, clava amarellada ou grisalha. Cabeça atras e genas, com rugas grossas ou rugoso — pontuada. Dentes do clypeo, obtusos ou, em geral, arredondados. Genas á frente, não marcadas, atras obtusas ou arredondadas, separadas do clypeo por sulco fino. Angulos anteriores do prothorax, obtusos, os posteriores indicados ; bordo posterior, em geral, com pontos mais grossos ; bordo anterior simplesmente emarginado, meio do bordo posterior apenas puxado para traz ; sulco mediano, em geral, dis-

tincto, á frente abreviado ; bordo lateral com pellos cerrados, curtos. Etytros com estrias fortes, distinctamente pontuadas, tocam os pontos os intersticios ; intersticios com pontos distinctos e bastante cerrados. Metasterno lateralmente pelludo, com pontos cerrados, no meio esparsos e grossos ; atraz fortemente aprofundado, em forma de escudela. Segmentos abdominaes, pelo menos lateralmente, no bordo anterior, pontuados ; ultimo segmento um pouco sulcado. Pygidio com pontos distinctos, estria marginal não abreviada. Esporão terminal, das tibias posteriores, obtusas.

♂ : Armadura da cabeça : chapa alta, transversal, tendo pelo menos de largura o dobro de sua altura, em cima recta ou um pouco emarginada ou mais ou menos convexa ; com angulos, não raras vezes, mais ou menos dentiformes e cujo lado posterior é quilhado longitudinalmente. Clypeo com rugas mais fracas, no meio, em geral, liso e por isto mais brilhante. Prothorax á frente, com declividade curta, bordo anterior, no meio, um pouco puxado para diante e fracamente impresso ; parte basal com pontos mais finos e espaçosos, lateralmente com mais fortes ; declividade rugosa ou rugoso-pontuada.

♀ : Armadura da cabeça, semelhante a do ♂ sómente muito mais baixa e em cima não emarginada ; os lados, não como ahi, com declive ingreme, porem cortadas obliquamente. (Segundo Harold ella é fracamente tridentada, com dente mediano um pouco mais alto). Clypeo com rugas mais fortes ou rugoso-pontuado e por isto menos brilhante, como no ♂. Prothorax igualmente convexo e quasi egualmente pontuado ; os pontos cerrados, fortes ; de dois lados com pontos ainda mais grossos.

O ♂ não se pode confundir com outra especie, graças á sua chapa de cabeça. As ♀ ♀ ao contrario têm bastante semelhança com as de *nisus*, distinguindo-se porem, pela forma mais alongada e principalmente pelo metasterno, grossamente pontuado e pelludo, com escudella forte no meio ; de *P. Ascanius* são differentes pelo prothorax pontuado, que nestes é liso.

Forma a. Pellos, pelo menos dos lados do prothorax, ferrugineos. Séte Lagôas (Estado de Minas Geraes) ; Petropolis. Serra de Macahé (Estado do Rio de Janeiro). — 5 ♂♂, 2 ♀♀.

SciELO

Forma b. Côr parda. Serra da Bocaina (Estado de S. Paulo). 1 ♂.

Forma c. Carina de cabeça, em cima quasi erectamente encortada. Petropolis (Rio) 1 ♀.

Os ♂ ♂ mal desenvolvidos, podem-se tomar por ♀ ♀, em virtude da carina de cabeça baixa, si não revelam o sexo o clypeo liso e a declividade baixa.

PINOTUS AFFINIS Felsche.

Felsche, Deut. Ent. Zeitschr. 1910, p. 343. — Col. Cat. 1911, p. 59.

Distrib.; Brasil.

Mus. Paul: Estado de Santa Catharina; Franca (Estado de S. Paulo). — 5 ♂ ♂, 1 ♀. — Coll. Ohaus: Petropolis (Rio); C. S. Leopoldina (Esp. Santo). 1 ♂. VIII.

Como *P. assifer*, porem com a quilha da cabeça do ♂ muito mais estreita, no bordo superior distinctamente emarginada. Lobo mediano do prothorax arredondado.

Colloco esta especie, como ♀ — sob reserva — dispondo de dois exemplares, tendo a quilha baixa da cabeça, em cima, sem duvida emarginada e tambem muito mais curta, do que na ♀ de *assifer*. Clypeo com rugas muito mais fortes, do que no ♂. Tambem o prothorax é pontuado muito mais vistosamente.

Segundo Harold, o tamanho de *affinis* é maior, que o de *assifer*, o que não se dá com os nossos exemplares.

Forma a. Corno em cima não emarginado, quasi recto. Rio Guandú (Esp. Santo). 1 ♂. Off. do sr. Jul. Melzer.

PINOTUS CALCARATUS Arrow.

Arrow, Ann. Magaz. Nat. Hist. XI, 1913, p. 457.

A diagnose original, vertida para o portuguez diz: «Comprimento: 21 mm., largura: 13,5 mm. Preto, com brilho mediocre, pouco alongado, cabeça com rugas finas, por de traz um pouco lisa; clypeo na

frente bidentado, dentes obtusos, não muito aproximados, vertice com corno curto, corno na base, de ambos os lados, com pequena giba ; pronoto polido, com pontos finissimos, na frente mais distinctos, angulos anteriores com pontos cerrados e distinctos, quasi agudo-proeminentes, angulos posteriores muito obtusos, mas distinctos, disco na frente embotado, no meio obtuso-bicuspide, elytros com pontos muito finos, levemente estriados, estrias distinctamente pontuadas apenas, intersticios iguaes planos ; pygidio pouco convexo, com pontos finissimos, bastante esparsos, esporão terminal, das pernas posteriores, agudo-bicuspede.

« Hab. Matto Grosso : Madeira-Mamoré Railroad, Comp. 41.

«O especimen singular de uma especie, muito proxima a *P. Deyrollei*, entre as especies contidas, na revisão do genero, feito por Harold. Entretanto differe muito daquelle, sendo menos curto e convexo, os elytros muito mais chatos e menos profundamente estriados, a cabeça mais larga, menos prolongada e mais finamente rugosa ; o pronoto tendo, no meio, duas pontas obtusas, dirigidas para a frente. O esporão terminal afiado e bifurcado. das tibias trazeiras, é outro e muito notavel distinctivo. »

PINOTUS DEYROLLEI Har.

Har. Abeille VI, 1869, p. 139. — Col. Cat. 1911, p. 60.

A diagnose original, vertida para o portuguez, dá-nos: «Alongado, cor preto de azeviche, brilhante. Cabeça com pontos finos e espessos. Clypeo com 2 dentes fortes, em ambos os lados lobado-arredondado. Corno, na base, em forma de chapa, no meio alongado em espinho encurtado. Prothorax liso. nos lados com pontos muito finos, na frente com leve declive, elytros profundamente estriados, estrias um pouco crenuladas, intersticios convexos, muito finamente pontuados, Metasterno pontuado nos lados. A ♀ distingui-se pela curta giba frontal, emarginada. Prothorax abobadado uniformemente. Comprimento : 17 a 19 mm.

« Bella especie, muito notavel pela forma do corno frontal no ♂. Esta armadura consiste de uma chapa, que se eleva rectamente na fronte ; está troncada em

angulo recto na parte de cima, mas seu meio prolonga-se em espinho bastante comprido, que está achatado e troncado na ponta. Em logar dessa chapa, vê se na ♀ só duas, muito pequenas gibas, que se ajuntam tranversalmente na base. Prothorax lateralmente com pontos mal visiveis, no ♂ com declividade abrupta, na ♀ uniformemente convexo. Estrias dos elytros profundas, levemente crenadas. Esporão terminal, das tibias posteriores, na ponta, encortado e emarginado, distinctivo este, que se encontra em varias especies, mas gradativamente desenvolvido. Dentes do clypeo menos agudos, do que no *Ascanius* etc., é que se approxima *Deyrollei*, principalmente pelo brilho do corpo e a quasi completa lisura da parte de cima. Elle representa porem, o intermediario entre esta secção a seguinte (*crinicollis* etc.); pela corôa de pellos avermelhados, nos lados do prothorax etc. Habitat. Brasil. »

Nota a PINOTUS CENTRALIS Har. (Fig. 55).

Addendas: ♂. Pellos, nos lados do prothorax, ferrugineos. Clava pardacenta. Clypeo com rugas tranversaes, dentes mediocremente fortes, bastante agudos. Genas, separadas do clypeo, por sulco fino; angulos anteriores, quando muito marcados, angulos posteriores arredondados. Prothorax com declividade baixa, mas rugosa; angulos anteriores distinctos, os posteriores arredondados. Intersticios dos elytros leves. Metasterno lateralmente, com poucos pontos pelludos, grandes; no meio liso, sulco mediano distincto, atraz sem fossula. Esporão terminal, das tibias posteriores, emarginada. VI.

20.ª Secção Speciosus.

Este grupo está isolado, na secção com clypeo bidentado, pela estranha formação do prothorax do ♂, bem como pela cabeça, que se estende quasi rectilinea, desde os dentes do clypeo, até os angulos trazeiros das genas. Tamanho pequeno. Côr principal verde, com ou sem brilho de cobre. Armadura da cabeça

no ♂: chapa larga, laminiforme, acurvada; na ♀ uma carina transversal, cortante. Sulco marginal do pygidio, em geral resumido. Esporão terminal das tibias trazeiras, apontado, primeiro articulo dos tarsos esbelto.

PINOTUS SPECIOSUS Waterh. (Fig. 60, 63),

Waterh., Ann. Mag. Nat. Hist. (6) VII, 1891, p. 362.—Felsche, Deut. Ent. Zeitschr. 1901, p. 145; 1910, p. 342.—Col. Cat. 1911, p. 62.—Luederw. Rev. Mus. Paul. 1914, p. 366, 368.

Distrib.: Brasil.

Mus. Paul.: Campos de Jordão (Est. de S. Paulo). Anteriormente colleccionado, na maioria dos casos, pelo autor e de novo pelo sr. João Lane e offerecido ao Museu Paulista. Tambem se acha representado na collecção do sr. Julius Melzer.—I, XII.

Compr.: 11 a 15 mm. Brilhante. Verde-metallico; pernas e lado superior, especialmente no prothorax, em geral mais ou menos de cor de cobre; clypeo, ao menos anteriormente, preto-violaceo; clava grisalha, revestimento pardo, esparso. Cabeça pontuada atraz. Clypeo com dentes fortes, obtusos; genas rugosas ou rugoso-ponteadas; angulos posteriores arredondados; os anteriores distinctamente marcados; armadura da cabeça entre os olhos. Prothorax com pontos fortes, esparsos, de dois lados mais cerrados; angulos anteriores obtusos; os posteriores accentuados; á frente simplesmente emarginado; bordo posterior, no meio, fracamente anguloso; nos lados, para os angulos posteriores, gradativamente aprofundado e, pelo menos aqui, com pontos distinctos, ocellados; sulco mediano em geral distincto. Elytros fortemente pontuado-estriados, intersticios lisos ou com pontos finos, esparsos. Metasterno, de dois lados, com pontos grossos e pelludo; no meio liso, sulco mediano distincto, terminando posteriormente n'uma impressão muito grande, em forma, que lembra a escudella. Segmentos abdominaes, no bordo anterior, pontuados, ultimo segmento não sulcado. Pygidio liso ou com pontos finos, esparsos.

♂: Clypeo com esculptura fraca, no maximo um ponco pontuado grossa —, rasa — e rugosamente. Ar-

madura da cabeça uma chapa erecta, mediocremente alta, fortemente arqueada, estendendo-se quasi de olho a olho, com bordo superior quasi recto, alongando-se, nos angulos, em forma de espinho; espinhos quasi tão compridos, quanto a lamina alta. Prothorax no bordo anterior, no meio, puxado para diante mais fortemente; á frente com declividade vigorosa, com lobo mediano mediocremente largo, para diante obtuso-triangular-acuminado, attingindo o bordo anterior, o lobo mediano, em cima, com impressão, lateral com emarginatura funda, arredondada, angulosa no fim da sinuosidade. Declividade, por baixo da ultima, com escavação funda, quasi lisa. Esporão terminal, das tibias anteriores, curvado para baixo quasi geniculoide.

♀: Clypeo fortemente transverso-rugoso. Armadura da cabeça uma carina transversa, á frente arqueada, em cima cortante, mais curta, como a do ♂; cabeça, atras desta carina, distinctamente concava. Prothorax simplesmente convexo. Esporão terminal das tibias anteriores, curvado muito mais fracamente.

Apparecem, segundo Felsche (Deut. Ent. Zeitschr. 1901, p. 145), tambem especimens de cor grisalha — azul, fortemente opalescente e outros, de cor grisalha — azul, com elytros vermelho — pardos; porem verosimilmente esta informação refere-se a *P. opalescens*, especie, que Felsche reconheceu mais tarde. (Deut. Ent. Zeitschr. 1910, p. 342) Como typo podem-se tomar aquelles exemplares, que têm thorax cor de cobre, com reflexos mais ou menos verde e elytros verdes, com reflexos mais ou menos cobreados.

Forma a. Inteiramente verde, sem brilho de cobre ou quasi sem elle.

Forma b. Inteiramente côr de cobre.

PINOTUS OPALESCENS Felsche.

Felsché. Deut. Ent. Zeitschr. 1910, p. 342. — Col. Cat. 1911, p. 61.

Distrib.: Brasil.

Mus. Paul.: Campos do Jordão (Est. de S. Paulo). Recebido do sr. J. Lane. Tambem na collecção do Sr. Julius Melzer. — 2 ♂♂, 1 ♀. XII. Muito mais raro do que *speciosus*.

Exactamente como P. *speciosus*, sómente a carina da cabeça do ♂ e da ♀, é recta ou quasi recta e os espinhos, nos angulos da mesma, mais curtas no ♂; bordo superior na ♀ concavo.

Segundo Felsche os elytros tem «estrias rasas, inteiramente pontuadas» e sua côr elle a classifica de «grisalha-azul, n'um exemplar, de avermelhada nos elytros; e em outro de esverdinhada em todo o lado superior». Os especimens, que vi, talvez meia duzia, têm a mesma côr de *speciosus:* Cabeça e thorax de côr de cobre clara, elytros verdes ou quasi inteiramente côr de cobre; clypeo á frente preto — violaceo.

IV Subgenero Cephagonus Luederw.

Este ultimo subgenero acha-se bem caracterisado pela forma angular da cabeça, não sendo a margem lateral, arredondada, mas o que é typico, forma nos angulos anteriores das genas, angulo mais ou menos pronunciado, que até pode ter a forma de dente e está mais desenvolvido no ♂, do que na ♀. (Aquelle angulo encontra-se, em geral, não justamente no ponto de contacto, entre a gena e o clypeo, mas um pouco adeante. Os lados do clypeo e das genas são em geral rectos. Consiste um segundo caracteristico, na continuação em forma de lingua, ou triangular, do pygidio, que se estende numa emarginatura correspondente do ultimo segmento abdominal e que se tornou conhecida por Felsche. Parece existir somente na ♀ e é tambem aqui mais de natureza individual, manifestando-se, em geral, só em exemplares menores; mas de modo nenhum persistente. Entre essa continuação e a forma angular da cabeça, deve haver uma relação, pois nenhuma dessas particularidades se manifesta em outro grupo. A continuação do pygidio ou, ao menos, os indicios desta (como a emarginatura larga, rasa, no meio da margem trazeira do ultimo segmente abdominal), observou-se nas sete seguintes especies: *simulans*, *pauloensis*, *pygidialis*, *singularis*, *fissus*, *bicuspis* e *rotundigena*.

SciELO

21.ª Secção Fissus.

A forma do corpo, dos que pertencem a Secção *Fissus*, tirando uma especie muito curta (*pauloensis*) e 2 ou 3 chatas, mais alongadas, é bastante uniforme. O tamanho varia de pequeno á medio. Diversas especies variam notadamente no comprimento. Clypeo em geral liso ou pontuado no ♂, com fortes rugas transversaes na ♀; dentes em geral, em forma de triangulo pronunciado, bem desenvolvidos. Armadura da cabeça rente deante ou entre os olhos, a do ♂ géralmente um corno conico, a da ♀ uma giba. Genas separadas do clypeo por fino sulco, por fora, com duas margens; angulos posteriores mais ou menos arredondados. Prothorax, na frente, simplesmente emarginado, margem posterior, no meio, quando muito, um pouco puxado para traz; angulos anteriores geralmente agudos, sua margem interior, em geral, não vae directamente ate os olhos, mas forma primeiro uma linha recta e curta; angulos posteriores distinctos, muitas vezes accentuados; sulco, da margem posterior, ordinariamente coberto de uma serie de pontos mais grossos; sulco medio ausente ou apenas indicado; no ♂ com mais ou menos declive, na ♀ em geral simplesmente convexo; no ♂, das especies maiores, é o prothorax fortemente transversal; a esculptura, caso exista, consiste, na parte basal, em fina e larga pontuação. Elytros em geral, finamente pontuado-estriados; metasterno lateralmente com pontos grossos e pelludo, no meio liso, com sulco mediano. Segmentos abdominaes, na margem anterior, pontuados, desapparecendo os pontos, como sempre, em direcção ao meio; ultimo segmento em geral sulcado, muitas vezes tambem os outros lateralmente. Pygidio em geral, liso ou com pontos muito indistinctos, estria marginal não abreviada. Esporão terminal, das tibias trazeiras, apontado ou embotado, o das tibias anteriores, curvado e apontado. 1.º articulo, das tarsas posteriores, esbelto. Côr preta, raramente ferruginea. Em geral brilho forte. Pellos, tambem nos lados do prothorax, em geral, escassos, geralmente pardacentos.

13 especies.

Chave das especies.

1. Cabeça, entre os dentes medianos e a gena, angulosa ou dentada, genas tambem angulosas. 3.
2. — ahi simples. 5.
3. Declividade do prothorax á frente, com quatro emarginações, de maneira que se formam tres protuberancias fracas, sendo a mediana a mais distincta. Entre os dentes medianos do clypeo e as genas, um angulo obtuso. Clypeo transverso-rugoso, a cabeça aliás bastante lisa. Na testa uma giba. Prothorax na largura é o dobro do comprimento, angulos anteriores arredondados; bordo lateral, no meio, um pouco depresso, e por isto, visto de cima, surgindo recto; superficie com rugas finissimas, á frente, fortemente em declive. Elytros muito alongados, com estrias em forma de corrente. Côr de azeviche. Lado superior, do corpo, com certo brilho de cera. Revestimento pardo-escuro. Forma semelhante á de *P. Inachus*. 20 mm. Venezuela:

12. inachoides Felsche.

4. — do prothorax com tres emarginações, de maneira que se formam no meio, sómente, duas gibas approximadas, fracas, arredondadas. Entre os dentes fortes medianos do clypeo e á gena, um dente forte, que é, antes maior do que aquella ou pelo menos mais largo.
Brasil. (Fig. 59):

13. *sexlentatus Luederw.* ♂.

5. Corpo de forma usual, fortemente abobadado. Coleopteros pequenos ou regulares. 8.
6. — notadamente chato, alongado, pequeno. Pelo menos os elytros são opacos. Brasil:

1. SIMULANS Luederw. ♂ ♀.

7. — notadamente curto, elytros muito mais largos do que compridos. Pequeno. Inteiramente brilhante. Brasil.

3. PAULOENSIS Luederw. ♂ ♀.

8. Elytros (typicamente) brilhantes. 10.
9. — opaco-sedosos. 14 mm. Brasil:

2. SINGULARIS Felsche.

10. Estrias dos elytros fortemente impressas e por isto os intersticios distinctamente convéxos. 12.

11. — dos mesmos sem impressão ou com pouca apenas, os intersticios por esta causa achatados ou muito fracamente convexos. 14.

12. Pygidio e o ultimo segmento do abdomen, simples. Brasil, Paraguay, Columbia :

5. ASCANIUS Har. ♂♀.

13. — com appendice linguiforme. Brasil:

4. PYGIDIALIS Luederw. ♀.

14. Estrias dos elytros distinctas. 16.

15. — delgadas como um cabello, desapparecem ás vezes. Lado superior muito polido. 20.

16. Cabeça, nos angulos anteriores das genas, angulosa. 18.

17. — igualmente arredondada, os angulos anteriores das genas, não ou, quando muito, apenas marcados. Brasil :

6. ROTUNDIGENA Felsche, ♂ ♀.

18. Corno da cabeça do ♂ conico, esbelto, acuminado ou obtuso e pouco impresso. Giba da cabeça da ♀ transversal, emarginada na parte superior. Brasil, Argentina, Paraguay, Equador :

7. BICUSPIS Germ. ♂ ♀.

19. — transversal, com emarginação larga e funda, na parte de cima. Prothorax, nos lados, por baixo das fossas coxaes, com impressão mais forte do que no *bicuspis* ; bordo anterior-lateral mais fortemente sinuado e os angulos anteriores, por este motivo, muito mais agudos, como alli. Cabeça com pontos finos. Pygidio e ultimo segmento abdominal simples. 18 mm. (♀ desconhecida).

8. FONSECAE Luederw. ♂.

Rev. Mus. Paul. vol. XIV, 1925, p. 135.

20 Armadura da cabeça : corno coniforme, liso ou uma giba. 23.

21. — de cabeça comprida transversalmente (á frente e átraz), com emarginatura na parte

de cima ou, nos exemplares fracos, com uma impressão so, (mas sempre distinctamente transversal); a da ♀ transversal, baixa, emarginada. Brasil (Fig. 57):

9. FISSUS Har. ♂ ♀ .

22 — de cabeça comprimida lateralmente, á frente larga, atraz com canto cortante e, diante da ponta, um pouco emarginada, de maneira que, apparece acima do meio um dente plano, ao passo que o corno, no *fissus*, é comprimido transversalmente. Elytros mais estreitos. Clava de côr amarella mais pura, ao passo que, no *fissus*, é tambem amarella, porem pelluda de côr griselha. No resto como *fissus*. Bolivia:

10. fissiceps Felsche.

23. Angulos anteriores das genas, obtusos. Brasil:

fissus Har. ♂ fraco.

24. — anteriores das mesmas, prolongados n'um dente grande, dirigido para a frente. (♀ desconhecida). Brasil:

11. QUADRATICEPS Felsche. ♂.

PINOTUS SIMULANS Luederw.

Luederw. Bol. Mus. Nacinal Rio. Vol. II, 1, 1925, p. 2 (Separata).
Distrib: Brasil.

Mus. Paul.: Serra de Macahé (Est. do Rio de Janeiro). E. Garbe leg. XI. 1909. ♂, ♀. N°. 14.624. Typos no Mus. Paulista.

Compr.: 13 a 14 mm. Na forma do corpo assemelha-se ao *Inachus* e affins, especialmente ao *planus*. Corpo alongado, plano. Preto; clava, n'um ♂, amarellada; n'um ♂ e n'uma ♀, muito escura, quasi enegrecida; revestimento ferrugineo, muito ralo. Brilhante, elytros opacos. Dentes do clypeo triangulares, agudos; bordo lateral recto ou quasi recto; angulos anteriores das genas, obtusos. Genas nos angulos posteriores um ponco arredondadas, sulco fino. Testa pontuada. Prothorax com angulos anteriores

e posteriores distinctos, bordo posterior, no meio, apenas puxado para traz, bordo lateral-anterior crenado, apenas sinuado, sulco do bordo posterior pontuado e, nos angulos posteriores, um pouco alargado; lado superior quasi inteiramente liso, o sulco mediano ausente. Elytros com estria finas, finamente pontuadas, estria sutural mais forte, os intersticios não pontuados. Metasterno sem pellos, de dois lados com pontos grossos, esparsos; no meio liso, com sulco mediano distincto. Abdomen liso; segmentos á frente pontuados quasi até o meio, dos dois lados, em geral, aprofundado em forma de sulco; o ultimo segmento não sulcado. Pygidio liso, estria marginal não resumida. Esporão terminal, das tibias posteriores, esbelto, acuminado, o, das tibias anteriores, curvado e accentuadamente acuminado. Primeiro articulo das tibias posteriores, esbelto.

♂: Cabeça muito lisa e brilhante; corniculo curto, bastante espesso, conico, obtuso. Ultimo segmento abdominal, no meio, distinctamente emarginado. Declividade do prothorax, nos exemplares robustos, escavada e, talvez com dois terços da altura da parte basal, no meio; bordo anterior, da parte basal, no meio, com emarginatura larga, mediocremente funda.

♀: Cabeça com rugas fortes, á frente um pouco transversaes, giba curta, um tanto transversal, em cima com impressão fraca. Pygidio com apendice linguiforme, forte. Prothorax convexo; á frente, no meio, distinctamente puxado para diante.

Forma *a*. Côr parda. 1 ♂.

O *P. simulans* não se pode confundir com qualquer outra especie, devido a forma da cabeça triangular, respectivamente do ultimo segmento abdominal; de *inachoides*, pertencente á mesma secção, distingue-se facilmente pelo clypeo, lateralmente não lobado.

PINOTUS SINGULARIS Felsche.

Felsche. Deut. Ent. Zeitschr. 1907, p. 278, ♂; 1910, p. 342. — Col. Cat. 1911, p. 52.

A diagnosse original, vertida para o portuguez: «Affim de *P. mundus* Har. Côr de aceviche. Pernas um tanto mais claras, antenas amarellas. Ca-

beça em forma de trapezio transverso; bordo anterior, de dois lados, sinuado para traz; no meio prolongado em dois dentes bastante proximos, agudos, dirigidos para fora, limitado lateralmente por uma quina accentuada, posta á frente do sulco de gena; genas para traz alargadas, o bordo exterior recto, a parte junto ao prothorax, parallela ao sulco anterior; clypeo, junto ao bordo anterior, com uma serie regular de pequenos grãos nitidamente pronunciados, attingindo até os dentes e nelles terminando por um tufo de pellos amarellos; clypeo com pontos rasos, um pouco rugosos e transversaes; na testa giba transversal, emarginada na parte superior; vertice e genas com pontos rasos, esparsos. Prothorax liso, á frente fortemente emarginado, em dois lados, atraz dos olhos, com cova transversal, cujo lado anterior mostra uma serie de pontos grossos; bordo lateral fortemente arredondado e, á frente, mais fortemente crenado, base com serie de pontos fortes. Elytros opaco-sericeos, sutura brilhante, estrias com pontos distinctos. Pygidio largo-triangular, liso; visto de cima, na ponta, apparentemente com dois dentes pequenos, obtusos; entre estes dentes com appendice linguiforme, estreito, fortemente marcado, atravessando o ultimo segmento abdominal, em tres quartos do seu comprimento e separando-o pela linha fina, do resto do pygidio. Tibias anteriores com tres dentes marginaes grandes e um superior, rudimentar. Todos os pellos ferrugineos. Comprimento 14 mm. Pará. 1 ♂ na minha collecção».

PINOTUS PAULOENSIS Luederw.

Luederw. Bol. Mus. Nac. Rio, Vol. II, 4, 1925, p. 2. (Separata); Rev. Mus. Paul. 1914, p. 366, 369, (*singularis*).

Distrib.: Brasil.

Mus. Paul.: S. Paulo capital. 1 ♂, 1 ♀. X. Typos.

Compr.: 12 mm. Larg.: 8,5 mm. Extremamente curto, abobadado, elytros mais largos do que compridos. Brilhante. Preto, revestimento muito escassez, ferrugineo; clava amarellada. Cabeça posteriormente pontuada; angulos anteriores das genas indistinctos, os posteriores arredondados; clypeo com

dentes agudo-triangulares. Prothorax convexo, angulos dianteiros obtusos-agudos; os posteriores distinctos; no bordo posterior apenas puxado para traz; bordo latero-anterior distinctamente crenado, lados com pellos esparsos; lado superior com pontos muito distinctos; no sulco. do bordo posterior, com pontos grossos. Elytros com estrias bastante rasas, distinctamente pontuadas, os pontos tocam os intersticios; os ultimos lisos. Pygidio liso, estria marginal não resumida. Metasterno, de dois lados, com pontos grossos, esparsos e fracamente pelludo; no meio liso, sem sulco mediano. Abdomen liso, segmentos, no bordo anterior pontuados; os pontos como sempre, desapperecendo para o meio; todos os segmentos lateralmente, com sulco forte. Primeiro articulo, das tibias posteriores, esbelto. Esporão terminal das tibias posteriores, acuminado, o das anteriores, curvado e nitidamente acuminado.

♂: Clypeo e genas quasi lisas. Armadura da cabeça uma giba curta, grossa, conica. Pygidio simples.

♀: Clypeo esculpido. Armadura da cabeça mal desenvolvida. Pygidio com appendice forte, arredondado.

A descripção não está bem completa, por quanto os dois exemplares (criados) não são bem desenvolvidos. Differente de *globulus* já pelas estrias dos elytros, pelo prothorax liso e os dentes clypeaes agudos. A especie, encontrou-se em nossa collecção, sob dois nomes: *P. laevicollis* Felsche e *singularis* Felsche; a primeira porem, tem covas fundas, nos angulos posteriores do prothorax e *singularis* apresenta forma alongada, com elytros não opacos.

PINOTUS PYGIDIALIS Luederw.

Luederw. Typogr. Brazil, Rothschild, 1922, p. 9 (*Pin. Ascanius* Har. var. *pygidialis* n. var.).

Distrib.: Brasil.

Mus. Paul.: Espirito Santo. Coll. Melzer: Rio Negro (Paraná). 5 ♀ ♀. XII. I, II.

Differente de *Ascanius* pelo tamanho menor, o appendice do pygidio, e pelas estrias dos elytros, com pontos mais grossos e mais espessos, que tocam mais fortemente os intersticios. Angulos posteriores, do pro-

thorax, accentuados. A continuação do pygidio está muito bem desenvolvida em quatro exemplares (linguiforme); em dois, sobresaem os angulos da emarginatura do ultimo segmento abdominal, junto ao appedice do pygidio em forma de dentes, como o descreve Felsche em *singularis*. O angulo das gennas, mostra-se ora distincto, ora quasi arredondado. Comprimento 12 a 13 mm.

Forma a. Ferrugineo-pardo. Angulos do ultimo segmento abdominal, ao pé do appendice linguiforme do pygidio, bem salientes. C. S. Leopoldina (Esp. Santo), na collecção do snr. Dr. Ohaus. 1 ♀.

Existem só ♀♀, pelo menos o que se pode concluir do clypeo fortemente esculpido.

PINOTUS ASCANIUS Har.

Har. Abeille, VI, 1869, p. 138; Col. Hefte XIII, 1875, p. 66. — Col. Cat. 1911, p. 59. — Luederw. Rev. Mus. Paul. 1914, p. 365, 366. (Biologia).

Distrib. · Brasil (Cantagallo, Rio); Paraguay, Columbia.

Mus. Paul.; S. Paulo capital, Campinas (Est. de S. Paulo). S. João del Rey, Ponte Nova (Minas); Columbia (de Staudinger). — Coll. Zikán: Mar de Hespanha (Minas). — Coll. Ohaus: Itacolumy (Minas). — I a VI, VIII a X, XII. Tambem á luz electrica. Commum.

Compr.: 12 a 20 mm. Fortemento brilhante. Revestimento pardo. Cava pardacento-amarella ou parda. Prothorax liso, no maximo nos angulos anteriores com pontos distinctos; angulos posteriores indicados. Elytros com estrias fundas, fortemente pontuadas; intersticios distinctamente convexos, lisos ou com pontos finos. Metasterno com sulco simples. Pygidio simples; quando muito, o ultimo segmento abdominal, com emarginação ponco visivel.

♂: Cabeça quasi inteiramente lisa; angulo, no sulco da gena, mais forte do que na ♀. Armadura da cabeça um corno curto, conico, esbelto, agudo. Prothorax com declividade iugreme, de dois lados, junto ao lobo mediano, com excavação bastante funda; declividade, nos exemplarès robustos, um pouco mais baixa, do que mede a parte basal no meio. Bordo anterior da parte basal, de dois lados, fortemente sinuado (mais forte-

mente do que em *bicuspis* e *fissus*); lobo mediano um pouco puxado para diante e, no meio, distinctamente emarginado. Esporão terminal, das tibias anteriores, mais espesso.

♀: Cabeça em geral com rugas fortes transversas; atraz da giba com pontos grossos. Armadura da cabeça uma giba curta, espessa, conica, em cima emarginada ou impressa. Prothorax simplesmente convexo ou com declividade fraca. Esporão terminal, das tibias anteriores, mais esbelto.

Forma a. Pelo menos elytros de tom avermelhado, que, segundo Harold, devem persistir quasi sempre e, por esta razão, a forma a tem valor verdadeiramente como typo. S. Paulo capital, 4 ♀♀, na collecção do Mus. Paulista.

Forma b. Lado superior, tambem do prothorax, mais opaco, do que brilhante. S. Paulo capital, 1 ♂, 4 ♀♀. Coll. Mus. Paulista.

Forma c. Giba da cabeça fortemente transversal, com emarginatura forte. Avanhandava (Est. de S. Paulo). 2 ♀♀. Coll. Mus. Paulista.

Forma d. Cabeça igual — ou quasi igualmente arredondada (angulo anterior no sulco da gena, ausente ou indistincto). Si não houvesse forma de transição, esta forma a teria a mesma razão para valer como especie, tal qual se dá com a *rotundigena*. Talvez porém possa ser tomado como variedade. S. Paulo capital. Paraguay. 4 ♂♂. Coll. Mus. Paulista.

Forma e. Dentes do clypeo arredondados. São Paulo capital, Avanhandava (Est. de S. Paulo) 2 ♀♀. Coll. Mus. Paul.

Forma f. Giba da cabeça em cima embotada, não emarginada S. João del Rey (Est. de Minas). S. Paulo, capital, 4 ♀♀. Coll. Mus. Paul.

Forma g. Pellos, nos lados do prothorax, ferrugineos.

Apesar dessas variações, só póde *Pinotus Ascanius* ser confundido, entre os parentes mais proximos, com *bicuspis*, visto como as estrias dos elytros, nem sempre são da mesma profundidade. Distingue-se facilmente desta especie no sexo ♂, pelo angulo das genas, sempre obtuso, o qual é, em *bicuspis*, muito pronunciado. Tratando-se em *Ascanius*, de angulos das genas, arredondados ou fracos, seria o caso de se considerar ainda as seguintes outras especies·

Pin. carbonarius: Esporão final, das tibias trazeiras, emarginado.

P. assifer e *affinis* ♀: Pellos, nos lados do thorax, muito espessos; *P. nissus*: Thorax no declive arrugado; como pertencentes á Secção *Crinicollis*, não póde ser confundido, por causa da espessa e cumprida corôa de pellos, n's lados do thorax.

Nossa especie é uma das mais communs, pelo menos no Est. de S. Paulo. Além de se encontrar sobre o estereo, isto é sobre todos os excrementos, inclusive os humanos, encontra-se tambem sobre cadaveres em decomposição (Luederw., «os insectos necrophag. Paul.» Rev. Mus. Paul. 1911, p. 420); além disso, em fructas maduras, p. ex. as goiabas (Luederw. «Sobre a vida de algumas especies de Pinotus de S. Paulo, «Rev. Mus. Paul., 1914, p. 366). No ultimo trabalho encontram-se tambem notas sobre o ninho etc.

PINOTUS ROTUNDIGENA Felsche.

Felsche, Deut. Ent. Zeitschr. 1901, p. 142. — Col. Cat. p. 52.

Distrib.: Brasil.

Mus. Paul. Avanhandava (Est. de S. Paulo); Passa Quatro (Minas); Castro (Paraná); Serra da Bocaina (Rio de Janeiro). - Coll. Ohaus: Mar de Hespanha (Minas); Petropolis (Rio). 2 ♂♂, 12 ♀♀, I, II, IV, IX. — Commum, por baixo de esterco de cavallo, na Serra da Bocaina.

A diagnose de Felsche é esta: «Esta especie é em tudo igual no *P. bicuspis* Germ., excepto quanto á cabeça, cujos lados descrevem um quarto de circulo regular, dos dentes accentuadamente marcados até aos angulos posteriores, ao passo que formam no *bicuspis* uma quina muito acentuada. Possuo os dois sexos em exemplares de diversos tamanhos, que têm todos a mesma forma de cabeça. Comprimento 14 a 17 mm. Miranda, colleccionador: Audcer (Tring Mus.)»

Infelizmente não se ha dito nesta diagnose, onde está situado o lugar «Miranda». Ha na America do Sul diversos localidas do mesmo nome, p. e. na Argentina, Colombia, Chile, Perú etc. e no Brasil, uma cidade com esta denominação no sul de Matto Grosso.

Addendos á diagnose: Pygidio, em ambos os sexos, simples; no ♂ tambem o ultimo segmento ab-

dominal, ao passo que o mesmo, nas ♀♀, mostra, no meio, uma emarginatura distincta. Declividade do prothorax, liso ou mais ou menos com pontos grossos. Comprimento 13 a 17 mm.

Forma a. Pellos, dos lados do prothorax, ferrugineos. Pygidio etc. simples, 1 ♂.

Forma b. O ultimo segmento abdominal simples. 2 ♀♀.

Em virtude das condições de transição poder-se-ia fazer *rotundigena* passar por variedade de *bicuspis*.

PINOTUS BICUSPIS Germ.

bicuspis Germ. Ins. sp. nov. 1824, p. 101.-Har. Abeille, VI, 1869, p. 138.—Col. Cat. 1911, p. 59.

Reichei Har. Abeille VI, 1869, p. 138; Col. Hefte, 1875, p. 65.—Col. Cat. 1911, p. 59, ♀.

Distrib.: Brasil, Argentina, Paraguay, Equador.

Mus. Paul.: S. Paulo capital, Avanhandava, Franca (Est. de S. Paulo); Esp. Santo; Pouso Alegre (Minas); Castro (Paraná); Rio Grande do Sul.—Coll. Ohaus.: Pto. Bertoni (Paraguay); Estado do Rio de Janeiro; Loja (Equador.—8 ♂♂, 2 ♀♀. II IX.

Comp.: 15 a 20 mm. Revestimento pardo. Clava amarellada ou pardacenta. Prothorax liso ou com pontos finissimos, formado para todas as formas como em *fissus*. Elytros com estrias rasas, porém distinctas; estrias distinctamente pontuadas; intersticios fracamente convexos. Sulco mediano do metasterno, em geral com dilatação.

♂: Cabeça em geral lisa. Genas menos convergentes, como em *fissus*, os seus angulos anteriores geralmeute agudos. Corno (tambem nos exemplares pequenos) mediocremente comprido, esbelto, acuminado. Pygidio e o ultimo segmento abdominal, simples.

♀: (*Pinotus Reichei* Har): Cabeça em geral com rugas fortes, em todas as partes, mais transversaes no clypeo. Genas obtuso-angulosas só. Giba de cabeça curta, emarginada. Elytros, na base, fracamente irisante (segundo Harold). Pygidio simples; n'um exemplar o ultimo segmento abdominal um pouco emarginado.

Forma a. Corno da cabeça espesso, curto, um pouco impresso na ponta. Clypeo, na parte maior, com rugas grosas, rasas. Prothorax com declividade fraca.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

14 a 16 mm. 4 ♂♂ de S. Paulo, Minas, Paraguay. Museu Paulista).

Forma b. Corno da cabeça esbelto, lateralmente comprimido, mais recto, um pouco espessado na ponta. Angulos de genas fortissimamente desenvolvidos, salientados dentiformes. Margems exteriores das genas parallelas. 18 mm. Pirapora (Minas) E. Garbe leg. 1 ♂. (Mus. Paulista).

Forma c. Giba de cabeça espessa, obtusa, não emarginada. Ultimo segmento abdominal, no meio, com emarginatura distincta. 18 mm. Esp. Santo, 1 ♀. (Mus. Paulista).

Pinotus bicuspis é bem semelhante ao *fissus*, differente porém pelos elytros muito mais fortemente estriados, pelo corno da cabeça agudo no ♂ e pelas genas muito mais angulosas no ♂.

PINOTUS FISSUS Har. (Fig. 57).

Har. Col. Hefte, II, 1867, p. 99; Abeille, VI, 1869, p. 137; Col. Hefte, XIII, 1875, p. 65.—Felsche, Deut Ent. Zeitschr. 1910, p. 342.—Col. Cat. 1911, p. 60.

Distrib.: Brasil (Cantagallo, Rio.)

Mus. Paul.: S. Paulo capital; Serra de Macahé e Serra de Bocaina (Est. do Rio); Esp. Santo. — Coll. Ohaus: Rio; C. S. Leopoldina (Esp. Santo). — Coll. Zikán: Passa Quatro (Minas) —10 ♂♂, 3 ♀♀. IX, X, XI, I, II.

Compr.: 13 a 24 mm. Brilhantissimo. Genas á frente, em ambos os sexos, com angulo obtuso. A clava deve ser, segundo Harold, amarella, pelluda cinzenta, porem em nossos exemplares apresenta ora cor amarellada, ora pardacenta; tambem nas outras especies a côr da clava, muitas vezes, não é constante. Revestimento pardo. Prothorax do ♂ na declividade, da ♀ no bordo anterior, com pontos bastante grossos, ou, segundo Harold, a declividade do ♂, é quasi lisa; parte basal lisa ou quasi lisa. Elytros com estrias finissimas como cabello, nas estrias com pontos finissimos e esparsos; intersticios completamente lisos ou finissimamente pontuados. Metasterno sulcado, sulco posteriormente com dilatação em forma de escudela.

♂: Gena á frente, com angulo mais forte. Cabeça em maior parte, lisa ou mais ou menos pontuada pelo menos lateralmente, mas não rugosa. Corno mediocremente

comprido, alargado, um pouco recurvado para traz na parte de cima e prolongado em dois dentes divergentes. Nos exemplares regulares (19 mm.) a forma do corno é a de uma ♀ grande: nos exemplares de cerca de 15 mm. de comprimento é, como no *bicuspis*, conico, agudo ou obtuso e um pouco impresso; ainda menores amostram uma giba simples, baixa, obtusa, Prothorax com declividade alta, rasamente excavada, mais ou menos tão alta, quanto o comprimento da parte basal no meio; no bordo anterior, da parte basal, nos exemplares robustos, de cada lado, com sinuação forte, lobo mediano simples ou com emarginatura fraca. Nos individuos menores o prothorax é simplesmente convexo; nos, um pouco maiores, mais ou menos declive, bordo anterior, da parte basal, simples ou tres vezes sinuado. Pygidio simples. Ultimo segmento abdominal, mesmo nos grandes, como nos pequenos individuos, para o meio, paulatinamente estreitado.

♀: Gena, á frente, com angulo mais fraco. Cabeça, em todas as partes rugosa, mais transversal no clypeo. Giba da cabeça um pouco transversal, em cima emarginada. Elytros, na base, mais opacos. Prothorax convexo ou, á frente, um tanto em declive. Ultimo segmento abdominal, ao menos nos individuos de 16 a 22 mm. de comprimento, no meio, com entalhe arredondado, accentuado, mais ou menos fundo. Pygidio simples (segundo nosso material).

Acerca do appendice pygidial, Felsche (Deut. Ent. Zeitschr. 1910, p. 342) diz: «No pygidio um appendice triangular, estendendo-se accentuadamente no ultimo segmento abdominal. Este appendice é bem distincto nos exemplares pequenissimos, decrescendo nos maiores e falta nos maximos. O appendice porem, nunca se acha encaixado tão fundo, quanto em *singularis*.»

P. fissus tem a maxima semelhança com *bicuspis*, distingue-se porem, pelas estrias dos elytros muito mais finas.

PINOTUS QUADRATICEPS Felsche.

Felsche, Deut. Ent. Zeitschr, 1901, p. 142.— Col. Cat. 1911, p. 62.

Diagnose original, vertida para o portuguez: Igualmente affim de *fissus*, mas muito differente: Os

angulos posteriores da cabeça, muito sobresahindo sobre os olhos, os lados das genas parallelas, formando quasi por si os lados exteriores da cabeça, onde o clypeo se destaca apenas de um mm.; se tanto o angulo, que esse forma em *fissus* e affims transformou-se aqui em grandes dentes rectos, dirigidos para a frente e que estão, na ponta, um pouco arredondados. Entre elles acha-se o clypeo profundamente excavado; este tem, no meio, dois dentes muito agudos, que, vistos de cima, parecem tão compridos, quanto os angulos e formam com elles um ancinho de quatro dentes. No vertice um forte corno coniforme e liso. Superficie da cabeça completamente lisa, bem como a do prothorax, que está abobadado em forma de almofada; na frente tem um declive fraco e muito mais largo do que os elytros. Estes são lisos, com estrias pontuadas muito fracas. Comprimento 16 mm. Da collecção de Chevrolat, traz como unica indicação: « Bresil ».

PINOTUS SEXDENTATUS Luederw. (Fig. 59).

Luederw. Boletim do Museu Nacional do R'o de Janeiro (Vol. II, 1, 1925, p. 5. (Separata).

Distrib.: Brasil (sem procedencia especial). Typo no Mus. Paulista. 1 ♂.

Compr.: 21 mm. Preto, brilhante. Revestimento e clava de côr ferruginea. Cabeça com rugas fortes, cerrados (sem trechos lisos). Clypeo com rugas esparsas e mais transversaes escamiformes; dentes lateraes tão compridos, quanto os dentes medianos, mas embaixo mais largos e como aquelles, obtusos. Sulco de gena pouco vistoso, devido á esculptura forte. Genas com duas bordas, angulos posteriores arredondados, os anteriores bastante marcados. Armadura da cabeça: um corno recto, forte, bastante comprido, conico para cima gradativamente adelgaçado, quasi liso, com ponta obtusa, situado quasi entre os olhos. Prothorax com declividade forte, angulos anteriores fortemente arredondados, os posteriores indicados; bordo lateral com pellos ricos, por baixo das fossas coxaes (visto de cima) apparecendo quasi recto; bordo posterior occupado por pontos ocellados. Declividade tão alta, quanto mede a parte basal no meio; bastante lisa, sómente anteriormente, no meio, em bastante extensão, com pontos ocellados, medio-

cremente cerrados, no meio com impressão rasa. Parte basal, no bordo anterior de dois lados, muito levemente sinuada, meio com emarginação pequena, a giba de dois lados arredondada. Disco com pontos finos, esparsos, lateralmente rugoso. Elytros com estrias um pouco rasas, finissimamente pontuadas, intersticios lisos. Metasterno com pontos cerrados, grossos e pellos abundantes ; no meio liso, com sulco mediano distincto, posteriormente um tanto alargado. Abdomen liso ; segmentos, no bordo anterior, até o meio, pontuados ; ultimo segmento com sulco fraco. Pygidio liso, estria marginal não resumida. Esporão terminal, das tibias posteriores, esbelto, obtuso ; o das anteriores curvado, obtuso. Primeiro articulo dos tarsos posteriores esbelto.

Esta especie colloca-se junto de *P. inachoides* Felsche, com que tem como parece, pelo clypeo, a maior semelhança. O bezouro é bom que se o note estava n'uma collecção de insectos, muito mal conservados, entregue ao Museu Paulista ultimamente.

Especies, que não se póde systematisar.

PINOTUS NITIDISSIMUS Waterh.

Waterh. Ann. Mag. Nat. Hist. 1891, p. 360. — Col. Cat. 1911, p. 61.

A diagnose original diz: « Ovatus, rufo-piceus, convexus, nitidissimus; capite sat magno, planato, triangulari, antice crebre transversim ruguloso, margine angusto reflexo, vertice linea transversa parum elevata leviter curvata postice laevi instructo ; thorace convexo, laevi, disco antice leviter flexuoso, angulis anticis sat crebre punctulatis, lateribus bene rotundatis, elytris thorace angustioribus, quam latitudine paullo brevioribus, omnio laevibus. — Long. 8 1/2 lin. Hab. Bolivia (Bridges).

« This especies is so entirely unlike any other known to me that it is difficult to locate satisfactorily ; but ou account of the rather large triangular head must come early in the arrangement according to von Harold. I should place it near *P. andicola*. The specimen described is probably a female. The thorax

has the extreme front part declivous, with a shallow impression on each side of the front of the disk. The elytra are not striate; but with a strong magnifying-glass some very fine punctures may be seen arranged in lines.»

Talvez se possa collocar *nitidissimus* junto a *bitiensis* ou formando uma secção propria. Em todo o caso pertence ao primeiro subgenero.

PINOTUS ROTUNDATUS Burm.

Burm. Stett. Ent. Zeit XXXV, 1874, p. 128.— Har. Col. Hefte, XIII, 1875, p. 181. — Col. Cat. 1911, p. 62.

Especie duvidosa de Montevideo, cuja diagnose não conheço.

PINOTUS SIMPLEX Tasch.

Tasch. Zeit. gesammt. Naturwiss, XXXV, 1870, p. 182.

A diagnose original diz: «*Copris simplex* (*Scelenocopris Brm.*): Nigra, nitida, subtus fulvopilosa, antennarum flabello fulvo; capite antice reflexo bilobo, ante oculus obsolete tritubereulato, transverse rnguloso, pronoto polito; simpliciter convexo; elytris politis punctato — striatis. Long. 15, lat 9. 5 mm. ♀. — Colombia.

«Diese Art. ohne jede besondere Auszeichnung, erscheint geradliniger in ihrer Seitenbegrenzung als die meisten andern. Das Halsschild ist durch nichts weiter als die gewoehnlichen Seitengruben in der gleichmaessigen Woelbung seiner Oberflaeche unterbrochen. Der vordere Kopfrand bildet einen beinahe regelmaessigen Halbkreis, an welchen sich aber zwei aufgebogene Laeppchen mit stumpfem Ende und geschwungenem Aussenrande ansetzen. Vor den Augen erhebt sich die Flaeche zu einem stumpfen Mittel — und je einem, nur bei schraeger Ansicht von hinten bemerkbaren Seitenhoecker. Hinter der Erhebung ist die Oberflaeche schwach punktgrubig, vor derselben schwach querrunzlig. Das Pygidium ist stark gewoelbt, polirt, vorn durch einen sehr stumpfen Winkel, hinten durch einen engen Halbkreis begrenzt. Der Enddorn der Hinterschienen ist an seinem Ende zweizaehnig.»

Pertence talvez na Secção *Assifer*.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Supplementos (1927).

Nota a PINOTUS AGENOR Har. e AMPLICOLLIS Har.

Differem muito pouco, estas duas especies, como parece. Numa é redondo o espinho mediano da armadura da cabeca do ♂, na parte de cima truncado e posteriormente impresso só e a lamina é absolutamente recta no bordo superior, dos dois lados, até o espinho mediano: Esta julgo-a *Pinotus Agenor* (Fig. 64).

Noutra pelo contrario, o espinho mediano é achatado, no fim sem duvida emarginado e a lamina, no bordo superior, tem emarginatura de dois lados: Julgo seja ella *Pinotus amplicollis*. (Fig. 65).

Em ambas o bordo anterior da parte basal do prothorax, não está emarginado, no meio (segundo os nossos exemplares).

Nota a PINOTUS ANGUSTUS Luederw.

Concorda com *Pinotus alyssonotus aut.*, cuja descripção não conheço. X, XII. De Staudinger.

Nota a PINOTUS BITIENSIS Gill. (Fig. 61).

Compr.: 11 a 16 mm. Preto ou pardo. Clypeo simples ou com emarginatura superficial. Quilha da cabeça recta ou quasi recta, com bordo superior convexo, os angulos, nos individuos robustos, distinctamente salientes; situada no meio da cabeça ou, nos individuos menos robustos, um pouco pos-

SciELO

teriormente. Prothorax, no bordo posterior, no meio, um pouco puxado para traz; angulos posteriores avançado-arredondados. Declividade bastante alta. Esporão terminal, das tibias anteriores, em forma de pé, ácentuadamente acuminado. XII, II.

Nota a PINOTUS CAMPORUM Luederw.

E' talvez sómente o ♂, muito bem desenvolvido, de *crinicollis* Germ.

Nota a PINOTUS COMPRESSICOLLIS Gill. (Fig. 62).

A publicação desta especie de Gillet, até agora ainda não a recebi e segue aqui, por este motivo, a descripção segundo os nossos dois exemplares:

Distríb. . Columbia.

Mus. Paul.: Columbia (de Staudinger) 1 ♂, 1 ♀.

Compr.: 13 a 14 mm. Preto, revestimento ferrugineo, clava mais escura. Bastante brilhante. Cabeça com rugas transversas, o resto da cabeça finamente ruguso. Genas arredondadas atraz, á frente não marcadas, separadas do clypeo, muito pouco vistosas. Armadura da cabeça entre ou quasi entre os olhos. Prothorax quasi liso, pontuado só nos angulos anteriores; bordo anterior fundamente emarginado; angulos anteriores fortemente salientes, obtusos ou um tanto arredondados; os posteriores acentuados; bordo posterior, no meio, com angulo forte. Elytros finamente pontuado-estriados, os pontos não tocam os intersticios; são estes lisos. Metasterno, de dois lados, com pontos ocellados e pelludo; no meio liso, com sulco mediano indistincto. Segmentos abdominaes, no bordo anterior, pontuados. Pygidio quasi liso, estria marginal não resumida. Esporão terminal, das tibias posteriores, obtuso, o das anteriores fracamente acurvado e acuminado.

♂: Armadura da cabeça: uma carina transversal, mediocremente larga, recta, emarginada. Prothorax, no meio, com elevação, terminado posteriormente, de dois lados, num espinho forte; á frente

essa elevação está fracamente arredondada e attinge, quasi sem declividade, o bordo anterior com que renteia. Clypeo alongado-triangular, lados sinuados, ponta arredondada.

♀ : Armadura da cabeça um filete transversal, mediocremente largo, recto, não emarginado, apenas saliente. Prothorax convexo. Clypeo arredondado.

A posição desta especie é junto á *Pinotus bitiensis*.

PINOTUS NIMUENDAJUI Luederw.

Secção *Buqueti*. (Figs. 11, 12, 13).

Luederw. Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Vol. II, Nº. 1, 1925, p. 1. (Separata)

Distrib. : Brasil.

Mus. Paul. : Manicoré (Est. do Amaz.) 1 ♂. H. C. Boy leg XII. 1923. Ao Museu Paulista offerecido pelo Sr. Julius Melzer.

Compr. : 33 mm. Semelhante ao *quadrinodosus*, mas muito maior. Com brilho forte, Preto. Revestimento ferrugineo. Clypeo com rugas transversas, quasi cariniformes. Corno não laminiforme na parte de baixo, espesso porém, em geral mais arredondado ; muito delgado. excede a parte basal ; paulatinamente adelgaçado da base, até a ponta, a ultima arredondada ; do lado anterior não esculpido, como em *quadrinodosus*, mas inteiramente liso. Os dois espinhos, na base deste chifre, são bem fortes e bastante compridos, e lisos tambem. Angulos anteriores, do prothorax, mais agudos, os posteriores distinctos. Estrias dos elytros, distinctamente mais finas, apenas pontuadas (fortemente em *quadrinodosus*) ; intersticios quasi lisos. Esporão terminal, das tibias posteriores, emarginado.

Dedico esta magnifica especie, estudada rapidamante quasi ao findar este trabalho, ao meu velho amigo *Curt Nimuendajú*, o distincto etnographo, benemerito dos indios brasileiros e seu protector desvelado.

SciELO

A PINOTUS PROVISORIUS Luederw.

Esta especie tem a maxima semelhança com uma ♀ de *Pinotus alyssonotus*, que recebemos ultimamente de Staudinger, sem indicação do autor, mas, no *alyssonotus*, as estrias dos elytros são muito mais largas, os intersticios rugosos; os dentes do lobo mediano do prothorax, são distinctamente dirigidos para fóra, a giba da cabeça é redonda (no provisorius mais quadrilatera).

A PINOTUS QUINQUELOBATUS Felsche.

Occorre tambem na Columbia (1 ♂, 1 ♀, recebidos de Staudinger). A ♀ robusta mostra um lobo mediano curto, horizontal, á frente emarginado, no bordo posterior, da parte basal do prothorax; ambas as covas na declividade são realmente brilhantes, mais ou menos porém finamente esculpidas.

A PINOTUS SOCIUS Gillet.

Não sei onde lhe publicaram a diagnose. Recebido de Staudinger 1925. 1 ♂ e 1 ♀ de Esp. Santo. Falta uma parte do clypeo ao ♂ e tambem o chifre. Sua posição é junto a *fissus*.

Novos Supplementos (1928).

A Pinotus Agesilaus Waterh.

Coll. Melzer: Rio Negrinho (St. Catharina) I, III, XI, 4 ♂♂. Num exemplar o corno transverso mostrar-se em cima um tanto alargado.

A Pinotus Anaglypticus Mann.

Coll. Mus. Paul.: Anhangahy (Est. de S. Paulo) XI, XII. A' luz electrica. — Coll. Zikán: Itatiaya (Est. do Rio de Janeiro) 700 m.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

A Pinotus anthrax Felsche.

Um ex., Coll. Zikán, do Paraguay, de 12 mm, de comprimento, corresponde exactamente á descripção de Felsche. Ajuntamos: Genas posteriormente arredondadas. Pronoto com bordo anterior quasi recto e sulco mediano marcado. Metasterno com sulco mediano fraco, nú, liso no meio; dos lados occupados por pontos ocellados fortes, não cerrados. Abdomen bastante liso. Pygidio com pontos finos, estria marginal fortemente abreviada. Calcar terminal; das tibias posteriores, obtuso; o das anteriores, fortemente bicuspidado, o espinho externo mais curto.

Mus. Paul.: Petropolis (Rio) XII. 1 ex. da collecção do Dr. Fr. Ohaus.

A *Pinotus Ascanus* Har.

Distingue-se de *rotundigena*, especie mais affim e muitas vezes bem semelhante, tambem pelo metasterno, curto — e espessamente pelludo; ao passo que, no *rotundigena*, está occupado por pellos compridos e mais ou menos cerrados, assim como no *bicuspis*, *Fonsecae*, *fissus* e *sexdentatus*. No *simulans*, *pygidialis* e *pauloensis*, aquellas partes tem pellos extremamente escassos.

Forma a. Um segundo exemplar desta notavel especie vermelha, encontra-se na Coll. Zikán, do Itatiaya (Rio) 700 m.

Pinotus *Ascanius* × *bicuspis*: Estrias dos elytros mais fortes, do que no *bicuspis*, quasi tão forte, como no *Ascanius*, o metasterno, dos lados, apresenta posteriormente pellos compridos, como no *bicuspis*. S. Paulo capital, XI e Avanhandava, II (Est. de S. Paulo) 2 ♀♀.

A Pinotus assifer Eschsch.

Mus. Paul.: Presidente Epitacio X. Ypiranga III, VI (Est. de S. Paulo). — Coll. Zikán: Esp. Santo III. — Itatiaya (Rio) 700 m., I, IX, XI. — Passa Quatro (Minas) 915 m., XII, II, 2 ♀ ♀. — Rio, Paineiras (Districto Federal) IX, 1 ♀.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Duas ♀♀, na collecção do Mus. Paul., caracterisam-se pela pequenez, 15 a 16 mm. e pela forma um pouco differente do corpo, a qual porem não é determinavel. Alem disso não apresenta outras differenças. Minas. XI.

A Pinotus bicuspis Germ.

Mus. Paul.: Porto Epitacio X, Apiahy I, Anhangahy XI (Est. de S. Paulo), — Coll. Melzer: Rio Negrinho (Est. de St. Cathar.) XI. — Coll. Zikán: Virginia, Faz. Campos (Minas) 1500 m.. I, XI; Passa Quatro, Serra dos Côchos (Minas) 1460 m. I, 2 ex.

Forma d. Corno espesso e obtuso. Angulos anteriores das genas muito obtusos. Metasterno de traz lateralmente, quasi sem pellos.

Forma e. Elytros opacos, pelas rugas finas, coriaceas; polida somente a sutura, na metade anterior. Corno muito forte. Angulos posteriores, das genas, muito mais fortes e agudos. Cabeça quasi lisa. Pronoto, no meio, apenas puxado para deante; tambem no declive liso, angulos anteriores totalmente arredondados. Conceição de Itanhaem (Santos) I, Rob. Spitz leg. 1 ex. á luz electrica. — Trata-se de nova especie propria como presumo fortemente e proponho o nome de *Pinotus semicirculare*.

Forma f. Angulo anterior, das genas, fortemente arredondado e situado muito mais para deante, de maneira que, o fim do sulco da gena bem pronunciado, está quasi no meio, entre o angulo anterior e o posterior. Metasterno, em toda a parte com pellos ralos, que só são mais fortes entre as pernas medianas. Côr castanha. — No caso de que se trata de especie nova, proponho o nome de *Pinotus clypeatus*.

A Pinotus Boreus Oliv.

Occorre tambem no norte do Brasil: Coll. Zikán Manaus (Amaz.), 1♂, 1 ♀.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

A Pinotus Buqueti Luc.

Uma ♀ de Passa Quatro (Minas), amostra colorido mais castanho nos elytros. Coll. Zikán.

A Pinotus carbonarius Mann.

Coll. Zikán: Passa Quatro (Minas) IV; Paraguay XII. — Coll. Mus. Paul.: Anhangahy XI, XII; Presidente Epitacio X, muito frequente, Dr. Fr. Ohaus off. — Tambem á luz electrica,

A Pinotus crinicollis Germ.

Mus. Paul.: Estação do Alto da Serra (S. Paulo) VIII.

A Pinotus depressicollis Har.

Coll. Mus. Paul.: Anhangahy (Est. de S. Paulo) XI, 1 ♂. Pellos, nos bordos lateraes do pronoto, de côr ferruginea. — Coll. Zikán: Rio Xingú (Est. do Pará) I, 1 ♂, A Fassl leg.

A Pinotus fissus Har.

Na ♀ o pronoto pode estar pontuado fina — e espaçadamente. Nas estrias dos elytros, *fissus* ás vezes, transita para *bicuspis*.

Coll. Zikán: Rio de Janeiro II, 1 ♂; Faz. Jerusalem (Espirito Santo) III, 1 ♀. Neste o declive inteiro, grossa — e bem cerradamente pontuado.

A Pinotus imitator Felsche.

Pellos de côr castanha. Clypeo, em frente, raramente emarginado; as rugas transversaes. Genas, anteriormente, não marcadas. O pequeno corno quasi entre os olhos. Estrias, cinco e seis, nos elytros, tambem muito rasas, não muito diversas de sete; intersticios com pontos espessos, finissimos. Pygidio, em todas as partes, bastante cerrada — e bem grossamente pontuado. Calcar terminal, das

tibias posteriores, levemente emarginado; o das anteriores, em frente ao meio, com espinho exterior, pediforme. Mesosterno com pontos grossos. Metasterno, nos lados, com pontos grossos e insignificantemente pelludo; liso no meio. Segmentos abdominaes anteriormente, de dois lados, pontuados. Aliás não differente da descripção de Felsche. — Santarem (Pará) V, Coll. Zikán, 1 ex.

A Pinotus inhiatus Germ.

Apparece tambem com calcar terminal não emarginado, nas tibias posteriores.

A Pinotus Lucasi Har.

Todos os nossos exemplares mostram, perto dos olhos, no lado interior, pequena giba obsoleta, reunida com o pequeno corno mediante uma elevação longitudinal, tambem obsoleta. — Coll. Zikán: S. Gabriel, Rio Negro, VIII, IX, 3 ex. (Est. do Amazonas).

A Pinotus luctuosioides Luederw.

Coll. Mus. Paul.: S. Paulo capital I, Estação Alto da Serra (S. Paulo) VI.

A Pinotus luctuosus Har.

Coll. Mus. Paul.: Ypiranga I, XII; Estação do Alto da Serra (S. Paulo) I.

A Pinotus Melzeri Luederw.

Coll. Mus. Paul.: Anhangahy (Est. de S. Paulo), XI, 2 ♀ ♀. — Coll. Zikán: Rio Tapajos II, Fassl leg. 1 ♂; Santarem (Pará) III, Boy leg., 1 ♀.

A Pinotus Mormon Liungh.

Coll. Melzer: Rio Negrinho (Est. Cathar.). XI.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

A Pinotus nisus Ol.

Coll. Mus. Paul.: S. Paulo capital X, Anhangahy XI, XII (Est. de S. Paulo). — Coll. Buck: Porto Alegre e Parecy Novo VI (Rio Grande do Sul). — Coll. Zikán: Espirito Santo IX; Santarem II (Pará); Ceará; Itatiaya, 700 m. V, 1 ♀. (Est. do Rio de Janeiro). — Coll. Mus. Rocha: Ceará, 2 ♀ ♀ de côr ferruginea.

A. Pinotus nitidus Luederw.

Coll. Mus. Paul.: Porto Alegre XI, P. Pio Buck off.

A Pinotus nutans Har.

Har. Col. Hefte II, 1867, p. 97; Abeille VI, 1869, p. 126. — Bruch, Cat. Col. Argent. 1911, p. 188. — Col. Cat. p. 1911, p. 61.

Distrib.: Uruguay, Argentina.

Mus. Paul.: S. Anna (Rio Gr. do Sul) IX, P. Buck leg. 1 ♂, 1 ♀. — Tandil (B. Aires), Dr. Ohaus leg. 1 ♀. (da coll. do sr. dr. C. Bruch).

Comprim. 20 a 25 mm. Brilhante. Preto, revestimento castanho; clava ferrugineo-castanha. Cabeça triangular, bastante prolongada, da mesma fórma em ambos os sexos. Clypeo e genas com rugas fortes, transversaes. O primeiro, no bordo anterior, no meio, simples ou fracamente emarginado; as genas, nos angulos anteriores, no ♂ simples, na ♀ fracamente marcadas; nos posteriores fortemente arredondadas. — *Pronoto*, á frente, com declive. Angulos anteriores fortemente arredondados, os posteriores marcados. Bordo posterior, no meio, distinctamente puxado para traz. Declive mais ou menos tão alto, que o comprimento da parte basal no meio; de ambos os lados com impressão rasa, connexa; com pontuação irregular, esparsa. Disco com pontos grossos, cerrados; mais esparsos no meio, mais rugosos nos lados. Bordo anterior da parte basal, no meio, não puchado para diante ou um pouco só; de ambos os lados com

sinuosidade muito fraca; o meio com emarginatura pequena mas funda, recolhendo a sutura mediana, atras abreviada. Fossas coxaes transversaes; no bordo interior, no ♂ e na ♀, como no *carolinus* ♀, simples, sem giba ou canto. — *Elytros* fortemente estriados; estrias rasas, com pontos finos. Interstícios um pouco convexos, com pontos finos, distinctos. Estrias interiores, 4 a 5 de cada elytro, como sempre na Secção *Carolinus*, alargadas e afundadas, com secreção pardacenta e isso em extensão muito maior, como em geral (mais ou menos em 2/3 do seu comprimento. *Metasterno*, incl. os episternos, lateralmente, com pontos bastante cerrados e bastante finos e com pellos compridos; no meio bastante liso, com sulco mediano fino, terminando posteriormente n'uma fossula pequena, gamelliforme. Tambem os episternos do mesosterno são pontuados e pelludos. — *Abdomen* bastante liso, cada segmento, lateralmente, com pequena impressão pontuada, pelluda nos primeiros segmentos; o ultimo, no bordo posterior, sulcado. — *Pygidio* com pontos finos; sulco marginal, posteriormente, abreviado. — *Tibias* posteriores com calcar terminal emarginado; o calcar das tibias anteriores curvado e paulatinamente acuminado.

♂. Corno alto, n'uma planicie com o clypeo, em fórma de chapa delgada, larga, em cima arredondada e, no meio, prolongada n'um espinho muito obtuso, inclinado para frente. Pronoto com declive mais alto, do que na ♀.

♀.: Armadura da cabeça uma excrescencia larga, quadrigibosa, attingindo quasi de olho a olho; todas as gibas em distancia mais ou menos igual; as duas interiores mais altas.

O ♂, em vista da sua cabeça alongada-triangular, não se pode confundir com qualquer especie da Secção *Carolinus*, em que a cabeça é largo-arredondada. Na ♀, porém, cuja cabeça tem mais ou menos a mesma fórma, como a naquella secção, podiam succeder duvidas: *P. imitator* tem sómente um comprimento de 15 mm., mostrando angulos anteriores do pronoto mais agudos (pelo menos no

♂). *P. longiceps*, ♂ e ♀, tem uma armadura da cabeça, é verdade, tambem muito larga, mas em fórma de carina cortante, em cima uma vez levemente emarginada, constituido no *P. coenosus* e *carolinus* n'uma giba curta, mais ou menos transversal; em cima troncada ou emarginada.

A Secção *Nutans* existe de bom motivo, pela fórma da cabeça triangular-alongada, em ambos os sexos, e pelo corno do ♂ inteiramente differente da qual da Secção *Carolinus*, lembrando muito naquelle da Secção *Buqueti*.

P. nutans, até agora, não foi conhecido do Brasil.

A Pinotus opalescens Felsche.

Coll. Zikán: Virginia, Fazenda Campos, 1500 m. I, XI, 1 ♂, 2 ♀♀ (Minas).

A Pinotus parcepunctatus Felsche.

Coll. Zikán: Manicoré, Rio Madeira, Teffé, 4 ex. (Est. de Amazonas); Barcellos, VIII, 1 ex. (Est. do Amazonas).

A descripção, segundo estes cinco exs., é como segue: Cabeça, no bordo anterior, rugosa ou rugoso-pontuada; deante do corno, no meio, bastante lisa; no resto com pontos grossos, mui pouco espaçosos. Genas anteriormente não marcadas, angulos posteriores distinctos. Corno no bordo posterior do clypeo. — *Pronoto*, no meio, muito mais largo, do que a base dos elytros, simplesmente convexo. Angulos anteriores arredondados e, quando marcados, apenas pouco. Angulos posteriores marcados, bordo anterior um pouco convexo, bordo posterior, no meio, anguloso. Sulco mediano distincto sómente na metade posterior; em cima com pontos grossos, irregulares, mais ou menos ocellados; pontuado mais cerradamente nos lados, bastante espaçadamente no disco; entre os pontos grossos, notam-se, esparsos pontos finissimos. — *Elytros* com estrias fortes e correspondentes intersticios conve-

xos, lisas; pontos nas estrias pequenos, mas accentuados, bastante approximados, unidos em fórma de corrente. — *Metasterno* não pelludo, na metade posterior, com sulco mediano distincto; o meio mais ou menos liso, aliás, como tambem os segmentes abdominaes, no bordo anterior, com pontos grossos, ocellados, lateralmente, ás vezes, um ponto bem junto do outro. — *Pygidio* grossamente pontuado. — Tibias posteriores, com calcar final fortemente emarginado, o das tibias anteriores, gradativamente acuminado e fortemente curvado. — *Revestimento* muito pobre, de côr ferruginea.

A Pinotus Podalirius Felsche.

Occorre tambem no Brasil: Coll. Zikán, Teffé. IX. 1 ♀.

A Pinotus problematicus Luederw.

A minha fórma c, é o *Pin. Inachus* Er. legitimo. Os elytros são opacos, pela esculptura, microscopica. Os angulos anteriores, do prothorax, não são arredondados, mas agudos, quando muito obtusos.

Fórma a tem os mesmos angulos anteriores do prothorax, como c, porem os elytros não são brilhantes.

var. problematicus Luederw. (a minha fórma b) tem os angulos anteriores, do prothorax, fortemente arredondados e os elytros são tambem brilhantes.

A Pinotus pygidialis Luederw.

Deve, tambem, ser cancellado, reunido a *P. Ascanius* Har., como fórma a. Todos os transitos, tambem no tamanho, foram agora por mim observados. O *P. Ascanius* mais pequeno (de pygidio simples), não é maior, do que *pygidialis*. Todas as ♀ ♀ de *Ascanius*, grandes ou pequenas, mostram o pygidio muito fortemente abobadado, na parte posterior. A abobada torna-se mais fraca, si o ultimo segmento abdominal está emarginado, desap-

parecendo inteiramente, si nesta emarginatura augmentada, entre o appendice do pygidio. Além disso, não existem differenças de especie alguma, entre ambas as fórmas.

A Pinotus semiaeneus Germ.

Forma c. Coll. Mus. Paul.: Ypiranga III, Franca X, (Est. de S. Paulo); Mariana (Minas).

A Pinotus spéciosus, Waterh.

Coll. Zikán: Virginia, Faz. Campos, 1500 m., XI, 2 ♂ ♂, 3 ♀ ♀ (Minas).

A Pinotus Spitzi Luederw.

Mus. Paul.: S. Paulo capital VII, 1 ♂, 1 ♀. — Coll. Zikán: Virginia (Minas), IV, XI, ♂ e ♀.

A Pinotus subaeneus Castl.

Mui semelhante ao *cuprinus* Felsche e do mesmo tamanho, o lado superior, porem, decididamente brilhante (no *cuprinus*, os elytros, quando muito, sericosos, com esculptura quasi microscopica, espessa, que falla ahi); intersticios com pontos finos, esparsos. Dois exemplares têm os elytros esverdeados. Clava amarellada. Calcar terminal, das tibias posteriores, apenas emarginado; o das anteriores esbelto, com espinho distincto, no lado de fóra antes do meio, (faltando no *cuprinus*). Armadura da cabeça: giba transversal, baixa, bicuspide, continuando-se obsoletamente para os olhos, terminando junto delles, por dentro, em forma de pequena giba. — Manáos (Amazonas) XII, 3 ♂ ♂, na collecção Zikán.

Differente da descripção de *subaeneus*, sômente nos seguintes pontos: Armadura da cabeça não quina transversal, levemente tridentada, porem giba distinctamente emarginada. Elytros com estrias antes rasas, que fundas. Prothorax, nos angulos an-

teriores e nas fossas coxaes, distinctamente pontuado. Clypeo com rugas transversaes, fracas. Cabeça, atraz da giba, pontuada.

Trata-se, na diagnosa original, para a armadura da cabeça da ♀, em nossa descripção para a do ♂. Esta especie pertence, sem duvida, a Secção *Carbonarius*, apezar do brilho; tirando-a em nosso trabalho, da Secção *Inachus* e modificando as chaves correspondentes.

A Pinotus Taunayi Luederw.

Forma b. Angulo posterior das genas, mais arredondado. Pronoto, nos angulos anteriores, menos arredondados. Elytros com estrias mais profundas, interstiticios distinctamente convexos; estrias com pontos fortes, transversaes, em forma de riscas. Mesosterna e Metasterno quasi sem pellos (no typo, ambos os episternos, com revestimento distincto e comprido). Martinho XI, 2 ex. (Matto Grosso), Coll. Melzer.

A *Pinotus torulosus* Eschsch.

Mus. Paul.: Foi colleccionado, diversas vezes, pelos srs. dr. Ohaus e Rob. Spilz, perto da estação do Alto da Serra (S. Paulo) e isto regularmente sobre excrementos humanos e sempre aos pares. I. X. — Coll. Melzer: Rio Negrinho I. 1 ♂ (St. Catharina).

Mais tres especies novas (V. 1928).

1. Pinotus gibbosus n. sp. (*Secção Buqueti*).

Comprim. 17 mm. Preto. Revestimento ferruginoso-castanho, clava amarellada. Brilhante. Cabeça curto-triangular; a margem elevada do clypeo, na frente no meio, com emarginação fraca. Angulos anteriores, das genas, fortemente marcados, os posteriores arredondados. Clypeo com rugas transversaes, genas rugosas, cabeça posteriormente mais pontuada. Corno formando uma giba trans-

versal, baixa, em cima emarginada. — *Pronoto*, na frente, com declive fraco. Angulos anteriores mediocremente arredondados, os posteriores arredondados. Declive forte — e cerradamente rugoso-pontuado. Disco liso, detras e nos lados, pontuado. Sulco mediano, pelo menos posteriormente, com pontos rasos, mas distinctos. — *Elytros* com estrias fortes, rasas; estrias apenas pontuadas, intersticios lisos. Estrias tres a cinco, na base, afundadas em forma de pequena cova. — *Metasterno*, de dois lados, pontuado e pelludo; no meio liso, com sulco mediano indistincto. — *Abdomen* bastante liso, lateralmente com pontos fortes: ultimo segmento apenas sulcado. — *Pygidio* quasi liso, estria marginal não abreviada. — *Tibias* posteriores, nos calcares, emarginadas; nos anteriores fracamente curvadas e pontuadas.

Prov. Jujuy (Argentina). 1 exemplar na collecção do Sr. Dr. C. Bruch, No. 6.

2. *Pinotus transitus n. sp.* (*Secção Fissus*).

Sua posição é entre *P. rotundigena* e *bicuspis* (que transitam na forma da cabeça). Comprim. 18 mm. E' notavel por sua côr, irisante fortemente azulado, especialmente tambem nas pernas, mas fora da cabeça. Revestimento, nos lados do pranoto, ferrugineo. Cabeça, nos angulos anteriores das genas, um pouco marcada (fortemente arredondada no *rotundigena* ♂ ♀), distinctamente angulosa no *bicuspis* ♀. Pygidio simples. Ultimo segmento abdominal, no meio, alargado e levemente emarginado, sobresahindo um pouco o pygidio. Dentes do clypeo e o seu bordo levantado, com brilho de latão distincto.

S. Trinidad (Paraguay). 1 exemplar na coll. Bruch, No. 20.

3. *Pinotus spadiceus n. sp.* (*Secção Fissus*).

Comprim. 13 mm. Differente de *fissus* sómente pelo corno agudo, pela estria sutural fortemente imprimida no quarto anterior; pela metade poste-

rior inteira do metasterno, afundada fortemente em forma de gamella e pela côr ferruginea, mais escura na cabeça e no pronoto.

Virginia (Minas) 1.500 m. X, 1 ♂, Coll. Zikán.

Chave das especies brasileiras, sem se levar em consideração sua posição systematica.

Observações: Onde não ha outra declaração, a côr geral é o preto, mais claro ou mais escuro-pardo ou ferruginco.

1. Algumas estrias dos elytros, proximas da sutura e mais ou menos na metade posterior, aprofundadas e fortemente alargadas e cheias de secreção parda ou grisálha. 3.

2. Todas as estrias dos elytros simples. 7.

3. Metasterno, lateral, com revestimento rico e comprido. Comprimento pelo menos 20 mm. 5.

4. — lateral, com pellos compridos, porem muito escassos. Armadura da cabeça: giba aguda. Comprim. 15 mm. (♀ desconhecida):

IMITATOR Felsche, ♂.

5. Armadura da cabeça, em ambos os sexos, cariniforme, muito larga, attingindo quasi de olho a olho; superiormente cortante, uma vez emarginada:

LONGICEPS Taschbg, ♂ ♀.

6. — da cabeça do ♂ chapa larga, tenue, na parte de cima prolongada num espinho obtuso, inclinado para a frente; a da ♀ escrescencia transversal, tambem muito larga, porem quadrigibosa:

NUTANS Har.

7. Clypeo, na borda anterior, no meio, simplesmente arredondado ou troncado ou mais ou menos distinctamente emarginado ou bidentado. 9.

8. — ahi com pontinho simples. Côr verde. 13 mm :

SMARAGDINUS Perty, ♂ ♀.

9. Cabeça não alongada triangular. 11.

10, — extremamente alongada triangular. Elytros fortemente azulados. 32 a 35 mm. :

BUQUETI Luc. ♂ ♀.

11. Armadura da cabeça (posteriormente no clypeo) consistindo n'um corno mediano mais alto e n'um espinho mais fraco ou mais forte, anteriormente, de cada lado, na base, 13.

12. — da cabeça de outra forma. 15.

13. Estrias dos elytros com pontos cerrados e distinctos. 21 a 25 mm. :

QUADRINODOSUS Felsche, ♂.

14. — dos mesmos apenas pontuados. 33 mm. (♀ desconhecida) :

NIMUENDAJUI Luederw. ♂.

15. Genas, exteriormente, no meio, com saliente ponta aguda ou com angulo accentuado. 17.

16. — ahi arredondadas, quando muito, com angulo obtuso. 19.

17. Angulos anteriores, do prothorax, agudos ou obtuso-agudos. 20 a 28 mm. :

MORMON Ljgh. ♂ ♀.

18. — anteriores do mesmo totalmente arredondados. 29 a 30 mm. :

AGESILAUS Waterh. ♂ ♀.

19. Armadura da cabeça, do ♂ e da ♀, consiste em duas protuberancias separadas; uma deanteira, situada mais ou menos no meio do clypeo, ou approximada cujo bordo anterior, e outra, no bordo posterior do mesmo; a anterior é uma carina transversal, as vezes muito fraca ou uma escrescencia transversal. Brilho forte. 21.

SciELO

20. — da cabeça (falta as vezes completamente) do ♂ e da ♀, consiste em uma protuberancia só, a da ♀, como sempre, posteriormente no clypeo. (Uma pequena gibasinha, só existe, não raras vezes, de cada lado interiormente junto ao olho, não a tomamos em consideração, por pertencer a armadura de cabeça). 27.

21. Carina transversal anterior do clypeo, muito mais estreita, do que a distancia entre os olhos. 23.

22. — transversal anterior sómente um pouco mais estreita, do que a distancia entre os olhos, attingindo quasi de sulco a sulco da gena. 20 a 23 mm. (♀ desconhecida):

CARINATUS Luederw. ♂.

23. As duas gibas medianas, do prothorax, simplesmente obtuso — acuminadas. 25.

24. — duas gibas medianas, na ponta, fortemente encortadas e mais ou menos emarginadas. 24 a 27 mm.:

BOREUS Ol. ♂ ♀.

25. Genas, anteriormente, não anguladas ou, quando muito, fracamente. Prothorax com declividade ingreme: 20 mm. TELAMON Har.

26. — no angulo anterior, com dentinho erecto. Declividade, de cada lado, com cova funda, arredondada. 20 a 23 mm.:

PODALIRIUS Felsche, ♂ ♀.

27. Estrias dos elytros, na base, não terminandas numa covinha ou esta é bem pouco vistosa. 29.

28. — dos mesmos. sómente com excepção das duas exteriores, de cada elytro, terminam, na base, numa covinha lanceolar, distincta, geralmente cheia de secreção parda. 17 a 25 mm.

ANAGLYPTICUS Mann. ♂ ♀.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

29. Armadura de cabeça, inteiramente ausente. Cabeça finamente pontuado-arrugada, entre os olhos fracamente impressa. Clypeo com dois fortes dentes. Prothorax com pontos apagados, bastante espessos; angulos anteriores agudos. Elytros rasamente pontuado-estriados, intersticios com pontos finos. Metasterno, excepto o meio, fortemente pelludo. O revestimento, geralmente, em todas as partes, comprido e muito rico, da côr ferruginea. Corpo distinctamente alongado. Brilho forte. Semelhante ao *Inachus*. 14 mm.:

MUTICUS Luederw.

30. Outros caracteres. Armadura da cabeça quasi sempre presente. 31.

31. Armadura de cabeça approximada mais ou menos fortemente ao bordo anterior, do clypeo. 33.

32. — de cabeça posteriormente no clypeo. 37.

33. Lobo mediano do prothorax, no meio, da borda anterior, nada ou quando muito, apenas emarginado, lados mais convexos de que concavos. 35.

34. — mediano do mesmo, distinctamente emarginado, lados com sinuosidade distincta. Metasterno, posteriormente, com depressão, em forma de gamela. 26 mm. (♀ desconhecida):

ZIKANI Luederw. ♂.

35. Lobo mediano do prothorax, arredondado bastante regular. 17 a 23 mm.:

DEPRESSICOLLIS Har. ♂.

36. — mediano com lados rectos ou quasi rectos. 26 mm.:

MELZERI Luederw. ♂.

37. O prothorax, em toda a parte, granulado cerrada—e fortemente bastante regular; no ♂ com declividade; na ♀ convexo e, no meio, proximo do

bordo anterior, com giba distincta transversal, curta ou com excrescencia transversal. Corno do ♂ esbelto. Clypeo, em geral, com dois dentinhos muito pequenos, porem distinctos. 15 a 19 mm. 39.

38. Outros caracteres. 43.

39. Bordo anterior, da parte basal, do ♂, com seis dentes; os dois dentes lateraes, ás vezes, fracamente desenvolvidos e reunidos carineiformes. Prothorax da ♀, anteriormente, no meio, com cova rasa e, em frente desta, muito perto da borda anterior, com pequena giba simples, obtusa, transversal. 41.

40. — anterior da mesma, no ♂, sómente com dois dentes pequenos, fortemente approximados, no meio. Prothorax, da ♀, anteriormente sem covinha ou esta é muito pouco visivel; a gibasinha dupla:

torulosus var. valdivianus Phil. ♂ ♀.

41. Menor. Elytros mais brilhantes, estrias mais profundas e os intersticios mais abobadados; os ulteriores lisos. ♂: Os dentes lateraes do prothorax, fortes:

torulosus var. minor Luederw. ♂ ♀.

42. Maior. Elytros menos brilhantes, estrias rasas e, por isto, os intersticios menos convexos; os ulteriores distinctamente pontuados. ♂: Dentes lateraes menos desenvolvidos, principalmente o inferior:

TORULOSUS Eschz. ♂ ♀.

43. Clypeo simples ou, no maximo, emarginado ou com dentes pequenissimos. 45.

44. — no bordo frontal, no meio, distinctamente emarginado ou com dois dentes distinctos. 63.

45. Elytros simples. 47.

46. — fortemente azulados. 30 a 35 mm.:

INHIATUS Germ. ♂

47. Clypeo simples ou elevado da maneira usual. 49.

48. — no bordo frontal, no meio, elevado quasi em forma de chapa. Fortemente brilhante. 17 mm.:

NITIDUS Luederw.

49. Calcar terminal, das tibias posteriores, não emarginado. 51.

50. — terminal distinctamente emarginado 59.

51. Declividade do prothorax, com rugas transversaes, escamiformes. De tamanho regular. 53.

52. — do mesmo não rugosa. Pequeno; no maximo 17 mm. 55.

53. Disco do prothorax liso ou quasi liso, distinctamente pontuado, de dois lados só e na borda posterior:

semisquamosus Curtis, forma.

54. — do mesmo com pontos distinctos, em toda a parte:

nisus Ol. forma (= *Garbei* Luederw. ♂ ♀.

55. Prothorax com angulos anteriores distinctos. Preto. 57.

56. — com angulos anteriores fortemente arredondados, no maximo marcados. Elytros, em geral, levemente esverdeados, porem tambem de côr de cobre ou azul, tambem de preto:

SEMIAENEUS Germ ♂ ♀.

57. Brilho forte:

ANTHRAX Felsche, ♂ ♀.

58. Pelo menos os elytros, em maior parte, opacos:

LUCTUOSIOIDES Luederw. ♂ ♀.

59. Disco do prothorax, com pontos grossos, cerrados. 61.

60. — do prothorax, com pontos finos esparsos. 21 a 25 mm.

Quadrinodosus Felche, ♀.

61. Giba, acima da fossa coxal, no bordo frontal da parte basal, accentuadamente marcada. Metasterno, posteriormente, sem escudela. 26 mm.:

Melzeri Luederw. ♀.

62. — alli to'almente arredondada. Metasterno posteriormente, com gamella pequena e rasa. 17 a 23 mm.:

Depressicollis Har. ♀.

63. Sulco lateral do prothorax, nos angulos posteriores, terminando n'uma pequena cova funda, accentuadamente limitada, mais ou menos tão larga, quanto comprida. Calcar terminal, das tibias posteriores, não emarginado. 12 a 18 mm. 65.

64. — lateral do mesmo, não terminando posteriormente, n'uma covinha ou n'uma bem rasa e limitada indistinctamente destas depressões. 69.

65. Prothoráx liso tambem lateralmente ou occupado apenas por pontos finos e esparsos. 67.

66. — talvez com excepção do meio do disco, pontuado grossa — e bastante cerradamente:

IRINUS Har. ♂ ♀

67. Estrias dos elytros fortissimamente pontuadas:

LAEVICOLLIS Felsche, ♂ ♀.

68. — dos mesmos finamente pontuadas:

SERICEUS Har. ♂ ♀

69. Cabeça e pygidio simples. 71.

70. Genas e clypeo, nos lados, rectamente troncadas, de maneira que, o clypeo forma junto com os angulos anteriores das genas, uma esquina mais ou menos distincta. Pygidio, muitas vezes, com apendice, no meio do ultimo segmento abdominal. 137.

71. Armadura da cabeça uma chapa laminiforme. 73.

72. — da cabeça, um corno conico ou um ponco transversal ou giba da mesma forma ou giba dupla

ou excrescencia transversal ou carina baixa, aguda, transversal. 83.

73. Côr verde ou de cobre ou ambas as côres misturadas. 14 a 15 mm. 75.

74. — preta, parda ou ferruginea. 77.

75. Chapa da cabeça recta ou quasi recta :

OPALESCENS Felsche. ♂.

76. — de cabeça recurvada :

SPECIOSUS Waterh. ♂.

77. Chapa da cabeça, em cima, no meio, não alongada em espinho. 79.

78. — de cabeça alli alongada, em espinho forte. 17 a 19 mm. :

DEYROLLEI Har. ♂.

79. — Esporão terminal, das tibias posteriores, não emarginado. Lado superior do corpo brilhante. 16 a 21 mm. 81.

80. — terminal fortemente emarginado. Em cima opaco. Corno, no maximo, um pouco mais largo do que alto, em cima fortemente emarginado. De tamanho regular :

Luctuosus Har. ♂

81. Chapa da cabeça alta, fortemente transversal, cerca de duas vezes mais larga do que alta, recta na parte de cima, um pouco convexa ou duas vezes fracamente sinuada. Lobo mediano, da parte basal, anteriormente com sinuosidade rasa :

ASSIFER Eschz. ♂.

82. — de cabeça muito mais estreita, em cima uma vez largamente emarginada só. Lobo mediano do prothorax simples. :

AFFINIS Felsche

83. Côr verde ou de cobre. 85.

84. — preta, parda, ferruginea. 95.

85. Prothorax fortemente pontuado. 87.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

86. — na parte maior, liso ou quasi liso. 91.

87. Armadura da cabeça uma excrescencia larga, em cima cortante. Verde ou de côr de cobre ou ambas as côres misturadas. 11 a 15 mm. 89.

88. — de cabeça um corno conico ♂ ou uma giba transversal, em cima obtusa, na ♀. Verde. 16 a 19 mm.:

SUPERBUS Felsche, ♂ ♀.

89. Armadura de cabeça curvada, em cima convexa:

Speciosus Waterh. ♀.

90. — de cabeça recta, por cima concava ou tambem recta. Côr, as vezes, sinzenta-azul:

Opalescens Felsche, ♀.

91. Lado superior opaco ou, quando muito, sedoso. 93.

92. — superior decididamente brilhante, cobreado ou esverdeado. Quasi do tamanho de *cuprinus*:

SUBAENEUS Cast. ♂ ♀.

93. — superior escuro-verde. 17 a 19 mm.:

GLAUCUS Har. ♂ ♀.

94. — superior cobreado. 15 a 20 mm.:

CUPRINUS Felsche, ♂ ♀.

95. Bordos lateraes, do prothorax, occupados por pellos bem cerrados, notavelmente compridos e, pelo menos na metade posterior, fortemente recurvados para dentro, as fossas coxaes mais ou menos assombreados. Declividade, do prothorax, com rugas escamiformes. Tamanho regular. 97.

96. — lateraes, do prothorax, não raras vezes, tambem pelludos na maneira semelhante, os pellos porem, são sempre mais curtos, e tem as pontas distantes das fossas coxaes. 103.

97. Disco do prothorax, liso ou pontuado fina — e esparsamente. Pontuado mais fortemente, quando muito, somente de dois lados e no bordo posterior. 99.

98. — do prothorax, pontuado forte — e cerrada — ou bastante cerradamente, nas todas as partes :

SPITZI Luederw. ♂ ♀.

99. Sulco mediano do metasterno, posteriormente, terminando n'uma escudela distincta. 101.

100. — mediano do mesmo, posteriormente, não terminando em escudela, mas transcorrendo paulatinamente; o sulco atras, quando muito, um pouco aprofundado e alargado :

SEMISQUAMOSUS Curt. ♂ ♀.

101. Lobo mediano, do prothorax, para diante, fortemente estreitado, seu bordo anterior, distinctamente emarginado :

CAMPORUM Luederw. ♂.

102. — mediano, do mesmo, para a frente, estreitado, seu bordo anterior nada ou quando muito, apenas emarginado :

CRINICOLLIS Germ. ♂ ♀.

103. Clypeo lateralmente lobado. 105.

104. — lateralmente não lobado, quando muito, pouco convexo. 107.

105. Esporão terminal, das tibias posteriores, não emarginado. 26 mm. :

FIMBRIATUS Har. ♂ ♀.

106. — terminal, das mesmas, emarginado. 17 a 19 mm :

Deyrollei Har. ♀.

107. Prothorax inteiramente ou em maior parte, pontuado forte —, ou pelo menos distinctamente. 109.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

108. — pelo menos na parte maior do disco, liso ou com pontos finissimos. 125.

109. Declividade, do prothorax ou sua parte correspondente, não arrugada ou, quando muito de dois lados só. 111.

110.—do mesmo, com rugas transversaes, fortes, escamosas. 16 a 25 mm.:

NISUS Ol. ♂ ♁.

111. Armadura da cabeça: corno conico. Pequeno. 113.

112. — de cabeça uma carina, giba ou excrescencia transversal. 16 a 21 mm. 123.

113. Elytros pontuado-estriados, as estrias distinctamente impressos. 115.

114. — estriado-pontuados, estrias formadas sómente por pontos alongados. Forma bem arredondada:

GLOBULUS Felsche, ♂ ♀.

115. Estrias dos elytros na disposição usual. 117.

116. — dos elytros, formam, em cada elytro, tres pares:

GEMINATUS Arrow, ♂ ♀.

117. Prothorax, pontuado fortemente, tambem no disco. Esporão terminal, das tibias posteriores, com emarginação forte. 119.

118. — no disco, com pontos relativamente finos, de dois lados pontuado fortemente ou com rugas. Esporão terminal obtuso ou agudo. Elytros com brilho fraco, estrias com pontos finos ou indistinctos:

TAUNAYI Luederw. ♂ ♀.

119. Clypeo bastante liso. Lado superior do corpo, mais ou menos irisante. 121.

120. — com esculptura distincta e cerrada. Em cima não irisante, com brilho forte:

FORTESTRIATUS Luederw.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

121. — Estrias dos elytros, occupadas por pontos pequenos, porem muito distinctos:

PARCEPUNCTATUS Felsche.

122. — dos elytros apenas pontuados:

BATESI Har.

123. Giba da cabeça, recta ou convexa na parte de cima ou duas vezes fracamente sinuada:

Assifer Eschz. ♀.

124. — da cabeça por cima, uma vez largamente emarginada:

Affinis Felsche, ♀.

125. Esporão terminal, das tibias posteriores, não fendido agudamente. 127.

126. — terminal agudamente fendido. Prothorax, no lado superior, no meio, com duas pontas obtusas. 21 mm.:

CALCARATUS Arrow, ♂.

127. Lado superior, pelo menos nos elytros, opaco. 129.

128. — Superior inteiramente brilhante. Calcar terminal, das tibias posteriores, não emarginado. 133.

129. Tamanho regular. Calcar terminal, das tibias posteriores, emarginado. 131.

130. Tamanho pequeno, 13 a 15 mm.:

MUNDUS Har. ♂' ♀.

131. Armadura da cabeça, em ambos os sexos, na borda superior (visto de cima) recta:

LUCTUOSUS Har. ♂ ♀

132. — da cabeça, em ambos os sexos, posteriormente na ponta, impressa e por isto arqueada:

CARBONARIUS Mann. ♂ ♀

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

133. Metasterno, tambem posteriormente, de dois lados, pelludo. Prothorax liso ou quasi liso. 135.

134. — lateralmente pelludo, quando muito, nos episternos só. Prothorax com pontos finos, mas distinctos e bastante cerrados. 13 a 14 mm. :

LUCASI Har. ♂ ♀

135. Elytros fortemente estriados. 12 a 20 mm.:

ASCANIUS Har. ♀, forma

136. — com estrias finas. 13 a 17 mm. :

ROTUNDIGENA Felsche, ♂ ♀.

137. Cabeça, entre os dentes medianos e gena simples, 139.

138. — alli com dente forte, tendo pelo menos o mesmo tamanho, que os dentes medianos; genas tambem fortemente marcadas. 21 mm. (♀ desconhecida) :

SEXDENTATUS Luederw. ♂.

139. Corpo de aspecto regular, fortemente abobadado. 142.

140. — extremamente raso, alongado. Pelo menos os elytros opacos. Pequeno :

SIMULANS Luederw. ♂ ♀.

141. — extremamente curto, elytros muito mais largos, do que compridos. Inteiramente brilhante. Pequeno :

PAULOENSIS Luederw. ♂ ♀.

142. Elytros (typicamente) brilhantes. 144.

143. — opaco — holosericeos. 14 mm. :

SINGULARIS Felsche.

144. Estrias dos elytros, profundamente impressas e os intersticios por isto distinctamente convexos. 146.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

145. — dos elytros nada ou, quando muito, fracamente imprimidas, os intersticios rasos ou muito fracamente convexos. 148.

146. Pygidio e o ultimo segmento abdominal simples, 12 a 20 mm.:

ASCANIUS Har. ♂ ♀.

147. — com apendice linguiforme ou, pelo menos, o ultimo segmento abdominal, no meio, da borda posterior, distinctamente emarginado. 12 a 13 mm.:

ascanius, *forma pygidialis* Luederw. ♀.

148. Estrias dos elytros delgadas, como cabellos, as vezes quasi imperceptiveis. 150.

149. — dos mesmos distinctas. 13 a 20 mm.:

BICUSPIS Germ. ♂ ♀.

150. Cabeça, nos angulos anteriores, das genas, angulosa. 152.

151. — ahi prolongada em dente grande, proectado para a frente. 16 mm. (♀ desconhecida):

QUADRATICEPS Felsche, ♂.

152. Estria sutural simples. Metasterna, posteriormente, com fraca escudela. Côr preta. 13 a 24 mm.:

FISSUS Har. ♂ ♀.

153. — sutural, no quatro anterior, profundamente impressa. Metasterno, na metade posterior inteira, com forte escudela. (Inteiramente ferrugineo, mais escura na cabeça e no prothorax). 13 mm, (♀ desconhecida):

SPADICEUS Luederw. ♂.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Bestimmungstabelle der brasilianischen Arten, ohne Ruecksicht auf die systematische Stellung.

Anmerkung: Wo nichts anderes gesagt, ist die Farbe schwarz, heller oder dunkler braun oder rostrot.

1. Einige Streifen der Fluegeldecken, zunaechst der Naht, etwa in der hinteren Haelfte, vertieft und stark verbreitert und dicht mit einem braeunlichen oder graulichen Sekret ausgekleidet. 3.

2. Alle Streifen der Fluegeldecken einfach. 7.

3. Metasternum seitlich, lang und reichlich behaart, Laenge mindestens 20 mm. 5.

4. — seitlich sehr duerftig lang behaart. Kopfbewaffnung ein spitzer Hoecker. Laenge 15 mm. (♀ unbekannt):

IMITATOR Felsche, ♂.

5. Kopfbewaffnung, in beiden Geschlechtern, kielartig, sehr breit, fast von Auge zu Auge reichend; oben scharfkantig seicht einmal ausgerandet:

LONGICEPS Taschbg. ♂ ♀.

6. — des ♂ eine duenne, breite, oben in der Mitte in einen stumpfen, nach vorn geneigten Dorn ausgezogene Platte; die des ♀ ein ebenfalls sehr breiter, aber vierhoeckriger Querwuslt:

NUTANS Har. ♂ ♀.

7. Clypeus, am Vorderrande in der Mitte, einfach abgerundet oder gestutzt oder mehr minder deutlich ausgerandet oder zweizaehnig. 9.

8. — dort mit einem einfachen Spitzchen. Gruen. 13 mm.:

SMARAGDINUS Perty, ♂ ♀.

9. Kopf nicht verlaengert dreieckig. 11

10. — auffallend stark verlaengert dreieckig. Fluegeldecken stark blau angelaufen. 32 — 35 mm. :

BUQUETI Luc. ♂ ♀.

11. Kopfbewaffnung (hinten auf dem Kopf) aus einem hoeheren Mittelhorn bestehend und einem schwaecheren oder staerkeren Dorn, vorn, jederseits an seiner Basis. 13.

12. — von anderem Bau. 15.

13. Streifen der Fluegeldecken dicht und deutlich punktiert. 21 — 25 mm. :

QUADRINODOSUS Felsche, ♂.

14. — derselben kaum punktiert. 33 mm. (♀ unbekannt) :

NIMUENDAJUI Luederw. ♂.

15. Wangen, aussen in der Mitte, spitz vorragend oder scharf eckig. 17.

16. -- dort abgerundet oder hoechstens stumpfeckig. 19.

17. Vorderecken des Prothorax spitz oder stumpfspitzig. 20 — 28 mm. :

MORMON Ljgh. ♂ ♀.

18. — desselben total abgerundet. 29 — 30 mm. :

AGESILAUS Waterh. ♂ ♀.

19. Kopfbewaffnung, bei beiden Geschlechtern, aus zwei gesonderten Vorragungen bestehend, einer vorderen, mehr minder in der Mitte des Clypeus oder dessen Vorderrande genaehert und einer anderen, am Hinterrande desselben; die vordere ein zuweilen sehr schwacher Querkiel oder Querwulst. Starker Glanz. 21.

20. — (zuweilen ganz fehlend) des ♂ und ♀ aus nur einer Vorragung bestehend, die des ♀, wie immer, hinten auf dem Clypeus. (Ein kleines Hoeckerchen, wenn ueberhaupt vorhanden, jederseits

innen neben dem Auge, am Hinterrande des Clypeus, ist hier meist nicht berücksichtigt). 27.

21. Vorderer Querkiel des Clypeus sehr viel schmaeler, als die Distanz zwischen den Augen. 23.

22. — Querkiel nur wenig schmaeler, als die Distanz zwischen den Augen, fast von Wangen—zu Wangenfurche reichend. 20—23 mm. (♀ unbekannt):

CARINATUS Luederw. ♂

23. Die beiden Mittelhoecker des Pronotum einfach stumpf zugespitzt. 25.

24. — beiden Mittelhoescker desselben, an der Spitze, stark abgestutzt und mehr minder ausgerandet. 24 — 27 mm.:

BOREUS Ol. ♂ ♀.

25. Wangen vorn nicht oder nur schwach gewinkelt. Absturz steil abfallend. 20 mm.:

TELAMON Har.

26. — an den Vorderecken, mit aufrechtem Zaehnchen. Absturz jederseits mit tiefer, rundlicher Grube. 20 — 23 mm.:

PODALIRIUS Felsche, ♂ ♀.

27. Streifen der Fluegeldecken, an der Basis, nicht oder nur z. T. in ein Gruebchen muendend oder dasselbe ist sehr unscheinbar. 29.

28. — der Fluegeldecken, nur mit Ausnahme der beiden aeusseren auf jeder Decke, an der Basis, in ein deutliches, lanzettfoermiges Gruebchen muendend, welches meist mit einem braeunlichen Sekret ausgefuellt ist. 17—25 mm.:

ANAGLYPTICUS Mann. ♂ ♀.

29. Kopfbewaffnung voellig fehlend. Kopf fein punktiert-gerunzelt, zwischen den Augen schwach eingedrueckt. Clypeus mit zwei kraeftigen Zaehnen. Pronotum verwa-chen ziemlich dicht punktiert, Vorderecken spitz. Fluegeldecken flach punk-

tiert-gestreift, Zwischenraeume fein punktiert. Metasternum, mit Ausnahme der Mitte, stark behaart; die Behaarung ueberhaupt ueberall lang und sehr reichlich, rostrot. Koerper deutlich verlaengert, stark glaenzend. Aehnlich *Inachus*. 14 mm.:

MUTICUS Luederw.

30. Andere Charaktere. Kopfbewaffnung fast immer vorhanden. 31.

31. Kopfbewaffnung mehr minder stark dem Vorderrande des Clypeus genaehert. 33.

32. — hinten auf dem Clypeus. 37.

33. Mittellappen des Prothorax, in der Mitte des Vorderrandes, nicht oder kaum ausgerandet, seine Seiten eher convex, als concav. 35.

34. — desselben deutlich ausgerandet, seine Seiten deutlich geschweift. Metasternum, hinten, muldenartig vertieft. 26 mm. (♀ unbekannt):

ZIKANI Luederw. ♂.

35. Mittellappen des Prothorax, ziemlich gleichmaessig gerundet. 17—23 mm.:

DEPRESSICOLLIS Har. ♂.

36. — desselben mit geraden oder fast geraden Seiten. 26 mm.:

MELZERI Luederw. ♂.

37. Der ganze Prothorax oben ziemlich gleichmaessig dicht und stark gekoernelt; beim ♂ mit Absturz, beim ♀ convex und, in der Mitte, nahe dem Vorderrande, mit deutlichem, kurzem Querhoecker oder Querwulst. Horn des ♂ schlank. Clypeus meist mit zwei sehr kleinen, doch deutlichen Zaehnchen. 15—19 mm. 39.

38. — Andere Charaktere. 43.

39. Vorderrand des Basalteiles, des ♂, mit sechs Zaehnen; die beiden seitlichen zuweilen nur schwach entwickelt und kielartig mit einander verbunden. Prothorax des ♀ vorn, in der Mitte, mit

SciELO

flacher Grube und davor, dicht am Vorderrande, mit einfachem, stumpfem, querem Hoeckerchen. 41.

40. — desselben beim ♂ nur mit zwei, einander stark genaeherten, kleinen Zaehnchen in der Mitte. Prothorax, des ♀, vorn ohne Gruebchen oder dasselbe ist sehr unscheinbar; das Hoeckerchen doppelt:

torulosus var. valdivianus Phil. ♂ ♀.

41. Kleiner. Fluegeldecken glaenzender, Streifen tiefer und die Zwischenraeume gewoelbter; letztere glatt. ♂: Seitenzaehne des Prothorax kraeftig entwickelt:

torulosus var. minor Luederw. ♂ ♀.

42. Groesser. Fluegeldecken weniger glaenzend, Streifen flach und die Zwischenraeume daher weniger gewoelbt; letztere deutlich punktiert. ♂: Seitenzaehne, namentlich der unterste, weniger ausgebildet:

TORULOSUS Eschz. ♂ ♀.

43. Clypeus einfach oder hoechstens unmerklich ausgerandet oder mit ganz unscheinbaren Zaehnchen. 45.

44. — am Vorderrande, in der Mitte, deutlich ausgerandet oder deutlich zweizaehnig. 63.

45. Fluegeldecken einfach. 47.

46. — stark blau angelaufen. 30—35 mm.

INHIATUS Germ. ♂ ♀.

47. Clypeus einfach oder in gewoehnlicher Weise aufgebogen. 49.

48. — vorn, in der Mitte, plattenartig aufgebogen. Stark glaenzend. 17 mm.:

NITIDUS Luederw.

49. Endsporn der Hintertibien nicht ausgerandet. 51.

50. derselben deutlich ausgerandet. 59.

51. Absturz des Prothorax schuppig quer gerunzelt. Maessig gross. 53.

52. — desselben nicht gerunzelt. Klein, hoechstens 17 mm. lang. 55.

53. Scheibe des Prothorax glatt oder fast glatt, nur seitlich und am Hinterrande deutlich punktiert:

semisquamosus Curt. forma.

54. — desselben ueberall deutlich punktiert:

nisus Ol. forma (Garbei Luederw.) ♂ ♀.

55. Prothorax mit deutlichen Vorderecken. Schwarz. 57.

56. — mit stark abgerundeten, hoechstens markierten Vorderecken. Fluegeldecken meist gruenlich, aber auch blaeulich, kupfrig, schwarz:

SEMIAENEUS Germ. ♂ ♀.

57. Starker Glanz.:

ANTHRAX Felsche, ♂ ♀.

58. Wenigstens die Fluegeldecken zum groessten Teil matt:

LUCTUOSIOIDES Luederw. ♂ ♀.

59. Scheibe des Prothorax dicht und grob punktiert. 61.

60. — desselben fein und weitlaeuftig punktiert. 21—25 mm.:

quadrinodosus Felsche, ♀.

61. Hoecker, oberhalb der Coxalgrube, am Vorderrande des Basalteiles, scharf markiert. Metasternum hinten ohne Mulde. 26 mm.:

Melzeri Luederw. ♀.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

62. — dort total abgerundet. Metasternum hinten mit, wenn auch nur kleiner und flacher Mulde. 17—23 mm.

depressicollis Har. ♀.

63. Seitenrandlinie de Prothorax, in den Hinterecken, in ein tiefes, scharf begrenztes, etwa so breit als langes Gruebchen muendend. Endsporn der Hintertibien nicht ausgerandet. 12—18 mm. 65.

64. — des Prothorax hinten nicht in ein Gruebchen muendend oder dasselbe ist sehr flach und undeutlich begrenzt. 69.

65. Prothorax, auch seitlich, glatt oder nur fein und weitlaeuftig punktiert. 67.

66. — etwa mit Ausnahme der Mitte der Scheibe, grob und ziemlich dicht punktiert:

IRINUS Har. ♂ ♀.

67. Streifen der Fluegeldecken auffallend stark punktiert:

LAEVICOLLIS Felsche, ♂ ♀.

68. — derselben fein punktiert:

SERICEUS Har. ♂ ♀.

69. Kopf und Pygidium einfach. 71.

70. Wangen und Clypeus seitlich gerade abgestutzt, derart, dass der Clypeus (bei schwacher Entwicklung, am besten von oben seitwaerts gesehen) mit den Vorderecken der Wangen zusammen einen mehr minder deutlichen Winkel bildet. (Nicht zu verwechseln mit einem haeufig auftretenden Eckchen an derselben Stelle). Pygidium oft mit Fortsatz, in die Mitte des letzten Abdominalsegmentes. 137.

71. Kopfbewaffnung eine blechartige Platte. 73.

72. — ein koenisches oder etwas queres Horn oder ein ebenso gebildeter Hoecker oder Doppelhoecker oder Querwulst oder ein niedriger, scharfer Querkiel. 83.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

73. Farbe gruen oder kupfrig oder beide Farben gemischt. 11 — 15 mm. 75.
74. — schwarz, braun oder rostrot. 77.
75. Kopfplatte gerade oder fast gerade:

OPALESCENS Felsche, ♂.

76. — bogenfoermig:

SPECIOSUS Waterh. ♂.

77. Kopfplatte oben, in der Mitte, nicht in einen Dorn verlaengert. 79.
78. — dort in einen starken Dorn ausgezogen. 17 — 19 mm.:

DEYROLLEI Har. ♂.

79. Sporn der Hintertibien nicht ausgerandet. Oberseite des Koerpers glaenzend. 16 — 21 mm. 81.
80. — derselben stark ausgerandet. Oben matt. Horn nur etwas breiter als hoch, oben stark ausgerandet. Maessig gross:

luctuosus Har. ♂.

81. Kopfplatte hoch, stark quer, etwa doppelt so breit, als hoch, oben gerade, etwas convex oder zweimal schwach geschweift. Mittellappen des Basalteiles des Prothorax, vorn seicht ausgerandet:

ASSIFER Eschz. ♂.

82. — viel schmaeler, oben, einmal breit ausgerandet. Mittellappen des Prothorax einfach:

AFFINIS Felsche, ♂.

83. Farbe gruen oder kupfrig. 85.
84. — schwarz, braun oder rostrot. 95.
85. Prothorax stark punktiert. 87.
86. — zum groessten Teil, glatt oder fast glatt. 91.
87. Kopfbewaffnung ein breiter, oben scharfer Querwulst. Gruen oder kupfrig oder beide Farben gemischt.: 11 — 15 mm. 89.

SciELO

88. — ein konisches Horn ♂, oder ein oben stumpfer Querhoecker ♀. Gruen. 16 — 19 mm. :

SUPERBUS Felsche, ♂ ♀.

89. Kopfbewaffnung gebogen, oben convex :

speciosus Waterh. ♀.

90. — gerade, oben concav oder gerade. Farbe zuweilen graublau :

opalescens Felsche, ♀

91. Oberseite matt oder nur wenig schimmernd. 93.

92. — entschieden glaenzend, kupfrig oder gruenlich. Etwa so gross wie *cuprinus :*

SUBAENEUS Cast. ♂ ♀.

93. Oberseite duester gruen. 17 — 19 mm. :

GLAUCUS Har. ♂ ♀.

94. Kupfrig. 15 — 20 mm. :

CUPRINUS Felsche, ♂ ♀.

95. Seiten des Prothorax mit auffallend langen, dicht stehenden und, wenigstens in der hinteren Haelfte. stark einwaerts gekruemmten Haaren besetzt, die Hueftgruben mehr minder ueberdachend. Absturz des Prothorax schuppig gerunzelt. Maessig gross. 97.

96. — desselben zwar nicht selten in aehnlicher Weise behaart, aber immer kuerzer, die Haarspitzen von den Hueftgruben deutlich entfernt. 103.

97. Prothoraxscheibe glatt oder fein weitlaeuftig und hoechstens seitlich und am Hinterrande groeber punktiert. 99.

98. — ueberall grob und dicht oder ziemlich dicht punktiert :

SPITZI Luederw. ♂ ♀.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

99. Mittelrinne des Metasternum, hinten in eine deutiche Mulde fuehrend. 101.

100. — desselben hinten nicht in eine Mulde fuehrend, sondern allmaehlich verlaufend; die Rinne hinten hoechstens etwas vertieft und erweitert:

SEMISQUAMOSUS Curt. ♂ ♀.

101. Mittellappen des Prothorax, nach vorn stark verschmaelert, sein Vorderrand deutlich ausgerandet:

camporum Luederw. ♂.

102. — desselben nach vorn nur schwach verschmaelert, sein Vorderrand nicht oder kaum ausgerandet:

CRINICOLLIS Germ. ♂ ♀.

103. Clypeus seitlich gelappt. 105.

104. — seitlich nicht gelappt, hoechstens etwas convex. 107.

105. Endsporn der Hinterschienen nicht ausgerandet 26 mm.:

FIMBRIATUS Har. ♂ ♀.

106. — derselben ausgerandet. 17 — 19 mm.:

Deyrollei Har. ♀.

107. Prothorax ganz oder groesstenteils grob oder doch sehr deutlich punktiert. 109.

108. — wenigstens auf der Scheibe, groesstenteils glatt oder sehr fein punktiert. 125.

109. Absturz des Prothorax oder sein entsprechender Teil, nicht oder hoechstens seitlich gerunzelt. 111.

110. — desselben stark schuppig quer gerunzelt. 16 — 25 mm.:

NISUS Ol. ♂ ♀.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

111. Kopfbewaffnung ein konisches Hoeckerchen. Klein. 113.

112 — ein Querkiel, Querhoecker oder Querwulst. 16 — 21 mm. 123.

113. Fluegeldecken punktiert — gestreift, die Streifen deutlich eingedrueckt. 115.

114. — gestreift-punktiert, Streifen nur durch laengliche Punkte gebildet. Gestalt rundlich:

GLOBULUS Felsche, ♂ ♀.

115. Streifen der Fluegeldecken in gewoehnlicher Anordnung. 117.

116. — derselben formieren jederseits drei Paare:

GEMINATUS ARROW, ♂ ♀.

117. Prothorax, auch auf der Scheibe, grob punktiert. Endsporn der Hinterschienen stark ausgerandet. 119.

118. — auf der Scheibe verhaeltnissmaessig fein, seitlich stark punktiert oder runzlig. Endsporn der Hinterschienen stumpf oder zugespitzt. Fluegeldecken schwach glaenzend, Streifen fein oder undeutlich punktiert:

TAUNAYI Luederw. ♂ ♀.

119. Clypeus ziemlich glatt. Oben mehr minder irisierend. 121.

120. — deutlich dicht skulpturiert. Oben nicht irisierend, stark glaenzend:

FORTESTRIATUS Luederw.

121. Streifen der Fluegeldecken mit kleinen, doch sehr deutlichen Punkten besetzt:

PARCEPUNCTATUS Felsche.

122. — derselben kaum punktiert:

BATESI Har.

SciELO

123. Kopfhoecker oben gerade oder convex oder schwach zweimal geschweift:

assifer Eschz. ♀.

124. — oben einmal breit ausgerandet:

affinis Felsche. ♀.

125. Endsporn der Hinterschienen nicht spitz gespalten. 127.

126. — derselben spitz gespalten. Prothorax, oben in der Mitte, mit zwei stumpfen Spitzen. 21 mm.:

CALCARATUS Arrow, ♂.

127. Oberseite matt, wenigstens auf den Fluegeldecken. 129.

128. — ganz glaenzend. Endsporn der Hinterschienen nicht ausgerandet. 133.

129. Maessig gross. Endsporn der Hinterschienen ausgerandet. 131.

130. Klein, 13 — 15 mm.:

MUNDUS Har. ♂ ♀.

131. Kopfbewaffnung, bei beiden Geschlechtern, am Oberrande (von oben gesehen) gerade:

LUCTUOSUS Har. ♂ ♀.

132. — bei ♂ und ♀, oben, hinten an der Spitze, eingedrueckt und daher bogenfoermig:

CARBONARIUS Mann. ♂ ♀.

133. Metasternum auch hinten seitlich behaart. Prothorax glatt oder so gut wie glatt. 135.

134. — seitlich, hoechstens auf den Episternen behaart. Prothorax fein, aber deutlich und ziemlich dicht punktiert. 13 — 14 mm.:

LUCASI Har. ♂ ♀.

135. Fluegeldecken kraeftig gestreift. 12 — 20 mm.:

Ascanius Har. ♀, forma.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

136. — fein gestreift. 13 — 17 mm. .

ROTUNDIGENA Felsche, ♂ ♀.

137. Kof, zwischen den Mittelzaehnen und der Wange einfach. 139.

138. — dort mit starkem Zahn; dieser Zahn mindestens ebenso stark, als die Mittelzaehne. Wangen ebenfalls stark abgesetzt. 21 mm. (♀ unbekannt) :

SEXDENTATUS Luederw. ♂.

139. Koerper von gewoehnlicher Form, stark gewoelbt. 142.

140. — auffallend flach, gestreckt. Wenigtens die Fluegeldecken matt. Klein :

SIMULANS Luederw. ♂ ♀.

141. — auffallend kurz, Fluegeldecken viel breiter als lang. Ganz glaenzend. Klein :

PAULOENSIS Luederw. ♂ ♀.

142. Fluegeldeken (typisch) glaenzend. 144.

143. — seidenartig matt. 14 mm. :

SINGULARIS Felsche.

144. Streifen der Fluegeldecken tief eingedrueckt und die Zwischenraeume daher deutlich convex. 146.

145. — derselben nicht oder nur schwach eingedrueckt und die Zwischenraeume daher flach oder sehr schwach gewoelbt. 148.

146. Afterdecke und letztes Bauchsegment einfach. 12-20 mm. :

ASCANIUS Har. ♂ ♀.

147. — mit zungenfoermigem Fortsatz oder doch das letzte Bauchsegment in der Mitte des Hinterrandes, deutlich ausgerandet. : 12-13 :

Ascanius, forma a, pygidialis Luederw. ♀.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

148. Streifen der Fluegeldecken haarfein, zuweilen fast verschwindend. 150.

149. — derselben deutlich. 13-20 mm.:

BICUSPIS Germ. ♂ ♀.

150. Kopf, an den Vorderecken der Wangen, nur eckig. 152.

151. — dort in einen grossen, vorwaerts gerichteten Zahn ausgezogen. 16 mm. (♀: unbekannt):

QUADRATICEPS Felsche, ♂.

152. Nahtstreif einfach. Metasternum hinten schwach muldenartig vertieft. (Farbe schwarz). 13-24 mm.:

FISSUS Har. ♂ ♀.

153. — im vorderen Viertel tief eingedrueckt. Metasternum, auf der ganzen hinteren Haelfte, stark muldenartig vertieft. Ganz rostrot, auf Kopf und Pronotum dunkler. 13 mm. (♀ unbekannt):

SPADICEUS Luederw. ♂.

SciELO

Indice.

Observação: Os numeros das folhas referem-se, em geral, ás especies nas chaves, resp. ás « Especies, que não se pode systematisar » ou aos «Supplementos ».

abnormis Luederw. 648
Achamas Har. 634
acuminiger Kirsch, = Alyattes Har. . . . 637
adrastus Har. 638
affinis Felsche.. 700
Agenor Har. 701, 726
Agesilaus Waterh. 634, 729
alutescens Felsche. 657
Alyattes Har. 637
alyssonotus aut. 726
amplicollis Har. 701, 726
anaglypticus Mannh. 652, 729
andicola Har. = triangulariceps Blanch.. . . 633
angustus Luederw.. . . . . 638, 726
anthrax Felsche. 657, 730
Aricius Blanch. = triangulariceps Blanch. . 633
Ascanius Har. 712, 730
assifer Eschz. 699, 730
aterrimus = sericeus Har. var. 685

Batesi Har.. 678
Belus Har. 700
bicornis Waterh. 633
bicuspis Germar. 712, 731
bitiensis Gillet.. . . . . 628, 726
bituberculatus Har. = *carolinus* L. var. *colonicus* Say. 618
Boreus Ol 629, 731
bos Blanch. = *anaglypticus* Mannh.. . . . 652
Bucklei Waterh. 652
Buqueti Luc. 622, 732

calcaratus Arrow.. 699
camporum Luederw. 693, 727
carbonarius Mannh. 672, 732

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

carinatus Luederw 629
carolinus L. 619
centralis Har. 700
Cephagonus Luederw. Subg. 709
coenosus Er. 619
colonicus Har. = *coenosus* Er. 619
colonicus Say. = *carolinus* L. var. . . . 618
compressicollis Gillet. 727
conicollis Blanch. 635
Cotopaxi Guér. 647
crenatipennis Blanch. = *semiaeneus* Germar. 658
crinicollis Germar. 693, 732
cuprinus Felsche. 672

depressicollis Har. 635, 732
Deyrollei Har. 701
diabolicus Har.. 633
divergens Luederw. 638

Ephialtes Mann. = *Mormon.* Ljungh. . . . 644
eremita Har. = *coenosus* Er.. 619

fallax Har.. 666
fimbriatus Har. 686
fissiceps Felsche. 713
fissus Har. 713, 732
Fonsecae Luederw.. 712
fortepunctatus Luederw. 678
fortestriatus Luederw.. 677
foveicollis Kirsch, = *Agenor* Har. . . . 701
francanus Luederw. = *inhiatus* Germ. . . 655

Garbei Luederw. = *nisus* Ol. 686
geminatus Arrow. 676
gibbosus Luederw. 739
glaucus Har. 672
globulus Felsche. 676

Haroldi Waterh. 625
Hesperus Lacord. = *smaradinus* Perty.. . 662
Homocantonides Luederw. Subg. . . . 661
horridus Felsche. 623
hypocrita Luc. = *inhiatus* Germar.. . . 655

imitator Felsche. 618, 732
inachoides Felsche. 711
Inachus Er. 667
inflaticollis Felsche. 692
inhiatus Germar. 654, 733
irinus Har.. 684

laevicollis Felsche. 684
longiceps Taschb. 619
Lucasi Har. 667, 733
luctuosioides Luderw. 657, 733
luctuosus Har. 672, 733
Lycas Felsche. 686

mamillatus Felsche. 655
Mannerheimi Har. = *anaglypticus* Mann. . 652
Melzeri Luederw. 636, 733
micans Luederw. 677
minor Luederw. = *torulosus* Eschz. var. . 649
monstrosus Har. 647
Mormon Ljungh. 633, 733
mundus Har. 667
mutieus Har. 677

nasutus Cast. = *Mormon* Ljungh. . . . 644
Nimuendajui Luederw. 728
nisus Ol. 686, 734
nitidissimus Waterh. 724
nitidus Luederw. 656, 734
nobilis Warterh. 692
nutans Har. 621, 734

ocellopunctatus Felsche. 676
Ohausi Luederw. 635
opacus Blanch. = *carbonarius* Mannh. . . 672
opaleseens Felsche. 708, 736

parcepunctatus Felsche. 678, 736
paulocusis Luederw. 711
Pinotus Erichs. Subg. 614
planicollis Gillet. 636
planus Luederw. = *problematicus* Luederw. var. 668
Podalirius Felsche. 629, 737
problematicus Luederw. 668, 737
protectus Har. 636
protensus Perty. = *Mormon* Ljungh. . . 644
provisorius Luederw. 639, 729
punctatissimus Curtis = *torulosus* Eschz. . 650
punctatostriatus Felsche. 657
pullus Felsche. 667
pygidialis Luederw. 712, 737

quadraticeps Felsche. 713
quadratinodosus Felsche. 622
quinquedens Felsche. 637
quinquelobatus Felsche. 637, 729

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

reclinatus Felsche.. 624
Reichei Har. = *bicuspis* Germar ♀. . . . 720
Roberti Arrow. = *longiceps* Taschb. . . 619
rotundatus Burm. 725
rotundigena Felsche. 712

sagittarius Har. 701
Satanas Har. 637
scalpellum Taschb. = *cotopaxi* Guér. . . 647
Selenocopris Burm. Subg.. 663
semianeus Germar.. . . . . 657, 738
semicupreus Germar. = *semiaeneus* Germar. 659
semisquamosus Curtis. 693
sericeus Har. 684
sexdentatus Luederw. 711
simplex Taschb. 725
simulans Luederw. 711
singularis Felsche. 711
smaragdinus Perty. 662
socius Gillet. 729
spadiceus Luederw. 740
speciosus Waterh. 707, 738
Spitzi Luederw. 692, 738
subaeneus Cast. 666, 738
superbus Felsche. 686

Talaus Er. = *conicollis* Blanch 635
Taunayi Luederw. 677, 739
Telèmon Har. 629
texanus Felsche. 657
torulosus Eschz. 650, 739
transitus Luederw. 740
triangulariceps Blauch. 633
tridentatus Luederw. = *protectus* Har. . . 636
triquetrus Luederw. 701
tristis Luederw. 700

valdivianus Philippi, = *torulosus* Eschz. var. 649
verticalis Felsche. 623

yucatanus Bates. 668

Zikani Luederw. 635

EXPLICAÇÃO DAS FIGURAS.

1. Pinotus *longiceps* ♂, parte basal do prothorax e cabeça.
2. » *Buqueti* ♂, cabeça, vista de frente (exemplar fraco).
3. » *Buqueti* ♂, parte basal.
4. » » ♂, clypeo, visto de traz.
5. » *quadrinodosus* ♂, parte basal.
6. » » ♂, corno, visto de frente.
7. » *quadrinodosus* ♂, clypeo, visto de traz.
8. » *Haroldi* ♂, cabeça de frente.
9. » » ♂, parte basal.
10. » *horridus* ♂, corno de frente.
11. » *Nimuendajúi* ♂, parte basal.
12. » » ♂, cabeça de frente.
13. » » ♂, cabeça de traz.
14. » *Boreus* ♂, parte basal.
15. » *Rodalirius* ♂, parte basal.
16. » *diabolicus* ♂, parte basal.
17. » » ♂, cabeça do lado.
18. » *Mormon* ♂, parte basal.
19. » » ♀, idem.
20. » *Agesilaus* ♂, »
21. » *Achamas* ♂, »

SciELO

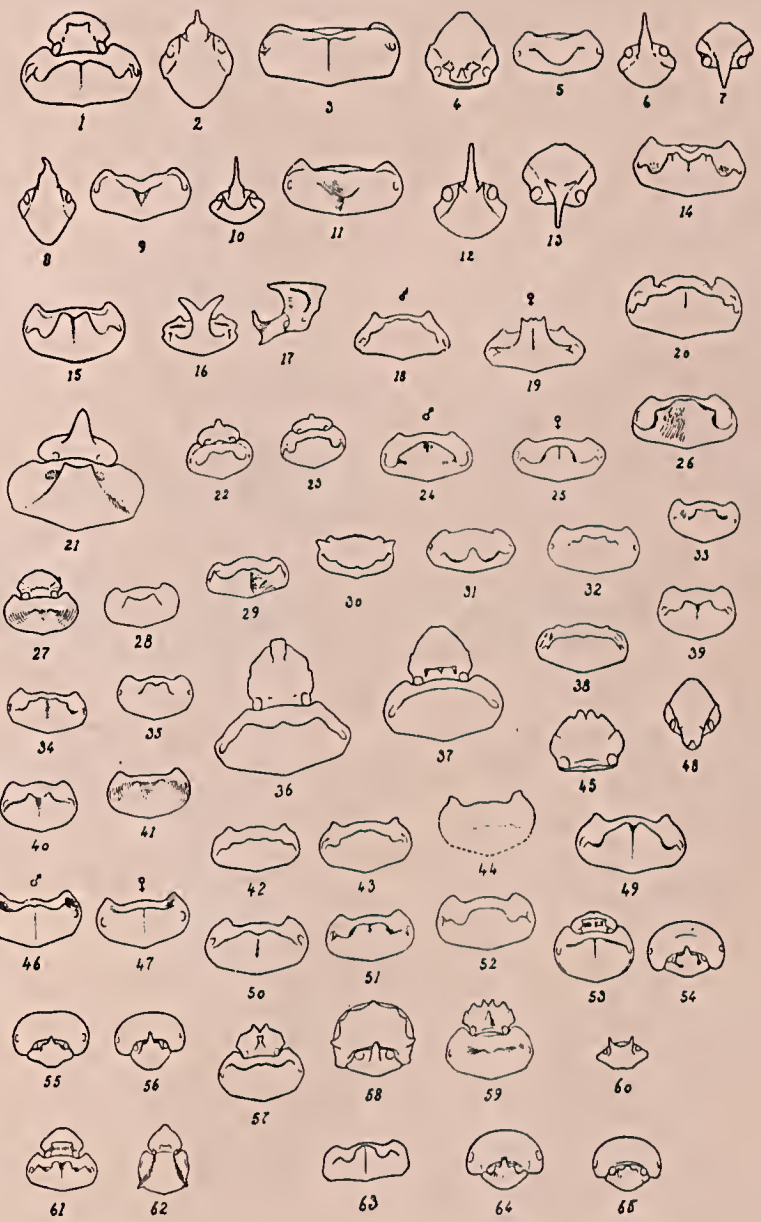
22. Pinotus *conicollis* ♂, idem
23. » *Ohausi* ♂, »
24. » *Melzeri* ♂ ♀, idem.
25. » *depressiocollis* ♂ ♀, idem.
26. » *Zikani* ♂, idem.
27. » *quadrinodosus* ♀, cabeça e parte basal.
28. » *protectus* ♂, parte basal.
29. » *planicollis* ♂, idem.
30. » *quinquelobatus* ♂, idem.
31. » *Satanas* ♂, idem.
32. » *adastrus* ♀, parte basal.
33. » *quinquelobatus* ♀, idem.
34. » *protectus* ♀, idem.
35. » *provisorius* ♀, idem.
36. » *monstrosus* ♂, parte basal e cabeça.
37. » » ♀, idem.
38. » *Cotopaxi* ♂, parte basal.
39. » *torulosus* ♂, idem.
40. » » var. valdivianus ♂, idem.
41. » *mamillatus* ♂, idem.
42. » *nobilis* ♂ forte, idem.
43. » » ♀ forte, idem.
44. » » ♂ ♀, angulo anterior do prothorax.
45. » *nobilis* ♂ ♀, clypeo.
46. » *Spitzi* ♂, parte basal (e angulo anterior do prothorax).
47. » *Spitzi* ♀, parte basal.
48. » *Haroldi* ♂, cabeça de traz.
49. » *semisquamosus* ♂ ♀, parte basal.
50. » *camporum* ♂, idem.
51. » *crinicollis* ♂, idem.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

52. Pinotus *crinicollis* ♀, idem.
53. » *assifer* ♂, chapa, de cabeça de traz e parte basal.
54. » *tristis* ♂, corno de frente.
55. » *centralis* ♂, idem.
56. » *Belus* ♂, idem.
57. » *fissus* ♂, cabeça e prothorax.
58. » *quinquelobatus* ♂, declive de frente.
59. » *sexdentatus* ♂, cabeça e thorax.
60. » *speciosus* ♂, cabeça de frente.
61. » *bitiensis* ♂, idem.
62. » *compressicollis* ♂, idem.
63. » *speciosus* ♂, parte basal (augmentado).
64. » *Agenor* ♂, armadura da cabeça de frente.
65. » *amplicollis* ♂, idem.

SciELO

Pinotus monstrosus, Har. ♂



cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

C. LIVINIO DE CARVALHO

A COUVADA

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

A COUVADA

Couvada, do francês "couvade", de "couver, cubare", latino.

O português não possue equivalente desse termo hoje havido por technico e, por isto, me cingi a dar-lhe terminação vernacula. (1).

Em nosso paiz a tradição generalisou o conhecimento de uma curiosa pratica dos nossos selvagens. Todo o mundo já ouviu dizer que entre os tupinambás, guaranys e outros, quando a mulher paria, o marido lhe tomava o leito e se punha a cuidar mimosamente da creança, a receber agrados e parabens dos conhecidos e parentes emquanto a parturiente diligenciava obter e preparar o alimento commum, e cumpria os demais encargos domesticos. A primeira vista parece que essa exquisitice é méra demonstração da astucia e preguiça daquelles incolas. Fixando, porém, nella a attenção, ninguem se furta á extranheza proveniente de sua existencia entre povos distanciados e remotissimos.

Como? pois essa cousa idiota de ir o homem chocar (*couver*) o filho recemnascido provem de alguma razão importante, capaz de geral-a, ou fazel-a seguir entre gentes varias do universo?

---

(1) O leitor desejoso de melhor conhecer o assumpto procure as obras seguintes, que, sobre outras, me serviram de fonte e contêm vasto indice bibliographico: — Encyclopedia Britanica, V. Couvade e Jurisprudencia; Dr. R. R. Schuller, in Boletim do M. Goeldi, vol. VI; Charles Vérecque, Hist. de la Famille.

SciELO

Leio em Ch. Vérecque:

« O poeta grego Apollonio, que viveu dois seculos antes de Christo, conta na sua narrativa da expedição dos argonautas, que as mulheres do Ponto Euxino davam á luz seus filhos com a participação dos maridos, os quaes se acamavam, soltavam gritos agudos, embrulhavam a cabeça e faziam a parturiente lhes servir banhos e alimentos delicados ».

Trata-se de Apollonio de Rhodes, poeta e grammatico grego, que nasceu cerca de 250 annos antes da era christã e escreveu uma epopea sobre a expedição dos argonautas.

Ao que parece, esta é a mais antiga refereneia feita á couvada.

Seguem-se em ordem chronologica Strabão e Deodoro da Sicilia, — ambos do final do primeiro seculo anterior á éra actual.

Strabão, geographo, philosopho e historiador em sua « Geographia », referiu a existencia do curioso cerimonial entre os bascos habitantes da Iberia.

E' de notar que Quatrefages, nos seus — « *Souvenirsdun Naturaliste* » confirma a velha informação do historiador grego.

Deodoro da Sicilia encontrou a pratica na ilha da Corsega.

Plutarco (Sec. I — II), observou-a na ilha de Chypre.

Marco Polo (Sec. XIII — XIV) viu-a no Turkestão chinês.

G. Schoutten, cirurgião hollandez, descobriu-a entre os da ilha Burú, nas Molucas, Oceania, e escreveu — « o marido nesse momento, se declara doente e deixa se acariciar, da maneira a mais ridicula. Durante esse tempo a pobre mulher por fraca que seja, é obrigada a fazer todo o trabalho e preparar alimentos delicados para o marido afim de que elle readquira suas forças e se possa levantar « Voyage aux Indes Orientales. »

O cap. Van der Hout, em 1680, comprovou a descripção de Schoutten. Meyners d'Eshey disse: — « Em Biscaya a mãe se ergue logo após o par-

to e retoma suas occupações diarias na casa, emquanto o pae se mette na cama com a creança nos braços e assim recebe as felicitações dos amigos e visinhos » (Revue Scientifique, 1890, 2.º Semestre)

Vérecque assegura que antes da Revolução a couvada era vista no meio dia da França, perto do Mediterraneo e dos Pyrineus.

Ernest Martin (Rev. Scient. 1.º Semestre de 1894) declara terem-lhe affirmado, que na China, na região do Yunnan, faziam a mesma cousa.

Assignalam-na, afinal, em innumeros outros logares, como na Groelandia, no Zuy-der-Zêe, na ilha Marken, etc.

* * *

Ás Americas não são alheias ao exotismo.

Breet, estudando os indigenas das Guayanas, aponta-o entre os Acawás e, tambem, entre os caraibas. Conta este autor : — « Tive occasião de observar este costume ; um homem de excellente saude repousa em uma rede cercado de mulheres, que tomam com elle todos os cuidados imaginaveis, emquanto a parturiente trata da cosinha sem que os presentes lhe dêm attenção ».

O missionario Du Tertre, na sua « Hist. Génér. des Antilles hab. par les français », narra o mesmo caso.

C de Rochefort, « Hist. Nat. et Morale des iles Antilles de l'Amerique », informa que o caraiba desempenha o seu papel de *parturiente* durante 40 dias e a mulher fica durante esse tempo considerada impura, tanto que, se o marido não dispõe de outra choupana para deitar-se, separa sua rede da della por meio de uma esteira »

S. Chomburgh assegura que o caraiba durante o seu puerperio não toma banho, não pega em armas, bebe agua morna, come somente um pão denominado *cassave*, feito pelos parentes, e não se pode coçar senão com a nervura da folha da palmeira *cucurrit*.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Qualquer infracção destes preceitos occasiona a morte da creança. Dobritzhoffer, vendo os Albipones fazerem estas doudices, disse: — « Eu tinha ouvido falar nesse costume mas o julguei pilheria, não crendo na possibilidade de tal loucura, que suppunha creada somente para rir. Entretanto eu o vi com os meus olhos entre os Albipones ».

No Brazil o caso se passava identicamente. Maurel, em uma communicação feita em 1886, á sociedade de Anthropologia de Pariz, declarou tel-o encontrado nas tribus do Amazonas.

Fernão Cardim, na obra « Do Principio e Origem dos Indios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimonias, consignou a seguinte narrativa: — « As mulheres parindo, e parem no xão, não levantam a creança, mas levanta-a o pae, ou alguma pessoa que tomam por seu compadre e na amizade ficam como os compadres entre os christãos; o pae lhe corta a vide com os dentes, ou com duas pedras dando com uma na outra; e logo se põe a jejuar até lhe cair o umbigo, que de ordinario vae até 8 dias, e até que lhe caia não deixa o jejum, e lhe caindo, se é macho lhe faz um arco com frexas e lhe o ata no punho da rêde, e no outro punho muitos molhos de ervas, que são os contrarios, que seu filho ha de matar e comer, e acabadas estas cerimonias fazem vinhos com que se alegram todos ».

Gabriel Soares de Souza, no « Trat. Descriptivo do Brasil» refere o seguinte dos tupinambás: — Quando estas indias entram em dores de parir não buscam parteiras, não se guardam do ar, nem fazem outras cerimonias, parem nos campos e em qualquer outra parte como uma alimaria; e em acabando de parir se vão ao rio ou fonte, onde se lavam e as creanças que parirem, e vêm se para a casa onde o marido se deita logo na rêde, onde está muito coberto, até que secca o umbigo da creança; em o qual logar visitam seus parentes e amigos, e lhe trazem presentes de comer e beber, e a mulher lho faz muitos mimos, emquanto o marido está assim parido, o qual está muito empannado para que lhe não dê o ar; e dizem que se lhe der o

ar que fará muito nojo a creança, e que se erguerem e forem ao trabalho, que lhe morrerão os filhos, e elles ficarão doentes da barriga; e não ha quem lhes tire da cabeça que da parte da mãe não ha perigo, senão da sua; porque o filho lhe sahiu dos lombos, e que ellas não pôem de sua parte mais que terem guardado a semente no ventre onde se cria a creança».

Autores outros reportam-se á couvada brasileira.

*
* *

Não é preciso mais para demonstrar a singular e notavel expansão de um facto á primeira vista pueril e insignificante. Donde proveio, que exprime a couvada?

A origem geographica, essa é de todo impossivel averiguar. Quanto a sua significação, innumeras são as hipotheses formuladas.

O missionario jesuita José Francisco Lafitau ligou-a ao peccado original e por elle a explicou.

Dobritzhoffer entende ser ella um acto de méra loucura.

Ling Roth opina que se trata de magia emquanto Crawley affirma tratar-se de um ritual praticado contra a feitiçaria.

Chaho, indicado por Quatrefages, filia a couvada basca a uma lenda de Aitor e informa, que durante o exilio deste nas montanhas, sua mulher teve um filho.

Temendo ella pelos dias da creança, se esta ficasse em sua companhia só, a confiou ao marido e foi cuidar de obter o alimento da familia.

Os bascos repetiram e conservaram o acontecimento em lembrança da rude existencia daquelles seus maiores.

Mas Quatrefages julgou inacceitavel essa origem e preferiu ver no caso restos daquella barbaria, que fez do homem, do guerreiro tudo e da mulher nada.

A razão de Chaho evidentemente não serve por muito local. Não ha provas de que a couvada tenha

provindo das regiões dos Pyrineos habitadas pelos bascos, posto que se attribua áquelles povos a mais longinqua genealogia, havendo mesmo, quem os ligue aos constructores da torre de Babel e aos anti-diluvianos.

Tampouco aproveita a opinião de Quatrefages por imprecisa, vaga. Com diversa ordem de idéas surgiram Eduardo B. Tylor, Letourneau e outros.

Tylor achou ser a couvada um producto da lucta entre o patriarchado e o matriarchado. Acceitou que nas sociedades primitivas o parentesco era meramente materno, de sorte que o paterno já vem a ser um progresso da forma familiar. Ella exprimiria o proposito do pae demonstrar a ligação do seu sangue com o do filho e transmittir a este a energia demonstrada na sua voluntaria provação. Accentuou que em alguns paizes o pae teve de comprar o filho á mãe, e que em Roma o pae levantava o filho do chão certamente com a idéa de exhibir a sua paternidade.

Vem a proposito consignar, que John Lubbock, nas «Origines de la Civilisation», ed. franc. de 1881, pag. 14, conta que emRoma a adopção se realisava pelo symbolo de um partido simulado, sem o qual ella não ficava perfeita.

Letourneau, contemporaneo de Tylor, na «Evolution du Mariage et de la Famille» tambem admitte um estado primitivo em que a mulher dominava. Homens e mulheres pertenciam-se indifferentemente. As mulheres, porém, insurgiram-se contra isso e impuzeram uma especie de casamento em que o parentesco era exclusivamente materno. Depois, chegou a vez do homem dominar na familia, e essa intenção se vae manifestar na couvade onde elle ostenta os seus direitos paternos, substituindo a filiação feminina pela masculina. Seria, alem disto, a couvada forma originaria do nosso certificado de nascimento.

Paul Hermant, «La Couvade», no Boletim da Soc. Real Belga de Geographia, 1900, segue o parecer de Letourneau.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Paul Viuogradoff, na Enc. Britanica, V. jurisprudencia, Lubbock, Ch. Vérecquo e outros concordam com aquelles autores.

Das versões expostas são estas ultimas as mais acreditadas e seguidas.

Entretanto, ellas me parecem mui transcendentaes para as condições de intelligencia e de meio, em que viviam os homens selvagens.

Num estado de precivilisação não parece acceitavel attribuir aos individuos idéas abstractas precisas de direito e regime familiar. Como poderia preoccupar ao homem aspero e feroz das selvas o proposito juridico-social determinado de estabelecer um vinculo ideal entre elle e o seu descendente?

O progresso deu ao homem, para guial-o no amor aos filhos, razões sociaes importantes, sobretudo de ordem moral, e o desvestiu das exterioridades rudes da barbaria.

Nos selvagens, porem, para os quaes essas razões não existiam, deveriam actuar, apenas como dominantes affectivos os instinctos naturaes, especialmente o de conservação da especie, que leva os proprios animaes a tratarem com desvelo os seus rebentos.

E' facto indisputavel que no homem inculto imperam tanto mais os instinctos quanto mais proximo elle se encontra do estado de natureza inicial.

Lembro as palavras de E. Heckel, « Les Enigmes de l'Univers — « a differença psychica entre, os mais grosseiros dos homens incultos, no mais baixo grau, e o homem civilisado mais completo no mais alto grau da escala, é colossal, muito maior do que se admitte geralmente ».

Não devemos, pois, emprestar aos que se encontram no grau infimo da escala social predicados dos que so acham no cimo.

As razões, segundo os informes atraz expendidos, que eram dadas pelos executores da couvada revelavam intuitos puramente materiaes, de nenhum modo elevados como os de ordem moral e juridica.

Accrescento que Lubbock assegurou julgarem os caraibas, que lhes morreriam os filhos recemnas-

cidos se não praticassem a couvada, e as creanças adquiririam todos os defeitos dos animaes, de cuja carne, porventura, elles se alimentassem durante o preceito.

São deste jaez todos os motivos colhidos *in loco*.

Pondo, portanto as cousas nos seus logares proprios, é de convir que o instincto forte do amor á especie bastaria para fundamentar o extremoso trato do filho feito na couvada pelo pae. Nem deve parecer muito estranho que ao homem ficasse a incumbencia, porque é frequente ver-se nas especies animaes, o macho substituir a femea na guarda do filho tenro.

Para restringir-me á minha propria observação, cito o seguinte exemplo: — Um meu filho possue um pequeno pombal e nelle vejo os pombos partilharem com as suas mulheres a guarda dos ovos e dos borrachos. A femea, em geral, choca até o meio dia e dahi em deante o macho a substitue.

A vida dos selvagens offerece analogias frequentes com a dos animaes, e quem interpreta a couvada dizendo que *o pae sentia e revelava a necessidade de estabelecer os seus direitos paternos por actos palpaveis, estabelecendo de maneira peremtoria, indiscutivel que a creatura era tanto do seu sangue quanto do sangue de sua mãe, e que, por conseguinte, seus direitos eram os mesmos que os de sua mulher (Ch. Verecque, pg. 113)*, confére áquella gente bruta uma inadequada mentalidade, e se revela capaz de fazer igual imputação áquelles innocentes pombinhos. Por outro lado, se se attender ao caracter supersticioso e mystico dos homens não civilisados, não admira que elles cerquem de extravagancias, puerilidades e abusões um facto, cuja necessidade irrefreavel de cumprir a natureza lhes impunha. Não sómente os animaes se desvelam pelos filhos quando estes são nascidos, porque o homem e a mulher cultos inda revelam esse desvelo e votam aos seus pimpolhos affectos extremos e inexcediveis precauções, que vão afrouxando a medida que o filho cresce.

Que fórma então, poderia assumir esse pendor insopitavel, que não fosse selvatica, como o rustico praticante da couvada?

Não é razoavel, portanto, invocar symbolos juridicos e ficções moraes em desaccordo com circumstancias e propositos confessados para explicar aquillo, que tão naturalmente se pode comprehender dentro das leis naturaes de tempo, de meio e de condição.

Se o pae não executasse com fidelidade todos aquelles preceitos, a creança morreria. . . . . . .

Nesta glosa que a ignorancia fez da injuncção physiologica, vae a unica verdadeira razão externa do cerimonial o motivo porque elle se manteve e espalhou, Foi preciso cercar o recemnascido de cuidados especiaes fortes e efficazes como a força que impelle os paes aos filhos recentes, e o impressionismo grosseiro dos homens creou o rito simplorio. Se elle não fosse cumprido, a creança pereceria, pois faltar a impulso tão premente só poderia gerar, na mente rustica, resultado contrario maximo. E' tambem, plausivel que a mesma causa agindo sobre ambos os paes indusisse o mais forte a acceitar o encargo de velar o filho e proteger-lhe a debilidade, porque assim as cautelas se tornavam mais efficientes e mais seguro o amparo contra possiveis perigos.

Taes gentes davam um prestigio illimitado á força physica, unica, em verdade que conheciam. Em tudo isto, porém, não ha logar para qualquer idéa definida de filiação, nem de estado familiar.

E' logico que o homem civilisado busque a genese das suas idéas e instituições nas instituições e idéas dos seus remotos antecessores, mas não é curial explicar por motivos peculiares á civilização factos e costumes barbaros.

As formas sociaes, especialmente as familiares de então eram producto de factos complexos, não de uma idéa predeterminada do phenomeno resultante, do desejo de attingir certo escopo elevado.

São innumeras as especies de animaes monogamos, de organização social definida, etc., sem que

isto se deva attribuir a um acto intelligente, a uma consciente determinação. No Brasil os incolas eram em regra monogamos; só por excepção, sendo os máridos ricos ou poderosos, podiam ter mais de uma mulher; a descendencia regulava-se pela paternidade (Rocha Pombo. Hist. do Brasil, ed. do Centenario, pag. 66, 70 e 71).

Tratando, porém, dos tupinambás, o senador J. Catunda, nos «Estudos de Hist. do Ceará» .assegurou que elles não conheciam a familia na accepção em que o termo é tido nas sociedades humanas; eram polygamos, volviam-se aquem da esphera de toda manifestação espiritual effectiva; seus usos e costumes só revelavam a animalidade; nenhum recato davam ás relações sexuaes; os paes nenhum amor tinham aos filhos e as mães apenas sentiam por elles amor instinctivo.

Pois não só nos do typo mais avançado como entre os tupinambás a couvada era feita a rigor, — o que demonstra nada ter ella com as formas familiares dos seus executores. Na verdade, entre um povo monogamo, que observa o parentesco pela linha paterna, a couvada definida por Tylor e Letournean seria uma inutilidade; entre os que desconhecem toda a forma familiar, não amam os filhos e não possuem a noção do parentesco, a mesma couvada tambem seria uma inutilidade. Entre estes é évidente, que nenhuma cerimonia poderia ter o elevado escopo de firmar por um gesto publico e solemne qualquer direito superior de concepção abstracta.

Entretanto Catunda tambem relata: — «pariam as cunhãs tupinambás como as alimarias do campo, onde quer que sentissem as dores e apenas acabavam de dar á luz se iam meter nagua com o filho. O marido, porém, mettia-se na rede e tomava grandes precauções para não estuporar; ali visitavam-no os conhecidos, levavam-lhe comer e beber e não se levantavam emquanto não seccava o umbigo do *calumim*.»

E note-se que a couvada brasileira era, na opinião de Schuller, uma das mais caracteristicas.

Este autor emittiu as seguintes sensatas ponderações em face das varias interpretações, que já resumimos: — «Não obstante intervenção de tantos sabios que tentaram interpretar a significação deste phenomeno, estamos longe ainda duma solução satisfactoria da questão.

De todas as theorias formuladas a respeito, são mais ou menos hipotheticas umas e inacceitaveis outras. — «Uma rigorosa explicação phisiologica deste phenomeno, como em razão observa o sr. Hermant, necessitaria certamente uma sèrie de documentos ethnographicos exactos e recolhidos por homens que estejam ao corrente dos problemas sociologicos, e provenientes sobretudo da Sul America, onde encontravam-se os casos de couvada mais caracteristicos».

Sem duvida, assim é, e antes que a luz se faça completa preferimos a concepção mais simples e natural do facto.

* * *

Só os povos de igual mentalidade e estado social poderiam acceitar a singular novidade. Mas, admittido o meu pensar, que na couvada o elemento determinante é puramente interno, inherente á condição animal, logo se explica a sua facil receptibilidade e expansão. Ha em cada habitante das selvas um poder gerador dos acontecimentos, immanente áquelle estado de natureza inda não controlado por acquisições sociaes, que espera, apenas, o estimulo externo. Esse estimulo era o exemplo.

A despeito do pensar de P. Vinogradoff (Encyc. Brit., V. Jurisprudencia), que entende não ter sido a couvada reproduzida de caso em caso, sómente pela imitação se comprehende a sua quasi universal existencia.

Se não se conhece uma causa especifica em condições de por si só produzil-a sempre igualmente aqui, ali e alèm, entre povos distanciados e heterogeneos, como os da Groenlandia, do Brasil e do Turkestão Chinês, só um proposito imitativo ope-

rando em ambiente apropriado esclaresce o problema de sua multiplicidade.

Pelo conceito em que se deve ter o selvagem não é licito crêr, que outro facto além da observação visual o levasse a repetir a complicada obra.

Gerada esporadicamente, ella se foi naturalmente repetindo e modificando segundo as condições ethnographicas de cada povo, que a apropriava, até chegar á sua forma complexa e final observada entre os bascos e os americanos. (1)

Harmonisa-se tudo isto com a excellente explanação de G. Tarde, em « Les Transformations du Droit » — Não ha uma semelhança no universo que não tenha por causa uma destas tres grandes formas, superpostas ou entrelaçadas, da repetição universal: — a ondulação para os phenomenos physicos, a hereditariedade para os phenomenos vivos, a imitação para os phenomenos sociaes propriamente ditos. E' claro que é preciso ter conta dos tres e não sómente do ultimo para dar uma explicação completa das analogias apresentadas pelo mundo social, que nasce do mundo vivo e se move no meio physico.

Falar, orar, trabalhar, guerrear, fazer qualquer obra social é repetir o que se aprende de alguem, que o aprendera com outros, e assim de seguida até os primeiros editores de cada uma das raizes verbaes, que se transmittem identicamente de bocca em bocca ha milhares de annos, como as ondulações luminosas ou sonoras de atomo a atomo, — ou até aos primeiros autores de cada rito, de cada forma de trabalho, de cada maneira de guerrear, de esgrimir, de manobrar, de cada ardil estrategico, que passam de homem a homem durante tempos mais ou menos longos.

---

(1) Os autores indicam varias formas de couvada incompleta, rudimentar.

SciELO

* * *

Mas, se se pode conjecturar com probabilidade de acerto os motivos iniciaes da couvada e sua expansão no velho mundo, como justificar, que os incolas das americas barbaras fizessem precisamente a mesma cousa vista por Strabão e Apollonio de Rhodes?

Imaginar para os povos do Novo Mundo a producção espontanea daquelle mesmissimo ceremonial parece um excesso, uma infracção do razoavel. Mais consentaneo com a razão é crer que elles tambem agiram imitando a usança de povos alienigenas. Então, houve, evidentemente uma imigração precólombiana para as terras Americanas.

Isso, todavia, não desfaz a hypothese de uma raça prehistorica autocthone, mas consolida a noção generalisada de que phenicios, ou outros povos, habitaram em épocas remotas ao nosso continente trazendo-nos idéas, costumes, e causas de além mar.

Como quer que seja, se a couvada é uma notavel curiosidade social nos velhos continentes, na America, além daquelle aspecto, ella assume proporções de verdadeiro problema ethnographico, que os entendidos devem estudar com attenção e carinho.

Fortaleza, Maio, 1928.

MARIO MELO

OS CARNIJO'S DE AGUAS BELLAS

SciELO

Os carnijós de Aguas Bellas

I

Uma tribu notavel

Não conhecia os selvicolas intitulados Carnijós, ultimo rebento dos cariris que dominaram os nossos sertões, senão por estudos e por informes mais ou menos precarios.

Apezar disso, de ha muito venho delles tratando pela imprensa e até ao Congresso de Geografia do Espirito Santo levei o grito de desespêro desses abencerragens que representam, para nós, uma reliquia histórica.

Combinara com o general Rondon uma visita a esses nossos infelizes patricios e aguardava a sua passagem por Pernambuco para satisfazer essa premente curiosidade. Infelizmente aquêle grande sertanista não pôde cumprir ainda a promessa do convite que lhe fez o govêrno do Estado. Agravando-se as perseguições dos potentados de Aguas Belas aos pobres aborigenes, resolveu o sr. ministro da Agricultura mandar aqui um emissario da confiança do general Rondon e êste me pediu, em carta, que o guiasse.

Numa conferencia do dr. Antonio Estigarribia — o emissario do ministro da Agricultura — com o dr. Estacio Coimbra, ficou resolvido que o governo de Pernambuco tambem enviaria um representante, para que ambos estudassem a situação da tribu e verificassem a procedencia ou improcedencia das acusações feitas aos civilizados, no que concerne ás terras doadas aos selvicolas. E atendendo aos desejos do general Rondon e do seu emissario e satisfazendo a minha antiga aspiração, acompanhei-os até Aguas Belas.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Viagem providencial, porque passei alguns dias na tribu, estudando-a nos seus habitos, nas tradições do seu culto, na sua lingua, de que recolhi mais de trezentos vocábulos.

Posso agora gritar bem alto, desmanchando a balela que os interessados inventaram : em Aguas Belas existe uma tribu que tem religião própria, que tem lingua própria, que se mantem pura, nas suas tradições, a pezar da pressão exterminadora que lhe move o «civilizado», atravez de quatro seculos de lutas.

E não se diga que é uma tribu insignificante. É uma das grandes tribus que ainda se conservam. Emquanto os crenáques do Rio Doce não somam cincoenta almas ; emquanto os botucudos da serra dos Aymorés não atingem a quarenta — uns e outros visitados por mim em companhia do general Rondon — os carnijós se representam por cento e trinta familias aldeiadas, numa população de cerca de setecentas almas.

E, no emtanto, o que se tem visto é a campanha dos politicos de Aguas Belas no afã de fazer crêr ao governo que não existem mais selvicolas naquela região, motivo por que se apossaram de suas terras !

II

Origem dos carnijos ou fulnios

Aos caboclos de Aguas Belas costumavam chamar de carijós. Tive minhas duvidas sôbre se os carijós haviam se expandido até a capitania de Duarte Coêlho e finalmente verifiquei na « Informação geral da capitania de Pernambuco », manuscrito que a Bibliotheca nacional possue e publicou no n. XXVIII dos seus « Annaes », que a aldeia em apreço era composta de selvicolas Carnijós.

Descrevendo a jurisdição eclesiástica das aldeias que então existiam em Pernambuco o auto consigna :

« Villa de Penedo — Aldeia da Alagôa da Serra do Comonaty, invocação de Nossa Senhora da Conceição, o Missionario é sacerdote do Habito de Sam Pedro, tem uma nação de cabocollos da Lingua Geral chamados Carnijós ».

E' clara a referência aos selvicolas que ainda hoje estão localizados ao pé da serra do Cumunati, ainda mais com a circumstancia de ter a invocação de N. S. da Conceição a matriz de Aguas Belas, originaria da primitiva capela dos aborigenes, em terras que lhes pertenciam.

Mas o referido manuscrito refere-se a outra aldeia da mesma nação :

« Freguesia de Ararobá — Aldeia dos Carnijós, sita na Ribeyra do Panema, Lugar da Lagôa, o seu missionario é sarcedote do Habito de São Pedro, tem uma nassam de tapuios, chamados, e 323 pessôas ».

Precizamos deter-nos em mais de uma observação.

Cabôcollos — explica o autor, no final do manuscrito — São os que moram na costa e falam lingua geral, para diferença-los de tapuias, nome dado aos selvicolas do interior, cada grupo com o seu dialeto.

SciELO

A' primeira vista póde parecer que cabôclo é sinonimo de tupi, aceita a divisão geral dos selvicolas brasileiros em tupis e tapuias. Mas, tratando ainda da própria vila de Penedo, informa aínda o autor que a aldeia de São Braz « tem duas nações de cabôcollos da Lingua Geral de nações Cariris e Progez », donde se conclue que o cariri era tido como lingua geral.

Nenhum vocábulo do idioma carnijó — iatê denominam á sua lingua — apresenta semelhança com o tupi, de modo que bastante razão teve Rod. Garcia, em seu precioso estudo sôbre etnografia brasileira, quando os classificou como os ultimos representantes dos cariris.

Identificados os carnijós actuaes como os a que se refere a « Informação geral da Capitania de Pernambuco », resta saber que é feito da outra aldeia, da de Panema.

Nenhum caboclo dos velhos troncos, dos que se orgulham de guardar as tradições da tribu, sabe dar informações. Apenas indicam apontando uma serra ao sul, que ali se travou grande combate entre eles e uma tribu visinha, por que esta queria assenhoriar-se dos mananciaes de que os carnijós estavam de posse E que desse combate restam vestigios, pelos esqueletos que ainda se encontram.

Seriam carnijós contra carnijós fraccionados, na classificação que lhes dá o autor do trabalho em cabocollos e tapuios?

Difficil é responder pela afirmativa, assim como pela negativa.

Resvalemos pela conjectura. Os selvicolas de Aguas Belas foram aldeiados contra a vontade, quando o governo lusitano quiz tira-los da vida errante e guerreira e aproxima-los da civilização.

O aldeiamento de Aguas Belas — repartição protetora dos selvicolas ao tempo do Imperio — tinha o nome oficial de aldeiamento de Ipanema. Compreendi, por hábil interrógatorio, que entre os carnijós actuaes ha partidos, ha castas, portanto subdivisões oriundas de factos anteriores. Unem-se todos no jurupari, sob as franças do copado e sacro joazeiro, ao tempo do ouricuri, para as festas religiosas e as deliberações mais importantes da tribu, mas fóra disso ha partidos, imperceptiveis para os visitantes. Alem do mais, não ha um tipo unico no aldeiamento, entre os puros car-

nijós, que a mestiçagem com o branco ou com o preto é tida, para eles, como condição de interioridade.

Segundo me informou o dr. Antonio Estigarribia, os borôros de Mato Grosso organizaram-se da reunião de mais de uma tribu e, ainda hoje formam grupos, sendo que, os casamentos só se realizam entre individuos de partidos antagónicos.

Com essas conjecturas, chego tacteante á conclusão de que os carnijós de Cumunati e os carnijós de Ipanema, inimigos a principio, de tipos etnograficos diferentes, estão hoje reunidos na aldeia de Aguas Belas, com uma só lingua e sob os mesmos preceitos religiosos, que os aborigenes dali julgam universaes nas tribus brasilicas.

Quanto á origem da denominação de carnijós, nenhum remanescente cariri soube explicar-me. Pareceu-me classificação imposta pelo civilisado, pois, em seu idioma eles se chamam de fulniô e aos remanescentes de Cimbres de itxikiles.

SciELO

III

Providencias para o aldeiamento

Os selvicolas brasileiros, impropriamente chamados ndios, eram nómades. Guerreavam-se e se alguns do litoral viviam em paz com os colonizadores, como os tabajaras. os tapuios constituiam entrave á expansão colonizadora.

Entendeu, e entendeu bem, a corôa portuguêsa que melhor seria aldeial-os e, por isso, mandou lavrar o seguinte alvará, cuja transcripção se impõe, não só por ser pouco conhecido, como porque representa o primeiro passo no direito inconteste que tem os carnijós ás terras de que os espoliaram:

« Eu El Rey faço saber aos que este meu alvará em forma de Ley virem, que por ser justo se dê toda a providencia necessaria a sustentação dos Parochos e Missionarios, qne assistem nos dilatados certões de todo o Estado do Brasil, sobre o que se tem passado repetidas ordens e se não executão pela repugnancia dos Donatarios, e Sismeyros, que possuem as terras dos mesmos certões. Hey por bem e mando que a cada uma Missão se dê uma legua de terra, em quadra para a sustentação dos Indios e Missionarios, com declaração que cada aldeia se ha de compor ao menos de cem cazaes, e sendo de menos, e estando algumas pequenas Juntas, ou separadas huma das outras em pouca ou menos distancia se repartirá entre ellas a dita legua de terra em quadra a respeito dos cazaes, ou que seja necessario dividir as grandes em mais aldeias, sempre a cada uma se dará a legua de terra que por esta arbitro para as que já tiverem o numero de cem cazaes, e as taes aldeias se situarão á vontade dos Indios, com approvacão da junta das Missões, e nam a arbitrio dos Sismeyros ou Donatarios; advertindo-se que para cada Aldeia e não para os Missio-

narios mando dar esta terra, porque pertence aos Indios, e nam a elles; e porque dando-as os Indios as ficão logrando os Missionarios no que lhes fôr necessario para ajudar o seu sustento, e para o ornato e custo das egrejas se fação na terra dos Sismeyros e Donatarios, conforme o Bispo entender que convem para a cura das Almas, e para se lhe administrarem os Sacramentos dando conta no Tribunal, a que pertence, e aos taes Parochos se daram aquella porção da terra, que correspondam, ás que ordinariamente tem qualquer dos moradores, que nam sam Donatarios, ou Sismeyros, e que possam ser logradouros das cazas, que tiverem, para que possam crear commodamente as suas Galinhas e Vaccas, e ter as suas Eguas ou Cavallos, sem os quaes nenhum poderá viver no certão, e a execução desta Ley: Hey por encarregada aos ouvidores Geraes de todo o Estado do Brasil, aos quaes concedo possam determinar o destricto e mediçao das ditas terras, com conhecimento summario, informando-se das Aldeias, e situação dellas, como tambem das que necessitar cada uma das Igrejas Parochiaes nas terras das Aldeias, pelo que se assentar pelo Governador na Junta das Missões, e nas das Igrejas pela edificação, que dellas tiver feito, ou determinar fazer o Bispo, dando para isso conta ao Governador na junta das Missões: e esta mediçam e repartiçam faram os ditos Ouvidores Geraes sem outra forma de Juiso, e sem admittir requerimento das partes em contrario, deixando-lhes seu direito reservado para requererem pelo meu Conselho Ultramarino sem parar a execução e sobre este facto dos Ouvidores e por elle mesmo se no dito Conselho Ultramarino sem parar a execução, e sobre este facto dos Ouvidores e por elle mesmo se no dito Conselho se achar justificado que algumas das pessôas, que tem datas das terras nam quiz dar a dita legua, ou encontrou de alguma maneyra o que este disponho. Hei por bem lhe sejam tiradas todas as que tiverem, para que o temor desta pena e castigo os abstenha de contrariarem a execução desta minha Ley e se admittirão as denunpeiações contra aquelles donatarios ou Sismeyros, que depois da repartição feita empedirem aos Indios o uzo dellas, ficando aos derumpeiadores por premio a terça parte nam passando esta de tres leguas de comprido e uma de largo: Pelo que mando a todos os Governadores das minhas Conquistas

Ultramarinas cumprão e guardem e fação cumprir e guardar esta minha Ley, como nella se contem, sem duvida alguma, mandando-a registar nas partes necessarias, para que seja publico a todos o que por ella ordeno, e aos Ouvidores Geraes das mesmas Conquistas ordeno tambem, que pela parte, que lhes toca executem pontualmente este meu Alvará, o qual quero que valha como carta e não passe pela Chancellaria sem embargo da Ordenação do Livro 2.º tit. 39 e 40 em contrario e se passou por oito vias. Manoel Filippe da Silva a fez em Lisbôa a 23 de Novembro de 1700. O secretario André Lopes de Lavre a fez escrever — *Rey*. »

Este Alvará com força de lei não teve logo execução, talvez por persistirem os embargos dos sismeiros. o que determinou a carta régia de 23 de maio de 1703 na qual o rei insistia por dar a cada aldeia uma legua de terra. «Se os Indios não se quizeram aldeiar, se ham de obrigar com o poder das armas». «Se fugirem á minha obediencia, e se forem para o mato paresse se fazem transfugas pois em lhe faltando de comer no certam vem roubar os Portugueses no Povoado em assaltos e passam a traidores e ladrões e ficam dignos de morte e de se lhes fazer a guerra».

SciELO

IV

A fundação de Aguas Belas

Antes de proseguir, necessito de fazer algumas observações.

Conjecturei, anteriormente, que os carnijós de Ipanema e de Cumunati haviam sido fundidos. Vê-se, pelo alvará de 1700, que se houvesse pequenos grupos de selvicolas em curta distancia — e era este o caso — deveriam ser reunidos numa só aldeia de uma legua de terra em quadra, contanto que cada uma não tivesse menos de cem casaes.

Outro ponto que merece não passar despercebido é aquelle em que o rei mandava que a aldeia fosse localizada á vontade dos selvicolas e que se algum sismeiro ou donatario se opuzesse á cessão da terra de que era possuidor, fosse castigado com o lhe tomarem todas as terras anteriormente doadas. Hoje, dá-se a inversão: os poderosos, sem temor de castigo, é que tomam as terras de que os selvicolas estão de posse ha mais de dois seculos, por força de alvarás, de cartas régias e de leis!

Nem o alvará de 1700, nem a carta régia de 1703 teve immediata execução. Isto motivou a seguinte carta régia:

«Francisco de Castro Moraes — Eu a Rainha de Gram Bretanha, Infanta de Portugal, vos envio muito saudar. Por ser informada por pessoas dignas de credito, que aos Indios dessa capitania se não tem dado a legoa de terra, que mandei repartir por elles, e que os Capitães mores tratão aos Missionarios das ditas Aldeias como seus capellões, sem que tenham liberdade para reprehenderem e emendarem os vicios, como tem de obrigação. Me pareceu ordenar vos, como por esta faço, ponhaes todo o cuidado e diligencia a que se nam continuem esses abuzos e que

se dê a execução inviolavelmente á resolução, que fui servida tomar nesta materia de legua de terra para os Indios, tam conveniente para a conservação das ditas Aldeias. Escripta em Lisbôa a 5 de Junho de 1705 — *Rainha*. »

Deduz se, pela coleção de alvarás e cartas régias, que, ante os termos peremptorios da ultima, não houve mais opugnação. Os carntjós foram aldeiados onde hoje está localizada a cidade de Aguas Belas.

Entra em scena a tradição: João Rodrigues Cardoso, branco, insinuou-se entre os selvicolas e teve certa ascendencia. Com eles erigiu a capela de N. S. da Conceição e, tendo obtido do governo a nomeação de um amigo — Lourenço Bezerra Cavalcanti — para diretor dos aldeiados, este fundou a povoação de Ipanema, nome tirado do rio que lhe passa próximo. Presume-se que isto se passara em 1825.

Crescendo a povoação, os aborigenes, que aliás não tinham capacidade para o fazer, doaram á egreja que haviam levantado e que já era paróquia desde 1766, um patrimonio, em 1832.

E a paróquia continuou a aumentar e á proporção que se expandia Iatilhá — nome que davam e que dão os carnijós ao nucleo que hoje se conhece por Aguas Belas, denominação esta imposta pelo ouvidor Jacobina — eram os doadores, pelos donatarios, escorraçados de suas terras.

Em 1850 o governo imperial regularizou a revalidação das suas posses.

Quando presidente da provincia, Henrique Pereira de Lucena, futuro Barão de Lucena, por acto de 4 de maio de 1875, extinguiu os aldeiamentos de Riacho do Mato, Barreiros, Ipanema, Brejo dos Padres e Santa Maria.

A extincção dos aldeiamentos não teve o efeito de sonegar os direitos dos carnijós. O que o governo extinguiu foi o serviço de curatela aos selvicolas, tanto que, por outro acto de 30 de outubro do mesmo anno, foi esclarecido que « as terras dos extintos aldeamentos pertencem ás provincias e os foros aos respectivos municipios » respeitando-se as posses dos indios, sendo consideradas devolutas as terras não occupadas». E, em parecer sobre uma resolução parlamentar de 1860, o procurador fiscal dr. Lacerda de Almeida opinou que « a simples extinção de um aldeiamento não importa na devolução das respecti-

SciELO

vas terras ao dominio do Estado, para o fim de poder este vende-las ou afora-las. A devolução só se opera se houver abandono por parte dos indios, cujo aldeiamento é extinto, como claramente se evidencia da lei n. 1114 de 27 de setembro de 1860 e nota do art. 59 da Constituição das leis civis de Teixeira de Freitas. »

Com a extinção do aldeiamento, porem os civilizados gananciosos entenderam de escorraçar para a catinga, tomando-lhes os terrenos cultivados, os aborigenes que a corôa portuguesa aldeiara, numa legua de terra que lhes doara, contra a vontade dos sesmeiros.

Acudiu-lhes novamente o governo provincial e, em 1876-1878, mandou o engenheiro Luis José da Silva medir, demarcar e entregar aos carnijós, ainda então existentes, dividida em lotes, a terra que lhes fôra doada em virtude do alvará e cartas régias.

Mas a ganancia não cessou, antes proseguiu no regimen republicano, e hoje estão os servicolas despojados de uma posse bi-secular, fundada em justo titulo, fazendo crer os usurpadores que já não existem caboclos em Aguas Bellas, quando estes se mantem na continuidade etnográfica, nos usos dos seus troncos, na religião dos seus antepassados, falando a mesma lingua que naquella região se falava antes do descobrimento!

V

Usos, costumes e governo

Os carnijós estão hoje completamente domesticados. Vivem como os sertanejos analphabetos. Apenas formam um Estado dentro do Estado, por conservarem algumas tradições, por falarem a sua lingua, pela continuidade do seu culto religioso.

Alguns — os que não foram ainda despojados de suas pequenas lavouras — são agricultores. Os restantes, especialmente as mulheres, são industriaes. Vivem da primitiva industria de utencilios da palha de ouricuri — chapeos, cestas, espanadores, vassouras — e da fabricação de cordas de caruá.

Preferem trabalhos á noite e por isso os chamam de preguiçosos, por que não os veem, como os vi, nas repetidas visitas ao aldeiamento durante a noite, acocorados junto a pequena fogueira, a cuja luz amortecida teciam a palha do ouricuri, colhida durante o dia, ou entrançavam as fibras do caruá, para vender o producto por preços miseraveis.

Os adultos são completamente analphabetos. As creanças, porém, já vão recebendo rudimentos de instrucção, graças á bondade da senhorita Maria Luiza Jacobina, que é uma cathequista do coração dos carnijós e que na aldeia fundou uma escola para leitura e trabalhos manuaes. Uma das sensações agradaveis da minha vida foi, visitando a escola, ouvir dos labios semi-selvagens dos caboclinhos e das caboclinhas, a musica e a letra do hymno nacional, cantadas com enthusiasmo e relativa perfeição. E não é raro que em seus folguêdos, em seus momentos de distração, os carnijosinhos em grupo, entoem o hymno brasileiro, como os surpreendi, com mesma naturalidade com que os meninos da capital cantam as canções chulas ou de moralidade duvidosa.

SciELO

E por falar de moralidade, a da aldeia é bastante severa. Os carnijós respeitam a virgindade das raparigas e, por isso, ha confiança em passeiarem os casaes ou em trabalharem longe da vigilancia paterna. Quando, esporadicamente, se dá um caso de sedução na aldeia, o protogonista é, em geral, o civilizado «pirata». Contaram-me que certo graduado da cidade, contrariado por que um linda carnijó, uma cetiçónkia tilixine (cabocla bonita), não lhe prestava attenção aos esgares de fauno, procurou subornar o pae com promessas de dinheiro, no que foi repelido, com ameaças de toda a aldeia em defesa da castidade da moça.

O adulterio não existe. As creanças não dizem palavrões.

Deve-se, em grande parte, o rigor dessa moral ao padre Alfredo Damaso, que encarna o espirito de um daquelles jesuitas do primeiro seculo da nossa colonização. Durante o tempo em que foi párocho de Aguas Bellas, dedicou todo o seu desvelo aos selvicolas, tornou-se seu extremado defensor, de modo que desfructa confiança illimitada da tribu. Chamam-lhe claixiúa-lhá — o sacerdos magnus. Bispo dos indios, dizem por mofa os perseguidores destes.

Tirando proveito dessa confiança, o claixiúa-lhá transige com as práticas religiosas tradicionaes da tribu, mas atrae os catecúmenos aos preceitos do catholicismo e eleva-lhes o nivel moral, para bem dos selvicolas e da sociedade em que vivem. Um desses padres que faz lembrar Anchieta e que, ao mesmo tempo, seria capaz de transformar-se em João Ribeiro Pessôa — mochila a tiracolo, pés descalços e trabuco na mão, a frente da tribu, para a reivindicação dos seus direitos.

A pudicicia das mulheres vae ao ponto de ter-se uma envergonhada ao, quando anotava o meu vocabulario, ouvir-me pronunciar a palavra ifê, cujo significado é axila...

Os meninos diverten-se com armar arapucas, fazem o desporto do bodoque contra os passarinhos e são eximios atiradores de pedra, a braço livre. Um calangro que lhes esteja ao alcance da vista, é animal môrto. Tamanha perseguição movem aos animalejos apropriados á alimentação que dizem, exageradamente, extinctas, nas imediações da aldeia, várias especies comuns em outros pontos da catinga.

SciELO

Como pescadores, são os adultos extraordinarios. Mergulham durante largo espaço de tempo, vão ás locas, e, quando emergem, trazem peixes nos dentes e nas mãos. Se sentem frio, espojam-se na areia quente e voltam novamente ao mergulho.

Os carnijós não tem organização administrativa. Obedecem, entretanto, aos chefes dos seus grupos. Perguntei a um dos mais prestigiosos cabôclos se o director do posto desse uma ordem e o seu chefe a contrariasse, como procederia. Respondeu que, em primeiro lugar estava o seu chefe.

A successão não se dá por hereditariedade. O chefe — iaticá — é eleito no ouricuri, tem poderes discricionários e conserva-os até morrer.

As graves resoluções, porém são tomadas no ouricuri, onde se reunem os mais importantes — perlodicamente uma vez por anno, extraordinariamente tantas quanto necessario — á sombra do sagrado joazeiro, sob cujos galhos é vedado as mulheres da tribu o abrigar-se, ou mesmo passar em qualquer tempo.

SciELO

VI

Tradições

Os carnijós nada sabem do seu passado remoto. Não tem ideia de como veio o homem ao mundo. Ignoram o relato biblico do diluvio. Tudo desconhecem da vida anterior.

De dois factos apenas guardam a tradição.

Um diz respeito ao combate que tiveram com outra tribu, á distancia de tres leguas ao sul da Serra Cumunati, porque os inimigos queriam apossar-se das nascentes que brotam no sopé dessa «fuá». Da refrega ainda ha vestigios, porque o campo ficou juncado de cadaveres e ainda hoje se encontram partes de esqueletos humanos.

O outro é relativamente de nossos dias e me foi relatado pelo velho Bento e efeclá dos carnijós, que hoje conta cerca de 80 annos e na época era ainda txakinexá, isto é, rapaz.

Estavamos em guerra contra o Paraguay. As autoridades de Aguas Bellas prenderam ardilosamente alguns carnijós. As mulheres foram implorar a liberdade dos detentos.

Prometteram-lhes que seriam attendidas se, em frente á cadeia, dansassem o tolê. Regressaram satisfeitas e contaram na aldeia o resultado da missão.

Contentes, os selvicolas resolveram organizar o mais aparatoso tolê possivel, em honra dos brancos. Enfeitaram se com as suas tangas de penas de oma, com os seus cocares, ornamentaram os iakitxás e os maracás e partiram.

Enquanto dansavam despreoccupadamente, os brancos, preparados para a tralção, começaram a fechar o cerco com a força armada. Tarde reconheceram o logro em que baviam caido. Bem poucos puderam fugir e, entre estes, o informante que, imberbe, se

disfarçou numas vestes femininas. Os adultos foram algemados e mettidos na enxovia, sem cubagem necessaria para tanta gente.

Dias depois, os indigenas desciam para a capital, eram apresentados ao presidente da provincia e ao commandante das armas como patriotas voluntarios e embarcados para o campo da guerra, donde bem poucos voltaram.

Os que lograram fugir e os que não tomaram parte no tolê abandonaram todos os seus interesses e internaram-se na catinga, para reviver a vida primitiva.

Apossaram-se, então, de suas lavouras abandonadas e tudo lhes tomaram, reduzindo-os á miseria.

Desse facto, relatado ainda hoje com indignação, renasceu a desconfiança, quiçá a malquerença contra os brancos, os civilizados de Iatilhá.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

VII

Tolê — a dansa religiosa

Uma das tradições que os carnijós conservam de seus antepassados é o tolê, a dansa religiosa do culto jurupari.

Vi-os, por tres vezes dansar o tolê.

As pessôas destinadas á dansa — nem todos a sabem e os mestiços são impedidos de aprendel-a — preparam-se numa palhoça. Os homens em trajes communs — outrora de tangas e braceletes de penas e cocares — e as mulheres com os vestidos melhores de cores vivas e barretinas de papel escarlate, uns e outros sempre descalços.

A' frente, braços esquerdos sobre ombros direitos, os dois musicistas principaes e unicos homens que participam da dansa e dela são os marcadores, ou, para dar ideia numa expressão inapropriada ao caso, os mestres-salas. Sustentam na mão direita uma especie de tuba de um metro ou mais de comprimento, a que chamam iakitxá. De diametros diferentes, a mais grossa, no diapaeão de contrabaixo, serve para a marcação nos primeiros tempos do compasso, emquanto a outra, adequada á escala de baritono faz o papel de trombone no acampamento, em notas minimas, sempre as mesmas, que os instrumentos não permitem mais que uma.

A seguir, dois outros homens com maracás, isto é, dois cabaços com sementes de molungú, os quaes são agitados aos primeiros tempos dos compassos, em sincronismo com o iakitxá que dá a nota da marcação. Esses maracás são sagrados, passam de geração a geração e vivem sob a guarda de dois carnijós

legitimos, eleitos no ouricuri. Não ha preço para compral-os e nenhum profano pode tocal-os.

Por fim as mulheres. A estas compete o canto, que os maracás e os iakitxás acompanham. A musica é monótona, sem palavras, numa expressão dolente e quasi invariavel.

Marcham a dois de fundo até o terreiro previamente escolhido. Em chegando, sem mudança de ritmo, formam um semi-circulo. A circunferencia é fechada pelos assistentes.

Os musicistas dos iakitxás abandonam o ponto em que se achavam colocados e vem para o centro, sempre abraçados em piruêtas e sapateados que invejariam peritos dansarinos de solo-inglês. Movimentam-se como um só corpo de quatro pernas, fazem mesuras com as iakitxás, numa especie de cumprimento á assistencia, saltam, rodopiam, e. por fim, baixam a tuba, cada um ao pé da mulher que escolhe. As duas cetiçonkias abandonam o lugar que guardavam, e emquanto os dansarinos voltam para o centro do circulo, nos seus passos exóticos, ora baixando ora levantando os instrumentos, as dansarinas rodopiam em torno dos iakitxás em passos miudinhos, numa proficiencia que dá ideia de estarem deslizando, sem, por qualquer circunstancia, afastarem a vista dos iakitxás, que parece atrai-las como iman ao metal. Semelham mariposas em torno de um foco de luz. E emquanto dansam as outras cetiçonkias cantam o canto monótono e dolente, os maracás caracáxam como cauda de crótalo e as tubas preenchem a esquisita harmonia.

Ao fim de alguns minutos, os tocadores de iakitxás vão fazendo recuar as dansarinas até o ponto em que as foram buscar, renovam as mesuras com as tubas, saracoteiam, atraem mais duas cetiçónkias, fazem-nas repetir os passos das primeiras e assim até terminar a parte, quando todas as caboclas, aos pares, tenham dansado.

Cada parte do tolê assenta na fauna brasilica: ora é o passo da asa-branca (ave columbiforme), ora o passo do urubú, ora o peixe no curral. Por onde se vê que o fox-trot não é novidade.

SciELO

Quiz registrar na pauta algumas melodias do tolê, após as dansas, quando colhia vocabulos do iatê, mas os carnijós, que vira na dansa, recusaram cantal-a, com a alegação de que não a sabiam. Recorri a um dos mestres do iakitxá e este fez-me compreender que o tolê era do culto externo do jurupari. Não podia ser ensinado senão no ouricuri e aos carnijós de puro sangue, por constituir tradição da tribu.

SciELO

VIII

O côco, dansa typica

Tambem na aldeia e a meu pedido, vi dansar os carnijós o côco e até nelle tomei parte.

O côco dos amerindios de Aguas Belas apresenta certa semelhança com que commumente dansam civilisados nas fazendas, nos engenhos, nos agrupamentos afastados do interior e que em Maceió tem ou tinha entrada nos salões, antes da nossa macaqueação dos exoticos passos dos americanos do norte.

Não sendo dansa religiosa mas divertimento da aldeia, podem todos entrar na roda, mesmo os extranhos que mereçam a confiança da tribu.

Organizam se os homens em circulo, correspondendo a cada um delles duas damas, uma á direita, outra á esquerda do espaço de cerca de meio metro que os medeia.

Ao centro o tirador dos versos, cujo refrão todos cantam em côro.

Iniciado o canto, no ritmo que correspondia ao tango, antes de sua evolução para o maxixe em pares dispersos, toda a roda se movimenta. Os homens dão passos para a direita e para a esquerda, no que são imitados pelas damas, guardada a distancia da collocação. Fazem meia volta em sapateado, offerecem as mãos ás damas e avançam meio metro, passando a da direita para a esquerda e vice-versa. Deste modo, todos os homens dansam com todas as mulheres que se encontram na roda, pelo avanço continuado que aquelles tem.

Parece-me, assim, que o côco perdeu na estilização do civilizado. O selvagem, o oriundo dos aborigenas, é mais elegante, quiçá mais distincto.

Vissem no dansar os nossos homens de sociedade, com a perfeição com que os carnijós o dansam, hou-

vesse um pouco mais de sentimento de brasilidade, de enthusiasmo pelo que é nosso, e, dos nossos salões, abertos a quantos ritmos selvagens nos mandam da Africa, via Nova York, seriam eliminadas as dansas exoticas, sensuaes, que importamos, para dar lugar a essa, dos aborigenas pernambucanos, a um tempo elegante e distincta, e, acima de tudo, nossa, nacional, brasileira!

SciELO

IX

Culto religioso

Toda a organização dos carnijós, a razão de sua existencia como tribu, o que lhes cimenta a unidade, o que os fortalece, é o ouricuri e é o iatê.

Ouricuri é o nome que dão ao local em que se reunem para as suas práticas religiosas, para a eleição dos seus chefes e para as deliberações de importancia. Dista uma légua da aldeia.

Estive no local, que só pode ser visitado pôr estranhos ao tempo em que não estejam reunidos. Uma especie de grande terreiro em semicirculo, todo circundado de arvores e dominados por frondoso juazeiro. O que se passa no ouricuri constitue segredo absoluto. Impossivel arrancar uma confissão de qualquer caboclo sobre o assunto. As próprias creanças recusam responder a qualquer pergunta, por maiores agrados que lhes façam.

Tendo inspirado confiança aos velhos fulniôs, consegui por meios hábeis ligeirissimas informações...

Disse-lhes não queria de forma alguma que me revelassem o seu segrêdo. Que conhecia a história das outras tribus e desejava escrever a dos carnijós. Por isso me respondessem apenas sim ou não ás perguntas quando podessem respondel-as.

E dizia-lhes por exemplo: Os tupis, ao tempo do descobrimento, faziam isto e aquilo. Obedecem os carnijós ás mesmas práticas.

Pelas respostas, ia tirando minhas deduções que, entretanto, podem ser falhas.

Durante agôsto todos os legitimos carnijós desarmam suas palhoças da aldeia e vão arma-las no ouricuri, em semi-circulo ao terreiro, fazendo fundo ao juazeiro. Os mestiços, isto é, os decendentes de carnijós com sangue de outras raças, mesmo que sejam

casados com carnijós puro sangue, são tolerados na aldeia se falam iatê, mas não são admitidos no ouricuri.

A distancia do lugar sagrado, ha sentinelas perdidas que evitam a aproximação de qualquer extranho e soltarão alarme se não forem obedecidas.

As mulheres vão ocupar os mucambos e nelos ficam com os filhos, proibidas de aproximar-se do juazeiro, a cuja sombra se reunem os graduados para as suas deliberações e para as práticas religiosas. Em que consistem estas e que nunca saberá nenhum estranho. Percebi, apenas que o culto tem o nome de jurupari, que foi ensinado por Jesus Cristo (!) — talvez influência da catequése dos primeiros missionários — a todos os cabôclos do Brasil, e que é praticado por todas as tribus, porque cada uma guarda as tradições dos velhos troncos e vai transmitindo as aos mais novos, escolhendo as aptidões de determinados selvicolas para as funções.

Do jurupari faz parte a dansa do tolê. E' no culto que escolhem as pessôas ás quaes devem ser confiados os sacros maracás e que ensinam a fazer e a tocar iakitxás. Dansam-na constantemente ao terreiro e iniciam as mulheres que podem dansa-la a cantar as toadas monótonas.

Festeja-se tambem a puberdade.

No ouricuri, procede-se á eleição do chefe ou gagé, que tem a denominação de iaticá.

Se por ventura dois carnijós se malquistam na aldeia, tem de ser amigos no ouricuri, com o juramento de continuidade nas bôas relações.

O jurupari, em fim, é ao mesmo tempo a cruz e a espada, isto é, religião e govêrno. Digo cruz, porque todos os cabôclos de Aguas Belas são tementes a Deus —Edjodualhá— com a ideia, porem, de que foi Jesus Cristo quem creou o mundo, quem lhes deu a vida e que antes dele nada existia.

Nenhuma das mulheres da tribu pode passar sob o juazeiro. E' preceito religioso.

Certa vez curiosos tomaram um automovel rumo ao ouricuri, em tempo em que a visita não era proibida, e com eles algumas cabôclas. A' proporção que o carro avançava para o juazeiro, que cobre a estrada com as suas franças, as cetiçonkias começaram a gritar. O motorista não fez caso e proseguiu, a pezar do desespêro destas.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Revolucionou-se a aldeia com o sacrilégio. Foi preciso que o padre Dámaso o claixiualhá, que vale na tribu por um iaticá, explicasse que não houvera profanação. Além do facto ter-se passado contra a vontade delas, foram as rodas do automovel e não os pés femininos que profanaram o solo, digamos o altar do jurupari.

A conservação dos carnijós como raça, reside, assim nas praticas do ouricuri e na linguagem do iatê. Não desaparece o sentimento de nacionalidade emquanto se fala idioma próprio e quando são cultivadas as tradições dos antepassados.

X

A lingua

Os fulniôs ou carnijós tem idioma, proprio, a que denominam iatê.

E' admiravel como esse grupo, que está em contacto com os civilizados, na obrigação de falar o português, ainda conserva o seu idioma. Tanto mais admiravel quanto a tribu tem recebido grande contingente etnografico estranho, com o crusamento com mulatos e brancos, que não conhecem e não falam o iatê.

Faz-me isto lembrar a constancia com que a Polónia, atravez de todas as suas vicissitudes esmagada, talada, retalhada, conservou a unidade do seu pôvo pela lingua.

Os pequenos aprendem o iatê no colo materno e só quando começam a comunicar-se com os extranhos, é que iniciam a aprendizagem do nosso idioma.

Na aldeia, um fulniô não troca palavra com outro sem ser na sua lingua, mesmo em presença de pessôas de respeito.

Na manifestação que nos fizeram, o intérprete dos carnijós pediu excusas por falar na sua lingua, porque não teria expressões na dos brancos. E discursou durante cinco minutos, correntemente, com abundancia de gestos. Aquí vai o exórdio :

Iaetja donecá iacetçondoá êtxá êtoá kenkiá clai iatatô xelá relê taiatantacakê ianeman Edjuadualhá et necacenaman xilarêti. Claiço-tô idiónkia iatxon doden iafuman iaautakirónkia. Uniman iacecá estialke ac fenelecá clai tixinon nectakê clailhá Rondon etskiassdê ufnanan.

Conhecedor do iatê, o padre Alfredo Dámaso assim traduziu o trecho acima :

SciELO

«Toda a aldeia tem estado coberta de tristesa por causa das perseguições dos brancos inimigos; mas hoje Deus nos mandou alegria. E os brancos maus não nos podem ofender, por causa destes brancos (drs. Antonio Estigarribia, Rafael Xavier e Mario Melo) e do nosso pae Rondon.»

O iatê é para os carnijós uma arma poderosa. Contaram-me que em certa occasião o chefe do posto de protecção aos selvicolas tivera desinteligencia com uma autoridade, acompanhada de praças. Presentes estavam alguns carnijós, em numero maior. O mais velho destes disse brandamente algumas palavras em iatê, ininteligiveis para os discordantes. Pouco a pouco, disfarçadamente, estrategicamente, os demais cabôclos foram tomando posição e cercaram totalmente os estranhos. Resolvido o caso amigavelmente, houve curiosidade em saber o que se passara. O ve'ho carnijó explicou que ordenara a cada dois homens tomarem conta de um adversário, para tolher-lhe os movimentos em caso de necessidade.

Colhi trezentos e tantos vocábulos, que mais não foi possivel em tão curta estada, e não notei em um só qualquer semelhança com a lingua geral brasileira.

Ha palavras dôces, sonoras, como sili, que significa flôr mas, em geral, o vocabulário é compôsto de sons esquisitos para o português.

Na maioria, os vocabulos são oxitonos e para pronuncia-los é preciso cantar. Se é polissilabo, o carnijó emite a primeira ou as primeiras silabas, faz uma reticência cantante e dispara a ultima rapidamente.

Sabem contar apenas até cinco. Em falta de palavras que representem os demais algarismos, recorrem ao português.

Parece que a lingua não evolve. No iatê não há por exemplo, o correspondente a janela, porque casa de cabôclo — cetiçoti — tem apenas duas portas ou melhor uma abertura na frente e outra atraz. Entretanto, ha correspondente para os seres e as cousas abstratas como Deus, diabo, céo, inferno, o que faz presumir tivessem os velhos troncos uma noção religiosa fundada no teismo.

Causou-me admiração a palavra iatecá, que corresponde exatamente á nossa saudade. Despedindo-me de uma cabôcla que nos servira, quiz galantea la dizendo-lhe adeus — diõcanc-alê — em sua lingua. Respondeu-me iatêcá. Indaguei-lhe que significava

iatêcá. Retorquiu: Os brancos são tão bons! Vão-se embora, não voltam mais, e os cabôclos ficam tristes pensando neles... Em nossa lingua se chama-atêcá.

Isto é positivamente a saudade dos portugueses e brasileiros. E viviamos a dizer que não podia ser traduzida em idioma algum!

XI

Vocabulario iatê-portuguez (*)

Acacáuma (proparoxytono) — Bom dia, bôa tarde, bôa noite, passe bem, etc. Forma geral de saudação.
Ace-á (oxytono) — Esteira.
Adicne-cá (ox.) — Enganar.
Afi-á (ox.) — Cuia.
Akça-cá (ox.) — Teu, tua.
An-han (ox., H aspirado) — Sim, muito bem.
Atdia (paroxytono) — Immediatamente.
Anê (ox.) — Você.
Catôfe-á (ox.) — Bezerro.
Ceaucauane (parox.) — Mulher honesta.
Cedôkincê (ox.) — Direito (antónymo do esquerdo).
Cedái-iá (ox.) — Fumo, tabaco.

(*) A maior parte destes vocábulos foi colhida do amerindio Sarapê, que é apontado como o mais inteligente da tribu e é quem, em caso de necessidade, fala em nome dos carnijós.

Apanhei, tambem, alguns vocábulos do velho Bento, que é o de maior idade do grupo.

Para certificar-me se havia grafado bem os sons emitidos por um e por outro, reuni um grupo de cabôclos, pedindo lhes que me corrigissem toda a vez que a palavra não lhes soasse perfeita.

Assim, tanto quanto possivel, faço este registo de um dialeto brasilico que, de algum modo, poderá servir aos estudiosos.

Tenho, entretanto, a promessa de um estudo completo do padre Alfredo Dámaso, que já conhece regularmente o iatê, que o fala, e póde fazer observações gramaticaes. Cingi-me apenas ao vocabulário, que mais não era possivel em tres dias, desejoso tambem de estudos de outra ordem.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Ceetê (ox.) — Passarinho.

Ce-iá (ox.) — Rapariga, mulher virgem, algodão.

Ceiá-ecidiôa (parox.) — Algodão tecido.

Cêkêtê (ox.) — Roça de plantação.

Celôa (parox.) — Espinho.

Cêli (ox.) — Cabelo.

Ceskiá (ox.) — Urinar.

Cetçá (ox.) — Selvagem, do mato, não domesticado.

Cê-ti (ox.) — Casa, morada de gente.

Cêtiçô (ox.) — Caboclo. aborigene, selvicola.

Cêtiçôti (ox.) — Casa de cabôclo, taba.

Cêtiçôti-cotçá (ox.) — Porta de casa de cabôclo.

Cet-kê (ox.) — Pano para roupa.

Citadu-á (ox.) — Galinha.

Citu-á (ox.) — Pilão

Cla-i (ox.) Individuo de raça branca.

Clai-lhá (ox.) — Homem branco de elevada posição.

Claiô (ox.) — Garanhuns. Na serra de Garanhuns, hoje a mais florescente cidade do interior de Pernambuco dominou uma tribu. Parece-me que o topónimo se formou do clai-branco, io-não. Não branco. Seria isso applicado a tribu ou a algum quilombo que na serra se organizara?

Clai-xiúa (parox.) — Padre branco, sacerdote e católico.

Claixiúa-lhá (ox.) — Padre dístinto ; bispo. O tratamento de claixiúalhá é dado pelos carnijós ao padre Alfredo Damaso, grande e abnegado protector da tribu.

Clêkêniu (parox.) - Ouça.

Coctoçu-á (ox.) — Cabaço do pescoço.

Côia (parox.) — Cinco. Corresponde á mão aberta. Os carnijós não tem, no iatê, vocabulos para significação de algarismos alem de cinco Contam 1 fatuá, 2 teano, 3 lixino, 4 satutcano, 5 coia. Dai por deante recorrem ao português.

Cotçá (ox.) — Porta. As malocas só tem portas. Não ha vocabulo que traduza janela.

Coxá (ox.) — Aguardente.

Culá (ox.) — Anus.

Cumanção-a (parox.) — De vagar.

Dackê-á (ox.) — Chapeu.

Delai-á (ox) - Tamanduá

Djèlo-tá (ox.) — Nariz.
Djèlôta-cj (ox.) — Narinas, ventas.
Difè (ox.) — Roça pertencente á pessôa que fala. Minha roça.
Dii-cá (ox.) — Comer.
Diitac cá (ox.) — Vontade de comer ; fome.
Diôcac-alê (ox.) — Adeus ; até logo.
Dio-hó (ox., H aspirado) — Torax.
Dioti-cá (ox.) — querer ir.
Dioticade (parox.) — Não querer ir. O sufixo — de — indica contrariedade.
Diô-lá (ox.) — Nádegas.
Diu-á (ox.) — Intestinos.
Diu-i (ox.) — Peito, mamelão.
Djafoi-á (ox.) — Tia materna.
Dja-tê (ox.) — Boca.
Djati-ô (ox.) — Epigastro.
Djat-çá (ox.) — Queixo.
Djatça-li (ox.) — Barba.
Djatxi-á (ox.) Cuspo, saliva.
Djatxiati-cá (ox.) — Cuspir.
Dja-xi (ox.) — Dente.
Djo-cá (ox.) — Pescoço, Viajar.
Djocar-lê (ox.) — Ir.
Djono (parox.) — Umbigo.
Dju-txi (ox.) — Labios.
Djutxi-li (ox) — Bigodes.
Dókea (proparox.) — Panella.
Doneça-cá (ox) — Cana de açucar.
Doteça-cá (ox.) — Batata dôce.
Ecá (ox.) — Flexa.
Eca-cá (ox.) — Bom.
Ec-ca (ox.) — Pequeno.
Ecedetô-á (ox,) — Preguiçoso.
Ede-á (ox.) — Femea.
Edetudô-á (ox.) — Viuvo.
Edjadua-lhá (ox.) — Deus.
Efe-clá (ox.) — Homem velho.
Efô (ox.) — Marido.
Efudúnkia (proparox.) — Viuva.
Efô-ededónkia (proparox.) — Mulher separada do marido ; desquitada.
Efônedónkia (proparox.) — Esposa.
Efô-tudúnkia (proparox.) — Viuva.
Efu-á (ox.) — Serra.
Efunedúnkia (proparox.) — Mulher casada.

Eifôlha-lhá (ox.) — Mar.
Eike-cá (ox.) — Amarrar.
Ele-á (ox.) — Branco (côr).
Ele-cá (ox.) — Ruim.
Elido-cê (ox.) — Calvo, Careca.
Es-cá (ox.) — Ovo
Etascec-cecemém (ox.) — Mesa para comer.
Etac:êco-ceconém (ox.) — Pote, jarra.
Etco-á (ox.) — Morrer.
Etai-ô (ox.) — Cavallo.
Etaiôc-cá (ox.) — Pôldro
Etaiô-edô (ox.) — Egua.
Etça-cá (ox.) — Ant'pático.
Etcé (ov.) — Amarelo (côr)
Etdé-á (ox.) — Azul
Etkê-á (ox.) — Trabalhador, diligente.
Etki-á (ox.) — Voltar.
Etodôa (parox,) — Cadáver.
Etxic-arlê (ox.) — Chegar.
Etxidu-á (ox.) — Animal vivo.
Etxle-á (ox.) Vermelho (côr).
Etxúnkia (proparox.) — Doente.
Etutki (ox.) — Cumprimentar.
Exá (ox.) — Dôce ; assucar.
Eúkia (proparox.) — Matar.
Fatu-á (ox.) — Um (1).
Fakê-cá (ox.) — Comer.
Fê-á (ox.) — Lua.
Fecetxiki-á (ox.) — Parir.
Feiti-á (ox.) — Ticáca.
Feki-á (ox.) — Camaleão.
Fesc-lô-á (ox.) — Macaxeira : aipim.
Fetalô-á (ox.) — Formiga.
Feti-á (ox.) — Sol.
Fetu-á (ox.) — Esquerdo.
Fexu-á (ox.) — Rêde.
Feliua (proparox.) — Mulher velha.
Fitéi-á (ox.) — Noite.
Fini-kiá (ox.) — Diabo.
Flecatu-á (ox.) — Calor.
Flki-á (ox.) — Chover.
Fuli (ox.) — Rio.
Fuli-á (ox.) — Rio grande, caudaloso.
Fulniô (ox.) — Cabôclo da tribu carnijó.
Futia-cá (ox.) — Cobra.
Futxixo (parox.) — Pegar.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Iacê-cá (ox.) — Dansar.

Iadêdua (proparox.) — Menino.

Iadêdúnkia (proparox.) — Menina. O sufixo nkia serve para a formação de feminino dos substantivos e dos adjectivos.

Ia-fê (ox.) — Terra.

Iaki-txá (ox.) — Instrumento musical de tolê ; canudo de mais de um metro de comprimento.

Iatê (ox.) — Nome que os carnijós dão ao dialeto deste vocabulário

Iate-cá (ox.) — Triste lembrança de pessoa auseute ; saudade.

Iatene-cá (ox.) — Falar.

Iati (ox.) — Casa.

Iati-cá (ox.) — Chefe da tribu ; pagé.

Iati-lhá (ox.) — Cidade de Aguas-Belas, em frente á aldeia dos carnijós. De iati-casa e lhá sufixo que dá ideia de superlativo. Ao pé da letra : casa elevada, casa nobre.

Iau-cá (ox.) — Andar.

I-cá (ox.) — Filho.

Ica-çá (ox.) — Filha.

Icakêrle (parox.) — Sarar ; ficar bom.

Icê-tá (ox.) — Escrôto.

Icetca-cá (ox.) — Dansar. " Unima iceteacá tolêkê', — quero hoje dansar no tolê.

I-ci (ox.) — Avó.

Icia (proparox) — Mãe.

Ici-tá (ox.) Ventre ; barriga.

Ic-kiá (ox.) — Comer.

Icleteamucá (ox.) — Desculpe, perdão.

Icôt-cê (ox.) Mão.

Icô-tê (ox.) — Beber.

Icôt-kiá (ox.) — Unha.

Icôtile (proparox.) — Dêdo.

Ico-txá (ox.) — Braço em sentido geral.

Icotxakô-tá (ox.) — Braço (parte que vai do ombro ao cotovello).

Icôtxá-cleitxá (ox.) — Ante-braço.

Icsalê (ox.) — Lingua.

Ictac-cá (ox.) — Sêde.

Ictôno (parox.) — Perna.

Içamac-kiá (ox.) Casar.

Içamactac-cá (ox.) — Vontade de casar.

Içatoke-cá (ox.) — Copular.

Içotá (ox.) — Testa.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

I-dê (ox.) — Esposa.
Idiu-uca (parox.) — Cansar.
Idokê-a (ox.) — Fome.
Iecdecá (ox.) — Saber.
Iecded-cá (ox.) — Ignorar.
Iecetaçôte (parox.) — Castrar.
Ielicá (ox.) — Mêdo.
Ietua-cá (ox.) — Gostar.
I-fé (ox.) — Axila.
Ifê-atkê (ox.) — Alpercata ; calçado.
Ifê li (ox.) — Pelos das axilas.
Iferria (parox.) — Dedos do pé.
Ife-tçá (ox.) — Calcanhar.
Ifòc — Sobrinho.
Ifôkene (parox.) — Sobrinha.
I-hô (ox.) — Distinctivo varonil.
I-itô (ox.) — Avô.
Ikçá (ox.) — Meu.
Ikça-cá (ox.) — Minha.
Ikele-cá (ox.) — Cogote.
Ili (ox.) — Cabelo.
Iltac-cá (ox.) — Defecar.
Ineciá (ox.) — Cigarro.
Inet-cá (ox.) — Querer.
Inetcape (parox.) — Não querer; recusar
Inkia (proparox.) — Rato.
Iô (ox.) — Não.
Iocila (proparox.) — Coração.
Ioç-lakê (ox.) — Estar no coração.
Iokana (parox.) — Mais tarde.
Irre-tá (ox.) — Cintura.
Irrole (parox.) — Virilha.
Is cá (ox.) — Testiculo.
Iss-tê (ox.) — Tio.
Istiai-á (ox.) — Dia.
Itaótxi-cá (ox.) — Chamar.
Itec-ca (ox.) — Plantar.
Itcaxe-lê (ox.) — Sobrancelhas.
Itfê (ox.) — Pae.
It-kiá (ox.) — Cabeça.
It-lá (ox.) — Cachorro.
Itçá (ox.) Parente, primo.
Itça-ça (ox.) — Prima.
Ituci-tá (ox.) — Olho.
Itutini-cá (ox.) — Querer bem ; amisade.
Itxa-i (ox.) — Neto.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Itxainkia (proparox) — Neta.
Itxi-li (ox.) — Tia paterna.
Itxi-tô (ox.) — Joelho.
Itxo-cá (ox.) — Dôrso, costa.
Itxu-li (cx.) -- Pestanas.
Ixi (ox.) — Irmão. Ixi-iiço ox.) irmão mais moço ; iteun (proparox.) irmão mais velho.
Ixi-rri (ox.) — Pé.
I-xo (ox.) — Marido.
Ixokotane (parax.) — Coxa.
Jurupari (ox.) — Culto religioso que os carnijós praticam periodicamente no Ouricuri.
Kil-iá (ox.) — Diabo.
Kitxá (ox.) — Farinha.
Kitxiactôa (parox.) — Mandioca.
Kixá (ox.) — Mocó.
Locdê-á (ox.) — Cabaço.
Lefê-á (ox.) — Veado.
Lefêtiá (ox.) Boi.
Lefetia-odêá (ox.) — Vaca.
Lixino (parox.) — Tres (3).
Liki (ox.) — Feio.
Lustutuá (ox.) — Urubú.
Macae (parox.) — Arco ; arma de cabôclo.
Malte (parox.) — Milho.
Mucãua (proparox.) — Já.
Natça-cá (ox.) — Feijão.
Natô (ox.) — Mel.
Ocê-á (ox.) — Cachimbo.
Ocea-acá (ox.) — Fumar ; caximbar.
O-ix (ox.) — Agua.
Otscá (ox.) — Homem.
Otxaiá (ox.) — Machado.
Ouricuri (ox.) — Alem do nome da palmeira de que extraem a palha para a fabricação de utencilios, é o local em que praticam o culto religioso do jurupari. Aliás os carnijós prouunciam aricuri.
Oxá (ox.) — Môsca.
Quê-lhá (ox.) — Obrigado ; agradecido.
Re-çá (ox.) — Grande.
Sadêedê-hô (ox.) — Divorciando ; homem separado da mulher.
Saftxicá (ox.) — Abraçar.
Sa-het-kiá (ox.) — Fugir.
Salêu — Trovão.
Soma (parox.) — Amanhã.

Satidiónkia (ox.) — Namorada.
Satutcano (parox.) — Quatro (4).
Satutxica (parox.) — Beijo.
Saukiá (ox.) — Brigar.
Sili (ox.) — Flôr.
Taçamakikê (ox.) — Noivo.
Taçamakikêrrêtu-çá (ox.) — Noiva.
Taçatecea-kiá (ox.) — Voár.
Taçaxicá (ox.) — Ferver.
Tactalis (ox.) — Vagina.
Tactei (parox.) — Amancebar ; amaziar.
Tadiu-á (ox.) — Coragem.
Tafi-á (ox.) — Preá.
Tafkeá (ox.) — Macho.
Tafkeskiá (ox.) Gato.
Tafkeskiá-cotçá (ox.) — Gato do mato ; maracajá.
Taiça cá (ox.) — Macaco.
Takeme (parox.) — Vestido ; roupa.
Tatô á (ox.) — Ponta dentada de flexa.
Ta-txá (ox.) — Fôlha.
Teano (parox.) — Dois (2).
Têdi (ox.) — Caminho.
Tjilitx-kiá (ox.) — Passear.
Tiáia (proparox.) — Saguim.
Tilia-ti (ox.) — Inferno ; casa do diabo.
Tilexi (ox.) — Bonito.
Tilexine (parox.) — Bonita
Tilôa (parox.) — Faca.
Tiú-iá (ox.) — Estrela.
Toçá (ox.) — Tambem.
Tô-ê (ox.) — Fogo ; lume.
Tôle (ox.) — Dansa. A dansa religiosa do culto jurupari.
Tupia (parox.) — Nêgro (raça).
Tutia-cá (ox.) — Dôr.
Tuui-cá (ox.) — Queimar.
Txa-i (ox.) — Mulher.
Txa-kô (ox.) — Céo.
Txakine-xá (ox.) — Rapaz.
Txanúa (parox) — Ele.
Txi-cá (ox.) — Calangro.
Txidó-á (ox.) — Vêrde (côr).
Txidio (proparox.) — Peixe.
Txifakê (ox.) — Orêlha.
Txifakê-ci (ox.) — Ouvido.
Txle-cá (ox.) — Pau.

Txleca-totodôa (parox.) — Pau sêco.
Txeleca-totodôa-tuliá (ox.) — Pau cortado.
Txelecá-txidua (parox.) — Pau vivo ; madeira verde ; arvore.
Txitxi-á (ox.) — Prêto (côr).
Uá (ox.) — Este ; esta.
Ua-cá (ox.) — Lagôa,
Uatçá-cá (ox.) — Perú.
Uê (ox.) — Eu.
Unima (parox.) — Hoje.
Ustina (parox.) — Breve
Utxas-kiá (ox.) — Dinheiro.
Utxi (ox.) — Carne ; vianda.
Utxilicacetaêcidôá (ox.) — Nome porque conhecem a cidade que tem hoje a denominação de Bom Conselho. Ao pé da letra caça castrada. Os antigos carnijós tinham o hábito de aprisionar os animaes, castra-los e solta-los para engorda nos campos de que mais tarde surgiu a cidade de Bom Conselho. O nome originário de Bom Conselho foi Capa-caça, posteriormente deturpado em Papa-caça.
Xi-á (ox.) — Frio.
Xixi-á (ox.) — Ladeira.
Xô-á (ox.) — Tejú.
Xônen (parox.) — Cunhado.

XII

Vocabulário português-iatê

Abraçar — Saftixi-cá (oxitono)
Açúcar — Exá (ox)
Adeus — Diocanc-alê (ox.)
Agua — O iá (ox.)
Aguardente — Coxá (ox.)
Aguas-Belas (cidade) — Iati-lhá (ox.)
Agradecido — Que-lhá (ox)
Algodão — Ce-iá (ox.)
Alpercata — Ife-etkê (ox.)
Amanhã — Soma (paroxitono)
Amarelo (cor) — Etce-á (ox.)
Amarrar — Eike-cá (ox.)
Amaziar-se — Tactéi (parox.)
Amisade — Itutini-cá (ox.) ; Ioç-lake (ox.)
Amor — Ioç-lake (ox.)
Andar — Iaucá (ox.)
Animal — Etxidu-á (ox.)
Antebraço — Icotxá-cleitxá (ox.)
Antipático — Etçaçá (ox.)
Anus — Culá (ox.)
Arco — Macâe (parox.)
Arvore — Txelecá-txidúa (parox)
Avó — Ici (ox.)
Avô — I-ito (ox.)
Axila — Ifê (ox.)
Azul — Etde-á (ox.)
Barba — Djatsa-li (ox.)
Barriga — Ici-tá (ox.)
Batata doce — Doteça-cá (ox.)
Beber — Icô-tê (ox.)
Beijo — Satutxica (parox.)
Bezerro — Catofe-á (ox)
Bigode — Djutxi-li (ox.)

Bispo — Claixiua-lhá (ox.)
Boanoite — Acacáuma (proparoxitono)
Boatarde — Acacáuma (prop.)
Boca — Dja-te (ox.)
Boi — Lefeti-a (ox.)
Bom — Eca-cá (ox.)
Bom Conselho (cidade—(Utxilicacetaecedô-á (ox.)
Bom dia — Acacáuma (prop.)
Bonita — Tilexine (parox.)
Bonito — Tile-xî (ox.)
Braço inteiro — Icotxá (ox.)
Braço (parte que vai do hombro ao cotovelo) — Icotxake-tá (ox.)
Branco (cor) — Elé-á (ox.)
Branco (homem) — Clai-í (ox.)
Breve — Ustiua (prop.)
Brigar — Sauki-á (ox.)
Cabaço — Lêcdê á (ox.)
Cabaço de pescoço — Coctoçu-á (ox.)
Cabêça — Itkiá (ox.)
Cabêlo — Iií (ox.)
Caboclo — Ceti-çô (ox.)
Caboclo carnijó — Fulniô (ox.)
Cachorro — It-lá (ox.)
Cadáver — Etdo-á (ox.)
Calangro — Txicá (ox.)
Calcanhar Ifet-çá (ox.)
Calçado — Ifê-etkê (ox.)
Calor — Flocatu á (ox.)
Calvo — Elidocê (ox.)
Camaleão — Fe-kiá (ox.)
Caminho — Te-dí (ox.)
Cana de açucar — Doneca-ca (ox.)
Careca — Elidocê (ox.)
Carne — Utxí (ox,)
Casa — Cetí ; iatí (ox.)
Casar —Içamac kiá (ox.)
Castrar — Icotaçote (parox.)
Cançar — Idiu-uca (parox.)
Cavalo — Etaiô (ox.)
Caximbo — Oce-á (ox.)
Ceo — Txakê (ox.)
Chamar — Itactxi-cá (ox,)
Chapeo — Dácke-á (ox,)
Chefe — Iati-cá (ox)
Chegar — Etxic-arlê (ox.)

Chover — Flikiá (ox,)
Cigarro — Ineciá (ox.)
Cinco (5) — Coia (parox.)
Cintura — Irretá (ox.)
Cobra — Futia-cá (ox.)
Cogote — Ikelê-cá (ox)
Comer — Diicá (ox.) ; fake-cá (ox.)
Coração — Iócila (proparox.)
Coragem — Tadiu-á (ox.)
Correr — Ic kiá (ox.)
Costa — Itxo-cá (ox.)
Coxa — Ixoketane (parox.)
Cuia — Afi-á (ox.)
Cumprimentar — Etut-kiá (ox.)
Cunhado — Xônen (ox.)
Cuspir — Djatxiati-cá (parox.)
Cuspo — Djatxiá (ox.)
Dança — Tolê (ox.)
Dançar — Icetca-cá (ox.) ; iace-cá (ox.)
Dedo — Icôtle (parox.)
Dedos do pe — Iferría (parox. (
Defecar — Iltac-ecá (ox.)
Dente — Djaxí (ox.)
Desculpe — Icleteamu-cá (ox.)
Desquitada — Efo-ededónkia (proparox.)
Deus — Edjadualhá (ox.)
Dia — Istiaiá (ox.)
Diabo — Kiliá (ox.) ; Finikiá (ox.)
Dinheiro — Utxaskiá (ox.)
Direito — Cedekincê (ox.)
Divorciado — Sadeedehô (ox.)
Doce — Exá (ox.)
Doente — Etxúnkia (proparox.)
Dois (2) — Tcano (parox.)
Dor — Tulia-cá (ox.)
Dorso — Itxo-cá (ox.)
E'gua — Etaio-edeá (ox,)
Ele — Txanúa (parox.)
Enganar — Adicnecá (ox.)
Epigastro — Djatio (ox.)
Escroto — Icetá (ox.)
Espinho — Celô-á (ox.)
Esposa — Efonedonkia (Parox.) ; ido (ox.)
Esposo — Efô (ox.)
Esquerdo — Fetuá (ox.)
Esta — Uá (ox.)

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Este — Uá (ox.)
Esteira — Ace-á (ox.)
Estrela — Finiá (ox.)
Eu — Ue (ox)
Faca — Tilôa (parox.)
Falar — Iatenecá (ox.)
Falus — I-hô (ox., h aspirado)
Farinha — Kitixiá (ox.)
Feijão — Natça-cá (ox.)
Femea — Edeá (ox.)
Feio — Liki (ox.)
Ferver — Taçaxicá (ox.)
Flexa — Ecá (ox.)
Flor — Si-lí (ox.)
Filha — Ica-çá (ox.)
Filho — Icá (ox.)
Fogo — Tô-ê (ox.)
Folha — Tatxá (parox.)
Fome — Idokê-á (ox.)
Formiga — Fetalo-á (ox.)
Frio — Xi-á (ox.)
Fugir — Sahetkiá (ox.)
Fumar — Ocea-acá (ox.)
Fumo — Cedai-iá (ox.)
Galinha — Citaduá (ox.)
Garanhuns — Clai-o (ox.)
Gato — Tafkeskiá (ax.)
Gostar — Ietua-cá (ox.)
Grande — Réssa (parox.)
Hoje — Unima (parox.)
Homem — Otscá (ox.)
Idioma carnijó — Iatê (ox.)
Ignorar — Iecdêdcá (ox.)
Imediatamente — Atdia (parox.)
Inferno — Tihatí (ox.)
Intestinos — Diu-á (ox.)
Ir — Djocarlê (ox.)
Irmão — Ixi (ox.) Irmão mais moço, ixiiço (ox. irmão mais velho, iteu-a (proparox.)
Já — Mucã-ua (proparox.)
Jarra — Etcac-ceco-cecenem (ox.)
Joelho — Itxitô (ox.)
Lábios — Djutxí (ox.)
Ladeira — Xixi-á (ox.)
Lagoa — Uacá (ox·)
Lingua — Icsale (ox.)

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Lua — Fe-á (ox.)
Lume — Tô-ê (ox.)
Macaco — Taiçacá (ox.)
Macaxeira — Fesc-lôâ (ox.)
Machado — Otxaiá (ox.)
Macho — Tafkeá (ox.)
Mandioca — Kitxiactôá (parox.)
Mãe — Icia (parox.)
Mamilo — Diuí (ox.)
Mão — Icôt-cê (ox.)
Mar — Eifolhalhá (ox.)
Maracajá — Tafkêskiá-cetçá (ox.)
Marido — Efò (ox.); ixô (ox.)
Mais tarde — Iokana (parox.)
Matar — Eúkia (proparox.)
Medo — Ielicá (ox.)
Mel — Natô (ox.)
Menina — Iadedúnkia (proparox.)
Menino — Iadêdua (proparox.)
Mêsa para refeições — Etacsêc-ceceném (ox.)
Meu — Ikçá (ox.)
Milho — Malte (parox.)
Minha — Ikçacá (ox.) Minha roça, difê (ox.)
Mocó — Kicá (ox.)
Morrer — Etcoá (ox)
Môsca — Oxá (ox.)
Mulher — Txa-í (ox.) Mulher casada, Efunedunkia (proparox.); mulher honesta, Ceaucauãne (parox.); mulher separada do marido, Efo-ededónkia (proparox.)
Nádega — Diolá (ox.)
Namorar — Satidiónkia (proparox.)
Noite — Fité-iá (ox.)
Não — Io (ox.) Não querer ir, dioticado (parox.)
Narinas — Dgeletací (ox.)
Nêgro (raça) — Tupia (parox.). Nêgro (cor) — Txitxi á (ox.)
Neta — Itxaínkia (proparox.)
Neto — Itxa-í (ox.)
Noiva — Taçamakikêrretuçá (ox.)
Noivo — Taçamakikê (ox.)
Obrigado — Kê-lhá (ox.)
Olho — Itucitá (ox.)
Onça — Clekeníu (parox.)
Orelha — Txifakê (ox.)
Ouvido — Txifakecí (ox.)

Ovo — Escá (ox.)
Padre — Claixiúa (parox.)
Pae — Itfê (ox.)
Pagé — Iati-cá (ox.)
Pano — Cetkê (ox.)
Panela — Dôkea (proparox.)
Parente — Itçá (ox.)
Parir — Fecetxiki-á (ox.)
Passarinho — Ceêtô (ox.)
Passear — Tgilitxkiá (ox.)
Pau — Txelêcá (ox.). Pau cortado, Txlecá-totodoa-tuliá; pau sêco, Txlecá-totodoa (parox.)
Pé — Ixirrí (ox.)
Pegar — Futxixe (parox.)
Peito — Diuí (ox.)
Peixe-Txídio (proparox.)
Pêlos das axilas — Ifê lí (ox.)
Pequeno — Ec-cá (ox.)
Perna — Ictone (parox)
Perú — Uatçacá (ox.
Pescoço — Djocá (ox.)
Pestanas — Itxullí (ox.)
Pilão — Cituá (ox.)
Plantar — Itec-cá (ox.)
Poldro — Etaioc cá (ox.)
Ponta dentada de flexa — Tato-á (ox.)
Porta — Co-tçá (ox.). Porta de casa de caboclo, cetiçoti-cotçá (ox.)
Pote — Etac-sêco-cecenêm (ox.)
Preá — Tafiá (ox.)
Preguiçoso — Ecedetoá (ox.)
Prêto — Txitxi-á (ox.)
Prima — Itçaçá (ox.)
Primo — Itça (ox.)
Quatro (4) — Satutcano (parox.)
Qeimar — Tuuicá (ox.)
Queixo — Djatçá (ox.)
Querer — Inetcá (ox.) Querer ir. Dioticá. Querer casar Icamactac-cá.
Rato — Inkia (proparox.)
Rapariga — Cô-iá (ox.)
Rapaz — Txakine-xá (ox.)
Recuar — Inetcade (parox.)
Rêde — Foxuá (ox.)
Rio — Fulí (ox.) Rio grande, Fulicá (ox.)
Roça — Cekefê (ox.)

Roupa — Takeme (parox)
Ruim — Elecá (ox.)
Saber — Iecdecá (ox.)
Sacerdote — Claixiúa (parox.)
Saguim — Tiáia (proparox.)
Saliva — Djatxiá (ox.)
Sarar — Icakêrle (parox.)
Saudade — Iatecá (ox.)
Sêde — Ictac-cá (ox.)
Selvagem — Cetçá (ox.)
Selvicola — Cetçô (ox.)
Serra — Efuá (ox.)
Sim — An-han (ox., h aspirado)
Sol — Fetiá (ox.)
Sobrancelhas — Itcoxolê (ox.)
Sobrinha — Ifôkene (parox.)
Sobrinho — Ifôc (parox.)
Taba — Cetocotí (ox.)
Tabaco — Cedái-iá (ox.)
Tamanduá — Delaiá (ox.)
Tambem — Toçá (ox.)
Tecido de algodão — Ceiá ocediôa (parox.)
Terra — Iafê (ox.)
Tejù — Xoá (ox.)
Teu — Akçaçá (ox.)
Testa — Içôtá (ox.)
Testiculo — Iscá (ox.)
Ticaca — Feitiá (ox.)
Tia materna — Djafoi-á (ox.)
Tia paterna — Itxiií (ox.)
Tio — Icitê (ox.)
Tórax — Dio-hô (ox.)
Trabalhador — Etkêá (ox.)
Tres (3) — Lixino (parox.)
Trovão — Salêu (parox.)
Tua — Akçacá (ox)
Um (1) — Fatuá (ox.).
Umbigo — Djone (parox.).
Unha — Icotkiá (ox.).
Urubú — Lustutuá (ox).
Urinar — Ceskiá (ox.).
Vaca — Lefêtiá-edêa (ox.)
Vagarosamente — Cumãçãua (proparox.)
Vagina — Tacsalís (ox.).
Veado — Lefe-á (ox.).
Velha (mulher) — Filíua (proparox.).

SciELO

Velho (homem)— Efeclá (ox.)
Ventas — Dgeletací (ox.)
Ventre — Icitá (ox.)
Verde — Txidéá (ox.)
Vermelho — Etxlêá (ox.)
Vestido — Takeme (ox.)
Viajar — Djocá (ox.)
Vianda — Utxí (ox.)
Virilha — Irrolí (ox.)
Viuva — Efotudunkia (proparox.)
Viuvo — Edetudoá (ox.)
Voar — Tacateakiá (ox.)
Você — Auê (ox.)
Voltar — Etkiá (ox.)
Vontade de casar — Içamactac-cá (ox.)
Vontade de comer — Diitac-cá (ox.)

XIII

O direito dos carnijós ás terras que lhes foram doadas

Visitando a tribu carnijó de Aguas Belas — velha aspiração que de ha muito nutria para conhecer de perto os remanescentes dos nossos primitivos habitantes — era meu intuito simplesmente estudar os usos, os costumes, as tradições e a lingua dos representantes de uma raça que mais cêdo ou mais tarde ficará extincta, absorvida por elementos extranhos e mais fortes.

Para que meu estudo fôsse tão completo quanto possivel, dentro do curto espaço de uma visita de poucos dias, afastei-me um pouco da etnologia e da etnografia e rebusquei velhos arquivos, onde verifiquei que essa tribu era usufruturária de grande extensão de terras, em virtude de cartas régias e alvarás cujos conteúdos transcrevi. Ao mesmo tempo tive de extranhar que esses infelizes brasileiros, sem capacidade juridica, tutelados do govêrno da União, estivessem despojados de seus bens, de que hoje são possuidores os civilizados de Aguas Belas. Foi isso um incidente no meu estudo publicado em parcelas *Diario de Pernambuca*, mas destinado ás associações scientificas de que faço parte, para maior divulgação.

Acontece agora que 154 possuidores de terras dos carnijós vem, nos « A Pedidos » do « Jornal do Commercio » negando que haja indios em Aguas Belas.

Toma, assim, a cousa outro carácter. Foi esta a artimanha que sempre empregaram, para melhor usurparem os direitos dos carnijós.

Este refrão tem sido repetido com tanta insistencia, que o proprio dr. Estacio Coimbra tinha duvidas se em Aguas Belas ainda havia remanescentes dos Carnijós, duvidas que devem ter desaparecido ante o que

o seu delegado especial dr. Rafael Xavier viu e ante as provas que trouxe a deve ter apresentado a sua exa..

Certo não ha mais em Pernambuco habitantes no estado que os encontrou Duarte Coelho: tanga de penas, corpo despido e pintado a genipapo, arco e flecha. Mas não é o hábito que faz o monge. Nem um negro ou um branco, por pintar o corpo e enfeitar-se de penas, se torna indio de raça; nem um indio perde sua qualidade etnográfica, por usar calça e paletó.

E' certo que entre os carnijós existe mescla, mas em pequena proporção. Em proporção tão pequena que os ádvenas se adaptam aos costumes dos carnijós e não estes aos habitos daqueles.

Cabe aqui a talho de foice, o seguinte conceito de Laudelino Freire: «Condição imprescendivel á existencia de um povo é o possuir uma lingua, que todos lhe conheçam como própria».

Os carnijós tem lingua propria e somente no itê se comunicam. O portugues é, para eles, lingua auxiliar, usada exclusivamente com os estranhos á aldeia. Publiquei trezentos e tantos vocabulos desse idioma Não os inventei. Colhi-os na fonte.

Os carnijós tem habitos proprios; tem religião propria; tem até leis consuetudinárias, das quaes se deriva a eleição de um chefe, que exerce essas funcções até a morte.

Como, pois, negar a existencia de uma raça que se mantem integrada nas suas tradições e que conserva a sua lingua?

Admitamos, por hipótese, apenas para argumentar, que não haja mais carnijós em Aguas Belas e sim descendentes destes, mesclados com outras racas.

Em poder desses descendentes, qualquer que fosse a dose de sague brasilico de suas artérias, é que deveriam estar as terras que á tribu concedeu o governo e não em poder dos «brancos» que nada tem com os carnijós, que não podiam adquirir terras destes porque lhes mingua capadade para actos juridicos, simples tutelados que são do governo central.

Mesmo que a posse dos carnijós houvesse caducado, por abandono, dada a inexistencia da tribu, essas terras voltariam ao dominio do governo, como devolutas, e não poderiam cair em mãos de particulares.

Desse dilema é que não podem fugir os 154 signatarios dos «A pedidos», possuidores das terras

que em 1705 foram distribuidas aos selvicolas da região do Ipanema.

A balela da inexistencia de carnijós em Aguas-Belas está morta. Que os carnijós, existem, atesta-o o dr. Antonio Estigarribia, representante especial do Ministerio da Agricultura; atesta o dr. Rafael Xavier, enviado especial do governo de Pernambuco para averiguar a verdade dos factos; e atesta o signátario deste, á sua fé de secretario perpetuo do Instituto Arqueológico. Existem e é chegada a hora das suas reivindicações.

SciELO

XV

Decisão do Governo — Victoria dos Carnijós

Em reunião havida no palacio do governo, presentes o dr. Antonio Estigarribia, representante do Ministerio da Agricultura, e o coronel Salustiano de Siqueira, chefe politico em Aguas Belas e representante dos possuidores de terras doadas aos indios carnijós por carta régia de 1705, escolhido o dr. Estacio Coimbra para arbitro da antiga contenda, foi esta resolvida em reconhecimento ao direito dos indios.

Partindo do principio de que as terras pertencem aos carnijós mas ha em alguns lotes bemfeitorias feitas pelos posseiros, foi combinado o seguinte :

a) As terras occupadas por extranhos á tribu, mas não cultivadas por estes, passarão immediatamente ao poder dos carnijós, dando-se aos posseiros o praso de seis mezes para a retirada das bemfeitorias que, por ventura hajam, feito.

b) As terras occupadas por extranhos á tribu, e por estes cultivadas passarão ao regimen de arrendamento, mediante importancia combinada que será paga aos carnijós por intermedio do posto do Serviço de protecção aos indios.

Solução foi esta que merece francos applausos, por dar cabo a velha contenda, com o reconhecimento de um direito bi-secular, e porque mais facilmente integrará na civilização, habituando ao trabalho agricola, varias centenas de brasileiros, legitimos remanescentes dos primitivos habitantes de Pernambuco.

Publicamos, a seguir, o acto do exmo. sr. governador do Estado, com o qual, estudadas todas as hypotheses, fica resolvida a semi-secular contenda que existia entre os grandes proprietarios de Aguas Bel-

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

las e os indios Carnijós, ali aldeiados desde 1705, em virtude de carta regia da corôa portuguesa.

Reconhecendo integralmente o direito dos indios ás terras que lhes foram doadas, ainda assim o dr. Estacio Coimbra acautelou de certo modo, interesses dos que de boa fé se achavam na posse de varios lotes bem como interesses do municipio e do patrimonio da Egreja.

Conhecida que fôra, em linhas geraes, a solução do caso, unanimes applausos recebeu o governador do Estado, applausos que se tornarão mais intensos com a divulgação do acto official a que damos abaixo publicidade :

N. 637 — O governador do Estado, como arbitro, diante das considerações contidas nos memoriaes apresentados pelos drs. Antonio Martins Vianna Estigarribia, representante do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio e Rafael Xavier, representando o governo do Estado, sobre a pendencia entre os occupantes das terras do antigo aldeiamento do Ipanema, no municipio de Aguas Bellas e os descendentes dos indios Carnijós, a quem foram doadas pela carta regia de 5 de junho de 1705, as terras comprehendidas no alludido aldeiamento ; considerando, que o direito dos remanescentes dos indios Carnijós apoia-se em titulo certo e liquido ; mas, considerando, que durante muitos annos parte das terras do aldeiamento tem sido occupada por particulares, que nellas possuem bemfeitorias, lavouras e pastagens ; considerando ainda, que em consequencia da occupação ha interesses legitimos a resguardar, resolve baixar o seguinte acto :

1.º — Resalvado o patrimonio de N. S. da Conceição de Aguas Bellas, doado pelos indios em 1832, no qual está situada parte da cidade de Aguas Bellas, a area concedida aos indios, comprehendidas nos limites do aldeiamento do Ipanema, será entregue á administração do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, para que nella residam os descendentes dos Carnijós, de accordo com o regulamento do Serviço de Protecção aos Indios, com as restricções neste acto determinadas.

2.ª — Os actuaes posseiros que, occupam com moradia e culturas effectivas de qualquer natureza lóte ou parte de lóte sobre o qual não incida nenhuma reclamação do seu dono indio, por haver este morrido ou por outro motivo qualquer, poderão se quizerem, adquiril-o, por pagamento immediato ou em prestações, ao preço local que for calculado por uma Repartição do Estado, não excedendo, porém de 25 hectares de terras agricolas a area a considerar, podendo ser maior si destinada á criação.

3.ª — Os lótes ou partes de lótes que pertencerem, por indicação escripta do engenheiro que os demarcou ou pela tradicção, a algum indio ou descendente de indio, serão annotados como pertencentes a esse ou descendente de indio, ficando o occupante obrigado ao pagamento do arrendamento correspondente á quantidade dos terrenos que occupar.

4.ª — Os lótes ou partes de lótes, cujos retentores tenham nelles cultura de qualquer natureza, serão arrendados a esses retentores, tendo o Serviço de Protecção aos Indios, em igualdade de condições a preferencia, na acquisição das bemfeitorias, quando quizerem dellas dispôr. não podendo a transação ser feita, em hypothese nenhuma, sem audiencia dessa repartição.

5.ª — Os lótes ou partes de lótes que não forem occupados por cultura serão immediatamente entregues ao alludido Serviço, para nelles serem localizados os indios desprovidos de terras dando-se tempo, nunca excedendo de seis mezes, para a retirada do material, inclusive estacas de cercas, que o retentor possua e não queira entregar para indemnização, não se comprehendendo nesse material, madeira ou lenha, cuja extracção sera prohibida.

6.ª — As fontes, isto é, olhos d'agua usados para abastecimento d'agua á cidade, serão consideradas reservas de utilidade publica e, numa area razoavel e determinada, entregues á Municipalidade de Aguas Bellas, com a condição de não permittir ahi, morador ou plantação, salvo a de essencias florestaes.

SciELO

7.ª — A cada indio posto na posse de um lóte, será passado o titulo respectivo, com a condição de não fazer sobre esta sua propriedade nenhuma transação.

8.ª — Na caatinga e nas encostas pedregosas da serra, o Serviço de Proteção aos Indios, ensaiará, mediante plantação de forragens apropriadas e construcção de aramados, a criação que for possivel para os indios, organizando, logo que a situação permitta, estação de monta para melhoria do gado regional.

9.ª — Si em virtude da execução das medidas referidas nas condições anteriores, fôr abandonada alguma casa ou outra benfeitoria, o seu dono deverá ser indemnisado, mediante avaliação.

10.ª — De todas as vendas serão passados os correspondentes titulos ; bem como lavrados contractos referentes aos arrendamentos que se fizerem, de accôrdo com as instrucções do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, e na forma prescripta pelo Codigo Civil.

11.ª — Os preços, tanto das vendas, como dos arrendamentos, serão feitos de accôrdo com as informações das Repartições do Estado, que as puderem fornecer.

12.ª — Os arrendamentos, mesmo quando se distinarem ao pagamento dos indios, serão effectuados mediante recibo e rigorosa escripturação, por funccionario designado pelo Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio.

13.ª — Os arrendamentos que se não destinarem a pagamento de indios, bem como o producto de venda dos lótes, serão applicados, de accôrdo com as instrucções do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, em beneficio dos indios, de preferencia em ensino e tratamento de saúde, especialmente o tracoma e opilaçãc

14.ª — Os filhos dos rendeiros e elles proprios gosarão de todos os tratamentos medicos, remedio e ensino ministrados pelo Posto, fundado

em Aguas Bellas, extendendo-se esses beneficios á população pobre.

15.ª — Salvo as obrigações assumidas nos contractos que assignarem todas as demais relações dos moradores entre elles e o encarregado do Posto serão as reguladas pelo Codigo Civil e mais leis brasileiras.

16.ª — Para completar a area urbana e de accordo com o desenvolvimento que vae tendo a cidade, ser-lhe-á concedida, contiguamente ao perimetro actual, a fachada que for combinada por uma commissão em que figurem representantes do governo federal do governo estadual e da Prefeitura local, harmonisados os interesses dos indios attingidos pela demarcação.

17.ª — Por extincção do Serviço Federal, ou emancipação do Posto. todos os lótes que estiverem desoccupados e todos aquelles cujos donos não houverem liquidado a sua acquisição, voltarão ao dominio do Estado de Pernambuco estes ultimos para que seja completado o pagamento e expedido o respectivo titulo ».

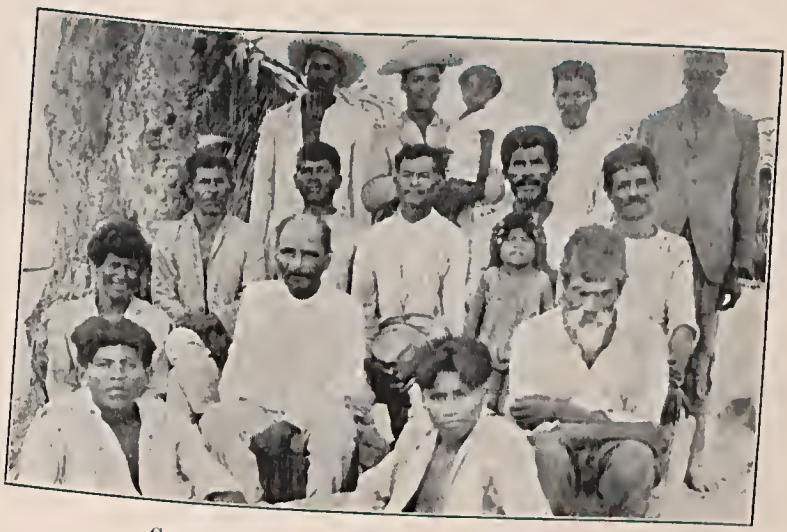
—

Ao secretario perpetuo do Instituto Archeologico dirigiu o director do Serviço de protecção aos indios o seguinte telegramma :

RIO, 18 — Dr. Mario Mello, secretario perpetuo do Instituto archeologico e historico Recife — Venho abraçar o meu caro amigo pela justa e patriotica solução dada á questão de terras dos indios de Aguas Bellas pelo eminente e benemerito governador dr. Estacio Coimbra. A ti e ao dr. Rafael Xavier muito devemos tão feliz desenlace de um assumpto a que se prendiam interesses politicos do municipio Congratulemo-nos, pois, e com os nossos patricios Carnijós pela redenção do velho solar dos seus avós, cuja tradição guardam com imperecivel amor. Calorosos e effusivos abraços. — General Rondon.

---

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16



Grupo de carnijós, vendo-se á direita o pagé chefe

Mario Melo e Raphael Xavier, rodeados de carnijós.
Ao fundo a senhorita Maria Luiza Jacobina, desvelada professora dos carnijós

Uma familia carnijó

Grupo de creanças carnijós

SciELO

Avosinha carnijó entre filha e netos

Rev. Padre Alfredo Damaso

Sarapo, legitimo fulniô
leader de aldeia carnijó

Typo de belleza carnijó

SciELO

JOSÉ PINTO DA FONSECA
SUB-ASSISTENTE DO MUSEU PAULISTA

UM NOVO GENERO DE COCCIDEO LECANIINAE
(HEMIPT.)

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

UM NOVO GENERO DE COCCIDEO LECAMIINAE (Hemipt.)

PENDULARIA NOV. GEN. (1)

DIAGNOSE: *Adulto feminino, segregando um ovi-sacco muito longo, que chega a attingir 40 mm. de comprimento por 6 mm. de largura, direito, flexivel, livre e pendente para a extremidade inferior e cuja ponta sustém o insecto.*

O novo genero apresenta affinidade com os generos *pulvinaria*, *Protopulvinaria takahashia* e *Pulvinella*, dos quaes, porém, se separa pelos caracteres da respectiva diagnose. Typo: *Pendularia pendens nov. sp.*

PENDULARIA PENDENS NOV. SP.

Adulto feminino, durante a gestação, fixa-se inteiramente na parte inferior de um galho fino da planta hospedeira, abarcando-o quasi por completo. Neste estadio, chega a uma forma mais ou menos globular, assymetrica com o dorso muito convexo.

A derme é molle, lisa e totalmente coberta por uma camada muito fina de secreção branca e pulverulenta.

---

(1) Para reservar-me o direito de prioridade, publicar antecipadamente o presente artigo na revista «Chacaras e Quintaes», Vol. 36. Num. 3 pp. 266 - 270, Setembro de 1927.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Inicia a desova, a femea endurece e se desprende do lugar de fixação, segregando da parte ventral do corpo, uma substancia filamentosa que vae formando um ovi-sacco de fios paralellos que se vão encompridando para baixo, preso ao galho, sustentando o insecto no estremo inferior, ficando este pendente no fim da secreção filamentosa, com o dorso para baixo.

Terminada a secreção que formou o ovi-sacco, o insecto contrahe-se, approximando as bordas lateraes em sentido longitudinal tomando a forma de pequeno «grão de bico».

O ovi-sacco é relativamente muito longo, em forma tubular achatada, mais largo no ponto de fixação, afilando-se gradativamente para a extremidade inferior, onde sustem o insecto. Mede 30-40 mm. de comprimento, por 5-6 de largura, no seu maior diametro.

O agglomerado de fios que o forma é branco-sujo, muito macio e um tanto pegajoso como os fios da teia de aranhas. Os fios são finissimos, em grande numero, muito serrados, paralellamente pendentes a prumo, não deixando ver os milhares de ovos que protegem. Amadurecidos os ovos, por entre os fios começam a sahir as pequenas larvas que se espalham pelos ramos.

A côr geral do insecto é amarello-pallida, tornando-se a derme molle e transparente depois de fervido em uma solução de KOH, tingindo o liquido de castanho claro.

Antennas bem desenvolvidas, de 7 articulações, medindo de comprimento 450 μ. Todas as articulações, excepto a 3.ª tem pellos; a 4.ª articulação traz um profundo septo do lado interno e a ultima um grupo de 6-7 pêlos curtos e fortes. O comprimento das articulações é o seguinte: (1) 110 μ (2) 70 μ (3) 120 μ (4) 100 μ (5) 40 μ (6) 30 μ (7) 30 μ. Em frente ás antennas proximo á sua base, ha um grupo de tres pequenos pêlos, em cada lado.

As pernas são de côr pardo-escuras e bem desenvolvidas. As articulações do primeiro par tem as seguintes dimensões: Coxa 130, trochanter 150, fe-

SciELO

mur 270, tibia 220. tarso 11, unha 30 μ. Todas as articulações com pequenos pêlos esparsos nos lados interno e externo; coxa, trochanter e tibia com um pêlo comprido sub-terminavel. Lado supero-anterior da tibia com tres leves incisões, das quaes, a primeira é maior. Tarsos ligeiramente alargados na extremidade e tocando á ponta da unha. Unhas um pouco curvadas, terminadas em ponta aguda; digitulos das unhas ultrapassando a ponta destas, mais grossos do que os dos tarsos, com extremidades redondas e dilatadas.

Rostro situado entre o primeiro par de pernas; laço rostral curto, não se extendendo bem até a meia distancia para o segundo par de pernas. Placas anaes pequenas, pardo-escuras, triangulares; as margens internas e postero-lateraes mais compridas que as margens antero-lateraes. Cada uma das placas anaes com um pello comprido no angulo posterior.

Annel anal com 12 pêlos compridos. Margem da parte posterior do corpo com alguns espinhos grossos e curtos. A derme em ambas as superficies dorsal e ventral, tem numerosas glandulas em forma de 8; na superficie ventral observa-se tambem algumas glandulas maiores e circulares.

Larva recem-nascida elliptica, de côr amarello-clara.

Olhos grandes, globulares e de côr pardo-escura. Antennas bem desenvolvidas, de 7 articulações, medindo 140 μ de comprimento. Articulações 3 e 7 maiores, mais ou menos de igual comprimento. Todas as articulações, excepto a 4 e 5, com pellos. A 7.ª articulação tem seis pêlos, um dos quaes, o da extremidade apical, tem mais ou menos o comprimento da metade da antenna. Pernas compridas e delgadas; digitulos tarsaes compridos, delgados; ultrapassando em comprimento a ponta das unhas com extremidades levemente alargadas. Unhas delgadas, terminadas em ponta aguda; digitulo das unhas ultrapassando a ponta destas e com extremidades dilatadas. Laço rostral longo, extendendo-se até ás placas. Margens lateraes do corpo finamente denticuladas; areas estigmaticas do prothorax e me-

sothorax com espinho curto, grosso, truncado e dirigido para a parte posterior, Todos os segmentos abdominaes com um pequeno pello muito fino em cada lado, margem anterior, entre as antennas, com 7-8 pequenos pellos finos. Extremidade posterior do abdomen terminada em duas setas finas e compridas, acompanhadas de dois pequenos pellos, em cada lado.

Ovos de côr pardo-escura, elliptico, medindo 320 micra de comprimento por 200 micra de largura.

O macho da presente especie não nos foi possivel encontrar.

Encontrado no lado inferior de gallhos de jaboticabeira, *Eugenia jaboticaba*, em varios pontos da cidade de S. Paulo.

O typo se acha incorporado ás collecções entomologicas da Commissão de Estudos e Debellação da Praga Cafeeira, sob o numero 195.

Alguns exemplares deste insecto já com o ovisacco formado, foram trazidos ao laboratorio de entomologia, da Commissão de Estudo e Debellação da Praga Cafeeira, pelo auxiliar Snr. Donias Braz, em Setembro de 1926.

Fomos em companhia do Snr. Manoel Lopes de Oliveira Filho, chefe do laboratorio de entomologia da mesma Commissão, e a seu convite, á Rua Sampaio Vianna n. 23, residencia da Exma. Sra. D. O. Sampaio Moreira, colher material e examinar *in loco* o insecto, o que nos foi gentilmente facultado pela proprietaria.

Cumpre-nos o grato dever de agradecer ao Snr. Dr. Arthur Neiva, o interesse com que acolheu o presente trabalho.

Egualmente gratos ficamos ao Snr. Manoel Lopez de Oliveira Filho, nosso digno chefe de serviço, que se interessou cordialmente pelo estudo do insecto em questão, pondo á nossa disposição todo o material que possuia e a quem devemos as photomicrographias que illustram o presente trabalho.

BIBLIOGRAPHIA

HEMPEL A., — As coccidas Brasileiras. Revista do Museu Paulista, vol, pp. 365-537. S. Paulo, 1900.

... — Descripção de oito especies novas de coccidas. São Paulo, 1921. Coccidas que empestam ás nossas arvores fructiferas. Revista do Museu Paulista, vol. XII, pag. 107, 1920.

FERNALD, MRS. MARIA E. — «A Catalogue of the World», Hatch Experiment Station of the massachusetts Agricultural College, Bulletin N. 88, Amherst Mass., 1903.

FERRIS G. F. — Notes on coccidae, IX. The Canadian Entomologist, vol. LIV. N. 7 pag. 156. 1922.

MAC GILLIVRAY, A. D. The Coccidae. 1921.

Fig. I

Pendularia pendens, nov. sp.
Ovi-sacco e femea adulta (tamanho natural)
Femea adulta formando o ovi-sacco

SciELO

Femea adulta com o ovi-sacco já formado

SciELO

R. P. LONGINOS NAVA'S, S. J.

Insectos del Brasil

3.ª Serie

SciELO

INSECTOS DEL BRASIL

POR EL

R. P. Longinos Navás, S. J.

3.ª SERIE (1)

Debo a la benevolencia del Sr. Director del Museo Paulista D. Alfonso de E. Taunay el poder publicar en su Revista otra serie de insectos del Brasil que últimamente han llegado a mis manos para mi estudio. Pertenecen todos al orden de los Neurópteros y afines. Merecen que se consignen y mejor en alguma revista brasileña, sobre todo que algunas especies son nuevas para la ciencia.

Con esta ocasión citaré alguna especie de regiones vecinas, que es de creer si encuentre también en el Brasil.

Algunas de estas especies están en la colección del Colegio del Salvador de Zaragoza, recibidas en su mayoria de la casa Staudinger et Bang-Haas de Dresde, otras pertenecen a los Museos de Hamburgo y o de Berlin. Los indicaré con las iniciales M. H. y M. B.

Las agruparé por órdenes y familias, como acostumbro.

(1) Véase la 1.ª Serie en el tomo XI pp. 611 — 618 y la 2.ª en el tomo XIII pp. 767 — 774.

SciELO

Neurópteros

Familia CRISÓPIDOS

38. *Chrysopa lanata* Banks. Santos, 25. I. 1894, D. H. Brauns leg. M. H.

39. *Chrysopa Burmeisteri* sp. nov. (fig. 5).

Caput flavum; oculis in sino nigris, stria nigra ad genas et ad clypei latera, sanguineo limbata; palpis nigris; antennis flavis, ala anteriore longioribus, primo articulo stria externa longitudinali sanguinea.

Thorax flavus. Pronotum antrorsum angustatum, marginibus lateralibus rubro suffusis. Meso et metanotum ad latera fulvo-rubra.

Abdomen fulvum, pilis flavis, margine postico segmentorum obscurato.

Pedes flavi, flavo pilosi, tibia posteriore lónga, parum compressa, linea impressa longitudinali manifesta.

Alae hyalinae, irideae, acutae; stigmate et reticulatione viridibus, pilis fuscescentibus, fimbrüs flavis; venulis gradatis media inter utramque seriem magis distantibus quam apice, praesertim externo.

Ala anterior venulis radialibus (cum initio sutoris radü, gradatis fere 6/5, procubitalibus, prima excepta et aliquot axillis furcularum marginalium fulvo-fusco limbatis; 5 venulis intermedüs, prima citra vel ultra apicem cellulae divisoriae angustae procubito insertae (fig. 5).

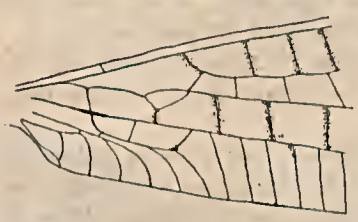


Figura 5
Chrysopa Burmeisteri Nav Parte basilar del ala anterior. (Mus. de Hamb.)

Ala posterior apice magis acuta, margine externo sub apicem leviter concavo, nullis venulis limbatis, gradatis 6/5.

Long. corp.	11	mm.
— al. ant.	15'4	»
— — post.	13'5	»

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Patria. Brasil. Espirito Santo, Coll. Alichaelis M. H.

La he hapellidado *Burmeisteri* en obsequio del bien conocido entomólogo del siglo pasado, Burmeister.

40. *Cintomera circumfusa* Burm. Santa Cruz, Rio Grande do Sul, Fr. Stiglorayr leg. XII. 1896 — I. 1897. M. H.

41. *Nodita azevedoi* Nav. Prov. de Rio de Jan., Coll. v. Bönninghausen, 20-X-1906, M. H.

42. *Nodita melanocera* Nav. Prov. del Rio de Jan., Coll. v. Bönninghausen, 20-X-1906. Ejenplar muy defectuoso que refiero con alguma duda a esta especie.

43. *Nodita gemina* sp. nov. (fig. 6.)

Flava.

Caput immaculatum; oculis in sino nigris; palpis nigris; antennis tenuibus, flavis, pilis nigris densis, articulo primo crasso, cylindrico, stria longitudinali, externa fusca signato (fig. 6).

Figura 6
Nodita genuina Nav. Cabeça y pronoto. (Mus Hamb.)

Thorax superne ad latera fulvescens. Pronotum transversum, gemino puncto fusco discali pone sulcum et marginibus lateralibus fuscatis (fig. 6).

Abdomen flavo pilosum, superne leviter fulvum.

Pedes flavi, flavo pilosi.

Alae vitreae, immaculatae, fortiter irideae; reticulatione, pilis fimbrüsque plerumque flavo fulvis; stigmate interne vix fuscato, subcosta ibidem tractu brevi fusca.

Ala anterior apice subacuta, pilis in tertio apicali fulvis; venalis ultimis radialibus, plerisque prope basim alae, procubitalibus et gradatis 7/8 totis, costalibus medüs ad utrumque apicen fuscis; intermedüs 6, prima ad quartum apicale cellulae divisoriae inserta, initio sectoris radü levissime fusco limbato.

Ala posterior apice acuta, venulis medüs costalibus et initio sutoris fuscis; venulis gradatis 5/6.

SciELO

Long corp. 7 mm.
— al ant. 16 »
— — post. 14 »

Patria. « Joinville, Sta. Catharina. Wilh. Ehrhardt leg. — X. M. H.

Por la palidez general, especialmente del borde interno del estigma apenas obscurecido, se distingue facilmente de las especies congéneres, asi como por las marcas de las antenas y pronoto.

44 *Newol umbrosus* Nav. Prov. Rio de Jan., 20. X. 1906. Coll. v. Bönninghausen. M. H.

45. *Gonzaga palliatus* sp. nov. (fig. 7).

Similis torquato Nav.

Caput subtotum atrum, nitens, labro antice flavi fulvo; oculis fuscis; palpis nigris, apice flavis; antennis tenuibus, ala anteriore longioribus, flavis, duobus primis articulis nigris.

Thorax inferne flavo fulvus, superne totus nigro fuscus. Pronotum transversum, marginibus subparallelis, angulis anticis oblique truncatis.

Abdomen inferne fulvum, superne fuscus.

Pedes flavi, flavo pilosi.

Alae vitreae, fusco maculatae,, reticulatione flava, in maculis fusca, stigmate oblongo, toto fusco obscurius latiosque in area costali

Ala anterior (fig. 7) subacuta, ultimo tractu radü et venalis ramisque hinc inde procedentibus fusco limbatis, similiterque limbatis initio sectoris radü, venulis gradatis externis plerisque et gradatis procubitalibus; venulis gradatis discalibus 9/10, procubitalibus 2 — 3, macula fusca ad angulum axillarem.

Fig. 7
Gonzaga palliatus Nav. Ala anterior (esquemática)
Col. m.

Ala posterior apice acuta; tribus venalis radialibus pone stigma fusco limbatis, gradatis fere 8/8, una procubitali.

Long. corp. 11'5 mm.
— al. ant. 21 »
— — post. 18'5 »

Patria. Brasil, Espirito Santo, Col. Michaelis, Stgv. et Plang-Haas, Col. m.

Comparando esta especie con el tipo *torquatus* Nav. de Guatemala, se ven al punto las siguientes diferencias.

El tamaño es sensiblemente menor.

El color más obscuro. La parte superior del cuerpo viene a ser casi totalmente negra, no siendo el pronoto mas pálido, como sucede en el *torquatus*.

Las alas sensiblemente más estrechas, com las manchas mayores y más sensibles, más alargadas en el ala anterior, más extendida detrás del estigma en la posterior.

Las vexillas gradiformes discales mucho menores en número, y la serie interna no se extiende apenas hacia dentro paralelamente al sector del radio, etc.

46. *Gonzaga notatus* sp. nov. (fig. 8).

Similis *palliato*, minor.

Caput piceum, labro antice fulvo; oculis fuscis; palpis subtotis nigris; antennis tenuibus, flavo albis, duobus primis articulis piceis.

Thorax inferne fulvo-pallidus, superne piceus. Pronotum subduplo latius longitudine.

Abdomen tribus primis segmentis totis fulvo-albis, quarto fusco, sequentibus inferne fulvis, superne fuscis.

Alae vitreae, irideae, fusco maculatae, reticulatione flavo-pallida, in maculis fusca, pilis fusis.

Ala anterior apice subacuta, stigmate fusco-ferrugineo, 10 venulis fuscis in area costali, 5 in subcostali comprehenso; sectore radii initio et pone stigma cum 4 vel 5 venulis radialibus et initio qua-

tuor ramorum fusco-ferrugineo limbatis, similiterque limbatis primis quinque venulis gradatis procubitalibus; macula fusca ferruginea ad angulum axillarem a procubito ad marginem posteriorem.

Ala posterior (fig. 8) acuta, stigmate fusco-ferrugineo, fere 8 venalis fuscis in area costali, 4 in subcostali comprehenso; 4 venulis radialibus poneipsum usque ad sectorem radü late fusco-ferrugineo limbatis; venulis gradatis fere 8/8.

Fig. 8
Ganzaga notatus Nav. Ala posterior (esquemática). Col. m.

Long corp. 9,5 mm.
— al ant. 19,4 »
— — post. 17,5 »

Patria. «Iquitos, Perú». Un ejemplar en mi colleción procedente de la casa Staudinger y Bang Haas de Dresde.

Comparando esta especie con la anterior me persuado que no sea variedad de la mísma, sino especie autónoma, por las siguientes diferencias.

El color del tórax y sobre todo del abdomen, es bastante diferente; item el ala posterior ofrece un punto discal pardo que no tiene el *palliatus*.

El tamaño es menor.

El protórax más transverso.

Las venillas del estigma mucho más manifiestas, etc.

47. *Nadiva Wagneri* Nav. Petrópolis, Est. de Rio de Janeiro, Dr. Fr. Ohaus leg. I, 1905. M. H.

48. *Leucochrysa varia* Schn. Petrópolis, Est. de Rio de Janeiro, Dr. Fr. Ohaus leg. I. 1905. — Prov. de Rio de Janeiro, Coll. v. Bönninghausen, 20-X-1906. M. H. Santos 25 I-1894, Dr. H. Brauns M. H.

49. *Leucochrysa Ehrhardti* sp. nov. (fig. 9). Flavo-fulva.

Caput fulvo-testaceum, oculis aeneis, palpis fulvis; antenniis flavis, pallidis, ala anteriore longioribus, fusco dense pilosis.

Figura 9

Leucochrysa Ehrhardti Nav. Cabeça y parte del tórap. Mus. de Hamb.

Pronotum (fig. 9) antrorsum angustatum, angulo anteriore et duobus atomis pone sulcum fuscis. Praescutum mesonoti duobus punctis fuscis dotantum.

Abdomen superne fulvum, inferne flavo-fulvam, pilis flavis.

Pedes flavi, flavo pilosi, tenues, tarsis apice unguibusque fuscis.

Alae vitreae, reticulatione tota pilis fimbrüsque flavis, stigmate insensibili, pluribus venulis diviso; serie interna venularum gradatarum longa, interius multo quam externa penetrante.

Ala anterior apice late rotundata, margine costali apice fortiter curvate sive convexo; venulis gradatis fere $18/_{12}$, serie externa in arcum arcui sectoris radü oppositum, spatium ellipticum formantibus in cujus medio est series interna venularum gradatarum; 6 venulis intermedüs, prima citra medium cellulae divisoriae anterioris procubito inserta.

Long. corp.	13	mm.
— al. ant.	25	»
— — post.	22	»

Patria. Brasil. «Colonie Hausa bei Joinville, W. Ehrhardt leg.» M. H.

50 *Leucochrysa longicollis* Gray. Santa Cruz, Rio Grande do Sul, Fr. Stieglmayr leg. XII. 1896 — I. 1897. Colonia Hausa bei Joinville, W. Ehrhardt leg. M. H.

Familia HEMERÓBIDOS

51. *Nusalala erecta* Nav. Minas Geraes, V. 1926, de Moult. Nueva para el Brasil. El tipo es del Ecuador M. B.

Familia OSNU'LIDOS

52. *Oedosmylus pulverulentus* Gerst. Santa Cruz, Rio Grande do Sul, Fr. Stieglmayr leg. Colonie Hansa bei Joinville, W. Ehrhardt leg.

Familia MANTISPIDOS

53. *Plega signata* Hag. «Columbien, Pandi (Cundinamarca). M. H. La creo nueva para la América meridional.

Megalópteros

Familia CAULIÓDIDOS

54. *Chloronia corripiens* Walk. Rio de Janeiro, Jul. Theresopolis, Jul. Michaelis leg. M. H.

55. *Corydalus ormatus*. Hag. Theresopolis, F. Michaelis leg.. Rio de Janeiro. Grz. m. Minas Geraes, Fr. Wien leg. Petropolis, Est. Rio de Janeiro, Dr. Fr. Ohaus leg. 1905. Santa Cruz, Rio Grande do Sul, Fr. Stiegmayr leg. XII. 1836 — 1897. M. H.

Socópteros

Familia SÓCIDOS

56. *Psocus fuscatus* Nav. Curityba, P. Lombard, 1911. Mus. de Paris

Zaragoza, 31 de Diciembre de 1927.

Prof. LAURO TRAVASSOS

(Assistente do Instituto Oswaldo Cruz. Lente na Faculdade de Medicina de São Paulo)

Sobre o MONODONTUS SEMICIRCULARIS

(Molin, 1861)

SciELO

Sobre o MONODONTUS SEMICIRCULARIS (Molin, 1861)

POR

LAURO TRAVASSOS

Este nematodeo foi descripto primeiramente por Molin, em 1861, que nelle bascou a caracterisação do gencro *Monodontus*. Este genero tem motivado discussões e interpretações diversas sobre a especie typo e sobre a denominação a prevalecer em face das regras internacionaes de nomenclatura zoologica. Resumiremos summariamente a questão:

Molin, 1861, incluio-o no genero *Monodontus*, ao lado de *Monodontus wedlii* (igual a *trigonocephalus*).

Stilles & Hassal, 1899, citam *Monodontus*, typo *semicircularis*.

Railliet, 1902, estudando alguns Strongylideos de ruminantes e suinos, julgando invalidado o nome *Monodontus* por outro parecido (*Monodonta* Lamarck, 1799), muda-o para *Bunostomum*, tendo como typo *trigonocephalum* (= *wedlii*), dando diagnose generica.

Stiles & Hassall, 1905, determinando os typos dos generos dos nematodeos atribuem *M. semicircularis* ser o typo de *Monodontus*, não só por ser sobre esta especie que foi estabelecido o genero, como por ser esta especie a representada em figura, e alem disso, por ser esta a unica que corresponde aos caracteres genericos de Molin. Aceitaram *Bunostomum* e *Monodontus* como generos diversos, com as duas especies como typo respectivamente.

SciELO

Aliás já em 1899, os mesmos autores haviam referido como typo de *Monodontus* o *M. semicircularis*.

Esta designação de typos foi acceita por A. Railliet, tanto assim que em 1910, em collaboração com Henry, passando em revista os Strongylideos deste grupo reune na sua tribu *Bunostomea* os generos: *Bunostomum* Railliet, 1902, typo *trigonocephalum*; *Necator* Stiles, 1903, typo *americanus*; *Brachyclonus n. gen.* typo *indicus n. sp.*; *Gaigeria n. gen.* typo *pachycelis*; *Eumonodontus n. nov.*(=*Monodontus*) typo *semicircularis*; *Bathmostomum* Railliet & Henry, 1909, typo *sangeri*; *Grammocephalus n. gen.* typo *clathratus*.

Ransom, 1911, sem conhecer a publicação de Railliet & Henry de 1910, verifica a improcedencia da mudança do nome *Monodontus*, julgando tambem ser provavel a distinção de *trigonocephalum* e *semicircularis* em generos diversos; reconhece porem ser prematura a separação pelo incompleto conhecimento de *semicircularis*; considera *Bunostomum* synonimo de *Monodontus*. Tendo conhecimento tardiamente do trabalho de Railliet & Henry faz uma nota no fim de sua monographia em que acceita o genero *Bunostomum*, na acepção daquelles autores.

Cameron, 1923, pretende que o typo de *Monodontus* tenha sido designado por A. Railliet, em seu tratado de zoologia a pagina 574, como sendo *trigonocephalum*. Desse modo, em virtude das regras de nomenclatura *Monodontus* deveria prevalecer sobre *Bunostomum*; Railliet não teve a intenção, nessa epoca (1895), de determinar um typo para *Monodontus*, quiz apenas dizer que Molin tinha reconhecido em *trigonocephalum* um typo diverso de *Uncinaria*; não estando esta indicação de accôrdo com o Art. 30, § II, letra G das regras Internacionaes de Nomenclatura Zoologica. Tanto é assim que Railliet & Henry em 1910, acceitaram a designação de Stiles & Hassall para *semicircularis* como typo de *Monodontus*, considerando *Bunostomum* e *Monodontus* dois generos independentes; considerando *Monodontus* invalidado por *Monodonta* propuzeram *Eumonodontus*, para substituil-o. Não é portanto justa

á interpretação de Cameron. Realmente Railliet, em 1902, teve a intenção de mudar o nome *Monodontus*, que julgava occupado, pretendendo que o typo deste genero fosse *trigonocephalum*. Isto não é acceitavel, não só porque os caracteres genericos estabelecidos por Molin foram baseados exclusivamente sobre *M. semicircularis* sendo seu *M. woldii* introdusido posteriormente como refere na justificação do genero, embora na publicação venha descripto em primeiro lugar, como tambem por ser nitidamente indicado como typo por Stiles & Hassall desde 1899. Railliet tomou como typo de *Monodontus*, por tanto, uma especie que não era nem podia ser, dando uma diagnose generica que não serve ao verdadeiro typo. Assim os generos *Bunostomum* Railliet é diverso de *Monodontus* Molin devendo ser mantidos como generos independentes.

Quanto á invalidez de *Monodontus* é aceita por alguns e recusada por outros; mas em virtude do Art. 36 (1.º recomendação) das Regras Internacionaes de Nomenclatura não ha razão para a invalidez.

Em uma nota preliminar apresentada a Soc. de Biologia em 25 de Julho erradamente acceitamos *Eumonodontus* como substituto de *Monodontus* do que resultou *Gaigeria* ter preferencia o que não é exato.

Vejamos agora a situação na systematica do genero *Monodontus*.

Railliet & Henry incluiram este genero em sua tribu *Bunostomea* que hoje corresponde a subfamilia *Bunostominae* chamada de *Necatorinae* por Baylis & Daubney e por Yorke & Maplestone (1926).

Baylis & Daubney dividem os *Strongyloidea* em 6 familias; é na segunda — *Ancylostomidae* que incluem a subfamilia *Necatorinae*.

Yorke & Maplestone dividem-nos em 7 familias, nos *Ancylostomidae*, subfamilia *Necatorinae* colocam *Eumonodontus* (= *Monodontus*)

Sem analysar a systematisação dos *Strongyloidea* e só cogitando da familia *Ancylostomidae* (Looss, 1905), julgamos acceitavel a orientação dos

autores citados, discordando apenas de Yorke & Maplestone em terem afastado desta familia os generos *Globocephalus* a *Acheilostoma*. Assim, aqui neste caso, preferimos o criterio de Baylis & Daubney e consideramos como fazendo parte desta familia, alem dos generos nella incluidos por Yorke & Maplestone, mais *Globocephalus*, *Acheilostoma*, *Globocephaloides* e talvez *Delectrocephalus*.

Quanto aos desdobramentos em subfamilias nos parece ainda prematuro ou melhor, desnecessario, mesmo porque a separação até agora feita é inteiramente sem fundamentos. Mas no caso de desdobramento não deve prevalecer a denominação *Necatorinae* Lane, 1917, e sim *Bunostominae* Looss, 1911.

Estudaremos em seguida a relação do genero *Monodontus* com seus visinhos.

Como vimos atraz, o genero *Monodontus* foi estabelecido por Molin em 1861. Railliet & Henry em 1910 propuzeram *Eumonodontus* para substituir *Monodontus*, como provamos, sem razão; no mesmo trabalho, em pagina anterior, estabeleceram *Gageria* para um parasito de carneiro. Recentemente Yorke & Maplestone propuzeram *Monodontella* para um parasito de girafa. Estudando o *Monodontus semicircularis* tivemos opportunidade de verificar o parentesco entre os tres generos em questão. Como se vê da descripção e dos desenhos que damos adiante o *M. semicircularis* corresponde exactamente ao genero *Monodontella*.

Na descripção de *Monodontella* Yorke & Maplestone referem a não existencia de laminas no fundo da capsula bucal, mas em sua figura 65-B existem zonas pontilhadas, que correspondem exactamente as laminas dorsaes e ventraes representadas em nossas figuras 1 e 2.

A asymetria dos lobos lateraes é menos evidente, mas bem proxima (Yorke e Maplestone interpretaram os raios bursaes de um modo que não nos parece certo, pois um dos lobos lateraes, o menor, foi tomado como sendo o dorsal e vice versa. Assim o grupo de raios representados na figura 65 D (d), para nós, é constituido pelos raios ventraes e lateraes;

SciELO

r.c.d. é realmente o dorsal externo; r.l. o dorsal e e.d. figura C o outro dorsal externo),

Quanto ao genero *Gaigeria* a semelhança da bolsa copuladora é menos accentuada; contudo, si observarmos as figuras do typo deste genero, publicadas por Cameron (1924) e Yorke & Maplestone (1926), verificaremos que, embora nas descripções não existam referencias á asymetria bursal, ella existe, pelo menos relativamente as inserções dos raios dorsaes externos. No mais, a coincidencia é perfeita, sobretudo no modo de funccionar a bolsa copuladora, formando uma pinça dorso ventral e não latero laleral. Parece-nos portanto que *Monodontus* representa uma forma intermediaria ontre os generos *Gaigeria* e *Monodontella*, de tal modo que devem ser considerados como um só genero em que cada especie representa um grao de asymetria differente, tendo *Monodontus* prioridade sobre os outros.

A interpretação dos raios bursaes dada por Yorke & Maplestone desorienta o pesquisador, mas o exame cuidadoso de suas figuras 65 C.D. não deixa duvidas sobre o equivoco daquelles autores, sobretudo se compararmos com nossas figuras 7 e 8. A inserção asymetrica dos dois troncos dos raios dos lobos lateraes que estão em niveis diversos confunde realmente, mas a comparação dos lobos lateraes representados na figura 65 D, em que d. representa o lobo lateral menor (dorsal de Yorke & Maplestone) nos parece demonstrativa. *Bunostomum* tambem é extremamente affim deste genero, sendo sua distincção estabelecida apenas pelo menor desenvolvimento do raio dorsal relativamente aos lateraes de modo a tornar a pinça bursal latero lateral.

Genero MONODONTUS Molin, 1861

Syn. *Monodontus* Molin, 1861, p. 468.
Monodontus Stiles & Hassall, 1899, p. 164.
Bunostomum Railliet, 1902, P.P. p. 108.
Monodontus Stiles & Hassall, 1905, p. 121.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Gaigeria Railliet & Henry, 1910, p. 313.
Eumonodontus Railliet & Henry, 1910, p. 514.
Monodontus Ransom, 1911, P.P. p. 27.
Monodontus Ransom, 1911, p. 124.
Monodontus Baylis & Daubney, 1926, p. 171.
Eumonodontus Yorke & Maplestone, 1926, p. 99.
Monodontella Yorke & Maplestone, 1926, p. 109.
Gaigeria Yorke & Maplestone, 1926, p. 101.

Bocca voltada dorsalmente; capsula buccal ampla, guarnecida anteriormente por duas laminas ventraes situadas na entrada da cavidade; no interior existem dois pares de laminas, sendo um ventral e outro dorsal, guarnecendo a abertura esophagiana; estas laminas são constituidas por saliencias chitinosas da capsula buccal; dorsalmente, implantado na parede, existe uma saliencia conica que se projecta no interior da capsula e que constitue o dente dorsal, na extremidade do qual se abre um conducto glandular; papillas esophagianas presentes; femeas com vulva mediana e com forte ovejector provido de vestibulos extremamente longos; uteros divergentes, amphidelphos; machos com bolsa copuladora ampla, tendo o lobo dorsal muito desenvolvido e se oppondo aos lobos lateraes geralmente mais ou menos asymetricos; raios bursaes dispostos do modo seguinte: ventraes unidos na metade basal; lateraes com um tronco commum, partindo o lateral anterior de uma ponta mais abaixo que o medio e posterior; dorsaes com tronco commum, dorsaes externos de tamanho mais ou menos differentes e partindo de alturas diversas do tronco commum; dorsal dichotomisado duas vezes; espiculos longos e delgados, sem gubernaculum, mas frequentemente acompanhados de telamon pouco visivel.

Especie typo: *M. semicircularis* Molin, 1861.

Habitat: Intestino de Ungulados.

Pelo criterio que adoptamos farão parte deste genero mais as seguintes especies:

Monodontus pachyscelis (Railliet & Henry, 1910) e *Monodontus giraffae* (Yorke & Maplestone, 1926).

MONODONTUS SEMICIRCULARIS Molin, 1861

(Fig. 1 a 11)

Syn.: *Moncdontus semicircularis* Molin, 1861, p. 469, fig. 3-4.

Monodontus semicircularis, Stiles & Hassall, 1899, p. 164.

Monodontus semicircularis, Stiles & Hassall, 1905, p. 121, 136.

Eumonodontus semicircularis Railliet & Henry, 1910, p. 315.

Monodontus semicircularis Ransom, 1911, p. 28, 124.

Monodontus semicircularis Cameron, 1923, p. 100.

Eumonodontus semicircularis Camerom, 1923, p. 100.

Monodontus semicircularis Baylis & Daubney, 1926, p. 171.

Eumonodontus semicircularis Yorke & Maplestone, 1926, p. 99.

Comprimento: femeas: 14 a 15 mm.; machos: 11 a 12 mm. Largura: femeas: 0,42 mm.; machos: 0,34 mm. Corpo curvado dorsalmente; cuticula com extriação transversal; papillas cervicaes pequenas ao nivel do meio do esophago; póro excretor logo abaixo do nivel do annel nervoso, acerca de 0,75 a 0,90 mm. da extremidade anterior. Bocca dirigida para a face dorsal; capsula buccal ampla, com cerca de 0,75 a 0,90 mm. da extremidade anterior. Bocca dirigida para a parte dorsal; capsula buccal ampla, com cerca de 0,12 a 0,17 mm. por 0,16 a 0,20 mm.; abertura buccal, guarnecida na face ventral por duas laminas cortantes, nitidas, semelhantes ás observadas em *Necator*, mas de contorno ligeiramente concavo na parte que aparece dentro da abertura buccal, de modo a simular algumas vezes dois dentes quando observadas pela face ventral (fig. 3 e 4). No interior da capsula buccal existem 5 formações, sendo 4 perto da abertura esophagiana, duas syme-

tricas, situadas na parede ventral, e outras duas igualmente symetricas situadas na parede dorsal; as dorsaes são bem menores que as ventraes, tendo todas contorno irregular. A quinta formação é constituida pelo cone ou dente dorsal, muito salliente, tendo na extremidade a abertura glandular. Estas formações são homologas as observadas em outros *Ancylostomidae*. Esophago claviforme com cerca de 1 á 1,5 mm. de comprimento por 0,12 a 0,17 mm. de maior largura. Annel nervoso pouco acima do meio do esophago, acerca de 0,52 a 0,63 mm. da extremidade anterior.

Femeas com a vulva situada na porção mediana do corpo, pouco acima do meio. Ovejector exactamente com em *M. pachiscelis*: é constituido (fig. 5) por uma vagina curta e transversal que reune duas porções musculares divergentes, providas na parte mediana de um forte esphincter redondo; vestibulos extremamente longos e sinuosos communicando com uteros relativamente curtos e divergentes, de tal modo, que o utero posterior fica com a porção mediana em frente á vulva A vagina mede cerca de 0,17 mm. de comprimento; o comprimento total das duas porções divergentes do ovejector, excluindo os vestibulos, é de cerca de 0,64 mm.; os vestibulos medem cerca de 1,7 mm. de comprimento. Os uteros são divergentes e tem a porção distal transformada em espermatheca ou vesicula seminal femea; medem cerca de 2 mm. cada um. Em seguida aos uteros ficam longos oviductos que communicam com os ovarios. Ovos numerosos de casca relativamente fina; medem cerca de 0,072 a 0,080, mm. de comprimento por 0,024 a 0,032 mm. de maior largura. A extremidade posterior é conica e rombuda (fig. 6) distando o anus da extremidade cerca de 0,13 a 0,18 mm.

Machos com a bolsa copuladora grande, asymetrica; papilas pré-bursaes delgadas e mal visiveis; cone genital grande e com um telamon muito pouco chitinisado e pouco visivel (fig. 8); mede o cone genital cerca de 0,77 a 0,19 mm. de comprimento. Os lobos bursaes são asymetricos, sendo os lateraes

de dimensões diversas: o direito é menor que o esquerdo e implantado no corpo em um ponto mais baixo que o esquerdo; o lobo dorsal tambem é asymetrico relativamente aos raios dorsaes externos, sendo o direito implantado mais proximo da base que o esquerdo, e muito menos longo que este; a disposição dos lobos bursaes é de modo a constituir uma pinça ventro dorsal, sendo a parte ventral constituida pelos lobos lateraes. Os raios bursaes tem a seguinte disposição; ventraes dirigidos para a face ventral e com tronco commum, pelo menos em metade do percurso; lateraes tambem com tronco commum dichotomisado duas vezes, na primeira dichotomisação separa-se o lateral anterior e na segunda os medio e posterior. Tanto os ventraes como os lateraes são reunidos por um longo tronco commum, no qual os ramos aparecem por dichotomisações. Raios dorsaes com tronco commum relativamente longo e muito grosso; a origem dos dorsaes externos coincide com a primeira bifurcação, sendo que um dos dorsaes externos, o maior, parte nitidamente de um dos ramos em que se divide o dorsal. Os raios dorsaes externos nascem em niveis diversos no dorsal, e são de comprimentos differentes, um medindo cerca de 0,17 e outro 0,26 mm. O raio dorsal apresenta duas dichotomisações, sendo uma ao nivel da origem dos dorsaes externos e outra perto da extremidade; nesta bifurcação existe em cada ramo uma pequena papila (fig. 8 e 9). O raio dorsal mede cerca de 0,23 a 0,33 mm. de comprimento total; a primeira bifurcação dista da base cerca de 0,06 a 0,12 mm. e a segunda cerca de 0,17 a 0,25 mm. Espiculos, delgados e longos. são reunidos perto da extremidade distal, onde cada um apresenta um pequeno dente que facilita esta união; a extremidade distal abaixo do dente tem uma estreita aza. Medem os espiculos cerca de 0,93 a 1,10 mm. de comprimento.

Habitat: Intestino de *Dicotyles torquatus.*

São Paulo, 15 de Outubro de 1928.

BIBLIOGRAPHIA

CAMERON, T. W. C., 1923 — The Anatomy of *Monodontus trigonocephalus* (Rud.) of Sheep. J. of Helminth. v. I. p. 99.

CAMERON, T. W. C., 1924 — On *Gaigeria pachyscelis* Railliet & Henry, 1910, a nematode parasite of ruminants. J. of Helminth. v. II, p. 41.

BAYLIS & DAUBNEY, 1926 — A synopsis of families and genera of Nematoda.

MOLIN, 1861 — Il Sottordine degli acrofalli ornato scientificamente secondo i resultamente delle indigini anatomiche ed embriogeniche M. r. Ist. Veneto di sc. lett. ed arti, v. 9, p. 427.

RAILLIET, A. 1895 — Traité de Zoologie Médicale et Agricole.

RAILLIET, A. 1902 — Sur quelques sclerostomiens parasites des ruminants e des porcins C. R. Soc. Biol. v. 54, p. 107.

RAILLIET & HENRY, 1910 — Quelques Helminthes nouveaux ou peu connus du groupe des Bunostomiens. Bull. Soc. Path. Ex. v. 3, p. 311.

SciELO

RANSOM, B. H. 1911 — The nematodes parasitic in the alimentary tract of cattle, sheep, and other ruminants. U. S. Dep. of Agr. Bur. An. Ind. Bull. 127.

STILES & HASSAL, 1899 — Internal parasites of Fur Seal. The Fur Seal and Fur Seal Islands of the North Pacific Ocean. III, p. 164.

STILES & Hassall, 1905 — The Determination of generic types, and a list of roundworms genera, with their original and type species. U. S. Dep. of Agr. Bur. of An. Ind. Bull. 79.

TRAVASSOS, L. 1928 — Note sur les genres *Eumonodontus*, *Gaigeria* e *Monodontella*. C. r. Soc. Biol. v. p. (Séance du 25-7-928).

YORKE & MAPLESTONE, 1926 — The Nemetodes parasites of Vertebrates.

Explicação das figuras

Fig. 1 Extremidade anterior de perfil.
» 2 Capsula buccal de perfil.
» 3 Extremidade anterior da face.
» 4 Capsula buccal da face.
» 5 Ovejector e utero.
» 6 Extremidade caudal de femea vista de perfil.
» 7 Extremidade posterior de macho, com espiculos, vista de lado.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

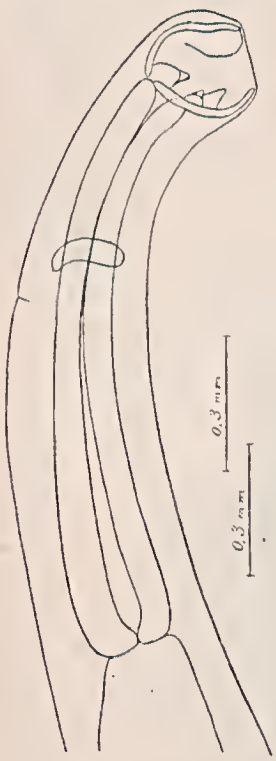
Fig. 8 Bolsa copuladora vendo-se o telamon; os lobos lateraes estão de perfil e o dorsal de face devido á ruptura da membrana bursal.

» 9 Bolsa copuladora vista de face.

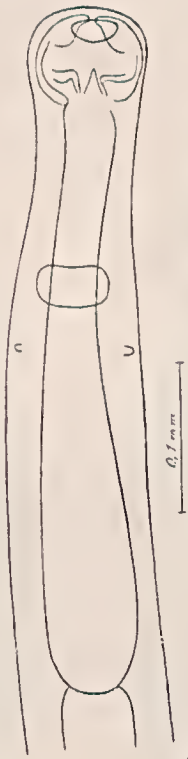
» 10 Lobo dorsal e lateral direito.

» 11 Detalhe dos espiculos mostrando os dentes que permittem o embricamento dos mesmos.

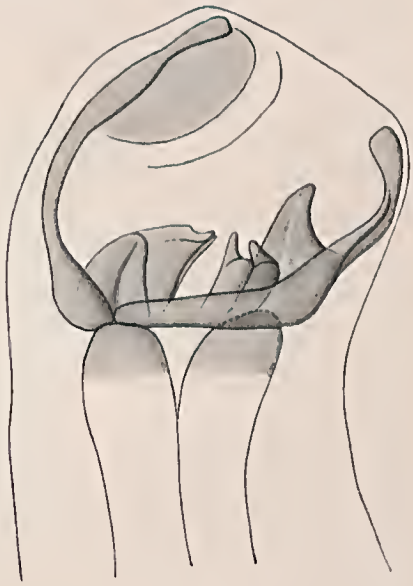
SciELO



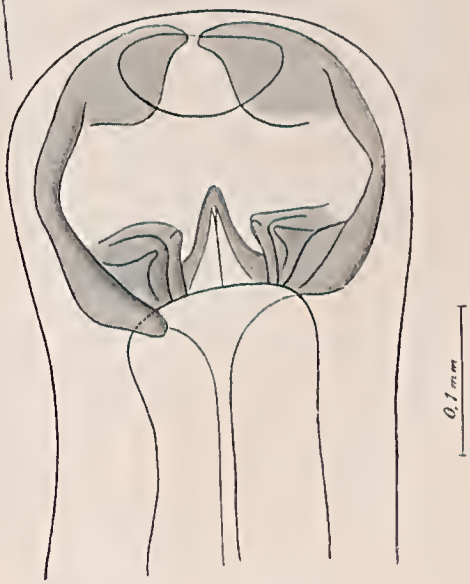
1.



3.



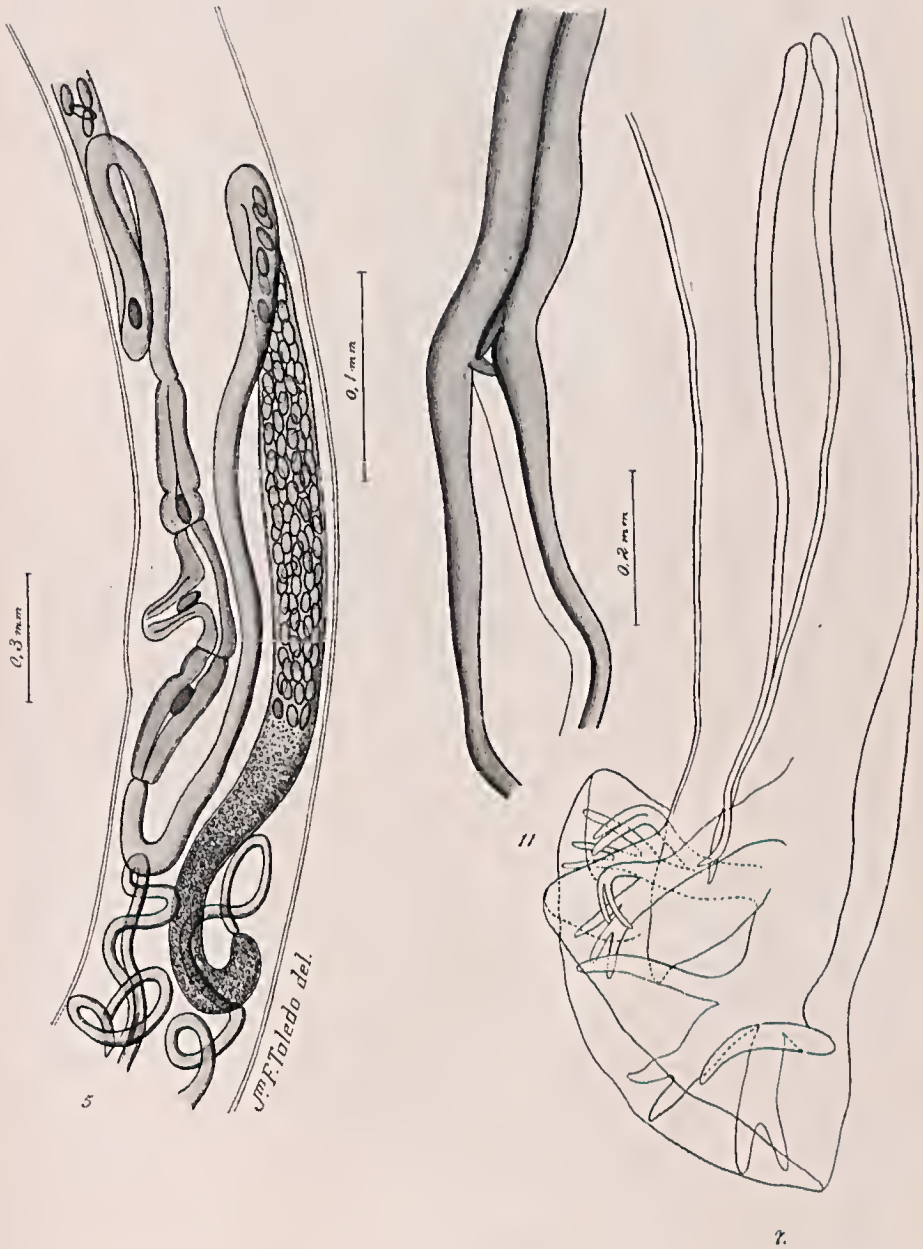
2.



J.F.T. del.

4.

6.

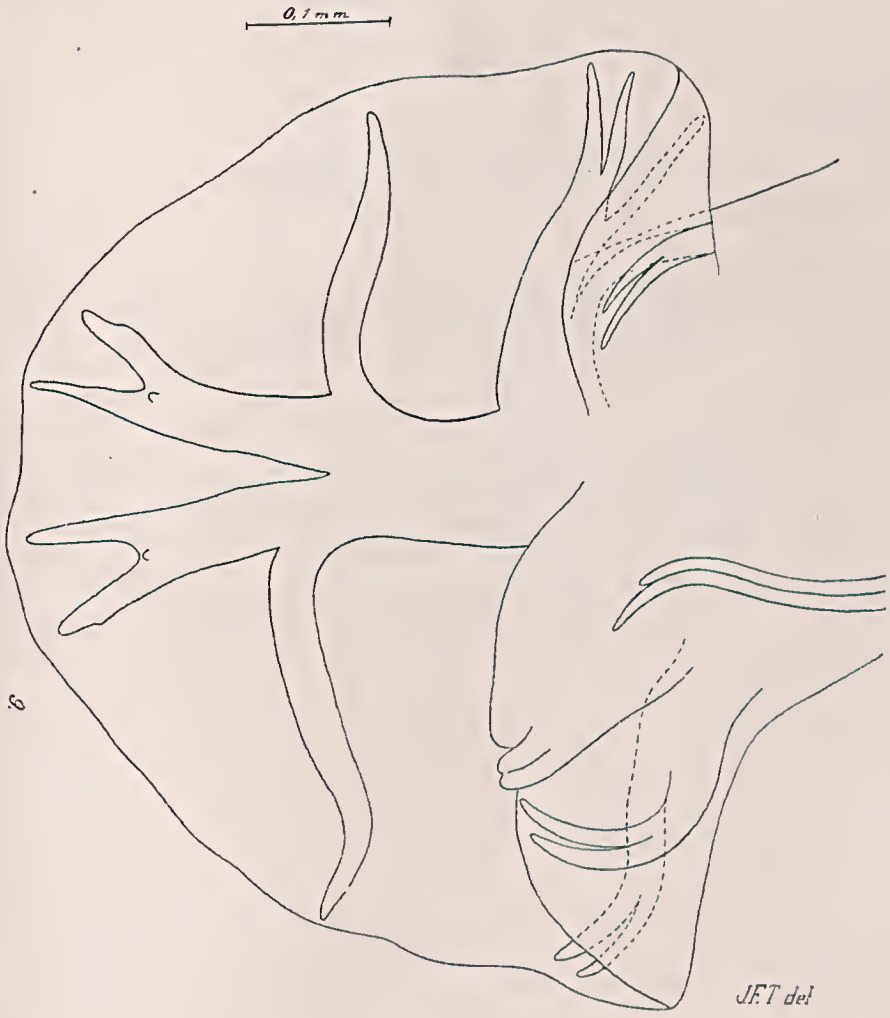

0,3 mm
0,1 mm
0,2 mm
Jm. F. Toledo del.
5
11
7.

SciELO

8.

10.

J.F.T. del.


0,1 mm
c
c
c
JFT del

HERCULES FLORENCE

De Porto Feliz a Cuyabá

(1826 - 1827)

(Diario de Viagem de um naturalista da expedição do Barão de Langsdorff)

Traducção do VISCONDE DE TAUNAY

SciELO

Duas palavras

Dentre os estrangeiros illustres, credores do Brasil, muito poucos terão a fé de officio de Hercules Florence e a sua folha de serviços a nossa patria.

E se se trata então de S. Paulo avultam immenso estes prestimos. Vivendo, como viveu, meio seculo em terra paulista exerceu Hercules Florence, ininterruptamente, fecundo papel de civilisador, ao mesmo tempo que pelo alto padrão da moralidade que era a sua, augmentava o prestigio dos ensinamentos de todo o genero.

Devem-lhe a nossa iconographia das sciencias naturaes, e a dos costumes, serviços inapreciavelmente preciosos e valiosos.

Quem percorrer as salas do Museu Paulista, de golpe estará em condições de comprovar esta asserção.

Quando lhe propuzemos o titulo de «patriarcha da iconographia paulista» sabiamos quanto não commettiamos o menor exagero.

Nascido em Nice a 29 de fevereiro de 1804, viveu em S. Paulo quasi iniuterruptamente cincoenta annos, falleceudo em Campinas a 27 de março de 1879. Tinha notaveis qualidades de observador e a faculdade inventiva sobremodo desenvolvida. Muito se occupou com os processos photographicos, por exemplo, mas a escassez do meio, do ambiente atrazado em que vivia, não lhe permittiu uma recompensa ao esforço tão intelligente quanto pertinaz. Desenhista eminente, homem da mais elevada vocação artistica, foi dos mais notaveis observadores da natureza brasileira no seculo XIX.

SciELO

Constituindo familia no Brasil legou ainda á sua patria adoptiva uma serie de homens de valor que sobremodo lhe honram o nome na medicina, na engenharia civil e de minas, na arte musical, etc.

Poucos elementos alienigenos de valor se terão incorporado ao povo brasileiro da capacidade e do merito de Hercules Florence em cujo espolio ainda existem documentos numerosos ineditos, verdadeiros attestados novamente comprobatorios do que era a intellectualidade do seu singelo autor sempre prejudicado pela mais injustificavel modestia.

Já mereceu a sua existencia larga biographia: a que redigiu o Dr. Estevam Bourroul. Nella se faz inteira justiça a quem tanto mereceu de S. Paulo, do Brasil e da Civilisação.

Das obras publicadas de Florence pouco ha. Traduziu-lhe o Visconde de Taunay o valioso *Diario da Expedição do Barão de Langsdorff* de que era desenhista com Amado Adriano Taunay.

E' um documento do mais alto valor para a historia das sciencias naturaes no Brasil, hoje posto fora do alcance do publico pelo facto de se incorporar á collecção da Revista do Instituto Historico Brasileiro, onde appareceu em 1875, no tomo XXXVIII de escassa divulgação.

Aqui lhe reeditamos a primeira parte *De Porto Feliz a Cuyabá* como homenagem muito grata do Museu Paulista em nome do Estado de S. Paulo, ao patriarcha da iconographia paulista, ao naturalista emerito que tão bellas pranchas deixou para o estudo de nossa fauna e da nossa flora e tão preciosas observações para o melhor conhecimento da ethnographia brasileira.

Affonso de E. Taunay.

S. Paulo, 15 de Outubro de 1928.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

A EXPEDIÇÃO DO CONSUL

LANGSDORFF

AO INTERIOR DO BRASIL

POR

ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

N'um dos seus conscienciosos trabalhos sobre a provincia de Matto Grosso que elle tanto ama e conhece, lamenta o digno e venerando Sr. Augusto Leverger, hoje barão de Melgaço, que se houvessem perdido não só todos os trabalhos como até simples vestigios e indicações da importante exploração que uma commissão de naturalistas e astronomos, estipendiada pelo Imperador Alexandre I da Russia, fizéra, nos annos de 1825 a 1829, por todo o interior do Brasil, sob a direcção do Sr. de Langsdorff, consul geral da Russia no Rio de Janeiro.

Na realidade, quando, de todos os viajantes mais ou menos illustres que percorreram este vasto Imperio, existem relações circumstanciadas, e algumas bem valiosas, de seus passos e observações, é de estranhar e mais ainda de sentir, que d'essa commissão de homens de sciencia, constituida com apparato e organisada sob largas vistas, nunca tivesse apparecido, quando não o resultado proficuo de seus esforços e labores, pelo menos noticia do caminho que tomou, das peripecias de sua existencia e do fim que teve. Pairavam sobre todos esses acontecimentos a maior duvida e incerteza.

SciELO

E', pois, com a satisfação não pequena da prioridade que, havendo colhido os dados mais seguros e completos, passo a tratar d'esse ponto por sem duvida interessante, ministrando informações exactas sobre a dilatada viagem que aquelle grupo de exploradores effectuou do Tietê ao Amazonas pelas provincias de S. Paulo, Matto Grosso e Grão Pará, onde chegou depois de desastres que lhe assignalaram lugubremente os passos, inutilisando os resultados que as sciencias e a geographia tinham que esperar de tantas fadigas e sacrificios.

Foi o acaso que me proporcionou este feliz ensejo.

Revolvendo, ha poucos mezes, uns papeis velhos por occasião de uma mudança de casa, tive a fortuna de se me deparar um manuscripto de 84 paginas de letra muito miuda, um tanto apagada pela acção do tempo, mas ainda perfeitamente intelligivel. Folheando-o, vi que continha a narração de uma viagem e o puz de parte.

Mais tarde, applicando-me á sua leitura, achei que continha a descripção minuciosa da primeira parte da desconhecida jornada do consul Langsdorff, pois era o diario de um dos membros d'essa expedição.

Outra felicidade tive. O autor d'esse jornal era o Sr. Hercules Florence, que conheci pessoalmente quando em 1865 passei pela provincia de S. Paulo, e que, ainda hoje em vida, reside na cidade de Campinas, onde se estabeleceu e formou numerosa e respeitada familia.

Sem demora, pois, escrevi-lhe e, além das informações que tão digno cavalheiro se apressou em fornecer-me, colhi a grata certeza de que, se os estudos technicos e observações scientificas da commissão se desencaminharam e para sempre desappareceram, a parte pitoresca d'essa longa e curiosa viagem está toda escripta, ornada de mais de 300 desenhos e prompta, ha mais de quinze annos, para entrar no prélo em occasião propicia.

O que li sob o titulo — *Esboço da viagem do Sr. Langsdorff no interior do Brasil pelo 2.º desenhista da commissão scientifica Hercules Florence*, não é portanto senão um seguimento de rapidas notas e apontamentos tomados para receberem, em trabalho completo e regular, todo o desenvolvimento desejavel; entretanto n'isso mesmo achei tanto interesse pela singeleza de narrativa, vivacidade de colorido e prudencia de apre-

ciação, que o fui traduzindo desde logo com destino ás paginas da *Revista do Instituto Historico*, a qual sem duvida o receberá com gosto.

E' o livro de um viajante de boa fé que relata singelamente aquillo que vê e ouve contar. Seu estylo é despretencioso, sua phrase ingenua por vezes; mas d'essa simplicidade, d'essa mesma chaneza nascem meios sobejos para bem pintar as grandes scenas da natureza, porque o coração do narrador impressionava-se fortemente, identificando-se com a magnitude d'aquillo que o abalava. Cauteloso nos seus menores juizos, abstem-se de referir tudo quanto não parecesse se prender immediatamente aos episodios da viagem. E' o peregrinar de um homem circumspecto e prudente, que busca vêr todos os homens e cousas debaixo do ponto de vista mais favoravel e de accordo sempre com o seu sentimento intimo e honesto.

Não é, pois, n'esse trabalho méramente descriptivo que se póde estudar a historia da expedição scientifica, nem sobretudo as peripecias que n'ella se deram, a dividiram, e por fim trouxeram o seu total anniquillamento. Como commissão, possuia, entretanto, todos os elementos precisos para bem cumprir a elevada e gloriosa incumbencia.

O chefe era o barão Jorge Henrique de Langsdorff, consul geral da Russia no Brasil. Além de merecer protecção especial do Imperador Alexandre I, tinha grande pratica de diuturnas viagens e gozava de certa reputação nos circulos scientificos da Europa. Nascido, no anno de 1774, em Laisk, na Suabia, segundo umas informações, ou em Brisgau, no Grão-Ducado de Baden, segundo outras, formára-se na universidade de Goetingen em medicina, e seguira, em 1797, o principe de Waldeck para Portugal, onde introduziu a pratica da vaccinação. Voltando para a Allemanha, offereceu os seus serviços ao governo da Russia, tomou parte na expedição do capitão Krusenstern e acompanhou-o até o Kamtchatka, regressando á Europa pela Siberia em 1807. Nomeado consul para o Rio de Janeiro, publicou em 1820 uma memoria de algum interesse intitulada: *Guia para as pessoas que quizerem estabelecer-se no Brasil*. Tres annos depois, visitou os montes Uraes e, em 1825, viu-se encarregado pelo Czar de reunir uma commissão de sabios afim de effectuar e dirigir uma grande exploração por todo o interior do Imperio Sul-

Americano. Publicára até aquella época duas obras extensas e apreciadas: *Observações feitas n'uma viagem em torno do globo* (1804 — 1807), 2 vols. e *Plantas recolhidas durante a viagem dos russos ao redor do mundo* (1810 — 1818), 2 vols., em que continuou as observações de Muller e Fischer sobre a Siberia.

Para desempenhar cabalmente o encargo que lhe fôra commettido, tratou de congregar em torno de si homens de reconhecido merecimento e já firmada reputação. Assim, pois, convidou Luiz Riedel, botanico, cujo nome tomou depois tão honroso lugar na *Flora Brasileira*; Rubzoff, astronomo estimado e official de marinha, Christiano Hasse, bom zoologo, e Rugendas, pintor de incontestavel talento.

Ao chegar esse distincto pessoal ao Rio de Janeiro, o desenhista, por motivos particulares, pediu dispensa da missão a que se compromettêra, indicando, comtudo, para substituil-o um artista em disponibilidade então, muito joven em annos, mas de merito e nomeada tão bem firmados que o convite tomou visos de verdadeiro pedido; era Amado Adriano Taunay. Posteriormente foi dado ao Sr. Hercules Florence o lugar de 2.º desenhista.

Antes de proseguir, seja-me licito, como sobrinho d'aquelle notavel e malfadado mancebo que n'essa expedição devia encontrar tristissima e prematura morte, seja-me licito recordar os antecedentes que davam plena justificação á honrosa lembrança de Rugendas.

Havendo em 1815, o Principe Regente, logo depois rei D. João VI, chamado ao Brasil, por intermedio do seu encarregado de negocios em Paris, uma colonia de artistas francezes, Nicoláo Antonio Taunay, barão de Taunay, membro do Instituto de França e distincto pintor da escola franceza, decidiu-se, á vista da instabilidade das cousas politicas de sua patria, a transportar-se com toda a familia e á sua custa para o Rio de Janeiro.

Cinco filhos o acompanharam, entre esses Adriano Taunay que então tinha doze annos de idade; cinco filhos todos artistas de coração e de eminentes qualidades intellectuaes e moraes. Entretanto tal era a vocação do mais moço para as bellas-artes, tal sua aptidão e genio que bastaram tres annos da elevada disciplina de seu pai e mestre, para que começasse a

ser admirado, não só pela familia, mas por quantos assistiam ao desabrochar do seu talento excepcional.

Unindo a tão raros dotes uma compleição robusta e espirito inquieto e energico, não trepidou, mal sahido da adolescencia, com menos de dezeseis annos, acceitar o offerecimento que o Sr. de Freycinet, na sua passagem pelo Rio de Janeiro em 1818, lhe fez para acompanhal-o na qualidade de desenhista a bordo da fragata *Urania*, que então encetára, por ordem do rei Luiz XVIII, uma viagem de circumnavegação do globo.

Com enthusiasmo abraçou Adriano Taunay a occasião. Nutrido das inspirações da mais alta esthetica, queria contemplar face a face a natureza do mundo inteiro e penetrar se de sua grandeza.

Discipulo nato de Flaxman, cuja obra estudava com predilecção, ninguem podia, mais fiel e magistralmente do que elle, representar as multiplas variedades do typo humano, que na Oceanía tanta extranheza e admiração causáram aos primeiros descobridores.

Tambem para o artista, para aquelle espirito sagaz e observador, para aquelle coração ardente e avido de emoções, em extremo proficua foi a precoce experiencia da vida pratica.

Nem lhe faltaram os perigos — o melhor dos ensinos — nem as privações.

Desconhecido baixio dentro da Bahia Franceza, n'uma das ilhas Malvinas ou Falkland, fez a 14 de Fevereiro de 1820 sossobrar a fragata *Urania*, já de volta, vendo-se a tripulação obrigada a invernar n'esse paiz nú e inhospito, onde frio intenso tornava mais dolorosa ainda a falta quasi absoluta de viveres.

Quatro mezes de verdadeiro supplicio ahi se passaram, emquanto se esperavam os soccorros pedidos ao primeiro porto a que podesse chegar a lancha que ousadamente havia sido despachada.

A' mingoa de pescado, raro n'aquellas paragens, sustentavam-se os naufragos de aves marinhas, phócas e tudo quanto podiam alcançar. Nem pequeno tormento era vêrem ao longe numerosos magotes de cavallos bravios, tão ariscos, porém, e velozes, que um unico pôde ser morto á bala por um cabo de infantaria, que se sujeitou a ficar um dia inteiro de espera atraz de um rochedo. Nos sertões do Tietê, annos depois e em circumstancias de escassez quasi identica,

comparava nosso viajante a carne d'esse animal á da anta e as achava de sabor muito approximado.

Entretanto, os votos ardentes dos infelizes desterrados haviam sido ouvidos da Providencia.

A lancha chegára com felicidade a Montividéo, alugára uma galera americana que recebeu o appellido de *La Physicienne*, e toda a expedição pôde estar de volta ao Rio de Janeiro em Junho de 1820.

Durante a viagem e obrigatoria parada, trabalhára Adriano Taunay com ardor juvenil e a iniciativa propria do seu caracter, mas como acontece muitas vezes, *tulit alter honores*. Na collecção artistica do Sr. de Freycinet, outra assignatura que não a d'elle appareceu n'uma multidão de lindissimos e admirados desenhos, ao passo que raros figuraram como sahidos de sua mão.

Soube d'isso, conheceu em tempo d'onde a usurpação partia, mas desprezou qualquer reclamação. Riquissimo de idéas, sentindo em si borbulhar a seiva da inspiração, pouco se lhe dava com desappropriações que redundavam em homenagem aos seus talentos.

Foi descansar das fadigas d'esses bem preenchidos e ultimos dous annos, na mais grata e intima convivencia com seus irmãos, morando todos juntos na linda habitação que seus paes, ao partirem para França, lhes haviam deixado.

Mais pitoresca vivenda não podiam de certo desejar esses admiradores enthusiastas do Bello. Occupavam a casa junto á Cascatinha da Tijuca, um dos ornamentos dos arrabaldes do Rio de Janeiro e ainda hoje pertencente á minha familia.

Cinco annos de doce socego alli passou Adriano Taunay, empregando-os no estudo das linguas, na leitura dos classicos, no aperfeiçoamento da musica em que se tornou insigne e em trabalhos plasticos, de que restam dois monumentos preciosos: a pintura mural a oleo de uma das salas da casa da Cascatinha e uma estatuasinha do Imperador D. Pedro I, feita sob as vistas do soberano, e que muito valor tinha pela vivacidade da semelhança e elegancia do pórte.

Tal era o artista que Langsdorff convidou para fazer parte de sua commissão scientifica.

No dia 5 de Setembro de 1825, partiu ella, então completa, da cidade do Rio de Janeiro n'uma

sumaca chamada *Aurora*, levando grande bagagem e d'ahi a 48 horas, desembarcou em Santos, d'onde sahiu, vinte dias depois. para o interior.

A primeira idéa fôra seguir por terra o caminho de Santos a Goyaz, com destino a Cuyabá ; entretanto essa direcção, por motivos de economia, foi abandonada, e o chefe decidiu ir embarcar em Porto Feliz no rio Tietê a fim de aproveitar a communicação fluvial que, com a curta interrupção de duas leguas e meia de varadouro, leva á capital de Matto Grosso.

Reunida toda a commissão em Porto Feliz a 7 de Dezembro de 1825, foi adiado o embarque, porque o consul Langsdorff teve que regressar ao Rio de Janeiro, chamado a negocio importante, como declarou, ou levado antes pelo desejo de esperar o tempo secco para dar começo áquella navegação. Antes de partir, entregou a direcção dos mais empregados ao botanico Riedel, determinando-lhes que se entregassem a explorações da zona occidental da provincia de S. Paulo até que estivesse de volta, o que só cinco mezes depois succedeu.

Em principios de Junho de 1826 reuniram-se novamente todos em Porto Feliz, e foi então designado o dia 22 para a definitiva sahida. Um dos membros, porém, o zoologo Hasse, desculpando-se com a necessidade de effectuar seu casamento com a filha de um dos moradores do lugar, despediu-se dos companheiros e demittiu-se de suas funcções.

Esse desfalque, embora sensivel, podia ser preenchido pelo proprio consul Langsdorff, cuja especialidade era justamente a zoologia e mais particularmente a entomologia ; assim, pois, embarcou a expedição em duas grandes canôas chamadas *Peroba* e *Chimbó*, tres batelões e duas canôinhas, tripolado tudo por perto de 40 pessoas e, após festivas despedidas da população que acudira á margem do rio, deixou no dia marcado as praias de Porto Feliz.

A viagem pelo Tietê foi agradavel. Seguia-se ajudado pela corrente e, apezar das muitas cachoeiras e dos dois magestosos saltos de Avanhandava e Itapura, que obrigam a descarregar as canôas e varal-as por terra, o trabalho era relativamente suave.

Depois de 55 dias, a *monção*, a 13 de Agosto, sulcou aguas do Paraná. Os membros da commissão subiram um quarto de legua acima e foram contem-

SciELO

plar o salto de Urubupungá, tão fallado n'aquelles lugares.

Acabada a digressão, deixaram todas as canôas e, a 18 de Agosto, entraram no rio Pardo, celebre de um lado pela belleza das campinas que corta em seu percurso, de outro pelas canseiras que oppõe a quem o navega contra corrente. São, com effeito, necessarios cincoenta e mais dias para subir até perto das cabeceiras, quando bastam seis a sete para a descida.

Depois de vencidos numerosos obstaculos, alcançou a expedição, a 9 de Outubro, o varadouro de Camapuan (onde existia importante estabelecimento com grande escravatura), e viu suas pesadas embarcações transpôrem em carroções as duas e meia leguas de terreno montuoso que separam o ultimo affluente da bacia do Paraná, Sanguesuga, do rio Camapuan, primeiro affluente do Paraguay.

Depois de não pequena demora, partiu ella a 21 de Novembro, seguiu pelo Camapuan e, transpondo rapidamente as innumeras cachoeiras do rio Coxim, entrou, a 3 de Dezembro, no Taquary, cuja corredeira Beliágo foi passada ao som de descargas de mosqueteria, por ser o ultimo empecilho importante desde ahi até á cidade de Cuyabá.

N'aquelle tempo, já o modo de proceder do consul Langsdorff havia desagradado aos membros da commissão e motivado sérios reparos da parte de alguns d'elles. O diario do Sr. Florence não diz palavra a respeito, mas ha um facto da maior significação: é a separação d'aquelle pequeno nucleo de distinctos viajantes em dois grupos, um dos quaes, composto de Riedel e Taunay, tomando a dianteira, seguiu isoladamente n'um batelão para Cuyabá, quando todos sabiam que as margens do Taquary e Paraguay estavam infestadas de indios *Guaycurús*, cujo rompimento com os brancos começára pela matança dos soldados de um destacamento brasileiro, um tanto affastado do forte de Miranda.

Apezar dos perigos partiram logo, continuando a *monção* vagarosamente sua viagem; no dia 12 de Dezembro, chegou á foz do Taquary e ahi parou um dia inteiro para que Rubzoff fizesse todas os observações astronomicas.

A navegação do Paraguay foi penosa. O rio tinha tomado agua; as zingas não alcançavam mais o fundo; os aguaceiros eram continuos, e enxames de

mosquitos assaltavam os navegantes, causando-lhes crueis soffrimentos. Debalde cobriam o corpo com roupas grossas ; debalde se abrigavam debaixo dos mosquiteiros, onde mal podiam respirar de calor, os terriveis e sanguisedentos pernilongos se insinuavam nas menores falhas das vestes e enterravam nas carnes o doloroso ferrão.

A *monção* deixou então o leito do rio e buscou cortar em linha recta pelos campos inundados, mas ahi teve que luctar com a incerteza; perdeu-se ; foi obrigada a transpôr inesperada e desconhecida cachoeira, que se formára no encontro de dois chapadões, e deu-se por muito feliz em cahir n'um sangradouro, pelo qual voltou ao álveo do Paraguay.

No dia 27 de Dezembro, entrou no rio S. Lourenço, achando só então allivio ao supplicio dos mosquitos: a quantidade diminuira sensivelmente.

Afinal, a 30 de Janeiro de 1827, após sete mezes e meio de viagem e vencidas 530 leguas e 114 cachoeiras, attingiu a commissão scientifica o suspirado porto de Cuyabá, onde foi recebida com toda a benevolencia e amabilidade pelo presidente de então, major de engenheiros, José Saturnino da Costa Pereira e hospedada no palacio do governo, como haviam sido anteriormente Riedel e Taunay, ha muito chegados.

Alguns dias depois, alojaram-se todos os membros n'uma espaçosa casa da cidade, que se tornou o centro de excursões, das quaes as mais importantes foram até á villa de Guimarães, a 28 de Abril, e Villa Maria, a 26 de Agosto.

De Cuyabá remetteram elles para S. Petersburgo, por intermedio do negociante Angelini e do vice-consul da Russia no Rio de Janeiro, Kielchen, grande e curiosa cópia do resultado de suas observações e pesquizas, figurando na collecção 60 desenhos e diversos herbarios que o sabio Fischer acolheu na Europa com lisongeiro applauso.

Foi tambem ahi que Adriano Taunay, cultor, como dissemos, da musica com o enthusiasmo proprio de sua poderosa e inflammada intelligencia, conseguiu reunir não pequena quantidade das bellissimas composições religiosas do brasileiro padre José Mauricio, thesouro que, infelizmente se extraviou e nunca chegou ao Rio de Janeiro, apezar das diligencias da familia.

N'esse tempo, porém, o chefe Langsdorff, entregando-se ás irregularidades de uma vida que encontrava facil expansão nos costumes, então bastante livres, da cidade de Cuyabá, não só se tornára motivo de desgostos para seus companheiros, senão tambem fazia receiar que, como infelizmente se realizou, estivesse caminhando para um estado deploravel de perturbação nas faculdades mentaes.

Ou pela reluctancia em recomeçar com os aborrecimentos das grandes viagens, ou pelo attractivo da commodidade e gozos que encontrava em Cuyabá, não foi sem custo que elle decidiu-se a deixar aquelle ponto a 5 de Dezembro de 1827.

Continuára a commissão dividida em duas secções, uma composta do chefe, Rubzoff e Sr. Florence, caminhou para o Norte até á villa de Diamantino a 32 leguas da capital; a outra, de Riedel e Taunay, havia já sahido e tomado para O. com destino a Villa Bella de Matto Grosso, distante umas 100 leguas. Estes deviam embarcar no rio Guaporé, e, pelo Mamoré e Madeira, alcançar o Amazonas, ao passo que os outros, partindo de Diamantino em época préviamente marcada, desceriam os rios Preto, Arinos, Juruena e Tapajoz, indo, logo que chegassem á villa de Santarem, para a Barra do Rio Negro ou Manáos, que era o ponto do encontro commum. D'ahi, todos juntos, seguiriam pelo rio Negro acima até ao canal de Cassiquiare, entrariam no Orenoco e iriam correr as Guyanas.

Este bello plano não pôde realizar-se pelos terriveis e inesperados incidentes que desgraçadamente sobrevieram em ambos os grupos da commissão exploradora.

Emquanto, na villa de Diamantino, parte d'ella esperava que a outra, segundo haviam combinado, attingisse Villa Bella, foi o soffrimento mental de Langsdorff se aggravando cada vez mais, o que de algum modo attenúa, senão de todo desculpa, os excessos a que se entregava então sem mais reservas nem cautela.

Partindo precipitadamente da povoação vinte dias antes do que devêra, navegou o Rio Preto, entrou no Arinos e esteve largos mezes parado no porto dos indios *Apiacás*, onde todos quanto o seguiam apanharam terriveis febres, das quaes alguns morreram e outros ficaram para sempre affectados em sua saude, como

aconteceu a Rubzoff que em S. Petersburgo ainda tinha as pernas tropegas e mal podia andar.

N'esse lugar fatal, apagou-se quasi totalmente a intelligencia do consul Langsdorff. Tendo perdido a memoria, praticava actos desasizados que compungiam fortemente o coração de seus subordinados. Já sem chefe, decidiram estes descer o Juruena e Tapajoz, afim de mandarem o infeliz viajante para o Rio de Janeiro sem mais perda de tempo. Assim fizeram e, chegando á villa de Santarem em principios de 1829, despacharam um proprio para a barra do Rio Negro, dando ao botanico Riedel conta de tudo quanto succedêra.

Langsdorff foi n'esse mesmo anno transportado para a Europa, onde viveu ou melhor vegetou no seu canto natal até 1852, anno de seu fallecimento, tendo gozado da pensão de 11.000 rublos que até aos ultimos dias de sua existencia, o governo da Russia generosamente lhe concedeu, apezar do máo exito de sua exploração.

Vejamos, porém, o que occorrêra a Riedel e Taunay depois que novamente se separaram dos companheiros de viagem. A 18 de Dezembro de 1827, haviam chegado com felicidade a Villa Bella de Matto Grosso, cidade em ruinas e dolorosa decadencia, cujo aspecto provocou ao espirito do artista melancolicas reflexões que transmittiu n'uma carta - a ultima ! — a seus queridos irmãos no Rio de Janeiro. « Amigos, dizia elle, é de uma das salas do abandonado palacio dos antigos capitães-generaes de Matto Grosso que vos dirijo estas linhas, d'essas immensas salas, testemunhas outr'ora das festas de uma côrte assidua junto aos depositarios da autoridade real, e que agora, silenciosas, não repetem senão o surdo ruido do insecto que róe a madeira ou os passos do curioso que percorre seu recinto. Tudo ficou no mesmo estado desde o dia em que a séde do governo foi transferida para Cuyabá : a mobilia, as pinturas, os armarios, as mesas de trabalho, tudo ficou. Os pateos estão cheios de herva : por toda a parte vêm-se os signaes destruidores do abandono, e o combate das cousas existentes contra o tempo. Tudo representa a morte. Já vos communiquei que a expedição dividira-se em dois grupos até nova juncção no Pará. Estamos accommodados, eu e Riedel, no recinto do palacio, á espera que se esvazie a casa que nos fôra destinada. Uma das

portas, que dão accesso para o interior, abre sobre o pateo. Por ahi é que entrei. Nada tinha sido aberto. Havia, pois, um cheiro de bafio que, unido á escuridão, produzia sensação eminentemente triste: a de um herdeiro que vem tomar posse da morada de seus antepassados. Cada passo accordava um éco sonoro que o repetia além. Abri tudo e percorri todas as salas. As que serviam de repartições publicas conservam ainda seus armarios e mesas. A sala de estado, ornada de pinturas que representam columnas, não mostra estragos e é de algum gosto. Havia outra fechada a chave: sem duvida a que contém os retratos dos capitães-generaes. Na secretaria ha dois quadros; um representa, creio, o rei D. João V., o outro a rainha. Não são máos, e a côr está perfeita... Em tudo isto falaremos, quando tornar a vêr-vos. Muito tenho que contar.

«O consul deve estar agora prestes a partir. Julgo, entretanto, que talvez não possa descer este anno, caso em que voltaremos tambem para Cuyabá. Não sei o que acontecerá então: demorar-nos-hemos ainda um anno por cá ou seguiremos pelo Araguaya até ao Pará? A expedição está tão desordenada *(embrouillée)*, que impossivel é fazer conjecturas sobre seu futuro.... »

Devendo os dois viajantes ficar tres a quatro mezes em Villa Bella, resolveram fazer desse ponto centro de operações e partiram, a 30 de Dezembro, para Casal Vasco, distante umas 14 leguas e proximo á fronteira da Bolivia. No dia 1 de Janeiro de 1828 visitaram S. Luiz e Salinas, os dois postos mais avançados do Imperio do Brasil por aquelle lado e, a 3, regressaram a Casal Vasco, d'onde se puzeram a caminho para Villa Bella, dois dias depois.

Um só d'elles, Riedel devia chegar com vida.

O outro, Adriano Taunay, levado pelo genio fogoso, deixou a morosa comitiva; perdeu-se no meio de um grande temporal que de repente cahiu: vagou por entre cannaviaes e, alcançando a margem do rio Guaporé, não duvidou jogar-se a nado para transpôl-o, vestido como estava. Confiado na segurança com que costumava zombar dos elementos, depois da aprendizagem entre os indigenas das Carolinas na Oceania, que mais vivem n'agua do que em terra, fez pouco no caudal que corria barrento e entumecido.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Venceu com facilidade até ao meio da corrente ; depois, com o peso das roupas faltaram-lhe as forças ; luctou ; fraqueou ; soltou um grito pungente de agonia e afundou-se para não mais apparecer senão cadaver.

Eis como n'uma carta datada de Matto Grossso, a 10 da Março, narra Riedel o successo que arrebatou na flôr dos annos, seu intrepido e amado companheiro :

« ..... Deixámos Casal Vasco na manhã de 5 de Janeiro para voltarmos á cidade. Vosso irmão meu infortunado amigo, que não podia se afazer a acompanhar nossa resumida e lenta caravana, tomou a dianteira e d'ahi a pouco o perdi de vista. Entretanto pelos rastos do seu animal vi que até tres leguas de Matto Grosso seguiu caminho certo, mas n'esse ponto desabou um temporal acompanhado de violenta chuva, que n'um instante inundou todos aquelles vastos campos. Alcanço o porto do Guaporé, sem encontrar meu amigo, suppondo-o, porém, abrigado em algum rancho arredado da estrada. N'uma canôinha passo o rio, não sem perigo, porque as aguas iam-se avolumando e chego, ás 4 horas da tarde, a Matto Grosso, onde me communicaram a fatal noticia. Duvidei dar-lhe credito, mas d'ahi a pouco trouxeram-me o cavallo que elle montava — triste prova da verdade ! Corro ao porto ; acho varias pessoas empenhadas em procurar o corpo. .debalde ! pois as aguas turvas e carregadas de lôdo tornavam a pesquiza inutil.

« A uma legua da cidade perdeu-se Adriano ; atravessou duas vezes o rio Alegre e entrou n'um cannavial, onde uma negra lhe ensinou uma vereda que por mattos e pantanos levava á margem do Guaporé, defronte da cidade, uns trezentos passos acima do porto. Chegando alli, viu do outro lado uma lavadeira e pediu-lhe que fosse avisar o *passador*. A trovoada roncava com força e cahia chuva a cantaros. Adriano impacienta-se ; prende a rédea ao animal e, recommendando-o á lavadeira, o toca para a agua. A mulher avisa-o do perigo, mostra-lhe o barqueiro que vinha chegando. Nada, porém, o desvia da funesta intenção ; atira-se a nado ; chega ao meio do rio ; perde as forças ; afunda ; lucta ; dá um grito ; levanta um braço e, victima da excessiva temeridade, desapparece, no momento em que chegava a canôa. Infelizmente o *passador* não sabia mergulhar. As auto-

ridades fizeram todas as diligencias para achar o corpo. No dia 6 de Janeiro, mais de 15 pessoas em vão se occuparam nesse triste mister.

« Entretanto, na madrugada de 8, vieram-me avisar que tinha sido descoberto. Corro... chego ... vejo-o estendido na margem, mutilado pelos peixes... Lanço-me sobre elle... Poupai-me esses pormenores! No mesmo dia foi sepultado com a pompa devida á sua pessoa e familia na igreja de Santo Antonio que se ergue junto ao porto, encravada u'um frondoso e extenso laranjal. No mesmo dia 9 celebraram-se ceremonias religiosas, conforme o uso da terra. O capitão-mór João Paes, a quem pedi o obsequio de attender para tudo quanto fosse preciso, portou-se como cavalheiro distincto... »

Assim, pereceu desastradamente Adriano Taunay com 25 annos de idade incompletos, quando a existencia ante elle se abria não tanto amena e facil, como cheia de esplendores e gloria.

As aguas revoltas do Guaporé de subito apagaram um futuro radiante, uma das mais queridas e justificadas esperanças de minha familia, que ainda hoje conserva viva e dolorosa a recordação do funesto anniversario.

Vê-se, pois, que grandes desgraças haviam cahido sobre os dois resumidos grupos em que se separára a commissão expedicionaria.

Como ultima informação direi que as despezas do governo da Russia, durante esses tres annos e meio, subiram a 88.200 francos, somma bastante consideravel n'aquella época

Os desenhos e collecções phytologicas foram recolhidos a um museu de S. Petersburgo. Quanto aos calculos astronomicos de Rubzoff, que morreu pouco depois de sua chegada á patria, no mar Caspio, nada se sabe de positivo.

Deixemos agora a palavra ao digno Sr. Hercules Florence, que com sua linguagem simples, mas caracteristica, vai nos contar todos os incidentes pitorescos da longa, interessante e desventurada viagem do consul barão de Langsdorff,

---

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

ESBOÇO DA VIAGEM

FEITA PELO SR. DE LANGSDORFF NO INTERIOR DO BRASIL, DESDE SETEMBRO DE 1825 ATE' MARÇO DE 1829

Escripto em original francez pelo 2.º desenhista da Commissão Scientifica

HERCULES FLORENCE

Traduzido por

ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

N'uma sumaca chamada *Aurora*, que fazia viagens de cabotagem, partimos da cidade do Rio de Janeiro no dia 3 de Setembro de 1825. O tempo mostrava-se favoravel para depressa alcançarmos Santos, 40 leguas a S. O.; não estavamos, comtudo, a commodo n'esse acanhado barco, tanto mais quanto, além das cargas e da bagagem nossa que levava, transportava 65 escravos, negras e negros, recentemente introduzidos d'Africa e todos cobertos d'uma sarna, adquirida na viagem, que, exhalando grande fétido, poderia nos ter sido nociva, caso durasse mais o contacto a que ficámos obrigados e fôra a atmosphera calma e parada. Felizmente, dia e noite, soprou o vento fortemente, levando-nos á embocadura do canal de Santos em 48 horas, quando ás vezes acontece que se gastam mais de tres semanas no mesmo trajecto.

Subimos o rio legua e meia até á cidade, cujo aspecto longe está de annunciar um porto de grande commercio: na verdade viam-se apenas fundeados alguns navios costeiros e um palhabote portuguez. Acolhidos pelo consul inglez, fomos nos accomodar n'uma casa proxima á povoação, onde nos demorá-

mos perto de 20 dias, durante os quaes choveu constantemente, o que não é de estranhar por ser a localidade de clima humido e pluvioso quasi todo o anno. Raramente se tem um dia de sol.

Em Santos ha uma unica rua ao loogo do rio e travéssas que da praia vão ter ao alto de collinas a cavalleiro da cidade. Embora se note muito pouca actividade na resumida população, é este porto o mais importante de toda a provincia e o entreposto exclusivo do commercio de importação e exportação que busca a parte septentrional de S. Paulo.

Ha um estaleiro, onde se constróem navios do Estado. Continuadamente levam mercadorias de Santos para o Cubatão, aldeóla sita tres leguas acima, duas embarcações, que voltam carregadas dos productos regionaes. Empregam 24 horas na subida e tres ou quatro para descerem.

Parti de Santos com alguns dias de avanço sobre meus companheiros afim de mandar preparar commodos no Cubatão e contractar com antecedencia algum tropeiro, que se encarregasse de transportar para S. Paulo toda a bagagem pertencente á commissão. Embarquei-me n'uma canôa feita d'um só páo e tripulada por dois negros remadores.

Fiquei maravilhado da belleza dos sitios que fui atravessando. Não me fartava de admirar as margens do rio, a superficie calma das aguas, os massiços de *mangues*, que por toda a parte surgem do meio da corrente e se alinham nas bordas, o cantar dos passaros do paiz, tão novo para mim ; tudo concorria para mergulhar-me a alma em doce melancolia. Depois de posto o sol, o espectaculo mudou : ergueu-se a lua, e o suave clarão veiu dar mais formosura áquella noite serena e bella, a primeira que eu assim passava n'esta parte da provincia.

Navegavamos por entre ilhas de *mangues*, cujos grupos dividem o rio em varios canaes, alguns tão estreitos, que as arvores entrelaçam os ramos e formam docéis de verdura ao viajante. Em ponto algum coavam os raios da lua ; mas aquella escuridão me aprazia, condizendo com o silencio, que só o bater dos remos e os gritos das aves nocturnas de quando em quando interrompiam.

Cheguei ao Cubatão ás 10 horas da noite e fui acolhido pelo Sr. Eduardo Smith, dinamarquez de

SciELO

nascimento, e para quem levava cartas de recommendação.

No dia seguinte, presenciando a actividade que reinava no Cubatão, conheci quanto é ponto frequentado, embora apenas seja um nucleo de 20 ou 30 casas mal construidas. E' o entreposto entre S. Paulo e Santos. Durante os cito dias que lá fiquei, vi diariamente chegar tres a quatro tropas de animaes e outras tantas partirem.

Cada tropa compõe-se no geral de 40 a 80 bestas de carga, guiadas por um *tropeiro* e divididas em lotes de oito animaes que caminham sob a direcção de um *camarada*.

Acontece que quando muitas d'ellas alli se reunem, os camaradas se congregam todos para dansarem e cantarem a noite inteira o *batuque*. Gritam a valer e com as mãos batem cadencialmente nos bancos em que estão sentados. Assim se divertem.

As tropas, ao descerem de S. Paulo, vêm carregadas de assucar bruto, toucinho e aguardente de canna e voltam levando sal, vinhos portuguezes, fardos de mercadorias, vidros, ferragens, etc.. Os productos francezes, como sedas, musselinas, chitas e toalhas de linho, que em S. Paulo, como em todo o Brasil, são muito mais apreciados que os de origem ingleza, têm importação, comtudo, inferior, porque o commercio francez é incomparavelmente menos activo. Outra razão ainda impede maior consumo: sua carestia em razão do grande onus dos impostos de importação.

A quantidade de assucar que annualmente transita pelo Cubatão é avaliada de 500 a 550,000 arrobas.

Para o futuro, poderá este ponto tornar-se muito commercial; entretanto a atmosphera não é alli, nem será nunca, perfeitamente salubre. Situado na mesma planicie, ou, para melhor dizer, entre os mesmos pantanos que Santos, não ha quasi dia em que deixe de chover.

As altas montanhas que encerram a varzea a S. e as florestas que lhes revestem o dorso attrahem as nuvens e as prendem, produzindo na baixada continuadas chuvas, quando, acima e na região elevada, muitas vezes está o dia bom e sêcco.

Ajustei com um tropeiro o alugnel de 63 bestas para transportar as cargas do Sr. consul até Jundia-

SciELO

hy, povoação d'ahi distante umas 19 leguas portuguezas. (Observo que no correr d'este diario me referirei sempre ás leguas portuguezas, que são de 18 ao gráo.) O preço do aluguel foi de 118$000; ora, como cada animal não póde carregar senão sete arrobas e meia, paguei essa somma pelo transporte de 472 1/2 arrobas, numa distancia de 19 leguas.

Em companhia de dois moços, que iam tambem para S. Paulo, parti de Cubatão sem me importar mais com a bagagem, porque, além do tropeiro ser responsavel por qualquer desvio, nas cargas nada havia que podesse estragar-se.

Depois de um quarto de legua, começámos a subir a *serra* do Cubatão. N'esse logar tem ella de altura cerca de 2.500 pés e só póde ser vencida em pessimo caminho, calçado de grandes lages, na maior parte deslocadas, o que torna a subida sobremaneira fadigosa. O declive é de 25 a 30 gráos, e creio que a inclinação da montanha ha de ser de 45 gráos.

Caminha se sempre no meio de basto arvoredo que impede o goso de perspectivas sem duvida magnificas; tangenciam-se precipicios de 200 a 300 pés de profundidade e, de continuo a subir, anda-se em zig-zags muito apertados. Galgámos a metade do caminho a pé, afim de poupar nossos animaes. A cada passo as bestas paravam, offegantes de cansaço.

Completa cerração nos cercou até que alcançassemos o alto. Quando suppunhamos dever desfrutar uma bellissima paizagem, observámos com desgosto que o nevoeiro descêra para o meio da serra, occultando-nos a planicie. Posteriormente, porém, tive a felicidade de passar por ãhi n'um dia muito claro. Vi então a extensa varzea, Santos, S. Vicente, o Cubatão, o estreito e tortuoso rio desse nome, a Bertioga que é uma de suas boccas, as bonitas enseadas d'agua doce que fórma, os canaos em linha recta — obra d'arte —, a serra que se estende de N. E. a S. O. fechando como que em arco a formosa baixada de Santos e afinal o oceano, em cujo seio apparecem umas ilhotas. O olhar devassa para além de 20 leguas de costa em direcção S. O.

Até á tarde proseguimos a jornada, caminhando em estrada soffrivel, embora muito estreita em alguns logares. O paiz em derredor é risonho, cortado de valles, dobrado, coberto ás vezes de matto, outras descampado. N'este caso não é raro verem-se

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

possantes madeiros de altura respeitavel que escaparam ao fogo e ao machado. Tambem se enxergam florestas virgens e diversos corregos, cujas aguas crystallinas regam esta bella região.

Para o fim do dia, nuvens sombrias trouxeram-nos a ameaça de um temporal. Com effeito cahiu algum granizo e chuva em abundancia. Passámos a noite sob o tecto de um pobre homem, que nos abrigou da tempestade, cujos trovões e relampagos succediam-se frequentes e estrepitosos. Estavamos então a tres leguas S. do tropico.

No dia seguinte, chegámos, com uma legua de marcha, a S. Paulo, cidade que tem 12.000 habitantes e algumas ruas não feias. O palacio da presidencia é um edificio insignificante; a cadêa vasta, mas mal construida e tão pouco solida que não raro d'ella fogem os presos. E' capital da provincia, residencia de um presidente, de um commandante de armas e séde do bispado. Tem um ouvidor e um juiz de fóra da comarca de S. Paulo. A guarnição sóbe a 900 praças de caçadores, todas nascidas na provincia e que d'ella não sahem, senão em caso de guerra.

Os habitantes de S. Paulo, como em geral os de toda a provincia, são tidos entre os brasileiros por valentes e rancorosos. Com effeito o são comparativamente. Ha exemplos de actos atrozes praticados por paulistas para saciarem a sêde de vingança, sendo quasi sempre mulheres a causa dessas desordens. Hospitaleiros, francos e amigos dos estrangeiros, são em extremo sóbrios, bebem muito pouco vinho, e mantêm mesa simples, mas agradavel. As principaes comidas são frango, leitão assado ou cozido e hervas, tudo porém acepipado com um condimento que excite o apetite. Não comem pão: em seu logar usam da farinha de milho ou de mandioca que sabem preparar com pericia, alva como o leite, e muito boa ao paladar.

Fui hospedar-me em casa de um parente dos meus dois companheiros de viagem, primeiro tecto brasileiro em que frui as doçuras da hospitalidade e dahi por diante tive sempre occasião de reconhecer os cuidados affectuosos e tocantes com que o povo brasileiro exercita este dever de caridade. Sem duvida alguma é elle muito mais hospitaleiro do que qualquer outro da Europa e ha sua razão para isso. Aqui

a terra produz muito mais alimento do que podem os habitantes consumir. Mesmo no Brasil já não ha hoje nas cidades maritimas tanta facilidade de vida, não só pelo augmento de população, affluencia de estrangeiros, como pelo luxo proprio dos grandes centros. Ha hoteis e hospedarias: no interior é cousa que se não encontra. O viajante sabe que em qualquer parte em que houver um morador, ha de ser por elle acolhido e tratado, não tendo mais do que apresentar-se á sua porta.

Nos quatro dias de demora em S. Paulo, só dois estrangeiros conheci; um francez, negociante varejista e outro prussiano, que viéra para o Brasil com o rei D. João VI. Era empregado como armeiro e não tinha para viver senão uma diaria de 3 francos e 35 cent., com a qual sustentava numerosa familia, tendo já quatro filhas em idade de casar. Além de pobres, acontece que os brasileiros, cujas amaveis qualidades são tão caracteristicas, encontram, inclinados como são aos prazeres, nas mulheres do paiz facilidade de costumes, e em geral não pensam em se deixar prender nos laços do matrimonio.

Sempre com os meus dois companheiros, parti de S. Paulo e fiz 10 leguas de marcha para alcançar Jundiahy. A meio caminho, parámos junto a um ribeirão chamado Juquiry, que rola em suas arêas particulas de ouro. Ahi tomámos refeição n'uma casinha, onde pela primeira vez comi milho descascado e cozido sem sal, nem preparo algum. E' a *cangica*, de que os paulistas fazem sempre uso no fim da comida. A principio achei esse manjar singular, mas com o correr dos tempos habituei-me tanto a elle como se fôra filho do paiz. Com assucar e leite é cousa deliciosa.

A's 9 horas da noite chegámos a Jundiahy e hospedámo-nos na casa de uma familia aparentada com um dos meus companheiros. Depois de uma estada de tres dias, partiram elles para Itú. Quanto a mim, ahi fiquei um mez inteiro, á espera do Sr. Langsdorff e de seus empregados.

Jundiahy é a povoação a mais deserta que vi em toda a provincia. O terreno é um tanto arido: ha muito poucos habitantes, commercio limitadissimo; entretanto está no caminho de S. Paulo a Goyaz e é ahi que os negociantes, que não se proveram de animaes, encontram bestas para alugar.

SciELO

Poucos dias depois da chegada do Sr. consul, parti para Campinas, tambem chamada S. Carlos, cidade nascente, bastante vasta, bem povoada, rica pela cultura em grande escala da canna de assucar, e pela fabricação d'esse producto e da aguardente. Seus arrabaldes são agradaveis em razão dos sitios cultivados, multiplicidade de casas e engenhos de assucar. O commercio sobrepuja ao das outras cidades proximas, com excepção de Itú. A concurrencia traz a barateza das mercadorias.

Ahi me demorei mez e meio, partindo com destino a Porto Feliz por ter tido ordem de transportar para lá todas as cargas pertencentes á expedição. O plano de nossa viagem havia sido mudado. Não seguiamos mais para Matto Grosso por Goyaz; embarcados em Porto Feliz, iriamos pelos rios que dão navegação até Cuyabá.

Passei pela cidade de Itú e fiquei tres dias com meus companheiros de expedição. Cabe aqui dizer a razão por que eu viajava separado d'elles. Havendo pedido ao Sr. consul a honra de acompanha-lo em sua exploração ao interior do Brasil, annuira elle, fazendo-me vêr que, levando grande bagagem, muita satisfação teria em me encarregar de dirigir sua conducção. Acceitei sem hesitar e puz todos os cuidados em bem cumprir minha palavra até Porto Feliz, embora com prejuizo do fim para que eu fôra mandado, visto como, durante 10 mezes, raros desenhos pude executar. Entretanto, para diante o consul, a rogos meus, occupou-me sómente como desenhista.

Uma legua antes de chegar a Itú, transpõe-se o Tietê n'uma ponte de madeira. E' o salto de Itú. Desde a ponte, o leito do rio se inclina: a agua adquire forte correnteza: esbarra de encontro a rochas esparsas; espuma em torno; espadana branca como neve; precipita-se entre dois grandes massiços e fórma uma primeira quéda de 15 pés de altura mais ou menos. De continuo se ergue espesso nevoeiro que o vento atira sobre as arvores. Adiante as aguas fervem em curso vertiginoso; em borbotões saltam pelas pedras; chocam-se cachões contra cachões; desfazem-se em liquida poeira; rugem nas margens e alternadamente submergem ou descobrem grandes rochas. E' a imagem eterna do mar em furia.

Abaixo uns 800 passos da quéda, volta o Tietê á tranquillidade primitiva e corre então mansamente por

entre espesso e verdejante matto. As arvores proximas á cachoeira são seccas e despidas de folhas, facto que tive occasião de observar na vegetação que orla as grandes cascatas.

Itú é uma cidade espraiada em vasto terreno. Ha algumas casas de sobrado. As ruas não são alinhadas como as de Jundiahy, mas em compensação têm um passeio de lages de ardosia de mais de um metro quadrado, tiradas de uma pedreira, distante algumas leguas, e de tal espessura que resistem aos choques dos carroções em que são trazidas. Esse lagedo daria muito realce á belleza do povoado, caso não fizesse contraste com o meio da rua inteiramente descalço e tão cheio de pedras e matacões, que se torna o transito incommodo e até perigoso. Em muitos lugares ha arêa fina e quando chove formam-se lamaçaes de enterrar-se o pé até acima do tornozello.

Ha em Itú um convento de franciscanos. A Matriz ornada com simplicidade, se bem pequena e exteriormente de pouca architectura, é a melhor de toda a provincia, depois da Sé da capital. Ha ainda uma igrejinha, sob a invocação de Nossa Senhora do Patrocinio, cuja riqueza e ornamentação muito desvanecimento trazem aos habitantes da localidade. A fachada, porém, é de pessimo gosto e alheia a qualquer regra architectonica.

Durante os tres dias de minha estada em Itú, foi um escravo do Sr. consul morto por um negro de'sta cidade, por causa, disseram-nos, de uma preta. Não houve meios de obter justiça : o assassino fugiu para os mattos, e as autoridades não pareceram dispostas a tomar a peito sua captura.

No Brasil vêm-se muitas vezes crimes d'esta natureza ficarem impunes, não só por que suas vastas florestas dão seguro asylo aos delinquentes, como a justiça publica mostra-se frôxa ou falta de meios para se fazer respeitar, e a policia é nulla. Um homem, que commette um attentado, foge para outra provincia, alli passeia sem rebuço e ninguem lhe toma contas.

Quanto aos que buscam refugio nos mattos, não admira que estejam fóra do alcance da acção legal, pois os meios de que esta careceria seriam por demais dispendiosos, mas em relação aos que se homiziam em outras provincias, a segurança de que vão gozar prova bem quanto é viciosa a administração.

SciELO

Partiu o Sr. consul para a fabrica de ferro de S. João de Ipanema a seis leguas N. O., acompanhado de seus empregados. Quanto a mim, dirigi-me para Porto Feliz, afim de mandar construir canôas e preparar tudo para a viagem de Cuyabá. A digressão que nosso chefe propunha fazer estendia-se pelo sul da provincia; mas, havendo elle sido chamado ao Rio de Janeiro a negocio, deixou a direcção da commissão ao Sr. Riedel, botanico, o qual, com os mais empregados, devia achar-se em Porto Feliz antes da sua volta.

Durante a ausencia d'esses senhores, ausencia de cinco mezes, fiquei n'aquella cidade, hospedado em casa do cirurgião mór Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, homem instruido, de conversação agradavel e sentimentos altamente recommendaveis. Sua preciosa convivencia fez-me passar todo aquelle tempo mui deleitavelmente.

Porto Feliz é uma cidadesinha assente na margem do Tietê, e em terreno elevado e desigual. As casas são terreas e as ruas tortas, e não como as de Itú e Jundiahy. Estão tão mal calçadas que á noite é impossivel dar um passo sem muita cautela. A classe dos habitantes agricolas, a mais numerosa sem duvida, não concorre a ella senão aos domingos e dias santos, de modo que só n'essas occasiões é que se vê alguma gente nas ruas.

Com o auxilio do cirurgião-mór, pude sem demora achar os mestres constructores e operarios de que precisava. Em tres mezes, pois, duas grandes canôas ficaram promptas. Tinham cinco pés de largo, sobre 50 de comprimento e tres e meio de profundidade, feitas de um só tronco de arvore, cavado e trabalhado por fóra, de fundo chato e com pouca curvatura. Esse fundo era de duas e meia pollegadas de espessura, a qual ia diminuindo até á borda, onde não tinha mais de uma pollegada. Uma larga faixa de madeira, pregada solidamente, guarnecia as duas bordas e bancos deixados no interior das canôas augmentavam-lhes a solidez, além de duas grandes travéssas que concorriam para o mesmo fim. Estas embarcações assim construidas são muito pesadas: entretanto, embora fortes, não podem commummente resistir ao choque nos baixios, quando impellidas pela rapidez das aguas.

SciELO

Além de uma canôinha, de uso para caçadas e pescarias, arranjei um batelão que, como as duas canôas grandes, levava uma barraca de panno verde armada á pôpa.

Não tive grande trabalho em contractar gente para as tripulações. Consegui um guia, e seu substituto, um piloto e dois ajudantes, tres *proeiros*, (homens que vigiam á prôa) e 18 remadores.

No tempo marcado voltaram de sua excursão os Srs. Riedel, Taunay, Hasse e Rubzoff. O Sr. consul por seu lado não tardou a chegar. Juntos todos, demorámo-nos ainda mez e meio em Porto Feliz até 22 de Junho, dia designado para a nossa definitiva partida. O Sr. Hasse, porém, decidiu-se a ficar por ter de effectuar seu casamento (1) com a filha do nosso amigo, o Sr. Francisco Alvares (2).

---

(1) Esse casamento não se effectuou. Annos depois, Hasse suicidou-se em Campinas.

(2) Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, filho de uma das mais distinctas familias de S. Paulo, nasceu em 1791, figurou muito na politica e falleceu em 1846. Sua filha unica casou-se em 1829 com o Sr. Hercules Florence.

N. do T.

SciELO

Viagem de Porto Feliz á cidade de Cuyabá

22 DE JUNHO DE 1826

Acompanhados de Francisco Alvares, sua familia, o capitão-mór e o juiz, dirigimo-nos para o porto, onde achámos o vigario paramentado com suas vestes sacerdotaes, afim de abençoar a viagem, como é costume, e rodeado de grande numero de pessoas que viéra assistir ao nosso embarque. Os parentes e amigos se abraçavam, despediam-se uns dos outros. Dissemos adeus á mulher e filha de Francisco Alvares e, com este amigo que quizera vir comnosco até os ultimos lugares povoados da margem do rio, tomámos lugar nas canôas. Romperam então na cidade salvas de mosquetarias correspondidas pelos nossos remadores e, ao som d'esse alegre estampido, deixámos as praias, onde tive a felicidade de conhecer um amigo, de conviver com gente boa e affavel e passar vida simples e tranquilla.

Na primeira canôa iam o Sr. consul e uma moça allemã que elle trouxéra ultimamente do Rio de Janeiro : na segunda os Srs. Riedel, Taunay, Hasso e Francisco Alvares. O Sr. Rubsoff e eu occupavamos o batelão, dentro de uma barraca tão pequena que não podiamos estar senão sentados ou deitados. Acompanhavam-nos mas dois batelões e uma canôinha, além da que mencionei atraz, embarcações que, á ultima hora nos viramos obrigados a comprar por causa da grande bagagem que levavamos. Do mesmo modo fôra reforçada a tripulação. Cada canôa, com excepção das menores, tinha arvorada a bandeira da Russia

O guia, um ajudante do piloto, um *proeiro* o sete remadores compunham a tripulação da embarcação do consul, a qual designarei pelo nome de *Perova*, cor-

SciELO

rupção da palavra india *ipérova*, como chamam á arvore cujo tronco servira para sua construcção. O ajudante do guia, um do piloto, um proeiro e seis remadores formavam a equipagem do segundo barco chamado *Chimbó*, modificação do legitimo vocabulo indigena *Chimbouva*.

O piloto, um proeiro e quatro remadores iam no batelão.

O resto da gente, caçadores, criados e escravos do consul remavam nos batelões e canoinhas, em numero todos elles de 36.

A ordem da marcha era a seguinte: na frente a canôa do consul; logo após o *Chimbó*; em seguida o batelão onde eu estava, depois os barcos menores, formando o todo uma *monção* de sete embarcações.

Passámos por diante do jardim da casa de Francisco Alvares. Na base de um rochedo haviam estendido um grande lençol branco em que quatro pedaços de panno vermelho figuravam as canhoneiras de uma fortaleza. No alto fluctuava uma bandeira de paz, destacando-se por entre a fumaça das salvas de mosquetaria e foguetes do ar, que, unindo-se aos que partiam de todos os pontos da cidade, eram immediatamente correspondidos pela nossa tripolação.

Depois de quarto de legua de viagem vimo-nos na necessidade de aprôar. As canôas estavam por demais carregadas, pelo que mandou Francisco Alvares buscar ainda um batelão, que recebeu o excesso de peso.

A legua e meia da cidade, já sobre a tarde, fez-se *pouso* (acampamento ou alta em terra para passar a noite). Em vista da curta distancia, Francisco Alvares propoz-nos voltar ao povoado. Aceitámos eu e os Srs. Riedel e Taunay. Conseguidas por emprestimo umas cavalgaduras; eis-nos em caminho, mas, como era noite cerrada, perdemo-nos, o que fez com que chegassemos á casa já fóra de horas. Novos abraços e mais viva alegria. Mal pudemos dormir e pela madrugada voltamos ás canôas, quando iam partir.

No dia 23, não navegámos mais do que uma legua por havermos parado n'um *sitio* (casa) chamado *Itaguaçava*, proximo á *cachoeira* do mesmo nome. Mandámos a nossa gente cortar grandes varas no matto, não só para as manobras necessarias e difficeis nas descidas de rios, como tambem para puxar as ca-

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

nôas, quando subissemos o Pardo, Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá.

Haviamos já então passado por diante dos rochedos talhados a prumo, chamados *Itanhaem*, denominação indigena que quer dizer: *pedra que falla*. Como se sabe, foi a nympha Echo para sempre condemnada a não repetir senão as ultimas syllabas do que ouvisse: parece que aqui veio gozar de mais liberdade. Pelo menos contam que, na época do descobrimento dos portuguezes; podia ella repetir 14 syllabas, mas o tempo, desaggregando as rochas que lhe constituiam a voz, mergulhou-a em completa mudez. Aos nossos gritos nada respondeu a infeliz.

A 24, fez-se voltar ao batelão tomado por emprestimo, e comprou-se outro. Como, porém, estava estragado, foi o dia todo consumido em Itaguaçava afim de trabalhar nas reparações.

Descemos na manhã seguinte o rio e, depois de uma legua de viagem, parámos n'um sitio, onde deviamos receber mantimentos. Enquanto jantámos, tivemos a agradavel surpresa de ver chegar a mulher e a filha de Francisco Alvares; e mais o Sr. Grele, suisso de nacionalidade e pessoa cuja companhia nos fôra sempre grata na cidade de Porto Feliz, a duas leguas da qual tinha sua morada. Partimos algumas horas depois da chegada desse novo contigente, e para dar lugar ás senhoras, Riedel, Grêle e eu montámos a cavallo, e por terra caminhámos duas leguas até a cachoeira de *Pirapóra*.

Vimos casas, aqui e acolá, e sitios em geral cultivados. Chegaram as canôas e abicaram acima da cachoeira afim de transpôl-a no dia seguinte, pois a tarde já ia cahindo. Fomos, mais abaixo, ter a vivenda de uma D. Francisca, onde nos receberam muito amavelmente. Até agora a viagem é um verdadeiro passeio. A companhia é numerosa e senhoras vêm nos acompanhando. Atravessa-se com dia um bello paiz e á tarde acolhemo-nos a habitações, cujos moradores esperam por nós e nos dispensam todos os favores da hospitalidade. Alegria tambem não faltava.

Na manhã seguinte, chegaram alguns amigos de Itú, que voltavam a nos vêr. Quanto prazer!

Transpuzemos a cachoeira dos *Pilões* e, antes do meio-dia, alcançámos a freguezia da *Santissima Trindade*, assente á margem esquerda. Veiu-nos receber

o commandante, que nos fez as honras de sua casa. Depois d'esta povoação, não se encontram mais moradores.

Dia 27. Com grande custo embarcámos hoje nossos remadores. Uns estavam completamente embriagados; outros não queriam deixar os parentes ou amigos que haviam acudido por terra a lhes dizerem novamente adeus. Esta gente recebe metade do salario adiantado e, enquanto tem um real, bebe a mais não poder ou gasta tudo com mulheres. A fazer-lhes a vontade, n'um momento atirariam fóra todo o pagamento da viagem. Chegados a Cuyabá, em poucos dias despendem o resto do dinheiro, e muitos têm que voltar por terra a pedir esmolas pelo caminho. Estes pobres coitados empenham os seus serviços para tão penoso lidar por 20 francos mensaes, além de alguma roupa grosseira, mas o espirito aventureiro facilmente os impelle a contractos d'essa natureza.

A' tarde abicámos n'um sitio, cujo proprietario nos recebeu com muita franqueza. Estavamos a duas leguas da freguezia, entretanto haviamos feito por agua quatro.

Chegámos, no dia 28, ás 10 horas da manhã a uma fazendóla chamada *Pederneiras*, do nome do possuidor, cuja actividade, ajudada por tres escravos, em poucos annos a havia fertilisado de modo notavel. Assim como todos os bons habitantes d'este paiz, fez-nos muita festa e tratou-nos com a maior cordialidade.

Depois do meio dia tivemos o espectaculo de uma caçada de anta (tapir). Suppuzéra o pobre bicho poder passar o rio sem tropeço, mas foi presentido e, dado o alarma, n'um momento acudiram todos á margem, sahindo logo tres canôas a perseguil-o. Debalde mergulhava, debalde nadava largo tempo debaixo d'agua para subtrahir-se á morte, quando ia alcançar a barranca opposta e atirar-se no matto, a bala certeira de nosso piloto varou-lhe o craneo. Um dos proeiros, bom mergulhador, foi tiral-o no fundo da corrente.

A anta domestica-se com facilidade e poderia prestar, como animal de carga, os mesmos serviços que as bestas. Tem, com effeito, tanta força como ellas, embora seja de menor tamanho. Aconteceu em certa occasião, que havendo uns pescadores laçado uma anta que atravessava um rio, a amarraram á

canôa em que estavam. Ella continuou a nadar, levando o barco para a terra. Deixaram-n'a ir na supposição de que, uma vez na margem que era inclinada e alta, teria que estacar, sendo ainda mais a embarcação bastante grande. Mas eis que ao sahir d'agua continuou na carreira, fazendo submergir a pôpa. Então cortaram sem demora o cabo, e ella disparou pelos mattos, deixando a prôa em secco. Relato o facto como m'o contaram, mas pouca duvida tenho em lhe dar fé, porque dois homens podem puxar para a terra estas barquinhas. O que prova a força da anta n'este caso é ter ella podido arrastar a canôa por um barranco ingreme.

Dia 29. O Sr. consul teve que escrever um relatorio para o governo russo. Ficámos, pois, mais este dia em Pederneiras.

Na manha seguinte, saudosos e tristes separámo-nos de Francisco Alvares. Tanta amizade tinha-nos elle dispensado, tantos serviços prestára á expedição, que o abraçámos com gratidão, promettendo ir visital-o em Porto Feliz, depois de finda a nossa penosa viagem. Afastámo-nos então da ultima praia habitada.

Navegámos todo o dia, parando só para tomar refeição. De manhã nossa gente almoçava farinha de milho desmanchada em agua fria e assucarada. Ao meio-dia abicava-se para jantar. Comia-se a essa hora um prato de feijões feitos de vespera com toucinho e que, depois de aquecidos, misturam-se com farinha de milho. A' tardinha, lá pelo occaso do sol, aprôava-se, e então cada remador desempenhava o serviço que lhe havia indicado o guia para toda a viagem. Uns cortavam arvores, limpavam o terreno que ia ser acampamento; outros buscavam lenha sêcca para acenderem fogo; outros, enfim, armavam as barracas em que suspendiam as rêdes. O cozinheiro preparava sua panellada de feijões que deviam ser consumidos n'aquella hora ou no dia seguinte.

Os mantimentos que commumente se levam embarcados consistem em feijão e farinha, alimento exclusivo para os nossos camaradas, quando a caça e a pesca não traziam alguma variedade, superabundante ás vezes, outras muito escassa ou nenhuma, conforme a estação e os lugares.

No dia 1 de Junho não sahimos do pouso senão por volta de 9 horas. O denso nevoeiro que n'este

tempo costuma levantar-se á noite, impede qualquer navegação. Força é esperar que os raios do sol o dissipem.

Vimos ainda a choupana de um pobre morador que nos vendeu pratos de páo e rôlos de filamentos tirados de uma arvore chamada *embira*, com os quaes se fazem boas cordas. Passámos por varias ilhas grandes e cobertas de matto.

Dia 2. Fizemos pouso de jantar n'uma ilha toda cheia de pedras e separada, por um canal muito estreito, de outra elevada e umbrosa.

O nosso caçador matou um macaco femea, dos que chamam *monos*. O filho que carregava ás costas morreu da quéda. Desenhei um martim-pescador.

Dia 3. Partimos ás 8 horas da manhã. A's 9 e 1/2 abicámos á margem, para tratar de passar a cachoeira de *Banharão*, que transpuz no batelão. Diversas ilhas de aspecto pitoresco acham-se á esquerda. Os outros senhores foram por terra e viram os rastos frescos de uma onça e os excrementos de uma anta, que são muito parecidos com os do cavallo.

Depois do meio-dia, chegámos á embocadura do Piracicaba, rio quasi tão largo como o Tietê e, entre a fóz e uma ilha chamada da *Barra*, fizemos pouso, fronteiro ao qual se viam rochedos talhados a prumo e corôados de altaneiras arvores. Alli começa a *sesmaria* (data de terra que o governo cede a particulares sob condição de arroteal-a dentro de seis mezes) de Francisco Alvares: tem tres leguas de costa no rio e uma e meia de fundo. Fóra, já ha tempos, cultivada por uns pobres roceiros que colhiam milho e feljão, mas presentemente n'ella só se acham vestigios de bestas féras.

No dia 4, jantámos n'um lugar que acabava de ser pouso de uns pescadores. Varios couros de anta esticados estavam seccando ao sol, como já viramos em outros pontos. Depois de uma hora de viagem encontrámos esses homens; eram de Sorocaba. Tinham já muito peixe salgado e boa provisão de carne de anta e de outros animaes, preparada em tiras compridas e suspensas em varas para seccarem.

Dia 5. Attingimos depois do meio-dia a cachoeira chamada *Cabeceira de Uputunduva* e a transpuzemos. O rio alli se espraia muito, ficando com pouca profundidade, razão pela qual se descarregou metade da carga. Apezar d'essa precaução o *Chimbó*, em que

eu ia, bateu n'um baixio. N'um apice o guia e os remadores se atiraram á agua para safal-o : com agua pelo joelho retiveram-n'o contra a força da correnteza e, amparando-o, fizeram-no caminhar uns 40 passos, sempre rascando o fundo. Afinal, com muito trabalho, tiraram-no do perigo.

Mataram-se muitas *jacutingas*, especie de gallinaceos, *aráras* e *papagaios*, passaros que figuraram na nossa mesa como caça deliciosa, principalmente a primeira. O que porém leva as lampas em sabor e delicadeza são os *patos d'agua*.

O aspecto das margens continúa sempre o mesmo. São por toda a parte cobertas de matto alto, denso e sem interrupção. As arvores de tamanho notavel tão frequentes. As *figueiras* tomam até grandes proporções, estendendo horizontalmente, como que em latadas, um plano parallelo á superficie das aguas de ramos e galhos, no qual é raro ver-se uma folha mais inclinada que outra.

A cachoeira de Uputunduva é visitada pelos indios d'esta região, porque o rio ahi dá váo. Até agora, porém, nem sequer vestigios temos visto. Segundo contam nossos camaradas, esses indios, chamados *Chavantes*, são inimigos de toda a gente christã. Por vezes tem-se procurado chamal-os : fazem signal com a mão que nada querem comnosco e agitam como ameaça os arcos e flexas. Pelo menos avisam. Entretanto nem sempre obram assim, sobretudo quando sabem que não são presentidos. Convem, pois, não se metter pelo matto a dentro, afim de não desafiar alguma flechada mortal. Ainda ha poucos annos, mataram um infeliz remador de uma monção que por alli passava. O desgraçado demorára-se em terra para accender o cigarro e quando quiz saltar na sua canôa, foi varado por uma flecha, morreu tres horas depois.

Chamam-se *Chavantes* a todos os indios que apparecem na parte occidental da provincia de S. Paulo e para lá do Tietê. Tenho escassas indicações a respeito d'elles; creio, porém, que são poucos numerosos e errantes na vasta zona do terreno entre Curitiba, o Tietê e o Paraná até ás *Sete Quédas*, paiz que não foi explorado se não por uma expedição, a qual subiu algumas leguas pelo Parapanema acima, á procura de negros quilombolas. Contarei no fim d'este diario de que modo se descobriu o valhacouto d'esses

negros na margem do rio tão distante e pouco conhecido. A narração é interessante.

Deixo aqui notado que para a intelligencia perfeita dos nomes e lugares por mim citados, convem ter debaixo dos olhos o mappa inglez da America do Sul, publicado por Arrowsmith em 1810. Muitas vezes tive ensejo de apreciar quão exactamente estão n'elle marcadas as localidades por que passei. Muitas existem que não vêm mencionadas; outras o são erradamente; entretanto de quantas cartas depois cotejei, é esta a que mais se chega á verdade.

Durante todo o dia 6, foi nossa navegação incommoda por causa dos muitos baixios que tem o rio. Para transpôr o que tem o nome de *Gente dobrada do cemiterio*, tornou-se preciso descarregarem-se as canôas e transportarem-se as cargas nas canôinhas.

De manhã avistáramos um *estirão* (espaço comprehendido entre duas voltas de rio) de perto de uma legua. A paizagem era digna de nota, já pelo dilatado da perspectiva, já pelas sinuosidades das margens, que iam progressivamente desmaiando até se fundirem ao longe em tenue bruma.

Dias 7, 8 e 9. Viagem sempre trabalhosa e aborrecida em razão dos continuos baixios. No dia 7, transpuzemos uma cachoeira de primeira ordem, cujo nome, porém, passou-me da memoria. As cargas foram varadas por terra. A 8, fez-se o mesmo por causa de outra, assim como a 9. Esta ultima cachoeira, a maior das que temos até agora transposto, chama-se *Bariri-guaçú*. Nas praias desenterrámos ovos de tartaruga em abundancia: não faltaram tambem patos do matto nem jacutingas.

Os baixios chamados *Sapé-guaçú* nos incommodaram muito no dia 10. Matou-se uma anta. Dizem que a carne d'esse animal faz sahir os humores do corpo, razão pela qual obra como purgante e produz molestias de pelle.

O *Chimbó* e a *Peroba* encalharam n'um recife: a tripolação saltou n'agua e a muito custo conseguiu safal-os de entre as pedras.

A 11, passámos os baixios das *Congonhas*. Parámos ao meio-dia na ilha do mesmo nome. Os caçadores trouxeram dois urubús brancos ou *urubutingas*, um dos mais bellos passaros das florestas do Brasil: o mais formoso sem duvida em côres e plumagem; o aspecto, porém, e os habitos são de legitimo corvo.

SciELO

E' do tamanho de um ganso. Tem olhos grandes e redondos ; iris de brilhante alvura ; palpebras vermelhas ; bico como o dos urubús ; comprido, recurvado e de um alaranjado vivo. Abaixo do bico, expande-se uma caruncula carnosa que cahe de um lado e de outro, de côr tambem alaranjada. Desde o olho até esta carnosidade, a pelle núa puxa para o rôxo. Acima da cabeça ha uma parte completamente desnudada, rubra, com pennasinhas tão pequenas e separadas que parecem pellos. Por baixo dos olhos e do pescoço sahem carunculas unidas e compridas, de um escuro claro e que, em fórma de arco, vão-se ligar acima da nuca, unindo-se então n'um filete carnoso que desce por traz do pescoço até á base do peito. E' vermelho-claro em cima, preto no meio e amarello embaixo. As côres da cabeça são realçadas por um fundo negro do ebano, que bem se póde chamar a moldura. O pescoço é totalmente desnudado de pennugem. A pelle parece pelle de luvas : é amarello vivo na frente, côr que cambia insensivelmente para vermelho carregado. Esse pescoço nú e tão bem colorido sahe de um collar de pennas acinzentadas que parecem vir das costas e se reunem no peito, a formarem novamente uma linha de separação que se esbate pouco acima da barriga. O collar semelha um ornato de mulher. O resto das pennas é branco, excepto nas extremidades das azas que são pretas. Os pés são brancos.

Desculpem-me esta descripção, que não é de naturalista. Creio que no seguir d'este despretencioso diario nenhuma outra farei.

Nos baixios das *Congonhas* perderam-se, ha annos, tres canôas carregadas de sal. A primeira encalhou, a segunda despedaçou-se de encontro a esta e a terceira, querendo evitar igual choque, bateu contra uma pedra, quando tinha a correnteza a bombordo, o que a fez virar.

Depois do meio dia, tivemos bella e commoda navegação. Os estirões vão sendo muito espaçados. O rio tem pouca velocidade e superficie muito unida, o que dá a uma grande ilha o nome de *Ilha Morta*, abaixo da qual pousámos, aproveitando o abrigo de alentada figueira. Os galhos em que se dividia o tronco eram da grossura de um pé de nogueira. Os mais baixos se curvavam para o chão, atirando raizes adventicias que formavam umas especies de co-

lumnas. O tronco principal era tão grosso que mal podia ser abarcado por quatro homens; dava sombra espessa a mais de 20 passos em torno. Ahi passámos a noite.

Como o lugar é pouso certo das monções, o terreno está aplainado e limpo, commodidades que a nossa gente aproveitou para dansar até depois da meia noite. Cantaram, brincaram e beberam muita cachaça.

Na manhã de 12, houve neblina cerrada. O orvalho accumulado na folhagem superior cahia no sólo em gottas tão grossas, abundantes e ruidosas que parecia chuva. As barracas estavam ensopadas, o chão molhadissimo. No rio corriam os vapores d'agua, deslisando-se pela superficie como fumaça a sahir de uma caldeira; tal era a differença de temperatura entre o ar e o rio. Sentiamos frio vivissimo que nos fazia conchegar os capotes ao corpo: assim mesmo não nos podiamos aquecer.

Fomos jantar na embocadura do *Jacaré-mirim*, pequeno caudal que desagua á direita. Nosso caçador matou um *socó-boi* (ardea). Uma legua abaixo, vimos a foz do *Jacaré-guaçú*.

A 13, varámos a cachoeira de *Guaymicanga*. As aguas agitadas lembram as vagas do mar, quando um pé de vento as levanta em cachões e as impelle umas de encontro ás outras.

Jantámos na ilha *Guaymicanga*, palavra india que quer dizer *cabeça de velha*. Matou-se uma capivara. Foi preciso esperar hora e meia pelo guia que fôra observar os baixios chamados *Tambauçú*.

No dia 14, passámos pela embocadura do rio *Quilombo* e, pouco abaixo, pela ilha e cachoeira do mesmo nome. Alli se haviam antigamente refugiado muitos negros, pois *quilombo* é palavra que designa o asylo onde elles se reunem nas mattas. Foram descobertos por negociantes que voltavam de Cuyabá e que, apenas chegados a Porto Feliz, armaram, por espirito de ganancia, uma expedição com a qual atacaram aquelles infelizes, aprisionando mais de cento e vinte. Amontoados em canôas, voltaram os malaventurados aos pontos em que soffriam o captiveiro. Foi-nos o facto contado pelo guia. Em Porto Feliz haviam-me narrado outro tão semelhante que poderia vir a ser o mesmo; mas esse quilombo estava junto ao Paranapanema que corre para N. O. pelo

paiz dos *Chavantes*. Contarei esta historia no fim do diario. Talvez sejam com effeito dois successos differentes um do outro.

Dia 15. Boa navegação, apezar de alguns baixios.

Dia 16. Continuam as condições favoraveis durante todo o dia. Hontem e hoje descemos uma parte do rio que tem o nome de *Morto*, pela tranquillidade inalterada das aguas. Fizemos pouso n'uma ilha coberta de matto e que tinha grande praia onde, gozando de vantagem bastante rara, passeiámos a gosto. Vimos bandos de patos, garças, colhereiras côr de rosa e outras especies de passaros. Havia tambem muito rastro de anta e capivaras.

Dia 17. De manhã, antes do romper do sol, senti frio vivissimo. O orvalho e os vapores accumulados na alta galhada do arvoredo desfaziam-se, cahindo como chuva. Observei um pé de palmeira que estava sêcco e no alto do qual tinham nascido quatro palmeirazinhas. Os côcos, depois da quéda das folhas, haviam germinado e produzido aquelle singular enxerto. E' o que se póde chamar um capricho da natureza.

O matto, que desde Pederneiras cobria sem interrupção as margens do rio, rareou e mostrou-se falho á nossa direita, mas por pouco tempo. Entretanto os olhos, cançados do aspecto monotono de tanta arvore, gozaram da vista de uma immensa campina, coberta de *macéga* e salpicada aqui, alli, de arvores baixinhas e engorovinhadas. Pôz-se fogo ás gramineas e n'um instante lavrou o incendio com intensidade. Muito depois da partida, ainda viamos os novellos de negro fumo que subiam em turbilhão para os ares.

Dia 18. O ajudante do guia que fôra na vespera a um *barreiro* (lugar onde ha depositos de saes naturaes) fazer durante a noite espera de antas, matou lá quatro d'esses animaes. Quando amanheceu, um batelão foi buscal-as, mas não trouxe senão tres, porque a quarta cahira n'agua e desapparecêra. Nossa gente comeu carne á fartar. A abundancia reinava no acampamento: por todos os lados faziam-se assados e *churrascos*. Mandámos moquear uma boa porção, expondo-a á fumaça de um fogaréo, para poder conserval-a. Só achei comiveis o figado e o coração. O Sr. Taunay que, depois do naufragio da *Urania* nas ilhas Maluinas, vira-se na contingencia de

comer carne de cavallo, assevera que a do tapir tem o mesmo gosto.

Transpuzemos a cachoeira de *Avanhandava-mirim* e, ás 3 horas, vimos o nevoeiro de espuma que se ergue do salto de *Avanhandava*, a respeito do qual muito nos tinham fallado. Abicámos acima d'essa quéda no fim do estirão e junto á margem direita do rio.

Era a primeira grande cascata que eu ia vêr. Apressei-me, pois, com outros, a ir desfructar esse espectaculo, cuja belleza nos fôra encarecida. Mettemo-nos por um caminho aberto na matta no qual havia, de dois em dois passos, troncos roliços atravessados e deixados por nossos predecessores de viagem, afim que as canôas podessem ser arrastadas por terra, visto como a transposição por agua é impossivel. Chamam se esses caminhos *varadouros*. No meio d'este inclina-se o terreno, de modo que começámos a descer. Creio que a praia inferior ao salto ha de estar a 60 pés abaixo da superior. Esta differença de nivel não representa a quéda porque as aguas correm em plano muito inclinado antes e depois de se precipitarem.

O salto de Avanhandava é uma bella e magestosa cataracta. Corta o rio segundo uma linha obliqua, de modo que a vimos bem de frente. Sua largura póde ser de 300 braças, a altura de 40 pés, o que com a inclinação do alveo, antes e depois da quéda, dá os 60 pés entre o porto superior e o inferior. A' direita vêm-se as aguas precipitar-se entre a margem umbrosa, uma ilhazinha coberta tambem de arvores e uns grandes penedos. Formam-se, pois, duas gargantas por onde se atiram as massas liquidas em tal agitação e revolvimento de espumas, que densas nuvens de vapores se erguem como neblina cerrada. As aguas que cahem pelo lado do grande massiço de rocha não são tão revoltas: milhares de cascatinhas divididas por pontas de rochedos constituem um amphitheatro de pedra riscado por fios d'agua, alva como neve.

O grande massiço não se prende á margem esquerda. De permeio a elles fica uma ilha, e no intervallo lançam-se, espumantes e furiosas, espadanas de agua, que se desfazem em vapores.

Vista do porto inferior, onde admiravamos esta soberba cascata, parece abaixo que o matto da margem esquerda se afasta sensivelmente, achegando-se,

por uma illusão optica, da margem direita até se perder n'um horizonte de espuma.

Depois do salto, as aguas juntas continuam a correr com furia, empoladas sempre. E' comtudo n'essa corredeira que os nossos homens mettem as canôas, que acabam de arrastar por terra. São tambem com tamanha violencia arrebatados que a resistencia do ar erriça lhes os cabellos da cabeça. Fazem então esforços immensos para manobrarem de modo a evitar as pontas dos fraguedos.

Dada a quéda, parece o Tietê outro rio. Não tem mais largura de 200 a 500 braças; é um canal de 15 a 20 braças que corre com tanta força, quanto profundidade. As margens são rochas unidas. Como pôde o caudal abrir leito tão fundo e estreito n'esso massiço pedregoso? Observel facto identico depois do salto de *Itapura*, segunda quéda do Tietê, de *Urubupungá* no *Paraná* e *Augusto* no *Juruena*.

Notei tambem, que as arvores que revestem as cercanias d'essas grandes cascatas são sêcas e desfolhadas, apezar da humidade que os vapores d'agua devem entreter no terreno. Talvez seja pela grande quantidade de pedras que n'elle exista.

Os dias 19 e 20 foram consagrados á passagem das malas, canastras, bagagem, etc. e das canôas. O tempo conservou se sempre chuvoso, mas o céo carregado tornava o aspecto do salto mais pitoresco, formando contraste com a alvura das aguas em borbotões. Parece-me que a estas scenas da natureza convem uma atmosphera sombria: tudo concorre então para infundir n'alma doce melancolia. Essa bulha, essa agitação, são eternas: nunca a calma e o silencio hão de alli pairar.

21. Nem neblina, nom orvalho de madrugada. Pela primeira vez, desde minha sahida de Porto Feliz, vi raiar a aurora. A temperatura era calida.

Sahimos de Avanhandava a 24. Em pouco tempo vimos o Tietê tornar a tomar lenta correnteza, alargando tambem o leito. Por volta do meio-dia, parámos para esperar o guia que fôra observar a passagem da *Escaramuça*. N'este dia pouco se navegou porque houve necessidade de levar as cargas por terra n'uma boa distancia até abaixo d'aquella cachoeira.

25. O caçador matou uma *arirañha*. Depois de uma legua de viagem, abicámos acima de *Itupanema*. E' uma corredeira perigosa. A correnteza é violenta.

e infinidade de pontas rocheas tornam a transposição bem difficil. Duas ilhas a dividem em tres partes. A' direita ha um verdadeiro salto, do qual se elevam vapores como no Avanhandava, embora menos espessos. O canal da esquerda é a unica passagem. E' preciso que todos saltem n'agua para empurrarem as canôas completamente livres de peso e que vão sendo arrastadas pelas pedras.

Uma monção que subia para Cuyabá achou, ha oito annos, em uma das ilhas d'esta cachoeira uma preta que ahi vivêra sózinha mais de seis mezes. Fôra escrava com seu marido em Camapuan. Havendo fugido, desceram o rio Pardo, subiram o Paraná e o Tietê até esse ponto. Como não tinham pressa, empregáram anno e meio na viagem, mantendo-se de caça e pesca. Pararam n'essa ilha, construiram um rancho e ahi viveram felizes perto de seis mezes. O marido n'um bello dia afogou-se ao passar o rio, e n'aquelle deserto ficou a mulher ainda quasi um anno até á chegada d'essa expedição que a levou para Camapuan e a entregou de novo aos seus senhores. Ella nunca vira indios e da onça tão sómente ouvira os urros.

Depois do jantar, fui passeiar até abaixo da cachoeira, onde parte da tripolação tinha já arrumado o grosso da bagagem e preparado o pouso. Quando lá cheguei, fiquei sorprehendido de encontrar um homem muito barbado, com um grande chapéo preto á cabeça, espada á cinta, um sacco de pelle em bandoleira, espingarda e botas altas de couro de cervo. A principio cuidei que fosse algum morador d'aquelles mattos, mas cahi em mim quando vi os companheiros que trazia, remadores e quatro canôas. Era o capitão Sabino que vinha de Cuyabá e dirigia-se para Porto Feliz. Com elle iam um tenente-coronel, um padre e um tenente, além de 32 pedestres, da companhia de 500 praças que o governo mantem em Cuyabá para o serviço fluvial. Em Porto Feliz devia elle tomar artilharia, polvora, ferro, sal e outros objectos destinados á fazenda publica na capital de Matto Grosso

26. Partiu o Sabino. Seu modo de navegar era muito diverso do que empregavamos, pois subia contra corrente. Com boa tripolação, tinha em cada canôa, além dos remadores da pròa, quatro homens que manejavam varas de 20 a 25 pés de comprido.

Elles corriam para a prôa, deixavam cahir a vara ao fundo e, apoiando na extremidade, davam impulso aos barcos. Quando a vara ficava muito inclinada, seguravam a ponta com ambas as mãos e, fazendo ponto no peito e peso com todo corpo, iam de prôa á pôpa com passo cadencial, voltando para recomeçarem esse penoso trabalho em que consomem o dia todo..

Dia 27. Passagem da cachoeira de *Matto Secco* e da de *Ondas Grandes*. Aprôou-se á uma hora da tarde abaixo d'esta ultima. Achámos a cabeça e o pescoço de uma *anhuma*, passaro do tamanho de uma perúa e que tem um chifre comprido no alto da cabeça. Vimos muitos ramos de arvores quebrados e pégadas frescas de homens, ficando na incerteza se seriam indios ou gente do Sabino, mas estes teriam naturalmente cortado e não partido os ramos.

28. Passagem da cachoeira de *Ondas Pequenas*.

29. Passagem da de *Funil Grande* e *Pequeno*. Esta tem um canal que os baixios tornam perigoso.

30. Transpuzemos a cachoeira *Guacuriheva*. *Guacuri* é o nome de uma palmeira que, desde ha dias avistamos, *heva* exprime abundancia. Esta monocotyledonea é de viso alto; ás vezes tem o estipite bastante elevado; outras curto, deitando n'este caso folhas até ao chão. Está sempre carregada de parasitas, entre as quaes figura uma planta de folhas largas chamada *taióba*, que dá excellente manjar.

31 Passagem de *Aracanguava-mirim*. Ouvimos de manhã muito perto de nós o urro de uma onça. Depois do meio dia avistámos uma cruz, sepultura de um remador que alli morrêra afogado, ao virar-se a canôa que montava.

1 de Agosto. Fomos passar a noite acima da cachoeira *Aracanguava-assú*. De manhã matou-se junto a uma lagôa uma anhuma, passaro raro e notavel, como dissemos atraz, pela excrescencia cornea fina e de tres e meia pollegadas de comprido, que lhe nasce da cabeça. Tem tambem no encontro das azas dois esporões que, como armas defesivas, podem causar ferimentos graves. A plumagem é branca e preta, sarapintada na cabeça, preta e parda ao redor dos olhos, escura no resto do corpo, com excepção da barriga que é branca. O iris é alaranjado. Mataram-se tambem dois sucurys ainda pequenos.

SciELO

Nossas cargas foram levadas por terra e as canôas arrastadas até um canal estreito e fundo por cima de baxios, onde os remadores, com agua pelo joelho, tinham que as reter por meio de cabos amarrados á pôpa.

2. Passagem da cachoeira *Itupeva* ou *Canal do Inferno*. Ahi se levantam grandes cachões, e só metade da carga é que póde ir embarcada. Pernoitámos abaixo.

D'este dia em diante deixei de escrever meu diario até Cuyabá, mas, logo que cheguei a essa cidade, dei-me pressa em lançar no papel as impressões ainda vivas de tudo quanto vira e, tendo o Sr. Rubzoff tido a bondade de me deixar tirar de seus apontamentos os nomes dos lugares mais notaveis e os dias em que n'elles haviamos estado, com facilidade e de memoria restabeleci a continuação dos acontecimentos.

Durante alguns dias de navegação, transpuzemos, depois de Itupeva, a cachoeira *Guacurituva*, passando por defronte da embocadura do riozinho *Sucuriú* e de outros ribeirões. Deixámos tambem á direita o rio *Pirataráca* e outra correntezinha. Vencemos as cachoeiras *Itupirú*, *Tres Irmãos*, *Itapúra-mirim* e chegámos ao salto de *Itapúra*.

Esta quéda, tão alta como a de Avanhandava (30 a 40 pés), apresenta menor largura (talvez 200 braças), por isso que não corta o rio obliquamente, nem tem ilhas que a dividam. Logo depois do salto, as aguas se aquietam; não é senão mais abaixo que a correnteza reapparece e toma, então por não curta distancia, grande velocidade.

Já dissemos, em Itapura não ha ilhas que separem as aguas: não ha tambem aquelle amphitheatro de cascatinhas do outro salto. O jacto é unido em fórma de semi-circulo. No meio ha uma reintrancia na qual se precipitam grandes massas d'agua, confundindo-se e formando um todo espumante e de alvura deslumbrante. E' o que se vê no fundo d'aquelle recinto d'onde sahem, por abertura correspondente ao centro do semi-circulo, revoltas ondas que perdem para logo aquella agitação em serena bacia, fechada de um lado, pelo semi-circulo, e de outro pelo estreitamento do leito do rio. As aguas reunidas sahem com rapidez, formando torvelinhos, mas sem ferver

nem espumar e assim se escoam, emquanto o alveo é apertado e fundo.

Tomando posição na outra margem, colloquei-me n'um ponto elevado a cavalleiro sobre o salto. O rio apresentava-me em perspectiva largura de 350 a 400 braças, muito maior para o Tietê que a normal. A razão é que elle corre raso em leito de pedras, se espraia, cahe de pequenas alturas e remoinha em torno dos penhascos. E' uma vasta superficie de aguas espumantes. No centro vi a reintrancia em semi-circulo. Imagine-se uma grande escavação no meio de uma planicie, que fosse de repente inundada: eis a cataracta.

Entre as grandes e bellas scenas da natureza, um salto como o de Itapura ou Avanhandava offerece tanta magnitude como outras, sem contudo incutir n'alma nenhum sentimento de terror. Não podemos de uma praia batida pela tempestade admirar o embate dos vagalhões e o esforço do furação sem receiar pela vida dos infelizes que estejam soffrendo esses furores. O temporal desfeito faz-nos tremer pela sorte das plantações e das pobres choupanas do agricultor: um terremoto aterra, anniquilla o homem. A vista, porém, de um grande rio que cahe em catadupa não traz nenhuma d'estas impressões. Fica-se presa de admiração, dominado pelo tumulto, pelo estrondo e a agitação; os abysmos se abrem a cada instante, mas não nos inspiram medo nem horror.

Demorámo-nos tres dias junto ao salto, afim de fazer varar por terra as canôas e cargas.

Dia 11. De manhã partimos e, depois de uma legua de viagem, fomos abicar pouco aquem da embocadura do Tietê no Paraná. Já estavamos então na região dos indios *Cayapós*, cuja aldêa fica na margem d'este rio em ponto quasi fronteiro á fóz do Tietê, um pouco acima.

No lugar onde páramos, havia uns gravetos queimados entre cinzas, assim como uma rêde de sipó suspensa á alta ramada de uma arvore, sem duvida para pôr quem já dormir ao abrigo das onças. Creio que fôra algum indio, o qual fizera sua cama tão alto por se achar sózinho, pois tenho certeza que não deve haver o menor receio d'aquellas feras, quando se viaja em grupo.

Querendo visitar o salto de *Urubupungá*, grande quéda do Paraná sita duas leguas acima da boca do

Tietê e famosa entre os viajantes d'estes desertos, deixámos á nossa espera a monção e, levando o guia comnosco, partimos em dois batelões. Quinze minutos depois, vimos o Paraná. Tinhamos na nossa frente o ultimo estirão do Tietê e abrira-se ante nós aquelle caudal cuja largura é ahi de um quarto de legua, prrecendo ainda maior por ser a margem de lá extremamente baixa.

O sentimento que experimentei, ao contemplar tão vasta extensão d'agua e a riba distante, lembrou-me o abalo que recebe o viajante quando divisa, mar alto, as costas que demanda. Se essa terra é a França, então seu coração estremece jubiloso ao pensar nos gozos já proximos que lhe franqueia aquelle bello paiz, tão adiantado em civilisação. Aqui, porém, só podiamos vêr selvagens e miseras tócas, espectaculo ainda assim cheio de interesse e novidade para quem quer estudar o homem em seu typo primitivo.

Para nós aquelle momento foi de verdadeira festa. Além do prazer que sentiamos em descansar os olhos sobre a superficie d'esse grande e novo rio ao sahir do penoso Tietê, na grata alegria de nossos camaradas tinhamos novos motivos de satisfação.

Em viagens como esta, a vista de um rio em que se tem de navegar, ou da fóz de outro que se vai deixar, ou de qualquer paragem notavel, de um quadrupede mesmo, de um passaro que pela primeira vez se mostre, essa vista rompe a monotonia da jornada. Cantam então os remadores: com grita jovial ferem os ares, ao passo que os proeiros batem com a mão no chato da pá e á prôa, onde estão sempre de pé, redobram em cadencia o sapateado habitual. Com todo esse ruido festivo foi que entrámos nas aguas do Paraná.

Para chamar os *Cayapós*, tocou o guia busina (chifre de boi), instrumento que n'esses silenciosos páramos faz-se ouvir muito ao longe e serve para reunir a gente desparramada no matto. Quando se encontram monções, retumba de lado a lado o prolongado som do corno; é as vezes simples signal ou tambem um modo de chasquear da tripolação da canôa que errar qualquer manobra.

Deitei os olhos para a margem opposta, curioso de vêr os indios *vermelharem na praia*, segundo a expressão pitoresca de um nosso camarada. Ninguem,

SciELO

porém, appareceu. Navegando então para a outra banda, fomos com algum trabalho pelos muitos baixios pular no porto dos indios.

Caminhámos meia legua para o interior em trilha um tanto larga e limpa e atravessámos uma matta de arvores altas que davam espessa sombra. N'um ponto descampado, achámos alguns pés de bananas com cachos ainda verdes e uns mamoeiros, cujos fructos na occasião me souberam deliciosamente. Cortando depois uma campinazinha ao sahir da matta, chegámos á aldêa, que é composta de 10 palhoças e nas quaes não havia viva alma por se acharem os indios nas suas plantações á margem do Sucuriú. A casa do chefe era maior que as outras. No meio d'ellas via-se um rancho que parecia pertencer em commum. Alli estavam uns troncos de palmeira furados, que lhes servem de tambores nos seus dansados. As portas d'aquellas acanhadas choupanas fechavam-se por meio de laços de sipós. Entrámos em algumas d'ellas e mal nos demos, pois quando menos cuidamos, vimos uma multidão de pulgas subirem-nos pelas calças, o que nos fez sahir com toda a presteza. Enchemo-nos tambem de *bichos*, especie de pulga de menor tamanho que se introduz na carne, ahi fórma um sacco onde deposita ovos em quantidade e, se não é extrahida, toma o volume de um grão de milho. Quando sahe, deixa um buraco redondo e fundo Este incommodo e nojento isecto acha-se por todo o Brasil, pelo menos na parte intertropical. Haja pouca limpeza e cuidado, e o bicho produz feridas dolorosas, como acontece com os negros novos, cujos pés, lugar atacado de preferencia, ficam cheios e a ponto de não lhes permittirem mais o andar.

Depois de meia hora de estada n'essa aldêa, o Sr. consul deixou um presente de facas, machados e objectos de ferro. Voltámos então ás canôas e partimos para o salto de *Urubupungá*, mas não podendo alcançal-o pela hora adiantada, fomos pousar um quarto de legua abaixo. Já ahi o rio se estreita, ganha em profundidade e correnteza o que perde em superficie. Grandes massiços de rochas formam as margens ; alguns isolados, mas a pequena distancia uns dos outros. Apoiando de encontro a essas enormes pedras as zingas (compridas varas que terminam em ponta de ferro) é que se sóbe o Paraná.

SciELO

Dia 12. Não tardou muito que ouvissemos um estrondo surdo como artilharia ao longe, que nos annunciava a proximidade do salto. D'ahi a pouco com effeito o vimos de um lado e, depois de dobrada a ponta de uma grande ilha de rochas, descortinámos a quéda em sua quasi totalidade. Tem menos altura que a de Itapura, mas largura de um quarto de legua. Difficil fora descrevêl-a, pois fórma grande numero de saliencias, reintrancias, além de ficar certo lado occulto por vasta ilha e dividido por pontas de rochedos. Este immenso salto parece ser produzido pelamesma base de pedras que corta o Tietê em Itapura, a uma legua d'ahi em linha recta.

Na margem esquerda, onde abicámos, havia uns ranchos, feitos pelos *Cayapós*, e de construcção muito inferior ás miseras choupanas de seu aldêamento. Nada mais eram do que folhas de palmeiras apoiadas em forquilhas de páos, como mostra o desenho ao lado.

Depois do jantar, descemos o rio e fomo nos reunir á monção no Tietê.

Dia 13. Entrados novamente no Paraná, passámos, por volta do meio-dia, uns baixios que tornam a navegação difficil. O rio fica ahi tão largo, que a vista alcança mais de legua para a frente, ao passo que as margens se fundem em dilatado horizonte. Fizêmos alto na embocadura do Sucuriú, o qual se lança no Paraná pela margem direita com 70 braças de bocca e depois de umas 50 leguas de percurso.

Ao cahir da noite, foi o ajudante do guia á caça e na margem esquerda, fronteira ao nosso acampamento, viu uma onça. Quando elle já tinha a pontaria firmada e ia fazer fogo, outro desazado caçador feriu o animal com carga de chumbo fino. A féra soltou um urro de dôr e safou-se, não sem ter levado o tiro que a todo o dar lhe foi descarregado.

Dia 14. Mandamos ver se a onça morrera; só se acharam rastos de sangue e a bala do guia toda achatada.

Costeámos á direita a *Ilha Grande* que tem duas leguas de comprido. Contaram-nos que já alli houvéra um estabelecimento de jesuitas, formado para ser o centro de suas excursões entre Iguatemy, na fronteira do Paraguay, Camapuan e Goyaz.

Nosso pouso foi n'um matto de grandes arvores, em terreno elevado e que findava n'uma praia de

arêa fina cavada pelas aguas em varios degráos, alguns de dous pés de altura e tão largos, que tres pessoas de frente podiam n'elles passeiar livremente. Foi o que fizemos á saciedade, tanto mais quanto a belleza do luar a isso convidava. O Paraná ahi tem 500 braças de largura. Não ouviamos, naquellas horas de melancolia e calma, senão as notas do *curiango*, passaro que canta de dia e parte da noite, e o forte e ininterrompido coachar dos sapos. De repente atroou um tiro, e o éco repercutiu-o logo na margem de lá, acordando outros que o levaram, mais e mais fraco, para longe, talvez perto de meia legua.

Dia 15. Alcançámos a embocadura do rio Verde, o qual desagua pela margem direita do Paraná. A vegetação luxuriante das barrancas transmitte-lhe reflectida a côr a que deve o nome. Passámos, um pouco abaixo, defronte da *Ilha Comprida*, cuja ponta superior se abre em dilatada praia. Diversas especies de passaros a procuram para buscarem o pasto habitual ou pôrem alli seus ovos; entre outras, as *gaivotas* que entram em extraordinaria agitação e anciedade, quando algum animal caminha na arêa, onde ellas os depositaram. Inquietas, não cessam de gritar e de vôar em torno do viajante, chegando ás vezes a atacal-o.

Dia 16. Em sobresalto fui acordado pelo estrondo de um tiro de espingarda dado contra uma onça que viera até ao acampamento a perseguir um dos nossos cães. A bala varou-lhe o craneo, e, a preparar a variegada pelle, ficámos parados o dia inteiro.

Na manhã seguinte, fomos fazer pouso na fóz de um riosinho chamado *Orelha de onça*, cujos barrancos (nome que têm as margens, quando a inclinação é superior a 45°) são ingrêmes e de difficil subida.

Dia 18. Vimos umas larangeiras que mão bemfazeja ou o acaso havia feito nascer n'aquelles desertos. Colhemos alguns frutos ainda verdes, que comtudo muito apreciámos.

Attingimos a embocadura do rio Pardo, celebre entre os paulistas, de um lado pelos perigos e canseiras que ahi esperam o viajante ao querer vencer a força de suas correntezas e transpôr numerosas cachoeiras e duas quédas; de outro afamado pela belleza das campinas em que corre e que, offerecendo á vista, já farta da monotonia de ininterrompidos mattos, vastas perspectivas cortadas de outeiros, riachos

e capões, facilitam a viagem terrestre, emquanto as canôas sobem, lenta e custosamente, o estreito e tortuoso curso. Póde então cessar o incommodo de estar-se obrigatoriamente sentado ou deitado n'uma barraca de quatro a cinco pés de largo.

No meio d'esses campos ao caçador facilmente se deparam veados, perdizes e outros animaes, cuja carne lhe enriquece a mesa, augmentando d'esta arte o prazer de atravessar tão bella região. O olhar não se cansa de admirar as côres varias que de todos os lados a embellezam: aqui é uma verdejante varzea; alli fica o *cerrado* com suas arvores baixinhas e engorovinhadas; adiante se alarga um campo de *macéga* mais alta que um homem e de um colorido puxando a amarello pardacento. Muitas vezes grandes áreas de terreno, collinas inteiras, apresentam um aspecto sombrio e negrejante: é que por alli passou uma chamma devoradora, ateada pelo viajante. Os troncos ficam então despidos de folhas, requeimados pelo incendio. Se, porém, medeiam quinze dias ou um mez, arrebenta viçosa verdura n'aquelle fundo lugubre e acinzentado.

Quando a gente por desenfado atira fogo aos campos que cercam os acampamentos, o espectaculo á tarde se transforma, mas nem por isso é menos notavel. As labaredas se alargam, formam linhas de compridas chammas que sobre todos os objectos deitam claridade resplandecente. por tal modo intensa que se póde enxergar um alfinete cahido no chão. Essa linha de fogo se afasta, estende-se em grandes circulos, sóbe e transmonta por vezes outeiros. Clarões vivos se desprendem, destacando-se de sombras opacas. Rôlos de fumo ennevoam os céos: o rio parece fogo, e as taquaras nos bosques estouram, dando violenta sahida ao ar contido entre os nós e que se dilata com o calor repentino.

Não raramente gozávamos d'aquella esplendida illuminação até depois de meia-noite.

Para dar idéa de quanto é penosa a navegação do rio Pardo, observo que se gastam quasi dois mezes para subir por elle até ás vertentes (60 leguas), ao passo que na descida seis a sete dias são de sobra: Verdade é que as canôas, quando vão para cima, levam muita carga e regressam vasias, o que permitte não só mais rapidez, como não obriga a parar nas cachoeiras.

SciELO

Volto, porém, ao meu diario : estava no dia 18 de Agosto.

A' noite, fomos atormentados por nuvens de mosquitos, que nos obrigaram a armar os mosquiteiros : n'esse asylo, porém, tivemos que supportar calor quasi intoleravel.

Desde o dia 19 até 24, não me lembro de facto algum digno de nota, a não ser que subimos a parte do rio chamado Morto, por não ter cachoeiras nem baixios. As margens mostram-se sempre umbrosas, o que nos fazia desejar de coração chegar aos campos, por isso que desde Porto Feliz densa cortina de arvoredo limita o nosso horizonte á simples vista do rio.

No dia 24, houve falha, afim de coordenarmos as collecções. O ajudante do guia, bom caçador, matou dois veados brancos. A mattaria já vae ficando mais rala : as arvores menos altas. A 100 passos do rio, abrem-se os campos.

Quando o caçador via um veado, tirava logo a roupa e nú em pello marchava quasi de rastos quanto possivel até dar alcance á espingarda.

Jantámos, a 27, na embocadura do rio *Anhanduy-guaçú*. Ahi o Pardo perde metade da largura, estreita-se e fica com perto de 40 braças.

Dia 28. A chuva nos reteve parados todo este dia.

A 30, deixámos á direita o ribeirão *Orelha de gato*.

No dia seguinte, tambem á direita, o riosinho *Orelha de onça*.

Ainda á direita, a 1 de Setembro, o ribeirão dos *Patos*, passando, a 2, por outro que tem novamente o nome de *Orelha de onça*.

No dia 3, passámos pela fóz do ribeirão *Orelha de Anta*.

O rio, acima d'esses pouco avolumados tributarios, fica ainda mais estreito.

Fez-se alto de jantar ás 10 horas, para dar tempo de empalhar um lobo que fôra morto á bala. Era do tamanho dos da Europa e estava bastante magro, prova de que, apesar da abundancia de veados e caetitús, cuja carne é deliciosa, pouco achava que comer.

Desde o rio Anhanduy viamos campos cortados de outeirosinhos e salpicados de arvores baixinhas, ou de palmeiras pouco mais altas que um homem e

chamadas *guacumàs*. Outras, de viso maior e conhecidas por *guarirôvas*, dão palmito extremamente amargoso, mas, sobre muito salubre, de sabor agradavel para quem está habituado. O palmito de guacumá é gostoso e doce. Ambos figuravam á nossa mesa, preparados com molho branco ou simplesmente cozidos.

Outra palmeira, esta muito alta e conhecida por *gerivá*, fornecia-nos tambem excellente palmito, tão doce como o de guacumá, unico alimento vegetal que tiravamos d'aquelles desertos, como nos aconteceu tambem na viagem de Diamantino ao Pará, colhendo-o então de outras especies de palmeiras.

Nos campos do rio Pardo comemos alguns fructos sylvestres. O *marmello brabo*, por exemplo, que agradaria mesmo fóra d'estes invios recantos, é pouco mais ou menos do tamanho de uma maçã; desfaz-se na boca n'uma massa cheia de grãos muito meudos, é acre-doce e tem dentro algumas sementes: a *mangaba*, cuja côr é de um amarello desmaiado, quando bem madura; tão molle como o sorvo, porém mais succulenta, saciando mais e sabendo ao paladar deliciosamente: o *cajú* que é tambem muito saboroso, e outras fructas, emfim, umas muito boas, outras de gosto mediocre.

Os campos mostram-se alastrados de plantinhas e lindas flôres. Notarei de passagem uma muito frequente e côr de rosa; outra branca, vistosa em extremo; outras amarellas, rôxas ou rubras. Nas margens do rio, ou nos capões (bosques isolados), vêm-se *embaibas*, arvores de folhas largas de um verde carregado por cima e prateadas por baixo; *embiruçús*, com grandes folhas verde gaio e ainda algumas corpulentas figueiras.

No dia 4, o Sr. Taunay achou uma flor que deu viva alegria ao botanico.

A 5, passámos o baixío das *Capociras*.

Falha a 6.

Com muito trabalho vencemos a *Sirga da Capoeira*, onde os zingadores desenvolveram grande actividade, fazendo subir as canôas a poder de seus varejões.

No dia 8, transpuzemos a cachoeira de *Cajurú-mirim*, transportando metade da carga por terra.

A 9 chegámos, depois da cachoeira *Quebra-Prôa*, ao salto de *Cajurú*, que póde ter 20 pés de altura

sobre 60 braças de largo. Ahi estivemos até ao dia 13 para fazer passar cargas e canôas. Estas foram por agua, porque o salto permitte em certos pontos a subida: rascando o fundo, iam puxadas com immensa difficuldade. Toda a nossa gente trabalhou nos cabos.

No dia 13 estava tudo além do salto. O rio é muito estreito; corre lentamente por entre verdejantes collinas. Fomos dormir abaixo da cachoeira *Sirga do Matto.*

A 14, vencemos a *Sirga Preta*, outra cachoeira.

A 15, o *Banquinho.*

A 16, a *Sirga Comprida.*

A 17 e 18 *Embirucú*, *Gente dobrada*, *Sirga Corredeira do Mangual.* Chegámos a do *Tejuco.*

No dia 19 falhámos.

A 20, passámos a *Sirga do Jupiá* e chegámos á cachoeira *Anhanduy.*

Deixámos, no dia seguinte, á esquerda o rio *Anhanduy-mirim* e alcançámos a cachoeira *Taquaral* onde foram todas as cargas transportadas por terra.

Falha no dia 22.

A 23, passámos os *Tres Irmãos*, que são tres cachoeiras muito chegadas uma á outra. Nossa gente carregou as bagagens desde a inferior até á superior, junto á qual havia uma cruz, e onde fizemos pouso.

Ahi entram as aguas em funda bacia e formam um torvelinho perigoso no qual, segundo nos contou o guia, perdeu-se, nos primeiros tempos do descobrimento das minas de Cuyabá, uma canôa cam 80 arrobas de ouro em barra, mettidas em caixotes. Procuraram alguns mergulhar, mas nunca chegaram ao fundo por causa do redemoinho que existe em baixo das rochas. A ser verdade o que referiu aquelle homem, valeria a pena desviar o rio de seu leito.

No dia 24, passámos a cachoeira do *Tamanduá.*

Emquanto alli estavamos, chegou a gente do negociante José da Costa Rodrigues que vinha de Cuyabá e voltava para Porto Feliz. Eram uns 15 ou 20, e não tinham senão um batelão e uma canôa tripolada por indios *Guatós*, dos que habitam as margens do Paraguay e S. Lourenço.

Dia 25 falhámos.

26. Passagem da *Sirga do Campo.*

27. Dita da *Sirga do Matto*: chegada á do *Balo.*

Chama-se *sirga* o lugar em que se puxam as canôas por meio de cabos.

Deixando a monção continuar a subir o rio com a habitual lentidão, fomos, eu e os Srs. Riedel e Taunay, por terra umas duas leguas até ao Salto do Coráo. Não leváramos senão uma espingarda de caça, algumas cargas de chumbo fino, uma bala e dous biscoutos que constituíram nosso jantar. Chegados antes do pôr do sol ao salto, demo nos pressa em formar provisorio abrigo com folhas de palmeira *guacury*. Feiizmente matou o Sr. Taunay um lagarto que nos serviu de ceia e que a fome transformou em manjar succulento. Deparou-se-nos tambem um cacho de bananas que pendia de rachitico tronco. Caso houvessem estado maduras, não teriam escapada á gente de Costa Rodrigues: por incomiveis as deixaram, mas nosso appetite era tal que assadas, assim mesmo verdes, foram um regalo precioso.

Durante a noite, cada um de nós, por causa das onças, fez duas horas de sentinella. Quando de todo clareou o dia, chegaram as canôas.

O salto do *Coráo* terá de altura 30 pés, de largura quando muito 10 braças. A agua sae de um massiço de arvores altas, de folhagem copada e côres varias, e de um só jacto cabe n'uma grande bacia onde parece ficar estagnada, de tão tranquilla que é. Escôa-se por um canal apertado, tornando-se então agitada por ser o leito muito inclinado e cheio de rochas. Corre assim meio quarto de legua até outra bacia tambem arborisada, onde fórma grandes rebojos junto as margens Transportaram-se por terra as cargas até acima do salto. E' um caminho de mais de um quarto de legua. As canôas foram arrastadas ora em sêcco, ora por agua até ao lado direito da quéda, onde ha um varadouro de subida tão ingreme que para galgal-o, nossa gente empregou grandes esforços. Todos esses penosos trabalhos nos consumiram quatro dias.

Dois camaradas, que o Sr. consul, dias antes despachara para Camapuan afim de requisitar cavallos, chegaram ao *Coráo*, mas sem as cavalgaduras pedidas. O commandante daquelle ponto mandára desculpar-se, dizendo que não tinha animal em estado de aguentar marcha tão longa. Todos quantos possuia o estabelecimento estavam exageradamente fracos e magros, de modo que o mais que poderia fazer era man-

SciELO

dar esperar-nos em *Laguna Grande*, cachoeira menos distante de Camapuan.

Com aquelles camaradas, de la vieram uns negros crioulos, todos com papeiras do tamanho da cabeça, que pendiam até aos peitos, tornando-lhes a voz oppressa. A physionomia denotava pouquidade de intelligencia. Observei em S. Paulo, Cuyaba e principalmente Camapuan, que os idiotas têm quasi todos enormes bocios.

Tirei uma vista do *Corão* e dos campos vizinhos, onde se acham muitos *cupins*. São cumulos de terra escura feitos por uma especie de formiga assim chamada: chegam ás vezes á altura de um homem a cavallo. A forma é muito varia: têm umas especies de tubos ou columnas, como mostra o desenho junto.

Deixámos o *Corão* na tarde de 2 Outubro.

No dia immediato passámos a cachoeira do *Campo* e, a 5, a sirga de *Manoel Rodrigues*, assim denominada de um piloto que lá pereceu. A canôa descia com muita rapidez, e elle não pôde desviar-se de um páo atravessado Em cheio recebeu no peito violenta pancada que o atirou atordoado ao fundo d'agua.

A 6, vencemos a cachoeira do *Pomba* deixámos á esquerda o ribeirão *Sucuriú* e chegamos a cacheira d'esse nome.

Dia 7. Estavamos na cachoeira *Canôa Velha*, quando chegou gente de Camapuan, conduzindo cinco animaes de sella. Acompanharam-nos por terra até *Laguna Pequena*.

Na manhã seguinte, partimos a cavallo, com excepção dos Srs. Riedel e Taunay que não poderam ainda deixar as canôas Lá pela tarde, meu animal cahiu n'um riacho que não tinha mais de dois palmos de largo e tres de profundidade. Tão magro e estafado estava, que não pode dar o pulo e tombou com as quatro patas para o ar. Felizmente tive tempo de me atirar para o outro lado. Se a corrente houvesse sido mais um pouco funda, sem duvida ter-se-ia elle afogado, visto com sem forças para nem sequer sustter a cabeça, deixava-a cahida dentro d'agua.

Só estava commigo o astronomo, pois o Sr. consul com sua comitiva se havia adiantado Então, por espaço de meia hora, fizémos os esforços possiveis para por de pé a cavalgadura. Vendo a inutilidade d'essas tentativas e a noite já a fechar, montou o meu companheiro a cavallo e foi alcançar o grosso

da gente em busca de soccorro. Fiquei só n'aquelle deserto, sem ter sobre mim a menor arma e no meio da escuridão que o clarão da lua modificava um tanto. Procurei novamente e, d'esta vez com melhor resultado, safar o animal da agua onde estivéra mettido uma hora, naturalmente a descansar um pouco. Quinze minutos depois, encontrei-me com as pessoas que vinham ajudar-me e com ellas attingi o pouso.

No dia 9, passámos o rio Pardo a vão, n'um ponto onde se vêm affluir o *Sanguesuga* e o *Vermelho*, rolando este aguas rubras ao fraldejar uma montanha, aquelle pelo contrario lympha tão pura que parece crystal. A reunião dos dois produz a côr que distingue o Pardo desde ahi até á confluencia no Paraná.

O *Sanguesuga* e o *Vermelho* são de pouco volume e facilmente vadeaveis na estação sêcca.

Depois de cortarmos varias chapadas e terreno mais ou menos ondeado, vimos o *Sanguesuga* que deslisa com sinuosas curvas n'uma bella e ridente planicie. Ahi não tem elle mais de tres a quatro braças de largo : dava-me agua pelo peito.

Jantámos no porto chamado *Sanguesuga* e logo após montámos a cavallo, ameaçados por temporal que não tardou a cahir, acompanhado de violentos trovões, mas que pouco durou.

Por declive suave chegámos ao alto de uma montanha, d'onde avistámos *Camapuan*, bem embaixo de nós. E' ella o espigão mestre de uma vastissima zona. Por traz de nós ficavam os affluentes da bacia do Paraná : para diante quantos vão ter ao Coxim e ao Taquary, na bacia do Paraguay. A descida pareceu-me tripla da distancia que haviamos subido.

Com duas leguas pequenas de marcha desde o porto do *Sanguesuga*, chegámos a *Camapuan*, ás 3 horas da tarde. O commandante do poto esperava-nos á porta da casa que nos havia sido destinada.

Antes de fallar nesse lugar e na estada que ahi fizemos, devo dizer de que modo são varadas as cargas e canoas.

As monções, ao sahirem do rio Pardo, sóbem o Sanguesuga, rompendo ramos e hervas, cortando ás grandes arvores que, cahidas de margem a margem, impedem a passagem, e vão ter ao porto do Saguesuga, distante, como dissémos já, duas leguas ao sul de Camapuan. D'ahi se transportaram primeiro as cargas em carros do estabelecimento ; depois as pro-

prias canoas, collocadas em carroções baixos e puxados por sete juntas de bois, são trazidas por um bom caminho que, por espaço de legua e quarto, percorre uma planicie e em seguida transpõe a montanha de que fallei, alta talvez de 150 pés acima do horizonte, descendo perto de 450 pés por suave rampa até ao povoado. Não ha senão um unico trecho um pouco mais ingreme.

E' na verdade caso de admiração poder pensar que de Porto Feliz a Cuyabá percorrem-se 530 leguas por meio de 10 rios, havendo só duas leguas de varadouro, e nem é menos de pasmar vêr passarem grandes canoas por cima de montanhas.

Camapuan é uma fazenda pertencente a uma sociedade que tem sua séde em S. Paulo. Em estado de decadencia desde que a navegação dos rios vai sendo abandonada pelos negociantes, conta perto de 300 habitantes, dos quaes é a terça parte escravatura dos socios. Ahi se fabricam grosseiros tecidos de algodão para uso dos moradores e para remessas que em Miranda são trocadas por cabeças de gado vaccum e cavallar.

A producção principal é de canna de assucar, depois da do feijão e milho, do qual fazem pessima aguardente. A criação de animaes é boa: ha muito gallinha e porcos de extraordinaria magreza.

Vêm-se duas casas de sobrado, uma onde mora o commandante que na occasião era um alferes de milicias (guarda nacional); outra fronteira, separada por vasto pateo, que tem um engenho do moer canna tocado por bois. O pateo é fechado pela senzala dos escravos, toda ella baixa e coberta de sapé. A' noite, são elles mettidos debaixo de chave. A gente forra mora do outro lado do rio Camapuan.

O sitio é agradavel: as cercanias montuosas e capazes de muita fertilidade. São bosques, cerrados, valles e chapadas. Os campos ficam mais afastados.

Extrema é a miseria dos habitantes. Pelos bens qve possuem pouco distam do estado selvagem, mas nem por isso são ou se consideram mais infelizes. Não ha senão alguns homens, tidos por dinheirosos, que andam vestidos de calças e camisa de panno grosso. O resto não usa senão de ceroula, quasi tanga a maior parte das mulheres trazem sobre o corpo uma saia. Não comem senão milho, feijão e e algumas hervas: raramente provam carne dos seus

magros porcos ou usam de ovos e de carne de vacca: isso tudo quasi sempre sem sal, porque é artigo muito caro. O preço com effeito é de 1$800 (10 a 12 francos) por um prato raso, o que não conseguem senão quando algum negociante por lá passe e queira trocal-o por milho.

Depois de alguns dias, chegaram os Srs. Riedel e Taunay e logo apos o nosso guia e alguns camaradas que traziam a noticia de haverem as canôas subido até ao porto do Sanguesuga.

O commandante nos emprestou os carros e bois da nação, e em poucos dias vimos nossa bagagem e embarcacões descerem a montanha.

Como de Porto Feliz partiramos levando a quantidade de farinha de milho necessaria para a viagem até Camapuan, afim de não carregar demais as canôas, tivémos que encommendar 120 alqueires que os moradores se puzeram logo a preparar, desperdiçando comtudo muito tempo em socar o milho a poder de braços, porque nem sequer possuem um *monjólo*, a machina mais estupida que jamais foi inventada e que é de uso no interior do Brasil para com o emprego da agua pilar o arroz e milho.

Existira já um em Camapuan, mas como uma enchente do rio o quebrara, esses desgraçados vadios não tinham pensado em substituil-o por outro.

Consiste n'uma grande e pesadissima peça de madeira de 25 a 30 pés de comprido que tem n'uma extremida um cavado e n'outra um furo, onde se adapta um pilão. Coloca-se tudo isso debaixo de um veio d'agua que cáia dentro da cavidade. Quando esta se enche, o peso faz descer um dos braços e subir o outro, isto é, o pilão que esmaga na quéda os grãos de milho, mal se escape a agua. Semelhante machinismo não pode trabalhar senão muito lentamente: medeiam 10 a 12 segundos de uma pancada á outra, e a agua não faz a sexta parte do serviço que poderia prestar.

Satisfizemos todos os pagamentos em generos, porque em Camapuan não ha necessidade de dinheiro.

Durante nossa estada, ouvimos fallar na apparição de indios nos arredores: foram reconhecidas as pégádas, e chegou-se mesmo a surprehendel-os, procurando furtar umas rezes. Fugiram. Não podiam ser senão *Cayapós* ou *Guaycurús*.

SciELO

Uma onça matou alguns cavallos no espaço de poucas noites.

Em Camapuan não havia senão uma moça branca, que o commandante cercava de guardas pouco fieis ou máos vigias. Nascida em Diamantino, fôra para alli trazida pelo irmão do official que encontráramos com Sabino. Estava desesperada por se vêr em lugar tão tristonho, no meio de tão vasta solidão, queixando-se amargamente do amante que a havia enganado, affiançando-lhe ser Camapuan em população e vida comparavel á localidade de que era filha.

O geral da escassa população é de pretos crioulos; poucos são os mestiços e mulatos. D'essa côr era o commandante.

Quando tudo se achou prompto, feitas as precisas reparações e tomadas as providencias para o bom seguimento da viagem, foram as canôas arrastadas no leito do ribeirão Camapuan, através de ramos e galhos de arvores. Levavam a menor carga possivel. Uma legua abaixo, o volume d'agua augmenta pelo contigente que á esquerda lhe traz o riozinho *Matta-Matto*, cujas cabeceiras demoram n'um serróte que haviamos transposto.

Com seis leguas, entraram os nossos camaradas no rio Coxim e abicaram n'um porto chamado *Furado*, onde é costume irem embarcar os viajantes. D'ahi voltaram com as canôinhas e fizeram diversas viagens para levar todas as cargas áquelle ponto.

No dia 21 de Novembro, depois de uma estada de 45 dias em Camapuan, montámos a cavallo e partimos em direcção ao Furado, onde chegámos depois de atravessar sete leguas de terreno montanhoso e em geral desnudado. O aspecto do porto é pitoresco: o Coxim ahi não tem mais de 25 braças de largura e, entre copada mattaria, corre por sobre arcos formados de uma taquara chamada *guaytivóca* que se ergue á altura das arvores mais elevadas. De cada nó do colmo irradia-se basta ramificação de folhas compridas e finas, e que, a modo de ramalhetes, vão progressivamente se tornando menores, á medida que se chegam á ponta. O peso obriga esses enormes canniços a se arquearem até que a extremidade livre, que finda n'uma bola de folhas, penda perpendicularmente ao terreno. Diversos pés parecem sahir da mesma soqueira. As duas margens estão cheias d'essas elegantes monocotyledoneas que cruzam os

colmos de lado a lado, formando magestosas e verdejantes arcarias.

Dia 22. Ao nascer do sol, chegaram alguns homens de Camapuan, trazendo dois presos amarrados e desertores de Miranda. Ao Sr. consul pedia o commandante o favor de entregal-os em Albuquerque, quando por lá passasse,

Recomeçamos nossa extensa viagem e, como o rio estava ainda perto de suas cabeceiras e pouca largura tinha, a cada instante passávamos por baixo de caramanchões formados de grandes arvores, ou por arcadas de *guaytivócas*. De vez em quando tambem grossos madeiros atravessados sobre a corrente nos detinham o passo. Tudo isso fizéra com que desarmassemos as barracas, para não serem despedaçadas pelos ramos e galhos. Não foi senão dias depois que tornámos a levantal-as, ficando todo esse tempo expostas ao sol e ao sereno. Felizmente o tempo conservou-se sempre favoravel.

Desciamos depressa, virando a todo o momento á esquerda e á direita, conforme as voltas estreitas e multiplas do rio.

Vimos a boca do ribeirão do *Barreiro Grande* e transpuzemos o baixio *Corôinha*.

No dia 23, vencemos as cachoeiras *Mangabal* e *Pedra Branca* e fomos acampar acima da do *Peralta*.

Avistámos alguns descampados e collinas bastante altas. Quanto ás margens, mostraram-se cobertas, ora de matto e guaytivóca, ora de arvores como *embauvas*, *embiriçús*, etc

No dia 24, passámos pela embocadura á esquerda do ribeirão *Barreiro Grande*, á direita do da *Cilada* e transpuzemos a cachoeira *Abaré*.

A 25, vencemos a *Culapada*, o *Boqueirão dos Tres Irmãos*, o baixio *Itaguaçava* e fomos pernoitar na fóz do ribeirão da *Figueira* que entra no Coxim pela margem esquerda. Abrigámo-nos debaixo de uma d'essas grandes arvores, a que deve a corrente o nome e que ficava na base de um monticulo escarpado, ao cume do qual subi para devassar o terreno em torno. Nada pude, comtudo, vêr por ser o matto em torno muito alto.

Perto de 10 braças de largura tem ahi o ribeirão, mas dois pés tão sómente de profundidade, sendo o fundo de arêa fina. Pescámos muitos pacús e dourados. Quando ao banho nos deleitavamos n'aquellas

limpidas aguas, não pouco receio tinhamos das arraias, peixe armado de um ferrão, cuja fisgadella causa crueis soffrimentos durante 24 horas. Nossos camaradas contaram-nos que no Pará, onde são muito grandes, applica-se para de prompto dissipar aquellas dôres um remedio efficaz: é queimar polvora sobre o ponto offendido.

No dia 26, entrámos no *Boqueirão das Furnas*. Ahi o rio, estreitando entre margens dos penhascos quasi perpendiculares, ganha mais forte correnteza: o leito se afunda, e n'uma hora fazem-se duas leguas. E' o mesmo canal que observei em seguimento ás grandes quédas, iguai, comprido, tortuoso e correndo por uma platafórma de rochas.

No dia 27, passámos a cachoeira das *Furnas*, onde a canôinha dos caçadores foi ao fundo, atirando á agua uma espingarda, uma pistola e varios outros objectos que ficaram perdidos.

Vencemos a cachoeira das *Anhumas*, perto do morro do mesmo nome. O terreno é bem montuoso. Desde ha dias navegáramos junto á base de montanhas cobertas de matto, das quaes nascem corregos que com alegre ruido se atiram no rio. Fomos parar junto áquelle morro e alli vimos batidas feitas por antas.

Passámos, a dia 28, entre *paredões* (grandes rochas talhadas a pique) tão altos quanto o mastro grande de um navio. Ora o vimos á direita de 300 a 500 passos de largura, ora á esquerda: por vezes varavamos pelo meio delles, como por entre enormes muralhas de pedra. Então nosso horizonte se restringia a poucos passos: o rio corria estreito e fundo, mas silencioso: a claridade do dia se esbatia, ao passo que as vozes e o ruido tomavam mais sonoridade.

O Coxim é pitoresco pelas suas corredeiras, paredões, campos, capões e montanhas: a pouca largura, as mattas, as bellas guaytivócas, as praias argenteas, a abundancia e variedade de peixes trazem o viajante sempre entretido.

As cachoeiras são numerosas; entre essas algumas ha compridas e perigosas: as rochas, a agua em borbotões, a espuma formam um verdadeiro cahos.

Passámos a cachoeira *Canella de André Alves*.

No dia 29, deixamos o rio Jaurú á direita: varámos as cachoeiras *Jaurú*, *Embiruçú* e chegámos a *Avanhandavaguaçú*, onde dos demorámos todo o dia para fazer passar as canôas e bagagem por essa ex-

tensa corredeira. Como em todos os grandes obstaculos d'aquella especie, ha muitas rochas nas margens e outras esparsas no meio das aguas que de encontro a ellas fervem e espumam.

Toda a carga sahe das canôas, nas quaes se mettem cinco ou seis homens dos mais entendidos. Sóbem então um ponco o rio e, virando de repente, enfiam o canal. Eis que o fragil batel se inclina: vôa que não corre; n'um redemoinho de espuma mergulha a prôa ou a empina temeroso. Mas ahi vigia o guia, de pé com um varejão na mão: á pôpa, o ajudante e os pilotos estão alerta, e no meio trabalbam os prôeiros. Todos elles manobram com precisão, energia e habilidade. Curvados para maior firmeza das pernas. manejam o remo e a zinga, desviando a todo o instante os choques de encontro aos penhascos, onde as canôas se desfariam em mil pedaços.

Em varias rochas vimos inscripções: algumas datam de 30 annos.

Chegámos, a 30, á cachoeira *Avanhandava-mirim*. Abicámos á esquerda ao pé de um barranco de ingreme accesso. Descida a cachoeira, fomos fazer pouso n'uma praia commoda, no fundo de uma especie de bahia, onde a agua era tranquilla, mas muito suja. Novas inscripções em rochas. Esta cachoeira menos extensa que a *Avanhandava-guaçú*, tinha, comtudo, mais inclinação e força. Tambem foi espectaculo curioso assistir ao desfilar das canôas.

Talvez se tornem por fim enfadonhas as descripções que faço de cachoeiras, porque sou obrigado a repetir quasi sempre a mesma cousa e tudo se resume em agua, espumas, rochas e ruidos, mas d'ellas todas dou conta, do mesmo modo que um diario de bordo relata as menores alterações da atmosphera. Para trabalho posterior e mais limado, ficará supprimir o que fôr superfluo: entretanto tenho para mim que taes pormenores não deixam de interessar, ainda quando se reproduzam algumas vezes, por darem o conhecimento circumstanciado dos lugares e a historia individuada de uma navegação penosa e um tanto fóra do commum.

Armámos novamente as barracas: ahi o rio já se tornara bastante largo.

1 de Dezembro, vencemos a cachoeira *Choradeira*, e fomos dormir junto á *Jequitaya*.

No dia seguinte, chegámos á da *Ultima Ilha*, um dos maiores obstaculos do rio Coxim, por isso que a corrente transpõe, quasi de um salto, um banco de rochas de tres pés de altura. Arrastam-se as canôas descarregadas por um canal á direita, de pouco fundo e muita pedra e, depois de fazêl-as passar por entre dous rochedos, onde ha uma quédazinha de 2 1/2 pés, ficam retidas por um cabo passado á pôpa. Dando-se corda, a prôa ergue-se alta fóra d'agua. Então pulam dentro alguns homens e de repente solta-se o cabo. A canôa dispara como uma flexa, mergulhando quasi toda dentro d'agua.

Só as de pequeno calado é que aproveitam esta passagem: as grandes fazem o mesmo, mas pulando pelo grande banco.

Dia 3. Logo depois de levantar o pouso, passámos á esquerda pela embocadura do rio *Taquari-mirim* e pouco adiante entrámos no Taquary que ahi tem 200 braças de largura. A maior parte do dia foi consumida em vencer a cachoeira *Beliago*, cuja extensão de meio quarto de legua é semeada de ilhas e rochas á flôr ou acima d'agua, que, se não produzem quédas, originam fortes correntezas e ondas agitadas, cuja violencia as canôas vasias têm que supportar.

Agarramos uma arraia

Pelas duas horas da tarde, seguimos viagem, passando ainda por entre diversas ilhas, Ao pôr do sol, os camaradas, para festejarem a transposição da cachoeira, Beliago, ultima até Cuyabá, deram descargas de fuzilaria, gritaram a valer e cantaram até alta noite. D'ahi por diante, com effeito, a navegação faz-se em rios de curso tranquillo, sem perigos de corredeiras nem obstaculos que obriguem a descarregar as canôas e por conseguinte a transportar cargas ás costas por distancias não pequenas. Ahi, pois, findam os labores mais penosos.

Quando a nossa tripulação dava tiros do alegria, responderam outros para lá do estirão, o que por algum tempo não pouco nos surprehendeu. Não tardou, porém, que se ouvisse a buzina do guia, e d'ahi a nada appareceram tres canôas com barracas vermelhas á pôpa e dois batelões, a subirem a corrente. Arvoraram a bandeira brasileira, nós a russa, e depois de nos saudarmos ainda com descargas, juntos abicámos á margem.

SciELO

Era uma monção do governo, commandada por um tenente de pedestres, (soldados ou melhor canoeiros de Matto-Grosso, empregados no serviço dos rios) chamado Manoel Dias e que trazia a commissão de ir descobrir não só as nascentes do rio Sucuriú, cuja embocadura haviamos visto no Paraná, como as do Itiquirá que são contravertentes. O governo queria saber se entre ellas duas existe varação mais commoda que a de Camapuan, o que traria a vantagem de encurtar a distancia entre Cuyabá e S. Paulo. Esse novo caminho teria com effeito 84 leguas menos que o que vinhamos seguindo e 61 que o terrestre, o qual obriga a ir até Goyaz. Seria mais facil em vista do numero menor de cachoeiras e corredeiras e por essa razão ainda não consumiria tanto tempo.

Não ha duvida que existe tal meio de communicação, por isso que ambôs os rios foram já navegados até ás cabeceiras. Resta saber se o espaço que as separa é grande, e se o terreno se presta facilmente ao transito de carros. Muitas pessoas pensam que, a concorrerem estas duas circumstancias desfavoraveis, será o novo caminho impraticavel, mas póndero que, n'este caso, bastará deixar as canôas na parte superior do Itiquirá e buscar outras que se achem collocadas no Sucuriú. Qualquer que seja a natureza do terreno, nunca obstará elle ao movimento de bestas, bois ou cavallos que carreguem as cargas, fornecidos por um estabelecimento ahi fundado.

Creio até que a passagem será boa para a rodagem e á isso sou levado por uma tradição que me foi contada em S. Paulo e Cuyabá, e que o *Patriota* refere, assim como a carta da America Meridional, publicada por Arrowsmith em 1810.

Diz essa tradição que, em outros tempos, um paulista, perseguido pela justiça publica, fugiu com a familia n'uma canôa e foi até ás nascentes do Sucuriú. Ahi ficou largos annos, plantou e colheu milho, passou depois sua canôa para o Itiquirá e por elle chegou a Matto Grosso. O mappa, cuja exactidão tive occasião de verificar, pela indicação quasi sempre acertada dos lugares por onde passei, dá tres leguas de distancia entre esses dois rios; ora, se n'esse intervallo um homem pode arrastar uma embarcação que não devia ser menor que um batelão, é muito natural que haja até facilidade em romper um caminho proprio para carros.

SciELO

Fôra esse resultado de utilidade para o governo, porque facilitaria o transporte da artilharia enviada para Cuyabá e para a frontêira desde Nova Coimbra até ao Jauru e cuja remessa, durante muito tempo ainda, só poderá ser feita por agua. De outro lado, acceleraria a catechese dos numerosos indios *Cayapós*, que procuram já se chegar aos brasileiros na estrada de Goyaz a Matto Grosso, em extensão de mais de 150 leguas, e traria conhecimentos mais precisos da vasta zona situada entre essas duas grandes provincias do Imperio.

Pouco custaria fundar o estabelecimento de que fallei, o que se conseguiria com um destacamento de pedestres destinados a fazer plantações. Os animaes de tiro iriam depois pelos rios.

A navegação por Camapuan vai sendo muito menos frequentada depois que se abriu o caminho por terra, porém, as remessas do governo têm continuado a seguir pelos caudaes, não só em vista de menor despeza, como por ser o unico meio de transportar artilharia. Alguns negociantes, que em outras épocas tinham tirado lucro d'essas viagens, recomeçaram a fazêl-as em razão da carestia das tropas de animaes. Abrir esta nova linha de communicação é, pois, serviço prestado á provincia de Matto Grosso, o qual redunda em bem geral.

O tenente Manoel Dias tinha por companheiro o alferes Pedro Gomes, que emprehendêra, já com o mesmo fim, uma viagem á procura das nascentes do Sucuriú. Encontrando as do Taquary, metteu n'esse rio as canôas e, apezar das observações dos camaradas que procuravam persuadil-o do erro, veio por elle descendo, crente de que navegava certo. Foi preciso chegar á embocadura do Coxim e á cachoeira Beliágo para que se désse por convencido, mas então voltou para Cuyabá desgostoso por se ter sahido tão mal da incumbencia.

Desde já direi que a nova exploração a que elle procedia com outro official não trouxe senão gastos inuteis de dinheiro. Nada fizeram, o que logo á primeira vista se podia prevêr. Ambos com effeito, além de ignorantes, nada conheciam do paiz e nem sabiam usar da bussola. O tenente apresentou-se-nos de pés no chão e em mangas de camisa : o alferes não dizia cousa com cousa e parecia teimoso. Finda a com-

missão, nem sequer poderam dar noticias da varação, se era praticavel ou não.

Tinha eu, porém, ficado no dia 3 de Dezembro.

Nossa camaradagem passou essa noite a dançar com a gente de Manoel Dias, o qual nos deu parte do rompimento de hostilidades, precedido de traições, dos indios *Guaycurús*, a cujo respeito haviamos já ouvido fallar em Camapuan por noticia vinda de Miranda.

Durante a paz e no tempo em que recebiam do governo favores de viveres e presentes, mataram á falsa fé um brasileiro que vivia em um sitio pouco distante do forte de Miranda: depois atacaram e degolaram um cabo de esquadra e varios soldados que formavam um destacamento bastante afastado d'aquelle forte. Em seguida a essas provas de deslealdade, abandonaram os arredores de Nova Coimbra onde viviam aldêados e puzeram-se a bater o campo como inimigos. Manoel Dias deu-nos conselho de tomarmos precauções, quando atravessassemos o seu territorio.

Cesso por instantes de me occupar com o diario para fazer conhecido o resultado da perfidia dos *Gaycurús* e ao mesmo tempo retratar, embora ligeiramente, o caracter d'aquelles indios.

Logo depois do rompimento, o commandante do forte de Nova Coimbra mandou a Cuyabá pedir soccorros por um proprio que encontrámos no Paraguay já de volta, no dia 10 de Dezembro. Iam tres homens n'uma canôinha e disseram-nos que na Capital se preparava uma monção de 14 igarités (grandes canôas) com 300 homens, entre soldados de primeira linha e milicias, commandados pelo tenente-coronel Jeronymo, vice-presidente da provincia. Com effeito essa frota passou por nós no dia 3 de Janeiro seguinte e, dez mezes depois, estando em Cuyabá, vimol-a voltar com a tropa que tinha ido pacificar os revoltosos. Do presidente recebêra Jeronymo instrucções para impedir, segundo as ordens do Imperador, que os indios, ainda levantados, fossem tratados com dureza, devendo-se o mais possivel procurar, por meio de dadivas e boas palavras, congraçar com elles.

De todos os selvagens que habitam as margens do Paraguay, são os *Guaycurús* os mais numerosos. Ouvi até dizer que têm 4.000 homens em armas. Tornam-se temidos pela deslealdade com que proce-

dem, rompendo subitamente, no meio da paz e durante a troca de sentimentos que parecem cordiaes, relações amigaveis sem outro motivo que não o amor á pilhagem, o que de certo não executam sem sangue nem muitas victimas.

Estão com êffeito os annaes de Matto Grosso cheios das traições d'esses infieis. Errantes nas margens do Paraguay e Taquary e estendendo suas excursões em vastissimo territorio, fizeram no principio do descobrimento grande damno ás monções que por entre elles passavam. Foram já por vezes até Camapuan e, não ha muito tempo, arrebataram de lá perto de 500 cavallos. Costumam tambem entranhar-se pelo paiz dos *Caiuás* e *Cayapós* perto do Paraná, afim de reduzil-os á escravidão. Não poupam em suas devastadoras correrias nem sequer os hespanhóes das margens do Paraguay, indo mesmo em tempo de paz saquear-lhes as povoações, cujos despojos vendem aos brasileiros. Não sei se depois de pacificados continuam n'essas praticas.

Aldeam-se perto da Nova Coimbra.

Nutrem a convicção de que constituem a primeira nação do mundo, a quem portanto todos as mais devem tributo e vassallagem. Nem exceptuam os brasileiros, que na occasião d'elles recebem todo o mal possivel. Tem escravos da tribu *Chamacôco* e de todos os vizinhos mais fracos e covardes, pelo que buscaram os *Guanás*, para subtrahirem-se de igual sorte e d'aquellas rapinas, a protecção Brasileira. Só os *Guatós*, apezar de pouco numerosos, impõe-lhes respeito pelo valor e hombridade. Esses barbaros levam tão longe a ousadia que não trepidam metter nos ferros da escravidã até os proprios hespanhóes. Vi Chegar a Cuyabá uma menina branca d'essa nacionalidade e de 12 annos de idade, que o tenente-coronel Jeronymo tinha tirado de entre os *Guayacurús*, onde vivia em captiveiro. Fôra com a mãe raptada de sua aldéa natal do Paraguay, ainda criança de peito, ficára só no mundo e tomara todos os habitos dos indios cuja lingua se tornara a d'ella.

Os *Guaycurús* são todos cavalleiros e bons corredores. Possuem numerosa cavalhada roubada aos hespanhóes ou criada nos campos. Ás vezes vão vender em Cuyabá animaes de sella por 9$000 ou 10$000. Ha indios que têm dois, tres e mais. Montam na anca, o que faz com que usem de rédeas mui compridas.

Suas armas são lança, arco e flechas. Têm tambem espingardas; mas, quando estão em guerra com os brasileiros, falta-lhes a munição. Em viagem costumam transportar a bagagem sobre os cavallos. Os homens armados rompem a marcha; atraz seguem as mulheres, cavalgando de um modo singular, pois vão içadas no alto de cargas, ás vezes mui volumosas.

Vi uma mulher *Chamacôco* que fora comprada aos *Guaycurús* pelo commandante de Albuquerque. Tinha a cara picada de pontinhos *(tatouée)* a modo do que usavam seus senhores. O retrato dessa rapariga acha-se na collecção mandada para S. Petersburgo.

De 3 a 6, nada nos aconteceu de notavel.

N'este ultimo dia, os Srs. Riedel e Taunay embarcaram n'um batelão bem esquipado, afim de tomarem a dianteira até Cuyabá.

Duas horas depois delles, partimos, e com duas leguas de viagem vimos os pontos ou melhor portos em que o caminho de Miranda a Cuyabá corta o rio, muito largo ahi, mas em parte vadeavel. Na margem esquerda havia vestigios recentes de grande cavalhada : podiamos com razão receiar que fossem de *Guaycurús*.

Esquecia-me dizer, quando me referi aos annaes de Matto Grosso, que os *Guaycurús* foram desafiar portuguezes até em Villa Maria, que saquearam uma vez, levando tudo a ferro e fogo. Em não poucas occasiões travaram renhidos combates com as monções. Uma d'ellas, composta de 50 a 60 canôas e cerca de 600 homens, soffreu completa derrota. Em outro ataque mataram elles a tripolação inteira, escapando só cinco pessoas que se esconderam no Matto.

Contam que n'um d'esses encontros, um mulato de S. Paulo, famigerado pela colossal corpulencia e força extraordinaria, sustentou com o auxilio de sua esposa, o choque de varias canôas tripoladas por *Guaycurús*. A principio, matou muitos a tiro, tomando as espingardas e pistolas que a mulher ia á medida carregando; depois quando os selvagens quizeram dar abordagem, defendeu-se com varapáos, arpões e afinal com a coronha das armas, conseguindo sempre mantêl-os em distancia.

Já estavamos cortando a zona que os *Guaycurús* percorrem mais frequentemente.

Até ao dia 11 de Dezembro, nada houve digno de nota.

Durante esses dias, o Taquary pareceu-nos pitoresco e alegre. Com 250 braças de largura, tem paragens variadas, numerosas ilhas em que se vêm grandes arvores isoladas, de tronco alto, direito e liso, folhagem escura e densa. Mostram-se aqui e alli, em vasta planicie de um verde gaio, que se estende a perder de vista, com capões no extremo horizonte. As margens do rio têm algum matagal.

Passamos varias vezes por entre ilhas e em canal estreito e bastante raso. Já era tempo das chuvas, mas, como a atmosphera conservára-se quasi sempre pura, o rio ainda tinha pouca agua, pelo que não raramente encalhavamos, permittindo, contudo, a diminuta correnteza que com facilidade nos safassemos.

N'estes pontos apparecem com mais frequencia as onças.

Na margem vimos uma que fugiu, mal foi avistada; outra ficou ferida, mas conseguiu tambem escapar.

Começámos a pescar *piranhas*, peixe abundantissimo no Paraguay e seus tributarios. Nos rios que vão ter ao Amazonas as ha tambem, assim como nos inundados de Minas Geraes, mas pullulam nos lagos e campos do Paraguay. Não tem mais de oito pollegadas de cumprido e seis de largo, entretanto é o mais temivel de todos os peixes d'esses rios pela voracidade com que acommette todo e qualquer animal que cáia dentro d'agua. Tem dentes agudissimos, na disposição e dimensões, que mostra o desenho junto.

Com estas armas atira-se á onça e obriga-a a accelerar sua passagem em rios. Não é raro pescarem-se peixes sem cauda, nem nadadeiras: é obra da piranha.

Ai do imprudente que entrar nú em lugar infestado por aquelles vorazes habitantes; está perdido sobretudo se tiver no corpo alguma ferida ou sarna. Elles se precipitarão sobre as chagas; farão verter, sangue e em poucos instantes o infeliz perderá a vida.

Quando a gente se banha em lugar de poucas piranhas, o perigo é diminuto, mas assim mesmo é preciso ter o cuidado de cobrir com as mãos as partes pudendas, porque por ahi é que ellas atacam de preferencia. O Sr. consul foi mordido, sem comtudo ter grande mal, porque incontinente pulou fóra d'agua. O peixe porém não se despegou senão alguns momentos depois: correu sangue, e cinco dentes ficaram bem marcados.

Para dar idéa da multidão e voracidade d'esses animaes, bastar-me-ha contar o sequinte caso. Havendo um dos nossos camaradas caçado um macaco e querendo moqueal-o, poz-se a limpal-o e em seguida o mergulhou no rio. Sacou-o porém depressa, com cinco piranhas atracadas á carne e que foram cahir na prôa da canôa. De cada vez que repetia a immersão, tirava d'agua quatro ou cinco peixes, de modo que n'um instante contámos 60, pescados por modo que muito nos divertiu.

Jogou-se ao rio um corpo esfolado de capivara. Foi um espectaculo curioso. As piranhas n'um formigar e torvelinho que faziam borbulhar e espadanar as aguas o espicaçaram, ora atirando-o para o ar, ora puxando-o para o fundo.

A' medida que o sangue se espalhava, acudiam outras aos milhares, e em breve nada restou d'aquella presa.

Fomos durante esses dias nos approximando do grande Paraguay que já se ia avolumando, como verificamos no Taquary, não só pela diminuição de correnteza, como pelo alagamento das margens. o que nos punha em difficuldades para achar terreno sêcco que servisse de acampamento. N'esses tempos de cheia é que cahem em chusmas os mosquitos. Incommodavam-nos de modo insupportavel.

No dia 11, passámos pela boca de varios canaes que entram nos campos alagados e vão ter ao Paraguay, ou voltam a cahir no Taquary. O rio, assim dividido, não deixa mais discernir se se navega ou não no leito principal: transforma-se n'um sem numero de bahias e desaguadouros, em que é difficil haver-se sem um guia bem pratico, que assim mesmo póde levar as canôas ao meio dos pantanaes. Em alguns lugares, o que dá a conhecer as margens são as plantas e arvores a surgirem de dentro d'agua.

O paiz é uma planicie immensa que começava a ser innundada pelo transbordamento do Paraguay, em cujas cabeceiras já haviam cahido chuvas. E' ahi que começam os vastos *pantanos geraes* que vão de norte a sul desde a embocadura do Jaurú até á do Taquary, 45 leguas portuguezas, no meio das quaes correm os rios Jaurú, S. Lourenço e Taquary, e limitados ao occidente por uma serra parallela ao curso do Paraguay.

Essa vasta zona encharcada vem assignalada por

muitos geographos debaixo da especificação de *Lagôa dos Xarayes* ou Laguna Xarayes.

No tempo sêcco as aguas se escoam e deixam um grande numero de pequenas enseadas. Perto do ponto da confluencía do Paraguay com o S. Lourenço, ha uma chamada Guayva que se divide em tres menores, cada qual de duas a tres leguas de extensão.

Na época das inundações, as canôas abandonam o alveo do rio n'um lugar sito a 25 leguas N. E. da embocadura do Taquary, por onde passei e que por esquecimento deixei de mencionar, chamado Pouso Alegre, e varam pelos campos afóra em linha recta, descambando para O. até entrarem no Paraguay pelo *Furo-mirim*, distante 18 leguas, e acima da grande ilha *Paraíso*, caminho marcado erradamente no mappa de Arrowsmith como um braço do Taquary que vai findar no Paraguay.

N'essas vastidões alagadas cresce em grande abundancia o arroz selvagem, cuja altura ha de exceder de sete a oito pés, pois só fóra d'agua tem dois a tres, sendo o terreno submergido em profundidade de cinco a seis. Quando os *Guatós*, indios canôeiros, fazem a colheita, sacódem as espigas dentro de suas barquinhas e n'um instante as enchem até ás bordas; entretanto, por falta de cultura, é a qualidade do grão inferior á do nosso.

Na tarde de 11, descemos ainda uma hora por um canal estreito, de rapida correnteza, entre barrancas bastante altas e cobertas de matto.

Nosso guia escolheu o pouso na margem direita, porque receiava podermos do outro lado ser atacados pelos *Guaycurús*. Acampámos debaixo de arvores baixinhas que orlavam em pouca distancia o rio. Além ficava um campo de arroz de dois pés de altura, campo vastissimo, a perder de vista e de um verde bellissimo. Alguns grupos de arvores se destacavam aqui, alli, na esplendida alfombra, madeiros de tronco liso e direito como fustes, cuja folhagem se expandia á maneira das chapeletas dos cogumelos.

Ao longe e a rumo de N. O. viamos as altas montanhas que acompanham o Paraguay de lado e d'outro e em cujas fraldas moram os indios *Guatós*.

Pela manhã de 12 de Dezembro, entrámos nas aguas do Paraguay, caudal celebre nos annaes das missões hespanholas e portuguezas pelas vantagens excepcionaes que sua navegação proporciona aos vas-

tos territorios em que corre. Tem as cabeceiras no Alto Diamantino, na chapada central da America Meridional ; dirige para o sul o magestoso curso e recebe o contingente de sete grandes rios até confluir com o Paraná, onde perde injustamente o nome para cedêl-o ao affluente. Grandes embarcações podem sulcal-o desde Buenos-Ayres até Villa Maria e, subindo pelo rio Cuyabá, até á capital de Matto Grosso. E' uma extensão de 600 leguas, livre do menor obstaculo, sem cachoeiras, nem corredeiras: em toda ella deslizam mansamente aguas fundas e largas. E' o mais bello canal que a natureza formou para permittir ao homem devassar desertos tão dilatados, para povoal-os e dar-lhes as regalias de activa navegação e immenso commercio. Em qualquer ponto achariam os barcos a vapor florestas para abastecêl-os de combustivel abundante e facil.

Não fôra o singular systema do dictador Francia, e os habitantes da republica do Paraguay, assim como os de Matto Grosso, estariam já no gozo das mais francas relações commerciaes.

No fim do seculo XVIII, uma expedição hespanhola com grande apparato de artilharia por elle subiu a atacar o forte de Nova Coimbra. Intimou ao commandante portuguez immediata rendição, mas recebeu resposta que sinto não poder por esquecimento aqui transcrever, pois lembra bem o heroismo dos conquistadores da India. Os hespanhóes deram então o assalto; foram repellidos e retiraram-se com perdas sensiveis.

Vi em Cuyabá lançarem á agua um barco de quilha, do tamanho de uma lancha de náo de guerra.

Tinha eu ficado no dia 12 de Dezembro.

Abicámos na margem do Paraguay em frente á boca do Taquary e, como deviamos nos demorar até ao dia seguinte para deixar o astronomo fazer suas observações, ahi acampámos. A' tarde vimos passar o proprio a que acima alludi e que fôra a Cuyabá pedir soccorros contra os *Guaycurús*.

Quando anoiteceu, ergueram-se do lado dos campos, que na vespera haviamos deixado, grandes clarões, acompanhados de muita fumaça. Eram fogos ateados pelos indios, pois de certo nenhum brasileiro se arriscaria, depois do rompimento de hostilidades, a andar tão arredado de Miranda, o estabelecimento

peças de roupa, cintas, suspensorios, silbas de sellim e tabaco. Grande parte d'elles empregam-se nas plantações ou moendas a ganharem dois a tres vintens por dia além do sustento, ou então entregam-se á pescaria, indo levar o peixe á cidade de Cuyabá, em cujo porto habitam n'umas choupanazinhas.

As peças de algodão trançado, que aqui são conhecidas por *pannões*, não têm ordinariamente mais de quatro varas de comprimento e duas ou tres de largura. São tramadas de um modo para mim desconhecido, os fios verticaes inteiramente cobertos pelos horizontaes de lado e de outro, o que faz com que o tecido seja muito espesso e proprio para barracas, por não dar passagem á mais violenta chuva.

O desenho junto mostra o ponto do tecido.

A segunda figura representa a trama já usada; então deixa ella vêr o modo por que é tecida, mas não tanto quanto está figurado. Ambas são de tamanho natural.

As mulheres *Guanás* que fazem esses pannos usam de um grande quadrado de cinco a seis pés de largo, de madeira e apoiado sobre duas estacas perpendiculares. N'esse tear cruzam os fios com uma reguazinha de páo, não de uma vez, mas por grupos de 100 ou 150 fios, que vão segurando um por um. Assim se a cadêa tem 1,000 fios cruzam sete ou dez d'esses grupos, afim de fazerem passar o fio em toda a largura da cadêa. Por ahi se vê quanto tempo é preciso para acabar um *pannão*.

As mulheres de Cuyabá que fazem rêdes, seguem o mesmo systema. Para concluirem uma de duas varas em largura e comprimento, consomem seis ou mais dias.

Os *pannões* têm riscas largas e de differentes côres: escuro carregado, preto, branco, pardacento, ruivo e azul claro; mas essas côres, que os fabricantes tiram de mineraes e vegetaes, não conservam a viveza senão por pouco tempo; depressa desmerecem; parecem sujas; desmaiam, nunca, porém, de todo.

Cifram-se as roupas dos *Guanás* para os homens, n'um panno que enrolam como tanga e atado á cintura, cahindo, quando muito, até aos joelhos e n'um pedaço de fazenda quadrado regular ou puxando mais para o comprido, o qual tem no meio uma abertura por onde enfiam a cabeça e que não lhes resguarda mais que os hombros, peitos e espaduas. Quando sen-

tem frio, cobrem-se com um *pannão* que, sendo grande, póde dar duas voltas inteiras ao redor do corpo.

As mulheres tambem trazem o panno enrolado á cintura e cahindo até aos joelhos; qualquer que seja o tempo, usam do *pannão* ou para se resguardarem dos pés á cabeça, ou então preso muito apertado por cima dos seios, mostrando-se assim menos núas que os homens. A's vezes tambem cobrem com elle os hombros e deixam-n'o cahir até meia canella.

Já muitos *Guanás* usam de calças e camisas de algodão grosseiro que se tece em Cuyabá, bem como em todo o interior do Brasil. E' o trajo da gente miuda.

Estes indios, talvez por viverem menos expostos ás intemperies que os outros, têm a tez mais clara do que quantas tribus em minhas viagens vi, com excepção dos *Mundurucús* mansos da Pará. Quanto á physionomia, possuem os traços geraes e caracteristicos da raça mongolica, como acontece com os aborigenes do Brasil; achei-lhes, porém, um que de ameno e de suave muito especial. Se não se chegam tanto ao typo europêo como os *Guatós*, não são, comtudo, indiaticos puros a modo dos *Cayapós* ou *Chamacôcos*, dos quaes tive occasião de vêr alguns individuos. Sem a expressão traiçoeira e má dos *Guaycurús*, nem a ferocidade dos *Botocudos* e *Bororós*, talvez se pareçam com os *Apiacás*; em todo caso é typo digno de attenção e que apresenta um contraste interessante com o das outras nações indigenas.

Não picam a pelle, não mutilam o nariz, o labio inferior ou as orelhas; não se pintam de urucú como tantas outras tribus. Se em épocas anteriores tiveram essas praticas singulares, já são por demais civilisados para n'ellas perseverarem.

Em vesperas de festins costumam preparar certa bebida fermentada, cuja fabricação, porém, basta conhecer para ter d'ella nojo mais absoluto. Partem entre os dentes grãos de milho e cada qual vai cuspil-os dentro de uma grande panella de barro, onde se produz a fermentação depois de addicionada certa porção d'agua.

As mulheres são bem feitas de corpo: têm um rosto interessante, os olhos ordinariamente apertados e um tanto obliquos, o nariz pequeno, afilado, boca no commum grande, labios grossos, dentes claros e bem implantados. Reina entre ellas a mais completa

devasidão, tanto mais quanto os proprios maridos, desconhecendo o que seja ciume, as entregam a estranhos com a maior facilidade, mediante algum dinheiro ou peças de roupa.

O modo de fallar denuncia uma lingua muito doce, mas destituida de energia: exprimem qualquer sentimento mais forte por uma aspiração de garganta seguida de um som que bem se póde comparar com o fraco gemido de quem está soffrendo.

Com toda sua industria e amor ao trabalho que tanto os distinguem dos mais indios, são elles em geral covardes; prostituem suas mulheres, movidos por sordido interesse; commettem o roubo e o furto com a maior desfaçatez e, a dar credito a boatos muitas vezes não infundados, têm as mães o barbaro costume de matar os filhos no ventre, por não quererem antes dos 30 annos ter o trabalho de crial-os. Contaram-me a respeito varios exemplos; acredito, porém, que prática tão horrorosa tenha já cessado ha algum tempo.

Narrarei, quando tratar dos *Guatós*, cujo caracter é sob todos os aspectos completamente opposto, um facto que deixa bem patente a indole d'estes dois povos, ou melhor d'estas duas tribus.

No dia 19 de Dezembro, partimos de Albuquerque. O commandante acompanhou-nos até á praia e, em honra ao Sr. consul, mandou dar umas salvas. Iam comnosco varios *Guanás*.

Continuou nossa navegação com extrema lentidão, tanto mais incommoda quanto os mosquitos não nos deixavam um instante de socego. E' um supplicio indizivel.

Tornava-se, além d'isso, de dia para dia mais penoso o modo de subir contra corrente pelo crescimento do rio que tendo, n'aquella estação de chuvas, recebido já bastante agua nas cabeceiras, não permittia mais ás zingas alcançarem o fundo. Recorriam então nossos camaradas a umas varas compridas, terminadas em forquilha, com as quaes, agarrando os ramos de arvores e troncos ou apoiando a extremidade de encontro a elles, empurravam as canoas por diante. Raros eram, porém, os galhos resistentes e cada vez mais violenta a correnteza. Por isso tambem nos moviamos com morosidade desesperadora, que os mosquitos, a chuva e a monotonia transformavam em soffrimento quasi intoleravel.

SciELO

Os aguaceiros não pouco nos vexavam; tudo molhavam, até dentro das barracas que eram muito mal feitas. Quando vinham acompanhadas de ventania, por todos os lados entrava agua, porque umas cortinas de panno, que nos serviam de unico anteparo, voavam com violencia, arrebatando prégos e cordeis. Se chovia simplesmente, fechavamos essas cortinas, mas então quasi nos faltava ar para respirar.

Ao chegar ao pouso, achavamos um sólo encharcado, onde não se podia dar um passo tem metter o pé no lôdo. Não havia remedio senão dormir em rêde e dentro do mosquiteiro, sob o qual sentiamos dobradamente o calor d'aquelle clima abrasado.

As margens do Paraguay são todas bordadas de *aguapés*, planta que alastra na superficie das aguas e cujos folhas grandes e redondas formam massiços que seguem desde abaixo das barrancas até acima ás ondulações do terreno. Se se destaca um torrão de terra, correm os *aguapés* para o rio e, levados pela corrente, formam ás vezes ilhas não pequenas.

De ha dias, ainda a navegar o Taquary, ouviamos com muita frequencia o cantar das *anhumapócas* e *aracuans*. A primeira d'essas aves é um bello passaro do tamanho de uma perúa: tem o porte alto, os olhos vermelhos, um collar de pennas pretas, além de outro formado pela pelle núa. A plumagem é acinzentada, os pés compridos e vermelhos, as azas armadas cada uma d'ellas de dois esporões, com que póde ferir perigosamente.

Viamos com frequencia este interessante passaro, sempre aos pares, quando muito tres juntos. O canto que ergue na solidão dos pantanos faz lembrar o som do sino no campo.

O casal de *aracuans* é inseparavel. Se canta o macho, responde a femea, repetindo as mesmas notas, mas em tom differente. Quando avultam os pares, então o alarido é forte. Esse canto imita os gritos de uma gallinha que está sendo perseguida, com a differença de que é cadenciado e repetido alternadamente por um e outro.

A' direita e esquerda iamos deixando muitas enseadas: n'uma d'ellas eu e outro pescador apanhámos pacús a deitar fóra, peixe de facil e valioso recurso n'estas viagens, porque, além de andar em numerosos cardumes, tem dimensões não pequenas, muita

gordura e sabôr delicado. Darei mais ampla informação no trecho em que fallar da cidade de Cuyabá.

Nada houve de notavel até ao dia 26 de Dezembro, em que ouvimos, por volta de meio-dia, o latido de cães e cantar de gallos. Alcançavamos um ponto habitado. Que consolo!

Estavamos então nos Dourados; abicámos, e d'ahi a instantes chegaram umas canôas cheias de *Guatós*.

Em pé a prôa os maridos remam; as mulheres sentadas á pôpa vêm governando por meio de uma pá: as crianças acocoram-se no meio sobre esteiras. As embarcações, com tres palmos e meio de largo sobre 20 ou 25 de comprido se tanto, levam sempre no bojo cães, arcos e flechas para caçadas e pescarias. Os homens apresentam-se vestidos de uma calça de algodão; as mulheres com uma saiazinha, deixando o resto do corpo descoberto. Estas roupas que conseguem dos brasileiros por meio de barganhas são em geral muito sujas por não serem lavadas, ou, se passadas por agua, não levarem nunca sabão. Não vi senão um velho completamente nú: trazia o membro viril preso por um cordel que dava volta á cintura.

Os varões deixam crescer o cabello: amarram-no no alto da cabeça e fazem uma especie de pennacho as mulheres e crianças usam no corrido. Os adultos; andam nús; as moças, porém, cobrem as partes pudendas com um rôlo de cordas da casca da palmeira *tucum*, suspenso a uma embira amarrada á cinta. Todos elles trazem nas orelhas a modo de brincos pennas vermelhas, negras ou de côres varias.

Vivem quasi sempre sobre a agua, mettidos em barquinhas que, como acima disse, têm dimensões diminutissímas. Quando toda a familia está embarcada a borda da canôa fica com dois dedos acima d'agua, o que não os impede de manejarem com a maior habilidade as fiechas para fisgarem peixes ou trasfpassarem passaros. Matam além d'isso *jacarés* que lhes servem de principal alimento, porque d'elles nunca ha falta. Em terra não são menos destros caçadores. Valentes aggressores da onça, procuram de principio enfurecêl-a, fazendo-lhe a flechadas ligeiros ferimentos: quando a féra irritada se atira, o *Guató* a espera de pé quedo e crava-lhe a *zagaia*, lança curta armada de um osso de *jacaré* ou espigão de ferro, conseguido por troca com os brasileiros.

SciELO

Elles fazem grande matança de bugios, guaribas, lontras, etc., e preparam com cuidado as pelles, bem como as da onça. São mui pouco agricultores e não plantam senão algumas raizes e milho. Costumam apanhar os fructos de um grande bananal, que foi plantado á margem esquerda do S. Lourenço por um antigo sertanista, e colhem o arroz bravo que cresce nos pantanáes circumvizinhos. A industria manufactora consiste em tecer com casca de tucum grosseiros mosquiteiros, dentro dos quaes dormem; abrigos porém por tal modo espessos e pesados, que só por força de habito é possivel supportar o calor que debaixo d'elles se desenvolve. Fazem ainda um tecido quadrado de pé e meio a dois de lado e que prendem por duas extremidades a um páo para servir de ventarola e com ella afugentarem os temiveis pernilongos. Só á noite o deixam: tal é a importunação d'aquelles teimosos e sanguisedentos insectos!

Todo o commercio dos *Guatós* consiste em trocar com os brasileiros pelles de onças ou canôas por facas, machados, zagaias e outras ferragens ou então por peças de panno de que fazem calças para si e saias para as mulheres.

A tribu é pouco numerosa. Não a calculo em mais de 300 almas. Ouvi muito fallar n'uma taba de *Guatós*, assente na bahia de Guaiva e que contém mais de 2.000 selvagens muito bravios, inimigos de qualquer contacto com brancos, bem que em nada malfeitores, e tão arredios que, segundo contam, não fraternisam com os que viramos em S. Lourenço, por causa do commercio a que se entregam com os brasileiros.

Apezar do muito que se diz sobre a existencia d'esse nucleo de população, tenho minhas duvidas em dar-lhe fé, pela exageração com que os naturaes do paiz costumam contar qualquer facto. Quiz por mim tirar informações dos *Guatós* de S. Lourenço, mas não tive senão respostas ambiguas: verdade é que, segundo a voz geral, guardam estes o mais completo segredo.

Se bem feitos, robustos, de tez cobreada escura e cabellos corridos, o que os prende ao tronco indiatico, porque no mais parecem typo européo. Vi um homem de pórte alto, boa figura e nariz aquilino: outros comtudo apresentavam o cunho caracteristico da raça.

Tive noticia de que outr'óra os *Guatós* de S. Lourenço haviam morado entre os brancos e se misturado com elles, voltando porém depois, por gosto pela vida primitiva, aos antigos habitos. Talvez d'ahi provenha a parecença com os europêos, sem que por isso tenham os cabellos e a côr soffrido alteração.

No meio do queixo crescem-lhes uns fios de barba.

A physionomia das mulheres e crianças é interessante: quando moças, algumas são até bonitas.

Dizem que os *Guatós* vivem com mais de uma mulher: a maior parte dos que vi levavam uma unica. Lembro-me, porém, que n'uma occasião troquei algumas palavras com um delles que tinha na sua canoa tres mulheres. Perguntei-lhe se todas eram suas; respondeu me que sim. Pedi-lhe então por gracejo uma e elle retorquiu-me zangado que eu deveria ter trazido commigo a minha. Repliquei-lhe que não fora isso possivel. « Pois bem, disse-me elle, se você tivesse aqui sua mulher, eu a trocava por uma d'estas. »

Bem em contrario dos *Guanás*, são muito ciosos de suas esposas a quem amam extremosamente e das quaes recebem grandes provas de ternura e fidelidade. Aos filhos dedicam vivo affecto e os mais cuidadosos carinhos.

Não são nada propensos ao furto como os *Guanás*.

A lingua d'elles é rapida. Quando estão dois a conversar, nada se ouve senão monosyllabos ou palavras curtas que succedem de um a outro alternadas e breves. O *sim* é uma forte inspiração seguida de um som guttural.

Depois de uma parada de mais de hora em Dourados e findo o jantar, recomeçámos a viagem. De ambos os lados viamos as montanhas que desde o Taquary acompanham as margens do rio. O declive de 40 a 45 gráos chega até ao grande caudal, cujas aguas ahi correm menos espraiadas, fundas e mais correntosas.

Seguiam-nos sempre os *Guatós*, augmentando em numero, pois á medida que abicavamos ás choupanas, os moradores vinham logo se juntar aos companheiros que já iam comnosco. Assim até ao pouso. O Sr. consul mandou-lhes dar comida: o que fazia de certo com que nos não deixassem.

SciELO

No dia 27 de Dezembro, chegámos cedo á boca do S. Lourenço e ahi falhámos um dia. Nosso acampamento ficava entre o dos *Guatós* á esquerda e o dos *Guanás* que nos acompanhavam desde Albuquerque; aquelles em numero de mais de 30, entre os quaes uma multtidão de mulheres e crianças. Ambas as tribus haviam feito uns como ranchos com folhas de palmeiras, esteiras, e pelles; entretanto, quando cahiu a chuva que desde manhã ameaçára, vieram nos pedir abrigo, acolhendo-se ás nossas barracas.

Desde esse dia até 1 de Janeiro de 1827, fomos vendo palhóças de *Guatós*. O S. Lourenço estava cheio e portanto muito correntoso. Subiamos com lentidão desanimadora. Boa viagem era aquella em que se venciam duas leguas no fim de um dia inteiro de incessante fadiga.

1.º de Janeiro. Deixaram os *Guatós* de nos seguir. De manhã vimos a chóça de um d'elles, muito conhecido e estimado dos camaradas que já tinham viajado por estas paragens: chamava-se Joaquim Corrêa e negociára muito com os brasileiros, cuja lingua fallava melhor do que o resto desua gente.

Eis a historia de um *Guató* e sua familia que tiveram destino lamentavel, acabando miseravelmente ás mãos de uns *Guanás*. O caracter de ambas as tribus resaltará do facto que vou contar.

Fatigados de navegação tão lenta e penosa como o subir o S. Lourenço n'essa estação de aguas, viamo-nos, segundo dissemos, assaltados por nuvens de mosquitos que nos occasionavam crueis afflições Tal era a quantidade d'esses temiveis insectos que o ar se escurecia; ennegreciam os lugares em que pousavam; voavam em torno de nós, pisando-nos desapiedadamente.

A vista, um dia, de uma choupana de *Guatós*, situada n'um bonito local que por isto tem o nome de *Alegre*, dissipou por instantes nossa tristeza e deu alguma animação aos remadores. Desembarcámos e nos avistámos com uma familia feliz. O marido voltava da caça e trouxéra um jacaré: a mulher era moça e de physionomia agradavel: dois filhinhos, o mais velho com menos de quatro annos, mereciam-lhes os mais ternos cuidados. Essa boa gente tinha bananas, raizes de cará e mandioca, uma canoa, arcos, flechas, esteiras, cestos, panellas, dois mosquiteiros e matapás. Um cão guardava a casa. . . . . .

SciELO

O Sr. consul propoz ao *Guató* irem juntos até Cuyabá e n'um apice a familia, accedendo ao convite, embarcou-se, não deixando em terra senão a palhóça. Tudo coube na canoinha que não tinha mais de 18 pollegadas de largo sobre 14 a 15 pés de comprido. Como todos os de sua tribu, era este habil em caçar e pescar, de modo que nos trouxe a mesa sempre farta de aves e peixes.

Quinze dias depois de nossa chegada á capital, o sr consul despediu-os presenteando-os com facas, machados, anzóes e outros objectos de grande estimação entre aquella gente. Estas dadivas porém, lhes foram funestas. Excitaram a cubiça de dois *Guanás* que moravam no porto de Cuyabá e que, depois da partida, seguindo-os n'uma canoinha, foram atacal-os á falsa fé e os mataram a todos, homem, mulher e criancinhas, atirando os cadaveres á agua para que as piranhas os devorassem.

Depois de tão negra acção retiraram-se os assassinos para seu aldêamento, sito á margem do Paraguay 15 ou 20 leguas ao norte de Nova Coimbra, e, crendo-se em segurança entre os seus, não cogitaram da necessidade de calar o que haviam feito. Chegou a noticia aos ouvidos do tenente-coronel Jeronymo, commandante então da fronteira do Paraguay e da expedição contra os *Guaycurús*, e elle deu-se pressa em mandar prender os criminosos, remettendo-os a ferros para Cuyabá. Como na expedição de Jeronymo achavam-se alguns *Guatós* que tinham espontaneamente offerecido os seus serviços, reclamaram estes os *Guanás* para leval-os e tomarem por suas mãos desaggravo: o commandante, porém, não consentiu em tal, affiançando-lhes que o capitão-mór de Cuyabá os mandaria suppliciar.

Com esta resposta não se deram elles por satisfeitos e, retirando-se incontinenti da expedição, foram logo espalhar entre a sua gente a noticia do assassinato d'aquella infeliz familia e da proxima passagem dos matadores, levados por brasileiros. Levantou-se toda a tribu; plantou seus arcos e flechas ao longo do rio e foi esperar a canôa, que não tardou a navegar n'aquellas aguas. Intimaram então ao commandante que não furtasse os homicidas á legitima vingança, ameaçando, em caso de recusa, arrebatal-os á força e tornarem-se inimigos dos brasileiros. Esse commandante, que não passava de sar-

gento, não tendo talvez armas sufficientes e vendo a inferioridade de suas forças contraposta á firmeza e resolução dos *Guatós*, entregou os dois miseraveis que, apezar de se prostrarem de joelhos pedindo misericordia, foram n'um instante feitos em postas. Cortaram as cabeças e as fincaram á beira do rio em páos com pedaços de pelle, expostas ás vistas dos *Guanás*, cujo caminho para Cuyabá é este de S. Lourenço, a menos que não queiram dar uma grande volta por Villa Maria. D'ahi ha poucos dias passaram com effeito alguns *Guanás* que nada sabiam do facto ; os *Guatós*, porém, lhes asseguraram que, satisfeita a sêde de sangue, nada mais havia a temer d'elles. Em seguida levaram as correntes de ferro ao tenente-coronel Jeronymo, dizendo-lhe : « Eis o que vos pertence. *Guató* não é ladrão. *Guaná* tinha matado *Guató* : *Guató* mata *Guaná*. »

Continuemos, porém, o diario. Estavamos a 3 de Janeiro de 1827.

Impossivel me fora exprimir o soffrimento que diariamente nos causam os enxames de mosquitos. E' praga capaz de trazer o abandono de uma região inteira por quem não tenha a constancia do selvagem. Em tal quantidade nos cercavam, tão teimosos se precipitavam sobre nós para sugar-nos, que o ar em derredor parecia escuro. Quando comiamos, ficavam os pratos inçados, o molho cheio d'elles ; entravam-nos pela boca. Debalde dos pés á cabeça vestiamos roupas grossas ; debalde calçavamos botas e luvas. Através das vestes e pela costura das botas, por pouco que tivessem uso, ferravam-nos, tremendas picadas mettendo-se pelas calças a dentro. E' horrivel ! Para garantir um tanto mais o corpo, era preciso por cima de toda a roupa embrulhar-se n'uma grande colcha ou manta, o que produzia calor intoleravel ; como meio de defender o rosto, só havia, desde o alvorecer até ao cahir da tarde, agitar um leque ou um abano.

Minhas luvas tinham furos. Nos pontos descobertos, a pelle já estava tão insensivel ás mordeduras que por vezes matei alguns d'aquelles infernaes insectos, cheios de sangue a mais não poder. O mesmo acontecia no rosto, quando cansava de me abanar O interior das barracas ficava todo negro, tal a quantidade dos que pousavam : negras as bordas das

canoas e qualquer ponto em que, por algum tempo, podessem se ter quietos.

A camisa, a calça que vestiamos n'um momento se tingiam de nodoazinhas de sangue, pois o menor movimento matava uma grande porção que de pesados não podiam mais voar.

Os infelizes remadores, mais pacientes e soffredores que nós, sentiam ainda maiores torturas, não só por estarem menos bem cobertos, como pela obrigação do trabalho. Para se livrarem d'esse flagello, queimavam á proa das canoas uma especie de terra chamada *copim*, cuja fumaça, espessase enxotava os mosquitos, para nós se tornava novo mal, ameaçando asphyxiar-nos.

A' hora do almoço, alguns camaradas, que tinham ido adiante, deram-nos parte de que descia uma monção. Vimos, com effeito, apparecer uma canoa de bandeira imperial á popa, carregada de munições e de soldados, logo após outra e mais 12. Era a expedição do tenente-coronel Jeronymo, o qual parou um quarto de hora para trocar algumas palavras comnosco.

No dia 4 de Janeiro, entrámos no rio Cuyabá, deixando o S. Lourenço á direita. Já então abrandára a praga dos mosquitos. Que allivio! A 8, chegámos a um logar chamado Bananal, pela grande quantidade de pés de bananas que ahi se acham. Nos primeiros tempos das explorações dos paulistas, um d'esses intrepidos descobridores de ouro quiz attender para o bem dos viajantes e fundar até um estabelecimento de agricultura. João Lemos, assim se chamava elle, ahi se fixou: construiu uma casa n'um alto, que para fugir das inundações, teve que aterrar, plantou bananeiras, laranjeiras e mamoeiros; mas depois, por motivos especiaes que não souberam nos contar, abandonou o muito que já estava feito.

Não achámos mais que o ponto aterrado, algumas telhas quebradas, pés de mamão e floresta de bananeiras que se tinha alargado n'uma área consideravel.

Nossa gente, apenas abicámos, saltou em terra, sofrega de dar busca ao bananal e colher os cachos d'aquella saborosa fructa; infelizmente passaram pela decepção de não encontrar senão os restos que a expedição de Jeronymo havia deixado. Assim mesmo

apanharam quanto cacho verde poderam descobrir para comerem as bananas assadas, ou então esperar que amadureçam. Encheram canoas com esse precioso achado.

De nada me lembro digno de nota até ao dia 17, em que o Sr. consul despachou uma canoinha para ir buscar nos primeiros moradores os mantimentos que já nos iam faltando.

No dia seguinte, chegámos de manhã cedo a um logar onde, no tempo das cheias, os navegantes que sóbem deixam o leito do rio e tomam á direita pelos campos inundados afim de aproveitarem as aguas estagnadas. Vendo que o rio tinha já bastante volume, fez o guia parar as canoas e, procedendo a um reconhecimento, foi saber se havia passagem.

No meio de grande impaciencia, ficámos a esperal-o, desejosos de acabar tão penosa navegação e de atravessar em linha recta e em 24 horas distancias que pelo rio consomem quatro e mais dias.

Afinal voltou o homem e deu logo ordens para que entrassemos nos campos. Em poucos instantes tambem deixámos de ver o rio e suas margens. As canoas, empurradas por zingas e tocadas a remos, corriam com velocidade de um barco que deita tres milhas por hora, em agua de pouca profundidade, d'onde cresciam gramineas de dois a tres pés de altura. Dir-se-ia que viajavamos em terreno enxuto: a cada momento roçavamos por grandes arvores ou furavamos matagaes.

Por volta das 2 horas da tarde, abicámos n'um pouso humido, lamacento, especie de cabeço isolado, onde jantámos. Era local cheio de arvores altaiadas, cujo tronco liso e direito sustenta copada folhagem.

Até ao anoitecer navegámos do mesmo modo, mas quando se tratou de voltar ao álveo do Paraguay, surgiram não pequenas difficuldades que por algum tempo fizeram-nos receiar ter que voltarmos ao ponto d'onde haviamos de manhã sahido. Em busca de agua um tanto mais funda, iamos para diante e para traz, a sondar a todo instante. Por fim varámos pelo matto e, derrubando arvores e cortando galhos, entrámos, depois de muita canseira, no rio. Só então cessaram nossos receios.

Era um galho do Paraguay chamado *Braço de Guacurituba;* ahi nos esperava pessimo pouso, tão encharcado que impossivel nos foi accendermos fogo.

No dia 20, trouxe-nos a canoinha viveres frescos. Dois dias depois alcançámos a casa de um homem chamado Lourencinho, primeira habitação annunciadora da proximidade de Cuyabá. Não ha sete annos, era local deserto.

Aquelle homem industrioso alli se estabeleceu com tres escravos; trabalhou muito, chegou a levantar uma casa, plantou, colheu bastante mantimento, fez uma moenda de canna, chamou para junto de si a numerosa parentela e muitos pobres e para todos elle preparou elementos de abundancia e felicidade. Hoje ha uma igreja e mais de 100 habitantes.

Dia 25 de Janeiro. Lourencinho deu-nos um guia para furarmos caminho pelos campos. Tomando, pois, á esquerda, viajámos o dia inteiro, parando só para jantarmos n'um logar sêcco e pedregoso, onde se matou uma jaguatirica. A' tardesinha, depois de muito trabalho para transpôr um logar onde havia falta d'agua, chegámos a um canal fundo, cujas aguas tinham tal ou qual correnteza, entre margens de quasi dois pés de altura e cobertas de basta vegetação. N'uma d'ellas passámos a noite, em extremo incommodados por formigas.

No dia seguinte, subimos contra corrente um quarto de legua, notando a cada passo nas bordas as muitas quédas d'agua que são outros tantos escoadouros ás innundações dos campos. Quanto mais nos adiantavamos, mais se estreitava o canal até um ponto emfim onde esbarrámos n'uma bacia em que cahia de dois a tres pés de altura a agua da chapada superior. Era uma cachoeira que parecia dar nascimento ao canal.

Ninguem da nossa tripolação tinha conhecimento d'esse obstaculo. Tornou-se, pois, necessario descarregar as canoas afim de arrastal-as n'uma distancia de perto de 100 passos até que achassem fundo, levando os remadores ás costas a bagagem e cargas com agua pelo joelho. Depois de Beliago, de certo não contavamos com semelhante trabalho.

Foi por diante nossa singular viagem, não sem muita fadiga, porque logares havia com menos de pé e meio d'agua. Felizmente iam as canoas com diminuta carga, estando já os mantimentos quasi esgotados. O terreno, embora vasta planicie, offerecia trechos d'aquella natureza ou então lagos tão fundos, que a zinga não podia alcançar o chão.

SciELO

A' tarde recomeçaram com mais vigor os esforços. Estavamos perto do rio e suspiravamos por alcançal-o antes da noite; tudo, porém, nos era contrario, pouca agua e *cerrado* espesso; tambem a muito custo é que conseguimos cahir no sangradouro (canal de communicação), derrubando a todo instante arvores e galhos que se oppunham ao nosso transito.

Esse sangradouro era quasi tão estreito como as canoas; nem siquer tinha um pé d'agua, mas as margens elevam-se a tres ou quatro pés de altura, em alguns pontos até a mais de 10. Ahi nos surprehendeu a noite e não sahimos dos barcos, não só porque o terreno em torno era muito sujo de matto, como tambem cheio de coqueirozinhos espinhentos chamados *tucuns* e de *novatos*.

Vem a pello fallar aqui n'esta arvore que entre os paulistas é conhecida por *páo de novatos* e em Cuyabá por *formigueiro*, arvore em que habitualmente vivem formigas ruivas, cuja dentada causa intensissima dôr por espaço de dois a tres minutos. Basta que simplesmente rocem a pelle e incontinente ferram os dentes, convindo, pois, caminhar com cautela nos mattos em que abundem taes arvores. Se por acaso o viajante desprevenido agarra um de seus ramos ou encosta-se ao tronco, dores agudas trazem-lhe immediato arrependimento.

O nome que tem provém de que os incautos não põem duvida em buscar sua sombra e até nella armar as rêdes. O ensino, porém, é prompto, e não tarda que os gritos dos noviços provoquem boas gargalhadas aos que já são sabidos.

Suas folhas pendentes e grandes tem ás vezes um pé de comprimento e quatro a cinco pollegadas de largura, maiores nos individuos novos. Eleva-se mais do que esgalha. Comecei a vêl-a no S. Lourenço; d'ahi por diante a mattaria das margens está cheia.

Ao raiar do dia 27 de Janeiro, descarregaram-se as canoas. Foram depois arrastadas pelo sangradouro afóra com custo, porque, como acima referi, o canal, além de muito estreito, fazia voltas tão rapidas que tornava quasi impossivel mover os barcos afundados mais no lodo que n'agua. Em alguns logares houve até que cortar á enxada a margem para abrir espaço.

Afinal, ao meio-dia, toda a monção cahiu no rio. Recomeçando a subir, chegámos já com noite á casa do capitão Bento Pires. O gasalhado sympathico que nos esperava deu nos os gozos da vida civilisada, partilha de quem assisada e prudentemente sabe fruir existencia tranquilla e sedentaria.

No dia 28, em cada volta do rio avistavamos habitações e sitios que nos embellezavam os olhos.

Tudo nos indicava, cada vez mais, a approximação da cidade. Na tarde de 29, os Srs. Riedel e Taunay vieram n'uma canoa ao nosso encontro, trazendo-nos melões e melancias. Estavam accomodados no palacio do presidente da provincia, que mandára preparar tambem aposentos para nós.

Emfim a 30 de Janeiro de 1827, attingimos o porto tão desejado de Cuyabá. Aproámos ao troar das salvas de mosquetaria que partiam de entre os nossos e eram correspondidas de terra. O guarda da alfandega levou-nos para o seu escriptorio, emquanto esperavamos os animaes que deviam levar nos até á cidade, distante um quarto de legua.

Os srs. Riedel e Taunay tiveram a bondade de mandál-os com promptidão, avisando que nos viriam receber. Com effeito não tardaram a chegar em companhia de varias pessoas da localidade e de um negociante italiano chamado Angelini.

Fomos immediatamente ter com o presidente e d'elle tivemos o mais cortez e amavel tratamento durante os oito ou dez dias que nos reteve em seu palacio como hospedes.

SciELO

Descripção de Cuyabá. Usos e costumes de seus habitantes

DIGRESSÕES A' VILLA DE GUIMARÃES E VILLA MARIA. PARTIDA PARA A VILLA DE DIAMANTINO

A cidade de Cuyabá é cercada de collinas que com excepção da parte occidental limitam-lhe o horizonte. O plano em que assenta é inclinado até á base dos outeiros do lado meridional, onde corre um riacho chamado Prainha que em direcção quasi recta vai para O. e, separando a cidade de um de seus arrabaldes, atravessa uma planicie de quarto de legua, com curso parallelo ao caminho do porto, até cahir no rio Cuyabá. No tempo sêcco fica todo cortado e chega a desapparecer.

As ruas que de E. vão para O. têm pequeno declive de subida e descida, mas as que lhe são perpendiculares, de S. a N., o têm mais sensivel, embora em geral suave. Ao sahir da cidade para o lado N., eleva-se o terreno ainda por espaço de 300 a 400 passos, formando um campo chamado da Boa Morte, por ahi existir uma igreja d'esse nome.

A cidade póde ter meio quarto de legua de poente a nascente e dois terços d'essa distancia de N. a S. Não ha senão 18 ou 20 casas de sobrado, esse mesmo pequeno: todas as mais são terreas. Cada casa tem nos fundos um jardim plantado de laranjeiras, limoeiros, goiabeiras, cajueiros e tamarindeiros, arvore cuja folhagem densa e escura fórma no meio das outras agradavel contraste, concorrendo todas ellas para darem á povoação aspecto risonho e pitoresco.

Rebocam-se por fora as habitações com tabatinga, que lhes dá extrema alvura: entretanto muitas ha, principalmente nos arredores que conservam a cor

sombria da taipa de que são feitas, bem como todos os muros e cercados.

Não ha uma só casa que tenha chaminé: a cozinha faz-se no jardim debaixo de um telheiro.

O edificio em que estão o presidente e a intendencia chama-se palacio: é terreo; as janellas, unicas na cidade, têm caixilhos com vidros.

Ha uma cadêa, em cujo sobrado trabalha a camara municipal; um quartel para a tropa, uma casa de moeda e quatro igrejas: a de Bom Jesus que é a cathedral, sem nada exteriormente que a recommende, a de Nossa Senhora do Bom Despacho, a de Nosso Senhor dos Passos, e a da Boa Morte, além de uma capella consagrada a Nossa Senhora do Rosario.

Outra capella fica no hospital da Misericordia, edificio não concluido e onde mora o bispo. Para os morpheticos ha uma casa, situada á meia legua S. da cidade. A meio quarto E. vê-se perto do porto uma grande construcção que havia sido começada para quartel. Por emquanto não é senão um corpo de guarda.

Na casa da moeda bate-se sómente o cobre que é mandado do Rio de Janeiro e ao qual se dá valor duplo do que tem no resto do Imperio. Ha tambem uma fundição para por em barras o ouro

O unico passeio que tem a cidade é o caminho de meio quarto de legua de extensão que vai ter ao porto. Ahi só se vêm 15 ou 20 casas, algumas canoas, *Guanás*, *Caburés*; negros e mulatos.

Quando chove, as crianças entretêm-se em procurar ouro no meio das ruas, porque os regos d'agua que se formam descobrem sempre algumas palhetas. Por toda a parte anda-se aqui por cima d'elle; nas ruas, nas casas que não são ladrilhadas, nos jardins, não ha pollegada de terra que deixe de o conter. O pescador na sua choupana pisa o precioso metal; metade de um dia, porém, de trabalho em buscar arrancal-o do sólo lhe traz menos vantagem que a pesca de um unico pacú. E' comtudo o objecto de extracção que os habitantes conseguem. Os diamantes se acham no Quilombo, distante 14 leguas e d'ahi a 30 no districto Diamantino. Estes dois artigos, ouro e diamantes, constituem a riquezada provincia; nada mais se exporta a não ser diminuta porção de assucar e de tecidos de algodão, com destino ao Pará.

Não se trata da agricultura nem da criação de animaes senão para acudir ás necessidades da alimentação. Por toda a parte cercados de desertos, dos quaes o menos vasto tem 100 leguas de largo, não poderiam os cultivadores exportar o sobresalente de suas colheitas ou os resultados de sua industria sem gastos que elevariam o preço dos productos de modo a não supportarem a mais ligeira concurrencia.

As producções do paiz são a canna, da qual se extrahe o melhor assucar do Imperio: o fumo que é excellente: o algodão, o café, feijão, milho, mandioca e tamarindo que ahi se acha mais abundante que em qualquer outra parte e do qual se faz uma massa para exportação.

Limita-se a industria á exportação das minas e ao fabrico de peças de algodão grosso de que se veste a gente pobre. Faz-se aguardente de canna de superior qualidade. E' a principal bebida do paiz, bem que esteja tambem em uso o vinho, cuja procura é limitada em razão do alto preço. Cada garrafa custa com effeito de 1$200 a 1$800, o que faz com que sejam motivos de luxo e obstentação franqueal-as aos convivas por occasião de festas de casamento ou baptizados.

Assisti ás bodas de um homem apatacado, nas quaes se beberam 200 garrafas de vinho, o que representa uma despeza de mais de 200$ (1.250 francos). Quasi igual quantidade consumiu-se n'um baptizado. Os casos de embriaguez não são raros.

Cria-se muito gado vaccum que por toda a parte encontra excellentes pastos; tambem a carne de vacca em Cuyabá é succulenta: ha muitos porcos cuja banha serve para o preparo da comida; gallinhas em abundancia e tão baratas que por 400 réis (50 soldos) póde-se as ter á mesa do almoço, jantar e cêa: carneiros e cabras, estes em menor quantidade, etc.

Não ha falta de cavallos; a qualidade, porém, é inferior. Parte d'elles vem dos *Guaycurús*. As bestas são mandadas de S. Paulo. Em viagem, é de uso servirem os bois mansos de animal de carga.

Não se acha ouro em porção que dê algum lucro, senão nos arredores da cidade, a algumas leguas de distancia. Se, porem se empregassem os meios de que usa a companhia ingleza de Minas Geraes, cavar-se-ia melhor a terra, achando-se ainda thesouros immensos. Hoje o dia de trabalho de um preto não

rende mais de 500 a 400 réis, salvo o caso de algum achado feliz.

Cuyabá deve a fundação á grande quantidade de ouro que deu o terreno em que assenta, cujas excavações e buracos attestam hoje quanto foi revolvido. Nos primeiros tempos dos descobrimentos dos paulistas encontraram-se *folhetas* que pesavam até uma arroba, unico incentivo que chamou nos sertanistas avidos de riquezas e os impelliu a solidões desconhecidas, levando tão sómente espingardas, polvora, balas e sal. Embarcaram em Porto Feliz e seguiram a rêde de rios que lhes pode proporcionar dilatadissima viagem. Chegados ao ponto onde hoje é Cuyabá, um caçador encontrou grandes pedaços de ouro no alto da collina em que se ergue presentemente a igreja de Nossa Senhora do Rosario. Parou então a caravana. Metteram as canoas no ribeirão Prainha, que n'esse tempo era navegavel e hoje não por terem sido desviadas as aguas, levaram quanto poderam do encantado thesouro e voltaram para S. Paulo, contando maravilhas.

Reuniram-se logo multidões de aventureiros que formaram novas expedições, ficando muitas d'ellas no paiz novamente descoberto em companhia das mulheres indigenas que encoutravam ou das que haviam levado comsigo. O numero foi crescendo e com elle apparecendo dissensões e luctas causadas pela alvidez em tirar ouro. Então cuidaram de constituir uma especie de governo para legalisal-o mandaram pedir chefe em S. Paulo. A colonia, debaixo do nome de Cuyabá, nome dos indios que ahi habitavam, fez rapidos progressos, augmentando continuadamente com a chegada de novas *bandeiras*, que, não se satisfazendo mais com o que encontravam, seguiram para diante e foram descobrir, a 100 leguas para O., Matto Grosso, d'onde provem a denominação de toda a provincia. Aquelles intrepidos sertanistas teriam sem duvida ido até ao oceano Pacifico, se os hespanhóes não lhe occupassem as costas. Suas ousadas explorações chegaram com effeitos a dar cuidados á corte de Madrid que se queixou á de Lisboa, mandando reclamações a tal respeito.

O modo de extrahir ouro é o seguinte : fazem-se grandes excavações e transporta-se a terra, á medida que se a vai tirando, para uma area preparada á beira de um rio, corrego ou lagôa em parallelogramo

de terra batida e conseguintemente dura, cujos lados são fechados por taboas, excepto o que encosta á agua. O plano é inclinado e o todo se chama um *canôa*. Deposita-se a terra que se quer lavar na parte superior e sobre ella lança o trabalhador de continuo agua para que facilmente corra a porção que for mais destacada e leve. Em seguida, depois de repetida esta operação, põe elle certa quantidade na beira de uma especie de alguidar de páo chamado *batêa* e com um pouco d'agua imprime ao todo um movimento circular, de modo que de cada vez o monte de terra seja lambido pela agua. Se houver ouro, as menores particulas depositam-se logo no fundo.

COSTUMES DOS HABITANTES DE CUYABA'

Descrever os costumes geraes da população de Cuyaba, é de certo descrever o de todo o brasileiro; entretanto aqui varias circumstancias locaes concorreram para dar habitos peculiares á terra, imprimindo-lhes cunho caracteristico e, embora pernicioso, de certo modo original.

A população não passa de 6.000 habitantes, a de toda a provincia de 50.000, sem contar os indios mansos e muito menos os bravios. Entretanto pelo conhecimento mais ou menos exacto dos aldêamentos de uns e hordas dos outros, creio que o seu numero não chegará a 6 ou 7 mil almas, de modo que n'uma zona muito maior que toda a França não ha mais de 37.000 habitantes.

Tão pouca população provém de que não ha 125 annos Cuyabá foi descoberto e todos quantos procuraram estas terras attrahidos só pela posse do ouro, uma vez conseguido esse fim, trataram de se ir embora para gozarem das riquezas ganhas, em paiz mais civilisado. Os que se deixavam ficar, ricos em pouco tempo e no meio de solidões, só cuidaram em satisfazer os sentidos. Entregaram-se a grosseiros prazeres e viveram com amasias, não se lhes dando de formar familias e educar os filhos, quando os tinham, nos sãos principios da religião e da moral.

As mesmas causas ainda hoje persistem em Cuyabá, embora se manifeste salutar tendencia para modificação. Os casamentos ainda são pouco frequen-

tes. Geralmente só se casam os homens já maduros que buscam companheira para os tempos da velhice. Os mais vivem amancebados e nem se limitam a isso, entretendo intrigas amorosas com pessoas casadas e solteiras.

As mulheres de classe média e sobretudo inferior, são muito livres nas conversas, modos e costumes. Além do continuo exemplo da licença geral e quasi desculpada, recebem pernicioso influxo do contacto dos escravos, negros e negras cujas paixões violentas não vêm pêas á sua expansão.

A fidelidade conjugal é, muitas vezes, falseada. Apezar de temerem os maridos e consideral os como amos e senhores, sabem as mulheres perfeitamente enganal-os.

Não faz muito que começaram a apparecer á mesa de jantar ao lado dos parentes e maridos. Entretanto em todas as casas do sertão, onde recebi hospitalidade, nenhuma d'ellas se apresentou, ficando sempre no fundo dos aposentos, a menos que não seja a pessoa já muito familiar.

Conheci, comtudo, uma senhora muito bem fallante, civilisada e espirituosa. Tres outras nas mesmas condições tinham, porém, já sua idade e, apezar do muito que haviam dado que fallar na mocidade, passavam por typos de virtude.

As moças filhas de pais pobres nem sequer pensam em casamento. Não lhes passa pela cabeça a possibilidade de arranjarem marido sem o engodo do dote e, como ignoram os meios de uma mulher poder viver de trabalho honesto e perseverante, são facilmente arrastadas á vida licenciosa, na qual, justiça se lhes faça, apezar de pertencerem a todos, nunca mostram a ganancia e as baixezas das mulheres publicas da Europa.

Quem exercita em Cuyabá officios e artes são quasi todos mulatos. Conheci um padre de cor parda, muito eloquente no pulpito e na conversação ; outro, quasi negro, era um d'esses raros talentos modestos, cuja ambição unica é instruir-se.

O clima da cidade é muito quente : sua latitude 15° e 36'S.

O rio é farto de pescado, sobretudo de Junho até fins de Dezembro. Então é o alimento principal do povo. Pesca-se muito *pacú*, *dourado*, *piracanjúva*, *piau*, *piracaxiára*, *giripóca*, *palmito*, *cabeçudo*, *co-*

SciELO

rimbatá, peixe-rei, etc. Apanham-se tantos que os bois, cavallos e pretos ou *Guanás* vão curvados ao seu peso vendel-os pela cidade.

De todos é o *pacú* o mais gordo e mais abundante, embora não seja o mais delicado; sabe, comtudo, bem ao paladar e a quantidade é tal que fornece o combustivel com que se illuminam todas as casas. Acontece até que os pescadores atiram fóra grandes montes, quando não querem nem mesmo dar-se ao trabalho de extrahirem o azeite.

DIGRESSÃO A' VILLA DE GUIMARÃES (1) E A'S LAVRAS DE DIAMANTES DO QUILOMBO

De Cuyabá partimos no dia 28 de Abril de 1827 e, transpondo, á duas leguas E., o riozinho *Caxipó-Guaçú*, fomos pousar, uma legua adiante, n'um morador d'aquelles lugares.

No dia seguinte, atravessámos um paiz chato até á base da serra da *Chapada*, que fica a sete leguas E. da cidade e começámos a subir uma subida ingreme, de máo caminho, cheio de matacões e pedras soltas e com muitos zig-zags. Cinco vezes passámos um corrego encaichoeirado que faz muitas voltas na fralda da montanha e, ao approximarmo-nos da chapada que a corôa, ouvimos o ruido da quéda que ella dá n'uma garganta, quéda de uns 50 pés de altura, mas occulta pela densa vegetação que cobre as dobras de toda a serra. No alto a perspectiva é magnifica. O Cuyabá serpêa ao longe e foge para o S. Não se distingue a cidade se não por uns pontozinhos brancos, e além a terra se estende para O. a perder de vista. Ao N. está a continuação da serra, d'onde sahem ramificações que morrem na planicie. Ao S. ficam os *Pantanos Geraes*, onde haviamos navegado, e bem junto de nós á esquerda, altêa-se sobranceiro o *Morro de S. Jeronymo*, dominando a chapada, a serra e toda aquella região n'umas 100 leguas em torno.

Pela grande variedade das paizagens, muito teria aqui um pintor em exercitar o seu talento; ao

(1) Creada em 1751 pelo conde de Azambuja e erecta em villa em 1817 é hoje conhecida por villa de Sant'Anna da Chapada.

N. do T.

geologo tambem não faltaria assumpto de interessantes indagações, pois nas fórmas abruptas do S. Jeronymo e nas camadas das montanhas estão sem duvida impressos os vestigios das revcluções que se estenderam por todo o centro da America.

Este panorama, porém, não é para o espirito maravilhado senão uma preparação para outro mais extraordinario que um quarto de legua além espera o viajante. Sei que não passo de escrevinhador sem letras, cujos escriptos não hão de ver a luz da publicidade (1), mas se a natureza tudo me negou, porque me concedeu o dom de sentir com tanta força?

Apenas déramos algumas voltas na chapada e já não viamos nem a planicie de Cúyabá, nem o morro de S. Jeronymo que ficára occulto por umas collinas á direita, mas eis que ao longe, coroando verdejante eminencia tambem á direita, erguem-se rochas de fórmas extraordinarias e mais longe ainda massiços azulados enchem o horizonte, como se fora o velame de numerosa esquadra.

Approximando-nos d'essa eminencia, vimos pouco e pouco surgirem sete enormes penedos de 50 pés de altura, isolados e esparsos na colina e na planicie, mais estreito embaixo do que em cima e sahindo, não se sabe porque força da natureza, de um terreno falto de pedras e coberto de verdura, como se houvessem cahido do céo e, pela violencia da quéda, fincado a base pela terra a dentro. Dois d'elles mais culminantes, representam como que tres tumulos, dois dos quaes juntos, ou então tres enormes edificios, como aquellas torres antigas que na Italia passaram com o correr dos tempos por tranformações que lhes tiraram a fórma primitiva.

Terceira rocha sahe da terra, empina-se a prumo como um fragmento de muralha, tres vezes mais alta do que larga e com seis metros de espessura. E' formada de camadas superpostas de parallelipipedos e cubos: a base quadrada é muito estreita; vai alargando até dois terços de altura total, estreitando-se novamente em stratus irregulares. De lado parece

---

(1) As descripções que seguem são protesto vivo contra este rasgo de excessiva modestia. Cabe-me a felicidade e grande de ter talvez impedido a realização d'aquelle prognostico.

N. do T.

um navio com todos os pannos fóra, visto da prôa ou pôpa.

Tres outros massiços mais informes, não são notaveis senão pela grandeza e idéa associada de enormes tumulos ou edificações feitas por mãos humanas, para o que muito concorem as camadas horizontaes de que são todos elles constituidos.

O que, porém, de longe obriga mais a attenção é ainda um grande fragmento isolado de muralha, atravessado na estrada e aberto como se fora um portico, tendo acima um furo circular, um pouco á direita, figurando de janella. Passámos por baixo da magestosa arcada, admirando a espessura e perpendicularismo d'essa rocha que, a modo de uma porta, ainda de pé, da arrasada Babylonia dá entrada a vasto recinto de ruinas.

Atravessa-se então uma planicie cheia de contrafortes circulares encostados aos montes, como se houvesse sido primeiro construidos para, com aterro de rochas e terra, sustentarem esplanadas artificiaes, onde arvore e relva produzem a impressão de jardins suspensos. Do meio d'esses contrafortes sahem umas especies de enormes pedestaes, circulares e emmoldurados, alguns até com restos de columnas. O caminho plano serpêa por entre essas magestosas massas que para nós se destacavam n'um céu toucado das suaves cores do crespusculo.

Nos montes e na planicie, por toda a parte, avistam-se grupos de pedras que, com os contrafortes, semelham os restos de uma cidade immensa, em que durante seculos imperára a mais nobre architetura. Fica a gente pasma ao achar-se de repente no meio de uma natureza que falla linguagem desconhecida até então, pois onde só ha rochas julga-se vêr os destroços de soberbos monumentos levantados por uma raça de architectos gigantes.

Cahiu a noite; mas ao longe lobrigámos entre sombrios massiços a casa do proprietario d'esses logares, o qual estava a nossa espera para offerecer-nos a franca hospitalidade brasileira.

Era o alferes de milicias Domingos Monteiro commandante do districto; bom homem que não sabia senão seu poucochinho de agricultura, mas muito estimado de todos os vizinhos. A morada estava muito a quem do *confortavel*; entretanto a franqueza de quem a occupava tudo suppriu. Assistiu sua mulher á nossa

refeição, que se compunha, como de costume, de seis a oito pratos, sem vinho, collocados sobre uma toalha de algodão grosseiro, alvissima, porém, e enfeitadas com grandes rendados. A boa qualidade dos alimentos e nosso appetite deram sabor a tudo. Excellente marmelada e doces de diversas qualidades terminaram o jantar, ao qual succedeu o *benedicite* que de pé e com as mãos postas é rezado baixinho. Lamento sinceramente que este habito respeitavel e tão justificado tenha cahido em desuso.

De manhã muito cedo, tomei os meus lapis e album de desenhos e fui, desejoso de tirar umas vistas, percorrer a cavallo os lugares que tanta admiração me causáram na vespera. Por todos os lados não se enxergam senão tumulos, pedestaes, columnas partidas, escadarias, amphitheatros e urnas. Tres d'estas parecem feitas pela mão cuidadosa do homem. Uma, de 30 pés de alto e 20 de diametro, descansa n'uma base de seis pés collocada sobre pedestal de 40 pés que fórma o canto de um contraforte da mesma altura.

N'esse mesmo baluarte, duplo sócco formado por cornijas circulares sustenta um resto de gigantesco fuste, e pontas de rochas horizontaes surgem no meio das arvores, suspensas como se fossem varandas e socalcos.

Por traz d'esse contraforte, em plano mais afastado, ha um massiço maior que a urna, mas tendo tambem base estreita e semelhandoa proa de uma galera antiga. Mais longe, outro baluarte, comprido e sustentando á esquerda uma grande rocha espherica e quatro penedos de pé como canudos de orgão, fecha uma das quatro vistas que tirei por me parecerem mais assombrosas e dignas de serem reproduzidas.

N'ella puz um grupo de indios *Guanás* que vinham trabalhar nas fazendas por 60 réis diarios. O trajo que mal lhes cobre a nudez do corpo e os cabellos compridos dão-lhes tal ou qual parecença com certas tribus que vivem perto de ruinas celebres no Oriente.

Voltamos á esquerda do caminho no fundo da fazenda, apresenta-se um vasto grupo de rochas que deixa o olhar attonito de vêr tanta singularidade. Uma, porém, prende logo mais fortemente a attenção, ficando-se a principio em duvida si aquillo é simples capricho da natureza ou magnifico arco de triumpho, erecto por altivo e grande conquistador. O

bloco ergue-se isolado, cortado em angulos rectos, de 40 pés de altura e 25 de largo sobre 20 de espessura, ornado de frisos em distancias iguaes, rostros e entablamento.

A' esquerda, no primeiro plano, duas grandes rochas, separadas ao quarto da altura por estreita abertura, mas tendo uma base commum, mostram aspecto muito differente. Uma é formada de cornijas reintrantes embaixo, como um pulpito ou a popá de um navio de bateria circular: a outra, composta de camadas horizontaes de parallelipipedos verticaes e cubos salientes, como se fosse o resultado de collossal crystalisação, apresenta no lado direito saliencias que se podem comparar com aquelles pequenos modilhões que nos altares sahem do pintho e recebem as imagens dos santos.

Atraz d'esses dois rochedos e do arco triumphal uma ultima decoração limita tão extraordinaria paizagem: é um bosquete que se vê de frente e d'onde sahem lanços de rochas, verdadeiras muralhas corôadas de vegetação, separados por viélas obliquas como bastidores de theatro e cheias de arbustos.

Depois de umas voltas que dei, apresentou-se ás minhas vistas quarta perspectiva não menos admiravel. No primeiro plano estende se um terrapleno de relva, e do meio de uns fragmentos de camadas pedregosas ergue-se uma torre redonda de 35 pés de altura sobre 30 de diametro, tão regular em sua fórma que difficil será dar credito ás minhas palavras e lapis. Cinco faixas indicadas por linhas de cornijas a compõem: as tres primeiras, a partir da base, nada têm de extraordinario a não ser o arredondado bastante regular, mas a quarta parece uma architrave, cuja parte visivel é dividida em tres secções convexas corôadas por tres cornijas iguaes. Depois apparece acima um friso, que mostra identica divisão em tres arcos convexos. O que porém, mais admira é que cada um d'esses arcos por seu turno está cortado em tres reiutrancias de fórma quadrada. Todo o friso produz a impressão de um friso que cahe em ruinas, no qual se distinguem ainda os vestigios de nove tryglyphos e outras tantas methopas. Esse brinco da natureza, com a competente cornija por cima, corôa de modo estupendo aquella torre, mas não a termina, porque o todo é rematado por pontas de rochas irregulares.

A' direita, e como que para figurar ao lado d'essa ruina, levantam-se duas rochas, uma de 10 pés de altura semelhando um candelabro, a outra, de quatro, um vaso.

Esse primeiro plano é limitado á esquerda por um baluarte que parece ter uma guarita no angulo. Na base fica-lhe uma urna de seis pés de alto.

Immenso tumulo oval apparece por traz d'esse baluarte, em parte encoberto por arbustos.

Mais adiante abre-se um valle pouco fundo, cujo declive suave é semeado de arvores de entre as quaes sahe um obelisco que se vê no intervallo que separa o candelabro da torre, ao passo que entre esta e o tumulo apparece n'aquelle mesmo matto uma grande rocha cubica, supportada por base estreita e terminando um muro que se estende além. Emfim do meio do monticulo arborisado e mais distante surgem tres grandes pedras, collocadas umas sobre as outras sobrepujando em altura a todas as mais. Azuladas collinas formam ao longe o horizonte d'essa bella e singular paizagem.

Satisfeito por levar no meu album as quatro mais notaveis vistas d'esses sitios, tornei a tomar o caminho da fazenda, onde achei o vigario da villa de Guimarães, distante uma tres leguas, o qual nos viéra visitar. E' um moço robusto de 26 a 28 annos de idade. O resto do dia passou-se em descanço e no goso não só da sociedade que augmentára com a chegada do filho do governador militar da provincia, como da temperatura fresca e agradavel d'esses lugares elevados e da belleza dos horizontes.

No dia seguinte, havendo o Sr. Langsdorff determinado subir ao alto de S Jeronymo afim de executar o que poucos têm emprehendido, partimos para essa excursão, o consul, Riedel e Rubzoff, o commandante, o vigario, o filho do governador e eu. Em caminho, contou-nos o commandante que n'uma occasião, de 25 pessoas que haviam tentado essa ascensão, só cinco chegaram ao pincaro e d'essas teriam duas na descida perigado, caso não se houvessem agarrado a uma corda.

Fizemos uma legua por terreno cortado de valles estreitos e fundos, onde ha arvores seculares, com cuja folhagem as samambaias arbustivas confundem as rendadas palmas. A cada volta, a cada subida,

SciELO

apparece o S. Jeronymo como um gigante que vem se chegando.

Vencemos, por fim, uma ultima rampa e achámo-nos n'uma plataforma á base do monte. E' a crista de uma vertente abrupta de 1.400 pés que desce para a planicie de Cuyabá, a qual então viamos cercada do seu immenso horizonte e onde distinguiamos, como ante-hontem, as torres das igrejas da capital. Grandes pedras que faziamos rolar ião, aos saltos cada vez maiores, cahir na fralda da montanha.

O Sr. Rubzoff, apezar de official da marinha russa, não se atreveu a subir o S. Jeronymo: ou por prudencia, ou por querer com mais vagar aproveitar o tempo, declarou que, emquanto subissemos, ficaria a fazer observações astronomicas. Começámos então a ascensão, agarrando-nos ás plantas por um declive de 45° e n'uma altura de 60 pés. Chegados ao fim d'esse primeiro trecho, deparou-se-nos grande fenda que separa enorme bloco do flanco do S. Jeronymo. D'ahi a vista mergulha a prumo até em-baixo. Então apresentam-se á direita rochas que tem de ser galgadas, umas após outras. Para os meus companheiros foi um instante; quanto a mim, mal me abracei com pés e mãos a um d'esses rochedos que vertigens seguidas me puzeram a cabeça ourada. Debalde tentei dois ou tres arrancos; todos os mais passaram e se sumiram; eu alli fiquei, contristado de minha derrota.

Não tive remedio senão tornar a descer e ir fazer companhia ao Sr. Rubzoff. Enxergámos os outros senhores a caminharem mui socegadamente ao longo de uma esplanada de verdura, que é base da ultima barreira, mais difficil ainda de vencer. Desappareceram entre pedras e árvores; não os vimos trepar, mas d'ahi a pouco appareceram a passeiar na esplanada do S. Jeronymo.

Desceram uma hora depois e contaram-nos que tiveram de pular fendas e buracões agarrados a rochedos e arbustos, transpondo do mesmo modo grandes rochas destacadas. No ultimo trecho, achando-o por demais perigoso, mandaram adiante o *Gavião*, escravo do Sr. Langsdorff, para amarrar uma corda, por meio da qual se içaram até ao cume.

Tomámos então rumo da fazenda e fomos ainda vêr uma gruta de 100 passos de diametro, formada na concavidade inferior de uma pedra isolada que

fica no meio de terreno descampado, no qual descança como se estivesse solta. Limpido corrego, que provavelmente furou a entrada e sahida, a atravessa, dando accesso aos homens e féras, bem como entrada a tenues raios de luz que permittem devassal-a. Sem duvida foi outr'ora guarida de onças; hoje não é visitada senão por cabritos.

A' casa do commandante chegou o Sr. Angelini, negociante italiano, com quem traváramos relações em Cuyabá e que esperavamos. E' um cavalheiro que enriqueceu no Rio de Janeiro e veiu á Matto Grosso negociar em diamantes, pedras finas e joias. Visitára Potosi, Chuquisaca e Cochabamba na Bolivia; estivéra com Bolivar e vivêra na intimidade d'esse heróe, acompanhando-o por vezes nas suas excursões pelo Perú. Angelini gozára da estima dos *Independentes*; tinha por costume. e bom costume, abrir a bolsa e fazer donativos patrioticos.

Era aliás um d'esses homens generosos por natureza e que têm fé em sua estrella. Tratava-se á fidalga, tendo á mesa 10 e 12 pessoas: em viagem levava bonitos cavallos e um trem escolhido e de gosto.

Referiu-nos uma circumstancia de sua vida, contada por elle prova de quanto uma primeira culpa póde muitas vezes ser remida por existencia sempre honrada e respeitavel.

Tendo na sua mocidade commettido a falta de fugir da casa de seu pai, rico negociante de Trieste, e o que é peior, fugir roubando-lhe certa somma de dinheiro, pôz-se a passeiar pela Europa e a divertir-se emquanto tinha a bolsa cheia, mas quando se viu sem recursos. tomou a resolução de embarcar para o Brasil afim de esconder a sua vergonha longe dos paizes em que tantas loucuras fizéra. Desembarcou no Rio de Janeiro com 700$. Comprando umas joias, começou a mascatear pelas ruas. Era então o bom tempo de D. João VI, bom pelo menos para *os* negociantes que vendiam por 100 francos uma vara de renda. Angelini, ladino e vivo como é, depressa ajuntou dinheiro, montou casa de joalheiro e, a frequentar a alta sociedade e a dar jantares de 4 a 5.000 francos a embaixadores e ministros, foi fazendo fortuna, apesar dos habitos de luxo. O gosto das grandes especulações o levára do Rio de Janeiro ás minas de ouro e diamantes de Matto Grosso e ás de prata do Potosi; entretanto asseverou-nos que

estes paizes para o commercio não valem o Rio de Janeiro e que tal viagem, longe de lhe trazer vantagem, dava-lhe o prejuizo de cem mil francos.

Angelini vai para o Rio de Janeiro, d'onde tomará passagem para a Inglaterra: tem largos projectos sobre mineração de Cuyabá e Goyaz. Eu soube porém, mais tarde que, voltando da Europa, regressára com mineiros para Goyaz, e n'essa empreza soffrêra grandes perdas.

No dia 1 de Maio de 1827 partimos para a villa de Guimarães. Em caminho fomos visitar a fazenda do *Burity*, de canna de assucar e pertencente a uma velha chamada D. Antonia, a qual chegou ao mesmo tempo que nós, vindo de Cuyabá. Viajava de um modo novo para nós, carregada por dois negros n'uma rêde suspensa a uma grossa tacuára de *Guativóca*. De muda iam outros dois pretos aos lados. Acocorada n'essa rêde e a fumar n'um comprido cachimbo, vinha seguida de negras e mulatas, todas vestidas limpamente e carregando á cabeça cestos, trouxas e roupas, vasilhas de barro e outros objectos comprados ha pouco. O administrador, que era seu irmão e o feitor adiantaram-se ao seu encontro, e os negros e negras que haviam ficado em casa se chegaram para dar o *louvado*.

Dar « *louvado* » é pôr as mãos juntas e pronunciar as seguintes palavras: « *Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo* », ao que responde o senhor: « *Para sempre seja louvado* » ou simplesmente: « *Para sempre* ». E' o *bons dias* do escravo para o amo, do filho para o pai, do afilhado para o padrinho, do aprendiz para o mestre. Os pretos, que estropiam todos os vocabulos portuguezes, fizeram d'essa phrase uma corruptela que exprimem por esta barbara palavra: « *Vasueris* ».

Em S. Paulo e Cuyabá dá-se *louvado:* no Rio de Janeiro pede se a benção por este modo « *a benção?* »

Tinhamos, porém, chegado a Burity.

Dona e hospedes, puzemos pé em terra diante da casa e juntos entrámos n'uma vasta sala ao rez do chão que serve de sala de recepção e de jantar, além de cosinha. No fundo ficam o *engenho* ou moinho de moer canna e a grande *pipa* para recolher a aguardente de canna; á esquerda as fôrmas para refinar o assucar bruto. D. Antonia tem rêde ar-

mada perto da porta de entrada, á direita: alli passa os dias a fumar e a dirigir o trabalho das pretas e mulatas. E' uma excepção á regra que occulta ás vistas dos extranhos as mulheres; provavelmente é porque alli não havia moças brancas.

Foi-nos servido um bom jantar. Pelo simples facto de nossa visita á essa fazenda, entrámos na posse da hospitalidade e, despedindo-nos de D. Antonia e de seus irmãos como amigos velhos e promettendo voltar ao vêl-os, tomámos o caminho de Guimarães, passando por paiz arenoso, accidentado, de pouca matta e muitos *cerrados*, onde os Srs. Langsdorff e Riedel acharam em grande quantidade a *fava de Santo Ignacio*, que têm excellentes propriedades medicinaes e conhecida sómente no sertão da Bahia.

O que se chama villa de Guimarães não passa de uma rua de miseras choupanas e de um largo em parte aberto em parte cercado de casinhas cobertas de sapé, com uma igreja no fundo. Entretanto, como no fim do XVIII seculo, tratou-se de transferir a séde do governo de Villa Bella, então capital, para Cuyabá, por causa da insalubridade d'aquelle local, elevou-se a *villa* de Cuyabá á cathegoria de *cidade*, condição essencial para ser capital e, afim de se lhe fazer digno cortejo, deram-se as honras de *villa* a cinco ou seis aldeólas, *freguezias*, que não mereciam essa distincção e que, com excepção de Diamantino, nunca poderam prosperar. Eis como, mais de uma vez, é-se levado a mentir, mesmo nos mappas geographicos.

A acanhada igreja nada apresenta de notavel no exterior, internamente porém se bem já decadente, é, guardadas as proporções, a mais rica de toda a provincia em ornamentação architectonica e em baixos relevos dourados. Ninguem pense comtudo avistar-se com esses restos de riqueza n'uma decadente aldêa da provincia de Matto Grosso, onde as poucas igrejas que existem nenhum ornato têm e mais parecem pardieiros do que templos.

Guimarães e sua igreja devem a fundação aos jesuitas, sendo seus habitantes, em numero de 600 a 800, descendentes de indios aldeados e dirigidos por aquelles homens, eminentes administradores, nos tempos em que fundaram, segundo se conta, uma vasta republica no Paraguay, para ahi viverem como soberanos. Esse Estado devia comprehender, além do Paraguay que lhe havia de servir de centro, as provincias, de-

Corrientes, e de Missões ao sul, ao O. o Chaco, e a N. O. Chiquitos. Estas provincias estão cheias de *missões*, que são aldêas de indios, fundadas por aquelles padres debaixo da invocação de algum santo e construidas n'um unico e mesmo plano. Cada missão, formada de indios catechisados, era cercada de um muro com uma porta para entrar e outra para sahir. Dentro ficavam o aldêamento com uma igreja, o convento dos padres, a prisão e as officinas de trabalho. Parte dos habitantes trabalhava durante o dia nos campos; a outra activamente se occupava nos officios mais indispensaveis. De tarde fechavam-se as portas e ninguem mais sahia á noite. Cada aldêamento tinha uma banda de musica para as festas religiosas, e o tempo passava-se bem empregado e em preces ao Creador. Varios castigos corporaes e moraes eram infligidos aos indios, conforme a gravidade do delicto; entretanto nunca iam além de 8 12 pancadas dadas com uma corda enroscada. Não tenho idéa se havia tambem regra certa para recompensar as bôas acções. Algumas aldêas da provincia de Chiquitos conservam ainda hoje o muro levantado pelos seus antigos donos e directores.

Os indios de Guimarães vivem na miseria e quasi nada possuem de seu. Alguns se empregam em procurar ouro n'uma mina, distente quatro leguas, muito pobre, mas cujo ouro é superior ao de Cuyabá. Ha nas proximidades da villa brancos que tem alguma escravatura; cultivam a canna, de que fazem assucar e aguardente; colhem feijão e milho; criam muitos porcos e vão vender tudo isso no mercado da capital.

O Sr. Taunay que se tinha demorado em Cuyabá afim de acabar um retrato do Imperador, veio reunir-se comnosco em Guimarães.

Despediu-se de nós o Sr. Angelini, que volta para o Rio de Janeiro. Tendo a pedido do Sr. Langsdorff, tido a bondade de se encarregar de nossas collecções, leva bôa porção de caixotes cheio de objectos de historia natural, diversos relatorios e manuscriptos, cartas nossas para o Rio e a Europa, e um maço de desenhos do Sr. Taunay e meus, tudo endereçado ao Sr. Kielchen, vice-consul da Russia, que deve dar destino ás cartas e fazer chegar o mais a S. Petersburgo.

SciELO

Não foi sem saudades que vimos partir para tão longa viagem aquelle digno companheiro.

Durante a estada em Guimarães, sentimos algumas vezes frio bastante intenso, o qual aperta quando o vento vem do sul e o tempo torna-se encoberto. O nevoeiro é tão espesso então, que a 15 passos não se enxerga cousa alguma. Tudo fica humido ; o ar, os moveis e a roupa dentro das canastras.

Crêr-se-á facilmente que o frio na chapada é tão forte que tem acontecido matar gente como na Russia ?

Um homem que conduzia seis ou sete escravos recemchegados da Africa, meio nús e cobertos ainda da sarna que esses desgraçados apanham na viagem maritima, foi sorprehendido por um d'esses novoeiros no seguir estrada que elle não conhecia bem. Perdeu-se e achou-se no meio dos campos, sem vêr nada diante de si e sem saber onde estava. Os negros passaram a noite tolhidos de frio e no dia seguinte estavam tão inanimados e tesos, que o negociante, suppondo-os mortos e não podendo mais comsigo, montou a cavallo e começou a vagar ao acaso. Andou todo o dia, indo e voltando sobre seus passos. A' tarde o tempo clareou e foi o que o salvou, porque viu um *sitio* e lá chegou mais morto do que vivo e já sem falla. Desceram-no de cavallo, aqueceram-lhe os membros gelados, deram-lhe um caldo de gallinha, e pouco a pouco foi voltando a si. Havia dia e meio que nada comêra. Foram á procura dos negros e os encontraram sem vida no lugar onde o negociante os deixára.

Nas mattas das vizinhanças de Guimarães foi que vi pela primeira vez a palmeira chamada *pindova*, cujas folhas se abrem n'um só plano como um leque. E' um bello typo da opulenta e magnifica familia das palmeiras.

Desconhecendo ainda a fórma achatada d'essa especie, fiquei, ao enchergar os primeiros individuos que se me apresentaram de perfil, sorpreso e confuso, sem poder dizer si eram ou não palmeiras, tanto mais quanto, se são elegantissimos vistos de frente, de perfil tornam-se informes. E' então uma flexa comprida, bem a prumo e que tem no tope um leque de folhas cahidas, como aquellas caudas de cavallo que os turcos levam a guerra, á guisa de estandartes. Não foi

senão depois de rodear o tronco, que pude verificar o achatamento n'um dos sentidos.

Depois de nos demorarmos mez e meio em Guimarães, continuámos nossa digressão até ao Quilombo, rica lavra de diamantes, sita a 12 leguas N. E. dahi. Em caminho ha uma paizagem notavel. O terreno é uma planicie lisa como ha superficie do mar tranquillo e coberta de *cerrados*, nos quaes abundam as *cannelas de ema*. A' nossa esquerda começa no chão um rasgão, cujo angulo da abertura é tão agudo que não lhe vimos o apice. Vai-se alargando até 400 passos de boca e 40 de profundidade. As beiras são de pedra e cortadas em agulo recto. A do lado opposto é uma linha rigorosamente horizontal, ao nivel do sólo, e estende-se um quarto de legua para a direita até á base da terra que fazendo ahi uma semitrancia fica a pouca distancia de nós. O fundo desse rasgão ou desbarrancado, cheio de arvores cujo cimo só podiamos ver, é em declive e vae prender-se á serra, tomando altura de 60 a 80 pés acima das beiradas até esconder-se por traz de uma quebrada de terreno em que estavamos.

Não longe da beirada opposta, um pouco á esquerda ha um amontoamento de rochas empinadas, como columnas de basalto.

No dia seguinte chegámos ao Quilombo. A vegetação se opulenta com o magnifico *uauaçú*, palmeira de stipite muito alto que ergue aos céos o altivo pendão, sem curvar as folhas para a terra. Vimos grupos, cujas arcadas em ogiva, formadas pelas palmas a se cruzarem, davam-lhe semelhança com construcções de architectura gothica. Essa bella monocotyledonea, cujo nome indigena significa — palmeira grande — ensombrando o sólo diamantino que pisavamos, augmenta pela nobre presença o maravilhoso d'esta região.

O terreno está cheio de seixos grandes e miudos; é a matriz ordinaria ou ganga em que se encontram os diamantes.

Estivemos uma hora parados perto de mineiros occupados em catar a preciosa gemma. Vêm-se muitas *canôas* ao longo de um filete d'agua. Dá-se o nome de *canôa* a um parallelogrammo de cinco pés de comprido sobre tres de largo, de terra batida, e

junto a um corrego, riacho ou lagôa: tem a superficie em declive e os lados, com excepção do que é formado pela agua, fechados por tóros de páo deitados, que servem de encaixe.

O trabalhador cava graudes buracos quadrados e aos poucos transporta para a canôa o cascalho, sobre o qual atira um bocado de agua para que esta ao escorrer carregue a terra solta para o corrego e deixe o monte mais limpo. Então colloca uma pequena porção d'esses seixinhos na beira da *batêa*, (alguidar redondo de páo e fundo conico, com 18 a 20 pollegadas de diametro sobre tres de altura) e começa a agitar circularmente a agua, de modo que esta, lambendo o cascalho, leva a menor porção possivel afim de depositar no fundo e deixar vêr os diamantes, se os houver, por pequenos que sejam.

Durante meia hora, fez o Sr. Langsdorff trabalhar dois de seus pretos. Acharam dois diamantezinhos que juntos podiam valer 18 francos.

Poucos instantes depois de termos deixado esses mineiros, atravessámos a váo o rio Quilombo, que corre para E. E' no seu leito que se encontrou, ha oito annos, o primeiro diamante d'essa lavra, desconhecida até então e só habitada por agricultores. Uma escrava do proprietario Domingos José de Azevedo, estando a lavar roupa, achou um diamante do valor de 6.000 francos, que ella foi levar ao seu senhor. Apezar do presente valer quatro vezes o preço da escrava, o avido proprietario não lhe deu a liberdade.

Tendo-se logo espalhado a noticia, o Quilombo viu chegar graude numero de garimpeiros, que se puzeram a escavar e remexer suas margens.

Pela legislação das minas de ouro e lavras de diamantes, quando se descobre uma d'ellas, caso seja o terreno *devoluto*, é dividida em cinco partes. Duas pertencem ao Estado, uma ao descobridor, e as outras duas são dadas a quantos se apresentem para explora-las, ainda quando a cada um não toque mais de um metro quadrado.

Se o terreno tem dono, o governo fica com a metade e cede-lhe a outra.

Todos os mineiros são obrigados a vender os diamantes e ouro que extraiam ao governo. No tempo colonial pesadas penas, como confisco, prisões e ferros por muitos annos, foram infligidas aos que

SciELO

eram pilhados a fazer contrabando. Hoje, porém, essa pratica da legislação cahiu em desuso.

Conheci em Porto Feliz um portuguez, Bento da Costa Maia, velhinho de 106 annos attestados não só por Francisco Alvares e muitas pessôas, mas tambem pelos seus olhos, cujo iris não se distinguia mais do branco. Esse homem, tendo outr'ora tentado passar diamantes por contrabando, fôra descoberto, preso no caminho de Porto Feliz e levado a ferros para Villa Bella de Matto Grosso, então capital, onde cumpriu 10 annos de sentença. Por ahi se póde fazer idéa da robustez d'esse organismo, pois resistiu á insalubridade de uma cadêa sita em logar tão doentio que houve necessidade de abandonal-o.

Não goza da affeição dos habitantes do Quilombo Domingos José de Azevedo, portuguez e senhor da escrava que achára o primeiro diamante d'aquella lavra. Seu filho incorreu-lhe no desagrado por ter tomado parte no movimento da provincia, por occasião da independencia do Brasil. Fomos ter á sua *fazenda*, para ahi passarmos alguns dias. Recebeu-nos com mais frieza do que satisfação. E' um homem de 60 annos, de estatura média, cabellos grisalhos, sobrancelhas negras, cerradas e unidas, cujos pellos compridos lhe cahem sobre os olhos e terminam nas fontes em ponta, como se fossem bigodes, o que lhe dá um olhar selvagem. A barba, entre branca e preta, é tão fornida como os supercilios.

Viuvo, tem filhos e filhas, mas com nenhum d'elles mora. Vive só com seus escravos em numero de 30, empregados na cultura da canna.

Durante a ceia tornou-se mais communicativo; contou-nos as canseiras que tivéra para fundar o sitio e ganhar algum dinheiro; queixou-se do filho e explicou-nos o modo por que governava sua casa.

Depois da comida fomos assistir á ladainha que se reza no alpendre ou sala de entrada, onde para isso reunem-se todos os escravos. A primeira oração é cantada e começa por estas palavras: « *Triste cousa é nascer.* » Julgo que essa maneira singular de louvar a Deus é composição de nosso amphitrião.

Acabada a reza, mandou pôr as camas sob esse alpendre e deu-nos bôas noites.

No dia seguinte, disse-nos ao almoço que costumava contar os grãos de café para não ser roubado pelos escravos.

Fallou-nos na mulher e, ao nos levantarmos da mesa, levou-nos para os seus aposentos, que eram dois quartinhos. No fundo suspendeu do soalho um alçapão e mostrou-nos uma salinha collocada no primeiro pavimento, escura, humida e com uma unica janella de grades que dava para o engenho de canna. « Aqui em baixo, disse-nos elle, é que eu guardava a mulher, quando tinha de sahir de casa. Ella descia por uma escadinha que eu recolhia e recebia alimentos pela janella do engenho. »

Tal homem dispensa, nem merece qualquer reflexão.

Suppunhamos que, como acontecia em todas as fazendas, podessemos ir ao engenho, mas vendo que elle se mostrava cioso de suas mulatas, conservámo-nos no alpendre e no terreiro que ficava diante da casa.

Tornámos a passar o rio para examinarmos as lavras que se exploram na outra margem. Um garimpeiro acolheu-nos no seu rancho de sapé com melhores agrados do que Domingos José de Azevedo. Essa gente não levanta casas, porque sua profissão é esburacar o terreno.

A' tarde voltámos com desgosto á casa de nosso hospede ; mas no dia seguinte, demo-nos pressa em deixar aquelle desprezivel originalão e puzemo-nos a caminho de Guimarães.

Na volta para Cuyabá, fizemos uma visita a D. Antonia e seu irmão e parámos em casa de nosso bom commandante Domingos Monteiro. Faltava-nos ainda vêr a famosa *Bocaina do Inferno,* onde de 200 pés de altura cahe o ribeirão do Inferno, que, vindo do lado de Guimarães, passa pelo sitio de D. Antonia e toca-lhe o engenho de assucar, o moinho de fubá, a serraria e os monjólos. Depois de uma legua a E., alli chegámos. A belleza da cascata foi muito além de qualquer expectação.

E' um rasgão de 200 pés onde acaba uma garganta de serra: como que uma reintrancia fechada por uma muralha talhada a pique como os lados, de onde se despenha perpendicularmente um grosso veio d'agua que no meio da quéda se vai dividindo e chega embaixo, transformado em chuva alvissima e espessa. Ficámos á esquerda da bocaina, n'um terreno inclinado para o precipicio e todo gramado. Do outro lado, n'uma distancia de 50 braças, ha tambem

relva no alto das rochas. O ribeirão perde-se no fundo, debaixo de arvoredo que viamos a vôo de passaro.

O Sr. Taunay desenhou essa bella paizagem e voltámos á chapada.

No dia seguinte, dissemos um ultimo adeus ao commandante e sua senhora e, deixando para sempre esses logares, cuja belleza compensam amplamente as fadigas da viagem, tomámos rumo de Cuyabá, onde chegámos depois de uma ausencia de dous mezes.

CLEMENTE PEREIRA

REVISÃO DO GENERO OPISTHOGONIMUS

(TREMATODA)

SciELO

Revisão do genero Opisthogonimus

(Trematoda)

POR

CLEMENTE PEREIRA

Aproveitando o material de *Opisthogonimus* que conseguimos accumular, desde meados do anno passado, organisamos a presente revisão deste genero, que agora publicamos.

A premente escassez de tempo util, impediu-nos de poder imprimir maior intensidade ás pesquizas systhematicas que encetámos, sobre o parasitismo dos Ophideos brasileiros por helminthos, deixando de aproveitar, dessa maneira, parte do abundante e precioso material que do « Instituto de Butantan » nos tem sido remettido, a principio, pelos Drs. Vital Brasil e J. Vellard, depois, pelo actual director, Dr. Afranio Amaral; a esses senhores somos profundamente gratos, bem como ao prof. Lauro Travassos, o qual, com mão segura e amiga nos tem orientado nas pesquizas que estamos realizando.

As determinações de Ophideos que apresentamos, devemos á extrema gentileza do Dr. Afranio Amaral.

Diagnose do genero

Plagiorchidae. · Corpo alongado, com a extremidade posterior mais delgada que a anterior; acetabulo pre-equatorial; póro genital paramediano, post-acetabular; bolsa do cirro muito grande, com cirro protractil, recurvada em U, formando um an-

gulo de abertura olhando contemporaneamente para um dos lados e para baixo; vagina longa e paralela ao ramo descendente da bolsa do eirro; ovario acetabular ou pretesticular; testiculos com campos afastados e zonas não coincidindo bem; utero cecal e intra-cecal, estendendo-se até á extremidade posterior; vitellinos dorsaes, intra-cecaes, com acinos dispostos em dois campos distinctos ou confusos, com zonas coincidentes ou não; cecos terminando-se no terço posterior do corpo, em alturas variaveis.

Especie typo: *O. philodryadum* (West, 1896).
Habitat: Vias digestivas superiores de Ophideos.

CHAVE DAS ESPECIES:

- *Opisthogonimus*
  - Ventosa oral menor que o acetabulo . . . *O. megabothrium* (Pereira, 1928)
  - Ventosas subiguaes
    - Cecos longos . *O. philodryadum* (West, 1896.)
    - Cecos curtos
      - Póro genital pre-testicular *O. afranici* n. sp.
      - Póro genital testicular *O. interrogativus* (Nicoll, 1914).

Diagnose das especies

Opisthogonimus megabothrium Pereira, 1928

Figs. 1 - 8

Refereneias: *Opisthogonimus megabothrium* Pereira, 1928.

As dimensões apresentadas foram tomadas em exemplares comprimidos.

Comprimento: oscilla entre 2, 8 e 4, 1 mm.

Largura: oscilla entre 0,9 e 1,2 mm.

SciELO

Corpo alongado, com a extremidade anterior arredondada e posterior afilada.

Cuticula aspera, evidenciando espinhos na metade anterior do corpo.

Ventosa oral deslocada para a face ventral, medindo de 0,45 a 0,57 mm. de diametro; ventosa ventral sessil, bastante grande, estendendo-se desde a origem dos cecos até á zona ovariana, medindo de 0,72 a 0,80 mm. de diametro; a distancia entre as ventosa é de mais ou menos 0,325 a 0,45 mm.; pharynge espherico e bastante desenvolvido, medindo de 0, 17 a 0,22 mm. longitudinalmente, por 0,20 a 0,27 mm transversalmente; esophago curto, variando suas dimensões de 0,10 a 0,27 mm.; cecos longos terminando de 0,50 a 0,85 mm., da extremidade posterior.

Ovario arredondado, para-mediano, equatorial, no limite posterior da zona acetabular, medindo 0,12 a 0,30 mm, de diametro; testiculos arredondados, equatoriaes, com os campos afastados, com zonas não coincidindo exactamente, geralmente intra-cecaes ou attingindo tambem a area extra-cecal, e cujo diametro é de 0,27 a 0,50 mm.; póro genital mediano, na zona testicular; bolsa do cirro longa, recurvada, indo da zona acetabular á zona testicular, medindo de 1,07 a 1,25 mm.; vagina longa estendendo-se da zona testicular á ovariana, medindo de 1,33 a 2,83 mm.; glandula da casca para-ovariana; vitellinos com folliculos disseminados na area intracecal, estendendo-se da zona ovariana até bem para traz da zona testicular; o utero dirige-se da zona equatorial para traz, formando alças geralmente espessas, que difficultam a visibilidade dos cecos; ovos castanhos, operculados, medindo de 0,027 a 0,034 mm. de comprimento por 0,015 a 0,027 mm. de largura.

Ao longo do tubo digestivo da cobra autopsiada, que era um exemplar de *Liophis merremii* (Wied, 1821), foram encontradas muitas formas jovens do parasito em questão, e de algumas dellas damos medidas e dezenhos:

Exemplares:	a	b	c	d
Figuras:	5	6	7	8
Comprimento	0,616 mm.	0,870 mm.	1,116 mm.	1,268 mm.
Largura	0 385 »	0,415 »	0,539 »	0 685 »
Ventosa oral	0,254 »	0,253 »	0,323 »	0,284 »
Acetabulo	0,184 »	0,2 3 »	0,323 »	0,308 »
Dist· entre ventosas	0,038 »	0,100 »	0,130 »	0,115 »
Pharynge { long.	0,084 »	—	0,115 »	0,107 »
Pharynge { transv.	0,092 »	—	0,115 »	0,123 »
Esophago	—	—	—	—
Cecos	0 095 »	0,040 »	0,064 »	0,068 »
Ovario	0,046 »	0,046 »	0,053 »	0,053 »
Testiculos	0,046 »	0,061 »	0,130 »	0,115 »
Bolsa do cirro	—	—	—	—
Vagina	—	—	—	—
Ovos { comprim.	—	—	—	—
Ovos { largura	—	—	—	—

Esta especie tem sido por nós encontrada parasitando a bocca e esophago dos seguintes Ophidios do Sul do Brasil:

Liophis merremii (Wied, 1821).
Ophis merremii (Wagler, 1824).

Opisthogonimus philodryadum (West, 1896)

Figs. 9 - 10

Referencias: *Distomum phylodriadum* West, 1896, pg. 322, est. II.

Opisthogonimus lecithonotus Luehe, 1900, (a) pg. 556-558.

Opisthogonimus phylodriadum Luehe, 1900, (b) pg. 743.

Philodryadum Vianna, 1924 pg. 141 e 170.

Opisthogonimus philodryadum Vianna, 1924, pg. 157.

Opisthogonimus philodryadum Pereira, 1928, pg. 50.

Distomum xenodontis Cordero & Vogelsang, 1928, pg. 336.

Descripção: As dimensões foram tomadas em exemplares comprimidos.

Comprimento: oscilla approximadamente entre 6,05 e 7,5 mm.

Largura: oscilla entre 1,55 e 1,85 mm. (na zona acetabular).

Corpo alongado, com extremidade anterior arredondada e posterior mais afilada.

Circula aspera, evidenciando espinhos na metade anterior do corpo. Ventosa oral deslocada para a face ventral, e medindo cerca de 0,65 a 0,75 mm. de diametro; ventosa ventral medindo cerca de 0,65 a 0,9 mm., de diametro; a distancia entre as ventosas oscilla entre 0,775 e 1,45 mm.; pharynge espherico e bastante desenvolvido, medindo de 0,325 a 0,375 mm. longitudinalmente, por 0,3 a 0,47 mm. transversalmente; esophago curto, variando suas dimensões de 0,1 a 0,25 mm.; cecos longos, estendendo-se até quasi á extremidade posterior, da qual se approximam de 0,325 a 0,625 mm.

Ovario arredondado, não mediano, intra-cecal, equatorial, pouco atraz do acetabulo, medindo de 0,325 a 0,42 mm. de diametro; testiculos arredondados, equatoriaes ou post-equatoriaes, com os campos afastados, com zonas não coincidindo exactamente, geralmente intra-cecaes ou attingindo um pouco a area extra-cecal, o cujo diametro mede de 0,45 a 0,75 mm.; póro genital para-mediano, na zona testicular; bolsa do cirro longa, curva, indo da zona acetabular á zona testicular, medindo de 2,25 a 3 mm.; vagina longa, estendendo-se da zona testicular á ovariana, medindo de 1,07 a 1,5 mm.; glandula da casca proxima do ovario; vitellinos com folliculos formando campos para-medianos que occupam a area intracecal, estendendo-se da zona ovariana até para traz da zona testicular; o utero dirige-se da zona equatorial para traz, estendendo-se em circumvoluções que mascaram até certo ponto as extremidades dos cecos, attingindo a extremidade posterior; ovos castanhos, operculados, medindo de 0,027 a 0,034 mm. de comprimento por 0,013 a 0,015 de largura.

Esta especie, descripta por West sob a denominação de *Distomum philodryadum*, foi, quatro annos mais tarde, descripta novamente por Luehe, sob o nome de *Opisthogonimus lecithonotus*, para a qual este grande helminthologista creou o genero em que hoje está.

Mais tarde, o proprio Luehe collocou sua especie em synonimia da de West, fazendo permanecer, porém, o genero.

Do volume que dá conta dos trabalhos da «Cuarta reunión de de la Sociedad Argentina de Patologia regional del Norte». realisada no anno corrente, consta a descripção detalhada de um *Plagiochidae* parasito de *Xenodon merremii*, sob o nome de *Distomum xenodontis* Cordero & Vogelsang, 1928, cujos caractéres coincidem notavelmente com os do *Opisthogonimus philodryadum*, motivo pelo qual cremos acertado considerar *Distomum xenodontis* Cordero & Vogelsang, 1928 como synonymo de *Opisthogonimus philodryadum*, (West, 1896).

Esse facto é facilmente explicavel. pelo facto de não terem os autores á mão a bibliographia referente a esse genero, como explicam na mesma publicação.

Esta especie tem sido encontrada parasitando a bocca e esophago de ophideos, ás vezes com formas jovens ao longo do restante do tubo digestivo, desde o sul do Brasil ao norte da Argentina, nos seguintes hospedadores:

Philodryas schottii (Schlegel. 1837)	citado por West,	em 1896.
Ophis merremii Wagler, 1824,	»	» Cordero & Vogelsang em 1928.
Bothrops jararacussu Lacerda, 1884,	»	» nós, agora.
Bothrops atrox (L., 1758),	»	» » »
Ophis merremmii Wagler, 1824,	»	» » »
Drymobius bifossatus (Raddi, 1820),	»	» » »
Cyclagras gigas (D. & B., 1854),	»	» » »

Opisthogonimus afranioi n. sp.

Figs. 11 - 14

Esta especie, que descrevemos de material obtido do esophago de *Chironius carinatus* (L., 1758), e que dedicamos ao illustre scientista patricio Dr.

Afranio Amaral, approxima-se bastante de *O. interrogativus* (Nicoll, 1914), do qual, entretanto, se afasta, não só pela situação relativa do póro genital e dos vitellinos, como pelo comprimento dos cecos e da bolsa do cirro.

As dimensões apresentadas foram tomadas em exemplares comprimidos.

Comprimento : oscilla entre 4,25 e 7,7 mm.

Largura : oscilla entre 1,5 a 2 mm., (na zona acetabular).

Corpo alongado, com extremidade anterior arredondada e posterior mais afilada.

Cuticula aspera, evidenciando espinhos na metade anterior do corpo. Ventosa oral deslocada para a face ventral, medindo de 0,625 a 1 mm. de diametro ; ventosa ventral pre-ovariana, sessil, medindo de 0,42 a 0,65 mm. de diametro ; a distancia entre as ventosas é approximadamente de 0,67 a 1,57 mm. ; pharynge espherico e bastante desenvolvido, medindo de 0,30 a 0,42 mm. longitudinalmente, por 0,27 a 0,45 mm. transversalmente ; esophago curto, variando suas dimensões de 0,20 a 0,37 mm. ; cecos terminando pouco além da metade da distancia que vae da zona testicular á extremidade posterior, da qual distam de 0,80 a 1,5 mm.

Ovario arredondado, para-mediano, equatorial, pouco atraz do acetabulo, medindo de 0,17 a 0,37 mm. de diametro ; testiculos arredondados, equatoriaes, com os campos afastados, com zonas não coincidindo exactamente, geralmente intra-cecaes ou attingindo levemente a area extra-cecal, e cujo diametro mede do 0,30 a 0,55 mm, ; póro genital para-mediano e pre-testicular ; bolsa do cirro longa, curva, indo da zona acetabular á zona testicular, e medindo de 1,25 a 1,65 mm. isto é menor que a do *O. interrogativus* ; vagina longa, estendendo-se da zona testicular á ovariana, e medindo de 0,42 a 0,75 mm. ; glandula da casca retro-ovariana, e proxima deste orgam ; vitellinos com folliculos formando grupamentos intra-cecaes na zona equatorial, com campos separados ou parcialmente compenetrantes, e com zonas nas mesmas condições, estendo-se até

para traz da zona testicular; o utero dirige-se da zona equatorial para traz, formando alças relativamente finas; póro excretor sub-terminal; ovos castanhos, operculados, medindo, 0,030 mm. de comprimento por 0,015 mm. de largura.

No mesmo hospedador, á medida que se pesquizavam outras porções mais posteriores do tubo digestivo, foram apparecendo formas cada vez mais jovens deste parasito, de algumas das quaes damos dimensões e desenhos:

Exemplares:	a	b	c
Figuras:	14	13	12
Comprimento	2,000 mm.	3,350 mm.	4,500 mm.
Largura	0,550 »	0,900 »	1,100 »
Ventosa oral	0,400 »	0,550 »	0,750 »
Acetabulo	0,225 »	0,300 »	0,400 »
Dist entre as ventosas	0 475 »	0,650 »	0,725 »
Pharynge longitudinal	0,150 »	0,175 »	0,225 »
Pharynge transversal	0,150 »	0,175 »	0,225 »
Esophago	0,125 »	0,150 »	0,175 »
Cecos	0,150 »	0,212 »	0,200 »
Ovario	0,050 »	0,250 »	0,375 »
Testiculos	0,250 »	0,950 »	1,025 »
Vagina		0,500 »	0,375 »
Ovos comprimento	—	0,030 »	0,030 »
Ovos largura	—	0,015 »	0,015 »

Encontramos esta especie nas seguintes especies de Ophideos do sul do Brasil:

Chironius carinatus (L., 1758).
Philodryas schottii (Schlegel, 1837).
Bothrops neuwiedii Wagler, 1824.

Opisthogonimus interrogativus (Nicoll, 1914),

Figs. 15-19

Referencias: *Opisthogenes interrogativus* Nicoll, 1914 pg. 142, est. 2 fig. 4.

interrogativus Vianna, 1924 pg. 127 e 170.

Opisthogenes interrogativus Vianna pg. 157.

SciELO

Opisthogonimus Travassos, 1924 pg. 618.

Opisthogonimus interrogativus Pereira, 1928 pg. 50.

Descripção: As medidas foram tomadas em exemplares comprimidos.

Comprimento: oscilla entre 3,3 e 4,7 mm.

Largura: oscilla entre 1,6 e 1,8 mm.

Cuticula aspera, evidenciando espinhos sómente na metade anterior do corpo. Ventosa oral sub-terminal, medindo de 0,7 a 0,75 mm. de diametro; ventosa ventral sensivelmente menor que a oral, situada approximadamente na união do anterior com o terço medio, medindo de 0,5 a 0,57 mm. de diametro, e chegando a attingir posteriormente o limite anterior da zona testicular; a distancia entre as ventosas varia de 0,55 a 0,75 mm.; pharynge espherico e bem desenvolvido, medindo de 0,17 a 0,2 mm. longitudinalmente por 0,15 a 0,22 transversalmente; esophago curto, com 0,12 a 0,15 mm. de comprimento; cecos relativamente curtos, não costumando passar muito além do limite posterior da zona testicular, distando da extremidade posterior do animal, de 1,52 a 1,75 mm.

Ovario arredondado, lateral, intra-cecal, na zona acetabular, medindo de 0,27 a 0,35 mm. de diametro; testiculos arredondados ou ligeiramente alongados, equatoriaes ou ligeiramente post-equatoriaes, com os campos bem afastados, zonas não coincidindo exactamente, intra-cecaes, por vezes attingindo um bocado a area extra-cecal, e cujo diametro varia entre 0,5 e 0,6 mm.; póro genital para-mediano, testicular; bolsa do cirro longa, em forma de U com abertura latero-inferior, estendendo-se da zona acetabular á zona testicular, medindo de 2 a 2,12 mm. de comprimento; vagina longa, recorrente em relação á bolsa do cirro, indo da zona testicular á acetabular, medindo cerca de 1,25 mm. de comprimento; glandula da casca post-ovariana; vitellinos com follículos disseminados na area intra-cecal, indo

anteriormente até á zona ovariana, e posteriormente não passando além da zona testicular; utero dirigindo-se da zona acetabular para traz, formando muitas circumvoluções, cujas alças são de espessura variavel, exercendo por vezes forte compressão dos cecos contra a parede do animal, e attinge a extremidade posterior do corpo; ovos castanhos, operculados, medindo cerca de 0,030 mm. de comprimento por 0,15 mm. de largura.

Para esta especie, Nicoll creara o genero *Opisthogenes*, que Travassos, em 1924, collocou muito justamente em synonimia de *Opisthogonimus*.

Temos encontrado o parasito em questão na bocca e esophago de varios Ophideos do Sul do Brasil, como:

Philodryas schottii (Schlegel, 1837), citado por Nicoll, em 1914.
Ophis merremii Wagler, 1824 » » nós, agora.
Bothrops jararaca (Wied, 1824), » » » »

Frequencia dos *Opisthogonimus*

No decorrer de nossas pesquizas, que se refere a um primeiro lote de cobras examinadas (120 exemplares), pertencentes a 19 especies, venenosas ou não (afóra 8 exemplares que não puderam ser conservados para determinação), verificámos que os *Opisthogonimus* não primam pela sua frequencia, pois que em 120 exemplares de Ophideos, apenas 11 estavam parasitados por esse Trematoide; desses exemplares, um, de *Ophis merremii*,, apresentava associação de duas especies de *Opisthogonimus*, *O. interrogativus e O. megabothrium* e um outro, de *Cyclagras gigas*, apresentava uma associação de *O. philodryadum* e *Plagiorchis luehei*; dos 12 lotes de *Opisthogonimus* obtidos, 5 eram de *O. philodryadum*, ou sejam 41,66 %; 2 eram de *O. interrogativus*, ou sejam 16,66 %; 2 eram de *O. Megabothrium*, ou sejam 16, 66 %; 3 eram de *O. afranioi*, ou sejam 25 %.

Damos abaixo uma relação dos Ophideos examinados, bem como das vezes em que o foram, e as especies de *Opisthogonimus*. nelles encontradas.

Convenção: *in* = *O. interrogativus*; *ph* = *O. philodryadum*; *me* = *O. megabothrium*; *af* = *O. afranioi*.

Chironius Carinatus (L. 1758)	1 exemplar	ou 0,83 %,	*af*;
Pseudoboa trigonima (D. & B., 1854)	1	»	»	»
Thamnodynastes strigilis (Thunberg, 1787)	1	»	»	»
Erythrolamprus aesculapii (L., 1758)	1	»	»	»
Bothrops cotiara (Gomes 1913)	1	»	»	»
Philodryas olfersii (Lieht., 1923)	1	»	»	»
Cyclagras gigas (D. & B., 1854)	1	»	»	»	*ph*;
Constrictor constrictor constrictor (L., 1758) Barbour & Amaral, 1924	2 exemplares	ou 1,66 %;	
Tomodon dorsatus (D & B., 1854)	2	»	»	»
Bothrops jararacussu (Lacerda, 1884)	2	»	»	»	*ph*;
Liophis merremii (Wied, 1821)	3	»	»	2,41%;	*me*;
Drymobius bifossatus (Raddi, 1820)	3	»	»	»	*ph*
Bothrops alternata (D. & B., 1854)	4	»	»	3,33 %;	
Philodryas schottii (Schlegel, 1837)	6	»	»	5 %;	*af*;
Bothrops neuwiedii Wagler, 1824	6	»	»	»	*af*;
Bothrops atrox (L., 1758)	6	»	»	»	*ph*;
Ophis merremii Wagler, 1824	8 exemplares ou 6, 66 %;	*me*, *in*, *ph*;	
Bothrops jararaca (Wied, 1824)	24 exemplares	ou 20 %;	*in*;
Crotalus terrificus (Laur., 1768)	39	»	»	32, 5 %;	
Ophideos não determinados.	8	»	»	6, 66 %;	

Entretanto, os algarismos acima referidos não devem representar muito fielmente a realidade, embora não se disponham ainda de dados seguros acerca da duração do parasitismo desses Trematoides, pois as cobras examinadas vieram, em geral, de um

captiveiro de varios mezes, no qual morreram naturalmente.

De facto, em 26 cobras recentemente prezas, houve 5 que estavam paresitadas por *Opisthogonimus*, ou sejam 19,23%, ao passo que em 94 cobras mortas em captiveiro, sómente 6 se apresesentaram parasitadas por representantes deste genero, o que lhes confere a relação bem mais baixa de 6,38%.

SciELO

EXPLICAÇÃO DAS FIGURAS

Pl. I

Fig. 1 - *Opisthogonimus megabothrium*, visto de frente.
» 2 - » » visto de lado.
» 3 - » » pouco desenvolvido
» 4 - » » bolsa do cirro da fig. 1.

Pl. II

Fig. 5 - *Opisthogonimus megabothrium*, exempl. jovem (a).
» 6 - » » » » (b).
» 7 - » » » » (c).
» 8 - » » » » (d).

Pl. III

Fig. 9 - *Opisthogonimus philodryadum*, visto de frente.
» 10 - » » visto de lado.
» 11 - » *afranioi* visto de frente.
» 12 - » » exempl. jovem (c).

Pl. IV

Fig. 13 - *Opisthogonimus afranioi*, exempl. jovem (b).
» 14 - » » » » a)
» 15 - » *interrogativus*, visto de frente
» 16 - » » bolsa do cirro.

Pl. V

Fig. 17 - *Opisthogonimus interrogativus*, vesicula seminal
» 18 - » » visto de frente.
» 19 - » » » » »

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

LITTERATURA

Baer, Jean G. 1924 — Description of a New Genus of *Lepodermatidae* (Trematoda) with a Systematic Essay on the Family. (With 2 Text-figures. — *in* Parasitology, n.° 1. pag. 22)

Cordero, H. & Vogelsang, H. G. 1928 — *Distomum xenodontis* n. sp. Nuevo trematode del intestino de Xenodon merremii (Wagler) de Jujuy. — *in* Cuarta Reunión de la Sociedad Argentina de Patologia Regional del Norte.

Nicoll, William 1914 — Trematode from animal dying in the Zoological Society's Garden during 1911-1912. — *in* Proc. Zool. Soc., vol 1.

Luehe, Max 1900 a — Ueber einige Distomen aus Schlangen und Eidechsen. — *in* Centralblatt fuer Bakteriologie, Abt. I, vol. 28.

Luehe, Max 1900 b — Ueber *Distomum philodryadum* West — *in* Centralbl. f. Bakt., Abt. I, vol. 28.

Pereira, Clemente 1928 — Fauna helminthologica dos Ophideos brasileiros (3.°) — *in* Boletim Biologico, fasc. 12.

Poche, F. 1926 — Das System der Platodaria — *in* Arch. f. Natur., vol. 91, Abt. A, fasc. 2.

Pratt, H. S. 1902 — Synopsis of North American Invertebrates. XII The Trematodes — *in* The American Naturalist, vol. 38.

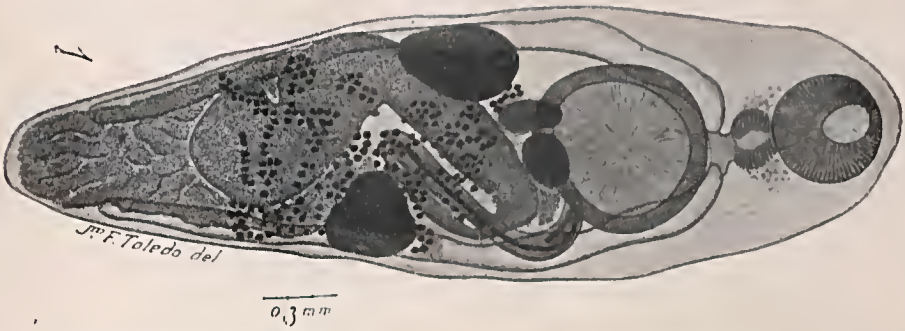
SciELO

Travassos, Lauro — 1924 — Contribuições para o conhecimento dos helminthos dos batraquios do Brasil. I — Trematodeos intestinaes — *in* « Sciencia Medica ».

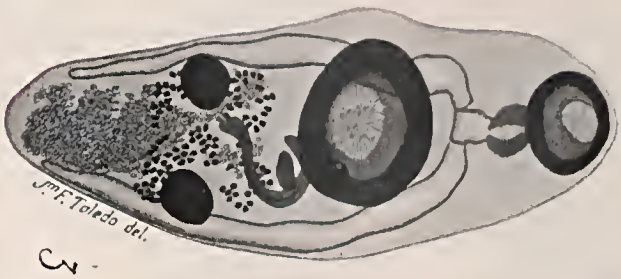
Vianna, Luiz — 1924 — Tentativa de catalogação das especies brasileiras de Trematodeos — *in* Mem. do Inst. Osw. Cruz, Tomo XVII, fasc. I.

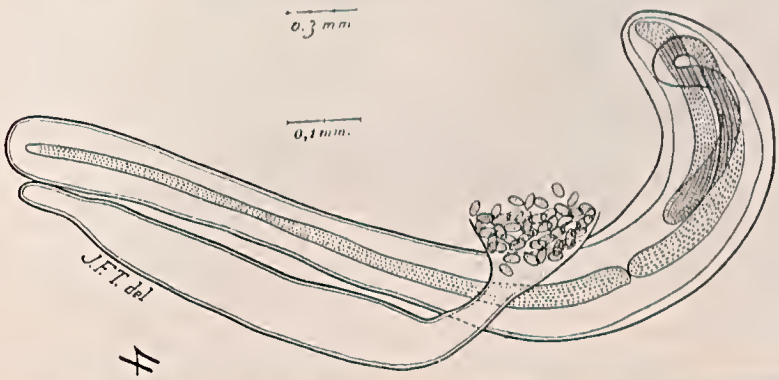
West, G. S. — 1896 — On a New Species of *Distomum* (Communicated by Prof. G. B. Howes, Sec. Linn. Soc.) — *in* The Journal of the Linnean Society, Vol. XXV.

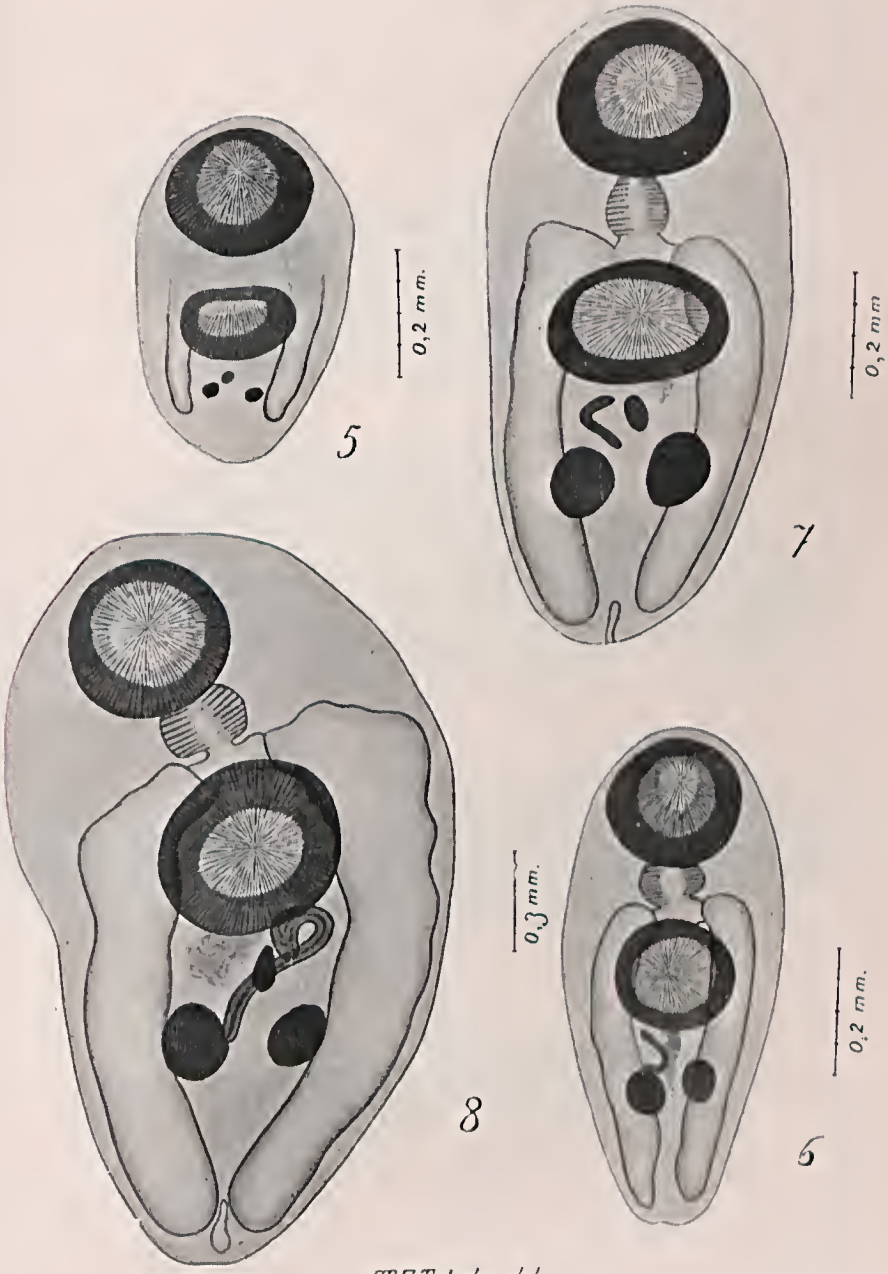
———


1
Jm. F. Toledo del
0,3 mm

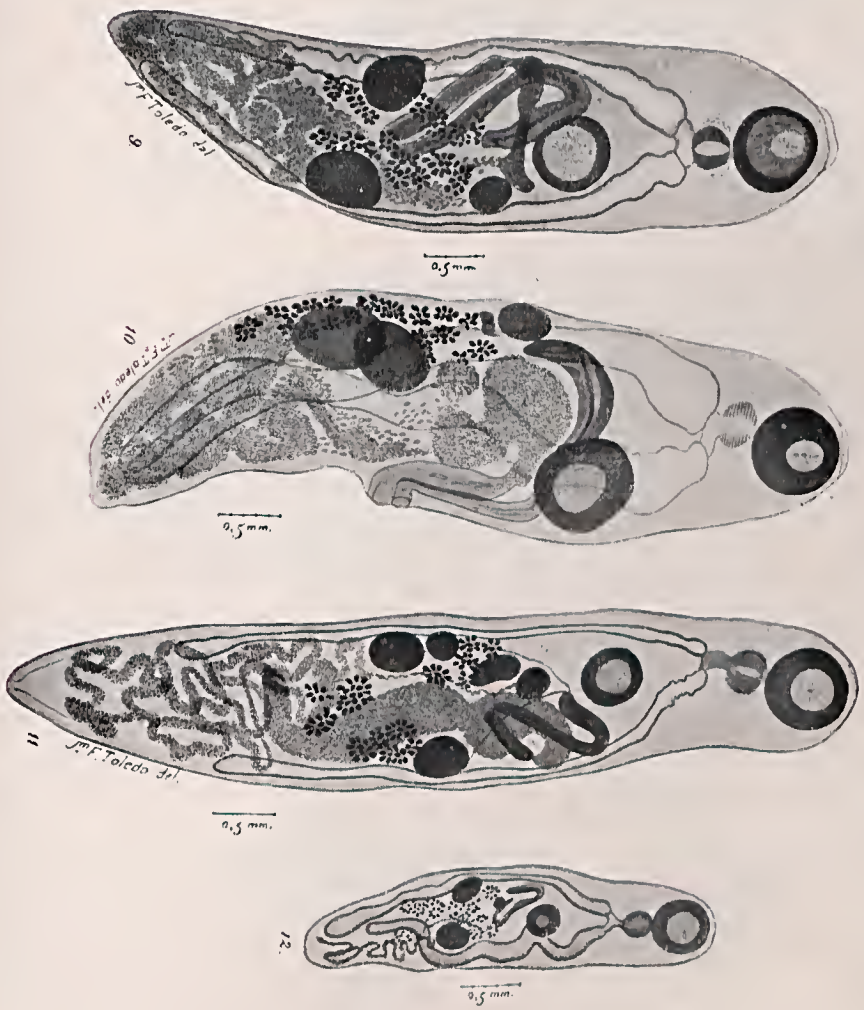
0,3 mm.
Jm. F. Toledo del.
2

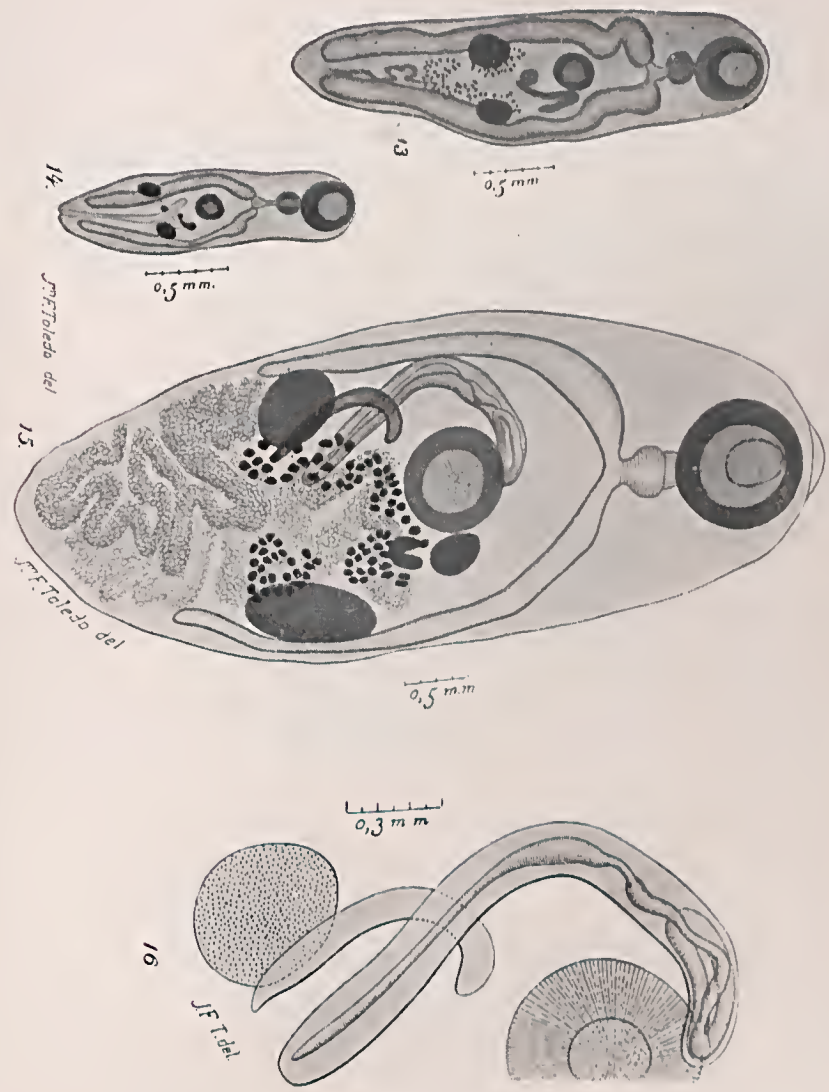

Jm. F. Toledo del.
3

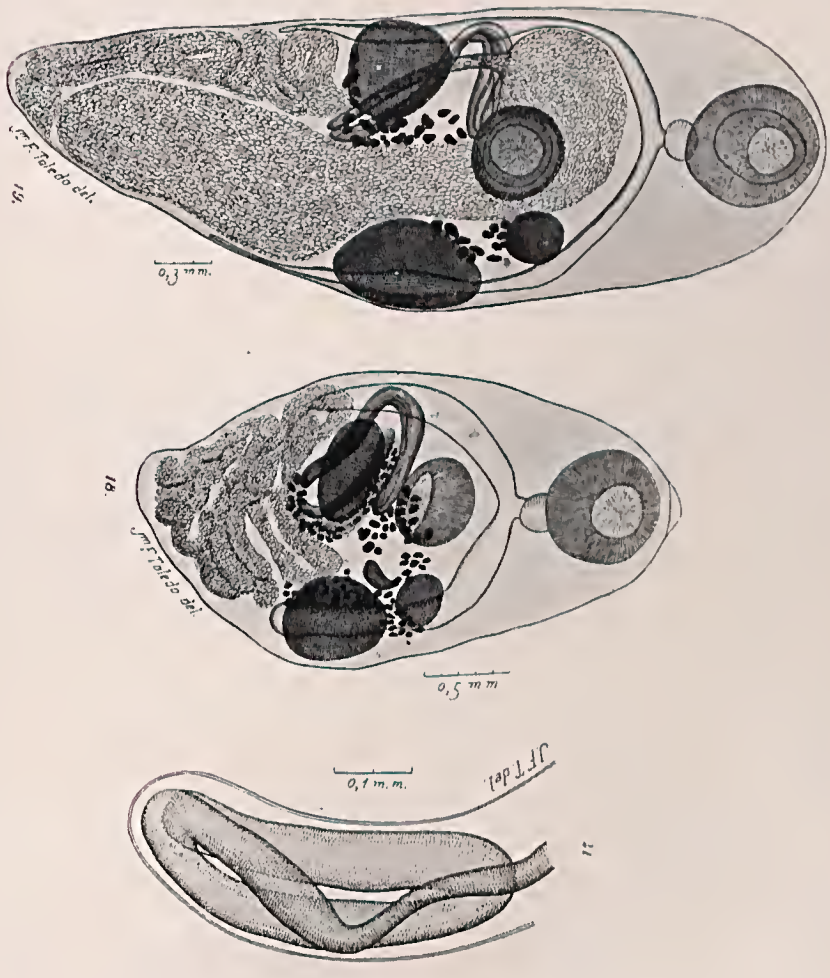

0,3 mm
0,1 mm.
J. F. T. del
4



Sm F. Toledo del.


9
0,5 mm
10
0,5 mm.
11
0,5 mm.
12
0,5 mm.


13
0,5 mm
14.
0,5 mm.
J.F.T. Toledo del
15.
J.F.T. Toledo del
0,5 m.m
0,3 m m
16
J.F.T. del


0,3 m m.
0,5 m m
0,1 m. m.

HERMANN LUEDERWALDT

Assistente do Museu Paulista

Errata, addições e modificações aos "Resultados de uma excursão scientifica á Ilha de São Sebastião em 1925"

Errata, modificações e addições

ao trabalho «Resultados de uma excursão scientifica á Ilha de S. Sebastião»

DE H. LUEDERWALDT

					Onde se lê:
Pag.	3	linha	15	de cima	*Reeende*, leia se Rezende
»	4	»	7	» »	*Smith onian*, leia-se Smithsonian
»	7	»	12	» »	*pindá*, *Mellitta*, leia-se: pindá Mollita
»	»	»	15	» »	*quildinga*, leia-se: guildinga
»	»	»	2	de baixo	estrellas, leia-se: entre ellas
»	8	»	16,17	de cima	plantas, troncos inteiros. A's vezes, leia-se: plantas, ás vezes troncos inteiros. Além disto
»	»	»	20	» »	cascas, caramujos, conchas e carangueijos, leia-se: cascas de caramujos e de conchas, carangueijos.
»	»	»	6	de baixo	*Lystracruenta*, leia-se: Lystra cruenta,
»	»	»	»	» »	*Enchroma*, leia-se: Euchroma
»	9	»	21	de cima	*Schimitt*, leia se: Schmitt
»	»	»	25	» »	*serpelidea*, leia-se: serpulideos
»	10	»	8	de baixo	*vissiformes*, leia-se: disciformes
»	11	»	20	» »	tanto crustaceos, leia se: em geral crustaceos
»	»	»	18	» »	*ctenophora*, leia-se: Ctenophora
»	12	»	17	» »	*raras*, leia-se: *rasas*
»	»	»	11	» »	*easas*, leia se: caseas
»	»	»	6	» »	certos odonatas, leia-se: certas larvas de odonatas
»	13	»	8	de cima	*Ensope*, leia-se: Encope,
»	»	»	17	» »	*Dissodastylus ensopei* C. leia-se: Dissodactylus encopei.
»	»	»	14	de baixo	*minusculus*, crustaceosinhos: risca as 2 virgulas.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

					Onde se lê:
Pag.	14	linha	1	de cima	*Chae'opturus*, leia-se: Chaetopterus
»	»	»	13	de baixo	*suas grandes pinças*, leia-se: sua grande pinça
»	15	»	1	de cima	*ascídeas*, leia-se: ascidias.
»	»	»	19	de baixo	a 90: risca isto.
»	»	»	16	» »	*actineas*, leia-se: actinias.
»	16	»	4	de cima	*Actimias*, leia-se: actinias.
»	»	»	»	» »	aos, leia-se: as.
»	17	»	17	de baixo	cascas, leia-se: coisas
»	18	»	16	» »	*absorsora*, leia-se: absorpsora
»	19	»	14	de cima	*lepodideos* leia-se: lepadideos
»	»	»	14	do baixo	*Oseaster*, leia-se: Orcaster
»	»	»	»	» »	pelos, leia-se: segundo dos
»	22	»	14	de cima	1900, leia-se: 1898 e 1889, leia-se: 1899
»	»	»	5	de baixo	1902, leia-se: 1892
»	24	»	7	» »	*chitomideos*, leia-se: chitonideos
»	25	»	7	» »	*Qáanto*, leia-se: Quanto.
»	27	»	6	de cima	*Mustelid*, leia-se: Mustelidae
»	»	»	7	» »	*Mustelid*, leia-se: Mustelidae
»	»	»	12	» »	6 doze pelles, leia-se: 6 e 12 pelles
»	»	»	19	» »	*Echymys*, leia-se: Echimys.
»	»	»	1	de baixo	*Renn*, leia-se: Ben.
»	28	»	3	de cima	*Natt.* leia-se: Brandt.
»	»	»	»	de baixo	*Gerr.*, leia-se: Gerv.
»	30	»	7	de cima	inverno outrora. Informa-me, leia-se: inverno. Outrora informa me
»	»	»	15	» »	*Proehimys*, leia-se: Proechimys
»	»	»	17	de baixo	*da Ilha de S. Sebastião*, leia-se: da Ilha e de S. Sebastião.
»	31	»	11	» »	(*Sm*), leia-se: (Gm.).
»	»	»	5	» »	(4), leia-se: (L)
«	32	«	5	de cima	*Spix. r.*, leia-se: Spix ?
»	»	»	8	» »	*Lieht*, leia-se: Licht.
»	»	»	10	» »	*Lham*, leia-se: Shaw.
»	»	»	11	» »	*Psittasula*, leia-se: Psittacula
»	»	»	12	» »	*var*, leia-se: var.?
»	»	»	14	de baixo	*aenea* (P. a M.) leia-se: ? aenea (Pall.)
»	»	»	11	» »	*Nystidromus*, leia-se: Nyctidromus.
»	»	»	6	» »	*heieh*, leia-se: Reich.
»	33	»	15	» »	*Hyrmetherula*, leia-se: Myrmetherula
»	»	»	13	» »	*Terenura*, leia-se: Terenura
»	34	»	3	de cima	(*Wield*), leia-se: (Wied.)

SciELO

Onde se lê:

Pag.	34	linha	7	de cima	*Etaenia*, leia-se: Elaenia
»	»	»	»	»	*Thumb*, leia-se: Thunb.
»	»	»	18	»	(*Sm.*), leia-se: (Gm.)
»	»	»	11	de baixo	(*Wield.*), leia-se: (Wied.)
»	»	»	4	»	*eutescens*, leia-se: *lutescens*
»	35	»	4	de cima	*chalibea*, leia-se: chalybea
»	»	»	6	»	*Attisora* leia-se: Atticora
»	»	»	16	de baixo	*chlor cterus*, leia-se: chloricterus
»	»	»	5	«	(*Sm.*) leia-se: (Gm.)
»	36	»	5	de cima	*aenca*, leia-se: ? aenea
»	»	»	6	»	(*Ralidae*), leia-se: (Rallidae)
»	»	»	7	de	(*Prittasidae*), leia-se: (Psittacidae)
»	»	»	8	»	colleccionadas na ilha, leia-se: colleccionadas no S. Sebastião e na ilha
»	»	»	14	»	(*Muelle*), leia-se: (Muell.)
»	»	»	»	»	(*Fringilidae*), leia-se: (Fringillidae)
»	»	»	22	de baixo	(*Sun*), leia-se: (Sm.)
»	»	»	»	»	*Priou*, leia-se: Prion
»	»	»	17	»	*jacutingas*, lei-se: jacutingas
»	38	»	14	de cima	*Herpetodrias*, leia-se: Herpetodryas
»	»	»	15	»	*Amblysephalidae*, leia-se: Amblycephalidae
«	»	»	15	de baixo	*microsephalum*, leia-se: microcephalum
»	»	»	10	»	*amphisbenideos*, leia-se: amphisbaenideos
»	39	»	16	»	Segundo o, leia-se: Determ. pelo
»	»	»	12	»	*Paludisola*, leia-se: Paludicola
»	»	»	11	»	(Bl. gr.), leia-se: (Blgr.)
»	»	»	9	»	*cinotatus*, leia-se: binotatus
»	40	»	6	»	*persellens*, leia-se: percellens
»	41	»	1	de cima	*Trichomysteridae*, leia-se: Trichomycteridae
»	»	»	2	»	*Trichomysterus*, leia-se: Trichomycterus
»	»	»	14	de baixo	(*Val.*) leia-se: (Val.) Kaup.
»	»	»	13	»	*albirostro*, leia-se: albirostre
»	41	»	3	»	*Sehr*, leia-se: Schr.
»	42	»	10	»	*anales*, leia-se: analis
»	43	»	6	de cima	*Polyctesmus*, leia-se: Polyclesmus
»	44	»	4	»	*Cephalacantidae*, leia-se: Cephalacanthidae
»	»	»	11	»	*Lepisonua*, leia-se: Lepisoma

SciELO

Onde se lê:

Pag.	44	linha	14	de baixo	*splopteros*, leia-se: spilopterus
»	»	»	8	» »	*caudomaculatus*, leia-se: caudomaculatus
»	»	»	6	» »	*carape*, leia-se: carapo
»	45	»	2	de cima	*e*, leia-se: é
»	»	»	4	» »	*albirostro*, leia-se: albirostre
»	»	»	13	de baixo	e, leia-se: o
»	46	»	1	de cima	no, leia-se: os
»	»	»	11	de baixo	*boiavam*, leia-se: boiava
»	47	»	12	de cima	*Crematagaster*, leia-se: Crematogaster
»	»	»	13	» »	*Acromirmex*, leia-se: Acromyrmex
»	»	»	»	» »	*meineri*, leia-se: meinerti
»	»	»	21	» »	*dissiger*, leia-se: disciger
»	»	»	18	de baixo	*Lm.*, leia-se: Sm
»	»	»	14	» »	*Lant*, leia-se: Sant.
»	»	»	2	» »	*rufislypens*, leia-se: rufielypeus
»	»	»	»	» »	19.16.2., leia-se: 19 162.
»	48	»	7	de cima	*var. e*, leia-se: var. ?
»	»	»	12	» »	*Scqrott*, leia-se: Schrott.
»	»	»	13	» »	*Xylosopa*, leia-se: Xyloeopa
»	»	»	14	» »	*Moss*, leia-se: Moes.
»	»	»	16	» »	Sebast. Ilha, leia-se: Sebast. e Ilha.
»	»	»	17	» »	*Mandaussaia*, leia-se: Maudassaia
»	»	»	10	de baixo	*r. aethiops*, leia-se: ? aethiops
»	»	»	5	» »	*Chand.* leia-se: Chaud.
»	»	»	2	» »	*Hepadrinus*, leia-se: Hopadrinus
»	»	»	1	» »	*flaricrus*, leia-se: flavicrus
»	49	»	12	de cima	*purpurasceus* (lam.) leia-se: purpurasceus (Lam.)
«	»	»	15	» »	Canthon maculatus, leia-se: Canthon septemmaculatus
»	49	»	16	de baixo	*Gery*, leia-se: Gory.
»	»	»	4	de »	*Entrypanos*, leia-se: Eutrypanus
»	50	»	5	de cima	*Aleuridae*, leia-se: Aleuridae
»	»	»	6	de »	1921, ajunta: N. 20.536, Barbiellini leg.
»	»	«	2	de baixo	*Coelosis*, leia-se: Coelosis
»	51	»	12	de cima	*Ctenius*, leia-se: Ctenus.
»	»	»	14	de »	*Gonileptus*, leia-se: Gonileptes
»	»	»	15	de »	» » »
»	52	»	3	» baixo	*intrinsecens*, leia-se: intrisecens.

Onde se lê:

Pag.	53	linha	10	de cima	*exempla duvidosa*, leia-se : exemplar duvidoso
«	»	»	11	de cima	*Leack*, leia-se : Leach.
»	»	»	17	de cima	*Albunia*, leia-se : Albunea
»	54	»	2	de cima	*Trychodactylus*, leia-se : Trichodactylus
»	»	»	12	de »	*Cabelelleiro*, leia se : Cabedelleiro.
»	55	»	3	de »	*gerarcinideos*, leia-se : gecarcinideos
»	»	»	6	de »	*écommum*, leia-se : é commum
»	»	»	16	de »	*Mercippe*, leia-se : Menippe.
»	»	»	17	de »	*covaes*, leia-se coraes
«	»	»	1	de baixo	*Sel*, leia-se : Scl.
»	56	»	4	de cima	*Sp*, leia se : Encope sp.
»	»	»	11	de »	*Subangu'aris*, leia-se : subangularis
»	»	»	13,14	de »	*Texopneustes varieg.*, leia-se : Toxopneustes var.
»	»	»	19	de »	*Astropesten*, leia-se : Astropecten
»	»	»	10	de baixo	*l*, c., leia-se : l. c.
»	»	»	2	de »	» » » » »
»	57	»	2	de cima	*Tropiometria pista*, leia-se: Tropiometra pieta
»	»	»	4	de »	*Ophiastis*, leia-se : Ophiactis
»	»	»	»	de »	*Tresch.*, leia-se : Trosch.
»	»	»	16	de »	*Ophiotrix*, leia-se : Ophiothrix
»	»	»	7	de »	*Ophiocnida*, leia-se : Ophiocnida
»	»	»	12	de »	*marginata*, leia-se : emarginata
»	»	»	7	de baixo	*Creaster*, leia-se : Oreaster
»	»	»	»	de »	*veticulatus*, leia-se : retieulatus
»	57	»	2	de »	braços, leia-se : "braços"
»	58	»	»	de cima	*elathrata*, leia-se : elathrata
»	»	»	6	de »	ajunta : Supplemento a lista do Dr. H. von Ihering, na Revista do Mus. Paulista, 1897, p. 167.
»	»	»	21	de cima	*Ostopus*, leia-se : Octopus
»	»	»	»	de »	*tehuelshus*, leia-se: tehuelehus
«	«	»	»	de »	Ilha, leia-se : Ilha ?
»	»	»	11	de baixo	*disparite*, leia-se : disparile
»	»	»	9	de »	*Ligaretus*, leia-se : Sigaretus
»	59	»	2	de cima	*Fev.*, leia-se : Fer.
»	»	»	»	de »	*chalicephila*, leia-se : chalicophila
»	»	»	8	de »	*prominutus Fev.*, leia-se : prominulus Fer.

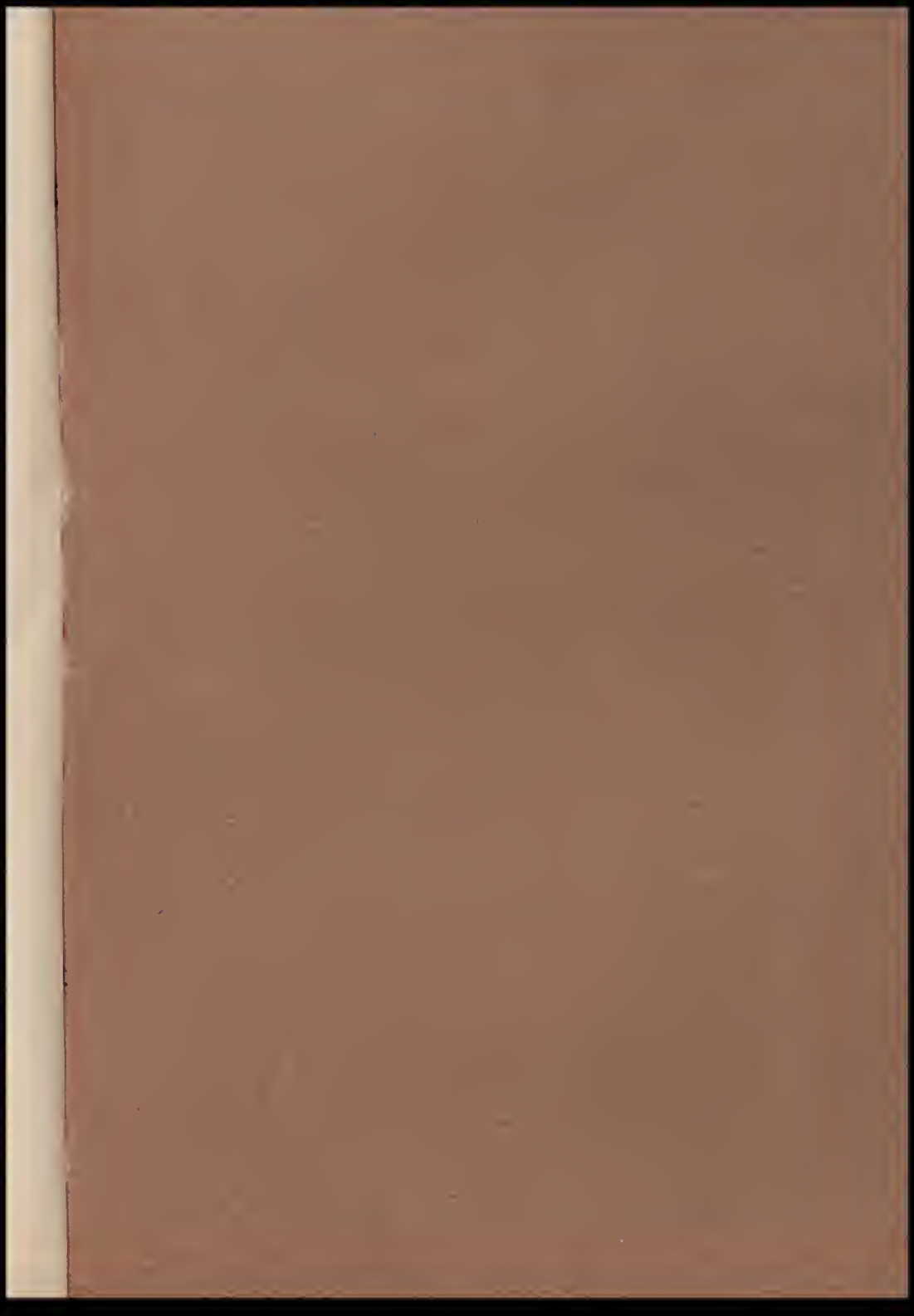
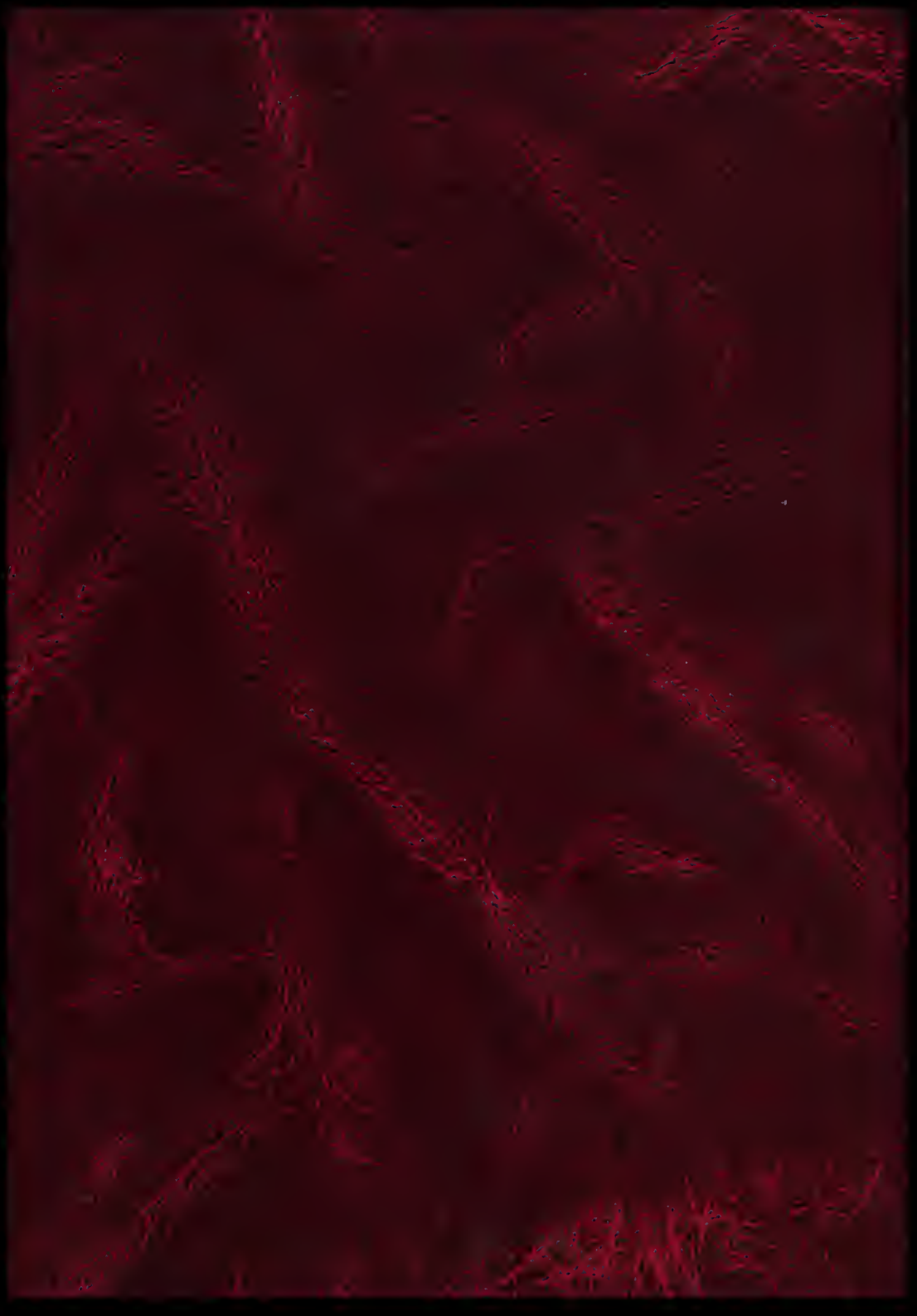
SciELO

Onde se lê:

Pag.	59	linha	13	de cima	Bulimidae, leia-se: Bulimini-dae
»	»	»	14	de »	*miera*, leia-se: miera
»	»	»	15	de »	*Buliminidae*, leia se: Buli-midae
»	»	»	14	de baixo	nosso: risca isto!
»	60	»	16	de »	(*Brehn*) leia se: (Brehm).
»	»	»	3	de »	*Lysovidae*, leia-se: Lycoridae
»	»	»	1	de »	*Qrnat*, leia-se: Quat.
»	61	»	5	de cima	» » »
»	»	»	9	de »	*Eurythoe*, leia-se: Eurthoe
»	»	»	11	de »	*pergamentaseus*, leia-se: per-gamentaceus
»	»	»	13	de »	helminthologica, leia-se: ver-mitologica
»	»	»	16	de baixo	*Chaetopteros*, leia-se: Chaetop-terus
»	62	»	10	de cima	*lycoridio*, leia-se: lycorideo
»	63	»	12	de »	diversas, leia-se: diversas He-xanthidas.
»	»	»	19	de baixo	*pennatulideo*, leia-se: penna-tulideo
»	»	»	13	de »	*actinittas*, leia se: actinias
»	65	»	2	de »	*Rosa*, leia-se: Rosc.
»	66	»	11	de cima	*Miquetiana*, leia-se: mique-liana
»	»	»	13	de »	*catharetica*, leia-se: catharctica
»	»	»	10	de baixo	A. H., leia se: A. D. C.
»	»	»	9	de »	fuchsiae folia, leia-se: fuch-siaefolia
»	66	»	7	de »	*Fuss*, leia-se: Zucc.
»	»	»	4	de »	*A. D. C.*, leia-se: A. D C.
»	»	»	3	de »	» » »
»	»	»	2	de »	*Castaceae*, leia-se: Cactaceae
»	67	»	9	de cima	*Gordn*, leia-se: Gard.
»	»	»	16	de »	*Bondusella*, leia-se: Condu-cella.
»	»	»	17	de »	*pinatum*, leia-se: pinnatum
»	»	»	11	de baixo	*Ilha*, leia-se: Vog.
»	»	»	7	de »	*Prest*, leia-se: Presl.
»	»	»	3	de »	*lucinda*, leia-se: lucida
»	68	»	4	de cima	*Mig.*, leia-se: Miq.
»	»	»	13	de »	*Maet.*, leia se: Mast.
»	»	»	19	de baixo	*Mog.*, leia-se: Moq.
»	»	»	10	de »	*var, Grandifolia*, leia-se: var. grandifolia
»	69	»	5	de cima	*Cannasp.*, leia-se: Canna sp.
»	»	»	7	de »	*N. a C Es.*, leia se: N. ab Es.
»	70	»	7,6,5	de baixo	*Mog.*, leia-se: Moq.

SciELO

Onde se lê:

Pag.	70	linha	3	de baixo	(*vinca*), leia-se: (Vinca)
»	71	»	2	de cima	*Chonopodium*, leia-se: Chenopodium
»	»	»	10	de baixo	*occidentatis*, leia-se: occidentalis
»	72	»	9	de cima	*Sterculaceae*, leia-se: Sterculiaceae
»	»	»	2	de baixo	*Fosst.*, leia-se: Fossl.
»	»	»	»	de »	*Coralinaceas*, leia-se: Coralinaceas
»	73	»	10	de cima	*Palm*, leia-se: Palmeiras
»	»	»	20	de baixo	*Philodendron*, leia-se: Philodendron
»	»	»	19	de »	*Castro*, leia-se: Cacto e ajunta se: Rhipsalis div. especies.
»	»	»	17	de »	*Gaerdtu*, leia-se: Gaerdn.
»	»	»	8	de »	*brasiliensis* ajunta: Trin Sapé (da linha segninte).
»	»	»	6	de »	*Leguminoseaceae*, leia se: Leguminosaceae
»	»	»	3	de »	*forficata* Link, ajunta: Unha de vacca (da linha seguinte).
»	74	»	6	de cima	*michelü*, leia-se: michelii
»	»	»	11	de »	*chlorophilla*, leia-se: chlorophylla
»	»	»	»	de cima	*Schl.* leia-se: Schl.
»	»	»	14	de »	*Dae*, leia-se Dce.
»	75	»	19	de »	*Erythricnlata*, leia-se: Erythrina reticulata
»	»	»	12	de baixo	*Tillaudsia*, leia-se: Tillandsia
»	»	»	12,11	de »	*Araujü Miz.*, leia-se: araujii Mez
»	»	»	11	de »	com, ajuda: outras
»	76	»	1,2	de cima	praia legitimas, risca esta ultima palavra.
»	»	»	1	de baixo	*Inhume*, leia-se: Inhame
»	78	»	9	de »	*Kisby*, leia-se: Kirby.
»	»	»	6	de »	Fam, risca esta palavra.
»	79	»	4	de cima	*Boudblandi*, leia se: Inca bond plandi
»	»	»	5	de »	*aceanius*, leia-se ascanius
»	»	»	6	de »	*Maoraspis*, leia-se: Macraspis
»	»	»	12	de »	*otseni*, leia se; okeni
»	»	»	14	de »	*Dlir.*, leia se: Dkr.
»	»	»	16	de baixo	Fam., leia-se: Fam. ?
»	»	»	6	de »	*etopterana*, leia-se: etopterana.

SciELO